

SAUL BELLOW

AS
AVENTURAS
DE

**AUGIE
MARCHI**

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

SAUL BELLOW

As aventuras de Augie March

Tradução
Sonia Moreira

Apresentação
Christopher Hitchens



Para meu pai

Apresentação

O grande Augie Americano

Christopher Hitchens

Augie March está na costa do lago, em Chicago, ao amanhecer, num dia de Ano-Novo na década de 1930:

Tomei café e fiquei olhando pela janela para a luminosa primeira manhã do ano. Na rua seguinte havia uma igreja grega, cujo domo em forma de cebola flutuava no meio do azul polido e purificado pela neve, cruz e coroa juntas, os poderes unidos do céu e da Terra, neve em todas as fendas, uma neve feito grãos de açúcar. Também deixei para trás a igreja e me concentrei só no grande azul profundo. Os dias continuam iguais, embora os tempos tenham mudado. Os primeiros marinheiros que avistaram a América, aquela doce visão para onde a barriga do oceano os trouxera, não viram uma cor mais bonita que aquela.

Nick Carraway está no litoral de Long Island, no final de *O grande Gatsby*:

E, à medida que a lua ia subindo, as casas incorpóreas começaram a se desmanchar até que, aos poucos, foi se delineando para mim a antiga ilha que um dia aflorou diante dos olhos de marinheiros holandeses — um seio verde e viçoso do novo mundo [...] as árvores que cederam lugar à casa de Gatsby um dia tinham estimulado com sussurros o último e maior de todos os sonhos humanos; por um efêmero e mágico momento, o homem deve ter prendido a respiração ao ver-se na presença deste

continente [...] frente a frente, pela última vez na história, com algo proporcional à sua capacidade de assombro.

Um homem está refletindo no final de um dia; o outro, no início de um dia. Ambos acabaram de passar por momentos difíceis promovidos pela falha e lastimável humanidade — Carraway foi a vários enterros e Augie escapou por pouco de uma tragédia enquanto ajudava uma moça que não era sua namorada a sobreviver a um aborto ilegal. (Faço um parêntese para observar que um tem um fraco por barrigas, enquanto o outro prefere seios.) Ambos extraem forças da ideia da América. Mas Carraway obtém consolo, ao passo que talvez seja mais verdadeiro dizer que Augie encontra inspiração. Refletindo sobre a busca inútil de Gatsby — sobre seu “sonho” —, Carraway conclui: “Ele não sabia que isso já tinha ficado para trás, em algum ponto daquela vasta sombra além da cidade, onde os campos escuros da república se estendiam sob o véu da noite”. Augie não se fia muito em sonhos, e está prestes a se aventurar por esses mesmos campos.

Não me proponho a ser um membro do júri do concurso do Grande Romance Americano, até porque prefiro ver a baleia branca escapar da captura por mais algum tempo. É mais interessante assim. No entanto, reconheço que pertencemos a uma espécie classificadora, e não há como negar que esse concurso de fato existe. A grande vantagem que *Augie March* tem sobre *Gatsby* está no seu escopo e no seu otimismo e, arrisco-me a dizer, nos seus princípios. Ou no seu princípio — no início do romance, Augie o enuncia claramente e nunca o perde de vista:

Com que finalidade Danton perdeu a cabeça ou por que existiu um Napoleão, se não foi para fazer de todos nós nobres? E essa elegibilidade universal à nobreza, ensinada em toda parte, era o que dava a Simon ares de honra.

Simon é o irmão mais velho de Augie, mas “essa elegibilidade universal à nobreza” (elegibilidade conota tanto ser eleito quanto ser escolhido) é a mais potente afirmação do sonho americano algum dia já feita. Simon não

“chega lá”, mas essa não é a questão. Augie também não chega exatamente a lugar nenhum; bem, é um ideal, não uma promessa. Ele decide medir forças com o continente, sem buscar a permissão de ninguém nem se submeter a limitação alguma. Suas realizações, assim como sua educação onívora, serão de inteira responsabilidade sua.

Essa foi a primeira vez na literatura americana que um imigrante agiu e pensou como um legítimo descobridor ou pioneiro. O paradoxo da experiência da imigração na América residia até então justamente no fato de que tantos imigrantes vinham para o Novo Mundo não para abrir as asas, mas sim para se adaptar, se ajustar, se enquadrar. Quando somos apresentados a Augie, ele está vivendo em condições exíguas; uma família judia pobre, semiasfixiada pelo seu próprio afeto e repleta de pavores com relação ao mundo mais amplo. Nosso herói não sabe da existência de nada além disso e, no entanto, ele sabe. “Sou americano, nascido em Chicago”, ele proclama logo na primeira linha da sua narrativa. É importante entender o que essa declaração significou quando foi feita, tanto para o próprio Bellow quanto para os públicos que ele tinha em mente.

Menos de meio século antes de *As aventuras de Augie March* serem publicadas, Henry James havia voltado da Europa para Nova York e achara a nova feição da cidade extremamente perturbadora. Em *The American Scene*, texto publicado em 1907, ele registra a repulsa que sentiu por ter de “dividir a santidade da sua consciência *americana*, a intimidade do seu patriotismo *americano*, com o inconcebível estrangeiro” (itálicos meus). No Lower East Side, ele vislumbra “o brilho duro de Israel”. No Café Royale, um ponto de encontro de escritores e artistas falantes de iídiche, ele se descobre numa das “salas de tortura do idioma vivo”. E se pergunta: “Quem sabe dizer, seja em que condição for, o que o gênio de Israel pode estar, ou não, realmente ‘tramando’?”. O mestre não estava de forma alguma sozinho ao expressar sentimentos e sensibilidades desse tipo. Com *Augie March* e sua intrépida anexação inicial do bravo título de

“americano”, os descendentes do mestre tiveram a resposta para a pergunta sobre o que o gênio estava “tramando”.

Saul Bellow nasceu — e recebeu o nome de Solomon — em 1915, do outro lado da fronteira, em Lachine, Quebec. (Lachine, aliás, foi denominada assim por causa de um militar francês metido a Colombo que recebeu ordens de procurar a China e declarou que a havia encontrado.) Foi trazido pelos pais clandestinamente para o país, atravessando os Grandes Lagos, quando ainda era criança, e só foi descobrir que era um imigrante ilegal quando tentou se alistar nas Forças Armadas dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. As autoridades o mandaram de volta para o Canadá e o obrigaram a se realistar — em outras palavras, deixaram-no de molho. Entre outras coisas, *Augie March* é um adeus à era da incerteza do próprio Bellow, um adeus ao *self* dos seus dois romances anteriores, *Dangling Man* (1944) e *A vítima* (1947).

Afirmativamente, quase desafiadoramente americano, o romance não é de nenhum modo um peã à assimilação e à amnésia. Quando jovem, Bellow compôs e recitava uma paródia bem-humorada de “The love song of J. Alfred Prufrock”^{*} em iídiche, e sempre se manteve agudamente consciente de suas raízes russas. Ajudou Irving House e a *Partisan Review* nas primeiras traduções da obra do seu futuro colega de Nobel Isaac Bashevis Singer. Um dos triunfos de *Augie March* é que ele tira o *yiddishkeit* da “sala de tortura” e do gueto e ajuda a transformá-lo num elemento indissolúvel e inseparável da grande língua americana. Aqueles de nós que herdaram Lenny Bruce, Walter Matthau, Woody Allen e Philip Roth como parte do nosso direito vernáculo inato tomam como natural essa faculdade e facilidade linguística. Mas ela não era um direito inato em 1953.

Apenas no ano anterior, por exemplo, é que os pares, copensadores e colegas palpiteiros de Bellow vieram a produzir a famosa coleção de ensaios debatendo o tema “Our Country and our Culture” [Nosso país e nossa cultura], publicada na *Partisan Review*. Naquelas páginas, os

veteranos do combate cultural da década de 1930 — muitos deles, mas não todos, judeus — perguntavam se não haveria talvez chegado o momento de reescrever seu projeto de permanente oposição. Houve algumas objeções e reservas, mas de maneira geral os antigos “hostilizados” começaram a falar como legítimos filhos e filhas adotivos dos Estados Unidos. Entre as exceções, aqueles que desconfiavam do que viam como uma iminente era de conformismo, incluíam-se Irwing Howe e Delmont Schwartz. Mas quando *Augie* abismou os críticos ao mostrar que o romance de um intelectual podia ser um sucesso literário e comercial, Schwartz se convenceu. Sua resenha do livro se abria com a simples declaração de que “o novo romance de Saul Bellow é um tipo inédito de livro”. Schwartz comparava o romance favoravelmente com os melhores trabalhos de Mark Twain e de John Dos Passos. E ficou imediatamente impressionado com a questão essencial, que é a linguagem e o estilo:

Augie March brota das ruas da cidade moderna para encontrar a realidade da experiência com uma atitude de aceitação satírica, afirmação irônica, a cômica transcendência da afirmação e da rejeição.

De fato, ele deixou a vingança dos imigrantes sobre a velha guarda bastante explícita:

Pela primeira vez na ficção a mobilidade social da América foi transformada numa energia espiritual que não está fadada à fuga, à renúncia, ao exílio, à condenação, à angustiada hiperinteligência de Henry James ou aos louvores históricos de Walter Whitman.

Schwartz, que seria a inspiração para o protagonista de *O legado de Humboldt* de Bellow (“Me deixa entrar! Eu sou poeta! Eu tenho pau grande!”), admirava Augie, o personagem, pela mesma qualidade que fez com que alguns resenhistas o encarassem com desconfiança: sua resistência a ser integrado ou, para usar o termo de Augie, “recrutado”.

Entre os resenhistas hostis estava Norman Podhoretz, que, no recente ano de 2000, revisitou a querela e — de forma quase inacreditável, mas talvez inconscientemente — ecoou o antijudaísmo de Henry James ao acusar Bellow de “torcer e torturar a língua”!

Se tive algum êxito na minha tentativa de estabelecer esse contexto, espero que tenha ajudado a explicar por que *Augie March* ainda constitui um modelo para a moderna literatura americana. Exatamente como formou e alterou as posturas de judeus e anglo-saxões de sua época, o romance ainda espera por leitores e críticos e os ajuda a avaliar a perspectiva que eles próprios têm da América. (Esse efeito de piloto de gás pode ser visto nos textos de Martin Amis, que em 1987 escreveu: “apesar de tudo o que tem de prodigioso, *Augie March*, como *Henderson, o rei da chuva*, muitas vezes lembra um sermão sobre o destino abastecido por um tesouro do patoá vulgar”. Em 1995, ele iniciou um ensaio da seguinte forma: “*As aventuras de Augie March* é o Grande Romance Americano. Podem parar de procurar. Todas as pistas ficaram frias 42 anos atrás. A busca fez o que buscas raramente fazem: ela terminou”. De maneira afim, talvez, mas radicalmente oposta, Kingsley Amis saudou a publicação original falando aos leitores da *Spectator* da “jovialidade e do bom humor, dos diálogos esfuziantes e da vitalidade” de Bellow. Duas décadas depois, ele escreveu: “Bellow é ucraniano-canadense, creio. É doloroso vê-lo tentando encontrar seu caminho entre o não idiomático de um lado e o empolado do outro”. Vinte anos mais tarde, ele havia se convencido de que todo mundo na América era “ou judeu ou jeca”.)

O próprio Augie não é muito mais que “o filho bastardo de um homem viajante”. Logo de início, ele nos informa que a expressão “empregos diversos” é a “pedra de Roseta” da sua vida. Mas a consciência da elegibilidade está dentro dele, e ele defenderá sua fé nela com unhas e dentes e nunca será um jeca. “O que eu acho”, diz um de seus amigos, achando certo, “é que você tem uma síndrome de nobreza. Você não consegue se ajustar à realidade. [...] Você quer aceitar. Mas como é que

você pode saber o que está aceitando? Você tem que ser maluco pra aceitar o que quer que te apareça pela frente. [...] Você devia aceitar os dados da experiência.” Ao que Augie responde, talvez de forma mais confiante do que de fato se sintia: “Não é possível que seja certo se oferecer pra morrer, e se é isso que os dados da experiência te dizem pra fazer, então você tem que passar sem eles”.

Mesmo quando ainda está encalhado na casa da família em Chicago, sabendo de alguma forma que tem de haver mais coisas na vida e na América, Augie investe o ambiente banal que o cerca de uma aura numinosa e heroica. Para começar, transforma o clichê da mãe judia:

[Mamãe] ocupava um lugar, imagino, entre mulheres conquistadas por uma força superior do amor, como aquelas mulheres de quem Zeus se aproveitava em forma animal e que depois tinham de se esconder de sua esposa furiosa. Não que eu consiga ver minha grande, doce, acabada e trabalhadeira mãe como uma beldade a fugir de uma tal ira clássica.

E há também o velho Einhorn, o aleijado e deformado líder, manipulador e memorialista local, a quem Augie (“Não estou brincando quando incluo Einhorn nessa lista eminente”) equipara a César, Maquiavel, Ulisses e Crespo. É Einhorn quem, de maneira tão memorável, passa um sermão em Augie depois que ele por pouco não entra numa fria por conta de um roubo de meia-tigela que poderia ter acabado muito mal:

Foi a isso que você se arriscou. É isso mesmo, Augie, um ou dois tiras mortos. Você sabe o que assassinos de policiais ganham, da delegacia em diante — uma cara toda arrebatada, as mãos estilhaçadas e coisa pior. E isso teria sido o seu começo de vida. [...] Mas espera aí. De repente eu me dei conta de uma coisa sobre você. Você é do contra, tem a oposição dentro de você. Você não sai deslizando suavemente por tudo. Só dá essa impressão.

Einhorn, portanto, assume o papel do pai desaparecido de Augie, provocando em seu ouvinte uma torrente de amor que, na hora, ele está resabiado demais para admitir:

“Não seja bobo, Augie, de cair na primeira armadilha que a vida preparou pra você. Garotos criados em situações adversas, como você, são candidatos naturais a manter as cadeias cheias — os reformatórios, todas as instituições. Aquelas para as quais o governo encomenda pão e feijão com uma antecedência enorme, porque sabe que existe um elemento que ele pode contar que vai parar atrás das grades pra comer aquele pão e aquele feijão. [...] É praticamente predeterminado. E se você vai deixar que seja predeterminado pra você também, você é um otário. Exatamente o que se previa. Essas coisas tristes e trágicas estão esperando pra receber você — as cadeias, as clínicas e as filas de sopa dos dispensários sabem quem são os candidatos naturais a ser derrotados e esmagados, transformados em velhos antes do tempo, em excrementos sociais, em criaturas sem préstimo. Se acontecesse com você, quem ficaria surpreso? Você é uma barbada pra esse páreo.”

Depois acrescentou: “Mas eu acho que eu ficaria surpreso”.

Antes de dar sua homilia por encerrada, Einhorn ainda acrescenta mais uma coisa. “Mas eu não sou um pulha quando eu penso, quando eu *realmente* penso”, diz o rei do salão de sinuca e trapaceiro genial. “No fim, você não pode salvar a sua alma ou a sua vida pelo pensamento. Mas, se você *pensa*, o menor dos seus prêmios de consolação é o mundo.”

Eu considero esse um momento crucial num romance que às vezes tem dificuldade com suas unidades dramáticas. Einhorn evoca as sombras da prisão para o garoto que está ficando adulto e nos evoca a onipresença da violência, da injustiça e da estupidez. Ele sente as camadas mais profundas da classe baixa e nós sentimos nele o mesmo que sentimos ao ler *Elegy Written in a Country Churchyard* de Thomas Gray: o potencial não realizado de alguém que poderia ter sido um grande homem. Einhorn também sentiu a elegibilidade. E tem um instinto não lapidado para a vida

refletida. Seja isso o que for — e é inglês americano popular, sem dúvida —, não é patoá vulgar.

Então, quando se liberta e vai à vida, Augie não é nenhum Cândido ou Copperfield. E o romance não é nenhuma história de Horatio Alter. Vários dos parentes sofridos de Augie de fato vão parar em instituições, todas elas meticulosa e dolorosamente bem descritas, em especial o “lar” do irmão caçula retardado de Augie, que é descrito de maneira particularmente cáustica. A Chicago de Bellow não é profundamente distinta de *A selva* de Upton Sinclair. Mesmo na paz e na prosperidade da década de 1950, Bellow conseguiu lembrar a amargura da escassez e da exploração, o cecê dos vagabundos encontrados em viagens de trem roubadas, a ferocidade da guerra de classes, a agudeza das diferenças étnicas entre os brancos pobres numa época em que ainda não se tinha o absurdo costume de classificar todos os não negros de “caucasianos”. (Um dos empregados da carvoaria de Simon tem pavor de atropelar uma criança num bairro de imigrantes do Leste europeu — exatamente o tipo de pesadelo de confronto social agora reservado ao South Side negro de Chicago.)

De todos os empregos e biscates que Augie teve (entre os quais se incluem tanto o de mordomo quanto o de vendedor de sapatos, tanto o de vendedor de tinta quanto o de assistente literário), os três mais bem descritos são aqueles que oblíqua ou diretamente envolvem seu oposicionismo. Como tratador de cachorros para as classes abastadas, ele sente uma sensação de desperdício e de absurdo naquele trabalho; como ladrão de livros por encomenda, ele aumenta seu conhecimento dos clássicos e tenta se familiarizar um pouco mais com intelectuais marxistas; como organizador sindical do CIO, ele tem um breve encontro com a grandeza do movimento trabalhista americano, que por um curto período de fato uniu todas as profissões e etnias numa luta coletiva por justiça. Esse episódio de mobilização e indignação social invoca todo o poder de taxonomia e expressividade sonora de Bellow:

Vinham camareiras gregas e negras de tudo quanto era hotel, porteiros, carregadores de mala, atendentes de chapelaria, garçonetes [...]. Todo tipo de gente estava vindo. A humanidade das galerias subterrâneas de esgoto, estocagem e carvão também emergiu, homens da manutenção, os humilhados dos serviços à minuta [...]. E, ainda, velhos trabalhadores itinerantes acostumados a fugir para o sul no inverno, rostos pálidos que lembravam caras de sabujo, sujeitos com carteirinhas de Wobbly de outros tempos, velhas imigrantes do Leste europeu que traziam cartas explicando o que queriam, e todas as variedades de bocas esmurradas, enfermidades, embriaguez, atordoamento, inocência, claudicância, rastejamento, insanidade, preconceito, e da lepra absoluta passando por todos os estágios de novo até a mais vigorosa e aprumada beleza. Então, se essa coleção de gente não tem nada em comum com o que teria constituído a retaguarda do exército de um Xerxes ou de um Constantino, coisas novas haviam sido formadas; mas o que me impressionava nelas era uma sensação de antiguidade e de perseverança.

Mais tarde, quando está sem rumo no México, Augie encontra a oposição em pessoa, ninguém menos que Leon Trotski:

[Eu] estava entusiasmado com aquele personagem famoso, e creio que o que tanto mexeu comigo foi a impressão instantânea que ele passava — independentemente da banheira velha em que andava ou da esquisitice do séquito que o acompanhava — de navegar guiando-se pelas grandes estrelas, de ser capaz das mais elevadas considerações, de estar apto para falar as mais importantes palavras humanas e termos universais. Quando você está tão reduzido a um tipo de navegação bem diferente desse tipo estrelado e elevado quanto eu e está apenas remando na baía rasa, arrastando-se de um ancinho de moluscos para o outro, é emocionante ter um vislumbre da grandeza dos que navegam em alto-mar.

(O próprio Bellow tinha ido ao México para tentar ver Trotski; chegou lá no dia seguinte ao assassinato do velho e viu o corpo ainda com sangue nos cabelos brancos. Numa versão anterior do romance, Augie se candidata a trabalhar para o herético exilado.)

A oposição, porém, é apenas uma das bússolas internas de Augie. A outra, que pode operar tanto de maneira mais previsível quanto menos previsível, é o amor e o sexo. Sendo curto e grosso, o jovem sr. March é guiado por seu pau. Ele prefere expressões francas e diretas para essa preocupação, mencionando num dado momento uma “estupenda puta” e, em outro, uma moça que tinha a qualidade de não ter “pudores” com relação ao motivo pelo qual eles estavam juntos. De vez em quando, faz descrições entusiásticas (a amante de Guillaume, o tratador de cachorros, é “uma grande obra de exuberância, com um imenso traseiro ondulado e um enorme busto de mozzarella”). E pode também ser terno. Existem poucas mulheres mais doces na ficção que Sophie Geratis, a leal militante sindical grega. (“Tinha um par de mãos calejadas e uma relação um tanto bruta com sua beleza. Não consegui fingir nem por um instante que não tinha ficado caído por ela.”) Mas só sente mesmo o raio da paixão quando conhece Thea Fenchel.

Thea tem uma águia chamada Calígula e quer que Augie a ajude a “domar” o pássaro e a treiná-lo a capturar enormes iguanas no México. Augie concorda com o plano porque está completamente caído pela mulher. E fica tão louco por Thea porque — e essa é sua fraqueza — ela está absolutamente apaixonada por ele. A magnificência do pássaro ele sabe apreciar; já o projeto de transformá-lo num caçador treinado lhe dá arrepios. E o imponente Calígula alado acaba se revelando justamente (e na palavra desdenhosa de Thea) um “covardão”. Recusa-se a lutar com lagartos da Idade da Pedra e recusa-se a obedecer. Quando Thea percebe que Augie não se importa com isso — na verdade, secretamente aprova essa atitude —, seu respeito por ele acaba. Nem todos os resenhistas admiram essa longa e necessária seção do romance e muitos ficaram se perguntando, intrigados, qual seria a significação do pássaro. (Seria a águia um símbolo da América? Não se o bicho se chama Calígula. Não se é um covardão.) Mas eu acho que essa parte do romance é essencial, na medida em que mostra que Augie se sente compelido a admirar qualquer coisa,

principalmente algo tão nobre, que não aceite se deixar domesticar. O preço é alto. Augie sofre terrivelmente com a perda de Thea; dor de cotovelo e ciúme sexual raras vezes foram retratados de forma mais aflitiva. Mas a separação tem a vantagem de fazê-lo voltar para Chicago, “aquela cidade sombria”, para reavaliar a vida e começar de novo.

Amor, pobreza e guerra, dizem, são os elementos essenciais na formação de um homem, como num *bildungsroman*. E quando a guerra desbanca a Depressão como a grande disciplinadora das camadas mais baixas, Augie se alista na Marinha imediatamente, pensando enquanto isso: “De que serviria a guerra sem amor também?”. (Essa, diga-se de passagem, pode ser a frase mais masculina que alguém um dia já escreveu.) Ele dá sorte com Stella. Sua breve e quase fatal experiência de combate lhe proporciona a melhor oportunidade até então de libertar o *animal ridens* que existe dentro dele; um homem de “empregos diversos” nunca vai se sentir mais em casa do que no convés inferior de um navio, e Augie faz comédia das confidências de seus colegas de refeitório. Aqui, mais uma vez, o ouvido de Bellow é infalível:

“Você acha possível que eu tenha complexo de inferioridade, acha?”, um deles me perguntou. [...] Eu distribuía conselhos em doses moderadas; ninguém é perfeito. Advogava o amor, principalmente.

Depois de uma experiência angustiante num bote salva-vidas quando o navio é torpedeado (“Os médicos achavam um motivo atrás do outro para me manter no hospital”, conta Augie laconicamente), ele anseia no fim da guerra por um porto seguro e tranquilo. Mas tem toda a razão quando diz: “Caramba! Você nunca se safava, só pensa que se safou!”. Por um curto período, ele se imagina virando uma espécie de apanhador no campo de centeio, gerindo um lar de adoção em que sua família dividida também poderia se abrigar. Mas a vida ainda não está pronta para lhe dar trégua, e Augie tem de fazer jus à grande frase da página de abertura do romance: “Todo mundo sabe que não existe precisão nem apuro na supressão; se

“você corta uma coisa, acaba amputando o que está ao lado”. Sufocar sua curiosidade seria trair seu instinto mais profundo. E, assim, nós o vemos sardonicamente instalado na mesa de um café europeu no fim do livro, trabalhando de intermediário para um empresário armênio e declarando que é “americano, nascido em Chicago, e [relatando] todos esses outros acontecimentos e ideias”. (Bellow, aliás, gostava de contar que nem uma só palavra de *Augie March* foi escrita em Chicago; ele se mandou para Positano, Roma, Paris e Londres. Não há nada de provinciano no seu americanismo.)

Se paramos para refletir e olhar para trás junto com Augie, vemos uma penca de personagens menores brilhantemente construídos, fazendo por merecer a comparação com Dickens e com aquele outro menino extraordinário do Mississippi que também tinha “As aventuras de” no seu título. Talvez seja injusto apontar favoritos, mas Guillaume, o tratador de cachorros de madame que recorre um pouco demais à seringa quando está lidando com cães recalcitrantes (“Esse miserrável não perde por esperrar!”), sempre vai ser um dos meus. E Jimmy, o policial que é como um *struldbrug* das *Viagens de Gulliver* no ventre daquela delegacia de Detroit e tem o rosto e a ficha criminal de todo mundo gravados na cabeça...

As duas palavras-chave que resumem as ambições do romance de Bellow são *democrático* e *cosmopolita*. Não inteiramente por coincidência, essas são também as duas grandes esperanças da América. As duas qualidades que levam Augie adiante são sua capacidade de amar e sua capacidade de ironia. Essas, junto com a razão, são as grandes esperanças da humanidade. Os poetas metafísicos usavam a palavra evocativa *América* como um termo que simbolizava o novo e a esperança, chegando até a se dirigirem a amadas com esse nome. Augie March conclui, com mais mordacidade, vendo o lado sem graça do lado engraçado:

Ou será que rimos é da natureza — incluindo a eternidade — por ela pensar que pode derrotar a nós e ao poder da esperança? Não, não!, acho eu. Ela nunca vai nos vencer. Mas essa provavelmente é a piada, em cima de nós ou dela, e o riso é um enigma que inclui a ambos. Olha só para mim, indo para tudo quanto é lugar! Ora, eu sou uma espécie de Colombo dos que estão por perto e acredito que você possa chegar até eles nessa terra incógnita imediata que se expande a cada vez que você olha. É bem possível que eu seja um fracasso nessa linha de empreendimento. Colombo provavelmente também se sentiu um fracasso quando o mandaram de volta acorrentado. O que não provou que a América não existia.

* Poema de T. S. Eliot. (N. T.)

AS AVENTURAS DE AUGIE MARCH

1.

Sou americano, nascido em Chicago — Chicago, aquela cidade sombria —, e faço as coisas do jeito que aprendi sozinho a fazer, estilo livre. Então, vou fazer o registro ao meu modo: a primeira ideia que bater será também a primeira a entrar; às vezes uma batida inocente, outras nem tanto. Mas o caráter de um homem é seu destino, como diz Heráclito, e no fundo não há como disfarçar a natureza das batidas, nem fazendo um tratamento acústico na porta nem cobrindo o nó dos dedos com luva.

Todo mundo sabe que não existe precisão nem apuro na supressão; se você corta uma coisa, acaba amputando o que está ao lado.

Meus próprios pais não foram tão importantes assim para mim, embora eu gostasse da minha mãe. Era uma pessoa simplória, e o que aprendi com ela não foi o que ela me ensinou, mas algo mais na ordem dos exemplos concretos. Ela não tinha muito para ensinar, coitada. Meus irmãos e eu a amávamos. Falo pelos dois; no caso do mais velho, não há muito risco de erro; no caso do mais novo, Georgie, tenho de responder por ele — Georgie nasceu retardado —, mas não preciso adivinhar seus sentimentos, pois ele tinha uma musiquinha que costumava cantar enquanto corria de um lado para o outro, manquejando com seu trote rígido de retardado, ao longo da cerca de arame farpado do quintal:

Georgie Machy, Augie, Simey

Winnie Machy, tudo, tudo ama a mamãe.

Ele tinha razão com relação a todos, menos Winnie, a poodle da vovó Lausch, uma cadela velha, gorda e ofegante. Minha mãe era tão criada de Winnie quanto era de vovó Lausch. Respirando ruidosamente e soltando gases a torto e a direito, a cadela passava os dias deitada numa almofada bordada com o desenho de um berbere apontando um rifle para um leão, ao lado do banco em que a velha apoiava os pés. Era exclusivamente de vovó, fazia parte do séquito dela; o resto de nós éramos os súditos, principalmente mamãe. Minha mãe entregava o prato de Winnie para a vovó, e a cadela recebia sua comida aos pés da velha, das mãos da velha. Esses pés e mãos eram pequenos; vovó usava meias de um tipo enrugado de malha nas pernas e seus chinelos eram cinza — ah, o cinza daquele feltro, um cinza despótico para almas — com laços de fita cor-de-rosa. Já mamãe tinha pés grandes e, dentro de casa, usava sapatos de homem, geralmente sem cadarço, e uma espécie de touca que mais parecia uma esdrúxula escultura de algodão em formato de cérebro. Ela era dócil e comprida e tinha olhos redondos como os de Georgie — ternos olhos verdes redondos e uma suave cor de vitalidade no rosto comprido. Tinha as mãos vermelhas de tanto trabalhar, só lhe restavam poucos dentes na boca — para receber as bordoadas que vinham — e usava os mesmos casacos de tricô desfiados que Simon. Além de ter olhos redondos, mamãe usava óculos redondos, obtidos em incursões ao dispensário da Harrison Street que eu fazia junto com ela. Ensaiado por vovó Lausch, eu ia para contar as mentiras. Sei agora que mentir não era tão necessário assim, mas na época todo mundo achava que era, principalmente vovó Lausch, que era um daqueles maquiavéis de subúrbio que tanto povoaram meus tempos de garoto. Então vovó, que preparava tudo antes de sairmos de casa e devia passar horas maquinando a coisa toda em pensamentos e frases, encolhida no seu quartinho gelado debaixo do edredom de pena, me passava as instruções no café da manhã. A ideia era que mamãe não tinha esperteza o bastante para fazer a coisa direito. A hipótese de que talvez não fosse

preciso ser esperto não passava pela nossa cabeça; era uma disputa, afinal. O dispensário ia querer saber por que as instituições de caridade não pagavam pelos óculos. Então eu não podia falar nada sobre as instituições de caridade, mas apenas que o dinheiro que meu pai mandava às vezes chegava e às vezes não, e que mamãe alugava quartos para hóspedes. Isso tudo era, de uma forma delicada e seletiva, ignorando e omitindo certos fatos importantes, verdade. Era verdadeiro o bastante para *eles* e, aos nove anos de idade, eu era capaz de entender isso perfeitamente. Melhor do que meu irmão Simon, que era franco demais para esse tipo de manobra e que, de qualquer forma, tinha adquirido nos livros umas noções de honra típicas de colegiais ingleses. Por muitos anos, *Tom Brown's Schooldays*^a teve uma influência lá em casa que nós não tínhamos condições de bancar.

Simon era um menino louro com maçãs do rosto salientes, grandes olhos cinzentos e braços de jogador de críquete — baseio-me em ilustrações; nunca jogávamos nada a não ser *softball*. Em contraste com seu estilo britânico, Simon nutria uma raiva patriótica contra o rei Jorge III. Na época, o prefeito havia ordenado ao conselho de educação que adotasse livros de história que retratassem o rei de forma mais dura, e Simon andava muito tiririca com o general Cornwallis.^b Eu admirava esse seu entusiasmo patriótico, sua extraordinária birra pessoal com o general e sua satisfação com a rendição de Cornwallis em Yorktown, satisfação essa que geralmente o acometia na hora do almoço, quando estávamos comendo nossos sanduíches de mortadela. Vovó comia um pedaço de galinha cozida ao meio-dia, e às vezes sobrava uma moela para o pequeno cabeça de piaçava do Georgie, que adorava moela e ficava soprando aquele troço engelhado mais para saborear e prolongar o momento do que para esfriar a carne. Mas esse orgulho bélico de legítimo filho da nação de Simon o desqualificava para a delicada tarefa a ser cumprida no dispensário; ele era cheio de brios demais para mentir e poderia acabar denunciando todo mundo. Já eu certamente daria conta do recado, porque gostava desse tipo de coisa. Adorava estratégias. Eu também tinha entusiasmos; tinha os de Simon,

embora nunca tenha achado Cornwallis grande coisa, e tinha também os de vovó Lausch. Quanto à veracidade dessas declarações que eu era instruído a fazer... bem, era verdade que nós tínhamos um hóspede. Vovó Lausch era nossa hóspede, não tinha absolutamente nenhuma relação de parentesco conosco. Era sustentada por dois filhos, um de Cincinnati e o outro de Racine, Wisconsin. As noras não a queriam por perto, e ela, que era viúva de um poderoso homem de negócios de Odessa — um sujeito careca, de fartas costeletas e nariz largo que pairava sobre nós feito uma divindade, fantasticamente blindado numa armadura feita de fraque e colete transpassado, hermeticamente abotoado (sua foto azulada, ampliada e retocada pelo sr. Lulov ficava pendurada na sala de visitas, duplicada entre as colunas de pórtico do espelho de corpo inteiro, a cúpula da estufa começando onde o tronco dele terminava) —, preferia morar conosco, já que estava acostumada havia tantos anos a dirigir uma casa, a comandar, a governar, a administrar, maquinar, arquitetar e intrigar em todas as suas línguas. Ela se gabava de falar francês e alemão, além de russo, polonês e iídiche; e quem senão o sr. Lulov, o artista do retoque da Division Street, poderia ter testado o francês que ela dizia falar? E ele era um farsante sereno também, aquele galante bebedor de chá de espinha rígida. Só que ele, uma época, havia sido motorista de táxi em Paris e, se estivesse dizendo a verdade com relação a isso, talvez soubesse francês entre outras coisas, como tocar música nos dentes com um lápis, cantar e marcar o ritmo com um punhado de moedas que ele chacoalhava arrastando o polegar na mesa de um lado para o outro, e jogar xadrez.

Vovó Lausch jogava como Tamerlão, fosse xadrez ou *klabyasch*:^c com hostilidade palatal felina e um brilho fulmíneo nos olhos. Ela jogava *klabyasch* com o sr. Kreindl, um vizinho nosso que havia lhe ensinado o jogo. Homem robusto, de mãos grossas e barriga avantajada, o sr. Kreindl batia na mesa com aquelas suas mãos poderosas, atirando suas cartas e bradando “*Shtoch! Yasch! Menél! Klabyasch!*”. Vovó olhava para ele com ar sardônico. Depois que ele ia embora, ela muitas vezes dizia: “Quem tem

um amigo húngaro não precisa de inimigos”. Mas o sr. Kreindl não tinha nada de inimigo. Ele só parecia, às vezes, ameaçador por causa dos seus berros de sargento instrutor. Tinha servido como recruta no exército austro-húngaro nos velhos tempos e havia algo de soldadesco nele: um pescoço musculoso de tanto empurrar peças de artilharia, rosto vermelho de militar em campanha, mandíbula e dentes com coroa de ouro capazes de mordidas poderosas, olhos verdes e vesgos e cabelo curto e macio, totalmente napoleônico. Seus pés viravam para fora, conforme o ideal de Frederico, o Grande, mas ele tinha uns trinta centímetros a menos que a altura exigida para membros do corpo de guarda. E tinha um ar de independência imperioso. Ele, sua esposa — uma mulher reservada e recatada com os vizinhos e violentamente brigona dentro de casa — e o filho, um estudante de odontologia, moravam no que era chamado de subsolo inglês (o que queria dizer que as janelas do apartamento ficavam parcialmente acima do nível da rua), na frente da casa. O filho, Kotzie, trabalhava à noite na farmácia da esquina e estudava nos arredores do hospital municipal, e foi ele quem falou para vovó a respeito do dispensário. Ou melhor, a velha o chamou lá em casa e o incumbiu da tarefa de tentar descobrir o que se podia conseguir nas tais instituições estaduais e municipais. Ela vivia chamando gente lá em casa, o açougueiro, o merceiro, o quitandeiro, e os recebia na cozinha para explicar que os March tinham de receber descontos. Mamãe em geral tinha de ficar por perto. A velha dizia a eles: “O senhor está vendo a situação — eu preciso dizer mais alguma coisa? Não há homem na casa e há crianças para criar”. Esse era seu argumento mais frequente. Quando Lubin, o assistente social, vinha lá em casa e sentava na cozinha, folgado, careca, de óculos de aro dourado, peso confortavelmente distribuído na cadeira, boca paciente, ela disparava: “Como o senhor espera que essas crianças sejam criadas?”. Ele ouvia, tentando permanecer confortável, mas aos poucos ficando cada vez mais parecido com um homem determinado a não deixar que um gafanhoto escape da sua mão. “Bom, minha querida, a

sra. March poderia aumentar o seu aluguel”, ele dizia. A velha deve ter respondido com frequência — pois havia vezes em que ela botava todos nós a correr para ficar sozinha com ele: “O senhor por acaso faz alguma ideia de como as coisas seriam sem mim? O senhor devia era me agradecer por manter essa família de pé”. Tenho certeza de que ela dizia até algo como “E quando eu morrer, senhor Lubin, o senhor vai ver o que tem nas mãos”. Estou cem por cento certo disso. Para nós, nunca se dizia nada que pudesse enfraquecer o domínio dela, ao insinuar que tal controle algum dia pudesse ter fim. Além disso, teria sido um choque para nós ouvir uma coisa dessas, e ela, que nos conhecia de uma maneira sobrenatural, sendo capaz de acompanhar muito de perto nossos pensamentos — ela era uma soberana que sabia exatamente a proporção de amor, respeito e temor ao poder que havia em seus súditos —, tinha plena consciência do quanto ficaríamos chocados. Mas para Lubin, por razões estratégicas e também porque tinha de expressar sentimentos que certamente nutria, ela deve ter dito coisas desse tipo. Lubin tinha uma paciência torturada com ela, uma paciência de quem pensa “livrai-me de clientes assim”, embora tentasse parecer senhor da situação. Segurava seu chapéu-coco entre as coxas (seus ternos, sempre escassos de pano nas pernas, deixavam à mostra meias brancas e sapatos de bico largo, vincados, pretos, estufados de dedos) e ficava olhando para dentro dele como se estivesse debatendo consigo mesmo se deveria ou não soltar um pouquinho o gafanhoto no forro.

“Eu pago o máximo que a minha situação financeira permite”, ela dizia.

Tirando a cigareira de baixo do xale, ela cortava um cigarro ao meio com a tesoura de costura e o botava na piteira. Essa era uma época em que as mulheres ainda não fumavam, salvo as que faziam parte da *intelligentsia* — o termo que ela usava para se definir. Com a piteira entre suas pequenas gengivas escuras, do meio das quais emanava toda a sua astúcia, virulência e autoridade, ela tinha suas melhores inspirações estratégicas. Era tão enrugada quanto uma sacola de papel velha, uma autocrata, intransigente e jesuítica, uma velha águia bolchevique sempre pronta a dar o bote, seus

pezinhos cinza com laço de fita imóveis no misto de banco e caixa de engraxate que Simon tinha feito na aula de trabalhos manuais, com a encardida da Winnie, cujo mau cheiro empestava o apartamento inteiro, feito uma bola de pelo velha na almofada ao lado dela. Se sei que esprituosidade e insatisfação não andam necessariamente juntas, não foi com a velha que aprendi. Ela era uma pessoa impossível de agradar. Chamava Kreindl, por exemplo, que era alguém com quem podíamos contar, que carregava o carvão escada acima quando mamãe estava doente e que instruiu Kotzie a aviar nossas receitas de graça, de “aquele húngaro imprestável” ou “porco húngaro”. Kotzie era chamado de “maçã cozida”; a sra. Kreindl, de “megera enrustida”; Lubin, de “filho do sapateiro”; o dentista, de “açougueiro”; o açougueiro, de “salafrário receoso”. Ela odiava o dentista, que já havia por várias vezes tentado pôr-lhe uma dentadura postiça, sem sucesso. Ela o acusava de ter queimado suas gengivas quando estava tirando os moldes. Mas, também, ela ficava o tempo todo tentando arrancar a mão dele de dentro da sua boca. Eu testemunhei a cena: o truncado e impassível dr. Wernick, cujos braços compactos seriam capazes de segurar um urso, cheio de cuidados com ela, determinado, preocupado com os gritos sufocados que a velha soltava, aguentando os arranhões que ela lhe dava. Vê-la lutando daquele jeito não era nada fácil para mim, e o dr. Wernick também lamentava que eu tivesse de presenciar tal coisa, eu sei; mas se não fosse eu seria Simon — um de nós sempre tinha de acompanhá-la onde quer que ela fosse. Ali, principalmente, ela precisava de alguém para testemunhar o quanto Wernick era cruel e desastrado, além de um ombro para se apoiar quando voltasse enfraquecida para casa. Aos dez anos, eu já era quase da altura dela e forte o bastante para amparar seu corpo leve.

“Você viu o jeito como ele bota aquelas patas na minha cara? Não dá nem para respirar”, ela dizia. “Deus fez aquele homem para ser açougueiro. Por que é que ele tinha que inventar de ser dentista? As mãos dele são pesadas demais. O toque é tudo para um dentista. Se as mãos dele

não servem para esse tipo de coisa, ele devia ser proibido de exercer a profissão. Mas a mulher dele deu um duro danado para pagar seus estudos e fazer dele um dentista, e agora eu sou obrigada a me tratar com ele e ficar com a boca toda queimada por causa disso.”

O resto de nós tinha de ir ao dispensário — que era como a visão onírica de uma multidão de cadeiras de dentista, centenas delas num espaço tão gigantesco quanto um arsenal, cuspideiras verdes decoradas com uvas de vidro, brocas erguidas em zigue-zague feito pernas de inseto e chamas de gás nas bandejas giratórias de porcelana — num trecho soturno e barulhento da Harrison Street repleto de prédios municipais com fachada de pedra e de bondes vermelhos pesadões, com grades de metal nas janelas e limpa-trilhos de ferro que mais pareciam barbichas monárquicas na frente e atrás. Os bondes ribombavam e retiniam, e os tanques de ar dos freios resfolegavam no marrom lamacento de uma tarde de inverno ou no marrom de pedra nua de uma tarde de verão, salpicados de fuligem, fumaça e terra, fazendo longas paradas nas clínicas para despejar coxos, aleijados, corcundas, gente de perna dura, gente de muleta, gente com problema nos dentes, gente com problema nos olhos e o resto todo.

Então, antes de ir ao dispensário com mamãe para pedir os óculos, eu era sempre instruído pela velha e tinha de ficar sentado ouvindo com extrema atenção. Minha mãe também precisava estar presente, pois não podia haver nenhum deslize. Ela era treinada a não dizer nada. “Lembre-se, Rebeca”, vovó repetia vezes sem conta, “deixe que ele responda tudo.” Mamãe ouvia calada, obediente demais até para dizer que sim, limitando-se a continuar sentada com suas mãos compridas entrelaçadas sobre a iridescência de mosca-varejeira do vestido que a velha havia escolhido para ela usar. Ela tinha mesmo uma cor muito saudável e bonita, minha mãe; nenhum de nós herdou essa cor nobre dela, nem o formato do nariz, com narinas recuadas que deixavam à mostra um pedacinho do septo. “Você não se mete. Se eles te fizerem alguma pergunta, você olha pro Augie assim.” E então a velha demonstrava como mamãe deveria se virar para

mim, o que faria com absoluta perfeição, não fosse o fato de não conseguir se livrar da sua imponência habitual. Para mim, ela dizia: “Não diga nada. Apenas responda às perguntas”. Minha mãe ficava ansiosa para que eu me mostrasse digno e leal. Simon e eu éramos seus milagres ou acidentes; Georgie era sua única obra genuína, na qual ela voltara à sua sina depois de dois abençoados e imerecidos sucessos. “Augie, escuta a vovó. Presta atenção no que ela diz”, era tudo o que ela ousava dizer enquanto a velha estava explicando seu plano.

“Quando perguntarem ‘Onde é que está o seu pai?’, você diz ‘Eu não sei não, moça’. Não importa quantos anos ela tenha, você não pode esquecer de dizer ‘moça’. Se ela quiser saber onde ele estava da última vez que você teve notícias dele, você diz que ele mandou uma ordem de pagamento uns dois anos atrás, de Buffalo, Nova York. Nunca diga uma palavra sobre a caridade. O dinheiro que vocês recebem da caridade é uma coisa que você não pode mencionar de jeito nenhum, está ouvindo? Nunca. Quando ela perguntar quanto vocês pagam de aluguel, você diz dezoito dólares. Quando ela perguntar de onde vem esse dinheiro, você diz que vocês alugam quartos para hóspedes. Quantos hóspedes? Dois. Agora diz para mim, quanto vocês pagam de aluguel?”

“Dezoito dólares.”

“E quantos hóspedes vocês têm?”

“Dois.”

“E quanto é que eles pagam?”

“Quanto é que eu devo dizer?”

“Oito dólares por semana.”

“Oito dólares.”

“Quem ganha sessenta e quatro dólares por mês não pode ir a um médico particular. Quando eu fui, só o colírio me custou cinco dólares, e o oculista me escaldou os olhos. E estes óculos”, ela deu um tapinha no estojo, “me custaram dez dólares a armação e quinze as lentes.”

Só em momentos assim, por necessidade, era que se mencionava meu pai. Eu dizia que lembrava dele; Simon dizia que eu não lembrava coisa nenhuma. E ele tinha razão. Eu gostava de imaginar que lembrava.

“Ele usava uniforme”, eu dizia. “Claro que eu lembro. Ele era soldado.”

“Soldado coisa nenhuma. Você não sabe de nada.”

“Talvez marinheiro.”

“Que marinheiro que nada. Ele era motorista, isso sim. Dirigia um caminhão para a lavanderia Hall Brothers, na Marshfield. *Eu* é que disse que ele usava uniforme. Macaco vê, macaco faz; macaco ouve, macaco diz.” Os macacos eram uma base importante do nosso pensamento. No aparador, em cima da passadeira do Turquestão, com seus olhos, boca e ouvidos tapados, tínhamos os três macacos sábios, não-veja-o-mal, não-fale-o-mal e não-ouça-o-mal, uma trindade inferior da casa. A vantagem dos deuses menores é que você pode invocar o nome deles como quiser. “Silêncio no tribunal, macaco quer falar. Fala, macaco, fala.” “O macaco e o bambu estavam brincando na grama...” Mesmo assim, os macacos podiam ser vigorosos (além de impressionantes) e profundos críticos sociais quando a velha, tal qual um grande lama — pois ela era oriental para mim, no fim das contas —, apontava para o trio marrom de macacos agachados, cujas bocas e narinas eram pintadas de vermelho sangue, e com profunda sagacidade, sua impiedade finalmente atingindo a grandeza, dizia: “Ninguém está pedindo que você ame o mundo inteiro, só que seja honesto, *ehrlich*. Não tenha língua comprida. Quanto mais você ama as pessoas, mais elas te enrolam. Crianças amam, pessoas respeitam. Respeito é melhor que amor. E respeito é isso, é o macaco do meio”. Nunca nos ocorreu que ela própria pecava ladinamente contra aquele aflito não-fale-o-mal que comprimia os lábios com as mãos; mas nenhuma crítica a ela passava nem de longe pela nossa cabeça em qualquer momento que fosse, muito menos quando a ressonância de um grande princípio enchia a cozinha inteira.

Ela costumava extrair lições para nós da cabeça do coitado do Georgie. Ele beijava a cadela, aquela que já fora uma belicosa criada pessoal da velha e que agora era uma criatura ranheta e resfolegante a cochilar na almofada e digna de respeito pelos seus anos de atividade lúcida, mas não exatamente amável. Georgie, no entanto, a amava — e a vovó também, a quem beijava na manga, no joelho, segurando o braço ou o joelho com as duas mãos e botando o lábio inferior na frente, casto, desajeitado, carinhoso, meigo e cuidadoso quando curvava suas costas estreitas, a blusa toda empapuçada por cima delas, o cabelo esbranquiçado eriçado e basto feito um carrapicho ou um miolo de girassol depois que as sementes foram arrancadas. A velha deixava que ele a abraçasse e falava assim: “Ei, menino, *junge* esperto, você gosta da velha vovó, meu ministro, meu escudeiro? Isso é que é menino. Você sabe quem é bom pra você, quem te dá moela e pescoço de galinha? Quem é? Quem é que faz talharim pra você? É. Talharim é escorregadio, difícil de pegar com o garfo ou com os dedos. Você já viu como o passarinho puxa a minhoquinha da terra? A minhoquinha quer ficar na terra. A minhoquinha não quer sair. Agora chega, você está molhando o meu vestido”. E, então, ela empurrava bruscamente para longe a testa de Georgie, com sua mão velha e afetada, tendo dado a Simon e a mim, sempre zelosa de seu dever de nos abrir os olhos, mais uma lição sobre um mundo em que os crédulos, amorosos e simples vivem cercados pelos astuciosos e duros de coração, uma beligerante natureza de pássaros e minhocas, e uma desesperada humanidade sem sentimentos. Tudo isso exemplificado por Georgie. Mas o principal exemplo não era Georgie, e sim mamãe, em sua servidão nascida do amor, simplória, abandonada com três filhos para criar. Era esse o ponto a que a velha Lausch queria chegar, agora que, na sabedoria da sua vida madura, ela tinha uma segunda família a guiar.

E o que será que mamãe pensava quando, em alguma conexão necessária, meu pai era trazido à conversa? Ela permanecia sentada docilmente. Imagino que recordasse algum detalhe a respeito dele — uma

comida de que ele gostava, talvez carne com batatas, talvez repolho ou peru recheado; talvez pensasse que ele não gostava de colarinho engomado, ou de colarinho mole; ou que ele costumava trazer para casa o *Evening American* ou o *Journal*. Ela imaginava essas coisas porque seus pensamentos eram sempre simples; mas ela sentia abandono; e dores mais profundas do que as dores mentais conscientes davam um traço sombrio à sua simplicidade. Não sei como ela se virava antes, quando nós quatro ficamos sozinhos depois da deserção, mas vovó Lausch veio e impôs sua mão reguladora sobre a vida da família. Mamãe cedeu à velha poderes que talvez nem soubesse que tinha e recebeu sua punição em trabalhos servis; ocupava um lugar, imagino, entre mulheres conquistadas por uma força superior do amor, como aquelas mulheres de quem Zeus se aproveitava em forma animal e que depois tinham de se esconder de sua esposa furiosa. Não que eu consiga ver minha grande, doce, acabada e trabalhadeira mãe como uma beleza a fugir de uma tal ira clássica, nem tampouco nosso pai como um olímpiano de pernas de mármore. Ela fazia casas de botão numa fábrica de casacos num sótão da Wells Street e ele era motorista de lavanderia — não sobrou nem mesmo uma foto do meu pai na casa depois que ele se mandou. Mas ela tem, sim, um lugar entre essas mulheres pelo direito maior do pagamento contínuo. E quanto à vingança de uma mulher, vovó Lausch estava lá para administrar as penalidades de acordo com os padrões da legitimidade, representando o grupo hegemônico das mulheres casadas.

Ainda assim, a velha tinha coração. Não estou querendo dizer que não tivesse. Era tirânica e esnobe, vivia se gabando de sua vida de luxo em Odessa, de seus criados e governantas, mas, embora tivesse sido ela própria um sucesso, sabia o que era cair por suscetibilidade. Comecei a me dar conta disso quando, mais tarde, li alguns dos romances que ela costumava mandar que eu fosse buscar na biblioteca. Chegou a me ensinar o alfabeto russo para que eu pudesse decifrar os títulos. Uma vez por ano, lia *Anna Karenina* e *Eugene Onegin*. De vez em quando eu ficava em maus lençóis

por trazer um livro que ela não queria. “Quantas vezes eu tenho que dizer a você que, se não estiver escrito *roman*, eu não quero? Você não olhou dentro do livro. Por acaso os seus dedos estão fracos demais pra abrir um livro? Então eles também devem estar fracos demais pra jogar bola ou limpar o nariz. Pra isso você tem força! *Bozhe moy!* Deus do céu! Você deve ter um cérebro de barata pra andar três quilômetros e me trazer um livro de religião só porque diz Tolstói na capa.”

Não quero fazer um retrato deturpado da velha *grande dame*. Ela tinha receio do que talvez fosse, por um deslize da hereditariedade, um defeito de família pelo qual poderíamos ser explorados. Não queria ler o que Tolstói tinha a dizer sobre religião. Não confiava nele como homem de família por causa dos maus bocados que ele fizera a condessa passar. Mas, embora nunca fosse à sinagoga, comesse pão no Pessach, mandasse às vezes mamãe comprar carne de porco porque era mais barata, adorasse lagosta enlatada e outras comidas proibidas, ela não era uma ateaia nem uma livre-pensadora. Isso cabia ao sr. Anticol, o velho trapeiro que ela chamava (não me pergunte por quê) de “Ramsés” — talvez em referência à cidade que é citada junto com Pitom nas Escrituras; vai saber de onde ela tirava suas inspirações. Ele, sim, era um verdadeiro rebelde contra Deus. Fria e ressabiada, ela ouvia o que o sr. Anticol tinha a dizer e não se declarava. Ele era vermelho feito camarão, e soturno; usava uma boina de sarja grossa que deixava sua cabeça chata, e os gritos que dava pelas vielas para pedir trapos e ferro-velho — “trapos e trecos”, era seu pregão — deixavam sua voz áspera e rouca. Tinha cabelo duro, sobrancelhas hirsutas e olhos castanhos desdenhosos; era um velho estudioso, desmazelado e carnudo. Vovó comprou dele uma coleção da *Encyclopedia Americana* — edição de 1892, acho — e cuidou para que Simon e eu a lêssemos; e ele também, sempre que nos via, perguntava: “E a enciclopédia?”, acreditando, imagino, que ela ensinasse irreverência à religião. O que o transformou num ateu foi um massacre de judeus na sua cidade. Do porão onde estava escondido, ele viu um trabalhador mijando no corpo do irmão

mais novo da sua mulher, que tinha acabado de ser assassinado. “Então não venha me falar de Deus”, ele dizia. Mas era ele que falava de Deus o tempo todo. E, embora a sra. Anticol tivesse continuado religiosa, a ideia que ele tinha de grande apostasia era ir até a sinagoga dos judeus reformistas nos feriados importantes e estacionar seu pangaré de olhos vermelhos entre os carros de passeio luxuosos e potentes dos judeus ricos, que descobriam a cabeça lá dentro como se estivessem num teatro, um tipo de degradação neles que foi motivo de amarga diversão para ele até o fim da sua vida. Ele pegou uma gripe na chuva e morreu de pneumonia.

Vovó, por sua vez, acendia uma vela no aniversário da morte do sr. Lausch, jogava uma bolinha de massa no carvão como uma espécie de oferenda quando estava assando alguma coisa, tinha rezas para dentes de leite e simpatias contra mau-olhado. Era religião de cozinha e nada tinha a ver com o gigantesco Deus da Criação que abriu as águas e explodiu Gomorra, mas mesmo assim estava no campo da religião. E, enquanto estamos falando nisso, aproveito para mencionar os polacos — éramos apenas um punhado de judeus no meio deles na nossa vizinhança — e os corações intumescidos e sangrentos nas paredes de tudo quanto era cozinha, as imagens de santos, os cestos de flores fúnebres amarrados à porta, comunhões, Páscoas e Natais. E às vezes éramos caçados, apedrejados, mordidos e surrados como assassinos de Cristo, todos nós, até mesmo Georgie, fadados, gostando ou não, a esse misterioso ofício. Mas eu nunca tive nenhuma grande mágoa por causa disso, nem era de ficar remoendo rancor, sendo de maneira geral esportivo e bem-humorado demais para levar a mal esse tipo de coisa, e encarava o fato como algo que, tal como as guerras de pedra e pau das gangues de rua ou o ajuntamento de arruaceiros do bairro numa noite de outono para arrancar cercas, berrar e guinchar para as moças que passavam e surrar estranhos, não precisasse de nenhuma explicação especial. Não era do meu feitio ficar me esfalfando de preocupação por ter nascido para esse trabalho oculto, muito embora às vezes acontecesse de alguns dos meus amigos ou dos meninos com quem

eu brincava aparecerem no meio dessas turbas para me encurralar numa viela entre uma casa e outra, bloqueando os dois lados da passagem. Simon dava menos trela para os garotos da vizinhança do que eu. A escola o absorvia mais e, de qualquer forma, ele tinha seus ideais, um extrato misto de Natty Bumppo, Quentin Durward, Tom Brown, Clark em Kaskaskia, do mensageiro que trouxe a boa notícia de Ratisbona e de outros que tais, que faziam com que ele ficasse mais no seu canto. Já eu não chegava a estudar esses modelos com tanto afinco quanto Simon, da mesma forma que ele nunca conseguiu me fazer passar horas me exercitando no seu aparelho de musculação Sandow nem na engenhoca para desenvolver os tendões do pulso. Eu fazia amizades fácil, que a maior parte das vezes também acabavam fácil em prol de lealdades mais antigas. Quem foi meu chapa por mais tempo foi Stashu Kopecs, cuja mãe era parteira diplomada pela Aesculapian School of Midwifery, na Milwaukee Avenue. Prósperos, os Kopecs tinham uma pianola elétrica em casa e tapetes de linóleo em todos os cômodos, mas Stashu era um ladrão e, para andar com ele, eu roubava também: carvão dos carros, roupas dos varais, bolas de borracha do magazine e moedas das bancas de jornal. Roubávamos principalmente pela satisfação da destreza, embora Stashu tenha inventado a brincadeira de ir para o porão tirar a roupa e vestir coisas de menina surrupiadas dos varais. Até que um dia ele também apareceu no meio de um bando que me pegou numa tarde fria de muito pouca neve, quando eu estava sentado num engradado que tinha ficado preso na lama congelada, comendo biscoito *wafer*, com a goela cheia de farelo doce. Na frente do bando estava um garoto com jeitão de delinquente, acho que de seus treze anos, mas pequeno para a idade, durão e com cara de ofendido. Ele veio para me acusar, e o grandalhão do Moonya Staplanski, que tinha acabado de sair do reformatório St. Charles e estava prestes a ir para o de Pontiac, veio junto para dar cobertura.

“Seu judeuzinho nojento, você bateu no meu irmão”, disse Moonya.

“Eu? Eu não. Eu nunca nem vi o seu irmão na vida.”

“Você roubou uma moeda dele. Se não, como é que você comprou esse biscoito aí então, hein?”

“Eu trouxe da minha casa.”

Então, vi Stashu no meio deles, cabeça-oca e zombeteiro, feliz de doer com sua traição e com sua recém-revelada camaradagem com os outros garotos, e falei: “Ei, Stashu, seu bunda-suja de uma figa, você sabe muito bem que o Moon não tem irmão nenhum”.

Nessa hora, o garoto me deu um soco e o bando partiu para cima de mim, Stashu junto com o resto, arrancando as fivelas do meu casaco de pele de carneiro e me deixando de nariz ensanguentado.

“De quem é a culpa?”, perguntou vovó Lausch quando voltei para casa. “Você sabe de quem é? Sua, Augie, por causa da sua ideia de jericó de andar com aquele bestalhão do filho da *accoucherka*. Por acaso o Simon anda com eles? Não, o Simon não. Ele tem juízo demais pra isso.” Eu dei graças a Deus que ela não sabia dos roubos. E de certa forma, dado seu temperamento disciplinador, desconfio que ela tenha ficado contente por eu ter levado aquela lição, para aprender no que dava você entregar seu afeto fácil demais. Já mamãe, o principal exemplo dessa fraqueza, ficou horrorizada. Durante o sermão, ela não se atreveu a manifestar seus sentimentos contra a autoridade da velha, mas, quando me levou à cozinha para botar uma compressa em mim, ela ficou examinando cuidadosamente minhas feridas com seus olhos míopes, sussurrando e suspirando, enquanto Georgie coxeava atrás dela, comprido e branco, e Winnie tomava água debaixo da pia.

a Romance de Thomas Hughes publicado em 1857 que se tornou um clássico da literatura infanto-juvenil vitoriana. (N. T.)

b Charles Cornwallis (1738-1805) foi um dos principais comandantes militares britânicos a combaterem as forças revolucionárias norte-americanas durante a Guerra da Independência dos Estados Unidos. Sua derrota, em 1781, em Yorktown, Virginia, quando ele acabou por se render ao exército revolucionário junto com a maior parte das tropas

britânicas, costuma ser considerada o marco do fim da guerra, embora ainda tenham ocorrido conflitos menores ao longo dos dois anos seguintes. (N. T.)

c Jogo de cartas para duas pessoas, de origem holandesa, mas particularmente popular na Hungria e em comunidades judaicas de diversas partes do mundo. (N. T.)

2.

Depois que completamos doze anos, a velha passou a nos botar para trabalhar durante o verão para que tivéssemos um gostinho da vida e adquiríssemos os rudimentos da ciência do ganha-pão. Mesmo antes disso, ela já tinha arranjado algo para eu fazer. Pela manhã, havia uma aula para crianças débeis mentais e, depois de deixar Georgie na escola, eu me apresentava no Star Theatre de Sylvester para distribuir folhetos de propaganda. Vovó tinha arrumado o serviço através do pai de Sylvester, a quem ela conhecia do caramanchão dos velhos, no parque.

Se chegava ao nosso apartamento de fundos a notícia de que o tempo estava ótimo — quente e parado, como ela gostava —, vovó ia para o quarto botar seu espartilho, relíquia do tempo em que era mais fornida, e seu vestido preto. Mamãe preparava uma garrafa de chá para ela levar. Então, com um chapéu de flores e uma estola de pele com garras de texugo presa em torno dos ombros, lá ia ela para o parque. Com um livro que não tinha a menor intenção de ler. Havia falatório demais no caramanchão para isso. Tratava-se de um lugar onde casamentos eram feitos. Foi lá que, por volta de um ano depois da morte do velho trapeiro ateu, a sra. Anticol arranhou um segundo marido. O tal viúvo viajou da cidade de Iowa até Chicago com o único propósito de arrumar casamento e, depois que os dois se casaram, veio de lá a notícia de que ele a mantinha trancada feito prisioneira dentro de casa e a fizera assinar um documento abrindo mão de todos os direitos de herança. Vovó não fingiu se

compadecer; exclamou “Pobre Bertha”, mas disse isso com aquele humor que era sua especialidade, fino e cheio de ironia, e se vangloriou muito de não se deixar seduzir por esse tipo de segundo casamento. Faz muito tempo que deixei de acreditar que os velhos desistem de perseguir as coisas que queriam quando eram mais jovens. Mas era nisso que ela queria que acreditássemos — “uma velha *baba* feito eu” —, e nós, obedientemente, confiávamos na sua palavra de que fora a sabedoria desinteressada da velhice que a fizera pôr de lado sua vaidade. Mas, se ela de fato nunca recebeu uma proposta de casamento, eu não estou preparado para afirmar que isso não fizesse diferença para ela. Ela não podia ser tão aficionada por *Anna Karenina* à toa, ou por aquele outro favorito dela que também devo mencionar, *Manon Lescaut*, e quando estava se sentindo bem gabava-se da sua cintura e dos seus quadris. Portanto, como ela nunca abriu mão de nenhuma glória ou influência de que eu tenha notícia, só posso concluir que não era apenas por hábito que ela ia para o quarto apertar a cintura no espartilho e torcer o cabelo num coque, mas para atrair o olhar de um Vronsky ou Des Grieux^a septuagenário. Eu às vezes me induzia a ver, por trás da sua pele amarela e cheia de manchas, das suas rugas e da franja seca, uma mulher mais nova e ressentida nos olhos dela.

No entanto, fosse do que fosse que estivesse atrás para si própria no caramanchão, ela não esquecia da gente, e me arranjou o serviço de distribuidor de folhetos através do velho Sylvester, que tinha o apelido de “padeiro” porque usava calças brancas e um boné branco de golfe. Ele tinha tremores, daí a brincadeira de dizer que estava amassando pão, mas era um homem limpo, de poucas palavras, sério no foco de seus olhos injetados e resignado — com um esforço de determinação que se refletia diretamente na curva do seu bigode em forma de ferradura branca — com a brevidade dos seus dias. Imagino que a velha tenha passado nele a cantada de praxe, sobre a família que ela estava protegendo, e então Sylvester me levou para conversar com o filho dele, um homem jovem a quem a preocupação com dinheiro ou com a família parecia manter num

estado de nervosismo constante. Alguma coisa — provavelmente seu negócio obscuro e o vazio das poltronas às duas horas da tarde, o violinista tocando só para ele e para o operador na cabine de projeção — fazia com que fosse uma agonia terrível para ele me pagar meus vinte e cinco centavos. Fazia com que ele bancasse o durão. Dizia: “Eu já tive meninos aqui que enfiavam os folhetos pelo bueiro abaixo. Vai ser uma pena se algum dia eu descobrir uma coisa assim, e eu tenho maneiras de averiguar”. Então, eu sabia que ele poderia me seguir por um quarteirão ou outro da rota e ficava de olho nas ruas, vendo se vislumbrava sua cabeça de cabelos ralos e seus olhos feridos de preocupação, castanhos como os de um urso. “Eu tenho alguns truques na manga contra moleques que pensam que podem me passar a perna”, ele me advertiu. Mas, depois que se convenceu de que eu era confiável — e no início eu era, seguindo suas instruções para enrolar os folhetos e enfiá-los pelo bocal de bronze em cima das campainhas, sem entulhar as caixas de correspondência e deixá-lo em maus lençóis com o correio —, ele de vez em quando me pagava uma água tônica e um doce e dizia que ia fazer de mim um bilheteiro quando eu ficasse um pouco mais alto, ou me botar para tomar conta da máquina de pipoca que ele estava pensando em comprar; e qualquer dia desses ele ainda ia contratar um gerente e voltar ao Armour Institute para terminar o curso de engenharia. Só faltavam dois anos para ele se formar e sua mulher vivia o azucrinando para que voltasse a estudar. Ele devia achar que eu era mais velho do que era para me dizer essas coisas, suponho, como as pessoas do dispensário também costumavam achar e como acontecia com frequência. Eu não entendia boa parte do que ele me dizia.

Enfim, Sylvester estava só um pouco enganado a meu respeito, pois, quando ele disse que outros garotos que já tinham trabalhado para ele costumavam jogar os folhetos pelo bueiro abaixo, eu achei que também não podia fazer por menos e ficava sempre à espera de uma oportunidade. Ou saía distribuindo chumaços de folhetos entre as crianças retardadas da turma do George quando ia apanhá-lo ao meio-dia na escola com jeito de

presídio, cujos tijolos da fachada eram idênticos aos do depósito de gelo e da fábrica de caixões, que eram os maiores dentre os prédios vizinhos. No interior, a escola tinha aquela atmosfera lúgubre que você encontra em prisões do mundo inteiro, com tetos que era preciso forçar a vista para enxergar e assoalho de madeira com trilhas formadas pelo desgaste do arrastar de sapatos. No verão, uma parte da escola era mantida aberta para os débeis mentais e, ao entrar, você trocava a nuvem de vapor do depósito de gelo pelo burburinho de tesouras cortando papel, crianças cochichando e professoras dando ordens. Eu me sentava na escada e dividia os folhetos que tinham sobrado em dois bolos, e quando a aula acabava Georgie me ajudava a me livrar deles. Depois, eu o pegava pela mão e o levava para casa.

Embora amasse Winnie, Georgie morria de medo de cachorros estranhos e, como carregava o cheiro dela no corpo, ele acabava os atraindo. Não havia um dia em que não aparecesse algum cachorro querendo cheirar suas pernas, e eu carregava pedras para atirar neles.

Esse foi meu último verão ocioso. No ano seguinte, assim que as aulas terminaram, Simon foi mandado para um hotel de veraneio em Michigan para trabalhar como carregador de malas e eu fui para a casa dos Coblin no North Side para ajudar Coblin a fazer a entrega dos jornais. Tive de me mudar para lá, porque os jornais chegavam ao depósito às quatro da manhã e nós morávamos a mais de meia hora de distância de lá, indo de bonde. Mas não era exatamente como se eu estivesse passando a mãos estranhas, já que Anna Coblin era prima da minha mãe e eu era, portanto, tratado como parente. Hyman Coblin veio me buscar em seu Ford; George berrava quando saí de casa; ele tinha o costume de demonstrar os sentimentos que mamãe não podia expressar sob a censura da velha. Foi preciso trancá-lo na sala. Fiz com que ele se sentasse perto do fogão e fui embora. Prima Anna chorou o suficiente por todo mundo e me cobriu de beijos em frente à porta da sua casa, ao me ver tão derreado de tristeza por ter saído de casa — um tipo de emoção muito passageira para mim e

quase, por assim dizer, tomada de empréstimo de mamãe, que via os filhos sendo arrastados prematuramente para as agruras da vida. Mas Anna Coblin, que tinha conduzido as negociações por mim, foi quem mais chorou. Seus pés estavam descalços; seu cabelo, enorme; e seu vestido preto, abotoado de maneira torta. “Eu vou cuidar de você como se você fosse o meu próprio filho”, ela prometeu, “como se você fosse o meu Howard.” Em seguida, pegou a bolsa de lona da minha mão e me botou no quarto de Howard, entre a cozinha e o banheiro.

Howard tinha fugido de casa. Junto com Joe Kinsman, o filho do agente funerário, ele havia mentido sobre sua idade e se alistado no corpo de fuzileiros navais. As famílias estavam tentando tirá-los de lá, mas, nesse meio-tempo, os dois tinham sido enviados para a Nicarágua e estavam lutando contra Sandino e os rebeldes. Prima Anna sofria terrivelmente, como se o filho já estivesse morto. E, como era uma mulher grande e cheia de energia por natureza, produzia todos os tipos de excessos. Até físicos: verrugas, bolhas, pelos, galos na cabeça, calombos no pescoço; tinha um cabelo arruivado que brotava em espirais de seu couro cabeludo com um viço e uma beleza nada negligenciáveis, enovelando-se à medida que se avolumava para cima e para os lados, cortado em estilo rabo de pato atrás e embolado acima das orelhas. Originalmente forte, sua voz estava enfraquecida pela asma e pelo choro, e o branco dos seus olhos, acobreado pelas mesmas razões. Seu rosto ardente e melancólico estava de dar pena e seu espírito ainda não havia sido domado por aqueles pensamentos ou considerações distanciadas que são capazes de fazer as pessoas se conformarem com desditas até piores que a dela. Porque, disse vovó Lausch, analisando o caso dela em perspectiva com sua costumeira satisfação em se ater ao essencial, o que ela queria, uma mulher como aquela? O irmão tinha lhe arranjado um marido e comprado um negócio para ele; ela tinha dois filhos, uma casa própria e ainda alguns imóveis de lambuja. Ela podia ainda estar trabalhando naquela fábrica de chapéus da Wabash Avenue, perto do Loop, onde tinha começado a vida. Esse foi o

comentário que ouvimos depois que Anna, metida num *tailleur*, chapéu e sapatos, veio falar com a velha — como quem vai falar com uma sábia — e sentou-se diante da mesa da cozinha, olhando para si própria no espelho enquanto falava, não casualmente, mas de modo contínuo, severo, com colérico ar crítico; mesmo nos momentos mais amargos, mesmo quando sua boca estava esticada até não poder mais no esgar do choro, ela continuava se olhando. Mamãe, de lenço na cabeça, chamuscava um frango depenado no bico de gás.

“*Daragaya*, não vai acontecer nada com o seu filho; ele vai voltar”, disse a velha enquanto Anna soluçava. “Outras mães também estão com os filhos lá.”

“Eu *falei* pra ele parar de andar com o filho do agente funerário. Isso lá é amigo que preste? Foi ele que arrastou o meu Howard pra isso.”

Ela tinha metido na cabeça que os Kinsman eram agentes da morte, e eu descobri que ela fazia um desvio de quarteirões inteiros quando ia fazer compras para não passar pela funerária dos Kinsman, muito embora antes vivesse se gabando de que a sra. Kinsman, uma mulher grande, petulante e com cara de desconfiada, era sua colega de irmandade e sua amiga. Os abastados Kinsman. O tio de Coblin, que era gerente de banco, foi enterrado pela funerária dos Kinsman, e Friedl Coblin e a filha dos Kinsman tinham aulas com a mesma professora de dicção. Friedl sofria da mesma dificuldade que Moisés, cuja mão o anjo da guarda guiou para o carvão, mas conseguiu com o tempo transformar sua gagueira em fluência. Anos depois, na arquibancada de um jogo de futebol americano em que eu estava vendendo cachorro-quente, eu a ouvi falar; ela não me reconheceu no uniforme da ocasião, mas eu me lembrei de quando a ajudava a praticar a declamação de “When the frost is on the punkin”.^b Lembrei também da promessa da prima Anna de que eu me casaria com Friedl quando crescesse. Estava nas suas lágrimas de boas-vindas quando ela me abraçou na varanda da sua casa naquele dia. “Escuta, Ougie, você vai ser o meu

filho, vai ser o marido da minha filha, *mein kind!*” Nessa hora, ela mais uma vez voltou a dar Howard por morto.

Ela falava nesse projeto de casamento o tempo todo. Quando cortei a mão amolando o cortador de grama, ela disse: “Antes do dia do seu casamento isso já vai estar bom”. E em seguida: “É muito melhor se casar com alguém que você conhece desde que nasceu, juro. Não existe nada pior do que estranhos. Você está me ouvindo? Pois ouça!”. Já estava com o futuro mapeado porque a pequena Friedl era tão parecida com ela que Anna já antevia a dificuldade que a filha iria enfrentar e da qual ela própria tivera de ser salva pela rude Providência do irmão. Não tinha mãe para ajudá-la. E provavelmente imaginava que, se o irmão não tivesse lhe arrumado um marido, ela teria sido destruída pela força sufocada de seus instintos, privada de filhos. E as lágrimas que teria chorado por eles a teriam afogado com tanta certeza quanto as águas do riacho afogaram Ofélia. Quanto mais cedo uma moça se casasse, melhor. E, de qualquer maneira, no lugar de onde Anna vinha a infância não era mesmo muito encorajada. Sua mãe casara-se aos treze ou catorze anos e Friedl, portanto, tinha só mais uns quatro ou cinco anos pela frente até lá. A própria Anna havia ultrapassado essa idade limite em quinze anos no mínimo, tendo passado os últimos deles, imagino, em apavorada agonia, antes que Coblin se casasse com ela. Assim sendo, ela já estava em campanha, encarando todo jovem rapaz que aparecia como um pretendente em potencial, pois suponho que eu não fosse o único, mas apenas o que estava, por ora, mais à mão. E Friedl estava sendo preparada com aulas de música e dança, além das de dicção, e frequentando a melhor sociedade da vizinhança. Nenhuma outra razão senão essa poderia ter feito Anna entrar para uma irmandade; era uma mulher melancólica e caseira demais para esse tipo de coisa, e só um motivo muito forte a faria sair de casa para ir a eventos beneficentes e bazares.

De qualquer um que tratasse um filho seu com desconsideração, ela se tornava uma inimiga terrível e espalhava boatos comprometedores. “Quem

me contou foi a própria professora de piano. Todo sábado era a mesma história. Quando ela ia lá pra dar aula para a Minnie Carson, o homem tentava puxá-la pra trás da porta junto com ele.” Fosse verdade ou não, em pouco tempo a coisa se tornava uma convicção para ela. Pouco importava quem a confrontasse ou que a própria professora de piano viesse implorar para que ela parasse. O fato era que os Carson não tinham convidado Friedl para uma festa de aniversário e acabaram conquistando para si uma inimiga de rigor corso e obstinação absoluta.

E agora que Howard tinha fugido, todos os inimigos dela estavam de alguma forma implicados no ocorrido como agentes ou emissários do inferno, e ela ficava deitada na cama, chorando e os amaldiçoando: “Ó Deus, Senhor do Universo, permita que as mãos deles murchem, que os pés definhem e as cabeças sequem” e outras coisas grandiloquentes, linguagem cotidiana para ela. Sob a luz do verão mitigada pela persiana e pela árvore do quintal da frente, estendida de barriga para cima e coberta com compressas, toalhas, trapos, ela tinha uma considerável altitude de tronco, as solas de seus pés reluzindo por entre os lençóis como borrões de grafite, pés de desastres de guerra nas arruinadas vilas da campanha espanhola de Napoleão; moscas dispostas em escalão na longa corda do interruptor de luz. Enquanto ela arfava e se torturava com dores e medos. Tinha a vontade de um mártir de carregar uma cabeça decepada no paraíso até o dia do Juízo Final, no grupo das mães sofredoras liderado por Eva e Ana. Pois Anna era tremendamente religiosa e tinha ideias próprias a respeito do tempo e do espaço, de maneira que para ela o céu dos anjos e a eternidade não ficavam muito longe; ela segmentava, achatava e ampliava as coisas, como os níveis e pavimentos da Torre de Pisa, enquanto a Nicarágua ficava a uma distância equivalente ao dobro da circunferência do mundo, onde o garnisé Sandino — e quem *ele* era para Anna é algo que está além do poder da minha imaginação — estava assassinando seu filho.

A imundície da casa, enquanto isso, era fenomenal, principalmente na cozinha. Mesmo assim, com os olhos inchados e em brasa, movendo-se

com dificuldade, gritando coisas incompreensíveis ao telefone, o rosto como que iluminado por aquele cabelo deslumbrante que acabava lhe conferindo um ar de realeza, ela de alguma forma dava conta de seus afazeres. Servia as refeições na hora para os homens, cuidava para que Friedl praticasse e ensaiasse, para que o dinheiro arrecadado fosse conferido, contado, dividido e as moedas embrulhadas quando Coblin não estava presente para fazer isso, para que os novos pedidos fossem atendidos.

“*Der... jener... Ougie*, o telefone tocou. Escuta! Não esquece de dizer que o jornal vespertino de sábado agora é extra!”

E foi só tentar tocar o saxofone de Howard para eu descobrir com que rapidez ela era capaz de levantar da cama e atravessar a casa. Entrando no quarto feito um furacão, ela arrancou o instrumento de mim e gritou: “Mas será possível que já estão querendo tomar as coisas dele!”, de um jeito que fez minha pele crispar do alto da cabeça até o fim do pescoço. Vi então que posição hierárquica um genro — está bem, um genro em potencial — ocupava em relação ao filho dela. Ela não me perdoou naquele dia, embora soubesse que tinha me assustado. Mas imagino que eu parecesse menos magoado do que me sentia, e ela concluiu que eu não tinha nenhum senso de penitência. O que é realmente mais provável é que eu não tivesse nenhum poder de guardar rancor, ao contrário de Simon com sua honra do velho Sul e sua perigosa tranquilidade de duelista, que era a especialidade dele na época. Além do mais, como seria possível guardar rancor de uma pessoa tão formidável? E mesmo enquanto arrancava o saxofone das minhas mãos, ela ficou procurando seu reflexo no pequeno espelho que ficava em cima da longa cômoda. Desci para o porão, onde ficavam as janelas antitempestade e as ferramentas, e lá, depois de decidir que não poderia ir embora para casa só para ser mandado de volta por vovó Lausch, me interessei em descobrir por que a privada estava gotejando, tirei a tampa da caixa de descarga e fiquei matando o tempo lá embaixo, brincando de consertar, enquanto o chão da cozinha arqueava e rangia.

Quem fazia o chão ranger era Cinco Propriedades, o gigantesco irmão de Anna, zanzando pela casa, um sujeito de braços compridos e acorcundado, a cabeça brotando da grossa faixa de músculos de forma tão independente quanto um tronco em suas costas, o cabelo tenro e castanho esverdeado, os olhos completamente verdes, claros, observadores, primitivos e sarcásticos, um sorriso esquimó de simplicidade primitiva abrindo-se em dentes esquimós enterrados em espessas gengivas, brincalhão, alegre e dissimulado; um competidor de peso na caça à riqueza. Ele dirigia um caminhão de leite, uma daquelas caminhonetes elétricas em que o motorista ficava em pé feito um timoneiro, as garrafas e os engradados de arame e madeira chacoalhando loucamente atrás. Ele me levou para acompanhá-lo na rota algumas vezes e me pagava cinquenta centavos por ajudá-lo a carregar as garrafas vazias. Quando eu tentava levantar um engradado cheio, ele me apalpava, costelas, coxas e braços — isso era uma coisa que ele adorava fazer — e dizia: “Ainda não. Você tem que esperar mais um pouco ainda”, carregando o engradado ele próprio e largando-o com estrépito no chão, ao lado da geladeira. Ele era a vida das pequenas e pacatas mercearias polonesas com fedor de toucinho que eram suas paradas, distribuindo socos ou se atracando de brincadeira com os donos, cabeça com cabeça, ou xingando os italianos em italiano — “*Fungoo!*” — e dando uma banana para eles. Ele se esbaldava um bocado com suas próprias brincadeiras. E era muito astuto, segundo sua irmã. Não fazia tanto tempo assim, ele tivera uma pequena participação na ruína de impérios, levando carroças cheias de cadáveres russos e alemães para ser enterrados em fazendas polonesas; e agora tinha dinheiro no banco, tinha ações no mercado de laticínios e tinha pegado no teatro iídiche a bravata do pretendente que todo mundo odiava: “Cinco propiedades. Muita dinheira”.

Numa manhã de domingo, quando os vendedores de balão vagavam pela doce calma da rua coberta de folhas sob um céu azul, ele chegou para o café da manhã vestido num terno branco, palitando os dentes

cuidadosamente, o cabelo de guerreiro cita ajeitado debaixo de um chapéu de palha. Não tinha, porém, se livrado do cheiro de leite que o acompanhava nos dias úteis. Mas estava extraordinariamente bem disposto naquela manhã, com a pele queimada do vento e o rosto corado, dentes, gengivas e bochechas envolvidos num sorriso escancarado. Beliscou a irmã, que estava com os olhos vermelhos e a cara amarrada de choro.

“Annitchka.”

“Vai, o café está pronto.”

“Cinco propiedades, muita dinheirra.”

Um esboço de sorriso se infiltrou no rosto dela, ao qual ela resistiu taciturnamente. Mas amava o irmão.

“Annitchka.”

“Vai! O meu filho está desaparecido. O mundo está um caos.”

“Cinco propiedades.”

“Deixa de ser bobo. Um dia você vai ter um filho e aí vai saber o que é *wehtig*.”

Cinco Propriedades não ligava a mínima para os ausentes e os mortos, e dizia isso abertamente. Danem-se todos. Tinha usado botas e boinas de cadáveres que sacolejavam na sua carroça ao sabor de tiros e explosões. O que ele tinha a dizer era normalmente algo no molde espartano ou proconsular, curto e grosso. “Não se pode ir à guerra e não sentir cheiro de pólvora.” “Se a minha vó não tivesse morrido, estaria viva até hoje.” “Quem dorme com cachorro acorda com pulga.” “Não se deve cagar onde se come.” Em tudo havia sempre uma moral simples, que poderia ser resumida como “Você é o único culpado pela vida que leva” ou, à moda francesa — pois eu passei minha temporada na capital do mundo —, “*Tu l’as voulu, Georges Dandin.*”

Então você imagina que opiniões Cinco Propriedades não deveria ter a respeito do alistamento do sobrinho. Mas ele poupava a irmã, em parte.

“O que é que você quer? Ele te escreveu na semana passada.”

“Semana passada!”, disse Anna. “E de lá pra cá?”

“De lá pra cá ele arranjou uma indiazinha pra lhe fazer cócegas e lhe dar uns apertos.”

“Não, o *meu* filho não”, disse ela, virando os olhos em direção ao espelho da cozinha.

Mas parece que os meninos de fato tinham encontrado alguém com quem dividir os lençóis. Joe Kinsman havia mandado para o pai uma foto de duas garotas nativas de mãos dadas, cabelo liso e saia curta, sem comentários. Kinsman tinha mostrado a foto para Coblin. Os dois pais não haviam ficado exatamente contrariados; ou, pelo menos, tinham achado por bem não mostrar seu descontentamento um para o outro. Pelo contrário. Mas prima Anna não ouviu uma palavra sobre a foto.

Coblin também tinha seus receios de pai, mas não a revolta de Anna contra Kinsman, e mantinha os contatos necessários com ele no escritório, já que obviamente o agente funerário não podia pôr os pés na casa. De qualquer forma, as principais atividades de Coblin já eram mesmo externas de modo geral, e ele levava uma vida de movimento, regular e cadenciada. Comparado a Anna e ao irmão dela, Coblin parecia pequeno, mas na verdade era um homem até grande, robusto, dono de uma careca limpa, lisa, e de feições também grandes, redondas e achatadas, com olhos inchados que piscavam com uma insistência que quase chegava a ser caricatural. Se você desse a esse cacoete dele a interpretação padrão de humildade... bem, existem tipos e hábitos que se desenvolvem para lograr a experiência humana. Coblin não era submisso a Anna nem a Cinco Propriedades nem a qualquer outro membro da família. Tinha um quê de *bon vivant*; agia segundo suas próprias motivações e havia conquistado seu direito preferencial de passagem com a determinação de um homem que é capaz de se tornar perigoso se tiver de partir para a briga. E Anna cedeu. Assim, as camisas dele eram sempre guardadas na gaveta com tiras de barbatana de baleia no colarinho e o segundo café da manhã que ele tomava quando voltava das entregas da manhã tinha de incluir *cornflakes* e ovos cozidos.

As refeições eram absolutamente espantosas em termos de tipo de comida e imensas em termos de quantidade — Anna acreditava fervorosamente na importância da comida. Tigelas de macarrão sem sal nem pimenta nem manteiga nem molho, ensopados de miolos e de pulmão, geleia de mocotó com pitadas de pelo de novilho e ovo fatiado, peixe em salmoura frio, tripas recheadas, sopa de milho em lata e garrafas grandes de refrigerante de laranja. Tudo isso era bem aceito por Cinco Propriedades, que passava a manteiga no pão com os dedos. Coblin, que comia com melhores modos, também não reclamava e parecia considerar tudo muito natural. Mas eu sei que, quando ia ao centro da cidade para as reuniões dos distribuidores de jornal, ele se alimentava de forma diferente.

Para começar, Coblin trocava o velho terno xadrez com que fazia sua rota com uma bolsa cheia de jornais pendurada no ombro, como *O semeador* de Millet, por um terno xadrez novo. Com seu chapéu de detetive particular, com a aba levantada atrás e abaixada na frente, e seus sapatos de bico largo, carregando balancetes e um exemplar do *Tribune*, para ler os quadrinhos dos *Gumps*, a sessão de esportes e as cotações da Bolsa — ele andava especulando — e também as notícias da guerra de gangues — mantendo-se em dia com o que andava acontecendo com Colosimo e Al Capone em Cícero e os O'Bannion do North Side, tendo sido por volta dessa época que O'Bannion foi fuzilado no meio de suas flores por alguém que mantinha a mão que ele usava para atirar presa num amistoso aperto de mão — com tudo isso, Coblin pegava o trem na estação Ashland. Para almoçar, ia a um bom restaurante ou ao Reicke's, para comer feijão à moda de Boston e pão preto. Em seguida ia à reunião, ouvir o gerente de circulação falar. Depois que a reunião terminava, era uma fatia de torta com sorvete e uma xícara de café na ponta sul do Loop, seguidas de um show de teatro rebolado no Haymarket ou no Rialto ou num daqueles outros lugares mais baratos em que os rebolados eram feitos por moças negras ou do interior, estabelecimentos mais diretos e menos brincalhões.

Mais uma vez, era impossível saber que ideia Anna fazia desse programa do marido no centro da cidade. Ela atravessava, pode-se dizer, uma fase desértico-pastoril de desenvolvimento e não estava preparada para o extravagante estágio que o festim de Baltazar atingira nos tempos bárbaros que vieram depois. Aliás, Coblin na verdade também não estava. Ele era um homem responsável, cujos pensamentos fluíam numa corrente relativamente baixa; era muito cuidadoso com seu negócio e nunca prolongava o programa no centro da cidade até uma hora que pudesse fazer com que tivesse dificuldade de acordar no seu horário de sempre — quatro da manhã — no dia seguinte. Jogava no mercado de ações, mas isso eram negócios. Jogava pôquer, mas nunca apostava mais do que o dinheiro que carregava em seus bolsos sempre cheios de moeda. Não tinha os tortuosos vícios subterrâneos daquelas pessoas que enganam todo mundo com uma aparente mansidão e que depois se descobre que vinham cavando túneis e tocas o tempo todo — como juízes céticos têm orgulho de proclamar quando veem cabeças bem-conceituadas saindo de dentro da terra em becos escuros. De maneira geral ele me tratava bem, embora tivesse seus momentos de mau humor, quando ficava me azucrinando para que eu encartasse o suplemento de domingo mais rápido. Isso geralmente era obra de Anna, que às vezes conseguia exercer uma influência maior sobre ele e o fazia entrar em pé de guerra com ela em meio à fumaça de suas trincheiras. Mas, sozinho, ele tinha um espírito completamente diferente de felicidade íntima, como exemplificado pela vez em que o flagrei deitado na banheira em estado viril, ereto, borrifando-se com a esponja no apertado e vaporoso espaço de manobra do pequeno banheiro sem janela. Poderia ter sido mais perturbador pensar que o pai de um fuzileiro naval e de uma jovem menina, e marido da prima Anna, pudesse ser encontrado numa situação tão pouco digna — muito mais perturbador, vejo agora, do que de fato foi. Mas minhas ruminções sobre o assunto nunca foram muito severas; eu não conseguia ver um libertino onde

sempre tinha visto meu primo Hyman, um homem essencialmente bom e prestativo, generoso comigo.

Na verdade, todos eles eram generosos. Prima Anna era uma mulher econômica, chorava miséria e não gastava muito consigo mesma, mas me comprou um par de tênis de cano alto e ainda um canivete de quebra. E Cinco Propriedades adorava trazer guloseimas, engradados de leite achocolatado, enormes caixas de bombom enfeitadas com babados, tijolos de sorvete e bolos de camadas. Tanto ele quanto Coblin eram maníacos por fartura. Fossem camisas de seda listradas, braçadeiras ou meias com bordados, balas no cinema ou pacotes de pipoca caramelada no parque quando levavam Friedl e eu para passear de barco a remo, eles raramente compravam menos que uma dúzia. Cinco Propriedades com notas, primo Hyman com suas pilhas de moedas, um tão mão-aberta quanto o outro. Havia sempre muito dinheiro à vista, em canecas, copos, jarras e espalhado na mesa de Coblin. Eles pareciam ter certeza de que eu não pegaria nada e, provavelmente porque tudo era tão abundante, nunca peguei de fato. Eu era facilmente seduzido por votos de confiança desse tipo, desde que meu mérito por entender qual era o arranjo fosse reconhecido, como quando vovó Lausch me enviava em alguma missão. Mas eu também podia me dedicar de coração a uma falcatrua, com a mesma facilidade. Então não pense que estou tentando dar a entender que, se tratado da maneira correta, eu poderia ter me transformado num Catão, ou num jovem Lincoln, que andou mais de seis quilômetros no meio de uma ventania gelada para devolver três centavos a um freguês. Não quero arrogar ser feito da mesma lendária matéria presidencial. Só o que estou querendo dizer é que aqueles seis quilômetros não teriam sido um impedimento se os sentimentos certos fossem despertados. Dependia de para que lado eu fosse atraído.

Minha casa oferecia um contraste arrumado e lustroso quando eu tinha meio dia de folga. Na casa de Anna, os assoalhos eram lavados nas tardes de sexta-feira, quando ela saía da cama e patinhava descalça atrás dos

golpes da vassoura, indo para a frente, e depois cobria o chão de papéis limpos, que se encharcavam, secavam e só eram retirados quando a semana acabava. Em casa, eu sentia o cheiro da cera da limpeza diária e tudo era mantido em ordem segundo um plano cuidadoso — o verniz brilhando, os paninhos de mesa estendidos, os enfeites baratos de vidro lapidado, a planta e o relógio em seus lugares — tão regular quanto uma sala de convento ou qualquer local em que a preparação para o amor de Deus é feita com base na arrumação doméstica e no esforço de manter as coisas bem separadas do mar de confusão brutal e ruidoso que se encapela atrás de cada muro indefeso. A cama em que Simon e eu dormíamos avolumava-se vestida em traje completo, com bordados no travesseiro; livros (a biblioteca dos heróis de Simon) empilhados; flâmulas de universidades pregadas em linha; as mulheres tricotando em frente à janela da cozinha, no ar claro do verão que o muro acastanhava; Georgie entre os girassóis e os mastros verdes do varal do quintal, cambaleando atrás da vagarosa Willie, que ia cheirar os lugares em que pardais tinham pousado.

Acho que me incomodava ver como, mesmo comigo e Simon tão ausentes, a casa continuava a funcionar tranquilamente. Mamãe deve ter percebido como eu me sentia e me paparicava tanto quanto era admissível; fazia um bolo e me tratava quase como visita, estendendo uma toalha na mesa e servindo a geleia nos devidos potes de louça. Era o reconhecimento pelo fato de eu estar ganhando um salário, e me dava orgulho enfiar a mão no bolso e puxar de lá o bolinho de notas de dinheiro dobradas. No entanto, quando alguma piada da velha me fazia rir mais do que o normal, saía um barulho de dentro de mim que era o eco da coqueluche — ou seja, eu ainda não estava tão longe assim da infância e, embora já estivesse ficando comprido e magricela e minha cabeça já tivesse crescido tudo o que tinha de crescer, eu ainda usava calças curtas e camisas de gola colegial.

“Bom, eles devem estar te ensinando coisas admiráveis lá”, disse vovó. “É a sua chance de aprender a ser culto e refinado.” Era a maneira que ela

tinha de se gabar por já ter me educado e de dizer que nós não tínhamos nada a temer das influências vulgares. Mas não custava nada ridicularizar um pouquinho essas influências, só por precaução.

“A Anna ainda continua chorando?”

“Ainda.”

“O dia inteiro. E o que é que ele faz? Ele olha pra ela e pisca os olhos. E a menina gagueja. Deve ser animado aquilo lá. E o Cinco Propriedades, aquele Apolo, ainda continua procurando uma moça americana pra casar?”

Esse era seu jeito ágil e sorrateiro de furar o barco. Com o pequeno osso amarelo de sua mão, a mão que de fato fora pedida em casamento em Odessa por um homem realmente importante, ela abria o rombo, a água irrompia e os ineptos submergiam — com dinheiro, força, gordura, sedas, caixas de bombom e tudo mais — enquanto os astutos e notáveis contemplavam as marolas, sorrindo. Você tinha de saber, para entender a coisa como eu entendia, que em 1922, na celebração do Dia do Armistício, quando vovó torceu o tornozelo descendo a escada às onze horas enquanto as fábricas iniciavam sua solene barulheira comemorativa e ela deveria estar imóvel, Cinco Propriedades a pegou no colo enquanto ela bufava e se contraía de dor e carregou-a às pressas para a cozinha. Mas a memória dela se especializava em delitos e ofensas, que eram tão inerradicáveis de seu cérebro quanto a ruga aristocrática entre seus olhos, e sua insatisfação era um elemento e uma parte da natureza.

Cinco Propriedades estava querendo se casar. Ele levou a questão a todos e, naturalmente, foi até lá em casa discutir o assunto com vovó Lausch. Ela mascarou o que lhe ia no íntimo, como sempre, e se mostrou atenciosa e educada, enquanto secretamente observava e coletava o que queria para os seus arquivos. Mas também viu ali uma chance de ganhar uns bons trocados, na forma de honorários de casamenteira. A velha estava sempre alerta para oportunidades de negócios. Uma vez, arquitetou um plano para trazer clandestinamente alguns imigrantes do Canadá. E eu sei,

por um acaso, que ela fez um acordo com Kreindl envolvendo uma sobrinha da mulher dele, segundo o qual Kreindl agiria como intermediário enquanto a velha, de sua parte, encorajava Cinco Propriedades. Acontece que o esquema naufragou, embora Cinco Propriedades tenha embarcado nele com entusiasmo a princípio, chegando escovado e lustroso, o rosto reluzindo de tão bem barbeado até a beira oblíqua de seus olhos de esquimó, para se apresentar no apartamento de subsolo de Kreindl, onde o encontro se daria. Mas a garota era magra e pálida e não o agradou. Ele tinha em mente uma moça bonita, festeira, cheia de saúde, de cabelos pretos e lábios carnudos. Sua recusa, no entanto, foi feita de uma forma digna de um cavalheiro; ele levou a garota magricela para passear uma ou duas vezes, deu-lhe uma boneca rechonchuda e uma caixa de bombom e encerrou o assunto. Na ocasião, a velha disse que tinha desistido de Cinco Propriedades. Mas eu tenho a impressão de que o acordo dela com Kreindl ainda resistiu mais um pouco, e sei que Kreindl não desistiu. Ele ainda ia à casa dos Coblin aos domingos, e em missão dupla, já que estava vendendo cartões do Ano-Novo hebraico que tinha pegado em consignação de uma gráfica. Esse era um dos seus ramos regulares de atividade, como comprar lotes de mercadorias sortidas e itens de leilão para revender e levar pessoas da vizinhança às lojas de móveis da Halsted Street quando tomava conhecimento de que elas estavam precisando de mobília.

Ele trabalhava em Cinco Propriedades com habilidade, e volta e meia eu via os dois confabulando na varanda, Kreindl com suas pernas roliças e sua história de recruta impressa nas costas ávidas e humilhadas, seu rosto de carnívoro inflado até a testa com as qualidades da moça a ser destacadas naquele dia: de boa família, nutrida pelas mãos da mãe com os alimentos mais puros e sadios, educada sem rudezas nem conflitos, ganhou seios na época certa, nunca manifestou maus pensamentos, sempre foi um encanto de menina — e eu posso imaginar os pensamentos que passavam pela cabeça de Cinco Propriedades enquanto ele ouvia, cruzava os braços,

arreganhava os dentes e fazia uma cara zombeteira. Será que ela era mesmo tão doce, formidável e pura? E se ela degenerasse depois do casamento, descambasse para a grosseria e a vulgaridade, ficasse deitada no conforto da cama comendo biscoito, corrompida e preguiçosa, enviando mensagens pela persiana para rapazinhos bonitos? Ou se o pai dela fosse um aproveitador; os irmãos, vagabundos e viciados em jogo; a mãe, vadia ou perdulária? Cinco Propriedades queria ser extremamente cuidadoso, e não lhe faltavam avisos e advertências da irmã, que, por ser dez anos mais velha, podia preveni-lo dos perigos da América e principalmente das mulheres americanas para rapazes verdes do velho mundo. Ela era cômica quando fazia isso, mas rispidamente cômica, pois a tarefa lhe roubava parte do tempo que tinha para chorar sua dor.

“Vai ser diferente do que é comigo, uma pessoa que entende a vida. Se ela quiser um casaco de pele, como as amigas grã-finas dela, você vai ter que comprar, e ela não vai se importar nem um pouco se pra isso você tiver que dar até a sua última gota de sangue, uma dessas teteias de hoje.”

“Eu não”, disse Cinco Propriedades, mais ou menos no mesmo tom em que Anna tinha dito “O meu filho não”. Ele estava fumando um charuto e fazendo bolinhas de miolo de pão com seus dedos largos, seus olhos verdes alertas e frios.

Ocupado com suas contas, de cueca e camiseta — era uma tarde quente —, Coblin sorriu para mim com uma piscadela extra, vendo que eu interrompera a leitura do meu livro para ouvir a conversa. Ele nunca ficou invocado comigo por eu ter invadido sua privacidade no banheiro, pelo contrário.

Quanto ao livro, era o exemplar de Simon da *Ilíada*, e eu estava lendo a parte em que a bela Briseida é arrastada de uma tenda para outra e Aquiles guarda sua lança e pendura sua cota de malha.

Madrugadores, os Coblin iam para a cama logo depois do jantar, feito uma família de lavradores. Cinco Propriedades era o primeiro a levantar, às três e meia, e acordava Coblin. Coblin me levava para tomar café da

manhã junto com ele num bar na Belmont Avenue que era ponto de encontro do pessoal da madrugada, caminhoneiros, condutores, funcionários do correio e faxineiras dos escritórios do Loop. Café e sonho com recheio de geleia para ele, leite e panqueca para mim. Ele era sempre tremendamente sociável ali, com os outros fregueses regulares, com o grego, Christopher, e com as garçonetes. Não chegava a fazer pilhérias como os outros, mas ria de tudo. Isso naquela hora de condenado, entre quatro e cinco da manhã, quando mesmo os que nada têm a temer estão graves e taciturnos e relutam em acordar. Para Coblin não era assim; no verão, pelo menos, ele adorava sair de casa e sentar no bar com uma caneca de café na sua frente e a primeira edição do jornal debaixo do braço.

Depois, voltávamos ao depósito para receber os caminhões de jornal, que entravam ribombando pela viela, arrancando folhas de árvores, com moleques empoleirados na tampa da caçamba (subir em caminhões de jornal era um estágio tão certo no avanço deles a delinquentes quanto passar uma temporada no xadrez ou passear de carro roubado), chutando pilhas de *Tribunes* ou *Examiners* para fora. Em seguida chegava a tropa dos garotos entregadores, montados em seus patinetes ou bicicletas, e por volta das oito horas a rota já estava concluída, Coblin e seus ajudantes mais antigos se encarregando das casas que tinham quintais dos fundos íngremes, em que você precisava ter a manha para arremessar o jornal até o terceiro andar, por cima das vigas e dos varais de roupa. Enquanto isso, prima Anna acordava e voltava para as suas especialidades — como se a carga delas na casa tivesse gastado durante a noite —, lágrimas, discursos, lamentações e apoquentar os espelhos com seus olhares. Mas também botava o segundo café da manhã na mesa, e Coblin comia antes de sair para fazer as cobranças, quando batia de leve nas portas de tela das casas com um educado chapéu-panamá, piscando os olhos em velocidade de metralhadora. Ele ficava com as calças cheias de teias de aranha por ser o primeiro a atravessar os pátios e estava pronto para contribuir em qualquer

conversa com notícias fresquinhas das noites sangrentas dos barões da cerveja e com as últimas cotações do mercado livre de títulos — todo mundo andava jogando na Bolsa, por influência de Samuel Insull.

E eu ficava em casa com Anna e a menina. Normalmente, Anna ia para o norte do Wisconsin em agosto para fugir do pólen, mas naquele ano, por causa da fuga de Howard, Friedl tinha ficado sem suas férias. Anna volta e meia encerrava seus discursos com a queixa de que Friedl era a única criança das famílias de melhor classe a não ter férias. Como forma de compensação, enchia-a de comida mais do que nunca, e a menina tinha a cor da superalimentação no rosto, um rosto febril, irritadiço, selvagem. Não havia quem a convencesse a fechar a porta quando ia ao banheiro, coisa que até Georgie tinha aprendido a fazer.

Eu não havia esquecido que Friedl fora prometida a mim quando me mantive fora do seu campo de visão no jogo de futebol naquele dia — enquanto os jogadores se empurravam e se acotovelavam nas linhas brancas do campo congelado. Ela já era uma moça então e, tenho certeza, havia corrigido todos esses hábitos. Tinha ficado grande como a mãe e com a pele rosada do tio; usava um casaco de pele de guaxinim, ria avidamente e agitava uma bandeirinha do Michigan. Estava estudando para ser dietista na Ann Arbor. Isso foi mais ou menos uns dez anos depois da época em que Coblin me dava dinheiro aos sábados para levá-la ao cinema.

Anna não se opunha a que nós fôssemos, mas ela própria não tocava em dinheiro em dias santos. Observava-os todos, incluindo as luas novas, a partir de um pequeno calendário judaico, cobrindo a cabeça, acendendo velas e sussurrando orações, com os olhos dilatados e determinados, perseguindo terrores religiosos com o medo e a coragem de um Jonas levado a entrar na assustadora Nínive. Achava que era seu dever me dar alguma instrução religiosa enquanto eu estava na sua casa, e devo dizer que recebi dela estranhos relatos da criação e da queda, da construção de Babel, do dilúvio, da visita dos anjos a Lot, da punição da mulher de Lot e da obscenidade das filhas dele, numa torrente de hebraico, ídiche e inglês

movida a fervor e raiva, com florzinhas e fogos sangrentos fornecidos pela sua própria memória e imaginação. Ela não entrava em muitos detalhes em histórias como aquela em que Isaac brinca com Rebeca nos jardins de Abimelec ou aquela em que Diná é violentada por Siquém.

“Ele torturou Diná”, ela dizia.

“Torturou como?”

“*Torturando!*”

Não achava que fosse necessário dizer mais nada e estava certa. Tenho de admitir que ela conhecia seu ouvinte. Não estava ali para brincadeiras. Estava me guiando do fundo do seu peito para as grandes coisas eternas.

a Vronsky e Des Grieux são os protagonistas masculinos respectivamente de *Anna Karenina*, de Leon Tolstói, e de *Manon Lescaut*, do abade Prévost. (N. T.)

b Poema de James Whitcomb Riley (1849-1916). (N. T.)

3.

Mesmo naquela época, eu não conseguia me imaginar entrando para a família Coblin pelo casamento. E quando Anna arrancou de mim o saxofone de Howard, o que eu pensei foi: “Vai, pega. Pra que é que eu quero isso? Vou fazer coisa melhor da vida”. Minha cabeça já andava ruminando a ideia de perseguir um destino que me parecesse bom o bastante.

Enquanto a velha, seguindo suas próprias ideias do que esse destino seria, continuava a arranjar empregos diversos para mim.

Ao dizer “empregos diversos”, estou revelando a pedra de Roseta, por assim dizer, da minha vida inteira.

No entanto, esses primeiros trabalhos que vovó escolheu para nós não eram, em geral, do tipo calejante. Se eram pesados, eram também temporários e, supostamente, trampolins para algo melhor. Ela não queria que fôssemos trabalhadores comuns. Não, íamos usar terno e gravata, não macacão, e ela ia nos botar no caminho para nos transformarmos em cavalheiros apesar de termos nascido numa situação em que isso estivesse longe de ser nosso caminho natural, ao contrário dos filhos dela, com as governantas alemãs, os professores particulares e a formação escolar europeia que tinham tido. Não era culpa dela que eles não tivessem feito nada melhor da vida do que virar homens de negócios de cidades pequenas, pois tinham sido criados para causar um impacto maior no mundo. Não que ela se queixasse deles, de maneira nenhuma. E eles a

tratavam com o devido respeito, dois homens de costas largas e tamanho considerável que chegavam de sobretudo cintado e polainas, Stiva a bordo de um Studebaker e Alexander, de um Stanley Steamer. Ambos meio caladões e entediados. Indagados a respeito de alguma coisa em russo, eles respondiam em inglês, e ao que parecia não eram assim tão tremendamente gratos por tudo o que ela havia feito. Talvez ela se empenhasse tanto na minha educação e na de Simon para mostrar a eles do que era capaz, mesmo tendo de superar desvantagens como as nossas; e talvez nos fizesse aqueles sermões todos a respeito do amor por causa dos filhos. Muito embora tivesse um jeito muito rápido e todo especial de lhes segurar a cabeça quando eles se abaixavam para lhe dar o beijo do dever.

Enfim, ela nos mantinha sob rigoroso controle. Tínhamos de escovar os dentes com sal e lavar o cabelo com sabonete de óleo de oliva, trazer nossos boletins para casa e dormir de pijama — dormir de cueca e camiseta era proibido.

Com que finalidade Danton perdeu a cabeça ou por que existiu um Napoleão, se não foi para fazer de todos nós nobres? E essa elegibilidade universal à nobreza, ensinada em toda parte, era o que dava a Simon ares de honra, postura de índio iroquês e porte de águia, a pisada macia que não quebrava nem graveto, a graça de um Chevalier Bayard, a mão de Cincinato no arado, a disposição do menino que vendia fósforo na Nassau Street e se tornou um rei da indústria.^a Sem um dom especial de visão, talvez você não visse nada disso na maioria de nós, enfileirados no pátio da escola numa manhã vermelha de outono, de pé sobre o cascalho com nossos casacos pretos de pele de carneiro, meias pretas torcidas, luvas compridas e sapatos descascados, enquanto a banda tocava tambores e cornetas e as vítreas lufadas de vento arrastavam capim, folhas e fumaça de um lado para o outro, retesavam a bandeira e faziam a fivela da corda se chocar contra o mastro de ferro. Mas Simon devia se destacar, sem dúvida, na frente da patrulha policial escolar, com um boldrié de linho engomado passado a ferro na noite anterior e uma boina de sarja. Tinha um rosto

elegante, audaz, claro; até a pequena cicatriz na sua sobrancelha era elegante e arrojada. As janelas da escola estavam enfeitadas com recortes de motivos do dia de Ação de Graças, peregrinos e perus pretos e laranja, cordões de *cranberries*. O vidro polido mostrava a friagem azul e vermelha do céu, as lâmpadas e os quadros-negros do lado de dentro. Um prédio vermelho e sombrio; uma abadia, um moinho às margens do rio Fall ou do Susquehanna, uma prisão rural — a escola parecia um pouco com tudo isso.

Simon tinha um histórico excepcional lá. Presidente da Loyal League^b da escola, ele usava o escudo da liga no suéter e era orador da turma. Eu não tinha a capacidade de me concentrar num único objetivo, como ele. Na verdade, eu era bem mais disperso; qualquer um que me oferecesse alguma oportunidade de diversão conseguia me convencer a gazetear e ir para os becos à procura de sucata ou vasculhar a casa de barcos e trepar nas vigas de ferro embaixo da ponte da lagoa. Minhas notas refletiam isso, e a velha invariavelmente me passava um cartão quando eu trazia o boletim para casa, me chamando de cabeça de vento e, no francês dela, de “*meshant*”, e ameaçando me botar para trabalhar aos catorze anos. “Eu vou pedir um certificado da Secretaria pra você e aí você pode fazer que nem os polacos e ir trabalhar em algum matadouro”, dizia.

Outras vezes, ela adotava um tom diferente. “Não é que você seja burro. Você é tão inteligente quanto qualquer outra pessoa. Se o filho do Kreindl pode ser dentista, você pode ser governador do Illinois. O seu problema é que você se deixa levar fácil demais por qualquer prazer à toa. É só alguém prometer uma brincadeira, uma risada, um doce ou uma lambida num sorvete que você larga tudo e vai atrás. Resumindo, você é um tolo”, dizia, pegando seu xale de lã em tricô teia de aranha com as duas mãos e puxando-o para baixo como um homem faz com as lapelas. “Você não sabe o que te espera se pensa que vai conseguir sobreviver só rindo e comendo torta de pêssego.” Coblin tinha me ensinado a gostar de torta, doce que a velha desprezava e desdenhava. “É como comer papel e cola”, dizia com

raiva e com seu ciúme de influências externas digno de Jeová. “O que mais que ele te ensinou?”, perguntava em tom de ameaça.

“Nada.”

“Nada mesmo!” E me fazia ficar ali em pé e me sujeitar a um silêncio punitivo, na verdade uma crítica a mim e à minha estupidez, comprido e pernudo nas minhas calças curtas, cabeçudo, com minha massa de cabelos pretos e meu queixo fendido — um alvo de piadas. E também uma pele saudável que obviamente estava sendo desperdiçada em mim, pois a velha dizia: “Olha, olha pra esse rosto! Olha pra isso”, arreganhando os lábios e segurando a piteira entre as gengivas, enquanto um fio de fumaça subia de seu cigarro.

Uma vez, ela me pegou na rua, que estava sendo pavimentada, mascando piche de um dos tambores de piche fervente junto com meu amigo Jimmy Klein, cuja família ela ainda por cima não aprovava, e eu fiquei na lista negra por mais tempo do que nunca. Esses períodos vinham ficando cada vez maiores, meus delitos cada vez piores. Se no início eu recebia minhas punições com a consciência pesada, consultava mamãe sobre o que fazer para ser perdoado, pedia que ela intercedesse junto à velha por mim e derramava lágrimas quando finalmente obtinha o perdão, com o tempo comecei a me sentir mais resistente, por meio de comparações mundanas que me faziam ver meus crimes de forma mais tolerante. Isso não quer dizer que eu tenha parado de associar a velha aos melhores e superiores — confiando no retrato que ela fazia de si mesma —, às cortes da Europa, ao Congresso de Viena, ao esplendor da família e a todos os tipos de coisas profundas e cultas, tal como demonstrado em sua conduta e alardeado em seu discurso — ela evocava conotações de extrema importância, o marrom imperial de *Kaisers* e de rotogravuras de capitais, a melancolia do pensamento profundo. E eu não era imune às repreensões dela. Não queria sair da escola aos catorze anos com um certificado debaixo do braço para ir trabalhar numa fábrica de carne. Então de vez em quando, durante algum tempo, eu me emendava; fazia os

deveres de casa e quase caía da cadeira, abanando o braço levantado, na minha ânsia de responder às perguntas. E aí vovó jurava que eu não só ia para a escola secundária como até, se ela estivesse viva e tivesse forças até lá, para a universidade. “Basta você *querer!* Céus e terra se moverão.” E ela falava de sua prima Dasha, que tinha passado noites rolando no chão para ficar acordada e estudar para o exame da escola de medicina.

No mesmo ano em que Simon se formou e fez o discurso da cerimônia de graduação, a escola achou que eu merecia pular uma série, e o diretor nos mencionou no discurso dele, os dois irmãos March. A família inteira estava presente — mamãe com George no fundo do auditório, onde se sentou por precaução, caso ele resolvesse aprontar alguma arte. Ela não ia deixá-lo em casa num dia como aquele, e eles estavam na última fileira, na parte em que a plateia e o fundo da galeria ficam mais próximos. Eu estava sentado lá na frente, no ar sombreado de penas, junto com a velha, que usava um vestido de seda escura e correntes de ouro de várias voltas com um medalhão em forma de coração que um de seus filhos tinha mordido quando estava ganhando dentes; ela estava de nariz empinado de orgulho e se distinguia, numa espécie de fúria de empenho silencioso, dos outros parentes imigrantes, seu arranjo de penas duplo pendendo, atarefado, em duas direções. Era isto que ela vinha tentando nos fazer entender: que, se fizéssemos o que ela nos dizia, com certeza obteríamos inúmeros resultados como aquela homenagem pública.

“Agora eu quero te ver lá em cima no ano que vem”, ela me disse.

Mas ela não veria. Já era tarde demais, apesar de eu ter me aplicado o suficiente para pular uma série; meu histórico passado pesava contra mim e, de qualquer forma, não consegui fazer daquele sucesso uma inspiração permanente. Eu não dava para a coisa.

E além do mais nem o próprio Simon conseguiu manter aquele padrão. Embora continuasse sendo mais dedicado à escola do que eu, ele passou por uma mudança no verão em que foi trabalhar de garçom em Benton

Harbor e voltou de lá com alguns objetivos diferentes do que tinha antes e com novas ideias de conduta.

Um sinal dessa mudança, e de grande importância para mim, foi que ele voltou para casa no outono mais musculoso e bronzeado, mas com um dos dentes da frente quebrado, pontudo e um pouco descolorido no meio dos outros brancos e inteiros, e com o rosto, o riso e a expressão alterados por isso. E ele se recusava a contar como tinha acontecido. Foi numa briga que alguém rachou seu dente?

“Foi beijando uma estátua”, ele me respondia. “Não, foi mordendo uma moeda num jogo de dados.”

Seis meses antes, uma resposta como essa teria sido impensável. Além disso, as contas que ele prestou do dinheiro que tinha ganhado não satisfizeram vovó.

“Não vai me dizer que só o que você ganhou com gorjetas foram trinta dólares! Eu sei que o Reimann’s é um hotel de veraneio de primeira classe. Tem gente que vem de Cleveland e de St. Louis só para se hospedar lá. Eu já esperava que você gastasse alguma coisa consigo mesmo passando o verão inteiro fora de casa, mas...”

“Sim, claro, e eu gastei mesmo. Gastei uns quinze dólares.”

“Você sempre foi honesto, Simon. O Augie trouxe pra nós cada centavo que ele ganhou.”

“Foi honesto? Eu sou honesto!”, disse ele, subindo nas tamancas do seu orgulho e da sua mais alta dignidade, como quem despreza a falsidade. “Eu te entreguei os meus salários completos de doze semanas e mais trinta dólares de quebra.”

Então, com um brilho silencioso e penetrante vindo da lente de seus óculos de aro dourado, uma advertência contra a impostura estampada em suas rugas e cabelos brancos e um rápido franzir de lábios, ela deixou o assunto passar. Deu a entender que poderia contra-atacar quando o momento certo chegasse. Mas, pela primeira vez, senti que Simon estava pensando que não *precisávamos* nos preocupar com isso. Não que ele

estivesse preparado para iniciar uma rebelião. Mas tinha algumas ideias, e em pouco tempo já estávamos dizendo um para o outro coisas que não podiam ser ditas na frente das mulheres.

No início, era comum nós trabalharmos nos mesmos lugares. Íamos para a casa de Coblin às vezes, quando ele estava precisando de reforços na sua tropa de entregadores, e trabalhávamos juntos no porão da loja de departamentos Woolworth, desempacotando louças que vinham em barris tão imensos que dava para entrar andando dentro deles. Depois juntávamos a palha velha e jogávamos na fornalha. Ou botávamos papel velho na gigantesca máquina de prensar e fazíamos fardos. Fedia lá embaixo, por causa dos restos de comida azeda, das latas de mostarda, dos doces velhos, da palha e do papel. Na hora do almoço, subíamos para o andar de cima. Simon se recusava a trazer sanduíches de casa; dizia que precisávamos fazer uma refeição quente quando estávamos trabalhando. Por vinte e cinco centavos, comprávamos dois cachorros-quentes, uma caneca de refresco e torta de sobremesa, os sanduíches feitos com pães macios como algodão e encharcados da mesma mostarda que empestava o ar do porão. Mas a grande coisa mesmo era a figura que você fazia como funcionário, podendo usufruir da posição de funcionário com as meninas, vestindo roupas de trabalho e fazendo parte daquele rangente e esfuziante bazar de ferramentas, aviamentos, louças, lonas, chocolates, grãos, joias e discos de sucesso. E isso mesmo sendo os Atlas do lugar, debaixo do chão, ouvindo o piso sustentar o peso ambulante de centenas de pessoas, os bafejos e suspiros do órgão do cinema ao lado e o tropel descendo dos bondes na Chicago Avenue — a melancolia de sábado, com sua casca sangrenta de cinzas ao vento, e as formas enegrecidas de prédios de cinco andares erguendo-se numa cega penumbra boreal, para longe do clarão natalino das lojas.

Não demorou muito e Simon arranhou um emprego melhor, na Federal News Company, que tinha a concessão das bancas de jornal das estações ferroviárias e das vendas de doces e jornais dentro dos trens. A família teve

de fazer um depósito correspondente ao preço de um uniforme, e Simon começou a acordar de madrugada para trabalhar no centro e nos trens, elegante feito um cadete no uniforme novo em folha. Nas manhãs de domingo, dormia até tarde e saía do quarto de roupão de banho, sentando para tomar café da manhã todo importante e à vontade, fortalecido pelo seu novo poder de renda. Andava mais ríspido com mamãe e George do que antes e, de vez em quando, criava algum caso comigo.

“Não toca nesse *Tribune* antes que eu tenha lido. Caramba, eu trago o jornal pra casa à noite e de manhã ele já está todo em pedaços antes que eu consiga sequer ver as manchetes!”

Em compensação, dava uma parte do salário dele a mamãe sem que vovó soubesse, para que ela gastasse consigo mesma, e fazia questão de que eu tivesse sempre algum trocado no bolso, e até dava a George alguns centavos para que ele comprasse caramelos. Simon nunca teve nada de mesquinho no que dizia respeito a dinheiro. Tinha uma espécie de dadivosidade oriental; não conseguia ter nem paz nem sossego quando estava duro e preferia dar um calote logo de uma vez a sair de uma lanchonete sem deixar uma boa gorjeta. Uma vez, chegou a me dar um tapa na cabeça quando me viu pegando uma das duas moedas de dez centavos que ele tinha deixado debaixo dos nossos pratos numa cafeteria. Dez centavos já me parecia o suficiente.

“Nunca mais me deixe te pegar fazendo uma coisa sovina dessas”, ele me disse. Com medo dele, não me atrevi a responder.

Naquelas manhãs de domingo na cozinha, então, vendo pela porta aberta seu uniforme dentro do quarto, pendurado com cuidado no pé da cama, enquanto confortáveis lágrimas de neblina escorriam pela vidraça das janelas, Simon sentia a força da sua posição como aquele que estava se preparando para tomar as rédeas da família. Pois ele às vezes falava de vovó como se estivesse se referindo a uma estranha.

“Ela não é nada nossa, na verdade. Você sabe disso, não sabe, Aug?”

O que vovó tinha a temer de Simon era menos a rebelião do que o repúdio, do que não ser levada em consideração, quando ele espalhava o jornal na mesa inteira e ficava lendo com a testa apoiada na mão e o cabelo louro — a cada dia mais escuro — caindo por cima dela. Mesmo assim, ele não tinha nenhum plano para depor a velha e não interferia no poder dela sobre o resto de nós — principalmente sobre mamãe, que continuava sendo tão escrava quanto antes e cuja visão, ainda por cima, vinha se deteriorando rapidamente, de forma que os óculos feitos um ano antes já tinham ficado fracos. Voltamos ao dispensário para pedir um novo par e conseguimos passar por mais um interrogatório, mas foi por pouco. Eles tinham a idade de Simon anotada na ficha e perguntaram se ele não estava trabalhando. Eu achei que não precisava mais que vovó me treinasse e que podia inventar respostas por minha conta; e nem mesmo mamãe obedeceu como de costume ficando calada, mas ergueu sua estranha voz clara e disse: “Os meus filhos ainda estão na escola e, depois que eles voltam da escola, eu preciso da ajuda deles em casa”.

Depois, quase fomos pegos pelo atendente na hora de mentir sobre o orçamento e ficamos apavorados, mas fomos favorecidos pela multidão que estava esperando para ser atendida naquele dia e acabamos recebendo a papeleta para ir ao departamento ótico. Ainda não estávamos preparados para nos virar sem o treinamento da velha.

As novidades de Simon passaram a ser o principal interesse da casa, quando ele foi transferido dos trens para uma banca na estação da La Salle Street e depois para a banca central, que também vendia livros e novidades e ficava na principal rota de viagem, justamente onde o movimento era mais intenso e o grosso dos negócios era feito. Lá, ele podia ver as celebridades com seus casacos de pele ou seus chapéus Stetson e sobretudos de alpaca, andando livremente enquanto suas bagagens eram carregadas, sempre mais arrogantes ou mais melancólicas ou mais afáveis ou mais enrugadas do que se dizia. Chegavam da Califórnia ou de Oregon no trem Portland Rose, junto com a neve arrastada das alturas inumanas da

La Salle Street ou grudada nas linhas expressas dos trens; partiam rumo a Nova York no Twentieth Century, em suas cabines que mais pareciam salas de estar, enfeitadas com flores, bem polidas e estofadas de verde-escuro, lavando as mãos em pias de prata, tomando café em xícaras de porcelana, fumando charutos.

Simon relatava: “Eu vi o John Gilbert hoje, com um chapelão de feltro de pelo de coelho”, ou “O senador Borah comprou o *Daily News* comigo hoje e deixou os dez centavos do troco pra mim”, ou “Se você visse o Rockefeller, você ia acreditar que ele tem estômago de borracha, como dizem”.

Quando contava essas coisas à mesa, Simon insuflava a esperança de que de alguma forma a grandeza poderia arrebanhá-lo em seu círculo, uma vez que ele já estava tão perto dela, de que ele poderia chamar a atenção de alguém, atrair o olhar de um Samuel Insull, que então lhe entregaria um cartão e diria para Simon se apresentar no escritório dele no dia seguinte. Eu tenho a impressão de que, passado pouco tempo, vovó começou a culpar Simon secretamente por ele ainda não ter se destacado. Talvez ele não se empenhasse o bastante para parecer distinto, talvez não tivesse a atitude correta, talvez fosse atrevido, quem sabe. Porque vovó acreditava no golpe de sorte ou de inspiração que fazia com que você fosse notado por homens eminentes. Colecionava histórias sobre isso e fazia planos para escrever a Julius Rosenwald sempre que lia que o filantropo pretendia fazer uma nova doação. Era sempre para negros, nunca para judeus, que ele dava o dinheiro dele, ela dizia. Isso a irritava profundamente, e ela bradava: “Aquele Judá alemão! *Yehuda!*”. Ao ouvir um berro desses, a caquética cadela branca se levantava e tentava ir trotando até ela.

“Aquele *Deutsch!*”

Mesmo assim, ela admirava Julius Rosenwald; ele pertencia ao círculo interno dos pares dela; onde *eles* se sentavam e, com uma compreensão diferente da nossa, controlavam e supervisionavam tudo.

Simon, enquanto isso, vinha tentando me arranjar uma colocação aos sábados na estação da La Salle Street e me tirar do porão da loja de departamentos, onde Jimmy Klein havia assumido o lugar dele. Vovó vivia insistindo para que ele fizesse alguma coisa e até mamãe volta e meia também pedia.

“Simon, você *tem* que botar o Augie lá dentro.”

“Olha, toda vez que eu me encontro com o Borg, eu peço. Mas, pelo amor de Deus, gente, todo mundo lá tem parente!”

“Qual é o problema, ele não aceita suborno?”, disse vovó. “Ele só está esperando que você ofereça, pode acreditar. Convide o sujeito pra jantar que eu te mostro como fazer. Duas ou três notas dentro de um guardanapo e pronto.”

Ela nos mostraria como manobrar no mundo. Salvo, claro, arranhar a garganta de um rival com uma pena envenenada à mesa do jantar, como Nero havia feito. Simon disse que não podia convidar Borg para jantar. Não o conhecia muito bem, já que era só um funcionário extra, e não queria parecer um puxa-saco e ser desprezado.

“Bom, meu caro Graf Potocki”, disse vovó, apertando os olhos, fria e seca, enquanto Simon, em sua impaciência, já estava sem fôlego. “Então você prefere deixar o seu irmão trabalhando no porão da Woolworth com aquele imbecil do Jimmy Klein!”

Depois de meses de pressão, Simon finalmente me arranjou uma vaga no centro, provando que o poder da velha sobre ele ainda não tinha terminado.

Uma manhã, ele me levou até Borg. “Agora lembre-se”, ele me preveniu no bonde, “nada de gracinhas. Você vai trabalhar pro velho raposa em pessoa e ele não vai tolerar mancadas. Nesse trabalho você mexe com muito dinheiro e ele entra e sai rápido da sua mão. Se estiver faltando dinheiro no seu caixa no final do dia, seja quanto for, o Borg vai descontar do seu pagamento. Você está em período de experiência. Eu já vi muito panaca ir pro olho da rua.”

Simon foi particularmente severo comigo naquele dia. Estava um frio dos diabos, o chão duro, o capim vergado com o peso da geada, o rio soltando vapor e os trens, baforadas de fumaça no amplo céu azul com jeito de Wisconsin, as alças de metal dos bancos de palha lustrosas de marcas de dedo, a palha áspera dourada, o verde-oliva e o marrom dos casacos em suas dobras dourados também, os pelos dos pulsos grossos de Simon e a penugem do seu rosto, que ele agora barbeava com mais frequência, mais dourados ainda. Ele tinha um jeito novo e durão de pigarrear e escarrar na rua. E, fossem quais fossem as mudanças pelas quais tivesse passado ou estivesse passando, ainda não tinha perdido aquele seu bem elaborado olhar independente com o qual me controlava. Eu tinha medo dele, apesar de ser quase do seu tamanho. Tirando o rosto, nós dois tínhamos a mesma estrutura óssea.

Eu não estava destinado a me sair bem na estação. Talvez as ameaças de Simon tenham tido alguma coisa a ver com isso, e a decepção dele comigo quando eu tive de ser descontado no primeiro dia. Mas eu era um fracasso; toda vez ficava faltando quase um dólar no meu caixa, mesmo depois de três semanas no serviço. Como só podia ficar devendo vinte e cinco centavos além da minha passagem — quarenta centavos exatos —, eu não tinha como cobrir o que estava faltando no meu caixa, e uma noite Simon, bravo e sucinto, me disse a caminho do bonde que Borg havia me dispensado.

“Eu não podia *sair correndo* atrás das pessoas que me passavam a perna no troco”, tentei me defender. “Elas jogam as moedas, pegam o jornal e se mandam. Se eu fosse atrás delas, a banca ia ficar abandonada.”

Por fim, ele me respondeu friamente, com uma fria língua de fogo nos olhos, na gelidez imóvel da armação de aço negro da ponte sobre a lenta e indescritível mistura do rio, correndo para trás com seu refugio. “E você não podia tirar esse dinheiro do troco de outras pessoas, podia?!”

“O quê?”

“Você me ouviu perfeitamente, seu jerico!”

“Por que é que você não me disse isso antes?”, gritei de volta.

“Dizer pra você?”, ele respondeu, esbarrando com raiva em mim ao passar do meu lado. “Era só o que me faltava ter que ficar te dizendo o que fazer, como se você fosse tão retardado quanto o George!”

E ele deixou que a velha ralhasse comigo, aos berros, sem dizer uma palavra em minha defesa. Até então, Simon sempre havia tomado minhas dores quando se tratava de algum assunto sério. Naquele dia ele ficou de longe, nos cantos penumbrosos da cozinha, com a mão no quadril e o casaco pendurado em cima do ombro, abrindo de vez em quando a tampa do fogão, onde nosso jantar estava esquentando, para atiçar as brasas. Fiquei magoado com a deslealdade dele, mas também sabia que o tinha deixado na mão com Borg, a quem ele havia vendido um irmão sagaz que acabou se revelando um idiota. O problema era que eu tinha ficado numa banca pequena, atrás de uma pilastra, onde parecia que só paravam vagabundos, e Borg só tinha me dado o casaco de um uniforme, com os punhos rotos, o forro gasto e o galão puído. Sozinho, eu não tinha ninguém que me apontasse celebridades se alguma aparecesse por aquelas bandas e passava o tempo pensando na morte da bezerra e esperando a hora do almoço e o intervalo das três horas, quando eu ia espiar Simon na banca principal e admirar os negócios por lá — onde a féria era de encher os olhos —, a chuva de dinheiro e a negra circulação molecular de viajantes que sabiam o que queriam em chiclete, frutas, cigarro, as enormes barreiras de jornais e revistas, o poder daquele espaço e a envergadura do lustre principal. Eu achava que, se Borg tivesse me deixado começar ali, em vez de na minha esquina de mármore, bem à margem de tudo, onde eu só ouvia ecos e não podia nem ver os trens, teria me saído melhor.

Então, eu não só tive de passar pela humilhação de ser mandado embora, como ainda levei um senhor carão na cozinha. Ao que parecia, a velha já vinha esperando que isso acontecesse, pois já estava com o discurso na ponta da língua para me dizer que havia certos erros que eu

não podia me dar ao luxo de cometer, dada a minha situação na vida, uma criança de uma família abandonada, sem um pai que me mantivesse longe de encrucas e sem ninguém com quem contar a não ser duas mulheres de mãos frágeis, que não tinham como nos proteger para sempre da fome, da miséria, do crime e da ira do mundo. Talvez, se tivéssemos sido mandados para um orfanato, como mamãe uma vez pensou em fazer, tivesse sido melhor. Melhor para mim, pelo menos, em lições de dureza, já que eu tinha aquele tipo de caráter de quem só quer saber de procurar facilidade e lugares para se encostar. Ela sacudia a mão encarquilhada na minha frente com a ferocidade das palavras, até então ditas apenas a si mesma, rancorosamente, e com elas veio um relâmpago oceânico de profecia, que havia se acumulado em seu crânio, ao lado do fogão, ao longo de dias de outra forma não muito iluminados.

“Lembre-se disso quando eu estiver no meu caixão, Augie, quando eu estiver morta!”

Ao abaixar a mão, ela bateu no meu braço; foi sem querer, mas o efeito foi assustador, pois eu berrei como se aquela pancadinha tivesse doído dez vezes mais na minha alma. Talvez eu estivesse berrando por causa do meu caráter, tendo sido levado a encarar o que ele tinha de pior, a ver que eu próprio iria para o caixão sem a menor esperança de arranjar outro melhor até lá, sem força para me livrar, me purificar ou me redimir dele; e ela estava se pondo já além da vida para tornar seu veredicto sobre mim inapelável.

“Gedenk, Augie, wenn ich bin todt!”

Mas ela não aguentou falar sobre sua morte por muito tempo. Até aquele momento, nunca tinha sequer mencionado sua mortalidade para nós, de forma que aquilo foi uma espécie de lapso. E mesmo agora a velha parecia um faraó ou César, prometendo se transformar num Deus — só que ela não teria pirâmides nem monumentos para cumprir a promessa e era muito inferior a Césares e faraós. No entanto, aquele seu grito sofrido, medonho e desdentado de anúncio do Juízo Final teve um efeito tremendo

sobre mim. Ela tinha uma capacidade muito maior do que as pessoas comuns de fazer ameaças como essa, mas também tinha de pagar o preço do terror que suas ameaças provocavam nela própria.

Então, voltou para o assunto de nós não termos pai. Foi um momento ruim, e eu era o responsável por fazer mamãe passar por aquilo. Simon continuava em silêncio ao lado do fogão preto de níquel e betume, mexendo com o atizador de brasa na mola de aço da alavanca da tampa. No outro canto estava mamãe, grave e culpada, o alvo fácil de quem quer fosse nosso pai. A velha estava decidida a me reduzir a pequenas cinzas naquela noite, e todo mundo ia sair chamuscado.

Eu não podia voltar para o meu antigo emprego na Woolworth. Então, Jimmy Klein e eu fomos juntos procurar trabalho, apesar das advertências de vovó contra ele. Jimmy era um garoto extremamente sociável e bem-humorado, franzino de corpo e escuro de rosto, olhos apertadinhos, ar maroto, disposto a ser honesto de maneira geral, mas com uma consciência que não chegava a ser nenhuma camisa de força — nisso a velha tinha razão. Ele não podia ir à minha casa; vovó dizia que não ia encorajar minha amizade com más companhias. Mas eu era bem-vindo na casa dos Klein e Georgie também. À tarde, quando eu tinha de sair com ele, podia deixá-lo lá, brincando com os pintinhos que eles criavam, ou tentavam criar, na área de barro estreita e escura entre o prédio deles e o prédio vizinho, e a sra. Klein podia ficar de olho nele de dentro da cozinha no subsolo, onde ficava sentada de frente para uma mesa, perto do fogão, descascando e fatiando legumes, cortando carne para fazer cozido ou enrolando almôndegas.

Pesando mais de cem quilos e com uma perna mais curta que a outra, a sra. Klein não se aguentava muito tempo em pé. De aparência tranquila e comum, sobrancelhas que se inclinavam uma para a outra, nariz curvo e pequeno, ela pintava o cabelo de preto com uma tinta que vinha de Altoona pelo correio e que ela aplicava com escovas de dente velhas que ficavam dentro de um copo na janela do banheiro. A tintura dava às suas

tranças um curioso brilho de cabelo de índio. Elas caíam ao longo das bochechas até as pregas multiformes do queixo. Seus olhos pretos eram pequenos, mas compassivos; ela tinha uma magnanimidade papal e era liberal na distribuição de perdões e absolvições. Jimmy tinha quatro irmãos e três irmãs, alguns com ocupações misteriosas, mas todos eram simpáticos e generosos nos apertos de mão, até mesmo as irmãs mais velhas casadas e os irmãos de meia-idade. Dois dos filhos eram divorciados e uma das filhas era viúva, de forma que a sra. Klein estava sempre com a cozinha cheia de netos; alguns vinham no meio do horário da escola para almoçar e depois da escola para tomar chocolate quente, outros engatinhavam pelo chão ou dormiam em carrinhos. Todo mundo, naqueles tempos prósperos, estava ganhando dinheiro, e no entanto todos tinham problemas. Gilbert tinha de pagar pensão alimentícia; a irmã divorciada, Velma, não estava recebendo a sua regularmente. O marido de Velma tinha quebrado um dos dentes dela numa briga, e agora volta e meia aparecia por lá para implorar à sra. Klein que convencesse a filha a voltar para ele. Eu o via encostar sua cabeça ruiva na mesa e chorar, enquanto seus filhos e filhas brincavam nos bancos do táxi dele. Ele ganhava um bom dinheiro, mas não dava o suficiente a Velma achando que ela voltaria para casa se ele a mantivesse na penúria. Velma, porém, preferia pedir emprestado à família. Eu nunca vi gente para emprestar e pedir emprestado como os Klein; o dinheiro trocava de mãos em todas as direções, e nunca ninguém ficava ressentido com ninguém.

Mas os Klein pareciam precisar de um mundaréu de coisas e compravam-nas todas a prestação. Jimmy era mandado para a rua — e eu junto com ele — com o dinheiro dentro da orelheira do boné, para fazer os pagamentos. Era prestação da vitrola, da máquina Singer, dos estofados de *mohair* com cinzeiros embutidos que não podiam ser emborcados, de carrinhos de bebê e bicicletas, de tapetes de linóleo, de tratamentos dentais e obstétricos, do funeral do pai do sr. Klein, de coletes para a coluna e sapatos especiais para a sra. Klein, de fotos de família tiradas para

um aniversário de casamento. Rodávamos a cidade inteira para dar conta dessas incumbências. A sra. Klein não se importava que fôssemos a shows, como fazíamos com frequência, para ouvir Sophie Tucker bater no traseiro e cantar “Red Hot Mama”, ou ver Rose La Rose desfilar com ar insolente e tirar a roupa no ritmo preguiçoso que fazia de Coblin seu admirador. “Aquela moça não é só uma garota bonita”, ele dizia. “Existem muitas moças bonitas, mas essa daí sente o coração dos homens. Ela não deixa o vestido cair do jeito que as outras fazem, ela tira o vestido pela cabeça. É por isso que hoje ela está no topo da profissão.”

Nós passávamos muito mais tempo no Loop do que deveríamos e vivíamos encontrando com Coblin em filas de teatro e cinema em pleno horário escolar. Ele nunca me caguetou. Só perguntava, num tom gaiato: “O que foi hoje, Augie? O prefeito fechou a escola?”. Animado como sempre, sorridente e feliz sob as luzes verdes e vermelhas da marquise, ele parecia aquele velho rei das brumas escocesas que tinha uma metade do rosto de esmeralda e a outra de rubi.

“O que é que está passando hoje?”

“*Bardelys the Magnificent*^c e mais o bandolinista russo Dave Apollon e seus dançarinos. Venham e me façam companhia.”

Tínhamos uma razão, na época, para não querer ir à escola. Eu dividia um armário no colégio com Steve “Marinheiro” Bulba, um garoto narigudo e vermelho, de cabelo comprido e costeletas intimidadoras que sinalizavam que ele era perigoso; bruto feito um urso, ele parecia bundudo e pesadão com sua calça de marinheiro cheia de botões, tão comprida que chegava a arrastar no chão, e seus ameaçadores sapatos bico de rato; tinha o hábito de arrombar apartamentos recém-desocupados para roubar peças de encanamento e arrebentar a caixa de moeda dos telefones. Pois bem, esse tal Bulba tinha pegado meu caderno de ciências e entregado ao professor como se fosse dele. Como não havia nada que eu pudesse fazer contra Bulba, Jimmy me emprestou o caderno dele, e eu então apaguei sem muito cuidado o nome de Jimmy e escrevi o meu por cima. Fomos

descobertos e Simon teve de ser convocado — ele detestava a ideia de mamãe ser chamada na escola tanto quanto eu. Por fim, Simon acabou conseguindo passar a conversa em Wigler, o professor de ciências. Mas até que isso acontecesse Bulba, de olhinhos apertados e cara de inocente, a testa serena e imperturbável, franzida sob a suave luz invernal da sala de aula, ficou o tempo todo tentando botar seu canivete em pé em cima das lâminas, feito um inseto cascudo.

Depois desse incidente, ficou fácil para Jimmy me convencer a ir ao centro da cidade com ele, principalmente nos dias de aula de ciências, para andar, se não havia nada melhor a fazer, no elevador da prefeitura com o irmão dele, Tom, do saguão dourado até os tribunais municipais. Na cabine, subíamos e descíamos em estreito contato com magnatas, especuladores, autoridades, oportunistas, cabos eleitorais, informantes, capangas, raposas, traficantes de influência, querelantes, oficiais de polícia, homens com chapéu de caubói e mulheres com sapatos de couro de lagarto e casaco de pele, bafejos de estufa e ventos gelados misturados, coisas brutais e ares de sexo, indícios de alimentação pesada e barbeação sistemática, de cálculos, de dor, de indiferença, e esperanças de incontáveis milhões em injeções de concreto ou de Mississippis inteiros de uísque e cerveja contrabandeados.

Tommy nos pedia para ir ao corretor da Bolsa que fazia aplicações para ele, num escritório de corretagem clandestino na Lake Street, nos fundos de uma charutaria de fachada que depois virou uma casa de apostas. Estava numa boa posição para colher dicas, mas, mesmo naqueles tempos de cunhagem desenfreada de dinheiro, Tommy nunca conseguiu mais do que equilibrar ganhos e perdas — se você não contasse os ganhos que iam para o guarda-roupa dele ou para os presentes que ele dava à família. Todos os Klein tinham mania de dar presente. Roupões e penhoares, espelhos venezianos e tapeçarias de casas de campo ao luar, carrinhos de chá, mesinhas de canto, abajures com pé de ônix, cafeteiras e torradeiras elétricas, e romances — caixas de coisas se empilhavam nos armários e

debaixo das camas, à espera de sua vez de ser útil. E no entanto, salvo aos domingos, quando eles se empetecavam, os Klein pareciam pobres. O velho Klein tinha o hábito de usar apenas uma camisa de malha de manga comprida debaixo do colete e enrolava seus cigarros numa maquininha.

A única filha solteira, Eleanor, tinha um estilo cigano de ser e usava chamativas estampas florais e tecidos japoneses. Gorda e pálida, com um olhar inteligente e sobrancelhas que lembravam um arco circassiano, muito humana, excessivamente conformada com uma triste sina, acreditando ser gorda demais para arranjar um marido e perdoando a melhor sorte das irmãs casadas e dos irmãos independentes, ela tinha uma voz afável, quase masculina e fraternal. Era especialmente carinhosa comigo, chamava-me de “amor” e “irmãozinho” e “ladrão de corações”, lia minha sorte nas cartas e chegou a tricotar um gorro de patinação de três pontas verde e amarelo para mim, para que eu ficasse parecendo um campeão norueguês quando fosse patinar no lago. Quando estava se sentindo bem — ela sofria de reumatismo e de indisposições femininas — trabalhava na seção de empacotamento de uma fábrica de sabão no North Branch; e quando estava em casa sentava com a mãe na cozinha, enrolada num exuberante tecido florido, o cabelo preto e pesado escapulindo, solto e tuberoso, de um coque no alto da cabeça, tomando café, tricotando, lendo, raspando as pernas, ouvindo operetas na vitrola, pintando as unhas, e, enquanto fazia essas coisas necessárias ou seminecessárias ou supérfluas, ia invisivelmente mergulhando cada vez mais no estado de espírito de uma mulher que está encalhada faz tempo.

Os Klein respeitavam e admiravam vovó Lausch pela tarefa que ela havia assumido conosco. Entretanto, vovó ficou sabendo, através de uma de suas fontes secretas, que Georgie fora visto com os pintinhos na viela entre os prédios — eles nunca cresciam muito, aqueles bichos, por falta de sol e de boa alimentação; entravam na muda e morriam desgrenhados e num estranho estágio de desenvolvimento — e, indignada, chamou os Klein de alguns bons nomes feios.

Só não foi até lá para lhes dizer poucas e boas porque não valia a pena brigar; eles às vezes conseguiam me arranjar um trabalhinho ou outro através de um tio de Jimmy chamado Tambow, que garantia os votos de seus parentes no distrito e era uma figura de considerável influência na política distrital republicana. Tínhamos um mês muito bom antes das eleições, distribuindo impressos de campanha. E Tambow com frequência requisitava nossos serviços quando alguém botava algum bom negócio no seu caminho, como artigos perdidos no correio ou mercadorias advindas de alguma falência. Tinha de ser algo que valesse a pena para arrancá-lo da mesa de jogo, mas quando acontecia de ele comprar um lote de lâminas de barbear, alças de couro, aparelhos de chá de boneca, xilofones de brinquedo, cortadores de vidro, sabonetes de hotel ou estojos de primeiros socorros, sendo eximido de licenças, Tambow montava uma barraca na Milwaukee Avenue e nos contratava para tocar o negócio. Seus próprios filhos se recusavam a trabalhar para ele.

Ele era divorciado e morava num quarto de cortiço. Tinha um nariz imenso e a pele do rosto flácida, com bolsas de pelicano embaixo dos olhos, estriadas, cinzentas e esverdeadas. Paciente, compenetrado e corpulento, sentado em sua cadeira feito um vaqueiro afundado na sela, ele soltava uma espécie de assobio quando respirava sob o fardo do seu peso e atrás do charuto; pelos cresciam de dentro do seu nariz e em volta das várias pregas dos nós dos seus dedos. Todas as épocas do ano eram iguais para ele. Fosse maio ou novembro, ele tomava chá com leite e açúcar em torrão e comia pãezinhos doces no seu café da manhã das onze horas, jantava bife com batatas assadas, fumava dez ou doze charutos, usava as mesmas calças listradas de vereador, um chapéu convencionalmente escuro que trazia a esfera do poder social para o seu rosto forte e original, enquanto analisava o que abaixar ou quando jogar um valete ou um ás, ou se poderia dar os dois dólares que seu filho Clementi volta e meia vinha pedir. Clementi era o filho mais novo e morava com a mãe e o padrasto nos fundos da loja de roupas de bebê da família. “Com prazer, meu

garoto” ou “Amanhã, com prazer”, Tambow lhe dizia. Não gostava de dizer não para filhos que tinham padrasto. E, embora não fosse anjo, na fumaça de gordura, chá e cebola frita do quartel-general do seu restaurante, deixando as cinzas do charuto desmoronarem no seu colo e pegando suas cartas com uma das mãos, ele não era, além de seus outros pecados, sovina; ao contrário, era grão-ducal com dinheiro, como os Klein. E Clem era um bom gastador também, e mão-aberta com os amigos. Mas se recusava a trabalhar, fosse para o pai ou para qualquer outra pessoa. Então, o velho Tambow nos instalava na aglomeração da Milwaukee Avenue, geralmente com Sylvester no comando, molhava a mão dos guardas para que não fôssemos incomodados e voltava para o seu jogo de cartas.

Sylvester estava num momento difícil. Tinha perdido o contrato de locação da sua sala de cinema, que já estava indo à bancarrota de qualquer maneira — agora era uma loja de tinta e papel de parede —, e estava morando com o pai, pois a mulher o havia posto para fora de casa e, ele mesmo nos contou, lhe atirara pedras quando ele tentou entrar pelo quintal dos fundos para falar com ela. Ele a tinha dado por doida e mandara uma carta concordando com a anulação do casamento. Com o objetivo de levantar dinheiro para pagar a mensalidade da Armour Tech, onde estava tentando terminar seu curso de engenharia, vendera a mobília e o equipamento de projeção, e agora dizia que tinha passado tempo demais longe da escola para ficar sentado numa sala de aula. Olhos lacrimejando no vento de novembro quando ficava com a gente na Milwaukee Avenue, as mãos grossas enfiadas nos bolsos do sobretudo, o pescoço encolhido, um pé batendo no outro, ele fazia gracejos tristes. A diferença de idade que havia entre nós era irrelevante para ele. Falava tudo o que pensava. Quando tivesse terminado seu curso, seu plano era sair pelo mundo afora. Os governos estrangeiros estavam loucos atrás de engenheiros americanos, e ele poderia ir para onde lhe desse na telha. Poderia ir para Kimberley, onde acreditava ser verdade que os nativos tentavam esconder os diamantes nas próprias tripas. Ou para a Rússia soviética — contando

então a história completa para nós, de que simpatizava com os comunistas e admirava Lênin e principalmente Trotski, que tinha ganhado a Guerra Civil viajando num tanque e lendo romances franceses, enquanto czar, padres, barões, generais e senhores de terra eram corridos dos palácios.

Enquanto isso Jimmy e eu, sentados nas duas enormes malas de Tambow, gritávamos “Compre suas lâminas aqui!” e tratávamos das vendas. Sylvester recolhia o dinheiro.

a Personagem de *Mark the Match Boy*, romance de Horatio Alger. (N. T.)

b Conjunto de organizações civis fundadas na época da Guerra Civil Americana com o objetivo de promover a lealdade à União, em oposição aos estados que buscavam a secessão. Desde sua criação, conduziram vários projetos civis e discussões políticas em diversos estados. Algumas dessas organizações continuam a existir até hoje. (N. T.)

c Filme mudo de 1926, dirigido por King Vidor e estrelado por John Gilbert e Eleanor Boardman. (N. T.)

4.

Todas as influências estavam enfileiradas, esperando por mim. Eu nasci e lá estavam elas para me formar, e é por isso que eu falo mais delas do que de mim mesmo.

Nessa época, e mais tarde também, eu tinha muito pouco senso das consequências, e a velha nunca conseguiu causar grande impacto na minha imaginação com suas advertências e previsões sobre o que me aguardava — permissões de trabalho, currais de matadouros, trabalhos braçais, pilhas de pedras em penitenciárias, pão e água e uma vida inteira de ignorância e degradação. Ela invocava tudo isso de maneira cada vez mais inflamada, principalmente depois que comecei a andar com Jimmy Klein, e tentava apertar a disciplina em casa, inspecionava minhas unhas e a gola da minha camisa antes de eu ir para a escola, controlava com mais severidade meus modos à mesa e ameaçava me deixar trancado a noite inteira do lado de fora se eu não voltasse para casa antes das dez. “Você pode ir para a casa dos Klein, se eles quiserem te acolher. Escuta, Augie, estou tentando fazer de você alguém. Mas eu não posso mandar a sua mãe te seguir pela rua pra ver o que você anda fazendo. Eu quero que você seja um *mensch*.^a Você tem menos tempo pra mudar do que imagina. O Jimmy Klein vai acabar fazendo você se meter em encrenca. Ele tem olhos de ladrão, aquele garoto. Fala a verdade — ele é ou não é um larápio? Aha!

Ele não responde. “É verdade então”, disse ela, pressionando raivosamente. “Fala!”

“Não”, respondi sem um pingo de convicção, e fiquei me perguntando o que vovó saberia e quem teria contado a ela. Pois Jimmy, como Stashu Kopecs, pegava o que queria de lojas e bancas. E, justamente naquela época, nós dois estávamos aplicando um pequeno golpe numa loja de departamentos chamada Deever’s, que nos contratara como extras de Natal para trabalhar no departamento de brinquedos como ajudantes de Papai-Noel, com fantasia de duende e rosto pintado.

Alunos do segundo ano do curso secundário, já estávamos ficando grandes demais para esse tipo de coisa, mas o Papai-Noel era enorme — um fomalheiro e faz-tudo sueco que trabalhava nos fundos da loja e já tinha sido foguista de um navio a vapor de Duluth, com músculos serpeantes, órbita ocular de neandertal, lustrosos galos na testa, o lábio escondido atrás da barba e a boca cheia de rapé. Por cima de uma camiseta esburacada, ele amarrava almofadas para fingir de pança; botava enchimento nas calças, pois suas pernas eram finas e compridas; e, então, nós o ajudávamos a vestir o casaco. Pintados com ruge e maquiagem de teatro e polvilhados com neve falsa, Jimmy e eu marchávamos pela loja com pandeiros e línguas de sogra barulhentas, dando cambalhotas com nossas fantasias de bufão feitas com feltro de mesa de bilhar, e juntávamos um bando de crianças para levar ao terceiro andar, onde o Papai-Noel sueco esperava sentado em seu trenó, com renas engenhosamente penduradas do teto, trenzinhos de brinquedo estalando e cestos de dinheiro rondando, ligeiros e mecânicos, nos cabos que iam dar na gaiola do caixa. Ali, ficamos encarregados de um barril de pacotes surpresa, decorado com papel verde e vermelho, guirlandas, purpurina e espirais de filamentos prateados. Esses pacotes de Natal eram vendidos por vinte e cinco centavos; Jimmy chegou à conclusão de que era impossível a loja fazer um inventário deles e começou a embolsar uma de cada dez moedas de vinte e cinco centavos que entravam. Fez isso durante alguns dias sem

me contar nada, só pagando meu almoço. Depois, quando o volume dos negócios cresceu, resolveu partilhar seu segredo comigo. Tínhamos ordem de levar o dinheiro para a moça do caixa sempre que tivéssemos acumulado dez dólares. “Ela joga o dinheiro direto no saco, junto com o resto das moedas”, disse Jimmy. “Ela não toma nota de onde o dinheiro veio porque está ocupada demais recebendo aquela dinheirama toda. Então por que não ficar com uma parte pra gente?” Tivemos várias discussões sobre o assunto e acabamos aumentando o percentual para duas moedas em cada dez. Havia uma fervilhante balbúrdia de ruídos e brilhos pela loja; todas as mentes ficavam tomadas por aqueles retinidos, farfalhadas, cantigas e bimbalhadas de Natal, e o que nós dois fazíamos em segredo com nossas mãos não era digno de nota. Roubamos uma grana considerável. Jimmy estava em vantagem com relação a mim. Não só ele tinha começado antes, como eu perdi alguns dias de trabalho por conta do efeito da torta de creme e de outras guloseimas com que tínhamos nos presenteado. Ou talvez por conta de uma agitação de nervos provocada pelo brilho e sucesso do mal que estávamos praticando e pelo problema de como gastar o dinheiro. Jimmy comprava um bocado de presentes — elegantes sapatilhas e chinelos enfeitados com fita para todo mundo, robes, gravatas extravagantes, tapetes de retalhos trançados e panelas de alumínio. De mim, mamãe ganhou um roupão de banho; a velha, um broche de camafeu; Georgie, meias xadrez; e Simon, uma camisa. Também dei presentes para a sra. Klein e para Eleanor e para algumas meninas da escola.

Nos dias em que não estávamos trabalhando, eu ficava de preferência na casa dos Klein, onde os parapeitos da janela estavam no mesmo nível que a calçada, e experimentei um gostinho do que era estar sentado no sofá de uma sala enquanto, lá fora, algo se armava em reação aos nossos malfeitos, como para um Roger Touhy, um Tommy O’Connor, um Basil Banghart ou um John Dillinger, que tinham feito cirurgia plástica no rosto e passado ácido na ponta dos dedos, que jogavam paciência, acompanhavam os

resultados dos esportes, viviam de hambúrgueres e milkshakes que mandavam buscar e, por fim, acabaram sendo encurralados numa ida ao cinema ou num telhado. Às vezes trabalhávamos no mapa genealógico de Jimmy, pois os Klein acreditavam ser descendentes de uma família espanhola chamada Avila que remontava ao século XIII. O autor dessa teoria era um primo deles que morava na Cidade do México e fabricava jaquetas de couro. Eu, de minha parte, estava perfeitamente disposto a acreditar em golpes de sorte genealógicos como esse. Então, ficava debruçado com Jimmy sobre a folha de papel de desenho, traçando a árvore genealógica dele com tinta vermelha e nanquim. Eu estava inquieto.

Passado o feriado de Natal, a Deever's nos pegou. O gerente do departamento foi lá em casa e teve uma conversa com vovó. Eles tinham feito um inventário dos pacotes. Nós não tentamos negar o roubo; eu nem mesmo contestei o valor de setenta dólares que o gerente deu, embora a quantia que nós pegamos tivesse na verdade sido menor. A princípio, a velha se recusou a me ajudar. Gélida, disse a Simon que era melhor ele chamar Lubin, o assistente social, porque ela não tinha forças para tratar desse assunto e só havia se comprometido a ajudar a educar crianças, não a lidar com criminosos. Simon a convenceu a mudar de ideia porque, como ele disse, a instituição de caridade iria querer saber há quanto tempo estávamos trabalhando e por que não tínhamos informado isso a eles. Claro que a velha nunca teve a menor intenção de deixar que me mandassem para o reformatório, como havia sido dito. Mas a ameaça foi feita, e eu estava preparado para ir para o juizado de menores e em seguida para a casa de correção com uma aquiescência quase chinesa ao direito que eles tinham de me punir que renunciava o que eu deixaria que fizessem comigo. Em parte isso mostrava que eu achava que as pessoas estavam certas porque estavam zangadas. Por outro lado, faltava-me a verdadeira consciência de ser um criminoso, a consciência de que eu estava do lado errado da ampla linha universal que dividia os homens,

junto com a pior parte ou a parte mais fraca da humanidade, os que tinham cicatrizes na testa ou polegares mutilados e talhos na orelha e no nariz.

Dessa vez não foram só ameaças e broncas, mas também uma absoluta humilhação. Depois da primeira e terrível trombada, com carga total, vovó passou a me dar gelo. Simon ficou distante. Eu não podia jogar na sua cara que ele tinha me aconselhado a roubar no troco; ele só iria dizer laconicamente que eu era um bestalhão e agir como se não soubesse do que eu estava falando. Mamãe deve ter achado que estava num dos seus momentos de desdita e que o resultado da sua malfadada capitulação ao nosso pai estava começando a mostrar sua forma punitiva derradeira. Até ela me disse algumas coisas duras. Eu sofria feito um cão. No entanto, eles não conseguiram me fazer implorar e suplicar — muito embora eu não possa dizer que não tenha ficado abalado com a ideia de cumprir pena na prisão, de ter a cabeça raspada, de viver de ensopado aguado, de ser passado em revista na lama, de sofrer intimidações e ter de acatar ordens. Se eles tinham decidido que eu tinha feito por merecer, ora, eu não via como poderia contestá-los.

Mas nunca estive em real perigo de ir parar na casa de correção. O roupão, o camafeu e outras coisas foram devolvidos. O dinheiro que tinha sido poupado dos ordenados que recebi de Coblin foi suficiente para quitar o resto. A família de Jimmy também o livrou do apuro. O pai lhe deu uma surra, a mãe chorou e a coisa toda foi dada por encerrada muito antes de a desgraça em que eu fora jogado ter sido aliviada um pouquinho que fosse. As coisas eram muito mais austeras na nossa casa. Nem comigo os Klein ficaram zangados por muito tempo; para eles, aquilo não era um motivo tão forte assim para ficar com raiva, nem algo que pudesse ser considerado um sinal da desfiguração da minha alma. Passados alguns dias, eu já era tão bem-vindo na casa quanto antes e Eleanor já estava me chamando novamente de “amor” e tricotando um cachecol para mim em substituição ao que eu tivera de devolver à loja.

Quando Jimmy se refez do baque, tendo se mantido impassível e cínico o tempo todo e tomado os sopapos violentos e aleatórios do pai — dados com o braço coberto pela camisa de manga comprida — sem se encolher, ficou indignado com o fato de a Deever's ter lucrado em cima da gente. E eles tinham mesmo. Jimmy teve algumas ideias de vingança e chegou até a falar em tocar fogo na loja, mas eu já tinha tido problema demais com a Deever's para o meu gosto e, no fundo, Jimmy também, mas arquitetar vinganças era uma forma de ele pelo menos dar um pouco de vazão à mágoa.

Clem Tambow, primo de Jimmy, deu uma gostosa gargalhada às nossas custas por conta do debate sobre o incêndio e as outras propostas de bandido desesperado. Ele sugeriu que, se quiséssemos recuperar uma parte do dinheiro que tínhamos perdido, poderíamos entrar para o concurso de charleston no Webber e tentar ganhar alguns trocados honestamente. Clem não estava brincando. Queria ser ator e já tinha tentado a sorte na noite dos amadores, imitando um inglês que tentava contar uma longa história sobre um incidente no Passo Khyber. Os polacos e os suecos o vaiaram e então o mestre de cerimônias o mandou embora. Já o irmão dele, Donald, tinha ganhado cinco dólares cantando “Marquita” e fazendo passos de sapateado. Donald era o bonitão da família, de cabelo preto e encaracolado — o queridinho da mamãe. Ela também era bonita e imponente, e usava vestidos pretos e pincenê na sua loja. Seu assunto predileto era o irmão industrial, que tinha morrido de tifo em Varsóvia durante a guerra. Clem puxara ao pai, tinha a mesma pele corada, a mesma cabeça ossuda e o nariz adunco, a mesma nuca cabeluda, os mesmos lábios grandes, tudo menos a obesidade. Suas pernas eram musculosas e compridas. Poderia ter tido chance de ganhar a corrida de oitocentos metros da cidade, se não tivesse estragado seu fôlego com charutos e — ele se gabava disso — com o que os manuais de saúde chamavam de vício solitário e autoviolação. Zombava de sua perversão e de tudo o que faz o mundo admoestatório gemer. Tinha um jeito

empertigado de correr, as coxas tão descarnadas quanto as panturrilhas e cobertas de pelos pretos e lisos, e olhava com altivez e desdém para os seus adversários, os quadradões que se empinavam e se retesavam ao seu lado. Mas, ao mesmo tempo, era um pouco inseguro e angustiado, seus olhos pretos, na austeridade debochada de seu rosto comprido, com frequência transbordavam melancolia. Ele às vezes ficava mais melancólico que pinto molhado. Dizia que não havia nada que eu não pudesse fazer melhor do que ele, se quisesse. “É verdade”, dizia, “você poderia conquistar garotas que nunca nem olhariam para mim.” Era principalmente nesse campo que ele achava que eu tinha potencial. “Com dentes que nem os seus. Eles são perfeitos. A minha mãe me deixou estragar os meus. Se algum dia eu ficar famoso, vou ter que usar dentadura.” Eu ria de quase tudo que ele dizia, e ele volta e meia me chamava de abobalhado. “Coitado do March. Ele ri de qualquer coisa.”

No geral, nós nos dávamos muito bem. Ele era leniente com minha imaturidade e, como Jimmy, me deu apoio quando fiquei doente de amor, com sintomas clássicos como falta de apetite e total absorção, suspirando de paixão, lançando olhares prenhes de respeito, incompetente e cheio de ideias inspiradas no cinema e frases tiradas de canções populares. O nome da menina era Hilda Novinson; ela era relativamente alta, mas miúda de rosto, com palidez e outros sinais de fraqueza do peito, voz baixa, fala apressada, e tímida. Eu nunca lhe dirigi uma única palavra, mas me aproximava fingindo estar só de passagem, secretamente tomado de euforia e transpirando dolorosamente. Passava por ela com passos ruidosos e desajeitados, aparentando indiferença e como se estivesse pensando em outras coisas. Com seu ângulo facial russo e olhos pálidos, que ela mantinha baixos, negando ao mundo um olhar direto, Hilda parecia uma mulher mais velha. Usava uma jaqueta verde, fumava, andava com uma pilha de livros escolares abraçada ao peito e de galochas abertas, as fivelas retinindo. As passadas daquelas galochas de salto alto abertas e o rápido retinido que elas faziam agiam no meu espírito apaixonado como

pequenos dardos febricitantes e me deixavam arrepiado, tomado de um desejo idiota de me atirar aos pés dela. Mais tarde, depois que descobri certos fatos da vida e fui desbeatificado, tornei-me mais sensual. Nas primeiras vezes eu era como um cortesão, ávido pelo puro sentimento, e estava bem abastecido, provavelmente por herança, de todos os materiais do amor.

Não fazia ideia de que Hilda poderia se sentir lisonjeada por eu estar seguindo-a e fiquei espantado quando Clem e Jimmy me falaram dessa possibilidade. Eu a perseguia pelos corredores e dava um jeito de me sentar atrás dela em jogos de basquete, entrei para o clube de costura para poder ficar na mesma sala que ela uma hora por semana depois do horário da escola e, sofrendo muito, viajava em pé na plataforma de trás do bonde que ela pegava quando ia para casa. Ela descia pela porta da frente e eu pulava da traseira do bonde para o monte de neve suja e as tábuas cinza e encharcadas da West Side Street. O pai dela era alfaiate e a família morava nos fundos da loja. Hilda atravessava a cortina e... o que será que ela fazia? Tirava as luvas? As galochas? Tomava uma xícara de chocolate quente? Fumava? Ao contrário dela, eu não fumava. Remexia nos seus livros? Reclamava de uma dor de cabeça? Contava para a mãe que eu estava zanzando por ali sob os lampejos da rua escura numa tarde de inverno, calcando o chão com pés pesados, enfiado num casaco de pele de carneiro? Eu não achava que ela faria isso. E seu pai alfaiate não parecia saber que eu estava ali, aquele homem magro, de costas curvas e barba por fazer; eu podia olhar para ele o quanto quisesse enquanto ele alfinetava, umedecia e passava, com cara de exausto e esquecido do mundo. Enfim, depois que entrava, Hilda não saía mais; sumia dentro da casa e parecia não ter assunto nenhum a tratar do lado de fora.

“Com tanta menina bonita por aí pra você se apaixonar!”, disse Clem Tambow com desdém, torcendo o nariz feioso. “Deixa eu te levar pra uma puta que você vai esquecer dela num instantinho”, falou. Claro que não respondi. “Então eu escrevo uma carta pra ela no seu nome, marcando um

encontro”, ofereceu. “Assim que você tiver dado uma voltinha com a Hilda e lhe sapecado um beijinho que seja, você não vai nem querer mais ouvir falar no assunto. Você vai ver a cabeça oca que ela é. E ela não é bonita. Os dentes dela são horrorosos.” Eu recusei isso também. “Tá bom, eu converso com ela então. Falo pra ela te fisgar enquanto você ainda está cego. Ela nunca vai conseguir ninguém mais bonito, e ela deve saber disso. Que graça você vê nela? É só porque ela fuma, aposto.” Por fim, Jimmy disse: “Deixa o garoto em paz, ele quer sentir o fogo da paixão”. E, então, eles seguraram suas genitálias obscenamente e se atiraram para cá e para lá na mobília da sala de estar dos Klein, que era nosso clube. Mas eu não parei de vagar cega, respeitosa e tristemente atrás de Hilda, nem de ficar parado feito um poste na calçada oposta à alfaiataria nas tardes azuladas. O pai escanzelado labutava com a agulha, arqueado, e presumivelmente sem dar atenção ao fato de estar exposto para a rua na vitrine iluminada, enquanto a irmãzinha de Hilda, magra feito um caniço e de calção de ginástica preto, cortava papel com a maior tesoura de todas.

Levou algumas semanas para a fase aguda dessa paixonite passar e, enquanto isso, eu continuava em desgraça em casa. Não ajudou em nada minha situação o fato de, durante esse período, eu estar trazendo muito pouco dinheiro para casa. Simon agora tinha estranhos horários de ir e vir, e ninguém podia questioná-los, já que ele estava trabalhando. Não vínhamos mais almoçar em casa; conseqüentemente, mamãe tinha de cuidar das tarefas que costumávamos fazer no meio do dia: carregava o carvão escada acima, levava Winnie para passear, buscava George na escola e torcia os lençóis sozinha nos dias de lavar roupa, ficando cada vez mais magra e abatida por causa do trabalho extra. Além disso, havia um tom e um ar de anarquia e desobediência ao redor, e de poderes se avolumando com a idade e a espera, planejando o golpe que faria o palácio tremer como nos tempos antigos e arremessaria a cabeça dos cortesãos contra as paredes quando eles menos esperassem.

“Então, Augie? Como é? Você desistiu de trabalhar?”, vovó me disse. “Não quer mais saber de trabalho, é? Quer viver de caridade a vida inteira?”

Na verdade, eu tinha uma espécie de trabalho na época, numa loja de flores. Só que, nas tardes em que estava nas reuniões do clube de costura ou seguindo Hilda Novinson e suas galochas-arapuca-de-corações pela neve suja e semiderretida, eu podia facilmente dizer que Bluegren não havia me dado nenhuma entrega para fazer naquele dia.

Bluegren me dava os serviços que achava por bem me dar em uma determinada tarde qualquer; e esses, normalmente, eram mais para ajudá-lo a enfeixar e prender com arame o miolo de palha de coroas de flores (ele tinha uma grande clientela de gângsteres) do que para fazer entregas, quando ele supunha que eu receberia gorjetas, o que no cômputo geral acabava sendo razoavelmente justo. Eu não gostava de andar de bonde carregando coroas imensas ou arranjos florais de velório, porque à noitinha eu pegava o trânsito da volta para casa e tinha de batalhar por espaço e defender um canto contra cobradores e passageiros mal-humorados com o inverno, protegendo as flores com meu corpo, e era bastante hostilizado. E, além do mais, se eu estivesse indo fazer a entrega numa funerária, suspendendo meu fardo em cima da cabeça feito um contrabaixista e avançando lentamente por entre as buzinas, os roncões e a multidão, raramente havia alguém no silêncio de veludo acolchoado e na claridade rosada de mogno da sala mortuária para me dar uma gorjeta; quase sempre, era só um empregado que me recebia, eu com meu gorro pontudo de patinador e meu nariz escorrendo mantido num estado razoavelmente decente graças ao toque ocasional da minha luva de lã. De vez em quando, eu calhava de fazer uma entrega num velório em que havia uma jarra de uísque contrabandeado circulando, num daqueles recônditos bangalôs verdes aos quais você chegava atravessando uma passarela de tábuas por cima do longo charco do quintal, até dar numa sala cheia de amigos e pessoas de luto. Quando você entrava com suas flores numa dessas salas de

velório com cheiro de uísque, puxa, ninguém estava tão absorto a ponto de ignorar sua presença, como em outros tipos de velório que eu já vi, e você podia ter certeza de que iria sair de lá com um ou dois dólares em moeda pesando no chapéu. Mas, de qualquer forma, eu preferia ficar na loja — naquele leito de flores de Campos Elísios, com flores aglomeradas em volta das caixas de terra do cômodo dos fundos ou enfileiradas atrás das grossas vidraças do refrigerador, rosas, cravos e crisântemos. Principalmente estando apaixonado.

Bluegren era um homem imponente também, louro, insinuante e grande, com uma vasta camada de carne saudável — amigo de gângsteres e contrabandistas de bebida, muito íntimo de pessoas como Jake the Barber^b e Dion O'Bannion, na época em que ele era chefe dos North Siders,^c que também era uma espécie de florista à sua moda e foi assassinado na sua própria loja por três homens supostamente contratados por Johnny Torrio e que fugiram num sedã azul. Bluegren usava luvas para se proteger dos espinhos quando puxava uma rosa do balde para passá-la na tesoura. Tinha olhos azuis, frios, preparados para qualquer tipo de descoberta, e um narigão carnudo, meio enjoado das coisas. Imagino que possa acontecer a confusão de alguém ter uma mente aguçada e um rosto largo, ou uma mente larga e um rosto aguçado. Bluegren era do primeiro tipo, por conta, suponho, da conexão que tinha com gângsteres e dos efeitos do medo ou da transitoriedade. Era isso que o deixava daquele jeito. Ele podia ser ríspido e azedo, muito brigão às vezes, principalmente depois de algum assassinato importante de um Genna ou um Aiello. E um bocado de gente tomou chumbo naquele inverno.

Foi um inverno ruim para todo mundo — não só para notáveis, mas também para pessoas alheias a tudo menos aos seus próprios altos e baixos e atarefadas com o limitado tráfego de seus corações e mentes. Kreindl, por exemplo, ou Eleanor, ou minha mãe. Na época, Kreindl andava com nervos de personagem de ópera e vinha fazendo cenas de fúria no seu apartamento de subsolo; atirava pratos no chão e batia os pés com raiva.

Eleanor, por sua vez, estava num desânimo de dar dó e volta e meia ia para o quarto chorar o rumo geral de sua vida. Havia muito desse impulso, o suficiente para atingir e afetar a todos, só no clima daqueles dias. Eu mesmo poderia ter sentido isso de maneira mais forte, se não fosse por Hilda Novinson.

Mamãe também andava muito nervosa; era algo que você tinha de saber como detectar, já que ela não deu nenhum dos sinais costumeiros. Eu reparei por causa da amargura que transparecia por trás de sua docilidade, do tempo mais longo que seus olhos verdes e fracos ficavam pousados nas coisas ao seu redor e, às vezes, de suspiros profundos que não eram motivados por nenhum esforço maior que ela tivesse feito em seu trabalho. Ela estava num estado atordoado de vigilância provocado pelo zumbido de algum pressentimento.

Pouco tempo depois, soubemos o que estava se passando; a velha estava pronta para desferir seu golpe. Ela esperou uma noite em que todos nós estivéssemos jantando juntos. Eu cheguei de uma entrega de flores fúnebres; Simon estava de folga da estação. A velha investiu do seu jeito brusco e declarou que estava na hora de fazermos alguma coisa com relação a Georgie, que estava ficando grande. O jantar daquela noite era ensopado de carne, e todo mundo, inclusive o menino, continuou a comer a carne e raspar o molho do prato. Mas eu nunca supus, como a velha, que Georgie fosse um tópico privado de consciência; nem a poodle era inteiramente isso e sabia muito bem quando estavam falando dela, mesmo depois que ficou surda pouco antes de morrer. E às vezes Georgie ficava com o olhar e o sorriso da própria Gioconda quando o assunto da conversa era ele, juro que ficava, uma expressão sutil que escorregava pelas suas pestanas brancas e pelas suas bochechas abaixo, uma espécie de reflexo da sabedoria aprisionada pela incapacidade e que era como um comentário sobre a vida de todos nós. Não era a primeira vez que vovó falava sobre o futuro de Georgie, só que agora ela não estava apenas fazendo mais uma observação, mas sim indo direto ao que interessava. Imagino que mamãe já

soubesse, a julgar pela expressão de espera que surgiu em seu rosto. Mais cedo ou mais tarde, alguma providência teria de ser tomada com relação a Georgie, disse a velha. Era difícil lidar com ele, agora que estava ficando alto daquele jeito e começando a parecer um homem. O que iríamos fazer se ele cismasse de agarrar alguma menina, continuou ela, e tivéssemos de nos haver com a polícia? Essa era a represália dela por toda a nossa insolência, desobediência, teimosia e incosequência diante da nossa real situação, e eu era a principal causa disso, eu tinha plena consciência. Ela disse que Georgie deveria ir para uma instituição. Era consenso, de qualquer forma, que ele não poderia ficar conosco a vida inteira, e nós não tínhamos demonstrado muita habilidade para carregar qualquer tipo de fardo até o momento. Além do mais, Georgie precisava aprender a fazer alguma coisa, era necessário treiná-lo para fazer cestos ou escovas ou fosse lá o que fosse que eles conseguiam ensinar retardados a fazer, algum ofício que pudesse ajudar a pagar seu sustento. Ela concluiu de modo forte, afirmando que vizinhos que tinham filhas pequenas já andavam indignados, vendo Georgie zanzar em volta dos quintais, já quase um marmanjo como ele estava. Sem disfarçar demais sua repulsa, disse ainda que ele já havia atingido seu desenvolvimento como homem. Como se fosse algo obsceno que tinha, no entanto, de ser encarado. Deixou isso bem claro, com sua careta de repugnância de vovozinha, e nos deixou com seu horror.

Ah, como foi bom para ela nos fazer tomar um longo gole da sua poção de realidade e ver o efeito surgir com sobriedade nos nossos olhos. Ao encerrar seu discurso, ela tinha uma fantástica expressão de agudo prazer no rosto. Suas sobrancelhas chegavam a estar arrepiadas. Repito que Georgie tinha uma ideia do assunto que estava sendo tratado, enquanto se ocupava de raspar o molho do prato. Não quero dar a entender que a posição dela fosse toda pura maldade e a dele, nada senão sublime. Isso não poderia ser verdade. Ela tinha um difícil fardo prático, o de sugerir essa coisa chocante que supostamente nos beneficiaria. Nunca teríamos a força

ou a sensatez necessária para propor uma coisa daquelas. Como inúmeras pessoas amorosas e humanas, que, no entanto, têm de sobreviver, exatamente como todo mundo, e contam com almas mais firmes para impeli-las adiante. Mas estou concedendo a vovó a melhor justificativa possível para a atitude dela. Porque ainda resta a satisfação que ela sentiu com aquilo. Soltou baixinho aquele tenso “Aha!” com que costumava concluir uma armadilha no xadrez. Era sempre a mesma coisa; nós nos recusávamos a ver aonde os nossos erros estavam nos levando e depois vinham as terríveis consequências. Mais ou menos como a urso de Eliseu, que atacou as crianças que estavam zombando dele; ou o golpe divino que fulminou aquele judeu que cometeu a imprudência de estender a mão para evitar que a arca da aliança caísse da carroça. Era o castigo por erros que agora não haveria mais tempo de corrigir, essa era a verdade. Ela ficava feliz quando podia agir em nome dessa inexorabilidade da qual vivia nos advertindo.

George continuou lá, sentado, com um pé em cima do outro, comendo o ensopado daquele seu jeito inconsciente e retardado de serafim, em contraste com essa argumentação racional e mundana. Com voz fina e magoada, mamãe tentou responder, mas não disse coisa com coisa. Ela já era incapaz de falar com muita clareza normalmente, mas, quando estava nervosa ou sofrendo, aí é que você não conseguia entender patavina mesmo. Então, Georgie parou de comer e começou a gemer.

“Você! Quietos!”, disse a velha.

Resolvi falar em defesa de George e de mamãe. Disse que ele ainda não tinha feito nada de errado e que nós queríamos que ele continuasse conosco.

Vovó já esperava que eu dissesse aquilo e estava preparada. “*Kopfmensch meiner*”, disse, cheia de ironia. “Gênio! Você quer esperar até que ele se meta em encrenca? Por acaso você está aqui pra tomar conta dele quando é preciso? Não, você está zanzando pelas ruas e pelos becos com aquele delinquente do Jimmy Klein, aprendendo a roubar e a fazer tudo quanto é

tipo de sujeira. Quem sabe você não ia gostar de ser tio de um filho bastardo do seu irmão com uma garota polonesa de cabelo branco e de dizer pro pai carnicheiro dela que o George tem tudo pra ser um ótimo genro? Ele ia matar você com uma marreta, como se você fosse um boi, e depois tocar fogo na casa.”

“Bom”, disse Simon, “se o Augie realmente quer se responsabilizar por ele...”

“Mesmo que o Augie fosse melhor do que ele é”, ela respondeu mais que depressa, “que vantagem isso iria trazer? Quando o Augie trabalha de vez em quando, ele traz mais problema do que dinheiro. Mas imagina se ele não trabalhasse nunca, que maravilha que ia ser! Ele ia deixar o garoto na casa dos Klein de qualquer maneira e ia sair pra vagabundear com o amigo dele. Ah, eu conheço o seu irmão, meu querido. Ele tem um coração de ouro quando isso não lhe custa nada e é capaz de prometer mundos e fundos quando alguma coisa toca o coração dele. Mas daí a ser confiável... você sabe tão bem quanto eu que ele não é. E mesmo que nós pudéssemos confiar na palavra dele, você por acaso está em condição de dispensar o pouco dinheiro que ele traz pra casa? O quê? Você herdou alguma fortuna? Você pode bancar empregados, *gouvernantkes*, preceptores, como os que o Lausch sacrificou a vida dele inteira para dar pros nossos filhos? Eu fiz o máximo que podia pra dar a vocês um pouco de educação e uma criação honesta, tentei até fazer de vocês cavalheiros. Mas vocês têm que saber quem vocês são, o que vocês são, e não ficar alimentando ideias irreais. Então eu digo que é melhor você fazer por conta própria, antes, o que o mundo vai acabar fazendo por você de qualquer forma e sem benevolência. Eu já vi um pouco mais da vida que vocês; eu sei como os erros são corrigidos e quantas maneiras há de morrer só por pura tolice, sem falar de outras coisas. Eu tentei explicar essas coisas pro seu irmão, mas o raciocínio dele é mais torto que xixi de bêbado.”

E lá foi ela por aí afora, com suas queixas e profecias agourentas. Ela não precisava convencer Simon de nada; nessa questão específica do futuro de

Georgie, ele estava do lado dela. Não iria apoiá-la abertamente, por consideração a mamãe, mas quando estávamos sozinhos no quarto ele deixou que eu desfiasse todas as minhas acusações e argumentos, esperando com ar superior que eu terminasse, estendido relaxadamente em cima das cobertas — feitas de sacos de farinha —, e, quando achou que eu estava pronto para ouvir, disse: “Deixa de conversa fiada, garoto. Por que é que você não usa os seus miolos de vez em quando, antes que eles virem pó e o vento carregue? A velha está certa e você sabe disso. E não pense que você é o único que se importa com o Georgie, porque não é verdade, mas a gente tem que fazer alguma coisa com relação a ele. Como é que você pode saber o que ele vai meter na cabeça de fazer? Ele já não é mais nenhum pirralho, e a gente não pode ficar tomando conta dele a vida inteira”.

Simon vinha sendo duro comigo desde que perdi o emprego na estação e ficou mais duro ainda durante meus percalços com Wigler e o “Marinheiro” Bulba e quando soube do meu desfalque na Deever’s. Ele também não via Clem e Jimmy com bons olhos, e eu tinha cometido a burrice de lhe contar o que sentia por Hilda, expondo-me ao ridículo. “Pelo amor de Deus”, disse ele, “até a Friedl Coblin vai ser mais bonita que ela quando crescer. Provavelmente vai ter peito, pelo menos.” Claro que Simon sabia que eu não era do tipo que guarda rancor, mas sim do tipo que arrefece tão rápido quanto se enfurece. E ele se achava no direito de me tratar daquele jeito, porque estava fazendo progressos enquanto eu só fazia papel de bobo e porque pretendia me levar junto com ele, quando chegasse a hora, como Napoleão tinha feito com os irmãos. Durante meus momentos mais difíceis com a velha, ele ficava rígido e mantinha a distância, mas depois também me dizia que eu podia contar com a ajuda dele para me tirar de encrencas sérias desde que eu estivesse fazendo razoavelmente por merecer. Não gostava de ver meus amigos cabeça de vento me meterem em enrascadas. Sim, ele tinha um senso de

responsabilidade com relação a mim e a George também. Eu não podia dizer que ele estava sendo hipócrita a respeito de George.

“Eu fiquei danado da vida com você naquela hora que você deixou a mamãe falar sozinha e não abriu a boca pra dizer um ai”, eu lhe disse. “Você sabe muito bem que eu não tenho como fazer muita coisa pelo garoto, a menos que eu largue a escola e fique tomando conta dele. Mas se a mamãe quer que ele fique em casa, você devia ter dito que quem tem que decidir é ela, e não ficar lá sentado sem dizer nada e deixar a mamãe passar por aquele vexame.”

“É melhor a mamãe tomar logo a bordoadada de uma vez do que ficar sendo humilhada a prestação.” Simon se recostou na cabeceira de ferro preto da cama, louro e musculoso. Falou com veemência o que pensava. Depois parou e passou a língua devagar no dente quebrado. Parecia estar esperando que eu o criticasse com mais violência do que o fiz e, depois que eu disse as coisas mais duras que tinha a dizer, ele me fez ouvir o que eu já sabia muito bem sem que ninguém precisasse me apontar. “A velha te pegou com as calças na mão, Augie. Você sabe que bobeou feio. Mas, de qualquer forma, nós não íamos conseguir ficar com o garoto mais do que um ano além do que já ficamos. Mesmo que você estivesse fazendo a sua parte, coisa que você não está.”

“Ela agora tá achando que é ela que manda.”

“Deixa achar”, foi a resposta que ele me deu. Em seguida, desobstruiu as vias nasais com a fungada curta e ruidosa que tinha se tornado a marca de seus momentos mais sóbrios, apertou o interruptor da luz com o pé e começou a ler.

Então, não havia muito que eu pudesse fazer depois disso. Não podia mais reconhecer vovó como a cabeça da família, e parte da antiga autoridade ficou atrelada a Simon. Preferi ficar no quarto com ele a sair e encarar mamãe, que, depois de lavar a louça e sacudir as migalhas da toalha, estaria mais deitada do que sentada na sua poltrona, com a lâmpada em forma de capacete prussiano emitindo sua luz especiosa e cruel sobre

os quistos e as bolhas e a tinta granulosa das paredes. Quando estava sofrendo, mamãe não exprimia sua dor com arte de espécie alguma; era como se a dor simplesmente exalasse diretamente do seu espírito. Não fazia ruídos nem estardalhaço nem era vista chorando, mas parecia estar olhando pela janela da cozinha de um jeito absorto e terrível, até que você chegava perto e via a cor intensificada pelas lágrimas dos seus olhos verdes e do seu rosto corado, sua boca de dentes espaçados; encostava a cabeça na orelha da poltrona obliquamente, nunca reta. Ficava do mesmo jeito quando estava doente. Vestia a camisola, subia na cama, prendia o cabelo em tranças para evitar que embaraçasse e não queria saber de ninguém até se sentir capaz de ficar de pé. Era inútil irmos até lá com o termômetro, pois ela se recusava a botá-lo; entregava-se calada ao resultado da disputa de forças, sem qualquer atividade mental, da qual era incapaz. Tinha uma visão original sobre sina e recuperação.

Bem, a decisão a respeito de George estava tomada e, sem recriminar ninguém, ela fazia seu trabalho, enquanto vovó Lausch tratava a toda a pressa de levar a cabo seu projeto. A velha foi ela própria até a farmácia telefonar para Lubin, o assistente social. Isso em si já era significativo, pois ela raramente botava os pés na rua quando havia neve, depois daquele gélido Dia do Armistício em que torcera o tornozelo. Velhos com frequência padecem seus dias com ossos quebrados que teimam em não cicatrizar, ela dizia. Além disso, mesmo que fosse só para atravessar um quarteirão, ela não podia ir com o vestido que usava em casa. Não era certo. Tinha de se levantar e trocar as meias de lã penteada — na verdade, meias longas esportivas presas com elásticos emaranhados — por meias de seda, pôr o vestido preto, botar sua rede de cabelo e, fazendo cara de má, passar pó de arroz no rosto. Sem se importar com o quanto poderia estar parecendo indelicada para nós, prendeu com grampos de chapéu suas penas que espanavam o ar e, devidamente paramentada para uma ocasião de cerimônia, saiu porta afora com uma rapidez de velha com raiva. Mas,

apesar da pressa, ainda teve de descer a escada tomando o cuidado de pôr os dois pés em cada degrau.

Era dia de eleição; bandeiras cruzadas marcavam os locais de votação, corpulentos homens de partido faziam campanha na neve, soltando fumaça ao expirar e agitando modelos de cédula eleitoral tamanho família. Com a escola fechada, eu estava livre para acompanhar vovó até a farmácia, mas ela não quis nada comigo. E, meia hora depois, quando saí para esvaziar a gaveta de cinzas do fogão, encontrei a velha de joelhos na viela coberta de neve. Caída. Doeuvê-la daquele jeito. Ela nunca tinha saído sem proteção antes. Atirei a gaveta de lata no chão e corri até ela. Com as luvas molhadas de neve, ela se agarrou ao meu braço, que estava coberto apenas pela manga de uma camisa fina. Uma vez de pé, no entanto, ela não quis mais que eu a amparasse, quer por um grande e orgulhoso senso de sacrifício, quer, talvez, por alguma ideia supersticiosa de castigo divino. Subiu as escadas sozinha e seguiu mancando casa adentro direto para o seu quarto, onde abriu mais um precedente trancando a porta a chave. Até então, eu nem sequer sabia que havia uma chave; a velha devia mantê-la escondida desde os primeiros tempos, junto com suas joias e documentos de família. Mamãe e eu ficamos do lado de fora, estupefatos, e perguntamos se ela tinha se machucado, ao que ela respondeu com furiosa firmeza que fôssemos embora e a deixássemos em paz — e eu, que já estava abalado por ter visto a velha com o rosto respingado de neve, estremeci agora ao ouvir a intensidade felina de sua voz. E *aquilo* era, sim, uma mudança na ordem estabelecida: o fato de uma porta que devia ser considerada tão aberta quanto a porta de uma igreja e sempre acessível ter uma chave e de essa chave ter sido usada! A significação daquela queda no dia de eleição era ainda mais profunda pelo fato de que, normalmente, todos os cortes e queimaduras de cozinha que vovó sofria eram tratados com grande seriedade e muita azáfama, trazendo uma melancolia absoluta e a sombra da ameaça derradeira. Depois de passar iodo ou óleo e fazer o curativo, vovó fumava um cigarro para

acalmar os nervos. Mas o maço de Murads estava no seu cesto de costura na cozinha e ela não saiu de dentro do quarto.

Passou a hora do almoço, depois boa parte da tarde e só então foi que ela saiu. Estava com uma grossa atadura na perna. Veio andando pelas velhas trilhas da casa, as cores vivas do tapete gastas até a fibra numa linha que contornava a estufa da sala e atravessava o pequeno corredor que ia dar na cozinha, onde a trilha mudava de cor e ficava marrom no linóleo, sendo tudo isso em grande parte fruto da ação de seus próprios pés e chinelos cor de chumbo passando regularmente por esse caminho de gato ao longo de quase dez anos. Estava usando seu xale e suas roupas do dia a dia de novo, dando a entender que tudo tinha voltado ao normal, ou quase, enquanto que, na verdade, um silêncio nervoso enchia a casa, e o rosto dela, tentando aparentar calma e equilíbrio, estava branco como se ela de fato tivesse perdido sangue ou, pelo menos, sua longeva compostura feminina diante da visão de sangue. Ela devia ter ficado terrivelmente perturbada e assustada para trancar a porta do quarto, mas aparentemente havia chegado à conclusão de que tinha de voltar e, mesmo pálida como estava, voltar a exercer sua influência. No entanto, alguma coisa estava faltando. Até a velha cadela ofegante e molambenta, cuja lanugem branca tinha ficado marrom em volta dos olhos, andava devagar estalando as garras no chão, como se sentisse que uma nova era começava a expulsar os últimos tentáculos de um velho regime, aquela época em que conselheiros e ministros assistem ao fim de sua glória e guardas suíços e pretorianos ficam inquietos.

Comecei a passar os dias inteiros com Georgie, no último mês, puxando-o no trenó para tudo quanto era lado, passeando com ele no parque e levando-o para a estufa do Garfield Park para ver os limoeiros florescerem. As engrenagens administrativas já estavam girando; esforços de última hora não surtiram efeito algum. Lubin, que sempre tinha dito que Georgie ficaria melhor numa instituição, trouxe os papéis para o internamento, e mamãe, sem o apoio de Simon contra a velha, não teve outro jeito senão

assinar. E, mesmo que tivesse tido o apoio de Simon, isso provavelmente não teria feito diferença, já que vovó estava numa ação decisiva e procedia como se cumprisse uma sina. Não, não havia como deter vovó Lausch, estou convencido. Não naquele momento, não naquele caso. Botando tudo na balança, era mais sensato, por mais triste que fosse, internar o garoto. Como disse Simon, dali a algum tempo acabaríamos tendo de fazer isso nós mesmos. Mas a velha transformou a coisa em um teste de força, sem tato nenhum, um ato despótico — e não precisava necessariamente ser desse jeito. Era uma atitude que tinha origem em coisas que nós pouco compreendíamos: decepção, uma leviandade raivosa gerada por uma batalha autoimposta e orgulhosa, a fraqueza da proximidade da morte que prejudicava sua capacidade de julgamento, talvez uma manifestação veemente da teimosia de um espírito animal ou uma bolha de um arrojado espírito humano que está afundando e disparando cegamente das profundezas.

Sei lá eu. Mas a internação de Georgie poderia ter sido feita de maneira diferente.

Por fim, chegou o aviso de que havia vaga para ele no asilo. Eu tive de ir até a loja do Exército comprar-lhe uma mala — uma valise de viagem marrom, a melhor que pude comprar. A coisa ia ser dele pelo resto da vida, e eu queria que ela fosse a mala certa. Ensinei-lhe como usar as fivelas e a chave. No lugar para onde George estava indo sempre haveria alguém para ajudá-lo, claro, mas eu achava que seria bom ele saber se virar um pouco sozinho, quando fosse de um lugar para outro. Compramos também um chapéu no armarinho.

Era um dia sem sol mas quente o bastante para derreter a neve, no início tardio da primavera, e as árvores e os telhados pingavam. Com aquele chapéu de homem e um casaco que ele não usava de modo inteligente — parecia não sentir a necessidade de ajustá-lo direito em cima dos ombros —, Georgie parecia adulto e fazia lembrar um viajante. Na verdade, estava lindo e era o retrato de um viajante que veio de longe, com sua beleza

pálida, atordoada e impotente. Dava vontade de chorar, só de olhar para ele. Mas ninguém chorou; quer dizer, nenhum de nós dois chorou, pois a essa altura estávamos só mamãe e eu — Simon tinha dado um beijo na testa de Georgie ao sair de manhã e dito “Até mais ver, mano velho. Qualquer dia desses eu vou lá te visitar”. Quanto a vovó Lausch, permaneceu no quarto.

Mamãe disse: “Vai lá e diz pra vovó que nós já estamos prontos pra sair”.

“É o Augie”, eu disse em frente à porta do quarto de vovó. “Já está tudo pronto.”

Ela respondeu: “Ué? Vão embora, então”. Falou daquele seu antigo jeito decidido e impaciente, mas sem o brilho ou a imponência do verdadeiro comando. A porta estava trancada, e eu suponho que vovó estivesse deitada no colchão de penas com seu avental, seu xale e seus chinelos pontudos, com o bricabraque de sua existência em Odessa na penteadeira, em cima da cômoda e nas paredes.

“Eu acho que a mamãe quer que a senhora se despeça.”

“Me despedir por quê? Eu vou lá fazer uma visita pra ele depois.”

Vovó não tinha forças para sair e ver o resultado daquilo que ela tinha trabalhado tanto para conseguir e depois ainda continuar tentando manter o poder em suas mãos. De que outra forma eu poderia interpretar aquela recusa senão como uma fraqueza e uma falha de organização?

Mamãe mostrou por fim a raiva trêmula dos fracos que só coisas muito graves trazem à tona. Parecia determinada a fazer com que Georgie recebesse da velha um tratamento digno de uma criança. Mas, passados alguns minutos, ela voltou sozinha do quarto e disse com uma rispidez que não era destinada a mim: “Pega a mala, Augie”. Segurei o braço de Georgie por cima da manga larga do casaco e nós três saímos pela porta da sala, onde Winnie cochilava debaixo das samambaias. No caminho, Georgie ficou mastigando de leve o canto da boca. Foi uma viagem lenta de bonde; trocamos três vezes de carro, e no último trecho da viagem, no West Side, passamos em frente à alfaiataria do sr. Novinson.

Levamos cerca de uma hora para chegar ao asilo — tela de arame nas janelas, cerca alambrada à prova de cães, pátio de asfalto, uma melancolia só. No minúsculo escritório no subsolo, uma supervisora com cara de mal-humorada pegou os papéis e escreveu o nome de George no livro de matrícula. Fomos autorizados a subir com ele até o dormitório, onde outras crianças, paradas sem fazer nada debaixo de um radiador no alto da parede, ficaram nos observando. Mamãe tirou o casaco de George e em seguida o chapéu de homem. Com sua camisa de botões grandes, cabeça esbranquiçada e dedos brancos e gelados — era perturbador como eles eram tão grandes quanto dedos de homem —, Georgie ficou ao meu lado perto da cama enquanto eu mais uma vez lhe mostrava o pequeno e singelo macete da tranca da mala. Mas não consegui distrair sua atenção do terror daquele lugar e dos garotos como ele ao redor — Georgie nunca tinha visto ninguém como ele antes. E foi então que ele se deu conta de que iríamos deixá-lo ali e começou a despejar sua alma, ou seja, a soltar seu gemido, que para nós era pior do que lágrimas, embora fosse bem menos ruidoso do que o choro. Mamãe desabou e se entregou completamente. Foi quando estava com os cabelos eriçados da cabeça especial de Georgie entre as mãos e o beijando que ela não aguentou mais e caiu no choro. Quando comecei algum tempo depois a puxar mamãe para irmos embora, ele tentou ir atrás. Eu chorei também. Levei Georgie de volta para a cama e disse: “Senta aqui”. Então, ele sentou e gemeu. Fomos andando até o ponto do bonde e ficamos esperando, ao lado do poste preto e zoante, que o bonde voltasse dos confins da cidade.

Depois disso, passamos a levar uma vida familiar reduzida, como se cuidar de Georgie fosse a principal base da união doméstica e agora tudo tivesse ficado desajustado. Olhávamos em direções diferentes, e o tiro da velha tinha saído pela culatra. Bem, ela também estava decepcionada conosco. Talvez tivesse iniciado sua missão sonhando que poderia

encontrar entre nós um prodígio a ser guiado para a fama. Quem sabe? A força que direciona essas coisas em nós, seres superiores, e une amantes para gerar o gênio que irá conduzir o mundo um ou dois passos adiante na lenta marcha rumo ao aperfeiçoamento, ou encontrar a nota que irá chegar ao ouvido do conjunto da multidão e incentivá-la a dar esse passo, havia em vez disso se deparado com Georgie, e conosco. Estávamos longe de ter em nós a substância que vovó devia querer que tivéssemos. Nossa filiação não precisava ter importado tanto, e não era só uma questão de ser bem-nascido ou nem mesmo legitimamente nascido. Fouché chegou tão longe quanto Talleyrand. O que contava eram os dons naturais, e nesse aspecto ela havia chegado amargamente à conclusão de que não tínhamos nascido com talentos. No entanto, poderíamos ser treinados a ser decentes e distintos, a usar colarinho branco e ter unhas limpas, dentes escovados, modos à mesa, poderíamos ser criados para ser pessoas de um padrão razoável independentemente do escritório em que trabalhássemos, da loja em que atendêssemos, da caixa em que confiavelmente contássemos dinheiro — cordiais num elevador, educados ao pedir informações, corteses com as damas, sisudos e indiferentes com mulheres da vida, gentis nos transportes públicos, trilhando os caminhos de um Castiglione mais cinzento e sombrio.

Em vez disso, ficávamos cada vez mais vulgares e grosseiros, nossas vozes mais grossas, nossos corpos mais peludos. Quando estávamos nos arrumando de manhã, trocávamos socos e nos engalfinhávamos de brincadeira, só de cueca, desabando em cima das molas da cama, caindo no chão, derrubando cadeiras. Passando pelo corredor depois a caminho do banheiro, muitas vezes víamos a figura franzina da velha e seus olhos brancos de desprezo, as gengivas desdentadas se abrindo num pequeno e terrível bocejo, as bochechas chupadas com os comentários que ela não fazia. Mas destituída de poder. Liquidada. Simon às vezes dizia alguma coisa, “Como é que é, vó?” — e até, de vez em quando, “*dona* Lausch”. Eu nunca a repudiei tanto assim nem tampouco tentei tomar dela sua

influência — que, agora, estava ultrapassada. Pouco tempo depois, Simon também adotou um tom menos desrespeitoso. Àquela altura, no entanto, isso já não importava muito. Ela já tinha visto o que nós éramos e o que podíamos fazer.

A casa estava mudada para nós também; mais surrada, mais escura, menor; coisas antes reluzentes e veneradas perdiam seu encanto, sua riqueza, sua importância. O latão aparecia, rachaduras surgiam, marcas pretas onde o esmalte tinha lascado, tecidos puídos, o padrão do tapete gasto no centro, todo o glamour, o verniz, a imponência, o viço, apagados. O cheiro de cola velha de Winnie em seus últimos dias aparentemente não era percebido pelas mulheres da casa; só por nós, quando chegávamos frescos da rua.

Winnie morreu em maio daquele ano; eu a deposei dentro de uma caixa de sapatos e a enterrei no quintal.

a Pessoa íntegra e honrada, em iídiche. (N. T.)

b Apelido de John Factor, gângster, irmão de Max Factor, fundador da fábrica de cosméticos. (N. T.)

c Nome pelo qual eram conhecidos os gângsteres que controlavam o North Side de Chicago. (N. T.)

5.

William Einhorn foi o primeiro homem superior que conheci. Tinha tutano e muitos empreendimentos, um verdadeiro poder de comando e capacidade filosófica. Se eu fosse metódico o bastante e tentasse refletir antes de tomar uma decisão prática importante e também (*N. B.*)^a se eu fosse realmente seu discípulo e não quem sou, eu me perguntaria: “O que César toleraria nesse caso? O que Maquiavel aconselharia ou Ulisses faria? O que Einhorn acharia?”. Não estou brincando quando incluo Einhorn nessa lista eminente. Foi ele que eu conheci, foi nele que vi o que entendo ser a grandeza desses homens. A menos que se queira argumentar que estamos no final nanico de todos os tempos e não passamos de meras crianças cuja única cota de grandeza é como a que um menino tem de reis de contos de fadas, seres de um tipo diferente e de tempos melhores e mais fortes que o nosso. Mas, se estamos comparando homens com homens, e não homens com crianças ou homens com semideuses, que é exatamente como César gostaria de ser visto em relação a nós, numerosos democratas, e se não temos nenhum desejo especial de nos resignarmos a uma forma diferente e inferior de existência por vergonha dos nossos defeitos diante das faces douradas desses e de outros homens antigos, então tenho o direito de louvar Einhorn e não ligar para os sorrisos de desdém daqueles que acham que a raça não dispõe mais, em nenhum grau significativo, dos traços que admiramos nesses vultos fabulosos. Mas não quero ser

empurrado ao exagero por essa opinião, que é o parecer dos estudantes que, em todas as épocas, se sentem apequenados quando confrontam o passado.

Comecei a trabalhar para Einhorn quando estava no penúltimo ano do curso secundário, não muito antes do grande *crash*, durante o governo Hoover, quando Einhorn ainda era um homem rico, muito embora eu não acredite que ele algum dia tenha sido tão rico quanto mais tarde passou a dizer, e continuei trabalhando até depois que ele perdeu a maior parte de seus bens. Nessa época, na verdade, tornei-me essencial para ele, não apenas um braço direito metafórico, mas praticamente seus braços e pernas. É que Einhorn era paralítico e não tinha movimento nas pernas e nos braços, nem mesmo parcial; só suas mãos ainda continuavam funcionando, mas não eram fortes o bastante para impulsionar uma cadeira de rodas. Ele tinha de ser empurrado e arrastado de um lado para outro da casa pela mulher, pelo irmão, pelos parentes ou por alguma das pessoas que ficavam normalmente à sua disposição, ou empregadas por ele ou ligadas a ele de alguma forma. Quer trabalhassem para ele ou estivessem apenas de passagem pela sua casa ou seu escritório, Einhorn tinha um talento para reunir supernumerários delas, e sempre havia um bocado de gente com esperança de ficar rica, ou mais rica se já estava bem de vida, através dos Einhorn. Eles eram os corretores imobiliários mais importantes do distrito e possuíam e controlavam muitas propriedades, incluindo o enorme edifício de quarenta apartamentos onde moravam. O salão de sinuca que ficava na loja de esquina do prédio era inteiramente deles e se chamava Einhorn's Billiards. Havia seis outras lojas — uma de ferragens, uma quitanda, uma loja de miudezas, um restaurante, uma barbearia e a funerária de Kinsman, cujo filho tinha fugido com meu primo Howard Coblin para se alistar no corpo de fuzileiros navais e lutar contra Sandino. O restaurante era aquele em que Tambow, o chamariz de votos republicano, jogava cartas. Os Einhorn eram parentes da ex-mulher dele, mas nunca tinham tomado partido no divórcio. Não ficaria bem para

Einhorn Senior, o velho Comissário, que tivera ele próprio quatro esposas, duas delas ainda recebendo pensão, ser severo com alguém por conta de uma separação. O Comissário nunca havia sido comissário de nada, o apelido era só brincadeira das pessoas. Ainda era um velho faceiro, com um cavanhaque branco de Buffalo Bill, e desfilava pelo bairro de terno branco, ainda saudável e robusto, examinando as coisas com grandes olhos galhofeiros e sensuais. Todos o respeitavam muito por sua argúcia, e quando abria sua velha e grandiosa boca para dizer alguma coisa a respeito de uma hipoteca ou da localização de algum terreno, com seu jeito lacônico e monossilábico, toda a séria e poderosa turba de homens de negócios do escritório parava para ouvir. Ele dava muitos conselhos, e Coblín e Cinco Propriedades tinham lhe pedido que investisse parte do dinheiro deles. Kreindl, que de vez em quando fazia trabalhos para ele, achava que o Comissário era sábio como um deus. “O filho é inteligente”, dizia, “mas o Comissário... ele, sim, é um homem para quem você tem que tirar o chapéu.” Eu discordava na época e ainda continuo discordando agora, muito embora quando estava empenhado em alguma coisa o Comissário roubasse a cena. Uma das minhas responsabilidades no verão era ir com ele à praia, onde ele nadava diariamente até a segunda semana de setembro. Eu deveria cuidar para que ele não nadasse para muito longe e também lhe entregar cigarros acesos enquanto ele flutuava perto do píer com seu calção de listras de travesseiro, sua barrigona, seu sexo grande de homem velho e seus joelhos amarelos e carecas; os pelos brancos de suas costas esparramados na água, amarelados feito pele de urso polar; sua testa vigorosa, queimada e vermelha, virada para cima; enquanto seus lábios grandes falavam e seu nariz soltava fumaça, espirituoso e afável no azul quente e pesado do Michigan; enquanto barcos de arrasto, alcatroados nas laterais, resfolegavam e soltavam vapor fora da água reservada para a multidão ruidosa, chapinhante, agitada e multicolorida dos banhistas; estruturas e torres costeiras e, mais além, arranha-céus num vasto ângulo reto com a fugidia curva da orla.

Einhorn era filho do Comissário com a primeira mulher dele. Com a segunda ou a terceira o velho tinha um outro filho, que era chamado de Shep ou, pelos seus amigos do salão de sinuca, de Dingbat, por causa de John Dingbat O'Berta, o queridinho da política municipal e amigo do polaco Sam Zincowicz. Como ele não conhecia nem se parecia com O'Berta e não estava metido na política do Décimo Terceiro Distrito nem em qualquer outra, eu não saberia dizer por que exatamente ele ganhou o apelido. Mas, embora não fosse um delinquente, Dingbat acompanhava os acontecimentos do mundo do crime e das gangues, como uma espécie de amador daquele campo de saber, e se vestia ao gosto gângster, de forma que você podia até tomá-lo por alguém ligado aos perigosos Drucci ou a Big Hayes Hubacek: chapéu fino de homem de negócios, terno justo no corpo, a camisa estilo andaluz abotoada até a gola e usada sem gravata, sapatos alinhados, pontudos e empetecados, lustrosos como os de um dançarino de tango; ele pisava com força nos saltos de couro. O cabelo de Dingbat era violento, brilhante, preto, tratado, ondulado. Pequeno e enfezado feito um garnisé, magro de músculos, vivaz, quase frágil, ele tinha um rosto absolutamente irracional. Não confundir com brutal — não era isso, havia todo tipo de sentimento ali. Mas selvagem, contorcido, vesgo, invariavelmente convicto e equivocado em suas ideias, com os tocos de barba brotando pretos de baixo do seu talco pós-barba mal espalhado: a cara do alvo de um executor, desde que entendamos o protótipo não como um assassino (ele lutava com os punhos e tinha um gancho matador, mas não a verdadeira intenção), mas como alguém intratável. Na verdade, ele vivia apanhando e tinha uma cicatriz mal curada no lugar em que sua bochecha ficara imprensada entre seus dentes e um anel, mas continuava partindo para a briga assim mesmo, correndo pela porta do salão de sinuca afora a cada novo desafio para rodopiar em seus sapatos de tango e desferir socos tensos e ligeiros. As surras não o amedrontavam. Eu estava lá no domingo em que ele puxou briga com o imenso Cinco Propriedades e deu um empurrão no peito dele com as mãos, sem conseguir tirá-lo do lugar;

Cinco Propriedades o levantou no ar e o atirou no chão. Quando Dingbat voltou dando socos, Cinco Propriedades sorriu mostrando os dentes, mas se assustou e recuou, esbarrando na taqueira. Alguém na multidão começou a gritar que Cinco Propriedades estava amarelo e então o pessoal achou melhor segurar Dingbat. Preso pelos braços, ele ficou lutando para se soltar com o rosto contraído por uma raiva cega. Um amigo dele comentou que era uma vergonha um veterano da Batalha de Château Thierry ser empurrado de um lado para o outro por um imigrante recém-chegado. Cinco Propriedades se ofendeu e, dali em diante, manteve distância do salão de sinuca.

Dingbat já tinha ficado no comando do salão de sinuca uma época, mas não era confiável e o Comissário havia contratado um gerente no lugar dele. Agora ele ficava por lá no posto de filho do dono — arrumava as bolas no triângulo, de vez em quando mudava de cor feito um carvão quando o feltro verde de alguma mesa rasgava — e na capacidade de homem-chave e valentão, juiz, organizador de apostas, especialista em esportes e historiador das guerras de gangues, sempre à espreita de alguma pequena transação, de algum brigão para segurar ou de uma partida de rotação a dez centavos cada bola. Nos intervalos, era chofer do pai. O Comissário não conseguia dirigir o enorme Blackhawk-Stutz vermelho de que era dono — os Einhorn nunca conseguiram ver a menor graça em carros pequenos — e Dingbat o levava à praia quando estava quente demais para ir andando. Afinal, o velho estava beirando os setenta e cinco anos e a família não podia deixar que ele corresse o risco de ter um treco no caminho. Eu sentava com ele no banco de trás enquanto Dingbat ia na frente, com o pescoço maltratado e estropiado, segurando o volante bem de perto, uquelele e calção de banho no assento ao seu lado; ele ficava particularmente excitado quando dirigia, gritando, assobiando e buzinando atrás de rabos de saia, para a diversão do pai. Às vezes tínhamos a companhia de Clem ou Jimmy, ou de Sylvester, o dono de cinema falido, que agora estava sendo jubilado do curso de engenharia na Armour Tech e

falando de se mudar de vez para Nova York. Na praia, Dingbat, atleticamente cingido com cinto e munhequeiras, lenço amarrado na cabeça para proteger o cabelo da areia quando plantasse bananeira, besuntado de óleo de bronzear, ficava com uma turma de garotas e outros atletas de praia, dançando, tocando seu uquelele e cantando:

Ani-ka, hula wicki-wicki
Sweet brown maiden said to me,
And she taught me hula-hula
On the beach at Waikiki...^b

Quando inspirado o bastante, ele cantava de modo sugestivo, sua voz de negro desafinando feito taquara rachada e sua pequena chama de galo ardendo clara, estranha e tortuosa. Seu velho pai, grosso e zombeteiro, divertindo-se à grande, ficava deitado como o Buffalo Bill dos etruscos na cadeira de praia e na toalha de banho, que ele puxava para cima feito um capuz de albornoz para evitar que a claridade ofuscante batesse em seus olhos — sombreados também pelo seu braço mole e carnudo —, a boca hirsuta aberta numa risada.

“Idiooota!”, dizia para o filho.

Se a festa começava depois do calor mais forte do dia, William Einhorn às vezes ia também, com a cadeira de rodas no bagageiro do Stutz, e sua mulher carregando uma sombrinha para protegê-los do sol. Ele era levado às costas pelo irmão, ou por mim, do escritório para o carro e do carro para o ponto certo à margem do lago; o tempo todo tão distinto, atento, branco, impassível e nobre quanto um margrave. Olhos rápidos. Originalmente um homem grande, da estatura do Comissário, bem feito de corpo, bem-apeado, ele tinha mais delicadeza de espírito do que o Comissário, e claro que Dingbat não era páreo para ele. Einhorn era muito pálido e um pouco flácido no rosto; tinha um nariz de considerável curvatura, lábios pequenos e bastos cabelos levemente grisalhos que ele deixava crescer até encostar nas orelhas; e estava constantemente vigilante, o olhar avançando

ininterruptamente para cravar-se em alvos de observação. Sua mulher grande e atraente sentava ao lado dele com o guarda-sol, langorosa, semissorridente, com a mão livre, macia e morena, pousada no colo e o cabelo forte cortado com aquele caimento que você vê em desenhos de penteados egípcios, a base reta formando uma escova preta ao redor na nuca. Entretida com a brisa de verão, os barquinhos balançando nas ondas, as brincadeiras, a cantoria.

Se você quer saber no que ela pensava, era se a porta de casa estava trancada. Havia um quilo de salsicha na grade do fogareiro a gás, um quilo de batatas frias para salada, mostarda, um pão de centeio já fatiado. Se acabasse, ela podia mandar que eu fosse buscar mais. A sra. Einhorn gostava de sentir que as coisas estavam prontas. O velho ia querer chá. Ele precisava ser agradado, e ela estava disposta a isso, pedindo em troca apenas que ele parasse de cuspir no chão, e não diretamente a ele, sendo tímida demais para tanto, mas através do marido — para Einhorn aquilo não passava de um assunto para piada. O resto de nós podia tomar coca-cola, a bebida favorita de Einhorn. Uma das minhas tarefas diárias era ir buscar cocas para ele, ou em garrafas no salão de sinuca ou em copos na lanchonete, dependendo de qual dos dois lugares ele achasse que tinha a melhor mistura do dia.

Meu irmão Simon, vendo-me carregar um copo numa bandeja em meio às pessoas aglomeradas na calçada — sempre havia um transbordamento de homens de negócios em frente à casa de Einhorn, que se misturava com os enlutados que saíam da capela de Kinsman e com os frequentadores do salão de sinuca —, deu uma gargalhada de espanto e disse: “Então esse é o seu trabalho! Você é o mordomo”.

Mas essa era só uma entre centenas de funções, algumas até mais servis, mais pessoais, outras que exigiam perspicácia e treinamento — secretário, assistente, agente, acompanhante. Einhorn era um homem que precisava de alguém ao seu lado o tempo todo; as coisas que tinham de ser feitas para ele o tornavam autocrático. Em Versalhes ou em Paris, o Rei Sol tinha um

nobre para lhe entregar as meias, outro para lhe dar a camisa, em sua recepção matinal. Einhorn tinha de ser erguido da cama e vestido. Volta e meia, era eu que tinha de fazer isso. O quarto era escuro e abafado, pois ele e a mulher dormiam com as janelas fechadas. Então, o ar lá dentro tinha o cheiro rançoso das noites de sono dos dois corpos. Vejo agora que eu não tinha senso crítico para essas coisas; acostumei-me com tudo rapidamente. Einhorn dormia com suas roupas de baixo porque botar o pijama era uma trabalhadeira e ele e a esposa tinham o hábito de ficar acordados até tarde. Assim, quando a luz era acesa, lá estava Einhorn de cueca e camiseta, os braços inúteis sardentos, o cabelo grisalho afastado da cara quase sempre amassada, o nariz curvo astuto e o bigode aparado. Se acordasse ranheta, coisa que às vezes acontecia, meu papel era ficar de bico calado até que ele recuperasse o bom humor. Era contra sua política se zangar logo pela manhã. Ele preferia debochar. Brincalhão, implicante, muitas vezes bobo ou obsceno, ele caçoava da mulher por causa do barulho e do rebuliço que ela fazia preparando o café da manhã. Ao vesti-lo, minha experiência com George era de muita serventia, mas havia mais estilo na maneira de vestir de Einhorn do que eu estava acostumado. Suas meias eram de seda boa, as calças eram de listras e ele tinha vários pares de sapato, resistentes e de boa qualidade, que obviamente nunca vincavam na dobra do pé nem muito menos gastavam a sola, e um cinto com monograma gótico. Vestido da cintura para cima, ele era erguido, acomodado em sua cadeira de couro preta e empurrado sobre rodinhas trepidantes até o banheiro. Às vezes, a primeira aterrissagem na cadeira era recebida por ele com um franzir de cenho, outras vezes com um olhar mais oblíquo de aceitação contrariada; mas no geral era uma operação estoica. Eu o ajeitava na cadeira e, andando de costas, levava-o para o banheiro, um cômodo ensolarado com uma janela que dava para o quintal. O Comissário e Einhorn, ambos bastante descuidados em seus hábitos, faziam do banheiro um lugar difícil de se manter limpo. Mas, para pessoas de certa nobreza, algumas concessões sempre foram feitas com relação a isso. Pelo que sei, os

aristocratas britânicos ainda têm até hoje permissão legal para mijar, se tiverem vontade, nas rodas traseiras das carruagens.

Não havia nada que a sra. Einhorn pudesse fazer a respeito do chão molhado. Vez por outra, quando Bavatsky, o faz-tudo, passava tempo demais sumido no bairro polaco ou bêbado no porão, ela me pedia para lavar o banheiro. Dizia que não gostava de abusar de mim, porque eu era estudante. No entanto, eu estava sendo pago. Por serviços não especificados de caráter diverso. Eu os aceitava como tal; o caráter diverso deles era uma das coisas de que eu gostava naquele emprego. Eu era tão amigo da variedade e inapto para a disciplina e a regularidade quanto meu amigo Clem Tambow; só que, ao contrário de Clem, eu era um pé de boi quando estava entregue de coração a um trabalho ou a uma causa. Naturalmente, quando descobriu isso, e ele descobriu rápido, Einhorn me chamou para trabalhar como empregado fixo; isso lhe era extremamente conveniente, por causa do grande número de coisas que ele tinha para mandar fazer. E se acontecia de não ter nenhuma, o fato de eu estar ali fazia com que ele inventasse mais. Então, eu não recebia a empreitada do banheiro com muita frequência; Einhorn tinha uma quantidade grande demais de tarefas importantes para mim. E quando recebia, ora, o que eu havia enfrentado sob o domínio da vovó Lausch tornava ser faxineiro por uma hora uma coisa insignificante.

Mas voltando ao banheiro com Einhorn: ele me fazia ficar lá com ele para ler as manchetes do *Examiner*, as notícias do mercado financeiro, as cotações de Wall Street e da La Salle Street. Em seguida, as notícias locais, algo a respeito de Big Bill Thompson,^c que ele havia alugado o Court Theatre, por exemplo, e se apresentado no palco com duas gigantescas ratazanas engaioladas às quais se dirigia pelos nomes de republicanos viracacas — com o tempo, eu aprendi a identificar que notícias ele iria querer que eu lesse primeiro. “É, foi exatamente como o Thompson diz. Ele é um tremendo conversa-fiada, mas desta vez é verdade. Ele veio correndo de Honolulu para livrar o tal fulano da penitenciária.” Einhorn

tinha uma memória longa e quase perfeita, lia as notícias com extrema atenção e minúcia e mantinha arquivos sobre assuntos de seu interesse, pois era extremamente metódico. Uma das minhas tarefas era manter os arquivos dele em ordem nas longas caixas de aço e madeira de que ele se cercava, sendo intransigente e muitas vezes niqunto por razões difíceis de entender quando eu botava alguma coisa na frente dele, propondo jogar fora. As coisas tinham de estar ao alcance imediato de suas mãos, seus recortes e pedaços de papel, em pastas intituladas Comércio, Invenção, Grandes transações locais, Crimes e gangues, Democratas, Republicanos, Arqueologia, Literatura, Liga das Nações. Por que a Liga das Nações eu não faço a menor ideia, mas Einhorn vivia segundo noções baconianas do que faz do homem isso e aquilo, e tinha um fraco pela informação completa. Tudo tinha de ser feito da maneira correta, com Einhorn, e estar absolutamente organizado em cima e ao redor de sua mesa — Shakespeare, a Bíblia, Plutarco, dicionário e tesouros, um manual de leis comerciais para leigos, guias de imóveis e seguros, almanaques e catálogos; depois, a máquina de escrever coberta com uma capa preta, o ditafone, telefones presos na parede com mãos-francesas e uma pequena chave de fenda à mão para tocar na parte do mecanismo do telefone que registrava a queda da moeda — pois, mesmo na sua época mais próspera, Einhorn se recusava a pagar por cada ligação que fizesse; a companhia já estava ganhando uma fortuna com as caixas de moeda usadas pelos outros homens de negócio que vinham ao escritório —, bandejas de arame com etiquetas em que se lia “Entrada” e “Saída”, pesos de papel, carimbo de notário preso numa corrente, grampeador, esponjas para umedecer selos e envelopes, chaves para os lugares onde ele guardava dinheiro, documentos confidenciais, notas, preservativos, correspondências pessoais, poemas e ensaios. Quando tudo isso estava pronto e arrumado em seu devido lugar, tudo como tinha de ser, ele podia começar a operar de trás da sua barreira polida, à qual se chegava atravessando dois portões de escritório, onde ele era um dos chefes da vida, um executivo de cara branca, muito consciente

de si mesmo e até da argúcia aberrante e obstinada que às vezes maculava sua dignidade e sua beleza orgulhosa e distinta.

Ele tinha o pai como modelo a se equiparar, cujas ideias comerciais talvez fossem menos criativas, mas eram mais amplas, baseadas nas conexões com seus antigos parceiros ricos. O velho Comissário havia feito a fortuna dos Einhorn e ainda mantinha a maior parte dos títulos em seu nome, não porque não confiasse no filho, mas apenas porque para a comunidade dos homens de negócios ele ainda era o Einhorn, o primeiro a ser procurado por quem tinha alguma oferta a fazer. William era o herdeiro e seria também o fiduciário das partes que caberiam a seu filho Arthur, que era estudante e cursava o segundo ano na Universidade de Illinois, e a Dingbat. Às vezes Einhorn ficava chateado com o Comissário por conta do hábito que ele tinha de fazer empréstimos pessoais, alguns bastante altos, do bolo de dinheiro que Einhorn carregava preso num grampo dentro do bolso do seu terno estilo Mark Twain. Com mais frequência, gabava-se do pai, descrevendo-o como um construtor pioneiro do Northwest Side, e tinha ideias dinásticas a respeito dos Einhorn — o organizador vindo depois do conquistador, o filósofo e poeta sucedendo o organizador, e todo o desenvolvimento tipicamente americano, a obra da inteligência e da força num campo aberto, um mundo de possibilidades. Mas na verdade, com todo o respeito pelo Comissário, Einhorn, embora ainda verde e florescente, tinha os poderes superiores do pai e mais alguma coisa, habilidade de estadista, sutileza de conduta, senso parse, profunda capacidade de intriga, o desdém do papa Alexandre VI pelos costumes. Uma manhã, quando eu estava lendo uma coluna que falava do comportamento indecoroso de uma herdeira americana com um príncipe italiano em Cannes, ele me interrompeu para fazer uma citação: “Querida Kate, você e eu não podemos ficar confinados dentro da frágil borda do costume de um país. Nós somos os criadores de costumes, Kate, e a liberdade que acompanha nossas posições cala a boca de todos os críticos...” Isso é Henrique V, para sua informação. Quer dizer que existe

um padrão para as pessoas em geral e outro para aquelas que têm algo especial a fazer. E que as pessoas em geral precisam ter diante delas. É um estímulo para elas que exista um privilégio que não pode ser desfrutado, desde que elas saibam que ele está lá. Além do mais, existe a lei mas também existe a natureza. Existe a opinião mas também existe a natureza. Alguém tem que se pôr de fora da lei e da opinião e falar em prol da natureza. É até um dever público, para que os costumes não nos prendam a todos pela goela”. Einhorn tinha um estilo de ensinar parecido com o de vovó Lausch; ambos acreditavam que podiam mostrar o que era possível fazer com o mundo, onde ele cedia ou resistia, onde você podia ser confiante e correr ou onde podia apenas ir tateando o caminho e era forçado a andar como se pisasse em ovos. E, com o filho dele na universidade, eu era o único aluno que ele tinha à mão.

Ele assumia um ar judicioso e as coisas, estivessem elas correndo como estivessem, tinham de ser agarradas pelo colarinho e freadas, quando ele estava disposto a se pronunciar. Botava seus braços imprestáveis em cima da mesa por meio de uma engenhosa manobra composta de vários estágios, puxando a manga do punho direito com os dedos da mão esquerda, ajudando o braço esquerdo com a mão direita. Não havia nenhuma intenção de despertar sentimentos de qualquer espécie enquanto ele realizava esses movimentos; era apenas uma operação. Mas era uma operação de imensa importância. Tal como um homem robusto e vigoroso poderia subir num púlpito e confessar sua fraqueza diante de Deus, Einhorn, com sua fragilidade demonstrada à guisa de preâmbulo, punha-se em situação de falar da força, com força. Era muito estranho ouvi-lo falar naquele tom, principalmente considerando como era a faina diária da vida ali.

Mas voltemos ao banheiro, onde Einhorn se aprontava de manhã. Houve uma época em que ele costumava chamar o barbeiro em casa para lhe fazer a barba, mas, segundo ele, isso o fazia lembrar sobremaneira do hospital, onde tinha passado no total dois anos e meio de sua vida. Além do

mais, ele preferia fazer o máximo que pudesse sozinho; já tinha de depender de gente demais do jeito que as coisas estavam. Assim, ele agora usava um aparelho de barbear preso a uma engenhoca que um inventor tcheco tinha lhe vendido pessoalmente e garantira que era eficiente. Einhorn demorava mais de meia hora fazendo a barba, o queixo na beirada da pia, as mãos na água, trabalhando ao redor do rosto. Pescava o pano de banho e abafava o rosto com ele; eu o ouvia respirar através das papilas do pano. Então, passava a espuma, esfregava, brincava, raspava e tateava o rosto com os dedos em busca de sobras de pelo, enquanto eu lia sentado na tampa da privada. O vapor despertava velhos cheiros, e havia algo adstringente no creme de barbear que ele usava que ardia quando eu respirava. Depois, ele passava brilhantina no cabelo e enfiava na cabeça uma pequena touca, feita com a ponta de uma meia fina de mulher. Seco e polvilhado com talco, ele precisava de ajuda para vestir a camisa e botar a gravata, inspecionava o nó várias vezes com os dedos e o puxava de um lado para o outro com certo nervosismo em cima do primeiro botão da camisa até ajeitá-lo no lugar exato. Em seguida o paletó, retocado com o barulho seco da escova de roupa. Braguilha reexaminada, sapatos enxugados para secar as gotas d'água, estávamos prontos para sair do banheiro e eu recebia o aceno de cabeça que queria dizer que eu podia levá-lo para a cozinha para tomar café da manhã.

Einhorn tinha um apetite tremendo e devorava sua comida. Um estranho de bom senso, se não soubesse que Einhorn era paraplégico, teria adivinhado que ele não era um homem são ao vê-lo chupar um ovo furado, pois era algo humanamente vulpino, canhestro, esfomeado acima da necessidade média. Além disso, ele mantinha sua touca de meia de mulher, como um troféu de outro campo de apetites, se você me permite uma referência esportiva, ou marcial, enfiada na cabeça. Ele próprio tinha consciência disso, pois praticamente tudo era pensado, e a mente dele realizava a seu modo um trabalho admirável em muitas das coisas que ele fazia; ou não queria se impedir de fazer; ou não conseguia se impedir de

fazer; ou achava que era simplesmente da natureza humana fazer; ou gostava, tinha prazer de fazer; ou se orgulhava por sua doença não tê-lo deixado incapaz de fazer e, sim, mais capaz até do que muito homem normal. Muitas coisas que são indizíveis para muita gente por repulsa ou vergonha ele não se importava de dizer para si mesmo ou para um confidente íntimo (ou quase isso) como eu, e captava, usava e trabalhava todos os sentimentos livremente. Havia muito a se pôr a par; ele era um homem bastante ocupado.

Havia um curto período executivo, depois do café, em que Einhorn exercia sua autoridade tratando de assuntos domésticos. Mandava chamar no porão o enrugado e sorumbático Tiny Bavatsky, com seus músculos que pareciam cordas, dizia o que ele tinha de fazer e recomendava que ficasse longe da garrafa até a noite. Bavatsky ia embora com seu andar capenga, falando sozinho palavras de ameaça, para começar suas tarefas. A sra. Einhorn não era realmente uma boa dona de casa, muito embora reclamasse do chão do banheiro e da mania de cuspir do Comissário. Einhorn, no entanto, era um proprietário cuidadoso e zelava para que tudo estivesse sempre tinindo, fluindo, escoando e fosse constantemente melhorado — os ratos mortos, o quintal cimentado, as máquinas limpas e oleadas, os portões restaurados, as instalações dos inquilinos saneadas, as latas de lixo tampadas, as telas remendadas, as moscas pulverizadas. Ele sabia dizer com que rapidez pragas se multiplicavam, que quantidade de massa era preciso comprar para emassar uma determinada vidraça, o preço certo de pregos, cordas de varal, fusíveis e muitas outras coisas desse tipo; tanto quanto qualquer senador romano antigo sabia de administração doméstica antes que tais preocupações passassem a ser consideradas erradas. Então, quando tudo estava sob controle, Einhorn pedia que eu o levasse para o seu escritório na cadeira de rodízios cacarejantes construída especialmente para ele. Eu tinha de espanar a mesa e ir buscar uma coca-cola para ele tomar enquanto fumava seu segundo cigarro; quando eu voltava, ele já estava examinando a correspondência. Recebia uma

quantidade enorme de cartas — fazia questão que fosse assim — e de diversos tipos de correspondentes, de tudo quanto era parte do país.

Imagine que está quente — pois estou descrevendo os verões, durante as férias, quando eu passava o dia inteiro com ele — e que Einhorn está de colete no escritório. Pela manhã, assim cedo, muitas vezes fazia um tempo ameno de pradaria, bem antes do fervedouro encarniçado começar — como a ingenuidade que você se acostuma a esperar dos mais duros e surrados quando já estive com eles por tempo bastante — me refiro aos negócios e ao calor de uma tarde de verão em Chicago. Mas, por enquanto, era hora de respirar. O Comissário ainda não tinha terminado de se vestir; ia de chinelo para o sol brando da rua, com os suspensórios pendurados, e a fumaça do seu charuto cubano passava por cima do seu cabelo branco, enquanto sua mão se enfiava, confortável e profundamente, por baixo do cós da calça. E Einhorn, lá longe, a distância da extensão do escritório, abria suas cartas, fazia anotações para usar nas respostas, debruçava-se sobre seus arquivos ou me passava coisas para que eu conferisse — eu, o ajudante com frequência aturdido, tentando entender o que ele estava tramando em suas inúmeras pequenas falcatruas. Nesse departamento, não havia praticamente nada em que ele não se metesse, como encomendar produtos que só eram cobrados depois da aprovação do comprador, mas pelos quais ele não tinha a menor intenção de pagar — selos, pequenos frascos de perfume de lilás, pacotes de sachê de roupa, flores de papel japonesas que abriam na água e todo tipo de artigos anunciados nas últimas páginas do suplemento de domingo. Mandava que eu redigisse os pedidos com minha letra e botasse nomes fictícios; depois, jogava fora as cartas de cobrança, claro, e dizia que todas aquelas pessoas já calculavam antes as perdas que sofreriam e embutiam no preço que cobravam. Pedia tudo que era de graça: amostras de produtos alimentícios, sabonetes, remédios, impressos de tudo quanto era causa, boletins do Bureau of American Ethnology, publicações da Smithsonian Institution e do Bishop Museum no Havaí, o *Congressional Record*, leis, panfletos,

prospectos, catálogos de universidades, livros de higiene charlatanescos, conselhos sobre como desenvolver bustos, sobre como se livrar de espinhas, sobre longevidade e o método coué, folhetos sobre fletcherismo, ioga, comunicação com espíritos, antivivisseccionismo; estava na mala direta do Henry George Institute e da Rudolf Steiner Foundation em Londres, da Ordem dos Advogados local e da Legião Americana. Tinha de estar em contato com tudo. E guardava toda essa papelada; o que não cabia no escritório ia para o porão. Bavatsky ou eu ou Lollie Fewter, que vinha três dias por semana para passar roupa, carregava lá para baixo. Ele vendia algumas das publicações, quando saíam de circulação, para livrarias ou bibliotecas; outras eram reenviadas a seus clientes com o carimbo dos Einhorn, como um agrado. Também participava muito de concursos e entrava em tudo quanto era competição de que tomasse conhecimento, sugerindo nomes para novos produtos, slogans; inventava frases brilhantes e os momentos mais embaraçosos, os sonhos mais maravilhosos, presságios a que deveria ter dado atenção, experiências telepáticas e jingles:

Quando inventaram o rádio, eu fiquei na maior alegria,

Poupava cada centavo que podia,

Nem a barba mais eu fazia.

O meu Dynamic vai comigo até para a cova fria.

Ele ganhou o primeiro prêmio do *Evening American*, de cinco dólares, com essa letra, e uma das minhas tarefas era providenciar para que as coisas a ser enviadas para os concursos — anagramas dos nomes de presidentes ou de capitais dos estados, ou elefantes compostos de números minúsculos (somando quanto?) — estivessem organizadas, alinhadas corretamente, dentro das margens tracejadas, acompanhadas dos necessários cupons, tampas de caixa e rótulos. Além disso, eu tinha de fazer um trabalho de remissão para ele, ou em seu gabinete ou na biblioteca do centro, pois um de seus projetos era lançar uma edição de Shakespeare indexada, como a Bíblia dos Gideões: Negócios fracos, Tempo ruim, Clientes difíceis,

Empatado com grande estoque de modelos do ano passado, Mulher, Casamento, Sócios. Mil e uma transações caça-níqueis, nenhuma encomenda era grande demais; nenhum valor, pequeno demais. E o tempo todo falante, brincalhão, clássico, filosófico, homilético, piegas, passando fotos de mulheres nuas e cocôs falsos comprados nas lojas de novidades da Clark Street, tirinhas pornográficas dos *Katzenjammer Kids* e de *Somebody's Stenog*; mexendo com a jovem Lollie Fewter, recém-chegada dos campos de carvão — aquela garota com seus olhos verdes, cuja sensualidade ela não tentava disfarçar, e seu busto sardento à vista do bando de homens em meio aos quais ela passava com seus panos de encerar e o balanço macio do seu andar. É, Einhorn, mesmo cuidadoso com sua posição, mesmo com as pernas mortas, negava na sua cara que fosse diferente dos outros homens. Nunca se importava de falar da sua paralisia; pelo contrário, às vezes se gabava dela como se fosse uma coisa que ele tivesse superado, como um homem de negócios bem-sucedido que fala da sua infância pobre no campo. Tampouco deixava escapar uma chance que fosse de tirar proveito dela. Para uma mala direta que ele criou a partir da lista de clientes de lojas que vendiam cadeiras de rodas, muletas e aparelhos ortopédicos, Einhorn enviava um jornal mimeografado chamado *O Confinado*. Duas páginas de artigos e ensaios, frases sentimentais copiadas do *Elbert Hubbard's Scrapbook*, citações de “Thanatopsis”^d (“Não como o escravo que vai açoitado para a sua pedreira’, mas como um nobre e estoico grego”), de Whittier (“Príncipe tu és, o homem adulto/ É apenas republicano”) e de outras fontes que tais. “Constrói para ti mais grandiosas mansões, Ó minha alma!”^e A terceira página era reservada para cartas de leitores. Aquele troço — era eu que mimeografava, grampeava e levava ao correio — me dava arrepios de vez em quando, uma sensação estranha na pele da nuca. Mas Einhorn falava dele como um serviço para os confinados. Era bom para ele também; trazia um volume considerável de negócios na área de seguros, pois ele assinava “William Einhorn, um corretor da sua vizinhança”, e os custos

eram pagos por diversas companhias. Como vovó Lausch de novo, ele sabia como usar grandes instituições. Tinha uma considerável influência sobre seus representantes — rosto de leite talhado, com seu bigodinho inteligente e o movimento astuto de seus olhos escuros, os braços de asa de galinha em repouso. Usava ligas elásticas — mais um apetrecho feminino — nas mangas da camisa. Valendo-se de manobras, tentava fazer com que várias companhias de seguro entrassem em competição, para assim aumentar suas comissões.

Muitas e repetidas pressões com o mesmo efeito de um golpe forte, esse era o seu método, ele dizia, e tinha um orgulho especial de saber usar os meios disponíveis na nossa época para manobrar tão bem quanto qualquer outra pessoa; quando numa era não tão avançada ele ficaria aos cuidados da mãe numa cabana ou precisaria da ajuda de alguém até para ser mendigo na porta de uma igreja, quase um *memento mori* em forma de gente ou, pior ainda, um lembrete das dificuldades que tinham de ser enfrentadas antes que você pudesse se tornar um defunto. Ao passo que agora... bem, provavelmente não devia ser por acaso que era o aleijado Hefesto quem criava máquinas engenhosas; um homem normal não precisava se suspender ou se içar por cima de obstáculos por meio de manivelas, correntes e peças de metal. Então, era graças ao avanço humano que Einhorn podia fazer tanta coisa, mas, considerando o quanto a raça inteira estava obcecada por aparelhos, ele não era tão mais dependente assim do que outros que não conseguiam passar sem esse ou aquele utensílio, máquina, engenhoca, porta de correr ou serviço público, e o fato de as pessoas estarem livres de pequenos labores fazia da mente o principal centro de ensaio. Era pegar Einhorn num estado de espírito sério, quando seu nobre rosto Bourbon, gorducho e bicudo, adquiria um ar pensativo, que ele pintava para você o retrato completo da era mecânica, da força e da fragilidade, pincelado com pequenas digressões sobre a história dos deficientes — a estupidez dos espartanos, o fato de Édipo ser coxo, de os deuses com frequência serem aleijados, de Moisés ser gago, de

Demétrio, o feiticeiro, ter um braço atrofiado, de César e Maomé terem epilepsia, Lord Nelson, uma manga sem braço — mas principalmente sobre a era das máquinas e sobre o tipo de vantagem que era preciso tirar dela; comigo feito um soldado medieval recebendo uma preleção do sábio *signor* que estava com vontade de discursar.

Eu era um ouvinte por criação. E Einhorn, com seu charme, sua erudição, sua oratória e seu tom de efeito, não estava empenhado em me influenciar de maneira prática. Não era como vovó Lausch, com suas carabinas educativas apontadas para nós. O que ele queria era expor suas ideias, ser admirável e eloquente. Não paternal. Eu não deveria jamais meter na cabeça que fazia parte da família. Era pouco provável que eu fizesse isso, do modo como Arthur, o filho único, figurava em todas as referências deles; além disso, eu era convidado a me retirar sempre que algum assunto de família importante começava a palpitar. Para garantir com absoluta certeza que eu não alimentasse nenhuma ideia dessa natureza, Einhorn volta e meia me fazia alguma pergunta sobre minha família, como se já não tivesse se informado a meu respeito com Coblin, Kreindl, Clem e Jimmy. Ele era muito astuto de me botar no meu lugar dessa maneira. Se vovó achava que um homem rico poderia se agradar de nós e fazer nossa fortuna, a minha e a de Simon, Einhorn achava o oposto. E não deveria pensar de forma alguma que, porque nós éramos intimamente ligados e porque ele gostava de mim, eu iria entrar no testamento. As coisas que tinham de ser feitas para ele eram tais que qualquer pessoa que trabalhasse para Einhorn ficava necessariamente íntima dele. Eu às vezes ficava tiririca com o fato de ele e a sra. Einhorn fazerem tanta questão de que eu soubesse meu lugar. Mas talvez eles tivessem razão; a velha havia semeado a ideia, muito embora eu nunca a tivesse levado seriamente em consideração. No entanto, era fato que a ideia existia, e ela acabava contribuindo um pouco para a minha indignação. Einhorn e sua mulher eram egoístas. Não eram mesquinhos, eu admitia com justiça, e geralmente eu conseguia ter uma visão justa da situação;

apenas egoístas, como duas pessoas que estão saboreando um piquenique na relva e não convidam você para saborear junto com elas. Se você próprio não estivesse morrendo de vontade de comer um sanduíche, poderia ser até uma cena agradável de se ver, os dois lambendo a mostarda dos beiços, cortando bolo, descascando ovos e pepinos. Egoísta, no entanto, Einhorn certamente era; seu nariz, em constante atividade, cheirava e farejava tudo, algumas vezes austeramente, outras sem modos, às ocultas, sempre vigiando com o rabo do olho à procura de observadores, mas sem se intimidar também caso avistasse algum.

Creio que não teria me passado nem sequer remotamente pela cabeça que eu pudesse ser um herdeiro do Comissário se eles, em primeiro lugar, não tivessem chamado tanto minha atenção para o quanto eu estava longe de herdar o que quer que fosse e, em segundo, se não ficassem o tempo todo discutindo heranças.

Bem, eles estavam necessariamente imersos em seguros e propriedades, litígios e erros judiciais, sociedades malogradas, calotes e testamentos contestados. Era só isso que se ouvia quando o clube de *connoisseurs* dos seus parceiros de peso se encontrava, todos eles mostrando por meio de marcas estabelecidas — anéis, charutos, meias de qualidade, panamás novos — em que posição se situavam; eram classificados também segundo graus de sorte e sabedoria, máculas por nascimento ou vexames, poder sobre ou submissão a esposas, mulheres, filhos e filhas, graus de desfiguramento; ou pelos papéis que desempenhavam em comédias, tragédias, farsas sexuais; se sacaneavam ou eram sacaneados, se eram eles próprios que faziam as manipulações ou se eram brutalmente manobrados, arrastados e atropelados por seus destinos; suas fraudes, suas falências espertas, os incêndios que tinham provocado; quais eram suas expectativas de vida, de que distância a morte os espreitava. E também seus méritos: que homenzarrão de cinquenta anos era um bom rapaz, um doador, um amigo, um homem de bom coração, um homem de colhão, um calculador lúcido de porcentagens, um sujeito disposto a fazer um empréstimo

caridoso embora não pudesse assinar seu nome, um doador de pergaminhos para a sinagoga, um protetor de parentes poloneses. Todo mundo sabia; Einhorn tinha tudo anotado. E aparentemente todo mundo sabia de tudo. Havia uma boa circulação da franqueza ali e muito respeito indo e vindo. E também um bocado de coisas vis. Fosse como fosse, o assunto dentro do espaço cercado dos bancos ou na sala anexa onde eles jogavam cartas era basicamente negócios — curatelas, amortizações, testamentos e praticamente mais nada. Da mesma forma que o rigor do tempo é o tema em Labrador; a respiração, nos píncaros dos Andes; o espaço, numa mina da Cornualha embaixo do mar. E, nas paredes, pôsteres de companhias de seguro mostrando pessoas em desespero no meio de um incêndio, ratos roendo as vigas de uma casa, donas de casa caindo e derrubando junto as prateleiras da despensa. Tudo isso servindo para mostrar como não se podia evitar a questão da herança. Por acaso o Comissário gostava de mim? Embora fosse uma mulher normalmente gentil, a sra. Einhorn volta e meia me lançava um olhar que lembrava Sara e o filho de Hagar. Não obstante o fato de não haver nada a temer. Nada. Eu não era do sangue deles, e o velho também tinha ideias dinásticas. E eu não estava tentando conquistar herança nenhuma, nem ficar com parte alguma do que estava destinado ao filho dela, o culto e elegante Arthur. Claro que o Comissário gostava de mim, passava a mão no meu ombro, me dava gorjetas; e depois não pensava mais em mim.

Mas ele e Einhorn eram um enigma para Tillie. Seu cabelo de faraó crescia numa cabeça cujos dotes eram essencialmente físicos; ela nunca sabia o que eles poderiam cismar de fazer. Principalmente o marido dela, tão flexível, fértil e imprevisível. Ela o obedecia com devoção, cumpria suas ordens e incumbências exatamente como o resto de nós. Ele a mandava até a prefeitura com pedidos de informação para o escritório de registros ou de licenças; Einhorn fazia as perguntas por escrito, porque ela nunca conseguia explicar o que ele queria saber, e depois ela trazia a resposta escrita por um funcionário. Para tirá-la do caminho quando estava

tramando alguma coisa, Einhorn mandava que ela fosse visitar o primo dela no South Side, uma viagem de um dia inteiro indo de bonde. Só para garantir que ficaria livre dela por um bom tempo; e, pior, ela sabia.

Mas imagine agora que estamos na hora de almoço, num dia típico de Einhorn. A sra. Einhorn não gostava de se esfalfar na cozinha e privilegiava refeições prontas ou fáceis de preparar, delicatéssem, salmão enlatado com cebola e vinagre, ou hambúrguer e batata frita. E esses hambúrgueres não eram aqueles bifés achatados das carrocinhas de lanches, complementados com farinha de milho, mas sim grandes nacos de carne carregados no alho e fritos até ficarem pretos. Salpicados com raiz-forte em pó e molho chili, eles até que não desciam mal. Essa era a comida da casa, no sistema da sua normalidade, como seus odores e móveis, e se você fosse o albatroz visitante encarnado, você comeria a comida que nunca tinha comido e não daria um pio. O Comissário, Einhorn e Dingbat não faziam perguntas e comiam um bocado, com chá ou coca-cola, como sempre. Depois, Einhorn tomava uma colherada de antidispéptico e um copo de água mineral de Waukesha para o seu problema de gases. Fazia piada do assunto, mas nunca esquecia de tomá-los e acompanhava todos os seus processos com muita seriedade, cuidando para que sua língua não ficasse com muita saburra e para que sua maquinaria funcionasse bem. Ele ficava muito grave às vezes, quando atuava como seu próprio médico. Gostava de dizer que ele era fatal para médicos, principalmente para aqueles que nunca tinham lhe dado muita esperança. “Eu já enterrei dois”, dizia. “Tanto um quanto o outro me disseram que eu ia empacotar dali a um ano e, menos de um ano depois, quem empacotou foram eles.” Ele se sentia bem contando isso para outros médicos. Mesmo assim, era zeloso nos cuidados consigo mesmo; e, junto com esse zelo, ele tinha um sarcasmo de moleque para com o objeto de seus cuidados, uma autoironia sem limite; botava a língua para fora, deixando-a pendurada sobre o lábio, com uma cara cômica e idiota, e entortava os olhos até ficar zozzo. No entanto, estava sempre pensando em sua saúde e tomava seus pós, suas pílulas de

ferro e suas pílulas para o fígado. Você quase poderia dizer que ele acompanhava a assimilação dos nutrientes com o pensamento; por todo o seu corpo, que a morte já começara a invadir, desde a Washington do seu cérebro até seu sexo e seus olhos perscrutadores. Ah, sim, claro, ele ainda era uma preocupação, uma grande preocupação, mas ele tinha de pensar mais sobre si mesmo do que as outras pessoas pensavam, já que, se *ele* fracassasse, seria uma perda total, uma criatura sem razão de ser, um peso morto, um estorvo, uma nulidade. Eu sabia disso porque ele dizia tudo o que pensava e, embora não falasse abertamente sobre o dinheiro que tinha no banco ou as propriedades que possuía, era absolutamente franco sobre coisas vitais. E se abria comigo, principalmente quando estávamos sozinhos no gabinete dele, ocupados com algum dos seus projetos que, quanto mais ele cismava de ser sistemático, mais complicados e extravagantes ficavam, até que você acabava ficando com um aparato tão monstruoso que era impossível pô-lo em movimento, fosse com empurrão ou com manivela.

“Augie, você sabe que outro homem na minha situação poderia ficar de fora da vida para sempre. Existe uma visão do homem segundo a qual ele não passa de um saco de vísceras famintas; você encontra isso no *Hamlet*, a três por dois. Que obra de arte é o homem, e o firmamento ornado de ouro — mas o *geschäft* todo o aborrece. Olha pra mim, eu não sou nem sequer preciso e admirável na ação. Você poderia até dizer que o que se espera de um homem como eu é que ele se recolha e saia de cena. Em vez disso, eu hoje toco um grande negócio” — isso não era inteiramente verdade; o Comissário ainda era o principal motor dos negócios da família, mas nem por isso o que ele dizia deixava de ser interessante — “embora ninguém fosse me recriminar se eu estivesse apodrecendo no quarto dos fundos debaixo de um cobertor ou passasse os meus dias reclamando da sorte feito um velho ranzinza e amargurado, com pessoas jovens e saudáveis fazendo questão de passar longe de mim, só pra não ter que olhar. Um garoto que nem você, por exemplo, forte como um cavalo chucro e corado feito uma maçã. Um bem-amado Alcibíades, santo Deus. Eu não sei que capacidade

intelectual você tem; você ainda é folgazão demais, e mesmo que acabe se revelando inteligente, você nunca vai estar no mesmo nível que o meu filho Arthur. Você não deve ficar zangado por ouvir a verdade, se tiver a sorte de encontrar alguém que a diga a você. Enfim, você não está numa situação ruim, sendo um Alcibíades. Isso já é estar muito melhor que a maioria das criaturas. E não pense que as pessoas também não odiavam o original. Todo mundo odiava menos Sócrates, que era feio feito um cão velho, dizem. E também não era só porque o rapaz tinha arrancado os pintos das figuras sagradas antes de embarcar para a Sicília, não. Mas, voltando ao assunto, uma coisa é você ser enterrado junto com todos os seus prazeres, como Sardanapalo; outra coisa é você ser enterrado bem ali na frente deles, com eles todos à sua vista. É ou não é? É preciso um gênio para conseguir se elevar acima disso...”

Uma tarde tranquila, tranquila no gabinete de fundos, com uma toalha impermeável estendida na mesa da biblioteca, bustos na parede, carros invisíveis roncando e trepidando em direção ao parque, o sol batendo no quintal do lado de fora da janela gradeada contra arrombadores, bolas de bilhar se chocando e ricocheteando no feltro e na proteção de borracha das mesas, e a porta dos fundos da funerária mais quieta ainda, gatos sentados nas trilhas do jardim luterano do outro lado da viela, jardim que era varrido e embelezado e quase nunca percorrido pela diaconisa dinamarquesa, que usava um lenço amarrado embaixo do queixo e que de vez em quando saía para a varanda gradeada feito um berço e sempre bem pintada da casa da família.

Aquilo me ofendia um pouco, o modo como ele me comparava ao filho dele. Mas eu não me importava de ser Alcibíades e de deixar, de quebra, que ele se pusesse na mesma categoria que Sócrates, já que era isso que ele tinha em mente. Para Brutus, nós tínhamos tanto título quanto os reis ingleses com suas cotas de malha. Se você quer escolher sua criatura ideal no ar costeiro espelhado e nas folhas pontudas de modelos de perfeição da antiguidade e se sentir em casa onde uma grande humanidade se sentia em

casa, eu não vejo por que não. Muito embora nunca tenha conseguido me fiar cem por cento na palavra de um homem como o reverendo Beecher quando dizia para a sua congregação: “Vocês são Deuses, vocês são cristalinos, seus rostos são radiantes!”. Não sou otimista a esse ponto, levando em conta os rostos em si, congregados ou não, que já vi; mas sempre admiti que a verdadeira visão das coisas é um dom, principalmente em tempos de especial desfiguramento e babilonismo mundial, quando o aterrador macadame e o vulcânico peperino parecem mais comuns que o cristal — para olhos com dons normais de visão, pelo menos — e quando se contentar com um quartzo de qualidade média parece uma política boa e sensata. Eu às vezes me pergunto em que momento da criação o brado “*Homo sum!*” causaria mais estranheza. Mas eu estava e sempre estive disposto a me aventurar o mais longe possível; muito embora nunca tenha ficado tão impressionado com Einhorn quanto ele gostaria que eu ficasse em seus momentos grandiosos, com sua calça de banqueiro, sua echarpe de chanceler e seus imprestáveis pés tortos apoiados no estribo de cadeira de barbeiro da sua geringonça de rodinhas feita sob medida. E eu nunca consegui entender se ele quis dizer que *era* um gênio ou que *tinha* um gênio, e suponho que ele quisesse mesmo que o sentido ficasse ambíguo. Não era do tipo que abriria a boca para declarar que não era um gênio enquanto existisse a chance de ser considerado um, já que coisas assim vinham à tona, você querendo ou não. Para alguns, como o meio-irmão dele, não havia dúvida de que ele era um gênio. Dingbat falava de boca cheia: “O Willie é um mago. É só você botar cinquenta centavos em fichas telefônicas na mão dele que ele transforma numa grana preta”. A mulher de Einhorn também concordava, sem reservas, que o marido era um mago. Tudo que ele fazia — e isso cobria um amplo território — ela achava bom. Não havia autoridade maior no mundo, nem mesmo o primo dela, Karas, que dirigia a Holloway Enterprises and Management Co. e também era um demônio para ganhar dinheiro. Por Karas, aquele sujeito ruim e repulsivo, de papo cinzento, esperto até dizer chega, sempre vestido

ostentadamente, com um sorrisinho no canto da boca e olhos de extorsionário, ela também tinha uma admiração profunda e reverente, mas ele não estava no mesmo nível que Einhorn.

Mas Einhorn não estava exatamente enterrado diante de seus prazeres. Tinha casos com uma mulher ou outra e, principalmente, sentia uma grande necessidade de ter garotas como Lollie Fewter por perto. Sua explicação para isso era que tinha saído ao pai. O Comissário, de um jeito afável, preguiçoso, afetuoso e fascinado, acariciava e admirava todas as mulheres e botava as mãos onde bem entendesse. Imagino que as mulheres não se zangassem muito quando ele as saudava dessa forma porque ele sempre escolhia aquilo que elas mesmas mais valorizavam — a cor, os seios, o cabelo, os quadris, e todos os pequenos segredos e truques com que elas realçavam seus próprios dotes. Não se poderia dizer exatamente que isso que ele tinha fosse um assanhamento comum; era mais uma espécie de atenção salomônica de um velho chefe ou leão-marinho idoso. Com suas grandes mãos manchadas de homem velho, ele apalpava as casadas e as não casadas, e até as menininhas pelo que elas prometiam, e ninguém jamais se ofendia com isso ou com os nomes que ele inventava, nomes como “Tangerinas”, “Trenozinho”, “Madame Ano Passado” ou “Pomba de Um Metro e Oitenta”. O grande velho cavalheiro. Satisfeito e gratificado. Você sentia, pela galanteza de que ele ainda dispunha, o que havia se passado entre ele e mulheres agora velhas ou mortas, a quem ele provavelmente reconhecia e saudava neste ou naquele nariz, neste ou naquele seio.

Seus filhos não compartilhavam dessa qualidade. Claro que não se espera mesmo de homens mais jovens esse tipo de serenidade de um Mississippi ao anoitecer, mas nenhum dos dois tinha muita inclinação para o galanteio desinteressado ou a contemplação. Havia mais sentimento romântico em Dingbat do que em seu irmão. Quase não havia época em que Dingbat não estivesse noivo de alguma boa moça. Ele se esfregava com a escova de banho e se arrumava para ir vê-la num frenesi louco e

desesperado de respeito fervoroso. Às vezes parecia prestes a chorar de tão tomado de devoção e, no meio de seus preparativos, saía correndo do banheiro perfumado, com a camisa limpa e engomada aberta para a sua magreza peluda, para me lembrar que eu deveria ir buscar na loja de Bluegren o buquê que ele pretendia dar à noiva. Por mais agrados que fizesse a essas moças, nunca achava que era o suficiente, e nunca se considerava bom o bastante para elas. E, quanto mais as respeitava, mais saía com vadias nos intervalos, mulheres que pegava no Guyon's Paradise e levava para a reserva florestal no Stutz ou para um pequeno hotel da Wilson Avenue de propriedade de Karas-Holloway. Mas nos jantares de família das noites de sexta-feira quase sempre havia uma noiva, ora uma professora de piano, ora uma modista, uma guarda-livros ou simplesmente uma moça do lar, com um anel de noivado no dedo e outros presentes aqui e ali; e Dingbat de gravata, tenso e bobo alegre, chamando a moça de “meu bem”, “Isabel, benzinho”, “Janice, querida”, com sua voz fraca e rouca de negro, como se lhes prestasse uma homenagem.

Einhorn, por outro lado, não tinha nem sombra de tais sentimentos, fossem quais fossem os sentimentos que nutrisse em outros campos. Tomava as liberdades brincalhonas que o pai tomava, mas suas brincadeiras não tinham o mesmo tom; o que não quer dizer que não fossem engraçadas, mas sim que ele se lançava nelas com uma meta: a sedução. O alvo do riso era sua deficiência; ele estava de certo modo rindo dela e dizendo para as mulheres, não muito em segredo, que se procurassem um pouco mais elas descobririam, para sua surpresa, que lá estava a coisa para valer, em perfeito funcionamento. Ele garantia. De forma que, quando ele lançava seu charme malicioso e lascivo, aparentemente tão inofensivo, como um padre experiente do mundo ou um cavaleiro idoso de quem é seguro aceitar um gracejinho ou uma coceguinha, ele estava na verdade obsessiva e ferrenhamente concentrado na coisa, fundamentalmente a coisa, para a qual homens e mulheres se juntam. E era igual com todas elas; não, obviamente, prevendo grandes sucessos com todas, mas

acalentando mesmo assim a esperança de que uma delas — bonita, desinibida, intrigada com ele, querendo brincar de um jogo secreto, talvez um pouquinho perverso (ele sugeria) — toparia ver, pegar, e cairia, arderia de desejo por ele. Ele procurava e ansiava por isso em todas as mulheres.

Einhorn se recusava a continuar sendo um aleijado; não conseguia fazer sua alma aceitar a ideia do aleijão. Às vezes era terrível, isso; ele esquecia tudo o que tinha refletido uma infinidade de vezes para se resignar com sua deficiência e ficava feito aquele lobo no fosso do zoológico que não parava de enfiar o focinho nos cantos das paredes, para a frente e para trás, para a frente e para trás. Não acontecia com muita frequência; provavelmente não com mais frequência do que as pessoas normais levam um repelão do demônio. Mas acontecia. Era você pegá-lo quando ele estava sem apetite, ou gripado e com um pouco de febre, ou quando estava havendo alguma desavença na organização, ou quando a posição dele não estava lhe parecendo eminente o bastante e ele não estava recebendo o volume de homenagens e de cartas de que precisava, ou quando era a vez de uma verdade temida emergir despercebida em meio à multidão de elementos de que ele compunha sua vida, que ele virava para você e dizia: “Eu costumava achar que ou ia voltar a andar ou ia tomar iodo. Fazia massagens, exercícios, treinamentos, e ficava me concentrando num único músculo e pensando que estava fazendo aquele músculo ficar mais forte com o poder da minha vontade. E era tudo balela, Augie, a teoria de Coué e as outras coisas todas. Tudo conversa pra boi dormir. Aquela história de ‘pode ser feito’ e o tipo de coisa que o figurão do Teddy Roosevelt escreveu nos livros dele. Ninguém faz ideia de quanta coisa eu tentei até finalmente chegar à conclusão de que não adiantava. Eu não conseguia aceitar, e acabei aceitando. E eu *não consigo* aceitar e, no entanto, eu aceito. Mas como! Você pode lidar vinte e nove dias com o seu problema, mas sempre vai ter aquele trigésimo dia que, raios o partam, você não consegue, que você se sente como uma mosca nojenta no primeiro dia em que o frio aperta, que você olha em volta e conclui que você é o próprio Velho

Homem do Mar trepado no pescoço do Simbá; e por que é que alguém deveria carregar às costas um traste humano imprestável e invejoso? Se a sociedade tivesse um pingo de bom senso, as pessoas me concederiam a eutanásia. Me deixariam num iglu com comida pra dois dias, que nem os esquimós fazem com os parentes velhos. Não faz essa cara de desgosto. Sai daqui, sai. Vai lá ver se a Tillie precisa de você pra alguma coisa”.

Mas isso era só no trigésimo dia, ou mais raramente ainda, pois em geral ele gozava de boa saúde e via a si próprio como um cidadão não só útil como até extraordinário e se gabava de que não havia praticamente nada que ele não conseguisse fazer quando botava a cabeça para funcionar. E ele certamente fazia coisas incríveis. Tirava todo mundo do caminho para ficar sozinho com Lollie Fewter; dava um jeito de fazer absolutamente todos nós irmos até Niles Center para mostrar uma propriedade ao Comissário. Fingindo ostensivamente estar se preparando para atacar algum trabalho enquanto estivéssemos fora — com os arquivos e informações dispostos à sua frente —, ele não só não demonstrava pressa nenhuma como ficava todo simpático, afável atrás de seus óculos de casco de tartaruga, respondendo cada última pergunta detalhadamente e até atrasando nossa saída para trocar algumas últimas palavras com o pai sobre fachadas e melhorias. “Espera só um instante pra eu te mostrar no mapa onde exatamente o ônibus passa. Traz o mapa, Augie.” Ele me fazia ir buscar o mapa e prendia o Comissário até ele ficar impaciente, com Dingbat cravando a mão na buzina e a sra. Einhorn já instalada com bolsas de frutas no banco de trás, gritando: “Vem logo que tá um calor danado. Eu tô desmaiando aqui”. Enquanto isso, no corredor entre o apartamento e os escritórios, Lollie zanzava para cima e para baixo com a vassoura de pelo na penumbra polida. Grande e macia, confortável para o calor com uma blusa fina e sandálias de palha, ela parecia uma menina que cresceu demais passeando com sua boneca e sorrindo consigo mesma dessa brincadeira maternal e matrimonial, preguiçosa, descuidada e, pode-se dizer, poupando forças para a próxima brincadeira. Clem Tambow tinha

tentado me inteirar da situação, mas não conseguiu me convencer, não só por causa da esquisitice da ideia e do respeito infantil que eu tinha por Einhorn, mas também porque eu próprio andava de rabicho com Lollie. Arranjava desculpas para ficar com Lollie na cozinha enquanto ela passava roupa. Ela me contou da sua família nos campos de carvão do condado de Franklin e depois dos homens de lá, o que eles tentavam e faziam. E me jogava num turbilhão de sentimentos. Só com o que ela deixava subentendido, eu não tinha forças nem para ficar em pé. Logo, logo estávamos nos beijando e apalpando; ora ela segurava as minhas mãos, ora as guiava para debaixo do seu vestido, alegando motivos educativos, achando muita graça de eu ainda ser virgem, até que por fim, por generosidade, ela um dia me disse que, se eu voltasse à noitinha, ela deixaria que eu a levasse para casa. Ela me deixou tão excitado que eu mal conseguia andar. Fui me esconder no salão de sinuca, morrendo de medo que Einhorn mandasse me chamar. Pouco depois, Clem chegou com um recado dela, dizendo que ela tinha mudado de ideia. Fiquei fulo da vida, mas acho que me senti liberto, também, de uma crise. “Eu não te falei?”, disse Clem. “Vocês dois trabalham pro mesmo patrão, e ela é amante dele. Dele e de mais uns dois ou três outros sujeitos. Mas sua é que ela não vai ser. Você não sabe de nada e não tem um tostão.”

“Ela que vá pro diabo, então!”

“Bom, o Einhorn seria capaz de dar o que ela quisesse. Ele é louco por ela.”

Eu não conseguia conceber isso. Não era do feitio de Einhorn se deixar encantar tão profundamente por uma vadia. Mas era exatamente isso que ele tinha feito. Estava caidinho por ela. E ele também sabia que a dividia com alguns baderneiros do salão de sinuca. Claro que sabia. Ele não vivia sem informação; tinha o espaço de armazenamento de um formigueiro para isso, com coleantes linhas pretas de fornecedor convergindo em direção ao cume do monte vindas de todas as direções. Eles lhe contavam qual ia ser a próxima reviravolta no caso Lingle, qual ia ser o horário dos

leilões públicos, quais tinham sido as decisões do tribunal de apelação antes mesmo de elas terem sido publicadas ou onde encontrar mercadorias frias, desde casacos de pele até material escolar; de modo que certamente não haveria de lhe faltar informantes que lhe contassem timentim por timentim o que Lollie fazia.

Eleanor Klein me fazia perguntas sentimentais. Eu já tinha alguma namoradinha? Era uma coisa para a qual eu parecia já estar maduro. Nosso velho vizinho, Kreindl, também me fazia perguntas desse tipo, mas de uma forma diferente, na surdina. Imaginava que eu já não fosse mais um garoto e que ele podia se revelar, seus olhos vesgos agora mais intensos e animados. “*Schmeist du schon*, Augie? Você tem amigas? O meu filho não. Ele vem pra casa do trabalho e lê o jornal. *S’interessiert ihm nischt*. Você não é novo demais, é? Eu era mais novo que você e *gefährlich*. Eu nunca me cansava. O Kotzie não puxou a mim.” Ele tinha muita necessidade de se declarar o melhor, e na verdade o único, homem de sua casa; e parecia mesmo muito vigoroso quando juntava os dentes e franzia o rosto áspero, talhado pelas intempéries, para sorrir. Ele passava um bocadinho de tempo exposto aos rigores do clima, pois atravessava o West Side inteiro a pé com sua bolsa de amostras. Porque tinha de contar cada centavo. E tinha a paciência e a resistência de quem percorre as calçadas regularmente, passando pelas mesmas janelas brancas de uma fábrica vinte vezes por mês e conhecendo até o último tufo de mato de cada terreno baldio entre ele e seu destino. Chegando lá, podia passar horas esperando por uma comissão de um dólar e cinquenta centavos ou uma informação. “O Kotzie saiu à minha mulher. Ele é *kaltblutig*.” Claro que eu sabia que era ele próprio quem fazia todos os escarcéus, os berreiros e as batidas de pé lá no apartamento dele, atirando coisas no chão.

“E como vai o seu irmão?”, ele perguntou, intrigado. “Eu soube que as *maidelech*s ficam todas alvoroçadas com ele. O que ele está fazendo?”

Para falar a verdade, eu não sabia o que Simon andava fazendo naqueles últimos tempos. Ele não me dizia e nem tampouco parecia curioso em

saber o que estava acontecendo comigo, tendo decidido na sua cabeça que eu não passava de um faz-tudo na casa de Einhorn.

Uma vez, fui com Dingbat a uma festa que uma de suas noivas estava dando e encontrei meu irmão com uma garota polonesa. Ela estava com um vestido laranja enfeitado com bordas de pele; ele usava um terno xadrez, grande e macio, e tinha um ar elegante e autossuficiente. Simon não ficou muito tempo na festa, e eu tive a sensação de que ele não queria passar suas noites nos mesmos lugares que eu. Ou talvez tenha sido o tipo de noite em que Dingbat transformou a festa que não o agradou, as recitações e paródias roucas de Dingbat, suas gozações escancaradas e gargalhadas obscenas que faziam as garotas berrar. Durante alguns meses, Dingbat e eu fomos unha e carne. Nas festas, eu badernava junto com ele, bancava o pateta, dava a deixa para as suas piadas; ou ficava de abraços com garotas nas varandas e quintais, exatamente como ele fazia. No salão de sinuca, ele me tomou sob sua proteção; lutávamos boxe de brincadeira, para o qual eu nunca levei muito jeito, jogávamos sinuca — onde eu me saía um pouco melhor — e ficávamos por lá com os arruaceiros e os fanfarrões. Vovó Lausch teria achado que as piores coisas que ela já tinha dito sobre mim eram leves demais se me visse sentado na cadeira de engraxate acima das mesas verdes, usando um chapéu com buracos recortados em forma de losango e decorado com broches de lata de “Beijeme” e bótons do Al Smith, de tênis e suéter de moletom, no meio de um jazz eletrizante e da zoeira das transmissões de jogos de beisebol, do estalido dos placares, das batidas dos tacos no chão, do ruído de cascas de semente cuspidas e de tocos de giz azul sendo esmagados por pés e da nuvem de talco para amaciar as mãos que pairava no ar. Junto com valentões farejadores de sangue, recrutas das máfias, ladrões de automóveis, assaltantes, encrenqueiros e leões de chácara, delinquentes aspirantes a pistoleiros, caubóis de subúrbio com costeletas de Jack Holt que chegavam até o maxilar inferior, universitários, faroleiros, pequenos extorsionários, pugilistas, ex-soldados, maridos fugindo de casa, motoristas de táxi e de

caminhão e atletas de segunda. Sempre que alguém inventava de se exercitar às minhas custas — e havia um bocado de sujeitos sensíveis ali prontos a interpretar errado um olhar seu —, Dingbat mais que depressa aparecia para me proteger.

“Esse garoto é meu amigo e trabalha pro meu irmão. Se mete com ele que logo, logo você vai aparecer por aí de cabeça rachada. Qual é o problema, essa cara feia é de valentia ou é de fome?”

Ele era de uma seriedade absoluta quando o assunto era lealdade ou honra; seus punhos ossudos ficavam logo preparados e os saltos cubanos dos seus sapatos se fincavam com força no chão, enquanto seu queixo franzido procurava sua posição de briga no ombro da sua camisa engomada. Então, ele estava pronto para dar início à sua dança de bate-pé e começar a esmurrar.

Mas nunca houve nenhuma briga por minha causa. Se havia alguma lição de vovó Lausch que eu tinha absorvido era a da resposta suave — embora com vovó a motivação fosse tática e não compassiva — como a melhor maneira de se livrar de gentios, estúpidos e broncos. Não estou querendo dizer que fosse um espírito treinado dando as costas para a ira, ou *integer vitae*^h (como eu poderia?) fazendo os lobos me respeitarem; mas eu não sentia nenhuma atração pela perspectiva de viver emitindo sinais de perigo com os olhos apertados de um astuto Tebaldo, todo retesado para dar sua punhalada, por esse código todo, e não tinha a menor curiosidade de saber qual era a sensação de esmurrar ou ser esmurrado e, portanto, recusava todos os convites para encarar ou ser encarado.

Nesse assunto, eu também concordava com a opinião de Einhorn, cujo exemplo favorito era a vez em que ele estava sentado no banco do motorista do Stutz — como ele às vezes fazia, sendo transferido para lá para assistir a partidas de tênis ou jogos em quadras improvisadas — e um carregador de carvão veio correndo na direção dele com uma alavanca de pneu na mão porque tinha buzinado uma ou duas vezes para o Stutz sair do caminho e Dingbat não estava lá para tirar o carro. “O que é que eu

podia fazer”, dizia Einhorn, “se ele não me perguntasse nada e começasse a bater no carro com a alavanca ou a esmurrar a minha cara? Eu estava com as mãos no volante, claro que ele ia pensar que quem estava dirigindo o carro era eu. Eu tinha que falar rápido. Mas será que eu ia conseguir falar rápido o bastante? O que poderia impressionar um animal como aquele? Será que eu deveria fingir desmaiar ou me fazer de morto? Meu Deus do céu! Mesmo antes de ficar doente, e olha que eu era um rapaz bem parrudo, eu fazia tudo o que era possível para não ter que trocar socos com um filho da puta, um primata com músculos no lugar de cérebro ou um mau-caráter procurando encrenca. Essa cidade é um lugar em que uma pessoa que sai pra dar uma caminhada pacífica pode acabar voltando pra casa com um olho roxo ou o nariz ensanguentado, e ela tem quase tanta chance de ficar nesse estado por obra do cassetete de algum guarda quanto por obra de um par de imbecis que não têm dinheiro nem para ir atrás de uma boceta no parque de diversões de Riverview e então ficam matando o tempo nas vielas, tramando planos para assaltar os incautos. Porque você sabe que não é do salário do município que os policiais vivem agora, não com todo o dinheiro do crime organizado que tem por aí pra eles pegarem. Não tem um único caminhão de bebida contrabandeada que rode um quilômetro sem ser escoltado por um carro de patrulha. Então eles estão pouco se lixando pro que eles fazem. Eu já soube de casos de eles quase matarem gente que não sabia inglês suficiente para responder perguntas.”

E então, com uma argúcia ávida estampada no nariz e nos olhos empapuçados, ele começava a expandir o alcance da sua análise; às vezes, com o cabelo branco amontoado em cima das orelhas e a cabeça inclinada para trás, ele parecia grandioso, sofrendo mais *por* do que *de* alguma coisa, relaxando sua tensão autoprotetora. “Mas há uma certa vantagem na truculência de um lugar como Chicago, e em não ter ilusões também, considerando que em todas as grandes capitais do mundo as pessoas têm motivos para pensar que a humanidade seja muito diferente. Toda aquela

cultura antiga e aquelas obras de arte lindas bem ali, expostas em público, obras de Michelangelo e de Christopher Wren, e aquelas cerimônias também, como a exibição das cores na parada da cavalaria de guarda inglesa ou o enterro de um grande homem no Panteão de Paris. Você vê essas coisas maravilhosas e acha que a selvageria é coisa do passado. É o que você pensa. E aí você pensa mais um pouco e vê que, depois que eles tiraram as mulheres das minas de carvão, ou derrubaram a Bastilha e se livraram das Câmaras Estreladas e das *lettres de cachet*, correram com os jesuítas, aumentaram a educação, construíram hospitais e disseminaram a civilidade e a polidez, eles tiveram cinco ou seis anos de guerra e revoluções e mataram vinte milhões de pessoas. E eles acham que lá há menos perigo pra vida do que aqui? É uma piada. Eles podem até dizer que aniquilam melhores espécimens, mas não tentar fazer crer que os únicos seres humanos que vivem banhados de sangue estão lá nos cafundós do Orinoco, onde caçam cabeças, ou em Cícero, com o Al Capone. Mas os melhores espécimens sempre foram maltratados ou assassinados. Eu já vi uma imagem do Aristóteles sendo montado e cavalgado feito um cavalo por uma puta repulsiva. Teve o Pitágoras, que foi morto por causa de um diagrama; teve o Sêneca, que foi obrigado a cortar os pulsos; teve uma penca de professores e santos que viraram mártires.”

“Mas às vezes eu fico pensando”, ele continuava, “e se um sujeito entrasse aqui com uma arma, me visse sentado atrás dessa mesa e dissesse ‘mãos ao alto’? Você acha que ele ia esperar até que eu explicasse que os meus braços estão paralisados? Ele ia era acabar com a minha tosse, isso sim. Ia achar que eu estava tentando pegar alguma coisa dentro da gaveta ou apertar algum botão de alarme, e esse seria o fim de William Einhorn. Dá só uma olhada nas estatísticas dos assaltos a mão armada e depois me diz se eu estou fantasiando problemas. O que eu devia fazer era pregar um cartaz acima da minha cabeça dizendo ‘aleijado’. Mas eu não ia gostar de ver isso na parede o tempo todo. Eu só torço pra que as etiquetas da Brink’s

Express e da Pinkerton Protective espalhadas por tudo quanto é lugar da casa mantenham os assaltantes longe daqui.”

Ele muitas vezes se entregava a rumações sobre a morte e, embora fosse avançado em tantos aspectos, a Morte dele ainda era aquela antiga, de ceroulas engelhadas de múmia; a mesma Morte que lindas donzelas não conseguiam ver em seus espelhos, porque os espelhos estavam repletos com seus seios brancos, com a luz azul de velhos rios alemães, com cidades além da janela quadriculada como o chão em que elas pisavam. Essa Morte era um canalha traçoeiro, com ossos aparecendo por baixo de franjas de couro, não um suave sir Cedric Hardwicke saudando jovens rapazes dos galhos de uma macieira, como numa peça que eu vi uma vez. Einhorn não tinha nenhum tipo de sentimento generoso ou íntimo com relação a ele, mas sim superstições a respeito desse terrível ladrão, e só bancava o estoico de Thanatopsis, mas sempre manobrava para vencer desse velhaco — a Morte! — que já tinha ganhado tanto terreno sobre ele.

E que talvez fosse o único deus genuíno que ele tinha.

Muitas vezes eu achava que, lá no fundo, Einhorn já tinha se rendido completamente a esse medo. Mas quando você pensava que tinha rastreado Einhorn através de seus atos e feitos e estava prestes a capturá-lo, você se descobria não no centro de um labirinto, mas no meio de um amplo bulevar; e lá vinha ele, de uma nova direção — um governador numa limusine, cercado de batedores, poderoso e necessário, amante de todo mundo, cuja morte era apenas um elemento, e um elemento remoto, da sua privacidade.

a Franklin Delano Roosevelt, numa de suas Fireside Chats [conversas ao pé do fogo], causou profunda impressão na nação ao dizer “N. B.” — que significa *Nota Bene*. (N. E.)

b “*Ani-ka, hula wicki-wicki!* Doce donzela morena disse para mim,/ E me ensinou a hula-hula/ Na praia do Waikiki...” (N. T.)

c Apelido de William Hale Thompson, prefeito de Chicago de 1915 a 1923 e de 1927 a 1931. O “debate” com as ratazanas foi encenado por ele durante a campanha para a eleição de 1923, à qual ele acabou posteriormente desistindo de concorrer. (N. T.)

d Poema de William Cullen Bryant (1794-1878). (N. T.)
e “*Build thee more stately mansions, O my soul!*”, fragmento do poema “The Chambered Nautilus”, de Oliver Wendall Holmes (1809-1894). (N. T.)
f “Negócio”, em iídiche. (N. T.)
g “Meninhas”, em iídiche. (N. T.)
h Citação de Horácio: “*Integer vitae scelerisque purus*”, “íntegro de vida e limpo de culpa”. (N. T.)

6.

O que eu, de tudo isso, queria para mim? Eu não saberia responder. Meu irmão Simon não era muito mais velho que eu, e ele e outros garotos da nossa idade já tinham captado a ideia de que havia uma vida a levar e escolheram em que direção seguir, enquanto eu ainda andava em círculos. E Einhorn, bem, ele sabia exatamente de que serviços precisava de mim, mas que proveito eu tiraria trabalhando para ele não estava nem um pouco claro. Só sei que eu ansiava muito, mas não sabia pelo quê.

Antes do vício e do fracasso, admitidos no cansaço da maturidade, bastante comuns e por demais tediosos para se exibir por muito tempo, existem, ou supõe-se que existam, tempos doces, inconscientes, pintados de natureza, como a pastoral de amantes pastores sicilianos, ou leões que você pode enxotar com pedras e serpentes douradas que se desenroscam para sumir nas fissuras do Éryx. Cenas primevas da vida, é o que quero dizer; para cada pessoa individualmente também, todas elas começando no Éden e passando por obstáculos, dores, distorções e morte até chegar à escuridão depois da qual, nos é dado a entender, podemos ter esperança de entrar permanentemente no início de novo. Há um horror de tempos cinzentos, do tormento que precede a morte, da boca escandalosa ou dos olhos cheios de medo, e do que quer que aconteça quando não se tem nenhuma lembrança da felicidade nem qualquer expectativa de felicidade tampouco. No entanto, quando não há nenhuma Sicília de pastores,

nenhuma pintura a mão livre da natureza, mas só a aflição profunda da cidade, e você é forçado logo cedo a ter objetivos profundos na cidade, e não levado, vestido com seu éfode, para se apresentar diante de Eli e começar a servir no templo, nem posto no lombo de um cavalo por suas irmãs chorosas para ir estudar grego em Bogotá, mas acaba indo parar num salão de sinuca... ao que é que isso pode levar de elevado? E que felicidade ou antídoto contra a angústia isso pode oferecer, em lugar de flautas e ovelhas ou de uma inocência musical com sabor de leite, ou mesmo simples caminhadas ao ar livre com um pálido instrutor de óculos, ou aulas de violino? Amigos, colegas humanos, homens e confrades, não existe maneira breve, condensada ou taquigráfica de dizer aonde isso leva. Crusoé, sozinho com a natureza e sob o firmamento, passou momentos duros e complicados com o inumano, e eu estou no meio de uma turba que produz resultados com muito mais dificuldade e relutância e sou eu mesmo parte dela.

Dingbat, por um curto período, também teve seu efeito sobre mim, falando de objetivos profundos na cidade. Ele achava que havia muita coisa que podia me ensinar que nem mesmo seu irmão poderia. Descobri que Dingbat vivia querendo se justificar diante do Comissário e de Einhorn e tinha como meta produzir um grande sucesso, um sucesso que fosse a sua cara. Jurava que ia conseguir, que estava destinado a conquistar fama e fortuna, e queria brilhar como um empresário dos esportes, desses que são anunciados no rádio entre as personalidades que passam pelo ringue antes da luta principal, seus óculos cintilando feito diamantes. Volta e meia ele arranjava um lutador para agenciar, alguém impressionável. E, nessa época, conseguiu se tornar agente de um peso-pesado. Finalmente ele tinha um bom lutador, dizia. Nails Nagel. Dingbat já tinha tido pesos médios e meio-médios, mas ter um bom peso pesado era a melhor maneira de todas de ganhar dinheiro, desde que o sujeito tivesse estofado de campeão,

o que Dingbat garantia — na verdade, bradava com sua mais sincera voz de soldado pronto para a batalha — que Nails tinha. De vez em quando, Nails se permitia acreditar também; provavelmente não lá no fundo do coração, ou teria se entregado em tempo integral ao projeto e parado de voltar para o seu emprego num ferro-velho de automóveis. Ele era tanto lento como espasmódico na maneira como usava suas mãos encardidas de graxa, que rematavam braços brancos e parrudos, jungidos com reforços extras de tendões nas juntas. Sua mandíbula opaca e preta era reforçada de maneira parecida e recuava rigidamente em direção à sua garganta barbeada para se proteger dos socos; o alto da sua cabeça era circundado por um boné e a pala se projetava para a frente por cima de olhos que pareciam escondidos dentro de uma toca. Um homem ferido e decente, que não queria prejudicar nem machucar ninguém, um cacho de crina de cavalo ou uma bola rota de virilidade desleixada, era essa a impressão que ele passava. Nails era muito forte e tinha uma resistência impressionante para aguentar as pancadas; além disso, seu corpo grande, branco e largo nos ombros se movia com razoável rapidez para um peso-pesado. O que ele não tinha era malícia de ringue. Dependia de Dingbat para lhe dizer o que fazer, deixava que mandassem nele e não conseguia fazer objeções porque sua língua, que habitava uma boca parcialmente banguela, era muito lerda. Os engraçadinhos do salão de sinuca faziam piada: “Troca pra óleo leve; ela não vai emborcar com esse tempo, não”. Ele tinha sido mal escalado para o papel de lutador, o filho da mulher das galinhas. A mãe dele havia trabalhado anos nos fundos de um aviário, depenando galinhas e gansos, uma mulher que se vestia de aniagem e tão dentuça que não conseguia fechar a boca sobre os dentes. Ela ganhava uma boa grana, e Nails ainda pegava mais dinheiro dela do que ele próprio jamais conseguira ganhar. Ele estava num ramo para o qual apenas parecia ter uma grande aptidão.

No entanto, ele adorava ser admirado como lutador, e tinha ficado louco de felicidade uma vez em que Dingbat o levou para ficar ao lado

dele enquanto dava uma palestra para um grupo de garotos num clube localizado no subsolo de um prédio da Division Street, convidado por um dos seus chapas do salão de sinuca que era patrocinador. A coisa foi mais ou menos assim: Dingbat e Nails empetecados com suas melhores roupas, sapatos de camurça pretos, impecáveis chapéus diplomata amassando os olhos, chaveiros de corrente. “Bem, a primeira coisa que vocês têm que entender é o quanto é importante viver sem vícios, treinar duro, tomar muito leite, comer muitos legumes e verduras e dormir de janela aberta. Um lutador como o meu garoto aqui, por exemplo” — Nails arreganhou os dentes todo feliz, distribuindo suas bênçãos com ar durão — “na estrada, seja em que lugar for, o Nagel faz a bateria completa de exercícios dele pelo menos uma vez por dia. Depois, uma ducha quente, uma ducha fria e uma massagem rápida. É assim que ele tira as toxinas dos poros dele. E a única hora que ele fuma é quando eu dou um charuto pra ele depois de uma vitória. Eu estava lendo o que o Ted Rickard escreveu outro dia no *Post*, que antes da luta com o Willard, quando estava uns trinta e oito graus à sombra lá em Ohio, o Dempsey estava tão bem treinado que, quando ele tirou uma soneca só de cueca antes do evento, a cueca ficou sequinha e não tinha uma única gota de suor no corpo dele. Eu quero dizer a vocês, meninos, isso é uma coisa maravilhosa! É uma das maneiras de viver que valem a pena. Então escutem o meu conselho e não fiquem brincando com o badalo de vocês. Eu nem sei dizer a vocês o quanto isso é importante. Deixem ele em paz. Não só se quiserem ser atletas, e existem poucas coisas mais bacanas, mas mesmo que tenham outras ambições, essa é a primeira maneira de errar. Então, mantenham as mãos longe; esse troço só faz deixar vocês de cabeça tonta. E nada de brincar de mão-boba com as amiguinhas de vocês também não. Não é bom nem pra vocês nem pra elas. Vão por mim, eu estou sendo franco com vocês porque não acredito em coisas obscuras nem em meias palavras. As vadiazinhas provocantes que a gente vê dobrando a rua — passem por elas e vão embora. Se for para ter uma namorada, e eu não vejo por que não, tem um

monte de meninas honestas por aí, o tipo de menina que nunca vai pegar vocês pela braguilha nem deixar que vocês fiquem até uma da manhã de agarramento com ela na escada” — e lá foi ele por aí afora, com os olhos faiscantes de sinceridade fixos nos membros do clube, sentados em cadeiras de camping.

Ser agente era a profissão perfeita para Dingbat. E era justamente do que ele precisava: fazer discursos (seu irmão era orador de associações e banquetes), arrancar Nails da cama de manhã para correr no parque, incitar, instruir, gritar e gesticular a torto e a direito, disputar o uso do equipamento no ginásio de Trafton, sempre defendendo raivosamente seus direitos sobre fitas e sacos de pancada nas salas à sombra do Loop, grogues de linimento, cordas zunindo, armários de metal retinindo e polacos, italianos e negros de músculos socados e pele cintilante de suor treinando, treinando, onde se reunia a turma esperta de proprietários e calculadores de porcentagem. Quando conseguiu pôr Nails em condição de luta, Dingbat partiu com ele para a estrada, rumo ao oeste de ônibus, com dinheiro emprestado de Einhorn, mas acabou telegrafando de Salt Lake City algum tempo depois, sem um tostão furado no bolso, e os dois voltaram para casa famintos e brancos. Nails tinha ganhado duas lutas em seis, e foi dureza aguentar as chacotas no salão de sinuca.

Mas Dingbat ficou de fora do ramo das lutas por um tempo; foi na época da grande fuga de presos do Centro Correccional Joliet, e Dingbat era cabo da Guarda Nacional, que foi convocada pelo governador. Logo, logo ele apareceu por lá com seu uniforme cáqui e chapéu de campanha, sem esconder a preocupação de que poderia estar na patrulha que encurralasse Tommy O'Connor, Larry, o Aviador, ou Buggy Gonzalez, homens que ele admirava.

“Cai numa trincheira e fica lá, seu estúpido”, Einhorn disse a ele. “Mas pode deixar que a polícia estadual já vai ter arrebanhado todos eles antes mesmo de você pegar o trem, e o pior que você vai ter que encarar vai ser uma viagem num vagão lotado e um prato de feijão.”

O Comissário, que não andava muito bem de saúde na época, chamou da cama: “Deixa eu te ver antes de ir embora, Cholly Chaplin”. E quando Dingbat apareceu em pé na frente dele, com cara de injustiçado e com as pernas apertadas dentro dos culotes deformadores, o velho disse, divertindo-se a valer: “Idiooota!”, ao que Dingbat se empertigou todo, agastado e incompreendido. A sra. Einhorn ficou assustada com o uniforme e começou a chorar, pendurando-se no pescoço de Lollie Fewter. Dingbat passou alguns dias acampado debaixo de chuva ao redor da prisão de Joliet e voltou mais magro, mais preto, moído de cansaço, os olhos vermelhos semicerrados de fadiga. Mas retomou os treinos com Nails imediatamente. Tinha arranjado uma luta para ele em Muskegon, no Michigan. Einhorn quis que eu fosse junto, para lhe passar o relatório de tudo o que acontecesse com Dingbat e Nagel lá no interior. Disse: “Augie, eu estou te devendo uns dias de folga. Se o seu amigo Klein, em quem eu não confio muito, topa ficar no seu lugar aqui comigo umas duas ou três tardes, você pode ir e fazer uma excursão. Talvez dê mais confiança para o Nagel ter alguém do lado dele. O Dingbat exige demais dele e acaba deixando o coitado deprimido. Talvez uma terceira pessoa mais animada... *sursum corda*. Como é que anda o seu latim, garoto?”. Einhorn ficou feliz feito criança com sua ideia; quando o que ele queria coincidia com uma boa ação, seu coração se enchia de emoção e generosidade. Chamou o pai e disse: “Pai, dá dez dólares pro Augie. Ele vai fazer uma viagem pra mim” — só para mostrar que sua generosidade tinha um obstáculo a vencer. O Comissário me deu os dez dólares com prazer, sendo mão-aberta e largo com qualquer quantia; em questão de soltar a grana, o velho era exemplar.

Dingbat ficou contente de saber que eu também ia e fez um discurso para todo mundo, com aquela audácia animal que ele demonstrava sempre que estava no comando. “Muito bem, pessoal; temos que botar pra quebrar dessa vez...” Pobre Nails, ele não tinha ficado bem com a jaqueta cor de amora do Wasps Athletic Club inflando em volta dos seus músculos e com sua sacola de roupas, pesada como uma bolsa de encanador, pendurada na

altura das suas gigantescas pernas arqueadas. Um rosto imenso que era como um terreno de jardim varrido com ancinho e precisando de água. E, no meio daquela secura porosa, um par de olhos esbranquiçados temendo o pior e um nariz modelado a socos.

O pior, naquele dia, já havia acontecido com outra pessoa; um dos irmãos Aiello tinha sido encontrado morto a tiros dentro do carro. O *Examiner* publicou uma reportagem enorme, de página dupla, sobre o ocorrido; nós a lemos no bonde com destino ao píer, e Nails achou que tinha jogado *softball* uma vez contra o tal Aiello. Ficou desanimado à beça. Mas ainda era muito cedo, tinha acabado de amanhecer, e as ruas sonolentas e cheias de moradias pobres estavam vazias, só com uma gota branca de sol na beirada do topo dos prédios. Quando fomos andando pelo píer até o *City of Saugatuck*, subimos a bordo e saímos da parte coberta, de repente a melancolia da cidade terminou num vaivém azul cintilante de água doce, desde as margens pretas até a brancura dourada a leste. O convés pintado de branco tinha acabado de ser lavado e reluzia de cores d'água num calor que lembrava o golfo do México, enquanto as gaivotas deixavam as correntes de ar carregá-las de um lado para o outro. Dingbat estava finalmente feliz. Botou Nails para fazer seus exercícios de corrida pelo barco, antes que o convés ficasse cheio demais. Oito horas flutuando na água sem se exercitar e ele ficaria duro demais para lutar naquela noite. Então, lá se foi Nails, trotando pelo convés, com um sorriso nos lábios; parecia outro homem naquele sol refletido pela água ligeira, com as gaivotas mergulhando em voos rasantes até ficarem quase paradas sobre a superfície para bicar pedaços de pão. Nails lançou alguns *jabs* do alto do peito, vigorosos, técnicos e perigosos, e Dingbat, de listras feito uma perna de gafanhoto, aconselhou-o a botar mais ombro neles. Eles estavam um bocado convencidos de que navegavam rumo a uma vitória. Depois, os dois foram para a sala de estar de carpete rosa para tomar café. Eu fiquei no convés aproveitando o sol, as cores, envolto pelos odores de feno que vinham da escotilha onde estavam os cavalos de um circo do circuito

caipira; meu sangue corria feliz dentro das veias pelo fato de estar ali sentado no azul e no calor, com a brisa lenta batendo contra mim e subindo pelos meus pés, calçados com tênis de tamanho grande quase em frangalhos, com coisas escritas em tinta nanquim, e pela minha calça jeans, e minha cabeça com cabelo de sobra para acolchoar o crânio sobre o anteparo.

Quando já tínhamos singrado uma boa extensão da água tépida e doce, Dingbat saiu do salão acompanhado de duas moças, amigas de Isabel ou Janice, que ele havia encontrado lá, ambas com roupas brancas de tênis e cabelos presos com fita, saindo de férias para correr, esticar o braço e rebater bolas saltadoras na quadra de tênis de um hotel de veraneio de Saugatuck e modelar seus belos bustos remando canoas nas águas calmas do litoral. Dingbat apontou com o chapéu para as paisagens que iam ficando para trás, dando uma chance para o seu extraordinário cabelo de viver ao sol e evaporar seus perfumes — o que poderia haver de melhor para um jovem e promissor empresário de boxe do que passear com seus sapatos brancos, as calças tremulando ao vento feito calças de iatista, numa doce manhã complacente com esperanças humanas, e fazer companhia para moças como um bom cavalheiro? Nails ficou no salão, tentando ganhar um prêmio numa máquina chamada Garra, um pequeno guincho dentro de uma caixa de vidro cheia de câmeras fotográficas, canetas-tinteiro e lanternas encravadas numa montanha de balas mixurucas. Por cinco centavos, você podia manobrar o mecanismo por meio de dois dispositivos, um que mirava e o outro que acionava a garra. Nails já tinha gastado cinquenta centavos e conseguido apenas um punhado de balas grudentas. Queria uma câmera para dar de presente à sua mãe.

Então, ele dividiu as balas comigo no convés e depois declarou que tinha forçado os olhos na máquina e estava se sentindo zozzo, mas foi o balanço e a água batendo na proa do barco que o pegaram de jeito, e quando estávamos perto da borda do Michigan e das ondulações da costa ele ficou com cara de moribundo e branco feito um pólipó, mesmo nas

suas rugas mais profundas. Enquanto Nails vomitava, Dingbat o segurava ferrenhamente por detrás — o seu garoto, ele salvaria até do inferno — e suplicava com uma indisfarçável amargura de decepção: “Puxa vida, homem, segura as pontas, pelamordedeus!”. Mas Nails continuou a botar os bofes para fora e a inflar o peito até quase arrebentar, o cabelo lambendo seu rosto frio e seus olhos saudosos de terra firme. Quando atracamos em Saugatuck, não tivemos coragem de contar para ele que ainda estávamos a horas de distância de Muskegon. Dingbat o levou lá para baixo e ele se deitou. Nails só conseguia se sentir seguro em algumas poucas ruas do mundo.

Em Muskegon, nós o arrastamos, mole e amarelo, ao longo das tábuas do píer, onde não havia movimento suficiente sobre a areia do fundo para camuflar as percas e protegê-las contra os pescadores da tarde. Fomos até a YMCA e demos um banho nele, comemos um rosbife e depois fomos para o ginásio. Embora Nails se queixasse de dor de cabeça e só quisesse se deitar, Dingbat o obrigou a mostrar que tinha raça. “Se eu deixar, você só vai ficar aí deitado, sentindo pena de si mesmo, e não vai conseguir lutar nada que preste hoje à noite. Eu sei do que você precisa. O Augie vai até a farmácia comprar uma cartela de aspirina pra você. Agora levanta daí e começa a correr pra queimar o rosbife.” Eu voltei com os comprimidos e Nails, branco e cheio de câimbra por causa das dez voltas que tinha dado na quadra fechada e abafada, sentou esbaforido debaixo da tabela de basquete. Dingbat massageou o peito dele e tentou insuflar confiança no coitado, mas só fez deixá-lo mais angustiado, não sabendo injetar esperança sem fazer ameaças. “Homem, cadê a sua força de vontade, cadê as suas reservas?!”

De nada adiantou. Já anoitecendo, e faltando uma hora para a peleja, nós nos sentamos na praça, mas havia um cheiro de águas doces e profundas ali, e Nails estava nauseado e derreado, com a cabeça caída para trás sobre o encosto do banco. “Bom, vamos lá”, disse Dingbat. “Vamos fazer o melhor que pudermos.”

O evento era no Lion's Club. Nails estava escalado para a segunda luta, contra um sujeito chamado Prince Jaworski, um operador de perfuratriz de Brunswick — uma vila do condado de Muskegon — que recebia todo o incentivo da plateia, principalmente quando Nails fugia dele arrastando os pés, escondia-se atrás da guarda fechada ou o prendia num *clinch*, parecendo morto de medo em meio ao brilho de bórax do ringue e arregalando os olhos, embasbacado, para os rostos ao seu redor e os berros estridentes pedindo sangue. Jaworski ia atrás dele e dava golpes mais amplos. Tinha não só mais altura como mais envergadura de braço que o coitado do Nails e era, calculo, uns cinco anos mais novo. Dingbat estava alucinado de raiva das vaias e esbravejou com Nails quando ele veio para o canto do ringue: “Se você não der pelo menos um soco nele nesse *round*, juro que vou embora e deixo você aqui sozinho”. “Eu te falei que era melhor vir de trem”, disse Nails, “mas você quis economizar quatro dólares.” No entanto, ele ouviu, com espanto nos olhos, o barulho da torcida contra ele e foi para o segundo *round* com mais garra, partindo para cima de Jaworski, afoito e imprudente, com movimentos mortíferos de garoto criado em cortiço em seus gigantescos músculos brancos. Mas no terceiro *round* Jaworski o acertou onde ele menos tinha condição de suportar um golpe, na barriga, e ele caiu estatelado no chão feito um peso morto. A contagem foi feita sob uma histeria aterrorizante de urros e ladridos, acusações de nocaute fingido e luta arranjada, com Dingbat montado na primeira corda e sacudindo o chapéu na cara do juiz, que levou as mãos à cabeça e tapou os ouvidos. Nails saiu dobrado do ringue, os olhos mortos sob o branco clarão elétrico, as costeletas feito um limo molhado na esponja de pedra das suas bochechas. Eu o ajudei a trocar de roupa e o levei de volta para a YMCA, onde o botei na cama e o tranquei no quarto, depois fui esperar Dingbat na rua para não deixar que ele fosse lá dentro chutar a porta do quarto. Mas Dingbat estava triste e cabisbaixo demais para isso. Ele e eu demos uma volta juntos, compramos batatas

fritas em banha de porco num carrinho de lanches e depois fomos para a cama.

De manhã, tivemos de vender nossas passagens de volta para pagar a conta da hospedagem na YMCA, porque Dingbat tinha saído de casa contando com um prêmio em dinheiro e agora estava completamente liso. Pegamos caronas em direção a Chicago e passamos uma noite na praia em Harbert, perto de St. Joe, Nails enrolado no roupão, Dingbat e eu dividindo uma capa de chuva. Atravessamos Gary e Hammond naquele dia, de carona num trailer de Flint, passando por docas e depósitos de enxofre e carvão, e por chamas que se viam pelo seu calor, não pela sua luz, no espaço de ar da tarde entre enormes vacas Pasífae pretas e outros animais colunares, acéfalos, soltando espirais de fumaça e unidos a uma enorme estatuária de fornos e usinas — aqui e ali uma caldeira velha ou um monte de escória em meio ao junco e aos buracos de desova dos sapos. Se você já viu uma Londres invernal abrindo a boca trovejante em seus terríveis últimos minutos de luz vinda do rio ou já desceu tremendo de frio dos Alpes até Turim na névoa branca de dezembro, então você conheceu lugares de grandiosidade semelhante. Cinquenta apinhados quilômetros de estrada manchada de óleo, onde fornalha, gás e vulcões mecânicos fundiam os elementos fundamentais de Empédocles para fazer ferro-gusa, vigas e trilhos; mais quinze quilômetros de cidade esparsa, mais outros oito de cidade densa — os cortiços — e nós descemos do trailer não muito longe do Loop e fomos comer um guisado com espaguete no Thompson, perto do Departamento de Investigações e no meio do distrito de distribuidores de cinema, coberto de pôsteres.

Nossa volta não despertou muito interesse de ninguém, pois tinha havido um incêndio na casa de Einhorn nesse meio-tempo. O fogo tinha destruído a sala — grandes buracos negros e fedidos no *mohair*, o tapete oriental arruinado, a mesa de mogno da biblioteca e a coleção de clássicos da Harvard que ficava em cima dela chamuscadas e encharcadas pelos extintores. Einhorn havia pedido uma indenização no valor de dois mil

dólares; o inspetor não concordou que a causa do incêndio tivesse sido um curto-circuito e insinuou que fora proposital; circulava a opinião de que ele estava querendo propina. Bavatsky não estava por lá; eu tive de assumir parte das tarefas dele por um tempo, mas não era burro de perguntar por onde ele andava, sabendo que devia estar escondido. No dia em que a casa pegou fogo, Tillie Einhorn estava visitando a mulher do primo e Jimmy Klein tinha levado o Comissário, que estava doente, para dar uma volta no parque. O Comissário parecia envergonhado com o que tinha acontecido. Seu quarto ficava bem ao lado da sala de visitas, onde o cheiro levou semanas para passar, e ele ficava lá deitado, carranqueando em silêncio, condenando o jeito de fazer negócios do filho. Tillie andara pedindo um jogo de móveis novo, de maneira que ele estava por conta com ela também — essas mulheres com fome insaciável de mobília e sua mania de querer ajeitar o ninho.

“Você acha que eu não te daria os quinhentos ou seiscentos dólares que você vai extorquir da companhia de seguros pra não ter que ficar sentindo esse *ipish*^a nos meus últimos dias de vida?”, o Comissário perguntou ao filho. “Willie, você sabia que eu estava doente.” Isso certamente era verdade. Bicudo, branco e solene, Einhorn aceitou o pito como merecido, filialmente, de um Comissário levantado da cama, de ceroula e camisa de malha por baixo do seu roupão longo e brocado aberto, parado de pé e enfraquecido na cozinha e recusando o apoio natural do encosto de uma cadeira, independente. “Sim, papai”, respondeu Einhorn, a consciência de ter dado uma mancada feia instalada ao redor do seu pescoço em dois ou três anéis de pelanca; e sem humor, com muito esforço e quase ferozmente, ele olhou para mim. Agora eu tinha ficado sabendo definitivamente que ele era o autor do incêndio, e o que provavelmente estava passando pela sua cabeça era que eu estava descobrindo todos os seus segredos. Ele sabia que eu jamais iria revelá-los a ninguém, mas o fato de eles estarem vazando feria seu orgulho. Eu procurei ficar o mais invisível possível e não disse nada quando ele esqueceu de me pagar

naquela semana. Talvez isso tenha sido delicadeza demais, mas eu estava numa idade de exageros.

O verão passou, as aulas na escola recomeçaram e a companhia de seguros ainda não estava satisfeita. Eu soube por Clem que Einhorn andava atrás de Tambow Senior para conseguir que alguém na prefeitura abordasse o assunto da indenização com algum vice-presidente, e eu sei que ele próprio enviou uma porção de cartas se queixando de que um dos maiores corretores de seguro da companhia não conseguia receber a indenização por um incêndiozinho de nada. Como eles esperavam que ele convencesse os clientes de que suas perdas seriam prontamente cobertas? Como seria de esperar, Einhorn tinha feito seu seguro com a companhia com a qual ele fazia a maior parte dos seus negócios. A Holloway Enterprises sozinha pagava prêmios sobre propriedades avaliadas no total em um quarto de milhão de dólares, de modo que devia haver indícios bem claros de incêndio criminoso, pois eu tenho certeza de que a companhia queria ser prestativa. Os móveis chamuscados e fedorentos, cobertos com lona, ficaram onde estavam até o dia em que o Comissário não quis mais vê-los na sua frente, quando então foram levados para o quintal, onde as crianças trepavam em cima deles para brincar de rei da montanha e os garrafeiros entravam se oferecendo para levá-los embora, suando humildemente no escritório até Einhorn aceitar recebê-los e dizer que não, que ele estava pensando em doá-los para o Exército da Salvação quando o seguro o ressarcisse.

Na verdade, ele já tinha prometido vendê-los para Kreindl, que planejava mandar reencapá-los. Principalmente por causa do transtorno todo, Einhorn estava decidido a obter o valor integral pelo prejuízo. E também por causa do desdém do Comissário. Mas, no fundo, ele achava que tinha agido certo; que era assim que você atendia o pedido da sua mulher quando ela achava que estava precisando de um jogo de móveis de sala de estar novo. Ele me deu de presente os clássicos da Harvard, com as capas arruinadas pelo jato carbônico dos extintores. Guardei os volumes

num engradado debaixo da minha cama e comecei a leitura por Plutarco, pelas cartas de Lutero para a nobreza alemã e pela *Viagem do Beagle*, em que cheguei até aquela parte dos caranguejos que roubam os ovos das aves costeiras mais burrinhas.

Eu não conseguia ler mais porque não tinha muita paz à noite para me dedicar ao estudo. Com as grandes fragilidades da velhice, vovó tinha ficado de parafuso meio frouxo e andava implicante que só ela. Embora sempre tivesse dito que, se havia uma coisa que tinha conseguido ensinar à mamãe, era cozinhar muito bem, ela agora queria fazer sua própria comida e separava panelas e outros utensílios para o seu próprio uso, além de produtos da mercearia e pequenos potes, que ela botava na geladeira cobertos com papel e presos com elástico, esquecia lá até moçar e depois ficava tiririca quando eles eram jogados fora, acusava mamãe de roubar. Dizia que duas mulheres não podiam dividir a mesma cozinha — esquecendo por quanto tempo as duas tinham conseguido fazer isso —, principalmente quando uma delas era desonesta e suja. As duas tremiam, mamãe mais de medo do que de raiva da injustiça; ficava tentando localizar a velha com os olhos, que vinham deteriorando muito rápido. A Simon e a mim, vovó praticamente já não dirigia mais a palavra, e quando a cadela filhote que seu filho Stiva tinha lhe dado — ela não conseguia realmente aceitar uma substituta para Winnie, mas exigiu um cachorro mesmo assim —, quando a cadelinha corria para nós, ela bradava: “*Beich du! Beich!*”. Mas a cachorrinha trigueira queria brincar e se recusava a ficar deitada aos pés de vovó como a cadela velha fazia. Não tinha sequer recebido um nome nem fora treinada direito a fazer as necessidades fora de casa, tal era o estado em que as duas mulheres se encontravam. Simon e eu combinamos de nos revezar na limpeza da casa; mamãe não conseguia mais dar conta da faxina. Mas Simon trabalhava no centro da cidade, então não havia como fazer uma divisão justa. E já não havia mais fibra de caráter suficiente na casa nem para dar um nome nem para domesticar um filhote. Eu não conseguia continuar me arrastando para debaixo da cama

de vovó Lausch, um dos lugares mais sujos da casa, enquanto ela, com os olhos fixos num livro, se recusava a dizer uma palavra que fosse, cega e muda para mim a não ser quando a *beich* dela ficava dando seus latidinhos esganiçados em volta das minhas pernas, quando então a velha berrava. Era nisso que boa parte do meu tempo estava sendo gasta.

Além disso, como mamãe não podia ir sozinha visitar Georgie por causa da sua vista ruim, nós volta e meia tínhamos de levá-la até o final do West Side. Agora George estava maior que eu e às vezes ficava um pouco emburrado e magoado com a gente, embora ainda conservasse a mesma beleza de menino retardado, um gigante se movendo com uma lerdeza pesada e madura no andar capenga das suas pernas mal desenvolvidas. Ele vestia roupas que já tinham sido minhas e de Simon, e era estranho vê-las sendo usadas de maneira tão diferente. Na escola, tinham lhe ensinado a fazer vassouras e a tecer, e ele nos mostrou as gravatas de flores de cardo que ele tinha feito com lã num bastidor. Mas George estava ficando velho demais para aquele asilo de meninos; dali a mais ou menos um ano ele teria de ser transferido para Manteno ou alguma das outras instituições no sul do estado. Mamãe recebeu muito mal a notícia. “Lá, nós só vamos conseguir ver o Georgie talvez uma ou duas vezes por ano”, disse. Ir visitar aquele homem de rosto macio em que George tinha se transformado também não era nada fácil para mim. Então, nas viagens de volta, como eu andava com os bolsos recheados na época, eu levava mamãe a uma confeitaria grega chique na Crawford Avenue para tomar sorvete e comer bolo e para tentar tirá-la daquele fundo de poço em que suas pesadas preocupações a mergulhavam e que é, imagino, o lugar onde a maioria dos seres humanos sempre passou a maior parte dos seus momentos silenciosos. Ela deixava que eu a distraísse um pouco, mesmo escandalizada com os preços exorbitantes e protestando com a voz alta de quem não se dá conta do barulho que está fazendo. Ao que eu respondia calmamente: “Tudo bem, mãe. Não se preocupe”. Como Simon e eu ainda estávamos na escola, ainda recebíamos dinheiro da caridade, e com

ambos trabalhando e George no asilo, estávamos mais endinheirados que nunca. Só que agora era Simon quem geria o dinheiro que sobrava, e não mais vovó, como no antigo regime.

Às vezes eu tinha vislumbres de vovó na sala, no final iluminado do corredor escuro, no seu isolamento de nós, esperando sozinha ao lado da torre de palácio de cristal da estufa, de calções de morim compridos e vestido engomado, com uma bainha tão tesa quanto uma linha de Euclides. Ela tinha mágoas demais contra nós agora para poder nos perdoar e elas não podiam ser discutidas. Por causa da fragilidade mental dos muito idosos. Justo ela que nós sempre tínhamos imaginado tão poderosa e resistente.

“Ela está nas últimas”, dizia Simon, e nós aceitávamos seu declínio e sua morte iminente. Mas isso era porque já estávamos lá fora, no mundo, ao passo que mamãe não tinha essa perspectiva. Vovó havia concentrado em mamãe a maior parte da sua força de chefona, governante, rainha mãe, imperatriz, e nem mesmo o fato de ela ter banido George e os escândalos quase senis que armava na cozinha podiam abalar um sentimento de respeito e submissão enraizado fazia tanto tempo. Para Simon e para mim, mamãe se queixava, chorando, da estranha alteração de vovó, mas não podia atender aos novos caprichos dela.

Simon, no entanto, disse: “É demais pra mamãe. Por que é que os Lausch têm que continuar empurrando a velha pra cima da gente? A mamãe já foi criada dela por tempo mais que suficiente. Ela mesma também já está ficando velha e os olhos dela estão ruins. Ela não consegue ver a cachorra nem quando a bicha já está debaixo dos pés dela.”

“Bom, isso é uma coisa que a gente devia deixar a própria mamãe decidir.”

“Pelamordedeus, Augie”, disse Simon, ríspido — seu dente quebrado aparecia com grande efeito quando ele estava sendo desdenhoso — “já não está na hora de você deixar de ser palerma, não?! Sinceramente, você às vezes me faz pensar que eu fui o único de nós que não nasceu de miolo

mole. De que é que vai adiantar deixar a mamãe decidir?” Eu normalmente não encontrava muita coisa para dizer quando era uma questão de teoria ou realidade com relação a mamãe. Nós a tratávamos de maneira parecida, mas pensávamos nela de maneira diferente. Tudo o que consegui dizer foi que mamãe não estava acostumada a ficar sozinha e, na verdade, eu sentia um aperto no coração só de imaginar. Ela já estava quase cega. O que ela ia fazer sozinha em casa o dia inteiro? Ela não tinha amigos e sempre havia sido vista na vizinhança como uma espécie de curiosidade, uma mulher esquisita, meio pancada das ideias, quando saía arrastando os pés pela rua para ir fazer compras ou cuidar de algum outro afazer com seus sapatos de homem e seu gorro preto de pompom, o rosto rosado e chupado atrás dos óculos de lente grossa.

“E por acaso a vovó lá serve de companhia?”, perguntou Simon.

“Ah, talvez ela melhore um pouco um dia. E elas ainda conversam de vez em quando, imagino.”

“Quando foi que isso aconteceu que eu nunca vi? O que ela faz é dar bronca, isso sim, e fazer a mamãe chorar. No fundo você só está dizendo que a gente devia deixar o barco correr. Isso é pura preguiça, muito embora você provavelmente diga a si mesmo que você é só um sujeito boa-praça e que não quer ser mal-agradecido com a velha pelo que ela fez pela gente. Mas não esqueça que nós também fizemos muito por ela. Tem anos que ela faz gato e sapato da mamãe e vive no bem-bom às nossas custas. Só que a mamãe não está aguentando mais. Se os Lausch quiserem contratar uma empregada, eu acho que seria uma maneira justa de resolver o problema, mas, se não, eles vão ter que levar a velha embora daqui.”

Simon escreveu uma carta para o filho dela em Racine. Eu não sei como era a vida daqueles dois homens com jeitão de quakers em suas respectivas cidades. Só sei que nunca consegui passar por um lugar como Racine sem ficar me perguntando qual daquelas casas com balanço de pneu para crianças do lado de fora e sons de exercícios de piano do lado de dentro seria como a de Stiva Lausch, que tinha duas filhas criadas com

todo o refinamento, incluindo aulas de piano, e como aqueles dois filhos de tão poucas palavras gerados em Odessa teriam acabado enveredando por caminhos como aqueles nas trilhas deste multifário universo. O que será que eles queriam da vida, para terem aquela aparência tão estável e impassível? Bem, deu para ter pelo menos uma ideia do que eles queriam pelo bilhete que Stiva mandou, dizendo muito calmamente que ele e o irmão não achavam que uma empregada fosse a solução e que já estavam providenciando para que a mãe fosse morar na Casa de Repouso Nelson para Idosos e Enfermos e ficariam muito gratos se pudessemos cuidar da mudança dela para lá. Um favor que, considerando nossa longa associação com a mãe deles (uma alfinetada na nossa ingratidão), eles não hesitavam em pedir.

“Está resolvido então”, disse Simon, com uma cara que parecia indicar que até mesmo ele achava que nós tínhamos ido longe demais. Mas a coisa estava feita, e só restavam os últimos detalhes a tratar. Vovó tinha recebido uma carta em russo na mesma ocasião e reagiu à notícia com considerável serenidade, como seria de esperar de alguém com seu grau de orgulho, chegando mesmo a se vangloriar: “Ha! Como Stiva escreve bem em russo! No *gymnasium*, quando você aprendia, você aprendia *direito*”. Também ficamos sabendo por mamãe o que vovó disse a respeito da casa de repouso, que era um lugar muito antigo e elegante, quase um palácio praticamente, construído por um milionário, que tinha uma estufa e um jardim, que ficava perto da universidade e que, portanto, a maioria de seus hóspedes era composta de professores universitários aposentados. Ela estava indo para um lugar melhor. E estava contente por estar sendo salva de nós por seus filhos. Um lugar onde ela estaria entre iguais e trocaria ideias inteligentes. Mamãe ficou pasma, abismada com a coisa, e nem mesmo ela era ingênua a ponto de acreditar que vovó, ligada a nós fazia tantos anos, teria ela própria tido aquela ideia, como a velha agora aparentemente queria dar a entender.

Os preparativos para a mudança levaram duas semanas. Quadros saíram das paredes, os macacos de narinas vermelhas se foram, a passadeira de Tasquente, as taças de ovo *poché*, suas pomadas e remédios, seu edredom da prateleira do closet. Eu trouxe do porão sua mala de madeira, um velho baú amarelo com etiquetas de Ialta, da Hamburg Line e do American Express, antigos periódicos russos no interior forrado com papel de flores silvestres azuis, fedendo a mofo. Ela embrulhou com cuidado cada uma das suas coisas de grande valor, as frágeis e quebráveis por cima, e cobriu tudo com a neve áspera da naftalina em flocos. No último dia, ela ficou vendo a mala sacolejar pela escada da frente abaixo nas costas do carregador com um espantoso e terrível olhar de autoridade e supervisionou tudo, até a última caixa, desse mesmo jeito, tão terrível e violentamente branca que os pelos dos cantos da sua boca se tornaram momentaneamente visíveis, mas com uma empertigada postura aristocrática, toda voltada para a importante transferência para algo melhor e dando as costas àquele (agora que o estava deixando para trás) apartamentozinho vergonhosamente ordinário de uma mulher abandonada e seus filhos, aos quais ela havia protegido enquanto era uma hóspede temporária. Ah, por mais decrépita que fosse a superestrutura, ela estava esplêndida. Você esquecia o quanto ela tinha ficado caduca, esquecia das rabugices dela naquele último ano. O que era um ano daquele jeito se agora sua fragilidade mental lhe dava uma trégua naquele momento de emergência e ela ostentava o rigor e a força dos seus melhores dias de *grande dame*? Olhando para ela, meu coração amoleceu e eu senti uma admiração que ela não queria de mim. Sim, ela transformou o banimento em aposentadoria, e os recém-criados republicanos, com a cera do selo da sua constituição ainda quente, sentiram a última pontada de lealdade ao deposto, quando as multidões, silenciosas, despedem-se da limusine, e o príncipe e a família real têm a última palavra na história dos erros.

“Cuide-se bem, Rebecca”, disse a velha. Não chegou exatamente a recusar o beijo choroso que mamãe lhe deu no lado do rosto, mas estava primordialmente voltada para o seu objetivo. Nós a ajudamos a entrar no carro resfolegante, emprestado por Einhorn. Tensa e impaciente, ela disse adeus, e então nós partimos — eu tentando dar conta do grande e desajeitado aparato da hostil máquina vermelha feito tomate esmagado e de seus metais de carro de bombeiros. Dingbat tinha acabado de me ensinar a dirigir.

No caminho, não trocamos uma palavra. Não vale o que ela disse no engarrafamento do Michigan Boulevard porque foi só um comentário a respeito do trânsito. Saindo do Washington Park, dobramos à direita na rua 60 e, de fato, lá estava a universidade, parecendo estranha mas tranquila no seu veranico de fim de outono e farfalhar de trepadeiras. Localizei a Greenwood Avenue e a casa de repouso. Na frente havia uma cerca de estacas, com as partes pontudas para cima, em volta de dois canteiros de flores onde ásteres cresciam apoiados em paus e telhas; no caminho que levava até a calçada, bancos pretos feitos de tábuas; e nos bancos da varanda com piso de pedra, em cadeiras no vestíbulo para os que achassem o sol forte demais e em mais bancos na sala de estar, homens e mulheres idosos observavam vovó sair de dentro do carro. Fomos andando pelo caminho, entre as velhas cabeças lentas, manchadas e gastas, ruminando pensamentos, engasgadas com velhos sais no sangue e outras excreções, de cocurutos duros e lisos como osso, ou inchados, os onzes dos tendões erguidos em pescoços sem golas castigados pelos ataques do calor tórrido do Kansas e do frio congelante do Wyoming, e pelos esforços da labuta na cozinha, de escavações no Oeste, de vendas a varejo em Cincinnati, de abates em Omaha, de mascateações, colheitas, tarefas árduas ou penosas, gigantescas ou microscópicas, que, em conjunto, constituem o trabalho da nação. E até alguém ali, de chinelos velhos e suspensórios ou de espartilho e vestido de algodão, poderia ter sido um pote do sal oculto que preserva o mundo, mas seria preciso o talento de um Orígenes para encontrá-lo em

meio ao terrível aspecto — cabelos brancos e mãos de pele perebenta e veias estouradas segurando bengalas, leques, jornais de todas as línguas e alfabetos, os rostos desaparecidos nos sulcos sob a superfície e nos olhos — daquelas pessoas sentadas tomando sol na fumaça das folhas queimadas do lado de fora ou no bolor farinhento e nos ácidos de molho dentro da casa. Não era de forma alguma uma residência construída por um milionário, mas tão somente um antigo prédio de apartamentos, e sem lindo jardim nenhum no quintal dos fundos, mas apenas pés de milho e girassóis.

O caminhão chegou com o resto da bagagem de vovó; ela não podia ficar com a mala grande em seu quarto, pois iria dividi-lo com três outras pessoas. Teve de descer até o subsolo, onde separou as coisas de que iria precisar — coisas demais, na opinião da mulata corpulenta que era superintendente do asilo. Mas eu levei tudo o que ela tinha separado lá para cima e a ajudei a guardar e pendurar as roupas. Depois, por ordem dela, voltei para o carro para ver se alguma coisa tinha ficado esquecida no porta-malas. Ela não comentou nada a respeito do lugar comigo e claro que o teria elogiado, se tivesse encontrado alguma coisa que merecesse elogio, para mostrar como era vantajosa a mudança que ela havia feito. Mas também não me deixou ver nenhum sinal de que estivesse triste. Ignorou a sugestão da superintendente de que botasse um vestido de ficar em casa e se sentou na cadeira de balanço, de frente para a vista da plantação de milho, girassol e repolho do terreno dos fundos, com seu vestido preto de Odessa. Eu perguntei se ela queria um cigarro, mas ela não queria nada de ninguém e, principalmente, não queria nada de mim — não depois do que, no seu entender, era a paga que Simon e eu estávamos lhe dando por seus anos de esforços. Eu sabia que ela precisava ser ríspida e seca se quisesse evitar o choro. Deve ter começado a chorar assim que eu fui embora, pois a velhice ainda não a havia deixado gagá a ponto de não perceber o que os filhos tinham feito com ela.

“Tenho que devolver o carro, vó”, eu disse por fim. “Então vou ter que ir agora, se não tiver mais nada que a senhora queira que eu faça.”

“O que mais poderia ter? Nada.”

Comecei a andar em direção à porta.

Ela disse: “Tem o meu saco de guardar sapato, que eu esqueci de trazer. Aquele de *chintz* que está na porta do closet.”

“Eu trago pra senhora assim que puder.”

“A sua mãe pode ficar com ele. E pelo seu trabalho, Augie, tome aqui uma coisa.” Ela abriu sua bolsa de grandes e baças antenas prateadas e, com um gesto curto, me entregou uma rancorosa moeda de vinte e cinco centavos — a paga — que eu não pude recusar, não pude enfiar no bolso, mal pude fechar a mão para segurar.

As coisas também andavam esquisitas na casa dos Einhorn, onde o Comissário estava morrendo no grande quarto dos fundos, enquanto na frente, no escritório, escrituras e títulos trocavam de mãos com mais milhares de dólares e maior prosperidade que nunca. Algumas vezes por dia, Einhorn mandava que alguém o empurrasse na sua cadeira até a cabeceira da cama do pai para pedir conselhos e obter informações; agora tudo estava em suas mãos — ele grave e de cenho franzido, à medida que começava a sentir a indomabilidade do que tinha de administrar — e toda a palração social do escritório se transformou em perigosos sinais do deserto. Agora você percebia o quanto Einhorn havia sido protegido pelo Comissário. Afinal, ele tinha ficado aleijado ainda muito jovem. Se foi antes ou depois de se casar, eu nunca consegui descobrir — Einhorn dizia que tinha sido depois do casamento, mas eu ouvi dizer aqui e ali que o Comissário havia dado um agrado ao primo da sra. Einhorn (Karas Holloway) e comprara uma esposa para o filho paralítico. O fato de ela amar Einhorn não era de forma alguma uma prova em contrário, pois adorar o marido fazia parte da constituição natural de alguém como ela. Fosse como fosse, por mais que Einhorn se vangloriasse, a verdade era que ele era um filho que tinha vivido sob a proteção do pai. Isso era uma coisa que *eu* não teria podido deixar de notar. E suas operações e cartas para tapear deus e o mundo e todas as suas maquinações poéticas eram feitos de

um garoto, ainda que ele próprio tivesse um filho na universidade. E, tendo sido tratado com indulgência por tanto tempo, pela meia-idade adentro, como ele iria superar isso agora? Sendo sério e implacável, era o que ele achava. Abandonou seus antigos projetos; *O Confinado* parou de ser publicado e os pacotes de produtos a serem pagos mediante aprovação já não eram mais abertos — eu os carregava para o depósito no porão junto com os panfletos e o resto dos prêmios diários que chegavam pelo correio. E passou a se dedicar integralmente aos negócios, fechava e abria as transações anotadas no calendário do Comissário, fazia ou dissolvia sociedades em terrenos ou mercearias nos subúrbios e por conta própria — o tipo de coisa que ele adorava —, comprava segundas hipotecas a preço de banana de pessoas que estavam precisando de dinheiro vivo. Cobrava comissão por indicação de encanadores, pintores e técnicos de calefação com os quais o Comissário sempre mantivera uma relação de camaradagem e, assim, fazia inimigos. Isso não incomodava Einhorn, para quem o mais importante era que os *fainéants* não achassem que podiam ir atrás de Carlos Magno — desde que as pessoas entendessem isso, estava bom. E, além de tudo, quanto mais dificuldades e complicações houvesse, mais seguro ele se sentia. Então, havia brigas por causa de acordos quebrados; ele nunca pagava contas antes do último dia do prazo e a maioria das pessoas que tolerava esse tipo de coisa o fazia em consideração ao Comissário. Einhorn assumiu o comando com unhas e dentes. “Eu posso passar um dia inteiro discutindo que o corredor do outro time não tocou na base”, dizia, “mesmo sabendo muito bem que ele tocou. O que não dá é começar a se espalhar por aí que você pode mudar de ideia.”

Era assim que as lições e teorias do poder me eram ensinadas nos intervalos de calmaria, que vinham se tornando cada vez mais raros; e essas lições eram dirigidas principalmente a ele próprio, sendo basicamente explicações do que ele estava fazendo, de por que aquilo que ele estava fazendo era certo.

Nessa época, todas as suas necessidades passaram a ser muito profundas e ele deu para querer coisas na casa para as quais não ligava muito antes — um tipo especial de café que só era vendido num determinado lugar da cidade e garrafas de rum contrabandeado que ele encomendou de Kreindl, que tinha nesse ramo uma de suas atividades paralelas. Kreindl trouxe as garrafas numa sacola de palha do South Side, onde tinha contatos de segunda ou terceira mão com todos os tipos de demônios e elementos perigosos. Mas o fato é que ele tinha um talento para conseguir para as pessoas o que elas mais queriam — um talento de mordomo, de ordenança, de capacho, de um Leporello ou de cafetão. Não tinha desistido de Cinco Propriedades. E agora que o Comissário estava morrendo e Dingbat, que herdaria um bocado de dinheiro, ainda estava solteiro, Kreindl volta e meia passava algumas horas na casa de Einhorn, fazendo companhia ao Comissário no quarto, batendo papo com Dingbat e tendo longas conversas em particular com Einhorn, que se utilizava dele de maneiras diversas.

Um dos assuntos dos dois era Lollie Fewter, que havia pedido demissão em setembro e estava trabalhando no centro da cidade. Einhorn sofria com o fato de ela não estar mais na casa, mesmo sabendo que seria impossível, dada a doença do seu pai e o aumento da sua carga de trabalho, farrear com ela como nos meses ociosos do verão. Agora, não havia uma única hora do dia em que não houvesse gente no apartamento e no escritório. Mas era agora que ele a queria e vivia lhe mandando bilhetes e recados martelando sobre isso. E num momento como aquele! Ele também ficava chateado com isso. No entanto, não parava de pensar de que maneira, apesar do momento ruim, poderia concretizar a façanha, e não ficava só matutando o assunto não, mas discutia, obstinadamente, como seria possível fazer a coisa. Eu ouvia as conversas dele com Kreindl. Mesmo assim, ele continuava sendo o líder da família, o chefe, o homem ponderado que sabia administrar, o guardião responsável, o filho notável de um pai notável. Notável até demais. Até o levantar das suas sobrancelhas

em direção aos seus cabelos grisalhos era notável. E daí que, junto com tudo isso, ele tivesse seus criadouros íntimos e pessoais de vício, paixão e até de lascívia ou obscenidade imprópria? Isso era impróprio porque ele era aleijado? E mesmo que você satisfaça essa difícil pergunta dizendo que não cabe a nós determinar ao que um homem deve renunciar por ser aleijado ou amaldiçoado de alguma outra forma, ainda resta o fato de que Einhorn sabia ser vil e malvado quando queria. Você pode conhecer um homem por seus demônios e pelo modo como ele fere outras pessoas. Mas eu acredito que ele tenha de correr algum risco de se machucar também. Dessa forma você pode julgar, se ele faz a coisa sem risco para si próprio, que ele está errado. Ou se ele não está ligado a uma engrenagem que não seja ele próprio. E Einhorn? Minha nossa, ele sabia ser insinuante — o sujeito mais charmoso do mundo. E isso era desconcertante. Você pode se queixar disso; pode dizer que é uma artimanha ou um estratagema das pessoas bem dotadas para desviar sua atenção do emaranhado de víboras e do medonho nó dos desejos delas, mas, se a arte da coisa é profunda o bastante e é levada longe o bastante e de maneira eficiente, ela acaba superando sua origem. Desde que seja divertida, coisa que às vezes ela era no caso de Einhorn, quando ele estava não só atrás de alguma coisa, mas também alegre. Ele também podia ser sincero. No entanto, eu ficava chateado com Einhorn de vez em quando e dizia a mim mesmo que ele não era nada — nada. Egoísta, ciumento, autoritário, reclamão e hipócrita. Mesmo assim, no final das contas, eu nunca deixava de ter um grande apreço por ele. Por uma razão, sempre era preciso levar em conta a batalha que ele tinha travado com sua doença. Não há dúvida de que derrubar no gelo o polaco de trenó^b ou ser um Belisário ou sair em busca do Santo Graal são feitos superiores, mas, botando tudo na balança, o campo em que ele foi posto e as armas que recebeu, ele tinha se saído admiravelmente bem e, mentalmente, estava conectado àquela engrenagem que mencionei. Ele sabia os castigos e vinganças que seus demônios podem suscitar pelo modo como você trata esposa e mulheres ou se comporta

enquanto seu pai está no leito de morte, o que você tem de pensar do seu prazer, ao agir como uma barata; ele tinha a inteligência necessária para a comparação. Tinha a inteligência necessária para ser sublime. Mas a sublimidade não pode existir apenas como um dom especial de poucos, fruto de um acidente de origem, como nascer albino. Se fosse assim, que interesse nós poderíamos ter nela? Não, ela tem de sobreviver ao pior e encontrar para si um cantinho seco onde se refugiar dos respingos loucos, sanguinolentos e enlameados de cérebros de espiga, xerifes, homens de negócios sempre a consultar relógios de ouro, destruidores de crianças, churrasqueiros de seres humanos, bem como do serviço mundial de entregas dos cavaleiros de São José. Então por que ficar chateado com o coitado do Einhorn, atormentado por pernas de múmia e por seus anseios exacerbados pelo aleijão?

Enfim, eu ficava do lado dele, e ele me dizia: “Ah, aquela piranha! Ordinária! Sardenta de uma figa! Vadia de mina de carvão!”. E mandava bilhetes por Kreindl para ela, no centro da cidade, com propostas malucas. Mas também dizia: “Eu sei que sou um canalha de ficar pensando em boceta numa hora dessas. Isso ainda vai ser a minha ruína”. Lollie respondia os bilhetes dele, mas não voltou. Tinha outros planos para si mesma.

Enquanto isso, o Comissário estava saindo de cena. No início, levava e levava de amigos seus vinham visitá-lo no quarto outrora suntuoso, decorado pela sua terceira mulher, que o deixara havia dez anos, com uma cama com dossel estilo império, espelhos de moldura dourada, um cupido com a cabeça dentro de um arco. Com escarradeiras no chão, charutos em cima da cômoda, canhotos de cheque e baralhos de *pinocle* espalhados por todo lado, o quarto tinha se tornado o aposento de um velho homem de negócios. Quando estava em companhia de patrícios, amigos de sinagoga e antigos sócios, o Comissário parecia se divertir dizendo-lhes que estava acabado. Não era um hábito de que pudesse se livrar, esse de fazer pilhérias, tendo sido um gozador a vida inteira. Coblin aparecia com

frequência, nas tardes de domingo, e Cinco Propriedades vinha em dias de semana, no caminhão de leite — para um homem jovem, ele até que tinha uma ortodoxia considerável; ou, pelo menos, um comportamento respeitoso. Não posso dizer que eu acredite que ele se importasse muito, mas sua presença não era uma coisa ruim e mostrava que ele pelo menos sabia agir como uma pessoa de bom coração. E era provável também que ele aprovasse a maneira como o Comissário estava lidando com a chegada da morte, o magnífico estoicismo do velho. Kinsman, o agente funerário e inquilino dos Einhorn, estava muito angustiado por não poder ir lá fazer uma visita e me parou na rua para perguntar pelo Comissário, implorando para que eu comentasse sobre isso com ele. “Essas são as piores horas”, disse. “Quando um amigo está morrendo, eu sou tão bem-vindo na casa das pessoas quanto o velho Granum, que trabalha pra mim.” Granum era quem guardava os leitos de morte e recitava os Salmos, um velho frágil com cara de ruína, de casaco de alpaca preto comprado no bairro chinês e chinelos nos pés minúsculos. “Se *eu* for lá”, disse Kinsman, “você sabe o que as pessoas vão pensar.”

À medida que o estado de saúde do Comissário piorava, diminuía o número de visitantes que tinham permissão para entrar no quarto, e as reuniões informais dominadas pelas pilhérias guturais do velho cessaram. Agora era Dingbat quem passava mais tempo com ele, e não era preciso que Einhorn lhe pedisse que largasse o salão de sinuca para cuidar do pai, pois Dingbat estava muito abalado com a situação. Tinha sido o último a aceitar o prognóstico do médico e dizia convictamente: “É isso que todos esses agourentos desses médicos falam quando um velho fica doente. Mas o Comissário tem uma constituição forte, ele é poderoso!”. Agora, porém, Dingbat vivia entrando e saindo às pressas do quarto com seus sapatos barulhentos e estalantes de mestre de tango, dava comida na boca do Comissário, fazia massagens nele e enxotava as crianças que queriam brincar nos móveis abandonados no quintal. “Xô, xô, seus cretinhos! Tem uma pessoa doente aqui! Moleques de uma figa, vocês não receberam

educação não?” Ele mantinha o quarto escuro e se instalava numa almofada, lendo *Captain Fury*, *Doc Savage* e outras revistas à luz da vela votiva. Eu só vi o Comissário de pé uma vez nessa fase, quando Einhorn mandou que eu fosse apanhar uns papéis no gabinete dele e, ao entrar na sala de estar escura, encontrei o Comissário vagando lentamente, vestido com sua roupa de baixo inteiriça, à procura da sra. Einhorn, para pedir uma explicação para os botões que estavam faltando, irritado porque só havia dois deles do pescoço até embaixo e ele ficava exposto e nu no espaço entre um e outro. “Isso não se faz!”, disse. “*Lig a naketter.*” Ele ainda estava zangado por causa do incêndio.

Por fim, Dingbat entregou seu lugar no quarto ao velho Granum de Kinsman, quando o Comissário passou a despertar apenas raramente e, acordado, tinha dificuldade em reconhecer as pessoas. Mas, mesmo à luz de uma lâmpada de doze watts envolta por uma toalha, ele reconheceu as bochechas vermelho-tijolo e esburacadas feito esponja do velho guardião de leitos de morte e disse: “*Du?* Então eu dormi mais do que eu pensava”. Comentário que Einhorn repetiu uma infinidade de vezes, mencionando Catão, Brutus e outras figuras famosas pela calma com que atravessaram seus últimos momentos; Einhorn era um colecionador de fatos como esse e vasculhava tudo que lia, suplementos de domingo, relatos de sermões publicados na segunda-feira, os livrinhos azuis de Haldeman-Julius^c e todas as coletâneas de adágios à cata de comparações favoráveis. Coisas que nem sempre se encaixavam muito bem. Não que o Comissário, aquele velho conquistador, não mereça admiração pela maneira serena e desanojada como morreu, sem revisões de último minuto de hábitos de uma vida inteira.

Ele foi posto naquela mesma noite num caixão colossal, na agência de Kinsman. Quando cheguei de manhã, o escritório estava fechado, com as cortinas de pregas verdes e pretas cerradas contra o sol frio e o tempo seco do outono, e eu então dei a volta e entrei pelos fundos. Os espelhos tinham sido cobertos pela sra. Einhorn, que era muito supersticiosa, e uma vela

ardia num pálido copo branco na sala de jantar escura, perto de uma fotografia do Comissário tirada quando sua barbicha de Buffalo Bill ainda era basta e lustrosa. Arthur Einhorn tinha vindo de Champaign para o funeral do avô e estava sentado à mesa com abstraída elegância universitária, a mão enfiada no cabelo lanoso de intelectual, mantendo-se calmamente alheio ao esperado desvario familiar numa situação como aquela. Ele era agradável e espirituoso, embora não tivesse uma aparência jovem — já tinha rugas nas bochechas —, apesar do seu casaco de pele de guaxinim, que estava pousado sobre o aparador com uma boina em cima. Einhorn e Dingbat tinham fendas feitas a navalha em seus coletes, simbolizando roupas rasgadas. A ex-sra. Tambow estava lá, com um lenço de duenha na cabeça e um pincenê arqueado nos olhos, junto com seu filho Donald, que cantava em casamentos e recepções. E, também em cumprimento a um dever familiar, Karas-Holloway e a esposa, ela com um topete de poodle na testa e sua costumeira impaciência ou contrariedade. Ela tinha um bocado de carne e seu rosto era vermelho, rancoroso, crítico. Eu sabia que ela vivia atrás da prima do marido para que ela a protegesse dos Einhorn. Não confiava neles. E também não confiava no marido, que lhe dava tudo, um amplo apartamento superdecorado no South Side, porcelanas Haviland, venezianas, tapetes persas, tapeçarias francesas, rádio Majestic com doze válvulas. Karas estava com um terno tropical trespassado e uma aparência de quem tinha vencido gloriosamente as dificuldades de se barbear e de se pentear, os nódulos do rosto contornados, o cabelo aplainado. Sua afabilidade era uma imensa satisfação para ele, assim como seu inglês insólito, que não o havia impedido de fazer fortuna, e sua insignificância no seu país natal — as pessoas recuavam diante de suas rugas maleáveis e de seus olhos pequenos, mais ou menos como fugiam da investida de seu carro de seis cilindros, um Packard amarelo.

Muito tempo depois, passei estranhos dez minutos com a sra. Karas, numa padaria perto do Jackson Park onde entrei em companhia de uma

garota grega que ela supôs que fosse minha esposa porque estávamos de braços dados, com roupas de verão, cheios de intimidade logo de manhã cedo. Ela me reconheceu de imediato, com uma demonstração de extremo prazer, mas com erros de memória que não havia como interromper ou corrigir, de tão esdrúxulos que eram. Disse à garota grega que eu tinha sido praticamente como um parente para ela, que tinha me amado tanto quanto amava Arthur e me recebera na casa dela como uma pessoa da família — ela estava toda alegria e felicidade com o reencontro, botando o braço em volta dos meus ombros para dizer como eu tinha ficado bonito e elegante, mas que também minha pele sempre havia sido motivo de inveja para as meninas (como se eu tivesse sido um Aquiles entre as donzelas, no escritório e no salão de sinuca). Confesso que fiquei completamente aturdido com tamanha vontade de redecorar o passado com afeição e benevolência. Não era incomum as pessoas me tratarem como quem trata um filho adotivo, como se eu fosse um órfão, porém a sra. Karas nunca havia sido assim, mas apenas taciturna e possessiva com suas riquezas, colérica com o marido esperto e enigmático e crítica com relação aos Einhorn. Eu havia ido ao apartamento dela apenas como o chofer de Einhorn e ficava sentado esperando em outro cômodo enquanto eles a visitavam. Tillie Einhorn, e não a anfitriã, era quem me trazia sanduíches e café da mesa. E agora a sra. Karas, que havia saído de casa para comprar pão para o café da manhã, se deparava com a feliz chance de adornar o passado com flores imaginárias cultivadas em preocupado segredo. Eu não neguei nada; pelo contrário, disse que era tudo verdade e deixei que ela desfrutasse seu entusiasmo. Ela chegou até a brigar comigo por não ir visitá-la. Mas eu me lembrava da sua empedernida cara de poucos amigos e do café da manhã antes do funeral, quando dei uma ajudinha na cozinha. Bavatsky fez o café.

Einhorn, abatido mas não arrasado, fumava com seu chapéu melão preto enfiado na parte de trás da cabeça — não tinha nenhuma palavra a me dirigir, a não ser para me dar alguma ordem de vez em quando. Com

voz rouca e seca, Dingbat insistiu em empurrar o irmão na cadeira de rodas até a agência de Kinsman. Depois disso fui eu que carreguei Einhorn, não Arthur, que veio andando ao lado junto com a mãe. Nas minhas costas, eu o transportei para dentro e para fora da limusine, no parque outonal do cemitério, coberto de arbustos baixos e lápides; levei-o de volta para o lanche de pães e frios para os enlutados e, mais tarde, ao anoitecer, para a sinagoga, ele todo vestido de preto, os pés fracos cavalgando sem estribo, encostados aos meus flancos, a bochecha apoiada nas minhas costas.

Einhorn não era religioso, mas ir à sinagoga era o procedimento protocolar e, independentemente do que pensasse, ele sabia como se portar. Os Coblin também pertenciam àquela congregação, e eu já tinha ido lá para fazer companhia a prima Ana no cortinado oriental modificado da galeria enquanto ela chorava por Howard em meio aos arrulhos e sais aromáticos das mulheres empetecadas, pranteando os que seriam destruídos no ano vindouro pelo fogo ou pela água — conforme as palavras da tradução para o inglês. Aquela, porém, foi diferente das outras vezes, quando eu via uma multidão de gente de xale ou de chapéu rezando lá embaixo e ouvia o chacoalhar das sinetas das capas de veludo dos rolos das escrituras. Estava escuro, e um pequeno grupo, os mal-amanhados frequentadores noturnos, variados rostos velhos de vozes roucas, sussurravam, asmáticos, palpitantes, ruidosamente ciciantes, entoando o texto hebraico das orações noturnas. Foi preciso que alguém soprasse as palavras para Dingbat e Einhorn quando chegou a vez deles de recitar o *kadish* dos órfãos.

Voltamos no Packard de Karas, junto com Kreindl. Einhorn cochichou para mim, pedindo que eu dissesse a Kreindl que fosse para casa. Dingbat foi para a cama. Karas, para o South Side. Arthur tinha ido visitar amigos; ia voltar para Champaign na manhã seguinte. Eu ajudei Einhorn a pôr roupas mais confortáveis e chinelos. No quintal iluminado pelo luar, batia um vento frio.

Einhorn me segurou lá até tarde naquela noite; não queria ficar sozinho. Comigo sentado por perto, ele escreveu o obituário do pai na forma de um editorial para o jornal do bairro. “O carro fúnebre que se afasta do túmulo recém-coberto deixa para trás, para atravessar as últimas mudanças da natureza, um homem que encontrou Chicago como um pântano e a deixou como uma cidade admirável. Ele chegou depois do Grande Incêndio, supostamente causado pela vaca da sra. O’Leary,^d fugindo da conscrição forçada do tirano de Habsburgo e, em sua vida como construtor, provou que lugares admiráveis não precisam ser fundados sobre os ossos de escravos, como as pirâmides dos faraós ou a capital de Pedro, o Grande, às margens do Neva, onde milhares foram tiranizados nos charcos russos. A lição de uma vida americana como a de meu pai, em comparação com a do assassino dos Strelitz e do filho dele, é que realizações são compatíveis com a decência. Meu pai não conhecia a observação de Platão de que a filosofia é o estudo da morte, mas morreu como um filósofo mesmo assim, dizendo ao ancião que guardava seu leito nos últimos momentos...” Esse era o tom geral do texto, que ele redigiu vigorosamente em meia hora, escrevendo em folhas soltas de papel sentado à sua mesa, a ponta da língua para fora, o roupão enrolado no corpo, a touca de meia na cabeça.

Depois, fomos para o quarto do pai dele com uma pasta de papelão vazia, trancamos as portas, acendemos as luzes e começamos a esquadrinhar os papéis do Comissário. Einhorn me entregava coisas e me dava instruções. “Rasga isso. Isso aqui vai pro fogo, eu não quero que ninguém veja. Guarda isso e não esquece onde botou — amanhã eu vou te pedir esse papel. Abre as gavetas e revira tudo. Onde é que estão as chaves? Sacode todas as calças dele. Bota as roupas dele na cama e revista os bolsos. Então era essa a transação que ele tinha com o Fineberg? Diabo de velho vivaldino, o meu pai, vou te contar, um verdadeiro fenômeno. Vamos manter as coisas em ordem — isso é o mais importante. Esvazia a mesa pra gente poder separar as coisas. Boa parte dessas roupas dá pra

vender, as que eu mesmo não puder usar, o único problema é que elas são muito antiquadas. Não joga nenhum pedacinho de papel fora. Ele tinha o costume de tomar nota de coisas importantes em papelinhos. Ele achava que ia viver pra sempre, o velho, esse era um dos segredos dele. Todos os velhos poderosos acham, imagino. Até eu acho, no fundo, mesmo no dia da morte dele. A gente nunca aprende nada na vida, nunca, apesar de todos os livros de história que já foram escritos. Eles são só uma maneira de argumentarmos ou discutirmos com nós mesmos sobre as coisas, mas é só uma luz de fora, que a gente deveria levar pra dentro. Se puder. Há um verdadeiro armazém de boas sugestões, e se nós não estamos melhores não é porque não existam carradas de ideias verdadeiras e maravilhosas pra nos inspirar, mas sim porque a nossa vaidade pesa mais do que todas elas juntas”, disse Einhorn. “Olha aqui uma coisa sobre o Margolis, que mentiu ontem quando disse que não devia nada ao meu pai. ‘*Pé Torto, duzentos dólares!*’ Ele vai me pagar nem que eu tenha que comer o fígado dele, aquele filho da puta, vigarista de duas caras!”

À meia-noite, tínhamos uma pilha de papéis rasgados, como as cédulas de voto dos cardeais cuja fumaça anuncia um novo pontífice. Mas Einhorn não estava satisfeito com o estado das coisas. A maioria dos devedores do seu pai estava indicada da mesma forma que Margolis — “Dente Sujo”, “Cabeça de Ferrugem”, “Capacho”, “Risadinha”, “Vereador”, “Achtung”, “O Rei de Basã”, “Concha de Sopa”. O Comissário havia feito empréstimos a esses homens e não tinha notas, apenas aqueles memorandos de dívidas totalizando alguns milhares de dólares. Einhorn sabia quem eles eram, mas aqueles que não quisessem pagar não tinham na verdade que pagar coisa alguma. Era o primeiro sinal de que o Comissário não o havia deixado numa posição tão forte quanto ele acreditava, mas sim à mercê da honra de vários homens que ele nem sempre havia tratado bem. Einhorn ficou preocupado e pensativo.

“O Arthur já chegou?”, ele me perguntou, nervoso. “Ele tem um trem pra pegar amanhã cedo.” Nos escombros do quarto outrora suntuoso em

que o velho Comissário tinha vivido toscamente acampado em luxo feminino, Einhorn ficou refletindo com olhos redondos de pássaro a respeito do filho e depois, mais relaxado, observou: “Bom, esse negócio não é pra ele, de qualquer maneira; ele está lá com poetas e pessoas inteligentes, trocando ideias”. Ele sempre falava dessa forma de Arthur, e isso lhe dava um conforto fenomenal.

a “Fedor”, em iídiche. (N. T.)

b Referência a uma fala de Horácio em *Hamlet* (ato 1, cena 1). (N. T.)

c Os “Little Blue Books” foram uma série de livros de bolso publicados pelo editor Emanuel Haldeman-Julius (1889-1951) a partir de 1919 e vendidos a preços extremamente populares. Alcançando grande sucesso, a série chegou a lançar quase 2 mil títulos, entre clássicos da literatura ocidental, textos de política, de história da filosofia, de culinária e de discussão de temas controversos, como socialismo, ateísmo e sexualidade. (N. T.)

d O Grande Incêndio de Chicago, ocorrido em 1871 e que destruiu grande parte da cidade, teve início num estábulo de propriedade da imigrante irlandesa Catherine O’Leary e, segundo se contava na época, fora provocado por uma vaca que, com uma patada, teria derrubado um lampião. (N. T.)

7.

Penso na velha história de Creso, com Einhorn no papel triste. Primeiro, o orgulhoso homem rico, irritado com Sólon, que, certo ou errado na discussão dos dois sobre a felicidade, devia ser uma espécie de visitante parisiense do seu tempo e condescendente com um rico provinciano e insulano. Fico tentando entender por que a luz da sabedoria não fez com que Sólon fosse mais suave do que creio que ele tenha sido com o semibárbaro possuidor de ouro e joias. Mas, enfim, ele estava certo. E Creso, que estava errado, ensinou às lágrimas a lição de Sólon para Ciro, que então o poupou da pira. O velho Creso, através da desdita, transformou-se num pensador, místico e conselheiro. Depois, Ciro perdeu a cabeça para a rainha vingativa, que a mergulhou num odre cheio de sangue e bradou: “Querias sangue? Pois está aqui, bebe!”. E então o filho maluco de Ciro, Cambises, herdou Creso e tentou matá-lo no Egito, como já tinha levado à morte o próprio irmão e ferido o pobre bezerro Ápis, consternando os sacerdotes de cabeça e corpo raspados. O *crash* foi o Ciro de Einhorn; as falências bancárias, sua pira; o salão de sinuca, seu exílio de Lídia; e os desordeiros, seu Cambises, cuja ameaça ele conseguia, de alguma forma, contornar.

O Comissário morreu antes do colapso geral, e ainda não estava havia muito tempo no caixão quando começaram os suicídios, com gente se jogando do alto de arranha-céus na La Salle Street e no centro de Nova

York. Einhorn foi um dos primeiros a cair na ruína, em parte por causa do sistema baseado na confiança praticado pelo Comissário e em parte por sua própria ineficiência administrativa. Perdeu milhares de dólares no esquema aguado e piramidal de infraestrutura urbana criado por Samuel Insull — Coblin também havia posto um bom dinheiro nele — e sua herança foi por água abaixo, e a de Dingbat e Arthur também, aplicando-a em prédios que acabou não conseguindo manter. No fim, não tinha mais nada a não ser terrenos vazios no deserto distrito de Clearing e ao redor do aeroporto e, mesmo assim, vários deles se foram no pagamento de impostos. Quando eu às vezes o levava para dar uma volta de carro, ele dizia: “Nós já fomos donos daquele quarteirão de lojas, ali” ou, referindo-se a um espaço coberto de mato entre dois casebres, “Meu pai ganhou aquele terreno numa transação oito anos atrás e queria construir uma garagem ali. Ainda bem que ele nunca construiu”. De modo que era uma coisa melancólica sair com ele de carro, muito embora ele não se lamuriasse; seus comentários eram casuais e secos.

Até o prédio em que ele morava, construído pelo Comissário com um gasto da ordem de cem mil dólares, também acabou sendo perdido, quando as lojas fecharam e os inquilinos dos apartamentos do andar de cima pararam de pagar aluguel.

“Se não tem aluguel, também não tem aquecimento”, ele disse no inverno, resolvendo ser durão. “Um senhorio tem que agir como tal, ou é melhor entregar as suas propriedades logo de uma vez. Eu vou me manter fiel às leis econômicas, estejam as vacas gordas ou magras, e ser coerente.” Era assim que defendia suas ações. Ele foi levado a juízo, porém, e perdeu, tendo inclusive de pagar os custos judiciais. Depois, alugou as lojas vazias como apartamentos, uma para uma família negra e outra para uma cartomante cigana, que pendurou uma mão pintada e um gigantesco cérebro legendado na vitrine. Houve brigas no prédio e roubos de canos e de ferragens de banheiro. Àquela altura, os inquilinos tinham virado seus inimigos, liderados pelo barbeiro ruivo polonês Betzhevski, que já tinha

dado concertos de bandolim na calçada em dias afáveis e agora lançava olhares fulminantes com olhos maltratados pelo inverno quando passava em frente à vidraça do escritório de Einhorn. Este abriu processo de despejo contra o barbeiro e alguns outros inquilinos e, por causa disso, foi alvo de um piquete promovido por uma organização comunista.

“Como se eu não soubesse mais de comunismo do que eles”, disse, com humor amargo. “O que é que *eles* sabem sobre comunismo, esses babacas ignorantes? O que é que o Sylvester sabe sobre revolução?” Sylvester agora era um membro ativo do partido comunista. Então, Einhorn se sentou à mesa do Comissário na parte da frente do escritório, onde podia ser visto pelos piqueteiros, e ficou esperando a chegada dos homens do xerife. Suas janelas foram borradas com cera de vela e um saco de papel cheio de excremento foi atirado dentro da cozinha. Em razão disso Dingbat organizou uma brigada emergencial com o pessoal do salão de sinuca para proteger o prédio; Dingbat estava com uma raiva assassina de Betzhevski e queria invadir a loja dele e sair quebrando todos os espelhos. A loja para a qual Betzhevski havia se mudado àquela altura da Depressão não era lá grande coisa: uma única cadeira de barbeiro numa sala de subsolo, onde ele também criava canários numa triste penumbra flamenga. Clem Tambow ainda se barbeava com ele, alegando que o barbeiro ruivo era o único que entendia sua barba. Dingbat andava chateado com ele por causa disso. Mas Betzhevski acabou sendo despejado, e a mulher dele foi para a calçada xingar Einhorn de judeu aleijado. Não havia nada que Dingbat pudesse fazer contra ela. E, de qualquer forma, Einhorn havia ordenado: “Nada de partir pra ignorância, a menos que eu diga”. Não descartou a possibilidade, mas queria ter o controle da coisa, e Dingbat era obediente, apesar de Einhorn ter perdido até o último centavo da sua herança. “Não derrubou só a gente”, dizia Dingbat, “derrubou todo mundo. Se nem o Hoover nem o J. P. Morgan sabiam que o troço estava vindo, como é que o Willie ia saber? Mas ele vai nos levantar de novo. Eu confio nele.”

O motivo dos despejos era que Einhorn tinha recebido uma oferta de um fabricante de capas de chuva para alugar o espaço do andar de cima. Paredes foram derrubadas em vários apartamentos, antes que a prefeitura caísse em cima dele por violar leis municipais de segurança contra incêndios e de zoneamento e tentar trazer corrente elétrica industrial para uma quadra residencial. A essa altura, algumas das máquinas já haviam sido instaladas, e o fabricante — que também estava operando com a corda no pescoço — foi atrás de Einhorn para que ele pagasse a conta da remoção. Houve outro litígio por causa disso quando Einhorn tentou dizer, jogando todos os princípios no lixo, que as máquinas estavam aparafusadas no chão e eram, portanto, bens imóveis pertencentes a ele. Ele perdeu esse caso também, e o fabricante achou mais prático quebrar janelas e descer seu equipamento de lá com roldanas do que desmontá-lo, e conseguiu um mandado judicial para fazer isso. A enorme tabuleta de Einhorn, presa com corrente, foi danificada na operação. Só que isso já não tinha mais importância, porque ele perdeu o prédio, sua última grande propriedade, e ficou sem o negócio. O escritório foi fechado e a maior parte da mobília, vendida. Mesas foram empilhadas em cima de mesas na sala de jantar e arquivos empilhados ao lado da sua cama, na qual agora só se podia subir por um dos lados. Na esperança de melhores dias, ele queria conservar o máximo de móveis que pudesse. Havia cadeiras giratórias na sala de estar, para onde a mobília queimada no incêndio (a companhia de seguros havia falido e nunca chegara a pagar a indenização que ele pediu), reestofada da forma mais barata possível e fedendo a fumaça, foi trazida de volta.

Ele ainda era dono do salão de sinuca e assumiu pessoalmente sua administração; instalou uma espécie de escritório num dos cantos da frente, ao redor da caixa registradora, e ainda, de certa forma, fazia negócios. Tendo desabado naquele lugar inferior, ele demorou a se recuperar. Mas, com o tempo, virou chefe ali também, e tinha ideias de reorganização para as quais começou a juntar dinheiro. Primeiro, um balcão de lanches. As mesas de sinuca foram empurradas para abrir espaço.

Depois, uma mesa verde para jogos de dados. Ele ainda continuava sendo tabelião e corretor de seguros, e tirou autorização nas companhias de gás, luz e telefone para receber o pagamento de contas. Tudo isso devagar, pois as coisas andavam lentamente naqueles tempos mortificados; até sua engenhosidade tinha ficado dormente com a velocidade e a profundidade da queda, e ele gastava boa parte do seu tempo remoendo as medidas que deveria ter tomado para salvar pelo menos o dinheiro de Arthur — e de Dingbat. Além disso, havia o ambiente, reduzido a uma única rua e um único lugar agora que ele tinha perdido todas as outras propriedades, o silêncio espesso e encrostado de máquinas paradas que vinha de toda parte e pairava naquele espaço específico de escassez e desolação, somado ao rebaixamento de dólares para níqueis. E ele, um homem aleijado e maduro, forçado a trocar grandes planos por meros arranjos. A seus próprios olhos, o desastre geral não era desculpa suficiente para o seu — era aquele *momentum* que ele tinha e que com frequência embaçava sua visão dos outros —, e parecia que, assim que ele herdou a fortuna do Comissário, ela havia escapulado e fugido como uma coleção de pequenos animais de ouro que só obedecia à voz do velho.

“Claro que, pessoalmente”, ele explicava às vezes, “não é tão terrível assim pra mim. Eu já era aleijado antes e continuo sendo agora. A prosperidade não me fez voltar a andar, e se alguém sabe o que uma pessoa está sujeita a passar na vida, esse alguém é William Einhorn. Pode acreditar.”

Bom, sim, eu podia e não podia acreditar. Eu sabia que essa convicção era um rebento que germinara em luz fraca, mais pálido que verde, e sabia também os dias de horror que ele tinha passado quando perdeu o prédio grande e os poucos milhares de dólares que restavam da herança de Arthur no esforço final para salvá-la, inspirado não por senso comercial mas por orgulho. Foi nessa época que ele me dispensou oficialmente, dizendo com voz fraca: “Você é um luxo pra mim, Augie. Vou ter que cortar você”. Dingbat e a sra. Einhorn cuidaram dele nesse período ruim, em que não

saía do gabinete, abalado, derrotado, entregue a seus pensamentos negros, vários dias sem fazer a barba — e ele era um homem que dependia da regularidade do hábito para ditar todo o tom da vida —, até que saiu daquele cômodo sombrio e cheio de livros e declarou que iria assumir o salão de sinuca. Um John Quincy Adams, derrotado na disputa presidencial, voltando para a capital como um humilde deputado. A menos que tirasse Arthur da universidade e o mandasse trabalhar — supondo que Arthur concordasse —, ele tinha de fazer alguma coisa, pois não havia nada a que recorrer; tinha se desfeito até das suas apólices de seguro para levantar dinheiro para o prédio.

E Arthur não tinha profissão alguma; recebera — ao contrário do filho de Kreindl, o dentista, que agora sustentava a família — uma educação liberal em literatura, línguas e filosofia. De repente, o que os filhos andavam fazendo da vida virou uma coisa de extrema importância. Howard Coblin ganhava dinheiro com seu saxofone. E Kreindl não fazia mais comentários zombeteiros comigo a respeito do desinteresse anormal do filho pelas mulheres. Em vez disso, aconselhou-me a pedir a ele um emprego na farmácia que ficava embaixo do seu consultório. Kotzie me deu um emprego de aprendiz de balconista substituto. Fiquei grato, pois Simon havia concluído a escola secundária e não recebia mais dinheiro da caridade. Além disso, ele tinha perdido alguns dos seus dias na banca da estação da La Salle Street. Borg estava dando trabalho para os seus próprios cunhados desempregados e demitindo outros a torto e a direito.

Quanto às nossas economias, o dinheiro da família que Simon havia administrado como sucessor de vovó, elas tinham ido por água abaixo. O banco havia fechado logo no início da crise, e o prédio de pilares onde ficava a agência agora era uma peixaria — a janela de Einhorn no canto do salão de sinuca dava vista para lá. Mesmo assim, Simon tinha se formado muito bem — não consigo entender como ele conseguiu — e foi eleito tesoureiro da turma, ficando encarregado de comprar os anéis e os broches de formatura. Era a sua cara de honestidade a toda prova, imagino. Ele

tinha de prestar contas do dinheiro para o diretor, mas isso não o impediu de fazer um conchavo com o joalheiro e botar cinquenta dólares limpos no próprio bolso.

Simon andava fazendo muita coisa da vida; e eu também. Escondíamos isso um do outro. Mas eu, que sempre tivera o hábito de observá-lo, sabia mais ou menos o que ele andava fazendo, ao passo que ele não parava para olhar para trás e ver aonde eu estava indo. Ele se inscreveu na faculdade municipal, com a ideia que todo mundo tinha na época de se preparar para um dos concursos para o serviço público. Havia uma grande oferta de empregos no serviço meteorológico, no serviço de levantamento geológico e nos correios, a julgar pelos folhetos que eu via empilhados na escola e pregados nos quadros de avisos da biblioteca.

Simon tinha a habilidade de um soldado de vanguarda. Talvez suas leituras tivessem algo a ver com isso, e também o olhar límpido de governador que ele havia desenvolvido. Um olhar de John Sevier.²⁵ Ou de um Jackson no momento em que a bala do duelista rival raspa no grande botão da sua capa e ele se prepara para atirar²⁶ — um olhar erguido de implacável e cosmológica autoridade; aquele olhar em que a honestidade tinha a força de um preconceito, e a presciência aparecia na testa como a nobre câimbra da preocupação impessoal. Minha opinião é que, um dia, isso já tinha sido genuíno em Simon. E, se um dia tinha sido genuíno, como você poderia afirmar com absoluta certeza que a genuinidade havia acabado por completo? Mas ele usava essas coisas. Tirava proveito delas, eu sei muito bem. E, quando são usadas conscientemente, elas se tornam espúrias? Bom, numa luta, quem pode abrir mão das suas vantagens?

Talvez vovó Lausch tivesse tirado a ideia do seu sonho original, de que pudéssemos cair nas boas graças de um Rosenwald ou de um Carnegie, da observação desse dom de Simon. Se parasse numa esquina para ver uma briga, ele era sempre a pessoa que o guarda escolhia, entre uma dúzia de testemunhas voluntárias, para perguntar o que havia acontecido. Ou quando o treinador saía do depósito de materiais esportivos com uma bola

de basquete nova, em meio a dezenas de braços se agitando no ar, suplicantes, era para Simon, aparentemente passivo, que ele atirava a bola. Simon já esperava esse tipo de coisa e nunca se surpreendia.

E agora ele estava em terreno alagado, sendo forçado a diminuir a velocidade com que vinha avançando rumo à meta que tinha secretamente em mira. Eu não sabia na época que meta era essa, nem entendia direito por que era preciso haver uma meta; era algo que estava além da minha capacidade de compreensão. Mas ele estava constantemente absorvendo uma enorme variedade de informações e artes, como dançar, conversar com mulheres, fazer a corte, dar presentes, escrever cartas românticas, dar nó em gravata e laço em gravata-borboleta, as peculiaridades de restaurantes, clubes noturnos e salões de dança, o que era correto e incorreto no modo de enfiar um lenço no bolso da lapela, como escolher roupas, como se cuidar no meio de uma turba de valentões. Ou se comportar numa casa de família respeitável. Esta última era um enigma para mim, que não havia assimilado as lições de conduta de vovó Lausch. Já Simon, aparentemente sem prestar atenção, tinha captado o essencial da coisa. Menciono essas coisas, insignificantes para muita gente, porque elas eram totalmente desconhecidas para nós. Eu observava Simon estudar habilidades como a de botar um chapéu na cabeça, fumar um cigarro, dobrar um par de luvas e enfiá-lo num bolso interno, e ficava admirado e intrigado, perguntando-me de onde elas tinham vindo, e também aprendia eu próprio um pouco. Mas nunca consegui fazê-las com o mesmo senso de requinte que ele.

Ao atravessar saguões de lugares chiques, como de hotéis como os Palmer Houses, ou salões de jantar protegidos por reposteiros, com borlas, círios, orquestras de cordas fazendo o sóbrio tram-tram saltitante de valsas vienenses, Simon tinha absorvido esse refinamento, como uma espécie de cheiro que fazia suas narinas dilatarem. Embora desdenhasse dele, o luxo acabou fisingando-o. Eu deveria saber, portanto, como era difícil para ele estar na insipidez da vizinhança, em desalentadas tardes de inverno,

passando o tempo metido em seu casaco comprido, com barba de dois dias por fazer, numa lanchonete ou na gráfica de panfletos de Zechman com o comunista Sylvester, às vezes até no salão de sinuca. Só estava trabalhando na estação aos sábados e isso, ele dizia, porque Borg gostava dele.

Tínhamos um tempinho para conversar, na vagareza do inverno que não passava, sentados no balcão de lanches do salão de sinuca ao lado da janela, da qual víamos a neve suja de fuligem, sarapintada de carvão e bosta de cavalo, e névoas marrons circulando em volta da luz do poste, aceso às quatro horas da tarde. Depois de fazer o necessário em casa para mamãe, preparar as estufas, fazer as compras, levar o lixo e as cinzas para fora, não ficávamos lá com ela — eu menos ainda que Simon, que às vezes fazia as tarefas da faculdade na mesa da cozinha, quando então mamãe lhe deixava uma cafeteira cheia no fogão. Não transmiti a ele a pergunta que Jimmy Klein e Clem tinham me feito, qual seja, se Sylvester estava convertendo Simon para as convicções políticas dele. Eu tinha confiança na resposta que dei, que Simon estava desesperado atrás de maneiras de matar o tempo e que ia a reuniões, debates, fóruns, encontros sociais e festas para angariar fundos puramente por tédio e para conhecer garotas, não porque achasse que Sylvester fosse um iluminado. Ia pelos mulherões de casaco de couro, sapatos de salto baixo, boina e camisa de trabalho de cambraia. Os panfletos que trazia para casa serviam para pôr debaixo dos copos na manhã seguinte, para não deixar que marcassem a mesa, ou ele rasgava os textos mimeografados com suas manzorras louras para atijar a estufa. Eu lia mais desses textos do que ele, com intrigada curiosidade. Não, eu conhecia Simon e a ideia que ele tinha do que era certo. Na sua maneira de ver, ele já tinha mamãe e eu como pesos extras, não iria, além do mais, carregar o fardo de uma classe inteira, e abraçar os sentimentos morais de Sylvester era algo tão improvável quanto ele comprar um terno que não lhe servisse. Mas ele ficava lá sentado na gráfica de Zechman, calmo, fumando cigarros filados debaixo de pôsteres que conclamavam à revolução proletária, ouvindo conversas exóticas polvilhadas de latinismos

e germanismos, com a lateral do seu jovem e grande queixo apoiada no colarinho em meio à fumaça amarela do ar frio, rejeitando intimamente aquilo tudo.

O fato de ele aparecer no salão de sinuca também foi uma surpresa para mim, em vista do que ele havia dito tempos atrás a respeito da minha ligação com os Einhorn. Mas a explicação era a mesma — porque eram tempos monótonos, porque ele estava duro. Logo, logo ele já estava fazendo companhia a Sylvester e seus olhos de urso na sua guerra de panfletos contra a burguesia e tomando lições de sinuca com Dingbat. Aprendeu a jogar bem o suficiente para ganhar uns trocados em partidas de rotação valendo cinco centavos a bola, mantendo distância dos homens de olhos mortos que faziam carreira no salão. De vez em quando, jogava dados na sala dos fundos, e sua sorte ali era bem razoável também. Não se envolvia com desordeiros, pistoleiros, nem com o lado profissional da vida dos ladrões. Nesse aspecto, foi mais esperto que eu, que acabei não sei como participando de um roubo.

Antes, eu passava boa parte do tempo com Jimmy Klein e Clem Tambow. Nos últimos semestres da escola secundária, no entanto, eu não tinha visto muito nenhum dos dois. A família de Jimmy havia sido atingida em cheio pelo desemprego — Tommy perdeu o emprego na prefeitura quando os republicanos foram expulsos por Cermak²⁷ — e Jimmy andava trabalhando muito; também estava estudando contabilidade à noite, ou tentando estudar, pois não tinha muito jeito para números e nem, aliás, para trabalho mental nenhum. Só que tinha muita determinação para seguir em frente pelo bem da família. Sua irmã Eleanor havia ido para o México, fazendo a viagem inteira de ônibus, para ver se conseguia se acertar com o primo lá, o tal que havia despertado o interesse de Jimmy pela genealogia.

Quanto a Clem Tambow, o desprezo dele pela escola era extremo, e ele passava o máximo de tempo que conseguia na cama, lendo notícias sobre artistas de cinema e examinando as listas das corridas de cavalos do dia.

Estava se transformando num senhor vagabundo. Por intermédio da mãe, vinha travando uma longa discussão sobre seus hábitos com o segundo marido dela, que também não tinha emprego. O filho de uma vizinha estava trabalhando como levantador de pinos numa pista de boliche do centro por trinta centavos a hora; por que, então, *ele* se recusava a procurar trabalho? Eles estavam todos os quatro morando nos fundos da loja de roupas infantis que a ex-sra. Tambow tocava sozinha. Careca e cheio de pelos crespos nas costas, o padrasto de Clem lia o *Jewish Courier* em mangas de camisa ao lado da estufa e preparava um almoço com sardinhas, bolachas e chá para todos. Havia sempre duas ou três latas de sardinha em cima da mesa, abertas, além de leite condensado e biscoitos salgadinhos. Ele não era um homem de pensamento rápido e não tinha muito assunto. Quando eu ia lá fazer uma visita e o via metido na trama de nuvem da sua camiseta de lã, o assunto era sempre quanto eu estava ganhando.

“Trabalhar de cócoras?”, disse Clem quando a mãe lhe falou do filho da vizinha. “Se eu não conseguir nada melhor que isso, vou tomar cianureto.” E a ideia de tomar cianureto o fez cair na gargalhada, com a boca aberta num escandaloso “rá, rá, rá”, e sacudir suas espigas de cabelo. “E de qualquer forma”, disse, “eu prefiro ficar na cama e me dedicar ao meu vício solitário. Mãe” — a mãe dele com suas saias e seus pés de dançarina espanhola — “a senhora ainda não está velha demais pra entender o que eu quero dizer. A senhora dorme no quarto ao lado do meu, lembra, a senhora e o seu marido.” Ele a deixou engasgada, sem poder responder por causa da minha presença, mas olhando fixamente para ele com furioso repúdio. “Pode disfarçar o quanto quiser, não tem problema — pra que mais eu poderia concluir que a senhora se casou?”

“Você não deveria falar daquele jeito com a sua mãe”, eu lhe disse em particular depois.

Ele riu para mim. “Você devia passar uns dois ou três dias e noites aqui em casa — aí você ia dizer que eu fui até bonzinho demais com ela. O pincenê dela engana, e você não sabe o fogo que ela tem. Vamos encarar

os fatos.” E aí é claro que ele me contou esses fatos, nos quais ao que parecia até eu tinha uma participação, pois segundo ele a mãe havia feito perguntas sonsas sobre mim e comentado como eu estava forte.

À tarde, Clem saía para dar uma volta; ia de bengala, andando como se fosse um lorde inglês. Lia autobiografias de lordes na biblioteca e se escangalhava de rir com eles. Bancava o cavaleiro de Piccadilly com os lojistas polacos e estava quase sempre pronto a cair na gargalhada com alegre violência, descarregando a tensão, com grandes rugas de feia felicidade na sua cara vermelha. Quando conseguia arrancar alguns trocados do pai, apostava em cavalos; se ganhasse, Clem me pagava um jantar com filé e charutos.

Eu também convivía com outros tipos de gente. De um lado, alguns que liam livros colossais em alemão e francês e conheciam de trás para a frente seus manuais de física e botânica, leitores de Nietzsche e Spengler. De outro, criminosos. Sendo que eu nunca pensava neles como criminosos, mas sim como garotos que eu conhecia do salão de sinuca e também via na escola, dançando suingue no ginásio na hora do almoço, e em lojas de cachorro-quente. Eu tinha contato com todo tipo de gente, e ninguém sabia a que lado eu pertencia. Eu mesmo não fazia muita ideia. Não sei dizer se eu frequentaria o salão de sinuca se não tivesse conhecido e trabalhado para Einhorn. Eu certamente não era um cê-dê-efe, nem um daqueles excêntricos que decoram tudo; mas também não era contra os cê-dê-efes e os excêntricos. Só que era mais fácil para os criminosos me tomarem por um deles. E, então, um ladrão chamado Joe Gorman começou a falar comigo sobre um roubo.

Eu não lhe disse não.

Gorman era muito inteligente, bonito e esbelto, esperto no basquete. O pai dele, que era dono de uma loja de pneus, estava bem de vida e não havia nenhuma razão aparente para que Gorman roubasse. Mas ele tinha uma ficha considerável como ladrão de carros e já estivera duas vezes no reformatório St. Charles. Agora ele pretendia roubar uma loja de artigos de

couro na Lincoln Avenue, não muito distante da casa dos Coblin, e nós seríamos três a fazer o serviço. O terceiro era o “Marinheiro” Bulba, com quem eu já tinha dividido um armário na escola e que roubara meu caderno de ciências. Ele sabia que eu não era dedo-duro.

Gorman ia pegar o carro do pai para a fuga. Nós entraríamos na loja arrombando a janela do porão nos fundos e levaríamos todas as bolsas que encontrássemos. Bulba ficaria encarregado de escondê-las, e havia um receptor chamado Jonas no salão de sinuca que venderia as bolsas para nós.

À uma hora de uma madrugada de abril, fomos de carro para o North Side, estacionamos perto de uma viela entre dois prédios e, um de cada vez, atravessamos a viela correndo até o quintal dos fundos. Bulba tinha feito o reconhecimento do lugar; a pequena janela do porão não tinha grade. Gorman tentou abri-la, primeiro com um pé de cabra e depois com uma fita de encapar guidom de bicicleta, uma técnica da qual ele ouvira falar no salão de sinuca mas nunca havia experimentado. Não funcionou. Então, Bulba enrolou um tijolo com seu boné e ficou dando tijoladas na vidraça até ela quebrar. Depois do barulho, nós saímos correndo para a viela, mas voltamos pé ante pé quando ninguém apareceu. Eu já estava enojado da coisa a essa altura, mas não dava mais para voltar atrás. Bulba e Gorman entraram e me deixaram de vigia. O que não fazia muito sentido, já que a janela era a única saída disponível e, se eu fosse pego por um carro de patrulha na viela, eles também não teriam como conseguir escapar. Mas, como Gorman era o único de nós que tinha experiência, acatamos suas ordens. Não se ouvia nada, exceto pelo que pareciam ser ruídos de rato ou de papel farfalhando. Por fim, veio um barulho do porão, e o rosto fino e pálido de Gorman apareceu na janela baixa; ele começou a me passar as bolsas, coisas macias embrulhadas em papel de seda, que eu enfiei numa sacola de pano que tinha trazido debaixo da minha capa impermeável. Bulba e eu fomos correndo com a sacola pelos quintais das casas vizinhas até a rua seguinte, enquanto Gorman dava a volta com o

carro. Deixamos Bulba nos fundos da casa dele; ele atirou a sacola por cima da cerca e saltou em seguida, inflando suas calças de marinheiro e aterrissando em cima de latas e cascalho. Fui andando para casa por um atalho, atravessando terrenos baldios, peguei a chave de dentro da caixa de lata do correio e entrei na casa adormecida.

Simon sabia que eu tinha chegado muito tarde e disse que, à meia-noite, mamãe havia entrado no quarto para perguntar onde eu estava. Não parecia estar interessado em saber o que eu andara fazendo nem deu sinais de ter notado que, atrás da minha pretensa naturalidade, eu estava profundamente infeliz. Tinha ficado horas acordado, tentando encontrar uma solução para o problema de como eu iria explicar os vinte ou trinta dólares que minha parte nos lucros do roubo provavelmente iria dar. Pensei em pedir a Clem para dizer que tínhamos ganhado o dinheiro juntos apostando num cavalo, mas isso não parecia viável. Na verdade, o problema nem sequer existia, já que eu poderia dar o dinheiro para a minha mãe aos poucos ao longo de várias semanas e, além do mais, não havia ninguém vigiando atentamente o que eu fazia, como acontecia na época de vovó. Levou um tempo para eu conseguir pensar direito no assunto, tremendo do jeito que eu estava.

Mas não fiquei angustiado por muito tempo. Por razões de temperamento. Fui à escola, perdendo apenas a primeira aula; apareci no ensaio do coral e, às quatro horas, me mandei para o salão de sinuca. O “Marinheiro” Bulba estava sentado numa cadeira de engraxate com sua calça de boca de sino, vendo um jogo de sinuca. Estava tudo bem. Tudo já estava combinado com Jonas, o receptador, que ia levar o troço naquela noite. Tirei a coisa toda da minha cabeça e, nisso, tive a ajuda de uma primavera perfeita, naquela época em que as árvores começam a dar botão. Einhorn me disse: “Está tendo corrida de bicicleta lá no parque. Vamos lá ver”. E eu de boa vontade o carreguei até o carro e nós fomos.

Tinha decidido que nunca mais ia participar de roubo nenhum, agora que eu já sabia como era, e disse a Joe Gorman que ele não deveria contar

comigo para trabalhos futuros. Estava preparado para ser chamado de medroso, mas ele não se opôs nem foi debochado. Disse num tom tranquilo: “Bom, se você acha que a coisa não é pra você...”

“É exatamente isso — não é pra mim.”

E aí ele disse, pensativo: “Está bem. O Bulba é um babaca, mas com você eu poderia me entender muito bem.”

“Não adianta fazer uma coisa que não está em mim.”

“Então pra que fazer, né? Tá certo.”

Ele foi muito manso e independente. Penteou o cabelo no espelho da máquina de chiclete, ajeitou a gravata e foi embora. Desse dia em diante, não teve mais muito o que dizer para mim.

Eu saí com Clem e nós torramos o dinheiro juntos. Mas o caso ainda não estava nem de longe encerrado. Einhorn soube do ocorrido por Kreindl, que foi procurado pelo receptor para vender parte das bolsas. Provavelmente Kreindl e Einhorn resolveram que eu estava merecendo levar uma boa bronca por causa disso. Então, uma tarde no salão de sinuca, Einhorn me chamou para sentar perto dele. Vi pela sua rigidez que ele estava se preparando para me passar uma descompostura colérica, e claro que eu sabia por quê.

“Eu não vou ficar aqui de braços cruzados, vendo você se transformar num candidato ao xilindró”, disse ele. “Eu me considero responsável em parte por você estar aqui nesse ambiente. Você nem sequer tem idade pra estar aqui, você ainda é menor de idade” — como também eram, aliás, Bulba, Gorman e dezenas de outros frequentadores, mas nunca nada foi feito a respeito disso —, “embora seja grande para um garoto. Mas eu não vou aceitar que você faça isso, Augie. Até o Dingbat sabe, e olha que ele não é nenhuma inteligência rara, até ele sabe que não existe burrice maior do que se meter em roubo. Eu sou obrigado a aguentar tudo quanto é tipo de elemento por aqui, infelizmente. Eu sei quem é ladrão, quem é pistoleiro, quem é cafetão. Não há nada que eu possa fazer. É um salão de sinuca, afinal. Mas, Augie, você já conheceu ambientes melhores; você

esteve comigo em outros tempos, e se eu souber que você participou de outro serviço desses, vou mandar botar você pra fora daqui. Você nunca mais vai ver esse lugar por dentro, nem a Tillie e nem a mim. Se o seu irmão soubesse disso, meu Deus do céu! Ele daria uma surra em você. Eu sei que daria.”

Eu admiti que sim. Einhorn deve ter visto o horror e o medo em mim como através de uma fresta estreita. Minha mão estava pousada num lugar ao seu alcance; ele pôs os dedos em cima dela. “É nessa hora que um rapaz começa a decair e apodrecer, e a saúde e a beleza dele se vão. Pelas primeiras coisas que ele faz quando não é mais um garoto, mas faz o que um homem faz. Um garoto rouba maçãs, melancias. Se resolve se arriscar um pouco na faculdade, talvez passe um ou dois cheques sem fundo. Mas sair por aí como um bandido armado...”

“Nós não estávamos armados.”

“Eu vou abrir essa gaveta”, ele disse, veemente, “e botar cinquenta pratas na sua mão se você me jurar que o Joe Gorman não estava com uma arma. Eu garanto a você que ele estava.”

Senti meu rosto ficar quente, mas de fraqueza. Podia ser verdade; era plausível.

“E se a polícia tivesse aparecido, ele teria atirado pra tentar escapar. Foi a isso que você se arriscou. É isso mesmo, Augie, um ou dois tiros mortos. Você sabe o que assassinos de policiais ganham, da delegacia em diante — uma cara toda arrebitada, as mãos estraçalhadas e coisa pior. E isso teria sido o seu começo de vida. Não venha me dizer que foi só uma travessura, uma molecagem inconsequente de garoto. Por que foi que você fez isso?”

Eu não sabia.

“Você é ladrão de verdade? Você tem a vocação? Então eu acho que nunca vi um caso mais estranho de aparências que enganam. Eu tinha você dentro da minha casa e deixava as coisas à mostra, à mão. Você alguma vez se sentiu tentado a roubar?”

“Ei, sr. Einhorn!”, eu disse, violento e agitado.

“Você não precisa me dizer. Eu sei que não. Eu só perguntei se você tem os impulsos de verdade, aqueles que vêm lá do fundo, e não acredito que você tenha. Agora, pelo amor de Deus, Augie, fique longe daqueles ladrões. Eu teria dado vinte dólares pra sua mãe viúva se você tivesse me pedido. Você estava precisando tanto assim de dinheiro?”

“Não.”

Foi pura generosidade dele chamar mamãe de viúva quando ele estava cansado de saber que ela não era realmente viúva.

“Ou você estava em busca de um *frisson*? Isso é hora de sair em busca de *frisson*, quando o resto do mundo inteiro está procurando um abrigo pra se proteger? Você podia ir procurar isso na montanha-russa, no tobogã, no trem fantasma. Vai pro parque de diversões de Riverview. Mas espera aí. De repente eu me dei conta de uma coisa sobre você. Você é do contra, tem a *oposição* dentro de você. Você não sai deslizando suavemente por tudo. Só dá essa impressão.”

Essa era a primeira vez que alguém me dizia algo que se pudesse chamar de a verdade a meu respeito. Eu a senti com força. Senti que, como ele disse, eu tinha de fato a oposição dentro de mim, e um enorme desejo de oferecer resistência e de dizer “*Não!*” que não podia ser mais claro, que era uma sensação tão inequívoca quanto uma pontada de fome.

Essa descoberta, que só podia ter sido feita por alguém que tinha se dado ao trabalho de pensar em mim — de *pensar* em mim —, me encheu de amor por ele. Mas eu também estava usando o atributo descoberto, minha oposição. Estava vestido com ele. Então eu não podia fazer sequer menção de discutir nem dar sinais de como me sentia.

“Não seja bobo, Augie, de cair na primeira armadilha que a vida preparou pra você. Garotos criados em situações adversas, como você, são candidatos naturais a manter as cadeias cheias — os reformatórios, todas as instituições. Aquelas para as quais o governo encomenda pão e feijão com uma antecedência enorme, porque sabe que existe um elemento que ele pode contar que vai parar atrás das grades pra comer aquele pão e aquele

feijão. Ou sabe com quanta pedra quebrada pra fazer macadame ele pode contar e com quem ele pode contar pra quebrar aquela quantidade de pedra. E quem e quantas são as pessoas que ele pode esperar que vão fazer tratamento de cancro nos hospitais públicos. Pessoas daqui e de outras partes parecidas da cidade, e é a mesma coisa em outros lugares do país inteiro. É praticamente predeterminado. E se você vai deixar que seja predeterminado pra você também, você é um otário. Exatamente o que se previa. Essas coisas tristes e trágicas estão esperando pra receber você — as cadeias, as clínicas e as filas de sopa dos dispensários sabem quem são os candidatos naturais a ser derrotados e esmagados, transformados em velhos antes do tempo, em excrementos sociais, em criaturas sem préstimo. Se acontecesse com você, quem ficaria surpreso? Você é uma barbada pra esse páreo.”

Depois acrescentou: “Mas eu acho que eu ficaria surpreso”. E ainda: “Eu não peço que você me tome como modelo também não”, percebendo muito bem a contradição, já que eu sabia das suas várias falcatruas.

Einhorn tinha seus próprios especialistas para mexer nos marcadores de gás; passava a perna na companhia elétrica desviando corrente dos cabos principais; falsificava ingressos e sonegava impostos; sua esperteza nesses assuntos era ilimitada. Sua cabeça estava constantemente cheia de maquinações. “Mas eu não sou um pulha quando eu penso, quando eu *realmente* penso”, disse. “No fim, você não pode salvar a sua alma ou a sua vida pelo pensamento. Mas, se você *pensa*, o menor dos seus prêmios de consolação é o mundo.”

Ele continuou, mas meus pensamentos tomaram rumo próprio. Não, eu não queria ser o que ele chamava de predeterminado. Nunca aceitei a predeterminação e me recusava a ser o que outras pessoas queriam que eu fosse. Já tinha dito “Não” para Joe Gorman também. Para vovó. Para Jimmy. Para um monte de gente. Einhorn tinha visto isso em mim. Porque ele também queria exercer influência.

Para me manter longe de encrencas e também porque estava acostumado a ter um assistente, um mensageiro ou um empregado de confiança, ele me contratou de novo por um salário mais baixo. “Não esqueça, meu velho, eu estou de olho em você.” Mas por acaso ele não estava sempre de olho em todas as coisas e pessoas que conseguisse manter em seu campo de visão? Por outro lado, porém, eu também estava de olho nele. Passei a prestar uma atenção mais cuidadosa às falcatruas dele do que prestava na época em que eu não era muito mais que um pajem e os negócios dos Einhorn eram vastos demais para que eu pudesse entendê-los.

Uma das primeiras coisas em que o ajudei foi numa empreitada extremamente perigosa — engrupir um gângster, Nosey Mutchnik. Alguns anos antes, Nosey Mutchnik, que não passava de um delinquentezinho de meia-tigela, tinha trabalhado para a gangue do North Side, jogando ácido em roupas em lavanderias que se recusassem a comprar proteção e fazendo outras coisas do gênero. Agora, ele havia atingido um estágio mais alto, tinha dinheiro e estava querendo fazer investimentos, principalmente em imóveis. Porque, ele disse sério para Einhorn no fim de uma tarde de verão: “eu sei o que acontece com os sujeitos que ficam nesse ramo. No fim, eles acabam fuzilados. Eu já vi isso acontecer muitas vezes”.

Einhorn disse a ele que sabia de um bom terreno que eles podiam comprar em sociedade. “Se eu entrar junto com você na transação, você não precisa ficar preocupado de estar fazendo um mau negócio. Se você perder, eu perco também”, ele disse a Mutchnik com jeito sincero. O preço que estava sendo pedido pela propriedade era de seiscentos dólares. Ele garantia que conseguiria fazer o dono baixar para quinhentos. E era uma garantia certa e segura, porque o dono do terreno era o próprio Einhorn, que o havia comprado de um amigo do pai por setenta e cinco dólares; de modo que ele agora se tornaria coproprietário do terreno ganhando mais do que pagara pelo terreno inteiro. Tudo isso foi feito por meio de vários truques, e muito tranquilamente. A transação terminou

bem, com Mutchnik encontrando um comprador para o terreno, contentíssimo por conseguir ganhar cem dólares com um negócio legítimo. Mas, se tivesse descoberto, Mutchnik teria dado um tiro em Einhorn, ou mandado atirar nele. Nada mais simples a fazer, ou mais natural aos seus olhos, em defesa do seu orgulho. Eu fiquei em pânico imaginando que Mutchnik poderia cismar de investigar no cartório de registro de imóveis e descobrir que o dono oficial do terreno era um parente da sra. Einhorn. Mas Einhorn disse: “Por que é que você está esquentando a cabeça com isso, Augie? Eu manjei esse sujeito direitinho. Ele é burro de dar dó. Eu vivo dando sugestões pra ele de como se proteger.”

Assim, sem arriscar um centavo, Einhorn ganhou mais de quatrocentos dólares só com essa transação. Ficou orgulhoso, radiante comigo; aquilo era o tipo da coisa que ele adorava. Era de triunfos assim — só que cada vez maiores — que ele queria que sua história inteira fosse feita. Sentado diante da sua mesa de dados forrada de baeta, o copo de couro ao lado, ele saboreava quieto sua vitória, com o verde refletido em seu rosto, a pele branca e os olhos pintados de olheiras. Guardava as bolas caras de marfim perto dele numa caixa, dentro da vitrine de balas, e observava o que transcorria no salão com aguda e cuidadosa atenção. Geria o estabelecimento absolutamente ao seu modo.

Eu nunca soube de nenhum outro salão de sinuca em que houvesse uma mulher permanentemente presente, como Tillie Einhorn atrás do balcão de lanches. Ela servia um ótimo guisado de carne com chili, omeletes, sopa de feijão branco, e aprendeu a operar a enorme máquina de café, até mesmo o exato momento de jogar sal e ovo cru lá dentro para o café não ficar turvo. Enfrentou essa mudança na sua vida com muito vigor, e fisicamente parecia estar mais forte e larga. Floresceu, e a convivência com a freguesia masculina a deixou mais serena. Muito do que era dito ou gritado ela nem sabia o que queria dizer, o que era bom. Ela não suavizava as coisas no salão de sinuca nem botava um limite, como uma *barmaid*

inglesa ou uma proprietária de bistrô; ali as coisas eram brutas e irascíveis demais para serem influenciadas; os gritos, as brigas, os xingamentos obscenos e as pancadas na mesa não iam parar, e não pararam. Só que Tillie Einhorn de alguma forma se tornou parte do lugar. Limitando-se ao chili, às salsichas e aos feijões, ao café e às tortas.

A Depressão tinha modificado Einhorn também. Retrospectivamente, ele ainda era um pouco verde no tempo em que o Comissário era vivo e, em certos aspectos, imaturo para um homem da sua idade. Agora ele não era mais o penúltimo, mas o último e derradeiro limite da sua família; não havia ninguém que se esperasse que morresse antes dele, e os problemas batiam, por assim dizer, direto na sua cara, e Einhorn trazia as marcas deles. Não ia mais se vergar feito bambu; ele precisava engrossar e endurecer, e foi isso que fez. Mas, com relação às mulheres, ele não mudou nada. Via menos mulheres agora, naturalmente, do que no passado. Que mulheres entravam num salão de sinuca? Lollie Fewter não voltou para ele. E para Einhorn... bom, eu suponho que almas que não se encontram na melhor das condições precisem de atos organizadores, de mecanismos que lhes sirvam de apoio, precisem se barbear e se vestir. Para Einhorn, desfrutar da companhia de uma mulher que não sua esposa era um desses atos organizadores. E Lollie deve ter sido importante para ele, pois ele acompanhou os passos dela até o fim, ao longo de mais de dez anos, ou seja, até o dia em que ela levou um tiro de um amante caminhoneiro, pai de vários filhos, que se envolvera no mercado negro por causa dela. Ele foi pego, estava prestes a encarar uma pena de prisão, enquanto ela escaparia incólume. Portanto, ele a matou, nas palavras dele, “para que outro sujeito não pudesse viver no luxo com ela às custas do meu esforço”. Einhorn guardou os recortes de jornal com a notícia. “Você viu o que ele falou — ‘viver no luxo’? Viver no luxo era viver com ela. Eu posso te dizer.” Ele queria que eu soubesse que ele podia dizer. E podia realmente, e havia poucas pessoas em melhor posição do que eu para ouvir isso dele.

“Coitada da Lollie!”

“É, coitadinha mesmo”, disse ele. “Mas eu acho que ela estava fadada a morrer desse jeito, sabe, Augie. Ela tinha uma mentalidade meio Frankie e Johnny. E quando eu a conheci ela era linda. É, ela era um luxo.” Com os cabelos todos brancos e tendo encolhido um pouco em comparação com seu tamanho antigo, ele me falou dela com fervor. “Dizem que ela estava ficando relaxada nos últimos tempos, e gananciosa também. Isso foi ruim. Foder já causa problemas suficientes. Do jeito que ela era, estava condenada a sofrer alguma coisa violenta. O mundo não perdoa uma pessoa de sangue quente assim tão fácil.”

Disfarçado e embutido nesse comentário estava um apelo para que eu me lembrasse do sangue quente dele. Os serviços que eu prestava para ele já tinham me posto em algumas situações surpreendentes — ele queria saber o que eu pensava delas, talvez; ou, o que seria bastante humano, se eu estaria disposto a celebrá-las com ele. Ah, os lugares em que o orgulho não resolve marcar posição!

O que eu estava sendo particularmente solicitado a lembrar nessa conversa era a noite da minha formatura da escola secundária. Os Einhorn tinham sido extremamente generosos comigo. Uma carteira com dez dólares dentro foi o presente que recebi dos três, e a sra. Einhorn foi à cerimônia de formatura com mamãe, os Klein e os Tambow naquela noite de fevereiro. Depois, haveria uma festa na casa dos Klein, onde minha presença era esperada. Levei mamãe de carro para casa depois da formatura — meu nome não constava no programa da cerimônia, como o de Simon na formatura dele, mas mamãe estava contente e fez um carinho na minha mão quando eu a estava ajudando a subir a escada.

Tillie Einhorn ficou esperando no carro. Quando eu estava levando-a de volta para o salão de sinuca, ela disse: “Agora vai para a sua festa”. O fato de eu ter concluído a escola secundária era algo de extrema importância a seu ver, e ela estava sentindo uma grande admiração por mim, a julgar pelo tom da sua voz. Ela era uma mulher afetuosa e, em vários aspectos,

muito simples. Queria me dar alguma espécie de bênção, e minha nova condição de “aluno formado” fez com que ela ficasse de repente, acho, um pouco encabulada comigo. Enquanto varávamos as ruas frias, escuras e molhadas rumo ao salão, ela me disse mais de uma vez: “O Willie diz que você é inteligente. Ainda vai acabar sendo professor”. E, então, ela veio de encontro a mim com seu casaco de pele de foca, dos tempos de prosperidade, para me dar um beijo na bochecha, e teve de secar do rosto as alegres lágrimas da profunda comoção antes de sairmos do carro. Por trás disso, provavelmente, estava minha “orfandade”, e a ocasião despertou a lembrança. Estávamos vestidos na maior elegância; a sra. Einhorn tinha até exalado um perfume, no carro, do seu lenço de seda e do vestido abotoado no peito com botões prateados. Atravessamos a larga calçada em direção ao salão de sinuca. Embaixo, as janelas estavam, como exigia a lei, com as cortinas fechadas e, em cima, os tubos do letreiro pareciam se retorcer em suas cores no ar molhado. O público do salão estava pequeno naquela noite por causa da formatura. Então, dava para ouvir o barulho das bolas se beijando lá no fundo cavernoso do salão, o rugido suave das mesas verdes e os estalidos da gordura das salsichas na grelha. Dingbat veio lá do fundo, segurando o triângulo de madeira que usava para ajeitar as bolas, para apertar minha mão.

“O Augie vai pra uma festa na casa do Klein”, disse a sra. Einhorn.

“Parabéns, filho”, disse Einhorn de um jeito cerimonioso. “Ele vai à festa, Tillie, mas não agora. Eu tenho uma surpresa pra ele primeiro. Vou levar o Augie num show.”

“Willie”, disse ela, contrariada, “deixa o menino ir pra festa. Essa é a noite dele.”

“Não vai ser pra um show qualquer, mas para o do McVicker, um espetáculo com garotinhas, animais amestrados e um francês do Bal Tabarin que se equilibra de cabeça pra baixo em cima de uma garrafa de refrigerante. O que você acha, Augie? Parece bom pra você? Eu planejei tudo uma semana atrás.”

“Claro, sem problema. O Jimmy disse que a festa vai até tarde e que eu posso chegar depois da meia-noite.”

“Mas o Dingbat pode te levar, Willie. O Augie quer passar essa noite com gente jovem, não com você.”

“Se eu vou sair, o Dingbat tem que ficar para tomar conta do salão e ele vai ficar”, disse Einhorn, rejeitando os argumentos dela.

Eu não estava tão entusiasmado com o fato de aquela ser *minha* noite a ponto de não perceber que havia uma razão para a insistência de Einhorn, uma pequena sombra de razão ainda não muito maior que um camundongo e muito rápida.

A sra. Einhorn deixou os braços caírem ao lado do corpo. “O Willie quando *quer* uma coisa...”, ela se desculpou para mim. Mas eu era praticamente uma pessoa da família, agora que não havia mais heranças no caminho. Pus a capa em Einhorn e o carreguei até o carro. Meu rosto ficou vermelho com o ar da noite, e eu estava irritado. Porque levar Einhorn ao teatro era uma trabalhadeira, uma empreitada com muitas etapas e que exigia várias negociações. Primeiro, estacionar o carro, depois encontrar o gerente e explicar que seria preciso arranjar dois lugares perto da saída; em seguida, providenciar para que as portas de aço da saída de incêndio fossem abertas, entrar de carro na viela lateral, carregar Einhorn para dentro do teatro, voltar para a viela e encontrar outra vaga para estacionar. E depois disso tudo, uma vez no teatro, você sentava num lugar com péssimo ângulo de visão do palco. Einhorn tinha de ficar bem ao lado da saída de emergência. “Imagina eu no meio de um estouro da boiada por causa de um incêndio”, ele dizia. Então, assistíamos aos espetáculos de lado para a principal área de confronto do grande núcleo dramático, víamos pó e pintura nos rostos e ouvíamos vozes ora abafadas, ora altas, ora ressoantes como se viessem do fundo de um vale estreito, e com frequência não fazíamos a menor ideia do que tinha feito a plateia rir.

“Não corre”, Einhorn me disse no Washington Boulevard. “Vai devagar aqui.” Eu percebi de repente que ele tinha um endereço na mão.

“É perto da Sacramento. Você não achou que eu ia mesmo arrastar você pro McVicker hoje, achou, Augie? Não, nós vamos pro centro. Esse lugar que eu vou te levar, eu nunca fui lá antes. A entrada é pelos fundos, parece, e fica no terceiro andar.”

Eu parei o carro e saí para fazer um reconhecimento, voltei depois de achar o lugar e botei Einhorn nas minhas costas. Ele costumava se comparar ao Velho Homem do Mar montado em Simbá. Mas havia Eneias também, que carregou seu velho pai Anquises no incêndio de Troia, e *este* velho tinha sido escolhido por Vênus para ser seu amante; o que me parece uma comparação melhor. Só que não havia incêndio nem grito de guerra à nossa volta, mas apenas um silêncio de horas mortas no bulevar, e gelo. Fui andando pela estreita calçada de cimento, sob janelas adormecidas, com Einhorn me dizendo, em voz alta e clara, que eu tomasse cuidado para não cair. Por sorte, eu havia esvaziado meu armário da escola naquele dia e estava usando as galochas que tinham ficado esquecidas no fundo dele por quase um ano, e então meus pés não escorregaram. Mas foi uma tarefa árdua mesmo assim, subir a escada de madeira e passar por baixo dos varais de roupa baixos estendidos nas varandas de fundos. “É melhor que seja aqui mesmo”, ele disse quando eu toquei a campainha no terceiro andar, “ou eles vão querer saber o que diabos eu estou fazendo aqui.” Era sempre ele a presença principal num lugar.

Mas nós não tínhamos tocado a campainha errada. Uma mulher abriu a porta, e eu perguntei “Pra onde?” esbaforido. “Anda, anda”, disse Einhorn. “Isso é só a cozinha.” O que era de fato; um lugar com cheiro de cerveja. Com cuidado, fui andando com ele até a sala e o botei no sofá, diante das pessoas estarecidas que estavam lá. Sentado, ele se sentia igual a todo mundo e olhou para todas as mulheres. Fiquei em pé ao lado dele e olhei também, com grande ansiedade e excitação. Eu sempre sentia um grande senso de responsabilidade quando o levava a algum lugar; e ali, mais do que nunca, eu sentia o quanto era imensa a dependência que ele tinha de mim. E eu não queria ter de me preocupar com isso naquele momento.

Embora Einhorn não parecesse em desvantagem, mas só imperioso e imperturbável, sem qualquer estremecimento nervoso de vergonha por ser um homem importante exposto em sua impotência diante de terríveis necessidades. “Eu ouvi dizer que as meninas daqui eram bonitas”, disse, “e elas são mesmo. Escolhe uma.”

“Eu?”

“Você, claro. Qual de vocês, meninas, vai entreter esse menino bonito que se formou hoje na escola secundária? Olha bem, garoto, e fica calmo”, ele me disse.

A madame veio para a sala, saindo de um dos quartos. Sua peculiaridade estava na maquiagem do seu rosto, o pó inseticida ou negro de fumo das sombras e o vermelho asa de mariposa do pigmento da bochecha.

“Senhor”, ela começou a dizer.

Mas ficou tudo bem. Einhorn tinha um cartão de alguém, e nossa ida lá havia sido marcada com antecedência, como ela acabou se lembrando. Só que ela não fora informada, eu pude perceber, de que Einhorn seria carregado até lá. Ele não teria se arriscado a aparecer ali sem uma apresentação.

Mesmo assim, houve um certo constrangimento, e Einhorn ficou ali sentado com um sapato encostado no outro e as calças de banqueiro cobrindo suas pernas imóveis. Quando penso naquela noite de cabeça fria, fico achando que Einhorn, ao perguntar quem iria me entreter, poderia na verdade estar deixando claro que ele já previa que a garota que *ele* escolhesse sentiria aversão. Mesmo ali, onde ele estava pagando. Mas talvez não tenha sido nada disso. Minha cabeça estava muito longe de estar fria naquele lugar leonino, uma sala que era como um ordinário e enfeitado covil, e talvez ele não estivesse tão confiante e tranquilo quanto parecia.

Por fim, Einhorn disse à garota que ele tinha chamado para conversar: “Qual é o seu quarto, menina?”. E com absoluta tranquilidade, ignorando o efeito que isso pudesse causar, fez com que eu o carregasse até lá. Uma

colcha rosa cobria a cama (aquele era um lugar de melhor classe, como eu viria a descobrir mais tarde, por comparação), e a garota puxou-a para baixo. Eu o botei na cama. Quando a garota, num canto do quarto, começou a tirar a roupa, ele fez um sinal para que eu me abaixasse de novo e sussurrou: “Leva a minha carteira”. Eu tirei do bolso dele a pesada carteira de couro e a enfiei no meu. “Toma conta dela”, disse. A expressão nos olhos dele era petulante, orgulhosa, ressentida até. Ele se ressentia de estar naquela posição, acho, não de mim. Havia uma tensão no seu rosto, e o seu cabelo estava esparramado no travesseiro. Começou a falar com a mulher num tom de quem dá instruções. “Tira os meus sapatos”, disse. Ela tirou. Ele ficou observando daquele jeito ativo; percorrendo toda a linha do seu corpo, seu olhar se dirigiu para a mulher de roupão debruçada sobre seus pés, uma mulher de pescoço forte e unhas vermelhas, de pé sobre um par de chinelos de feltro ao pé da cama. “Tem só mais uma ou duas coisas que eu preciso te dizer”, ele disse. “Tem as minhas costas; eu tenho que ir com calma até ser deixado na posição certa e fazer tudo passo a passo.”

“Você ainda está aí?” Ele me viu parado perto da porta. “Vai, vai, alguém tem sempre que te dizer o que fazer? Eu mando te chamar depois.”

Eu não precisava que me dissessem o que fazer, mas enquanto ele não tivesse me dispensado eu teria ficado lá.

Voltei para a sala, onde havia uma mulher à minha espera; o resto delas já não estava mais lá, então a escolha tinha sido feita por mim. Como sempre com pessoas estranhas, eu me comportei como se soubesse exatamente o que estava fazendo, levado pela ideia de que, num momento crítico, é melhor e mais decente seguir meu próprio impulso. E ela deixou que eu seguisse. Ela, cujo negócio ou fardo era ficar calma na coisa primitiva, onde ninguém mais fica, e ter a vantagem dos fortes. Não era jovem — as mulheres tinham feito a escolha certa para mim — e tinha um rosto meio bruto; mas me encorajou a tratá-la como uma amante. Quando se despiu, vi que suas roupas íntimas tinham babados e beiradas pontudas — esses berloques que acompanham o imponente fato feminino, a coisa

brilhante e profunda. Tirei a roupa e esperei. Ela se aproximou, pôs os braços em volta do meu corpo e me puxou. Até me botou na cama. Como se, sendo a cama dela, quisesse me mostrar como usá-la. E apertou os seios contra mim, curvou os ombros para trás, fechou os olhos e me segurou pela cintura. De modo que não sofri por falta de generosidade humana nem fui empurrado para o lado depois de acabar. Descobri mais tarde que tinha tido sorte com ela, que ela havia procurado não ser seca comigo nem sarcástica, e feito a coisa de maneira compassiva.

No entanto, quando o *frisson* passou, como um raio que cai e se dissipa pela terra, eu sabia que aquilo havia sido basicamente uma transação. Mas isso não importava muito. Como não importava a cama, o quarto ou a ideia de que a mulher poderia ter achado graça — tanta graça quanto outras considerações a permitiriam achar — de mim e de Einhorn, o grande sensualista entrando naquele lugar montado nas minhas costas de olhos injetados e coração ávido, mas parecendo perfeitamente calmo e superior. Não tinha importância que estivéssemos pagando. Nem usando o que outras pessoas usavam. A vida na cidade era assim mesmo. De modo que a coisa *não teve* o brilho que deveria ter tido, nem se ouviu epitalâmio em homenagem aos doces amantes...

Tive de esperar por Einhorn na cozinha e pensar nele, logo ali ao lado, tendo aquela violência feita a ele para o seu prazer. A madame não pareceu ficar muito contente com isso. Outros clientes estavam chegando, e ela preparava drinques na cozinha e ficou me lançando olhares mal-humorados até a garota de Einhorn chegar para pedir que eu fosse apanhá-lo. A madame foi até o quarto junto comigo para receber o dinheiro; Einhorn pagou a ela com *finesse*, deu gorjeta e eu o botei às costas. Quando passávamos pela sala, onde minha parceira fumava um cigarro em companhia de outro homem, Einhorn cochichou no meu ouvido: “Não olha pra ninguém, entendeu?”. Será que ele temia ser reconhecido, ou seria aquela ordem apenas uma recomendação acerca da melhor postura a

adotar ao passar de novo pela sala com ele agarrado às minhas costas com suas roupas escuras?

“Você vai ter que descer essa escada com todo o cuidado do mundo”, ele disse quando chegamos à varanda. “Foi muita burrice não trazer uma lanterna. Só o que falta agora é a gente levar um tombo.” E riu; com ironia, mas riu. A casa, porém, foi atenciosa, e uma prostituta veio atrás de nós, vestindo um casaco como uma mulher comum, para iluminar nosso caminho escada abaixo até o quintal, onde lhe agradecemos e lhe demos boa-noite com toda a educação.

Levei Einhorn para casa e o carreguei para dentro, embora o salão de sinuca ainda estivesse aberto, e ele disse: “Não precisa me botar na cama, não. Vai pra sua festa. Pode levar o carro, mas só não me inventa de encher a cara e sair dirigindo por aí feito um maluco”.

a John Sevier (1745-1815) foi o primeiro governador do estado do Tennessee. (N. T.)

b Andrew Jackson (1767-1845) foi governador territorial da Flórida (1821) e presidente dos Estados Unidos (1829-1837). Em 1806, num duelo contra Charles Dickinson, Jackson levou um tiro no peito e, em seguida, atirou e matou seu adversário. (N. T.)

c Anton Cermak, do partido democrata, foi prefeito de Chicago de 1931 a março de 1933. (N. T.)

8.

A partir daí um novo curso foi traçado — por nós, para nós: não vou tentar destrinchar todas as causas.

Se olho para trás, consigo me reconhecer no que era nessa época quando estava na seminudez das minhas roupas de ficar em casa, com traços de família e individuais visíveis em mãos e pés, no verde-cinza dos olhos e no cabelo eriçado; mas quanto ao que eu era quando estava inteiramente vestido e botando em prática minhas novas habilidades sociais, confesso que tenho de olhar duas vezes. Não sei o que deu em mim de repente para começar a falar pelos cotovelos, a contar piadas, a criar caso e subitamente a ter opiniões. Quando chegava a hora de tê-las, parecia que eu as pegava no ar sei lá como.

A faculdade municipal que Simon e eu frequentávamos não era um seminário gerido por padres que ensinassem Aristóteles e casuística e preparassem os alunos para jogos e vícios europeus e todas as coisas, verdadeiras ou não, reais ou não, que são no entanto tidas como verdadeiras e reais. Considerando o quanto de mundo havia para se pôr a par — Assurbanipal, Euclides, Alarico, Metternich, Madison, Blackhawk —, como você iria conseguir dar conta da tarefa senão dedicando sua vida inteira a isso? E os alunos eram filhos de imigrantes de tudo quanto era lugar, vindos de Hell's Kitchen, Little Sicily, Black Belt, do bairro polonês, das ruas de judeus de Humboldt Park, peneirados pelo crivo grosseiro do

currículo e trazendo também uma sabedoria própria. Eles enchiam os longos corredores e as salas de aula gigantescas com todo tipo de caráter e gérmen humano para consolidarem seus conhecimentos e se tornarem — era a ideia — americanos. Na mistura havia beleza — uma boa dose — e insolência espinhenta, rostos parricidas, inocência mascando chiclete, futuros reforços para as fileiras de mão de obra barata e tropas secretariais, estabilidade dinamarquesa, inspiração latina, gênio matemático de peito encatarrado, filhos de pedreiros com cera nos ouvidos, filhas de homens de negócios sexualmente promissoras — uma imensa amostra de uma legião descomunal, uma multidão bíblica, gerada por pais que rumaram para o Oeste empurrados por fatores diversos. Ou eu, o filho bastardo de um homem viajante.

Em tempos normais, Simon e eu teríamos trocado os estudos pelo trabalho depois de sair da escola secundária, mas não havia emprego pelo qual trocar os estudos e, de qualquer forma, a faculdade pública estava cheia de estudantes nas mesmas condições que nós, que, por causa do desemprego, estavam sendo apresentados a noções mais elevadas com financiamento municipal e, de quebra, recebendo uma pincelada de Shakespeare e de outros grandes mestres, junto com a ciência e a matemática voltadas para as provas dos concursos públicos. Dadas as circunstâncias, não havia como evitar; e se você ia preparar jovens pobres para funções difíceis, ou mesmo se você quisesse apenas mantê-los longe de encrencas fazendo com que lessem livros, alguns resultados notáveis fatalmente iriam ser gerados da massa. Eu conheci um mexicano magrelo e doentio, pobre de dar dó e cheio de pintas e manchas por tudo quanto era lado, no corpo e nas roupas, que era capaz de resolver qualquer equação que alguém botasse no quadro; e também pés-rapados húngaros que sabiam tudo sobre os gregos, físicos de cérebros endiabrados, historiadores criados atrás de carrocinhas de lanches e vários garotos pobres obstinados que iam viver oito ou nove anos passando fome e se esbodegando de trabalhar e estudar para se tornarem médicos,

engenheiros, acadêmicos e especialistas. Eu não tinha nenhuma aspiração especial desse tipo e nunca fui levado a crer que devesse ter, nem me afligia com a ideia de que precisasse me revelar um profissional. Não me sentia impelido a levar esse assunto a sério. Mesmo assim, conseguia ter um desempenho bem razoável em francês e história. Em coisas como botânica, meus desenhos saíam tronchos e borrados e eu estava abaixo da média da turma. Embora tivesse sido secretário de Einhorn, não havia aprendido muito no que se referia a capricho. E, além disso, estava trabalhando cinco tardes por semana e o dia inteiro aos sábados.

Não era mais para Einhorn que eu estava trabalhando, mas com sapatos femininos, no subsolo de uma loja de roupas do centro na qual, vários andares acima, Simon vendia ternos masculinos. A situação dele tinha melhorado, e ele estava empolgado com a mudança. Era uma loja elegante, cuja gerência fazia questão de que os funcionários estivessem bem-vestidos. Mas Simon ia muito além do que se exigia de um vendedor e andava não só alinhado mas frajola, num terno listrado de paletó transpassado, com uma fita métrica pendurada em volta do pescoço. Eu mal o reconhecia lá dentro, entre espelhos, tapetes, pilhas de roupas, oito andares acima do Loop; ele parecia grande, rápido, atarefado, pesado de corpo, com o sangue visível nele, no seu rosto.

Lá embaixo, eu estava num departamento de pechinchas sob a calçada, vendo e ouvindo os compradores passarem em cima dos círculos verdes de vidro encravados no concreto, barras de casacos pesados voando feito sombras do outro lado dessas lentes, mas o peso dos corpos real o bastante, o vidro estalando, solas de sapato avançando em tudo quanto era direção. Aquela parte da loja era para uma classe menos endinheirada de fregueses ou para compradores do tipo vespa solitária, moças com vestidos para combinar, chapéus e acessórios; mulheres precisando comprar sapatos para três ou quatro filhas pequenas no mesmo dia. Os produtos ficavam empilhados em mesas de acordo com o tamanho, e havia paredes de caixas

separadas por divisórias de papelão e bancos para experimentar dispostos num círculo sob os favos da calçada.

Depois de algumas semanas de aprendizagem ali, o gerente do setor me levou para o andar principal. Só para ajudar, no início, a procurar coisas no estoque para os vendedores e levar caixas de volta para as prateleiras. E, então, eu virei um vendedor de sapatos, não sem antes ouvir do gerente que eu precisava cortar o cabelo. Ele era um sujeito preocupado e tinha problemas de estômago. Por fazer a barba duas vezes por dia, tinha a pele do rosto sensível e, nas manhãs de sábado, quando reunia os vendedores para fazer uma preleção antes de abrir a loja, sua boca sangrava um pouco nos cantos. Queria ser mais severo do que conseguia ser, e acho que o problema do sujeito era que ele não era realmente o homem certo para dirigir um negócio refinado. Porque aquele lugar era um salão de luxo, com archotes afrancesados presos por suportes em forma de braço humano saindo das paredes, cortinas drapeadas e móveis chineses — um daqueles recantos que parecem acolhoados, abrigados do ar externo, mesmo que seja o ar da Rue de Rivoli, por tapetes orientais que engolem sons para dentro de seus pelos e colgaduras que tornam sussurros e modos protocolares inevitáveis. As diferenças entre interior e exterior eram difíceis de conciliar; pois logo além do limiar de um salão como aquele havia uma tremenda alta tensão e uma energia antagônica que se queria que ficassem quietas e que não podiam ficar quietas; e tentar contê-las causava preocupação e tremores, o tipo de coisa que podia eclodir em furiosas e sanguinolentas insurreições, como as Gordon Riots e os motins cartistas,²⁸ e fazer subir labaredas como na queima de uma montanha de engradados de ovos. Aquela força desconhecida, supérflua e livre que circulava num dia frio, molhado e escuro de Chicago, emanando de coisas que se esperava que ficassem inertes, mas que eram incapazes disso.

Financeiramente, Simon e eu estávamos nos saindo excepcionalmente bem; ele estava ganhando quinze dólares por semana, fora as comissões, e eu treze dólares e cinquenta. Então, o fato de não podermos mais receber

o dinheiro da caridade não teve muita importância. Praticamente cega, mamãe já não podia mais fazer o serviço de casa. Simon contratou uma mulata chamada Molly Simons, uma mulher esguia e forte, de uns trinta e cinco anos, que dormia na cozinha — na antiga cama de armar de George, na verdade — e nos chamava com sussurros ou voz melodiosa quando chegávamos em casa tarde. Nunca tínhamos conseguido nos acostumar a entrar pela porta da frente, proibida para nós na época da velha.

“Ela está falando com você, bonitão”, dizia Simon.

“Comigo uma ova, é pra você que ela fica olhando o tempo todo.”

No dia de Ano-Novo ela não apareceu, e eu cuidei das coisas e fiz a comida. Simon também não deu as caras. Tinha ido para uma festa de *réveillon*, saindo de casa na maior elegância: chapéu-coco, cachecol de *pois*, polainas sobre seus sapatos de dois tons, luvas de couro de porco. E só voltou para casa na noite do dia seguinte, quando caía uma neve rápida e cintilante. Estava imundo, carrancudo, com sangue nos olhos e arranhões por entre seus fios louros de barba por fazer. Foi uma primeira visão muito clara da sua natureza violenta e exagerada, vê-lo assomar do meio da neve silenciosa na porta dos fundos, batendo os pés com força no chão para limpar os sapatos e esfregando-os com a vassoura, depois mostrando o rosto, todo riscado, como se ele tivesse atravessado um campo de espinheiros, e botando o chapéu-coco, furado, em cima da cadeira. Foi sorte mamãe não poder vê-lo; mas ela percebeu que havia alguma coisa errada e perguntou com sua voz aguda o que tinha acontecido.

“Não aconteceu nada, mãe”, nós lhe respondemos.

Usando muitas gírias, para que ela não pudesse entender, Simon me contou uma história da carochinha sobre uma briga numa estação de trem da Wells Street com dois irlandeses bêbados e ferozes, que um deles tinha imobilizado seus braços puxando a gola do casaco dele para baixo, enquanto o outro empurrava sua cara contra a grade de proteção do parapeito e que depois eles o atiraram escada abaixo. Nada disso me

convenceu. Não explicava onde ele tinha se enfiado durante um dia e uma noite.

“Sabe que a Molly Simms não apareceu hoje? E ela tinha dito que vinha”, comentei.

Ele não tentou negar que tivesse estado com ela; sentou pesadamente na cadeira, com suas roupas elegantes molhadas e imundas, escangalhado de cansaço. Pediu que eu esquentasse o boiler para ele tomar banho e, quando tirou a camisa, vi que suas costas também estavam arranhadas. Não ficou preocupado com o que eu pudesse estar pensando. E, sem se gabar nem se queixar, contou que tinha ido para o quarto de Molly Simms de manhã cedo. Era verdade que havia brigado com dois irlandeses; tinha saído bêbado da festa; mas fora ela quem o arranhara. Além disso, ela o havia prendido lá e só o deixara ir embora depois que já tinha escurecido, e aí ele tinha ficado um bom tempo rodando, perdido, pelas ruas do Black Belt, na neve. Levantando as cobertas para entrar na cama, ele disse que iríamos ter de nos livrar de Molly Simms.

“De onde é que você tirou esse negócio de ‘nós’?”

“Senão ela vai ficar pensando que agora é a dona da casa, e aquela mulher é uma víbora.”

Estávamos no nosso pequeno e velho quarto, onde o papel de parede duro e de várias camadas se estufava em bolhas e a neve confortável deslizava seca pela janela e se amontoava no peitoril.

“Ela vai querer transformar isso numa coisa séria. Ela já me falou.”

“O que foi que ela te falou?”

“Que me ama”, disse ele, mostrando os dentes, mas sério. “Ela é uma pistoleira maluca.”

“Como assim? Ela está beirando os quarenta.”

“Que diferença isso faz? Ela é uma mulher. E fui eu que fui lá atrás dela. Eu não perguntei quantos anos ela tinha antes de ir pra cama com ela.”

Simon a mandou embora naquela semana. Eu reparei que ela ficou examinando o rosto arranhado dele durante o café da manhã. Era uma mulher magra, aciganada, e tinha um rosto muito astuto; sabia se fingir de inocente quando queria, mas estava pouco se lixando para quem a visse quando ela não estava fingindo e dava aquele seu sorriso artiloso com seus olhos esverdeados. Simon não se deixou intimidar por ela; estava convencido de que ela seria um transtorno dali para a frente, e ela percebeu na mesma hora que ele estava pretendendo mandá-la para o olho da rua. Era uma mulher experiente, calejada por já ter estado tantas vezes do lado perdedor e por estar há tanto tempo pulando de cidade em cidade, Washington, Brooklyn, Detroit, sabe-se lá com que outras paradas no meio, ganhando um dente de ouro aqui, um talho no rosto acolá. Mas era independente e nunca pediu a piedade de ninguém; e também nunca lhe foi oferecida nenhuma. Simon lhe deu o bilhete azul e contratou Sablonka, uma polonesa velha que não gostava da gente, uma viúva com cara de mafiosa, gorda, resmungona, mesquinha, carola, lerda para subir as escadas e que cozinhas mal, ainda por cima. Mas nenhum de nós dois passava muito tempo em casa. Algumas semanas depois que ela começou a trabalhar para nós, eu já não estava mais nem morando em casa, tinha largado a faculdade e estava trabalhando e morando em Evanston. E, por algum tempo, eu estive num circuito curioso, de subúrbios milionários — Highland Park, Kenilworth e Winnetka — vendendo coisas, um homem de vendas especializado em artigos de luxo e lidando com aristocratas. Foi o gerente do setor de sapatos quem me pôs nessa, quando um sujeito de Evanston que ele conhecia de fazer negócios lhe pediu que recomendasse alguém. Ele me trouxe para a frente da loja, de onde o sr. Renling, o homem dos artigos esportivos de Evanston, pôde me observar enquanto eu atravessava o salão.

“De onde ele é?”, perguntou aquele homem frio, seco, elegante, de olhos neutros e pernas compridas, que tinha a mania de tecer comentários consigo mesmo. Parecia um escocês.

“Do Northwest Side”, disse o gerente. “O irmão dele trabalha aqui em cima. São garotos inteligentes, os dois.”

“*Jehudim?*”, tornou o sr. Renling, ainda olhando com expressão neutra para o gerente.

“Judeu?”, perguntou-me o gerente. Ele sabia muito bem a resposta; estava apenas passando a pergunta para mim.

“Sim. Acho que sim.”

“Ah”, disse Renling, desta vez para mim. “Bom, lá no North Shore as pessoas não gostam de judeus. Mas”, disse ele, transbordando friamente num sorriso, “quem é que agrada aquela gente? Eles não gostam de praticamente ninguém. E, de qualquer forma, eles provavelmente nunca vão saber.” Dirigindo-se ao gerente de novo, ele disse: “Bom, você acha que esse é um garoto que pode ser lapidado?”

“Ele se saiu bem aqui.”

“A pressão é um pouco maior lá no North Shore.”

Potenciais escravos domésticos vindos dos barracos tinham de passar pelo mesmo tipo de escrutínio, imagino, ou garotas levadas por suas mães para uma velha cocote para serem treinadas. Ele pediu que eu tirasse o paletó para que ele pudesse ver meus ombros e meu traseiro, de modo que eu estava prestes a dizer para o sujeito o que ele podia fazer com o emprego dele quando ele falou que eu tinha o físico certo para os seus propósitos, e aí minha vaidade falou mais alto que meu amor-próprio. E, então, ele me disse: “Eu quero botar você na minha selaria — é uma loja de roupas de montaria, botas, coisas para fazendas de recreação, artigos de luxo. Pago vinte dólares enquanto você estiver aprendendo e, depois que você já estiver treinado, pago vinte e cinco mais as comissões.”

Claro que aceitei o emprego. Eu iria ganhar mais que Simon.

Eu me mudei para um quarto de estudante em Evanston, onde em pouco tempo a coisa mais distinta ali passou a ser meu guarda-roupa.

Talvez eu devesse dizer meu *libré*, já que o sr. e a sra. Renling cuidaram pessoalmente de me orientar para que eu me vestisse adequadamente, na verdade me transformaram num almofadinha, adiantando o dinheiro necessário e escolhendo *tweeds*, flanelas, xadrezes escoceses, *foulards*, sapatos esportivos, sapatos trançados estilo mexicano, camisas e lenços — no gosto certo para atender uma clientela elegante de inclinação primordialmente britânica. Depois de ter sondado o lugar muito bem, eu não fiquei caído de amores por ele, mas estava excitado demais no início, e entusiasmado, para ver a coisa direito. Estava vestido com esplendor e trabalhando atrás do balcão de vidro mais atraente que eu já tinha visto na vida, numa rua de árvores frondosas, num setor elegante, três degraus abaixo da parte principal da loja de Renling, que vendia equipamento de pesca, caça, acampamento, golfe e tênis, canoas e motores de popa. Agora você entende o que eu quis dizer quando falei que tenho de admirar as minhas habilidades sociais, o fato de eu ficar de repente confiante e eficiente naquele trabalho, de conseguir falar com firmeza e conhecimento com garotas ricas, sócios de *country-clubs* e universitários, apresentando os artigos com uma mão e segurando um cigarro numa longa piteira na outra. Tanto que Renling teve de admitir que eu havia superado todas as desvantagens previstas. Precisei tomar aulas de equitação — não muitas, pois eram caras. Renling não queria que eu me tornasse um cavaleiro habilitado. “Pra quê?”, dizia. “Eu vendo essas armas sofisticadas e nunca atirei num único animal na minha vida.”

Mas a sra. Renling queria que eu aprendesse a cavalgar bem e queria me refinar e me educar de todas as maneiras. Fez com que eu me matriculasse em cursos noturnos na Northwestern University. Dos quatro homens que trabalhavam na loja — eu era o mais novo —, dois tinham diploma universitário. “E você”, ela dizia, “com *sua* aparência e *sua* personalidade, se *você* tivesse um diploma universitário...” E, então, ela me mostrava o resultado, como se ele já estivesse nas minhas mãos.

Ela atiçava terrivelmente minha vaidade. “Eu vou deixar você perfeito”, dizia, “absolutamente perfeito.”

A sra. Renling estava beirando os cinquenta e cinco anos, era pequena, de cabelos claros, só um pouco grisalhos, e mais branca no pescoço que no rosto. Tinha minúsculas sardas vermelhas e olhos claros, mas não doces. Falava com sotaque estrangeiro; era de Luxemburgo, e tinha um orgulho enorme de ter relações de parentesco com nomes que constavam do *Almanach de Gotha*^b dedicado àquela parte do mundo. De vez em quando, ela me garantia: “Isso é tudo bobagem; eu sou democrata; sou uma cidadã deste país. Votei no Cox, votei no Al Smith e votei no Roosevelt. Não ligo para aristocratas. Eles caçavam na propriedade do meu pai. A rainha Carlota costumava ir à capela perto de nós, e ela nunca perdoou os franceses, por causa do Napoleão III. Eu estava estudando numa escola de Bruxelas quando ela morreu”. Ela se correspondia com damas da nobreza de diversos lugares. Trocava receitas com uma alemã que morava em Doorn e tinha algo a ver com a família do *Kaiser*. “Eu estive na Europa alguns anos atrás e me encontrei com essa baronesa. Eu a conheço há muito tempo. Claro que eles nunca conseguem te aceitar de verdade. Eu disse a ela: ‘Eu sou realmente americana’. Levei um pouco da minha melancia em conserva. Não existe nada parecido lá, Augie. Ela me ensinou a fazer rins de vitela ao conhaque. Uma das receitas mais raras do mundo. Tem um restaurante em Nova York que serve esse prato. As pessoas têm que fazer reserva para ir lá, mesmo agora, na Depressão. Ela vendeu a receita pro dono de um bufê por quinhentos dólares. Eu jamais faria isso. Eu preparo esse prato para os meus amigos com prazer, mas consideraria indigno vender um velho segredo de família.”

Ela sabia cozinhar de fato, conhecia todos os mistérios da culinária. Era conhecida por toda a parte pelos jantares que oferecia. Ou pelos que preparava em outros lugares, pois podia decidir fazê-los em qualquer lugar, para os amigos. Faziam parte do seu círculo social a mulher do gerente do hotel Symington, os joalheiros, um homem chamado Vletold, que vendia

pesadas fruteiras timbradas do tamanho de pratos de orquestra e molheiras que pareciam a nau dos argonautas para uma clientela de elite, e também a viúva de um homem que estivera envolvido no escândalo de Teapot Dome,^c que criava dálmatas. Várias pessoas desse tipo. Para os novos amigos que ainda não conheciam seus rins de vitela, ela preparava tudo em casa e finalizava o prato na casa deles. Adorava dar de comer para as pessoas e volta e meia cozinhava também para os vendedores; odiava nos ver ir a restaurantes, onde tudo era tão barato e grudento, dizia ela, com sua voz de comediante imitando sotaque estrangeiro que nada era capaz de interromper.

Com a sra. Renling era assim — simplesmente não havia como interrompê-la ou detê-la, na sua concentração de fogo pálido. Ela cozinhava para você se quisesse, dava de comer para você, treinava você, dava instruções a você, jogava majongue com você, e não havia praticamente nada que você pudesse fazer a respeito, já que ela tinha muito mais força do que qualquer outra pessoa por ali; com seus olhos claros e as pálidas manchas ruivas das suas sardas aparecendo na poeira do pó de arroz ou nas costas da sua mão, entremeadas pelos longos raios duros dos tendões. Ela me disse que eu iria estudar publicidade na escola de jornalismo da universidade e pagou minhas taxas, e então eu fui. Também escolheu para mim as outras disciplinas que eu precisava cursar para me formar, enfatizando que um homem culto poderia conseguir tudo o que quisesse na América de mão beijada, destacando-se, disse, como uma vela numa mina de carvão.

Eu levava uma vida ocupada, na minha nova persona, da qual eu estava, na época, indecentemente orgulhoso. Com minhas noites de aula, as noites que eu passava na biblioteca lendo textos de história e aqueles livros astutos que ensinavam a criar descontentamento no consumidor, participando das *soirées* de *bridge* ou de majongue da sra. Renling na sua sala de visitas de cobertura cheia de sedas, numa condição de parte lacaio, parte sobrinho, servindo guloseimas, abrindo garrafas de *ginger ale* na copa,

com minha piteira na boca, entendido, obsequioso, sentindo esboços de carícias atrás de mim, a brilhantina reluzindo no meu cabelo, uma flor brotando da minha lapela, o pescoço cheirando a loção escocesa, observando as pessoas ao redor para extrair dicas de comportamento e protocolo, até descobrir que boa parte do tal protocolo era de improviso e que muitos olhavam para *você* para saber que tom adotar. A verdadeira pedra de toque era a sra. Renling, que não admitia ficar de fora da liderança. O sr. Renling não parecia se importar e jogava suas cartas ou peças de marfim de forma genuinamente distante e desapaixonada. Ele não falava muito, e a sra. Renling dizia o que queria dizer sem ouvir outra opinião. Essa outra opinião, o que era dito sobre criados, sobre o desemprego ou sobre o governo, era monstruosa, não havia outra maneira de encarar. Renling sabia disso mas não se importava. Aquelas pessoas eram seus amigos da comunidade dos negócios; um homem de negócios tinha de ter esse tipo de amigos, e ele os visitava e os recebia, mas não afetava nem se deixava afetar por ninguém, nunca.

Só tinha personalidade estritamente no que dizia respeito aos seus negócios. De vez em quando, resolvia mostrar sua habilidade com um pedaço de corda fazendo nós, ou cantava:

*So this, so this, is Wenice
And where do we park the car?^d*

Seu lábio superior se projetava sobre o de baixo, e ele parecia melancólico e paciente. Era um sujeito glacial, escorregadio, como muitas pessoas que têm de servir, mas guardam algo para si — como um *maître* ou um camareiro chefe — indivíduos que se metem num jogo da vida peculiar, onde entram assinando contrato para perder, mas depois travam mesmo assim uma espécie de batalha subterrânea. Ele era fã de boxe e me levava para ver lutas de vez em quando, num ringue perto do cemitério Montrose. Costumava dizer, por volta das dez horas, numa reunião social:

“O Augie e eu temos um par de entradas que seria uma pena desperdiçar por completo. Se a gente sair agora, ainda dá tempo de pegar a luta principal”. Como havia coisas que os homens achavam necessário fazer, a sra. Renling dizia: “Bom, então vão”.

Durante os assaltos, Renling não gritava nem perdia a linha, mas ficava numa empolgação tremenda. Qualquer coisa que dependesse de estamina o fascinava — corridas de bicicleta de seis dias de duração, maratonas de dança, marchas de longa distância, desafios de permanência em cima de mastros, voos contínuos e ao redor do mundo, as greves de fome de Gandhi ou de prisioneiros, pessoas acampando debaixo da terra, enterradas vivas e respirando por um tubo — qualquer milagre de resistência e esforço, como que para competir com paredes de cilindros ou outros materiais mecânicos que suportam fumaça, gases e todo tipo de pressão sobre-humana. Para assistir a tais exibições ele era capaz de viajar qualquer distância no seu potente Packard e, dirigindo, corria muito. Mas não parecia estar indo rápido. Pois havia sua estabilidade no banco de couro verde, seus joelhos firmes e altos ao lado da cebola jade da alavanca de marcha, suas mãos adornadas de pelos cor de areia no volante, a hipermaciez do motor que fazia com que você se sentisse enganado pelo velocímetro que marcava centro e trinta. Até que você notava que dois quilômetros de árvores passavam como dois centímetros de sombra, que os pássaros pareciam moscas e as ovelhas pássaros, e com que rapidez sanguinhos azuis, amarelos e vermelhos de insetos se espatifavam contra o vidro. Ele gostava que eu fosse com ele. E a ideia que fazia de companhia era curiosa, já que, enquanto íamos e voltávamos feito um furacão, não havia a calidez de uma conversa para contrabalançar a velocidade fria, a paisagem ignorada, as vergastadas finas da antena de rádio e o blá-blá-blá dos locutores saindo da boca de rede dourada do painel. Basicamente o que era comentado, volta e meia, era o desempenho do carro e estatísticas de gasto de gasolina e de óleo. Parávamos para comer galinha assada na grelha e tomar cerveja em algum lugar com muitos pinheiros, na areia quente, feito um par de

plutonianos de visita na Terra, vestidos com as roupas perfeitas que usávamos, de xadrez *pied-de-coq* esportivo ou *tweed* Harris marrom, carregando binóculos em estojos da loja: um cavalheiro rico e sorumbático e seu sobrinho janota ou primo mais novo esnobe, era o que devíamos parecer. Eu estava distraído demais sentindo essa indumentária em mim, a proximidade de bons tecidos com meu corpo, ou pensando no penacho verde de tirolês no meu chapéu e no esplendor de sapatos ingleses, para conseguir ver Renling como o vi tempos depois. Ele era um devorador de obstáculos. Corria pelas estradas. Adorava façanhas e cultuava a resistência, e segurava entre os dentes todas as objeções, dificuldades, impedimentos, depois mastigava e engolia.

Às vezes me contava alguma coisa da sua vida na forma de um breve comentário, como na ocasião em que passamos debaixo de um viaduto de North Shore e ele disse: “Eu ajudei a construir isso aqui. Não era mais velho do que você é agora, na época. Ajudava a passar cimento pro misturador. Deve ter sido no ano em que abriram o canal do Panamá. Achava que ia ficar com os músculos da barriga arrebetados por causa desse trabalho. Um dólar e cinquenta era um bom dinheiro naquele tempo”.

Era assim que ele usufruía da minha companhia. Provavelmente achava divertido me ver tomando gosto por aquele tipo de vida.

Houve um período em que o que mais queria era ter roupas formais e ser convidado para festas cerimoniais e pensava com considerável frequência em como fazer para entrar para a Câmara de Comércio Júnior. Não que tivesse ideias para negócios. Estava ganhando mais que bem na loja, mas não tinha uma inventividade mais ampla no que se referia a dinheiro. Era entusiasmo social que revolia em mim, paixão pela elegância, janotice. A maneira como um par de meias justas de losango aparecia quando as pernas eram cruzadas, combinando com a gravata-borboleta acomodada numa gola Princeton, me fígava o coração com enorme força e fome. Eu estava seduzido por aquilo tudo.

Por um curto período, saí com uma garçonete do Symington chamada Willa Steiner. Levava-a para dançar no Merry Garden e ia passear na praia com ela à noite. A maior parte do tempo, ela generosamente deixava que eu exibisse incólume minha pompa e elegância, sendo uma menina amável. Ela mesma não era tímida de forma alguma, não tendo pudores com relação ao motivo pelo qual estávamos juntos. Tinha um namorado na sua cidade natal também, com quem falava em se casar — tenho certeza de que sem qualquer intenção de me deixar com ciúmes. Pois ela tinha algumas coisas contra mim a respeito das quais provavelmente tinha razão, minha garrulice e vaidade dândi e minha preocupação com roupas. Logo informada, a sra. Renling caiu feio em cima de mim por ter me envolvido com ela. Nem Einhorn sabia mais do que acontecia ao redor dele do que ela sobre tudo o que se passava no seu território. “Augie, eu estou abismada com você”, disse. “Nem bonita aquela menina é. Ela tem um narizinho de índia” — eu costumava afagar Willa Steiner tendo principalmente esse seu narizinho bonito como tema; não foi nada corajoso da minha parte não defendê-lo — “e é coberta de sardas. Eu também tenho sardas, mas as minhas são diferentes e, de qualquer forma, é apenas como uma pessoa mais velha que eu estou falando com você. Além do mais, aquela garota é uma prostitutazinha, e não é nem mesmo uma prostituta honesta, porque uma prostituta honesta, só o que *ela* quer é o seu dinheiro. E se você tiver que fazer isso, se você chegar pra mim e disser que tem que fazer isso — e não precisa ter vergonha de falar —, eu te dou o dinheiro pra ir lá na Sheridan Road, perto da Wilson, onde ficam esses lugares.” Mais um caso de gente se oferecendo para dar dinheiro para que eu ficasse longe de encrencas, como Einhorn havia feito quando me passou aquele sermão por causa do roubo. “Augie, você não vê que essa vagabundazinha quer que você a engravide pra você ter que se casar com ela? É tudo o que você precisa agora, ter um filho com ela bem no início da sua carreira. Eu achava que alguém como *você* conseguiria enxergar o que está por trás disso.”

Às vezes eu achava que tinha sido um sinal de inteligência e liberdade da parte dela falar daquele jeito; outras vezes, que tinha sido uma burrice sem tamanho. Eu tinha a impressão de que, olhando lá para fora de trás das divisórias de onde ela observava o mundo, com seu rosto pintado, irritado, intrometido, ela estava determinada a puxar para si quem ela quisesse, para inspirar e instilar. Era o tipo de conversa que rapazes galantes e tolos têm ouvido de protetoras, esposas de generais e de estadistas, em todos os ducados, vilas e capitais do mundo.

“Mas a senhora não sabe nada sobre a Willa na verdade, sra. Renling”, eu disse, desajeitado. “Ela não...”, não terminei a frase, por causa do sarcasmo no rosto dela. “Meu querido menino, você parece um bobalhão falando. Continue a sair com ela se quiser. Eu não sou sua mãe. Mas você vai ver”, disse ela com sua voz de comediante, “quando ela tiver botado a corda no seu pescoço. Você acha que tudo o que ela quer da vida é servir mesas e trabalhar pra se alimentar só pra ficar em forma pra você, pra você não ter que fazer nada a não ser desfrutar da companhia dela? Você não sabe nada sobre garotas; garotas querem se casar. E não é como nos velhos tempos recatados, quando elas ficavam esperando sentadas até que alguém se apiedasse delas.” Ela falou com repulsa; tinha repulsa de sobra.

Não me ocorreu, quando a sra. Renling pediu que eu a levasse a Benton Harbor, onde ela tomava banhos hidrominerais para a sua artrite, que ela estivesse querendo me afastar de Willa. Ela disse que não conseguia nem pensar em ir até o Michigan sozinha e que eu dirigiria o carro e faria companhia para ela no hotel. Mais tarde eu entendi.

Benton Harbor me pareceu muito diferente do que tinha parecido da última vez, quando fui de carona para lá voltando de Muskegon com Nails e Dingbat, com o suéter amarrado pelas mangas no meu pescoço e os pés doídos da estrada. Na verdade ficamos em St. Joe, perto do lago Michigan, no Merritt Hotel, bem em frente à água e com o cheiro forte e fresco de

maresia nas lustrosas paredes cor-de-rosa dos quartos. O hotel era imenso e construído com tijolos, mas se inspirava no estilo de antigos estabelecimentos de Saratoga Springs, com muito verde e muito vime, cordas trançadas nos reposteiros, menus em francês, passadeiras brancas no hall e uma fatura louca de dinheiro, limusines no cascalho lavado, exuberantes canteiros de flores anormalmente grandes e três patamares de relva em que a grama crescia em profusão. Em todos os outros lugares, no sol abrasador de julho, só se via grama rala.

Eu aproveitava as horas dos longos banhos da sra. Renling para ver como era o território em volta. O que havia eram basicamente campos de árvores frutíferas, cultivados por alemães, os homens vestidos como agricultores de qualquer outro lugar, mas as mulheres mais velhas de touca na cabeça, andando descalças de vestidos longos debaixo dos gigantescos carvalhos dos seus quintais. Os galhos dos pessegueiros reluziam com fios de resina, as folhas leitosas dos borrifos de inseticidas. Nas estradas, de bicicletas ou caminhões Ford, havia também os barbados e cabeludos israelitas da Casa de Davi, uma seita de pessoas pacíficas, devotas e dedicadas aos negócios que renunciavam à carne e tinham uma espécie de principado próprio dentro da cidade, e casas de fazenda que eram verdadeiros palácios. Eles falavam de Silo e do Armagedom com a mesma familiaridade com que falavam de ovos e arreios, e tinham vários negócios milionários, sendo donos de fazendas, fontes e de um imenso parque de diversões numa espécie de grande vale bávaro, com uma ferrovia em miniatura, um time de basquete e uma banda de jazz cuja música chegava até a estrada no alto do vale nas noites de baile no pavilhão. Duas bandas, na verdade, uma de cada sexo.

Levei a sra. Renling até lá algumas vezes para dançar e beber água da fonte; os mosquitos do vale, no entanto, eram ativos demais para o gosto dela. Depois, passei a ir sozinho de vez em quando; ela não entendia que graça eu via em ir lá. Nem com que finalidade eu saía para dar voltas pela cidade de manhã, nem por que eu gostava de ficar assando no sol, sentado

no meio do verde imóvel da praça do tribunal construído no tempo da Guerra Civil, depois do meu lauto café da manhã com panquecas, ovos e café. Mas eu gostava, e ficava esquentando a barriga e as canelas enquanto o bondinho repenicava e se arrastava como um gafanhoto rumo à enseada e subia os cavaletes da ponte que atravessava o pântano, onde os bichos do mato e os passarinhos que ficavam se balançando no junco faziam sua pequena e animada balbúrdia. Levava um livro para ler, mas as páginas ficavam cheias de borrões marrons por causa do sol. Os bancos eram de ferro branco, espaçosos o bastante para três ou quatro velhinhos se sentarem e tirarem uma soneca no doce calor com gosto de charco que deixava os pássaros-pretos-de-asa-vermelha bravos e agitados e as flores encrespadas, mas todas as outras criaturas vivas, lentas e preguiçosas. Eu absorvia o ar pesado e nutritivo e aquela atmosfera amigável como um rico maná vital, do tipo que estimula o amor e provoca uma suave dor de emoções. Um estado que deixa você relaxar na sua própria gravidade específica e em que você não se sente o assunto de ninguém, mas acomodado na sua própria natureza, sentindo gostos originais tão bem quanto o primeiro homem, e de fora do agitado movimento humano, liberto até dos seus próprios hábitos. Que, ao sol, só estão em você de maneira ilusória, na relação costumeira dos seus pés ou dedos ou no laço do seu cadarço, e não têm poder. Não mais do que o penteado ou a sombra do seu cabelo tem poder sobre seu cérebro.

A sra. Renling não gostava de fazer as refeições sozinha, nem mesmo o café da manhã. Eu tinha de comer junto com ela, no quarto dela. Todas as manhãs, ela tomava chá sem açúcar com leite e comia algumas fatias de bolo torrado. Já eu comia de tudo, a metade de baixo do menu inteira, de *grapefruit* a pudim de arroz, sentado a uma pequena mesa ao lado da janela aberta, sentindo a brisa lacustre que balançava as cortinas suíças de bolinhas. Na cama, e falando o tempo todo, a sra. Renling tirava do queixo a faixa de gaze que usava para dormir, passava cremes e loções no rosto e aparava as sobrancelhas. O tema habitual das suas conversas eram os outros

hóspedes. Ela pegava um por um e descia o malho, mas descia feio. E isso nas horas tranquilas da manhã, enquanto ela bravamente fazia a vistoria em seu rosto. Iria morrer como uma dama bem cuidada que havia cumprido ferrenhamente todos os deveres civilizados, tais como desenvolvidos desde antes de Fídias e através de Botticelli — tudo o que grandes mestres e mulheres de cortes ilustres haviam prescrevido e seguido em busca da perfeição, o tipo de inteligência a estampar nos olhos e os modelos de doçura e autoridade. Mas tinha uma mente governada pela ira. Dando a si própria esses tratos femininos na claridade da sua suíte aberta para a beleza arejada do verão, ela não ficava satisfeita enquanto não cavasse mexericos sociais e cultivasse ressentimentos e antipatias.

“Você reparou naquele casal de velhos que estava à minha esquerda, no jogo de dados de ontem à noite, os Zeeland? É uma antiga família holandesa maravilhosa. Ele não é um velho bonito? Pois ele foi um dos maiores advogados empresariais de Chicago e é um dos membros do conselho da Robinson Foundation, o pessoal do vidro. A universidade deu um título honorário pra ele e, quando ele faz aniversário, os jornais escrevem editoriais sobre ele. E, mesmo com tudo isso, a mulher dele é burra feito uma porta e bebe ainda por cima, e a filha também é outra beberona. Se eu soubesse que *ela* ia estar aqui, teria ido para Saratoga. Eu queria que existisse algum jeito de conseguir uma lista de hóspedes com antecedência desses hotéis. Devia haver um serviço desses. Eles alugam uma suíte por seiscentos dólares por mês em Chicago. E assim que o chofer vem buscar o velho de manhã — isso é uma coisa que eu *sei!* — o empregado do hotel sai pra comprar uma garrafa de uísque e pra jogar nos cavalos pra elas. Aí elas ficam bebendo e esperando os resultados das corridas. Mas aquela *filha...* ela se veste de uma maneira meio antiquada. Se você não reparou nela ontem à noite, é só procurar uma mulher troncuda cheia de penas. Ela jogou um filho pela janela e matou o bebê. Eles usaram toda a influência deles e conseguiram salvar a pele dela. Uma mulher pobre teria ido pra cadeira elétrica, feito a Ruth Snyder, com as

carcereiras todas em volta e levantando as saias pros fotógrafos não conseguirem tirar fotos.^e Eu fico me perguntando se ela se veste desse jeito agora pra ter a sensação de que não tem nada em comum com a melindrosa que ela era quando mais nova e que fez aquela monstruosidade.”

Você precisava ter uma constituição forte para não perder seu esplendor matinal diante dessas conversas sobre danação. Eu tinha de lutar um bocado quando ela invocava toda a sua tropa de horrores, cavaleiros do apocalipse, diabos de porta de igreja que agarravam pecadores nus pelas costas a fim de arrastá-los para o castigo, infanticidas, pragas e incestos.

Eu dava um jeito. Mas o caso era que eu estava desfrutando o que um garoto rico desfruta e moldava meus sentimentos de acordo, emboçando e aplanando objeções. Só que havia momentos medonhos, como quando ela falou da execução de Snyder e evocou a terrível proteção que merecera o pudor de uma mulher que estava se contorcendo sob milhares de volts. E, embora eu estivesse evitando tudo o que não combinasse com o que eu queria, os retratos da perdição e da maldade que ela pintava diariamente e que eram sua especialidade acabavam me afetando. E se o que ela dizia fosse de fato verdade? E se, por exemplo, a mulher realmente tivesse atirado o bebê pela janela? Não era Medeia, há incontáveis e tranquilizadores anos atrás, caçando seus pobres filhos, mas uma mulher que eu via na sala de refeições do hotel, vestida de penas, sentada em companhia de seus pais de cabelos brancos.

No entanto, havia outras pessoas na mesa perto da deles que logo despertaram mais meu interesse — duas jovens, de uma beleza capaz de pôr fim a esses pensamentos ou pelo menos encolhê-los bastante. Houve um momento em que eu poderia ter caído tanto por uma quanto pela outra, mas depois tudo pendeu para um lado só, para a mais esguia, mais leve, mais nova das duas. Eu me apaixonei por ela, mas não da maneira como tinha me apaixonado por Hilda Novinson, seguindo-a feito um satélite na traseira de um bonde ou rodeando a alfaiataria do pai dela.

Desta vez eu tinha um tipo diferente de energia maníaca e sabia o que era prurido sexual. Minhas expectativas eram maiores; mais torpes também, talvez, graças à influência da sra. Renling e ao fato de ela estar sempre falando de lascívia, sem restrições de qualquer espécie. De forma que eu permitia que sugestões de todo tipo me viessem à consciência. Nunca aprendi a me censurar por coisas assim e, além disso, minha experiência em reprimi-las era limitada. É que, da advertência de vovó Lausch, eu só havia aceitado a parte sobre o perigo que era o nosso sangue e sobre nós sermos, por causa de mamãe, suscetíveis ao amor; não a parte estigmatizante que nos retratava como portadores do gérmen da ruína. Então, eu me sentia tragado, arrastado, sem saída. E eu tinha uma desvantagem especial, por causa da maneira como me apresentava — graças à sra. Renling —, como se Deus não tivesse deixado de fora nem uma única das Suas dádivas e eu estivesse fazendo propaganda da prodigalidade Dele comigo: beleza, excelente guarda-roupa, modos para lá de educados, desembaraço social, espiritualidade, sorriso irresistível, habilidade para dançar e para me dirigir a mulheres — tudo folheado com a mais fresca camada de ouro. E o problema era que eu tinha o que se poderia chamar de credenciais forjadas. Minha preocupação era que Esther Fenchel descobrisse isso.

Eu trabalhava, com o coração na mão, para o maior sucesso possível nesses limites, como um impostor. Passava horas me arrumando para ser uma petição viva. Por meio de uma concentração muda e de uma batalha para atrair a atenção, a única maneira que consegui conceber, na minha paixão pitoresca e carregada de sangue. Mas, da mesma forma que um prenúncio de praga pode ser sentido no vento brando que balança bandeiras e na beleza de um porto — uma cena de paz ativa e segura —, eu poderia talvez, apesar de toda a minha aparência equilibrada de quem vive circunstâncias normais e tranquilas, ter passado o tom dos meus pensamentos no ar — na praia, no gramado enfeitado de flores, no grande espaço aberto da sala de refeições branca e dourada —, e esses

pensamentos eram que eu poderia me submeter a ser enforcado nos cabelos daquela menina — coisas dessa ordem. Tinha sonhos pesados com os lábios dela, com as mãos, seios, pernas, entrepernas. Ela não podia se abaixar para pegar uma bola na quadra de tênis — eu parado e rijo, com um *foulard* de cavalos marrons sobre um fundo verde engenhosamente enfiado numa argola de madeira talhada à mão que Renling tornara popular naquela estação em Evanston —, eu não podia testemunhar isso, dizia eu, sem sentir uma pontada de amor e adoração nas minhas entranhas pela curva dos seus quadris, a gloriosa forma virginal do seu traseiro, seu macio e protegido segredo. Onde ser admitido com amor seria o endosso do mundo, de que ele não era a infecunda confusão que distantes temores secos sugeriam e sussurravam, mas necessário, justificado, a validade da justificativa comprovada pelo júbilo. Que se ela aceitasse, aprovasse, beijasse, usasse suas mãos em mim, me deixasse tocar a poeira do barro da quadra de tênis grudada nas suas pernas, o leve suor, sua sujeira e suor íntimos, ela me livraria do mal da falsidade — mostraria que não havia nada que fosse falso, ofensivo ou leviano que não pudesse ser corrigido!

Mas, à noitinha, quando nada havia resultado do meu esforço, depois de um dia perdido, eu deitava no chão do meu quarto, todo arrumado para ir jantar, com resignada paciência, consumido de desejo e tentando inutilmente pensar em alguma coisa brilhante a fazer — algum movimento floreado, incandescente, estelar, que espantasse a estupidez e a falta de jeito. Mas eu havia observado cuidadosamente tudo o que podia sobre Esther, a fim de estudar o que poderia induzi-la a se ver ao meu lado, à minha luz. Ou seja, lá em cima, na sublimidade. Pedindo apenas que ela se juntasse a mim, que me deixasse, que cavalgasse e remasse no amor comigo, com suas jovens maravilhas femininas e belezas que aumentariam ainda mais com minha alegria por ela ser exatamente como era, com seus cotovelos, seus mamilos apontando no suéter. Eu tinha observado como ela corria atrás da bola de um modo um pouco desajeitado na quadra de

tênis e fazia menção de proteger os seios e fechava os joelhos quando uma bola rápida passava por cima da rede. Meu estudo dela não corroborou muito minhas esperanças; o que era exatamente o motivo pelo qual eu me deitava no chão do quarto com uma cara desejosa e queimada de sol, os lábios entreabertos de tanto pensar. Cheguei à conclusão de que ela sabia que tinha grande valor e que não era suscetível a urgências do coração. Em suma, que Esther Fenchel não era do mesmo feitio que eu e não iria gostar de ouvir falar da sua perspiração e das suas sujeirinhas íntimas.

No entanto, o mundo nunca teve melhores cores, para dizer exatamente a imagem que me vem à cabeça, nem melhor ou mais razoável articulação. Nem jamais me deu melhores problemas. Eu sentia que estava no caminho certo e verdadeiro, até onde iam a natureza e o prazer para formar o lugar nativo da existência humana e de todas as outras existências.

E eu agia de maneira engenhosa também. Comecei a puxar conversa com o velho Fenchel, não o pai das meninas, mas o tio, que estava no ramo de água mineral. Não foi fácil, já que ele era um milionário. Mas ele tinha um Packard do mesmo modelo e cor que o dos Renling; eu estacionava atrás dele na pista da entrada do hotel para que ele tivesse de olhar duas vezes para descobrir qual era o dele, e aí, um dia, eu o peguei. *Inter pares*. Pois como é que ele iria saber que eu ganhava vinte e cinco dólares por semana e não era o dono do carro? Nós conversamos. Ofereci a ele um Perfecto Queen. Ele sorriu e recusou; tinha seus próprios Havanas feitos de encomenda, numa caixa grande o bastante para caber uma pistola, e ele era tão maciçamente imenso que a caixa nem sequer fazia volume no seu bolso. Seu rosto era gordo e vincado, os olhos pretos como sementes de lichia, o cabelo grisalho e curto, colado à gordura do couro cabeludo, atrás e dos lados. Era um pouco desencorajador que as meninas fossem suas herdeiras, como ele logo me disse, provavelmente adivinhando que eu não estava trazendo a flor do meu charme para o seu velho nariz amassado digno de um Rembrandt, com seus pelos brancos e pintas pretas feito pólvora. Claro que não. E ele queria que eu soubesse em que liga

estava jogando. Não recuei um milímetro. Nunca fugi de parentes homens, fossem novilhos ou touros, nem deixei que pais ou guardiões me intimidassem.

Chegar perto da tia de Esther foi mais complicado, já que ela era enfermiça, tímida e silenciosa, com o humor de pessoas ricas cuja saúde as deixa na mão. Suas roupas e joias eram vistosas, mas o rosto da coitada era cheio de esforço íntimo; ela era até um pouco surda por causa disso. Não tive de fingir ter um interesse amigável; eu realmente (sabe Deus por quê) o tinha. E, por instinto, eu sabia que o que iria atraí-la — sendo uma pessoa enferma, podre de rica e isolada num berço de ouro como ela era — era o charme da saúde comum. Então, desatei a tagarelar com ela e fui bastante bem aceito.

“Meu querido Augie, era a sra. Fenchel, aquela senhora com quem você estava sentado?”, quis saber a sra. Renling. “Ela não fez nada o mês inteiro a não ser olhar pro chafariz, então eu achei que ela tivesse um parafuso meio frouxo. Foi você que puxou conversa com ela?”

“Bom, eu só calhei de estar sentado perto dela.”

Eu marquei alguns pontos por causa disso; ela ficou satisfeita. Mas a próxima coisa a averiguar era meu objetivo, e isso ela mais que depressa e *grosso modo* descobriu. “É por causa das meninas, né? Bom, elas são muito bonitas, não são? Principalmente a de cabelo preto. Linda. E marota, bem encapetada ela parece. Mas, lembre-se, Augie, você está comigo; eu sou responsável pelo seu comportamento. E aquela menina não é uma garçonete, e é melhor você não ficar pensando em você-sabe-o-quê. Meu querido menino, você é inteligente e bom, e eu quero te ver ir longe. Vou providenciar pra que isso aconteça. Naturalmente, com essa menina, você não tem a menor chance. Claro que meninas ricas às vezes também podem ser vadiazinhas e ter a mesma comichão que meninas comuns têm, às vezes até pior. Mas não essas meninas. Você não sabe o que é uma criação alemã.”

Em outras palavras, as herdeiras Fenchel estavam reservadas para as altas patentes. Mas a sra. Renling não era infalível, e já tinha cometido um erro, o de achar que era por Thea e não por Esther Fenchel que eu estava apaixonado. Além disso, ela não fazia ideia do quanto eu estava apaixonado — beirando o ponto da ameaça poética de morte. Eu não queria mesmo que ela fizesse ideia, embora fosse ficar contente de poder contar para alguém. Não gostava do que, previa eu, a sra. Renling faria daquilo, então achei melhor deixar que ela pensasse que era por Thea, a irmã de cabelo cacheado mas também linda, que eu estava sofrendo de amores, e usei de uma certa dissimulação. Não foi preciso muito, já que fazia bem ao orgulho da sra. Renling pensar que ela tinha adivinhado, rápida e certamente, o que andava me inquietando.

Na verdade, Thea Fenchel era mais do que apenas agradável para mim, e uma manhã, eu estava tentando pescar a atenção do tio dela, que estava de mau humor, taciturno e ranzinza, quando ela me perguntou se eu jogava tênis. Eu tive de dizer, sorrindo, embora fosse um mau momento para mim, que meu esporte era a equitação; enquanto pensava em desespero que precisava arranjar imediatamente uma raquete e ir para as quadras públicas de Benton Harbor para aprender. Não que eu tivesse nascido para montar também; mas dizer que eu era um cavaleiro pelo menos encobria um pouco minhas origens, além de parecer uma coisa bastante admirável.

“Meu parceiro não veio”, disse Thea, “e a Esther está na praia.”

Dali a dez minutos eu também estava na areia, apesar de ter prometido jogar cartas com a sra. Renling depois do banho mineral dela, quando, segundo dizia, ela se sentia fraca demais para ler. Fiquei deitado de barriga, quente e perdido em devaneios, observando Esther, e meus devaneios eram multiramificados, apimentados, eróticos, boa parte deles dolorosos, cheios de esperança e de medo de ser notado quando ela se abaixava para passar um óleo bronzeador que era como uma claridade nas suas pernas, e seu rosto virava em direção a mim, que estava louco e bêbado de calcular o

peso dos seus seios e do pequeno e macio volume da sua barriga, tão elegantemente cintada pelo tecido da sua roupa de banho, ou do cabelo que ela penteava, me parecia, com grande força animal, tirando a touca branca de borracha.

As andorinhas-do-barranco saíam de seus buracos de embornal na ribanceira e voavam até a lâmina transparente de água, depois de volta para o branco, para o marrom, para o preto, movendo-se entre imóveis ondas de areia, troncos trabalhados pela água e raízes que se agarravam e se contorciam ao sol.

Passado um tempo, Esther voltou para o hotel; e eu também, um pouco depois. A sra. Renling me deu um gelo por causa do meu atraso. E, pensei, deitado no chão do meu quarto com os calcanhares em cima da colcha, feito um homem de armadura que cai do cavalo, fica preso pelas esporas e precisa de uma talha para se levantar, que já estava na hora, visto que minha desatenção estava deixando a sra. Renling zangada, de fazer pelo menos alguma espécie de avanço para compensar. Levantei e me escovei sem especial capricho ou interesse, usando duas escovas militares que a sra. Renling tinha me dado. Desci no vagaroso elevador branco e, no térreo, fiquei rondando pelo *lobby*.

O sol estava se pondo, a hora do jantar se aproximava, a água escurecia e cintilava, guardanapos e largos cardápios já estavam de pé sobre as mesas da sala de refeições, viam-se rosas e samambaias em vasos de pescoço comprido, a orquestra afinava os instrumentos atrás da sua cortina. Eu estava sozinho no corredor, aflito e vacilante, e fui andando devagar para a sala de música, onde a vitrola tocava um disco de Caruso, brados abafados e depois claros de operística saudade materna, aquele apelo filial floreado, no fundo sombrio, ao gosto italiano. Com os cotovelos apoiados no armário fechado da vitrola, de *tailleur* branco e com um chapéu redondo também branco, quase um barrete de bispo, bordado com contas, estava Esther Fenchel; de pé, apoiava um dos pés na ponta do sapato.

Eu disse: “Senhorita Fenchel, eu estava pensando se a senhorita gostaria de ir comigo alguma noite dessas à Casa de Davi”. Atônita, ela ergueu os olhos da vitrola. “Eles dão bailes toda noite.”

Não vi nada a não ser fracasso, desde a primeira palavra que me saiu da boca, e me senti golpeado, esmurrado de todos os lados.

“Com você? Eu não. Certamente não.”

O sangue me fugiu da cabeça, do pescoço, dos ombros, e eu desmaiei, caí duro no chão.

Recobri a consciência sem ajuda. Não havia ninguém ali para me oferecê-la, não tendo Esther evidentemente perdido um só instante vendo o que tinha acontecido comigo, já que a música chegou à minha consciência no esplendor do seu desfecho, a princípio com um barulho de concha, depois mais alto, com a orquestra galgando a escadaria de um magnífico salão, até a clara dor do exato auge, em que os tambores cortavam, extinguíam e davam um retumbante enterro a tudo.

Não sei se foi a recusa ou a emoção de falar com ela e ela falar comigo que me derrubou, e não estava em condição de tatear em volta à procura do gatilho, para saber onde ele estava e por que era como um dente mole. Já bastava ter descoberto a força da carga e que o que eu havia sentido era o coice de uma situação falsa. E, enquanto isso, eu estava tentando recuperar o fôlego e o ar me parecia gelado por causa do meu rosto úmido. Então, apoiei as costas contra um sofá, onde tive a sensação de que havia sido pisoteado de cima a baixo por algo de alguma forma relacionado pelo peso com minha mãe e meu irmão George, que talvez naquele exato momento estivesse trabalhando numa vassoura, ou pondo-a de lado para ir jantar; ou com vovó Lausch na casa de repouso — como se de algum modo eu tivesse sido atropelado pela criatura que lhes fazia companhia regularmente e da qual eu pensava que estivesse distante e a salvo.

Nesse meio-tempo, apareceu no vão da porta a srta. Zeeland, a filha do famoso advogado empresarial, que olhava para mim com seu traje penado de noite, seu corpo no longo drapeado do vestido formando uma única e

inteiriça bisnaga humana. Usava sapatos dourados e luvas brancas que iam até o cotovelo, e parecia quimérica, oriental, com seus bastos cabelos presos numa espécie de torre, em equilíbrio com seu enorme busto. Seu rosto era claro e frio, como um tipo de clima, embora o longo e bem definido sulco do seu lábio superior parecesse pronto a entrar em movimento, como se ela fosse quebrar o silêncio com algum comentário momentoso e bem amadurecido; explicar o amor para mim, talvez. Mas não, seus pensamentos continuaram inacessíveis a mim, embora ela tenha permanecido ali até eu me levantar para desligar a vitrola, quando então se retirou, não sei se sorradeira ou apressadamente.

Fui ao banheiro masculino para lavar o rosto com um pouco de água morna e depois fui jantar. Não comi muito, nem mesmo o *pêche flambée*, como não escapou à sra. Renling, que disse: “Augie, quando é que você vai parar com essa bobagem de amor? Vai fazer mal pra sua saúde. Isso é tão importante assim?”. Depois, usou comigo suas palavras mais carinhosas, procurando me alegrar com brincadeiras, e, como mulher, tentou botar um limite na minha imaginação sobre as mulheres onde ela achava que o limite devia ficar, explicando o que as mulheres eram ou deixavam de ser e louvando os homens em todas as coisas, como se estivesse trabalhando para Atena. Aquilo me deixou meio maluco. Eu já não estava mesmo no meu juízo perfeito, e ouvi-la achincalhar a totalidade da classe feminina com sua voz metálica e enervante me fez olhar para ela com uma faísca de ódio no canto do olho. E eu estava esperando com uma tremedeira quase de malária que Esther aparecesse na sala de refeições. O casal Fenchel já estava na mesa deles. Depois veio Thea, mas a irmã dela aparentemente não ia jantar.

“E, sabe?”, disse a sra. Renling um tempo depois, “aquela menina não tira os olhos de você desde que entrou aqui. Já está havendo alguma coisa entre vocês? Augie! Você fez alguma coisa? É por isso que você está triste? O que foi que você fez?”

“Eu não fiz nada”, respondi.

“Acho bom!” Ela estava de olho em mim, atenta e astuta, feito uma carcereira. “Você é atraente demais para as mulheres, sorte sua, e vai acabar metido em encrenca. E ela também; ela é bem assanhada, aquela mocinha.”

Ela retribuiu o olhar fixo de Thea na mesma moeda. O garçom acendeu o fogo no *flambée* dos Fenchel e surgiram pequenas labaredas aqui e ali no verde do crepúsculo.

Saí da sala de refeições sem dizer mais nada, para caminhar pela estrada da orla, livrar-me do embrulho que a vergonha me deixara no estômago e digerir meu problema. Eram horríveis, os sentimentos que eu estava tendo, a vergonha e a raiva de Esther e a vontade de dar uma pancada na cabeça da sra. Renling. Andei pela beira da água, depois em volta do hotel, mantendo distância do portão, onde eu sabia que a sra. Renling estaria me esperando para me dar o troco pela minha grosseria, e depois até os fundos, para o parquinho das crianças, onde me sentei no banco de ripas do balanço de jardim.

Ali sentado, comecei a sonhar que Esther tinha pensado melhor e decidira sair do quarto para procurar por mim, de maneira que tive de grunhir ao me dar conta do tamanho e da força da minha estupidez e fui inundado de novo por sentimentos corrosivos, piores ainda do que antes. Então, ouvi alguém leve se aproximando, uma mulher que vinha andando para debaixo da árvore em direção ao sulco poeirento cavado em volta do balanço pelos pés das crianças. Era a irmã de Esther, Thea, vindo para falar comigo, aquela contra quem a sra. Renling havia me prevenido. Com seu vestido branco e sapatos que pousaram como vultos pontudos de pássaros na vaga brancura do sulco ao redor do balanço, com renda nos braços e as sombras das folhas se abrindo e fechando atrás da sua cabeça, ela parou e olhou para mim.

“Está desapontado que não seja a Esther, não está, senhor March? Imagino que você deva estar passando por um momento difícil. A sua cara estava muito branca na hora do jantar.”

Ruminando com meus botões o que ela saberia e o que estaria querendo descobrir, eu não disse nada.

“Você já se recuperou um pouco?”

“Recuperei do quê?”

“Do desmaio. Embora a Esther ache que talvez tenha sido um ataque epilético.”

“Bom, talvez tenha sido mesmo”, retruquei, sentindo-me pesado, acabrunhado, prestes a ruir.

“Eu não acho. Você só está magoado, e não quer que eu o incomode.”

Isso não era verdade; pelo contrário, eu queria que ela ficasse. Então disse: “Não”. E ela se sentou perto dos meus pés, encostando a coxa neles. Fiz menção de levantar, mas ela pôs a mão no meu tornozelo e disse: “Não se incomode. Eu não quero que você fique desconfortável por minha causa. Mas o que foi que aconteceu, afinal?”

“Eu convidei a sua irmã pra sair comigo.”

“E quando ela disse não, você desmaiou.”

Tive a impressão de que ela não estava só querendo satisfazer sua curiosidade, mas também querendo ser atenciosa comigo.

“Eu estou do seu lado, senhor March”, disse, “então eu vou te dizer o que a Esther acha. Ela acha que você dorme com a senhora com quem você está.”

“O *quê?*”, bradei, levantando de um salto do banco e batendo com a cabeça na trave do balanço.

“Que você é o gigolô dela e se deita com ela. Por que você não senta? Eu achei que devia te contar isso.”

Como se estivesse carregando alguma coisa com profunda e extrema devoção e ela tivesse entornado e me escaldado, era assim que eu me sentia. E eu que pensava aquele tempo todo que a pior coisa que poderia passar pela cabeça de jovens moças, herdeiras inclusive, seria inocente pelos padrões do salão de sinuca de Einhorn.

“Quem pensou isso, você ou a sua irmã?”

“Eu não quero jogar toda a culpa pra cima da Esther. Eu também achei que podia ser verdade, muito embora tenha sido ela quem falou disso primeiro. Nós sabíamos que você não era parente da sra. Renling porque nós ouvimos uma vez ela dizer para a senhora Zeeland que você era protegido do marido dela. Você nunca dançava com mais ninguém, e você andava de mãos dadas com ela, e ela é sexy para uma mulher da idade dela. Você deveria ver vocês dois juntos! E além do mais ela é europeia, e os europeus não acham que seja nada de tão terrível assim uma mulher ter um amante muito mais novo que ela. Eu também não vejo o que possa haver de tão terrível nisso. Só a boba da minha irmã é que vê.”

“Mas eu não sou europeu. Eu sou de Chicago. Eu trabalho para o marido dela em Evanston. Sou vendedor na loja dele, e essa é a única profissão que eu tenho.”

“Não fique chateado, senhor March. Por favor, não fique. Nós viajamos muito e vemos muita coisa. Por que você acha que eu vim até aqui falar com você? Não foi pra te deixar mais chateado ainda. Se você dormiu com ela, dormiu, se não dormiu, não dormiu.”

“Você não sabe o que está dizendo. Isso é uma coisa horrível de se pensar de mim, e da senhora Renling também, que só tem sido generosa comigo.” Eu estava com raiva e falei com raiva, e ela desistiu de dizer o que ia dizer; também estava agitada e cheia de excitação. Senti e também vi seus olhos me estudando profundamente. Embora até aquele momento tivesse sorrido de vez em quando, não havia mais nenhum sinal de humor no seu rosto, que eu via bem na brancura e na poeira do chão e entre as folhas do pomar. Comecei a entender que estava diante de uma pessoa extraordinária, pois era um rosto quente, alerta, investigativo e quase suplicante. Era delicado, mas também cheio de ousadia, com aquela inconsequência que provoca a mesma medida de preocupação e de admiração, quando você a vê numa jovem mulher; como quando você vê passarinhos brigando, como dois furiosos jatos de sangue; eles poderiam morrer facilmente de pequenas feridas, mas não parecem se dar conta

disso. Claro que isso provavelmente é só mais uma daquelas fantasias masculinas inocentes.

“Você não acha realmente que eu seja gigolô da senhora Renling, acha?”

“Eu já disse que não me importaria se você fosse.”

“Claro, que diferença faria pra você!”

“Não, você não está entendendo. Você está apaixonado pela minha irmã e tem seguido a Esther por todo lado, então não reparou que eu tenho feito exatamente a mesma coisa com você.”

“Você fez o quê?”

“Eu me apaixonei por você. Eu te amo.”

“Para com isso. Ama nada. É só uma fantasia. Se é que chega a tanto. O que é que você está querendo me arranjar?”

“Você não amaria a Esther se a conhecesse. Você é como eu. Foi por isso que você se apaixonou. Ela nunca se apaixonaria. Augie! Por que você não muda pra mim?”

Ela pegou minha mão e puxou-a para si, inclinando-se sobre o quadril, que era encantador, para se debruçar sobre mim. Ah, e eu pensando que havia triunfado sobre a sra. Renling porque as suspeitas dela tinham errado o alvo!

“Eu não me importo com essa história da senhora Renling”, ela disse. “Suponhamos que você tenha dormido com ela, uma vez.”

“Nunca!”

“Uma pessoa jovem pode fazer todo tipo de coisa, porque os sentimentos que ela tem dentro dela são tantos que ela não sabe o que fazer com eles.”

Eu disse que o mundo nunca tinha tido melhores cores? Pois deixei uma coisa de fora, uma consideração estropiada e capenga que parece perder terreno quando você atinge a beleza e as flores de Orizaba, mas logo descobre que ela chegou antes de você.

“Espera um instante, senhorita Fenchel”, eu disse, tentando mantê-la sentada enquanto me levantava. “Você é linda, mas o que você acha que

nós estamos fazendo? Eu não tenho como evitar. Eu amo a Esther.” E, como ela não ficava quieta, eu tive de descer do balanço e fugir para o pomar.

“Senhor March... Augie”, ela chamou. Mas eu não ia conversar com ela naquele momento. Entrei no hotel pela porta de serviço. Quando estava no quarto, com o fone fora do gancho para que a sra. Renling não pudesse entrar em contato comigo, expliquei a mim mesmo, enquanto tirava minhas roupas boas e as largava no chão, que aquilo era apenas uma coisa entre irmãs e que eu só estava no meio por puro acidente, não era nada realmente pessoal. Mas o outro pensamento que tive foi que, se não era acidente, então era muito azar o modo como essas coisas aconteciam, como todo mundo parecia ser atraído na direção errada. De maneira que era uma aberração quando acontecia de os mesmos desejos se encontrarem. E senti-los de maneira tão específica, fixada numa única pessoa, talvez fosse uma pretensão inaceitável, pura demais, especial demais, e uma falta de entendimento do verdadeiro funcionamento das coisas.

Quando entrei no quarto da sra. Renling para tomar café no dia seguinte, deixei a porta aberta.

“O que é isso, você nasceu num cortiço?”, disse ela. “Fecha essa porta. Eu estou de camisola.” E quando fui andando, contrariado, até a porta, ela reparou que eu estava todo amarrotado. “Eu quero que você desça lá no alfaiate depois do café e peça pra ele passar a sua roupa. Você deve ter dormido de calça. Eu estou dando um desconto porque você está apaixonado, estou relevando até a sua enorme gentileza comigo ontem à noite. Mas também não precisa ficar andando por aí feito um vagabundo.”

Depois do café ela foi tomar um banho mineral e eu descii para o *lobby*. Os Fenchel tinham ido embora. Havia um bilhete de Thea para mim na recepção. “A Esther contou pro meu tio sobre você, e nós estamos indo para Waukesha passar alguns dias e depois pra costa leste. Você foi bobo

ontem à noite. Pense no assunto. É verdade que eu te amo. A gente vai se ver de novo.”

Passsei alguns dias difíceis e caí estirado na melancolia. Eu pensava: como foi que fiquei assim, achando que podia me candidatar ao melhor que existe em departamento de beleza e alegria, como se eu fizesse parte da juventude feliz e tivesse nascido para a elegância e o doce amor, com ossos feitos de açúcar? E tive de me lembrar do que muito raramente importava para mim, ou seja, de onde eu vinha, quem eram meus pais e outras histórias, coisas em que nunca pensava muito como dificuldades, sendo democrático por temperamento, acessível a todo mundo e presumindo a respeito das outras pessoas o que eu presumia a respeito de mim mesmo.

E, enquanto isso, cada vez mais eu penava para suportar o que até então tinha me encantado. Aquele lugar, por exemplo, o Merritt, todo creme e dourado, agora me dava nos nervos — o serviço, a música na hora do jantar, as danças. De repente as flores hiperbólicas eram como ferro pintado; o chiquê, um fardo; e, além de tudo, a sra. Renling e seu peso de metal fundido. Eu não conseguia mais aguentar a sra. Renling quando ela estava atacada. Dei azar até com o tempo, que ficou frio e chuvoso nas últimas semanas; então, em vez de ficar no hotel, onde ela podia pôr as mãos em mim, dar chiliques e me tyrannizar, eu ia para o parque de diversões de Silver Beach e ficava por lá, onde os bancos cobertos da rodagigante enegreciam e eu ficava ensopado debaixo da minha capa de chuva (que era dos velhos tempos e não estava à altura da minha elegância mais recente). Passava o tempo nas barracas de cachorro-quente entre funcionários do parque, barraqueiros e pelotiqueiros, esperando o período de banhos acabar.

Perto do fim das férias, Simon escreveu dizendo que estava vindo para St. Joe com uma namorada, e ele deu sorte com o tempo. Eu estava no píer quando o barco a vapor atracou. O azul e o verde da paisagem tinham ficado mais frescos com as chuvas, e o sol já espantara quase todo o frio dos

dias chuvosos. As pessoas que desembarcavam traziam consigo o trato bruto da cidade; só uma pequena fração dele tinha se dissipado durante as quatro horas da travessia na água. Famílias, homens sozinhos, moças aos pares trazendo seus apetrechos de praia e verão, algumas não tão visivelmente carregadas, mas todas extremamente pesadas mesmo assim. Duras ou feridas, de acordo com a sorte ou a natureza de cada uma. Lá vieram elas, marchando rampa abaixo, sobre a beira da água chacoalhada pelo motor, rumo ao tranquilo bolsão de claridade. Aqui e ali a luz destacava um rosto especializado ou cautelosamente feliz, e iluminava também sedas, cabelos, sobrancelhas, chapéus de palha, peitos que vinham para expirar cargas nervosas ou deixar vir à tona simplicidades reprimidas, portadores de coisas tão antigas quanto a mais antiga das cidades ou mais velhas ainda; desejos e repulsas gerados em barrigas, ombros, pernas, há tanto tempo quanto o Éden e a Queda.

Mais alto que a maioria, louro e bronzeado, eis que surge meu irmão de aparência germânica. Vinha embonecado feito uma festa de Quatro de Julho e lembrava um pouco um cigano astuto, sorrindo, o dente lascado aparecendo, o terno xadrez bem aberto, as mãos para baixo, nas alças de duas maletas. Irradiava sua beleza com uma espécie de calor no azul dos seus olhos, magnificamente; vinha também das suas bochechas, do seu pescoço, intensa e animal. Andava num equilíbrio pesado, com seus sapatos pontudos sobre a rampa de desembarque, os braços puxados para baixo pelo peso das valises, procurando por mim na sombra do píer. Nunca o vi com melhor aparência do que ali, no sol, chegando no meio da multidão com suas roupas alegres. Quando ele me abraçou e bateu nas minhas costas, fiquei feliz de sentir seu corpo e seu cheiro, e nós sorrimos, fizemos caretas, empurramos a cara um do outro, sentindo barbas de homem debaixo dos nossos dedos, e nos atracamos de brincadeira.

“Então, seu babaca?”

“E você, homem da grana?”

Não houve hostilidade nessa sua maneira de me chamar, embora Simon viesse fazia algum tempo agindo de maneira um pouco fria comigo porque eu estava ganhando mais que ele e vivendo no luxo.

“Como é que está todo mundo, a mamãe?”

“Bom, os olhos, você sabe... Mas ela está bem.”

E então ele puxou a namorada — uma moça grande e morena chamada Cissy Flexner. Eu a conhecia da escola; ela era da vizinhança. O pai dela, antes de falir, tinha sido dono de uma loja de roupas práticas — vendia macacões, ceroulas, luvas de trabalho de lona, galochas, coisas assim; e era um sujeito corpulento, acanhado, pálido, ensimesmado atrás de suas caixas. Mas ela, embora exageradamente zelosa de si mesma, era um belo pedaço de mau caminho, sobre pernas colossais mas cuidadosas, quadris generosos; sua boca era grande e seria perfeita se não desse às vezes a impressão de estar se autossaboreando; os olhos tinham pálpebras complicadas, mas eram magníficos na sua lentidão pesada, um movimento erótico. De modo que ela tinha de voltar esses olhos um pouco para baixo para parecer decente, com seus dotes, aquela altura dos seios e a forma dos quadris e outras riquezas genéricas, macias e lisas, que podem pegar a pessoa imatura, a jovem menina, de surpresa com sua amplidão quando começam a aparecer. Ela me acusava um pouco de examiná-la demais, mas alguém seria capaz de evitar uma coisa dessas? E era perdoável também pelo fato adicional de que ela poderia vir a se tornar minha cunhada, pois Simon estava perdidamente apaixonado. Já a tratava com jeito de marido, e eles ficavam grudados um no outro, trocando carinhos, beijos, intimidades, caminhando à beira das cores fortes da água e do céu, enquanto eu nadava no lago sozinho a uma pequena distância. Na areia, depois de esfregar seu fino escudo de pelos do peito, Simon secava as costas dela e as beijava, fazendo com que eu sentisse por um momento uma dorzinha no céu da boca, como se eu próprio tivesse experimentado o odor quente e o toque da pele dela. Ela tinha tanto, exalava tanto esplendor. Como uma estupenda puta.

Mas, pessoalmente, eu não gostava tanto assim dela. Em parte porque estava apaixonado por Esther, mas também porque o que ela passava de seu, isto é, além de exuberância feminina, era uma espécie de lentidão. Talvez ela própria estivesse estupidificada pelo que tinha, pelo seu acachapante peso. Aquilo devia exercer uma pressão sobre os pensamentos dela, como qualquer grande vitalidade natural. Como os objetivos que residem no sangue de um urso ou de um tigre, calcando a mente dessas feras com um peso esmagador, a manifestação de uma coisa levada a efeito por completo, até nas próprias listras e garras. Mas e quanto ao privilégio mais alto do que esse de estar sob o jugo da natureza e imbuído da missão de uma espécie? O ingrediente do pensamento era mais fraco na composição de Cissy do que os outros elementos. Mas ela era uma garota astuta, embora parecesse dócil.

Estendida na areia, com o hálito do óleo quente da pipoca e o cheiro forte da mostarda vindo às baforadas e estalidos das barracas de Silver Beach, ela volta e meia respondia para Simon, a quem eu não conseguia ouvir — ele estava deitado de lado junto dela, de calção vermelho: “Ih, esquece, não mesmo. Que baboseira! Que amor que nada!”. Mas o prazer dela era grande. “Eu estou tão feliz que você tenha me trazido, benzinho. É tudo tão limpo. É um paraíso isso aqui.”

Eu não gostava da batalha — pois era isso que aquilo era — que Simon travava com ela para convencê-la, influenciá-la, fazê-la mudar de ideia. Quase tudo que ele propunha ela recusava. “A gente não faz e diz que fez”, e outras recusas semelhantes. Aquilo o levava a uma falta de sutileza que eu nunca tinha visto nele antes; a maneira como ele se esforçava, se desdobrava, pelejava, se vangloriava e puxava o saco dela era vergonhosa. A língua dele chegava a ficar pendurada para fora com o calor do esforço e da paixão, e havia um lugar lá no fundo do seu íntimo em que ele sentia raiva, uma raiva que subia direto para o seu rosto em duas bolas vermelhas, debaixo dos olhos, uma de cada lado do nariz. Eu compreendia isso perfeitamente, uma vez que estávamos trilhando o mesmo campo de

dificuldade e de luta diante de uma idêntica Troia. Isso que estava acontecendo conosco teria dado a vovó Lausch a satisfação de uma profetisa — ou, pelo menos, ao espírito dela, já que a de carne e osso estava envolta pela poeira do asilo, na tropa de finalistas que suscitava o pequeno jogo de adivinhação a respeito de qual deles seria o próximo a sair da disputa. Então, registrei para ela esse aparente sucesso de previsão. Quanto a Simon, todos os lugares em que ele e eu um dia tínhamos estado conectados quando ainda éramos irmãos pequenos, antes que existissem diferenças e distâncias entre nós — esses lugares começaram a formigar, sentindo a conexão próxima de novo. A reconexão não chegou realmente a acontecer, mas eu senti que o amava mesmo assim. Quando ficou de pé com o tecido florido do vestido de praia de Cissy sobre os ombros, ele passou uma coisa grosseira mas corajosa, parado ali exposto e queimado de sol, ao lado da faixa límpida da água, como se estivesse brincando de usar o vestido como um símbolo da intimidade de que desfrutava com aquela menina.

Levei os dois até o vapor que ia zarpar à noitinha, pois Cissy se recusou a passar a noite, e fiquei no convés com eles durante todo o longo desenrolar do pôr do sol, até o último azul, destituído de outras luzes; nuvens outonais e sulcadas rumavam em direção à cidade, libertas da força do sol, para se acumular sobre os montes formados pela água, cinzentas e poderosas.

“Sabe, garoto, talvez a gente se case daqui a alguns meses”, disse Simon. “Está com inveja de mim? Aposto que está.”

Então, ele a cobriu com suas mãos e seus braços, apoiando o queixo no ombro dela e lhe dando um beijo no pescoço. Eu achava curioso o jeito espalhafatoso que ele tinha de acariciá-la — sua perna avançava entre as pernas dela e seus dedos se espalhavam pelo rosto dela. Cissy não recusava nada do que ele fazia, embora nunca concordasse com palavras; ela não era generosa quando falava. Com as mãos enfiadas nas mangas do seu casaco branco, cruzando os braços para se proteger do frio, ela estava apoiada numa coluna. Simon ainda estava de camisa, por causa das

queimaduras de sol, mas usava seu panamá, a brisa moldando a aba em volta.

a “Gordon Riots” foi o nome pelo qual ficaram conhecidos os protestos anticatólicos ocorridos em Londres em junho de 1780, organizados pelo lorde George Gordon, que resultaram em violentos motins e mais de duas centenas de mortes. Iniciado em 1838, o movimento cartista, que lutava por uma reforma política na Inglaterra e tinha como base o documento intitulado *Carta do povo*, foi responsável por alguns protestos que acabaram em violência. (N. T.)

b Publicado de 1763 a 1944, o *Almanach de Gotha* trazia a genealogia das famílias da realeza e da alta nobreza europeias. (N. T.)

c Escândalo de corrupção ocorrido na década de 20, quando Warren G. Harding estava na presidência, envolvendo a licitação de reservas de petróleo do governo norte-americano. (N. T.)

d “Então isso, então isso é Veneza/ E onde é que a gente estaciona o carro?” (N. T.)

e Condenada pelo assassinato do marido, Ruth Snyder foi executada na cadeira elétrica em janeiro de 1928. Com uma câmara fotográfica oculta presa à perna, o repórter Thomas Howard capturou a imagem do momento exato da execução, na penitenciária de Sing Sing, numa foto que se tornou famosa. (N. T.)≠#

9.

Bem quando a construção da sra. Renling ao meu redor estava quase completa, eu dei no pé. O motivo principal e que precipitou minha decisão foi a proposta que ela fez de me adotar. Eu deveria me tornar Augie Renling, morar com os dois e herdar todo o dinheiro deles. Para ver o que havia por trás disso é preciso mais luz do que eu provavelmente posso fornecer. Mas, em primeiro lugar, o caso era que havia alguma coisa de adotável em mim. Sem dúvida, isso tinha algo a ver com o fato de nós termos sido, de certa forma, adotados por vovó Lausch quando éramos ainda muito pequenos; para agradar e recompensar a quem eu havia tentado me mostrar dócil e grato, um adotando. Se não era realmente tão maleável nem dócil, isso era a carta escondida e a surpresa que eu guardava na manga. Por que os Einhorn, querendo proteger o filho, haviam sentido a necessidade de enfatizar que não tinham intenção de me incluir na família deles? Porque algo a meu respeito sugeria adoção. Por outro lado, também havia algumas pessoas que tinham uma espécie de pendor para a adoção. Algumas talvez desejando completar sua obra terrena. Assim era a sra. Renling, com seu jeito enérgico e atabalhado, e a brancura que vinha da maneira como ela se comprimia ao perseguir seus ferrenhos objetivos. Também ela tinha sua missão na Terra.

Estava aí uma coisa que não dava para descobrir facilmente a respeito da sra. Renling; eu nunca soube qual era seu desejo mais profundo, por causa do seu jeito mal-humorado e da sua língua afiada. Mas ela queria tentar ser

mãe. No entanto, eu me sentia distanciado de todas as intenções dela com relação a mim. Por que eu deveria me tornar uma daquelas pessoas que não sabiam nem mesmo quem elas próprias eram? E a verdade nua e crua era que eu não achava que fosse um destino bom o bastante para mim, porque foi isso que veio à tona claramente quando chegou a hora de eu me alistar. Como filho. Sob outros aspectos eu não tinha nada contra eles; pelo contrário, tinha muito a lhes agradecer. Mesmo assim, não queria ser embutido no mundo da sra. Renling, para consolidar o que ela afirmava ser. E não era só ela, mas toda uma classe de pessoas que acreditam que serão justificadas, que suas ideias se tornarão tão sólidas quanto as sete colinas para se construir em cima e que, espalhando seu poder, terão uma cidade eterna para vingar o dia em que outros fundadores caíram, com tijolos e tábuas, porque não tinham ideias realistas e porque construíram em terreno pantanoso. Isso significa não uma única Torre de Babel tramada em conjunto, mas centenas de milhares de obras iniciadas independentemente, do comprimento e da largura da América. Pessoas enérgicas que constroem contra dores e incertezas, enquanto as mais fracas não fazem senão ter esperanças contra elas. E, até literalmente, a sra. Renling era muito forte e, como não fazia nenhum esforço visível, o desenvolvimento dos seus músculos só podia ser resultado do seu trabalho oculto.

O sr. Renling também estava disposto a me adotar e disse que ficaria feliz de ser meu pai. Eu sabia que isso era muito mais do que ele diria a quem quer que fosse. Do seu ponto de vista, para mim, criado por mulheres pobres, era uma tremenda sorte ser resgatado da corrida de ratos e salvo pelo afeto. Deus pode salvar a todos, mas ser alvo de um resgate humano é para poucos.

Quando contei à sra. Renling que Simon ia se casar e que Cissy era filha de um dono de loja falido, ela começou a fazer os cálculos e a sociologia da coisa para mim. Mostrou o apartamento pequeno e as fraldas penduradas na cozinha, o problema das prestações dos móveis e das roupas

e meu irmão envelhecido aos trinta anos, velho de preocupação e de desânimo, prisioneiro da garota e dos bebês. “Enquanto você aos trinta, Augie, vai estar só começando a pensar em se casar. Vai ter dinheiro, cultura e as mulheres que quiser escolher. Até mesmo uma garota como a Thea Fenchel. Um homem culto com um negócio é um lorde. O Renling é muito inteligente e foi longe, mas com ciência, literatura e história ele teria sido um verdadeiro príncipe e não só medianamente próspero...”

Ela fez pressão no lugar certo quando mencionou os Fenchel. Aquilo abriu uma tentação. Mas era só uma tentação e não era o bastante. Eu não acreditava que Esther Fenchel pudesse me aceitar algum dia. E além disso, embora ainda continuasse apaixonado por ela, eu não a encarava mais da mesma forma que antes. Acreditava cada vez mais no que a irmã dela me dissera. E quando era absolutamente sincero comigo mesmo, eu reconhecia que não tinha a menor chance.

De qualquer forma, a sra. Renling começou a exercer uma afetuosa pressão sobre mim; chamava-me de “filho”, apresentava-me para as pessoas como “o nosso menino”, passava a mão na minha cabeça e assim por diante. E acontece que eu era robusto e sexualmente maduro; quero dizer com isso que não era como fazer carinho no cabelo de um menino de oito anos que acabou de começar a passar brilhantina, e havia outras inferências que podiam ser feitas que não a de que eu fosse um filho.

A hipótese de que eu pudesse não querer ser adotado nunca passou espontaneamente pela cabeça da sra. Renling, e ela ainda pressupôs mais uma coisa, como se fosse algo normal mas que não devesse ser mencionado: que eu, como todo mundo, fosse interesseiro. De modo que, se eu guardava quaisquer objeções no íntimo, elas seriam detalhes menores e eu as manteria em segredo. Ou se acalentava ideias de ajudar meus irmãos e minha mãe, eu as deixaria bem escondidinhas lá no fundo da minha cabeça. Ela nunca tinha visto mamãe nem pretendia vê-la; e quando eu lhe disse em St. Joe que Simon estava vindo, ela não pediu para conhecê-lo. Era um pouco como Moisés e a filha do faraó; só que eu estava

longe de ser um bebê escondido no meio dos juncos. Já tinha família suficiente para o meu gosto e uma história à qual ser fiel, não era como se tivesse sido tirado de dentro de uma despensa.

Então, eu recuei; refutava as indiretas e, quando elas se tornaram ofertas claras, eu as recusei. Disse à sra. Renling: “Eu agradeço muito a sua generosidade, e vocês dois são pessoas formidáveis. Vou ser grato a vocês até o fim da minha vida. Mas eu tenho família, e a verdade é que tenho a sensação...”.

“Seu bobo!”, disse a sra. Renling. “Que família? Que família você tem?”

“Ora, a minha mãe, os meus irmãos.”

“O que é que eles têm a ver com isso? Conversa! Onde é que está o seu pai, me diz!”

Eu não tinha como responder.

“Você nem sabe quem ele é. Augie, não seja idiota. Uma família de verdade é alguém e te oferece alguma coisa. O Renling e eu vamos ser os seus pais porque vamos te dar alguma coisa, o resto é bobagem.”

“Bom, vamos deixar que ele pense no assunto”, disse Renling.

Acho que ele estava meio indisposto naquele dia. Havia um tufo de cabelo fora do lugar atrás da sua cabeça e as alças do seu suspensório estavam aparecendo embaixo do colete, o que indicava que ele estava sofrendo um pouco — de um desespero seu, que nada tinha a ver comigo —, pois normalmente sua aparência era impecável.

“Mas o que é que tem pra pensar!”, bradou a sra. Renling. “Você viu como ele pensa! Pelo visto ele tem que *aprender* a pensar primeiro, se o que ele quer é ser um bronco e trabalhar para os outros a vida inteira. Se eu deixasse, ele já estaria casado com a garçoneira aqui do lado, aquela índia de nariz achatado, e esperando um filho — e dois anos depois já estaria pronto pra enfiar a cabeça no forno. A gente oferece a ele ouro e ele diz não, escolhe a merda!”

Ela continuou por aí adiante, fazendo o diabo para instaurar o terror em mim. Renling ficou perturbado. Não terrivelmente perturbado, mas da

maneira como um pássaro noturno, que sabe tudo sobre a luz do dia, atravessa a claridade em disparada se tiver de atravessá-la, um grande e tosco vulto riscado de marrom, mas só se tiver de atravessá-la, e depois voa em direção à mata densa para voltar à escuridão.

E eu... Eu sempre tinha ouvido mulheres me dizerem que eu não tinha um conhecimento profundo da vida, que não conhecia os estragos, os sofrimentos ou os estupendos êxtases e glórias da vida. Não sendo fraco, nem tendo seios onde os horrores dela pudessem me atingir, mas também não parecendo forte a ponto de ser capaz de vencer a luta com a vida. As outras pessoas me mostravam suas conquistas, seus bens e patentes, indícios do paraíso e do inferno, suas amostras de garimpeiro — muitas vezes em seus rostos, em calombos — e, principalmente as mulheres, me falavam da minha ignorância. Agora a sra. Renling estava me ameaçando, bradando que eu era um filho de tolos, absolutamente certa de que eu seria esmagado no portão, pisoteado na batalha da vida. Pois, segundo ela, eu tinha sido feito para a prosperidade, para levantar de uma boa cama para o conforto de um farto desjejum, para mergulhar meu pão numa gema de ovo e fumar um charuto enquanto tomava café, no sol e no bem-bom, livre da melancolia e de manchas. Era essa a gentil facção do mundo que ela queria para mim e, se eu recusasse minha chance, o que me esperava em vez disso era o abandono e o esquecimento; os perversos se apoderariam de mim. Tentei não rejeitar a verdade que havia no que me foi dito, e eu tinha muito respeito pelo poder das mulheres para saber que havia verdade ali.

Mas pedi um tempo para pensar cuidadosamente no assunto, e poderia ter pensado com muito sucesso, pois o tempo estava propício — os primeiros e melhores dias do outono, um tempo perfeito para jogar futebol americano, frios ásteres amarelos no ar fino, e os sons límpidos dos chutes e do galope dos cavalos na pista de terra.

Tirei uma tarde de folga para consultar Einhorn.

A sorte de Einhorn tinha começado a lhe sorrir de novo e ele havia aberto um novo escritório, mudando-se do salão de sinuca para um

apartamento do outro lado da rua, de onde podia continuar a ficar de olho no salão. A mudança o deixou um pouco cheio de si, e também o fato de que havia uma mulher apaixonada por ele. Aquilo lhe deu uma senhora levantada no ânimo. Vinha editando seu jornal para confinados de novo, no mimeógrafo, e uma de suas leitoras, uma moça aleijada chamada Mildred Stark, tinha caído de amores por ele. Ela já não estava mais na flor da juventude; tinha por volta de trinta anos e era pesada, mas tinha uma cabeça cheia de vitalidade, ainda que um pouco enfraquecida pela batalha contra as adversidades, cabelos e sobrancelhas fortes e pretos. Escrevia respostas em verso para os poemas motivacionais de Einhorn e, por fim, pediu à irmã que a levasse até o escritório, onde fez uma cena e se recusou a ir embora até Einhorn prometer que a deixaria trabalhar para ele. Não pediu salário algum, apenas que ele a salvasse do tédio de ficar em casa. O problema de Mildred era em seus pés, e ela usava sapatos ortopédicos. Eles faziam com que ela se locomovesse devagar e, como mais tarde tive a chance de descobrir, Mildred era alguém para quem os impulsos vinham rápido e com força, e esses impulsos se deparavam com materiais isolantes e eram devolvidos à sua origem, ficando acumulados dentro dela até sua cara escurecer. Na sua pessoa, como eu disse, ela era pesada, seus olhos eram pretos e sua pele, mal iluminada. Passar de menina aleijada a mulher aleijada, no seio da família, dentro de casa, tamanha asfixia e agrura — era nisso que dava, escureza, taciturnidade, mágoa encruada. Não ter o que é preciso para botar uma cara satisfeita, e não insatisfeita, na janela.

Mas Mildred não aceitava se deitar e esperar a morte, embora nunca tenha se curado da aparência de quase meia-idade, escura e ressentida, como uma mulher forçada a não sair do lugar, ou que perdeu a chance de ter filhos, ou que foi passada para trás. Era uma coisa que não dava para apagar, embora tenha sido aplacada pelo seu amor por Einhorn, que permitia que ela o amasse. No início, Mildred vinha apenas duas ou três vezes por semana para datilografar algumas cartas para ele, mas acabou por se tornar sua secretária em tempo integral, além de outras coisas — sua

criada e confidente. Alguém que podia dizer, literal e bíblicamente: “Tua serva”. Empurrando a cadeira de rodinhas de Einhorn, Mildred precisava se apoiar nela para andar, coxeando e arrastando o pé. E ele lá sentado, satisfeito, bem servido. Parecia severo e até impaciente, mas na verdade era exatamente o oposto. O espírito em que o encontrei era o do galo Chantecler, pelo qual me refiro a agudeza masculina, argúcia, musculatura rija e sangue na crista, movimentos bruscos, porte exibido, orgulhoso e radiante, com exuberante e macia plumagem.

Ah, mas há outros fatos que também precisam ser considerados, depois dessa comparação. É uma pena, mas é assim. A humanidade não tem essa simplicidade — não é como a linha única que um graveto traça na terra, mas como o rastro de um grande arado de incontáveis discos. Seu espírito estava aguçado, mas há que se mencionar sua cor macilenta, cinza e desbotada pela idade; e ainda a feiúra do apartamento novo; a monotonia de certas horas, a secura dos dias, o aspecto desolado e gasto de tudo; mencionar que a rua estava deserta, sombria, sem vida, ruim; e que havia ideias de negócios e rebentos malformados de projetos, terríveis, ameaçadores, salpicados de ruídos e notícias, pintados e malhados de mentiras, tanto úteis quanto gratuitas.

Para Tillie Einhorn, pelo menos ao que parecia, Mildred era aceitável. A força de Einhorn sobre Tillie era tanta que achar que ele estava errado era uma operação complexa demais para ela. Além disso, é preciso levar em conta certas circunstâncias que agem nas pessoas como uma forma de sapateiro age num sapato; para Tillie, essa forma de sapateiro eram as necessidades especiais que Einhorn tinha por ser aleijado. Ela estava acostumada a fazer concessões.

Bem, era essa a situação de Einhorn quando cheguei para lhe pedir conselho; encontrei-o ocupado demais para me dar atenção. Enquanto eu falava, ele a toda hora olhava para a rua, depois pediu que eu o empurrasse até o banheiro, o que fiz, sobre as rodinhas rangentes que, como sempre, estavam precisando de óleo. Tudo que ele me respondeu foi: “Bom, é uma

coisa bastante incomum. É uma oferta e tanto. Você nasceu com a bunda pra lua”. Mas não chegou a refletir realmente sobre o assunto, achando que eu estava apenas lhe dando a notícia de que os Renling queriam me adotar, não que eu estava pensando em recusar. Naturalmente, estava envolvido com suas próprias preocupações. E se eu queria um exemplo de como alguém se ligava a uma família e depois acabava entrando para ela, bastava olhar para Mildred Stark.

Terminei aquela tarde no centro da cidade e, quando estava comendo um sanduíche de fígado no Elfman's e vendo músicos desempregados tocarem na esquina da Dearborn, vi passar um sujeito chamado Clarence Ruber e bati com meu anel no vidro da vitrine para chamar sua atenção, até que ele me viu e entrou para conversar. Eu conhecia Ruber do Crane College, onde ele gerenciava uma banca de apostas de beisebol no Enark Café; era um camarada quieto e desbocado, macio no rosto, gordo no traseiro, com uma lustrosa franja assíria na testa e um estilo de roupa mole no peito, camisa de seda, gravata de seda amarela e calça de flanela cinza. Olhando para mim de alto a baixo, ele viu que eu também estava bem de vida, em contraste com os músicos atingidos pela Depressão e com os outros fregueses do restaurante, e nós trocamos informações. Ele havia aberto uma pequena loja no South Shore, em sociedade com a viúva de um primo, que tinha um dinheirinho. Vendiam luminárias, quadros, vasos, panos para piano, cinzeiros e outros bricabraques desse tipo, e, como antes do *crash* o primo e a esposa tinham sido decoradores de interiores, tendo grandes hotéis como clientes, eles estavam se saindo bem. “Esse negócio dá dinheiro. É um daqueles ramos em que as pessoas pagam pra ser tratadas de uma determinada maneira. Você vende deslumbramento. Porque, se elas soubessem, poderiam comprar boa parte dessas porcarias em qualquer loja de departamentos, só que elas não conseguem confiar no próprio gosto. É um ramo de mulher”, disse ele, “e você tem que saber como agradar os clientes.” Eu perguntei o que ele estava fazendo ali no meio dos músicos. “Músicos uma ova”, retrucou. Ele tinha ido ao

Burnham Building para se encontrar com um homem que havia inventado uma tinta emborrachada para banheiros, um produto à prova d'água que, com os contatos que a viúva do primo tinha em hotéis, ia fazê-lo ganhar uma fortuna. A tinta impedia que as paredes apodrecessem; a água não estragava o reboco. O inventor tinha acabado de entrar em fase de produção. O próprio Ruber ia para a rua vender o produto, pois havia muito dinheiro envolvido. Portanto, ele continuou, eles iriam precisar de um homem para substituí-lo na loja. E como eu tinha experiência em lidar com clientes ricos, com uma clientela refinada, era o homem perfeito para a substituição. “Eu não quero mais merda de parente nenhum por perto; eles me enchem a paciência. Então, se você estiver interessado, passa lá na loja e dá uma olhada no ambiente. Se você gostar, a gente conversa sobre as condições.”

Considerando que eu não poderia continuar com os Renling a menos que me tornasse filho adotivo deles — o que àquela altura eu já havia concluído que iria me sufocar —, uma vez que não haveria outro arranjo possível depois que eu tivesse recusado a oferta dos dois, aceitei a proposta de Ruber. Inventei uma história para contar a Renling sobre uma maravilhosa e imperdível oportunidade de negócio com um antigo colega de faculdade e fui-me embora de Evanston numa corrente de ar frio — a sra. Renling gélida de raiva comigo e Renling me desejando uma fria boa sorte, mas dizendo mesmo assim que eu o procurasse se algum dia precisasse de ajuda.

Aluguei um quarto no South Side, numa pensão na Blackstone Avenue, quatro lances de escada acima do térreo, três deles forrados com um tapete vermelho vagabundo e um de madeira fibrosa, lá em cima, no meio da poeira incômoda, ao lado do banheiro. Ali, eu não estava muito longe da Casa de Repouso Nelson, e como era domingo de manhã quando me mudei e eu tinha tempo, resolvi fazer uma visita a vovó Lausch. Àquela altura, ela já estava, aos meus olhos, quase igual a todo mundo que morava naquele lugar, tendo perdido sua característica independência e estando

enfraquecida, aparvalhada, precisando olhar ao redor à procura das suas antigas qualidades quando me cumprimentou, como se as tivesse deixado em algum lugar e esquecido onde. Também não parecia se lembrar quais ressentimentos guardava contra mim e, quando nos sentamos juntos num banco da sala, entre alguns velhinhos silenciosos, ela me perguntou: “E como vai o... *jener*, o idiota?”. Ela tinha esquecido o nome de Georgie, e aquilo me horrorizou; sim, aquilo fez minha cabeça rodar, até que me lembrei de pensar como havia sido pequena a parte da sua vida que ela passara conosco comparada a tudo que tinha vivido e quantos braços de água parada não deveriam existir nas laterais de um velho canal varicoso. E da mesma forma que há uma força ou uma teimosia nas pessoas que não quer que o fato fundamental a respeito delas seja dito, também há uma hora em que esse fato ou verdade não pode mais ajudar em nada — o que ele pode fazer para a ruína de uma velha senhora? —, mas aparece como uma mancha nos olhos, cobrindo velhas expressões. De que podia servir esse fato tão perto da morte? A não ser como um benefício para quem o testemunhasse, já que nós criaturas humanas temos muitas razões para crer que tem de existir alguma vantagem ou lucro para alguém em tudo, mesmo nas piores lamas, refugos e resíduos tóxicos; e um dos encantos da medicina ou da indústria química é que existem infinitas utilidades para a escória, a escumalha, os ossos e o esterco. Mas na realidade nós estamos muito longe de conseguir lucrar com tudo. E, além disso, até mesmo uma verdade pode ficar fria de solidão e confinamento solitário, e não vive muito fora da Bastilha; se a salvadora multidão republicana é o poder da morte, ela não vive absolutamente nada. Assim era com vovó Lausch, que tinha só mais alguns poucos meses de vida pela frente. Cujo vestido preto de Odessa estava engordurado e esbranquiçado; que olhou para mim com um olhar embasbacado de gata velha; que talvez não soubesse muito bem quem eu era; que carregava essa sombra de fato original, do que mais havia importado para ela, como um desvio no olho; que estava fraca, talvez até infantil e gagá. Justo ela, que sempre tínhamos achado tão forte e à prova

de choques! Aquilo realmente mexeu comigo. No entanto, também achei que ela se lembrava, sim, de quem eu era e que aquela velha consciência não estava perdida, mas só vagarosa, como uma vitrola que gira numa rotação lenta demais. Achei até que ela tinha gostado da visita e disse que agora eu era vizinho dela e que voltaria outro dia para vê-la de novo. Mas não pude voltar e, naquele mesmo inverno, ela morreu de pneumonia.

No meu novo emprego, fui rebaixado logo de cara. A viúva do primo de Ruber era uma mulher insatisfeita e não confiava muito em mim. Essa senhora — que usava seu casaco de pele à moda de um manto na loja, com um chapéu da mesma criatura como uma coroa de espinhos, um rosto sempre consciente das suas imperfeições e sofrendo por elas, pele ruim e lábios minguados — tinha problemas estomacais e um pé bem fincado no mau gênio. Ela tolhia meu estilo, o estilo aprendido com o que, a meu ver, eram clientes inclusive de mais classe, e não deixava que eu chegasse perto de fregueses importantes. E, no escritório, trancava as gavetas; não queria que eu soubesse os preços das coisas. O que ela queria era me confinar ao trabalho nos fundos da loja, empacotando, embrulhando, emoldurando quadros e passando celofane em quebra-luzes. De maneira que, de tanto ser mantido na retaguarda ou do lado de fora, indo buscar encomendas em fabriquetas e olarias diversas na área em torno da Wabash Avenue, eu logo percebi que ela estava me empurrando porta afora. Então, assim que a tinta emborrachada começou a ser produzida, virei um representante de vendas do produto, como acho que também era a intenção de Ruber desde o início. Ele disse que a loja não precisava realmente de mim, já que eu parecia satisfeito em ser o garoto de encomendas e não demonstrava muito interesse pelo negócio. “Eu pensei que você fosse ter ideias, não se contentar em só receber o seu salário, mas não é assim que tem sido”, falou.

“Bom, a senhora Ruber tem ideias diferentes sobre mim”, respondi.

“Claro”, disse Ruber, “eu percebi que ela tem tentado te botar pra escanteio. Mas a questão é por que você deixa.”

Então, ele parou de me pagar salário e me botou em sistema de comissão. Não vi outro jeito senão aceitar, e lá fui eu para a rua, com uma lata de tinta na mão, pegando bondes e trens rumo a hotéis, hospitais e outros estabelecimentos, tentando conseguir pedidos. Foi um fiasco. Eu não conseguia vender nada, o dinheiro andava curtíssimo e eu estava lidando com um tipo singular de gente. Recebi indicações da sra. Ruber sobre quem procurar em hotéis, onde ela dizia ser mais conhecida do que era de fato (ou os gerentes não queriam admitir que a conheciam até saberem o que eu queria com eles); e não era um tipo de gente que você conseguisse encurralar com facilidade, nas escadas e cômodos de serviço dos estabelecimentos cor de creme às margens do lago, decorados para pontífices, cheios de mármore nobres e empregados uniformizados. Além disso, muitos hotéis tinham contratos com firmas de pintura ou arranjos envolvendo suborno; vários deles estavam sendo controlados por síndicos, nomeados pelos tribunais, já que as empresas originais tinham falido; e os próprios síndicos estavam interessados nas concessões de serviços de seguro, bombeiro, bufê, decoração, bar e no resto desse sistema interligado. Quando um gerente mandava que eu procurasse a firma de pintura, era o mesmo que me mandar passear. Aqueles sujeitos não estavam interessados em conhecer minha tinta emborrachada. Fiquei aguardando ser atendido por um número suficiente deles em salas de espera, um lugar que não posso dizer que inspire os melhores pensamentos, e logo isso ficou claro.

Era pleno inverno agora, e o frio e a umidade estavam de matar; de modo que rodar pela cidade nos bondes aracnianos, em viagens que duravam horas, deixava qualquer um apalermado feito um gato ao pé do fogão, por causa do aperto lá dentro. E havia alguma coisa embriagante também na massa empilhada de coisas uniformes, na semelhança de pequenas peças, no tipo das colunas de jornal e nos tijolos dos edifícios. Sentar e ser transportado sobre rodas, enquanto vê: você corre o risco de ficar feito um carretel de uma linha sem fim ou um rolo de tecido vendido a metro; principalmente se não há mesmo muito propósito na viagem. E se

está batendo um pouco de sol nas marcas empoeiradas das lágrimas da janela, isso pode ser ainda pior para o cérebro que aquelas nuvens de chumbo, pura e simplesmente brutais e não mitigadas. Nunca existiram civilizações sem cidades. Mas e cidades sem civilização? Seria uma coisa inumana, se fosse possível, tanta gente viver junta sem gerar nada uma na outra. Não, mas não é possível, e a desolação gera seu próprio fogo, e então isso nunca acontece.

Eu fiz, sim, algumas vendas. Karas, o primo da mulher de Einhorn, através da Holloway Enterprises, resolveu me dar uma colher de chá e comprou alguns galões para experimentar a tinta num pequeno hotel de camas encardidas na Van Buren Street, quase um abrigo de mendigos, perto da estação de trem, e depois disse que nunca a usaria em nenhum de seus estabelecimentos melhores porque, com a calefação e a umidade do chuveiro, ela soltava um cheiro horroroso de borracha. Vendi também para um médico que era chapa de Ruber, um aborteiro; ele estava reformando o consultório e fez um pedido comigo; e aí Ruber tentou me afanar a comissão; ele não precisava de mim, disse, para fazer aquela venda. Eu teria pedido as contas na mesma hora se já não tivesse ficado tão familiarizado, àquela altura, com a seção de “procura-se emprego” do *Tribune*. Eu não estava mais ganhando o suficiente para contribuir com nada para o sustento de mamãe, mas pelo menos estava pagando minhas despesas e não precisava que Simon me sustentasse. Claro que ele ficou furibundo por eu ter saído da loja de Renling. Como é que ele ia poder se casar tendo de sustentar a mamãe sozinho? Eu disse: “Você e a Cissy podem ir morar com ela”. Mas ele fez uma cara azeda, e eu entendi que Cissy não estava disposta a aceitar nada disso, nem o apartamento velho nem ter de cuidar de mamãe. “Bom, Simon, você sabe que eu não quero ser um fardo pra você e que vou tentar fazer o máximo possível”, eu disse. Estávamos tomando café no Raklio’s; minha lata de tinta estava em cima da mesa e minhas luvas, em cima da lata. Com as costuras abertas, as luvas mostravam bem como eu havia deixado a prosperidade me escapar das

mãos. E eu estava ficando sujo, para um vendedor, para cuja aparência existem leis que supostamente garantem uma certa firmeza de personalidade. Eu tinha caído abaixo do padrão, não tendo dinheiro para gastar com lavanderia e consertos, nem estando com cabeça para pensar no assunto.

Estava vivendo em condições cada vez mais precárias e aprendendo algumas lições de desabrigado. A calefação não chegava até lá em cima, onde ficava meu quarto, e eu dormia de casaco e de meias nos pés. De manhã, descia para o balcão de lanches da farmácia para me esquentar com uma xícara de café e traçar minha rota do dia. Carregava minha lâmina de barbear no bolso e fazia a barba no centro, com a água quente, o sabão líquido e as toalhas de papel grátis de banheiros públicos; comia em cafeterias da YMCA ou em lanchonetes baratas e saía sem pagar a conta sempre que podia. Vigoroso às nove da manhã, minhas esperanças acabavam por volta de meio-dia, e uma das minhas agruras era que eu não tinha um lugar para descansar. Podia tentar passar a tarde no escritório novo de Einhorn; ele estava acostumado a ter pessoas sentadas no banco, do lado de fora da balaustrada, que não tinham nenhuma tarefa especial. Mas eu, que já trabalhara para ele, tinha de estar fazendo alguma coisa, e Einhorn me mandaria para a rua cuidar de algum serviço seu. De forma que era melhor ficar logo na rua por conta própria, uma vez que eu já estava no bonde. Além disso, eu tinha uma obrigação com Simon que não me deixava ficar à toa, muito embora simplesmente andar de um lado para o outro não adiantasse de nada. Não era só eu que não podia ficar parado; havia um movimento generalizado, como de pessoas sendo enxotadas de cantos e abrigos para o céu aberto, para lugares que eram inóspitos ou inúteis para elas. À exemplo do Filho do Homem, que não tinha onde encostar a cabeça; ou que pertencia ao mundo em geral; sendo que a compreensão iluminada dessa condição estava ausente, já que ninguém fazia muita ideia do que estava se passando na face da Terra. Eu, com minha lata de tinta, fazia tão pouca ideia quanto todo mundo. E, uma vez

que eu estava em movimento, bondes não eram suficientes, nem Chicago era grande o bastante para me conter.

Saindo de uma estação de trem um dia, quando a neve estava derretendo, no finzinho do inverno, topei com Joe Gorman, a quem eu não via desde a época do roubo. Ele estava usando um bom casaco, azul e de feitio estreito, e um chapéu de feltro que parecia recém-saído da forma, a copa sulcada pelos dedos feito um pão macio. Estava comprando revistas, escolhendo-as entre a parede de revistas que cercava a banca. Tinha o queixo erguido e parecia corado e bem-disposto, beneficiado por um bom café da manhã e pela manhã fria — embora fosse mais condizente com seu estilo de vida imaginar que estivesse saindo de uma noitada de pôquer. Passando uma vista-d’olhos em mim, com minha lata de amostra de tinta, ficou claro para ele que eu estava na pior. Eu tinha a cara de alguém fundamentalmente derrotado.

“Que ramo é esse em que você está?”, Joe me perguntou e, quando expliquei, ele disse, mas não num tom triunfante: “Otário!”. Ele obviamente tinha razão, e não me empenhei muito em me defender. “É uma maneira de conhecer gente”, respondi, “e alguma coisa pode acabar se abrindo no meu caminho mais dia, menos dia.”

“É, um buraco bem fundo”, disse. “E mesmo que você conheça gente — você acha que alguém vai fazer alguma coisa por você só porque você é um garoto bonito? Que alguém vai te dar uma grande oportunidade de mão beijada? Hoje em dia as pessoas cuidam primeiro dos parentes. E o que é que você tem em termos de parente?”

Eu não tinha muito. Cinco Propriedades ainda continuava trabalhando com o caminhão de leite, mas não me passava pela cabeça pedir emprego para ele. Coblin tinha perdido tudo no *crash*, menos sua rota de entrega de jornal. E, de qualquer forma, eu mal tinha visto os dois desde o enterro do Comissário.

“Vem comigo que eu te pago uma fatia de torta com queijo”, ele disse, e entramos num restaurante.

“E você, como tem passado?”, perguntei, pois não queria perguntar explicitamente; era falta de educação. “Tem visto o Bulba?”

“Aquele imbecil? Eu não. Ele não tem nenhuma utilidade pra mim. Ele está numa organização agora; é capanga de um sindicato. É só pra isso que ele serve, pra descer o cacete. Além do mais, nisso que eu estou fazendo agora, eu não preciso de ninguém como ele. Mas eu poderia arranjar alguma coisa pra você, se você quisesse ganhar uma grana rápida.”

“É arriscado?”

“Não tem nada parecido com aquilo que te preocupou da última vez. Eu mesmo não quero mais saber daquele tipo de coisa. Não é legal, o que eu estou fazendo, mas é bem mais fácil e mais seguro. E o que você acha que pode dar uma grana tão rápida?”

“Não sei. O que é?”

“Trazer imigrantes da fronteira com o Canadá, ali na altura de Rouse’s Point, até Massena Springs, em Nova York.”

“Não”, eu disse, não tendo esquecido minha conversa com Einhorn. “Não posso fazer isso.”

“Não é nada de mais.”

“E se você for pego?”

“E se eu for pego? E se eu não for pego?”, disse com humor mordaz, fazendo troça de mim. “Você quer que eu saia por aí mascateando tinta? Prefiro ficar quieto, que nem o piloto de gás; e eu não posso ficar parado, senão fico maluco.”

“Isso é crime federal.”

“Você não precisa me dizer o que isso é. Eu só fiz essa proposta porque você parece estar precisando de uma oportunidade. Eu faço essa viagem duas ou três vezes por mês e estou ficando cansado de dirigir o tempo inteiro. Então se você quiser ir junto e revezar comigo no volante até Massena Springs, eu pago cinquenta dólares e mais as suas despesas. E aí, depois, se você decidir fazer também o resto da viagem, eu subo pra cem.

Ainda dá tempo de pensar no assunto no caminho, e a gente volta em três dias.”

Aceitei sua maneira de encarar as coisas e considereei a proposta uma oportunidade. Cinquenta dólares, limpos, iriam aliviar um bocado meu sentimento de culpa com relação a Simon. Eu já não aguentava mais tentar vender a tinta emborrachada e a minha ideia era que, com um dinheirinho no bolso para aguentar as pontas, eu poderia passar uma ou duas semanas procurando outra coisa, quem sabe arquitetar um jeito de voltar para a faculdade, pois eu ainda não tinha desistido completamente da ideia de estudar. Foi por tudo isso que decidi, com a metade superficial da minha consciência, aceitar a proposta; com a outra, a lá do fundo, eu queria escapar um pouco da pressão, sair da cidade por um tempo. Quanto aos imigrantes, o que pensei sobre eles foi: que diabo, por que é que eles não podem ficar aqui com o resto de nós se quiserem? Aqui tem o suficiente para todo mundo de tudo, inclusive penúria.

Dei a tinta para Tillie Einhorn, para ela decorar o banheiro, e de manhã cedo Joe Gorman veio me pegar num Buick preto; era um carro envenenado, eu percebi logo no primeiro instante, pela energia infernal que não dá tempo nem para você pensar. Eu ainda não estava nem acomodado direito no banco, com minha camisa reserva embrulhada num jornal no banco de trás e meu casaco ajeitado debaixo do traseiro, e nós já estávamos no final do South Side, passando pelos pátios da Carnegie Steel Company; depois passamos pelas dunas, que pareciam montes de enxofre; entramos e saímos da Gary com dois giros e pegamos a estrada para Toledo, onde a velocidade aumentou e a boca do motor abriu feito a boca do inferno, sem resfolegar, mas livre para fazer o que tinha sido criada para fazer.

Esguio, pressionando o volante com nervosismo, o nariz comprido de perfil irregular, a cor subindo rápido pelo seu rosto e atravessando a rua estreita da sua testa, Gorman parecia um jóquei em seu sentimento pelo carro. Dava para perceber o prazer que ele sentia em encontrar o que

precisava para distrair seus nervos. Saindo de Toledo, eu fui para trás do volante e, de vez em quando, o via olhando de esguelha para mim com uma expressão sardônica no seu rosto fino, um olho preto e comprido fazendo uma nova avaliação de mim do meio da sua olheira descorada, causada pelo cansaço ou pela ansiedade de um ânimo inquieto. E, então, Gorman disse — pareciam ser as primeiras palavras que dirigia a mim, embora não fossem literalmente as primeiras — “Pisa firme nisso aí!”.

Eu me desculpei, dizendo que ainda não tinha pegado a manha do carro, e obedeci. Mas ele não gostou da minha maneira de dirigir, principalmente da minha hesitação em ultrapassar caminhões na serra, e me tirou do volante quando ainda estávamos a uma boa distância de Cleveland.

Era início de abril e as tardes eram curtas, de forma que já estava escurecendo quando chegamos a Lackawanna. Alguns quilômetros depois, paramos para abastecer, e Gorman me deu dinheiro para comprar hambúrgueres na lanchonete ao lado do posto. Lá, fui ao banheiro primeiro e, da janela, vi um guarda da polícia estadual, de motocicleta, parado perto da bomba de gasolina, examinando o carro, e nenhum sinal de Gorman. Entrei de mansinho na imunda sala lateral, espiei para dentro da cozinha, onde um velho negro lavava pratos, passei atrás dele sem ser notado, depois por cima de um saco de cereais que estava no vão da porta, saí para o pátio que ficava entre a lanchonete e o posto e vi Gorman correndo ao longo da parede da garagem, em disparada, na direção da borda de árvores e arbustos onde começavam os campos de plantação. Corri paralelamente a ele, estando cerca de dez metros à sua frente, e parei para esperá-lo atrás dessas árvores. E quase aconteceu uma desgraça antes que ele me reconhecesse, pois Gorman estava com uma pistola na mão — a arma que Einhorn havia me advertido que ele tinha. Pus a mão no cano e empurrei a pistola para o lado.

“Pra que você puxou isso?”

“Tira a mão ou eu te dou uma coronhada!”

“O que foi que deu em você? Por que é que você está fugindo da polícia? É só por causa do excesso de velocidade.”

“O carro é roubado. Excesso de velocidade uma ova!”

“Eu pensei que o carro fosse seu!”

“Não, é roubado.”

Ouvimos o barulho da motocicleta no pátio e começamos a correr de novo, pelas plantações adentro. Era campo aberto, mas não dava para enxergar direito no lusco-fusco do anoitecer. O policial veio até a beira das árvores e ficou olhando, mas não entrou na plantação. Sorte nossa, porque Gorman estava com a pistola apontada para ele, usando um montinho de terra como apoio, e era caubói o bastante para atirar, de forma que senti um gosto de vômito na goela, de pânico. Mas o policial deu meia-volta, virando o raio do seu farol na direção dos arbustos, e nós saímos correndo pela plantação até chegar a uma ladeira de terra bem distante da estrada. Aquele lugar, com certeza, tinha um demônio; era azul, a terra cheia de protuberâncias, fedia a óleo e havia máquinas fumegando no escuro, não muito atrás de nós, em direção ao céu, das chaminés de Lackawanna.

“Você não ia atirar, ia?”, perguntei. Ele estava enfiando a mão dentro da manga da camisa com um ombro levantado, quase como uma mulher puxando para cima uma alça de sutiã. Guardou a arma. Cada um de nós, imagino, estava pensando a seu próprio modo que nós dois não combinávamos — eu por causa da vaidade dele em ser tão impulsivamente perigoso, e ele, com desprezo, que eu devia ter merda no sangue, ou alguma outra ofensa de salão de sinuca equivalente.

“Por que você correu?”, perguntou.

“Porque eu vi você correndo.”

“Porque você ficou apavorado.”

“Também.”

“O sujeito que estava na garagem notou que nós éramos dois?”

“Deve ter notado. E, se não notou, alguém na lanchonete deve estar se perguntando pra onde eu fui.”

“Então é melhor a gente se separar. A gente não está longe de Buffalo. Eu pego você lá amanhã às nove horas, em frente ao correio principal.”

“Me pega?”

“De carro. Até lá eu já vou ter arranjado um. Você tem os dez dólares que eu te dei pra comprar os hambúrgueres — isso já dá pra você se virar até amanhã. Deve haver algum ônibus que passe aqui e vá pra cidade. Você sobe a ladeira e pega o ônibus lá. Eu vou descer. Deixa pra pegar só o segundo ou o terceiro ônibus que passar, assim a gente não corre o risco de pegar o mesmo.”

Nós nos separamos, e eu me senti mais seguro sem ele.

Fino, alto, reto nos ângulos dos ombros, do chapéu e das feições, ele parecia, enquanto me observava começar a subir a ladeira, um especialista urbano naquele desconhecido terreno interurbano. Depois, virou-se para se pôr a caminho também, descendo a ladeira com as pernas um pouco dobradas, rápido, deslizando nas pedras.

Andei uma distância considerável ladeira acima até encontrar a primeira transversal para voltar à estrada. A luz de um farol iluminou um celeiro e veio vindo na minha direção depois de dobrar uma curva, fazendo com que eu me abaixasse. Era um carro de patrulha da polícia estadual, e o que ele poderia estar fazendo numa ruela transversal como aquela senão procurando por nós? Gorman provavelmente não tinha se dado ao trabalho nem de trocar as placas do carro. Saí da ruela transversal e me enfiei de novo nos campos de plantação, decidindo que ia tomar o caminho mais curto de volta para Lackawanna e que não ia mais me encontrar com Gorman em Buffalo. Ele estava inspirado demais para o meu gosto e aqueles seus atos de banditismo não tinham sido ideia minha; portanto, por que eu deveria ficar chafurdando na lama à espera de que ele cometesse um crime inconsequente e acabasse me fazendo ser condenado a uma pena das grossas como cúmplice? Quando me separei dele para subir a ladeira, eu já tinha começado a pensar sobre isso e já estava, na verdade, iniciando a viagem de volta para Chicago.

Comecei a correr pelo meio da plantação porque estava cansado de andar pé ante pé, com medo de ser visto, e fui dar num trecho da estrada que ficava perto da cidade, próximo à margem do lago Erie. Lá me deparei com uma multidão, enfileirada em carros velhos, com faixas e cartazes, bloqueando o tráfego. Acho que era uma organização de desempregados, muitos veteranos, usando quepes da Legião Americana; eu estava congelado demais no ar frio e brutal da noite para conseguir entender direito. Mas eles estavam se reunindo para fazer uma passeata em Albany ou em Washington, para pedir um aumento do auxílio desemprego, e começando a se deslocar para se encontrar com o contingente de Buffalo. Eu me aproximei devagar e vi que havia mais policiais estaduais ao redor, que tentavam manter o tráfego fluindo, e também policiais municipais, e achei que seria mais seguro me misturar à multidão do que tentar seguir na contramão rumo à cidade. À luz dos postes, pude ver quanta lama ficara agarrada às minhas roupas, ainda úmida demais para que eu pudesse espaná-la. Havia tanta gritaria e roncões de motores velhos, manobrando para formar uma fila, que fui parar na caçamba de um calhambeque e, ajudando um homem a instalar tábuas para servirem de bancos e a estender uma lona no topo, acabei me integrando ao seu grupo, já que não dava para enxergar a cara de ninguém no escuro. E agora, embora muito perto de Lackawanna, eu estava prestes a seguir viagem para Buffalo assim mesmo. Poderia ter voltado para os campos e contornado a multidão para chegar à cidade, mas calculei que, com a aparência que eu estava, a polícia poderia me pegar.

Quando amarrava a lona atrás da boleia do caminhão, percebi que a multidão estava sendo lentamente forçada a recuar e, pelo raio de luz que lambia as pessoas para cima e para baixo, amarelo e vermelho, concluí que um carro de patrulha devia estar forçando passagem e, então, vi o olho da sirene girando suavemente em cima da capota. Virei em cima do estribo para olhar para o carro de patrulha e vi meu temor se confirmar: Joe Gorman estava sentado no banco traseiro entre dois policiais, com fios de

sangue no queixo mostrando que ele provavelmente tentara lutar com os guardas e que eles haviam rachado seu lábio, cumprindo seu trabalho de policiais. Era o que ele vinha tentando conseguir, e conseguiu, e não parecia atordoado mas sim completamente desperto — o que pode ter sido só impressão, da mesma forma que o vermelho do sangue me pareceu preto. Vê-lo naquela situação me deixou profundamente deprimido.

O carro de patrulha passou e então nós partimos no caminhão, num sacolejo lento, algo em torno de vinte homens espremidos coxa com coxa atrás do rugido aberto e negro do motor. Fazia um tempo medonho; chuva, logo de início, e o vento soprando a umidade fria para dentro, o que fazia um ser humano soltar fumaça feito uma chaleira e, enquanto éramos chacoalhados e achatados nas protuberâncias da estrada, eu pensava na desgraça de Joe Gorman ter sido encontrado, em como os policiais teriam conseguido capturá-lo e se ele teria tido a chance de puxar sua arma. Atrás da lona, não pude ver o posto de gasolina, nem se o carro que tínhamos abandonado ainda estava lá, nem coisa alguma. Até o caminhão chegar à cidade, não vi absolutamente nada.

Saltei da caçamba do caminhão no meio da cidade e fui para um hotel, onde cometi a burrice de não perguntar o preço antes de me hospedar; mas estava mais preocupado em não deixar que o recepcionista percebesse o quanto eu estava sujo e entrei com meu casaco pendurado no braço. Além disso, estava tão chateado com o que tinha acontecido com Joe Gorman que não conseguia raciocinar direito. Então, depois que eles me surrupiaram dois dólares de manhã, ou mais ou menos o dobro do preço que um pulgueiro daqueles deveria custar, e que paguei um café da manhã reforçado, que senti que precisava tomar, não sobrou mais dinheiro suficiente para comprar uma passagem de ônibus para Chicago. Telegrafei para Simon pedindo que ele me mandasse dinheiro e depois fui ver o movimento na rua principal. Resolvi fazer a excursão até Niagara Falls, de onde ninguém parecia querer chegar perto naquele dia a não ser alguns poucos gatos pingados parados diante da explosão da água, como os

primeiros pardais que chegam à praça de Notre-Dame antes de a catedral abrir as portas; e então, no bruto e triste nevoeiro, você se dava conta de que um dia aquele frio de enxofre não tinha paralisado tudo, e lá estava a catedral para provar.

Fiquei andando ao longo da cerca que circundava os rochedos pretos e gotejantes, até que começou a chuveirar de novo e eu decidi voltar ao telégrafo para ver se a resposta de Simon já tinha chegado. Até o final da tarde, perdi a conta de quantas vezes voltei lá para perguntar; por fim, a moça do balcão já não aguentava mais me ver, e tive de reconhecer que só me restavam duas opções: passar mais uma noite em Buffalo ou pôr o pé na estrada. E eu estava grogue das encenclas em que havia me metido, grogue de tanto correr e fugir, de ver Gorman atravessar a multidão dentro do carro de patrulha, de assistir depois ao magnífico despejo das águas de Niagara e também de sacolejar nos bondes de Buffalo, comendo amendoim e pão seco, meu intestino feito uma rolha de borracha, e a cidade inóspita e molhada — porque, se não estivesse tão atordoado, teria me dado conta mais rápido de que Simon não ia mandar dinheiro nenhum. Mas acabei percebendo, de repente, que era isso que ia acontecer. Talvez Simon nem mesmo tivesse o dinheiro para me dar, já que estávamos ainda tão perto do primeiro dia do mês, quando o aluguel tinha de ser pago.

Pensando nisso, disse à moça do telégrafo para deixar para lá; eu estava saindo da cidade.

Para não correr o risco de ser preso na estrada do norte do estado de Nova York, peguei um ônibus com destino a Erie na rodoviária e, naquela mesma noite, cheguei ao extremo do estado da Pensilvânia. Descer em Erie não me deu a sensação de estar chegando a algum lugar, a um lugar que tivesse uma existência própria, mas sim a um espaço que esperava que outros lhe dessem vida por estar situado entre eles; seu alento era ralo, mal se materializava, à espera.

O quarto que encontrei ficava num hotel alto, de madeira, uma espécie de esqueleto de edifício, com mais ripas que emboço, buracos de queimadura de cigarro na coberta, rasgos no lençol que se abriam para o colchão e suas muitas manchas. Mas eu não estava me importando muito com o lugar; ligar para isso só me traria aborrecimento; então, tirei os sapatos e me enfiei na cama. Pelo barulho, parecia que um vendaval estava passando pelo lago naquela noite.

No entanto, estava uma manhã serena e quente quando fui para a estrada começar a pedir carona. Eu não era o único; havia um grande número de pessoas pelas estradas. Algumas viajavam aos pares, mas a maioria andava sozinha, pois era mais fácil conseguir carona quando se estava sozinho. Um grupo do CCC^a drenava pântanos e plantava árvores a distância e, na estrada, havia uma população errante sem nenhuma Jerusalém ou Kiev especial em mira, sem relíquias para beijar ou qualquer pretensão de purgar pecados, mas apenas a esperança de encontrar melhores oportunidades na cidade seguinte. Com toda essa concorrência, era difícil conseguir carona. As aparências também estavam contra mim, pois as roupas de Renling, embora elegantes, estavam imundas. E, na minha pressa de me afastar do trecho de estrada próximo de Lackawanna onde Joe Gorman havia sido preso, eu não tinha paciência para ficar parado fazendo sinal para os carros por muito tempo e começava a andar.

O tráfego passava por mim, zunindo e trepidando, e, quando cheguei a um lugar perto de Ashtabula, Ohio, onde a linha da Nickel Plate^b se aproxima da estrada, vi um trem de carga seguindo em direção a Cleveland, com homens sentados no teto dos vagões fechados, sobre os vagões plataforma e nas quinas dos vagões gôndola, e mais oito ou dez homens correndo atrás e tomando impulso para trepar nos degraus das escadas de mão. Corri também, da estrada embaixo pelo aclave de cascalho acima, onde senti a finura das solas dos meus sapatos, e consegui agarrar uma escada. Eu não estava ágil, então continuei correndo ao lado do vagão vermelho, sem conseguir saltar do chão para o degrau da escada, até que

recebi um empurrão por trás que me ajudou a subir. Nunca soube quem me ajudou — algum dos homens que estavam correndo e que não queria me ver destroncando os braços ou quebrando os ossos dos pés.

Então, subi no teto do vagão. Era um vagão de transporte de gado, com laterais altas e tampado em cima com largas tábuas vermelhas. Lá na frente, o sino vagaroso girava sem parar, e não me faltavam companheiros de viagem, o bando tosco de passageiros não pagantes que o Nickel Plate estava transportando. Eu sentia o movimento dos animais contra as laterais do vagão e inalava o cheiro do estrume. E assim foi até Cleveland, com os enormes galpões, as colinas superpovoadas e muita fumaça, palha e areia voando na nossa cara.

Correu o boato de que estava quase pronto no pátio um expresso rápido ou direto para Toledo, que partiria dali a cerca de duas horas. Enquanto isso, fui até a cidade comprar alguma coisa para comer. Quando voltava para o pátio, desci uma trilha íngreme, como uma encosta do Fasga, abaixo dos alicerces de fábricas, e fui parar numa linha férrea enferrujada perto da fábrica de tintas Sherwin Williams — o vasto campo de trilhos e o terreno irregular em volta coberto de mato onde as pessoas esperavam tirando cochilos, lendo jornais velhos, convalescendo.

Foi uma tarde ao mesmo tempo monótona e tensa, que logo ficou escura com as nuvens de uma chuva iminente, enquanto acampávamos no meio do mato, esperando; uma tarde insípida mas enervante. Por isso, corri quando percebi pelo movimento ao longo da linha, sob um céu cada vez mais escuro, que o trem estava vindo. No súbito deslocamento em direção ao terreno aberto e aos trilhos, parecia que centenas tinham se erguido, os mais distantes já se aproximando do trem. A locomotiva vinha devagar, como um bisão, a caldeira atrás de uma carapaça de ferro preta.

O trem recuou por um momento, fazendo seus vagões colidirem. Estava indo buscar seus últimos vagões. Nessa hora, subi na parte debaixo de um vagão gôndola carregado de carvão, enfiando-me no espaço entre a ponta inclinada da gôndola e as rodas. Quando o trem partiu, as rodas

começaram a ranger e a soltar fagulhas, como mós, e os engates, a trabalhar agilmente e a se enganchar com firmeza, num jogo mecânico em que sua observação e seu cérebro se sentiam impelidos a entrar. Tendo de reconhecer no reino de quem você estava, com toneladas de carvão atrás das suas costas e viajando num minúsculo camarote sem vista, com a chuva escura caindo feito dardos dos dois lados. Éramos quatro sentados nesse espaço; um homem magro com cara de lobo, que viajava com as pernas esticadas acima das rodas, os pés apoiados numa barra, enquanto nós três mantínhamos as nossas bem encolhidas. Vi seu rosto quando ele acendeu um toco de cigarro, arreganhando os dentes; tinha um aspecto meio doentio e olheiras azuladas debaixo dos olhos, como elos de correntes. Os dedos enfiados entre as pernas, perto da virilha. Do outro lado estava um rapazola. O quarto homem, como só descobri quando fomos enxotados do trem em Lorain, era negro. Tudo o que consegui ver dele enquanto estávamos correndo foi sua capa de chuva amarela, mas, quando cheguei num barracão de depósito na beira dos trilhos, ele estava encostado nas tábuas da parede do barracão, os olhos grandes fechados, um homem troncudo e pesado tentando com muita dificuldade recuperar o fôlego, a barba cintilando de suor ou dos pingos da chuva em volta da sua boca.

O expresso parou em Lorain; não era expresso coisa nenhuma. Ou talvez tenham resolvido parar o trem porque ele estava carregando passageiros não pagantes demais. Estes compunham uma fila maltrapilha, como uma turma de ferroviários de uma seção que se afasta dos trilhos à noite diante do farol quando um trem se aproxima, só que muito mais numerosa. Raios de lanterna avançavam de vagão em vagão enquanto os guardas os esvaziavam e, então, o trem se foi, livre de caroneiros, rumo às luzes do semáforo e aos azuis oleosos dos trilhos.

O rapazola, um garoto atarracado — seu nome era Stoney —, se grudou a mim e nós fomos juntos para a cidade. Da lamacenta rua principal avistava-se o porto, com seus picos artificiais e cones de areia e carvão. Nas

faces elétricas e sem feições das lâmpadas penduradas nas dragas, guias e cabos, a chuva também não parecia nada e era anulada. Gastei parte do meu dinheiro comprando pão, manteiga de amendoim e duas garrafas de leite e nós jantamos.

Já passava das dez e chovia sem parar. Eu não ia correr atrás de outro trem de carga aquela noite; estava pregado demais. Disse: “Vamos procurar um canto pra dormir”. E ele concordou.

Nas linhas de manobra, encontramos alguns vagões de carga fechados que já não estavam mais em uso, todos muito velhos, apodrecidos e inchados, cheios de palha e papéis velhos, com aquele cheiro azedo de barril velho típico de coisas descartadas e ótimo para atrair ratos, as paredes esbranquiçadas de fungo ou marga. Fizemos nossa cama ali, no meio do refugio. Fechei meu casaco de cima a baixo, não só por causa do frio mas também por segurança, e me estendi. Havia muito espaço a princípio. Mas, à medida que a noite avançava, mais e mais homens foram chegando; abriam a porta e passavam de um lado para o outro por cima de nós, discutindo onde dormir. Eu ouvia o barulho deles se aproximando, arrastando os pés ao longo das fileiras de vagões, até que nosso vagão ficou tão cheio que os recém-chegados só espiavam lá para dentro e iam procurar outro lugar. Não era uma boa hora para estar acordado, ou semiacordado, com os gemidos e tosses doentes, os roncos e gases provocados por comidas ruins, o farfalhar do papel e da palha lembrando suspiros, o hálito da insatisfação. E, quando consegui pegar no sono, não dormi por muito tempo, pois o homem que estava ao meu lado começou a me imprensar. Achei que fosse só um hábito noturno inconsciente, que ele devia estar acostumado a dormir acompanhado, e me limitei a me afastar, mas ele se encostou em mim de novo. Depois, deve ter trabalhado bastante em segredo para abrir as calças, para tocar na minha mão como que por acidente e em seguida para guiar meus dedos. Tive dificuldade de me desvencilhar porque, por fim, ele segurou meu pulso com as duas mãos, e então bati a cabeça dele contra as tábuas. Não deve ter doído muito, a

madeira estava tão podre que era quase macia, mas ele me soltou e disse, quase rindo: “Não faz escândalo”. Depois, chegou um pouco para o lado. Eu me sentei e raciocinei que, se não saísse dali, ele poderia achar que eu não era totalmente contra os seus avanços. Na verdade, ele estava esperando e começou a falar, trêmulo, num tom ao mesmo tempo desdenhoso e esperançoso, sobre a sordidez das mulheres. Eu, quando ouvi isso, fui-me embora, usando a parede como apoio para me levantar e andando pé ante pé entre os corpos até o lugar em que tinha visto Stoney se deitar. Foi uma noite ruim — a chuva batendo forte de um lado e depois do outro, como alguém pregando um caixão ou uma gaiola de passarinho, e eu cheio de sentimentos enormes, tristes, desconsolados, de um animal pensante, meu coração agindo como um orbe repleto demais para o meu peito, não de repulsa, que confesso que não senti, mas de uma desolação profunda e generalizada.

Então me deitei ao lado de Stoney, que levantou um pouco a cabeça, me reconheceu e dormiu de novo. Só que estava frio; perto do amanhecer, fazia um frio mortal; e volta e meia nós descobríamos que estávamos colados um no outro, roçando rostos e barbas, e então nos separávamos. Até que ficou gélido demais para nos importarmos com o fato de sermos estranhos — estávamos tremendo demais — e tivemos de ficar perto um do outro. Tirei meu casaco e o estendi em cima de nós dois para tentar conservar um pouco mais o calor e, mesmo assim, continuamos tremendo.

Um guarda-freios que morava ali perto tinha um galo em casa, e o bicho teve o instinto ou a temeridade de cantar na lama e nas cinzas do quintal. Aquele sinal da manhã nos pareceu suficiente e saímos de dentro do vagão. Estava realmente de dia? O céu gotejava e as nuvens corriam com a leveza de fumaças; havia uma mancha rosa nelas, mas se isso era o reflexo do sol ou do fogo da ferrovia não havia como saber. Entramos na estação, onde havia uma estufa cuja parte de baixo estava quase translúcida de tão quente, e ficamos nos defumando perto dela. O calor empurrava nossas caras.

“Me paga um café”, disse Stoney.

Levei cinco dias de viagem como esse para voltar para Chicago, pois peguei um trem para Detroit por engano. Um guarda-freios nos disse que um trem que estava indo para Toledo iria chegar dali a pouco, e eu fui pegá-lo. Stoney veio junto. Parecíamos estar com sorte. Por causa da hora, esse trem de carga estava praticamente vazio. Ficamos sozinhos num vagão. Deviam ter transportado móveis ali na última viagem, pois o chão estava coberto de maravalha limpa, e nós fizemos camas desse velo de papel, deitamos e dormimos.

Acordei quando a réstia de sol na porta estava muito estreita e deduzi que devia ser por volta de meio-dia. Se fosse mesmo assim tão tarde, já devíamos ter passado de Toledo e estar seguindo para Indiana. Mas aqueles bosques de carvalho, fazendas extensas e raras cabeças de gado não se pareciam com o que eu tinha visto em Indiana quando atravessei aquele estado com Joe Gorman. Estávamos indo muito rápido, voando, a locomotiva e os vagões vazios. Então, vi um caminhão com placa de Michigan num cruzamento.

“Nós devemos estar indo pra Detroit; perdemos Toledo”, eu disse.

Quando o sol foi para o sul, ele ficou atrás de nós e não à esquerda; estávamos indo para o norte. E não havia como descer. Sentei na porta aberta, com as pernas penduradas do lado de fora, cabisbaixo, seco e faminto ainda por cima, e meus olhos acompanharam a passagem dos campos recém-preparados para a sementeira, os bosques de carvalho com raras folhas sobreviventes cor de bronze escuro e um mundo de tamanho imenso além, ou de nuvens claras e depois de abstração, um imenso Canadá de luz.

A tarde curta logo escureceu; entre as árvores e tocos, tudo ficou azul. As cidades tornaram-se industriais, fábricas começaram a surgir, vagões-tanque e vagões-frigoríficos esperavam em pequenos braços de ferrovia. Estranho que eu não tenha ficado mais aflito com o fato de estar sendo levado centenas de quilômetros para fora do meu caminho quando havia apenas

algumas moedas de vinte e cinco centavos e outras mais miúdas ainda no meu bolso, cerca de um dólar ao todo. Viajando naquele lusco-fusco e semi-inverno, era a maneira como o insignificante e o imenso estavam tão misturados, talvez, a espinha articulada do trem correndo e serpenteando, o modo como aços, ferrugens, tintas que lembravam sangue se estendiam espaço após espaço no céu, e depois outra existência, espaço após espaço.

O vento afastava a fumaça das fábricas, e nós estávamos numa subcidade industrial — campo de batalha, cemitério, lixões, marcas violeta de soldas, montanhas de pneus murchando, cinzas espumando feito cristas de onda na frente de um vapor, acampamentos de barracos, peste e fogos de guerra como o auge inflamado de todas as pilhagens e incêndios na Moscou napoleônica. O trem de carga parou com um estrondo e um solavanco; saltamos do vagão e estávamos nos afastando dos trilhos quando alguém chegou por trás de nós, nos segurou pelos ombros e deu um chute no traseiro de cada um. Era um policial rodoviário. Tinha um chapéu de caubói na cabeça e uma pistola pendurada na frente do colete; sua cara de beberrão estava vermelha feito uma maçã de inverno e um fio de saliva brilhava no seu queixo. Berrou: “Da próxima vez, eu passo chumbo no cu dos dois!”. Então, nós saímos correndo, e ele atirou pedras na nossa direção. Minha vontade era ficar esperando até que ele saísse do serviço e enfiar a mão nos cornos dele.

No entanto, seguimos a passo acelerado ao longo dos trilhos, atentos a qualquer coisa rápida que pudesse surgir do meio do aço friamente estendido no escuro, a pregas de fumaça, a faróis de ciclope e a qualquer vagão rodando solto. Também a cargas de carvão ribombando em seus recipientes e rolando, soturnas, em direção ao chão. Nós corremos, e minha raiva passou.

Um marco de rodovia nos informou que estávamos a trinta quilômetros de distância de Detroit. Quando estávamos ali, apareceu o sujeito que tinha vindo de Cleveland junto conosco embaixo da gôndola, o da cara de

lobo. Embora estivesse escuro, eu o vi andando na estrada na nossa direção. Parecia não ter nada especial em mente, a não ser se juntar a nós.

Eu disse a Stoney: “Eu tenho um dólar pra voltar pra Chicago, então vamos comprar alguma coisa pra comer”.

“Não gasta, não. A gente fila alguma coisa”, disse ele. Em seguida, foi tentar a sorte em algumas lojas ao longo da estrada e, dali a pouco, voltou com alguns pãezinhos de geleia dormidos.

Um caminhão que transportava chapas de metal deu carona para nós três até a cidade. Nós nos enfiamos debaixo da lona, pois estava frio agora. O caminhão se arrastava pelas colinas acima em marcha lenta, e a viagem levou horas, com todas as paradas. Stoney dormiu. Embora parecesse capaz de fazer mal, o cara de lobo não parecia ter intenção de nos prejudicar; só tinha se juntado a nós para ser levado conosco quando nós fôssemos. Quando começamos a andar de novo rumo à cidade, já tarde da noite, ele ficou me contando como aquela cidade era hostil, que tinha ouvido dizer que os policiais de lá eram cruéis e que tudo era difícil; disse também que ele próprio nunca havia estado lá.

Enquanto avançávamos mais e mais, por uma série de funis de luz, em direção à cidade, ele foi me deixando num desânimo tremendo, descrevendo a cidade daquele jeito. Então, o caminhão parou e o motorista avisou que era para nós descermos ali. Onde, eu não sei, não conseguia enxergar; estava tudo vazio e silencioso e passava de meia-noite. Havia um pequeno restaurante; todo o resto eram portas fechadas. Então, entramos ali para perguntar onde estávamos. Era um lugar estreito como um corredor, as mesas cobertas com toalhas oleadas. O garçom nos disse que estávamos mais ou menos perto do centro da cidade, cerca de um quilômetro e meio, se acompanhássemos a linha do bonde a partir do próximo cruzamento.

Quando saímos, havia um carro de patrulha esperando de portas abertas e um policial bloqueando o caminho. Ele nos disse: “Entrem”.

Dentro do carro já estavam dois policiais à paisana, de forma que tive de segurar o cara de lobo no colo, enquanto Stoney, que ainda era um garoto, deitou no chão. Nada foi dito. Eles nos levaram para a delegacia — concreto e pequenas aberturas espalhadas por toda parte, as grades começando logo depois de um pequeno lance de escadas, não muito longe da mesa do sargento.

Os policiais nos mantiveram num canto, pois havia outra questão sendo tratada. Quatro ou cinco rostos de peculiar selvageria noturna iluminados pelo abajur em forma de globo da mesa e o sargento, com seu corpanzil cheio de carne e rosto branco gorducho, presidindo tudo. Havia uma mulher no grupo, e era difícil acreditar que ela pudesse ter estado metida numa briga, pois parecia extremamente recatada e usava roupas bem talhadas, com um laço verde no chapéu. Ao lado dela estavam dois homens, um com um turbante de ataduras ensanguentadas na cabeça bamba e o outro com uma cara amarrada e desafiadora, enquanto suas mãos apertavam o peito como se tentassem conter ali toda a sua preocupação. Ele supostamente era o agressor. Digo supostamente porque era o policial que estava contando o que tinha acontecido, uma vez que os três envolvidos eram surdos-mudos. Esse sujeito atacou o outro com um martelo, foi o que o policial disse; depois, falou que a mulher era uma vagabunda sem-vergonha que abria as pernas para qualquer um e que, ainda por cima, era a maior encrenqueira da comunidade de surdos-mudos, mesmo tendo aquela aparência de professorinha de escola primária. Estou relatando o que o policial contou ao sargento.

“O que eu acho que aconteceu”, disse ele, “foi que o coitado desse imbecil achou que estava noivo dela e aí flagrou a vagabunda com aquele outro sujeito ali.”

“Fazendo o quê?”

“Isso eu não sei. Depende do tamanho do pavio dele. Mas eu não ficaria surpreso que tivesse sido de calça arriada.”

“Eu fico me perguntando o que faz essas pessoas terem tanto fogo no rabo. Eles brigam mais por causa de amor do que os carcamanos”, disse o sargento. Seu rosto tinha um jeito de dar ênfase às coisas com um olho só e sua bochecha parecia um muro áspero. O braço que ele tinha dentro da manga era muito grosso; eu não gostaria de vê-lo em uso. “Por que é que eles têm que ficar se batendo toda hora? Vai ver que é porque eles falam com as mãos.”

Stoney e o cara de lobo sorriram, querendo partilhar do humor dos guardas.

“Bom, tem alguma coisa quebrada debaixo dessas ataduras aí?”

“Ele levou uns dois ou três pontos no quengo.”

O monte de atadura cheio de tufos de cabelo ensanguentado foi empurrado para perto da luz para que o sargento pudesse examinar.

“Bom”, disse o sargento depois do exame, “trancafia os três até a gente ver se consegue arranjar um intérprete pra vir aqui amanhã e, se não conseguir, bota os infelizes pra correr amanhã de manhã. O que é que eles vão fazer com essa fauna nos trabalhos forçados? E de qualquer forma uma noite no xilindró já vai servir pra mostrar que eles não estão sozinhos no mundo e não podem agir como se estivessem.”

Nós fomos os próximos. Naquele meio-tempo, eu tinha ficado pensando, aflito, se haveria alguma conexão entre a captura de Joe Gorman e o fato de nós termos sido levados para a delegacia, mas não havia nenhuma ligação. A única coisa que eles tinham para me rastrear era a camisa que tinha ficado no banco traseiro do Buick roubado. A marca da lavanderia. Era muito pouco provável, mas eu não sabia o que mais pensar. Fiquei aliviado quando soube por que eles haviam nos prendido: roubo de peças de automóvel em ferros-velhos.

“Mas a gente nunca veio a Detroit antes”, eu disse. “Acabamos de chegar na cidade.”

“Sei. E chegaram de onde?”

“De Cleveland. A gente veio de carona.”

“Você é um filho da puta mentiroso. Você é do bando do Foley e rouba peças de carro. Mas nós pegamos vocês bonitinho. E vamos pegar o resto do bando todo.”

Eu disse: “Mas nós nem somos de Detroit. Eu sou de Chicago”.

“E está indo pra onde?”

“Pra casa.”

“É uma ótima maneira de ir de Cleveland pra Chicago, pegando o caminho que passa por aqui. Você não podia ter inventado uma historinha melhor, não?” Ele passou para Stoney. “E você, vai dizer que é de onde?”

“Da Pensilvânia.”

“Da Pensilvânia onde?”

“Perto de Wilkes-Barre.”

“E pra onde é que você está indo?”

“Pra Nebraska, vou estudar pra ser veterinário.”

“E o que que é isso?”

“É quem cuida de cachorro e cavalo.”

“Cuida é de Fords e Chevies, isso sim, seu delinquentezinho bunda-suja! E você, de onde é, qual é a sua história?” Ele se virou para o cara de lobo.

“Eu sou da Pensilvânia também.”

“De onde?”

“Perto de Scranton. É uma cidadezinha bem pequena.”

“Pequena quanto?”

“Mais ou menos uns quinhentos habitantes.”

“E qual é o nome dela?”

“O nome não é lá grandes coisas.”

“Aposto que não. Então, me diz, qual é o nome?”

Movendo os olhos de maneira tensa, o que atrapalhava terrivelmente seu esforço de sorrir com naturalidade, o cara de lobo respondeu: “O nome é Drumtown.”

“Deve ser um buraco dos bravos pra gerar ratos que nem você. Muito bem, vamos ver no mapa onde é que fica isso.” Ele abriu a gaveta.

“Ela não está no mapa. É pequena demais.”

“Não faz diferença. Se ela tem um nome, ele está no mapa. Aqui tem o nome delas todas.”

“O que eu quero dizer é que ela ainda não é realmente uma cidade. É só um pequeno povoado e ainda não foi municipalizado.”

“O que é que tem lá pra se fazer?”

“Tem uma mina pequena de carvão. Nada de mais.”

“Carvão betuminoso ou antracito?”

“Os dois”, disse o cara de lobo, afundando a cabeça e ainda sorrindo um pouco; mas seu lábio inferior estava levemente afastado dos dentes e seus tendões salientes.

“Você é do bando do Foley, amigo”, disse o sargento.

“Não, eu nunca estive nesta cidade antes.”

“Chama o Jimmy pra mim”, disse o sargento a um dos guardas.

Jimmy veio, lento e velho, da escada estreita das celas de baixo; sua carne era como a de uma velha rechonchuda; usava uma sapatilha de pano e um cardigã abotoado na frente que sustentava seus largos seios; parecia morrer um pouco cada vez que respirava. Mas seus olhos eram tão nítidos quanto tudo mais era vago naquela cabeça de cabelos brancos, cinza e amarelada, encurvada de fraqueza. Os olhos, porém, treinados para se manterem alheios a tudo menos à sua longa função, não tinham qualquer expressão pessoal. Esse Jimmy olhou para Stoney e para mim e passou. Seu olhar se fixou no cara de lobo. Para ele, Jimmy disse: “Você esteve aqui três anos atrás. Você afanou a carteira de um sujeito e pegou seis meses de prisão. Ainda não tem três anos, não. Vai fazer três anos em maio. Daqui a um mês”.

Que magnífico órgão classificador na forma de um cérebro de policial!

“Então, mequetrefe, Pensilvânia?”, disse o sargento.

“Tá bom, eu cumpri seis meses. Mas eu não conheço nenhum Foley, juro, e nunca roubei peça de carro nenhuma. Não sei nada sobre carros.”

“Bota todo mundo atrás das grades.”

Tivemos de esvaziar nossos bolsos; eles estavam à procura de canivetes, fósforos e outros objetos perigosos do tipo. Mas, a meu ver, não era por isso que eles faziam aquilo, mas sim para que a existência maior tomasse o controle das suas pequenas coisas, para fazer você aprender a ver os confiscos como um sinal de que você não era mais o dono do seu nariz, como na rua, quando o conteúdo dos seus bolsos era só da sua conta e de mais ninguém: *esse* era o objetivo daquilo. Então, entregamos nossas coisas e fomos levados lá para baixo, passando por celas e ruge-ruges de palha, como num zoológico, quando algum prisioneiro levantava do colchão para dar uma espiada por entre as grades. Vi o surdo-mudo ferido segurando a cabeça feito um mago, num beliche. Fomos conduzidos até o final da fileira de celas, onde o magnífico homem-memória dormia sentado, ou talvez estivesse apenas em vago repouso a noite inteira, numa cadeira embaixo de uma fita em forma de rabo de peixe amarrada à grade de um ventilador. Eles nos botaram numa cela grande, na qual entramos ao som de gritos — “Não tem mais lugar! Não tem mais lugar!” —, estalos obscenos de lábios e muxoxos, barulho de descarga, gracejos grosseiros e provocações. A cela realmente estava apinhada, mas nos empurraram lá para dentro mesmo assim, e nós nos ajeitamos da melhor forma que pudemos, agachando no chão. O outro mudo estava lá, sentado aos pés de um bêbado, encolhido como se estivesse viajando de terceira classe num navio. Uma luz enorme ficava acesa o tempo inteiro. Havia alguma coisa pesada nela, como uma lápide que cobre um túmulo.

Então, perto da parede, de manhã, uma grande, contínua e monótona zoeira começou, sufocando tudo, o ronco cavernoso de caminhões, o estrépito de máquinas pesadas e também a ferroada veloz dos bondes, rápidos como libélulas.

Tenho de dizer que não tive nenhum grande choque nem me senti pessoalmente injustiçado com o fato de ter sido preso. Queria sair de lá e seguir meu caminho, e isso foi praticamente tudo que senti. Sofria pensando em Joe Gorman, preso e espancado.

No entanto, como senti ao entrar em Erie, Pensilvânia, a escuridão existe. E é para todos. Você não a experimenta, como alguns talvez imaginem, enfiando nela um pezinho, como um *Manhã de setembro*^c de barbearia. Nem é mergulhado dentro dela com curiosidade de visitante, como o velho monarca oriental que foi depositado no meio das algas dentro de uma bola de vidro para observar os peixes. Nem é imediatamente içado de dentro dela depois de um desventurado tombo, como um Napoleão saído da lama de Arcole, onde estivera metido até seu pensativo nariz enquanto balas húngaras ruíam o barro da ribanceira. Só alguns gregos e admiradores seus, em suas tardes líquidas, onde a amizade entre a beleza e as coisas humanas era perfeita, pensavam estar claramente apartados dessa escuridão. E esses gregos também estavam nela. Mas são, mesmo assim, objeto da admiração do resto da humanidade enlameada, esfomeada, atropelada pela guerra, chutada na barriga, difícil, cautelosa, feita de dor e cartilagem que se arrasta pelas ruas — a multidão enfim, alguns sob a fumaça de um Vesúvio de caos engolidor de carvão, outros dentro de uma arfante Calcutá à meia-noite, que sabe muito bem onde está.

Em meio ao cinza ordinário e aos cheiros da manhã, depois de nos dar café e pão, eles deixaram que Stoney e eu fôssemos embora; o cara de lobo continuou detido sob suspeita.

Os guardas nos disseram: “É bom vocês sumirem da cidade. Só hospedamos vocês esta noite, mas da próxima vez vão ser autuados por vadiagem”. Havia uma névoa e um embaçamento de alvorada na estação, enquanto os guardas que tinham acabado de deixar a ronda noturna descarregavam seus fardos, desafivelando cintos de revólver, tirando

chapéus, sentando para escrever relatórios. Se houvesse uma estação ao lado da casa de Tobit, no dia da visita do anjo, não teria sido diferente.

Fomos andando junto com o grosso do tráfego e terminamos em Campus Martius, que não é como os outros Campos de Marte que conheço. Ali tudo era tijolo, xistoso da fumaça de óleo e dos gases trepidantes dos carros.

Começamos a viagem pegando bondes rumo à fronteira da cidade; e, então, aconteceu que o condutor sacudiu meu ombro para me avisar que tínhamos chegado ao ponto onde deveríamos descer para fazer uma transferência, e eu saltei pensando que Stoney estivesse atrás de mim, mas, quando o bonde passou por mim com portas hermeticamente fechadas, eu o vi encostado na janela, ainda adormecido, e as batidas que dei no vidro não foram suficientes para acordá-lo. Esperei quase uma hora naquele ponto antes de seguir viagem até o fim da linha, onde ficava a rodovia. Fiquei ali até quase meio-dia. Talvez Stoney tenha achado que fiz isso para me livrar dele, o que não era verdade. Fiquei muito triste por tê-lo perdido no caminho.

Por fim, fui para a estrada e comecei a pedir carona. Primeiro, um caminhão me levou até Jackson. Lá, encontrei uma hospedaria barata para passar a noite. No dia seguinte, à tarde, um vendedor de uma empresa de cinema me deu carona. Ele estava indo para Chicago.

a Civilian Conservation Corps (tropas civis de conservação), programa criado em 1933 pelo presidente Franklin Roosevelt como uma forma de combater o desemprego durante a Grande Depressão. (N. T.)

b Apelido pelo qual ficou conhecida a New York, Chicago and St. Louis Railroad e também os trens que trafegavam nela. (N. T.)

c *Matinée de septembre*, quadro do pintor francês Paul Émile Chabas (1869-1937). (N. T.)

10.

Quando anoiteceu, estávamos saindo de Gary e rumando para o sul de Chicago, a boca de fogo e fumaça da cidade se escancarando para nós. Como a baía flamejante se arrepia para os napolitanos que voltam para casa. Você entra na sua água nativa como um peixe. E lá está o grande deus peixe ou Dagon. Então, você despe sua alma como um barrigudinho perante Dagon, na sua água familiar.

Eu sabia que não estava voltando para a paz e a tranquilidade. Em ordem crescente de dificuldade, teria de enfrentar a empregada polonesa, sempre resmungando por causa de dinheiro; depois mamãe, que com certeza estaria sentindo que não podia confiar em mim; e Simon, que estaria me reservando um senhor carão. Eu estava preparado para ouvir poucas e boas dele e sentia que merecia parte da bronca por ter me metido a fazer aquela viagem. Também tinha algumas coisas duras para lhe dizer em troca, a respeito do telegrama. Mas o que me esperava não era uma briga familiar normal, com seus sentimentos exaltados e argumentos exasperados, e sim algo diferente e muito pior.

Uma polonesa nova e desconhecida, que não falava uma palavra de inglês, foi quem abriu a porta para mim. Achei que a antiga empregada devia ter ido embora e que aquela era a substituta, mas estranhei a maneira como a nova mulher havia enchido a cozinha de corações sangrentos, crucifixos e santos. Claro que, se ela achasse que tinha de pôr aquelas

coisas no seu local de trabalho, mamãe não iria enxergar nada mesmo. Mas havia também crianças pequenas, e fiquei me perguntando se Simon teria trazido uma família inteira para dentro de casa. Depois, pelo modo como a mulher me deixou plantado na porta, comecei a me dar conta de que aquele não era mais nosso apartamento, e aí uma menina mais velha, vestida com o uniforme da escola paroquial St. Helen, veio me dizer que o pai dela havia alugado o apartamento e comprado a mobília do homem que era dono dela. Esse homem era Simon.

“Mas a minha mãe não está mais aqui? Onde é que está a minha mãe?”

“Aquela senhora cega? Está lá embaixo, com os vizinhos.”

Os Kreindl haviam alojado mamãe no quarto de Kotzie, que tinha apenas uma janelinha gradeada que dava para uma passagem por onde as pessoas se enfiavam, abaixando a cabeça sob o teto de tijolos, quando queriam cortar caminho pela viela ou paravam para fazer xixi. Como mamãe mal distinguia a claridade da escuridão e não tinha como apreciar vista nenhuma, não dava para dizer, por esse aspecto, que tivesse sido maldade botá-la ali. Os cortes profundos de faca de cozinha na palma das suas mãos nunca tinham se suavizado, e eu os senti quando ela pegou minhas mãos e disse com sua voz esganiçada, mais estranha do que nunca naquele momento: “Você soube da vovó?”.

“Não, o quê?”

“Ela morreu.”

“Ah, não!”

Isso foi uma punhalada! Foi como sentir uma lâmina fria entrando direto na boca do meu estômago, e eu não consegui mais endireitar as costas nem me mexer de forma alguma, mas fiquei lá sentado, encurvado. Morta! Era horrível imaginar a velha morta, dentro de um caixão, debaixo da terra, com o rosto coberto, presa sob o peso atirado em cima dela, em silêncio. Fiquei com o coração apertado imaginando essa violência. Sim, porque só podia ter sido violento. Ela, que sempre se desvencilhara de interferências como se safava da mão do dentista, devia ter sido sufocada.

Apesar de toda a sua fragilidade, ela era uma lutadora feroz. Mas lutava quando estava vestida e de pé, viva. E agora era preciso imaginá-la rendida, arriada para dentro de uma cova e imóvel. Aquilo foi demais para mim.

Minhas comportas não conseguiram se conter. Chorei cobrindo os olhos com a manga da camisa.

“Do que foi que ela morreu, mãe? E quando foi?”

Ela não sabia. Kreindl havia lhe contado alguns dias atrás, antes de mamãe se mudar lá para baixo, e ela estava de luto desde então. De acordo com suas próprias noções de como deveria guardar luto.

Tudo o que ela tinha naquele cubículo de quarto era uma cama e uma cadeira. Tentei descobrir com a sra. Kreindl por que Simon havia feito aquilo. Como era hora do jantar, a sra. Kreindl estava em casa. Normalmente ela passava as tardes fora, jogando pôquer com outras donas de casa; elas jogavam para valer, a dinheiro e sangue. Como a sra. Kreindl conseguia ter aquela aparência mansa de ovelha no pasto, eu não faço a menor ideia, já que ela estava sempre num frenesi secreto por causa do jogo e das guerras com o marido.

Ela não soube me dizer nada sobre Simon. Teria sido para se casar que ele havia vendido tudo? Antes de eu viajar, ele estava desesperado tentando arranjar dinheiro para se casar com Cissy. Mas a mobília era velha. Quanto o polaco poderia ter pagado por ela? Quanto qualquer pessoa poderia ter dado por aquele fogão de cozinha caindo aos pedaços? Ou pelas camas, mais velhas ainda? Ou pelos estofados de couro falso em que costumávamos escorregar e pular quando éramos crianças? Aquelas coisas eram do tempo da *Encyclopedia Americana* do trapeiro Ramsés, eram do século passado. Talvez meu pai tivesse comprado aqueles móveis. Todas essas foram reflexões dolorosas. Simon devia estar desesperado atrás de dinheiro para ter vendido todo aquele ferro e couro veteranos e deixado mamãe naquela cela com os Kreindl.

Eu estava fraco de fome quando interroguei a sra. Kreindl, mas não tive coragem de lhe pedir uma refeição, pois lembrava que ela não era muito

mão-aberta com comida. “A senhora tem algum dinheiro, mãe?”, perguntei. Mas tudo o que ela tinha na bolsa era uma moeda de cinquenta centavos. “É sempre bom a senhora ter algum trocado”, eu lhe disse, “caso queira alguma coisa, como um chiclete ou uma barra de chocolate.” Eu teria pedido um dólar a ela se Simon tivesse lhe deixado algum dinheiro, mas podia aguentar mais um tempo sem seus últimos cinquenta centavos. Se os pedisse, pensei, eu a deixaria assustada, e isso seria uma crueldade. Principalmente depois da morte de vovó. E ela já estava assustada, muito embora estivesse com aquela sua postura ereta, como quando ficava doente, e como que esperando que a dor parasse, como quem espera que o condutor faça o bonde parar. Não queria discutir comigo o que Simon havia feito, preferindo se agarrar à sua própria visão do acontecido. À qual ela não queria que eu acrescentasse nada. Eu conhecia minha mãe.

Fiquei um pouco mais porque senti que ela queria que eu ficasse, mas depois tive de ir. Quando empurrei minha cadeira para trás, ela disse: “Você já vai? Pra onde você vai?”. Era uma pergunta sobre minha ausência, sobre onde eu estava quando o apartamento foi vendido. Não consegui responder.

“Ué, eu ainda tenho aquele quarto no South Side que eu falei pra senhora, lembra?”

“Você está trabalhando? Você tem um emprego?”

“Eu sempre tenho alguma coisa. A senhora não me conhece? Não se preocupe, vai ficar tudo bem.”

Ao responder, desviei um pouco o rosto, embora não houvesse razão para me esconder, e tive a sensação de que minha cara estava sendo serrada como uma chave, entalhada e limada, uma vil e desprezível chave falsa.

Tomei o rumo da casa de Einhorn e, no bulevar, onde as árvores tinham começado a brotar no roxo favorito de uma noite de abril de Chicago, instilada de gás carbônico e dos cheiros das camas de lodo que vinham dos esgotos recém-limpos, vi à luz dos postes pessoas saindo da sinagoga, de casacos novos e chapéus alinhados, com envelopes de veludo quadrados

para carregar os objetos que usavam para rezar. Era a primeira noite do Pessach, da passagem do Anjo da Morte por todas as portas não marcadas com sangue para tirar a vida dos primogênitos egípcios e da partida dos judeus para o deserto. Não pude passar; fui parado por Coblin e Cinco Propriedades, que tinham me visto descer da calçada para o asfalto para contornar a multidão. Eles estavam no meio-fio, e Cinco Propriedades me segurou pela manga. “Olha só quem está na *shul*^a hoje!”, disse ele. Ambos estavam sorridentes, com cara de banho tomado, asseados e virilmente bem-arrumados.

“Ei, já soube da novidade?”, Coblin me perguntou.

“Que novidade?”

“Será que ele ainda não sabe?”, disse Cinco Propriedades.

“Eu não sei de nada. Acabei de chegar de viagem.”

“O Cinco Propriedades vai se casar”, disse Coblin. “Finalmente. E com uma belezura de menina. Você tem que ver o anel que ele vai dar pra ela. Bom, agora acabou esse negócio de sair por aí atrás de puta, né? Ai, ai, alguém não sabe o que o espera!”

“É verdade?”

“Se Deus quiser e me ajudar”, disse Cinco Propriedades. “Eu quero te convidar pro meu casamento, garoto. Vai ser no outro domingo, no salão do Lion’s Club, na North Avenue, às quatro horas. Leva uma namorada. Não quero que você fique ressentido comigo.”

“Por que é que eu ficaria ressentido com você?”

“Bom, você não deve ficar mesmo. Nós somos primos, e eu gostaria muito que você fosse ao meu casamento.”

“Muitas felicidades pra você!”, disse a ele, esforçando-me ao máximo para parecer contente, e agradecendo aos céus pela neblina espessa que não deixava que eles me vissem direito.

Coblin começou a me puxar pelo braço. Queria que eu fosse à ceia do Seder na casa dele. “Vem com a gente. Vamos lá pra casa.”

Ainda fedido da cadeia e antes de ter começado a digerir minha desgraça? Antes de encontrar Simon? “Não, fica pra outro dia, obrigado, Cob”, eu disse, andando para trás.

“Mas por que não?”

“Deixa o garoto, ele deve ter algum encontro marcado. Você tem um encontro?”

“Na verdade, eu tenho, sim, que me encontrar com uma pessoa.”

“Ele está entrando na fase assanhada da vida. Leva a sua namoradinha pro casamento.”

Primo Hyman ainda sorria, mas provavelmente pensou na filha e então não insistiu mais; calou a boca.

Na porta do prédio de Einhorn, cruzei com Bavatsky, que estava descendo para trocar um fusível; Tillie o tinha queimado com seu ferro de frisar cabelo. Lá em cima, uma mulher manca e outra igualmente lenta por excesso de peso e de insegurança entraram na sala carregando velas e me fizeram lembrar pela segunda vez que era a noite do Êxodo. Mas não havia ceia nem cerimônia ali. Einhorn só observava um dia santo, o Yom Kippur, e mesmo assim só porque Karas-Holloway, o primo da mulher, insistia.

“Onde se enfiou aquele beberrão do Bavatsky?”

“Ele não conseguiu chegar na caixa de fusíveis porque o porão estava trancado, então foi apanhar a chave com a mulher do zelador”, disse Mildred.

“Se ela tiver cerveja em casa, nós hoje vamos pra cama no escuro.”

De repente, Tillie Einhorn, com uma vela em cima de um pires, me viu perto da luz da chama.

“Olha, é o Augie”, disse ela.

“Augie? Onde?”, perguntou Einhorn, correndo os olhos pela sala irregularmente iluminada. “Augie, onde é que você está? Eu quero te ver.”

Cheguei mais perto e me sentei na frente dele; Einhorn moveu o ombro como um sinal de que queria me dar um aperto de mão.

“Tillie, vai pra cozinha e faz um café. Mildred, você também.” Ele as mandou de volta para a cozinha escura. “E tirem o ferro de frisar da tomada. Eu fico maluco com esses aparelhos elétricos delas.”

“Eu já tirei”, disse Mildred, com uma voz cansada de — mas sempre pronta a — cumprir o dever dessas respostas. Obediente ao extremo, porém, ela fechou as portas, e eu fiquei sozinho com Einhorn. No seu tribunal noturno. Pelo menos, tive a impressão de que ele estava olhando para mim com uma carranca de severidade. Só tinha apertado minha mão para que eu sentisse a formalidade dos seus dedos e o tamanho da sua frieza. E as velas agora me pareciam tão agradáveis como se tivessem sido as que foram espetadas em broas de pão à noite e lançadas nas águas negras de um lago indígena para encontrar o corpo afogado imerso lá no fundo. O risco branco no meio do cabelo dele agora estava abaixado, perto do tampo de vidro da sua mesa, enquanto ele trabalhava para pegar e acender um cigarro — como sempre, a metódica batalha e o puxar de braços pelas mangas, aquela operação de formigas carregando moscas. Em seguida, ele começou a soltar fumaça e a se preparar para falar. Resolvi que não podia deixar que ele me passasse um pito como se eu fosse um garoto de dez anos por causa da história de Joe Gorman, da qual ele àquela altura com certeza já havia tomado conhecimento. Eu tinha de falar com ele sobre Simon. Mas aí me pareceu que ele não ia me dar carão nenhum. Eu realmente devia estar com uma aparência péssima — fraco, magro, exausto, nas últimas. Da última vez que tínhamos nos visto, eu estava com as gordurinhas que havia acumulado em Evanston; tinha vindo pedir o conselho dele sobre a adoção.

“Bom, parece que você não tem passado muito bem.”

“Não.”

“O Gorman foi pego. Como foi que você escapou?”

“Por sorte.”

“Sorte é apelido. Vocês me saem daqui num carro roubado, sem nem trocar as placas! Depois de uma estupidez dessas, só com muita sorte

mesmo! Bom, eles trouxeram o Gorman de volta. A foto saiu no *Times*. Quer ver?”

Não, eu não queria ver, porque já sabia como ela seria: Gorman entre dois detetives parrudos e provavelmente tentando puxar o chapéu para baixo, até onde seus braços algemados permitiam, para esconder os olhos e poupar sua família de um olhar direto para a câmera ou da visão da sua cara esmurrada. Era sempre assim.

“Por que é que você demorou tanto pra voltar?”, Einhorn perguntou.

“Eu vim de carona, e não dei muita sorte.”

“Mas por que é que você teve que vir de carona? O seu irmão me disse que ia te mandar o dinheiro lá em Buffalo.”

“Ele disse isso? Ele veio aqui e te disse isso?” Franz o cenho com esforço. “Você quer dizer que ele tentou pegar dinheiro emprestado com você?”

“Eu dei o dinheiro pra ele. E ainda fiz um outro empréstimo pra ele também.”

“Que empréstimo? Eu não recebi nada dele.”

“Isso não é nada bom. Foi burrice minha. Eu mesmo devia ter mandado o dinheiro pra você. Quer dizer que ele não te mandou nada, é?” Ele botou a língua para fora e arregalou os olhos, parecendo surpreso. “O filho da mãe me passou a perna. Ah, dane-se. Mas ele não devia ter te deixado na mão. Principalmente porque, além do dinheiro que dei pra ele te mandar, ainda fiz um empréstimo pessoal pro seu irmão. Mesmo que ele estivesse com a corda no pescoço, era muito dinheiro.”

Eu estava cheio de raiva e de rancor, mas senti um respingo antecipado da onda de algo pior ainda, algo mais fundo do que o fundo de poço em que eu já me encontrava.

“Como assim, com a corda no pescoço? Por que é que ele estava precisando de dinheiro? O que é que ele queria?”

“Se ele tivesse me contado, talvez eu pudesse ter ajudado. Eu só emprestei o dinheiro pra ele porque ele é seu irmão; tirando isso, eu mal

conheço o sujeito. Ele entrou numa jogada com o Nosey Mutchnik — aquele com quem eu fiz aquela transação do terreno, lembra? Eu sei como lidar com gente feito ele, mas o seu irmão ainda é muito verde. Ele botou um dinheiro numa banca de apostas e, aí, na primeira partida que o White Sox jogou nessa temporada, eles disseram que ele tinha perdido a parte dele e que, se quisesse continuar na jogada, teria que botar mais cem pratas — eu sei da história toda agora. Eles ficaram com as cem pratas também e aí, quando ele se esquentou, levou um murro nos dentes. Os capangas do Mutchnik jogaram o seu irmão na sarjeta. Foi isso que aconteceu. Imagino que você saiba por que ele estava querendo ganhar um dinheiro rápido?”

“Sei, pra se casar.”

“Pra comer a filha do Joe Flexner, que deixava o seu irmão completamente maluco. Só que agora ele não vai mais.”

“Mas por que não? Eles estão noivos.”

“Eu estou começando a ficar com pena do seu irmão, embora ele não seja muito esperto, e se eu perdi mesmo as setenta e oito pratas...” Vendo na minha cabeça a imagem angustiante de Simon espancado e atirado ensanguentado na sarjeta, eu só ouvi e não falei da morte de vovó, dos móveis e de mamãe posta para fora de casa. “Agora ela não vai mais se casar com ele”, disse Einhorn.

“Não vai? Mas por quê, me diz!”

“Quem me contou foi o Kreindl. Ele arranjou um casamento pra ela com um parente seu.”

“Não vai me dizer que foi com o Cinco Propriedades... foi com ele?”, gritei.

“Foi, com o seu primo imigrante. Vai ser a mão dele que vai afastar aquelas belas pernas.”

“Ah, não! Eles não podiam ter feito isso com o Simon!”

“Mas fizeram.”

“E a essa altura eu imagino que ele já saiba.”

“E *como* sabe! Ele foi até a casa do Flexner e fez um escarcéu, quebrou cadeiras, o diabo. A garota foi e se trancou no banheiro, e aí o velho teve que chamar a polícia. O carro de patrulha veio e levou o seu irmão.”

Preso também! Sofri calado por Simon. Uma dor de assustar. Fiquei arrasado ouvindo e imaginando tudo aquilo.

“Sirigaitazinha cínica, não?”, disse Einhorn. Ele queria deixar tudo muito claro para mim com seu estranho olhar de severidade. “A Créssida quando foi pro acampamento grego...”

“E onde é que está o Simon, na cadeia ainda?”

“Não, o velho Flexner retirou a queixa quando ele prometeu que não ia mais causar problema. O Flexner é um velho decente. Ele faliu sem ficar devendo nada a ninguém. Não é do feitio dele prejudicar os outros. Ele é boa-praça. Eles ficaram com o seu irmão lá uma noite e o soltaram hoje de manhã.”

“Ele passou a noite de ontem na cadeia?”

“Passou, mas foi só uma noite”, disse Einhorn. “Agora ele já está livre.”

“Mas onde é que ele está? Você sabe?”

“Não. Mas posso te garantir que em casa ele não está.” Kreindl tinha lhe contado o que Simon havia feito com mamãe e ele estava se preparando para abrir o jogo todo comigo, mas eu disse que já tinha estado em casa. Sentado diante de Einhorn, eu me sentia nu; não sabia a quem recorrer e não tinha forças para ir embora.

Até então, como família, tínhamos desfrutado de certa privacidade, mesmo que todo mundo soubesse que tínhamos sido abandonados quando crianças e que recebíamos ajuda da caridade. Na época de vovó, ninguém, nem mesmo Lubin, o assistente social, dispunha de todas as informações a nosso respeito. No dispensário, eu contava minhas lorotas não só por causa do dinheiro, mas também para que tivéssemos algum poder de direção sobre nós mesmos. Agora não havia mais segredos; quem quisesse, era só olhar e ver. Talvez tenha sido essa consideração que me fez não contar para Einhorn a notícia mais cruel de todas: que vovó havia morrido.

“Sinto muito por vocês; principalmente pela sua mãe”, Einhorn começou, tentando me animar. “O seu irmão meteu os pés pelas mãos. Ficou inspirado demais pelo rabo de saia. O que foi que deu nele pra ficar com esse fogo todo?”

Achei que aquela pergunta era, em parte, motivada por uma inveja de que alguém pudesse ser acometido por tamanha inspiração e fogo. Por outro lado, por esse aspecto, Einhorn não poderia deixar de sentir uma certa solidariedade.

Aos poucos, conversando, ele perdeu de vista seu objetivo principal, que era me consolar, e foi ficando tão indignado que tentou cerrar os punhos e encostou o peito na mesa. “Por que é que você deveria se importar se o seu irmão levou um pontapé no traseiro?!” , disse. “Ele mereceu. Ele te deixou num buraco, vendeu tudo o que vocês tinham no apartamento, só levou dinheiro de mim graças a você e você nem sequer viu a cor do dinheiro. Se fosse honesto consigo mesmo, você ficaria contente. E faria um bem a si mesmo se admitisse e eu te respeitaria mais por causa disso.”

“Admitisse o quê? Que foi tudo culpa dele e que eu estou contente com isso? Que se apaixonar fez com que ele não se importasse com o que ia ser da nossa mãe? Ou só que ele esteja infeliz? Com o que é que eu deveria ficar contente, Einhorn?”

“Você não vê a vantagem que vai ter sobre ele daqui pra frente? Eu acho bom você não dar moleza. Ele tem que te compensar de alguma forma. A vantagem agora passou pra você, e ele está na palma da sua mão. Você não percebe? E se tem uma coisa que você pode tirar disso já neste momento é pelo menos admitir que está feliz que ele tenha se dado mal. Santo Deus! Se alguém fizesse uma coisa dessas comigo, eu certamente ia ficar satisfeito de saber que ele se estrepou. Se não ficasse, eu ia começar a achar que não estou bom da cabeça. Bem feito pra ele! Bem feito, bem feito!”

Não sei muito bem por que Einhorn ficou tentando inflamar minha indignação com tanta selvageria, quase beirando o desespero. Ele até esqueceu de me passar uma descompostura por causa de Joe Gorman.

Imagino que, lá no fundo, Einhorn estivesse pensando na herança de Dingbat, que ele havia posto a perder. Talvez não quisesse que eu fosse desprezado como ele de certa forma desprezava Dingbat por ele não ter ficado com raiva. Não, ainda havia mais coisa por trás dessa visão que ele estava defendendo tão agressivamente, ainda que de mãos espalmadas sobre a mesa. Ele queria dizer que, como não existiam mais receitas eficazes como nos velhos tempos, como estávamos vivendo sonhos perdidos e visões arruinadas, portanto, na forma nua da geleia humana, cada um de nós deveria escolher e segurar com firmeza o que queria; deveria extrair força das desvantagens e progredir fazendo inimigos, sendo colérico ou terrível; deveria tirar proveito da condição de irmão, e não ser oprimido por ela; deveria ter a potência de voz capaz de fazer outras vozes se calarem — o mesmo princípio valia tanto para pessoas quanto para povos, partidos, estados. Era isso que cada um de nós deveria ser, e não um homem-frango, depenado e depauperado, de traseiro magro e cara aflita cheia de rugas de arrependimento, ave humana enxotada por vassouras.

Então, as luzes começaram a bruxulear, enquanto Bavatsky remexia na caixa de fusíveis, e descobriu-se que, em vez de estar refletindo sobre tudo aquilo como deveria, eu estava me debulhando em lágrimas. Acho que Einhorn ficou decepcionado, talvez até chocado; chocado, quero dizer, por descobrir que havia julgado tão mal minha aptidão para segui-lo em sua célere trajetória rumo ao que uma alma deveria ser. E me tratou com a gentileza fria com que trataria uma garota. “Não se preocupe, nós vamos arranjar alguma solução pra sua mãe”, disse, pois parecia acreditar que esse fosse o principal problema. Não sabia que eu também estava chorando a morte de vovó. “Apaga essas velas. A Tillie vai trazer café e sanduíches. Você pode dormir com o Dingbat hoje e amanhã a gente começa alguma coisa.”

No dia seguinte, saí à cata de Simon, mas não consegui achá-lo; ele não tinha voltado para ver mamãe. Encontrei Kreindl em casa, porém,

tomando um café da manhã tardio composto de peixe defumado e pão. Ele me disse: “Senta aí e faz uma boquinha comigo”.

“Eu soube que você finalmente arranjou uma noiva pro meu primo”, eu disse ao velho artilheiro vesgo, observando como os músculos curtos e suficientes dos seus antebraços operavam na esfolada do peixinho dourado e como seus maxilares se moviam sob a bochecha.

“Uma formosura. Que *tsitskies!*^b Mas não põe a culpa em mim, Augie. Eu não forço ninguém. *Zwing keinem*. Principalmente um par de *tsitskies* orgulhoso como aquele. Você entende alguma coisa de garotas? Quisera eu! Bom, quando uma moça tem coisas como aquelas, ninguém lhe diz o que fazer. Esse foi o erro do seu irmão, porque ele tentou. Eu lamento muito por ele.” Kreindl cochichou, erguendo os olhos para se certificar de que a esposa estava distante: “Aquela menina faz o meu homenzinho se levantar. Na minha idade. E bater continência! Mas, sabe, ela é independente demais pra um rapaz jovem feito o seu irmão. Ela precisa de um homem mais velho, de cabeça mais fria, que vai saber dizer sim e fazer não. Caso contrário, ela é capaz de arruinar o sujeito. E talvez o Simon ainda seja novo demais pra casar. Eu conheço vocês desde que eram pirralhos de nariz sujo. Desculpe, mas é verdade. Agora vocês estão grandes, então estão cheios de fome e acham que estão prontos pra casar, mas pra que a pressa? Vocês ainda têm muito nheco-nheco pela frente antes de se assentarem na vida. *Aproveitem!* O que elas te derem, você *aceita, aceita, aceita!* Nunca recuse. Ficar juntinho de uma mulherzinha de voz macia que canta no seu ouvido... isso é a vida da nossa alma!”. Ele me disse isso apertando seus olhinhos tortos, o velho alcoviteiro e atiçador; ele até me fez sorrir, e eu não estava com a menor disposição para isso. “Além do mais”, continuou, “você agora está vendo que tipo de homem o seu irmão é, que quando lhe dá na cabeça é capaz de vender tudo o que tem dentro de casa e botar a própria mãe pra fora.”

Eu já esperava que ele mencionasse isso e passasse da defesa para a questão prática do sustento de mamãe. No passado, Kreindl sempre tinha

sido um vizinho razoavelmente generoso, mas não poderíamos esperar que ele mantivesse mamãe. Principalmente porque Simon agora o tinha como um de seus piores inimigos. Além disso, eu não podia deixar mamãe ficar naquela masmorra de tijolo, e disse a Kreindl que arranjaría outras acomodações para ela.

Fui apelar para Lubin, na instituição de caridade, na lúgubre Wells Street. Lubin sempre fora nos visitar como uma espécie de tio postiço distante, tempos atrás. No seu escritório, para os meus olhos mais maduros, ele passou uma imagem diferente. Algo no seu jeito defendia o que a comunidade que contribuía com dinheiro queria que nós pobres bastardos fôssemos: sérios, cumpridores dos nossos deveres, abotoados, limpos, tristes, comedidos. A tristeza e a confusão do ramo em que ele estava o tornava sensato. Só uma certa aspereza de respiração, que chamava sua atenção para a grossura das narinas dele, dava a você uma ideia da dificuldade e, em seguida, do trabalho que era ser paciente. Notei naquele homem largo a natureza domesticada do macaco promovida a calças e escritórios. Isso é o oposto daquela imagem desfigurada de Deus que cai do Éden por causa de seus pecados; ou da mesma cópia ruim estimulada e inflamada pela promessa da graça a recuperar sua santidade e estatura dourada. Lubin não acreditava que tinha caído do Paraíso, e sim se elevado das cavernas. Mas ele era um bom homem, e isso não é um comentário depreciativo sobre ele, mas apenas sua própria visão.

Quando contei a ele que Simon e eu precisávamos encontrar um asilo para mamãe, ele sem dúvida achou que estávamos nos livrando de todo mundo — primeiro Georgie, depois vovó e agora mamãe. Por isso eu disse: “É só um arranjo temporário, até a gente conseguir sair do aperto. Depois vamos arrumar um outro apartamento e uma outra empregada pra ela”. Mas ele recebeu essa minha ressalva muito secamente, o que não era de espantar, considerando a aparência de vagabundo com que eu estava, nas ruínas das minhas roupas boas, os olhos vermelhos e o aspecto de quem anda se alimentando de lixo. Mesmo assim, ele disse que poderia interná-la

num asilo para cegos na Arthington Street se pudéssemos arcar com parte dos custos. Sairia por quinze dólares por mês.

Eu sabia que não poderia esperar nada melhor. Lubin também me deu uma carta de recomendação para que eu a levasse a uma agência de empregos, mas não havia nada disponível naquele momento. Fui até meu quarto no South Side, peguei a maior parte das minhas roupas e levei para o prego, o smoking, as roupas esportivas e o casaco de *pied-de-coq*. Penhorei tudo, acomodei mamãe no asilo e depois fui à caça de emprego. Estando, como dizem, com uma mão na frente e a outra atrás e *au pied du mur*, peguei o primeiro emprego que apareceu — e que foi o mais curioso que já tive.

Foi Einhorn quem o arranjou para mim através de Karas-Holloway, que tinha uma participação financeira no negócio. Era um serviço de luxo para cães na North Clark Street, entre os cabarés e as casas de penhores, brechós e casas de pasto sombrias.

De manhã, eu saía numa caminhonete e rodava o bairro de Gold Coast para apanhar os cachorros, nas portas dos fundos de mansões ou nos elevadores de serviço de apart-hotéis às margens do lago, depois trazia os bichos de volta para o tal clube canino — o lugar era chamado de clube.

O chefe era um francês, um *coiffeur* ou cabeleireiro de cachorro ou *maître de chiens*; era um sujeito bruto e repulsivo, originário da Place Clichy, perto de Montmartre, e, pelo que ele me disse, tinha sido cúmplice de lutadores nas feiras de lá — daqueles que se fingem de fregueses entusiasmados para atrair incautos — enquanto estudava para aprender essa outra profissão. De certa forma, seu rosto era desprovido de humanidade, por sua rigidez enérgica e brusquidão de cores, como uma injeção. Sua relação com os animais era uma luta. Ele tentava incutir na marra alguma coisa neles. Não sei o quê. Talvez que a concepção deles de cachorro devia ser a mesma que a dele. Vivia na situação dos Dez Mil de Xenofonte, ali em Chicago; pois lavava e passava suas próprias camisas, fazia suas próprias compras no mercado e preparava suas próprias refeições

em seus aposentos feitos de divisórias, num canto daquele lugar de cachorro — seu laboratório, sua cozinha e seu quarto. Sou capaz de entender muito melhor agora o que significa ser um francês no estrangeiro, o quanto tudo deve parecer irregular, e não só no estrangeiro, mas na North Clark Street.

Não estávamos instalados num pardieiro qualquer, mas sim em dois andares de um edifício moderno e relativamente novo, logo ao lado do bairro milionário de Gold Coast, não muito distante do local do massacre do dia de São Valentim^c e, aliás, nem da filial da sociedade protetora dos animais, na Grand Avenue. A principal atração do lugar, paga pelos associados, era o fato de ele ser um clube para cães, de que os bichos eram também entretidos além de lavados, massageados, manicurados, tosquiados, de que eles supostamente eram ensinados a ter bons modos e a fazer truques. A taxa era de vinte dólares por mês, e não havia falta de cachorros; havia mais cães, na verdade, do que Guillaume conseguia dar conta, e ele tinha de brigar constantemente com a secretária, que queria ir além da capacidade. O clube já estava tão infernal quanto gargantas caninas eram capazes de deixá-lo; e o pandemônio asfíxiante criado pela baba de tantos Cérberos juntos estava no auge quando eu voltava da última viagem de coleta e trocava o uniforme de motorista por botas de borracha e poncho; a barulheira fazia o vidro da claraboia estremecer. Mas a organização era fantástica. Guillaume tinha *know-how* de verdade; e é só dar um pouco de espaço para as pessoas que elas vão e constroem um Escorial para você. O barulho descomunal, como o da Grand Central Station, era só o protesto do caos ao se deparar com a ordem — os trens saíam no horário; os cachorros recebiam seus tratamentos.

No entanto, Guillaume usava a seringa mais do que eu achava que ele deveria. Ele dava *piqûres* para tudo, e cobrava taxa extra pelas injeções. Dizia “*Cette chienne est galeuse* — essa cadela está com sarna!” e enfiava a agulha. Além disso, dava gotinhas de calmante para os mais selvagens sempre que a organização ficava ameaçada, berrando: “Esse miserrável não

perde por esperrar!”. Consequentemente, eu levava para casa alguns cachorros um bocado derreados, e não era nada fácil subir um lance de escadas com um boxer ou um vpastor adormecido e explicar para a cozinheira negra que o bicho estava apenas exausto de tanto brincar e se divertir. Guillaume também não tolerava cadelas no cio. “*Grue! En chasse!*” Depois me perguntava, nervoso: “Alguma coisa aconteceu na traseira do carro?”. Mas como é que eu ia saber, se estava dirigindo? Ele ficava furioso com os donos, principalmente se o animal era uma *chienne de race* e a aristocracia do bicho não era respeitada, e queria que a secretaria cobrasse uma taxa extra deles por deixar que as cadelas fossem para o clube naquele estado. Qualquer pedigree o transformava num cortesão, e ele era capaz de assumir modos muito nobres, quando queria, e também de contrair os lábios numa linha tensa e repressiva de repulsa para a baixaza — o oposto de estirpe. Chamava a equipe, dois garotos negros e eu, para nos mostrar as características nobres do animal, e vou dizer a favor de Guillaume que sua ideia era gerir um ateliê e agir como o mestre de uma guilda, de forma que quando ele recebia um bom poodle era hora de largarmos as ferramentas e assistirmos à sua demonstração; vinha então um momento de bons sentimentos e de respeito para ele e para o pequeno, dócil e esperto animal. Ah, não era sempre a vexação ou as mordidas e brigas de cachorros pequenos a que Marco Aurélio compara as bulhas diárias dos homens, embora de vez em quando eu entenda o que ele quis dizer. Mas existe uma harmonia canina também, e ser observado por olhos de cães, muitos deles, também traz suas revelações.

O problema era que o trabalho me exauria e eu fedia a cachorro. As pessoas saíam de perto de mim no bonde, como fazem com empregados de matadouros, ou me olhavam de cara feia e entortavam a boca na linha abarrotada de Cottage Grove. Além disso, havia algo pompeano naquele emprego que me incomodava — a opulência dos cachorros e também os modos que eles tinham e que refletiam uma mentalidade civilizada, temperamentos mimados de favoritos, espelhos de neuroses. E ainda a

lembrança frequentemente espicaçante de que a mensalidade deles no clube era mais alta do que o que eu tinha de pagar para manter mamãe no asilo. Tudo isso junto volta e meia me deixava deprimido. Também sofria aguilhoadas adicionais por estar negligenciando meu autoaperfeiçoamento. Eu devia ser mais ambicioso. Muitas vezes, procurava dicas vocacionais em revistas e cheguei a pensar em fazer um curso numa escola noturna para me tornar repórter de tribunal, se tivesse aptidão, e até em voltar à universidade para algo maior. E, não raro, Esther Fenchel me vinha à cabeça, já que eu estava transitando pelas altas camadas da sociedade — ou, pelo menos, pela parte dessas altas camadas que possuía cachorro. Não havia uma vez que eu as espiasse por uma porta de fundos sem sentir uma pontada na alma por causa de Esther, e outras infantilidades parecidas. O sol dessa infantilidade continua brilhando mesmo quando os corpos maiores de estrelas mais quentes se ergueram para calcinar e cobrir você com a influência deles. As estrelas mais recentes podem ser mais cruciais, podem estar mais à vista, mas o sol mais antigo ainda permanece por um longo tempo.

Tive alguns acessos da doença da adoração e também algumas aflições mais profundas, sexuais, mais tarde; por estar trabalhando com animais talvez. A rua também era afrodisíaca, os cabarés e as fotos minúsculas, pernas com lantejoulas. E ainda a namorada de Guillaume, que era uma grande obra de exuberância, com um imenso traseiro ondulado e um enorme busto de mozzarella. Uma senhora de meia-idade, ela ia direto para a cama esperar por ele assim que começávamos a fechar a loja à noitinha e ficava sussurrando lá dentro como uma árvore robusta e branca ao vento. Mas não havia muito que eu pudesse fazer a respeito das minhas necessidades. Estava apertado demais financeiramente para poder ir à caça. Embora correndo o risco de esbarrar com Renling naquela vizinhança, fui até Evanston para procurar pela minha amiga Willa no Symington, mas ela tinha largado o emprego para se casar. Voltei no trem com a cabeça engolfada em devaneios sobre casais na cama, sobre o

comportamento de Cinco Propriedades com Cissy e sobre meu irmão perdendo a cabeça quando pensava nas núpcias e na lua de mel dos dois.

Simon, enquanto isso, mantinha distância de mim e não respondia aos recados que eu deixava com mamãe e em outros lugares. Eu sabia que ele não devia andar nada bem. Não estava dando dinheiro nenhum a mamãe, e pessoas que o tinham visto me diziam o quanto ele parecia arrasado. Então, o fato de ele preferir ficar isolado, num buraco de quarto como o meu, ou pior, era compreensível; ele nunca tinha tido de vir falar comigo de cabeça baixa, devendo explicações e desculpas, e não ia fazer isso agora. No último bilhete que deixei a ele, botei junto uma nota de cinco dólares. Ele aceitou o dinheiro, mas só me procurou quando podia pagá-lo de volta, o que só aconteceu alguns meses depois.

Um pertence meu que escapou da venda da mobília foi a coleção de clássicos da Harvard que Einhorn tinha me dado depois do incêndio na casa dele. Ela estava comigo no meu quarto e eu a lia quando podia. Um dia, estava enfrentando um parágrafo de Von Helmholtz, numa esquina do centro da cidade, no meio dos carros, quando um antigo colega de turma meu do Crane College, um mexicano chamado Padilla, tirou o livro da minha mão para ver o que eu estava lendo e depois o devolveu dizendo: “Pra que é que você está lendo esse troço? Isso já ficou pra trás faz tempo”. Ele começou a me falar das últimas descobertas, e eu tive de dizer que não estava conseguindo acompanhá-lo. Ele me perguntou como iam as coisas e então tivemos uma longa conversa.

Na minha turma de matemática, Padilla era o grande ás das equações. Sentava no fundo da sala e ficava coçando seu bico de viúva e trabalhando debruçado sobre folhas de papel desamassadas que outros alunos tinham deixado emboladas debaixo da carteira, já que não tinha dinheiro para comprar um caderno. Chamado ao quadro-negro sempre que todo o resto da turma não sabia o que fazer, Padilla atravessava a sala às pressas, com seu imundo terno branco ou cor de creme, daquele tecido usado nos bonés de verão mais baratos, pés sem meia enfiados num par de sapatos

garimpados no bazar do Exército da Salvação, também brancos, e começava a resolver a equação, cobrindo seus garranchos de giz com o corpo magricela, símbolos de infinito feito formigas partidas e oblíquas letras gregas inclinadas para baixo, em direção ao último sinal de igual. Para mim, era uma coisa divinal que funções pudessem ser tão claras para uma pessoa. Às vezes, ele ganhava uma salva de palmas da turma pela sua solução, enquanto voltava rapidamente para o seu lugar estalando os sapatos, que eram largos porque ele não tinha meias. Mas seu rosto, de nariz pequeno e pele esburacada de varíola, não esboçava nenhum sinal de satisfação tal como a entendemos. De qualquer forma, expressão não era seu forte. Ele com frequência parecia gelado. E não estou falando da sua maneira de ser agora, mas às vezes, no inverno, eu o via descendo em disparada a Madison Street com seu terno branco, no meio da neve, correndo de casa para se esquentar no prédio da faculdade. Nunca parecia estar suficientemente aquecido, mas sempre com frio, meio adoentado e com uma aversão primitiva a que alguém se aproximasse dele. Fumando cigarros mexicanos, ele atravessava os corredores da faculdade sozinho, muitas vezes passando um pente pelo cabelo, que era bonito, preto e cheio.

Bem, tinha havido algumas mudanças. Ele parecia mais saudável, ou pelo menos não tinha mais aquele tom arroxeadado de flor de cardo na pele, e estava usando um terno melhorzinho. Debaixo do braço, carregava livros pesados.

“Você está na universidade?”, perguntei.

“Eu ganhei uma bolsa para cursar matemática e física. E você?”

“Eu dou banho em cachorro. Não dá pra perceber que eu passo o dia com cachorros?”

“Não, eu não reparo em nada. Mas o que você está fazendo?”

“Isso é o que estou fazendo.”

Ele ficou muito triste de saber que eu estava num emprego tão servil, lavando gaiola e fazendo penteado em cachorro; e também de saber que eu não era mais um universitário, mas estava tentando me manter em dia

com Helmholtz, que para ele já era uma página virada; em outras palavras, que eu agora fazia parte da massa inculta que vivia na escuridão. Isso acontecia com frequência comigo, de as pessoas acharem que o mundo me devia alguma distinção.

“O que eu iria fazer na universidade? Eu não sou como você, Manny, que tem um talento especial.”

“Não se menospreze”, disse ele. “Você devia ver os imbecis metidos a besta que tem lá no campus. O que é que eles têm de especial, fora o dinheiro? Você devia ir lá e descobrir o que pode fazer, e aí depois de quatro anos, se não tiver mesmo nenhum talento especial pra nada, você pelo menos vai ter o diploma, e aí já não vai ser mais qualquer filho da puta que vai poder fazer gato-sapato de você.”

Pois sim!, pensei. Ainda haveria forças negras esperando para me escorraçar, e se eu tivesse um diploma a humilhação ia ser maior ainda, e eu ficaria cheio de rancor.

“Você não devia perder tempo”, ele continuou. “Você não vê que pra fazer qualquer coisinha você tem sempre que fazer uma prova, pagar uma taxa e tirar uma carteira ou um diploma? É melhor abrir logo os olhos. Se as pessoas não sabem que qualificações você tem, elas nunca vão saber que posto te dar, e isso pode ser perigoso. Você tem que meter as caras e fazer alguma coisa por si mesmo. Mesmo que você esteja só esperando, você tem que saber pelo que você está esperando, você tem que se especializar. E não espera demais, senão você fica pra trás.”

Não foi tanto o que Manny disse que me afetou, embora suas palavras tenham sido interessantes e provavelmente cheias de verdades; foi a amizade dele que mexeu comigo. Eu não queria largar dele, e não larguei. Fiquei comovido com o fato de ele se importar comigo.

“Como é que eu posso estudar, Manny, se estou duro?”

“Como é que você acha que eu faço? A bolsa não é suficiente, é só uma bolsa de isenção. Eu ganho um dinheirinho da NYA^d e faço negócios surrupiando livros.”

“Livros?”

“Como esses. Eu roubei esses aqui agora há pouco. Livros técnicos, de textos acadêmicos. Eu aceito encomendas até. Se pego vinte ou trinta num mês e consigo de dois a cinco dólares por cada um, dá pra eu me virar direitinho. Textos custam caro. Qual é o problema, você é honesto?”, disse ele, olhando para ver se eu o estava estranhando.

“Não inteiramente. Eu só estou surpreso, Manny, porque só o que eu sabia a seu respeito era que você era um ás da matemática.”

“E também só comia uma vez por dia e não tinha casaco. Você sabe disso. Bom, eu me dou um pouco mais de conforto agora. Quero viver um pouco melhor. Não saio por aí roubando por farra. Assim que puder, eu paro.”

“Mas e se você for pego?”

“Eu vou explicar pra você como eu encaro a coisa. Sabe, eu não tenho a ladroagem no coração; não sou um ladrão de verdade. Não estou interessado nisso, então ninguém pode fazer disso a minha sina. Isso não é a minha sina. Eu posso até ter algum probleminha por causa disso, mas nunca iria deixar ninguém transformar isso no *meu* problema, entendeu?”

Tendo convivido com Joe Gorman, que encarava a mesma questão de outra maneira, entendi perfeitamente.

Mas Padilla era um ladrão habilidoso mesmo assim e tinha orgulho da sua técnica. Marcamos um encontro para o sábado e ele me deu uma demonstração. Quando saíamos de dentro de uma livraria, eu nem sequer sabia se ele tinha ou não pegado alguma coisa, de tão bom que ele era na manobra. Do lado de fora, ele me mostrava um exemplar do *Botânica* do Sinnott ou do *Química* do Schlesinger. Só pegava livros valiosos; nunca aceitava encomendas de livros mais baratos. Entregando sua lista para mim, ele me dizia para escolher o próximo título e surrupiava o livro que eu tinha escolhido mesmo que fosse daqueles que ficavam guardados atrás do balcão da caixa registradora. Entrava nas livrarias carregando um livro velho, com o qual cobria o livro que queria. Nunca escondia nada debaixo

do casaco, de modo que, se acontecesse de alguém pará-lo, ele sempre podia alegar que tinha pousado seu próprio livro para examinar alguma coisa e depois pegado o seu e o outro livro juntos sem perceber. Como entregava os livros aos compradores no mesmo dia em que os roubava, nunca havia nada incriminador no quarto dele. Pesava muito a seu favor o fato de que ele não parecia nem um pouco um ladrão, mas apenas um jovem mexicano de ombros estreitos e movimentos rápidos, um pouco maltratado mas inofensivo, que entrava na loja, botava os óculos, cruzava os pés e se perdia em textos de termodinâmica ou físico-química. O fato de ele não se sentir um ladrão contribuía muito para o seu sucesso.

Vi uma vez, numa galeria italiana, um antigo quadro holandês, curioso e belo, que mostrava um velho sábio caminhando por campos vazios, pensativo, enquanto atrás dele um ladrão cortava o barbante da sua bolsa. O velho, de preto, pensando provavelmente na Cidade de Deus, tem no entanto uma extensão insensata de nariz e parece satisfeito demais com seu sonho. Mas a peculiaridade do ladrão é que ele está dentro de uma bola de vidro, e em cima da bola de vidro há uma cruz, que parece o símbolo do poder do imperador. Significa que é o poder terreno que rouba, enquanto os ridiculamente sábios estão sonhando com este mundo e o próximo, e que talvez, perdendo este, eles acabem não tendo nada, nem este nem o próximo, de forma que há uma pungente agulhada de sátira nessa imagem engraçada, e nem mesmo o campo pintado tem muito charme; é um lugar achatado.

Bem, Padilla em seus roubos não era dessa classe de poder terreno e não tinha ideias que envolvessem o mundo inteiro. Não era sua verdadeira vocação. Mas ele gostava de ser bom na coisa e apreciava o assunto como um todo. Tinha todos os tipos de informações sobre gatunos, batedores de carteira, punguistas e seus vários truques; sobre batedores de carteira espanhóis que eram tão espertos que pegavam o dinheiro do padre por baixo da batina, ou sobre a escola de gatunos em Roma que era tão cara que os alunos assinavam um contrato se comprometendo a pagar para a

escola metade do que ganhassem durante cinco anos depois que se formassem. Sabia um monte de coisas sobre o crime organizado e as verdadeiras arapucas que eram algumas boates de Chicago. Era um hobby seu, como outras pessoas gostam de acompanhar as médias de acertos dos batedores de beisebol. O que o fascinava era o pequeno indivíduo que tenta ter uma carga contrária à do centro magnético e dançar sua própria dança na periferia. Conhecia o trabalho das meninas de bar, que eram contratadas pelos donos dos estabelecimentos para fazer companhia aos fregueses e induzi-los a comprar drinques, e a maneira como as moças avançadas operavam nos grandes hotéis; um livro que ele lia com frequência era a autobiografia de Chicago May, que costumava atirar as roupas dos fregueses pela janela para que seu cúmplice as pegasse lá embaixo, e era uma mulher fora do comum.

Quando saía para se divertir, Padilla não fazia economia; gastava tudo o que tinha. Fui como seu convidado a um apartamento na Lake Park Avenue que duas moças negras mantinham juntas. Antes, porém, Padilla foi ao mercado fazer compras; comprou presunto, galinha, cerveja, pickles, vinho, café e chocolate holandês; depois fomos para lá e passamos a noite de sábado e o domingo naqueles dois cômodos, cozinha e quarto. O único lugar onde se tinha privacidade era o banheiro, de forma que tudo era compartilhado. Isso agradava Padilla. Quando estava quase amanhecendo, ele disse que devíamos fazer uma troca, para não deixar que sentimentos de exclusividade brotassem. As meninas gostaram da ideia e disseram que fazia sentido. Elas admiravam Padilla e o espírito com que ele encarava a coisa, então entravam sem reservas na brincadeira. Nada era muito sério e quase nada ocultado, mas sim partilhado no melhor clima de compreensão. Eu gostei mais da menina com quem fiquei primeiro, pois ela estava disposta a ser mais pessoal comigo e deixava que nossos rostos se encostassem. A segunda era mais alta e menos dada a esse tipo de intimidade; parecia ter uma vida privada mais rica a proteger de nós. Fazia as coisas com mais estilo. E era mais velha também.

De qualquer forma, o show era de Padilla. Se levantava da cama para comer ou dançar, ele queria que eu fizesse o mesmo, e volta e meia ao longo da noite sentava recostado nos travesseiros e punha-se a falar da sua vida.

“Eu já fui casado”, disse Padilla, quando a conversa rumou para esse assunto. “Em Chihuahua, quando eu tinha quinze anos. Tive um filho quando eu mesmo ainda era uma criança.”

Não gostei do jeito como ele alardeou ter abandonado mulher e filho no México, mas aí a moça alta disse que também tinha um filho, e talvez a outra também tivesse e só não quisesse dizer, então achei melhor deixar o assunto passar, ponderando que, se tantos cometem o mesmo erro, talvez a coisa seja mais complicada do que pareça para quem olha de fora.

Estávamos deitados nas duas camas, todos os quatro, e víamos uns dos outros apenas o que revelava a luz que atravessava as cortinas na lenta aurora do domingo, que nascia branca no leste mas caía cinza sobre a silhueta aprumada e vacilante dos muros. Uma vista como aquela dos velhos muros dos prédios de negros naquelas ruas tinha uma grandeza peculiar, ainda que um horror também, como um indício externo de uma grande humanidade que você agora não podia ver. Era como as Termas de Caracala. A imensa população oculta dormiu pela manhã de domingo adentro. A garota pequena de quem eu gostava estava deitada de nariz achatado, bochechas sonolentas, a boca grande, sensível e descuidada, sorrindo de leve das coisas que Padilla dizia. Ficamos ali deitados, aquecendo-nos no calor das meninas, como reis, até quase o anoitecer, quando fomos embora, trocando beijos e afagos enquanto nos vestíamos e depois nos despedíamos na porta, prometendo que voltaríamos.

Duros, Padilla e eu jantamos na casa dele, que era mais vazia do que aquela de onde tínhamos acabado de sair; a das meninas pelo menos tinha tapetes velhos, poltronas velhas e macias e truques decorativos femininos, ao passo que Padilla vivia com parentas idosas num apartamento grande no estilo trem, daqueles em que os cômodos ficam enfileirados um depois do

outro, perto da Madison Street. Era quase vazio; num cômodo havia uma mesa com algumas cadeiras e, num outro, apenas colchões estendidos no chão. As velhas estavam na cozinha, fazendo comida e abanando o fogão à lenha, velhas criaturas queimadas de gordura, vagarosas e inexpressivas, a quem Padilla nem sequer dirigiu a palavra. Tomamos sopa com carne moída no fundo da tigela e comemos tortilhas que vieram para a mesa embrulhadas em guardanapos. Terminando rapidamente, Padilla me deixou na mesa e, quando fui ver o que era feito dele, encontrei-o já na cama, com um cobertor do Exército puxado até o rosto, o nariz fino de fora e o cabelo caído para trás.

“Eu preciso dormir. Tenho um teste amanhã de manhã cedo”, disse ele.

“E você está preparado pra fazer o teste, Manny?”

“Ou a coisa vem fácil ou não vem nunca”, respondeu.

Aquilo ficou na minha cabeça. Então, vim matutando no bonde. Claro! Ou vem fácil ou não vem. As pessoas viviam fazendo das tripas coração para vencer dificuldades porque achavam que a dificuldade era um sinal de que estavam fazendo a coisa certa. Assim, resolvi experimentar aquela nova filosofia e, para começar, ver como me saía roubando livros. Se achasse fácil, largaria o clube canino. Se conseguisse ganhar tanto quanto Padilla, estaria ganhando o dobro do que Guillaume me pagava e poderia começar a juntar dinheiro para pagar a universidade. Não pretendia me contentar com uma carreira no roubo, mesmo que fosse fácil, mas só tomar um impulso para tentar algo melhor.

Então, eu comecei; a princípio com mais excitação do que conseguia suportar. Cheguei a ter náusea depois, na rua, e suei frio. Peguei um livro grosso, um volume das obras de Platão na tradução de Jowett. Mas fui rigoroso comigo mesmo e me forcei a concluir a experiência. Deixei o livro no guarda-volumes da Illinois Central Station, como Padilla tinha me dito para fazer, e voltei imediatamente para pegar outro. E então, depois de algumas experiências bem-sucedidas, passei a fazer a coisa com bastante tranquilidade. O momento mais difícil não era sair da loja; era quando eu

pegava os livros e os enfiava debaixo do braço. Mas, com o tempo, fui me sentindo mais relaxado, confiante de que, se fosse parado, conseguiria me justificar, rir da coisa como um erro de distração e escapar do aperto com charme. Padilla tinha me dito que os seguranças nunca prendiam ninguém dentro da loja; era quando você botava os pés na rua que eles o apanhavam. No entanto, quando estava numa loja de departamentos, eu ia andando, sem olhar para trás, em direção a alguma outra seção e ficava perambulando por lá — a seção de calçados masculinos na Carson Pirie's, a de doces ou de tapetes na Marshall Field's. Nunca me passou pela cabeça diversificar os negócios e roubar outros produtos também.

Pedi demissão do clube canino mais cedo do que havia planejado, e não foi só a confiança na minha competência de larápio que me fez fazer isso; eu também tinha sido acometido pela febre da leitura. Ficava enfiado no meu quarto e lia, devorando as letras e páginas impressas como um esfomeado. Às vezes, não conseguia entregar um livro ao freguês que o havia encomendado e, por um bom tempo, ler foi a única coisa com a qual eu realmente conseguia me importar. A sensação que eu tinha era de que um peso vivo tinha sido atraído para teias ou emaranhados de sentimentos famintos; eu queria puxá-lo para dentro. Padilla ficava chateado e se irritava quando vinha ao meu quarto e via pilhas de livros que eu já devia ter entregado fazia tempo; era perigoso ficar com eles. Se ele tivesse me restringido a livros de matemática, termodinâmica, mecânica, as coisas provavelmente teriam sido diferentes, pois eu não carregava o gérmen de um Clerk Maxwell ou de um Max Planck dentro de mim. Mas, como ele havia me entregado suas encomendas de livros de teologia, literatura, história e filosofia, e eu surrupiava coisas como *A história dos papas* de Ranke e *O Concílio de Trento* de Sarpi para os alunos do seminário, ou o livro de Burckhardt ou *Uma história do pensamento europeu no século XIX* de Merz, eu sentava e lia. Padilla me infernizou por causa do Merz porque eu estava demorando demais para terminar de ler e um sujeito do departamento de história andava atrás dele por causa do livro. “Você pode

usar o meu cartão e pegar esse livro emprestado na biblioteca”, disse. Mas, por alguma razão, não era a mesma coisa. Como comer sua própria comida, imagino, é diferente de comer um prato de comida que você ganhou de esmola, mesmo que caloria por caloria o valor seja o mesmo; talvez o corpo até as use de forma diferente.

Fosse como fosse, eu havia descoberto uma carência desconhecida e me dei conta de como um desejo ou amor geral, antes de ficar claro ou de encontrar seu objeto, se manifesta como um enfado ou algum outro tipo de sofrimento. E o que eu pensava de mim mesmo em relação a essas grandes ocasiões, à existência mais vultosa retratada nesses livros? Ora, eu as *via*, em primeiro lugar. Então, suponhamos que eu não tivesse nascido para ler uma grande declaração, nem para reger um palatinado, nem para mandar uma mensagem para Avignon, nem para qualquer outra coisa do gênero — o fato de eu poder *ver* fazia com que houvesse, mesmo assim, uma cota para mim em tudo o que havia acontecido. De que tamanho era essa cota? Bem, eu tinha consciência de que havia coisas que jamais iriam, porque não poderiam, resultar da minha leitura. Mas essa consciência não era tão diferente assim da consciência da remota mas sempre presente morte que espera no canto do quarto do amor; embora ela nunca arrede pé dali, você não para de amar por causa disso. Da mesma forma, tampouco eu parava de ler. Sentava e lia. Não tinha olhos, ouvidos nem interesse para mais nada — isto é, para a normalidade costumeira, ordinária, meramente fenomênica, feita de mingau de aveia, cadarços embaraçados, passagens de bonde e bilhetes de lavanderia; para o desalento sem motivo específico; para as escravidões desconhecidas; para a vida sob o jugo do desespero ou a vida organizada em hábitos, que suplantaria acidentes com um calmo conformismo. Por outro lado, quem poderia realmente esperar que os fatos cotidianos desaparecessem, que a faina ou as prisões sumissem, que o mingau de aveia e os bilhetes de lavanderia e todo o resto deixassem de existir, e insistir que todos os momentos fossem elevados à mais extrema importância, exigir que todos respirassem o ar etéreo e estrelado na sua

mais alta dificuldade, abolissem todos os quartos que lembrassem masmorras e toda a rotina enfadonha e vivessem como profetas ou deuses? Ora, todo mundo sabe que essa vida triunfante só pode ser periódica. Então, há um cisma a esse respeito, alguns afirmando que só essa vida triunfante é real e outros, que só os fatos cotidianos é que são. Para mim não havia controvérsia, e eu mergulhava na primeira com toda a pressa.

Foi nessa época que tive notícias de Simon de novo. Ele disse no telefone que vinha se encontrar comigo para me pagar os cinco dólares que eu tinha lhe mandado. Isso queria dizer que ele estava se sentindo preparado para me enfrentar — se não estivesse, teria mandado o dinheiro pelo correio. Assim, quando ele entrou no meu quarto, percebi que ele vinha armado de arrogância e orgulhosa valentia; era assim que ele estava preparado; estava pronto para me desancar, caso eu começasse a levantar a voz e a acusá-lo. Mas, quando me viu cercado de livros, descalço e vestindo uma roupa velha e, provavelmente, notou as bolhas de ar e as manchas amareladas no papel de parede e a escassez de luz, ele ficou mais confiante e tranquilo. Pois com toda a certeza achou que eu continuava o mesmo de sempre, que eu deixava as coisas correrem frouxas demais, que era inconsequente, fogo de palha, entusiasmado demais; em suma, que eu era meio bunda-mole. Se ele, por exemplo, tocasse no assunto da morte de vovó, eu poderia ser facilmente levado ao choro e aí ele me teria na palma da mão. A questão para ele sempre tinha sido se eu era desse jeito por natureza ou por escolha. Se fosse por escolha, talvez eu pudesse ser modificado.

Eu, de minha parte, estava feliz por ele ter vindo e ansioso para revê-lo. Nunca teria sido capaz de seguir o conselho de Einhorn de ser duro com Simon e mantê-lo por baixo. Era verdade que ele deveria ter me mandado aquele dinheiro quando telegrafei de Buffalo, mas ele estava num aperto e eu podia perdoá-lo por isso. O empréstimo que ele tomou de Einhorn também não era nada tão grave assim, já que o próprio Einhorn já havia deixado um bocado de gente na mão com quantias maiores; e ele,

Einhorn, tinha sido grande e elegante o suficiente para não berrar nem resmungar por causa disso. Até aí tudo bem. Mas e quanto a mamãe e ao apartamento? Confesso que isso tinha sido duro de engolir e, se tivesse visto Simon quando estava correndo escada abaixo para procurar por mamãe, eu certamente teria lhe partido a cara. Mas, depois, pensando no assunto de cabeça fria, eu tive de admitir que não teríamos mesmo conseguido manter a velha casa por muito mais tempo nem proporcionar para mamãe um repouso tranquilo ali, uma vez que nenhum de nós tinha aquela sonolência filial de gato doméstico que solteirões natos têm. Alguma coisa em nós dois havia consentido o desmantelamento da casa. Tudo o que Simon tinha de fazer era falar disso; se não falasse, era porque se sentia culpado demais para conseguir pensar com clareza.

Eu esperava encontrá-lo magro e abatido; em vez disso, ele estava mais gordo. No entanto, não era aquela gordura com jeito de conforto, mas sim daquele tipo que parece vir de uma má alimentação. Levei alguns instantes para conseguir superar a estranheza causada pelo seu sorriso preguiçoso e pelos tocos amarelos e dourados de barba no seu queixo — não era do seu feitio não fazer a barba; mas depois ele ficou bem e se sentou, os dedos grandes entrelaçados no peito.

Era verão, um fim de tarde, e embora meu quarto ficasse no último andar daquela velha casa de madeira, a árvore frondosa que havia em frente era tão imensa que passava do telhado, de forma que tudo em volta ficava verde e lustroso, como se estivéssemos num bosque; e lá embaixo, no gramado, um pássaro batia com o bico, feito um martelo, num cano de água no meio do capim. Tudo isso poderia ter nos ajudado a nos sentir em paz, mas não ajudou.

Acho que as pessoas nunca observaram umas às outras com tanta hostilidade como observam agora. Aos parentes também, claro. Tentei evitar isso com Simon, mas não conseguimos. Então, de ambos os lados, por um momento, as piores coisas foram pensadas. Depois ele disse: “O

que é que você está fazendo no South Side com todos esses livros, virando estudante?”.

“Eu bem que queria ter dinheiro pra isso.”

“Então você deve estar no negócio de livros. Não deve ser lá grande coisa, já que pelo que eu estou vendo você também lê os livros. Só você mesmo pra encontrar um negócio desses!” Ele disse isso com sarcasmo, ou quis dizer, mas havia um lugar morto onde o tom sarcástico deveria ter vibrado; depois acrescentou, razoável: “Mas imagino que você também possa me perguntar aonde foi que a minha inteligência brilhante me levou”.

“Não preciso perguntar. Eu sei. Dá pra ver.”

“Você está zangado, Augie?”

“Não”, respondi, rouco, e com um olhar ele percebeu o quanto o que eu sentia estava longe da raiva. Um olhar era tudo o que ele queria; então, abaixou os olhos. “Fiquei zangado quando descobri. Veio tudo ao mesmo tempo, inclusive a notícia sobre a vovó.”

“É, ela morreu, não foi? Imagino que já devia estar muito velha. Você chegou a descobrir quantos anos ela tinha? Acho que a gente nunca...” E foi assim que ele passou pelo assunto, com ironia, tristeza, reverência até. Sempre sorríamos quando falávamos de vovó e atribuíamos a ela coisas extraordinárias.

Depois disso, Simon deixou de lado a valentia com que tinha chegado e disse: “Eu fui muito burro de ter me envolvido com aquela quadrilha. Eles ficaram com o dinheiro todo e ainda me deram uma surra. Eu sabia que eles eram perigosos, mas achei que ia saber me defender. Não pensei direito, porque estava apaixonado. Apaixonado! Ela só me deixava ir até certo ponto. Na varanda, à noite. Eu tinha a sensação de que ia explodir. Estava completamente louco por ela, ficava desesperado só pra conseguir tocar nela, e acabou que foi só o que eu consegui mesmo”. Ele disse isso com uma raiva bruta, e com desprezo. Aquilo me deu um frio na espinha. “Quando soube que eles tinham se casado, eu tive sonhos com eles

fodendo, como uma mulher com um macaco. Ela não ia nem ligar. E você sabe como ele é. Mas não faz diferença, ele pode fazer o diabo lá como qualquer outro homem. Além do mais, ele tem dinheiro. O que ela *acha* que é ter dinheiro! Só o que ele tem são alguns poucos prédios. É mixaria. Pode parecer muito pra ela agora, mas logo, logo ela vai descobrir o que é ter dinheiro de verdade.” Agora o rosto dele estava vermelho e com uma emoção diferente daquela raiva misturada com desprezo. Ele disse: “Sabe, eu odeio ficar desse jeito e pensar essas coisas. Sinto vergonha disso, honestamente. Porque ela não era tão maravilhosa assim e ele também não é tão ruim assim. Ele não era ruim pra nós quando éramos garotos. Você não esqueceu disso, esqueceu? Eu não quero que ela me faça agir feito um cão esquimó, eriçando os pelos do pescoço por causa de um pedaço de peixe. Eu costumava ter objetivos mais nobres, quando era criança. Mas, depois de um tempo, você descobre o que realmente tem ou não tem e se dá conta de que, em primeiro lugar, vêm todos aqueles sentimentos egoístas e invejosos, que você não se importa com o que aconteça com quem quer que seja, desde que você consiga o que quer; você começa a pensar como seria bom que alguém próximo a você morresse e te deixasse livre. E aí eu pensei que seria a mesma coisa para essas pessoas se *eu* morresse”.

“Como assim, morresse?”

“Me suicidasse. Cheguei perto disso na prisão, lá na North Avenue.”

Essa menção ao suicídio foi meramente factual. Simon não estava tentando despertar minha piedade; nunca parecia precisar da minha pena.

“Eu não tenho grandes antipatias pela morte, você tem, Augie?”, disse ele. No meio do movimento das folhas ao seu redor, ele parecia mais calmo, pesado na posição em que estava sentado, com a copa do seu chapéu de feltro se contrapondo às variações executadas pelas sombras verdes e amarelas das folhas. “Então, responde, você tem?”

“Eu não estou tão louco assim pra morrer, não.”

Isso, depois que dois ou três pensamentos passaram em sucessão pelo seu rosto, o deixou mais tranquilo e relaxado, mais suave comigo. Ele riu finalmente. E disse: “Você vai morrer como todo mundo. Mas tenho que admitir que não é nisso que você faz as pessoas pensarem quando elas olham pra você. Você é uma figurinha alegre, isso eu posso dizer a seu favor. Mas, quando se trata de defender os seus interesses, sinceramente, você é uma negação. Qualquer outro irmão no seu lugar teria me feito suar pra devolver o dinheiro. Se você tivesse feito comigo o que eu fiz com você, eu ia fazer a coisa ficar feia pro seu lado. Ou, no mínimo, ficaria satisfeito de ver você se estrepar como eu me estrepei. Ia dizer ‘Você fez por merecer. Bem feito pra você!’. Bom, já que você não cuida dos seus próprios interesses, estou vendo que vou ter que fazer isso por você”.

“Meus interesses?”

“Claro”, ele respondeu, um pouco irritado com a pergunta. “Você não acredita que eu pense em você? Nós dois estamos no time dos fracassados já faz tempo demais, e eu estou cansado disso.”

“Onde é que você está morando agora?”, perguntei.

“No Near North Side”, ele respondeu com pouco caso, não querendo dar trela para a minha vontade de saber coisas específicas sobre a vida dele. Não ia me contar se seu quarto tinha uma pia, se era forrado de carpete ou de linóleo, ou se dava de frente para uma linha de bonde ou para uma parede. Era normal eu ter esse tipo de curiosidade sobre detalhes. Mas ele não ia satisfazê-la, já que se estender sobre essas coisas dava a entender que seria difícil se livrar delas; para ele, essas eram coisas pelas quais se devia passar rapidamente. “Eu não vou ficar lá”, disse.

“Do que é que você está vivendo?”, perguntei. “O que você está fazendo?”

“Como assim, do que é que eu estou vivendo?” Repetir as perguntas era uma maneira de ele botar obstáculos no meu caminho. Prezava demais seu orgulho para dizer como as coisas estavam e mostrar a rasteira feia que tinha levado da vida. Era uma espécie de brio com relação à sua imagem

que ele sempre tivera na qualidade de irmão mais velho e do qual se recusava a abrir mão. Tinha sido um idiota e agido errado, vindo me procurar amarelado como um doente e com a desgraça menor de que estava gordo, como se comer demais fosse sua resposta ao fato de ter sido esmagado — e, com tudo isso estampado na sua cara, ele não ia ainda por cima me contar pequenos detalhes, não mesmo. Tomou minha pergunta como um golpe contra ele quando estava tentando sair do buraco da humilhação e se defendeu com um braço rígido, dizendo “Como assim?”, como se fosse se lembrar tempos depois de que eu havia tentado agredi-lo ou pelo menos espicaçá-lo. Tempos depois ele não se importou de me contar que tinha lavado chão num restaurante barato, mas isso foi muito depois. Naquele momento, porém, ele repeliu minha investida. Chumbado na poltrona preta e dura — digo “chumbado” por causa do seu corpanzil avolumado —, ele reuniu obstinadamente suas energias e sua coragem — pude ver claramente quando ele se concentrou para fazer isso — e passou a tratar de abaixar minha crista. Fez isso mais vigorosamente do que era necessário, com força de paxá. “Eu não tenho jogado o meu tempo fora”, disse. “Estou trabalhando numa coisa. Acho que vou me casar em breve”, disse, sem se permitir sorrir ao fazer o anúncio nem amenizá-lo de alguma forma agradável.

“Quando? Com quem?”

“Com uma mulher que tem dinheiro.”

“Uma mulher? Uma mulher mais velha?” Foi como interpretei a coisa.

“Qual é o problema com *you*? Sim, eu me casaria com uma mulher mais velha. Por que não?”

“Aposto que não casaria.” Ele ainda conseguia me abismar, como se tivéssemos continuado crianças.

“A gente não precisa discutir por causa disso porque ela não é velha. Tem uns vinte e dois anos, me disseram.”

“Quem disse? E você nunca nem viu essa mulher?”

“Não, nunca. Você lembra do gerente daquela loja de roupa do centro, o meu antigo patrão? É ele que está arranjando o casamento pra mim. Eu tenho uma foto dela. Feia ela não é. É meio pesada — mas eu também estou ficando pesado. Ela até que é bonita. De qualquer forma, mesmo que ela não fosse bonita, e se o gerente não estiver mentindo a respeito do dinheiro — a família dela supostamente tem uma montanha de dinheiro —, eu me casaria com ela assim mesmo.”

“Você já está decidido?”

“Estou, claro!”

“E se ela não te quiser?”

“Eu vou fazer com que ela queira. Você acha que eu não consigo?”

“Talvez você consiga, mas eu não gosto disso. É coisa de gente de sangue-frio.”

“Sangue-frio!”, disse ele, subitamente exaltado. “O que é que tem de sangue-frio nisso? O meu sangue vai ficar frio se eu continuar do jeito que estou, isso sim. Eu não estou pensando só no casamento, mas além dele. Nunca mais vou cair nessa baboseira toda que dizem sobre o casamento. Todo mundo que você vê por aí, a não ser talvez alguns poucos que nem eu e você, nasceu de um casamento. Você vê alguma coisa de tão excepcional ou de fantástico nele que faça com que seja tão importante assim? Pra que ficar perdendo tempo tentando fazer um casamento perfeito? Do que é que ele vai te salvar? Por acaso ele já salvou alguém — os imbecis, os otários, os idiotas, os *schleppers*,^e os babacas, os burros, os ratos, os porcos, ou as pessoas decentes e infelizes ou o que você chama de boa gente? Todos eles são casados ou nasceram de casamentos, então como é que você pode querer me convencer de que faz alguma diferença que Bob ame Mary que se casa com Jerry? Isso é coisa de cinema. Você não vê que as pessoas ficam matutando como fazer pra se casar por amor e acabam sendo comidas vivas? Porque enquanto estão procurando o melhor que existe — e eu imagino que esse seja o problema com você — elas põem a perder todo o resto. É triste, é uma pena, mas é assim.”

Continuei discordando ferrenhamente de Simon mesmo assim; e ele percebeu. Ainda que não pudesse me considerar naquele momento na lista ativa de amantes e não estivesse mais realmente apaixonado por Esther Fenchel. Vi no rosto de Simon a expressão de um homem equivocados. Achei que a vida estava fazendo barulho demais ao seu redor para que ele pudesse tomar uma decisão correta. Além disso, os livros que eu andava lendo — notei que Simon estava ciente da contribuição deles para a minha discordância e que seus olhos os marcaram como adversários; e havia também um pouco de escárnio no seu olhar. Mas eu não podia, diante do primeiro olhar duro de um oponente ou porque estava sendo alvo de escárnio, negar ou ser desleal a coisas que eu levava a sério e com as quais concordava no fundo do meu íntimo quando fazia minhas leituras.

“Por que é que você faz tanta questão que eu concorde com você? Se você realmente acredita no que está dizendo, não deveria fazer diferença nenhuma se eu concordo ou não.”

“Que diabo!”, disse ele, inclinando o corpo para a frente e olhando para mim de olhos arregalados. “Não se lisonjeie, garoto. Se você realmente entendesse, você concordaria. Seria bom ter a sua compreensão, mas eu posso passar perfeitamente sem ela se for preciso. E além do mais, embora isso possa não ser lisonjeiro pra nenhum de nós dois, nós somos iguais e queremos a mesma coisa. É bom que isso fique claro.”

Eu não era dessa opinião, e não por uma questão de orgulho, mas apenas por causa dos fatos. Vendo, no entanto, que ele precisava que eu fosse parecido com ele, eu não disse nada. E se ele estava falando da parte misteriosa da hereditariedade, que nossos órgãos podiam receber ondas ou *quanta* do mesmo comprimento, eu não tinha conhecimento suficiente sobre esse assunto para discutir com ele.

“Bom, talvez seja como você diz. Mas o que é que te faz pensar que essa garota e a família dela vão te aceitar?”

“Você está perguntando o que eu tenho pra oferecer? Bom, em primeiro lugar, somos todos homens bonitos na nossa família. Até o George, se fosse

normal, seria bonito. A velha sabia disso e achava que podíamos capitalizar em cima da nossa boa aparência. Mas, além disso, eu não estou me casando com uma garota rica pra viver do dinheiro dela e ficar de boa vida. Aquelas pessoas vão fazer um ótimo negócio comigo. Elas vão ver que eu não vou ficar de papo pro ar e fazer corpo mole. Eu não consigo. Tenho que ganhar dinheiro. Não sou daqueles sujeitos que desistem do que querem assim que se dão conta do que querem. Eu quero dinheiro, quero *de verdade*; e sei lidar com ele. Isso é o que eu tenho pra oferecer. Eu não poderia ser mais franco com eles.”

Acho que ninguém me culparia por ouvir isso com uma certa dose de ceticismo. Mas, por outro lado, coisas assim são feitas por pessoas que têm a ambição específica de fazê-las. Eu não gostei do jeito como ele falou; não gostei, por exemplo, da sua maneira de se gabar de que éramos homens bonitos — aquilo nos fazia parecer animais reprodutores. Mesmo assim, não podia torcer para que ele fracassasse de novo; ele não era rico de coração a ponto de poder fazer bom uso dele.

“Me mostra a foto da garota.”

Ele trazia a foto no bolso da calça. Ela parecia razoavelmente jovem, uma moça grande, com uma cara bastante agradável. Achei que ela era bem bonita até, embora não parecesse ser alguém de temperamento aberto ou fácil.

“Ela é atraente, eu te falei. Um pouco pesada demais, talvez.”

O nome dela era Charlotte Magnus.

“Magnus? Não era um caminhão da Magnus que entregava carvão pros Einhorn?”

“Esse é o tio dela, que está no ramo de carvão. Tem umas quatro ou cinco carvoarias enormes. E o pai dela tem propriedades às pencas. Hotéis. E também algumas lojas de departamentos. Vou querer entrar no ramo de carvão. É o que eu acho que dá mais dinheiro. Vou pedir uma carvoaria de presente de casamento.”

“Você já está com tudo planejado.”

“Claro. E já tenho uma coisa planejada pra você também.”

“Não vai me dizer que eu também vou ter que casar?”

“Daqui a algum tempo, sim, vou arranjar uma noiva pra você. Até lá, você tem que me ajudar. Eu tenho que ter alguma família. Me disseram que eles são muito ligados nesse negócio de família. Eles não iam entender nem gostar do jeito que a gente vive, então a gente tem que fazer a coisa parecer melhor. Vai ter jantares e coisas assim, e provavelmente uma grande festa de noivado. Você não espera que eu vá lá no sul do estado buscar o George pra mostrar pra eles, espera? Não, tem que ser você. Vamos precisar de roupas. Você tem alguma?”

“Elas estão no prego.”

“Então tira elas de lá.”

“Com que dinheiro?”

“Você não tem nenhum? Eu pensei que você estivesse envolvido em algum tipo de negócio com livros.”

“Todo o dinheiro que me sobra vai pra mamãe.”

“Tá bom, não precisa ficar irritado”, ele disse, tenso. “Logo, logo eu resolvo isso. Vou arranjar o dinheiro.”

Fiquei me perguntando onde ele ainda teria crédito. Talvez seu antigo patrão lhe emprestasse algum dinheiro. Fosse como fosse, dali a alguns dias recebi um vale postal de Simon e, quando resgatei as roupas, ele veio pegar emprestado um dos meus ternos de Evanston. Pouco tempo depois, contou que havia conhecido Charlotte Magnus. Achava que ela já estava apaixonada por ele.

a “Sinagoga”, em ídiche. (N. T.)

b “Tetas”, em ídiche. (N. T.)

c “Massacre do dia de São Valentim” é o nome pelo qual ficou conhecido o assassinato de sete homens ligados à gangue do North Side de Chicago, em 14 de fevereiro de 1929, numa garagem da North Clark Street. Acredita-se que o massacre possa ter sido ordenado pelo chefe da gangue do South Side, Al Capone. (N. T.)

d National Youth Administration, agência criada como parte do New Deal do presidente Franklyn D. Roosevelt e que dava assistência financeira a estudantes pobres em troca da participação destes em projetos de suas instituições de ensino ou de trabalhos de meio expediente que incluíam treinamentos profissionalizantes. (N. T.)
e Pobre-diabo, tolo ou vagabundo, em iídiche. (N. T.)

11.

Pois bem, existe uma hora que é como uma Westminster escura em que uma multidão de objetos não podem ser vistos com clareza; são densos demais e há também uma chuva insular, o negrume do mar do Norte, o veio do Tâmis. Essa escuridão em que decisões têm de ser tomadas — ela não é meramente local; é a mesma escuridão que existe na mais furiosa claridade da tórrida Messina. E quanto à frieza da chuva? Ela não desaquece a tolice na sua morada na face humana, nem desfaz a dissimulação, nem modifica defeitos, mas essa chuva é um símbolo da condição partilhada por todos. Talvez isso queira dizer que o que é necessário para mitigar a tolice ou dissolver a dissimulação existe sempre em superabundância ao redor e é insistentemente oferecido a nós — uma oferta negra na Charing Cross; uma cinza na Place Pereires, onde você vê tantos tipos e variedades de seres passarem de um lado para o outro no líquido e na névoa; uma marrom na unidade reta da Wabash Avenue. Com a escuridão, o solvente é oferecido dessa forma até a hora em que uma coisa é determinada e as ofertas, clemências e oportunidades acabam.

A casa onde eu estava morando no South Side era uma pensão de estudantes que, em noites calmas, ficava ao alcance dos carrilhões da universidade e do sino da capela, e ela também tinha um abarrotamento medieval, de hostes dentro das paredes estreitas, rostos em todas as janelas, cada centímetro ocupado. Eu tinha alguns fregueses estudantes e até

alguns amigos ali. Na verdade, eu conhecia todo mundo em função da circunstância de que Owens, o velho galês que administrava o lugar, havia me encarregado de atender as ligações telefônicas e distribuir a correspondência no pequeno buraco envernizado que era chamado de *lobby*. Eu fazia esse serviço em troca do aluguel. E, enquanto separava as cartas, inevitavelmente lia os endereços dos remetentes e cartões-postais e, ao tocar a campainha para chamar as pessoas para atender o telefone, acabava ouvindo suas conversas, já que não havia cabine. Owens também ficava ouvindo, ele e sua irmã solteirona, que era a zeladora; a porta da rançosa sala de estar dos dois estava sempre aberta — o cheiro da cozinha dominava todos os outros odores da casa. Pela porta, do meu posto na cadeira de balanço de vime, duas horas toda noite, eu podia ver o estado dos dois depois do jantar, seus pilares quadrados de nogueira, a loucura de rendas engomadas, os cristais lapidados que pareciam inspirados em olhos de inseto, os detalhes doidos da samambaia tanto enroscados quanto expandidos, as pinturas de frutas, cheias de rigidez contra a liberdade, e ainda os pratos de louça azul presos nos lambris. Com tal equipamento compondo um arsenal das visões dos dois — não posso esquecer dos enormes lustres de vidro pendurados em três correntes —, eles demonstravam que estavam ali para ficar e resistir. Como seus inquilinos eram temporários, os Owens provavelmente precisavam de algo assim para estabelecer um lar para si, uma decoração muito pesada.

Clem Tambow passou a me visitar. Seu pai, o velho político, tinha morrido, e Clem e o irmão, agora um dançarino de sapateado no circuito dos pequenos teatros de vaudeville nova-iorquinos, tinham dividido o prêmio de uma apólice de seguro. Clem não dizia quanto havia herdado, por um estranho escrúpulo de polidez ou de privacidade, ou talvez por superstição. Mas tinha se matriculado na universidade, no departamento de psicologia, e estava morando na vizinhança.

“O que você achou do velho ter deixado dinheiro pra mim?”, perguntou, rindo, envergonhado da sua boca imensa e dos seus dentes cariados —

ainda tinha aquele branco dos olhos grande e claro e a nuca cabeluda como quando era garoto. Em seguida, pôs-se a desabafar sobre o problema da sua feiura, falando com sombria tristeza do seu nariz, mas interrompendo suas queixas com enormes gargalhadas, movendo súbita e rapidamente a mão para evitar que seu charuto caísse. Agora que tinha dinheiro, andava sempre com uma fileira de Perfecto Queens no bolso do casaco.

“Eu não dava o devido valor ao meu velho. Era totalmente vidrado na minha mãe. Vidrado *mesmo*. E ainda seria, mas agora ela simplesmente já está velha demais. Não tem mais como eu me enganar, principalmente depois que li alguns livros de psicologia.”

Falando de psicologia, ele sempre ria. Dizia: “Eu só estou na faculdade por causa do mulherio”. E depois, um pouco melancólico: “Eu tenho algum dinheiro agora, então é melhor tratar de tirar proveito. Não chegaria a lugar nenhum de outra forma, com essa boca de peixe e esse meu nariz. Com garotas cultas, você pode apelar para o intelecto delas, e elas não esperam que você gaste horrores com elas”. Clem não poderia se considerar um estudante; era uma espécie de visita pagante; jogava pôquer no porão do prédio da escola de direito, sinuca no Reynold’s Club e nos cavalos com um *bookmaker* na rua 53. Quando assistia a uma aula, era capaz de rir às gargalhadas na grande sala de conferências de Kent, o anfiteatro, de qualquer trapalhada da ciência ou de alguma coisa engraçada que lhe ocorresse no íntimo, sem conseguir se conter.

“Mas aquele imbecil”, explicava, “estava tentando defender uma baboseira behaviorista, de que todo pensamento é feito de palavras e que, portanto, devia se dar em parte na garganta, nas cordas vocais — o termo que ele usou foi ‘subvocalização inibida’. Aí eles ficaram curiosos para saber como acontecia com os mudos e então pegaram alguns deles, botaram uns troços no pescoço dos coitados e ficaram lendo silogismos pra eles. Mas a experiência toda estava escapando pelos dedos, porque é óbvio que os mudos falam com as mãos. Aí eles resolveram engessar as mãos dos

mudos. Bom, quando o sujeito chegou nesse ponto, comecei a rir — rá-rá-rá! E aí ele me botou pra fora da sala.”

Assim que disse isso, Clem teve um de seus incontroláveis ataques de riso de constrangimento e vergonha, do qual se refez com mais risadas. *Rá-rá-rá!* Em seguida, um grande acesso de alegria. Depois melancolia de novo, quando se lembrou dos seus problemas, dizendo que a natureza tinha lhe dado dádivas de menos. Eu tentava convencê-lo de que estava enganado e de que não precisava compensar nada. Ele estava no auge da sua época de acasalamento e sua aparência era extremamente viril, apesar dos exageros, como seu bigode e os ternos de malandro listrados, que custavam quase vinte e dois dólares e que ele comprava a prazo — tinha o dinheiro, mas preferia pagar em prestações. Disse: “Não precisa ser bonzinho comigo não, Augie”. Às vezes, adotava um ar de tio comigo, um tio quase da mesma idade que o sobrinho. Buscava um ar de meia-idade. Tinha decidido que podia atrair mulheres que gostassem de homens experientes; um tio um pouco gasto, meio amargo e libertino. Era a banca que ele tentava botar.

“Bom, mas e você, Augie, o que há de errado com você?”, perguntava. “Por que é que você está nessa pasmaceira, vagando feito um molambo pela casa? Você tem tantas possibilidades na sua frente que nem sabe o que fazer com elas. O seu problema é que você fica querendo achar um empresário. Agora está mancomunado com aquele mexicano. Pra que é que você fica adiando tudo?”

“Tudo o quê?”

“Sei lá. Mas você fica aí sentado nessa cadeira de balanço, na maior calma, com um livro no peito, deixando o tempo passar, quando tem milhares de coisas que você poderia fazer.”

Clem tinha uma ideia descomunal das coisas que existiam para ser aproveitadas, o que era bastante natural quando você considerava o quanto era doloroso para ele acreditar que elas estavam fora do seu alcance. Ele queria dizer, eu sei, dinheiro, admiração, mulheres absolutamente

indefesas diante de você por amor. Os bens da fortuna. Ele ficava angustiado com esses milhares de coisas e, às vezes, eu também. Insistia que eu deveria ir para algum lugar, ou pelo menos praticando como ir, que eu deveria me concentrar em descobrir como ser necessário, que não deveria ser tímido, mas sim enérgico, absoluto, e assim por diante. E, claro, eu me sentia um pouco ansioso para ser absorvido por algo maior do que eu mesmo. Não podia fazer brilhar a estrela da grande individualidade que, ao absorver combustível, se tornou um sol do mundo a cintilar sobre a multidão — a qual ela não necessariamente aquece, mas apenas inunda de uma radiância plutárquica. Ser necessário, sim, seria maravilhoso; mas ser um garoto de Febo? Eu não conseguia nem imaginar uma coisa dessas. Nunca tentei exceder minha natureza. Em todo caso, quando alguém como Clem me instigava e louvava, eu não dava muita atenção. Tinha meu próprio sistema de aconselhamento. Ele não era infalível, mas cometia erros com os quais eu podia lidar.

Clem não estava de brincadeira quando conversava comigo sobre esse assunto tão importante, mas falar comigo não era seu principal objetivo quando ia àquela casa. Não ia até lá para me animar, nem para contar as novidades sobre Jimmy Klein — que já estava casado, era pai de um filho e estava trabalhando numa loja de departamentos —, nem sobre como seu irmão estava tentando entrar no circuito dos grandes teatros da Broadway. Ia porque estava atrás de uma garota chamada Mimi Villars, que morava na casa.

Mimi não era estudante; trabalhava como garçonete num restaurante de estudantes na Ellis Avenue. Eu havia reparado nela com admiração, talvez mais apto a julgar porque não tinha nenhuma intenção de levá-la para a cama. Ela era muito clara e corada, de uma beleza bruta e carrancuda, sobrancelhas compridas alongadas com lápis fino ligeiramente para cima, como o cílio da euglena, desviadas de sua linha natural em direção a orelhas brancas e apertadas, que você tinha de procurar no meio dos cachos do seu cabelo, e uma boca avantajada, que falava por uma alma de

apetite tremendo, sem barrar nada; Mimi dizia tudo o que lhe vinha à cabeça e não conhecia impedimentos. Seu quadril era comprido e estreito, os seios grandes, e ela usava saias e suéteres justos e sapatos de salto alto que davam um arco tenso de impaciência aos músculos das suas panturrilhas; seus passos eram pequenos e graciosos e sua risada violenta, plena e crítica. Ela me lembrava muito pouco Willa, que também era garçoneiro. Willa, a quem eu pessoalmente preferia, aquela menina do interior — acho que poderia ter sido perfeitamente feliz com Willa e morado minha vida inteira numa cidade do interior, se a oportunidade tivesse se apresentado. Ou, pelo menos, é o que eu digo a mim mesmo de vez em quando.

Mimi era de Los Angeles. Seu pai tinha sido ator de cinema mudo. Ela falava dele quando queria dizer o quanto odiava os homens ingleses. Viera para Chicago originalmente para estudar, mas fora expulsa da universidade por ultrapassar os limites do agarramento na sala de recreação do Greene Hall. Tinha um talento nato para ser posta no olho da rua. Ninguém duvidaria que ela fosse capaz da ofensa, se é que era ofensa, e quanto à punição aplicada, esse era um dos temas favoritos do seu humor feroz.

Eu sabia que Clem não tinha a menor chance com ela. A causa do forte colorido do rosto de Mimi não era apenas boa saúde e autoexcitação: também havia uma contribuição do amor. Por coincidência, o namorado dela era um dos fregueses que Padilla havia passado para mim, um sujeito chamado Hooker Frazer, que era aluno de pós-graduação e monitor de ensino do departamento de ciência política. Ele era um cliente difícil, pois costumava encomendar livros raros ou esgotados. Dois volumes da *Vontade de potência* de Nietzsche, que eu suei para conseguir afanar porque ficavam dentro de um armário de vidro fechado numa livraria de livros de economia; consegui para ele também o *Filosofia do direito* de Hegel, os últimos volumes do *Capital* na livraria comunista da Division Street, a *Autobiografia* de Herzen e alguns livros de Tocqueville. Ele pechinchava à beça, e falava à beça também, com uma concisão incomum, e era um

homem que a universidade devia se orgulhar de ter entre seus alunos, com seu olhar inteligente, alto e livre, precocemente marcado por pés de galinha pela prática da reflexão, um jovem Calhoun^a ou já um estadista, com marcadas áreas tristonhas indicativas de uma coerência rigorosa e uma ruga prematura na testa, como a escrita de um sismógrafo. Não era um daqueles homens altos que dão a impressão de serem divididos em seções regidas por diferentes princípios mecânicos, mas também não era desajeitado, embora tivesse uma postura frouxa. O fato de ele morar em Burton Court, que tanto parecia um novo Christ Church ou Magdalen,^b e viver na condição de um acadêmico inglês, aquele celibato erudito, por si só já me encantava. Mas não cativava Padilla, com seu nariz rijo de múmia de Gizé e suas olheiras lívidas, a câmara estreita e abobadada de seus ombros e costas e seus passos duros e firmes nas pedras que começavam a ser veneráveis. Manny vinha de um bairro pobre num morro alto e não tinha pendor para a erudição. Não se interessava muito pelo Velho Mundo.

Mas Hooker Frazer era o homem de Mimmi Villars e, vendo os dois juntos na escada da pensão de Owens, eu os admirava, ambos tão bem feitos, ela durona e intrépida, sem nunca medir suas palavras para ninguém, e ele tão bem-apegoado e distinto que poderia ser descendente direto do homem de Cro-Magnon — mas claro que com as diferenças dos dias atuais, incluindo os desajustes. Ele tinha um temperamento que não combinava com o resto dele, com sua compostura e até com uma certa arrogância que se notava nele. Era comum os dentes estarem trincados, e seu nariz reto terminava num rococó nervoso que parecia se originar não da sua herança genética, e sim do seu temperamento. Mas mesmo Padilla, que não ia muito com a cara dele, dizia que ele era *muy hombre*. O motivo maior da implicância de Padilla, no entanto, era o ar de superioridade com que ele se dirigia a nós; a mim mais do que a ele, pois Frazer sabia que Padilla era um gênio da física matemática. Chamava a nós dois de “senhor”, como se ele fosse um cadete da academia militar de West Point, e nos tratava como ladrões cômicos. Como se ele próprio não fosse um

receptador de produtos roubados. Dizia: “Senhor March, o senhor poderia fazer uma viagem ao centro da cidade e expropriar dos expropriadores um bom exemplar do *Esprit des lois*? Outro dia eu vi um na livraria Argus”. Eu ria às gargalhadas da sua mistura de pomposidade e jargão de revolucionário com seu emendado sotaque do Tennessee. No início ele parecia me considerar um bobalhão divertido e zombava de mim por causa da minha cor. “Com esse seu rosto rosado, qualquer um diria que o senhor passa os seus dias no pasto com as vacas, senhor March, não respirando o ar das livrarias.” Com o tempo, passou a me levar um pouco mais a sério e me oferecia números antigos de jornais e revistas comunistas e trotskistas — tinha pilhas, molhos e maços deles, em diversas línguas, espalhados pelo quarto; recebia todos os tipos de periódicos e boletins. Chegou até a me convidar uma vez para assistir a uma aula dele, mas isso pode ter sido só porque eu era sua fonte barata de material; eu fazia fiado para ele, e ele queria manter uma boa relação comigo. Padilla teve um chilique quando soube que eu estava deixando Frazer pendurar os livros; achei que ele fosse me dar um murro com seu punho magro, de dedos compridos; berrou comigo, chamando-me de bobo e de “gringo burro”. Então, eu disse que ia limitar o crédito de Frazer a vinte e cinco dólares. Era uma mentira para acalmá-lo; Frazer já estava me devendo quarenta dólares. “Merda! Eu não daria nem um centavo de crédito pra ele. Você não vê que isso é só a maneira que ele tem de mostrar que é melhor que você?”, disse Manny. Mas eu não me abalei. Provavelmente, gostava demais de entregar livros a Frazer, só pela chance de passar meia hora na atmosfera dos aposentos dele e de ouvi-lo falar. Muitas vezes roubava dois exemplares dos livros que ele encomendava e ficava com um para ler, de curiosidade. Passei algumas tardes difíceis e maçantes por causa disso.

Nunca me sentia culpado por abandonar textos que não se deixassem ler com entusiasmo, pois não guardaria nada deles de qualquer forma, e seguia a dica de Padilla de não me torturar com o que não viesse fácil. Afinal, eu

ainda não estava em nenhum ramo especial, mas apenas experimentando coisas diversas.

De qualquer forma, não podia deixar de falar para Clem que ele jamais iria chegar a lugar nenhum com Mimi Villars.

“Por quê?”, ele perguntou. “Por que eu sou feioso? Eu não acho que ela seja do tipo que se importa com esse negócio de aparência. Ela é uma garota fogosa.”

“A sua aparência não tem nada a ver com isso. Ela já tem um homem na vida dela.”

“E daí? Você acha que ela nunca mais vai ter outro? Você não sabe de nada mesmo, hein?”

Então, ele continuou apostando teimosamente na sua crença a respeito dela e volta e meia vinha me visitar, de banho tomado e barba feita, os longos sapatos pretos reluzindo, e encenava sua galanteria deprimida, exercitando-a até comigo, faltando apenas as rendas e as espadas para parecer um perfeito seguidor dos decaídos Stuart no exílio — seu pesado drama do enfado. Só sua grenha elétrica e despenteada de cabelos infantis na nuca, o lustre macio do branco dos seus olhos e suas gargalhadas contavam uma história diferente a seu respeito. Eu gostava da sua companhia. Mas claro que não podia contar para ele tudo o que sabia sobre Mimi. Não era só que eu lesse cartões-postais e não tivesse como evitar ouvir conversas telefônicas; era que Mimi não fazia a menor questão de fazer segredo de nada. Vivia uma vida aberta e, quando começava a falar, não escondia nada. De vez em quando, Frazer lhe mandava um cartão desmarcando algum encontro e ela tinha um ataque de fúria, atirava o cartão no lixo e me dizia com raiva, abrindo com violência o fecho da sua bolsa: “Me vê uma ficha telefônica”. Para ele, no telefone, ela dizia: “Seu covarde filho da puta! Você não pode nem ter a decência de me ligar e dizer por que é que você não vem? Não me venha com a velha desculpa esfarrapada de que tem que trabalhar na sua tese! O que você estava fazendo noites atrás na rua 57 com aqueles paspalhões gorduchos, quando

deveria estar trabalhando nela? Quem são eles? Um deles era um veado inglês, eu percebi a um quilômetro de distância. Não venha me dizer que eu não entendo. Eu estou cansada da sua conversa fiada, seu pregador!”.

Nos instantes em que ela parava para respirar, eu podia ouvir a voz de Frazer argumentando ponderadamente do outro lado da linha, enquanto eu me espichava na cadeira de balanço e escutava. E, então, a mão carnuda de Owens aparecia do lado de fora para agarrar a maçaneta e bater a porta. Ele não dava a mínima para o que os pensionistas faziam dentro de seus quartos, mas não gostava quando os palavrões de Mimi chegavam à sua sala de estar — lá dentro, sentado na sua poltrona de couro, que crepitava feito neve seca; seus principais ruídos eram, de perto, o da sua respiração e, de longe, o do seu corpo mudando de posição. “Você nunca vai me ouvir implorar coisa nenhuma”, foram as últimas palavras de Mimi para Frazer e, quando ela bateu com crueldade o fone contra o gancho, foi como um músico poderia fechar o piano depois de executar acordes de extrema dificuldade sem errar nem vacilar uma única vez.

Bancar a amante tomada de fúria era uma coisa que lhe dava um prazer profundo. Ela me dizia depois: “Se esse desgraçado ligar de novo, você diz pra ele que eu saí porta afora soltando palavrão”. Mas ela ficava esperando o próximo telefonema de Frazer.

O que me fazia ter certeza, porém, de que ela não teria nenhum interesse por Clem, pelo menos por enquanto, era que nos últimos tempos Frazer vinha telefonando com regularidade, e ela demorava um bocado para descer quando eu tocava a campainha para chamá-la. Ele, sabendo que era eu que atendia o telefone, dizia: “Você não pode fazer com que ela ande um pouco mais rápido não, senhor March?”. Ao que eu respondia: “Eu posso tentar, mas não sou o rei Canute, sabe”, e deixava o enorme fone, que mais parecia um porrete, ficar pendurado pelo fio.

“O que é que você quer?”, era a primeira coisa que ela dizia, enquanto apoiava o cigarro aceso na caixa do aparelho. “Eu não posso falar com você. Estou muito irritada. Se você quer saber como eu estou, então vem

aqui pessoalmente e pergunta.” E em seguida, com seu jeito eufórico e estouvado de acolher sua raiva: “Tá bom. Se você está se lixando, eu também estou. Não, a minha raiva ainda não passou, não. Mas não se preocupe, você não vai ter que se casar comigo. Eu nunca me casaria com um homem que não sabe o que é amar. Você não quer uma mulher, você quer um espelho. Como é que é?! Como assim, dinheiro?! Você ainda está *me* devendo quarenta e sete dólares. Tudo bem. Eu não quero saber em que ele foi gasto. Se eu estiver de barriga, eu mesma cuido disso. Claro que você está devendo pra todo mundo. Não vem com essa pra cima de mim. Vai falar isso pra sua esposa. Ela, sim, parece que engole qualquer coisa.”

Frazer ainda não estava divorciado da sua primeira mulher, de quem Mimi, na sua versão dos fatos, o tinha salvado. “Você se lembra de um filme chamado *A ilha das almas perdidas*?^c Aquele em que um cientista maluco fazia homens e mulheres a partir de animais? E eles chamavam o laboratório de ‘A casa da dor’? Bom, com a mulher, ele vivia como um daqueles animais”, ela me disse uma vez, falando do estado em que o encontrou quando o conheceu. “Aquela mulher tinha um apartamento... não dava pra acreditar que um homem como o Hooker conseguia morar num lugar daqueles. Independentemente do que eu pense dele como pessoa, ele é um sujeito inteligente, que tem ideias; quando era comunista, ele foi escolhido para ir estudar no Instituto Lênin, que treina líderes nacionais como o Cachin e o Mao; ele só não foi porque acabou sendo expulso do partido por conta da questão alemã. Pois bem, naquele apartamento tinha tapetes de chenile no banheiro, então você tinha a sensação de que estava fazendo alguma coisa errada se entrava lá de sapato. Um homem não tem como conseguir fazer nada, se tem que tolerar um negócio desses. As mulheres realmente não prestam, Augie”, declarou com sua característica raiva jocosa, que ela tanto prezava. “Não valem porra nenhuma. O que elas querem é ter um homem em casa. Só ali, dentro de casa. Elas fingem que levam a sério o que ele pensa e diz. É sobre o governo? É sobre astronomia? Elas se fazem de interessadas e dão a

entender que se importam com partidos e estrelas. Tratam os homens que nem bebês e fazem o jogo que for preciso, não importa qual seja, só pra ter um homem dentro de casa. Se o marido é socialista, ela é socialista também, e mais inflamada ainda que ele. E se ele começa a virar um tecnocrata, ela vira antes dele — ela faz com que ele acredite que ela virou antes dele. A única coisa que realmente importa pra ela é ter um homem dentro de casa e ela está pouco se lixando pro que ela diz que é. E não é nenhuma coisa hipócrita, é mais profundo que isso. É uma necessidade de ter um homem.” Com coisas assim — e essa era apenas uma entre muitas — Mimi tentava fazer a visão dela varar consciências como uma espada. *Falada* um número suficiente de vezes, suponho, a coisa se tornava verdadeira para ela. Ela acreditava nas palavras, acreditava no poder da fala e, se conseguia convencer você, então ela própria podia acreditar no que sua inspiração lhe dizia. E no que se referia a falar, ela havia pegado algumas coisas de Frazer — aquele reservado método forense que às vezes parecia meio esquisito em conversas pessoais: ele com seus longos joelhos afastados e os cotovelos apoiados em cima deles, as mãos entrelaçadas, um olhar de absoluta franqueza e, como uma garantia extra de sinceridade, a linha branca e reta no meio do seu cabelo louro arruivado. Mimi imitava o jeito dele o máximo que podia, e tinha mais dureza, mais paixão, e a velocidade que você pode atingir com uma bitola estreita e alta compressão.

Ela era, como Einhorn havia dito com razão a meu respeito, do contra; só que dava nome aos bois e apontava os erros, partia para o ataque, ao passo que eu tinha outros métodos, por temperamento, e ela não me convencia. Eu não achava que ela estava certa só porque era enfática. “Bom”, disse ela, “se você não concorda comigo, por que é que fica calado? Por que não diz o que pensa, em vez de descartar o que eu digo com esse sorriso idiota? Você tenta parecer mais simplório do que é, e isso não é honesto. Se você acha que sabe das coisas melhor do que eu, então vai e fala.”

“Não, eu não sei”, respondi. “Mas eu não gosto de opiniões ruins, e quando você fala essas opiniões pra todo mundo, você se compromete e vira escrava delas. Falar inflama tanto as pessoas que elas acabam se convencendo de coisas que elas no fundo sentem que não são verdade.”

Mimi interpretou isso como uma crítica mais dura a ela do que eu pretendia que fosse e me respondeu agressivamente, com uma espécie de eriçamento elétrico felino e malignidade no olhar.

“Mas você é um asno sem tamanho mesmo, hein?! Se nem se indignar você sabe... caramba, até uma vaca se indigna! E como assim, *opiniões ruins*?! Você quer ter uma boa opinião do lixo? O que é que você quer virar, uma planta de esgoto? Diabo, eu digo não! Se uma coisa é ruim ela é ruim, e se você não sente ódio dela é como se namorasse com ela às escondidas.”

Ela disparou uma saraivada de acusações na minha cara, disse que eu não me revoltava o suficiente contra abominações ou nem sequer tinha consciência suficiente delas, que eu não sabia quantos túmulos havia debaixo dos meus pés, que me faltava repulsa, que eu não me enfurecia o bastante com os horrores nem me enraivecia com as trapaças. Sendo que a pior dessas trapaças era receber um pagamento vil pelo que deveria ser uma troca amorosa de corpos e o alicerce de todas as coisas verdadeiras da vida. As mulheres responsáveis por isso eram muito piores que prostitutas. E eu acho que ela explodiu contra mim nessa conversa porque eu não me opunha o bastante a essas coisas, mas sorria também para essas esposas destruidoras por sua suavidade feminina. Eu era indulgente demais com elas, com as camas que ficariam primeiro rançosas e depois venenosas, porque os pensamentos das administradoras delas estavam voltados para o poder conquistador do chenile e do fustão, para o sufocamento da luz pelas cortinas e para a ambarização burguesa de homens aventureiros em estofados de sala de estar. Como essas coisas não me pareciam tão ameaçadoras quanto deveriam, eu era, nesse assunto pelo menos, um tolo no entender dela, um tolo que também corria o risco de ficar preso, de

joelhos, naquela secreção branca de aranha e imobilizado dentro dos edifícios de segurança das mulheres. Ela tinha arrancado Frazer daquela teia. Ele era alguém que valia a pena salvar.

Nessa conversa, pude perceber o valor que ela dava à inteligência dos homens. Se eles não respiravam o mais rarefeito ar do esforço e da dignidade, então ela desejava para eles a morte corriqueira por asfixia na nuvem de gás de uma existência regrada, o cativo de um escritório, o apodrecimento atrás do balcão de uma loja pacata, o desespero não reconhecido de um casamento sem esperança ou a banalidade do ressentimento que produz furúnculos ou bulbos de flores rosnadoras no coração das pessoas. Ela tinha um padrão alto, absoluto, e considerava preferível quando as pessoas não correspondiam a ele em função de sofrimentos, vícios, atos criminosos ou pervertidos ou impulsos insanos. Descobri, quando a conheci melhor, que ela também era uma ladra; roubava as roupas que usava de lojas de departamentos, e roubava um bocado, pois gostava de se vestir bem. Já tinha até sido presa, mas escapou da prisão porque o tribunal decidiu suspender a sentença. Seu método de operação era vestir várias camadas de roupa nas cabines dos provadores, incluindo calcinhas e combinações, e a estratégia que usou para se livrar da cadeia foi convencer o psiquiatra do tribunal de que tinha dinheiro e podia pagar pelas roupas, mas sofria de cleptomania. Tinha orgulho disso e me incentivava a fazer a mesma coisa, caso eu fosse pego — ela sabia, obviamente, que eu surrupiava livros. Mas também havia um outro episódio na sua vida do qual ela não se orgulhava tanto. Cerca de um ano antes, quando estava passando tarde da noite por uma viela entre dois prédios na Kimbark Avenue, um assaltante tinha tentado lhe tomar a bolsa e ela havia dado um chute na virilha do rapaz, pegado a arma que ele deixara cair no chão e dado um tiro na coxa dele. Lembrar disso a deixava arrasada e, quando falava no assunto, suas mãos ficavam nervosas e começavam a apertar sua cintura — que era fina; Mimi chamava a atenção para a finura dela usando cintos largos — e sua pele ficava tão vermelha

que parecia sintoma de escarlatina. Ela tinha tentado visitar o assaltante no Bridewell Hospital, mas não a deixaram entrar.

“Coitado do garoto”, ela dizia, não só com remorso da sua selvagem reação impulsiva, mas também com pena do rapaz, tocando a boca de uma viela empunhando aquele brinquedo das decisões precipitadas. Pois o dinheiro do roubo pode encolher num piscar de olhos, e a satisfação que ele traz pode acabar muito rápido, mas fazer com que alguém faça exatamente o que você diz é uma coisa de ordem muito diferente. É uma mulher ainda por cima. Ela não interpretou isso como uma covardia do assaltante, mas como um sinal especial de um tosco apelo por amor, já que uma criança desajustada que tinha a cidade como professor lutava por instinto e estava mais desamparada, providencialmente falando, do que um animal na selva, que pelo menos estava sob a guarda da natureza. Bem, ela teve de ir ao tribunal prestar depoimento, para explicar por que havia atirado no rapaz. Como não queria, porém, dar queixa, tentou conversar com o juiz, mas foi impedida. O garoto foi condenado a cinco anos de prisão por assalto a mão armada e agora ela mandava pacotes e cartas para ele. Não porque temesse que ele lhe fizesse algum mal quando saísse da cadeia, mas por remorso.

Desta vez ela não estava de barriga, como dizia. Algum tempo depois, pôde dar a boa notícia a Frazer. Mas só a deu depois de fazê-lo esperar bastante. Queria que ele ficasse preocupado, ou lhe dar uma oportunidade de aprender a se preocupar com ela em vez de consigo mesmo, para variar. Ela não dava moleza para ele. Sabia que a relação deles era desigual, que o amava mais do que ele seria capaz de amar a ela ou a quem quer que fosse. Mas, também, o amor não era a vocação dele, como era a dela. E ela era muito severa e ardorosa com respeito a isso. Também teria sido capaz de viver na solidão do deserto pelo bem do amor, e de comer gafanhotos.

O que comecei a aprender com ela foi uma coisa de extrema importância; a saber, que todo mundo faz por onde compartilhar sua sina. Ou tenta fazer por onde. Você pode achar que eu já devia saber disso. Eu

já devia mesmo, e de certa forma já sabia, ou vovó Lausch, Einhorn e os Renling teriam tido mais sucesso comigo. Mas isso nunca havia ficado tão claro nas outras pessoas como era em Mimi Villars, que tinha no próprio corpo seu local de recrutamento, que emitia mais patentemente seu próprio certificado, licença, diploma, afirmando quem ela era, e não dispunha de um lugar normal para o exercício de uma atividade legítima, como uma loja, um escritório ou uma casa de família, nem era filiada a coisa alguma, mas fiava tudo na sua vontade ferrenha, nos seus argumentos contumazes e na sua voz obstinada. Imagino que ela tivesse consciência — e como isso poderia não lhe causar profunda angústia? — da contradição que existe entre a persuasão aguerrida e uma fé no amor como a que ela professava. Mas a casca grossa da resistência mundial organizada tornava isso inevitável. Bem, isso também era uma sina a ser compartilhada e outro motivo subjacente de amargura.

Até o fim do verão, já tínhamos virado amigos íntimos e alvo da suspeita de Tambow de sermos mais que isso. Mas não havia nada por trás de tal suspeita, a não ser a imaginação ciumenta, embora não rancorosa, de Clem, embasada na frágil prova aparente de que Mimi costumava ir ao meu quarto de anágua. Isso só acontecia porque morávamos no mesmo andar. Ela ia ao quarto de Kayo Obermark da mesma maneira — nós três dividíamos o sótão da pensão. Era só por causa da proximidade; e mesmo que o ímpeto de provocação nunca estivesse muito distante, ele era apenas fruto do hábito da prática ininterrupta, como o do violinista que carrega uma bola de borracha no bolso do seu casacão de alpaca quando pega um trem para ir a um concerto e nunca está muito distante do que é, para ele, a coisa mais importante, enquanto percorre os acidentes e floreios da paisagem e da via férrea. Não, ela vinha ao meu quarto apenas para filar um cigarro ou para usar meu armário, onde guardava os vestidos que não cabiam no seu. Ou para conversar.

Nós agora tínhamos algo mais sobre o que conversar, pois acabamos descobrindo que havia outra conexão entre nós. Era através de Sylvester, o

sujeito trigueiro para quem eu havia trabalhado como distribuidor de folhetos de cinema e que tinha tentado fazer de Simon um comunista. Ele nunca chegou a concluir o curso de engenharia no Armour Tech. Dizia que fora por falta de dinheiro e mencionava também compromissos políticos em outros lugares, mas todo mundo achava que ele tinha sido mesmo era jubilado. Fosse como fosse, ele estava morando em Nova York e trabalhando no metrô, num emprego técnico. Debaixo da rua 42. Parecia fadado a trabalhar no escuro, o que, àquela altura, havia lhe conferido um colorido peculiar; seu rosto tinha um tom escuro de amarelo, suas bochechas eram murchas e os olhos, feridos de preocupação, agora pareciam mais turcos em função de um engrossamento da pele pelo esforço contínuo e, provavelmente, de tanto engelhar os olhos para os botões vermelhos e verdes da sua sala subterrânea — lá onde ele se sentava diante de uma prancheta, copiava plantas e lia panfletos nas horas vagas. Como Frazer, Sylvester também havia sido expulso do partido comunista. Sob acusações de esquerdismo infantil e desviacionismo trotskista — os termos eram estranhos para mim, como também era estranho ele achar que eu entenderia o que eles significavam. Ele era filiado a outro partido agora, o dos trotskistas, e ainda era um bolchevique, e revelou que nunca estava livre de incumbências, que sempre estava encarregado de alguma missão e que nunca ia a lugar nenhum sem autorização dos chefes do partido. Até sua volta a Chicago, para todos os efeitos para visitar o pai, o velho que vovó chamava de “padeiro” tinha uma missão: entrar em contato com Frazer. Então, deduzi que o novo partido estava querendo recrutar Frazer. Andando um dia pela rua 57, vi, por acaso, os dois andando na minha frente. Sylvester carregava uma pasta de documentos gorda de cheia, levantava a cabeça para olhar nos olhos de Frazer e falava de uma maneira particularmente lenta com uma espécie de sotaque político, enquanto Frazer olhava por cima e além dele com reticente gravidade, as mãos unidas atrás das costas.

Também vi Sylvester com Mimi, na escada da pensão. Ele era, ou tinha sido, cunhado de Mimi, tendo se casado em Nova York com a irmã dela, Annie, que agora o havia deixado e estava providenciando o divórcio. Lembrei da história que ele tinha me contado de que sua primeira mulher lhe jogara pedras quando ele tentou atravessar o quintal dos fundos da casa do pai para conversar com ela, e lembrei até do cenário em que ele me contou essa história, do ar gelado da Milwaukee Avenue quando vendíamos lâminas de barbear e cortadores de vidro junto com Jimmy Klein. Sylvester queria que Mimi intercedesse por ele com a irmã. “Diabo”, Mimi me disse, com a descrição costumeira com que emitia suas opiniões, “se eu tivesse conhecido esse sujeito antes de ele se casar com a Annie, eu teria dito pra ela não se casar. Ele transpira desgraça por todos os poros. Eu nem sei como é que ela conseguiu aguentar dois anos inteiros com ele. Garotas novas fazem umas burrices que eu vou te contar. Você consegue imaginar o que é ir pra cama com ele, com aquela boca e aquela cara de lama? Minha nossa, ele parece o príncipe sapo. Eu estou é torcendo pra que ela agora se enfie debaixo do lençol com um belo de um estivador, jovem e forte.” Quando não ia com a cara de alguém, Mimi não tinha dó nem piedade e, enquanto ouvia Sylvester falar, ela ficava imaginando a irmã se contorcendo de prazer nos braços de um homem bem mais musculoso, o que me fazia deixar de gostar dela por um momento, pela crueldade que era ela manter os olhos abertos na frente de Sylvester para que ele pudesse espiar lá para dentro e ver aquela cena. O que tornava a piada aceitável era a suposição de que ele não podia ver. Bem, ele provavelmente não podia mesmo.

É preciso explicar que, na visão severa de Mimi, tudo o que você herdava da mistura de povos do passado e do acaso de seus pais terem se encontrado, como cabeças de gado no Texas, era seu material terreno, material este que cabia a você transformar em carne admirável. Em outras palavras, aplicando esse raciocínio a Sylvester, ele era em grande medida o responsável pela aparência que tinha; o espírito dele era um forno ruim.

Como também era culpa dele o fato de não conseguir segurar suas mulheres e namoradas. “Eu ouvi dizer que a primeira mulher dele era uma piranha louca. E a própria Annie também é meio vadiazinha. Mas o que eu fico me perguntando é o que faz essas mulheres se enrabicharem por ele no início. Isso é que realmente me intriga”, disse Mimi. E supunha que a explicação para isso fosse que elas deviam tomar o aspecto levemente sinistro de Sylvester por diabolismo autêntico e esperar que ele visitasse a caverna delas com espetos e fogo, como um demônio de verdade; quando ele não fazia isso, revelando-se simplesmente lama incompleta, elas atiravam pedras nele, reais ou figuradas. Ela tinha uma mente selvagem, Mimi, e prezava sua selvageria como uma prova de que ela não era de brincadeira; batia e apanhava para valer.

Sylvester, no entanto, aquele sujeito humilhado, de perna torta, cabelo ralo e olhos feridos, o rascunhador subterrâneo e comissário cômico de uma futura América soviética, que ensinava a si mesmo o jeito e até o sorriso e a confiança dos vencedores, ora, ele ia explodir pelos ares o velho travertino e deixar o ouro e o mármore brilharem para uma nova humanidade. Ele tentava me impressionar com seu domínio do carvão e do algodão marxista, das datas plenárias, da história das facções, de textos de Lênin e de Plekhanov; mas o que ele realmente tinha era a visão sonhadora de longa distância dos que miram o futuro e o faro para frases, que ele cheirava sorrindo como quem cheira um perfume bem tampado. Bancava o superior comigo e me dava pitos porque sabia que eu gostava dele e desconhecia o quanto eu sabia a seu respeito, informação da qual eu pretendia poupá-lo. De qualquer forma, seus defeitos não eram tão graves para mim como eram para Mimi.

Comigo ele podia se sentir plenamente confiante, e parte do seu charme só sobrevivia na presença da confiança. “Como vão as mutretas, garoto?”, ele perguntava com um sorriso exultante — embora a melancolia e a amargura agora nunca o abandonassem por completo —, passando a mão pelo peito e pela barriga, que se fundiam num só. “O que é que você anda

fazendo? Se virando? Você é o que aqui, estudante? Não. Um *macher*? Um proletário?” Essa palavra, mesmo brincando, ele pronunciava com veneração.

“Bom, uma espécie de estudante.”

“Os nossos meninos”, ele respondia, sorrindo mais ainda. “Tudo menos trabalho honesto. E como é que vai o Simon? O que é que ele está fazendo? Teve uma época que eu pensei que fosse conseguir recrutar o seu irmão. Ele teria dado um bom revolucionário. De onde é que vão vir os revolucionários senão de gente com um tipo de história como a de vocês? Enfim, eu acho que não consegui fazer com que ele entendesse. Mas ele é muito inteligente. Um dia ele vai entender sozinho.”

Para as pessoas que têm a curiosa sina de se tornarem gordas e ricas, quando isso acontece muito rápido existe a ameaça de cair naquele estado devaneador que lhes rouba a realidade. Digamos que a velhice e a morte viriam de qualquer forma, então por que a passagem não deveria ser confortável? Mas esse argumento não produz uma mente firme, na estranha área em que as coisas se revolvem depressa demais. Contra esse problema, o pensamento pode ser um remédio; a força de caráter é outro, e o dinheiro, a fartura em grande escala, a concretude imperfurável, os feitos organizacionais. Então existem esses vários remédios e muitos outros também, mais antigos, mas você não tem de fato a liberdade de escolher os que quiser entre todas as variedades que existem, principalmente em se tratando daqueles mais antigos do mundo invisível. A maior parte das pessoas se vira com o que tem e batalha no mundo visível de que dispõe, e isso tem seu próprio e teimoso mérito.

Simon não só fazia o que tinha de fazer, como ia até o limite. Eu ficava espantado com a maneira como ele traçava seus objetivos e fazia exatamente o que havia planejado. Era quase injusto ele ter previsto o resultado das suas cartas com tanta precisão e fazer com as pessoas o que

tinha dito que faria quando ainda era um estranho para elas. Charlotte estava apaixonada por ele. Não só isso, como eles também já estavam casados, e não tinha sido só Simon que tinha apressado a coisa; Charlotte também estava com pressa. Em parte, porque ele estava duro demais para bancar um longo namoro. Ele disse isso a ela, e Charlotte e os pais entenderam que era melhor eles não perderem tempo. Só que a cerimônia foi realizada fora da cidade para que a notícia não chegasse aos jornais, e porque para o resto da família haveria um noivado e uma festa de casamento. Fora a solução que Charlotte e a mãe tinham encontrado. E, embora estivesse pagando aluguel num bom clube de solteiros no centro da cidade, Simon na verdade estava morando com os Magnus no imenso apartamento antigo da família, no West Side.

Ele veio me ver depois da lua de mel de um dia, tudo o que o sigilo do casamento lhes permitiu. Eles haviam ido para Wisconsin. E Simon já tinha mais adereços novos do que eu seria capaz de listar, vestido com um confortável terno de flanela, dono de um isqueiro novo e com os bolsos cheios de apetrechos que ele ainda não tinha pegado a manha de como usar. Disse: “Os Magnus têm sido maravilhosos comigo”. Havia um Pontiac cinza novo estacionado no meio-fio — Simon me mostrou o carro da janela. E ele estava aprendendo a trabalhar no ramo de carvão numa das carvoarias dos Magnus.

“Mas e a sua carvoaria? Você não disse que...”

“Disse e vou. Eles me prometeram que eu vou ter a minha carvoaria assim que aprender a tocar um negócio por conta própria. Não vai demorar muito. Não, não tem sido tão difícil”, ele acrescentou, entendendo a pergunta que não fez. “Se é pra alguém entrar pra família, eles preferem que seja um sujeito jovem e pobre. Um sujeito jovem e pobre está mais preparado pra dar duro e aguentar a pressão. Eles próprios já foram assim, eles sabem.”

Simon já não parecia mais tão jovem e pobre com seu terno cinza de flanela de boa qualidade e seus sapatos novos; a camisa dele ainda cheirava

a loja; ainda não tinha ido para a lavanderia.

“Bota uma roupa. Vou te levar pra jantar lá”, disse. Quando estávamos do lado de fora, andando em direção ao carro, ele respirou fundo e pigarreou, exatamente como no dia em que fui com ele até a estação de La Salle Street, onde aparentemente me revelei burro demais para vender jornal. Só que desta vez ele tinha grandes olheiras escuras. Entramos no carro, que tinha aquele cheiro ardido de borracha nova e estofado de automóvel. Era a primeira vez que eu via Simon dirigir. Ele guiava como um veterano, de maneira até um pouco imprudente.

Então, fui levado para aquele interior quente de luminárias e tapetes, a casa dos Magnus. Tudo ali era desajeitado, espaçoso e avantajado. Até os papagaios pintados nas cúpulas das luminárias eram grandes feito galinhas vermelhas. Os Magnus também eram grandes; tinham os ossos largos, como holandeses. Minha cunhada também era do mesmo tamanho e parecia ter consciência ou vergonha disso como se fosse uma falta de delicadeza, apertando minha mão como se quisesse dar a impressão de que a sua era menor do que era de fato. Ela não precisava ter feito isso. É difícil quando pessoas muito grandes se preocupam com o aspecto que têm, principalmente as mulheres, que têm um horror secreto à grossura. Charlotte tinha olhos extraordinariamente bonitos, suaves, mas astutos, com brilhos ocasionais de contrariedade e uma expressão que transmitia uma enorme capacidade de gerenciamento; mas eles também eram acolhedores. Como eram também seus seios, que eram fartos, e seu largo quadril. Ela estava um pouco ressabiada comigo, como se temesse minha crítica, o que eu iria dizer para Simon quando nós dois ficássemos sozinhos. Devia ter se convencido de que Simon havia lhe feito um grande favor se casando com ela — ele era obviamente tão inteligente e bem-apegoado — e, ao mesmo tempo, devia estar cheia de receio e de ressentimento antecipado de não ser considerada uma mulher à altura dele ou de que o dinheiro fosse lembrado com frequência demais. A questão mais premente era se Simon teria se casado com ela se ela não tivesse

dinheiro. Era uma questão perturbadora demais para não ser comentada, então ela era dita meio de brincadeira e num tom terrível de troça. Simon falava disso com aquele tipo de grosseria da qual só se pode rir, porque levá-la a sério seria mortal — disse, por exemplo, quando nós três fomos deixados sozinhos na sala para nos conhecermos melhor: “Nunca ninguém no mundo foi mais bem fodido por preço algum”. A frase era tão ambígua e tortuosa com relação a quem havia pagado o preço que não havia como não levá-la na gozação, e Charlotte mais que depressa desceu de uma posição romântica e sentimental e negou tudo, fingindo que aquela conversa obscena não passava de uma brincadeira nascida da sinceridade e de um profundo entendimento mútuo, um tipo mais realista de amor. Mas, inclinando-se sobre Simon como uma espécie de Torre de Pisa com babados — ela se vestia com luxo e ousadia —, enquanto deslizava a mão pelos cabelos dele, Charlotte passou instantes de grande dificuldade na minha frente.

Mas só teve dificuldade por um tempo, até absorver de Simon a opinião de que eu era um cabeça de vento, afetuoso mas meio curto de bom-senso. Logo, logo ela aprendeu a lidar comigo. Mas foi doloroso até ela encontrar confiança, e suponho que àquela altura ela ainda não tivesse se recuperado da lua de mel, que, Simon fora franco o bastante para me revelar, tinha sido horrível. Ele não especificou de que maneira, mas disse o suficiente para fazer a coisa soar profundamente crível; Simon tinha algumas notas no fim da escala que eu preferia não tê-lo ouvido tocar, pelas consonâncias com a morte que ecoavam nelas, mas fui forçado a ouvir tudo o que ele tinha para dedilhar, martelando no teclado de cima a baixo. Eu não tinha dúvida de que aquelas coisas ditas em tom de galhofa eram as mais estranhas do gênero que já tinham sido faladas e recebidas com riso naquela paz atapetada e forrada de veludo cor de vinho. Tudo deveria soar como brincadeira e molecagem, vigor e licenciosidade de noivo, mas a impressão que ele me passou foi de que estava sendo torturado pela ideia do suicídio, mais forte que um simples laivo, mas que também era capaz

de mergulhar de cabeça nas suas compensações, como o orgulho que sentia da sua audácia, da sua força de personalidade e vigor físico, ou o luxo a que estava tendo acesso e, mais ainda, a liberdade de ser imprudente nas suas exigências: a sensação de que podia fazer o que fosse e exigir o que fosse, sem se importar com o que as pessoas iriam pensar, era muito importante para ele.

Então, a família entrou na sala, curiosa para saber que tipo de pessoa eu era. Eu estava tão curioso quanto eles. Os Magnus eram tão grandes que você tinha a impressão de que poderiam tomar a Simon e a mim no colo feito crianças, muito embora estivéssemos longe de ser pequenos — Simon tinha um metro e oitenta e eu era só dois centímetros mais baixo que ele. Era a largura deles que fazia a diferença. E mesmo agora que estava ficando robusto, Simon não chegava nem perto deles. Os Magnus eram tão substanciais na vida quanto eram na cintura; tinham respeito por seus idosos — havia uma avó presente naquela noite — e compravam o melhor que havia de tudo, roupas, móveis ou aparelhos. Também sabiam apreciar uma boa diversão e admiravam as tiradas rápidas e espirituosas, habilidade que não tinham, e a autoexposição teatral, coisa que Simon lhes oferecia à larga. Ele os agradava muitíssimo e fazia um sucesso tremendo. Ocupava com largueza e exuberância o lugar de estrela e soberano. Os Magnus tinham patriarcas e matriarcas, mas não tinham nenhum príncipe antes dele. Para se transformar nisso, no príncipe, Simon passou por uma metamorfose. Essa foi a próxima das minhas grandes surpresas daquela noite. Já comentei antes que Simon sempre tinha sido, mesmo quando quieto, uma pessoa que chamava a atenção. Pois agora ele não ficava mais quieto e sua antiga descrição havia se desfeito em pedaços; estava escandaloso, impulsivo, arrogante, crítico, arbitrário, fazia imitações e implicava com todo mundo, fanfarreava, grasnava, fazia caretas e deixava a mesa inteira em polvorosa naquela sala de jantar de riqueza estável e aprumada. Vi o sarcasmo de vovó nele, do outro lado do pão branco trançado, do peixe assado e das velas — sim, a mordacidade inventiva e a

selvageria satírica da velha, e até certas exclamações russas. Eu não sabia que Simon tinha absorvido tanta coisa dela. Na minha cabeça, consegui voltar no tempo umas seiscentas ou setecentas noites de sexta-feira e ver os olhos silenciosos de Simon acompanhando uma das atuações da velha. Era impressionante o quanto aquilo havia penetrado fundo na consciência dele, sem nem parecer que estava penetrando. Escutando os berros que ele provocava, eu quase ouvia os comentários de desdém de vovó, um desdém de que Simon também não era inteiramente inocente. Ele tanto imitava quanto parodiava a velha. Sua aparência estava mudada não em um, mas em vários aspectos; havia mais coisas novas nele do que sua camisa, ou o anel no seu dedo e as pequenas pedras preciosas nos seus punhos, ou até mesmo a gordura e as sombras de pensamentos indesejados que surgiam nele nos instantes entre os esquetes da sua apresentação. A tarefa de fazer coisas audaciosas com um coração infeliz, era o que aquilo era. De certa forma, Simon fazia os Magnus pagarem por isso também, como quando imitava o sotaque da sua sogra e boa rainha. Mas isso era o exato oposto de ofensivo para ela e para todos eles; era magistral e hilário.

No entanto, Simon não era só um comediante; quando ficou sério e encerrou o vaudeville com um par de olhos graves, ele recebeu todo o silêncio e atenção da plateia para o discurso que ia fazer, e todo o peso do respeito.

Falou para mim, mas claro que suas palavras eram em grande parte dirigidas a eles. “Augie”, disse, botando o braço em volta dos ombros de Charlotte — e ela pousou suas unhas pintadas sobre a mão dele — “você deve estar percebendo o azar que nós tivemos de não termos tido uma família unida e leal como esta. Não há nada que essas pessoas não façam umas pelas outras. Nós nem entendemos direito o que é isso, porque nunca tivemos nada parecido, sentimos falta disso a nossa vida inteira. Nós não demos sorte. Agora eles me acolheram e me transformaram num deles, como se eu fosse um filho deles. Eu nunca soube o que era uma família de verdade até agora, e você precisa saber o quanto eu sou grato por isso. Eles

podem parecer um pouco lentos das ideias pra você” — o sr. e a sra. Magnus não chegaram a captar a brincadeira, sendo o tom de Simon e a grande satisfação que sentiam com ele mais do que suficientes para ambos, mas Charlotte foi acometida por um riso na garganta por essa traquinagem com que ele interrompeu seu momento de seriedade — “mas eles têm uma coisa que você tem que aprender a dar valor, que é a generosidade e a maneira como eles se mantêm unidos e leais aos seus.”

Quando Simon despejou isso em cima de mim, senti um acesso de ódio pela pessoa gorda em que ele estava se transformando e tive vontade de dizer: “É muita patifaria desdenhar da sua família pra enaltecer a deles. O que é que tem de errado com a mamãe? Ou até com a vovó?”. Mas, ao mesmo tempo, o que ele disse sobre os Magnus tinha seu fundo de verdade, não dava para não reconhecer. Eu era aficionado por isso também, amor familiar. E embora Simon tivesse feito aquilo de uma maneira completamente errada e horrível, duvido que ele estivesse sendo totalmente insincero e fingido. Quando você se vê cercado de rostos calorosos, há muitas objeções que desaparecem, como quando mulheres inimigas se beijam. Muitas mentiras e hipocrisias comuns são assim, só por causa da harmonia do momento. E no caso de Simon havia também a necessidade de esquecer o problema que lhe corroía a alma e de receber um certo sopro de vida naquela sua desolação de vale de Ezequiel. Por isso, ele estava cultivando seus motivos para sentir gratidão. E por isso também eu não disse nada.

Enquanto ele me dizia essas coisas, porém, os Magnus me observavam e ficaram desconfiados quando eu não abocanhei um naco desse banquete de amor. Eu tinha concordado em jogar o jogo de Simon, mas não estava sendo ágil o bastante para fazer tudo o que deveria. Também tinha um mar de sentimentos próprios que estava tendo de represar. E aí eu acho que todas as suspeitas mal resolvidas que eles tinham em relação a Simon vieram se concentrar em mim. Eles pareciam esperar que eu me esclarecesse — todos, com seus rostos corados e corpos avantajados,

incluindo a vovó que estava perdendo ambos, empalidecendo e encolhendo, uma velha criatura vestida de preto, que usava peruca e amuletos devotos e parecia ter poderes metafísicos de julgamento. Bem, eles eram donos de lojas; talvez tivessem farejado um ladrão em mim. Fosse como fosse, eles olhavam para mim tão intensamente que eu quase podia me ver pelos olhos deles, por assim dizer: minha cabeça grande e meu sorriso descomprometido, meu cabelo indisciplinado e indômito. Em vez de perguntar “Quem são eles?” sobre Simon e mim, eles podiam se perguntar “Quem é *ele*?”. De fato, *quem era eu* para estar dividindo a sopa dourada da luz do jantar da família e botando as colheres boas deles na minha boca?

Percebendo essa dificuldade, Simon tratou mais que depressa de remediar a situação, dizendo: “O Augie é um bom garoto. Ele só ainda não sabe direito o que quer da vida”. Eles ficaram aliviados de receber essa garantia ao meu respeito; tudo o que pediam era que eu fosse simpático, que falasse mais, que fizesse algumas brincadeiras, que risse quando todo mundo ria. Eu não devia ser tão diferente de Simon. Claro que havia um obstáculo que me impedia de ser mais parecido com ele, que era o fato de eu ainda não ter captado como ele era naquela sua nova personalidade. Mas logo, logo eu peguei mais ou menos a ideia e me tornei mais aceitável e até bem-vindo, participando da diversão e dançando na sala de visitas depois do jantar. O único embaraço quase sério, com o sr. Magnus, deveu-se ao fato de eu não saber jogar *pinocle*. Como era possível que um rapaz de criação razoavelmente decente não soubesse jogar *pinocle*? Normalmente um sujeito tolerante e tranquilo, o sr. Magnus ficou contrariado com isso. Como Talleyrand franzindo a boca para o homem que não jogava uíste. Simon sabia jogar *pinocle*. (Onde ele tinha aprendido? De onde, aliás, tinham vindo todas aquelas suas novas habilidades?) “Ah, o Augie é do tipo estudioso e não se interessa muito por essas coisas”, disse ele. Isso não satisfez o sr. Magnus, cuja cabeça robusta era coberta pelos longos fios grisalhos da calvície. “Eu também não acho

bom que um rapaz seja viciado em jogo”, disse. “Mas ele tem que saber jogar um joguinho amigável.” Achei que ele tinha uma certa razão. “Eu jogo se vocês me ensinarem”, eu disse, o que ajudou muito a melhorar a situação e a me transformar numa pessoa da casa. Sentei num canto com algumas das crianças mais novas para aprender a jogar *pinocle*.

Mais parentes chegaram; o enorme apartamento ficou cheio. Era costume da família se reunir nas noites de sexta-feira e, além disso, comentava-se que Charlotte tinha ficado noiva. As pessoas queriam ver Simon. Ele já conhecia a maioria delas, os tios gigantes e as tias encasacadas, com suas pesadas peles siberianas, que chegavam em seus Cadillacs e Packards: tio Charlie Magnus, que era dono das carvoarias; tio Artie, que era dono de uma grande fábrica de colchões; tio Robby, que era intermediário comercial na South Water Street, rotundo, branco, com cabelo de caracul — como Stiva Lausch — e um aparelho de surdez no ouvido. Havia filhos de uniforme, da academia militar ou de times de futebol americano, filhas e crianças pequenas. Simon estava pronto para os tios e tias, tratando-os de maneira muito íntima e já sendo até arrogante com alguns. Tinha um pendor natural para todo o sistema de camaradagem e desdém em que eles operavam — como não ser pego, sob circunstância nenhuma, numa posição em que ser olhado de cima fosse inevitável, de maneira que você pudesse ler nas costas que alguém grosseiramente lhe dissesse que você era um *schmuck*.^d

Tenho de dizer que a autoconfiança de Simon era fantástica, e era ele quem os estava botando no chinelo, embora fosse deferente com algumas das mulheres. Ao lidar com estas, a impetuosidade e a insolência não eram recomendáveis, mas o necessário era provar que, além de tudo mais, ele também era um bom amante. Tenho de dizer também que ele não tinha nenhum constrangimento por minha causa; tomando como certa minha cumplicidade, ele estava me ensinando e me guiando. Então, eu o seguia de um lado para o outro, porque não havia mais ninguém de quem eu pudesse ficar perto confortavelmente. Faltavam meias brancas e leques

para lembrar o Diretório — estou pensando em plebeus de repente nos palácios do poder. Mas os Magnus pareciam saber menos ainda o que fazer. No entanto, não havia ninguém no mundo inteiro que tivesse mais de tudo que eles, a não ser dinheiro — e essa era uma lacuna que talvez pudesse vir a ser preenchida.

Acima desse tumulto e afogueamento familiar, dos gritos à mesa do *pinocle*, da correria das crianças, das jarras de chocolate quente e chá e quilos de bolo de café, dos retumbantes brados políticos, dos relinchos mais agudos das mulheres e de toda essa grande balbúrdia vital, pairava a supervisão do tio Charlie, que estava de pé — ou melhor, empinado — ao lado de sua mãe de peruca e vestido preto. Se me parece aconselhável acrescentar “empinado” aqui, é por causa da sua pança estufada e do grande peso sustentado pelos seus pés e também, provavelmente, porque a velha usava um colar de pingentes de ouro em forma de dentes de urso e isso me fez lembrar de criaturas. Ele era branco, imenso, mal-humorado e tinha aquele tipo de arrogância que às vezes afeta os olhos como a cegueira provocada pelo reflexo da luz na neve, o que fazia você pensar que havia algo de ártico em se ter um milhão de dólares. Pelo menos, um imigrante que era milionário durante a Depressão tinha esse ofuscamento. Não que tio Charlie fosse amedrontador em todos os aspectos; eu o estou retratando num momento posado, durante uma reunião familiar, quando havia uma sobrinha a casar e um parente novo a ser acrescentado.

Por causa de Simon, também passei a ser um candidato. Se ele se saísse bem, eu também poderia ser considerado um marido em potencial, pois o que não faltava eram filhas para casar, algumas bonitas e todas endinheiradas. Até ali, Simon só tivera sucessos. Vinha trabalhando, já fazia algumas semanas, sob o olhar atento de tio Charlie, primeiro como encarregado da pesagem e caixa e depois como aprendiz de comprador, sendo apresentado a corretores e fornecedores e instruído sobre tarifas de frete e sobre as diferentes minas de carvão. Tio Charlie garantiu que ele estava *fehig*, ou apto, e que tinha um tino nato para os negócios, o que

deixou a todos muito contentes. Simon já estava à procura de uma carvoaria para ser a dele e tinha esperança de encontrar uma que tivesse um trilho suspenso, o que reduziria os custos de descarregamento. Em suma, tio Charlie estava extremamente satisfeito com ele como um jovem promissor, e Simon estava recebendo todos os sinais das suas boas graças, desde as simples obscenidades cordiais até a mão no ombro. Ele balançava a cabeça perto do rosto de Simon em sinal de aprovação e liberava todas as gratificações. Seu humor fazia todo mundo rir de prazer. Não passou pela cabeça de ninguém protestar em nome das crianças ou das meninas mais novas quando tio Charlie disse: “Filho da puta, você é bom, garoto. Você tem a manha. Imagino que você também não negue fogo debaixo dos lençóis, hein?”, porque esse era simplesmente seu jeito normal de falar.

“O que você acha?”, disse Simon. “Deixa comigo.”

“É, imagino que não. Claro que eu vou deixar com você. Você acha que eu posso assumir essa empreitada? Não seria nem um pouco divertido pra Charlotte. Olha só o que a natureza deu pra ela. Não faltou nada. Ela precisa de um homem jovem.”

Nessa hora, eu também recebi minha parcela de atenção. Kelly Weintraub, um dos primos distantes por casamento, que trabalhava como motorista de caminhão para tio Robby, disse: “Olha só pro irmão dele. As meninas estão todas de olhos esbugalhados pra ele. E a sua filha Lucy mais que todas. Você não tem vergonha não, menina? Nessa família, as garotas mal podem esperar”.

O comentário foi recebido com gritinhos. Ao som deles, Lucy Magnus continuou sorrindo para mim, embora tenha ficado vermelha feito tomate. Ela era mais esguia que a maioria da família e não teve vergonha de deixar transparecer uma franca sensualidade sob o escrutínio do clã inteiro. Nenhum dos Magnus se dava ao trabalho de esconder esse tipo de coisa; não era necessário. Os mais novos tinham a liberdade de dizer aos pais exatamente o que queriam, o que eu achava admirável. Eu também podia olhar com prazer para Lucy. Ela não era bonita, mas tinha um rosto

saudável, uma pele muito clara e belos seios, que ela apontava para onde bem entendia. Só seu nariz é que poderia ser mais fino; era um pouco largo, como sua boca também, mas seus olhos pretos eram fortes e impetuosos, e seu cabelo, preto e delicado. Ele me fazia pensar nos seus pelos pubianos, e me vieram ideias à cabeça das quais não tentei de forma alguma fugir. Mas eram pensamentos de amante, não de marido. Eu não tinha nenhuma vontade especial de me casar. Via as dificuldades de Simon com clareza demais para isso.

“Vem cá”, disse o pai dela para mim, e eu tive de me submeter a uma inspeção minuciosa. “O que é que você faz?”, ele me perguntou, piscando os olhos, que pareciam estar em plena cegueira da neve.

Simon respondeu por mim: “Ele está no ramo de livros. Até conseguir juntar dinheiro e voltar pra universidade, pra terminar os estudos”.

“Cala a boca”, disse tio Charlie. “Seu puto! Eu perguntei pra *ele*, não pra você, intrometido! O que é que você faz?”

“Eu estou no ramo de livros, como o Simon disse”, respondi. Achei que o velho seria capaz de penetrar na minha cabeça, pela pura força da desconfiança, e descobrir todos os meus roubos, toda a esquisitice da casa de Owens e dos amigos que eu tinha lá. O que estar no ramo de livros poderia significar para ele, além do que faziam os esfomeados vendedores do Pentateuco, cheios de piolhos poloneses na barba e pés embrulhados em sacos de aniagem, eu não fazia a menor ideia.

“Essas porras dessas escolas. Hoje em dia tem estudante até de cabelo branco. Então, você está estudando pra ser o quê, advogado? Tá bom. Imagino que a gente não possa passar sem eles, os vigaristas. Os meus filhos não fazem faculdade. As minhas filhas fazem, só pra ficarem longe de encrenca.”

“O Augie está pensando em fazer faculdade de direito”, Simon disse à mãe de Lucy.

“É, eu estou”, eu disse também.

“Bom, bom, bom, bom”, disse tio Charlie, encerrando minha audiência e virando seu rosto branco de pele grossa para o outro lado para nos dispensar a todos. Em seguida, ameaçou com um olhar do seu mais extremo zelo sua filha Lucy, que lhe respondeu com um de seus sorrisos. Vi que ela lhe prometia obediência e que ele, em troca, lhe prometia a satisfação de todas as necessidades legítimas, desde que ela o obedecesse.

Havia ainda um outro olhar especial voltado para mim, o da minha cunhada Charlotte, com seus olhos perscrutadores, afetuosos e um tanto desesperados. Não duvido que ela já soubesse algumas coisas desagradáveis sobre Simon e, talvez, estivesse tentando vê-las em mim também. Imagino que quisesse descobrir que riscos sua prima Lucy corria comigo.

Enquanto isso, Kelly Weintraub estava dizendo: “Ele tem um par de olhos assanhados, o Augie”. Mas eu fui o único dos principais envolvidos que ouviu o comentário e, então, dei uma boa olhada nele para ver até que ponto a intenção do comentário era de fato maldosa e até que ponto ele estava brincando, aquele caminhoneiro boa-pinta de cabelo lustroso, dono ele também de um par de olhos certamente lascivos e de um sugestivo queixo protuberante.

“Eu conheço vocês dois”, ele me disse.

Então eu o reconheci. Na verdade, ele não estava muito diferente do que era quando eu o via no pátio da escola, de suéter.

“Vocês tinham um irmão pequeno, o George.”

“E ainda temos. Só que ele já não é mais pequeno”, falei. “Ele ficou grande e está morando no sul do estado.”

“Onde, em Manteno?”

“Não, é outra cidadezinha, um lugarejo perto de Pinckneyville. Você conhece aquela parte do estado?” Eu mesmo não conhecia. Simon era o único de nós que tinha ido até lá, já que na época os Renling não puderam me liberar.

“Não, não conheço. Mas eu lembro do George”, disse ele.

“Eu também me lembro de você, pegando carona nas carroças de gelo.” Dei de ombros, sorrindo. Foi burrice dele insinuar uma ameaça. Ele achava que podia jogar areia nos planos de Simon, mas Simon estava quilômetros à frente dele.

“Claro que a Charlotte sabe”, disse Simon quando contei a ele o que Kelly Weintraub havia falado. “Por que eu iria fazer segredo disso? Ela está até querendo botar o George numa instituição particular. Não se preocupe, ninguém dá a mínima atenção pra esse sujeito. Ele não tem a menor importância por aqui. Além do mais, eu o reconheci primeiro e já me adiantei a ele. Deixa comigo, eu já consegui botar todos eles comendo na palma da minha mão.” E acrescentou: “E você vai conseguir também, se me ouvir. Você causou uma boa primeira impressão.”

Eu logo descobri o poder que Simon de fato tinha sobre eles, pois ele realmente estava falando sério quando disse que tinha planos para mim. Várias vezes por semana, Simon vinha me buscar para me levar junto com ele nos seus programas. Almoçávamos com tios e primos em restaurantes e clubes de homens de negócios ricos e em churrascarias chiques. Simon era implacável com eles e não cedia terreno fosse numa brincadeira ou numa discussão, enquanto em voz baixa me passava o relatório de cada um deles, desdenhosamente. Vi-o desenvolver algumas habilidades terríveis de polemista; discordava de tudo quanto era opinião que eles expressassem, não importava qual fosse o assunto. Podia ser sobre alfaiates, artistas, pesos-pesados ou política — coisas sobre as quais ele se informava à medida que a necessidade ia aparecendo. Era impaciente até nas suas brincadeiras; fazia os garçons terem medo dele, mandando pratos de volta para a cozinha, mas também dava gordas gorjetas. Parecia não ter o menor apreço pelo dinheiro — andava sempre com um grosso bolo de notas agora —, mas na verdade, pela maneira como manuseava a carteira e as notas, Simon me convenceu de que sabia o que estava fazendo.

Uma vez ele me disse: “Com essa gente, você tem que gastar. Se eles percebem que você está querendo economizar, você perde o seu cartaz

com eles. E eu preciso ter um bom cartaz com esse pessoal. Eles conhecem todo mundo, e eu vou me estabelecer por conta própria em breve e preciso deles. É só ir a esses almoços pra jogar conversa fora e ao Chez Paree e ao Glass Derby, provar que eu posso acompanhar o ritmo deles, entende, isso é a primeira coisa. Eles não vão fazer negócio com alguém que não seja um deles. Agora você entende por que um imbecil feito o Kelly Weintraub não tem a menor importância. Ele não tem dinheiro pra almoçar em lugares como esse, não pode pagar uma conta num clube noturno como o Chez Paree sem que todo mundo se sinta desconfortável, pensando que ele não tem como arcar com uma despesa daquelas, porque todos eles sabem exatamente quanto ele está ganhando por semana. Ele é um fator insignificante, sabe, e ninguém vai dar ouvidos pra ele. Mas eu vou me lembrar dele, pode deixar”, ele prometeu, ameaçador. Eu sabia que Simon mantinha um arquivo de contas a ajustar. Se Cissy e Cinco Propriedades também tinham uma pasta nesse arquivo? Eu tinha certeza que sim.

“Ah!”, disse ele. “Vem pro centro comigo. Vamos cortar o cabelo.”

Fomos de carro até o hotel Palmer House, descemos e entramos no grande esplendor da barbearia. Simon teria deixado seu elegante casaco inglês cair no chão, se o funcionário negro não tivesse corrido a tempo de ampará-lo nos braços. Sentamos diante dos enormes espelhos, naquelas máquinas episcopais, as grandes cadeiras de barbeiro, e fomos barbeados, nossos cabelos aparados e lavados com xampu. Simon também quis que lhe submetessem ao vapor e ao calor, lhe fizessem as unhas e lhe sapecassem uma profusão de produtos, e não só me incentivou como me obrigou a fazer tudo que ele fez. Queria experimentar tudo que eles sabiam fazer.

A coisa estava ficando de um jeito que eu tinha que me submeter a uma vistoria de rigor quase militar quando aparecia diante dele. Os saltos dos meus sapatos não podiam estar gastos mais do que meio centímetro, as barras da minha calça tinham de bater nos meus sapatos na altura certa,

ele me deu gravatas novas, levando as minhas embora e deixando uma dúzia do gosto dele na prateleira. Berrava e brigava comigo quando achava que eu não estava usando minhas roupas exatamente como ele achava que eu deveria usar. E essas eram coisas pelas quais eu havia perdido o interesse desde Evanston. Eu tinha certeza de que Mimi iria me ridicularizar se me visse de unha pintada, mas deixei que me fizessem as unhas mesmo assim. Não olhava muito para os meus dedos. E era provável que aquilo fosse vantajoso para mim, como ladrão de livros. Olhando para as minhas mãos e para as minhas gravatas, quem iria suspeitar de mim? Porque eu não havia, obviamente, parado de roubar livros. Já não tinha mais que sustentar mamãe; Simon se encarregara disso. Mas, embora ele pagasse minhas despesas em qualquer lugar que fôssemos, ainda era caro de qualquer forma sair com ele. Volta e meia havia gorjetas ou drinques ou charutos ou buquês para Charlotte que ele esquecia de pagar, e a minha conta de lavanderia estava mais alta que nunca. Além disso, eu saía de vez em quando com Padilla para passar uma noite de sábado com nossas amigas na Lake Park Avenue. E, além do mais, eu estava tentando juntar dinheiro para pagar a taxa de matrícula da universidade. Astutamente, Simon me dava pouco dinheiro; na verdade, praticamente só me dava coisas. Queria que eu aprendesse a ter necessidades caras, e então o desejo de dinheiro viria naturalmente. E aí, se eu começasse a lhe pedir mais, ele poderia me fisgar.

Da barbearia, íamos à Field's para comprar-lhe cerca de uma dúzia de camisas, roupas de baixo italianas, calças ou sapatos, sendo que tudo isso eram coisas que ele já tinha de sobra; ele me mostrava armários, gavetas, prateleiras cheias, e mesmo assim continuava comprando. Em parte, isso se devia ao fato de ele já ter estado do lado errado do balcão, ou com as costas servilmente curvadas diante do banco de provar sapatos, e, em parte, era a maneira que ele tinha de me tentar. Mas eu também sabia que, tanto quando ia à barbearia como quando ia às compras, Simon estava tentando se revigorar; andava dormindo mal e parecia mole e doente. Uma manhã,

quando veio me buscar, se trancou no banheiro e ficou chorando lá dentro. Desse dia em diante, não quis mais subir até meu quarto; passou a me chamar da rua, tocando a buzina. Dizia: “Eu não aguento a pocilga onde você mora. Eles não limpam aquela joça. Você tem certeza que não tem pulga nem percevejo na sua cama? E o banheiro é imundo. Eu não sei como é que você consegue entrar lá”. Pouco tempo depois, começou a dizer essas coisas com o mesmo olhar iracundo de sargento com que inspecionava minha aparência. “Quando é que você vai se mudar desse ninho de ratos? Meu Deus, é em lugares assim que pragas e epidemias começam!” Passado mais um tempo, parou de vir me buscar. Telefonava quando queria se encontrar comigo; às vezes, telegrafava. No início, porém, ele me queria por perto constantemente. E, então, íamos para as alas reluzentes, o ambiente aquecido e a amabilidade bajuladora da loja de departamentos. Depois, no entanto, quando estava me levando de volta para o West Side, com uma das suas gravatas novas no pescoço e temporariamente de melhor humor, de repente parecia que ele perdia a cabeça de vez e, pisando fundo no acelerador, devia se imaginar varando a toda a velocidade a última fronteira das suas forças. Mas, assim como o carro depois de dobrar uma curva cantando pneu acabava se estabilizando, Simon também mantinha o equilíbrio. Contudo, era evidente que nutria sentimentos suicidas, a julgar pela maneira como dirigia e pelo ímpeto com que se lançava em bate-bocas, fosse com quem fosse; mantinha uma alavanca de pneu debaixo do banco do motorista para usar como arma nas brigas de trânsito e xingava todo mundo que via passar na rua, avançando sinais e botando pedestres para correr. A verdade por trás disso tudo era que ele estava com os bolsos cheios de dinheiro por causa da espécie de adiantamento que recebera pela sua prometida capacidade de fazer de si mesmo um homem rico e agora tinha de cumprir o prometido.

Na primavera, Simon alugou uma carvoaria, no fim do período de maior consumo de carvão. A carvoaria não tinha trilho suspenso, só um longo braço de trilho terrestre, e as primeiras chuvas transformaram o lugar

inteiro num charco. Foi preciso drenar o terreno. A primeira carga de carvão foi descarregada no chão molhado. O escritório em si era um barraco; a balança precisava de reparos dispendiosos. Os primeiros poucos milhares de dólares de Simon acabaram e ele teve de pedir mais; tinha um crédito a estabelecer com os fornecedores e era importante que pagasse suas contas em dia. Tio Charlie tornava isso mais fácil. Mas também era preciso satisfazer o próprio tio Charlie.

Havia, além disso, um salário substancial a ser pago ao seu capataz e encarregado da pesagem, Happy Kellerman, a quem Simon tivera de fazer uma proposta salarial vantajosa para conseguir convencê-lo a largar o emprego que ele tinha numa grande e antiga companhia do West Side. Simon teria me contratado no lugar de Happy (talvez por um salário mais baixo) se eu soubesse desempenhar a função; por isso, ele insistia que eu fosse lá para aprender a trabalhar com Happy, de modo que agora eu estava passando boa parte do meu tempo na carvoaria. Isso porque, quando Simon segurou meu pulso e me disse, quase como se estivesse bêbado, com a boca pegajosa e rachada que uma fala longa e nervosa provoca, com uma voz baixa, rouca, selvagem: “Tem que ter alguém aqui em quem eu possa confiar. *Tem* que ter!”, eu não tive coragem de dizer não. No entanto, não havia muita coisa com respeito à qual Happy pudesse ser desonesto. Ele era um bebedor de cerveja; curvado, pequeno, um humorista, cáustico, combalido, fraco, seu tom nasalado e fraco, a calça pregueada embaixo da barriga; seu nariz fazia uma curva para cima e exibia narinas ofendidas e temerosas, e ele tinha olhos redondos e dissimulados, nos quais mostrava que estava fortemente resguardado. Era um *tío listo*, um personagem de feira de atrações, um frequentador de prostíbulos. Seu estilo era o de um sapateador no mais ordinário dos circuitos teatrais, dando uns girinhos na bengala, fazendo uns passinhos com o calcanhar e a ponta do pé, cantando “I went to school with Maggie Murphy” e contando histórias de defumadouro, enquanto a plateia apatetada esperava que a estrela despida aparecesse e começasse a rebolar. Tinha um repertório de

piadinhas inofensivas, ganidos de cachorro, imitações de peido; a melhor peça que ele pregava era chegar por trás de você e agarrar sua perna, rosnando feito um pequinês. Para satisfazer a vontade de Simon, eu tinha de passar as tardes com ele, aprendendo o ofício. Não era fácil para mim recusar um pedido de Simon, principalmente depois que o ouvi chorando dentro do banheiro.

Com frequência, era eu quem rendia o almoço de Happy. Ele pegava um bonde até a Halsted Street, porque detestava andar. Quando voltava, às duas horas, descia no ponto perto da entrada da carvoaria, carregando na mão o casaco e o chapéu de palha de copa baixa e achatada, com o colete abarrotado de cigarros, lápis e cartões — tinha seu próprio cartão comercial: “Happy Kellerman, representando a March’s, Carvão e Coque”, com o desenho de um galo perseguindo uma galinha frenética e, embaixo, a frase “*Eu não brinco em serviço*”. Ao entrar, testava o travessão da balança, botava o *Times* dentro da estufa, dava uma volta pelo pátio e depois, como estávamos no auge do verão, um calor infernal, sentávamos perto do frescor que subia do fosso de concreto da balança. O escritório parecia um barraco de posseiro ou a última casa de uma rua do Velho Oeste. Ao lado, na rua, ficavam os trilhos dos currais de um abatedouro, animais empoeirados mugindo nos vagões parados, enfiando focinhos vermelhos nas frestas das ripas; rodas de caminhão atravessavam o asfalto derretido como se o chupassem, o carvão rachava e esmaecia nas pilhas, os carrapichos-de-carneiro morriam no caule. Havia ratos num canto da carvoaria que não fugiam de ninguém nem arredavam pé de onde estavam; famílias inteiras, amamentando, rastejando, comendo ali. Eu nunca tinha visto ratos tão domésticos, perambulando por onde bem entendiam, passando perto nos nossos pés sem medo nenhum. Simon comprou uma pistola — “A gente precisa de uma arma, de qualquer forma”, disse — e atirava neles, mas os bichos só se espalhavam e depois voltavam. Não se davam ao trabalho nem de cavar buracos; o máximo que faziam era abrir sulcos rasos para se aninharem.

Fizemos algumas vendas. Happy registrou-as no grande livro de folhas amarelas; calígrafo elegante, orgulhoso da sua letra, ele se sentava ereto no banco alto com seu chapéu de palha chato, desenhando as letras com penas grossas e finas. Quem se debruçava para escrever naquela antiquada escrivaninha de guarda-livros, amarela e arranhada, ficava com a cabeça na altura de um minúsculo quadrado de janela acima da balança e, às vezes, eu via Simon ali, preenchendo cheques no largo talão triplo. Preencher cheque era uma coisa que o havia deixado fascinado no início. Um dia, ele tinha arrancado de mim a confissão de que eu devia dois dólares a Padilla, só pela satisfação de pagar uma das minhas dívidas com sua assinatura. Essa satisfação já não existia mais, agora que os números do balanço estavam ocupando menos espaços, e ele se lembrava da sua última ousadia financeira, quando tentou ganhar um dinheiro rápido para poder se casar com Cissy. Dessa vez, ele acreditava que toda a sua vida estava em jogo. Não tinha falado apenas da boca para fora quando deixou claro, no dia em que veio me dizer que ia se casar, o quanto estava profundamente empenhado em ganhar dinheiro; isso agora estava provado pelas marcas da angústia no seu rosto, pela sua palidez cadavérica e pelo seu comportamento quase insano. A desolação da sua aparência, no meio daquele negro mar de Sargaços em forma de carvoaria na sua estagnação e abafamento de verão, às vezes fazia o sangue borbulhar de pavor nas minhas veias. Se eu tirava tanto tempo dos meus próprios empreendimentos no campo do roubo e da leitura para vagar por aquela carvoaria com ele, de mãos no bolso, seria pouco dizer que era por preocupação. Era por absoluto pânico. A maneira descuidada com que ele manuseava a pistola ao atirar nos ratos era um mau presságio para mim. E também o modo como ele se queixava de que sua cabeça estava fervendo, dizendo: “Os meus miolos vão escorrer pelas orelhas”.

Eu tive de impedir que ele esmurrasse Happy uma vez, quando o capataz escolheu um mau momento para agarrar a perna de Simon com sua brincadeira do pequinês rosnador. Foi por pouco. Sendo que, minutos

antes, Simon tinha dado boas gargalhadas com Happy, achando graça das suas histórias sobre a época em que trabalhara como chamariz para uma corretora, fingindo-se de comprador para atrair clientes, durante o *boom* imobiliário da Flórida; e sobre seu caso amoroso com uma mulher turca que não o deixava sair de casa; e sobre a primeira vez em que pegou gonorreia, experiência que ele descreveu dizendo: “Foi como entrar numa lata de minhocas quentes”. Essa mudança da grande gargalhada para a selvageria deixou Happy pronto para pedir demissão, seus olhos grandes, hábeis e empapuçados tinham a expressão taciturna de quem avisa que está ficando cheio, enquanto eu tentava botar panos quentes. Sim, porque era eu quem tinha de restabelecer a paz. “Eu nunca aceitei desaforo, nem em empresas bem maiores que essa”, Happy me disse com o canto da boca, mas para que Simon ouvisse. Eu sabia que Simon estava com o coração martelando no peito pelo modo como sua cabeça estava pendurada para baixo, a boca aberta deixando à mostra aquele dente da frente ainda não remendado, e que sua vontade — que ele teria forçosamente de reprimir — era agarrar Happy pelos fundilhos e atirá-lo no meio da rua.

Por fim, Simon disse: “Está bom, quero pedir desculpas. Eu estou meio nervoso hoje. Você tem que entender, Happy...”. Ele tinha sido vencido pela lembrança dos Magnus e pelo horror de ter esquecido tão completamente de que era um homem jovem entrando no mundo dos negócios — e Happy apenas um sujeito irritante — a ponto de perder a cabeça por causa daquela besteira. Esses momentos em que Simon se munia de paciência — aquela tosca e forçada paciência física — e engolia a raiva eram piores para mim do que sua fúria ou seu exibicionismo. Outra coisa difícil era vê-lo falar com Charlotte ao telefone com uma voz baixa e um ar de custosa resignação, respondendo às perguntas dela de um jeito contido e repetitivo, como quem está prestes a entregar os pontos.

“Bom”, ele disse para Happy e para mim, “por que vocês dois não pegam o carro e vão falar com alguns dos negociantes, tentar fazer algumas vendas? Toma aqui cinco dólares pra cerveja. Eu vou ficar aqui com o

Coxie e tentar consertar a cerca dos fundos. A gente vai ser roubado a torto e a direito se não der um jeito naquele troço.” Cox era o faz-tudo, um velho bebedor com um chapéu troncho de pintor que parecia um quepe de oficial italiano. Simon mandou que ele fizesse uma busca ao redor da cerca da fábrica da Westinghouse à procura de tábuas velhas. Coxie trabalhava em troca de hambúrgueres e de uma garrafa de xerez californiano ou de algum outro vinho barato. Ele era vigia também, e dormia enrolado em trapos atrás da treliça verde da porta da frente, que raramente era usada. Então, lá foi ele mancando — tinha uma bala alojada no corpo, dizia, da época da batalha da colina de San Juan — ao longo da quilométrica cerca de tela da companhia em que necessidades como cercas eram atendidas por suboficiais que pediam orçamentos a empreiteiros e uma espessa tela de aço permitia a todos espiar lá para dentro e ver a vasta e remota cintilação, as torres de tijolo, as longas casas de força e o carvão vesuviano sob o clarão e o céu esparsamente enodados do verão.

Fui com Happy, que foi dirigindo. Seu medo naquelas ruas de imigrantes do leste europeu era atropelar uma criança e ser trucidado por uma multidão enfurecida. “Se é com um filho deles que alguma coisa acontece, você está perdido, mesmo que não seja sua culpa, do jeito que eles acossam as pessoas.” Então, ele estava sempre meio tomado por esse pânico e não me deixava pegar o volante, achando que eu não tinha medo suficiente para ficar vigilante. Levamos os negociantes de carvão e gelo para tabernas, tomamos cerveja e trocamos ideias, naquelas espeluncas sonolentas e sombrias de calor, onde até as moscas rastejavam em vez de voar, aparentemente dopadas pelas bolas de cânfora dos urinóis, pela acidez do malte, pelo vazio abafado e pelos ruídos de bola batendo em madeira das transmissões de beisebol, que só tornavam mais sufocante o não localizável e não diagnosticado mal. Se você pensava em alguma coisa de fora dali, poderia ser em Padilla teorizando sobre o tamanho do universo; o interesse científico dele impedia que o assunto ficasse

desagradável. Mas em lugares como aqueles, com as moscas lerdas e peludas se arrastando de gota em gota e de estrela em estrela, você rezava para que não fosse por ali que se entrava para o universo não humano e para que aquilo não fosse a pontinha dele que por acaso encostava em Chicago e no norte do Illinois.

Tal consideração jamais afligiria Simon. Fosse o lugar como fosse, ele o faria dar lucro, a única relação com ele que o interessava; era possível extrair dólares dele como se tira água de fonte, como se faz montanhas desoladas cuspirem seus óleos ou ferro, aonde de outra forma seres humanos não teriam nenhuma vontade de ir, os desertos, as Terras Novas, as terras crestadas e a neve antártica enegrecida pela fumaça de combustíveis extraídos no Texas ou na Pérsia.

Hrapek, Drodz, Matuczynski eram os nomes desses negociantes; nós os encontramos em seus galpões, perto da igreja, em frente à casa funerária ou fazendo um trabalho de mudança. Eles vendiam carvão por tonelada ou por saco; tinham caminhões com fueiros ou caminhões basculantes; tinham de ser convencidos, agradados, brindados com ofertas especiais, adulados, informados de segredos sobre os veios das minas, seduzidos com especiosas informações técnicas sobre BTUs e porcentagens de cinza. Happy era habilidoso com eles, um excelente granjeador de negociantes, com talentos comparáveis aos de um fornecedor de suprimento para navios. Bebia tanta cerveja quanto eles, copo a copo, e obtinha resultados. Atraídos por preços inferiores aos praticados pela concorrência e pela oportunidade de escolher o carvão, eles começaram a vir.

Além disso, Simon fez algumas liquidações, só para pôr as coisas em movimento. Mandou que eu distribuísse volantes de propaganda em Chinatown, anunciando coque, o combustível preferido dos chineses donos de lavanderia, e lentamente foi conquistando clientes. Também fez propaganda no centro da cidade e pressionou seus novos parentes para que fizessem encomendas; Charlie Magnus passou alguns negócios para ele, e pouco a pouco o movimento começou a crescer.

Simon foi instruído sobre como fazer as coisas politicamente — como agir para poder entrar em licitações de negócios municipais — e se encontrava com chefes de panelinhas de políticos e ficou amicíssimo da polícia; fez camaradagem com tenentes e capitães, com advogados, com corretores de imóveis, com apostadores e *bookmakers* importantes, ou seja, aqueles que tocavam negócios legítimos em paralelo e eram donos de propriedades. Durante a greve de motoristas e transportadores, conseguia carros de patrulha para proteger seus dois caminhões dos grevistas, que estavam despejando carvão nas ruas. Eu tinha de ir à delegacia e ficar esperando as ligações dele para informar aos policiais quando uma carga estava para sair da carvoaria — minha primeira estadia lícita num lugar daqueles, movendo-me do lado escuro para uma zona de mais claridade dentro do grande protoplasma social. Mas o lado escuro daquela delegacia do West Side... meu Deus do céu! Era muito escuro. Era podre, doente, purulento. E enquanto as figuras e caras mal cunhadas e defeituosas passavam cabisbaixas, trôpegas, insolentes, amedrontadas, rendidas ou indiferentes — o infalível excedente e superabundância de material humano —, você ficava pensando que tudo aquilo era matéria que tinha nascido humana e com forma humana, e matutando sobre a falta de seletividade e de escolha. Sem esquecer a crueldade suja, as banhas corruptas e as carnes cruas daqueles do lado oficial. E aquilo não era nem uma grande prisão dos quartéis-generais do centro da cidade, mas apenas um tributário de um bairro periférico.

Como genro dos Magnus, e também porque queria, Simon mantinha um ótimo relacionamento com o tenente Nuzzo, um policial de modos corteses e aparência normal como poucos. Não sei como o tenente conseguia. Um tira, que até na afabilidade de uma piada tem de segurar você pelo ombro como se fosse prendê-lo, com mãos que só têm prática de serem de ferro. De alguma forma, o tenente Nuzzo havia conseguido permanecer um Valentino, muito embora sua carne fosse pesada e seu rosto conservasse marcas por muito tempo, como pregas adquiridas durante

o sono e impressões de dedos. Costumávamos ir ao Chez Paree com ele — num grupo de cinco pessoas, até que comecei a levar Lucy Magnus e então passamos a ser seis — e comíamos espaguete com fígado de galinha e tomávamos champanhe ou vinho espumante. O tenente olhava ao redor como se fosse um mestre de cerimônias de um clube noturno muito melhor que estivesse ali de visita. A esposa dele parecia uma mulher em liberdade condicional; como, de certa forma, todo mundo fica quando está com um tenente de polícia. Até uma esposa. Ele era descendente de italianos e carregava consigo o estilo de antigos reinados. Muitos deles carregam. A autoridade tem de ter mortes atrás de si. Para cortar a cabeça de Masaniello; para enforcar grandes almirantes, como Lord Nelson fez no porto de Nápoles. Era assim, creio, que deveria ser lido o rosto macio do tenente, enquanto, sentado em meio ao agradável burburinho do Chez Paree, ele assistia ao casal de dançarinos Veloz e Yolanda ou às moças quase nuas, que não sabiam muito bem o que estavam fazendo, mas sugeriam os movimentos de pessoas atarefadas levando seus prazeres privados ao apogeu. Fosse como fosse, enquanto esse clube noturno esteve no topo da moda, Simon e Charlotte foram assíduos frequentadores, tanto, astutamente, pelas informações secretas que podiam ser obtidas e pelos contatos sociais e negócios que podiam ser feitos ali, quanto para serem fotografados à luz dos flashes, rindo e se abraçando alegremente, com chapéus de papel e serpentinas, um rosto importante no meio da mesa deles, uma cantora de vestido tomara que caia fazendo uma pose atraente com o queixo erguido e os dentes bonitos à mostra, ou o presidente da diretoria de uma empresa terminando um drinque.

Simon aprendeu muito rápido a importância desses contatos íntimos para os negócios. Por acaso o presidente não passou noites insones em Yalta porque nos dois primeiros dias Stálin não sorriu? Não podia negociar com um homem que não se rendia ao charme nem fazia transações com base no amor. Era preciso que houvesse bom humor e afabilidade para temperar decisões que não poderiam ser inteiramente agradáveis, e o

encanto pessoal pelo menos ajudava. Isso era algo que Simon entendia muito bem, sabia como fazer com que gostassem dele e como chegar a um acordo baseado em pensamentos secretos com pessoas que se encontram em posições semelhantes.

Mas eu ainda estou no meio do verão com Simon, no seu momento de maior dificuldade, quando ele estava tomado pelo pânico de falir e tinha de confessar a si mesmo, tenho certeza, que estava morrendo de medo dos Magnus e apavorado com o compromisso que havia assumido. Então, passei a maior parte desses meses com ele. Não vou dizer que nós dois nunca estivemos tão próximos — ele guardava seus pensamentos mais íntimos teimosamente para si mesmo —, mas certamente nunca estivemos tão juntos. Do frescor da manhã até a cor sombria e encardida do final da tarde, eu rodava de carro com ele e fazia todas as suas paradas — centro da cidade, a sede do sindicato, o banco, o escritório no centro comercial de South Water que Charlotte estava gerenciando para o seu tio Robby, a cozinha da casa dos Magnus, onde parávamos para pegar sanduíches com a cozinheira negra, ou o quarto dos fundos onde eles tinham posto a cama de casal — sendo o casamento ainda um segredo conhecido apenas pela família imediata. Ali, a porta se abria para o que sustentava o peso daquela vida tão cheia. O quarto havia sido redecorado para ele e Charlotte com abajures de cúpula de seda, cobertores de lã ao pé da cama, cortinas para tampar a vista da viela e sua incivilidade — como num *palazzo* para bloquear o cheiro dos canais —, uma colcha de cetim na cama e travesseiros auxiliares sobre o rolo da cabeceira.

Para economizar passos no caminho até a cômoda, Simon passava por cima da cama. Mudava de roupa, deixando as peças ficarem onde caíam ou eram atiradas, chutando seus sapatos para o canto e secando o suor do seu corpo nu com uma camiseta. Havia dias em que ele trocava de roupa três vezes, ou quatro, e outros em que ficava sentado no escritório, apático e indiferente, e levantava pesadamente de sua cadeira depois de horas de silêncio, dizendo: “Vamos embora daqui”.

Em vez de ir para casa mudar de roupa, às vezes ele ia para o lago.

Íamos nadar no ponto da North Avenue que era o preferido do falecido Comissário, em cuja boca eu costumava botar cigarros quando ele passava boiando. A maneira frouxa como Simon afastava as pernas quando mergulhava e o modo desajeitado como abraçava a água me davam a preocupante impressão de que ele se jogava com a ideia de nunca mais voltar à tona vivo, como se submergisse para sentir um gostinho das vantagens de ficar lá embaixo. Emergia exausto, esbaforido, a boca aberta e frouxa, o rosto corado de sangue. Eu sabia que ele se sentia muito tentado a afundar e não subir mais. Mesmo que não fizesse uma exibição desse semidesejo e nadasse para cima e para baixo, carrancudo, o cabelo áspero e colado ao crânio, fazendo hábeis manobras na água. Rolando, a água fugia da costa e da sua multidão e carregava carretéis negros em seu horizonte, a fresca pavimentação de uma das imaginárias séries de mundos, abrindo caminho para o flamejante éter.

Com meu irmão lá dentro, como Alexandre no pernicioso rio Cidno, cuja água gelada o fez passar mal quando lá mergulhou depois da batalha, eu ficava de pé, de calção listrado, os dedos dos pés curvados sobre as ripas de uma pilha de madeira, pronto para me atirar na água atrás dele caso fosse necessário. Nunca entrava com ele. Simon subia a escada tremendo, as moscas picavam terrivelmente, o alarido do parque de diversões na beira da água fazia sua cabeça girar. Eu o ajudava a se secar; ele se deitava na pedra como um homem doente. Mas, depois que se esquentava e recuperava o conforto, começava a abordar grosseiramente mulheres e garotas, de olhos grandes e vermelhos, como se uma moça que se abaixasse para pegar uma ameixa na sua cesta de lanche estivesse fazendo a oferta de uma Pasífae. Então, punha-se a falar alto, batendo no meu braço e dizendo: “Olha o tamanho do traseiro daquela mulher!”, esquecendo que era um homem não só casado como também noivo — sendo que o noivado tinha se realizado diante dos olhos do mundo, numa recepção no salão de um hotel. Simon não pensava nisso. Em vez disso, pensava na

enorme potência de um Pontiac novo parado perto de Lincoln Park, no dinheiro que tinha e, também, nas coisas a fazer numa rua, num prédio, num quarto e que não precisavam ter relação alguma com o que aconteceria mais tarde em outro lugar. Aí, ficava violento e excitado, avançando ora direta ora obliquamente, e com a cabeça projetada de um jeito que transformava seu pescoço numa espécie de muro, tenso e duro como o de um lutador que foi atingido mas não ferido, apenas atizado.

Não havia nada que fosse da sua nova classe ou do seu estilo na praia da North Avenue (chamada de praia, não passava de uma laje de pedra à margem da água); o lugar era tosco e duro, os rapazes valentões e as garotas brigonas, operárias de fábricas, vendedoras, algumas dançarinas e prostitutas da Clark Street. Por isso, Simon falava e fazia propostas sem escolher nem medir palavras. “Você me agrada. Está interessada?” Direto, sem artifícios, nem mesmo frases banais de circunlóquio. Pelo próprio fato de ser tão direta, talvez a proposta não parecesse uma indecência; em vez disso, ela gerava assombro e medo, aquela investida bruta que obrigava as veias de Simon a suportarem uma pressão tremenda e parecia pôr sua mandíbula em perigo de arrebentar de tensão, enquanto seus olhos escureciam, invadidos por correntes de calor violeta e mais escuras, quase pretas. Nem sempre as garotas ficavam com medo dele; Simon cheirava a poder, era bonito, e eu não sei que chãos seus pés descalços pisavam ao sair de quartos quentes, de persiana fechada. Um ano atrás, ele não teria olhado duas vezes para moças como aquelas.

Agora, aonde quer que fosse, ele guardava informações às quais eu não tinha acesso, mas precisava ter vantagens e prerrogativas, imagino, para compensar os sacrifícios. Sim, maiorais desse tipo praticam uma raiva à qual nem todo mundo tem direito. Eles chegam brincando de deus, como o sanguinário Cômmodo diante do senado, ou andam com jóqueis e lutadores, como Caracala, embora saibam que em algum lugar o instrumento da sua queda está começando a unir uma ideia a outra a seu respeito, como laçadas numa agulha de tricô. Era assim com Simon, como

eu já tinha tido a chance de ver antes, quando ele botou um chapéu de mulher na cabeça no Chez Paree e saiu dançando, ou quando me levou para uma despedida de solteiro em que duas garotas nuas faziam acrobacias com ferramentas falsas. De jogos de circo a devassidão íntima, então, e fazendo apenas o que muitos outros também faziam — a única diferença sendo que, pela força da sua personalidade, ele chamava a atenção e desempenhava um papel de destaque.

“E você? Você trepa?”, Simon me perguntou. “Que pergunta! Quem é aquela garota que mora no seu andar? É por isso que você não quer se mudar de lá? Mimi, não é esse o nome dela? Ela parece uma mulher fácil.”

Eu neguei, mas ele não acreditou em mim.

Mimi, por sua vez, estava interessada em Simon. “O que é que ele tem, hein?”, ela me perguntou. “Foi ele que eu ouvi chorando no banheiro, não foi? Por que é que ele anda todo empetecado daquele jeito? Qual é o problema? Tem alguma mulher no pé dele, não tem?” Apesar do sarcasmo, ela estava pronta para aprovar Simon, tendo notado alguma coisa extravagante e rebelde nele que a agradava.

Simon não era, no entanto, só desfaçatez e desespero suicida. Não, ele também estava fazendo uma encenação de primeira. Era verão, o movimento andava fraco e naturalmente ele estava perdendo dinheiro. Charlotte, uma excelente mulher de negócios e extremamente importante como apoiadora, conselheira, consultora, deu a ele exatamente o que os uniu mais fortemente do que uma relação conjugal comum. Embora ele brigasse com ela e, mesmo desde o início do casamento, vociferasse com ela e a xingasse, dizendo coisas assustadoras, ela continuava firme. Um observador atento podia vê-la recuar e depois voltar para abraçar aquilo que era realmente importante e fantástico: o fato de que Simon era um daqueles ungidos para serem ricos e poderosos. A própria virulência com que ele bradava “Sua vaca imbecil!” era prova disso. Charlotte recebia a ofensa com uma risada nervosa que o chamava de volta ao seu juízo normal e o fazia lembrar de que coisas daquele tipo eram para ser ditas

como galhofa. Depois, então, ele quase nunca deixava de acrescentar a gota de riso do comediante, mesmo que seus olhos ainda conservassem o olhar alucinado. E ele era forçado a fazer isso mesmo quando os sentimentos dos dois lados tinham se aproximado tão perigosamente da mágoa que seria demais tentar trazê-los de volta através do humor para algo que pudesse passar por grosseria afetuosa. Mas o principal objetivo de Charlotte e a razão de todo o seu esforço era transformar aquele casamento numa união séria construindo uma fortuna a partir dele. Ela me disse: “O Simon tem um talento genuíno para os negócios. Essa coisa agora” — ele já estava ganhando dinheiro nessa época — “isso não é nada”. Às vezes, quando ela dizia essas coisas, era naquele território da seriedade em que as distinções de sexo não existem; o poder invocado é grande demais para isso. Não é nem masculino nem feminino. Como quando a mulher de Macbeth fez aquela prece: “Tirai-me o sexo!”. Um apelo tão duro, para uma coisa tão dura, que deixa a alma assexuada.

Nem seus cuidados e embelezamentos de mulher, os detalhes da sua figura alinhada, nem a decoração do apartamento, quando eles mobiliaram um, nem as grosserias de Simon, tinham realmente importância. Mas, no que se referia ao banco, ao estoque, às taxas, uma cabeça se aproximava da outra para debater essas coisas, os grandes, claros e críticos cálculos e confidências feitos no tom em que o verdadeiro domínio estava afinado, era nisso que o laço matrimonial de fato se fundava. Muito embora vivesse cantando e assobiando baixinho músicas como “My blue heaven” e “A faded summer’s love”, fazendo as unhas e ajeitando o cabelo, ela não vivia para essas vaidades. Que de fato eram inúteis. Charlotte dava a elas toda a atenção que mereciam e mais. Salto alto, meia-calça, belos *tailleurs*, chapéus, brincos, penas e as cores da maquiagem em pó compacto; e ainda eletrólise, cremes de beleza e alfinetes ocultos em lugares em que a adoração poderia vir se aninhar. Não descuidava de nada nesse aspecto, tinha muita dignidade e podia ficar extraordinariamente elegante. Mas sua descrença fundamental nisso ficava patente na boca real, que não se

amoldava à boca pintada, era impaciente e desconsiderava coisas menos importantes. Ela jamais se casaria com um dos homens dos retratos delineados nas folhas de música do seu piano, da mesma forma que nunca escolheria um garoto de colegial; segurava sua ambição com firmeza e estava preparada para encarar, sem se deixar afastar do seu objetivo, qualquer grau de grosseria, estouvamento, aspereza, escândalo. Sabia disso antecipadamente por causa das consultas que fazia a si mesma, e não tinha de esperar para ver grande parte dessas coisas na realidade; elas aconteciam primeiro na sua cabeça e era lá que Charlotte lidava com elas.

Simon, daquele jeito estranho que essas coisas têm, era totalmente a favor de Charlotte. Dizia: “Ela tem mais cérebro e habilidade do que seis mulheres juntas. E é absolutamente franca, não tem fingimento com ela. Uma mulher de bom coração assim não se encontra fácil no mundo” — havia um considerável fundo de verdade nisso — “e ela gosta de você também, Augie”. Ele disse isso com a intenção de me convencer a cortejar Lucy Magnus, o que pouco depois concordei em fazer. “Ela vive mandando coisas pra mamãe. E quer hospedar a mamãe com uma família. Ideia dela. A mamãe nunca reclamou do asilo. A companhia que ela tem lá é boa pra ela. O que você acha?”

Rodando de carro pela cidade, ocasionalmente parávamos para visitar mamãe. A maior parte das vezes apenas passávamos em frente à casa, mas, com Simon, nunca dava para saber qual seria seu destino. Quando me dizia “Entra aí”, talvez ele próprio não soubesse para onde estava indo e estivesse respondendo a uma necessidade que ainda não entendia. Talvez fosse de comida que estivesse atrás, talvez de uma luta, talvez de encrenca, talvez de uma mulher acenando atrás do carro, ou de uma encomenda comercial, de uma partida de sinuca, do escritório de um advogado, de um banho turco no clube atlético. Então, entre essas possíveis paradas estava também o asilo na Arthington Street.

Era uma casa de pedra cinza, com uma varanda que era apenas um espaço mais largo antes da porta e onde ficavam dois bancos. Havia bancos

do lado de dentro também. Era mobiliada como uma sala de assembleias ou um fórum público, todo o seu espaço comum vazio; só o mau estado das janelas impedia as pessoas de fora de espiarem lá para dentro; as vidraças estavam cheias de sujeira e de marcas que lembravam nós de madeira, provavelmente das mãos das pessoas que tinham encostado nelas para só então descobrirem que aquilo não era parede, mas sim janela. Tudo que poderia oferecer perigo na antiga casa tinha sido retirado; assim, havia uma placa de gesso onde antes ficava o consolo da lareira e um pedaço de cortiça nas soleiras das portas. Mas os cegos não circulavam muito. Ficavam sentados, não pareciam conversar nunca, e logo você se dava conta de que aquilo era um tempo livre que tinha azedado. Eu tinha aprendido alguma coisa sobre isso na época de clima mental tormentoso que Einhorn atravessou. Ou talvez não fosse da mente, mas da alma, aquele mal doentio de não saber nem sequer por que deveria se afligir com o que quer que fosse, uma vez que você já estava resignado a aceitar todas as condições.

O diretor do asilo e sua esposa se gabavam de alimentar bem seu pessoal; era fato que você sabia com antecedência o menu da refeição seguinte pelo cheiro da cozinha.

De modo geral, eu considerava uma bênção que mamãe fosse uma pessoa simplória. Achava que, se houvesse gente futriqueira ou briguenta ali — e como poderia não haver? —, com certeza deviam ocorrer alguns episódios bem desagradáveis no âmbito da privacidade daquela casa. Mas mamãe tinha muitos anos de prática aplacando tormentas ou se mantendo longe do caminho delas, e era muito provável que ela tivesse mais problemas em consequência das visitas de Simon do que jamais teria com seus colegas. Pois ele ia lá para conferir como ela estava sendo tratada, e tinha um jeito ríspido de indagar. Era severo com o diretor, que tinha esperança de conseguir comprar colchões por atacado de Arthur Magnus por intermédio dele. Simon havia lhe prometido esse favor. Em compensação, chegava lá botando banca, cheio de ameaça, insatisfeito

com tudo. Não gostava da ideia de mamãe ter de dividir o quarto com outras pessoas e, quando conseguiu um cômodo particular para ela, o tal aposento ficava perto da cozinha e de todos os barulhos e cheiros que vinham dela, e isso não era motivo para agradecimento. Numa tarde de verão, encontrou mamãe sentada na cama, ocupada com a tarefa de encaixar alfinetes em broches de campanha de Roosevelt; ela estava recebendo dez centavos pelo cento e ganhava alguns dólares por semana, graças à generosidade do delegado do partido naquela zona eleitoral. Vendo-a manejar os alfinetes de metal com suas mãos embrutecidas pelo trabalho doméstico pesado, tateando os dois objetos no colo para tentar uni-los, Simon teve um acesso de fúria que a fez estremecer, sobressaltada. Sabendo que eu estava com ele, mamãe virou o rosto, tentando me localizar, e apelou para que eu intercedesse; também ficou assustada ao descobrir que vinha fazendo uma coisa errada sem saber.

“Para de berrar, pelamordedeus!”, eu falei para ele.

Mas não havia o que o fizesse parar. “O que é que eles pretendem? Olha o que eles botaram a mamãe pra fazer! Cadê aquele filho da puta?”

Quem veio foi a mulher do diretor, de penhoar. E veio determinada a manter uma atitude respeitosa, mas não servil; estava branca, já tinha um rosto combativo e tremia, mas falou com coragem, prática e orgulhosa.

“Você é responsável por isso?”, ele perguntou a ela, gritando.

Ela respondeu: “A senhora March não foi obrigada a fazer nada que não quisesse. Nós perguntamos a ela e ela quis. É bom para ela ter alguma coisa para fazer que a mantenha ocupada”.

“Perguntaram? Eu sei como se pergunta coisas às pessoas de modo que elas fiquem com medo de dizer não. Você fique sabendo que a minha mãe não vai fazer nenhum trabalho por empreitada seja por dez, vinte, trinta centavos ou um dólar a hora. Ela recebe de mim todo o dinheiro de que precisa.”

“O senhor não precisa berrar desse jeito. As pessoas que moram aqui são todas muito sensíveis e se assustam com facilidade.”

Na passagem, vi vários dos cegos pararem e um grupo se formou. Na cozinha, a cozinheira grandalhona e descabelada se virou na nossa direção segurando a faca com que cortava carne.

“Simon, fui *eu* que quis, fui *eu* que pedi”, disse mamãe. Ela não conseguiu botar peso no seu tom de voz; nunca tinha conseguido; não tinha prática.

“Fica calmo”, eu disse a ele e, finalmente, surtiu algum efeito.

Ao que parecia, Simon não conseguia mais tirar do peito aquilo que era sua intenção principal sem tocar no ponto inflamado do amor-próprio. Como Balaão, abençoava e amaldiçoava equivocadamente, mas sem qualquer poder externo que o fizesse mudar de ideia, apenas sua própria arbitrariedade se voltando contra ele. Assim, não conseguia falar em defesa de mamãe sem ao mesmo tempo impor como ele próprio deveria ser considerado.

Em seguida, foi até o armário para ver se as coisas que Charlotte havia dado a mamãe estavam lá, os sapatos, a bolsa, os vestidos, e deu falta na mesma hora de um casaco leve que, passado adiante por uma pessoa mais robusta, não servia direito em mamãe de qualquer forma.

“Onde é que ele está? O que foi que vocês fizeram com aquele casaco?”

“Eu mandei pra lavanderia. Ela derramou café nele”, a mulher do diretor explicou.

“É, eu derramei, sim”, disse mamãe, com sua voz aguda e desafinada.

E a mulher: “Eu vou apertar o casaco pra ela, quando ele voltar da lavanderia. Está largo demais nos ombros”.

Simon estava com uma cara de raiva e indignação, calado, ainda examinando o armário. “Ela tem dinheiro pra pagar um bom alfaiate se o casaco estiver precisando de ajuste. Eu não quero que ela ande mal-ajambrada.”

Simon deixava dinheiro para mamãe toda vez que ia lá, em notas de um dólar para que ela não pudesse ser passada para trás no troco. Não que

realmente desconfiasse do diretor e da mulher dele; queria, no entanto, que eles soubessem que ele não precisava depender da honestidade deles.

“Eu quero que ela saia pra dar uma volta todo dia.”

“Essa é a regra, senhor March.”

“Eu sei como é esse negócio de regra. Vocês seguem quando querem.” Eu falei com ele em voz baixa e ele disse: “Não se preocupa. Fica quieto que eu cuido disso. Eu quero que ela vá ao cabeleireiro pelo menos uma vez por semana.”

“O meu marido leva todas as senhoras juntas ao cabeleireiro de carro. É inviável levar uma de cada vez.”

“Então contrate uma menina. Não tem nenhuma estudante que você possa arranjar para levar a minha mãe lá uma vez por semana? Eu pago. Faço questão de que ela seja bem tratada. Vou me casar em breve.”

“Eu vou ver o que posso fazer pelo senhor, senhor March”, disse ela, e ele, sem deixar de detectar o sarcasmo no tom dela embora ela estivesse se mostrando apenas firme e não intimidada, encarou-a por alguns instantes, resmungou alguma coisa consigo mesmo e pegou o chapéu.

“Tchau, mãe.”

“Tchau, tchau, meninos.”

“E leva essa porcaria daqui”, disse Simon, dando um puxão na colcha e espalhando os alfinetes.

Quando ele saiu do quarto, a mulher comentou comigo, cáustica: “Eu espero que pelo menos o Roosevelt seja bom o bastante pra ele”.

a John C. Calhoun (1782-1850), importante político sulista famoso pela veemência de sua retórica, exerceu, entre outros, os cargos de vice-presidente dos Estados Unidos (1825 a 1832) e de senador (1832 a 1843 e 1845 a 1850). (N. T.)

b Burton Court é um prédio da Universidade de Chicago; Christ Church e Magdalen são faculdades da Oxford University. (N. T.)

c Filme de 1932, dirigido por Erle C. Kenton e estrelado por Charles Laughton; baseado no romance *A ilha do dr. Moreau* (1896) de H. G. Wells. (N. T.)

d “Panaca”, “babaca”, em ídiche. (N. T.)

12.

Quando o tempo frio chegou, Simon começou a ganhar dinheiro e tudo ficou bem. Seu ânimo melhorou. O casamento foi uma tremenda festa no principal salão de baile de um grande hotel; os noivos e seu cortejo se prepararam na suíte do governador, onde Simon e Charlotte também passaram a noite de núpcias. Eu fui um dos pajens e Lucy Magnus, a dama de honra do lado oposto a mim. Simon foi comigo alugar um smoking e acabou gostando tanto do modo como o traje caiu em mim que resolveu comprá-lo de uma vez. No dia do casamento, Mimi me ajudou com os botões da camisa de peitilho engomado e com a gravata. Meu vizinho Kayo Obermark se sentou para assistir à cena, na minha cama, os pés gordos descalços, rindo dos comentários cáusticos de Mimi sobre casamentos.

“Você está parecendo o próprio noivo”, disse Mimi. “Aposto que está planejando virar um também em breve, não está?”

Agarrei meu paletó e saí correndo, pois tinha de pegar mamãe. Eu estava com o Pontiac para essa tarefa. Mamãe era responsabilidade minha; eu deveria ajudá-la no que ela precisasse. Simon mandou que eu a fizesse usar óculos escuros. Era um dia gélido e claro, ventava forte, as ondas subiam da água verde e vagarosa e quebravam brancas sobre as pedras do Outer Drive. E, então, chegamos à elegância orgulhosa do hotel, ao seu peso jupiteriano e seus frenéticos detalhes de mármore, querendo ser mais e mais, acrescentando mais um vaso muito grande para flores, mais uma

figura esculpida, mais um trabalho em ferro pintado de branco; e, lá dentro, um calor luxuriante — até a garagem subterrânea onde estacionei o carro tinha esse calor sedoso. Ao sair do elevador branco, você se via numa Alhambra de rosas e tetos trabalhados, dourados e marfins, uma Flórida de plantas, um mar de tapetes, distâncias imensas e, por toda parte, o puro objetivo de sustentar a criatura humana e cercá-la de conveniências. De tratar o corpo como algo precioso; banhando, secando, empoando, preparando um descanso de cetim, transportando, alimentando. Estive no Schönbrunn e na residência dos Bourbon em Madri e vi todo aquele embelezamento como o cenário do poder. Mas o luxo como o poder em si é diferente — o luxo sem nada ulterior. Salvo na medida em que todo anseio, seja pelo que for, só para que seu escopo seja vasto, faz parte de um amontoado de mistérios e é sempre ulterior. E o que esse poder faz com você? Sei que eu, em um lugar antigo como Veneza ou Roma, passando ao lado de muros majestosos que um dia abrigaram grandes homens, experimentei o que é ser um simples pontinho, uma manchinha que desliza pela córnea, um corpúsculo, quase branco, quase nada a não ser ar: eu para esses *ottimati*, no pensamento deles. E esse espetacular engrandecimento antigo, com suas ruínas de arte e inúmeros signos nobres, eu conseguia apreciar, ainda que não quisesse ser simplesmente esmagado pela grandeza daquilo tudo. Mas no poder moderno do luxo, com seus batalhões de trabalhadores e engenheiros, são as coisas em si, os produtos, que são eminentes, e o indivíduo não chega nem perto de ser igual à imensa soma delas. No fim, são elas, as coisas, que se tornam grandes — a multidão de banhos com infalível suprimento de água quente, os enormes aparelhos de ar-condicionado e a elaborada maquinaria. Nenhuma grandeza antagônica é permitida, e a pessoa inconveniente é aquela que se recusa a servir ao poder das coisas ao não usá-las ou que o nega ao não desejar desfrutá-las.

Eu não sabia ainda que opinião eu tinha disso tudo. Não estava claro para mim se eu seria contra ou a favor. Mas como é que alguém toma uma

decisão de ser contra e de persistir contra? Quando é que ele escolhe ou, do contrário, é escolhido? Um ouve vozes; o outro é um santo, um líder, um orador, um Horácio, um camicase; um diz *Ich kann nicht anders*^a — *que Deus me ajude!* E por que é que sou *eu* que não posso fazer outra coisa? Por acaso a humanidade dá uma missão secreta a algum infeliz que não pode recusar? Como se a grande maioria renunciasse a uma coisa da qual não poderia, no entanto, abrir mão para sempre e então nomeasse alguém para permanecer fiel a ela? De qualquer forma, é com grande dificuldade que alguém se torna exemplar.

É possível que Simon achasse que eu era uma pessoa influenciável desse tipo e que parecia propenso a me transformar num exemplo. Pois Deus sabe quantos princípios abandonados e famintos existem por aí, vagando soltos pelo mundo e à procura de afeto. Então, Simon queria me influenciar primeiro.

A ideia dele era que eu me casasse com Lucy Magnus, que tinha mais dinheiro até do que Charlotte. Ele traçava o futuro para mim da seguinte forma. Eu poderia concluir meu ciclo básico na universidade e depois cursar a escola de direito John Marshall à noite, enquanto trabalhava para ele de dia. Ele pagaria minhas mensalidades e me daria dezoito dólares por semana. Mais tarde, eu poderia me tornar seu sócio. Ou, se o negócio dele não me agradasse, poderíamos entrar para o ramo imobiliário com nosso capital conjunto. Ou talvez no ramo da indústria. Ou, se preferisse trabalhar como advogado, eu não ia precisar ser um mero advogado de porta de cadeia, nem um chicaneiro ou um espertalhão de meia-pataca e cúmplice de ladrões de galinha. Não com o dinheiro que eu teria para brincar como marido de Lucy Magnus. E ela era um pedaço de mulher e, além do mais — ainda que ele não gostasse muito da maneira como as saboneteiras dela ficavam salientes quando ela usava um vestido de baile —, estava cheia de amor para dar. Ele me bancaria enquanto eu estivesse namorando Lucy. Eu não precisava me preocupar com as despesas; ele me emprestaria o Pontiac para eu sair com ela, me elogiaria para a família,

removeria os obstáculos. Tudo o que eu tinha de fazer era cooperar, fazer-me desejado, interpretar, da melhor forma que pudesse, o papel do genro que os pais dela queriam. Ia ser canja.

Estávamos sozinhos num dos cômodos da suíte do governador, um quarto de paredes brancas e painéis dourados, espelhos pesados pendurados com cordas de seda, uma cama Luís XIV. Tendo saído de dentro do boxe de vidro do chuveiro, se secado com uma grossa toalha turca, vestido meias pretas e uma camisa engomada, ele agora estava deitado na cama, fumando um charuto, enquanto me explicava essas coisas, prático e severo. Esparramou seu corpanzil, cuja parte central estava despida. Esse conforto e luxo não eram o que ele apregoava para mim, mas sim a coisa a fazer: não me desintegrar no emaranhado de escolhas, mas endurecer, como ele, e aprender a me concentrar no necessário, sem me deixar distrair pelos enfeites. Isso era o que ele pensava e, até certo ponto, era o que eu pensava também. Por que eu não deveria me casar com a filha de um homem rico? Se não queria fazer exatamente como Simon fez, será que eu não poderia organizar minha vida de maneira um pouco diferente? Será que não havia nenhuma outra maneira de viajar naquele suntuoso trem? Considerando que Lucy era diferente da prima, por que não poderia haver? Eu não me opunha à ideia de examinar aquela possibilidade e de tirar proveito das ofertas de Simon. Já estava acatando tantas ordens dele, dedicando tanto tempo a seus planos, que bem podia aceitar um salário também, assumir de uma vez e tornar a coisa oficial. E a verdade era que eu também tinha um desejo de ir nas águas dele, por causa do amor que sentia por ele e do entusiasmo com sua expectativa para o futuro. Na qual eu fundamentalmente não acreditava. No entanto, o fato de eu não me achar bom demais para seguir seus passos tinha uma importância enorme para ele, e a obstinação que sempre me fizera resistir contra ele por razões não ditas ou de qualquer modo insuficientes parecia finalmente ter acabado. Eu não me opus a Simon e, então, ele falou comigo com uma ternura incomum.

Quando rolou para fora da cama para terminar de se vestir, Simon me disse: “Agora nós vamos chegar a algum lugar na vida, eu e você. Eu ficava me perguntando quando é que você ia começar a criar juízo, se é que ia, e tinha medo que você nunca passasse de um delinquente. Vem cá, fecha essa abotoadura aqui atrás pra mim. Foi a minha sogra que me deu esse par. Caramba, como é que eu vou encontrar os meus sapatos? Não dá pra achar nada com esse monte de papel de seda espalhado pelo chão. Tira essa porcaria daqui. Deixa no banheiro pro governador”, disse, rindo, animado e nervoso. “O mundo ainda não está tão apertado. Ainda tem espaço, se você souber encontrar as brechas pra entrar. Se você procurar com cuidado, dá pra encontrar. O Horner^b também é judeu afinal, e provavelmente começou tão de baixo quanto nós e agora é governador.”

“Você está pensando em entrar pra política?”

“Talvez. Por que não? Depende do rumo que as coisas tomarem. O tio Artie conhece um sujeito que foi nomeado embaixador só porque fazia doações com bastante frequência pra campanhas políticas. Vinte, trinta, até quarenta mil dólares, e o que são quarenta mil dólares pra quem tem dinheiro?”

Essa coisa de ser embaixador não podia ser encarada como nos velhos tempos — um Guicciardini chegando de Florença com seu rosto inteligente, ou um russo chegando a Veneza, ou um Adams —, tal imponência decaiu à medida que a imaginação foi se transferindo da imagem do representante do poder do seu país andando imponentemente sobre tapetes para a dele borrifando verniz nos canos de água em Lima para evitar ferrugem.

Quando vestiu o fraque e andou de espelho em espelho, dobrando os dedos para cima para puxar os punhos brancos para baixo e levantando o queixo para conseguir mais liberdade de movimento para o seu pescoço forte dentro do colarinho da camisa de gola larga, Simon parecia ter o vigor de um homem à altura daquele lugar; mais até — era a ideia que pairava no ar — do que os governadores para quem aquela suíte era reservada. E,

tendo chegado ali sem nunca ter sido sequer candidato, talvez ele pudesse ir muito além deles sem concorrer nem ter de passar pela parte cansativa da política. Ele havia abraçado uma visão de mutabilidade, e eu também podia ver que as pessoas só aparentemente nascem para permanecer dentro de limites predefinidos. É isso que falam para você nas fileiras de soldados rasos. Não vou dizer que eu compartilhasse exatamente os sentimentos dele, ou a disposição do cavalo do delfim, enquanto ele avançava de ombros eretos para os espelhos com aquele orgulho empinado, quase arrancando cortinas e tapeçarias, mas com Simon naquele momento eu certamente me sentia menos limitado do que jamais me sentira antes, nada do que outras pessoas faziam parecia tão inconcebível para mim.

No entanto, havia pessoas esperando lá embaixo e Simon estava atrasando as coisas ao se arrumar com tanta calma. A própria Charlotte veio até o quarto, como uma grande edificação em forma de noiva com seu véu e outras rendas, segurando um buquê de flores de hastes longas. Com ela não havia muito aquela história de esconder os bastidores da vida para manter um homem nos laços do amor, como aconselha Lucrécio quando nos diz para dar um desconto à mortalidade. Você só precisava olhar para a boca prática de Charlotte para saber que tudo a respeito da mortalidade era admitido de antemão, embora ela fizesse, pelo bem da forma, tudo o que as outras mulheres fazem. Sua franqueza lhe dava uma espécie de nobreza. Mas ali, quando ela entrou no quarto, estava o meio visível de ingresso em suítes de governador e embaixadas, e o melhor que Simon podia fazer o trazia de volta para ela.

“Todo mundo já está pronto. O que é que vocês estão fazendo?”

Ela falou comigo, pois não culpava Simon em circunstância nenhuma quando podia culpar a mim, o dublê dele.

“Eu estava me vestindo e batendo papo”, respondeu Simon. “Tem tempo de sobra... pra que tanta pressa? E você não precisava ter vindo aqui, bastava telefonar. Não fica nervosa, meu bem. Você está linda e vai dar tudo certo.”

“Vai dar certo se eu cuidar pra que dê certo. Agora será que você pode ir lá conversar com os convidados?”, disse ela, no seu tom de autoridade.

Em seguida, sentou na cama para ligar para o serviço de bufê, para os músicos, para a florista, para a gerência, para o fotógrafo, pois mantinha tudo sob rigoroso controle e providenciara tudo pessoalmente, sem confiar em ninguém. Com os sapatos brancos apoiados numa cadeira e um bloco de anotações em cima do colo, ela fez cálculos e pechinhou com o fotógrafo, ainda tentando naqueles últimos instantes conseguir um abatimento. “Escuta, Schultz, se você tentar me passar a perna, você nunca mais vai conseguir trabalho com nenhum dos Magnus, e olha que nós somos muitos.”

“Augie”, Simon disse quando saímos do quarto, “você pode ficar com o carro pra sair com a Lucy depois. É provável que você precise de dinheiro, então toma aqui dez dólares. Eu arranjo um táxi pra levar a mamãe de volta pro asilo. Mas eu quero você amanhã no escritório às oito, sem falta. Ela está usando os óculos que eu falei pra você comprar pra ela?”

Mamãe tinha posto os óculos obedientemente, mas Simon não gostou nem um pouco de ver que ela havia trazido sua bengala branca. Ela estava sentada com Anna Coblin no saguão, com a bengala entre os joelhos, e Simon tentou tomá-la dela, mas ela não a soltou de jeito nenhum.

“Mãe, me dá essa bengala, pelamordedeus! O que é que as pessoas vão pensar? Vai ter gente tirando fotografia.”

“Não, Simon, as pessoas vão esbarrar em mim.”

“Ninguém vai esbarrar na senhora. A senhora vai estar com a prima Anna.”

“Escuta, deixa a sua mãe ficar com a bengala”, disse Anna.

“Mãe, dá a bengala para o Augie que ele guarda na chapelaria pra senhora.”

“Eu não quero, Simon.”

“Mãe, a senhora não quer que tudo fique bonito?” Ele tentou tirar os dedos dela da bengala.

“Para com isso!”, esbravejei, e prima Anna, com seu rosto soturno fervendo, resmungou alguma coisa para ele.

“Cala a boca, sua vaca!”, Simon lhe disse. Ele foi embora, mas me deixou instruções. “Você dá um jeito de tirar a bengala dela. Que convidados, os nossos!”

Eu deixei mamãe ficar com a bengala e tive de acalmar prima Anna e implorar para que ela não fosse embora, pelo bem de mamãe.

“O dinheiro deixa você *meshuggah*”,^c disse ela, sentada dentro do seu espartilho, alta e pesada, olhando enfurecida para o saguão luxuoso.

Eu aprovei a demonstração de vontade própria de mamãe, admirado com as surpresas que os mansos às vezes nos reservam. De todo modo, Simon deixou o assunto de lado; estava ocupado demais para travar cada pequena batalha até o fim, e foi para algum lugar além do salão de baile, onde a cerimônia começava a tomar forma. Circulei pelo salão, procurando entre os convidados alguém que eu conhecesse. Simon tinha convidado os Einhorn, Arthur inclusive. Tendo se formado pela universidade de Illinois, Arthur agora morava em Chicago, onde não estava fazendo nada de especial. De vez em quando eu esbarrava com ele no South Side, e sabia que ele era amigo da patota de Frazer e que supostamente andava traduzindo poemas do francês. Einhorn sempre o apoiava em qualquer projeto intelectual. Lá estavam os Einhorn, então, no salão de baile, o velho vestindo uma espécie de capa militar, cinza, parecendo o antigo possuidor de um esplendor tão magnífico quanto aquele que, sem grandes rancores mas, sim, com uma compreensão de como tudo se passa, observa a riqueza trocar de mãos. Ele me disse: “Você está muito elegante de smoking, Augie”. Tillie me deu um beijo, segurando meu rosto com suas mãos escuras, enquanto Arthur sorria. Ele sabia se portar com um charme excepcional, mas tinha uma maneira distraída de jogar o charme dele em você.

Depois, fui dar as boas-vindas a Happy Kellerman e sua esposa, uma loura magra e barriguda que mais parecia um chocalho, envolta de alto a

baixo em contas e pérolas. Em seguida, avistei Cinco Propriedades e Cissy. Simon os havia convidado por motivos que não eram difíceis de entender, em parte para mostrar a Cissy o que ele tinha feito depois que ela o deixou e em parte para submeter Cinco Propriedades a uma comparação cruel. Cissy, no entanto, tirou tudo isso de letra com aquela pudicícia sonsa e provocante com que exibia seus atributos femininos, um seio encostando no outro no decote generoso do vestido. Nas poucas palavras que disse, exibia delicadamente a língua. Cinco Propriedades tinha vindo para uma reconciliação de primos. Cissy o havia ensinado a pentear seu cabelo de guerreiro cita de maneira diferente; agora, ele cobria um pouco mais a testa enrugada, sem modificar o sorriso cético dos seus olhos; aquele verde selvagem sempre iria expressar tudo o que Cinco Propriedades pensava. Ele também estava de smoking; usava-o sobre o tronco enorme para estar à altura da opulência que Simon o convidara para ver. Então, sorria para todo lado, com seus dentes enterrados na gengiva e seus olhos verdes. Era evidente que Cissy o estava guiando, ensinando-o a se comportar de maneira civilizada — ele, que tinha enchido e guiado a carroça de cadáveres sacolejantes em que russos e alemães haviam transformado uns aos outros na lama polonesa. Ela o treinara, sem dúvida. Mesmo assim, não conseguia impedir, com seu sorriso e seus murmúrios lentos, que ele lhe apalpasse as costas e a acariciasse. “Qual é o problema, amor?”, ele perguntava.

Bem, a marcha nupcial começou. Fui providenciar para que mamãe fosse levada até o banco de veludo que seria seu lugar dentro da gaiola de flores ao lado do altar — os Coblin estavam com ela — e depois segui para a posição ensaiada no cortejo, com Lucy Magnus, ao longo do tapete branco por onde as estrelas principais da noite entrariam: Charlotte e o pai com crianças espalhando pétalas de rosa na frente, a sra. Magnus e tio Charlie e depois Simon com Sam, o irmão de Lucy que era jogador titular do time de futebol americano do Michigan e andava feito um brutamontes. Durante toda a cerimônia, Lucy ficou olhando para mim

daquele seu jeito franco e impetuoso e, quando as alianças já estavam enfiadas nos dedos e Simon puxou Charlotte para si na frente de todo mundo, depois a inclinou em seus braços para beijá-la e todo mundo aplaudiu e vibrou, Lucy veio até mim e me pegou pelo braço. Fomos para o banquete; dez dólares por pessoa, foi quanto custou — um preço exorbitante para aquela época. Mas não pude fazer a refeição em paz. Um pajem veio dizer que queriam falar comigo e me puxou às pressas para o fundo do salão. Cinco Propriedades, furioso, estava indo embora porque ele e Cissy tinham sido designados para uma mesinha isolada, atrás de uma pilastra. Se foi Charlotte a responsável por isso ou o próprio Simon, eu nunca descobri. Tanto um quanto o outro era perfeitamente capaz disso. Quem quer que tenha sido, conseguiu deixar Cinco Propriedades profundamente ofendido.

“Não se preocupe, Augie. Contra você, eu não tenho nada. Ele me convidou? Eu vim. E desejo toda a felicidade do mundo pra ele. Mas isso é jeito de tratar um primo? Comer, eu posso comer onde eu quiser. Não preciso, graças a Deus, da comida do seu irmão. Vamos embora, amor.”

Fui pegar o casaco de Cissy, sabendo que era inútil tentar fazê-los mudar de ideia, e acompanhei os dois até o elevador da garagem, ruminando com meus botões algumas ideias reveladoras sobre a grosseria como a medida do sucesso e os métodos de guardar rancor. Quando entrou no elevador, Cissy disse: “Dê os parabéns ao seu irmão. A mulher dele é muito bonita”.

Mas aquele era um jogo do qual eu não estava nem um pouco disposto a ser o intermediário, e quando Simon me perguntou cheio de curiosidade por que eles tinham ido embora, eu respondi casualmente: “Ah, é que eles não podiam ficar mais tempo. Eles vieram só pra cerimônia”. Não lhe dei essa satisfação.

Quanto àquele outro jogo mais importante em que ele tinha me metido, esse eu joguei para valer, indo a clubes noturnos, bailes de grêmios estudantis, shows e jogos noturnos de futebol americano, nos quais Lucy e eu trocávamos beijos e carícias. Ela era, salvo no que se referia à última das

fronteiras, desinibida e exploradora; e onde ela parava, eu parava também. Nunca se sabe que formas o amor-próprio pode assumir, principalmente em se tratando de pessoas cujas regras de vida são poucas. Mas eu apreciava tudo que era permitido e, nesse aspecto, continuava sendo eu mesmo. Mas não era muito eu mesmo em outras coisas, o que era bastante perturbador e às vezes me fazia sentir um peso tremendo na cabeça, e então eu me dava conta de que estava no limite final da minha adaptabilidade. Para mim, no entanto, era uma questão de orgulho fazer a coisa parecer fácil. De forma que, se você me pegasse na casa do tio Charlie numa noitinha de domingo, depois do jantar, ao pé da lareira, no meio da família, com a sra. Magnus tricotando um xale que saía de dentro de uma bolsa de tapeçaria; com Sam, o irmão de Lucy, zanzando ali por perto, de queixo levantado para dar espaço ao *foulard* amarrado no seu pescoço e com o roupão se avolumando por cima do traseiro, enquanto volta e meia alisava com carinho o cabelo gomalinado; com tio Charlie ouvindo o programa do padre Coughlin,^d que ainda não havia começado a atacar os vendilhões mas tinha aquele fervor enfadonho dos enérgicos e enganadores que se recusam a deixar você em paz, mas têm de fazer você sentir todo o vazio trêmulo do espaço invernal entre Detroit e Chicago — se você me pegasse ali, ao pé da lareira, de frente para um tio Charlie sentado com uma das pernas esticada para a frente e os dedos enfiados na fenda da camisa, coçando o tapete de pelos do seu peito, eu não era o sucesso que a inveja poderia fazer crer que eu fosse. Minha própria inveja saía pela vidraça clara com — não duvido — olhos doentios para pousar nos garotos que brincavam de guerra e atiravam bolas de neve que se espatifavam nos troncos pretos ou planavam em direção ao elegante arranjo de galhos. Não que Lucy, cujo vestido preto de lã cobria apenas a borda elástica de meias finas que ela havia me ajudado a afrouxar na noite anterior para que eu pudesse acariciar-lhe a pele, não compensasse muita coisa. De alguma forma, não a mais profunda mas tampouco superficialmente, eu estava caído por ela e, até onde me era permitido, a

abraçava de verdade; um abraço que ela retribuía, lambendo minha orelha, elogiando-me e fazendo promessas; ela já me chamava de marido.

A ponderação profunda que as mulheres fazem, como se pode perceber privadamente em seus olhos pensativos, sobre anseios em sua maioria proscritos por medo de pôr em risco tudo o que já foi feito para construir uma vida racional e contínua, o fardo que fez Fedra bradar que queria jogar fora suas roupas, que lhe faziam mal, era uma coisa que você encontrava em Lucy também. Foi o que a fez chegar ao ponto de me escolher. Era evidente que eu era menos desejável do que Simon do ponto de vista da família dela. A principal investigação conduzida por eles examinava minha disposição de ser como eles eram em tudo. Eles nunca ficaram totalmente convencidos, estavam sempre pedindo para dar mais uma olhada nas minhas credenciais e entravam, por assim dizer, sem bater na porta, como se eu estivesse na academia militar de West Point, para ver se tudo estava devidamente espanado e se os cantos do hospital satisfaziam o regulamento. Lucy tomou meu partido; foi sua única desobediência, até onde eu, um observador inconstante mas atento da situação, pude perceber. Quando sugeri que fugíssemos e nos casássemos em Crown Point, ela recusou categoricamente, e eu me dei conta da diferença que existia entre ela e Charlotte. Mas também não devo esquecer a diferença que existia entre mim e Simon; ele tinha sido capaz de convencer Charlotte a se casar às escondidas. E se Lucy já me chamava de “marido”, Mimi Villars teria dito, sem nenhuma intenção de elogiar, que Lucy era uma esposa e queria tudo o que o posto envolvia. Ou seja, pouca sensualidade e nenhuma encrenca. A menos que ela estivesse flertando com a encrenca tendo detectado uma fonte dela em mim.

Mas eu estava, como na casa dos Renling, sob uma influência e não sendo uma influência. Eu tinha de agradar; tinha uma figura a fazer, tinha o carro para dirigir, o dinheiro para gastar, as roupas para usar, e assumi a função antes de ter claro na minha cabeça se queria ou se gostava de fazer tudo aquilo. Mesmo quando o pai dela entrava sorrateiramente na sala às

duas da manhã e nos flagrava namorando, ele entrava sorrateiramente na sala de uma mansão, e era difícil achar que ele estava errado quando as luzes se acendiam e ele vinha andando, mal-humorado, na nossa direção. Suponho que eu não via nada de muito errado em nada, e levei mais tempo do que deveria ter levado para descobrir que ele não gostava de mim, porque tudo reluzia tanto, tudo era tão rico, pesado, aveludado, lepidóptero.

O circuito em que eu estava, no Glass Derby, no Chez Paree e nos bailes do Medinah Club, me mantinha muito ocupado. Lá, o que tinha de ser demonstrado era se eu estava qualificado no bolso para me misturar com os filhos de pais bem estabelecidos. Eu tinha de ser cuidadoso, pois Simon me mantinha num orçamento apertado; por alguma razão, ele achava que eu podia fazer tudo o que ele tinha feito gastando um pouco menos. Era verdade que eu sabia esticar mais o dinheiro do que ele, mas Lucy pensava menos em aspectos econômicos do que Charlotte. Então, eu tinha de prestar atenção em taxas de *couvert*, gorjetas, preço de estacionamento, e dar uma escapulida até uma loja para comprar Camels em vez de comprá-los da vendedora de cigarros. Eu passei no teste dos amigos de Lucy não ouvindo o que não queria ouvir ou forçando outros a ceder terreno e, mesmo que tenha fortalecido o músculo do hipócrita no meu rosto e enrijecido a barriga, eu considerava um motivo de orgulho ter conseguido passar nele blefando.

Essas não eram nossas únicas companhias. Também saíamos para visitar Simon e Charlotte no apartamento deles — eles tinham, para começar, apenas três quartos — e para comer na toalha e na porcelana do enxoval. Os Magnus não mediam esforços para adquirir o que havia de melhor para um dos seus, e aqueles pratos e xícaras tinham sido cozidos num forno inglês, como o tapete era realmente de Bucara e a prataria da Tiffany. Se ficávamos lá depois do jantar, jogávamos *bridge* ou *rummy* e, às dez horas, Charlotte telefonava para a mercearia pedindo sorvete de hortelã e calda de chocolate quente. Então, nós lambíamos as colheres e eu era, em geral,

sociável, prestativo, espirituoso, e ficava pensando nas duas cores dos meus suspensórios de seda e no talhe da minha camisa, presentes de Simon. Obediente a ele, Charlotte tratava a Lucy e a mim como se fôssemos um casal de noivos, mas com uma cautela e uma reserva que escondia dele. Com o instinto da sua família, ela sabia que eu não tinha as qualidades de Simon, que eu não pretendia realmente seguir seus passos, e que as dificuldades que ele enfrentara talvez fossem grandes demais para mim.

Simon também estava se dando conta disso. Tinha ficado contente, a princípio, com minha disposição, minha desenvoltura, minha lambiçõ de colher, minha prestimosidade e gentileza, que continuavam quando eu me movia diante do olhar atento dos Magnus e procurava ver com bons olhos o encanto das seduções que eles ofereciam — toda aquela opulência, a potência dos automóveis na grande corrida de carros na escuridão friamente iluminada do North Side Drive e aquela heráldica móvel em pneus macios correndo na direção das bolas e luas flutuantes do Drake Hotel e das torres em volta; a carne grossa, a comilança, a excitação de dançar. Seguindo a margem do lago, você deixava a distância a madeira seca e o tijolo sujo da Chicago aglomerada e densamente construída dos operários e da pobreza, rapidamente passada de lado. Mas não! As duas metades da profecia estavam lá juntas, as belezas caldeias e as feras selvagens e tristes criaturas dividiam as mesmas casas.

Indo à carvoaria diariamente, no início daquele inverno, eu não tinha como me esquecer disso, ainda que minhas noites e meus domingos fossem passados em outra esfera. E mesmo meus domingos eram divididos. Simon me fazia abrir os portões nas manhãs de domingo para aproveitar qualquer movimento que houvesse naquele tempo tão frio. Ele me mantinha na rédea curta, querendo me disciplinar. Algumas manhãs, verificava o horário em que eu chegava. Se de vez em quando eu dormia demais e perdia a hora, não era de espantar, já que, depois de levar Lucy para casa e deixar o carro de Simon na garagem, eu tinha de pegar um bonde para voltar para casa e, portanto, raramente conseguia ir para a cama antes de

uma da manhã. Simon, no entanto, não aceitava desculpas. Dizia: “Bom, então por que você não seduz a Lucy um pouco mais rápido? Casa logo com ela que você vai ter mais descanso”. Isso, no início, era dito num tom mais ou menos de brincadeira, mas depois, quando começou a duvidar mais de mim, Simon foi ficando emburrado e, em pouco tempo, agressivo comigo. Dava o dinheiro extra para mim de má vontade, achando que não passava de dinheiro jogado fora. “Que raios você está esperando, Augie? Caramba, não é possível que seja difícil conquistar uma garota que nem a Lucy. Se fosse comigo, eu resolvia essa história em dois tempos.” Simon foi ficando mais violento à medida que a resistência da família dela começou a crescer, embora isso eu tenha levado um tempo para entender.

Mas se eu chegava às oito e quinze em vez de chegar às oito, volta e meia eu o encontrava na balança, olhando enfurecido para mim. “O que é que foi, aquela tal de Mimi fez você se atrasar?” Ele estava convencido de que eu tinha tido e ainda continuava tendo um caso com Mimi.

Tivemos outras dificuldades também. Como além de encarregado da pesagem eu também era assistente de guarda-livros, Simon queria que eu descontasse do pagamento dos peões negros prestações das roupas de segunda mão que ele tinha lhes vendido, e em algumas ocasiões ficou um sentimento ruim entre nós. Como em dezembro, uma vez, quando um negociante chamado Guzynski apareceu lá de cara cheia e, feito um louco, arrancou com o caminhão do pátio coberto de neve enlameada e subiu na balança soltando uma nuvem de fumaça branca pelo radiador arreventado. Ele estava comprando uma tonelada de carvão e havia um sobrepeso de algumas centenas de quilos; quando eu disse que ele estava pesado demais, ele me xingou e saiu do caminhão determinado a invadir o escritório e quebrar meu braço por trapacear. Eu o encontrei na porta e o empurrei para fora. Quando conseguiu se levantar da neve, em vez de vir para cima de mim de novo, ele despejou o carvão na balança. Havia agora um congestionamento de caminhões e carroças não só no pátio, mas também na rua. Pedi a um peão para esvaziar a balança, mas Guzynski estava em pé

em cima do monte de carvão com uma pá na mão e bateu com ela no peão quando ele chegou perto. Happy Kellerman estava telefonando para a polícia quando Simon chegou. Assim que viu o que estava acontecendo, Simon foi direto pegar a arma e, quando estava saindo correndo do escritório com ela, eu o segurei pelo braço e o puxei para trás e, na sua fúria, ele me acertou um soco no peito. Quando ele estava se afastando, eu gritei: “Não seja burro! Não atire!”, e então o vi patinhar na neve derretida e suja de carvão, tentando não perder o equilíbrio ao fazer a curva. Guzynski não estava tão bêbado a ponto de não ver a arma e pulou de cima do monte de carvão — um corpo maciço dentro de um casaco curto imundo e um gorro de marinheiro — para o lado do seu caminhão, tentando chegar até a cabine. Ali, no espaço estreito entre o caminhão e a parede do escritório, Simon o pegou, segurou-o pelo pescoço e bateu no rosto dele com a lateral da arma. Isso aconteceu bem embaixo de mim e de Happy; estávamos olhando pela janela do escritório e vimos Guzynski encurralado, seus dentes quadrados e os olhos horrendos, de um azul repulsivo, as mãos crispadas, sem ousar tentar agarrar a arma, com a qual Simon bateu de novo em seu rosto. Simon abriu a bochecha de Guzynski. Meu coração gelou quando vi os cortes abertos e pensei: será que o sujeito sangrar faz com que ele pense que sabe o que está fazendo? Então Simon o soltou e, com a pistola, fez sinal para que os peões limpassem a plataforma da balança, e suas pás começaram a raspar e cavar o silêncio sujo em que Guzynski olhava com asco para o seu sangue. Ele entrou no caminhão, e eu fiquei com medo de que ele o chocasse de encontro aos portões, mas Guzynski saiu derrapando em direção à papa de neve da rua. As rodas do caminhão entraram nas trilhas já escavadas na neve e ele se alinhou com o tráfego, que o levou consigo rumo ao horizonte pálido e sem sol.

“Quer apostar quanto que ele vai pra delegacia pra arranjar um mandado de prisão?”, disse Happy.

Simon, que já tinha guardado a arma, ouviu o comentário de Happy e, respirando fundo, disse: “Liga pro Nuzzo”. Falou se dirigindo a mim e

num tom com o qual eu tinha decidido me acostumar e ao qual, em geral, obedecia. Simon agora não procurava nem discava mais números de telefone; só pegava o aparelho quando a pessoa com quem queria falar já estava esperando na linha. Daquela vez, porém, eu não movi um músculo. Meus braços estavam cruzados e eu não arredei pé do meu lugar em frente à balança. Ele registrou essa minha insubordinação, soturnamente. Happy discou o número para ele.

“Nuzzo!”, disse Simon. “Aqui é March. Tudo bem com você? O quê? Não, está frio o bastante, não posso reclamar. Escuta, Nuzzo, nós tivemos um probleminha aqui com um negociante polaco. Ele bateu num dos meus homens com uma pá. O quê? Não, ele estava bêbado feito um gambá. Despejou a carga dele na minha balança e me deixou uma hora sem poder trabalhar. Olha, ele provavelmente está a caminho daí pra dar queixa, porque eu dei uma coça nele. Cuida dele pra mim, tá bom? Deixa ele aí no xadrez até ele esfriar a cabeça. Claro que vou, eu tenho testemunhas. Diz pra ele que, se ele está pensando em aprontar alguma pra mim depois, você vai dar um corretivo nele que ele nunca mais vai esquecer. O quê? Ele vende carvão por alqueire lá perto daquela igreja na rua 28. Faz isso pra mim, tá bom, Nuzzo?”

Ele fez, e Guzynski passou alguns dias atrás das grades. Quando o vi de novo, ele não estava tramando vingança nenhuma. Suas cicatrizes ainda estavam com casca quando ele voltou à carvoaria como cliente, quieto, e eu sei que Simon não tirou os olhos dele e teria agido ao menor sinal de ameaça. Nuzzo e seus homens o tinham assustado de verdade no porão embaixo da delegacia e lhe dado uma mordida de Saturno no ombro para mostrar como ele podia ser apanhado inteiro e comido vivo. Ele teve até que continuar sendo freguês da carvoaria. E Simon, por sua vez, também soube como botar uma pedra em cima do assunto e, no Natal, deu de presente a Guzynski uma garrafa de gim e, para a mulher dele, uma caixa de pecãs confeitadas de Nova Orleans na forma de um fardo de algodão. Ela chegou a dizer para Simon que aquilo tinha feito bem para Guzynski.

“Claro”, disse Simon. “Ele agora está satisfeito. Porque ele sabe onde está pisando. Quando ele deu aquela pazada no meu peão, ele não sabia e estava tentando descobrir. Agora ele sabe.”

Pois Simon queria me mostrar como ele lidava bem com crises como aquelas, e como eu, em contraste — por covardia —, lidava mal. Eu deveria ter sufocado a revolta de Guzynski assim que ela estourou. Mas não fui capaz de agir com presteza, com bravura, não fui capaz de entender que Guzynski tinha de ser fustigado com uma pistola e jogado numa cela de prisão, para evitar que ele virasse um amotinado como Steelkilt^e a intimidar tudo quanto era capitão. De onde se inferia claramente que, se eu não seduzia Lucy Magnus, era graças às mesmas deficiências. Se eu me tornasse marido dela no fato consumado, o resto era mera formalidade. Mas eu não galguei o degrau do poder. Poderia ter feito isso por amor, mas não para alcançar um objetivo.

Assim, as coisas ficaram mais difíceis para mim na carvoaria; Simon aumentou minhas provações não só para o meu próprio bem, mas também porque fazer isso não o desagradava nem um pouco. Nessa época, ele ainda não sabia bem que tipo de papel importante serviria para ele e estava experimentando estilos diferentes. Seus últimos pensamentos no café da manhã às vezes viravam sua próxima nova política, que tanto poderia ser se dedicar inteiramente ao detalhe mais insignificante ou a uma mancheia num negócio computado às toneladas quanto supervisionar apenas o grande espaço do princípio e deixar os detalhes para os subordinados — como podia fazer se eles, eu principalmente, fossem dignos de confiança. Ou, ainda, ser um jesuíta do dinheiro, ou ser um *self-made man* — esta era uma das suas ideias mais fracas, mas também era persistente. Eu dizia: “Ah, mas você não é um Henry Ford. Afinal, você casou com uma garota rica”. “O que importa é o que você tem que passar pra conseguir o dinheiro”, ele retrucava, “quanto esforço você bota nele. Não que você comece com um níquel, como numa história do Horatio Alger” — nessa hora eu me lembrei do leitor voraz que Simon tinha sido — “e o

transforme numa fortuna. Mas se você consegue um capital, o que faz com ele, se arrisca ou não.” Mas essa era a discussão teórica, que se tornou cada vez mais rara entre nós. A maior parte do tempo, eu tinha de ver nos seus olhos descontentes qual era a teoria dele e de que formas eu estava falhando em relação a ela, onde me desgarrava, ficava para trás, perdia a pista.

Então aqueles foram dias negros para mim, naquele campo particular de sentimentos que tinha o formato do pátio da carvoaria, as formas da cerca, das pilhas de carvão, das máquinas, da janela da balança e daquele longo travessão de metal graduado de preto em que eu conferia os pesos. Essas coisas e também os homens que trabalhavam, os homens que compravam, os policiais que vinham buscar o deles, os mecânicos, os agentes ferroviários, os vendedores, tudo começou a me dar nos nervos. Minha cabeça estava cheia de coisas para lembrar; eu não podia dar um preço errado nem errar numa conta nem em transação nenhuma. Mimi Villars me ouviu falar dormindo uma noite, veio até meu quarto e me fez perguntas, como se estivéssemos numa conversa telefônica. De manhã, ela me repetiu todos os preços, todos corretos. “Cruzes! As coisas devem estar ruins pra você, se é só com isso que você consegue sonhar”, disse. Eu poderia ter confessado que estavam piores ainda, se tivesse tido vontade, já que Simon havia decidido me dar o tratamento mais duro possível e me mandava para a rua em expedições que eram quase como ir buscar maçãs no Jardim das Hespérides. Eu tinha de ouvir as broncas de zeladores por causa de escória, apaziguá-los e suborná-los; agradar negociantes com cerveja; discutir com funcionários de seguradoras por causa das perdas de carga no transporte; fazer depósitos complicados no empurra-empurra de bancos cheios, cercado de gente apressada e mal-humorada. Tive também de sair à cata de peões em cortiços e cortejá-los na sarjeta da Madison Street quando tivemos uma súbita escassez de mão de obra e, ainda, ir ao necrotério identificar um peão que fora encontrado baleado e com um envelope de pagamento nosso vazio no bolso da camisa. Eles levantaram o

invólucro barulhento e amarrotado de cima dele e eu o reconheci, seu corpo negro rígido, como se tivesse morrido no meio de um ataque histérico, com os punhos cerrados, os pés retorcidos e gritando alguma coisa lá do fundo da goela, que eu vi.

“Você conhece?”

“É o Ulace Padgett. Ele trabalhava pra nós. O que aconteceu com ele?”

“A namorada deu um tiro nele, dizem.” Ele apontou para a ferida no peito.

“E a polícia pegou essa tal namorada?”

“Que nada. Eles não vão nem procurar por ela. Nunca procuram.”

Simon me deu essa missão porque, disse ele, eu já estava com o carro de qualquer forma, para sair com Lucy, e poderia aproveitar e cuidar disso no caminho de casa. Precisei me arrumar às pressas e só tive tempo para limpar a sujeira visível do rosto, do pescoço e das orelhas. Todo o resto do meu corpo estava coberto da poeira preta da carvoaria, que subia pelos meus calcanhares e pernas acima. Até nos cantos dos meus olhos havia lugares tismados que não cheguei a alcançar e que esbugalhavam mais ainda meus olhos com sua escuridão. Não dava tempo de comer, mesmo que eu estivesse com apetite, pois a coisa no necrotério tinha demorado e Lucy estava me esperando. De volta ao carro, corri mais do que devia e quase sofri um acidente feio na Western Avenue com a Diversey, numa longa derrapagem ladeira abaixo que fez o Pontiac girar, de maneira que parei de costas, batendo contra um bonde. O motoneiro havia tido uns bons trinta quilômetros para me ver e estava parado numa passagem de nível, embaixo da ponte de sinalização da ferrovia. Então, não bati com força. Quebrei as lanternas traseiras, mas não consegui ver nenhum outro grande estrago, e recebi os parabéns do ajuntamento repentino que sempre se forma nessas horas. Ouvei as pessoas me dizerem que sorte eu tivera e ri da coisa toda, voltei para o volante e continuei a viagem. Cheguei à casa dos Magnus de ótimo humor, na noite negra da entrada de carros e no chapéu de neve do pórtico, confiante, assobiando, as chaves chacoalhando

melodiosamente no bolso do casaco, que atirei no banco do hall. No entanto, quando Sam, o irmão de Lucy, me deu um drinque, eu voltei, numa velocidade infinitamente maior que aquela com que chegara ali, ao necrotério — o cheiro do uísque num estômago vazio fez isso comigo — e ao acidente, que agora deixou minhas pernas imundas do trabalho fracas demais para aguentar meu peso. Desabei numa cadeira. Lucy perguntou: “Por que você está tão branco?”. E Sam se aproximou, como um anfitrião de filme B, preocupado afinal em evitar que sua irmã, uma bonequinha que dava vontade de abraçar e apertar no peito, acabasse ficando noiva de um poltrão. Mais com esse interesse do que com compaixão, ele se inclinou para me examinar, as listras do seu roupão esticadas até não mais poder sobre seu traseiro.

“Eu estou branco?”, consegui, a custo, dizer e levantei a cabeça. “Talvez porque eu não tenha comido.”

“Ah, que bobinho. Desde quando? Já passa das nove.” Ela disse a Sam para ir até a cozinha pedir um sanduíche e um copo de leite à cozinheira.

“Eu também sofri um acidente... quase”, falei para ela depois que Sam saiu, e contei o que tinha acontecido.

Não sei o que mais transpareceu no rosto dela, se sua preocupação ou a ideia súbita que lhe ocorreu lá no fundo da consciência de que eu fosse um pé-frio, um Jonas — eu, o feliz namorado do presente momento. Bem treinada em antevisão, quando, como agora, queria fazer uso dela, Lucy deve ter visto uma maré de azar, se não mesmo de completa desgraça no horizonte. “O carro ficou muito amassado?”

“Ficou um pouco.”

Ela não gostou da minha vagueza.

“O porta-malas?”

“Eu não sei ao certo. Só sei que quebrei as lanternas traseiras. O resto não dava pra ver direito no escuro, mas provavelmente não foi nada de muito grave.”

“Vamos no meu carro hoje”, disse ela. “E eu dirijo. Você deve estar abalado com o acidente.”

Então, fomos no carro dela, um conversível novo que o pai lhe dera fazia pouco tempo, para a nossa festa no North Shore e, mais tarde, estacionamos numa das grandes áreas de sombra em volta do templo *bahai* para nos acariciarmos, nos atracarmos e tremermos ao pé daquele frio outeiro religioso e seu luar entrecortado. Tudo parecia estar como sempre, mas não estava, nem para ela nem para mim. Quando voltamos, ela quis examinar de novo os estragos que o carro tinha sofrido, receosa por mim. Eu não quis ir com ela me debruçar sobre a traseira do carro e apalpar os amassados. Desliguei os faróis do carro dela, à luz dos quais essa inspeção estava sendo conduzida. E, no hall de entrada depois, quando eu estava de casaco e chapéu, afagando-a e sendo assegurado de que ela me amava, eu sabia que havia algo obstruindo a solidariedade entre nós. Ela anteviu que Simon daria um escândalo por causa do carro — como de fato deu — e, além disso, nenhum ponto de vista a não ser o dele parecia possível para Lucy, e ela ficou com um certo medo de mim, sentindo que eu tinha outra perspectiva. Eu podia cheirar seu pescoço e segurar seus seios, mas não havia mais a mesma intimidade entre nós naquele hall apinhado de tesouros parcialmente inventariados pela lua, o velho fungando no andar de cima, vigilante, quer acordado ou dormindo.

Eu já estava, portanto, exausto antes de enfrentar a manhã amarela e chuvosa, seu frio doentio e, do lado de dentro, o calor abafado e sujo da estufa que esguichava óleo. Há uma maneira, não duvido, de carregar todas essas coisas como pequenos paus no bojo da água da enchente, se você determina que sua energia flua dessa forma, e o peso de necrotérios e carros depende da força hidráulica de que você dispõe para suspendê-los. Napoleão, quando escapou do inverno russo num trenó que mais parecia uma caixa velha, com suas tropas de mortos como rebanhos cobertos de neve, falou durante três dias com Caulaincourt, que provavelmente não podia ouvir muito bem já que suas orelhas estavam enfaixadas — o que

também impedia seu mestre de praticar seu velho truque de puxá-las —, mas deve ter visto no rosto inchado de seu chefe a profundidade que mantinha flutuando uma Europa inteira de detalhes.

É, essas pessoas de negócios têm uma energia tremenda. Existe a dúvida quanto ao que é queimado para produzi-la e o que nós podemos ou não podemos queimar. Há a queima de um átomo. Grandes florestas do norte se vão como se fossem galhos secos. Onde o fogo concorrente está sendo ateado e qual será sua força?

E acontece também que, enquanto para defender outra pessoa falta vigor, para defender o gosto do ovo na própria boca não se mede esforços, e é assim que se distribui amor.

Eu não conseguia sustar todos esses diferentes elementos. Simon chegou e me passou uma descompostura por causa do carro e eu estava combalido demais para reagir ou até para me sentir injustiçado. Tudo o que consegui responder foi: “Por que é que você está fazendo esse escarcéu todo? Foi um acidente à toa, e você tem seguro”.

Esse foi justamente meu erro; a questão era que eu *tinha* de estar me sentindo mal por causa da lataria traseira do carro e daqueles olhos de crustáceo pendurados por fios dos buracos das lanternas, e o que o irritou não foi tanto o acidente, mas sim o fato de eu não estar me importando como deveria. Foi por isso que ele me fuzilou com os olhos e me mostrou seu dente lascado, enquanto sua cabeça se inclinava para baixo ameaçadoramente. Eu estava desanimado demais para enfrentá-lo. Nada visível me dava motivo, como dava a ele, para que eu me sentisse confiante; tudo era vago da minha parte, mas muito teimoso também.

Fiquei em casa aquela noite, para ler. Segundo nosso acordo, eu deveria começar a universidade na primavera, quando o movimento na carvoaria cairia um pouco e Simon poderia prescindir de mim. Eu ainda tinha aquela ânsia a que havia sucumbido o verão inteiro, quando vivi de livros,

de segurar os dois lados da moldura e apontar o grande espelho captador de imagens para qualquer que fosse a cena do mundo. Àquela altura, Padilla já tinha vendido a maioria dos meus livros para mim — ele próprio também já não andava mais roubando livros ultimamente, pois tinha arranjado um emprego de meio expediente num laboratório de biofísica no qual calculava a velocidade dos impulsos nervosos — e só me restavam algumas poucas coisas. No entanto, a coleção chamuscada de clássicos que ganhara de Einhorn ainda continuava dentro de uma caixa debaixo da minha cama; peguei *A história da guerra dos trinta anos* de Schiller e estava lendo deitado de meias na minha cama quando Mimi entrou.

Muitas vezes ela entrava e saía sem falar comigo, só para pegar alguma das suas coisas no meu armário. Mas ela tinha algo a dizer naquela noite e, sem perder tempo, me contou: “O Frazer me emprenhou”.

“Não brinca! Tem certeza?”

“Claro que tenho certeza. Vem comigo lá pra fora. Eu quero falar com você e não quero que o Kayo ouça. Ele fica ouvindo atrás da parede.”

Estava um tempo negro e, embora não estivesse frio demais, ventava muito. O globo do poste de luz estava arrebentado e as duas partes batiam uma na outra, retinindo feito pratos de orquestra.

“Mas onde é que está o Frazer?”, perguntei, pois andava meio afastado do pessoal da pensão naqueles últimos tempos.

“Ele teve que viajar. Vai ter que apresentar a porcaria de um trabalho numa convenção em Louisiana, no Natal, e então foi visitar os pais dele primeiro, já que não vai poder passar o feriado com eles. Mas que diferença faz onde ele está? O que é que ele ia fazer?”

“Ah, Mimi, falando sinceramente agora, você não ia gostar se vocês pudessem se casar?”

Ela ficou me olhando em silêncio um bom tempo, esperando que eu retirasse o que tinha dito. “Você deve achar que eu perco a cabeça fácil”, disse, quando eu não me retratei. Ainda não tínhamos saído para o vento; estávamos na varanda. Parada com um dos pés virado para o lado, Mimi

ergueu a mão de baixo de uma manga bufante e passou-a na nuca, enquanto sua cara redonda de felicidade brava virava para cima, logo abaixo da minha. Felicidade brava? Sim, ou bom humor durão, ou alguma coisa espiritual e atlética, com dor infligida às sobrelanceiras para fazê-las finas. “Se eu não queria me casar com ele antes, por que iria querer agora por causa de um acidente? Estou vendo que você anda dando ouvidos a boas influências. Vamos tomar um café.”

Ela pegou meu braço e fomos andando até a esquina, onde paramos de novo e estávamos conversando quando um cachorrinho apareceu, seguido pela sua dona, que usava um casaco de cordeiro persa e um chapéu de astracã, e então uma coisa inacreditável aconteceu, daquele tipo que me fazia não ter nenhuma dificuldade de acreditar que Mimi tivesse arrancado a arma de um assaltante e lhe dado um tiro. Pois o cachorrinho, meio desorientado, talvez por causa do vento forte, fez xixi no tornozelo de Mimi, e ela então berrou para a mulher, que parecia incapaz de olhar para ver o que estava acontecendo: “Tira esse cachorro daqui!”. Em seguida, arrancou o chapéu de pele da cabeça da mulher e se secou com ele, deixando a mulher assim, de cabeça ao léu, o vento começando a destruir seu penteado, enquanto ela gritava: “Meu chapéu!”. O chapéu estava no meio da rua, onde Mimi o havia atirado.

A falta de consideração desses incidentes pelas dificuldades que já existem! Por outro lado, sempre pulularam provas para ajudar Mimi a defender seus pontos de vista. Enfim, naquela noite na lanchonete da mercearia, depois que ela tirou e enrolou suas meias finas e guardou-as na bolsa, o episódio só a fez rir. Uma boa e genuína oportunidade de dar chlique enchia seu coração de alegria.

Mas o assunto que ela queria discutir regado a café era um novo método de aborto de que ouvira falar. Já havia tentado drogas como apiol, combinadas com caminhadas, subidas de escadas e banhos quentes, e agora uma das garçonetes do seu trabalho tinha lhe falado de um médico

que tinha consultório perto da Logan Square e provocava abortos com uma injeção.

“Nunca ouvi falar de nada parecido, mas vale a pena tentar. Eu vou tentar.”

“O que é que ele usa nessa injeção?”

“Como é que eu vou saber? Não sou cientista.”

“Mas se essa tal injeção fizer você passar mal, você vai ter que ir pra um hospital, e aí como é que vai ser?”

“Ah, eles são obrigados a te atender, se você está correndo risco de vida. Só que eles nunca vão arrancar de mim como foi que aconteceu.”

“Parece muito arriscado. Eu acho melhor você não fazer isso não.”

“E ter um neném? Eu? Você consegue me imaginar cuidando de criança? Você não dá a mínima pra como o mundo é povoado, dá?! Talvez você esteja pensando na sua mãe” — e assim eu soube que ou Sylvester ou Clem Tambow tinha falado sobre mim com ela — “e que você não estaria aqui se ela pensasse como eu. E nem os seus irmãos. Mas mesmo que eu pudesse ter certeza de que teria um filho que nem você”, disse ela, com seu costumeiro riso que valia por um comentário, “não que eu não te ache uma pessoa incrível, companheiro, mesmo com todos os seus defeitos... por que é que eu iria me meter nessa enrascada? Pra que as almas dessas coisinhas não possam vir atrás de mim quando eu morrer e me acusar de não ter deixado que elas nascessem? Pois eu diria pra elas: ‘Escuta, para de me perseguir. O que você acha que você era? Uma espécie de lesminha, mais nada. Você não sabe a sorte que tem. O que te faz pensar que você teria gostado de viver? Vai por mim, você só está indignado porque não sabe o que te esperava’.”

Estávamos sentados perto do balcão e todos os atendentes pararam para ouvir esse discurso. Entre eles, estava um homem que disse: “Que mulher maluca!”.

Ela ouviu o que ele disse, olhou para ele, riu e falou: “Ali está um sujeito que vai viver e morrer tentando ficar parecido com o Cesar

Romero”.

“Essa mulher me entra aqui e a primeira coisa que faz é tirar as meias e deixar as pernas de fora...”

Essa discussão teve de percorrer seu curso, e então não pudemos mais ficar ali; terminamos nossa conversa na rua.

“Não”, eu disse, “eu não posso reclamar de ter nascido.”

“Ah, sim, claro, você até agradecerá se soubesse a quem agradecer, e por um troço que não passou de um acidente.”

“Não pode ter sido só acidente. Da parte da minha mãe pelo menos, tenho certeza de que havia amor.”

“E o amor faz com que isso deixe de ser um acidente?”

“Estou falando do desejo de pôr mais vida no mundo; por gratidão.”

“Me mostra onde é que está essa gratidão! Por que você não vai até o Fulton Market e pensa sobre isso lá? Encontra pra mim essa gratidão...”

“Não dá pra discutir com você desse jeito. Mas se você me perguntasse se o limbo teria sido melhor pra mim, eu estaria mentindo se respondesse ‘sim’ ou até ‘talvez’, porque os fatos não corroboram essa ideia. Eu não poderia nem jurar que sei o que é o limbo, mas poderia dizer muita coisa se você quisesse saber em quê a minha vida tem sido prazerosa.”

“Que ótimo pra você; talvez você goste do jeito que você é, mas a maioria das pessoas sofre com isso. Elas sofrem pelo que elas são, pelo modo como elas são. Tem mulher que sofre porque está ficando enrugada e o marido não quer mais fazer amor com ela; tem outra que sofre porque quer que a irmã morra e deixe o Buick pra ela; tem outra ainda que está disposta a dedicar a vida inteira a manter o traseiro em forma; ou que só pensa em arrancar dinheiro de alguém ou em trocar o marido que tem por outro melhor. Você quer que eu te dê uma lista dos homens também? Posso continuar aqui falando pelo tempo que você quiser. Essas pessoas nunca vão mudar, um belo dia. Elas não conseguem mudar. Então talvez você seja uma pessoa de sorte. Mas outras estão empacadas; elas são o que são; e se essa é a verdade delas, onde é que nós ficamos?”

Eu, de minha parte, não conseguia acreditar que tudo fosse assim tão definitivo e que não existissem momentos de felicidade que não fossem ilusões de pessoas que ainda podiam se dar ao luxo de esquecer a decepção permanente, a dor mais ou menos permanente, a morte de filhos, amantes, amigos, o fim das causas, a velhice, o mau hálito, as bochechas caídas, os cabelos brancos, os seios murchos, os dentes faltando; e, talvez o mais intolerável de tudo, um temperamento detestável que ia enrijecendo feito osso, quase como um segundo esqueleto, e que rangia mais alto quanto mais perto se estivesse do fim. Mas ela, que tinha de tomar uma decisão prática, não podia tomá-la com base nos meus sentimentos. Ela dizia na sua cara na mesma hora que para você, que era homem, era fácil falar, mas era para ela que aquilo era um problema de carne e osso, e isso lhe dava até um orgulho que fazia suas bochechas reluzirem, o que nela era uma coisa impressionante.

Não levei adiante essa discussão com Mimi. E, embora ela não tivesse me convencido, eu também não fiquei terrivelmente horrorizado pela alma que não iria nascer. Para ser inteiramente coerente nesse tipo de economia de almas, você também teria de sentir uma angústia e um remorso muito grandes pelo fato de haver úteros desocupados e, da mesma forma, pelo fato de haver hospitais, prisões, manicômios e túmulos cheios. E essa extensão tão ampla é demais. Era só a Mimi que cabia realmente a decisão de ter ou não um filho de Frazer, que não estava livre para se casar com ela naquele momento, mesmo que ela quisesse se casar com ele. E, aliás, eu não acreditava piamente em tudo que ela dizia sobre ele.

No entanto, eu não estava nem um pouco tranquilo com relação à tal injeção. Queria perguntar a Padilla, minha autoridade científica, o que ele pensava disso e tentei achá-lo no laboratório em que ele estava trabalhando. Se não tivesse nenhuma informação a respeito, ele poderia perguntar a um de seus colegas biólogos naquele semiarranha-céu onde havia sempre cachorros latindo com uma força descomunal, o que me fazia estremecer um pouco toda vez que ouvia. Padilla não parecia se

importar com isso; só ia lá para fazer cálculos daquele seu jeito rápido, tosco e esquisito, apoiado num ponto excêntrico, com uma das mãos no bolso e um cigarro intocado soltando uma fumaça bifurcada. Mas não consegui encontrá-lo antes da consulta de Mimi com o médico. À qual eu a levei.

O médico dava a impressão de ser alguém a quem as dificuldades da vida haviam transformado num homem amargurado, ou pelo menos de espírito pesado, e não parecia nem um pouco profissional. Seu consultório aparentava desleixo, seu equipamento era velho e ele fumava charuto, com as mangas da camisa dobradas, sentado atrás de uma mesa em que meus olhos acostumados a livros localizaram um Spinoza, um Hegel e outras coisas estranhas para um médico, principalmente da especialidade dele. Embaixo do consultório havia uma loja de música. Minha memória me devolveu agora o nome: Stracciatella. Na vitrine, via-se a família inteira tocando violão num microfone — jovens meninas e garotinhos de pernas de fora cujos pés ainda não alcançavam o chão — e os sons que eles faziam enchiam a rua, fria naquela noite depois de uma nevasca, de um ruído de cordas metálicas mais forte até que o barulho concorrente dos bondes, que eram velhos naquela linha e passavam fazendo estardalhaço.

O médico não edulcorava o que tinha para oferecer — era displicente demais até para isso. Talvez não fosse um homem de coração de pedra, mas parecia perguntar: “De que adiantaria se eu me importasse?”. É possível que houvesse nele também um desdém pela dupla impotência das criaturas, primeiro para resistir ao amor e depois para se livrar das consequências. Naturalmente ele pensou que eu fosse o namorado. Suponho que Mimi quisesse que ele pensasse; quanto a mim, não era com isso que eu estava preocupado. Portanto, era assim que nós estávamos, no consultório, o médico robusto explicando sua injeção para o nosso entendimento leigo, com seu jeito seco e imperturbável, sua cara gorda, sua respiração ruidosa, seus braços peludos, o consultório fedendo a charuto e à sua carreira sedentária numa velha cadeira de couro preto. Ele

não era realmente desumano, atrás de seus óculos, e parecia ser em parte um homem dedicado à reflexão — só até onde iam as dificuldades que purificam, e não além. Então, os violões interromperam sua cadência, com um lamento e um estrépito metálicos. E Mimi com seu rosto e seus cabelos claros, as bochechas vermelhas, uma rosa de pano desabrochando na frente e no centro do seu chapéu, ajudada por flores brancas e menos sérias. Ah, aquele vermelho! de paredes de verão, de tecidos e dos balcões das lojas. E as sobrancelhas demoníacas ou ciliadas de Mimi, tão rígidas e disciplinadas, e no entanto ela também estava confusa. Mas aquele era um momento da mais alta oportunidade, se eu entendia o espírito dela, tendo a ver com aquela mesma impotência que o médico observava — a impotência de mulheres que esperam o que será feito com elas, e dessa forma, e de nenhuma outra, compram a glória.

“Essa injeção provoca contrações”, disse o médico, “e pode expelir o seu problema. Ninguém pode prometer que ela vai expelir, e às vezes, mesmo que ela funcione, você ainda pode precisar de uma dilatação e de uma curetagem. Aquilo que as atrizes de Hollywood descrevem no jornal como apendicite.”

“Eu agradeceria se você não fizesse piadas. Só estou interessada nos seus serviços médicos”, Mimi lhe disse na mesma hora, e ele se deu conta de que não estava lidando com uma operária submissa e tímida que ficaria grata, ou assim ele imaginava, com sua espirituosidade e lhe sinalizaria de volta com um leve sorriso que deveria atravessar a enorme distância feita de dor e perigo que a separava dele. Algum pobre corpo metido numa enrascada graças à ternura. Mas Mimi... a ternura dela não era fácil de ver. Você ficava se perguntando como ela seria, e depois de que extraordinárias manifestações ela apareceria.

“Vamos manter um tom profissional que é melhor”, disse ela.

Com ofendidas narinas escuras, ele perguntou: “Está bem, você quer a injeção ou não quer?”.

“Pra que raios você acha que eu me despenquei até aqui, numa noite fria como esta?!”

Ele se levantou e botou uma panela esmaltada no bico de gás — um colar de garras de urso de chamas que davam arranhões quentes. A maneira como ele manuseava a panela sugeria a preguiça e o desleixo com que devia preparar seu ovo matinal na cozinha; jogou a seringa lá dentro, pescou-a com uma pinça e estava pronto.

“Suponhamos que eu precise de mais assistência, se esse troço só funcionar pela metade. Você vai me prestar essa assistência?”

Ele deu de ombros.

A voz de Mimi começou a ficar estridente. “Que belo médico você é, hein? Quer dizer que você não discute esse assunto antes de começar? Ou está pouco se lixando para o que acontece com as pessoas depois que elas tomam a sua injeção? Você acha que elas estão tão desesperadas que você nem precisa se preocupar com isso e são elas que estão brincando com a própria vida, é assim que funciona?”

“Se for necessário, talvez eu possa fazer alguma coisa por você.”

“Você quer dizer que faz se for pago pra isso, né? Quanto é que você cobra?”, perguntei.

“Cem pratas.”

“Você não pode deixar por cinquenta?”, disse Mimi.

“Talvez você encontre alguém que possa.” Ele quis mostrar — e me pareceu genuíno — que não se importava. *Non curo!* Era o que vinha mais fácil para ele. Poderia tranquilamente guardar a seringa e voltar a futucar o nariz e ruminar suas ideias.

Aconselhei Mimi a não discutir sobre dinheiro com ele. Disse a ela: “Essa parte não tem importância”.

“Você vai querer ou não vai? Olha, pra mim tanto faz.”

“Mimi, você ainda pode desistir”, eu disse no ouvido dela.

“E pra onde é que eu vou se desistir? Pra estaca zero de novo.”

Ajudei-a a tirar seu casaco de gola de pele, e ela me pegou pela mão como se fosse eu que tivesse de ser conduzido até a agulha. Assim que pus o braço em volta dela — sentindo que ela precisava de apoio e querendo imensamente fazer tudo o que podia para atender a essa necessidade —, Mimi começou a chorar. A coisa me afetou também; a tristeza dela me contagiou. Então, nós nos abraçamos como o que não éramos, um casal de namorados.

O médico, porém, não nos deixou esquecer que ele estava esperando. O que aquela cena seria para ele, angustiante ou maçante? Algo entre as duas coisas, e ele ficou me observando reconfortá-la. Se tinha sentido alguma inveja antes, imaginando que eu fosse amante dela, isso agora não lhe causava inveja nenhuma. Bem, ele não sabia de nada.

Mas Mimi havia tomado uma decisão e não ia voltar atrás; aquelas lágrimas não significavam uma desistência. Estendeu o braço para o médico e ele espetou a agulha; o líquido mal-encarado desceu. O médico lhe disse que ela sentiria dores iguais às do parto e que era melhor que fosse para a cama. O preço por esse serviço foi quinze dólares, quantia que Mimi pôde pagar; não quis aceitar nenhum dinheiro de mim naquele momento. Não que eu estivesse com dinheiro sobrando. Sair com Lucy me deixava sempre na dureza. Frazer ainda me devia alguma coisa, mas se tivesse condições de me pagar também teria tido condições de mandar dinheiro para Mimi. Ela não queria incomodá-lo com isso. Ele ainda estava juntando dinheiro para pagar o divórcio. Além do mais, fazia parte do estilo de Frazer não saber dessas coisas. Havia sempre alguma coisa superior ao que estava acontecendo no horizonte imediato, mais eminente. Essa era uma parte da personalidade dele que estava sempre na mira do sarcasmo de Mimi e, no entanto, ela a encorajava como algo precioso, ainda que também ridículo. Não era que ele não fosse generoso, mas sim que adiava coisas para dar à sua generosidade uma rota mais longa e significativa.

Enfim, Mimi foi para a cama, xingando o médico, pois a injeção já estava começando a fazer efeito. Mas o efeito, segundo ela, era “seco”, e as

contrações não iriam conseguir nada. Ela tremia e suava, seus ombros nus magros e quadrados acima da colcha, sua testa infantil dolorosamente vincada, os olhos muito arregalados, de um azul iluminado.

“Aquele vigarista filho da mãe! Safado!”

“Mimi, mas ele disse que poderia não acontecer nada. Espera...”

“O que mais eu posso fazer senão esperar, se estou cheia daquele veneno? Aquela porcaria deve ter me pegado de jeito, porque está me fazendo espremer as tripas pra fora. Aquele desgraçado daquele médico incompetente! Ai!”

De vez em quando, os espasmos passavam e ela encontrava ânimo para fazer uma piada para aliviar a tensão. “Ele não sai, nem se mexe, o cabeça-dura. Enquanto tem mulheres que têm que passar nove meses de papo pro ar pra segurar os delas. Nove meses ouvindo rádio. Mas”, acrescentou um pouco mais séria, “eu não posso deixar esse teimoso em paz agora e permitir que ele nasça, depois de tanta porcaria que eu tomei. Ele pode estar machucado. Grogue. Se não, pode ser perigoso de tão turrão que é e acabar virando um criminoso. Se eu soubesse que ele ia ser enfezado o bastante e dar um tranco no mundo, talvez eu até deixasse ele vir. Mas por que é que eu estou dizendo ‘ele’? Pode ser uma menina, e o que é que eu ia fazer com uma filha, coitada? Por outro lado, as mulheres... As mulheres merecem mais admiração, têm os pés mais no chão. Vivem mais perto da natureza delas. Têm que viver. A influência da natureza nelas é muito maior. Elas têm seios. Veem o próprio sangue, e isso faz bem pra elas, ao passo que a natureza dos homens permite que eles sejam mais vaidosos. Ai! Me dá a sua mão, vai, Augie, pelamordedeus!” Eram as contrações de novo, fazendo-a se sentar rigidamente e apertar e se apoiar na minha mão. De olhos fechados, ela deixou os espasmos passarem e depois se recostou, e eu a ajudei a se cobrir.

Aos poucos, o efeito da droga terminou, deixando-a cansada nos músculos e na barriga, furiosa com o médico e zangada comigo também.

“Mas você sabe que ele não prometeu nada.”

“Deixa de ser idiota”, ela disse, brava. “Como é que você sabe se ele me deu uma dose suficiente? Ou se ele não quer que eu volte lá pra fazer o aborto do outro jeito pra ele ganhar mais dinheiro? E agora vai ter que ser mesmo do outro jeito. Só que eu não vou fazer com ele.”

Vendo como ela estava, colérica e soturna, embora enfraquecida, e sem querer ninguém por perto, eu a deixei sossegada e fui para o meu quarto.

O quarto de Kayo Obermark ficava entre o meu e o dela, e é claro que ele sabia o que estava se passando. Apesar dos esforços de Mimi para que ele não soubesse de nada, como ele poderia não perceber? Ele era jovem, tinha mais ou menos a mesma idade que eu (eu estava com vinte e dois anos), mas já era pesadão, um rosto grande, importante, impaciente, irascível, enfumaçado por pensamentos que iam longe. Era um sujeito taciturno e ríspido. Sua vida era dura lá dentro, naquele quarto; ele não gostava de aulas, achava que podia aprender tudo sozinho. O quarto fedia ao mofo de coisas velhas e às garrafas que ele usava para urinar, porque não gostava de sair para ir ao banheiro quando estava estudando. Vivia seminu na sua cama, da qual todo o resto do quarto se aproximava, amontoadado de objetos e de sujeira. Ele era melancólico e brilhante. Achava que tudo o que havia de mais puro estava fora das relações humanas, que só geravam mentiras e uma familiaridade de repolho, e me dizia: “Prefiro mil vezes as pedras. Podia ser geólogo. O que eu sinto em relação à humanidade não é nem decepção, eu simplesmente não gosto dela, e se existe alguma coisa certa neste mundo é que ele certamente não é o bastante, e se não existe nada além dele então eles podem ficar com tudo de volta.”

Kayo queria saber sobre Mimi, embora ela vivesse caçoando dele.

“Qual é o problema, ela está encrencada? Que azar o dela.”

“É, azar mesmo.”

“Mas, não! Não é só azar”, disse ele — uma das coisas que ele não suportava era que você concordasse com ele. “Se você reparar, tem gente que vive passando pelo mesmo tipo de coisa uma, duas, três vezes.”

A atitude dele com relação a Mimi tinha algo em comum com a do médico; o que ela tinha era um problema de mulher, e nenhum dos dois conseguia considerá-lo muito nobre. Kayo, no entanto, era um homem muito mais inteligente que o médico, e embora estivesse plantado no meu quarto de pés descalços e achatados pelo peso, de camiseta, os pelos em tufo nos ombros e aquela cara enorme, com a qual todo mundo era desaprovado por desapontá-lo e por ser insatisfatório — embora, em outras palavras, ele fosse a dura personificação do preconceito, ainda havia nele um esforço extra de fazer justiça, um canal que era mantido aberto.

“Bom, dá pra entender. Todo mundo tem amarguras na coisa que escolheu. Amarguras na coisa que escolheu. Foi pra isso que Cristo serviu, porque até Deus tinha que ter amarguras naquilo que escolheu, se era pra ele ser realmente o Deus do homem, um deus que era humano. Ela também acredita nisso.” Ele deu um suspiro de terrível impaciência. “Isso era o Cristo. Outros deuses transbordavam sucesso, afogavam você com o esplendor deles. Aqueles que não davam a mínima. O verdadeiro sucesso é aterrorizante, entende. Não dá pra encarar. Melhor arruinar tudo de uma vez. Tudo teria que ser mudado. Você não consegue encontrar um desejo puro, a não ser o de que tudo se misture. Nós fugimos do que pode ser concebido puro, e todo mundo encena essa decepção ao seu próprio modo, como que pra provar que o misturado e impuro precisa e vai vencer.”

Eu sempre ficava impressionado com ele e com seus grandes olhos de cavalo que se sobressaltavam com a sabedoria ou com a sombra dela, como um cavalo pode se assustar tanto com uma coisa importante quanto com uma coisa ridícula. Entendi o que ele estava dizendo. Sabia que havia verdade naquilo, e tinha respeito por ele como fonte de iluminação; mesmo quando ele estava coberto de cores sombrias, algumas de sujeira, e um verde e um azul perto dos olhos, mas algumas radiantes. Com as mãos no quadril gordo, ele olhava para mim com um rosto em que alguma beleza original parecia ter sido descartada como uma pista falsa. Isso de

que todos tinham de sucumbir eu entendia perfeitamente, e também a consequente advertência de que ter esperança demais era uma doença fatal. Sim, uma esperança pestilenta que passa sob os males e os deixa de pé. Eu já tinha tido uma dose suficiente dela para ser capaz de reconhecê-la. Então, eu tanto me sentia atraído pela visão de Kayo quanto resistia a ela. O céu pintado do teatro humano não o interessava; ele estava sempre do lado de fora, virado para o céu de verdade e sua cortina de diamantes por meio da longa e estrelada névoa da medula e do cérebro, uma cópia da Via Láctea.

Mas eu também era da opinião de que não se pode perseguir um padrão tão alto que torne uma vida humana impossível, nem tentar conciliar coisas tão inconciliáveis que isso acabe por destruir você, mas sim que primeiro você tem de testar com o que de humano você consegue conviver. E se o mais elevado vier naquela taberna vazia e abafada, com as moscas, o rádio quente chiando entre as jogadas e a cerveja de Sox Park, o que você pode fazer senão aceitar a mistura e dizer que a imperfeição é sempre a condição que encontramos? Do mesmo modo, meus olhos arranhados sempre verão a grande beleza com arranhões. E deuses podem aparecer em qualquer lugar.

“Se você levar em conta as razões”, eu disse a Kayo, “pode haver razões para essas coisas misturadas também.”

“Não razões reais”, ele respondeu. “Você não tentaria viver numa tela de cinema. Quando você entender isso, aí sim vai poder chegar a algum lugar. E você pode chegar, se eu não estou enganado a seu respeito. Você não teria medo de acreditar em alguma coisa. O que eu não entendo é por que você quer se transformar num almofadinha. Mas isso não vai muito longe.”

Mimi ouviu que nós estávamos conversando e me chamou. Eu voltei para o quarto dela.

“O que é que ele quer?”, perguntou.

“O Kayo?”

“É, o Kayo.”

“A gente só estava conversando.”

“Vocês estavam conversando sobre mim. Se você contar alguma coisa pra ele, eu te mato. Só o que ele quer é encontrar provas de que está certo, e ele pisaria em mim com aqueles pés enormes se pudesse.”

“É você que não guarda os seus próprios segredos”, eu disse, mas tentando falar num tom calmo. Não era hora de responder fosse de que maneira fosse, e ela ficou me encarando, carrancuda, da cama de metal dobrado com seus inúmeros núcleos de ferro fundido e laços de ferro.

“O que eu falo é da minha conta, mas eu posso dizer pra você não contar.”

“Fica tranquila, Mimi, eu não vou contar nada.”

No entanto, tive de pedir a Kayo que ficasse de olho nela no dia seguinte, pois não sabia o que podia acontecer. Passei o dia preocupado com isso, no escritório e depois na reunião do clube dos primos Magnus que era realizada uma vez por mês com um jantar num salão no centro da cidade. Liguei para a pensão, mas só consegui falar com o próprio Owens, que, quando estava irritado — e ele estava irritado com Mimi —, falava com um sotaque galês que eu não conseguia entender de jeito nenhum, de maneira que continuar telefonando para lá seria apenas jogar dinheiro fora. Lucy queria sair para dançar depois da reunião, mas eu escapei alegando cansaço, coisa que nem precisei fingir, e me mandei para casa.

Mimi estava lá, e tinha boas notícias a dar. Vestida com um *tailleur* preto e branco, com uma fita preta no cabelo, ela estava me esperando no meu quarto.

“Eu hoje usei a cabeça”, disse. “Comecei o dia perguntando a mim mesma: ‘Existe alguma maneira de conseguir fazer esse troço legalmente?’. Bom, existem algumas. Uma delas é você ir a um alienista e fazer com que ele diga que você não bate bem da bola. Eles não querem saber de mulheres malucas tendo filhos. Uma vez eu me liberei da cadeia desse jeito, então está registrado numa ata do tribunal. Mas eu não quero fazer isso agora. Você pode acabar indo longe demais. Então decidi mandar pro

inferno esse negócio de me fingir de doida. A outra maneira é se você tem o coração fraco ou se está correndo risco de vida, aí eles fazem pra você. Então, eu fui até a clínica hoje e disse que achava que estava grávida, mas que não parecia uma gravidez normal, que eu estava toda hora tendo problemas. Aí um sujeito me examinou e disse que tinha quase certeza de que eu estava com gravidez tubária. Então eu vou ter que ser examinada de novo e, se eles continuarem achando isso, é possível que eles tenham que me operar.”

Era isso que a estava deixando tão alegre. Ela já estava contando com a operação.

Eu perguntei a ela: “O que foi que você fez, leu num livro como é uma gravidez tubária e aí foi lá e descreveu os sintomas pra eles?”

“Claro que não, que ideia! Você acha que eu sou tão irresponsável assim? E você acha que você pode entrar lá, contar qualquer historinha e engambelar todo mundo?”

“Tem certas historinhas em que eles acreditam numa clínica. Isso eu posso te dizer. Mas vê bem onde você está se metendo, Mimi. Eu não acho que você deva tentar passar a perna neles.”

“Não foi tudo ideia minha; eles também acham, e eu tenho alguns dos sintomas. Mas eu não vou voltar lá. Eu vou naquele veterinário.”

Eu não pude ficar tomando conta de Mimi nos dias seguintes, tendo uma agenda cheia de jantares e reuniões, e nas vezes em que fui ver como ela estava, tarde da noite ou às seis e meia da manhã, a hora em que eu tinha de sair da cama, ela estava sonolenta demais para conversar comigo. Quando eu ia acordá-la, ela parecia saber imediatamente de quem era a mão que estava no seu ombro e qual era a pergunta, e respondia como que de dentro do sono: “Não, nada. Nada feito”.

Chovia a cântaros naquele inverno, fins de dezembro, o céu enfumaçado e escuro. Martelando os degraus com minhas galochas ao descer as escadas naquelas manhãs de neblina e fumaça, geralmente atrasado, eu ia para o ponto do bonde quando a noite estava tentando se

recolher, atravessando os filtros ruins do céu carregado. Às nove, depois da primeira grande leva de movimento, eu finalmente tinha tempo de tomar café da manhã na tasca da Marie, onde as paredes eram revestidas com painéis de zinco decorativos, as cadeiras de um braço ficavam encostadas nas paredes e a luz era fraca por causa da altura do lustres.

Numa tarde de sábado, fui para lá num intervalo do trabalho. Marie estava ouvindo uma ópera no rádio, transmitida de Nova York, e aquela eloquência à solta não me atingiu, mas entrou pelos meus ouvidos. Esse era um serviço que antigamente era pago, como quando um duque borgonhês que estava numa prisão em Bruges mandou chamar um pintor para aliviar a escuridão dos postigos da janela com rostos dourados e decorações devotas. Esse tipo de ajuda para pessoas angustiadas agora é difundido praticamente de graça, como em revistas ou no ar. No entanto, eu não ouvi a ópera bem, a não ser como vozes poderosas e formais.

Mandado por Happy Kellerman, um peão da carvoaria veio me dizer que havia uma mulher no telefone querendo falar comigo.

Era uma enfermeira de um hospital do South Side, que estava ligando a pedido de Mimi para me dar um recado.

“Hospital? O que é que ela tem? Desde quando ela está aí?”

“Desde ontem”, disse a mulher. “E ela não tem nada, está perfeitamente bem, mas pediu que eu dissesse a você que ela quer vê-lo.”

Eu falei com Simon, que me ouviu com desconfiança, ironia e desagrado, já rígido e pronto para rejeitar minha explicação de que eu tinha de sair cedo para visitar uma amiga no hospital.

“Que amiga? Você quer dizer aquele seu cacho, a loura grosseirona? Rapaz, você está atirando pra todos os lados. O que é que você tem com ela, hein? Eu acho que você está indo um pouco rápido demais, você não acha não, querendo dar conta de duas mulheres? É por isso que você anda tão exausto ultimamente. Se uma não apagasse o seu fogo, talvez você andasse um pouco mais rápido com a outra. Ou será que tem mais coisa nessa história do que só apagar o fogo? Ah, seria bem a sua cara, se

apaixonar também! Você não consegue segurar esse seu furor amoroso, consegue?! O que você tem que dar por um rabo de saia? Você não consegue ir pra cama com uma garota sem achar que tem que cuidar dela pelo resto da vida?”

“Você não precisa dizer isso tudo, Simon. Isso não tem relação nenhuma. A Mimi está doente e quer que eu vá até lá, só isso.”

“Se o garoto está trepando, eu não vejo pra que tanta pressa de casar”, disse Happy.

“Se isso chega aos ouvidos *deles*”, disse Simon, de maneira que Happy não pudesse ouvir; e, estranhamente, seu rosto assumiu uma expressão que lembrava mais satisfação e prazer do que qualquer outra coisa, e eu percebi que ele já tinha pensado num jeito de lidar com as consequências disso; ele iria me repudiar, e nada disso iria atingi-lo. Quanto aos planos que tinha traçado na noite do casamento com relação ao que iríamos poder combinar e conquistar, ele sem dúvida já os havia modificado, decidindo que tudo deveria ser obra de uma única mente e autoridade.

Eu, porém, não estava pensando muito nisso, mas sim em Mimi no hospital. Tinha certeza de que ela havia levado adiante seu plano de enganar os médicos.

No final da tarde eu a encontrei, numa enfermaria; estava parado no vão da porta quando a vi a distância, estalando os dedos para chamar minha atenção e tentando erguer as costas da cama para se sentar.

“Você levou mesmo aquele seu plano adiante?”

“Claro! Você já não sabia que eu ia?”

“E então? Pelo menos agora está tudo resolvido?”

“Augie, eu passei por uma operação pra nada. Está tudo normal. Eu ainda vou ter que fazer aquele negócio.”

Não entendi a princípio; sentia-me burro, incapaz de raciocinar.

Transbordando humor perverso e amargura cortante, ela continuou: “Augie, toda hora vem alguém aqui pra me dar os parabéns porque eu vou ter um bebê normal. Não é uma gravidez tubária. O médico, os residentes,

as enfermeiras, todo mundo acha que eu devo estar louca de felicidade, e eu não posso nem berrar na cara deles. Tenho chorado muito. Estou tão fula da vida.”

“Mas por que é que você foi levar essa maluquice adiante? Você não sabia? Foi você que inventou os sintomas.”

“Não, eu não tinha certeza. Nem tudo eu inventei. Eu tinha alguns dos sintomas. Talvez tenha sido a injeção. E como eles acharam que podia estar na trompa, eu fiquei com medo de não fazer a operação. Depois achei que, já estando comigo ali na mesa de operação, eles iriam fazer o troço pra mim. Mas não fizeram.”

“Claro que eles não fizeram, eles são proibidos de fazer esse tipo de coisa. O objetivo deles era exatamente o oposto.”

“É, eu sei, eu sei. Eu achei que podia burlar o sistema, imagino. Um dos meus planos brilhantes.” Ela não estava chorando nessa hora, embora seus olhos estivessem riscados daquelas linhas vermelhas que o sal das lágrimas provoca, e seu nariz também estivesse crivado delas, mas ela não estava menos e sim mais firme, como ficava claro na sua beleza carrancuda, na sua convicção a respeito da energia que se deve dedicar ao amor.

“Quanto tempo você vai ter que ficar de cama, Mimi?”

“Ah, eu não vou ficar tanto tempo quanto eles pensam. Não posso.”

“Mas você tem que ficar.”

“Tenho nada. Está ficando tarde. Daqui a pouco eu não vou mais poder fazer o troço. Você liga pra aquele homem e marca uma consulta pra mim no final da semana que vem. Até lá eu já vou estar forte o bastante pra aguentar o tranco.”

Essa declaração bateu muito mal no meu estômago, e eu não consegui não demonstrar o horror que me causava essa temeridade de fazer experiências com o próprio corpo. “Ah, você acha que uma mulher tem que ser mais frágil que isso, né?”, disse ela. “Eu vivo esquecendo que você está praticamente de casamento marcado.”

“Mas você não devia esperar pelo menos até eles te darem alta?”

“Eles disseram dez dias, mas ficar de cama esse tempo todo só vai me deixar mais fraca. E, além do mais, eu não suporto essa enfermaria. Nem a alegria das enfermeiras com essa coisa abençoada que me aconteceu. Não estou aguentando. Está começando a me dar nos nervos. Você tem algum dinheiro?”

“Não muito. E você?”

“Nem metade do que eu preciso, e não tenho como levantar grandes coisas. Aquele médico não vai querer me tocar por nem um centavo a menos que o preço, que eu sei. E o Frazer também não tem nada.”

“Se eu pudesse entrar no quarto dele, eu poderia pegar alguns dos livros dele e vender. Tem coisas lá que valem um bom dinheiro.”

“Ele não ia gostar disso. E, de qualquer maneira, você não tem como entrar lá.” Ela interrompeu suas preocupações para olhar para mim, bem no fundo dos meus olhos, e disse com uma risada que não durou muito: “Você está do meu lado, não está?”. Não vi necessidade de responder. “O que eu quis dizer é que você entende a importância do amor.” Ela me beijou ternamente, com certo orgulho de mim. E todo o resto lá, as mulheres pálidas, recebendo visitas ou olhando ao redor.

“Bom”, eu disse, “a gente pode arranjar esse dinheiro. Quanto está faltando pra você chegar aos cem?”

“Eu vou precisar de pelo menos mais cinquenta dólares.”

“Nós vamos conseguir.”

A maneira mais fácil que eu conhecia de arranjar dinheiro extra — tão fácil que eu até me orgulhava disso — era roubando livros. Não precisava pedir a ninguém, muito menos a Simon.

Saí de lá direto para o centro da cidade. Ainda era de noite e as ruas cintilavam com as luzes elétricas, com o gelo; as fábricas bruxuleavam, quase só janelas, por sobre o mato que crescia de volta em cima das demolições, o capim de inverno espetando a neve, suas folhas sacudidas pelo vento, o gelo colando-as umas nas outras feito barbas. E também a

fervura azul e fria do lago; e o constante deslizar dos trilhos, rumo à escuridão.

Fui para a Carson's na Wabash Avenue, para a seção de livros no térreo, que estava quente e agitada, tomada por uma turba tardia de compradores que perambulava sob os sinos de Natal e as heras prateadas. Eu tinha como regra não demorar muito nas lojas, para não atrair atenção. Sabia que livros queria, um Plotino raro, uma edição em inglês de *As Enéadas* que valia um bocado de dinheiro, mais do que o preço que estava sendo cobrado por ela. Tirei os volumes da prateleira, folheei, examinei a encadernação, botei-os debaixo do braço e fui andando, com toda a tranquilidade do mundo, em direção à porta da Wabash Avenue. Ela estava girando devagar. Entrei no quadrante que se abriu para mim e estava na metade do caminho quando a porta estacou e me prendeu, a centímetros da rua. Virei para trás para ver se a causa da parada era a pior que poderia haver, já imaginando polícia, tribunal e prisão, até um ano terrível em Bridewell. Mas atrás de mim estava Jimmy Klein, praticamente um estranho desde os velhos tempos, mas todavia não um estranho completo. Fora ele quem havia me prendido no cilindro de metal em que as portas giravam, e fez um sinal indicando que iria me soltar e que eu deveria esperar por ele na rua. Havia um bocado de prática no seu olhar, sob a aba de feltro, e na curva do seu dedo indicador apontado para baixo, significando, precisamente, “Espera lá fora”.

Por esses sinais, eu soube que ele havia se tornado um segurança de loja. Clem Tambow não tinha me dito que Jimmy estava trabalhando na Carson's? Eu não ia fugir. A primeira coisa era sair de dentro da armadilha, e eu entreguei os livros para ele na rua. Ele disse rapidamente: “Vai pra perto do sinal na esquina. Eu te encontro lá num minuto.”

Vi suas costas e seu chapéu se afastando, apressados, enquanto ele corria dentro do círculo da porta. Seu comportamento não era de quem estava com raiva, mas de quem estava lidando com uma situação que tinha previsto e estava preparado para enfrentar. Perto do sinal, no meio da

multidão, eu suava no ar frio, fraco e grato depois que o perigo passou. Lembrei da advertência de vovó contra Jimmy, de que ele era um ladrão. Bem, era fato que ele lidava com violações da lei.

“Escuta bem”, disse ele, voltando. “Você largou os livros e saiu correndo quando eu gritei. Não vi sua cara, mas estou aqui fora vendo se consigo te localizar, entendeu? Agora vai lá pro Thompson’s na Monroe, que eu me encontro com você lá daqui a pouco.”

Eu fui, secando o rosto com meu cachecol de seda. No café, levei minha xícara do balcão para uma mesa. Pouco depois ele veio e se sentou.

Ficou um tempo olhando para mim; tinha adquirido rugas ao lado dos olhos, um tom amarelado, um ar astuto, meio quieto, parecia um analista de notícias. No entanto, tanto eu quanto ele, até onde as circunstâncias permitiam, estávamos felizes de nos reencontrar.

“Você ficou assustado na porta?”, perguntou por fim.

“Nossa, fiquei, claro. O que você acha?”, eu disse, sorrindo.

“Você continua o mesmo bobão de sempre. Um trem podia te atropelar que você ia achar ótimo e levantar todo sorridente, como se estivesse tomando banho de rio no verão. Por que essa alegria toda desta vez?”

“Bom, eu estou feliz que tenha sido você, e não um segurança de verdade.”

“Eu sou um segurança de verdade, só que não pra você, seu imbecil. Eu tive que te perseguir. Eu estava do lado do gerente e você pegou os livros bem na nossa cara, a dois metros de distância. Então, o que é que eu podia fazer senão ir atrás de você? Mas por que é que você está afanando livros? Eu pensei que tivessem arrancado o impulso criminoso do couro de nós dois ao mesmo tempo quando demos aquele golpe do Papai-Noel. O meu velho quase me matou. Ele quase me matou.”

“E ele fez de você um detetive?”

“Ele? Uma ova! Eu vou onde me botam e faço o que me dizem pra fazer.”

Eu sabia que a mãe dele tinha morrido; que, manca e corpulenta, ela já tinha ido para o caixão e para o fundo da cova. Mas o que havia acontecido com os outros?

“E o que é que o seu pai está fazendo agora?”

“Coçando o saco. Ele se casou de novo depois que a minha mãe morreu. Sabe que ele tinha um romance com uma patrícia dele fazia mais de quarenta anos? Não é impressionante? E enquanto os dois se roíam de amores um pelo outro, ele teve oito filhos com a minha mãe e a mulher quatro com o marido dela. Ela ficou viúva, e aí eles foram e se casaram. O que é, você está espantado?”

“Estou, ué, que eu me lembre o seu pai estava sempre em casa.”

“É, mas às vezes ele tinha que ir ao West Side e, quando ia, ele ganhava um bilhete que dava direito a prosseguir viagem no bonde da rua 16 que ia para Kenton, então ele usava.”

“Não seja tão duro com ele, Jimmy.”

“Eu não estou contra ele. Eu ficaria feliz se isso tivesse feito bem pra ele, mas ele continuou o mesmo de sempre. Continua igual agora.”

“E a Eleanor? Eu soube que ela foi pro México.”

“Ih, você está desatualizado. Isso faz anos. Ela voltou já tem um bom tempo. Você devia fazer uma visita pra ela. Você era o favorito dela nos velhos tempos, e até hoje ela ainda fala de você. A Eleanor tem um grande coração. Eu queria muito que ela estivesse melhor.”

“Ela está doente?”

“Ela esteve. Agora está trabalhando de novo, no Zarropick’s, na Chicago Avenue, onde fazem aqueles pirulitos que são vendidos em lojas perto de escolas. Mas ela não devia estar trabalhando. Ela ficou doente no México.”

“Eu achei que ela tivesse ido pra lá pra se casar.”

“Ah, você se lembra disso?”

“Com aquele seu parente espanhol.”

Ele deu um sorriso invertido. “É. Bom, ele tem uma fabriqueta de artigos de couro, daquelas que fazem os empregados trabalharem feito

escravos e pagam um salário de fome, e a Eleanor ficou trabalhando pra ele lá mais ou menos um ano, enquanto eles supostamente estavam noivando. Só que ele também comia tudo quanto era mulher que trabalhava lá e não estava realmente pensando em se casar. Por fim, ela ficou doente e voltou pra casa. Mas não ficou amargurada com isso não; foi ótimo conhecer outro país.”

“Coitada da Eleanor. Eu sinto muito.”

“Pois é, ela tinha esperança de viver um grande amor. Estava contando muito com isso.”

Ele disse isso com um desdém sem tamanho, não por Eleanor, de quem aliás ele gostava muito. Não, talvez em consideração a ela, pelo amor, como algo que a havia ferido e debilitado.

“E você acha isso errado.”

“Eu não acho *nada*.”

“Mas você está casado, o Clem me contou.”

Essa inocência da minha parte o agradou. “É, estou, e tenho um filho. Um meninão e tanto.”

“E a sua mulher?”

“Ah, ela é uma boa moça. Tem uma vida meio dura. Nós moramos com os pais dela, não temos outro jeito. E tem outra irmã casada e o marido que também moram lá. Então, você pode imaginar como é, toda hora tem briga pra resolver quem vai usar o banheiro, quem vai tirar a roupa do varal, quem vai fazer a comida ou berrar com o garoto. E ainda tem uma outra irmã que é uma piranha e fica se oferecendo na escada, de modo que volta e meia você tropeça nela no escuro quando está voltando pra casa do cinema, então vive saindo quebra-pau. O que eu ganho com isso é um espaço numa cama de casal. Você ainda não sabe como é a essa altura? É como se tudo o que você quer da vida viesse pra você na forma de uma única coisa — trepar; então você e uma menina bacana se juntam, e aí depois de algum tempo você está mais infeliz que antes, só que agora é mais permanente. Você está casado e tem um filho.”

“Foi isso que aconteceu com você?”

“Eu fiquei de agarramento com ela, ela ficou grávida e eu me casei.”

O caminho da desdita tal como a sra. Renling o havia traçado para mim quando previu o que iria acontecer se Simon se casasse com Cissy.

“Você está carregado que nem foguete de Quatro de Julho”, disse Jimmy. “Com pólvora suficiente pra te explodir. Você sobe. E aí, depois do clarão, a vara cai. Você vive pra criar o seu filho e satisfazer a sua mulher.”

“É isso que você faz?”

“Ah, isso pra mim não tem muita importância; eu desisti disso. Não acho que dê lá grandes satisfações a ela. Mas por que é que a gente está falando de mim? Você é que é o menino prodígio. E que diabo você está fazendo, ou pensa que está fazendo? Eu quase morri quando vi você enfiando aqueles livros debaixo do braço. Que belo modo de te reencontrar. Augie, um ladrão!”

Nem tudo era desgosto nele; em parte, ele também parecia feliz com aquilo.

“Não um ladrão em tempo integral, Jim.”

“Mas mesmo que seja em meio expediente, isso não casa com o que ouvi falar de você e do Simon, que vocês estavam se saindo tão bem na vida.”

“Ele está indo bem. Está casado, tem um negócio.”

“Foi o que o Kreindl me disse. E que você estava indo pra universidade. Era por isso que você estava afanando livros? A gente pega muito estudante lá na loja. A maioria deles não causa muito boa impressão.”

Expliquei a ele minha necessidade de arranjar dinheiro, deixando que ele pensasse que eu era o namorado de Mimi, pois de outra forma teria sido difícil fazê-lo entender; e embora fosse curioso encontrar Jimmy como o guarda que me pegou e eu me sentisse leve de alívio e com um pé no paradoxo e experimentasse toda a alegre melancolia que isso provocava, eu tinha de continuar tratando de arranjar dinheiro e das outras coisas que precisavam ser tratadas. No entanto, Jimmy ficou agitado com o que contei

a ele; seus olhos e seu rosto se dilataram de preocupação e com a súbita determinação que tomou conta dele.

“Com quantos meses ela está?”

“Mais de dois.”

“Escuta, Augie, eu vou te ajudar o máximo que puder.”

“Não, Jimmy”, eu disse, surpreso, “eu não poderia aceitar dinheiro de você. Eu sei que você tem uma vida difícil.”

“Não seja burro. O que são alguns dólares comparados a uma vida de tristeza? Pensa que eu estou fazendo isso por mim — sou eu que não quero ver isso acontecer com ninguém que tenha sido meu amigo de infância. De quanto é que você precisa?”

“De uns cinquenta dólares.”

“Tranquilo. Juntando as minhas economias com as da Eleanor, isso não vai ser nada. Ela tem algum dinheiro guardado. Eu não vou dizer a ela para o que é. Ela não iria perguntar, mas, de qualquer forma, pra que é que ela precisa saber? Você não precisa me contar por que não pediu emprestado pro seu irmão. Você não estaria roubando se ele estivesse disposto a emprestar o dinheiro pra você.”

“Se não tivesse outro jeito, talvez eu pedisse pra ele, mas existem razões especiais pra eu não fazer isso. Bom, Jim... obrigado. Você está sendo muito bacana. Muito obrigado mesmo, Jimmy!”

A extensão da minha gratidão o fez rir de mim. “Não exagera. Eu te encontro aqui na segunda-feira, a esta mesma hora, e te dou as cinquenta pratas.”

Jimmy não tinha confiança de que seria capaz de conviver com motivos generosos; sentia vergonha deles. E eu entendi muito bem que ele queria derrotar um mecanismo tanto quanto queria ajudar um antigo amigo.

Fosse como fosse, ele me deu o dinheiro, e eu marquei a consulta com o médico para o final da semana de Natal. Foi difícil acomodar as coisas. Eu tinha um encontro marcado com Lucy naquela mesma noite e não podia desmarcá-lo com o conhecimento de Simon porque precisava do carro.

Assim, depois que deixei Mimi com o médico, desci às pressas para telefonar a Lucy de uma farmácia.

“Querida, eu vou ter que chegar atrasado hoje”, eu disse a ela. “Aconteceu um imprevisto. Só vou poder chegar aí depois das dez.”

Ela, porém, não estava conseguindo pensar muito em mim naquela noite. Sussurrou ao telefone: “Amor, eu bati numa cerca e amassei o para-lama do meu carro. Ainda não contei pro papai. Ele está lá em baixo, então eu estou presa aqui em cima.”

“Ah, ele não vai ficar tão zangado assim.”

“Mas, Augie, faz menos de um mês que eu ganhei o carro. E o meu pai disse que ia vender se eu não cuidasse direito dele. Eu tive que prometer que não ia haver nenhum problema durante pelo menos seis meses.”

“Talvez a gente possa mandar consertar sem que ele saiba.”

“Você acha que dá pra fazer isso?”

“Acho que sim. Eu vou pensar num jeito. A gente conversa quando eu chegar, mas eu vou chegar tarde.”

“Mas não chega tarde demais.”

“Vamos fazer o seguinte, então, se eu não chegar até as dez, você não espera mais por mim.”

“Sendo assim, talvez seja melhor eu botar o sono em dia antes da véspera do Ano-Novo. Você vai chegar na hora amanhã, não vai? E não esquece que é traje a rigor.”

“Amanhã às nove, de smoking, e talvez até hoje ainda. Mas é que eu prometi ajudar uma pessoa que está passando por um problema. Não fica preocupada com o carro.”

“Não dá pra não ficar. Você não conhece o meu pai.”

Vazio, saí de dentro da cabine telefônica; sentia-me rígido, um soldado dos meus medos, e tudo o que eu não sabia tinha poder sobre mim.

A Stracciatella estava fechada e, atrás da vidraça escura, violões e saxofones encurvados encolhiam-se deitados de lado. Lá do fundo, réstias

de luz escapavam, como de um esconderijo de gnomo, de dentro da cozinha, onde a família se empanturrava com espaguete.

Esperei lá em cima, no corredor junto da porta, que, algum tempo depois, ouvi ser destrancada. Mimi saiu por ela sozinha, despejada, e a porta se fechou antes que eu pudesse ver o médico e interrogá-lo. Não havia mais como fazê-lo agora, tendo de segurar Mimi, que estava trôpega. Ela tinha saído do hospital fazia apenas dois dias, e a quantidade de decisões que havia tomado sozinha, sem contar a dor e a perda de sangue, fora suficiente para lhe esgotar as forças. Sua fraqueza era tanta que, pela primeira vez, eu a vi sem expressão, como uma criança que pega no sono no trem da excursão à noite, exausta depois de um dia de piquenique. Sendo que, quando sua cabeça rolou no meu ombro e encostou no meu pescoço, seus lábios sugaram de leve minha pele, um reflexo de sensualidade. Talvez naquele momento eu fosse Frazer e ela estivesse confirmando que, fosse qual fosse a complicação, o padecimento, a sordidez que tivesse de enfrentar, ela continuaria firme na sua crença de que o fundamento de tudo era a ternura íntima entre homem e mulher — eles faziam por desejo voluntário o que no universo de pedra e água, o universo verde, o universo bestial, era feito por ignorante necessidade.

Quando estávamos no alto da escada, ela com os lábios no meu pescoço enquanto eu a segurava e sussurrava “Cuidado agora, vamos descer com calma”, um homem entrou da rua e eu achei, nervoso, que havia algo de familiar nele. Mimi também percebeu que havia alguém se aproximando e desceu alguns degraus, de forma que estávamos na sombra, e não na luz mais forte do corredor, quando o homem subiu. Mesmo assim, reconhecemos um ao outro. Era Kelly Weintraub, o primo dos Magnus por casamento que havia morado na nossa vizinhança e tinha me feito ameaças por causa de Georgie. Pela lentidão com que seu sorriso foi se alargando quando ele me viu e pelo que havia de mais jubiloso do que um simples sorriso na carne da sua boca, e também pela expressão dos olhos dele, mais

visível para mim naquela penumbra do que os olhos em si, eu me dei conta de que ele tinha um trunfo contra mim. Ele sabia.

“Ora, ora, senhor March, que enorme surpresa encontrar o senhor por aqui! O senhor foi ver o meu primo?”

“Quem é o seu primo?”

“O médico.”

“Faz sentido.”

“O que é que faz sentido?”

“Você ser primo dele.”

Eu jamais poderia fugir para tão longe ou mergulhar tão fundo que aquele homem, aquele Weintraub, não tivesse linha erótica suficiente no molinete para lançar atrás de mim, era isso que ele estava me dizendo com seu olhar direto e bonito de caminhoneiro, carnudo, as sobrancelhas arqueadas, enquanto balançava levemente o corpo dobrando os joelhos.

“Eu tenho outros primos também”, disse.

Tive vontade de lhe dar um soco, já que provavelmente nunca mais o veria depois que ele tivesse dado com a língua nos dentes, mas não pude porque estava segurando Mimi. Talvez tenha sido só a intensificação dos sentidos produzida pela raiva que me deu a impressão de estar sentindo cheiro de sangue, de carne viva, mas o terror que isso causou foi o que contou. Eu disse a ele: “Sai da frente!”.

Minha única preocupação naquele momento era levar Mimi para casa e botá-la na cama.

“Ele não é meu namorado”, Mimi disse a Kelly. “Ele só está querendo me ajudar a sair de uma encrenca e acabou se desviando do caminho dele.”

“Isso também faz sentido”, ele respondeu.

“Seu filho da puta!”, disse Mimi. Ela estava enfraquecida demais para botar no xingamento toda a força da sua fúria.

Tremendo, eu a levei para o carro e saí de lá o mais rápido que pude.

“Desculpa, garoto. Eu te botei em maus lençóis. Quem é ele?”

“Ah, só um sujeito sem importância. Ninguém dá atenção pro que ele diz. Não se preocupa com isso, Mimi. Correu tudo bem?”

“Ele foi um grosso”, disse ela. “Primeiro pegou o dinheiro.”

“Mas acabou?”

“Eu não estou mais grávida, se é isso que você está perguntando.”

A pista estava sem neve, e eu varei rapidamente as infindáveis variedades de preto e de aspereza do asfalto, ao longo de trilhos, por dentro de túneis, as luzes se alongando para trás, como se o vento tivesse invadido uma igreja e lambido as velas, soprando ar, de tanto que a velocidade liquefazia as coisas.

Chegamos. Carreguei Mimi no colo os quatro lances de escada e, enquanto ela se enfiava debaixo das cobertas, desci correndo para pedir um saco de gelo à srta. Owens, que não quis me atender.

“O quê?”, bradei. “A gente está no meio do inverno.”

“Então por que é que você não vai lá fora e quebra umas pedras pra você? O nosso é feito na geladeira e consome energia.”

Parei de gritar, percebendo que havia atijado sua rabugice de solteirona ao assustá-la entrando esbaforido daquele jeito, sem pensar em como parecia aflito. Mais calmo, argumentei com ela, tentando botar em uso fosse qual fosse o charme que eu ainda tivesse de reserva. Não deveria ser muito, considerando a carga baixa que havia nos meus circuitos trêmulos naquele momento.

Disse: “A senhorita Villars arrancou um dente e está sentindo muita dor”.

“Um dente! Vocês jovens ficam tão agitados.” Ela me deu a bandeja de gelo e eu subi correndo de volta para o quarto.

Gelo, no entanto, não ajudou muito. Mimi estava sangrando muito e, embora estivesse tentando esconder isso de mim, acabou tendo de me contar, já que ela própria, atarantada, de olhos abertos, volta e meia espiava debaixo das cobertas para ver como estava a situação. A cama estava começando a ficar encharcada. Eu era a favor de levá-la para o

hospital imediatamente, mas ela disse: “Daqui a pouco vai melhorar. Eu acho que é pra ser assim mesmo no início”.

Descendo de novo, telefonei para o médico, que me disse para ficar atento e que, se o sangramento não diminuísse, ele me diria o que fazer. Ele ia ficar de prontidão. Havia medo na sua voz.

Quando tirei os lençóis dela e comecei a refazer a cama com meus próprios lençóis, suas mãos se ergueram para me impedir, mas eu disse: “Escuta, Mimi, isso tem que ser feito”; ela fechou os olhos e me deixou fazer a troca, encostando a bochecha no ombro.

Coisas magníficas já foram feitas para mitigar as piores visões humanas e nos ensinar a ter algo além de repulsa diante delas. Todos os Calvários foram pintados com esse objetivo. Mas como provavelmente muito poucas pessoas são auxiliadas hoje em dia por essas coisas e lições, cada um se apoia no que pode.

Atirei as roupas de cama ensanguentadas dentro do armário. Mimi percebeu a veemência com que as joguei lá dentro e disse: “Não entra em pânico, Augie”.

Sentei ao lado dela e tentei me acalmar. “Você imaginava que pudesse ser assim?”

“Ou até pior”, respondeu; e como seus olhos estavam amarelados e ressecados e sua boca pálida, ocorreu-me que talvez ela não estivesse percebendo o quanto já estava sendo ruim. “Mas...”

“Mas o quê?”, perguntei.

“Você não pode deixar que qualquer coisa que surja no caminho decida a sua vida por você.”

“Uma maneira radical de ser independente”, eu disse, falando comigo mesmo, mas ela me ouviu.

“Faz diferença o motivo pelo qual você cai, não se engane. Faz pra mim, agora. Muito embora”, ela disse, seu rosto se franzindo e depois ficando liso de novo enquanto ela fazia a ressalva, “isso provavelmente só valha se

eu me levantar de novo. Se você está morto, faz diferença pelo que foi que você morreu?”

Eu não estava suportando conversar naquele momento e fiquei quieto, vigiando. E, como ela achou que ia acontecer, a hemorragia aos poucos passou; Mimi agora estava estendida na cama de uma maneira menos rígida e retesada, e eu, com os músculos menos dormentes. Meus pensamentos estavam esfacelados, pois eu vinha tendo devaneios sobre como iria conseguir fazer com que ela fosse atendida num hospital, sabendo como isso era difícil em casos assim, e me imaginava implorando e sendo repellido, com tirania oficial, e perdendo as estribeiras.

“Bom”, disse ela, “parece que nem ele conseguiu me matar.”

“Você está começando a se sentir melhor?”

“Eu queria uma bebida.”

“Você quer que eu traga um refrigerante? Eu não acho que você deva tomar uísque hoje.”

“É uísque mesmo que eu quero. E acho que você também está precisando de um.”

Levei o carro de Simon para a garagem e voltei de táxi, com uma garrafa debaixo do braço. Mimi tomou uma dose de bom tamanho e eu bebi o resto, pois agora que estava me sentindo mais tranquilo com relação a ela, meu problema veio à tona. No escuro, ao subir, nu, na minha cama sem lençol, senti um aperto no peito e tomei uma última talagada da garrafa na intenção de me estupificar e dormir. Mas acordei de madrugada, mais cedo que meu horário normal de levantar. Kelly Weintraub não perderia por nada aquela oportunidade de me prejudicar. E o que eu sentia com relação a isso de mais definitivo do que uma escuridão e um medo generalizados, como a nuvem escura e carregada que pairava lá fora, eu não sabia.

Vesti minhas roupas de trabalho. Ainda sentia os efeitos do uísque; não estava acostumado a beber. Na desolação e bagunça do seu quarto, Mimi parecia estar dormindo normalmente, embora seu corpo estivesse muito

quente. Quando fui tomar café na mercearia, combinei que levassem um café da manhã no quarto para ela.

A vigília e a preocupação me deixaram instável naquela manhã. O céu continuou negro; a neve estava coberta de fuligem. Como o interior de algo que deveria estar fechado. Era muito mais terrível do que triste, mesmo para mim, um nativo que não tinha muito com que comparar. Dessa escuridão de meio-da-Ásia, tão plana de humanidade quanto a original é de espaço, acorriam à carvoaria, a negócios, caminhões e carroças, pangarés moribundos espiando pela janela com seus enfeites de granadeiro de veludo verde ou vermelho, olhando para nós sob as lâmpadas brilhantes a preencher nossos recibos e guardar os dólares na gaveta da caixa registradora. Notas pegajosas que tinham cheiro de perfume.

Simon estava me examinando tanto que eu fiquei me perguntando se Kelly já teria conseguido falar com ele. Mas não, ele estava apenas me mantendo sob sua severidade, robusto e de olhos vermelhos. Eu não estava me saindo muito bem.

Foi, no entanto, um dia curto, o último do ano. Logo começamos a distribuir garrafinhas de bourbon, daquelas feitas para se tomar de um gole só, e a carvoaria ficou alegre e saltitante, o chão crivado dessas garrafinhas vazias. Até Simon relaxou depois de algum tempo. Com o calendário indo para o lixo e o ano velho submergindo com sua foice e sua lanterna de Diógenes, Simon estava afinal num novo começo. Os problemas que atravessara no verão tinham ficado para trás.

Ele me disse: “Eu soube que você e a Lucy vão pra uma festa formal hoje à noite. Bom, como é que você pode botar um smoking com o cabelo todo desgrenhado desse jeito? Vai embora e procura um barbeiro. Na verdade, vê se descansa um pouco. Você andou na farra? Pega o carro e se manda. O tio Artie vai passar aqui pra me apanhar. Quem te cansou desse jeito? Provavelmente não foi a Lucy. Deve ter sido aquela outra piranha. Bom, vai logo, anda — francamente, eu não sei se você parece mais

cansado ou mais débil mental”. Simon só podia pôr a mão no fogo por si mesmo no que se referia a estar salvo do intelecto comprometido da nossa família; quando estava irritado, suas suspeitas recaíam sobre mim.

Fui direto para casa, sem perder tempo, e quando cheguei lá em cima esbarrei com Kayo Obermark saindo do banheiro com uma toalha molhada para botar na cabeça de Mimi. Ele parecia terrivelmente preocupado; seus olhos, por si sós já de bom tamanho, pareciam três vezes maiores atrás das lentes dos seus óculos, e seus lábios estavam franzidos num bico de preocupação. Seu rosto estava escuro da barba por fazer ou de sujeira.

“Acho que ela não está nada bem”, disse.

“Está sangrando?”

“Não sei, mas está pelando de febre.”

Para aceitar a ajuda de Kayo, ela só podia estar muito mal, pensei. E estava de fato, embora falante e falsamente alerta — falsamente porque isso não correspondia à expressão dos seus olhos. O pequeno quarto estava superaquecido e bafiento, tudo ali parecia rançoso e doentio, de uma podridão de pântano que começa a ficar perigosa.

Falei com Padilla e ele veio do laboratório trazendo comprimidos para a febre, tendo se consultado com alguns alunos de pós-graduação de fisiologia. Ficamos esperando os comprimidos fazerem efeito, o que demorou a acontecer, e, não querendo perder a cabeça, concordei em jogar *rummy*. Padilla, sempre atento aos números, ganhou todas as partidas. Até que não aguentei mais ficar segurando as cartas. Perto do anoitecer — estou me baseando na hora e não na escuridão, já que aquele dia continuou tão escuro às seis horas quanto já havia estado às três, nebuloso e lento —, a febre abaixou um pouco. Então, Lucy telefonou para pedir que eu chegasse uma hora mais cedo do que tínhamos combinado. Senti que a coisa não estava boa naquele lado também e perguntei: “O que é que há?”.

“Nada. Só, por favor, tenta chegar aqui às oito”, disse, num tom que me pareceu meio contido.

Já passava das seis e eu ainda não tinha nem feito a barba. Tratei disso rapidamente e comecei a enfiar o smoking, enquanto me aconselhava com Kayo e Padilla.

“O grande perigo”, disse Padilla, “é se ele provocou uma septicemia nela. Imagina se ela está com febre puerperal. Isso é perigoso demais pra gente ficar com ela aqui. Você tem que levar essa moça pra um hospital.”

Sem esperar para ouvir mais nada, de camisa engomada, atravessei o corredor e disse a ela: “Mimi, a gente tem que tentar te internar num hospital”.

“Nenhum hospital vai querer me aceitar.”

“A gente vai fazer com que eles aceitem.”

“Telefona e pergunta, você vai ver.”

“A gente não vai telefonar”, disse Padilla. “A gente vai lá e pronto.”

“O que é que ele está fazendo aqui?”, ela me perguntou. “Quantas pessoas têm que ficar sabendo disso?”

“O Padilla é um grande amigo meu. Não se preocupa com isso agora.”

“Você sabe o que eles vão fazer lá, não sabe? Eles vão tentar me fazer dedurar o médico. O que é que você acha, eu vou ficar de bico calado?” Isso era uma maneira de se gabar de que ela jamais delataria ninguém, nem mesmo o médico.

Padilla cochichou: “Por que é que você está perdendo tempo discutindo com ela? Vai logo pro hospital”.

Botei um casaco e um chapéu em Mimi, preparei uma maleta com camisola, escova de dente e pente, e Padilla e eu a levamos para o carro enrolada numa coberta.

Quando abri a porta do carro, Owens gritou da varanda: “Ei, March!”. Ele tinha vindo para fora de camiseta e parecia um gigante de ombros encolhidos e joelhos unidos, no frio daquele tenebroso último dia do ano. “Telefone. Diz que é importante.”

Corri. Era Simon.

“Augie!”

“Fala rápido. O que é? Eu estou com pressa!”

“Quem tem que falar rápido é você”, bradou, furioso. “Eu acabei de receber um telefonema da Charlotte e ela disse que o Kelly Weintraub está espalhando pra todo mundo que você levou uma garota pra fazer um aborto.”

“E daí? O que é que tem, Simon?”

“É aquela mulher, não é, aquela que mora na pensão com você? Você tinha que avacalhar com tudo, né? Você tinha que deixar todo mundo descobrir a merda que você estava fazendo? Então, Augie, é aqui que os nossos caminhos se separam, antes que você me prejudique mais ainda. Eu não posso continuar carregando você nas costas. Já vou penar o suficiente tentando explicar como é que você podia estar comendo aquela garota o tempo todo em que estive noivo da Lucy. Sabe o que eu vou dizer? Eu vou dizer que você não presta, o que aliás não é mentira nenhuma, já que você é burro demais pra viver.”

“Você não vai nem me perguntar se o que o Kelly disse é verdade?”

Desdenhando do fato de eu ser tão ingênuo a ponto de imaginar que ele era idiota o bastante para acreditar no que eu iria lhe contar, ele disse com uma voz quase bem-humorada: “Tá bom, qual é a sua história? Você só estava fazendo um favor pra um outro sujeito, é isso? Você nunca comeu aquela garota? Você está morando no quarto ao lado do dela e nunca encostou um dedo nela? Escuta, a gente não tem mais dez anos, garoto. Eu vi aquela piranha. Ela não ia te dar sossego nem que você quisesse. E você não queria. Não vem me dizer que você não é assanhado. Todos nós somos, na nossa família. Por que é que você acha que nós viemos ao mundo, pra começar — nós três? Alguém descobriu que podia tocar a campainha sempre que quisesse. Você acha que eu me importo se você estava trepando com aquela garota? Mas, não, você tinha que se enrolar dessa maneira também — se enrascar do pior jeito possível; é assim que

tem que ser pra você achar que está certo. Você deve ser igual à mamãe mesmo. Bom, estou pouco me lixando se você acha que tem que fazer dessa forma. Mas eu não vou deixar você criar problemas pra mim com os Magnus.”

“Não tem nenhuma razão para você ter problemas com os Magnus. Escuta, amanhã eu converso com você sobre isso.”

“Ah, não, não conversa não. Nem amanhã nem depois de amanhã. De agora em diante você não tem mais nada comigo. Só me traz o carro de volta.”

“Eu passo aí e te explico o que realmente...”

“Fica longe de mim, esta é a última e única coisa que eu vou te pedir na vida.”

“Seu filho da puta!”, berrei, com lágrimas nos olhos. “Seu merda! Eu quero que você morra!”

Padilla veio correndo para me chamar e gritou da porta: “Anda logo, deixa de conversa”.

Praguejando, atravessei a sala empurrando e chutando os móveis de vime e fui para o carro.

“Qual é o problema? Por que as lágrimas? Isso é demais pra você?”

Respondi quando consegui: “Não, eu tive um desentendimento”.

“Vamos embora. Você quer que eu dirija?”

“Não, eu dirijo.”

Fomos primeiro ao hospital em que Mimi tinha sido operada. Mais sóbria no ar frio, ela disse que entraria sozinha. Nós a levamos até a entrada de emergência e deixamos que ela fosse, depois sentamos no carro e ficamos esperando, torcendo para que ela não saísse porta afora. Mas pouco tempo depois, por entre as gotas prateadas e congeladas do para-brisa, eu a vi surgir na porta e corri para ajudá-la.

“Eu disse...”

“Por que eles não te atenderam?”

“Tinha um sujeito lá. Quando contei pro cara, ele disse: ‘Não temos vaga num lugar como esse pra gente feito você. Por que você não teve a criança? Vai pra casa e espera o rabeção’.”

“*Chinga su madre!*”

Padilla me ajudou a levá-la de volta para o carro. “Tem um sujeito que eu conheço que eu acho que trabalha no laboratório de um hospital do North Side, se é que ele ainda está lá. Eu vou ligar pra ele.”

Parei o carro em frente a uma charutaria e Padilla entrou para telefonar.

“Eu acho que a gente deve tentar”, ele disse quando voltou. “A gente tem que dizer que foi ela que provocou o aborto. Muitas mulheres fazem isso. Ele me disse quem a gente deve procurar. Se esse médico que ele conhece estiver de plantão, talvez dê pé. Ele supostamente é um bom sujeito.” Em voz baixa, ele acrescentou: “Talvez a gente tenha que abandonar a sua amiga lá e se mandar. Ela está quase desmaiando. O que é que eles vão fazer? Eles não podem botar uma pessoa nesse estado na rua”.

“Não, a gente não vai abandonar a Mimi.”

“Por que não? Se virem você com ela, eles vão jogar ela de volta no seu colo na mesma hora porque não querem ficar com um abacaxi desses nas mãos. Eles escolhem os pacientes que estão dispostos a ajudar. Mas vamos usar a cabeça. Eu entro primeiro e sondo o médico.”

No entanto, entramos os três juntos. Não consegui ficar esperando no carro com ela e, de qualquer forma, já tinha decidido que ou eles a atendiam ou eu ia sair quebrando tudo o que visse pela frente. Então, fomos andando pelas primeiras salas adentro, que estavam quase vazias; com minha mão livre, tentei agarrar um sujeito de jaleco cinza de atendente que veio andando na nossa direção. Ele se esquivou e Padilla me disse: “Que diabo você está fazendo? Assim você vai estragar tudo. Agora senta com ela ali no banco e fica esperando até eu descobrir se o meu amigo está de plantão”.

Mimi tombou no meu ombro e eu senti a quentura da sua testa na minha bochecha. Já não estava mais conseguindo ficar sentada; eu a

amparei nos braços até que trouxeram uma maca para ela.

Padilla tinha sumido, e eu fui cercado, a princípio, como se estivesse sendo preso. Havia um guarda de plantão. Junto com o atendente, ele saiu por uma porta lateral com um copo de café na mão, de camisa azul e até cassetete pendurado no cinto.

“O que é que está havendo?”, perguntou um médico.

“Em vez de perguntar, por que é que você não cuida dela?”

“Você agrediu esse atendente?”, perguntou o guarda. “Ele levantou o braço pra você?”

“Levantou, mas não me acertou.”

Imagino que o guarda tenha reparado nessa hora que eu estava de smoking, pois as veias do seu pescoço não estavam tão medonhamente saltadas nem seus olhos tão ameaçadoramente apertados quando falou comigo. Eu estava vestido como um cavalheiro; logo, por que ele iria se arriscar?

“O que é que essa mulher tem? Você é o que dela, marido? Ela não está de aliança. Vocês são parentes ou só amigos?”

“Mimi? Ela desmaiou?”

“Não, ela só não está respondendo. Os olhos dela estão se mexendo.”

Padilla voltou, com um médico andando apressado na frente dele. “Traz essa moça pra cá e vamos ver o que é possível fazer”, disse o médico.

Manny olhou para mim com uma expressão de vitória. Nós nos livramos do feio bando de gente enxerida que estava ali querendo se inteirar da confusão e fomos com o médico. Enquanto andávamos, Manny foi contando uma história para o médico.

“Foi ela que fez o aborto sozinha. Ela trabalha e não tinha como criar um filho.”

“Como foi que ela fez?”

“Com alguma coisa, imagino. As mulheres não passam a vida inteira pesquisando essas coisas?”

“Eu já vi de tudo. Mas também já ouvi algumas histórias pra lá de mal contadas. Bom, se as mulheres sobrevivem, a gente não vai atrás do aborteiro; afinal, que bem isso faria à profissão?”

“Como é que ela está, pelo que dá pra ver assim de imediato?”

“Só o que eu posso dizer antes de fazer o exame é que ela perdeu muito sangue. Quem é esse outro sujeito que está tão nervoso?”

“Um amigo dela.”

“Se ele tivesse mesmo agredido aquele atendente, estaria passando o *réveillon* no xadrez com os bêbados. Por que é que está todo arrumado desse jeito?”

“Ih, o seu encontro!”, disse Padilla, assustado, levando a mão ao rosto comprido. Já passava das oito no silencioso relógio elétrico do quarto bem iluminado em que entramos.

“Quando eu souber o que a Mimi tem, eu vou.”

“Vai de uma vez. É melhor. Eu fico aqui. Não tenho nada marcado pra hoje e ia ficar em casa de qualquer forma. O médico não acha que seja nada de muito grave. O que é que você tem programado?”

“Um baile no Edgewater.”

Fiquei esperando até o médico voltar.

“O problema é basicamente perda de sangue e infecção na cicatriz da cirurgia da barriga, eu acho”, disse ele. “Onde foi que ela fez essa cirurgia?”

“Ela mesma vai responder às suas perguntas, se ela quiser”, eu falei para ele. “Eu não sei.”

“O que é que você sabe? Você sabe, por exemplo, quem vai pagar a conta?”

Padilla respondeu: “Ela tem dinheiro. Você não viu como as roupas dela são boas?”. Depois me disse, pois isso o preocupava profundamente: “Então, você vai se mandar ou não vai? O sujeito está noivo da filha de um milionário e em plena véspera de Ano-Novo ele deixa a garota esperando.”

“Preenche um passe pra mim, pra eu poder voltar mais tarde pra ver como ela está”, pedi ao médico. Ele fez uma cara perplexa e olhou para

Padilla. Eu disse então: “Pelamordedeus, doutor, não me faz perder tempo. Preenche logo essa porcaria. Que diferença faz pra você se eu voltar aqui mais tarde? Eu te contaria toda a minha triste história, mas só que agora não tenho tempo”.

“Ah, vai, preenche logo, não vai arrancar nenhum pedaço”, Padilla lhe disse.

“Um passe preenchido por mim não iria te ajudar em nada lá na entrada. Eu vou ficar de plantão até de manhã, então é só você entrar e pedir pra me chamar. O meu nome é Castleman.”

“É possível que eu volte logo”, acrescentei. Pois eu tinha certeza de que, como já tinha começado a espalhar a fofoca, Kelly Weintraub também já devia ter falado com o próprio tio Charlie Magnus. Mas também imaginei que tio Charlie e a esposa ainda não deviam ter contado para Lucy, não na véspera do Ano-Novo, quando ela tinha um baile para ir. Depois ele certamente iria me botar para fora a pontapé. Mas por que Lucy teria me pedido para chegar uma hora mais cedo? O baile só começava às dez. Telefonei para ela de novo e perguntei: “Você está esperando?”.

“Claro que eu estou esperando. Onde é que você está?”

“Não muito longe.”

“O que é que você está fazendo?”

“Eu tive que passar num lugar. Eu vou correndo agora.”

“Por favor!”

Pensando, enquanto dirigia, nessas duas últimas palavras dela, eu achei que Lucy não as tinha dito num tom de namorada impaciente, mas também não num tom suave ou tampouco ríspido. Fazendo uma curva aberta demais ao entrar na casa, com uma guinada de última hora, eu enfiei as rodas do carro na lama, raspei nos arbustos e só voltei para a pista quando já estava em frente ao portão. Do lado de dentro, nos saltos gastos dos sapatos que eu usava no trabalho e tinha esquecido de trocar, fui até o espelho do hall para dar um nó na minha gravata preta e vi no reflexo, pela fresta da cortina da sala, a barriga tensa de tio Charlie, seus pés pontudos

preparados e à espera na mixórdia oriental de bronze, seda, lã e tudo o que dava àquele lugar tanto poder, Lucy, a mãe e Sam, todos me observando. Senti que havia uma grande engrenagem armada contra mim. Mas eu tinha ido até ali para não desapontar Lucy, por quem meus sentimentos, tendo a chance, poderiam ter se reavivado e reacendido. Esperava olhares peçonhentos, contra os quais eu estava vacinado e imune; pelo menos, meu problema maior tinha feito esses olhares parecerem insignificantes; e não estava disposto a ser condenado por crime de lascívia e impostura ou fossem quais fossem as acusações que eles achavam que podiam fazer contra mim. De forma alguma nervoso, portanto, julguei que só tinha de me haver com Lucy, sem nenhuma caça à fortuna envolvida agora, pois eu poderia trilhar qualquer distância independentemente de irmãos, parentes e tudo mais, desde que o afeto dela fosse verdadeiro e ela estivesse, como sempre me dissera, apaixonada por mim. Essa era a questão, pois eu percebi que ela havia sido influenciada, embora não soubesse o quanto tinham lhe contado. O sorriso que ela me deu com sua boca larga, permanecendo sentada a distância em vez de vir me beijar, foi curioso — aquele bonito esboço de charme, coberto de batom, crescendo, parente da horrorosa fenda, que se abria numa direção diferente, dos cismáticos do sexto círculo do inferno, cortados de baixo para cima e partidos no rosto. Ah, caro rosto! estimado como o representante de todo o corpo, que, no entanto, fenece sob esse alto mandatário quando ele se torna por demais empanzinado e valioso. Ela, que agora me olhava de maneira tão pouco franca com sua fisionomia influenciada, tinha sido convencida pelos pais, e percebi que decisões haviam sido tomadas. Tudo ali estava me dizendo para ir embora. Mas nem uma única palavra havia sido dita ainda naquela assembleia oriental, e eu não tinha nenhum pretexto. Ainda era o acompanhante, empetecado — se você não me examinasse muito de perto — feito um corista, de camisa de peitilho engomado, e sem pensar em nada a não ser em galanteios e danças.

“Por que você não se senta?”, disse a sra. Magnus.

“Eu pensei que nós íamos sair imediatamente.”

“Então, Lucy!”, disse o pai.

E, diante dessa deixa, ela me disse: “Eu não vou com você, Augie”.

“Nem agora nem nunca”, ele a guiou.

“Nunca mais.”

“Você vai ao baile com o Sam.”

“Mas eu vim para levá-la, senhor Magnus.”

“Não, essas coisas, quando você decide terminar, é melhor terminar de uma vez”, disse a sra. Magnus. “Eu sinto muito, Augie. Eu pessoalmente não desejo nada de mal a você. Mas eu te aconselho a se controlar. Ainda não é tarde demais. Você é um rapaz bonito e inteligente. Não temos nada contra a sua família; eu respeito o seu irmão. Mas você não é o que tínhamos em mente pra Lucy.”

“E quanto ao que a Lucy tinha em mente?”, perguntei, com a garganta cada vez mais cheia de raiva.

O velho estava impaciente com o esforço da sra. Magnus para se portar com majestática dignidade e sabedoria. “Se casar com você, ela não vai mais ver a cor do meu dinheiro!”, disse ele.

“Bom, Lucy, pra quem é que isso faz diferença, pra mim ou pra você?”

O sorriso dela se alargou ainda mais e perdeu todas as outras intenções diante da simples insinuação de que fora ela quem me inflamara e que, excitado, eu descarregara tudo em outra pessoa, mas isso na verdade não tinha a menor importância, já que ela não puxara tão pouco assim ao pai, embora fosse uma menina, a ponto de deixar que todo aquele ardor no carro e na sala de visitas e com os lábios e línguas e dedos e o resto a fizesse realmente perder a cabeça e agir de maneira estúpida.

Eu não consegui entender ao certo qual foi a transação. Alguém disse alguma coisa sobre o para-lama do carro dela estar arrebentado. Aí ela confessou. E aí o pai disse que claro que o carro ia ser consertado. Desde que não houvesse mais nada arrebentado, sendo essa sua maneira delicada de se referir ao hímen. Mas ele achou que a coisa valia uma gargalhada;

deixando escapar assim também uma ameaça e um gemido na sua alegria de pai por ela ter continuado intacta.

Não havia mais nenhuma razão para ficar. Sam, a quem encontrei perto de mim quando fui apanhar meu casaco no hall, ameaçou me partir a cara se eu voltasse a incomodar sua irmã; mas, mesmo com toda a sua cerrada cobertura de pelos e seu traseiro espaçoso, ele não conseguiu fazer com que isso significasse nada para mim.

Entre no carro, cujo relacionamento comigo eu também sentia que estava perto do fim, e fui para o hospital.

Padilla tinha doado sangue para Mimi e estava deitado depois da transfusão no quarto em que eu o havia deixado, chupando uma laranja; seu braço magro, com sua curiosa única bola de músculo, coberto com um pedaço de esparadrapo, e seus olhos, sob uma indiferença superficial, negros e ativamente ocupados com algo que não consegui ver de imediato.

“Como é que está a Mimi?”

“Eles a levaram lá pra cima. Ela ainda está desmaiada, mas o tal do Castleman diz que acha que ela tem boas chances.”

“Eu vou subir pra ver como ela está. E você, como é que está?”

“Bom, eu acho que não vou precisar ficar mais muito tempo aqui. Vou pra casa daqui a pouco. Você vai ficar?”

Dei a ele um dinheiro para o táxi, pois não queria que ele tivesse de fazer a longa viagem de bonde até Hyde Park numa noite movimentada de feriado.

“Obrigado, Manny.”

Ele botou o dinheiro no bolso da camisa e de repente me perguntou, espantado: “Vem cá, como é que você voltou tão rápido do baile?”

Saí do quarto sem responder.

Mimi estava numa das enfermarias da maternidade. Castleman disse que não havia mais nenhum outro lugar em que botá-la, e achei que, de certa forma, aquele era o lugar certo para ela. Então, eu subi. Era um quarto grande e alto, no centro do qual havia uma mesa com um pinheirinho de

Natal com luzinhas acesas e, embaixo dele, uma caixa com bolas de algodão e bonecos de presépio.

Castleman me disse: “Você pode ficar aqui, mas não chame a atenção ou vão te botar pra fora. Eu acho que ela vai escapar dessa, apesar de ter feito tudo que podia pra não escapar, tirando cortar os pulsos e tomar veneno.”

Sentei ao lado da cama dela, na semiescuridão. Volta e meia entravam enfermeiras trazendo bebês para mamar e eu ouvia sussurros, choros irregulares, arrulhos de consolo, ruídos de corpos se mexendo na cama e de bocas sugando. Estava aberto a sentimentos que não encontravam obstáculos para tomar conta de mim, já que eu estava, no escuro e num canto, ressentido, amargurado, fulo e violento; e, à medida que esses sentimentos aos poucos se abrandaram, fui tomando consciência de outros extremamente sugestivos e daquele lugar em que eu havia ido parar. Comecei a respirar normalmente e fiquei bem mais calmo. Quando a algazarra da meia-noite explodiu, os apitos, sirenes, buzinas e toda a celebração, ela só entrou ali de maneira tênue, já que todas as janelas estavam fechadas e os ruídos de berçário continuaram do mesmo jeito.

Por volta de uma hora, desperta o bastante para ouvir o barulho dos meus movimentos, Mimi sussurrou: “O que é que você está fazendo aqui?”.

“Eu não tenho nenhum lugar especial pra ir.”

Ouvindo o choro dos bebês, ela se deu conta de onde estava. O comentário que fez comigo foi melancólico, perguntando se teria escapado de uma sina ou a cumprido. Isso talvez variasse conforme ela estivesse se sentindo fraca ou forte em relação ao que havia escolhido e feito, e correspondesse à verdade do estado de espírito em que se encontrava naquele momento, ouvindo os bebês mamando e chorando e os sons da atividade noturna da maternidade.

“De qualquer forma, acho que você está em boas mãos”, eu disse a ela.

Saí para andar um pouco, parando para ver os rostos dos bebês pela vidraça, e depois, como ninguém apareceu para reclamar, as enfermeiras provavelmente reunidas na sua própria celebração de Ano-Novo para um momento roubado de confraternização, continuei andando em direção à ala onde ficavam as salas de parto e, nelas, vi mulheres pelejando, dores grotescas e corpos distorcidos por barrigas imensas, um rosto forte que se afundava em rugas e emitia uma voz potente e melodiosa com a qual a mulher xingava obscenamente o marido que, pelo seu prazer, a pusera naquela situação; e outras, clamando por santos e mães, incontinentes, agarradas às barras das suas camas, chorando, ou com caras de pavor e olhos narcotizados. Tudo aquilo me atordoou. De forma que, quando uma enfermeira veio andando às pressas na minha direção para investigar quem eu era e o que estava fazendo ali, ela me pegou desprevenido. E, bem nessa hora, vieram gritos do elevador ali perto. Parei e fiquei vendo a luz subir em velocidade constante pelos números do painel de vidro. A porta se abriu; uma mulher surgiu diante de mim sentada numa cadeira de rodas e, no seu colo, recém-nascido num táxi ou na traseira de um camburão ou na sala de espera do hospital, coberto de sangue e berrando a ponto de fazer as veias saltarem, o peito e os ombros quadrados do esforço, estava um garotinho careca, vermelho e cobrindo a mãe de vermelho. Ela também soluçava, sem forças, as mãos cerradas, os olhos alucinados de medo; e ela e o bebê pareciam inimigos forçados a se encarar, como figuras de uma guerra. Eles foram empurrados para fora do elevador, passando tão perto de mim que o braço da mulher roçou no meu.

“O que você está fazendo aqui?”, disse a enfermeira com cara enfezada. Eu não tinha o direito de estar ali.

Voltei para a enfermaria e, quando vi Mimi dormindo, com a testa bem mais fria, saí do hospital pela escada que Castleman havia me mostrado e fui para o carro, com flocos de neve fresca caindo aos meus pés sobre a camada cinza de gelo.

Não sabia exatamente onde estava quando saí com o carro. Fui andando devagar pela neve cada vez mais espessa, por ruas laterais, torcendo para sair numa via principal, até que finalmente dei com o Diversey Boulevard, numa parte deserta e cheia de fábricas, não muito distante do braço norte do rio. E ali, quando a ideia de me atirar logo na cama começou a parecer agradável, percebi que um dos pneus de trás tinha furado. O pneu esvaziou e eu fui me arrastando até o acostamento no aro da roda e desliguei o motor. Tive de descongelar a tranca do porta-malas com fósforos e, quando por fim peguei as ferramentas, não consegui entender como o macaco funcionava. Era um modelo novo, e eu estava acostumado com o tipo que era acionado por manivela, como o que Einhorn tivera. Tentei durante algum tempo, embora a camisa engomada me arranhasse a pele e o frio me congelasse os pés e os dedos. Então, joguei as ferramentas de volta no porta-malas, tranquei o carro e comecei a procurar um lugar onde pudesse me esquentar. Mas tudo estava fechado e, agora que eu sabia onde estava, lembrei que não era longe da casa dos Coblin. Conhecendo os horários de Coblin, não hesitei em ir até lá e acordá-lo.

Quando a lâmpada amarela se acendeu no hall escuro da casa e Coblin descobriu quem estava tocando a campainha, piscou os olhos, espantado.

“O carro enguiçou no Diversey e achei que podia vir até aqui, já que você acorda por volta dessa hora pra entregar os jornais.”

“Não, hoje não. É Ano-Novo; as redações estão fechadas. Mas eu não estava dormindo. Acabei de ouvir o Howard e a Friedl voltando de uma festa. Entra, pelo amor de Deus, e descansa. Vou pegar um cobertor e você pode deitar no sofá.”

Entrei, grato, tirei a camisa que estava me torturando e cobri os pés com almofadas.

Coblin estava radiante. “Que surpresa eles vão ter de manhã quando virem o primo Augie aqui! Rapaz, isso é ótimo! A Anna vai ficar no sétimo céu.”

Por causa da luminosidade do dia e também do barulho na cozinha, acordei cedo. Prima Anna, tão desmazelada quanto em outros tempos, estava fazendo panquecas e café e tinha estendido uma enorme toalha na mesa. Seu cabelo estava ficando branco e seu rosto, com suas verrugas e pelos, parecia mais escuro. Havia melancolia nos seus olhos, mas essa melancolia era a forma da sua emoção, e não qualquer pessimismo radical. Chorando e me abraçando, ela disse: “Feliz Ano-Novo, meu menino querido. Que você só encontre felicidade no seu caminho, como você merece. Eu sempre te amei”. Eu a beijei, apertei a mão de Coblin e nos sentamos para tomar café.

“De quem é o carro que enguiçou, Augie?”

“Do Simon.”

“O seu irmão magnata.”

“Mas não enguiçou não. Foi só o pneu que furou, e eu estava congelado demais pra trocar.”

“O Howard vai te ajudar quando ele acordar.”

“Não precisa não...” Pensei em mandar as chaves para Simon pelo correio e deixar que ele mesmo viesse buscar a porcaria do carro. Mas essa ideia vingativa foi passageira. Tomei café e fiquei olhando pela janela para a luminosa primeira manhã do ano. Na rua seguinte havia uma igreja grega, cujo domo em forma de cebola flutuava no meio do azul polido e purificado pela neve, cruz e coroa juntas, os poderes unidos do céu e da Terra, neve em todas as fendas, uma neve feito grãos de açúcar. Também deixei para trás a igreja e me concentrei só no grande azul profundo. Os dias continuam iguais, embora os tempos tenham mudado. Os primeiros marinheiros que avistaram a América, aquela doce visão para onde a barriga do oceano os trouxera, não viram uma cor mais bonita que aquela.

“Augie, foi muita pena a Friedl não poder ter vindo da Ann Arbor para o casamento do seu irmão; ela estava fazendo provas. Você não vê a Friedl desde que ela era criança, e você devia ver. Ela está tão linda. E eu não estou dizendo isso só porque ela é minha filha — Deus é testemunha. Você

vai ver com os seus próprios olhos daqui a pouco. Mas toma aqui, olha, é uma foto dela na faculdade. E essa daqui saiu no jornal quando ela presidiu o sarau beneficente. E ela não é só bonita, Augie...”

“Eu sei que ela é muito bonita, prima Anna.”

“E por que é que você quer se envolver com os parentes novos do seu irmão, aquela gente grossa? Olha como ela está desenvolvida nessa foto. Ela era a sua queridinha quando vocês eram crianças. Você dizia que vocês estavam noivos.”

Eu quase a corriji: “Não, quem dizia isso era *você*”. Em vez disso, ri; ela achou que eu estava rindo dessas alegres lembranças e riu também, entrelaçando as mãos e fechando os olhos. Aos poucos, percebi que ela também estava chorando ao mesmo tempo que ria.

“Eu só peço uma coisa da vida. Que antes de morrer eu possa ver a minha filha feliz com um marido.”

“E filhos.”

“E filhos...”

“Pelo amor de Deus, onde é que estão essas panquecas? Não tem nada no prato”, disse Coblin.

Ela correu para o fogão, deixando as fotos espalhadas na minha frente, álbum e recortes, para os quais fiquei olhando. Só para, por fim, desviar os olhos novamente para o céu.

a “Não posso fazer outra coisa”, palavras que, segundo a tradição, teriam sido ditas por Martinho Lutero ao apresentar-se perante a dieta de Worms (1521). (N. T.)

b Henry Horner (1879-1940) foi governador de Illinois de 1933 a 1940.

c “Maluco”, em iídiche (N. T.)

d Charles Edward Coughlin (1891-1979), padre católico que teve um programa de rádio bastante popular na década de 30, em que abordava principalmente assuntos políticos e econômicos. Tendo apoiado inicialmente o New Deal de Roosevelt, passou, a partir de meados da década, a criticar ferozmente a política do governo, Wall Street e os banqueiros internacionais, atribuindo a culpa pela Grande Depressão ao que chamava de “uma conspiração internacional de banqueiros judeus”. (N. T.)

e Personagem de uma das histórias (“The Town-Ho’s Story”) narradas em *Moby Dick*, de Melville. (N. T.)

13.

Eu não era mais criança, nem em idade nem em proteção, e fui atirado de vez na roda-viva do mundo. Se você acredita, como algumas pessoas, que a intimidade, a familiaridade e o amor contínuos podem resultar em falsidade, isso de ser jogado no mundo pode ser uma coisa muito desejável, ainda que triste. Foi o que Cristo quis dizer quando chamou a mãe de “mulher”. Que, afinal, ela era como qualquer mulher. Que, em qualquer vida de verdade, você tem de sair e ser exposto fora do pequeno círculo que abarca duas ou três cabeças na mesma história de amor. Experimente ficar, para ver, do lado de dentro. Veja quanto tempo você aguenta.

Lembro que uma vez eu estava num mercado de peixe numa praça de Nápoles (e os napolitanos são pessoas que não abrem mão facilmente da consanguinidade) — um mercado de peixe em que os mexilhões eram arrumados em buquês com barbantes coloridos e fatias de limão, lulas apodreciam com as pintinhas afundadas no meio da sua flacidez, peixes prateados sangravam e outros exibiam curiosas moedas de escamas — e vi um velho mendigo sentado nas conchas, de olhos fechados, com uma mensagem escrita no peito em mercurocromo: *Aproveite a minha morte iminente para mandar uma mensagem aos seus entes queridos no purgatório: 50 liras.*

À beira da morte ou não, esse velho maroto estava debochando de todo mundo por causa do círculo de amor que nos protege. Seu peito magro subia e descia enquanto ele respirava o fedor de maresia do litoral quente e

seu cheiro de explosões e incêndios. A guerra tinha se deslocado para o norte não fazia muito tempo. Os napolitanos que passavam sorriam e se entristeciam, cheios de ironia e saudade ao ler essa engenhosa afronta.

Você faz tudo o que pode para humanizar e familiarizar o mundo e, de repente, ele se torna mais estranho que nunca. Os vivos não são mais o que eram, os mortos morrem de novo e de novo e, por fim, para sempre.

Eu vejo isso agora. Naquela época, não.

Bem, eu voltei para os livros, a ler livros, não a roubá-los, enquanto vivia do dinheiro que Mimi me devolveu e do que ela me emprestou quando se recuperou e voltou a trabalhar. Tendo terminado o relacionamento com Frazer, Mimi tinha conhecido Arthur Einhorn e começado a sair com ele. Ainda continuava trabalhando de garçonete. Eu fazia minhas refeições no lugar onde ela trabalhava. Estendido na cama, terminei a coleção de clássicos que Einhorn havia me dado, os livros que eu mantinha na caixa de papelão original e estavam marcados pelo fogo e pela água. Eles tinham um cheiro um pouco asfíxiante. Então, se Ulisses descia ao inferno ou havia conflagrações em Roma ou em Londres, ou homens e mulheres se entregavam à luxúria como faziam nas obras de São Paulo, eu podia inalar um odor que complementava a leitura. Kayo Obermark me emprestava livros de poetas e me levava para assistir a aulas de vez em quando, o que aliás melhorou sua frequência. Ele não gostava de ir às aulas sozinho.

Não posso garantir que não tenha sido por despeito, como a raposa desdenhando das uvas, que a universidade não me entusiasmou muito — digo isso porque, de acordo com o trato que eu havia feito com Simon, eu deveria voltar a estudar na primavera —, mas o fato é que ela não me entusiasmou. Não estava convencido da importância daquela solenidade de pedra, ou de que você não podia alcançar os galhos mais altos do pensamento sem ela ou de que tinha de ficar sentado no interior daqueles muros copiados do Velho Mundo. Achava-os idólatras demais, monumentais demais. Afinal, quando o vento virava para o sul e para o oeste e soprava dos currais dos matadouros trazendo a poeira das fábricas

de fertilizantes para as belas trepadeiras que cobriam os muros, eu tinha a sensação de que alguns dos estágios intermediários entre a bruta criação e a mente sublime tinham sido pulados, e isso era um salto muito grande.

Naquele inverno, passei uma temporada trabalhando para a WPA.^a Mimi insistiu para que eu fosse e me inscrevesse. Disse que seria simples, o que certamente foi. Eu preenchia os dois requisitos: estava necessitado e era cidadão americano.

O problema era que eu não queria ser designado para um daqueles destacamentos que trabalhavam nas ruas e que eu já tinha visto levando tijolos de um lugar para o outro, com aquele senso envergonhado de inutilidade que você sentia no ar quando o grupo se deslocava um pouco, apenas o suficiente para satisfazer a exigência mínima do trabalho. Mimi, porém, argumentou que eu sempre podia pedir demissão se fosse designado para um desses serviços e fosse orgulhoso demais para fazê-lo; ela achava que não era um bom sinal em mim eu achar que tinha de trabalhar num escritório; eu estaria melhor se trabalhasse ao ar livre entre pessoas mais simples. Não eram as pessoas que me incomodavam, mas o barulho de um tijolo batendo no outro e aquela melancólica percussão de cinquenta martelos trabalhando juntos. Mas fui me inscrever porque Mimi se sentia na obrigação de cuidar de mim, assumindo-me como responsabilidade sua e me dando dinheiro e, como não éramos amantes, isso seria injusto.

Enfim, eu me matriculei e fui designado para um tipo errante de serviço, que era na verdade o melhor que eu poderia esperar. Fui trabalhar num recenseamento habitacional, vistoriando cômodos e encanamentos em fundos de quintal. Podia determinar meu próprio horário de bater o cartão de ponto e gazetear consideravelmente, como todo mundo esperava que eu fizesse; quando o tempo estava hostil, eu podia ficar matando tempo numa mesa escondida no fundo de um café até a hora de bater o ponto. Além disso, poder entrar nas casas das pessoas satisfazia minha curiosidade. O difícil era ver dez pessoas enfiadas num mesmo quarto,

banheiros em escavações debaixo da rua e crianças com mordidas de rato. Era disso que eu não gostava muito. A fedentina dos matadouros me impregnava de um jeito pior ainda que o cheiro dos cachorros da loja de Guillaume. E mesmo para mim, tão acostumado com bairros miseráveis quanto indianos com elefantes, aquilo era uma terra incógnita. Os diferentes cheiros da carne em todos os estágios do desejo à doença me acompanhavam. E toda a imaginação, paixão ou até desejo homicida que você pudesse conceber estavam embrulhados em aparente simplicidade ou enfado, com a grosseria elementar de uma dona de casa apalpando repolhos na quitanda de um polaco, ou um sujeito levando um copo de cerveja à sua cara branca e aparentemente sem vida, ou um comerciante pendurando calcinhas e ligas femininas na vitrine de uma loja de aviamentos.

Fiquei nesse trabalho até o fim do inverno, e então Mimi, que estava sempre por dentro desse tipo de coisa, teve a ideia de que poderia haver alguma coisa para mim na campanha do CIO,^b que havia acabado de começar. Isso foi logo depois das primeiras greves de braços cruzados. Mimi foi uma das primeiras a se filiar ao CIO dos trabalhadores de restaurantes. Não que tivesse alguma grande queixa contra o lugar em que trabalhava, mas acreditava em sindicatos e se dava bem com o organizador da campanha, um sujeito chamado Grammick. Ela me apresentou a ele.

Esse tal Grammick não era nenhum tipo turbulento; ao contrário, tinha certas semelhanças com Frazer e também com Sylvester. Era universitário, tinha uma fala mansa e um quê de pastor de centro comunitário de área carente que está tentando fazer o melhor que pode; era brando com os desordeiros, mas estava acostumado a lidar com eles, sabendo como despertar o sentimento de culpa. Tinha um tronco comprido, mas suas pernas eram relativamente curtas; andava rápido, com os pés virados para dentro, desajeitado no seu jaquetão transpassado. Peludo ao extremo, era uma pessoa suave e até delicada. Mas não era um adversário fácil para os seus oponentes. Nunca se deixava pegar desprevenido, aguentava firme

todo tipo de pressão, era inteligente e também sabia usar de artimanhas quando era preciso.

Consegui causar uma boa primeira impressão, e ele concordou que talvez eu desse para organizador. Na verdade, foi até muito simpático comigo. Fiquei com a sensação de que minha boa impressão não tinha sido só obra minha, mas que ele estava tentando passar uma cantada em Mimi.

Com o tempo, porém, aprendi a dar valor a Grammick por várias razões. Embora chamasse tão pouca atenção que podia entrar e sair sem ser particularmente notado tanto em *lobbies* de hotel quanto em entradas de serviço, quando surgia algum problema ele sabia agir com autoridade e não se deixava assustar por situações que ele havia criado. Eu admirava sua capacidade de perceber antecipadamente erros e acertos que ainda não tinham ficado à vista.

“É, eles estão contratando organizadores. Querem pessoas experientes, mas eu só não sei onde é que eles vão encontrar essas pessoas. Os problemas estão se acumulando rápido demais.”

“O Augie é o tipo de pessoa que vocês precisam”, disse Mimi, “alguém que sabe falar a língua dos trabalhadores.”

“Ah, é? Ele sabe?”, disse Grammick, olhando para mim. Eu achei graça dessa maneira de fazer propaganda de mim e disse que não sabia de quem era a língua que eu falava.

Mas isso não fazia a menor diferença, como descobri assim que comecei no emprego. As pessoas estavam correndo para se filiar, com uma pressa que era quase um fenômeno da natureza, como um enxame mudando de colmeia; e, concentradas no seu propósito, elas tinham aquela suscetibilidade de quem está imerso no senso do seu próprio movimento e que gera choques e picadas. Devia parecer uma onda migratória, uma corrida por terra ou uma caça ao ouro. Só que dessa vez a ideia que estava por trás era a justiça. O estopim disso havia sido as grandes greves, com todas aquelas pessoas sentadas de braços cruzados ao lado de suas

máquinas e fazendo reuniões, mas reuniões graves. Isso aconteceu nas indústrias de automóvel e de borracha, e o que eu estava vendo era o resultado de longo alcance que isso produzira, atingindo até o mais insignificante pescador de pérolas perdido em algum fim de mundo.

Comecei numa mesa da sede do sindicato — que não era o tipo de lugar tosco que talvez você imagine, mas sim um ambiente tão respeitável quanto um prédio de banco, na Ashland Avenue; tinha até um restaurante próprio e uma sala de sinuca (apenas um brinquedo, para a recreação dos associados, nada que lembrasse o salão de Einhorn) no porão. Eu deveria ser uma espécie de secretário de Grammick e cuidar da parte das tarefas que dizia respeito ao telefone e ao escritório. A previsão era que eu ficaria apenas medianamente ocupado e poderia ir aprendendo aos poucos o que precisava saber. Em vez disso, veio um bando de gente em cima de mim querendo ação imediata; como um velho ajudante de cozinha com um talho na mão e tão coberto de gordura quanto um mineiro coberto de terra que queria que eu fosse até lá falar com o chefe dele, *subito*; ou um índio que trouxe suas queixas num poema escrito num saco de papel empapado de óleo de *doughnut*. Não havia uma única cadeira vazia na minha sala, que ficava bem afastada dos escritórios principais, reservados aos trabalhadores de grandes indústrias. Não fazia diferença o quanto eu estava escondido. Eu teria sido encontrado mesmo dentro de um cofre de aço pelo mais ínfimo sinal de uma possível correção de injustiças, ou por um vestígio tão tênue quanto o que faz a mariposa noturna atravessar mais de dez quilômetros de campos cegos.

Vinham camareiras gregas e negras de tudo quanto era hotel, porteiros, carregadores de mala, atendentes de chapelaria, garçonetes, especialistas como chefes de despensa de estabelecimentos chiques de Gold Coast, lugares a que eu tinha ido com a caminhonete de cachorros e, portanto, conhecia um pouco. Todo tipo de gente estava vindo. A humanidade das galerias subterrâneas de esgoto, estocagem e carvão também emergiu, homens da manutenção, os humilhados dos serviços à minuta; ou um

francês ducal, de chapéu melão, com pinta de cantor, que se autodefinia como “o cozinheiro da beleza” e escreveu no seu cartão de visitas sem tirar as luvas. E, ainda, velhos trabalhadores itinerantes acostumados a fugir para o sul no inverno, rostos pálidos que lembravam caras de sabujo, sujeitos com carteirinhas de Wobbly^c de outros tempos, velhas imigrantes do Leste europeu que traziam cartas explicando o que queriam, e todas as variedades de bocas esmurradas, enfermidades, embriaguez, atordoamento, inocência, claudicância, rastejamento, insanidade, preconceito, e da lepra absoluta passando por todos os estágios de novo até a mais vigorosa e aprumada beleza. Então, se essa coleção de gente não tem nada em comum com o que teria constituído a retaguarda do exército de um Xerxes ou de um Constantino, coisas novas haviam sido formadas; mas o que me impressionava nelas era uma sensação de antiguidade e de perseverança. Suponho, no entanto, que a felicidade e a alegria sempre tenham sido iguais; então, quanta variação poderia haver nos seus opostos?

Lidar com aquelas pessoas, inscrevê-las na organização e explicar o que poderiam esperar não eram só gentilezas e amabilidades. Muitas vezes era difícil, quando eu queria tirar o corpo fora. A demanda era tão feroz, já que circulava a ideia de que estávamos vivendo uma espécie de hora do juízo, que elas queriam arrancar você da sua mesa para ir junto com elas. Em vez disso, eu tinha de prometer que iria investigar.

“Quando?”

“Em breve. Assim que for possível. Estamos com uma longa lista de pedidos pra atender. Mas não vai demorar muito.”

“Filhos da puta! Aqueles caras! Nós estamos só esperando vocês pra ferrar com eles. Você devia ver aquela cozinha!”

“Um organizador vai entrar em contato com vocês.”

“Quando?”

“Olha, eu vou ser sincero com você, nós estamos com falta de pessoal porque a procura está sendo muito grande; não temos homens suficientes. Mas o que vocês precisam fazer enquanto isso é se preparar. Fala pro seu

peçoal assinar as fichas de inscrição e preparar uma lista de reivindicações e queixas.”

“Tá, tá. Mas, moço, quando é que o homem de vocês vai lá? O patrão vai ligar pra AFL e assinar um contrato com eles, e aquela gente lá é fogo.”

Tentei discutir sobre esse perigo com meus superiores. Naquele momento, porém, hotéis e restaurantes não estavam nas prioridades deles; não tinham tempo para cuidar dos problemas desse peçoal, já que estavam ocupados com a grande greve dos funcionários do comércio varejista, com lojas de roupas de Chicago Heights que estavam furando a greve e com outras coisas assim, mas também não queriam recusar novas adesões e pretendiam manter esses novos filiados até terem condições de dedicar a eles o tempo e o dinheiro necessários. Em suma, Grammick e eu deveríamos segurar as pontas. Aprendi a fazer mais ou menos como Grammick fazia. Ele trabalhava dezesseis horas por dia durante dez ou doze dias seguidos e, depois, sumia do mapa dois dias inteiros. Passava esse tempo no apartamento da mãe, dormindo, comendo bife, tomando sorvete, levando a velha ao cinema ou lendo. De vez em quando, dava uma escapulida para assistir a alguma aula. Também estava estudando advocacia. Não ia deixar que o trabalho o sugasse a ponto de não ter mais vida peçoal.

Eu me deixei levar pela torrente; estava precisando mesmo de alguma coisa assim naquele momento por causa da minha briga com Simon. Depois de cumprir o expediente no escritório, pegava um bonde e ia me encontrar com cozinheiros, lavadores de prato ou recepcionistas de hotel que trabalhavam no turno da noite — aquelas noites folhosas do início da primavera em ruas do North Side, onde o bonde parecia vagar como se não estivesse em cima de trilhos, pela Fullerton ou pela Belmont, quando as campânulas brancas da catalpa estavam se abrindo e até a poeira podia ter um cheiro doce. Muitos recepcionistas pediam especificamente que você fosse à noite, quando eles podiam falar livremente. A parte conspiratória da coisa era interessante; e, com as ideias radicais que andavam circulando

então, aquelas pessoas que se encontravam numa posição que lhes permitia pensar, já que ficavam acordadas a noite inteira, queriam uma chance de dizer as coisas que ensaiavam na sua solidão e que às vezes traziam guardadas no peito fazia muito tempo. Verdades e falsidades eram ditas mais ou menos na proporção de praxe, na minha opinião. Mas não cabia a mim julgar isso, e sim levar o trabalho adiante. Alguns daqueles sujeitos estavam realmente querendo botar para quebrar. Desconfio que eles gostariam que eu fosse mais perigoso do que aparentava ser. Sei que eu parecia saudável e corado demais, nem de longe curtido e amarelado o bastante para poder avaliar o que eles estavam enfrentando. Meu jeito era ao mesmo tempo desleixado e animado demais. Eles estavam à procura de uma personalidade sigilosa e vulcânica que pudesse preparar o momento em que eles se ergueriam bradando rebelião. E, em vez disso, eu chegava lá feito uma brisa — eu sabia que às vezes minha cor e a altura do meu cabelo, meu jeito relaxado, os ofendia. Mas não tinha jeito.

De vez em quando, eles até pediam as minhas credenciais.

“Eles mandaram *you* da central?”

“Você é o Eddie Dawson?”

“Sou.”

“Eu sou o March. Você falou comigo no telefone.”

“Você?”, disse Dawson. E eu sabia que ele estava esperando encontrar um diabo ruivo de cara chupada, veterano das greves nas minas de carvão, na indústria de óleo ou nas fábricas de tecido de New Jersey. Sim, isso no mínimo — alguém cujas primeiras forças claramente haviam sido sugadas na penitenciária de Paterson.

“Não precisa ficar preocupado. Eu sou de confiança.”

Então, ele se resignou; tinha sido enganado pela minha voz no telefone. Mas pelo menos eu poderia servir de mensageiro para os chefões, que certamente deviam estar ocupados *guy-fawkseando*^d o Drake Hotel ou a Palmer House — porque para Eddie Dawson tinha de ser assim, levando pólvora para dentro dos túneis.

Ele me diria, então, o que queria que meus superiores soubessem e o que eu deveria fazer.

“Eu quero que você marque uma reunião com o seu manda-chuva lá...”

“Você quer dizer o senhor Ackey?”

“Você diz pra ele que eu posso unir os funcionários, mas que antes de entrar em greve queremos falar com ele, nós todos. É só pra dar mais confiança pro meu pessoal.”

“Por que é que você tem tanta certeza que vocês vão ter que entrar em greve? Talvez vocês consigam suas reivindicações.”

“Você sabe quem administra esse palácio de pulgas?”

“Quem, algum banco? Uma administradora? A maior parte desses estabelecimentos pequenos...”

“É uma firma chamada Holloway Enterprises.”

“O Karas?”

“Você conhece?”

“É, por acaso eu conheço, sim. Eu já trabalhei pro Einhorn, o agente de seguros, que é casado com a prima dele.”

“Sei, ele faz as apólices daqui. Você sabe que tipo de lugar isso aqui é, não sabe? Isso aqui é um lugar pra rapidinhas.”

“É mesmo?”, falei, observando que a grande testa de Dawson, vermelha e cheia de veias sob uma nuvem clara de cabelos louros, estava coberta de suor e que ele secava as mãos de unhas feitas apertando inconscientemente sua camisa de listras cor-de-rosa. “Se isso é um problema, é um problema pra polícia. Você não quer que o CIO crie um sindicato *delas*, quer?”

“Não fala bobagem. Eu quis dizer que sou eu que tenho que aguentar a pior parte porque sou o recepcionista da noite. Mas, enfim, se você conhece o Karas, sabe se vai ser fácil ou não nós conseguirmos as nossas reivindicações.”

“É, ele é osso duro.”

“Pois bem então, quando eu tiver preparado o terreno, você pede alguns minutos pro senhor Ackey pra gente poder conversar com ele.”

“Tá bom, a gente pode providenciar isso”, disse eu, que não conhecia Ackey o suficiente nem para dizer bom-dia quando acontecia de cruzar com ele entrando ou saindo do banheiro. Mas eu o representava.

Nos restaurantes populares, a situação era bem diferente. Lá, eu era visto com mais respeito e confiança. Nas cozinhas, encontrava velhos que traziam escrita na testa, em letras garrafais, a vivência de cortiços, hospitais municipais e serviços beneficentes, e não havia nada parecido com o ressentimento de um sujeito feito Dawson, com aquela sua camisa listrada, que estava próximo o bastante da condição de Karas para entender como ele ganhava dinheiro, para odiar e invejar, e também para querer desfilhar alinhado nas pistas, usar xadrez *pied-de-coq*, ter um binóculo e um estojo e ser visto ao lado de um belo mulherão com maçãs do rosto salientes e orgulhosas.

Para ilustrar o contraste, cito o exemplo de um velho que trabalhava numa das tascas gordurentas da Van Buren Street. Ele pedia que eu viesse pela viela lateral, onde as grandes pedras do calçamento exalavam vapores de mijó, e lhe fizesse sinal da janela. Então, ficava rígido de cautela e me respondia com um gesto oblíquo de cabeça que poderia ser tomado por outras pessoas como um movimento fortuito. Por fim, perto da porta, tínhamos aos cochichos uma conversa que poderíamos ter tido tranquilamente depois do horário do expediente. Só que provavelmente ele também queria que eu desse uma espiada no seu local de trabalho. A pele zangada dos seus braços acostumados a mergulhar em pias cheias de louça e sua magreza ossuda e torta de cavalo, os dentes compridos e os olhos de uma liquidez esparramada na noite estrelada da viela; e também a comida naquele estado terrível de quando você desconfia que ela está virando lixo que ele trazia nas suas roupas e em toda a sua pessoa, seu hálito e seu cabelo logo abaixo de mim. Sob a casca frágil do seu crânio, ele raciocinava, seus pensamentos vazando como água de uma tubulação esburacada. E você acha que ele se importava, como Dawson, se eu me parecia ou não com o organizador dos sonhos dele? O que ele queria era

dar sua pequena contribuição para a correção de injustiças, de modo que para ele já era o bastante poder me localizar num escritório ou que eu me dispusesse a ir até aquela viela fedida para conversar com ele e a aceitar as listas que ele me passava com os nomes de outros trabalhadores interessados em se filiar ao sindicato. Eu deveria ir atrás deles em seus quartos de cortiço cheios de mofo. Lugares em que eu já tinha ido com objetivos completamente diferentes quando trabalhava para Simon, recrutando peões. Não adiantava grandes coisas imaginar que eu havia invertido completamente o rumo da minha vida e agora estava adentrando aquelas cabeças de porco pelo lado da luz, quando antes havia entrado pelo lado das trevas. Nos momentos em que conseguia refletir com clareza a respeito das minhas funções, eu chegava à conclusão de que não podia pensar muito em pessoas individualmente, mas sim no único grau de avanço em que todo mundo poderia ser incluído.

Atendendo a um chamado na minha antiga vizinhança certa manhã, dei uma passada na casa de Einhorn e o encontrei na sua ensolarada sala de visitas-escritório, envolto por aquele bafio peculiar e familiar de café, cama, jornais, da sua própria loção de barba e do pó de arroz das duas mulheres. Mildred, com seus sapatos ortopédicos — ela era educada, mas não ia com a minha cara —, já estava sentada à sua máquina de escrever, com o sol lhe esquentando e iluminando a nuca, que acabara de ser raspada até a borda em que começava sua basta cabeleira. No outro lado da rua, vazias, estavam as janelas do escritório dos velhos tempos de prosperidade e *grandes circunstâncias*. Não achei que o estado de espírito de Einhorn estivesse lá muito bom, embora não pudesse tirar essa conclusão me baseando no seu semblante carregado. Por algum tempo, tive a impressão de que ele estava pretendendo me dar um tratamento de silêncio até que eu fosse embora. Ficou respirando e se apalpando, olhando para o dia pela janela, fumando, mordiscando alguma coisa, soltando gases. Parecia melancólico e até zangado.

“Como é que é o salário nesse seu novo emprego?”, perguntou, decidindo falar. “Justo?”

“É um bom salário.”

“Então tem algo de bom saindo disso”, comentou, seco.

Eu achei graça. “É só isso que você pensa?”

“Bom, pelo menos isso. Eu não quero estragar a sua empolgação, garoto, se você acha que está fazendo alguma coisa. E lembra que eu não sou nenhum conservador, só porque fico aqui sentado numa cadeira. Isso aqui está longe de ser um clube de ricos. Na verdade, eu tenho menos a perder do que muita gente por aí, então não tenho medo de pensar no extremo. Tenho alguns negócios com o Karas, mas isso não quer dizer que as minhas opiniões tenham que coincidir com os meus interesses. Interesses! Grandes interesses! Ele é um *depenador*, o Karas. Acabou de comprar um lugar novo enorme em San Antonio.”

Eu agora estava convencido de que havia alguma coisa errada. “Então você acha que é perda de tempo o que eu estou fazendo?”

“Pra mim, as ideias são as mesmas dos dois lados. De que é que adiantam as mesmas velhas ideias? Dos dois lados. Tirar um pouco de um lado e dar pro outro, é a mesma velha economia.”

Ele não queria discutir comigo para início de conversa, mas, como eu não ia embora, ele se forçou a encarar o assunto, a princípio por pura irritação e, depois, dizendo o que realmente pensava. Eu não estava empolgado, não como ele insinuou, mas me senti, sim, instigado a dizer: “Bom, as pessoas se levantam todos os dias pra ir trabalhar; não é certo que isso não passe de uma ilusão, ou que elas tenham que se sentir tão gratas por terem a chance de manter esse hábito que não possam pedir mais nada”.

“E você acha que fazendo greve vocês vão conseguir transformar bananas em homens? Se eles tiverem um representante pra reclamar por eles? Balela!”

“Então é melhor deixar por conta do Karas ou de um gorila de um agente sindical que aceita suborno dele?”

“Escuta aqui, só porque eles nasceram você acha que eles têm que virar homens? Isso é uma ideia antiquada. E quem é que diz isso pra eles? Uma grande organização. Mais uma grande organização. E uma grande organização ou ganha dinheiro ou não sobrevive. E se ela ganha dinheiro, ela existe *pra* ganhar dinheiro.”

“Se essas grandes organizações não podem mesmo ter outra razão de ser que não essa, isso é mais razão ainda pra que elas defendam as mais variadas coisas”, argumentei. “Tem que haver organizações de todos os tipos.”

Enquanto isso, ignorando nossa conversa, Mildred continuava datilografando relatórios. Einhorn não respondeu; achei que o motivo de ele ter se calado fosse o fato de Arthur ter surgido da metade da casa em que ficava a cozinha, pois a autoridade intelectual de Arthur às vezes fazia o pai hesitar em emitir francamente suas opiniões. Mas daquela vez não foi isso. Arthur só ficou ali alguns instantes, mas era evidente que todo o nervosismo e a dificuldade que pairavam no ar eram por causa dele. De suéter preto, ombros estreitos, as mãos nos bolsos de trás, ele veio andando devagar, com uma ruga de velho na testa que me surpreendeu, e seus olhos foram assumindo gradações de escuro até chegar a uma cor muito sombria de preocupação. Inclinou a cabeça para o lado, encostando o cabelo volumoso no lambri da porta, e a fumaça do seu cigarro fugiu para o sol, onde se tornou sedosa. Embora não estivesse bem certo de quem eu era a princípio, ele deu um sorriso suave, mas também doentio ou cansado. Percebi que Einhorn estava retesado, até o tecido do seu paletó, de raiva dele e preparado para ser grosso, como que a um passo de escorraçá-lo dali, e me dei conta de que fora por isso que Mildred tinha sido tão fria comigo e ficado martelando na sua máquina como se fosse uma forma de me fazer ir embora.

Então, uma criancinha veio correndo da cozinha, e Arthur a segurou de um jeito inconfundível de pai, balançando-a dependurada pelos seus dedos. Atrás deles, Tillie se levantou, mas não se aproximou. Se não estou enganado, eles ainda não tinham decidido se iam ou não manter aquilo em segredo, pois percebi que era uma notícia recente para os Einhorn também e que houve uma hesitação em tomar conhecimento da criança, um garotinho. Ele, enquanto Arthur se virava para voltar para a cozinha, veio correndo para Mildred e se apoiou no joelho dela. Ela o pegou no colo avidamente e as botas do menino engancharam na saia do seu vestido, puxando-a para cima e deixando suas coxas à mostra, com seus pelinhos escuros. Mildred, porém, não perdeu a calma. Dali, segui o olhar de Einhorn. Ela cobriu o menino de beijos quase adultos e puxou a barra da saia para baixo para endireitar o vestido.

“O que você me diz da nossa novidade?!” Einhorn falou de um jeito brusco e se virou para mim com o pescoço inclinado numa curva rígida, em parte com a intenção de provocar, mas também vergado de preocupação; e, então, aquele seu grande representante, seu rosto, se contraiu com um impulso que subiu à tona de algum lugar pouco explorado.

“Sobre o Arthur estar casado?” Eu não sabia o que dizer.

“Ele já está divorciado. O divórcio saiu na semana passada. E nós não estávamos sabendo de absolutamente nada. A moça era de Champaign.”

“Então você tem um neto. Parabéns!”

Ele parecia tenso, seus olhos muito abertos e brilhantes com a determinação de suportar tudo, mas seu rosto narigudo murcho e com uma luz de pálida infelicidade.

“E essa é a primeira visita dele?”, perguntei.

“Visita? Ela largou o garoto aqui. Botou o menino porta adentro com um bilhete e se mandou, e nós ainda tivemos que esperar o Arthur voltar pra casa pra explicar.”

“Ah, ele é um doce de menino”, disse Mildred toda contente, enquanto a criança no seu colo apertava cruelmente seu pescoço. “Eu cuido dele com todo o prazer.”

Ouvindo isso da sua segunda esposa, o que de fato ela era, Einhorn sentiu todas as suas preocupações se voltarem para a sua primeira fonte: ele próprio; sua sensualidade. E ele pareceu ficar raivosamente surpreso com essa ideia, apesar de todo o seu orgulhoso perfil de Bourbon, e demonstrou isso até o fundo dos seus olhos pretos. O monstrengo agachado no telhado de uma velha igreja, era o que ele parecia, suas mãos cobertas de manchas pálidas pousadas nas laterais da sua calça que tão frequentemente parecia inútil. Seu cabelo tinha as ondas de uma corda desfiada e, por causa da posição da sua cabeça, parecia que ruínas estavam se formando atrás dele. Sem movimento nos braços, ele poderia ser um homem de capa ou um prisioneiro amarrado. Pobre Einhorn! A qualquer momento do seu declínio, ele antes poderia ter sacado a apólice dourada que representava Arthur, mas agora se abatera sobre ele a humilhação de descobrir que a apólice perdera o valor, como o desbotado dinheiro de vovó, que era do tempo dos czares. O cofre reluzente em que ele guardava sua riqueza de reserva agora exalava o cheiro da miséria. Einhorn nem olhava para o menino, que era um garotinho alegre que pisoteava o colo de Mildred. Tillie se manteve afastada.

Hesitei em demonstrar pena; ele não a teria aceitado, muito embora eu fosse uma das poucas pessoas, imagino, que ainda se disporiam a reconhecer o pleno valor da sua antiga grandeza. Eu lhe servia a um propósito nesse sentido, o de estar preparado para testemunhar que era uma grandeza realmente nobre e majestosa. Mas ele próprio partiu debilmente por esse caminho então, dizendo: “Não é uma boa situação. Você tem uma noção, Augie, das qualificações que o Arthur tem. E, antes mesmo de ter a chance de começar a usá-las, ele vai e se mete nessa...”.

“Eu não vejo qual é o grande problema”, disse Mildred. “Você tem um neto fofo.”

“Fica fora disso, faz favor, tá bom, Mildred? Uma criança não é um brinquedo.”

“Ah, elas crescem”, disse ela. “O tempo faz isso mais do que pais e mães. O mérito dos pais não é tão grande quanto as pessoas pensam.”

Em voz baixa, sem querer conversa com Mildred, Einhorn me disse: “Eu tenho a impressão de que o Arthur tem o costume de andar lá pelas suas bandas. E acho que ele está interessado numa garota chamada Mimi. Você conhece essa moça?”.

“Ela é uma grande amiga minha.”

Rapidamente, as sobrancelhas dele se ergueram, e eu interpretei o gesto como uma esperança de que Mimi fosse minha amante e que, portanto, Arthur não estivesse correndo o risco de se meter em mais encrencas.

“Não esse tipo de amiga.”

“Você não trepa com ela?”, perguntou, discretamente.

“Não.”

Eu o desapontei; surgiu também um sal muito fino de condescendência ou zombaria, apenas um leve brilho na superfície do seu olhar, mas eu vi.

“Não esqueça que eu estava praticamente noivo até a véspera do Ano-Novo”, eu lhe disse.

“Bom, que tipo de garota é essa tal de Mimi? Ele a trouxe aqui umas duas semanas atrás, e a Tillie e eu achamos que ela parecia bem durona. E em se tratando de alguém como o Arthur, cujos pensamentos sempre têm uma direção intelectual ou poética, uma moça como ela poderia fazer com que ele passasse uns maus bocados por causa disso. Mas talvez ela tenha um bom coração. Eu não quero fazer a caveira dela desnecessariamente.”

“Mas por quê, o Arthur já está pensando em se casar de novo? Bom, eu sou um admirador da Mimi.”

“Platônico?”

Eu ri, mas também me senti um pouco ofendido, pois me pareceu que Einhorn não queria que o filho dele me sucedesse como amante de Mimi nem de qualquer outra garota. Eu disse: “A melhor pessoa pra dizer como é

a Mimi é a própria Mimi. Mas eu ia comentar que não acredito que ela esteja interessada numa proposta de casamento”.

“Isso é bom.”

Eu não concordei nem discordei.

“Augie”, ele disse com uma preliminar caprichada da cara que eu sabia que era a que ele usava para tratar de negócios, “me ocorreu que talvez o meu filho pudesse se encaixar na sua organização em algum lugar.”

“Ele está procurando emprego?”

“Não, eu é que estou pra ele.”

“Eu posso tentar.” Não era um favor que desse muito ânimo de atender. Imaginei Arthur curvado sobre uma mesa da sede do sindicato, com um dedo enfiado entre as páginas do seu Valéry ou fosse qual fosse o autor que o interessasse. “A Mimi poderia ajudar o Arthur se quisesse”, acrescentei. “Eu consegui esse emprego porque ela conhecia alguém de lá.”

“Quem conhecia alguém, a sua amiga?” Ele ainda esperava, matreiramente, pescar de mim alguma confissão de intimidade com Mimi, mas saiu de anzol vazio. “Bom”, disse, “você não quer que eu acredite que você mantém essa saúde pujante sem a colaboração de alguma amiga querida, quer?” Ele ficou tão satisfeito de ter dito isso que, por um momento, esqueceu dos seus próprios problemas. Mas aí o garotinho soltou gritinhos de alegria no colo de Mildred e o rosto de Einhorn, que tinha adquirido uma expressão maliciosa, ficou triste e austero de novo.

O palpite dele estava certo: eu tinha uma amiga. Era uma garota grega, chamada Sophie Geratis, que trabalhava de camareira num hotel de luxo. Ela falou em nome de uma delegação que veio me procurar para se filiar ao CIO. Elas estavam ganhando vinte centavos por hora e, quando foram à filial local do sindicato para pedir a um dos diretores que requisitasse um aumento, o tal diretor estava jogando pôquer e não quis ser incomodado. Elas sabiam que ele estava mancomunado com a diretoria. Essa pequena moça grega era bem feita de tudo, pernas, boca, rosto; seus lábios se projetavam um pouco para a frente, mas o ar de amuo que eles

transmitiam era muito suavizado pela expressão clara dos seus olhos. Tinha um par de mãos calejadas e uma relação um tanto bruta com sua beleza. Não consegui fingir nem por um instante que não tinha ficado caído por ela. Assim que a vi, tive a sensação de perceber, no formato do canto dos seus olhos, uma esperança pessoal de ternura, e aquilo me fisgou. O que senti era terno também, e não aquele fogo que transforma você em lama do Nilo, que tanto pode ser fértil quanto rachar.

Tão logo assinaram as fichas de inscrição, as mulheres ficaram numa agitação tremenda, subitamente tomadas de indignação, e começaram a gritar, como se aquilo fosse uma espécie de tsmofórias de trabalhadoras pálidas. Elas queriam apoio para entrar em greve imediatamente. Mas eu expliquei, e senti como sempre o formigamento da hipocrisia legalista me percorrer o corpo, que a situação delas seria considerada um caso de dupla sindicalização. Legalmente, elas eram representadas pela AFL e, portanto, não era permitido que outro sindicato negociasse por elas. Mas, quando houvesse uma maioria de funcionários do lado do CIO, seria possível realizar uma eleição. Elas não entenderam essa explicação e, como eu não estava conseguindo falar com toda a barulheira que elas estavam fazendo, pedi a Sophie que saísse um instante comigo para que eu pudesse esclarecer a situação. Estando o corredor vazio naquele momento, nós nos beijamos na mesma hora, o que foi um bocado arriscado. Nossas pernas tremiam. Sussurrando, ela disse que eu poderia lhe explicar a coisa toda mais tarde; ela levaria as mulheres embora e depois voltaria. Tranquei o escritório e, quando ela voltou, eu a levei para o meu quarto. Não podíamos ir para o quarto dela. Ela morava com a irmã e as duas estavam noivas de dois irmãos. Eles iam se casar em junho, dali a seis semanas. Vi a foto do noivo dela; era um sujeito calmo, com cara de responsável. Ela achava que estava sendo sensata, armazenando prazer para não ter desejos infieis depois de casada. Tudo nela era feito com muito esmero, todas as suas formações intrincadas e delicadas e tudo muito macio. Essa era a felicidade que Einhorn tinha notado, a que eu desfrutava com Sophie.

Kayo Obermark tinha respeito masculino demais para me perguntar sobre os gritos e barulhos de Sophie, rindo ou de qualquer outra forma. Já Mimi disse: “Que mulher escandalosa é essa que você anda levando pro seu quarto?”. Ela falou em tom de brincadeira, mas percebi que o nariz dela estava um pouco torcido. “Ela vem com a torcida inteira junto.”

Eu não tinha nenhuma resposta pronta porque nunca pensei que alguém fosse me perguntar.

“Veio uma pessoa aqui te procurando outro dia”, ela continuou. “Esqueci de te falar. Isso aqui em cima está ficando que nem um santuário.”

“Quem era?”

“Uma moça elegante e muito bonita, mais bonita que a garota escandalosa.”

Fiquei me perguntando se poderia ter sido Lucy, se ela teria mudado de ideia. “Ela não deixou recado?”

“Não, só disse que tinha que falar com você. Achei que ela estava bem agitada, mas talvez só não esteja acostumada a subir escada e tenha ficado sem fôlego.”

Não fiquei particularmente entusiasmado com a ideia de que poderia ter sido Lucy. Não tinha mais nenhum interesse por ela; só estava curioso a respeito da sua visita.

Falei da sugestão de Einhorn sobre Arthur com Mimi. Se Einhorn tinha achado defeitos nela, Mimi tinha uma opinião violentamente negativa a respeito dele.

“Aquele velho nojento!”, disse ela. “Foi só eu ficar perto dele um minuto que ele já foi botando a mão na minha perna. Eu não gosto desses velhos que pensam que são garanhões.”

“Ah, você tem que entender o jeito dele”, falei. “Isso é só uma maneira que ele tem de fazer uma saudação ou um galanteio.”

“Diabo! Por que é que um velho aleijado tem que ser tão tarado?”

“Ele na verdade é um grande sujeito. Conheço o Einhorn desde que eu era garoto e ele significa muito pra mim.”

“Pois pra mim ele não significa absolutamente nada e ele é horrível com o Arthur.”

“Imagina, ele ama o Arthur mais do que qualquer coisa neste mundo.”

“Isso é o que *you* pensa! Ele vive descontando a frustração dele no Arthur. Na verdade, eu tenho que ajudar o Arthur a sair de lá porque o velho está infernizando a vida dele por causa do garoto.”

“A mãe não vai voltar pra buscar o menino?”

“Pelo que o Arthur diz, não consigo entender nem se ela é uma ótima moça nem se é uma vagabunda. Ele é estupidamente vago, a não ser quando está discutindo ideias. Mas só uma megera enjeitaria uma criança — depois de ela já ter nascido. A menos que ela esteja doente. Da cabeça, bem entendido.”

“O Arthur não te diz como ela é?”

“Não há quem consiga fazer o Arthur se concentrar num assunto desses. A cabeça dele voa quando você tenta falar sobre essas coisas.”

“Talvez você não tenha entendido direito o que ele quis dizer sobre o que o pai faz com ele”, comentei. “Está sendo duro pro Einhorn aceitar o que aconteceu. Ele investiu muito no Arthur. E a Tillie também. Agora a situação dele é só parte do quadro da Depressão. Filhos voltando com os filhos pra morar na casa dos pais velhos.”

“E por que é que haveria de ser diferente pro Einhorn do que é pros polacos ou pros outros comedores de linguiça da rua dele? Ruim seria se fosse diferente e isso servisse de motivo pra aquele velho idiota botar banca de que tem direito a uma sina melhor que o resto das pessoas ao redor dele. Mas quando as coisas que acontecem despencam na cabeça de todo mundo igualmente, aí sim a gente pode ver de verdade quem é melhor e quem é pior. E, além do mais, o que é que tem de tão terrível nisso que aconteceu com o Arthur? Pelo menos ele está melhor que o Frazer. O Frazer voltou pra mulher dele, me disseram, e provavelmente nunca vai

me pagar o dinheiro que eu emprestei pra ele, porque assim estaria admitindo que quase agiu errado uma vez, e ele não é homem de admitir que qualquer das suas ações passadas, presentes ou futuras possam estar erradas. Ontem uma amiga minha estava rindo de uma coisa que leu num livro e me mostrou — sabe, eu quase nunca leio, nem sequer romances. Dizia assim: “Nunca um erro chegou perto da minha cabeça”. Quem disse isso foi o príncipe Metternich, mas poderia perfeitamente ter sido o Frazer. Eu acho que nunca na vida ele seria capaz de perder a cabeça. Ele nunca perderia um trem. Nossa, como o seu amigo Einhorn ia adorar ter um filho assim, que está sempre com a cabeça no lugar e tem sempre alguma coisa pronta pra dizer e jamais perderia um trem. Mas acontece que o Arthur é um poeta, e aquele velho paquerador não queria que uma coisa dessas acontecesse com ele, ser o pai de um Villon ou de um Rimbaud.”

“Ah, é *isso!*”, falei. “Bom, o que é que o Einhorn está fazendo de tão cruel com o Arthur?”

“Ele aporrinha o Arthur dia e noite e está sempre procurando oportunidades de insultá-lo. Ontem, por exemplo, o velho estava dando balas pro garoto e aí, quando o Arthur disse que não ia fazer bem pro menino, ele respondeu: ‘Isso aqui é a *minha* casa, ele é o *meu* neto e, se você não está satisfeito, você que dê o fora’.”

“Uh, isso foi cruel mesmo. Ele devia sair de lá, então. Por que é que ele aguenta isso?”

“Ele não tem como sair. Não tem dinheiro nenhum. E, além disso, ele está doente. Está com gonorreia.”

“Cruzes! Ele está com tudo. Foi ele que te contou?”

“Ora, deixa de ser idiota. Como é que você acha que eu soube? Claro que ele me contou.”

Ela sorriu, e foi um sorriso com o brilho do verdadeiro entusiasmo. Se já não soubesse, eu teria percebido naquele momento que Mimi tinha se decidido com relação a ele. Ela estava do lado de Arthur.

“Eu vou ajudar o Arthur a sair dessa enrascada”, disse ela. “Ele está se tratando com um médico agora e, quando essa coisa tiver secado, ele vai sair da casa do pai.”

“Com o menino?”

“Não. Alguém vai cuidar do garoto. O que você acha? Ele agora vai ter que virar dona de casa por causa daquela garota maluca?”

“Se ele tivesse dado algum dinheiro pra ela, talvez ela tivesse ficado com a criança.”

“Como é que você sabe? Bom, talvez tivesse sido melhor assim. Velhos não deviam educar crianças.”

“O Einhorn quer que eu arrume um emprego de organizador pro Arthur.”

Mimi ficou tão atônita que nem sequer sorriu; em vez disso, ficou olhando para mim firme e fixamente, como se quisesse que eu admitisse que não havia limites para o papel grotesco a que as pessoas se prestavam, e depois foi cuidar da sua vida, lavando meias e roupas íntimas. Não deu resposta alguma.

Claro que Arthur não poderia de qualquer forma tentar trabalhar enquanto estivesse com a pingadeira, e achei que seria melhor inventar uma justificativa agradável para dar a Einhorn, e foi o que fiz, dizendo que não havia vagas naquele momento para uma pessoa do nível de Arthur. Muito embora não devesse ter sido tão agradável assim para o velho ser lembrado da sua antiga vaidade com relação à superioridade de Arthur. Mas parecia plausível, de fato, que não pudessem oferecer a alguém como Arthur simplesmente um emprego qualquer que por acaso estivesse disponível.

Quanto a Lucy Magnus — e eu não conseguia imaginar quem mais poderia ter ido me procurar —, eu estava apenas levemente curioso, mas não gastei muito tempo pensando na sua suposta visita até algumas noites depois, quando ouvi um toque feminino na minha porta. Foi numa hora bastante imprópria, quando Sophie Geratis estava sentada na cama de

combinação e estávamos conversando. Vendo que Sophie tinha ficado assustada, eu disse: “Não se preocupe, querida, ninguém vai nos incomodar”. Ela gostou de me ouvir dizer isso, o que fez com que começássemos a nos beijar e, então, as molas da cama fizeram aquele barulho que combina de uma maneira tão estranha com o amor e que teria feito qualquer um ir embora, menos aquela pessoa que estava batendo na porta. Ela disse: “Augie... Senhor March!”, e não com a voz de Lucy Magnus, mas com a de Thea Fenchel. Por alguma razão, eu ainda me lembrava da voz dela e a reconheci imediatamente. Levantei da cama.

“Ei, veste um roupão pelo menos”, disse Sophie. Ela tinha ficado decepcionada por eu ter interrompido os beijos quando outra mulher chamou da porta.

Botei a cabeça para fora e bloqueei a porta com o ombro e o pé descalço. Era Thea. Ela tinha dito naquele bilhete que nos veríamos novamente e, agora, ali estava ela.

“Desculpe”, disse ela, “mas é que eu já vim aqui duas vezes e quero muito falar com você.”

“Eu pensei que tinha sido uma vez só. Como é que você me encontrou?”

“Contratei um detetive. Então aquela moça não te falou das duas vezes que eu vim aqui. Ela está aí com você? Pergunta pra ela.”

“Não, não é a mesma pessoa. Você realmente foi numa agência de detetives?”

“Ainda bem que não é aquela moça”, disse Thea.

Eu não respondi, só olhei para ela.

Ela não estava mantendo a compostura muito bem. Aquele rosto alerta, diferente do que eu me lembrava, delicado mas não mais tão firme na sua ousadia, as bochechas largas e pálidas, as narinas bem abertas. Lembrei que Mimi tinha me dito que ela estava ofegante por causa das escadas, mas talvez fosse também por causa da determinação de não ceder à decepção por não me encontrar sozinho. Estava usando um *tailleur* de seda marrom,

de um furta-cor impressionante; apesar de tudo, ela queria que eu notasse sua roupa. Mas, ao mesmo tempo, pelas suas mãos enluvadas e pela instabilidade do seu chapéu de flores, eu percebi que ela estava tremendo; e, assim como o farfalhar do oceano contra o costado é o leve sinal de extraordinários quilômetros de profundidade e extensão, a rigidez da seda produzia um tênue ruído de tremor contínuo.

“Não tem importância”, disse ela. “Como é que você ia saber que eu estava vindo? Não espero...”

Eu não estava sentindo necessidade nenhuma de ser perdoado, como se devesse estar à espera dela, e teria todo o direito do mundo de sorrir do que ela disse, mas não consegui. Costumava imaginá-la como uma garota rica e voluntariosa cuja principal preocupação era competir com a irmã; mas não podia continuar a pensar da mesma forma, pois, independentemente do que fosse quando começou, aquilo agora era claramente outra coisa. Se o motivo que o leva a começar a fazer uma coisa não é bom o bastante, você arranja outro melhor depois que já a está fazendo. Talvez tenha sido isso que aconteceu com ela; mas eu não estava conseguindo perceber qual das duas coisas era a mais forte, se a nobreza ou a doença, se ela estava lutando contra objeções pessoais de orgulho ou contra as sociais acerca do que uma jovem mulher deve a si mesma — aquelas coisas cheias de pontas que espetam com tanta crueldade a fraqueza social maior das mulheres. Em outras palavras, se ela lutava contra ocasiões torturantes ou saía à cata delas. Mas não foi de forma alguma só isso que pensei ou senti, ou teria a enxotado dali na mesma hora, pois gostava demais de Sophie Geratis para abrir mão dela só porque estava interessado ou lisonjeado. Ou porque visse uma oportunidade de me vingar de Esther Fenchel através da irmã, pois, como já disse antes, não tenho nenhuma capacidade digna de nota de guardar rancor. Mas, de repente, Sophie já não estava mais na equação.

“O que você está fazendo?”, perguntei, virando para ela. Ela tinha calçado os sapatos. Vi-a levantar os braços e depois o vestido preto cair sobre seus ombros. Ela enfiou suavemente o vestido no corpo, ajeitou-o na

posição certa sobre os seios e o quadril e sacudiu a cabeça para afastar o cabelo do rosto.

“Meu querido, se quem está aí é alguém que você quer ver...”

“Mas, Sophie, eu estou com você hoje.”

“Você e eu só estamos tendo um namorico antes de eu me casar, não é verdade? Talvez você também queira se casar. É só um caso, né?”

“Você não vai embora”, falei. Mas ela não ouviu e, quando se abaixou para amarrar os sapatos, escondeu de mim a parte de trás da coxa ao levantar o joelho. Porque eu não falei com firmeza bastante. E com esse gesto de cobrir a coxa — não magoada, mas deixando a cabeça tombar para o lado de um jeito meio resignado — ela abaixou aqueles graus vitais do fogo da sua paixão de amante. Para tê-la de novo, eu me dei conta de que teria de passar por um enorme número de testes e quiçá, por fim, pedi-la em casamento. Então, admiti com meus botões que ela estava certa em ir embora, já que eu não podia mais suprir honestamente aquele interesse alegre que tinha nos unido.

Um pedaço de papel escorregou por debaixo da porta e nós ouvimos Thea indo embora.

“Pelo menos ela não é cara de pau a ponto de esperar pra me ver sair”, disse Sophie. “De qualquer forma, foi muita cara de pau dela bater aqui quando sabia perfeitamente que você estava com companhia. Você está noivo dela ou alguma assim? Vai, lê o bilhete.”

Sophie se despediu e me deu um beijo no rosto, mas não deixou que eu retribuísse o beijo nem que a acompanhasse até a porta. Então, ainda sem roupa, eu me sentei na cama, no ar daquela noite de maio que entrava pela janela alta, e abri o pedaço de papel. Nele, Thea dava seu endereço e telefone e dizia: “Por favor, ligue pra mim amanhã, e não fique zangado com uma coisa que eu não posso evitar”.

Quando pensava em como ela tinha ficado envergonhada quando o ciúme lhe subiu ao rosto e em como devia ter sido difícil para ela se manter firme enquanto eu vinha até a porta pelado e falava com ela, eu

não me sentia nem um pouco inclinado a ficar zangado. Na verdade, não pude evitar sentir até uma satisfação. Muito embora tivesse sido arrogante atropelar Sophie como ela havia feito e pressupor que só ela tinha a gradação certa do amor. Depois, várias outras coisas me passaram pela cabeça, como, por exemplo, se eu estava correndo o perigo de me apaixonar só para agradar. Por quê? Porque o amor era tão raro que, se uma pessoa sentia amor por outra, essa outra pessoa devia se render a ele? Se, naquele momento, ela não tivesse nada mais importante para fazer? Nessas perguntas havia muito de gozação, somada, no entanto, ao fato de eu estar mexido das mais variadas formas, inclusive pela suave brisa que agitava as folhas que haviam acabado de brotar dos grossos bicos vermelhos no topo das árvores. Pensei que o negócio das mulheres devia ser só o amor. Ou, em outra época, só um filho. E deixei que a ideia pairasse como uma brincadeira e uma objeção no meu espírito leve. E essa leveza de espírito — eu poderia ter me beneficiado da sabedoria a respeito dela que diz que o pesado é a raiz do leve. Ou seja, primeiro, que a beleza brota do que está enterrado em grande profundidade. Mas, como a sabedoria tem de se espalhar e ramificar em todas as direções, isso também pode se referir ao riso leve que é só um pouco do que é lançado à tona por um coração grave, ou também à gravidade que se esconde por trás dos adejos ou das piadas dos artistas. Mesmo aquele que quer acreditar, você às vezes vê pavimentando com gracejos seu caminho para Jesus.

Naquela noite, dormi profundamente, de qualquer modo, dentro e fora dos lençóis, que ainda conservavam o cheiro do pó de arroz de Sophie ou do que quer que fosse que ela havia passado para eles, de forma que dormi enrolado na sua bandeira, por assim dizer. Quando acordei, achei que havia sido um sono tranquilo, e a manhã estava radiante. Mas estava enganado. Lembrei de pesadelos que havia tido com chacais tentando pular os muros de Harar, na Abissínia, para comer as vítimas da praga — coisa que lera num livro que Arthur havia esquecido por lá, sobre um dos seus poetas favoritos. Ouvei Mimi lá embaixo, vociferando e berrando ao

telefone, embora estivesse tendo apenas uma conversa normal. Era um novo dia, de uma beleza quase palpável o bastante para pegar na mão, com cantos do quintal cheios do calor das flores cultivadas em velhas tinas de ferro ou boilers adaptados. Aquela vermelhidão que no auge do dia iria deixá-lo tonto e atacar seu coração com força, quase como uma doença, uma doença que provocava escarros sanguinolentos, espasmos e purulência na mesma medida e intensidade que dava prazer. Meu rosto ardia como se eu tivesse levado um murro forte o bastante para fazer o nariz sangrar. Eu parecia e me sentia inchado e carrancudo, como se tivesse um excesso de sangue no corpo e previsse problemas por causa disso, como se esse excesso fosse ter de sair de alguma forma. Minhas mãos e meus pés também me passavam esse mesmo mau presságio. Saí da pensão semipetrificado, mas até a calçada me atritava a pele através da sola do sapato; minhas veias pareciam chumbadas. Não aguentei ficar no confinamento da lanchonete da mercearia nem o minuto que levava para engolir uma xícara de café. Fui me arrastando até o escritório nos bondes apertados e, quando desabei na minha cadeira de pernas esticadas, senti a faina de todos os meus processos fisiológicos, até a pulsação regular das artérias dos pés, e rezei para não ter de me levantar tão cedo. A porta e as janelas estavam abertas, dando ao bafio daquele lugar tão pisoteado uma breve oportunidade de cair fora em meio à tranquilidade de tribunal antes do reinício das hostilidades, a hora campestre antes que a barreira de barris de Flandres rasgue os céus. E a cotovia, que não precisa cuspir nem pigarrear, alce voo.

Mas o movimento do dia começou e, na minha atormentada inabilidade de acompanhar o ritmo das coisas, era como uma marcha ou uma dança em passo acelerado; uma valsa encarniçada em que os parceiros atacadados empenhavam-se em exaurir um ao outro; um solo de sapateado ou uma tarantela dos indignados; ou o balanço mais frouxo dos que estão quase perdendo a consciência; as dignas *sevillanas* dos trabalhadores cujos rostos não traíam o quanto seus saltos martelavam o chão; o chute epidêmico da servidão germânica; os agachamentos da dança dos cossacos; os passos

hesitantes da adolescência; o charleston. Enfrentei todas as variedades e, até onde pude, evitei levantar. A não ser quando tinha de ir ao banheiro ou quando achei que estava com fome e desci para a lanchonete da sala de sinuca, onde o verde do feltro me deixou tonto. Mas estava sem apetite. Era outro tipo de incômodo, não o do vazio no estômago, que eu estava sentindo.

Quando voltei, havia uma nova multidão esperando para fazer seus números. Eu, o fatigado agente artístico ou empresário, era observado por eles com ira e avidez, com tiques, com dignidade por alguns e olhares insanos por outros. E o que é que eu ia conseguir fazer por eles em termos de correção de injustiças e derrubada de principados explicando como eles tinham de preencher uma ficha? Meu Deus do céu! Sei que o trabalho humano deve ser uma daquelas coisas que a Providência descobriu para salvar o homem ao preservá-lo, ou ele morreria de fome, de frio ou seu frágil pescoço quebraria. Mas de que formas estranhas e curiosas ele acaba sobrevivendo, transformando-se nelas no processo!

Foi naquele meu estado de espírito incomum que refleti sobre essas coisas e, enquanto pensava, sentia arrepios toda vez que me lembrava do farfalhar da seda marrom de Thea. E dos estranhos rumos da história da lida humana.

Sempre que tinha uma chance, eu telefonava para ela. Ninguém atendia, e então Grammick entrou em contato comigo antes que eu conseguisse falar com ela. Ele precisava da minha ajuda no sul de Chicago naquela noite numa fábrica de gaze e atadura cujos funcionários ele havia organizado mais ou menos de passagem. Pois era como um bando de jesuítas desembarcando numa terra em que um povo pagão tinha sede de batismo, saindo em densos milhares de suas cidades de tijolo. Eu deveria encher uma bolsa com folhetos e fichas em branco, ir correndo à estação para pegar o trem elétrico e me encontrar com Grammick no quartel-general que ele montara numa taberna, um lugar tosco mas com uma entrada para senhoras e famílias, pois muitos dos tecelões de gaze eram

mulheres. Não sei dizer como eles conseguiam manter as ataduras limpas naquela cidadezinha suja de fuligem e feia de dar dó, construída como se inúmeros projetos tolos e amadores para a Torre de Babel tivessem empacado no segundo andar algumas dezenas de vezes e então todos os operários tivessem se demitido e passado a trabalhar dentro deles. Grammick estava no meio de todo aquele movimento e intenso esforço organizacional. Era firme como um Stonewall Jackson,^e mas também tão pacífico quanto um instrutor de carpintaria de escola secundária ou algum personagem do partido do Congresso, alguém daquela Índia de brancos tecidos esvoaçantes se preparando para conquistar o país inteiro. Pelo poder da mansidão.

Passamos a maior parte da noite acordados e, de manhã, estávamos com tudo o que era necessário pronto, comitês preparados, reivindicações listadas, toda a maquinaria da negociação azeitada e facções em acordo. Às nove horas, Grammick pegou o telefone para falar com a diretoria. Às onze, as negociações já estavam em curso e, à noite, a greve saiu vitoriosa e nós fomos para um restaurante de chucrute e salsicha com os satisfeitos membros do sindicato. Para Grammick foi tudo muito natural, embora eu tenha ficado todo empolgado e lhe dado entusiásticos parabéns.

Fui para a cabine telefônica no fundo do restaurante com meu copo de cerveja e tentei o número de Thea de novo. Desta vez ela atendeu. Eu disse: “Olha, eu estou te ligando de fora da cidade porque tive que viajar a trabalho, senão já teria te procurado antes. Mas devo voltar amanhã”.

“Amanhã quando?”

“À tarde, acho.”

“Você não pode vir mais cedo? Onde é que você está agora?”

“No meio do mato, e pretendo voltar assim que puder.”

“Mas eu não posso ficar muito tempo em Chicago.”

“Você tem que ir embora? Mas pra onde?”

“Querido, eu explico quando você estiver aqui. Vou ficar esperando o dia inteiro amanhã. Se você não puder telefonar antes, toca a campanha

três vezes.”

Senti a excitação percorrer meu corpo como uma escovada vigorosa e a enfrentei com os olhos fechados de prazer, ondas de calor nas orelhas e arrepios me descendo pelas pernas. Estava louco de vontade de me encontrar com Thea. Mas ainda não podia voltar. Havia alguns últimos detalhes a resolver. Mesmo para os vitoriosos, a maneira de dizer *au revoir* era muito importante. Grammick só poderia ir embora depois de cuidar da contabilidade e ter certeza de que tudo estava em ordem. E então, quando voltamos para a cidade, tive de ir à sede do sindicato para relatar nosso sucesso. Isso era para me ajudar a progredir também, para ser apresentado ao sr. Ackey e ficar um pouco mais íntimo dos chefões, deixar de ser um supranumerário.

Ackey estava nos esperando, não para nos parabenizar, mas com uma ordem de realocação de tropas no gatilho. “Grammick, esse é o seu pupilo March?”, perguntou, dirigindo-se a ele e não a mim. “March”, continuou, ainda sem me dirigir o olhar, como se ainda fosse cedo demais para isso, “você vai ter que resolver um problema seríssimo hoje e vai ter que ser neste minuto. É uma daquelas situações explosivas de dupla sindicalização. Elas são o cão. O Northumberland Hotel — lugar chique, aquele —, quantas pessoas nós temos inscritas lá? Não o bastante, com certeza. Um lugar daqueles deve ter pra lá de duzentos e cinquenta funcionários.”

“Acho que temos mais ou menos umas cinquenta fichas do Northumberland, a maioria delas de camareiras”, respondi. “Mas por quê, o que é que está acontecendo?”

“Eles estão se preparando pra entrar em greve, isso é que está acontecendo. Hoje de manhã nós atendemos umas cinco ligações pra você de uma moça chamada Sophie Geratis, uma das camareiras. Eles estão em reunião neste exato momento, na sala de engomar do hotel, pra decidir sobre a greve. Você vai pra lá e não deixa de jeito nenhum. A AFL está metida lá, e o nosso objetivo é fazer uma eleição.”

“Então o que é que eu devo fazer?”

“Segurar as pontas. Você faz a inscrição deles e não deixa ninguém entrar em greve. Mas vai rápido que aquilo lá deve estar um pandemônio.”

Peguei minha bolsa com as fichas de inscrição e me mandei para o Northumberland; era um prédio enorme, com varandas ornamentadas e toldos romanos tremulando até o trigésimo andar e debruçando-se para observar o crescimento dos olmos e dos gramados do Lincoln Park, que lembravam bandeiras.

Cheguei lá de táxi. Não havia nenhum porteiro a postos; o lugar cintilava com as armas de cobre que sobressaíam dos dois brasões que ladeavam a entrada e com as quatro vidraças da porta giratória e seus monogramas dourados. Achando que não ia conseguir chegar muito longe se entrasse pelo *lobby*, dei a volta correndo pela viela lateral e encontrei uma entrada de serviço. Subindo três lances de uma escada de aço, já que o elevador de carga não veio quando chamei, ouvi uma gritaria e fui seguindo o som pelos corredores ora de veludo, ora de cimento até encontrar o tal lugar, a sala de engomar.

A briga que estava acontecendo era entre os funcionários leais ao sindicato reconhecido e os funcionários rebelados, basicamente as mulheres mal pagas, que estavam se escaudando de raiva por causa da última recusa da diretoria em aumentar os vinte centavos que elas recebiam por hora. Todos estavam de uniforme ou de libré. A sala era branca e quente, bem no caminho do sol, as portas abertas para a lavanderia. Com seus vestidos azuis e toucas brancas, as mulheres bradavam e esperneavam por guerra e luta. Tinham subido nas mesas de metal e nos barris de sabão e berravam que queriam greve. Procurei por Sophie, que me viu primeiro e gritou: “O organizador chegou. Aí vem ele. Aí vem o March!”. Ela estava em cima de um dos barris, com as pernas, sob as meias pretas do uniforme, bem afastadas. Atraente, mas grave e pálida; e, com o cabelo preto coberto pela touca, a excitação dos seus olhos parecia ainda mais negra. Tentou não expressar neles qualquer intimidade comigo, para que nenhum escrutínio pudesse descobrir que nossos braços

já tinham se entrelaçado, que nossas mãos já tinham acariciado um ao outro de alto a baixo.

Olhei ao redor e logo identifiquei meus amigos e inimigos, que zombavam ou exortavam, desconfiados, parciais, indignados, chorando. Um velho vestido com uma roupa tão branca que parecia de médico residente e com uma cara de Tecumseh,^f ou de um daqueles guerreiros que a gente vê nas pinturas atacando Schenectady,^g queria me explicar imediatamente uma estratégia que ele havia arquitetado, parecendo muito ponderado naquela gaiola tropical de gritos e calor de lavanderia, para não falar na brancura do sol.

“Escutem”, bradei, tomando o lugar de Sophie em cima do barril.

Alguns começaram a gritar “Greve, greve!”.

“Por favor, escutem. Uma greve agora não seria considerada legal...”

“Ah, dane-se! O que é legal, a gente ganhar um dólar e cinquenta por dia? O que é que sobra depois que você tira o dinheiro da passagem e a contribuição sindical? A gente não come, não? Vamos parar e pronto.”

“Não, vocês não podem fazer isso. Seria uma greve ilegítima. O pessoal da AFL iria mandar outros trabalhadores pra assumir o lugar de vocês e estaria dentro da lei. O que vocês têm que fazer é se filiar a nós pra que possa haver uma eleição e aí, quando nós ganharmos, vamos poder representar vocês.”

“Se vocês ganharem. E isso vai levar meses.”

“Mas é o melhor que vocês podem fazer no momento.”

Abri um pacote de fichas que tirei de dentro da minha bolsa e estava distribuindo-as entre as mãos erguidas dos funcionários quando de repente começou uma agitação vinda da direção da lavanderia; alguns homens estavam abrindo caminho à força entre a multidão, empurrando as mulheres para o lado, e o lugar entrou em rebuliço. No mesmo instante em que me dei conta de que era o sujeito do sindicato rival e seus capangas, fui agarrado por trás, derrubado de cima do barril e esmurrado ali mesmo onde caí, no olho e no nariz. Comecei a sangrar. Meu amigo da

cara de índio pisou em cima de mim, mas isso aconteceu na sua pressa de partir para cima do sujeito que tinha me socado. Quando ele o empurrou para trás, uma camareira negra me ajudou a levantar. Sophie enfiou a mão no meu bolso e puxou meu lenço.

“Gângsteres de uma figa! Querido, não se preocupe. Bota a cabeça pra trás.”

Agora havia um círculo de mulheres me dando proteção, formado em volta do barril derrubado. Quando um dos capangas tentou investir contra mim, várias das mulheres acorreram naquela direção. Algumas delas empunhavam tesouras, facas, pás de pegar sabão, e então o sujeito do sindicato chamou seus gorilas de volta e eles se posicionaram ao redor dele, que era pequeno em comparação com os outros, mas parecia perigoso, ainda que nanico, em seu terno elegante de playboy e seu chapéu-coco. Parecia um homem do xerife que tinha se bandeado para o outro lado da lei; ou carne de gato transformada em carne humana. Dava a impressão de ser alguém que, de perto, cheiraria a bebida, mas talvez fosse a cor da fúria e não do uísque que se percebia nele. Alguém de malvadeza inevitável, capaz de fazer tanto mal quanto ameaçava. Eu podia servir um pouco de prova disso, com aqueles esguichos de sangue no lenço e na camisa, e com mais ainda a me escorrer pelo nariz, enquanto meu olho ardido inchava, virando uma bola com uma fenda no meio. No entanto, era ele que estava do lado da lei naquele caso, sendo o representante sob contrato daquelas pessoas.

“Pois bem, senhoras, saiam do caminho e deixem os meus homens cuidarem desse arruaceiro que não tem nada que estar fazendo aqui. Ele está desrespeitando atos do congresso e eu poderia tranquilamente conseguir um mandado contra ele. E o hotel ainda poderia dar queixa dele por invasão, além do mais.”

As mulheres gritaram e mostraram suas tesouras e armas, e a camareira negra, que pelo sotaque parecia ser das Antilhas ou de alguma colônia do

Império Britânico, disse: “Nunca, seu tampinha nojento!”. Então, embora apavorado, também fiquei impressionado.

“Não tem problema não, companheira, a gente pega o infeliz mais cedo ou mais tarde”, disse um dos capangas. “Ele não pode ir pra tudo quanto é lado com essa escolta de piranhas.”

“Por que é que você não fecha essa matraca?”, disse o chefe para ele. Em seguida, dirigindo-se a mim, perguntou: “Que direito você tem de vir aqui?”.

“Eu fui chamado aqui.”

“É isso mesmo! Fomos nós que chamamos ele aqui!”, gritaram as mulheres, enquanto os cozinheiros com seus chapéus altos e outros da facção que estava melhor de vida vaiavam, debochavam, tampavam o nariz e puxavam a corda de uma descarga imaginária para mim.

“Escutem, todos. Eu sou o representante de vocês. Se há alguma desavença, pra que é que eu sirvo?”

“Pra botar a gente pra correr quando a gente vai ao sindicato te pedir alguma coisa e você está relaxando com os pés em cima da mesa, tomando uísque do gargalo e decidindo em que cavalo vai apostar!”

“Mas ninguém precisa fazer a porra de um motim por causa disso, precisa? Agora, estou vendo várias fichas que esse filho da puta intrometido distribuiu e eu quero que todos vocês rasguem essas merdas dessas fichas e parem de dar conversa pra ele e pro pessoal dele.”

“Não rasguem!”, eu disse.

O sujeito que tinha me esmurrado fez menção de atravessar o escudo de mulheres e elas investiram contra ele. Sophie me tirou de lá, guiando-me para o fundo da sala e pelos corredores de serviço. “Tem uma saída de emergência ali na frente”, disse. “Você pode descer pela escada de incêndio. Toma cuidado, querido, eles vão ficar na sua cola agora.”

“E você?”

“O que é que eles podem fazer comigo?”

“É melhor vocês esquecerem essa história de greve por enquanto.”

Fazendo força, com os pés afastados e bem plantados no chão, ela abriu a pesada porta de emergência e, quando eu estava saindo, ela disse: “Augie, você e eu nunca mais vamos ficar juntos, né?”.

“Eu acho que não, Sophie. Tem essa outra menina.”

“Adeus, então.”

Desci correndo pelos degraus pretos e quentes da escada de incêndio, pendurei-me na última barra da escada de mão e saltei no chão. Quando escolhi uma rua por onde fugir, não dei sorte; um dos capangas estava lá. Ele veio atrás de mim e eu corri na direção da Broadway, esquivando-me dos tiros que ele poderia ter dado, pois não era inédito em Chicago pessoas serem fuziladas nas ruas. Mas não ouvi barulho de tiro nenhum e concluí que o objetivo dele era só me arrebentar, terminar a surra, quebrar alguns ossos talvez, e me deixar de cama.

A distância que eu tinha de vantagem à frente dele deu na risca para que eu atravessasse a Broadway antes dele. Vi-o, da cintura para cima, parado pelo trânsito do outro lado da rua, os olhos ainda colados em mim, e funguei o ranho seco do medo no meu nariz sujo de sangue. Um bonde veio se aproximando devagar e eu agarrei uma haste e saltei no estribo. Tinha certeza de que seria seguido, por causa da lentidão pesada com que o bonde se aproximava do Loop, mas achei que poderia despistar o capanga no meio da multidão. Enquanto isso, fiz a viagem na frente, ao lado do motorneiro, onde podia vigiar toda a extensão do bonde e onde também tinha ao alcance da mão a alavanca que os motorneiros abaixam dentro de um buraco entre as placas do chão. Não tinha a menor dúvida de que o capanga estava vindo atrás de mim num dos táxis alinhados na fila de carros que trepidavam e soltavam suas baforadas azuis de fedor naquela merda de rua quente e sem graça. Eu estava enlouquecido de ódio dela e também da lerdice do bonde. Estava agoniado e cheio de ficar ali. Mas, aos poucos, a ponte foi se aproximando e também as torres, todas em série e iguais de alto a baixo, o rio com sua sujeira de água de lavagem e as gaiotas de nariz de osso. O bonde pegou velocidade ao longo do caminho

livre da ponte e desceu a ladeira com pesada liberdade, mas depois seguiu se arrastando de novo no tráfego intenso do Loop. Esperei até o bonde chegar perto da Madison Street e, no meio do quarteirão, disse ao motorneiro: “Eu vou descer aqui!”.

“Aqui não é ponto.”

“Abre essa porta ou eu racho a sua cabeça ao meio!”, vociferei. Quando viu minha cara feia e meu olho inchado, o motorneiro me deixou saltar e eu saí correndo desembestado, mas só até dobrar a esquina e sumir de vista. Resolvi me arriscar e entrar numa fila que avançava rapidamente no McVickers, em que estava passando um filme da Greta Garbo. Do lado de dentro das grossas cordas vermelhas que separavam a multidão que entrava da que saía e depois no interior do saguão, que era como um apartamento montado por Cagliostro e Seraphina para embasbacar a corte e a realeza, eu me senti fora de perigo por ora. Estava começando a achar, de qualquer forma, que se o capanga me encurralasse ali naquele momento poderia ser perigoso para ele também, como foi para o capataz assassinado por Moisés. Fui ao banheiro e vomitei meu café da manhã. Lavei o sangue na pia e me sequei no secador de mãos elétrico. Depois, entrei na sala de exibição, sentei numa das cadeiras da última fileira, de onde podia ver quem entrava, e ali descansei até o final da sessão e a próxima troca de plateia, quando saí também, direto para o meio da rua, que roncava e chacoalhava a poeira quente do meio-dia.

Peguei um táxi e fui para a casa de Thea, o que era meu verdadeiro objetivo fazia dias.

a Works Progress Administration, agência criada durante o governo Roosevelt para oferecer trabalho e auxílio aos desempregados durante a Grande Depressão. (N. T.)

b Congress for Industrial Organization, união de sindicatos formada em 1935 com o intuito de organizar os trabalhadores em sindicatos industriais, ou seja, em sindicatos que congregassem trabalhadores de uma mesma empresa ou de um mesmo setor de atividade. Tendo nascido da união de alguns sindicatos que pertenciam à American Federation of Labor (AFL) — uma das mais antigas federações sindicais dos Estados Unidos e que defendia, na época, a organização dos trabalhadores em sindicatos de ofícios —, em 1938 o CIO se torna, em função dessa divergência com a AFL, uma entidade independente. Em

1955, as duas centrais se unem novamente, formando a AFL-CIO, atuante até hoje. (N. T.)

c Apelido dos membros do Industrial Workers of the World (IWW), organização sindical de esquerda fundada em Chicago, em 1905, com o objetivo de unir toda a classe trabalhadora num grande movimento revolucionário capaz de fazer frente à classe empregadora. Foi uma das primeiras entidades sindicais norte-americanas a defender o sindicalismo industrial. (N. T.)

d Referência a Guy Fawkes (1570-1606), um dos planejadores da Conspiração da Pólvora, que tentou explodir o parlamento inglês. (N. T.)

e Thomas Jonathan “Stonewall” Jackson (1824-1863), general confederado que lutou na Guerra Civil Americana. (N. T.)

f Tecumseh (1768-1813), chefe indígena shawnee. (N. T.)

g Em 1690, uma colônia britânica estabelecida em Schenectady, Nova York, foi destruída por um grupo de franceses e seus aliados indígenas vindos do Canadá. (N. T.)

14.

Eu estava correndo para cumprir a profecia que Thea Fenchel havia feito naquele balanço em St. Joe. E embora não fosse uma coisa insignificante para mim ter sido espancado e perseguido daquele jeito, não consegui sentir muito a importância da causa, nem acreditar que se eu continuasse lutando por ela iria beneficiar a quem quer que fosse. Se tivesse sentido isso como uma questão tão forte de consciência, provavelmente estaria em frente à fábrica da Republic Steel na hora do massacre do Memorial Day,^a como Grammick estava. Ele levou um golpe de cassetete na cabeça. Mas eu estava com Thea. Estar em outro lugar não estava nem sequer ao alcance das minhas forças, depois que nós dois começamos. Não, eu simplesmente não tinha vocação para o sindicalismo ou para a política, nem conseguia imaginar minha parcela de vontade à frente das fileiras de uma massa que estava prestes a marchar para escapar da miséria. Como essa minha vontade iria chegar lá para guiar o caminho? Eu não podia ordenar a mim mesmo que virasse uma daquelas pessoas que de fato vão na frente do resto, que se erguem e interceptam o grande raio social, ou o captam e concentram como uma lente de aumento, que brilham, estonteiam e fazem focos de fogo. Eu não tinha sido feito para aquilo.

Quando saí correndo do táxi rumo ao prédio de Thea e toquei três vezes a campainha do porteiro eletrônico, rápido, não observei com muita atenção para onde tinha ido. Era um saguão aparatoso, decorado com

móveis pesados, sem ninguém dentro, e enquanto eu tentava descobrir qual daquelas portas elegantes era a do elevador, um quadrado de luz apareceu numa delas. Thea tinha descido para me receber. A porta se abriu. Havia um banco de veludo lá dentro e nós desabamos em cima dele, nos agarrando e nos beijando enquanto o suave elevador subia. Sem reparar na camisa endurecida de sangue, Thea passou a mão pelo meu peito, subindo até meus ombros. Abri o robe dela, alcançando seus seios. Não estava no comando de mim mesmo. Estava alheado, quase cego. Se houvesse alguém por perto, nenhum de nós teria notado. Não posso afirmar com certeza que não tenha visto um rosto, talvez o de uma arrumadeira quando a porta do elevador abriu e continuamos nos abraçando no corredor e depois dentro do apartamento, perto da porta, no tapete.

Com Thea não foi de forma alguma como tinha sido com outras mulheres, aquelas que lhe dão permissão, por assim dizer, para despir uma coisa de cada vez e admirá-la, protegendo a próxima coisa de novo, e a última mais que todas. Ela não adia nada, nem parecia apressar tampouco. Como que estudando profundamente do interior de uma mente entregue, e com os lábios, as mãos, o cabelo, o peito arfante e as pernas, sem o uso de força alguma, a sensação pouco depois foi de que uma troca ou transferência havia se dado de nós dois para uma outra pessoa que não existia antes. Houve um poderoso sentimento de amor. E então, por fim, como se eu estivesse de joelhos no que se supõe ser um espírito inteiramente oposto, rezando, com as mãos unidas, acho que não teria sido nem um pouco diferente do que senti tomar conta de mim, com as mãos não unidas, mas tocando os seios dela. Meu rosto arrebatado, de olho roxo, estava pousado no meio deles, e os braços dela em volta do meu pescoço.

Depois, o sol começou a bater em cima de nós perto da porta, no tapete em que estávamos deitados. Sua luz tinha a mesma brancura diáfana que eu havia notado na sala de engomar. Seu brilho era mais sujo na calçada

do Loop em que saltei do bonde. Ali ele estava branco de novo. Logo eu quis fechar a cortina por causa da claridade ofuscante no meu olho e, quando me levantei, Thea reparou pela primeira vez no meu estado.

“Quem fez isso com você?”, perguntou, espantada.

Enquanto eu explicava a Thea tudo o que havia acontecido, volta e meia ela dizia: “Foi por isso que você não veio? Era isso que você estava fazendo aquele tempo todo?”. O tempo perdido era o mais importante de tudo para ela. Embora lhe desse arrepios olhar direto para o meu olho roxo, a razão específica por que eu havia sido surrado não a interessava e ela não estava nem curiosa a respeito. Sim, ela tinha ouvido falar da grande campanha sindical, mas o fato de eu estar envolvido nela era meio irrelevante. Pois se eu não estava com ela, onde deveria estar, não fazia muita diferença onde eu estava. Tudo o que havia se passado no meio-tempo e todas as interferências eram dessa mesma natureza irreal e pertenciam ao mundo lá fora. Tecelões de gaze, funcionários de hotel em greve, erros como minha ilusão a respeito da irmã dela, aquela farsa de ser tomado pelo gigolô da sra. Renling, tudo o que ela própria havia feito todo aquele tempo, essas eram coisas inteiramente do “mundo lá fora”. A realidade era agora, e ali; ela a havia seguido por instinto desde St. Joe. Então, esse era o motivo da sua queixa por todo aquele tempo perdido, o que me deu uma ideia do medo que ela devia ter sentido de nunca conseguir encontrar o caminho do “mundo lá fora” até ali, mas de ficar eternamente andando às tontas.

Claro que não compreendi isso logo de imediato. Fui entendendo aos poucos ao longo dos dias seguintes, durante os quais ficamos no apartamento. Dormíamos e acordávamos, e não discutíamos realmente minha vida e nem a dela. Havia malas ao redor da cama, mas não fiz perguntas sobre elas. E ainda bem que não saí do apartamento, pois os capangas estavam querendo fazer de mim uma lição para outros intrometidos, como Grammick me disse quando enfim me animei a telefonar para ele.

Outras mulheres que eu tinha conhecido... bem, eu não as culpava por tê-las amado menos do que amava Thea. Só que foi através dela que comecei a entender um pouco melhor os motivos por trás das minhas opiniões. Havia pessoas que eram lentas demais nas suas vidas, por cansaço, falta de disposição, reveses, mágoas, desconfiança; e outras que eram rápidas demais, por conta de outros problemas ou desesperos. Mas, do meu ponto de vista, Thea tinha um ritmo perfeito de vida. De modo que qualquer coisinha à toa, como ela andar até a cozinha ou se abaixar para pegar um objeto do chão, quando eu via a forma das suas costas, da sua coluna, ou o suave afastamento dos seus seios, sua floresta, essas coisas faziam minha alma dar cambalhotas. Eu a amava com tal intensidade que qualquer coisa que ela por acaso fizesse me era bem-vinda. Eu estava muito feliz. E quando ela estava zanzando pelo quarto e eu espichado na cama, ocupando uma parte tão grande da cama dela com meu corpo, eu parecia um rei, pelo prazer estampado na minha cara, olhando para ela, observando-a.

O rosto dela era mais pálido do que eu me lembrava, mas também eu não tinha reparado muito bem nele antes. Algumas dores da vida também estavam lá, obviamente, quando você olhava de perto, embora naquele momento específico seus olhos estivessem relativamente livres delas. Ela tinha cabelos pretos. As raízes brotavam de maneira um pouco irregular da sua testa, meio arrepiadas, lindas nesse detalhe. Você tinha de olhar bem para notar essa excentricidade. Seus olhos eram muito escuros. Volta e meia ela pintava os lábios, com um pequeno tubo que deixava na mesa de cabeceira, como se achasse que tinha de se manter adornada pelo menos dessa forma, com a cor do cravo vermelho, e espalhava borrões de fogo nos travesseiros e em mim.

Pois bem, quando eu telefonei para ela de South Chicago, Thea havia me dito que não tinha muito tempo, que teria de ir embora dali a pouco. E em nossos primeiros dias juntos, como eu disse, ela não falou sobre isso, porém mais tarde as malas abertas acabaram trazendo o assunto à baila e

ela me contou que tinha sido — e legalmente ainda era — casada, que viera de Long Island e que estava a caminho do México para se divorciar. Com receio de me magoar, só o que ela disse de início foi que o marido era bem mais velho que nós dois e que era muito rico. Aos poucos, porém, foi revelando outras coisas: que ele pilotava um avião Stinson, que tinha mandado despejar toneladas de gelo no seu lago particular quando a água do lago ficou morna em julho, que costumava viajar para o Canadá para caçar, que usava abotoaduras que custavam mil e quinhentos dólares, que mandava vir maçãs do Oregon a um custo de quarenta e cinco dólares cada uma, que chorava porque estava ficando careca rápido demais etc. Tudo o que ela dizia era escolhido para demonstrar que ela não o amava. Mas não fiquei muito enciumado. Imagino que tenha achado que não havia razão para ciúme, já que ele a tinha perdido. Esther também estava casada e com um homem podre de rico, um advogado de Washington. Thea não chegou a se dar realmente conta disso, mas tudo aquilo era muito exótico para mim — os aviões, as caçadas e as montanhas colossais de dinheiro. Ela também trazia equipamentos esportivos na mala —, culotes, botas, estojos de arma, câmeras. No banheiro, uma vez liguei sem querer uma lâmpada infravermelha que ela usava para revelar filmes, e na banheira havia potes com fluido, tubos e engenhocas desconhecidas.

Bem, quando tivemos essa conversa, anoitecia na janela. Estávamos sentados à mesa, tendo acabado de comer nosso jantar, que fora encomendado por telefone. Havia uma casca de melancia, ossos de galinha e coisas assim. Ela estava me falando do marido, mas a única coisa em que eu conseguia pensar naquele ponto e momento era na minha sorte, vendo Thea com a cabeça encostada na cortina e nas próprias mãos entrelaçadas na nuca, bem ao lado da janela aberta e do seu matiz de azul, que passava pela copa das árvores e depois ia ficando mais pálido. As árvores cresciam no pequeno quintal, que era coberto de cascalho branco. Um inseto grande entrou voando e começou a passear pela mesa. Não sei que inseto era, mas era marrom e lúcido e tinha uma estrutura complexa. Na cidade,

a grande cadeia universal de insetos míngua, mas onde há uma ou duas folhas ela sempre está representada. Num apartamento abaixo de nós, a louça do jantar chapinhava na água da torneira; e da direção de Hell's Kitchen, de um par de torres que eram como os pontos gêmeos dos sacos de ovos pretos de cações que às vezes aparecem nas praias, o som de sinos espocou. Esse disparo de crepúsculo romano ou leve bombardeio mal eram ouvidos por seus alvos por causa do barulho do esguicho da torneira e os tinidos da louça. Eu estava usando um dos roupões de Thea, minhas pernas estavam esticadas debaixo da mesa e eu estava sentado numa cadeira de braços de seda, e numa ocasião como essa, satisfeito como eu estava, o que eu ia fazer, sentir inveja do marido que ela havia deixado?

Tendo chegado perto de me tornar marido de Lucy Magnus, eu entendia por que Thea havia se casado ao mesmo tempo que a irmã e com o mesmo tipo de homem. Embora pudesse ser irônica com relação a eles agora, eu descobri mais tarde que ela tinha um fraco por fazer sucesso em círculos sociais como os daquele tal de Smith, ou pelo menos gostava de sentir que tinha mais classe que as mulheres daquelas famílias de Boston ou da Virginia — um departamento de rivalidade que eu não conhecia muito bem.

Ela presumiu que eu iria para o México com ela, e eu nunca cheguei a cogitar seriamente em recusar. Sabia que não tinha o que era preciso, de orgulho, ou de um forte senso de dever, para pedir a ela que voltasse mais tarde, quando eu estivesse pronto, ou pelo menos numa situação melhor, honrosamente quite com o sindicato, ou pudesse ao menos pagar minha própria passagem. Eu disse que não tinha dinheiro e ela respondeu, séria: “Pega o que você precisar da geladeira”. Ela tinha o hábito de guardar o dinheiro que recebia de troco dos entregadores e também cheques e coisas assim dentro da geladeira. O dinheiro ficava misturado com folhas de salada em processo de putrefação e largado ao lado de pires com gordura de bacon, que ela não gostava de jogar fora. Enfim, as notas de cinco e de

dez estavam lá, e eu deveria pegar o que precisasse quando estivesse de saída, como um homem pega um lenço da gaveta sem pensar muito.

Tive uma conversa com Grammick para pedir que ele assumisse meu lugar no Northumberland. Ele já tinha feito tudo o que podia. Não houve greve ilegal. Ele disse também que o sujeito do sindicato e os capangas dele estavam me caçando de verdade e que era para eu ficar na moita. Quando contei que ia pedir demissão e sair da cidade, ele ficou surpreso. Mas expliquei minha situação com Thea, que eu tinha de qualquer jeito de ir com ela, e ele pareceu aceitar melhor. Disse que era uma grande furada, de qualquer forma, ficar metido nessas situações de dupla sindicalização, e que a organização deveria fazer uma campanha de verdade no ramo hoteleiro ou então desistir.

Thea me vestiu e me equipou antes da viagem — e, por alguma razão, associada a isso me vem à cabeça a imagem de alguém como o duque de Wellington saindo porta afora vestido para a caçada de Salisbury, de paletó azul, boné preto e calças de couro de gamo. Talvez seja porque Thea tinha ideias muito precisas a respeito do que eu deveria usar. Fomos de loja em loja, na caminhonete, para experimentar roupas. Quando ela achava que alguma coisa tinha ficado bem, ela me beijava e dizia: “Ah, meu amor, você me faz feliz!”, sem ligar para toda a rigidez dos vendedores e dos outros clientes. Quando eu escolhia alguma coisa de que ela não gostava, Thea dava um princípio de risada e dizia: “Seu *bobo!* Tira isso. Parece uma daquelas coisas que aquela velha de Evanston achava que era elegante”. Ela também não gostava das roupas que Simon tinha me dado. Queria que eu parecesse um esportista, e comprou para mim na Von Lengerke and Antoine uma jaqueta de couro pesada que exigia que você quisesse abater caça para poder usá-la. Era um estouro, com uma dezena de diferentes tipos de bolso e fendas para cartuchos, linha de pesca, faca, fósforos à prova d’água, bússola. Você podia ser atirado no meio do lago Huron com ela e ter esperança de sobreviver. Depois, para comprar botas, atravessamos a

Wabash Avenue até a Carson's, onde eu não havia posto os pés desde que Jimmy Klein me prendeu na porta giratória naquele mau momento.

Nesses lugares, era ela quem falava. Quase sempre em silêncio, sentindo-me cheio de sangue nas veias, eu vinha sorrindo para experimentar as coisas e andar no meio do espelho triplo para deixar que ela me virasse pelos ombros e visse. As mínimas peculiaridades dela me agradavam — que ela falava alto, que não se importava que uma alça da sua combinação estivesse aparecendo por trás do seu vestido verde brilhante ou que algumas mechas de cabelo na sua nuca tivessem escapado da varredura do pente, mechas de uma negrura japonesa. Seus vestidos eram caros, mas, como o tremor que eu havia notado no seu chapéu quando ela foi ao meu quarto, nunca faltava alguma pequena desordem causada pela excitação, um ponto onde a arrumação falhava.

Passando por isso, sendo beijado nas lojas, fazendo compras e ganhando presentes, eu não me sentia envergonhado da minha sorte — posso dizer isso a meu favor. Se Thea tivesse me dado títulos e privilégios, como Elizabeth deu ao conde de Leicester, isso também não teria me causado constrangimento algum; ou se eu tivesse de usar penas, em vez do chapéu de caubói de copa alta de que ela gostava. Então, os xadrezes, quadriculados, camurças, suedes e botas de cano alto que me fizeram sair na Wabash Avenue feito um turista grandalhão não eram um embaraço para mim, mas me faziam rir e até me deixavam um pouco envaidecido, bancando o forasteiro na minha própria cidade natal.

Thea era maluca por magazines populares, onde comprava cosméticos, grampos e pentes. Depois de trancar as compras caras na caminhonete, íamos para a McCrory's ou para a Kresge's e passávamos horas lá dentro, andando para cima e para baixo pelos corredores junto com a multidão, na sua maioria de mulheres, e ao som de músicas de amor em alto volume. Algumas coisas Thea gostava de comprar barato; talvez elas lhe dessem uma noção melhor das relações mais profundas de centavos e níqueis e expressassem a verdadeira essência do dinheiro. Sei lá. Mas eu não me

achava importante demais para zanzar por aquelas lojas populares com ela. Ia aonde e como ela dizia para eu ir e fazia o que ela queria porque estava atado a ela como se estivesse costurado pela pele. Qualquer objeto banal que lhe dava prazer podia se tornar importante para mim na mesma hora; qualquer coisa mesmo, um pente, um grampo de cabelo, um pedaço de linha, uma bússola dentro de um aro de lata que ela comprou com grande satisfação, um boné de beisebol de pala verde para a estrada, ou o gatinho que ela mantinha no apartamento — nunca ficava em lugar nenhum sem um animal. Esse pequeno bichano listrado de rabo espetado parecia um gato do mar na vasta escuridão do piso dos cômodos que Thea nunca usava. Ela alugava um lugar enorme e depois se instalava com grande economia de espaço, amontoando e empilhando coisas ao seu redor. Havia vários armários e cômodas, mas ela ainda estava vivendo do que tirava de dentro de malas, caixas, estojos; para se aproximar da cama, que ficava no centro dessa confusão, você tinha de pisar nos espaços vagos entre uma coisa e outra. Ela usava lençóis como toalha e toalhas como pano de chão ou tapete ou para limpar as sujeiras do gatinho, pois ele ainda não estava treinado a fazer suas necessidades no lugar certo. Subornava as arrumadeiras com perfumes ou meias para que elas limpassem, lavassem a louça e peças de roupa íntima e fizessem outros serviços extras; ou talvez as subornasse para que elas não criticassem sua bagunça. Achava que era ótima com balconistas e criadas. Eu, o ex-organizador sindical, não dizia nada.

Não tinha importância. Deixei passar muita coisa. Naqueles dias, o que quer que me tocasse me tinha inteiramente, e o que não me tocava era como se estivesse morto, meu coração não dava a mínima. Nunca tinha ficado tão absorvido por um só ser humano. Seguia a consciência dela aonde quer que ela fosse. Como ainda não era velho o bastante para estar cansado de ficar confinado à minha própria consciência, não soube dar a isso o valor devido.

Do que eu às vezes me dava conta, sim, era de como estava abandonando algumas proteções muito velhas, que agora tinham ficado vazias. Por acaso eu não tinha sido prevenido o suficiente, por conta da minha mãe e de mim mesmo? E com terríveis advertências? Cuidado! Ah, seu parvo, seu fraco tolo! Você é um no meio de uma humanidade incontável que não passa de limalha de ferro espalhada num campo magnético, agarrada a linhas de força e dirigida por leis, comendo, dormindo, empregada, empurrada, obediente e subjugada. Então para que procurar mais maneiras ainda de perder a liberdade? Por que ir atrás, ao invés de fugir, do enorme fardo que ameaça consumir suas costelas, desgastar seu rosto, lascas seus dentes? Não, fique longe! Seja a pessoa mais sábia que anda, corre, galopa, rasteja para os seus objetivos solitários, acostuada ao esforço solitário, que provém para si mesma e dá ouvidos aos medos que são os reis deste mundo. Ah, eles não são de dar folga, esses reis! Muitos rostos mortos ou moribundos jazem ou se arrastam debaixo deles.

Então Thea apareceu com seu dinheiro, sua personalidade forte determinada a buscar amor e grandes circunstâncias, seu carro, suas armas e Leicas e botas, sua conversa sobre o México, suas ideias. Sendo que uma das principais delas era a de que tinha de existir algo melhor do que isso que as pessoas chamam de realidade. Ah, ótimo. Muito bem. Bravo! Então vamos a essa realidade melhor e mais nobre. Mesmo assim, quando uma crença como essa é defendida por uma pessoa e sustentada por um longo tempo, a obstinação acaba assumindo o controle. A beleza da coisa fica comprometida pelo que ela sofre no afã de se ver comprovada. Eu sei disso.

No entanto, as ideias de Thea tinham uma vantagem. Ela era uma daquelas pessoas que têm tanta certeza das suas convicções que são capazes de lutar por elas com o corpo. Se a ameaça a elas vai contra a própria carne e o próprio sangue delas, como acontece com mártires ou com pessoas que são revistadas nuas pela polícia, você logo sabe quais crenças têm força e quais não têm. Para ninguém falar da boca para fora. Pois o que você não

sofre na sua carne é quase como um sonho, ou como disparos de luz, fogos de artifício que salpicam o céu e rodas de luz branca que espalham fagulhas numa terra triste. Thea estava preparada para submeter seus pensamentos ao mais extremo dos testes.

Não que ela sempre mantivesse seu próprio alto padrão. Eu tinha de aceitar sua versão de tudo, sendo essa a obstinação de crença de que falei. Além disso, era óbvio que ela estava acostumada a ter o que queria, incluindo a mim. Seu comportamento às vezes era curioso e bruto. Quando atendia certas ligações de longa distância, ela praticamente me expulsava do quarto, e então eu a ouvia berrando e ficava assustado, espantado que ela pudesse ter uma voz como aquela. Não conseguia entender o que ela dizia e só podia especular sobre as razões dos gritos. Ficava me perguntando que críticas faria a ela se não fosse seu amante.

Ela achava que sabia tudo a meu respeito, e de fato era impressionante o quanto ela sabia; o resto, preenchia com confiança, apostando em pinceladas rápidas dadas de olhos fechados. Assim, dizia às vezes coisas ásperas e enciumadas e seu olhar de vez em quando era mais brilhante que amável. Tinha consciência de que havia sido fraca vindo atrás de mim — nos seus momentos confiantes, achava, ao contrário, que tinha sido forte e sentia orgulho de ter feito isso.

“Você gostava daquela moça grega?”

“Gostava, claro.”

“Era a mesma coisa com ela do que é comigo?”

“Não.”

“Eu sei que você está mentindo, Augie. Claro que era igual pra você.”

“Você não acha que é diferente comigo? Eu sou como o seu marido?”

“Como ele? De jeito nenhum!”

“Então, por que é que pode ser tão diferente pra você e pra mim não pode? Você acha que eu posso estar fingindo? Que eu não amo você?”

“Ah, mas fui eu que fui atrás de você, e não você de mim. Eu não tive orgulho” — ela estava esquecendo que eu mal a havia conhecido em St.

Joe. “Você estava ficando cansado daquela camareirazinha grega, então calhou de eu aparecer, e aí você ficou tão envaidecido que não conseguiu resistir. Você adora receber afagos desse tipo.” Dizer isso fez com que ela começasse a respirar com dificuldade; ela estava sofrendo. “O que você quer é que as pessoas despejem amor em você, aí você chupa tudo e engole. E está sempre querendo mais. Quando outra mulher vier atrás de você, claro que você vai embora com ela. Você fica tão feliz quando uma pessoa implora que você faça a vontade dela. Você não consegue resistir a uma bajulação!”

Talvez. Mas ao que eu não estava conseguindo resistir no momento era àquele olhar faiscante de raiva, que a deixou tão inflamada e com a cara tão branca com sua incisividade e temerária convicção metafísica. Embora pintasse a boca com batom vermelho, Thea não a deixava sensual, e tampouco tinha um rosto sensual, mas qualquer excitação, não importava qual fosse, tomava conta dela inteira. E era assim tanto quando estava zangada como quando estava amando, com os seios encostados em mim, as mãos entrelaçadas nas minhas, os pés tocando os meus. Então, mesmo que esse ciúme não fizesse sentido, não era um ciúme fingido.

“Se eu tivesse tido mais cabeça, teria ido atrás de você”, falei. “Eu só não tive tino bastante, então sou grato que você tenha tido. E você não precisa ficar com medo.”

Não, não, para que eu iria querer entrar em disputa para ver quem ia ficar por cima ou quem tinha mais ou menos orgulho? Nada disso. Quando ela me ouviu dizer essas coisas, um leve tremor percorreu suas feições: era a tensão passando. Ela deu de ombros, sorriu de si mesma e uma cor mais normal começou a aparecer no seu rosto.

Não só ela estava acostumada a travar lutas por independência e a impor resistência, a ir contra a orientação declarada de todo mundo, o que fazia com que seus julgamentos fossem severos, como também era em vários aspectos desconfiada. Sua experiência era, socialmente, muito maior que a minha, então ela suspeitava de muitas coisas que na época estavam fora da

minha esfera. Deve ter se lembrado de que, quando nos conhecemos, eu parecia o parasita de uma velha, alguém que vivia à custa dela e talvez até coisa pior. Claro que ela sabia que isso não era verdade. O que ela sabia de mim àquela altura, sabia *mesmo*, era muito, a partir de informações que eu dava livremente, porque de forma inconsciente. Mas acontece que a malícia dela também era involuntária, a desconfiança maliciosa de uma menina rica. E além do mais, mesmo que você já tenha formado sua opinião irrevogavelmente, isso por acaso significa que você não sue e não receie que possa estar enganado? Mesmo Thea, com suas convicções e sua confiança, não era imune a ocasionais acessos de dúvida.

“O que faz você dizer essas coisas de mim, Thea?” Elas me incomodaram. Certamente havia algum fundo de verdade nelas; eu sentia isso no meu forro, em algum lugar, como um objeto que escorregou pelo bolso abaixo.

“Elas não são verdade, não? Principalmente a parte de você gostar de fazer a vontade das pessoas?”

“Bom, mais ou menos. Eu já fui muito mais assim. Não sou mais tanto agora.” Tentei explicar a ela que tinha passado a vida inteira à procura da coisa certa a fazer, de um destino que me parecesse bom o bastante, que tinha contrariado as pessoas que tentaram me transformar naquilo que elas queriam que eu fosse, mas que agora que estava apaixonado por ela eu entendia muito melhor o que eu próprio queria.

Mas a resposta que ela me deu foi: “O que me faz dizer essas coisas é que eu vejo a importância que você dá pra maneira como as pessoas te veem. Você se importa demais com isso. E tem pessoas que se aproveitam. Elas não têm nada de genuinamente delas e não vão deixar nada pra você. O que elas querem é entrar nos seus pensamentos, na sua cabeça, e que você goste delas. É uma doença. Mas elas não querem que você goste delas como elas realmente são, não. Aí é que está. Você tem que ter consciência delas, mas não de como elas são de verdade e sim apenas de como elas gostam de ser vistas. Elas vivem através da observação dos que estão em

volta delas, e querem que você viva assim também. Augie, meu querido, não faça isso. Elas vão te fazer sofrer com esse jeito de ser delas. E no fundo pra elas você não tem a menor importância. Você só tem importância quando alguém te ama. Você tem importância pra mim. Fora isso você não tem importância, você é só alguém com que elas *lidam*. Então você não devia se importar com o que elas acham de você. Mas você se importa, você se importa demais”.

Ela continuou por aí afora. Era duro às vezes, porque em geral a sensatez dela estava contra mim. Como se previsse que eu ia magoá-la e estivesse me avisando. Mas, por outro lado, eu também estava ávido para ouvir o que ela dizia e entendia o que ela queria dizer, entendia até bem demais.

Tivemos conversas dessas com mais frequência na estrada, quando partimos para o México.

Ela tinha tentado algumas vezes me explicar o que íamos fazer no México, além de obter o divórcio dela, e parecia supor que eu sabia intuitivamente quais eram seus planos. Muitas vezes eu ficava confuso. Não conseguia entender se ela tinha uma casa na cidade de Acatla ou apenas a alugava, e o que ela descreveu do país não me deixou nem um pouco entusiasmado. Parecia um lugar perigoso quando ela falava das montanhas, das caçadas, das doenças, dos roubos e da população perigosa. Passei um bom tempo sem entender direito como seriam as tais caçadas. Tinha entendido que ela pretendia caçar águias e achei meio esquisito, mas não tão esquisito quanto o que ela de fato quisera dizer. Ela queria caçar *com* uma águia treinada em falcoaria e, como já tinha tido falcões, estava ansiosa para imitar um capitão inglês e um casal norte-americano que haviam ensinado ou “domesticado” águias-reais e águias americanas, umas das poucas pessoas que tinham feito tal proeza desde a Idade Média. Tirara a ideia da caçada de alguns artigos escritos por Dan e Julie Mannix,

que alguns anos antes haviam ido para Taxco com uma águia-calva treinada e usado a ave para capturar iguanas.

Perto de Texarkana havia um homem que tinha águias para vender. Ele havia oferecido uma a um tal de George H. alguma coisa, um velho amigo do pai de Thea que mantinha um zoológico particular. Esse amigo do pai dela, que pelo relato que ela fez me pareceu um maluco completo, como Ludovico da Baviera, o rei louco, tinha construído para si uma cópia do Trianon em Indiana, só que com jaulas dentro, e feito viagens à moda de Hagenbeck^b para todo lado para encher as jaulas com feras capturadas por ele próprio. Estava aposentado agora, velho demais para viajar, mas tinha pedido a Thea que trouxesse — ou a desafiado a trazer — para ele algumas iguanas gigantes, aqueles lagartos imensos e furiosos, remanescentes do Mesozoico, que habitavam as montanhas ao sul da cidade do México. Quando me foi passada essa informação, que eu não sabia o quanto deveria levar a sério, achei que isso tinha tudo a ver comigo e com minha vida — eu nunca me apaixonava sem que houvesse alguma esquisitice em algum lugar.

Não vou dizer que Thea era mais do que eu esperava, porque é preciso que fique absolutamente claro que eu não esperava nada. O que posso dizer é que ela era singular, imprevisível e contraditória nos seus caprichos e na sua constância, no seu nervosismo e na sua coragem. Chorava quando tropeçava na escada no escuro, mas viajava com equipamento de capturar cobras e me mostrou fotografias das excursões de um clube de colecionadores de cascavéis ao qual tinha sido filiada. Vi uma foto dela segurando uma cascavel por trás da cabeça e extraíndo o veneno dela com um pedaço de borracha. Ela me contou que tinha entrado rastejando numa caverna atrás da cobra. Na loja de Renling eu vendia equipamentos esportivos, mas as únicas caçadas que já tinha visto na vida haviam sido no cinema, tirando a vez em que vi Simon dando tiros de pistola nos ratos da carvoaria. Lembrava em especial de uma ratazana enorme, de costas curvas feito um pequeno javali, mas terrível, com patas ligeiras e cheias de

garras correndo em direção à cerca. No entanto, eu estava preparado até para virar caçador. Antes de deixarmos Chicago, Thea me levou ao campo para que eu praticasse tiro com os corvos.

Isso foi quando ficamos retidos mais alguns dias em Chicago; ela estava esperando uma carta do advogado de Smitty — o marido — e aproveitou esse tempo para me dar lições de tiro nas florestas lá pelos lados da fronteira com Wisconsin. Quando voltávamos para casa, ela tirava os culotes e ficava só com sua camisa de sair, de pernas de fora. Às vezes, pegava alguma bijuteria para consertar a fivela e ficava sentada feito uma menina de dez anos, totalmente absorta, de cabeça baixa e joelhos dobrados para cima, os dedos meio desajeitados. Depois, saíamos para cavalgar na pista do Lincoln Park, e lá não se notava nada de desajeitado nela. Eu não tinha esquecido como manejar um cavalo desde a época de Evanston, mas era exatamente isso que aquilo era: manejar, e não cavalgar. Acompanhava a velocidade dela da melhor forma que podia, com a cara vermelha e batendo com força no selim, usando meu peso contra o animal. Conseguia me manter em cima do cavalo, mas ela achava muito divertido o modo como eu fazia isso.

Eu também achava divertido, depois que recuperava o fôlego e descia do selim, mas ficava me perguntando quantas novas adaptações ainda teria de tentar fazer. Além das fotos do clube da cascavel, vi outras também; Thea tinha um estojo de couro cheio delas. Algumas eram daquele mesmo verão em St. Joe em que a conheci, do tio e da tia dela, da irmã com os amigos, de calças brancas e raquetes de tênis ou remando canoas. Quando ela me mostrou as fotos de Esther, eu não senti nada de especial, a não ser por causa da semelhança dela com Thea. Havia fotos dos pais dela também. A mãe tinha sido apaixonada pelos *pueblos*, então lá estava ela, sentada num carro de turismo, de chapéu e peles, olhando para os penhascos. Uma foto em particular me chamou a atenção. Era do pai dela num riquixá. Ele usava um terno de dril branco e um capacete com um mamilo em cima; seus olhos também estavam esbranquiçados, por efeito do sol, cujas

manchas faziam as rodas parecer rodelas de limão encharcadas de chá. Ele olhava por cima da cabeça raspada do cavalo humano chinês, que estava parado com suas panturrilhas grossas entre as hastes do riquixá.

Depois vinham mais fotos de caçadas. Algumas de Thea com diferentes falcões pousados em seu braço enluvado. Várias de Smitty, o marido. Com calças de montaria. Lutando de brincadeira com um cachorro. Ou com Thea num clube noturno — ela rindo de olhos fechados sob a luz do flash e ele cobrindo a careca com dedos finos, enquanto algum artista do clube estendia os braços por cima da mesa. Muitas dessas coisas me incomodavam. Por exemplo, no riso de Thea no clube noturno, eu via seus seios, seus ombros, seu queixo com uma sensação alegre de reconhecimento, mas as mãos debochadas e o estardalhaço da risada exibicionista... não, isso me era desconhecido. Não havia lugar para mim ali, àquela mesa. Nem ao lado do pai dela, no riquixá. Nem ao lado da mãe no carro de turismo, com a pele em volta do pescoço. E, além disso, a história da caçada me preocupava. Não sabia com que seriedade eu deveria levar a coisa. Atirar em corvos tudo bem, não havia problema. Mas quando ela me comprou uma luva grossa, de punho largo, para que eu pudesse segurar a águia, e eu a enfiei na mão, uma sensação estranha tomou conta de mim, como se eu fosse ter de virar um *fielder* num jogo de beisebol do demônio e correr de um lado para o outro para agarrar uma pedra em brasa no ar.

Então, eu estava com sérias dúvidas. Não com relação a se deveria ou não ir com ela, pois não havia o que decidir quanto a isso já que eu tinha de ir, mas com relação ao que esperar, ao que teria de enfrentar ou aceitar como minha cota na empreitada, lá onde estávamos indo. Explicar a coisa de maneira sensata para outras pessoas estava além da minha capacidade. Eu bem que tentei. Mimi, que deveria ter sido a pessoa mais habilitada a entender, foi justamente a amiga com quem mais me senti constrangido ao falar sobre isso. Ela não gostou nem um pouco da história e disse: “Espera aí, o que é que você está tentando me dizer?”, sem querer acreditar que eu

estivesse, como eu disse, apaixonado, e então a pele da sua testa franziu e se amontoou ao longo das suas sobrancelhas enviesadas. Quando expliquei em mais detalhes, ela riu na minha cara. “Como é que é?! Vocês vão pro Arkansas pegar uma águia? Uma águia? Tem certeza que não é um abutre, não?” Por lealdade a Thea, eu não ri; Mimi não conseguiu me fazer rir, ainda que a esquisitice da expedição me preocupasse muito. “Onde é que você foi arrumar uma namorada dessas, hein?”

“Mimi, eu amo a Thea.”

Isso fez com que ela me olhasse de novo, com mais atenção, o que revelou que eu estava falando sério. Mimi dava tanta importância à seriedade do amor que chegava a duvidar que existissem muitas pessoas capazes de entender direito o que ele era, e, mais sóbria, disse: “Toma cuidado pra não se meter em apuros. E por que é que você está abandonando o seu emprego? O Grammick me disse que você tinha futuro como organizador”.

“Eu não quero mais saber disso. O Arthur pode ficar com ele se quiser.”

Como se achasse que eu havia falado de Arthur com desrespeito, ela disse: “Deixa de ser idiota. Ele tem que terminar aquelas traduções e está trabalhando muito; está no meio de um ensaio sobre a poesia e a morte”, e então começou a me explicar por que os poetas deviam ter permissão para fazer funerais. Arthur estava instalado no meu quarto; tinha descoberto a coleção de clássicos da Harvard arruinada pelo incêndio dentro da velha caixa debaixo da cama e pediu que eu deixasse que ele tomasse conta dela para mim. Como os livros estavam carimbados com o nome “W. Einhorn”, teria sido difícil recusar mesmo que eu quisesse. Enquanto isso, ele estava se curando da gonorreia; Mimi vinha cuidando dele e só conseguia se preocupar secundariamente com outras pessoas.

Foi fácil explicar minha viagem para mamãe. Claro que não precisei contar muita coisa a ela, só que estava noivo de uma moça que tinha de ir para o México e que eu ia com ela.

Embora mamãe não trabalhasse mais na cozinha, suas mãos ainda conservavam as antigas marcas de faca, e era provável que aquelas linhas pretas nunca desaparecessem. Sua cor também continuava suave, mas seus olhos cada vez mais nebulosos e seu lábio inferior ficavam progressivamente mais inexpressivos. Suponho que o que eu dizia era quase indiferente para ela, desde que meu tom de voz não a alarmasse. Era isso que ela realmente ouvia. E por que meu tom de voz deveria alarmá-la, se eu estava bem e com as melhores sedas e cores? Se no fim os principais laços de afeto se revelam cordas da morte, loucas, pelo menos eu os sentia agora como conexões de alegria e, se isso era uma ilusão, ela nunca iria parecer mais substancial ou maravilhosa. Mas eu não achava que fosse uma ilusão, a menos que nada tão vívido possa ser substancial. Não, eu me recusava a admitir isso.

“Ela é uma moça rica, como a mulher do Simon?”

Achei que talvez ela estivesse pensando que Thea fosse Lucy Magnus.

“Não é ninguém da família da Charlotte, mãe.”

“Bom, então não deixe que ela te faça infeliz, Augie”, disse ela. E o que estava por trás disso, creio, era que, se Simon não havia me ajudado a escolher, se tinha sido eu quem havia escolhido por conta própria, minha mãe me considerava suficientemente parecido com ela para ser capaz de me meter numa enrascada. Eu não lhe disse nada sobre a caçada, mas me ocorreu que era inevitável que o filho de uma Agar saísse para caçar animais selvagens uma hora ou outra.

Perguntei de Simon. A única notícia recente que tivera dele fora através de Clem Tambow, que o tinha visto trocando sopapos com um negro no Drexel Boulevard.

“Ele comprou um Cadillac novo”, disse mamãe, “e veio aqui pra me levar pra dar uma volta. Ah, é maravilhoso! Ele vai ser um homem muito rico.”

Não fiquei chateado de saber que Simon estava próspero; ele podia virar o duque de Borgonha que eu não ia ligar. Mas tenho de admitir que não

consegui reprimir a satisfação que me causou pensar que Thea também era uma herdeira. Não quero fingir que consegui.

Também quis procurar Padilla antes de ir embora, e o encontrei em frente ao instituto em que ele trabalhava. Ele estava com um jaleco manchado de sangue, embora fosse contratado para fazer cálculos, até onde eu sabia, não experiências, e fumava um dos seus cigarros fedorentos de tabaco escuro, enquanto debatia sobre duas curvas, daquele seu jeito ágil, com um sujeito que estava segurando um grande caderno aberto. Padilla não ficou transbordando de entusiasmo por eu estar prestes a rumar para o México, e me aconselhou a não chegar nem perto de Chihuahua, a província dele. Disse que tinha um primo na Cidade do México, onde ele próprio nunca havia ido, e me deu o endereço dele. “Se ele vai te roubar ou te ajudar, eu não faço ideia, mas procura por ele, se você quiser alguém pra procurar”, disse. “Ele estava na pindaíba quinze anos atrás, quando foi embora. Ano passado ele me mandou um postal quando eu terminei o meu mestrado. O que talvez queira dizer que ele está querendo que eu o chame pra vir pra cá. Uma ova que eu vou! Bom, aproveita bastante a viagem então, se deixarem, só não diz depois que eu não te avisei pra ficar em casa.” De repente, ele sorriu sob a luz do sol e franziu o nariz curvo e pequeno e a testa, que se crispou debaixo do seu belo cabelo mexicano. “E vê se não abusa muito dos rabos de saia fogosos que tem por lá.” Não consegui nem dar um sorriso amarelo para ser sociável ao ouvir isso; era um conselho tão fora de propósito para um homem apaixonado.

Ninguém, portanto, me deu o alegre *bon voyage* que eu teria gostado de ouvir. Todo mundo me preveniu de alguma forma, e eu lembrei até de Eleanor Klein e da história que Jimmy me contou sobre ela ter sido passada para trás lá no México e das agruras que ela enfrentou. Contra-argumentei comigo mesmo que era só o rio Grande que eu tinha de atravessar, não o Aqueronte, mas mesmo assim a coisa me oprimia de algum lugar. Na verdade, era a estranheza do estado em que eu me encontrava e não tanto a do destino da viagem que não me saía da cabeça.

A grande surpresa desse estado era a sensação de que a unidade humana talvez não fosse um, mas dois. Nem mesmo o adestramento da águia me preocupava tanto quanto a ideia de que o que acontecesse com Thea necessariamente aconteceria comigo também. Isso era assustador.

Essa preocupação, obviamente, não estava clara para mim na época. Pus tudo na conta do México e da caçada. Até que disse a Thea, por fim, numa noite em que ela estava tocando violão (tocava com o polegar dobrado para trás ao lado das cordas; travava o instrumento com delicadeza, e ele fornecia sua própria força): “Nós temos mesmo que ir pro México?”.

“Se nós temos que ir?”, perguntou, botando a mão em cima das cordas para interromper a vibração.

“Você pode conseguir um divórcio rápido em Reno e em outros lugares.”

“Mas por que a gente não pode ir pro México? Eu já fui lá várias vezes, muitas vezes. O que é que tem de errado com o México?”

“O que é que tem de errado com outros lugares?”

“Tem uma casa em Acatla à nossa disposição, e nós estamos indo pra lá pra capturar alguns daqueles lagartos e outros animais. Além do mais, eu já combinei com o advogado do Smitty de fazer o divórcio lá. E ainda tem uma outra razão por que é melhor nós irmos pra lá.”

“Qual?”

“Eu não vou ter muito dinheiro depois do divórcio.”

Fechei os olhos e botei a palma da mão na testa, como se quisesse ajudar minha cabeça a absorver o súbito espanto. “Você me desculpe, Thea, mas eu não estou entendendo. Eu pensava que você e a Esther fossem ricas. E quanto ao dinheiro dentro da geladeira?”

“Augie, o nosso lado da família nunca teve muito dinheiro. É o meu tio, o irmão do meu pai, que é rico. A Esther e eu somos os únicos parentes que ele tem e sempre recebemos mesada e fomos criadas como se fôssemos ricas, mas havia esse entendimento de que nós tínhamos que nos sair bem na vida. A Esther conseguiu; ela casou com um homem rico.”

“E você também.”

“Mas acabou. Bom, acho melhor te contar de uma vez. Houve um escândalo. Não é nada com que você deva se preocupar, foi pura bobagem, mas eu fugi de uma festa com um cadete naval. Ele era igualzinho a você. Mas não deu em nada. Eu pensava em você o tempo todo, mas você não estava lá.”

“Um substituto!”

“Bom, aquela moça grega nem isso era pra você.”

“Mas eu nunca disse que tinha passado o tempo todo desde St. Joseph pensando em você.”

“Nem na Esther?”

“Não.”

“Você quer brigar ou quer ouvir? Só estou tentando explicar o que aconteceu. A minha tia estava nos visitando — você se lembra da velha — e a festa era na nossa casa, na casa do Smitty. E aí a minha tia me viu de chamego com esse rapaz. Augie, você realmente não deve se preocupar com isso. Isso aconteceu a quilômetros daqui e eu não tinha ideia de que vinha pra Chicago atrás de você. Mas eu não aguentava mais o Smitty e estava precisando muito de alguém. Mesmo que fosse um garoto qualquer, como aquele cadete da Marinha. Depois disso, a minha tia voltou pra casa e aí o meu tio fez uma ligação de longa distância pra mim e disse que estava de relações cortadas comigo até eu aprender a me comportar direito. E essa é mais uma razão por que eu tenho que ir para o México, pra tentar ganhar algum dinheiro.”

“Com a águia?”, bradei. Vários tipos de coisa me incomodavam. “Como você imagina que vai conseguir ganhar dinheiro com uma águia?! Mesmo que ela pegue aqueles malditos lagartos ou sei lá o quê. Santo Deus!”

“Não são só os lagartos. Também vamos fazer filmes de caçadas. Eu tenho que capitalizar em cima das coisas que sei fazer. Nós podemos vender artigos sobre isso pra *National Geographic*.”

“Como é que você sabe se a gente vai conseguir? E quem é que vai escrever esses artigos?”

“Vamos reunir o material e encontrar alguém que nos ajude a escrever. Sempre tem alguém que faz esse tipo de coisa em qualquer lugar que você vá.”

“Mas, minha querida, você não pode contar com isso. Você acha que é fácil assim?”

“Pode não ser, mas eu também não acho que seja tão terrivelmente difícil. Eu conheço um monte de gente em tudo quanto é lado que está louca pra me fazer um favor. Eu não imagino que vá ser muito fácil treinar a águia, mas estou muito entusiasmada pra tentar. Além do mais, é mais barato viver no México.”

“Mas e o dinheiro que você está gastando agora? Nesta suíte?”

“O Smitty vai pagar todas as despesas até o divórcio sair. Você não se incomoda com isso, né?”

“Não, mas você não devia esbanjar tanto.”

“Por quê?”, ela perguntou, e genuinamente não entendia.

Da mesma maneira que eu também não conseguia entender algumas das suas noções sobre economia. Ela era capaz de pagar trinta dólares por uma tesoura de costura francesa numa loja de prata do Michigan Boulevard — um estabelecimento grande, glamouroso, mas morto, que vendia prataria para enxovais — para depois nunca cortar uma linha, nunca arrancar um botão com a tal tesoura, mas deixá-la submergir no fluxo de artigos enfiados em bolsas e caixas que enchia a traseira da caminhonete e talvez nunca mais vir à tona. E, no entanto, falava de fazer economia no México.

“Você não se importa de gastar o dinheiro do Smitty, né?”

“Não”, respondi, e sinceramente estava pouco me lixando. “Mas digamos que eu não fosse pro México com você — você iria sozinha? Com águia e tudo?”

“Claro. Mas por quê, você não quer ir comigo?”

Ela sabia, porém, que eu seria tão incapaz de ficar e deixar que ela fosse sozinha quanto de arrancar meus olhos fora. Nem que fossem abutres africanos, condores, pássaros roca ou fênicas que ela quisesse adestrar. Ela tinha a iniciativa e me levava junto; se eu tivesse alguma ideia diferente, independente, talvez eu tivesse tentado tomar a dianteira. Mas eu não tinha nenhuma.

Então, ela me perguntou se eu não preferia ficar e, vendo estampado na minha cara o quanto eu a amava, ela retirou a pergunta e ficou em silêncio; o único som que se ouviu foi o da batida do violão, quando ela o pousou no chão.

Depois ela disse: “Se a águia está te preocupando, esquece isso até você ver como ela é. Eu vou te mostrar o que fazer. Só não fica se angustiando antes do tempo. Ou então pensa na emoção que vai ser quando a gente tiver conseguido treinar o bicho, e em como ele é bonito”.

Tentei seguir o conselho dela, mas mesmo assim meu ceticismo de garoto criado no West Side de Chicago ficava me atormentando e dizendo: “Que história é essa?!”. Como estávamos apenas a uma curta distância do zoológico, dei uma caminhada até lá para ver a águia deles, que estava empoleirada num tronco dentro de uma gaiola de um metro e vinte de altura e cônica como a gaiola de um papagaio de sala de estar, com suas cores de fumaça e sol tingidas um pouco de verde, sua postura de bípede, sua calça de janízaro de penas, a cabeça afundada, o olhar assassino, a vida profunda das suas penas. Ai! No verde de parque europeu de gramados e grades de ferro cobertas de azinhavre, sombras de árvore comuns e sol de jardim, parecia não haver nada que um pássaro como aquele pudesse querer. Pensei: como é que alguém pode domesticar um animal desses? E também: é melhor a gente ir rápido para Texarkana e começar logo esse negócio antes que o bicho fique grande demais.

A carta do advogado de Smith tinha chegado. No mesmo dia em que a recebemos, botamos as malas na caminhonete e deixamos a cidade, rumando para St. Louis. Como começamos a viagem tarde, não

conseguimos chegar tão longe. Acampamos, dormindo no chão, debaixo de uma barraca de campanha. Calculei que não devíamos estar muito longe do rio Mississippi, que eu estava ansioso para ver. Estava tremendamente alvoroçado.

Deitamos ao lado de uma árvore imensa. Um tronco de séculos de idade, mas com uma folhagem tão mixuruca — era difícil acreditar que aquela coisa enorme pudesse ser sustentada apenas por aquelas folhas minúsculas. E logo você começava a distinguir o barulho das folhas, movimentadas pelo vento, do ruído dos insetos. Primeiro próximo e alto; depois distante e gigantesco. E então você se dava conta de que, onde quer que estivesse escuro, havia esse ruído de insetos, continental e hemisférico, de novo e de novo, como ondas quebrando, e contínuo e denso como estrelas.

a Em 30 de maio de 1937, dez grevistas foram mortos e noventa ficaram feridos num confronto com a polícia nas cercanias de uma fábrica da empresa Republic Steel em South Chicago. Memorial Day é o dia dedicado, na maioria dos estados norte-americanos, à memória dos soldados mortos em todas as guerras. (N. T.)

b Carl Hagenbeck (1844-1913), caçador e treinador de animais alemão, fundador do Tierpark Hagenbeck, em Hamburgo, o primeiro zoológico sem grades do mundo. (N. T.)

15.

Com que classe nós começamos! Estávamos nas nuvens de tanto prazer. Tínhamos toda a sorte no amor que poderíamos pedir aos céus, e que talvez tenha sido aumentada pelo exotismo que encontrávamos um no outro, pois de certa forma Dânae ou Flora, a bela romana, não poderiam ter me parecido mais estranhas, e só Deus sabe que tipo de fruto esdrúxulo da bárbara Chicago eu devia ser para ela. Mas essas diferenças, creio, reduziram o peso da preciosa personalidade e o fardo da experiência de que a familiaridade sempre faz parte.

A maneira como iniciamos a viagem e tudo o que fizemos e vimos, o que comemos, debaixo de que árvores tiramos nossas roupas e que protocolo havia com respeito aos beijos, desde o rosto até as pernas e subindo de novo até o peito, as coisas com que concordávamos ou das quais discordávamos, que animais ou pessoas passaram pelo nosso caminho, são coisas que sempre consigo lembrar quando quero. Algumas lembranças eu tenho a capacidade de ver sem sentir nelas muita história prévia, quase como pássaros ou cachorros, que não têm a condição humana e estão sempre vivendo na mesma era, sendo os mesmos aos pés de Carlos Magno, numa chata do Missouri ou num ferro-velho de Chicago. E muitas vezes é assim que as árvores, a água, as estradas, o mato me voltam à lembrança em seu verde, branco, azul, inclinação, manchas, rugas, veias ou cheiro, de modo que consigo fixar minha memória até mesmo numa formiga nas dobras de uma casca de árvore, na gordura de

um pedaço de carne ou numa linha colorida na gola de uma blusa. Ou em distinções como quando você nota, numa roseira, variações de calor que fazem seu peito e sua barriga se contraírem em diferentes lugares enquanto você tenta corresponder a elas; quando até a rosa da podridão e do erro faz com que você tente reagir e queira se mexer. O que quer dizer também que o calor humano que circula e aquece, quando se acumula em algum obstáculo, queima dentro ou fora com típicos rescaldos ou chagas e faz uma trilha de febre ou fogo, cuja contraparte é escuridão e lacunas frias. Então há rosas ardentes, há chagas e há circuitos queimados. É raro estarmos sem alguma dessas quebras ou interferências.

Thea e eu tínhamos nossos problemas. Ela me deixava inseguro, e eu a ela. Eu fazia isso parecendo, por um longo e velho hábito, blasé e desapegado; para mim, era difícil mudar. E ela, por sua vez, não podia me prometer nada. Simplesmente se recusava a fazer promessas. Eu sabia que Smitty não teria se divorciado dela por causa de um mero cadete naval. Supunha que naquelas altas rodas uma escorregadela aqui e ali não tinha essa importância toda. Quando lhe falei sobre isso, ela admitiu. “Claro”, disse, “de vez em quando. Por causa do Smitty. Bom... por minha causa também. Mas *nós* não precisamos pensar nisso. Porque nunca aconteceu nada parecido com você na minha vida. Então como é que eu posso saber como é que vai ser o futuro? Eu nunca me senti assim antes. Você já?”

“Não.”

“Meu Deus, você está com ciúme disso!”, disse ela, e estava certíssima. “Mas, Augie, os outros é que deviam ter ciúme de você. Aquelas coisas foram só incidentes. Sabe, isso pode ser uma das coisas mais desimportantes do mundo. Se é bom, por que sentir rancor de quem quer que seja? E se é ruim, só o que você pode fazer é lamentar. E você pode me culpar por ter tentado? E você não quer que eu te conte a verdade?”

“Ah, sim, quero. Não. Não sei. Talvez não.”

“Digamos que eu não tivesse procurado — o que é que eu iria saber? E se eu não puder te contar a verdade e você não puder me contar...”

Sim, sim, eu sabia que a verdade tinha de ser adequada em algum lugar, mas era ali o lugar para ela?

Thea queria contar e saber tudo. Normalmente pálida, ficava mais pálida ainda quando lhe vinha esse desejo de contar e de saber, e muitas vezes sua seriedade beirava o pânico. Pois claro que ela também sentia ciúmes. Sim, ela tinha ciúme. Às vezes me fazia bem perceber isso. Ela queria enfrentar a verdade e, quando enfrentava, estremecia e ficava com medo.

Às vezes me vinha à cabeça que tinha sido o simples ciúme da irmã que a havia feito se interessar por mim no começo. Não era um pensamento reconfortante. Mas, por outro lado, na verdade é muito comum você no início desejar uma coisa pelas razões erradas; existe um desejo ainda mais profundo que acaba fazendo com que você deixe essas razões de lado. Caso contrário, todos os motivos humanos seriam verdes e mesquinhos e haveria apenas a ilusão de motivos mais maduros e melhores. No entanto, como a história do mundo mostra, razões inferiores não são as únicas que prevalecem. Se não, por que pessoas infelizes teriam persistido em pensar no melhor e só no melhor? Você pega, por exemplo, aquele pobre Rousseau, no retrato que ele deixa de si, com a barba por fazer e o rosto leitoso, com uma peruca de cachos na cabeça, chorando ao ver sua própria ópera encenada na corte para o monarca e se sentindo encorajado pelo choro das senhoras comovidas, fantasiando que gostaria de engolir as lágrimas que lhes escorriam pelas faces — pois esse Jean-Jacques bobalhão, que não conseguia se dar com um único ser humano, vai para a floresta de Montmorency a fim de pensar e escrever sobre o *melhor* governo e o *melhor* sistema educacional. E também Marx, com seus carbúnculos furiosos, sua pobreza e a morte de filhos, cujo pensamento era que o anjo da história tentaria em vão voar contra o vento do passado. Eu poderia citar muitos outros, menos ilustres, que por mais preocupados que estivessem ou mimados e perversos que fossem, mesmo assim quiseram se reservar para

grandes finalidades e acreditavam que pelo menos alguma coisa tinha valor. Assim é o desejo mais profundo debaixo dos aparentes.

Ah, o ciúme, claro. Mas havia também uma porção de outros defeitos e inferioridades. O que eu às vezes não pensava de mim mesmo, com aquelas calças boas de couro de gamo, as botas, a faca com bainha, enquanto dirigia a caminhonete como se estivesse voltando da corte em Greenwich e passando ao longo do Tâmis, tendo acabado de voltar de um ataque de surpresa dos espanhóis, com flores ridículas no meu chapéu. Era assim que eu me via, com satisfação e alegria radiante; talvez o fato de eu estar apaixonado sirva de desculpa parcial para a minha alegre babaquice. Mas Thea também podia ser singular, como quando bravateava ou se vangloriava ou competia com outras mulheres; ou tentava pescar elogios, ou me forçava a admirar seu cabelo ou sua pele, coisa que eu não precisava ser forçado a fazer. Às vezes eu a pegava enfiando papel higiênico dentro do sutiã. Papel higiênico! Que ideia estranha ela fazia de si mesma — uma completa incapacidade de reconhecer o que tinha! Por que ela iria querer que seus seios fossem diferentes? Eu espiava dentro da blusa dela, onde eles me pareciam perfeitos, e ficava perplexo com essa pergunta.

Poderia enumerar mais dificuldades, como angústias, irritações, dores de barriga, ansiedades que causavam vômitos e sangramentos no nariz, o medo constante de engravidar. Além disso, volta e meia ela fazia algum comentário esnobe a respeito da sua linhagem e se gabava da sua habilidade musical. Na verdade, eu só a ouvi tocar piano uma vez, num restaurante de beira de estrada, uma tarde. Ela subiu no tablado, e talvez o instrumento já estivesse desafinado por ser usado por músicos de jazz; fosse como fosse, foi como se o piano começasse a entrar em colapso com a energia que ela descarregou sobre as teclas, acordes transbordavam e elementos respingavam. De repente, ela parou de tocar e voltou em silêncio para a mesa, com gotas de suor no nariz. Disse: “Parece que hoje está tudo fora do tom”. Bom, eu estava pouco ligando se ela sabia ou não tocar, mas para Thea isso parecia importante.

Eu acreditava, porém, que esses defeitos, tanto nela quanto em mim, poderiam ser corrigidos ou modificados. Tudo que não era essencial, eu achava que podíamos simplesmente empurrar para o lado. Como fizemos com os artigos de camping que estavam no nosso caminho; tínhamos esquecido de recolhê-los — estou pensando num dia em particular; havia algumas canecas de alumínio, cordas e linhas em cima do cobertor. Era de tarde; estávamos nos contrafortes das montanhas de Ozark, bem longe da estrada, num bosque perto de um pasto. Acima de onde estávamos, havia uma faixa ondulante de pequenos pinheiros e, acima dela, árvores maiores; abaixo, terras em declive. Como a água de que dispúnhamos era ruim, nós a batizávamos com uísque para dar gosto. O tempo estava quente, o ar lustroso, as nuvens brancas, pesadas, cheias, perigosas, balançantes, sedosas. A terra pelada reluzia e torrava, o trigo parecia feito de vidro, o gado estava com as patas na água. Primeiro o calor e depois o uísque fizeram com que tirássemos a roupa, camisas, depois calças e, por fim, tudo. Tive um sobressalto ao ver os bicos cor-de-rosa dos seus seios, tão pesados e salientes, e apesar de tudo ainda me senti, no início, um pouco encabulado com eles. Quando pousei meu prato de metal e comecei a beijá-la, nós dois de joelhos, ela passou a mão nos pelos da minha barriga; eu às vezes ainda me surpreendia com os lugares em que ela resolvia botar um beijo de carinho e nunca sabia de onde viria o pulo da felicidade. Ela me ofereceu apenas as bochechas a princípio e, quando me deu seus lábios, não largou da minha boca por um tempo, até entrelaçar os braços atrás da minha cabeça. Quando estava coberto e transbordando de calor, unido a ela por inteiro até o mais ínfimo dos pelos, eu me senti como que carregado pelo seu corpo, com facilidade. Ela não fechou os olhos, mas eles não estavam abertos para olhar para mim nem para nada; cheios e lentos, eles não faziam qualquer esforço, apenas recebiam e mostravam. Logo, logo eu também não via mais nada, mas sabia que estava deixando para trás meus esconderijos e confinamentos, esforços, objetivos, observações, e não queria nada que não fosse para ela e sentia o mesmo da parte dela.

Ficamos um bom tempo como estávamos, relaxando e nos afastando lentamente até ficarmos deitados lado a lado, nos braços um do outro, depois novamente mais perto, beijando pescoço, saboneteira, a beirada do rosto, o cabelo.

Enquanto isso, as nuvens, os pássaros, o gado na água, as coisas todas se mantiveram a distância, e não havia necessidade de pastorear, tomar conta, segurá-los pela cabeça, mas já era suficiente estar entre eles, soltos no chão como eles estavam no riacho ou no ar. Foi mais ou menos isso que eu quis dizer quando falei que de vez em quando podia olhar para as coisas como se fosse uma criatura. Se mencionei um ferro-velho de Chicago e as terras de Carlos Magno, tive minhas razões. Pois se olhasse para um ar qualquer, podia me lembrar das abelhas e dos mosquitos de poeira no calor pesado de uma rua dividida por pilares da linha de trem — como a Lake Street, onde ficam os ferros-velhos e antigos depósitos de garrafa — como uma mal planejada igreja de loucos e suas estações, intermináveis, onde os fiéis arrastam seus carrinhos cheios de quinquilharias. E às vezes a tristeza tomava conta de mim ao sentir que eu próprio era uma criação de lugares assim. Por que é que seres humanos se submetem às trapaças da história prévia, enquanto meras criaturas veem tudo com seus olhos originais?

* * *

Tivemos poucas tardes como essa depois que começamos a treinar a águia. Afinal, o amor pode ser a vocação de personagens mitológicos ao redor do monte Olimpo ou de Troia, como Páris e Helena, ou de Palamons e Emilys,^a mas nós tínhamos de começar a ganhar nosso próprio pão. E não podia ser de nenhuma outra forma a não ser aquela que Thea havia escolhido, mandando um pássaro caçar outros animais. Então, a parte dourada e brincalhona da excursão terminou em Texarkana.

Ao ver aquele animal feroz na gaiola, minha visão escureceu de repente e eu senti uma coisa me escorrer pelas pernas abaixo como se tivesse mijado nas calças, mas era só uma sensação nas minhas veias. No entanto,

senti realmente um choque em todos os meus nervos quando vi com o que teríamos de lidar, e uma escuridão diante dos olhos. O pássaro parecia um parente próximo daquele que pousava em Prometeu todos os dias. Eu tinha esperança de que fosse um pássaro menor, que, criado por nós desde filhote, pudesse aprender alguma coisa sobre afeição. Mas não era — para o meu desespero. Na verdade, ele era tão grande quanto o de Chicago, com a mesma calça de soldado turco ou de paraquedista descendo até as patas implacáveis.

Thea ficou numa empolgação tremenda. “Ah, ele é lindo! Mas que idade ele tem? Ele não é mais filhote. Parece já ter tamanho de adulto. Deve pesar mais de cinco quilos.”

“Mais de dez”, eu disse.

“Não, isso tudo não, meu amor.”

Claro que ela entendia mais de pássaros que eu.

“Mas você não o pegou do ninho, pegou?”, ela perguntou ao dono.

O sujeito, que mantinha um zoológico de beira de estrada com pumas, armadilhas e algumas cascavéis, parecia ser um velho garimpeiro ou caçador de tesouros, com aqueles olhos vingos que pedem que você acredite que a obliquidade deles é só um defeito da natureza ou efeito de uma luz desfavorável. Mas eu não tinha frequentado o salão de sinuca de Einhorn nem sido criado por vovó Lausch para nada, e o reconheci como um velho oblíquo e picareta de coração.

“Não, eu não escalei a montanha atrás dele, não. Foi um sujeito que trouxe pra mim quando ele era bem pequenininho. Esses bichos crescem muito rápido.”

“Ele me parece mais velho. Pra mim, ele está no auge da vida.”

“Eu preciso saber se ele já foi selvagem, se já caçou solto”, disse Thea.

“Ele nunca ficou fora dessa gaiola praticamente desde que saiu do ovo. Sabe, moça, já faz quase vinte anos que eu venho mandando animais pro seu tio.” Ele achava que o tal George H. alguma coisa era tio dela.

“Ah, nós vamos ficar com ele, claro”, disse Thea. “Ele é tão lindo. Você pode abrir a gaiola.”

Corri para a frente dela, temendo pelos seus olhos. Praticar falcoaria com pequenos falcões-peregrinos nas mansas campinas do Leste, na companhia de damas e cavalheiros esportivos, era uma coisa; mas estávamos na fronteira do Texas, ao alcance do cheiro de desertos e montanhas, e ela nunca havia tocado numa águia antes, ainda que tivesse experiência com pássaros menores e fosse capaz de capturar cobras venenosas. No entanto, Thea era muito segura quando se tratava de lidar com animais; não tinha medo nenhum deles. Com a luva enfiada na mão, ela segurou um pedaço de carne dentro da gaiola. A águia bicou o pedaço de carne, arrancando-o da mão dela, e em seguida o comeu. Thea tentou outro pedaço, e desta vez a águia subiu no seu braço com aquele bafejo quase inaudível das suas asas abertas, por si só já tão apavorante, o ombro erguido com sua força de arranque, o leque das rêmiges com a ferrugem oculta, o sovaco de anjo da morte ou buraco profundo debaixo da asa. As garras do pássaro seguraram o braço de Thea com firmeza enquanto ele dilacerava a carne. Contudo, quando ela quis tirá-lo da gaiola, o bicho atacou e bicou. Quando chegou minha vez de tentar pegá-lo, ele me bicou acima da luva e abriu talhos no meu braço. Eu já esperava por isso, se não por coisa pior, e de certa forma fiquei até aliviado por ter acontecido tão rápido, o que fez com que eu o temesse um pouco menos. Quanto a Thea, fascinada e mais branca do que nunca com seu boné de aba verde, ágil, forte, a cabeça ereta com sua determinação de pegar e domesticar o bicho, para ela o esguicho de sangue no meu braço era apenas um incidente, como o rangido de cascalho debaixo das nossas botas. Em ação, ela era assim no que dizia respeito a acidentes — quedas e tombos de cavalos ou de motocicletas, cortes de faca ou qualquer machucado sofrido durante caçadas.

Por fim, transportamos o bicho para a traseira da caminhonete. Thea estava feliz. Eu tinha coisas a fazer, como pôr um curativo no meu braço e

rearrumar as caixas para dar mais espaço ao pássaro, que me permitiram esconder meu desânimo. Ouvindo Thea falar de seus planos, o velho mal conseguia esconder o sorriso atrás do bigode. Como muitos entusiastas, Thea raramente percebia quando alguém estava fingindo escutar com seriedade o que ela dizia. Como estava nos vendendo o pássaro por uma nota preta — ou, na minha interpretação, estava finalmente conseguindo se livrar daquele seu hóspede mal-encarado —, o velho estava muito satisfeito e maroto. Então, lá fomos nós, com a criatura supervisionando a traseira do carro. Vi como Thea estava contente e confiante, e conferi a posição da espingarda atrás do banco.

Lembro de uma prima de vovó Lausch que recitava “A águia”, de Lermontov, em russo; eu não entendia nada, mas a entonação dela era romântica, maravilhosa. Morena de olhos pretos, ela tinha uma garganta poderosa, mas suas mãos eram um pouco inexpressivas. Era bem mais nova que vovó, e seu marido era peleteiro. Não que isso venha muito ao caso. Só estou tentando juntar tudo o que um homem criado na cidade sabia sobre águias, e é curioso: a águia do dólar; as águias voando alto no santuário de pássaros de Bombay Hook; a águia da NRA,^b com sua roda dentada e seus raios; o pássaro de Júpiter e de nações, de repúblicas e também de César, de legiões e de profetas; o coronel Julian, a águia negra do Harlem;^c e ainda os corvos de Noé e Elias, que podem muito bem ter sido águias; a águia solitária, presidente dos animais. E também ladra e comedora de carniça.

Bem, cedo ou tarde todos nós acabamos chegando perto das lendas, de certa forma.

O pássaro tinha me dado a impressão de estar no auge da vida, mas o velho não estava de todo errado, muito embora provavelmente tenha mentido por uma margem de oito meses. Águias americanas geralmente são escuras até chegar à maturidade; passam por várias mudas antes de ganharem a parte branca da sua plumagem. A nossa ainda não tinha ganhado a dela, ainda não tinha todo o olhar maligno que elas adquirem

quando a cabeça fica branca, e ainda era apenas um príncipe negro, não um rei. Era, no entanto, extraordinariamente belo, com sua cabeça inclinada para a frente, sua gola, suas penas brancas entre as mais escuras, seus olhos que eram joias terríveis e não expressavam nada nas suas pequenas linhas a não ser crueldade e que ele só estava interessado em satisfazer suas próprias necessidades; ele inteiro era um manifesto disso. Eu o odiava com todas as minhas forças, no início. À noite, tínhamos de ficar acordados por causa dele, o que atrapalhava o amor. Se dormíamos ao ar livre e eu acordava e dava por falta de Thea, ia encontrá-la perto dele; ou ela me sacudia e pedia que eu fosse ver se estava tudo bem — se as peias estavam em volta das pernas dele, se o elo móvel estava no buraco das peias, se a corrente estava presa no elo. Se íamos para um quarto de hotel, ele dividia o aposento conosco. Eu ficava ouvindo seus passos; ele sacudia as penas ou soltava um chiado que era como neve deslizando. Ele se tornou de imediato o centro da atenção e a ideia fixa de Thea, quase um filho, e era capaz de deixá-la sem ar. Quando estávamos no carro, ou quando estávamos comendo, ela volta e meia se virava para olhar para ele, e havia outros momentos em que eu ficava me perguntando se ela estaria pensando nele.

Claro que ele tinha de ser subjugado, caso contrário teríamos um animal poderoso e selvagem nas nossas costas, o antagonismo entre cativo e captadores crescendo constantemente. Então, já que era preciso, eu me entendia com ele. O pássaro não exigia que eu o amasse; não dava bola para esse tipo de coisa. A carne era a maneira de você se dar com ele. Thea realmente sabia como fazer para domesticá-lo e naturalmente, como era ela que tinha o *know-how*, tinha de pensar mais nele do que eu. Logo, logo ele começou a vir para o nosso braço para pegar seu bife. Era uma coisa que levava um tempo para você se acostumar. Debaixo da luva, sua pele se retorcia sob as garras dele, e ele fazia um bocado de estrago. Também tive de me acostumar ao trabalho que ele fazia com o bico quando dilacerava a

carne. Mas tempos depois, quando vi abutres em cima de carcaças, aprendi a apreciar sua bicada mais digna, própria de um pássaro mais nobre.

Assim fomos nós, atravessando o Texas, e fazia um calor dos infernos. Parávamos várias vezes por dia para trabalhar com o pássaro. Quando chegamos perto de Laredo, onde já era o deserto, ele já vinha, do topo da caminhonete, tanto para o meu braço quanto para o dela. E aquela sombra aberta fazia seu coração parar de bater com o cheiro e o poder que emanava dela — as penas de Etna e o bico trincado se abrindo. Então, muitas vezes, sem o movimento preparatório que você observa em outros animais, ele ejetava uma bisnaga reta e pesada de excremento, antes de tomar impulso para voar de novo para o topo da caminhonete. Thea estava louca por ele, pelo progresso que ele estava fazendo. E eu por ela, por vários motivos, entre os quais admiração, vendo seu sucesso com o pássaro.

Pássaros que caçam têm de ser encapuzados; Thea tinha um troço desses pronto, um capuz com penacho e catarife que você apertava ou afrouxava antes de soltar o animal para alçar voo e atocaiar a presa. Mas, para aceitar o capuz, o bicho tinha de estar completamente domado, e eu o carreguei no braço durante umas quarenta horas, sem dormir. Ele não pegava no sono, e Thea me mantinha acordado. Isso foi em Nuevo Laredo, logo depois da fronteira. Nós nos hospedamos num hotel cheio de moscas, num quarto marrom com um cacto gigantesco quase na janela. E ali eu fiquei, andando de um lado para o outro no início, depois descansando no escuro, com o braço em cima da mesa e o bicho em cima do braço. Depois de várias horas, uma dormência se espalhou por toda a lateral do meu tórax e pelo meu ombro, tão funda que chegava até o osso. As moscas me picavam porque eu só tinha uma mão livre para me defender e, além disso, não queria sobressaltar a águia. Thea pediu a um garoto para nos trazer um bule de café, que ela recebeu na porta. Percebi que o garoto nos examinava, tentando nos entender, pois sabia que tínhamos uma águia e talvez tenha até visto o vulto dela em cima do meu braço vitimizado ou seus olhos insones.

Uma multidão impressionante tinha se aglomerado quando chegamos de carro ao hotel e abrimos a porta traseira da caminhonete. Em poucos minutos, mais de cinquenta homens e crianças apareceram à nossa volta. A águia veio para o meu braço pegar seu pedaço de carne e as crianças gritavam: “*Ay! Mira, mira — el águila, el águila!*”. Uma senhora visão para eles, imagino, já que sou bastante alto e estava usando aquele chapéu que me deixava mais alto ainda e calças de montaria e, ainda por cima, obviamente me deixava guiar pela beleza e a importância de Thea. Além disso, a águia é um animal que goza de um respeito ancestral no México, por causa da velha religião e da grande classe dos cavaleiros naqueles tempos de matança a golpes de espada de obsidiana que Díaz del Castillo testemunhou. As crianças, como eu disse, gritavam “*El águila, el águila!*”, enquanto o pássaro balançava para a frente e para trás no meu braço. E, como eu estava ouvindo espanhol pela primeira vez, a palavra que entendi foi outra: foi o nome romano Calígula. E pensei, no íntimo, como era adequado aquele nome. Calígula!

“*El águila!*”

“*Sí, Calígula*”, respondi. Esse nome foi a primeira satisfação que tive com aquele bicho.

Agora ele prendia meu braço à mesa numa verdadeira tortura, e minha boca e meu peito se enchiam de gemidos que eu não podia soltar. Tinha de carregá-lo comigo para onde quer que fosse, inclusive o banheiro, e, sentado ou de pé, tinha de aguentar os olhos dele cravados em mim, tentar interpretar seus comentários, sentir sua vontade. Quando eu levantava para ir ao banheiro, ele saía da sua apatia emburrada e dava um bote, seu pescoço começava a fazer ondas, seus olhos se avivavam e suas garras me apertavam com mais firmeza. Não vou tentar diminuir o medo que senti quando tive de levá-lo comigo para o banheiro pela primeira vez. Segurei-o o mais distante de mim que minhas forças permitiam, enquanto ele esticava as asas e mudava a posição das suas patas grossas.

Ah, a observação! Nossa discussão tinha sido justamente sobre isso, me parece. Aquela conversa com Thea sobre viver para os olhos dos outros que eu relatei. Quando foi que o olhar começou a fazer tanto mal e os olhos se tornaram tão terrivelmente despóticos? Ora, Caim foi amaldiçoado e marcado com um sinal entre os olhos para nunca se esquecer da sua aparência diante de outros homens. Policiais acompanham acusados e suspeitos quando eles vão ao banheiro, e carcereiros veem seus prisioneiros quando querem através de grades e vigias. Chefes e tiranos do público nunca deixam você esquecer que está sendo observado. A vaidade é a mesma na privacidade, e em qualquer tipo de opressão você é um súdito e não pode esquecer de si mesmo; você é visto, você tem de estar consciente. Nos atos mais pessoais da sua vida, você carrega a presença e o poder de outro; você amplia a existência dele nos seus pensamentos, onde ele habita. A morte, com seus monumentos, faz homens ilustres serem lembrados assim. Então, eu tinha de suportar o olhar de Calígula. E eu suportava.

Ele resistiu ao capuz por um bom tempo. Tentamos botá-lo nele várias vezes, minha mão ficou toda arrebatada e eu o amaldiçoava com todas as minhas forças; mas continuava a carregá-lo. De vez em quando, Thea me substituía, mas ele era pesado demais para ela e, depois de mais ou menos uma hora, eu o atraía de volta para o meu braço ainda exausto. Nas últimas horas, grogue, não aguentei mais ficar dentro daquele quarto e fui com ele para a rua, onde os gritos das pessoas em volta o deixaram irrequieto. Na cara de pau, entramos num cinema e sentamos na última fileira, mas o som o deixou mais nervoso ainda e eu fiquei com medo de que ele se enfurecesse. Levei-o de volta para o quarto e, para acalmá-lo, lhe dei nacos de carne. Então, no meio da noite, sob a lâmpada infravermelha do kit de fotografia de Thea, tentei mais uma vez botar o capuz nele e, finalmente, ele deixou. Continuamos a lhe dar carne debaixo do capuz e ele se acalmou. Com os olhos cobertos, ele era muito mais dócil. Desse dia em

diante, ele passou a andar no meu braço ou no de Thea e a aceitar o capuz sem nos bicar.

Quando conseguimos essa vitória e botamos Calígula pousado em cima da cômoda com seu capuz de penacho, nós nos beijamos e saímos dançando e trotando pelo quarto. Thea foi ao banheiro se preparar para deitar e eu adormeci vestido com minha calça de montaria e só acordei dez horas depois. Ela tirou minhas botas e deixou que eu dormisse.

Na tarde seguinte, quente e clara, rumamos para Monterrey; árvores, arbustos, pedras, tão nítidos quanto o clarão e o tempero daquele calor podiam deixá-los. O enorme pássaro, quando Thea o tirou do carro, pareceu receber o calor com uma espécie de pique de sensualidade. Eu me sentia zozzo das muitas horas de sono e dos fios de calor radiante que subiam em espirais da estrada e da pedra. Além disso, as patas e pegadas, línguas e mandíbulas dos cactos e seus espinhos, a poeira que era como uma resina, os muros escamosos e esfacelados, tudo era uma provação para a vista e para a pele. Mas, conforme a caminhonete foi subindo e o dia ficando mais fresco, nós dois nos reanimamos.

Paramos em Monterrey apenas para comprar alguns suprimentos — mais carne crua para Calígula do que qualquer outra coisa. O aspecto curioso da noite naquela cidade estrangeira teria feito com que eu ficasse ali mais tempo — ela era tão verde, os prédios tão vermelhos, a humanidade tão numerosa na clareira plana ao lado da estação de trem e sua extensão de entradas baixas e janelas. Mas Thea achou melhor prosseguir viagem para escapar do tempo quente. Não foi uma viagem fácil, pois os campos não eram cercados e havia gado no caminho; a estrada não tinha sinalização noturna e fazia curvas estúpidas. Por algum tempo ficamos envoltos por uma névoa, embora a lua estivesse razoavelmente clara. Os animais surgiam em vultos enormes detrás dessa vaga cobertura, e às vezes deparávamos com homens a cavalo e deixávamos para trás os estalidos de ferraduras e os ruídos de moedas chacoalhando e de vergastadas dos arreios.

Numa cidadezinha bem depois de Valles, paramos para descansar o que restava da noite, e mesmo assim só porque eu insisti. O ar cortava, as estrelas espetavam, os galos bradavam, e as figuras insones das cidadezinhas do México vieram nos ver tirar a águia do carro, olhando para ela com o mesmo ar solene com que olhariam para uma imagem santa numa procissão de domingo, e, como em toda parte, diziam uns para os outros, impressionados: “*Es un águila!*”. Eu queria deixar Calígula na caminhonete, que àquela altura já estava empestada com seus excrementos e seu cheiro de ave, mas ele não iria tolerar uma coisa dessas. Deixado sozinho a noite inteira, ele ficava uma fúria de manhã, e Thea estava tão envolvida com a carreira dele que, naquele momento, muito poucas coisas lhe pareciam mais prioritárias. Porque ela estava fazendo história. A paixão de Thea devia ser da mesma ordem que a daqueles jovens e galantes filhos de financistas que pilotavam aviões nos anos 20 e decolavam de Nova Orleans rumo a Buenos Aires para quebrar recordes, sobrevoando selvas que às vezes os engoliam juntamente com suas máquinas. Ela vivia me lembrando como eram poucas as pessoas que tinham conseguido domesticar águias desde a Idade Média. Eu concordava que era uma façanha incrível e sentia uma admiração extraordinária por ela; eu já agradecia a Deus só por ser seu supranumerário ou assistente. Mas tentava explicar a ela que a presença da águia dentro do quarto me atrapalhava no amor, deixava-me constrangido; e também que o pássaro era uma fera, afinal, não uma criança de colo a quem você tem de dar de mamar. Thea, porém, não ouvia nenhum argumento e só enxergava seu objetivo com o pássaro, objetivo esse, aliás, que ela não duvidava nem por um instante de que eu compartilhava. Achava que eu discordava apenas da maneira de lidar com o bicho. A questão do poder para ela, a mesma que afligia de alguma forma praticamente todo mundo que eu já havia conhecido na vida e que, embora num grau e num lugar diferente, eu também tinha, nos motivava e instigava a seguir adiante. E, claro, depois que você já tinha agarrado uma

águia pelo rabo, por assim dizer, como é que você podia desistir? Tendo começado, você tinha de ir em frente. Mas o que contava para ela não era o fato de estar no meio do caminho numa trilha de dificuldades. Não, o que a motivava era o desejo passional de ver o pássaro capturar aqueles lagartos imensos.

Ao lado da porta da pousada, ardiam duas bolas sujas de luz de querosene, como caquis riscados de preto. As pedras da rua estavam escorregadias, mas não de orvalho nem de chuva, e cheiros que eu ainda não sabia distinguir impregnavam o ar, intensos e misturados — cheiro de palha, de barro, de fumaça de carvão e da madeira do *ocote*, de comida, pedra, bosta, fubá, galinha cozida, pimenta, cachorro, porco, jumento. Nada era como antes; tudo era estranho. No curral, que soltou um arquejo provavelmente de pânico quando Calígula passou encapuzado; no quarto, onde o ar perfumado da montanha verde lambia a parede branca e se esparramava sobre os fedores da comunidade, como o longo impulso que vem do meio do oceano balança as laranjas podres e outros lixos que boiam na beira do cais; e a mulher indígena que puxou a colcha da cama de ferro, que tinha a forma de uma fantasia, um macaco-aranha branco.

Não foi uma noite de descanso longa, pois logo de manhã cedo lavadeiras começaram a bater roupas nos tanques, os pilões a socar milho, os animais a se agitar, principalmente os burros, penetrados de necessidade, e a igreja a badalar. Mesmo assim, Thea acordou feliz e logo se ocupou com a tarefa de dar o calmante matinal de carne a Calígula, enquanto eu saía à procura de café e pão pelos cômodos úmidos.

Por causa de Calígula, viajávamos devagar. Agora Thea queria ensiná-lo a voar atrás de uma isca, que era feita com asas e cabeças de galinha ou peru amarradas a uma ferradura. Prendíamos uma fita de couro cru na ferradura e, quando a arremessávamos, Calígula se abaixava para tomar impulso e alçava voo atrás dela. Alguns dos problemas que ele enfrentava eram parecidos com os de um piloto de linha aérea, como avaliar distâncias e correntes de ar. Para ele, não se tratava da mecânica simples de

um passarinho qualquer, que voa e pousa ao sabor do impulso, mas uma tarefa que exigia enorme planejamento. Quando estava alto o bastante, ele podia parecer leve como uma abelha, e mais tarde eu o vi em altitudes tais que ele parecia rodopiar ou virar cambalhota como se fosse um simples pombo — devia ser porque ele explorava as diferentes bolsas de ar quente e frio. De todo modo, era glorioso como ele conseguia subir tão alto e ficar aparentemente parado lá em cima, realmente como que sobre fogos de atmosfera, como se estivesse governando o mundo lá do alto. Ainda que seu motivo fosse a rapacidade e tudo se fundamentasse na ação do assassinato, ele também tinha uma natureza capaz de sentir o triunfo de conseguir alçar voo ao ar mais alto a que carne e ossos podiam ascender. E de fazer isso voluntariamente, não como outras formas de vida que chegam àquela altitude, os esporos e sementes paraquedas que não estão lá como indivíduos, mas sim como mensageiros de espécies.

Quanto mais avançávamos para o sul, mais profundo o céu parecia, até que, no vale do México, eu tive a impressão de que ele bloqueava um elemento forte demais para a vida e que aquele azul brilhante e ofuscador barrava essa ameaça e às vezes, como uma bainha ou uma membrana de seda, mostrava o peso que estava segurando formando barrigas ou papos. Então, quando mais tarde Calígula começou a sobrevoar as velhas crateras da planície, bolhas carvoentas do mundo subterrâneo, o perigoso vermelho do sol por toda parte, e depois as capas de neve no pico dos montes — planando como um Satã —, bem, era ali que os velhos sacerdotes, antes dos espanhóis, esperavam que Aldebarã chegasse ao meio do céu para lhes dizer se a vida iria ou não continuar por mais um ciclo e, quando recebiam seu sinal astronômico, acendiam seu novo fogo dentro do peito partido e esvaziado de um sacrifício humano. E era por ali também que devotos fantasiados de deuses e deuses fantasiados de pássaros pulavam de plataformas presas no alto de longos mastros e planavam enquanto giravam, pendurados por cordas — serpentes emplumadas, e águias também, os *voladores*, ou voadores. Ainda existem saltadores como esses

em feiras e mercados, como parecem existir remanescentes ou versões modificadas ou equivalentes de todas as coisas antigas. Em vez de prateleiras ou pirâmides de crânios ainda com cabelos e soltando nacos de carne, há cadáveres de cachorros, ratos, cavalos, asnos na beira das estradas; os ossos escavados de túmulos alugados são jogados numa pilha quando o prazo do contrato de aluguel vence; e há os caixões que parecem uma imitação grosseira e cômica das formas femininas, vendidos nas lojas de rua, pretos, brancos, cinza, e de todos os tamanhos, com suas pesadas franjas funerárias pintadas com prata de sapólio sobre o preto. Mendigos com vozes de cachorro nos degraus da igreja encenam para você os últimos estertores com um espanhol antigo de igreja e mostram seus velhos cotos e chagas. Os carregadores de fardos com suas longas cordas de cânhamo, que eles enrolam na testa para ajudar a sustentar as cargas que trazem às costas, deitam em cima do lixo na sesta e se tratam com o mesmo descaso ostensivo dedicado aos mortos. Tudo isso para enfatizar o quanto a morte é recebida abertamente em toda parte, na beleza do lugar, e o quanto todos reconhecem que qualquer um pode ser maltratado — até os mais orgulhosos —, beliscado, estapeado, derrubado, jogado no chão; pois a morte joga coisa ainda pior na cara dos homens e faz com que seja horrível e absurdo que alguém que nunca foi tocado seja grosseiramente despejado debaixo da terra, com terra despejada em cima.

Quando Calígula planava sob aquele céu, eu às vezes me perguntava que conexão ele fazia com esse elemento de força quase excessiva represado atrás dos velhos bicos de crateras.

Mas ele não estava planando ainda. Nessa época, ainda estava só voando pesada e desajeitadamente atrás da isca e suas pegajosas asas de galinha apodrecidas pelo sol. Vezes sem conta a isca era arremessada encosta abaixo, pois só assim ele ia atrás dela. Sempre que Thea calculava mal a distância, ele me fazia cambalear, já que estávamos amarrados um ao outro por uma corda que passava debaixo dos meus braços. Thea corria para vê-lo devorar a galinha e fazia sinal para me avisar quando eu deveria puxar a

corda. Assim, aos poucos ele foi aprendendo a voltar para o braço depois de voar atrás da isca. Por mais isolado que fosse o pedaço de montanha em que parássemos para praticar, logo, logo sempre aparecia uma plateia de pastores e lavradores trajados com aqueles pijamas brancos típicos e sandálias soladas com pedaços de borracha de pneu, criancinhas e montanheses com a enrugada impassibilidade que mostrava a circunspeção com que eles encaravam a coisa.

Quanto a Thea, ela às vezes parecia mais bárbara que eles, apesar do batom civilizado e do feitio convencional dos culotes que usava. Ela estendia o braço para Calígula quando ele estava descendo, freado ao mesmo tempo pelas asas e as patas, as penas do peito agitadas pelo ar que ele deslocava. O boné dela esvoaçava. Eu sentia um enorme orgulho de Thea. Achava que era o ato humano mais esplêndido que veria na vida e essa sensação me envolvia a alma como uma fita delicada. Ela gritava para mim também, quando eu me posicionava de braço estendido para receber o pássaro, admirando a elegância dele. Eu estava contente, claro, embora não gogue de êxtase.

Dez dias depois, chegamos à Cidade do México. Como Thea tinha de se encontrar com o representante do advogado de Smitty, ficamos na cidade algum tempo. Contra o desejo dela, que era seguir imediatamente para Acatla. Arranjamos um lugar bem barato para nos instalar, um hotel chamado La Regina, que cobrava apenas três pesos por dia pelo quarto. Eles não pareciam se importar com a águia, e o lugar era tranquilo, simples e surpreendentemente limpo, com uma claraboia no centro e galerias que levavam aos quartos, banheiros ou lavabos. O saguão também era muito agradável, e vazio. Olhando de cima, ele tinha um aspecto diagramático. As cadeiras e escrivaninhas estavam dispostas geometricamente, mas nunca havia ninguém ali para usá-las. E logo descobrimos que a rainha em homenagem à qual o lugar fora batizado era a velha e licenciosa rainha cipriota. Os armários estavam cheios de bacias higiênicas e os colchões eram forrados com borracha por baixo dos lençóis,

o que era um desconforto. Durante o dia, ficávamos sozinhos no hotel com as criadas, que se divertiam conosco. Achavam engraçado estarmos morando num bordel e nos serviam, lavavam e passavam nossas roupas, traziam café e frutas, porque éramos os únicos hóspedes. Também achavam graça do espanhol de Thea — eu ainda estava só começando a aprender algumas palavras — e das coisas que ela pedia, como quando as chamava quando estávamos na cama e pedia que trouxessem manga para nós e carne para o pássaro. Encorajados a ficar à vontade, nós nos cobríamos apenas com uma toalha quando saíamos do quarto para tomar uma chuveirada e, quando eu queria ficar sem a águia, ninguém se importava se fôssemos para algum dos outros quartos. Era só à noite que o La Regina tinha inconvenientes; embora provavelmente fossem pessoas respeitáveis, os clientes do bordel não tinham a menor preocupação com o silêncio, e muito poucas das portas tinham vidro na bandeira. Por outro lado, também ficávamos fora até tarde, passeando pela cidade, e dormíamos bastante durante o dia. Pude enfim descansar meu braço, cujos cortes estavam cicatrizando. Thea me levou aos palácios e casas noturnas, zoológicos e igrejas. As amazonas em Chapultepec, aquelas senhoras aristocráticas com capacetes, saias imensas e pequenos sapatos de couro preto que se amoldavam aos pés, sentadas de lado nos lombos dos cavalos, elas me impressionaram. Pensei comigo que o mundo era de fato muito maior do que eu imaginava. Disse a Thea: “Eu realmente não conheço muita coisa, estou começando a me dar conta”.

Ela riu e respondeu: “Pode pedir as informações que quiser sobre a parte das coisas que eu conheço. Mas o quanto você é obrigado a conhecer?”.

“Não, realmente tem muita coisa”, falei, pois estava admirado e pasmo. Era tudo tão esplêndido. Eu queria ficar, mas era preciso tocar adiante nosso negócio com o pássaro, e Thea não gostava muito da cidade.

Eu não podia questionar o julgamento que ela fazia de Calígula — nisso, eu aceitava sua opinião e tinha confiança àquela altura, baseado na habilidade que ela havia provado ter com ele. Uma criatura como aquela

teria me rasgado em pedacinhos se alguma vez eu tivesse lidado com ele sozinho, supondo que eu tivesse a coragem. Não, no que dizia respeito à águia, eu fazia o que Thea dizia, desde que eu concordasse com a empreitada. Quando me inteirei um pouco mais sobre o assunto, eu tremi, pensando nas precauções que não tínhamos tomado. Deveríamos ter usado máscaras de tela, principalmente quando estávamos ensinando Calígula a abrir mão da isca em troca do pedaço de carne que lhe dávamos quando ele vinha para o nosso braço, já que a hora em que águias-calvas são mais perigosas é justamente quando estão com a presa debaixo delas. Ele poderia ter bicado os olhos de Thea. Mas isso nunca aconteceu e, com o tempo, ela conseguiu ensiná-lo a obedecer às nossas vozes e vir direto para o nosso braço, depois do voo rasante para apanhar a isca, para receber a carne da nossa mão. Falávamos com ele e o tratávamos com todo o carinho. Ele gostava de ser acariciado com uma pena. Acabou ficando bastante dócil, mas mesmo assim meu coração ainda acelerava quando botávamos ou tirávamos o capuz dele.

No La Regina, as criadas apavoradas foram convocadas a estar presentes enquanto trabalhávamos com ele. Thea as alinhou e disse: “*Hablen, hablen ustedes!*”. Elas tinham de falar, pois a ideia era acostumar Calígula ao som e à presença humana. Então, as mulheres indígenas, de avental, com medo e ao mesmo tempo achando graça de nós, ficaram em fila e observaram Thea tirar a águia de cima da cômoda para a sua mão. O que eu imaginei que estivesse acontecendo comigo quando vi Calígula pela primeira vez de fato aconteceu com uma daquelas jovens moças: ela mijou nas calças quando, retirado o capuz, ela se viu diante do rosto impiedoso e daquele bico que era uma arma, com seus buracos para respiração. Mas estar cercado por aquelas mulheres também afetou Calígula; ele comeu e depois, num determinado momento, pareceu inclinar a cabeça na direção de Thea e agir como um gato que quer se esfregar, se enroscar e se atirar nas pernas de uma mulher.

“Ah, olha só pra ele”, disse Thea. “Augie, você está vendo o que ele está fazendo? Ele está pedindo carinho!”

Depois disso, ela ficou impaciente por ter de permanecer na cidade. “Agora é que era a hora de dar continuidade ao treinamento. A gente devia estar no campo com ele.”

“Bom, então vamos pegar o carro e ir pro campo.”

“Não, nós não podemos. Eu tenho que me encontrar com o advogado. Mas eu não aguento perder tempo desse jeito. A gente já podia estar chegando em casa. Podia estar iniciando o contato dele com a presa.”

Com isso ela queria dizer apresentar Calígula aos lagartos. Não os da variedade gigante, de crista alta, que ela havia me mostrado em fotografias e que era a caça de que estávamos atrás, mas lagartos pequenos. E, além disso, Calígula também tinha de se acostumar à presença de um cavalo ou de um burro, pois esses lagartos gigantes viviam em partes quase inacessíveis das montanhas, bem longe das estradas, e nós não aguentaríamos carregá-lo o tempo inteiro por um caminho tão longo e difícil.

Eu achava que Thea talvez não devesse apressar demais o divórcio, ou poderia acabar não conseguindo um bom acordo. Mas eu não queria ficar fazendo perguntas e supunha também que ela provavelmente já tinha sido herdeira por tempo suficiente para saber cuidar dessas coisas sozinha. O que eu poderia dizer a ela sobre isso? Além do mais, não tinha muita vontade de saber em detalhes qual havia sido o problema entre Thea e Smitty e, se perguntasse, ela teria me contado. Então, eu não tocava no assunto. Aproveitamos o tempo livre para tirar fotos coloridas de Calígula no meu braço em frente à catedral, até que oficiais da polícia montada, que aparentemente saíram a galope detrás dos portões de um ministério, nos expulsaram da praça. Foram bastante ríspidos comigo. Pelo que entendi, eles disseram que o pássaro era perigoso e gritavam que queriam ver meus documentos. Foram mais respeitosos com Thea, mas, apesar dos sorrisos de galã que lançaram para ela, nos mandaram embora assim

mesmo. Thea ainda continuava com sua ideia de vender artigos ilustrados sobre Calígula para a *National Geographic* ou a *Harper's*. Conhecia um escritor em Acatla que poderia nos ajudar e volta e meia fazia anotações num caderninho, um troço fino, de couro vermelho, com um lápis dourado acoplado. A qualquer hora que fosse, ela sacava o caderninho, botava-o em cima dos joelhos e, curvando o pescoço, escrevia algumas palavras numa página; quando parava para pensar ou se lembrar de alguma coisa, movia a mão como quem está sombreando um desenho. Eu a estudava com tanta atenção que até reparei que as pregas nas juntas dos seus dedos eram muito parecidas com as minhas.

“Querido, que cidadezinha era aquela no Texas em que ele quis ir atrás de uma lebre?”

“Acho que foi perto de Uvalde, não foi?”

“Não, amor. Será que foi?”

Ela pôs a mão na minha coxa. Ali na cidade ela tinha feito as unhas. Elas brilhavam. E tinha botado um vestido de veludo vermelho, macio e pesado. Os botões tinham o formato de conchas. Estávamos sentados debaixo de uma árvore, numa cadeira de ferro batido. Quando olhei para a pele clara dos seus seios, senti o calor deles de forma tão palpável quanto sentia o calor da sua mão por cima do tecido fino da minha calça. Imaginava que íamos nos casar quando o divórcio saísse.

a Palamon e Emily são personagens de “The Knight’s Tale” [O conto do cavaleiro] de *The Canterbury Tales* [Contos da Cantuária], de Geoffrey Chaucer (1343-1400). (N. T.)

b National Recovery Administration, um dos programas do New Deal do presidente Franklin D. Roosevelt e que tinha como símbolo uma águia azul. (N. T.)

c O aviador Hubert Julian, que atravessou o Atlântico voando em 1929. (N. T.)

16.

*E é estranho
Que a natureza tenha de nos forçar a lamentar
Nossos mais obstinados feitos.*

Antônio e Cleópatra

Encontramos a casa de Thea pronta. Se é que a casa era dela. Talvez fosse de Smitty. Achei que descobriria no devido tempo. Não havia pressa.

As torres e os telhados da cidade apareceram e se esconderam várias vezes atrás de picos de montanhas e rochedos de centenas de metros de altura, antes que a estrada descendente virasse uma rua e chegássemos à praça da catedral, ou *zócalo*. Estacionamos a caminhonete ali, pois, como o atalho até a casa era estreito, tínhamos de ir a pé. Mesmo em condições normais, teríamos sido cercados por um bando de crianças, mendigos, vagabundos, aliciadores de clientes para hotéis e que tais, mas a águia no meu braço trouxe uma multidão de dentro das lojas, dos bares e das barracas de feira logo abaixo da catedral. Várias pessoas reconheceram Thea e a saudaram com gritos, uivos, assobios ou sombreros levantados e, acompanhados por esse cortejo turbulento, que levantou uma nuvem de poeira à nossa volta, subimos algumas poucas centenas de metros acima do *zócalo* pelas ladeiras de pedras pontudas até chegar ao portão da casa. “*Casa Descuidada*”, li num ladrilho azul debaixo dos galhos de romãzeiras — Casa Despreocupada.^a Nós entramos e a cozinheira e o garoto que cuidava da casa vieram nos receber. Mãe e filho, eles se mantiveram a uma

boa distância, ambos de pés descalços na pedra vermelha da varanda, ela perto da porta da cozinha e ele próximo à do quarto. Dentro do seu xale a mulher carregava um bebê e, ao ver o pássaro, mesmo de capuz, ela começou a recuar para dentro da cozinha. Tiramos Calígula dali. O banheiro virou sua gaiola; ele se empoleirou na caixa da descarga, onde o som da água escorrendo parecia agradá-lo. O garoto, Jacinto, veio atrás de nós para ver como lidávamos com a águia. Estava excitadíssimo.

Às vezes eu pensava que, se o motivo daquela empreitada ridícula era ganhar dinheiro, eu deveria me dedicar à questão do dinheiro e arranjar um jeito de fazer fortuna; depois soltaríamos Calígula ou o daríamos para alguém. Mas eu sabia que o objetivo de Thea não era ganhar dinheiro. Eu não ignorava a nobreza do projeto dela, o quanto ele era antigo, o tipo de ambição que estava envolvido, o aspecto de jogo ou de risco que havia nele; tinha consciência até de uma conexão com tempos primitivos na grande aventura da domesticação. Sim, apesar de toda a minha oposição e de todo o pavor que eu sentia do pássaro, desejando que ele fosse uma gárgula de pedra ou torcendo para que caísse morto, eu também via o outro lado da coisa e o que tanto empolgava Thea nela, que a deixava tão cheia de radiante energia. Mas eu me perguntava: o que há de errado em gozar o amor e para que é que tinha de haver uma águia? Então, se eu tivesse dinheiro, pelo menos não haveria mais esse pretexto. Só que, logo depois, eu me dava conta de como ficar devaneando sobre dinheiro era absolutamente inútil. Embora talvez estivesse sendo insensata com relação à captura dos lagartos, Thea pelo menos tinha um pássaro e havia começado a fazer alguma coisa, ao passo que minhas ideias sobre dinheiro não passavam de adejos da imaginação. O que eu estava fazendo de calça de montaria e chapéu de caubói no meio do México central se queria levar a sério essa história de ganhar dinheiro? Em suma, vi mais uma vez que grande questão o dinheiro é por si só. Lá estava uma vasta humanidade que misturava ou cavava, ou carregava, levantava, segurava, que servia, voltando todo dia para as suas ocupações, e sendo honesta ou brincando ou

chorando, ou sendo hipócrita ou fascinante, e o dinheiro, se não era o segredo, estava de qualquer forma ao lado do segredo, como o parente do segredo, ou o sócio, ou o representante diante dos povos.

Naquele dia, chegamos e o almoço foi servido para nós — sopa, galinha com molho de pimenta e chocolate, tomate e abacate, café e geleia de goiaba. E essa comida saborosa e de arder a boca, enquanto eu estava saboreando, foi o que me fez pensar nessa questão do dinheiro.

A casa era bonita e ampla, mais profunda do que parecia pelo lado de fora, porque do jardim você descia para os quartos. As paredes eram avermelhadas e os pisos de ladrilho, de um tom mais escuro de vermelho ou verde. Havia dois pátios, um com um chafariz e cadeiras de couro no formato de barril e o outro perto da cozinha, uma espécie de pátio de estrebaria antigo, e foi ali que continuamos o treinamento de Calígula. Ele voava para nós de cima do telhado do casebre onde Jacinto dormia.

Da varanda onde estávamos, víamos a cidade e os rochedos diante de nós. Quase imediatamente abaixo ficava o *zócalo*, com um coreto meio ridículo e cheio de trepadeiras no meio e árvores gigantescas em volta. A catedral tinha duas torres e um domo que parecia uma barriga em tons variados de azul, de crosta fina e como que assada numa fornalha superaquecida, tendo em alguns lugares o espectro mutilado que às vezes você encontra quando parte tijolo. Assentava-se de maneira irregular sobre as pedras da praça e de vez em quando, quando você a estava admirando, ela provocava uma sensação pesada, repulsiva, nauseante, de tanto que incorporava tudo o que havia ao redor. Os sinos pendiam feito dois animais velhos e cansados, verdes e baços, e as portas se abriam para um grande e sombrio salão, em que se viam mortícios altares brancos e estátuas cortadas e arranhadas com machados e espinhos, repletas de feridas negras — algumas delas voluptuosas, com calcinhas nos quadris, mesmo cravejadas de pregos e estropiadas como estavam, e sangrando até quase a ponta dos dedos brancos, que faziam lembrar pregadores de roupa. De um dos lados, numa colina, ficava o cemitério, branco e cheio de espetos. De outro lado

e mais alto numa estrela formada por valas interligadas, ficava uma mina de prata, e ali você podia ver onde a força do grande investimento havia deixado sua dentada. Um pedaço da lateral da montanha tinha sido comido por máquinas. Fiquei intrigado com aquilo e subi até lá um dia. Era sem dúvida uma coisa curiosa a quantidade de mecanismos que você via espalhados pelo México inteiro, as geringonças de estilo antigo que ruíam e rastejavam, escavadeiras de fossos ou de túneis, e escaravelhos mecânicos, máquinas inglesas e belgas, bondes de Manchester ou locomotivas que pareciam poodles à frente de vagões de doentes cheios de homens cobertos com lençóis e soldados.

Ainda dentro da cidade, ao longo da estrada que ia dar na mina, o lixo era despejado num pequeno vale, acolchoado de detritos podres; os abutres rondavam por ali o dia inteiro. Num dos pontos mais altos que era possível avistar, num rochedo, havia uma queda-d'água. Às vezes ela ficava envolta por uma nuvem, mas em geral fluía ali a leve fumaça da água, mais pálida que o ar, acima da linha das árvores. Bem mais embaixo havia pinheiros, nas testas de pedras enrugadas; e depois mais árvores e flores tropicais, e a faixa de pedra quente de cobras, porcos selvagens, cervos, e dos iguanas gigantes que tínhamos vindo para pegar. No lugar em que eles ficavam, a luz era muito quente.

Em lugares como Paris ou Londres, onde a variação do sol não é tão grande, nos cinzas e véus, não se reconhece toda a força que ele tem, e muitas pessoas do sul já invejaram esses lugares pelas virtudes que é possível pensar em ter num clima fresco ou frio. Acho que Mussolini não estava brincando quando falou de explodir pedaços dos seus Alpes e Apeninos para permitir que as correntes frias e enevoadas da Alemanha adentrassem a península e transformassem os perusinos e romanos em guerreiros. O mesmo Mussolini que, morto, foi suspenso pelas pernas, as fraldas caídas da camisa deixando à mostra sua barriga nua, enquanto as moscas, contra as quais ele também havia declarado guerra, andavam pelo seu rosto vazio, a mandíbula larga enfim relaxada, de cabeça para baixo.

Ai! E a namorada dele, com os pobres seios perfurados por balas, também pendurada pelas pernas. Mas o que quero com o contraste entre disseminação ou exposição *versus* luz discreta é sugerir quais são as suposições, ou ilusões, que a maior descrição parece permitir. Pois bem, mencionei que Thea carregava consigo, entre outras fotografias, uma de seu pai num riquixá, tirada no sul da China. Ela a depositou em cima da cômoda, enfiada no canto da moldura do espelho, e volta e meia eu me pegava estudando o pai dela, seus sapatos brancos fabricados tão longe levantados do chão que era usado pelo cantonês com cara de prato. Com seu terno branco. E eu ficava pensando como seria ser agraciado com uma distinção especial como aquela. Talvez eu olhasse para ele com particular consideração por ser amante ou futuro marido da sua filha. Mas, de todo modo, lá estava ele sentado com ar cavalheiresco no táxi humano. Ao seu redor, espectadores dentre os milhões olhavam para ele embasbacados, alvos da fome, veículos de piolhos, o suprimento de guerras, a franja viva de uma multidão afundada na terra, morta, e zumbindo ou saltando sobre a Ásia como diatomáceas do vasto banho do oceano sob os alfinetes do sol.

Bem, sob a luz quente, eu via a montanha selvagem, a faixa subtropical dela onde os iguanas rondavam feito assombrações por entre as folhas grandes e flores deslumbrantes, os trabalhadores e os camponeses, e não percebi de imediato como muitos visitantes das terras frescas e frias estavam pagando seu rico dinheirinho para estar ali. Bem ao nosso lado havia um hotel de luxo, o Carlos Quinto. Sua piscina cintilava no jardim, azul e branca como um clima e um calor celestiais, e havia carrões estrangeiros no estacionamento. Acatla estava começando a atrair pessoas que antes iam para Biarritz e San Remo, mas agora queriam ficar longe do caminho da política. Já havia alguns espanhóis ali, de ambos os lados do desastre, e também algumas mulheres francesas, e japoneses e russos, e uma família de chineses que tocava um bar e fabricava alpargatas de sola de corda. A colônia norte-americana era grande e, portanto, o lugar estava em ebulição. Eu pouco sabia sobre isso no início.

Eu me distraía olhando para os jardins do Carlos Quinto, para o bar no terraço, os nadadores na piscina, os grupos saindo para cavalgar, o pequeno cervo mantido num cercado de arame. O gerente era um italiano; ele usava calças de diplomata e um fraque cuja cauda de andorinha acomodava seu traseiro largo. Seu cabelo era liso e seu rosto confiante com os outros, preocupado consigo mesmo. Notei como seus dedos eram rápidos, sempre a entrar e sair dos bolsos do seu colete, onde começavam muitas das suas funções. Do nosso muro, Thea me apresentou a ele, que se chamava Da Fiori. Uma ponta do jardim, sobre a qual a janela do nosso quarto se debruçava, era privativa da família dele. De manhã, o velho Da Fiori, seu pai minúsculo, vinha para o jardim de boina na cabeça e vestido com um terno de um tipo antigo de modelo inglês, verde-escuro e felpudo, com cinto no paletó e botões castanhos. Ele penteava as pontas do bigode com os nós dos dedos peludos e, quando andava, seus pés pequeninos não pareciam apropriados para sustentá-lo. Adorávamos ficar sentados na cama, ao lado do tronco nu um do outro, vendo lá de cima o velhinho zanzar no meio das flores enormes. Depois vinha o filho, já penteado, pálido, entediado; com suas polainas na grama molhada de orvalho, ele se curvava e beijava a mão do pai. Em seguida vinham as duas filhas pequenas, como bolos brancos de aniversário, e a mãe suave. Todos levavam à boca a mão minúscula do velhote. Ver aquilo nos dava muito prazer. Depois, eles se sentavam no caramanchão, onde o café da manhã lhes era servido.

Àquela altura, Calígula já havia aprendido a reconhecer a voz de Thea e a minha e a largar a isca e vir comer na nossa mão quando chamado. Estava na hora, então, de apresentá-lo aos lagartos. Mas lagartos vivos eram um problema, porque fugiam e eram pequenos demais. Thea não queria lagartos mortos. Ficava preocupada com os que Jacinto trazia para casa; então, teve a ideia de dopar os maiores com um pouco de éter, só o bastante para deixá-los meio lerdos. Eu gostava deles. Alguns logo ficaram dóceis. Você fazia carinho com o dedo na cabecinha deles e os lagartos ficavam todos afetuosos, subiam pela manga da sua camisa ou no seu

ombro, entravam no seu cabelo. À noite, quando estávamos jantando, eu ficava observando os que estavam perto das lâmpadas que atraíam insetos, a maneira rápida como estufavam a garganta e esticavam a língua, que supostamente é dotada da capacidade de ouvir. Eu só queria que pudéssemos deixá-los em paz, pensando naquele animal aterrador pousado na caixa da descarga do banheiro, com suas garras e bico dilacerantes. Com relação a isso, Thea foi ao mesmo tempo bem-humorada e dura comigo e, quando criticou minha compaixão por esses filhos de Hipérion, me fez rir e também me causou desconforto. Não era como se ela própria já não tivesse pensado sobre isso.

Disse: “Seu bobalhão! Você vê afeição humana em tudo, que nem um selvagem. Guarde esses seus sentimentos idiotas pra você. Esses lagartos não querem o seu afeto e, se sentissem o mesmo que você, não seriam lagartos — seriam lerdos demais e logo, logo ficariam extintos. E olha, se você estivesse estirado no chão, morto, esse lagartinho entraria na sua boca pra pegar insetos, como se você fosse um tronco podre”.

“E o Calígula me comeria.”

“Talvez.”

“E você me enterraria?”

“Claro. Porque você é meu namorado. Você não me enterraria?”

Ao contrário de Lucy Magnus, ela nunca me chamava de marido nem de qualquer outro termo doméstico. Eu às vezes achava que suas opiniões sobre o casamento, tirando o fato de não serem polêmicas, eram parecidas com as de Mimi.

Essa conversa sobre lagartos foi uma de várias sobre o mesmo tema geral e, aos poucos, Thea deixou claro o ponto a que estava querendo chegar. Era impossível arrancar de mim a admissão de que uma situação não tinha jeito e era irremediavelmente ruim, pois eu ficava eternamente tentando encontrar uma saída, e o que estava em questão era se eu era um homem esperançoso ou pura e simplesmente tolo. Suponho que eu sentia que o que havia de bom em mim tinha de estar relacionado a alguma lei. Ao

passo que ela, imagino, não dava a mínima para o meu pátio de estátuas de esperanças. Parecia que, quando alguém me mostrava um mal, tinha de haver um remédio ou eu desviava a cabeça e os olhos, virava-os em outra direção. Ela acertou na mosca quando me acusou disso; e tentou me ensinar sua visão.

No entanto, eu odiava ver os lagartinhos sofrerem e esguicharem sangue, suas minúsculas entranhas, de uma delicadeza de pintura, saírem de dentro deles sob as garras de Calígula, enquanto ele lançava aquele olhar assassino e abria o bico.

Numa manhã de domingo, enquanto a banda ribombava e expectorava no *zócalo*, coisa que começou a fazer ao raiar do dia, e um calor seco inundava o pátio da cozinha, depois do café da manhã — comemos ovos estrelados —, fomos trabalhar com o pássaro. Era impressionante ouvir o exercício das suas asas no espaço aquecido do ar. Jacinto nos trouxe um lagarto maior, que amarramos a um mastro com um pedaço curto de linha de pesca, acabando com suas chances de fugir. Então, lá do alto, com todo o poder de ameaça das suas rêmiges abertas, a águia mergulhou no ar seco, elétrico e poeirento e foi cravar as unhas no lagarto. Mas havia folga suficiente na linha para o ágil animal se debater, e ele abriu a boca, mostrou uma língua de pura fúria para a fera que pairava acima dele, depois abocanhou e ficou pendurado pela coxa do pássaro, curvado com a força do seu ataque e da sua mordida. Uma daquelas coxas que faziam o pássaro parecer cavalgar pelo ar feito um cavaleiro de Átila. Calígula fez um barulho. Acho que ele nunca tinha sido ferido em toda a sua vida e seu espanto foi imenso. Arrancou o lagarto com o bico e, depois de o espremer e dilacerar além de qualquer possibilidade de recuperação, saiu pulando de perto dele. Eu não podia demonstrar, mas me fez bem ao coração ver Calígula tão ofendido. Em seguida, ele ficou esgravatando entre as penas com o bico à procura do lugar machucado.

Thea ficou furiosa com ele, o rosto vermelho. Gritou: “Pega o lagarto! Acaba com ele!”. Mas, quando ouviu a voz dela, Calígula se ergueu e voou

em sua direção para receber o habitual pedaço de carne. Como ele veio para ela, Thea tinha de deixá-lo pousar e estendeu o braço. Mas estava muito zangada. “Desgraçado! A gente não pode deixar que ele fuja de um bichinho de nada desses. O que é que a gente vai fazer? Augie, não ria!”

“Eu não estou rindo, Thea, é o sol que está me fazendo franzir a cara.”

“O que é que a gente faz agora?”

“Eu vou pegar o lagarto e chamar Calígula de volta. O coitado está quase morto.”

“Jacinto, mata o lagarto”, disse Thea.

Com prazer, o garoto saiu do casebre correndo, de pés descalços, e bateu com uma pedra na cabeça do bicho. Estendi o lagarto morto em cima da minha luva e chamei Calígula, que não se recusou a vir, mas não quis comer o bicho. Sacudiu-o no bico com fúria e o deixou cair no chão. Quando lhe ofereci pela segunda vez o lagarto, agora uma coisa morta e suja de terra, ele fez a mesma coisa de novo.

“Bicho estúpido! Tira esse urubu da minha frente!”

“Espera aí, Thea”, eu disse. “Isso nunca aconteceu com ele antes.”

“Esperar o quê? Ele só saiu do ovo uma vez. Quantas vezes ele teve que fazer isso? Ele deveria ter instintos, caramba. Eu vou torcer o pescoço dele. Como é que ele vai enfrentar os lagartos grandes se fica nesse estado com uma mordidinha à toa?”

“Ora, se você está machucado, o que é que você espera?”

Mas isso era minha mania de humanizar de novo, e ela sacudiu a cabeça. Achava que a natureza feroz não deveria ser assim.

Levei Calígula para a caixa-d’água e, aos poucos, Thea deixou que eu a acalmasse. Falei: “Você já fez coisas incríveis com esse pássaro. Não há como você perder essa batalha. Nós vamos conseguir, claro. Afinal, ele não tem que ser tão terrível quanto parece. E ele ainda é um pássaro novo.”

À tarde, por fim, ela conseguiu superar a raiva e pela primeira vez propôs que fôssemos ao bar de Hilario, no *zócalo*. Enquanto ela estivesse

zangada com Calígula, eu me sentiria um pouco condenado junto com ele.

Muito embora ela tenha sido particularmente carinhosa quando fomos para o quarto nos arrumar para a tarde de domingo no *zócalo*. Ela tirou suas roupas — as de fora eram ásperas e as de dentro macias. E quando estava nua, fumando um cigarro, olhou para mim de um jeito diferente quando me sentei sem camisa na cama e tirei minhas botas na sombra quente do quarto e na cor que irradiava dos ladrilhos. Fui para perto dela e encostei a cabeça no seu peito. Mas eu sabia que, embora estivéssemos ambos apaixonados, nossos objetivos não eram exatamente os mesmos. Ela tinha a ideia de um projeto e acreditava que o amor a prepararia e a deixaria livre para realizá-lo. Esse projeto estava relacionado a Calígula. Era isso que ele significava para ela. Mas como agora ela estava desconfiada de que, às presas, ele preferia a carne que lhe dávamos, talvez ela também estivesse se perguntando se eu conseguiria avançar do amor para a próxima coisa necessária.

Levantamos da cama e nos vestimos. Como ela parecia suave com a blusa de renda que estava usando! Seu cabelo caía, longo, pelas costas. Ela segurou meu braço, não porque precisasse se apoiar nele para se equilibrar nas pedras pontudas da rua, mas para ficar perto de mim. E, na sombra das árvores frutíferas, achei que ela estava muito parecida com a menina que eu vira no balanço, em St. Joe.

Como os Fenchel tinham aquela casa em Acatla fazia muitos anos, Thea era conhecida na cidade. Mas, no bar de Hilario, nós nos sentamos a uma pequena mesa; ela não queria companhia. Mesmo assim, as pessoas vinham para cumprimentá-la, para perguntar da sua irmã, da sua tia, do seu tio, de Smitty e, claro, para dar uma espiadela em mim. Muitas delas ficaram. Thea continuava segurando meu braço.

Para os meus olhos de Chicago, aquelas pessoas pareciam de modo geral bastante esquisitas. De vez em quando Thea me explicava quem ou o que elas eram, mas nem sempre eu entendia o que ela dizia. Então, por

exemplo, um velho alemão careca que estava lá tinha sido dançarino, e o sujeito do outro lado era joalheiro, e a loura, mulher dele, era do Kansas; uma mulher de seus cinquenta anos era pintora e o homem que estava com ela era uma espécie de vaqueiro, ou um vaqueiro de faz de conta; aquele que vinha ali era uma bicha rica que já tinha sido travesti. Havia também uma mulher que abria uma boca de inteligência para você; tive a impressão de que ela olhou para mim com severidade; achei, a princípio, que fosse porque eu tinha tomado o lugar de Smitty. O nome dela era Nettie Kilgore, e acaba que ela não era má pessoa, só tinha um ar impaciente às vezes, e era meio beberona. Estava pouco se lixando para Smitty. Bem, eu já tinha conhecido muita gente grotesca antes, mas nenhuma que tivesse feito disso a especialidade da sua vida. A colônia de estrangeiros daquela cidade era como o Greenwich Village ou Montparnasse ou o equivalente de uma dúzia de países diferentes. Tinha um exilado polonês, tinha um austríaco barbudo, tinha Nettie Kilgore; tinha um par de escritores de Nova York, um chamado Wiley Moulton e o outro, seu amigo, chamado simplesmente Iggy; tinha também um rapaz mexicano, Talavera, cujo pai era dono do serviço de táxi e também alugava cavalos. O homem que estava sentado ao lado de Iggy era na verdade o segundo marido da primeira mulher de Iggy. O nome dele era Jepson e ele era neto de um explorador africano. Bem, tudo isso era novo para mim, e o desfile de gente prosseguia, enquanto Thea e eu, frescos da cama, continuávamos sentados lado a lado. Era uma distração curiosa e não me afetou muito. O jupará que Hilario mantinha numa gaiola e para o qual eu dei batata frita me divertiu quase tanto quanto isso. Aquele pequeno animal de olhos grandes.

Sentia-me lisonjeado quando as pessoas pensavam que eu era o treinador da águia. Claro que eu dizia: “Ah, quem comanda mesmo é a Thea”. Mas elas pareciam acreditar que só um homem poderia lidar com um pássaro daquele tamanho. Todas menos o rapaz forte, moreno e bonitão, Talavera, que disse que sabia como Thea era boa com animais. Eu

não gostei muito da contribuição dele para a conversa, embora tenha de admitir que ele parecia estar numa classe diferente da do resto do bando. Eu não conseguia passar por cima da esquisitice daquelas pessoas. O sujeito que estava sentado ao lado de Talavera parecia ter uma espécie de crista ossuda no meio da cabeça, e as costas da sua mão eram como um peito de pé: brancas, grossas e com aparência de mortas. E ainda Nettie Kilgore. E Iggy, de olhos vermelhos. E um homem que eu apelidei secretamente de Etelredo, o Irresoluto — como vovó Lausch e o Comissário Einhorn, eu às vezes botava apelidos nas pessoas. E ainda Wiley Moulton, que escrevia histórias bizarras. Ele era barrigudo e cabeludo; tinha um rosto sutil e pálpebras marrons; seus dentes eram pequenos e tingidos de tabaco; seus dedos pareciam arqueados para trás na última junta.

Havia muito esforço em algumas daquelas pessoas, no modo como elas faziam até mesmo o bem mais ínfimo e parcial escalar tremendas cadeias de montanha de resistência para provar seu valor.

“Então quer dizer que vocês vão capturar aqueles monstros com o seu pássaro?”, perguntou Moulton.

“É, vamos”, respondeu Thea, com toda a tranquilidade do mundo. Uma das suas grandes qualidades era não deixar que a influência das pessoas a levasse a fazer pequenas mudanças de plano ou de opinião a fim de agradá-las. Vivía dizendo: “Eu não gosto de brincar de macaco mandou”.

“Já fizeram isso antes”, comentei.

E, então, a banda pública no *zócalo*, logo abaixo de nós, começou de novo a rufar e martelar, fazendo o ar estremecer com sua marcha tosca. Já estava quase anoitecendo. Jovens passeavam pela praça, mas num passo acelerado, como se estivessem flertando e fugindo em desespero ao mesmo tempo. Bombinhas estalavam no ar. Um violinista cego tocava e uivava, arrastando os pés numa espécie de dança da morte na sua serenata para os turistas. Logo a catedral começou a badalar os sinos, a voz mais grossa daquela grande e encrostada tristeza. Com todo esse barulho, as pessoas

que estavam conversando foram silenciadas por algum tempo; ficaram tomando suas cervejas ou dando goladas nos seus copinhos de tequila, acompanhadas com pitadas de sal que lambiam do polegar à moda mexicana e com pedaços de limão.

Thea queria que Moulton a ajudasse com os artigos; quando conseguimos ouvir nossas próprias vozes de novo, ela lhe perguntou sobre isso.

“Eu não estou mais nesse ramo”, ele respondeu. “Ganho mais trabalhando só pro Nicolaides.” Nicolaides era o editor da revista de histórias populares da qual Moulton era colaborador. “Recebi uma proposta pra fazer uma entrevista com o Trotski no mês passado e recusei porque prefiro escrever pro Nicolaides. Além do mais, eu já gasto todas as minhas energias tentando entregar os capítulos das histórias no prazo.”

Tive a impressão de que Moulton tinha palavras de todo tipo armazenadas dentro dele e seria capaz de dizer qualquer coisa. Qualquer coisa! Só estava esperando que a conversa lhe desse a chance.

“Mas você já escreveu artigos de revista uma época e pode ensinar pra gente como fazer”, disse Thea.

“Suponho que o senhor March não seja escritor.”

“Não”, eu mesmo respondi.

Ele estava querendo descobrir qual era minha profissão. Suponho que desconfiasse que eu não tinha nenhuma que pudesse anunciar, mesmo para aquelas pessoas com tanta experiência de mundo — pois eu imaginava que elas fossem do vasto mundo, e elas mais ou menos eram. Moulton sorriu para mim, e não sem generosidade. Com as rugas fundas dos seus olhos, ele me lembrava muito uma senhora gorda da velha vizinhança.

“Bom, num aperto, talvez o Iggy possa ajudar se eu não puder.”

Moulton e Iggy eram amigos, mas essa recomendação todo mundo sabia que era gozação, pois Iggy era especializado em histórias de suspense e

ação, que escrevia para a *Doc Savage* e a *Jungle Thrillers*. Não sabia escrever mais nada.

Eu gostava desse Iggy Blaikie. Seu verdadeiro sobrenome era Gurevitch, que não tinha o elã que combinava com os orgulhosos sobrenomes anglosaxões dos heróis que ele criava. Então, como Gurevitch foi abandonado e Blaikie nunca tinha sido de verdade, ele virou apenas Iggy. Tinha toda a pinta de um frequentador de salão de sinuca. Fazia lembrar o garoto que ficava com o balde no canto do ringue de Nagel, ele próprio meio esquivo e grogue. Usava uma camisa de malha esportiva e um par das alpargatas de sola de corda da loja dos chineses; era magro, mas seu rosto era rechonchudo e corado, com olhos verdes injetados e uma boca da largura da de um sapo, a pele do pescoço enrugada, suja, mal barbeada; sua voz era abafada e suas conversas, apenas parcialmente coerentes. A não ser por alguém com experiência em capturar esse tipo de gente, que saberia que ele era inocente, poderia tranquilamente ser tomado por um passador de drogas ou pequeno criminoso. Ele era um exemplo vivo de que as aparências enganam.

Quanto ao jovem Talavera, eu não sabia muito bem o que pensar dele. Era óbvio que ele olhava para mim como se estivesse me medindo, o que me fez tomar consciência, como se estivesse me vendo de fora, da imagem que eu estava passando, com o rosto bronzeado e o cabelo ao natural. Fiquei me sentindo um pouco ridículo, mas tive de admitir que eu mesmo também o havia examinado, afinal. Ainda não tinha experiência bastante para alimentar suspeitas em relação ao jovem nativo do lugar que se junta a visitantes estrangeiros, principalmente mulheres. Assim são os sujeitos falidos que têm nomes muito antigos, como os que ficam em frente ao café Gilli em Florença, ou os rapazes de calças justas que ficam no topo do funicular em Capri à espera de moças holandesas ou dinamarquesas. E, se eu tivesse essa experiência, talvez não tivesse formado uma opinião lá muito correta a respeito de Talavera. Ele era um tipo misto. Muito bonito, lembrava o ator de cinema Ramon Novarro, ao mesmo tempo suave e

arrogante, e era, diziam, engenheiro de minas por profissão; isso nunca ficou comprovado, mas ele não precisava trabalhar, pois seu pai era rico. Além disso, Talavera era um esportista.

Eu disse a Thea: “Acho que aquele rapaz não foi muito com a minha cara”.

“E o que é que tem isso?”, ela respondeu, despreocupada. “Nós só vamos alugar cavalos do pai dele.”

Para Calígula, primeiro tentamos um burro, mas mesmo com o pássaro encapuzado e bem preso em cima da sela, o burro ficava arqueado de pânico e com os pelos do pescoço arrepiados. Tentamos então cavalos, mas eles ficavam ressabiados com ele. Eu não conseguia me manter em cima da sela quando Thea me passava Calígula, e ela mesma também não teve melhor sorte. Por fim, Talavera Senior trouxe um cavalo velho que tinha atravessado a rebelião zapatista e sido ferido em guerrilhas. A única coisa para a qual aquele animal cinza parecia estar apto era ser montado por um picador e levar chifradas na arena. Mas ele foi fenomenal com a águia. A impressão que eu tive foi que ele sentiu mais tristeza do que qualquer outra coisa ao aceitar o pássaro no lombo. Bizcocho era o nome dele. Era difícil fazê-lo andar muito mais rápido do que num trote acelerado, embora ele ainda fosse capaz de alguns arroubos de velocidade.

No começo, para treinar, levávamos Bizcocho a um lugar plano, fora da cidade. Atravessávamos o cemitério e seus ossos espalhados ao acaso pelo chão, o fedor das flores ao longo das paredes brancas dos túmulos: primeiro eu no cavalo cinza, que trotava devagar, com a águia no braço; depois Thea, em outro cavalo; e por fim Jacinto, com seu pijama branco, os pés escuros pendurados logo acima do chão, montado num jumento. Quando acontecia de passarmos por um funeral, muitas vezes de uma criança, o próprio pai, com o caixão na cabeça, parava na beira da estrada — seguido por todo o cortejo, incluindo os músicos — e com os olhos, como o leite da escuridão, alguns fios de bigode mongol, finos e longos, nas protuberâncias selvagens da sua boca, e, embora sofrendo e até hostil,

acompanhava a águia à medida que ela passava. Ouvíamos os sussurros de sempre — “*Mira, mira, mira, el águila, el águila!*” — e, então, deixávamos para trás as pedras e paredes brancas que descascavam com o calor, os espinhos de ferro, os ossos da morte, os pijamas tremulantes e amassados nas costas; e também a criancinha morta pela febre que era levada no caixão.

Subíamos até o platô, de onde avistávamos parte da cidade por um buraco pitoresco, e ali treinávamos com Calígula para fazê-lo se acostumar a alçar voo enquanto em movimento. Quando ele aprendeu a fazer isso, Thea recuperou inteiramente a confiança nele. De fato, fazíamos isso bem. Com ele pousado no braço, eu atijava o velho Bizcocho a andar mais rápido; Calígula firmava as patas com mais força e me espremia dentro daquela luva do demônio. Eu tirava o capuz dele e o soltava da corrente — tinha de largar as rédeas e me firmar com os joelhos no lombo do cavalo para fazer isso. Calígula botava o peito para a frente, batia as asas imensas e começava a ganhar o ar.

Em poucos dias, Bizcocho já estava preparado. E uma manhã, numa excitação tremenda, lá fomos nós atrás dos lagartos gigantes. Levamos Jacinto conosco para afugentá-los de trás das pedras e descemos a encosta da montanha rumo ao recanto tropical dos monstros. Ali, o calor era espesso; acumulava-se, estagnado, nas pedras macias e carcomidas por chuvas ácidas, que esculpiam grutas e formas cambojanas. Os lagartos eram realmente imensos, com grandes cristas ou franjas — aquelas membranas ancestrais. O cheiro ali era peçonhento, e parecíamos estar na idade das cobras entre os venenos quentes das folhagens e as lívidas gardêneas. Ficamos esperando enquanto Jacinto, cauteloso, cutucava embaixo de folhas com uma vara comprida, pois os iguanas eram ferozes. Então, numa saliência de rocha acima de nós, encontrei um nos espiando, mas, quando apontei para ele, vimos seu babado elisabetano fugindo em disparada. Aqueles bichos eram os mais rápidos e intrépidos que eu já tinha visto na vida; pulavam de qualquer lugar e de qualquer altura, com um

simples requebro do tronco, feito peixes. Tinham ótimos músculos, como peixes, e o voo deles era monstruosamente belo. Eu ficava impressionado com o fato de eles não se desmancharem em bolotinhas, feito gotas de mercúrio, quando aterrissavam, mas continuarem correndo sem nem sequer fazer uma pausa. Eram mais rápidos que os porcos selvagens.

Eu estava preocupado com Thea. Sabia o estado em que ela se encontrava. O lugar era íngreme, não havia espaço para manobrar, e ela fazia seu cavalo voltear e embicar. Eu tinha o fardo da águia, e o velho cavalo zapatista não conseguia se virar rápido, embora fosse valente o bastante e entendesse que era preciso correr riscos. Assim, eu ouvia mais do que via a maior parte do tempo.

“Thea”, gritei, “pelamordedeus, não faça isso!”

Mas ela estava berrando alguma coisa a Jacinto e ao mesmo tempo fazendo sinal para que eu me pusesse em posição. Queria afugentar os lagartos em direção a um declive de pedras em que eles não tinham onde se esconder. Enquanto fugiam, eles às vezes pareciam prateados, às vezes poeirentos, cinzentos, ou verde estátua. Dei um impulso para a frente, Bizcocho começou a descer pelas pedras soltas, Calígula apertou meu braço; desamarrei o cadarço, tirei o capuz, soltei a corrente e ele subiu, avançando rumo ao ar profundo da encosta da montanha, mais uma vez em direção às altas vibrações de azul. Indo e vindo em estágios, ele subiu a uma grande altura para esperar a presa.

Thea saltou do cavalo para tomar a vara das mãos do garoto. Ele só estava arrastando-a por cima da vegetação densa e acabava arrancando flores magníficas, vermelhas como carne, que rolavam encosta abaixo na onda de samambaias. Mas ele gritou: “*Ya viene!*”. Um iguana disparou pelas pedras abaixo. Calígula o viu e deu seu mergulho. Ele parecia emplumado e blindado, com seu uniforme preto, e essa ameaça caía velozmente do céu. Encosta abaixo, o iguana deu também seu salto perfeito, aterrissou, correu, deu uma guinada ao sentir a aproximação de Calígula, esquivou-se das garras, rolou, virou de barriga para cima para

lutar contra aquela sombra que o perseguia com tanta rapidez, fugiu de novo. Vi os rostos alertas e ferozes dos dois. E, então, quando Calígula pôs a pata em cima do monstro, o iguana abriu sua boca angular com uma estranha fúria de cobra e mordeu o pescoço da águia. Ao ver isso, Jacinto deu um berro e Thea outro mais estridente ainda. Calígula se sacudiu vigorosamente, mas apenas para se soltar. O iguana o largou e fugiu, seu sangue cintilando nas pedras. Thea gritou: “Vai atrás dele! Pega! Ele está fugindo!”. Mas Calígula não foi atrás do iguana; pousou e ficou batendo as asas. Quando não se ouviu mais o barulho do lagarto saltando nas pedras, ele as fechou. Não voou para mim.

Thea o xingou, aos berros: “Seu covardão filho da mãe! Urubu!”. Pegou uma pedra e atirou na direção dele, mas errou o alvo. Calígula só levantou a cabeça quando a pedra bateu em algum lugar atrás dele.

“Para com isso, Thea! Pelo amor de Deus, para! Ele vai arrancar os seus olhos!”

“Ele que tente! Eu mato ele com as minhas próprias mãos! Deixa só ele chegar perto de mim!” Ela estava fora de si de ódio e não havia um pingão de razão em seus olhos. Senti meus braços fracos, vendo-a daquele jeito. Tentei impedir que ela atirasse outra pedra e, quando não consegui, corri para pegar a espingarda, para usar se fosse preciso e também para não deixar que Thea a pegasse. De novo ela errou o alvo, mas desta vez passou perto, e Calígula alçou voo. Quando ele voou, eu pensei: Adeus, pássaro! Lá vai ele para o Canadá ou para o Brasil. Thea segurou o peito da minha camisa e, com muita dor e lágrimas nos olhos, disse: “Desperdiçamos o nosso tempo com ele, Augie. Ah, Augie. Ele não presta pra nada. Ele é um medroso!”.

“Talvez o bicho tenha machucado ele.”

“Não, ele fez a mesma coisa com o lagarto menor. Ele fica apavorado.”

“Bom, ele foi embora. Se mandou.”

“Pra onde?” Ela tentou localizá-lo, mas imagino que não estivesse conseguindo ver direito por causa das lágrimas. E eu também já não sabia

mais ao certo qual das várias manchas pretas no céu era ele.

“Eu espero que ele voe pro inferno!”, ela disse com um estremecimento de raiva. Seu rosto queimava de ódio. Da fraude de Calígula, do fato de ele parecer uma máquina tão cruel, tão implacável, um verdadeiro mandachuva, e ter um espírito completamente diferente debaixo daquilo tudo. “Ele voaria desse jeito se estivesse machucado?”

“Mas você atirou pedras nele”, falei. E mais uma vez me senti culpado, porque ele tinha sido domado no meu braço.

Bem, era difícil aceitar isso da natureza selvagem, que houvesse humanidade nela; como havia nas feras que abraçaram Ulisses e seus homens e choraram nos seus ombros no palácio de Circe.

Quando chegamos em casa, tristes, mandamos os cavalos de volta para o estábulo de Talavera por Jacinto. Thea não teria tido ânimo para andar do estábulo de volta para casa, e eu não queria deixá-la sozinha. Ao entrar no pátio, ouvimos gritos da cozinheira, que correu para dentro da cozinha com seu bebê porque a águia estava andando de um lado para o outro no telhado do casebre.

Eu disse a Thea: “O Calígula está aí, ele voltou. O que você quer fazer com ele?”.

Ela respondeu: “Não me interessa. Não quero fazer coisa nenhuma. Ele só voltou por causa da carne, porque é covarde demais pra caçar”.

“Eu discordo. Ele voltou porque não acha que tenha feito nada de errado. Simplesmente não está acostumado com bichos que lutam quando ele os agarra.”

“Por mim, você pode dar esse urubu pros gatos comerem.”

Peguei um pouco de carne de um cesto ao lado do fogão e fui para o pátio chamá-lo. Quando ele veio para o meu braço, eu o cobri com o capuz e preendi a corrente na sua pata. Depois, levei-o de volta para a caixa da descarga, seu refúgio escuro e fresco.

Durante cerca de uma semana, fui seu único tratador. Thea se ocupou com outras coisas. Montou uma câmara escura e começou a revelar as

fotos que havia tirado na viagem. O pássaro ficou sob meus cuidados; eu o exercitava e o treinava no pátio, como um homem que rema sozinho um grande bote salva-vidas. Foi nesse período também que tive problemas intestinais, um ataque de disenteria e, portanto, via Calígula com mais frequência do que normalmente veria. O médico me receitou um antidisentérico e me mandou ficar longe da tequila e da água da cidade. Talvez eu viesse mesmo abusando um pouco daquela tequila de sabor defumado, que costumava deixar meio instável quem não estava acostumado com ela.

Mas a queda brusca do alto da nobreza da perseguição afetou todo mundo. A casa ficava desanimada quando Thea estava enfiada no laboratório dela. Desanimada talvez não seja bem a palavra, considerando toda a decepção e raiva que estavam sendo contidas. Além disso, eu não conseguia ficar na cama sabendo que Calígula estava sendo negligenciado, quando menos porque a fome poderia deixá-lo perigoso, sem contar com o lado humano da coisa.

Debaixo de alguns papéis reservados para acender o fogo na lareira, encontrei um livro grosso, sem capa, impresso em letra miúda. Ele continha *A cidade do sol* de Campanella, *Utopia* de More, os *Discursos* e *O príncipe* de Maquiavel, bem como longos trechos de Saint-Simon, Comte, Marx e Engels. Não me lembro quem foi a pessoa engenhosa que fez essa coletânea, mas sem dúvida era um calhamaço impressionante. Choveu dois dias seguidos, e eu fiquei mergulhado no livro enquanto a lenha molhada tentava arder. Chegava a jogar feixes inteiros do resinoso *ocote* na lareira para tentar fazer um fogo decente. Tudo estava molhado demais para botar Calígula para voar. Eu subia no assento da privada e lhe dava de comer por baixo do capuz, empurrava a carne no bico dele para poder voltar ao livro o mais rápido possível. Estava absolutamente fascinado; esquecia que tinha sentado em cima dos ossos e levantava aleijado, zozzo com toda aquela ousadia de suposição e avaliação. Quis

falar com Thea sobre isso, mas ela estava preocupada demais com outras coisas.

“De quem é este livro?”, perguntei.

“Sei lá. Apareceu aí.”

“Puxa, este livro é fantástico, sabia?”

Ela ficou contente que eu tivesse encontrado alguma coisa com que me distrair, mas não se interessou pelo assunto. Botou a mão numa das minhas bochechas e deu um beijo na outra; isso, porém, foi só para me despachar. Fui esticar as pernas no jardim molhado. Por cima do muro, vi o velho Da Fiori no caramanchão, limpando o nariz.

Entrei e fui pegar meu poncho de borracha, pois estava sentindo uma grande ânsia de companhia. Thea tinha me pedido que comprasse papel fotográfico, o que me dava um motivo para sair. Quando estava descendo a larga ladeira de pedra na chuva fina, vi um porco peludo e de pernas compridas metido na lama vermelha da vala, com uma galinha empoleirada em cima dele, catando piolho. E do alto-falante da vitrola do bar de Hilario, vinha a música:

*Tres cosas hay en la vida
Salud, dinero y amor.*

Depois dela, veio uma ária lenta e sinuosa de Claudia Muzio ou talvez de Amelita Galli-Curci, da ópera *As joias da madona*. Eleanor Klein tinha esse disco. Ouvir aquela música me deixou triste, mas não desanimado.

Protegido pelo meu equipamento contra o mau tempo, passei em frente à catedral, onde os mendigos, com suas roupas de lã ensopadas, mostravam as pontas engelhadas dos seus membros amputados. Distribuí algumas moedas entre eles; afinal, o dinheiro era originalmente de Smitty; achei que parte dele deveria ser passado adiante.

Da varanda florida do segundo andar do bar de Hilario, alguém gritou meu nome e bateu no emblema de lata da cerveja Carta Blanca para

chamar minha atenção. Era Wiley Moulton, que disse: “Sobe aqui”. Fui com prazer.

Além de Iggy, havia na mesa mais duas pessoas, que a princípio me pareceram marido e mulher. Ele estava beirando os cinquenta anos, mas se comportava como se fosse mais novo, um homem seco, magro, alto. Mas eu olhei primeiro para a moça, que me foi apresentada simplesmente como Stella. Fiquei feliz em vê-la. Ela superava tudo que havia na casa, homem, bicho e planta, em termos de beleza. Suas feições se erguiam muito suavemente da superfície do seu rosto, cheias de sensatez; seus olhos eram, eu diria, amorosos. Era natural que eu ficasse feliz em vê-la; acho que, da mesma forma que revolucionários sentem as mãos das pessoas que passam para saber se elas são pessoas comuns ou aristocratas, quando você está apaixonado você também faz identificações assim. Stella era a namorada daquele homem, cujo nome era Oliver. E embora parecesse tranquilo quando olhava para mim, ele na verdade estava enciumado, e essa é a irracionalidade das pessoas, pois a intenção dele era, ao contrário, provocar inveja nos outros.

Moulton, no entanto, logo deixou claro que eu estava comprometido. “Olá, Bolingbroke”, disse ele.

“Quem é esse? Eu?”

“Claro que é você. Você não pode parecer um personagem e achar que não vai receber um nome ilustre. Quando eu botei os olhos em você, me deu um estalo e pensei: está aí um homem que devia ser chamado de Bolingbroke,^b se é que já não é. Você não se importa, né?”

“Alguém se importaria de ser chamado de Bolingbroke?”

Cada um, de acordo com seu temperamento, me lançou um olhar bem-humorado, com malícia ou com solidariedade.

“Esse é o senhor March. Bolingbroke, qual é o seu primeiro nome?”

“Augie.”

“Como está a Thea?”

“Bem.”

“Vocês dois não têm aparecido muito. Deve ser a águia que deixa vocês ocupados.”

“É, ela deixa mesmo. Nós estamos ocupados.”

“Eu senti uma admiração enorme por vocês, quando chegaram naquela caminhonete e eu vi você tirar aquele pássaro lá de dentro. Eu estava sentado aqui em cima e vi a cena toda. Mas eu soube que o bicho fracassou.”

“Quem disse?”

“Ah, andaram dizendo por aí que ele era um fiasco.”

Aquele filho da mãe do Jacinto!

“É verdade, Bolingbroke? Aquele pássaro assustador é medroso? Ele é covarde?”

“Isso é uma tremenda bobagem!”, exclamei. “Como é que uma águia pode ser diferente da outra? Elas são todas mais ou menos iguais. Uma águia é uma águia, como um lobo é um lobo e um morcego é um morcego.”

“Tem razão, Boling. Eu diria até que na nossa própria espécie, somos todos muito parecidos. Mas, mesmo assim, as diferenças são interessantes. Então, como é o seu pássaro?”

“Ele ainda não está maduro pra esse tipo de caçada. Mas ele vai ficar logo, logo. A Thea é ótima treinadora.”

“Não duvido. Mas se ele é assustadiço, deve ter sido muito mais fácil de treinar do que uma águia daquelas realmente bravas e assassinas, como a que de fato conseguiu caçar aqueles lagartos um tempo atrás.”

“O Calígula é uma águia-calva, o tipo mais forte e feroz que existe.”

Eu ainda não tinha descoberto como é pequena a vontade que as pessoas têm de ver você ter sucesso num projeto extraordinário e que consolo algumas delas sentem quando o que é insignificante prevalece e todos os outros esforços vão por água abaixo. Em nome dos escritores que eu vinha lendo, eu sentia ressentimento também.

“O Oliver é editor de uma revista”, disse Iggy. “Talvez ele se interesse em publicar o artigo sobre a sua águia.”

“Que revista?”

“A *Wilmot’s Weekly*.”

“É, nós viemos de carro pra cá, tirar umas férias”, disse o tal Oliver.

Ele parecia meio bobo, meio fraco da cabeça; tinha lábios finos, um bigodinho e maçãs do rosto salientes. Era obviamente um biriteiro, e um homem muito vaidoso. Era coisa recente, isso de ele ter subido na vida. Moulton e Iggy o tinham conhecido nos tempos de Nova York, e uma das primeiras coisas que Moulton me contou sobre ele foi que, coisa de dois anos antes, se você deixasse esse Oliver entrar na sua casa, ele podia roubar algumas das suas roupas para botar no prego e arranjar dinheiro para comprar uísque; disse também que, da última vez que tivera notícias suas, ele estava num hospício, com ataque de nervos, fazendo o tratamento de choque com insulina. E, no entanto, ali estava ele, vestido com a maior elegância, com um conversível novo e acompanhado daquela beldade, que supostamente era atriz. E ele de fato era editor da *Wilmot’s Weekly*. A respeito da qual ele agora estava dizendo: “Nós estamos mais interessados em artigos políticos”.

“Espera lá, Johnny, você não vai querer me convencer que é tudo muito sério lá na sua revista, só texto intelectual. Nunca foi assim.”

“Tudo mudou com os novos donos. Sabe, na semana passada escrevi a minha autobiografia”, disse ele, mudando de assunto de uma maneira que logo se tornou previsível. “Foi logo antes de a gente viajar. Escrevi tudo numa semana. Infância num dia, adolescência no outro e o resto em cinco dias. Dez mil palavras por dia. Vai sair mês que vem.” Quando falou de si, foi com tanta satisfação que, por um momento, pareceu saudável e bem, radiante até. Depois teve uma recaída, quando deixou de ser o assunto, e ficou parecendo muito magro e abatido.

“Nós estamos hospedados no Carlos Quinto. Por que vocês não vêm com a gente até lá pra tomar um drinque?”, sugeriu Stella.

“É, vamos”, disse Oliver. “A gente tem que tirar proveito daquilo lá; está custando uma nota. Nós podemos sentar no jardim, pelo menos.”

Fui embora, pois tinha ficado realmente chateado com a história da águia depois da provocação de Moulton. Eu mesmo teria imaginado que o fracasso de Calígula me daria uma espécie de prazer, mas, curiosamente, não foi o que aconteceu. Antes, ele atrapalhava o amor; mas agora que tinha fracassado estava causando mais estrago ainda. De repente, Thea e eu parecíamos ter perdido a intimidade, e eu estava perplexo. Por que era tão difícil manter a pureza dos sentimentos? Vejo que encontrei aqueles escritores do grande livro das utopias num momento peculiar. Nasquelas utopias, construídas de esperanças e arte, como você podia ignorar a parte da natureza ou ter certeza de que conseguiria conservar os sentimentos?

Fui para casa com a determinação de que não iríamos desistir, mas, sim, pôr Calígula para voar e caçar aqueles iguanas, exatamente como aquele outro casal americano.

Primeiro, eu queria dar um puxão de orelha em Jacinto por falar demais, mas não consegui encontrá-lo. Thea também não estava em casa. A cozinheira me disse: “*Están cazando*”.

“*Qué?*”

“*Culebras*”, ela respondeu, com aquela voz que era como um filete de antiguidade, sempre tão fina e distante.

Procurei a palavra no dicionário. Eles tinham saído para caçar cobras. Calígula estava no cubículo dele.

Era noite quando eles voltaram. Um bando de garotos da cidade seguia atrás deles, alguns da patota de Jacinto, e gritavam uns para os outros sob a luz forte do portão da Casa Descuitada. Numa caixa, Jacinto trazia duas cobras.

“Onde é que você estava, Thea?”

“Nós pegamos cascavéis — das grandes.”

“Quem? Essas crianças todas não estavam com você, estavam?”

“Não, claro que não. Cruzamos com elas no caminho de volta e elas vieram atrás da gente quando o Jacinto contou o que tínhamos pegado.”

“Thea, foi ótimo você ter saído e pegado as cobras. É fantástico! Mas por que você não me esperou? Elas são perigosas, não são, essas coisas?”

“Eu não sabia quanto tempo você ia demorar pra voltar. Um carvoeiro veio aqui e disse que tinha visto cascavéis, então eu quis ir logo atrás delas.”

Ela as jogou numa das caixas de vidro que nós tínhamos preparado para os iguanas, e esse foi o início da coleção dela. Com o tempo, a varanda se transformou numa galeria de cobras, a ponto de a cozinheira querer pedir demissão, temendo pelo seu bebê.

Era o momento certo para falar da águia, com Thea revigorada pelo seu sucesso. Ela ouviu, razoavelmente disposta a ser persuadida, e concordou que Calígula merecia mais uma chance. Eu nunca pensei que algum dia fosse interceder por Calígula junto a ela. Na manhã seguinte, Jacinto foi buscar os cavalos no estábulo de Talavera. Levei as armadilhas, as gaiolas e a vara para a frente do portão e, quando Jacinto voltou, já estávamos lá com Calígula, que, como sempre, parecia magnífico e perigoso. Quando às vezes Thea lançava um olhar cético para ele, eu franzia o cenho. Partimos. De vez em quando eu falava com ele e lhe fazia carinho com uma pena. Dizia: “Meu velho, acho bom desta vez você fazer o que tem que fazer”.

Chegamos ao mesmo lugar, o antro dos iguanas, e me posicionei num ponto mais alto que da outra vez, para dar a Calígula uma visão melhor daquele declive pedregoso. Esperamos. Ele apertava meu braço com força; eu tentava transferir parte do peso dele para a minha coxa, em vez de sustentá-lo continuamente no meu braço erguido. Bizcocho tremelicava para afugentar as moscas ferozes daquele lugar, que se espetavam, cintilantes, nas suas costelas cinza.

Thea seguia no seu cavalo mais abaixo, e eu a via através de um tapete de samambaias. De vez em quando avistava também Jacinto, escalando as pedras brancas que lembravam torres, e comecei a ouvir alguns dos

gigantes rastejando e se estatelando, quando saltavam e fugiam, e a ver as flores voluptuosas se balançarem.

De repente, tive a noção do que era caçar não com uma arma, mas com uma criatura, um ser vivo que você soube ensinar porque inferiu que todas as inteligências, desde as de brilho mais fraco até as estrelas de primeira magnitude, são essencialmente iguais. Toquei nele e o acariciei. Como que para conferir como eu estava, Bizcocho virou a cabeça. Na mesma hora, Thea arrancou o lenço que trazia na cabeça, o sinal combinado. Desamarrei o cadorço do capuz e dei o pulo do galope na sela, decidido a não me poupar. Bizcocho arrancou muito rápido. Devo ter escolhido um caminho íngreme demais, pois o velho cavalo desceu numa velocidade em que nunca havia descido antes. Fechei as coxas com força para me segurar, puxei o capuz de Calígula e soltei a corrente. Estava gritando “Vai!” quando eu também de repente comecei a ir, por cima da cabeça do cavalo, enquanto ele batia com os cascos na pedra escorregadia para se equilibrar. Ele estava caindo e eu também. Senti o impulso do salto de Calígula quando ele saiu do meu braço e, então, vi a cor do meu próprio sangue no declive de pedras. Bati e deslizei. Ouvei o relincho enlouquecido de Bizcocho e o grito de Jacinto.

“Rola, continua rolando!”, gritou Thea. “Augie, meu querido, rola! Ele está pinoteando! Ele está machucado!”

Mas um dos cascos de Bizcocho me acertou em cheio na cabeça e eu desmaiei.

a No original: “*Carefree House*”. A palavra *descuidada* em espanhol (e não *descuitada*, como está no original) tem, na verdade, o mesmo significado de sua equivalente em português. (N. T.)

b Henrique IV (1367-1413), rei da Inglaterra, também era chamado de Henrique Bolingbroke, por ter nascido no castelo de mesmo nome. (N. T.)

17.

Alguns de nós levamos muito tempo para descobrir qual é o preço de estar na natureza e quais são os termos desse contrato de ocupação. O tempo que demora depende da velocidade com que os açúcares sociais se dissolvem. Mas, quando eles enfim se dissolvem, um gosto diferente surge na sua boca, trazendo uma notícia nova, que provoca um espanto sombrio e deixa os olhos cheios d'água. E essa notícia diferente é que, da vasta existência, você de alguma forma brota e a qualquer momento pode voltar para lá. Qualquer momento mesmo; o próximo, talvez.

Bem, o coitado do Bizcocho rachou meu crânio, mas tinha quebrado uma perna e Thea então deu um tiro nele. Inconsciente, não ouvi o estampido. Thea e Jacinto me arrastaram até o cavalo dela. O garoto montou no cavalo comigo e ficou me segurando como quem segura um saco de farinha. O sangue escorria da minha cabeça, e eu também tinha perdido um dente, da arcada de baixo. Então, derreado nos braços de Jacinto e com o lenço que Thea tinha usado para fazer sinal tão encharcado que não absorvia mais uma gota de sangue, fui levado para a casa do médico. Quando estávamos quase lá, eu levantei a cabeça de supetão e disse: “Cadê a águia?”.

Um acidente de caça jamais faria Thea derramar lágrimas, nem mesmo sendo grave como aquele. Ela não chorou nem uma lágrima. Como estava surdo por causa da fraqueza, ou talvez por causa do sangue, do cabelo ou da terra nos meus ouvidos, eu não ouvi, mas vi como ela xingava Calígula.

Senti uma onda ou um bife do meu couro cabeludo se enroscar ou se enrugar na minha cabeça. Num relance, vi que a mão de Thea, que segurava com firmeza minha perna, estava listrada de vermelho. A palidez dela era muito quente. Com aquela profundidade e inútil estreiteza de visão que se tem nesses momentos, eu via o rosto dela salpicado de manchas de luz que repetiam o padrão dos ilhoses de metal do chapéu que ela estava usando, um borrifo de calor espalhado sobre seu nariz e seus lábios.

Minha audição melhorou; ouvi as crianças gritarem: “*Es el amo del águila!*” *El águila!* Que estava fazendo piruetas em algum lugar do céu, com suas rêmiges magníficas, sua calça turca de penas e seu bico dilacerador. A altura do espaço me parecia incomensurável. A sensação que eu tinha era de que rastejava no fundo dele. Thea disse: “Você perdeu um dente”. Fiz que sim. Sabia onde estava o buraco. Porém, mais cedo ou mais tarde, todos estamos fadados a perder alguns dentes.

Do quintal da casa do médico, duas mulheres vieram com uma maca e me deitaram nela. Eu desmaiava e acordava toda hora, extremamente fraco. Mas quando atravessamos o pátio eu estava consciente e admirei o dia, excepcionalmente bonito. O que pensei em seguida, porém, foi que era por minha causa que Bizcocho estava morto, que ele tinha sobrevivido a selvagens noites zapatistas de tiroteios e tocaias de guerrilha e provavelmente estado presente quando homens eram crucificados ou suas barrigas enchidas de formigas, que havia aguentado incontáveis vezes o coice de espingardas a cuspir fogo, e que tinha de ser eu a acabar com a vida dele.

O médico tinha uma flor enfiada na casa do botão da camisa quando chegou perto de mim e estava sorrindo. Mas era basicamente uma pessoa melancólica. A sala dele fedia a remédio e a éter. Recebi uma dose de éter que me deixou malcheiroso por dias. Volta e meia eu vomitava. Fui todo enfaixado e meu rosto ficou duro com as cascas das feridas. Só podia tomar mingau e sopa de peru e não devia me levantar. Dentro do turbante de

atadura, eu ouvia um chiado como se eu tivesse uma torneira ou um esguicho ali. Por causa da dor e desse chiado, ou barulho de água escorrendo, eu temia que aquele melancólico sorridente tivesse feito um mau trabalho e ficava preocupado com meu crânio por conta da descuidada maneira mexicana de lidar com matanças, doenças e enterros; mas descobri mais tarde que o médico tinha feito um bom trabalho. Na época, contudo, eu sofria com isso; estava deprimido, cheio de olheiras, o rosto encovado, a boca desdentada. Com as ataduras, eu me achava parecido com minha mãe e às vezes com meu irmão Georgie.

E mesmo depois que as feridas sararam e as dores de cabeça diminuíram, eu me sentia angustiada e não sabia por quê. Thea também ficou muito inquieta. O fiasco de Calígula e minha burrice de esporear o pobre Bizcocho do alto de um penhasco a tinham desapontado profundamente. Sendo tão ávida e destemida, o fato de ela ter sido atrapalhada pela minha incompetência depois de ter planejado tudo, domado o pássaro e tudo mais, era uma coisa muito difícil de aceitar. Thea mandou Calígula para o amigo do pai dela em Indiana, para o zoológico Trianon dele. Pensei no prazer que o velho garimpeiro de Texarkana sentiria se soubesse disso. Fui mancando até lá fora para ver a águia, engaiolada e engradada, ser enfiada dentro da caminhonete. A plumagem branca da maturidade estava começando a surgir na sua cabeça; os olhos não tinham perdido nem um pouco do seu ar imperial e o bico, com seus indisfarçados objetivos de respirar e dilacerar, continuava tão impressionante quanto antes.

“Tchau, Cali”, falei.

“Tchau e até nunca mais, seu impostor”, disse Thea. Estávamos quase às lágrimas, os dois, pelas esperanças desmoronadas e expectativas ridicularizadas. As luvas e o capuz ficaram largados num canto por muito tempo e mergulharam no esquecimento.

Nas semanas em que Thea ficou ao meu lado, cuidando de mim e me dando atenção, foi se tornando cada vez mais claro que, se ela não

demonstrava impaciência, também havia outras expressões que não apareciam no seu rosto. Quando comecei a me recuperar, não quis mais que ela ficasse presa ali por minha causa para me fazer companhia, se era para ficar daquele jeito. Tivemos uma daquelas disputas de sacrifício; ela não queria me deixar sozinho e eu insistia para que ela saísse, embora não quisesse que ela fosse atrás de cobras. Mas alguém havia lhe falado que tinha visto sei lá que tipo de serpentes verdes e vermelhas, e o que não aparecia na sua expressão, paciente comigo enquanto eu jazia surdo e macilento com meu turbante, na sequência do grande fiasco — o que não aparecia era que ela ficava ali sonhando em pegar aquelas cobras. Reconheci que ela estava entediada e precisava de ação.

No início, para me agradar, ela caçava porcos selvagens e outros bichos desse tipo, mas depois começou a trazer para casa, num saco de aniagem, as cobras que pegava nas montanhas. Por causa do bem que isso fazia a ela, eu não falava nada. Podia medir com os olhos, diariamente, sua melhora. Só que eu não queria que ela fosse caçar sozinha e insistia para que ela chamasse algum dos seus amigos para acompanhá-la, e não só Jacinto. Havia um grupo de entusiastas pela caça na cidade, e às vezes o médico ia com ela, às vezes o jovem Talavera.

Então, eu ficava sozinho e zanzava pela casa de roupão e atadura, pelo jardim, pela varanda cheia de cobras, que se retorciam na palha e mostravam a língua. Eu olhava com frieza para elas. Achava que fazia isso menos por medo do que por antipatia. Afinal, tinha domado uma águia e tido algum êxito com a vida selvagem e, portanto, podia me considerar dono de certa dose de coragem. Não tinha de ficar vestido de intrepidez o tempo inteiro nem amar todas as criaturas. As cobras tinham uma espécie de cheiro, parecido com o de manga estragada ou de feno podre, o mesmo que senti no lugar onde tínhamos tentado caçar iguanas gigantes.

Quando não estava inquieto demais, sentava numa das cadeiras de couro do pátio e lia o livro das utopias. Ainda continuava com o germe da disenteria e, de manhã, muitas vezes sentia aquela descida pesada do

intestino que me fazia correr para a latrina, o antigo viveiro de Calígula. Deixava a porta aberta. De lá, tinha uma vista da cidade inteira, que agora, no fim do outono, passado o calor mais forte, estava muito bonita. Não havia estações de verdade ali, mas as sombras de climas mais rigorosos, vindas do norte e do sul, faziam os meses variar. Todo dia havia aquele infalível azul, enquanto as poderosas forças do céu pairavam, em repouso, acima das telhas musguntas. Aquela beleza azul compensava consideravelmente meus dissabores, assim como o livro, quando eu estava no estado de espírito certo para ele. Nas outras horas, eu vagava desmazelado e melancólico pela casa, sentindo-me um inútil. Como minhas bochechas tinham murchado, os ossos delas pareciam grandes e meus olhos um pouco sonolentos, por causa da apreensão que mostrariam caso se abrissem mais. Além disso, uma espécie de bigode indiano de pelos louros cresceu dos lados da minha boca.

Thea tomava seu café, dizia para eu me cuidar, botava seu sombrero de ilhoses e ia para onde estavam os cavalos. Eu ia também, para vê-la montar. Com apenas um pequeno esforço do corpo confiante, ela sentava na sela. Não me perguntava mais se eu queria que ela ficasse comigo, só recomendava que eu desse uma caminhada à tarde. Eu dizia que ia ver.

Moulton e Iggy vieram me visitar, e Moulton disse: “Boling, você está um caco”, de modo que fiquei mais infeliz ainda comigo mesmo e caí em depressão, sentindo maus presságios passearem pelo meu coração.

Stella, a namorada de Oliver, também lamentou que eu não estivesse com uma aparência melhor quando conversei com ela do muro do jardim. Notei que ela parecia um pouco triste. Na época, eu andava bebendo limonada com tequila em quantidades razoáveis e a convidei para beber comigo, mas ela recusou. Lamentando, disse: “Eu bem que queria poder ir. Talvez eu vá, qualquer dia desses. Eu gostaria de conversar com você. Não sei se você sabe, mas a gente deve sair daqui do Carlos Quinto”. Eu não sabia e, antes que tivesse a chance de descobrir por quê, o magrelo do Oliver apareceu e veio andando na nossa direção, levantando os pés por

cima das flores, os tornozelos equinos enfiados em meias de seda presas com liga, a boca pequena e vermelha franzida num bico. Veio e levou Stella para longe do muro, sem nem me dirigir a palavra.

Qual era o problema dele?

Moulton disse que era ciúme.

“E ela disse que eles vão sair do hotel.”

“É, vão, o Oliver alugou a casa do japonês. O japa tem que voltar pra Nagasaki. O Oliver diz que as velhas fofoqueiras do Carlos Quinto andam falando mal da Stella, porque sabem que eles não são casados. Se eu tivesse uma garota como aquela, eu estaria pouco me lixando para o que dizem as más línguas!”

“Mas por que é que ele está se instalando aqui? Ele não tem uma revista pra tomar conta lá em Nova York?”

“Ele toca a revista daqui do México”, disse Iggy.

“Balela!”, exclamou Moulton. “Ele está aqui porque se meteu em encrenca.”

“Você acha que ele desviou dinheiro?”, perguntou Iggy, atônito.

Moulton deu a entender que sabia mais do que julgava apropriado contar. O bundão. Sua barrigona dura se estufava debaixo de uma camisa estampada de abacaxis. Ele até tinha uma leve vergonha da impressão que causava à luz do sol. Suas pálpebras eram tão escuras quanto seus dedos manchados de fumante, e ele tinha o tique de piscar os olhos.

“O Jepson contou que ouviu dizer que ele quer dar uma baita festa pra Stella na casa, pra calar a boca daquelas velhas fofoqueiras do Carlos Quinto”, disse Iggy.

“Ele vai calar a boca de todo mundo, vai deixar todo mundo de queixo caído com o sucesso dele. Todos aqueles que achavam que ele não passava de um vagabundo internacional, o que quer dizer todas as pessoas do mundo que já puseram os olhos nele, agora vão ficar de boca calada. Nossa! As pessoas continuam exatamente onde estavam, e ele vai voltar e deixar todas elas embasbacadas. Ele também já rodou o mundo, só que não

reparou porque estava bêbado.” Quando Moulton disse isso, Oliver surgiu na minha cabeça numa choupana na Mongólia Exterior, onde soldados de casaco acolchoado o encontraram deitado em cima do seu próprio vômito, em estupor. Moulton gostava de mostrar que a desgraça e o lixo eram o que dava unidade ao mundo. Só a diversão supostamente tornava isso tolerável e, portanto, ele se dedicava a ela. Todas aquelas pessoas faziam isso, a colônia inteira.

Bem, eles me visitaram em casa. Então, depois de meia hora, Moulton ficou sem assunto. Tinham fumado cerca de uma dúzia de cigarros, e Moulton começou a parecer terrivelmente entediado. Tinha esgotado as possibilidades daquele canto do mundo específico em que estávamos e, então, parecia agoniado de ter de ficar ali.

“Bolingbroke”, disse, “você não tem que ficar trancado em casa só porque está usando esse turbante. Vamos pro *zócalo*. A gente pode encontrar gente lá ou jogar na máquina de *pinball*. Vamos, Boling. Levanta daí.”

“É, vamos lá, Boling.”

“Você não, Iggy. Você vai pra casa. A Eunice vive me dando bronca porque eu não deixo você trabalhar.”

“Ué, mas eu pensei que você fosse divorciado, Iggy...”, falei.

“Ele é, mas a ex-mulher o mantém na coleira. Pra você ter uma ideia, ela faz o Iggy ficar com a filha pra ela e o novo marido saírem.”

No bar do Hilario, nós nos sentamos entre as flores da varanda, acima da praça. Eram as flores mais simples do tempo mais fresco. Salvo a poinsetia vermelha, o bico-de-papagaio, com suas folhas aveludadas abertas como as pontas de uma estrela, a líder em esplendor. O fato de essas flores não terem nenhum poder sobre o lugar onde iriam aparecer, nem a época, e mesmo assim serem tamanho sucesso de beleza e cobrirem aquele muro sem importância me pareceu muito significativo. Vi também o pequeno jupará, que perambulava por toda a extensão do seu quadrado de gaiola, de

cabeça para baixo, de trás para a frente. Nas profundezas de um acidente, seja adaptável — nunca sonolento, a não ser na hora de dormir.

Moulton se sentou e continuou sua sátira em cima de Iggy. Eunice pegava os cheques que vinham de Nova York e controlava os gastos de Iggy. Mas, também, Iggy não sabia lidar com dinheiro. Não iria fazer mais nada a não ser ir para o *foco rojo* com ele, e aí as moças ficariam com todo o dinheiro. Iggy, com seus olhos verdes injetados e sua afável boca de sapo, parecia se sentir elogiado, retratado entre as putas do *foco rojo*.

“A Eunice precisa do dinheiro para as despesas da menina. Senão eu ia perder tudo pra você no pôquer. É isso que deixa o Wiley por conta, ele não tem como ganhar uma grana pra valer de mim.”

“Eu não daria a mínima pra isso se não visse o Jepson enchendo a cara aqui no bar com o seu dinheiro, o dinheiro que ele arranca da Eunice.”

“Você está é maluco. Ele tem o dinheiro dele. O avô dele fez uma expedição pra África. Sem brincadeira.”

Para ficar perto da filha, uma menininha morena paparicada em excesso, Iggy morava na mesma casa que a ex-mulher. Fazia isso principalmente para proteger a ela e à filha de Jepson. Acho que Iggy ainda amava Eunice.

Passei a andar com ele e com Moulton. Como a casa estava vazia, como havia cada vez mais cobras na varanda, como eu não estava forte o bastante para ir para as montanhas com Thea mas também não estava fraco o bastante para não ficar inquieto, como estava com trauma de cavalos e de caçadas, como estava na verdade num impasse com relação ao rumo da minha vida, eu deixava o tempo passar e adiava tomar decisões. Além disso, estava intrigado com Moulton, Iggy e os outros da colônia internacional. Não podia negar que eles tinham seus encantos. Aprendi rápido a língua deles. Mas também enjoei deles rápido.

E o estranho era que, sabe, você acordava de manhã cedo e via o ar, um leve dourado, tênue mas forte antes que as influências diárias o tirassem de você. Mas não dava para entender por quê, no que se referia ao ar em si,

essas influências tinham de ser como eram, abjetas, angustiantes ou ridículas.

Debaixo da romãzeira, no banco de madeira, Iggy me pediu ajuda. Estava com dificuldade de continuar uma história e precisava de uma opinião a respeito da trama. Um oficial exonerado passa a viver na praia e vira um beberrão. Um mestiço propõe a ele uma participação num esquema para trazer cules ilegalmente para o Havaí. Mas ele descobre que há espões entre os trabalhadores das plantações, o que desperta o velho oficial que existe dentro dele e, então, decide entregar o bando todo para as autoridades. Só que para isso ele tem de lutar contra o marinheiro mestiço, que agora desconfia dele. Enquanto Iggy remoía sua história, eu fui, descalço, buscar a garrafa de tequila.

Então, Moulton veio e nós saímos. A cozinheira tinha preparado o almoço, mas eu não gostava de comer sozinho. Comprava tacos na feira, que agravavam meu problema intestinal, ou pedia um sanduíche no bar do chinês.

Para que as ideias não se embaralhassem na sua cabeça mas ficassem em ordem, Bacon botava alguém para tocar música na sala ao lado enquanto ele concebia a *Nova Atlântida*. Mas lá no *zólaco*, as máquinas tocavam “Salud dinero” ou “Jalisco” o dia inteiro e havia uma barulheira furiosa, o rápido martelo duplo dos *mariachis*, o matraqueado e os guinchos malucos do violinista cego de língua manca, somados ao estrépito de motores de ônibus e sinos, e essa mixórdia era o leito das minhas desarmonias. Então, o que eu sentia era basicamente uma grande confusão e perigos que eram tão terríveis quanto aquela pintura de céu e montanhas era deslumbrante. A cidade rodopiava e uivava, acertando o passo para a alta temporada.

Enquanto Iggy tentava resolver como o americano e o mestiço iriam lutar por causa dos sinais para avisar a guarda costeira, fomos andando até o hotel de Moulton. Chegando lá, ele me convenceu a ficar para lhe fazer companhia enquanto paria os capítulos da sua história de marcianos. Detestava seu trabalho; a solidão que ele lhe impunha principalmente. Eu

me sentava no telhado do lado de fora do quarto dele, os ombros caídos, as mãos penduradas sobre os joelhos, e ficava olhando na direção das montanhas, pensando com minha cabeça zonzada do sol onde Thea poderia estar.

Saindo do quarto acinzentado de cigarro para pensar, Moulton ficava andando de um lado para o outro, vestido com um short que deixava à mostra seus joelhos côncavos e suas pernas grossas e imensas; estreitava os olhos do seu rosto grandioso e olhava para a cidade como se ela não passasse de uma tapeação. Servia-se de uma bebida; fumava um cigarro atrás do outro; e na atividade de mexer, acender, tragar, bater as cinzas e soltar fumaça pelo seu nariz satírico parecia estar contido mais ou menos tudo o que ele achava que realmente valia algum esforço. Estava tremendamente entediado. E sabia como me fazer acompanhar o longo momento característico desse seu estado de espírito — as cinzas, o gelo, as guimbas, a casca de limão e o copo grudento, que davam forma ao espaço arquejante do tempo vazio. Travava de compartilhar sua sina, como todo mundo, e fazia alguma coisa com você que o obrigava a sentir o que ele estava sentindo. Conseguia até botar isso em palavras; dizia: “Tédio é força, Bolingbroke. O homem entediado consegue o que quer mais rápido do que qualquer outro. Quando você está entediado, você é respeitado”. Com nariz pequeno, coxas grossas e aqueles dedos tortos manchados de fumaça, ele me brindou com essa explicação; achava que tinha mais efeito sobre mim do que jamais poderia vir a ter. Quando eu não discutia, ele ficava satisfeito, imaginando que tinha me convencido, e não foi o primeiro a cometer esse erro. Como uma conversa era algo que ele sabia administrar bem, ele queria que a realidade da sua vida fosse a realidade das conversas. Eu tinha consciência disso.

“Bom, enfim, vamos fazer uma pausa e jogar uma partida de vinte e um.” Moulton carregava um baralho no bolso da camisa. Soprou a cinza de cigarro de cima da mesa, embaralhou as cartas e cortou. Quando viu que meu olhar ainda estava perdido nas montanhas, disse, para me chamar

a atenção, mas não num tom ríspido: “É, ela está lá. Anda, garoto, me dá as minhas cartas. Está bom. Agora as suas. Quer fazer uma aposta paralela? Eu aposto que ganho essa partida de você em dez minutos”.

Moulton era aficionado por jogos de cartas, principalmente pôquer. Jogávamos a princípio no bar do Hilario e, quando ele passou a reclamar das longas sessões, que se estendiam pela noite adentro, nós nos transferimos para o imundo restaurante chinês. Logo, logo comecei a dedicar todo o meu tempo ao jogo. Parece que a antiga tribo dos hurões acreditava que o jogo servia de remédio para algumas doenças. Talvez eu tivesse uma dessas doenças. Moulton devia ter também. Ele tinha de estar constantemente apostando. Eu tirava cara ou coroa com ele, cortava o baralho para ver quem tirava a carta mais alta, jogava *pinball* e até rapa, com um pequeno pião. Eu tinha sorte e também habilidade no pôquer, que aprendi a jogar numa grande escola, o salão de sinuca de Einhorn. Moulton reclamava: “Rapaz, você deve ter estudado com o Capablanca do pôquer. Você parece sempre tão inocente que eu nunca sei quando você está blefando. Ninguém pode ser tão inocente assim de verdade”. Nisso ele tinha razão, muito embora eu pudesse dizer que eu de fato tinha a intenção de ser o mais bonzinho possível. Até onde eu mesmo sabia, pelo menos. Mas meu Deus do céu! Dissimulação! Com os mestres da dissimulação que existem por aí! E se a natureza nos fez viver e fazer como as lagartas e os besouros fazem, para escapar do icnêumone e enganar outros inimigos através do mimetismo e tudo mais — ora, tudo bem!! Mas nosso problema não é esse.

Com Thea eu também me comportava como se não houvesse nada de errado, mesmo sabendo que as coisas entre nós estavam desandando. Se eu não mostrava o desespero que isso me causava, era uma tremenda moleza blefar para Moulton só com um valete na mão.

Por que aquelas cobras? Por que é que ela tinha de caçar cobras? Ela voltava para casa com sacos repletos e ondulantes, que faziam meu intestino se contrair quando eu os via. E, depois, tratava as cobras com

tanto carinho que eu não conseguia enxergar nada além de excentricidade naquilo. Você tinha de ter cuidado para não provocá-las e acabar fazendo com que dessem um bote contra o vidro, pois isso lhes causava feridas na boca que eram difíceis de curar. Além disso, elas às vezes pegavam parasitas entre as escamas e tinham de ser espanadas ou lavadas com mercurocromo; algumas tinham de fazer inalações com óleo de eucalipto para os seus males do pulmão, pois cobras podem pegar tuberculose. O mais difícil era a troca de pele, que era como um parto quando elas não conseguiam, por mais que se contorcessem, sair de dentro da pele velha e até seus olhos ficavam toldados por uma espécie de leite sujo. Thea às vezes usava fórceps para ajudá-las ou as cobria com panos úmidos para amaciar a pele, ou botava as mais agitadas na água, tomando o cuidado de pôr também um bloco de madeira boiando na água para que pudessem descansar suas cabecinhas quando ficassem exaustas de nadar. Mas, quando enfim conseguiam sair, ficavam reluzentes feito joias, e seu frescor dava prazer até a mim, que era inimigo delas, e eu gostava de olhar para a pele descartada de onde elas tinham surgido, regeneradas, cobertas de verde ou de bolotas vermelhas como sementes de romã ou de uma casca dourada envernizada.

Enquanto isso, Thea e eu estávamos insatisfeitos um com o outro. Eu me ressentia das cobras e dos cuidados que ela lhes dedicava. Tinha a sensação de estar entre duas peculiaridades, a dela e a da cidade no auge da alta temporada. Mas não lhe disse nada. Quando Thea me perguntou o que eu achava de ir caçar com ela, eu disse que ainda não estava bem o bastante. Então, ela olhou para mim e ficou muito claro que o pensamento que passou pela sua cabeça foi que, afinal, eu estava enchendo a cara e jogando cartas e, se eu estava diante dela magro, doente e fermentando rancores secretos, que remédio iríamos poder encontrar?

“Eu não gosto desse pessoal com quem você está andando”, ela disse.

“Eles são inofensivos”, respondi casualmente, mas não era uma resposta inofensiva.

“Por que você não vem comigo amanhã? O Talavera tem um cavalo seguro pra você. Tem uns lugares que eu quero te mostrar, lugares lindos.”

“Ah, isso vai ser ótimo”, falei. “Quando eu estiver me sentindo mais preparado.”

Eu tinha tentado lidar com Calígula e isso já havia sido provação suficiente; tinha tentado ser o mais maleável possível e chegado ao limite da minha maleabilidade. Nem sonhando eu conseguiria me deixar contagiar pelo entusiasmo de Thea com a caça de cobras. Era uma forma radical demais de obter satisfação, com aquele vigor que não se contentava com buscas comuns. Se ela tinha de ir para as montanhas e agarrar aqueles bichos perigosos pelo pescoço com um laço, cuidar deles e ordenhar seu veneno, tudo bem. Mas enfim eu sabia que havia uma coisa que definitivamente não era para mim.

Ela passou dois dias nas montanhas. Quando voltou, eu fui avisado da sua chegada mas não fui para casa; estava no meio de um jogo no restaurante de Louie Fu e não podia sair. Na manhã seguinte, eu a vi no jardim, de calça de montaria e com as botas pesadas que usava para caçar cobras, grossas e resistentes para que os dentes das serpentes não pudessem penetrar. Sua pele branca era sinal de que estava indisposta, mal-humorada; não tinha dormido direito e estava ansiosa e irritada, queria me punir. Debaixo dos seus olhos, havia um inchaço de preocupação. Da sua cabeça, o cabelo preto refletia o calor do sol e, no meio daqueles fios que brotavam de maneira irregular da sua testa, ardia o veio vermelho que era parte do segredo do preto.

“Onde você estava?!”, perguntou, brava.

“Eu cheguei muito tarde.”

Ela estava quente, trêmula e impaciente; lágrimas grossas e claras davam aos seus olhos aquele esbugalhamento alucinado de mágoa que eles às vezes tinham. Pensei que ela fosse começar a chorar, mas ela só estremeceu.

“Eu pensava que *você fosse voltar pra casa, na noite de anteontem*”, falei, mas ela não me respondeu. Estávamos ambos ressentidos, mas não realmente preparados para brigar. Ela tinha estremecido por causa de uma raiva que estava se dispersando, não aumentando.

“O que é que *você vê naquelas pessoas lá embaixo?*”, perguntou. “Na certa elas fazem *você sentir vergonha de mim, depois do que aconteceu com o Calígula. Elas debocham de mim.*”

“ *Você acha que eu ia deixar que elas fizessem isso?*”

“Eu conheço aquele bando melhor que *você. Aquele Moulton é um nojento.*”

Ela se pôs a desancar Wiley Moulton e os outros habitantes. Eu ouvi e, assim, ignoramos nossas verdadeiras diferenças. Ainda não estávamos em condições de partir para a briga.

Às vezes eu quase me convencia de que estava pronto para peregrinar pelas montanhas com laços de cobra, câmaras fotográficas e espingardas. Estava precisando mesmo de um pouco de ação, porque estava nervoso e cheio de energia acumulada e também porque queria muito que Thea e eu voltássemos a ser como éramos quando estávamos em Chicago. Mas, por alguma razão, eu nunca conseguia de fato me dispor a ir.

Achava que tinha de continuar a jogar pôquer. Estava ganhando e não podia abandonar o jogo. Moulton vivia vociferando que eu tinha sangrado todo mundo; eu tinha de dar uma chance para as pessoas de ir à forra. O baralho se tornou um objeto tão familiar para os meus dedos que eu agora embaralhava e distribuía as cartas não só com destreza, mas cheio de bossa. Logo começou a aparecer gente que eu nem conhecia à minha procura, e parecia que eu estava gerenciando uma mesa de jogo no restaurante chinês. Até Louie Fu, com seu casaco de tricô, era dessa opinião. Eu era Bolingbroke ou o Homem Águia para os turistas desconhecidos — vagabundos de excursão, Moulton os chamava — que vinham me pedir para entrar no jogo. Meus bolsos estavam cheios de diferentes tipos de dinheiro estrangeiro. Eu não sabia quanto exatamente eu tinha. Mas tinha

um bocado de dinheiro. E era meu, não de Smitty. Não havia mais nenhuma geladeira com notas espalhadas entre as verduras e pratos; nunca parecia ocorrer a Thea me oferecer algum tipo de mesada. Se não estivesse doente, eu teria me sentido bem de vida, próspero, com meus pesos, libras, dólares e francos suíços. Mas era só minha sorte superficial que estava boa; eu estava tenso, enfaixado com uma atadura suja, esquelético, a cidade parecia querer explodir de tola euforia, Thea estava colecionando cascavéis e cobras-corais, eu tinha de vencer uma guerra de paciência com meu traseiro irrequieto para conseguir ficar sentado no restaurante de Louie, ou no quarto de hotel de alguém, ou até no *foco rojo*, para onde o jogo às vezes era transferido. Lá, as prostitutas ficavam nos fundos; na frente havia um pequeno bar, que era um ponto de encontro de soldados antes de os turistas tomarem conta. Os soldados liam gibi, comiam feijão e tomavam pulque. Ratos passeavam pelas vigas. As moças cozinhavam, varriam, ou também liam revistas, ou lavavam seus cabelos no quintal. Um garoto seminu, de boina militar, tocava marimba; as pequenas bolas pretas de borracha das suas baquetas batiam rápido nas lâminas. Eu sentia que tinha de fazer bem alguma coisa, para que não fosse tudo um fracasso completo, e então ficava de olho nas cartas.

Não convenci Thea quando disse que iria com ela assim que me sentisse preparado, nem ela me convenceu com os gestos de aproximação que fez. Ela concordava em me fazer companhia na cidade algumas noites, e era bom ver suas pernas de saias, em vez de cobertas por calças. Mas fiquei com muita raiva, no dia em que os papéis do divórcio saíram, quando lhe disse “Vamos nos casar”, como tinha planejado fazer, e ela simplesmente sacudiu a cabeça, negando. E aí eu me lembrei de que uma vez, quando estava com receio de estar grávida, ela tinha deixado escapar o medo que sentia de ter de contar à família que eu era o pai. Se na hora eu tinha ficado decepcionado e depois chateado, lembrar disso agora me deixava profundamente magoado. Claro que eu tinha uma noção de como eram as coisas do ponto de vista dela, de como é uma coisa ter um homem jovem

como seu feliz amigo nos dias rosados do amor e outra completamente diferente encarar a criatura falha que surge nos tempos práticos. Eu sabia a impressão que eu causaria no tio dela, o poderoso milionário, com seu nariz amassado e de pelos brancos e seus Havanas feitos sob medida. Era verdade que Thea o desafiava e pretendia se tornar financeiramente independente; mas, como não podia contar comigo, não ia cortar relações com a família por minha causa. Se eu fosse tão entusiasmado por pássaros, cobras, cavalos, armas e fotografia quanto ela, talvez tivéssemos dado certo. Mas eu não conseguiria ler um fotômetro nem que me pagassem, não queria capturar cobras e estava com birra daquilo tudo. Tinha esperança de que Thea se cansasse daquelas coisas; enquanto ela, imagino, esperava que eu me cansasse de Moulton e companhia.

Era uma *fiesta* atrás da outra, enquanto isso. A banda atacava no *zócalo*, batia prato, tambor, zurrava; os fogos de artifício se eriçavam e corriam uns atrás dos outros, as procissões passavam carregando imagens. Uma mulher morreu de ataque cardíaco depois de cinco dias de bebedeira. Volta e meia estourava algum escândalo. Dois rapazes, amantes, brigaram por causa de um cachorro e um deles tomou uma superdose de pílulas para dormir. Jepson esqueceu o casaco no *foco rojo* e a própria madame, que se chamava Negra, foi até a casa dele para devolvê-lo. A ex-mulher de Iggy expulsou Jepson de casa e ele, então, implorou a Moulton que o deixasse dormir na sacada do seu quarto. Moulton não quis deixar que ele ficasse porque Jepson pedia dinheiro emprestado e tomava seu uísque. Agora Jepson estava morando na rua, mas, como a cidade estava espumando, a infelicidade dele não chamava particularmente a atenção. Lobos, porcos selvagens, veados ou os próprios iguanas gigantes também não teriam chamado, se tivessem resolvido descer das montanhas.

Uma poeira reluzente era soprada de um lado para o outro e embranquecia as noites. Os hotéis e as lojas queriam a algazarra e pagavam para que houvesse música, bebida e dobres de sino, mas para manter aquelas longas *fiestas* só dinheiro não teria sido suficiente, e a energia para

elas devia advir do antigo culto daquelas cobras de fogo, espelhos de fumaça e deuses monstruosos. Até os cães corriam e resmungavam como se tivessem acabado de voltar de cumprir sua tarefa na terra da morte, Mictlan. Os antigos índios acreditavam que eram os cachorros que levavam as almas dos mortos para lá. Houve uma epidemia de ameba intestinal, que foi abafada, mas os funerais se emaranhavam com as outras procissões. Grandes apresentações foram realizadas. Um coro cossaco cantou na catedral; o padre nunca tinha uma multidão tão grande lá dentro e ficou frenético; batia palmas e dava bronca em todo mundo, bradando que estávamos em *la casa de Dios*. Mas não surtia efeito algum naquela multidão. Não posso dizer que aqueles russos parecessem deslocados no *zócalo*, com suas túnicas e calças enfiadas dentro das botas, contemplando o movimento à noite, fumando seus longos cigarros. Uma companhia de ópera ítalo-brasileira encenou *La forza del destino*. Eles cantavam com vozes fortes e pulsantes, mas como se não acreditassem em nada daquilo que estavam cantando, o que me fez ficar cético também. Thea não voltou para o segundo ato. Depois, veio um circo de índios, que fez uma apresentação melancólica. O equipamento dos acrobatas parecia ter sido pilhado de alguma velha fundição; os cavalos eram molambentos; os artistas eram solenes índios de Michoacán e faziam suas acrobacias sem a proteção de redes ou de qualquer dispositivo de segurança. As garotinhas selvagens que vinham para o picadeiro com suas calças imundas para fazer malabarismos, andar nas cordas e executar outras tarefas nunca sorriam nem faziam reverência.

Naquela cidade, portanto, nada me parecia familiar, a não ser em reminiscência — como quando os russos me fizeram lembrar de vovó Lausch.

Até que um dia, quando tudo estava relativamente calmo e eu estava sentado num banco do *zócalo*, fazendo carinho numa gatinha que tentava entrar debaixo do meu sovaco, vi chegarem alguns carrões e pararem em frente à catedral. Eram carros velhos mas imponentes, com um quê da

resistência do ferro fundido, capôs compridos, a suspensão baixa de automóveis europeus caros. Percebi na mesma hora que havia alguma personalidade no carro do meio, pois guarda-costas emergiram dos dois outros carros, e fiquei me perguntando quem poderia ser aquela pessoa ao mesmo tempo tão importante e tão decadente. Entre o grupo, havia dois policiais mexicanos, carrancudos e orgulhosos de suas túnicas, as quais se puseram a alisar assim que saíram do carro; mas os guarda-costas eram europeus ou americanos e usavam jaquetas de couro e perneiras. Estavam com as mãos nos coldres e nervosos; tive a impressão de que não entendiam patavina do trabalho que estavam fazendo. Foi o que me pareceu, já tendo visto algumas vezes em Chicago como agiam guarda-costas de verdade.

Fazia frio naquele dia. Eu estava usando a jaqueta grossa e cheia de bolsos que Thea tinha comprado para mim na Wabash Avenue, aquela capaz de salvar sua vida na mais fria e hostil das regiões incultas. Mas eu a usava aberta, pois estava sentado ao sol. A gatinha enfiava o focinho e fazia uma massagem com as patas debaixo do meu braço — eu sentia sua coluna pequenina com entretida satisfação e esperava para ver quem iria sair de dentro da limusine do meio, agora que os preparativos tinham sido concluídos. Um assistente fez um sinal com a cabeça e um guarda-costas, que obviamente não tinha a manha da coisa, pôs-se a tentar abrir a maçaneta da porta, sem sucesso, enquanto todos observavam, impotentes, aquele embaraço, até que, do enchimento fofo de estofados antigos, a porta do lado oposto foi empurrada para fora com impaciência e um estampido férreo, e então cabeças de penteados, barbas e óculos estrangeiros inclinaram-se para a frente atrás do vidro bem polido. Pastas de couro surgiram aqui e ali; tive a impressão de identificar algo político nelas. Dentro do carro, uma pessoa, sorridente e sociável, estava dizendo alguma coisa ao chofer pelo fone de comunicação. E, então, o principal figurão saiu lá de dentro com um salto; ele era muito lépido e cheio de energia, simpático, arguto, a barba pontuda. Sem desperdiçar um segundo de

atenção, pôs-se a estudar a fachada da igreja. Usava um casaco curto com gola de pele e óculos grandes; suas bochechas eram um tanto moles, mas isso não diminuía em nada a impressão ascética que ele passava. Olhando para ele, concluí com um sobressalto que aquele homem devia ser Trotski, o grande exilado russo, vindo da Cidade do México, e meus olhos se arregalaram. Eu sempre soube que minha vida inteira não iria passar sem que eu tivesse visto um grande homem; e, estranhamente, pensei em Einhorn, condenado a ficar sentado numa cadeira e estudar rostos nos jornais e limitado a ver apenas as pessoas que calhassem de ir visitá-lo. Fiquei muito empolgado e me levantei na mesma hora. Os mendigos e vagabundos já estavam se aglomerando naquele estilo medieval que lhes era característico, descobrindo as feridas e desgraças que eram sua mercadoria de venda de baixo de ataduras e trapos. Com a cabeça inclinada para trás, Trotski contemplou e avaliou a vasta igreja e depois, com um pulo no qual não se notava qualquer sinal de velhice, subiu as escadas e entrou. Atrás dele veio uma onda de gente; as pessoas com as pastas de couro — todos os membros de organizações radicais que eu conhecia em Chicago tinham pastas como aquelas — e também um homem imenso com cabelo de mulher, alguns daqueles estranhos guarda-costas e um número considerável de pernetas de muleta e mendigos que pediam *limosnitas* como quem reza uma ladainha e que de fato pareciam estar, como diziam, à beira da morte adentraram o buraco escuro da porta da igreja.

Eu também queria ir; estava entusiasmado com aquele personagem famoso, e creio que o que tanto mexeu comigo foi a impressão instantânea que ele passava — independentemente da banheira velha em que andava ou da esquisitice do séquito que o acompanhava — de navegar guiando-se pelas grandes estrelas, de ser capaz das mais elevadas considerações, de estar apto para falar as mais importantes palavras humanas e termos universais. Quando você está tão reduzido a um tipo de navegação bem diferente desse tipo estrelado e elevado quanto eu e está apenas remando

na baía rasa, se arrastando de um ancinho de moluscos para o outro, é emocionante ter um vislumbre da grandeza dos que navegam em alto-mar. E ver uma grandeza exilada era até mais emocionante do que ver uma grandeza estabelecida, pois o exílio para mim era um sinal de persistência nas coisas elevadas. Então, eu estava varado de entusiasmo; ele me subiu pelo corpo, bateu no alto do meu crânio feito um cabo de vassoura e me fez lembrar que minha cabeça ainda estava enfaixada e que eu deveria ir com calma. Resolvi ficar esperando até Trotski sair da igreja.

Mas o motivo de eu estar contando tudo isso é que acabei descobrindo que um dos guarda-costas era o meu velho amigo Sylvester, o ex-dono do Star Theater, o ex-aluno de engenharia da Armour Tech, o ex-marido da irmã de Mimi Villars, o ex-funcionário do metrô. Eu reconheci seu estilo faroeste de se vestir. Santo Deus! Como ele parecia severo, melancólico, assoberbado de senso de dever e atarantado! Como os outros, ele carregava uma pistola; a largura do seu traseiro parecia um bocado avantajada e sua barriga caía sobre o cinto. Gritei: “Sylvester! Ei, Sylvester!”. Ele olhou bravo para mim, como se eu tivesse tomado uma liberdade perigosa, mas ficou curioso. Eu estava numa alegria tremenda e minha cabeça latejava. Minha cara ficou muito vermelha de riso e de excitação, porque eu estava extremamente feliz em vê-lo. “Sylvester, seu bobão, você não sabe quem eu sou? Sou eu, Augie March. Eu não acredito que você vai ficar aí parado sem me reconhecer. Eu não mudei tanto assim, mudei?”

“Augie?”, ele perguntou e sorriu um pouco, com lábios escuros e tristes, incrédulo. Sua pergunta fez um rangido de dúvida na sua garganta.

“Claro que sou eu, seu pateta! Minha nossa, como foi que você veio parar aqui? O que é que você está fazendo com essa arma no cinto?”

“Eu é que pergunto. Como é que você veio parar aqui? Caramba, a gente roda um bocado por esse mundo mesmo. O que é que houve com a sua cabeça?”

“Eu caí de um cavalo”, respondi e, apesar da minha alegria em vê-lo, passei rapidamente em revista na minha cabeça uma série de versões

razoáveis, e não particularmente verdadeiras, para o ocorrido. Mas ele não perguntou, o que me espantou bastante. Agora me espanta menos, pois entendo um pouco melhor como funciona a preocupação das pessoas.

“Puxa, que bom te ver, Sylvester. Como é que pode você estar fazendo isso?”

“Eu recebi essa missão — como assim ‘como é que pode’? Eles queriam alguém que tivesse uma formação tecnológica.”

Formação tecnológica! Como eu ainda estava rindo do prazer de encontrá-lo, pude rir disso também e escapar incólume. Pobre Sylvester, sempre com aquela história de ser um técnico. Bem, o que quer que fôssemos extrair desse encontro, com certeza não haveria de ser a verdade. Eu mesmo já tinha preparado uma história para contar, caso ele me perguntasse o que eu andava fazendo. As coisas são assim mesmo. Se pudéssemos transformar em lodo as falsidades corriqueiras de um dia, elas estrangulariam o rio Amazonas, fazendo as margens avançarem rio adentro no mínimo uma centena de quilômetros. No entanto, elas nunca aparecem dessa forma, mas se espalham por toda a parte como o nitrogênio nas batatas.

“Então?”, falei. “Você deve conhecer bem o Trotski, imagino, se fica com ele o tempo todo. Puxa, deve ser incrível. Como eu queria conhecer esse homem!”

“Você?”

“Pois é, acho que eu não levo muito jeito. Como é que ele é? Você acha que eu poderia pelo menos ser apresentado a ele, Sylvester? Você bem que podia me apresentar.”

“Ah, é? Assim, sem mais aquela?”, disse Sylvester, achando graça, com seus olhos pesados. “Não passa pela sua cabeça que a coisa possa ser mais complicada do que você pensa, né? Você é um sujeito engraçado. Mas olha, eu tenho que ir agora. Liga pra mim quando você voltar pra cidade. Eu gostaria de me encontrar com você; a gente sai pra tomar uma cerveja. Lembra do Frazer, lá de Chicago? Ele é um dos secretários do velho. Vê se

não esquece de me ligar, hein?” Um dos outros guarda-costas estava chamando por ele, e Sylvester então saiu andando apressado na direção dos carros.

Oliver xingou um bocado o japonês pelo atraso na entrega da casa, mas um dia, por fim, o japonês zarpou para o Japão, Oliver se mudou para lá e pôs-se a cuidar dos preparativos para dar uma grande festa e receber a fina flor da sociedade local. Isso faria seus inimigos do Carlos Quinto se roerem de inveja. Moulton o ajudou a montar a lista de convidados e convites foram enviados para os habitantes mais tradicionais. Só quem acabou indo à festa, no entanto, foi basicamente a ralé, por conta dos problemas enfrentados por Oliver, que àquela altura já tinham se tornado públicos fazia algum tempo. Um agente do Tesouro veio à cidade e não só não fez nenhum esforço para manter sua identidade em segredo como contava para todo mundo, com tremendo humor, o que ele era. Sentava-se escarrapachado numa das cadeiras de arame do bar de Hilario e tomava cerveja como se estivesse de férias ou se distraía dando amendoim para o jupará. Oliver dava um jeito de aparentar indiferença quando atravessava a praça, ele e Stella vestidos como sempre na maior elegância. Quanto mais ele se mostrava seguro de si, pior era o vexame, e eu sentia pena dele. Stella estava apavorada. Às vezes ela tentava me dar a entender que gostaria de conversar sobre isso comigo. Eu nunca achei estranho que ela quisesse discutir seus problemas justo comigo. Nós, porém, nunca tínhamos chance para isso. Oliver a vigiava com muito cuidado.

Eu disse a Moulton: “Pra que é que eles querem o Oliver? A coisa deve ser séria ou não teriam mandado um homem de Washington pra cá”.

“O sujeito diz que é sonegação de imposto de renda, mas dever ser coisa pior. O Oliver é vaidoso e é um grande imbecil, mas ele não seria burro a ponto de se meter numa encrenca desse tipo. É coisa pior, com certeza.”

“Coitado do Oliver!”

“Ele é um babaca.”

“Talvez. Mas fundamentalmente — quer dizer, como homem.”

“Ah, fundamentalmente”, disse Moulton, pensativo. Mas, em seguida, pareceu rejeitar essa linha de raciocínio e disse: “Talvez fundamentalmente ele também seja um babaca”.

Enquanto isso, era tremendamente instrutivo ver como Oliver se comportava, como tentava mostrar que não estava nem um pouco abalado. Mas estava sempre, de pequenas maneiras, perdendo o controle. Uma tarde, ele puxou briga com o velho Louie Fu. Louie, sem dúvida, não era lá muito flor que se cheire, com sua conversa mole engolada misturando espanhol com chinês, e, além disso, era também um velho muito sovina. Suponho que na China assolada pela fome ele talvez tivesse sabido o que era catar grãos do meio do esterco, de forma que agora não via nada de mais em aproveitar os restos de bebida que as pessoas deixavam, entornando tudo numa única garrafa de refrigerante. Com seu peito inseguro coberto pelas tranças cinza de um suéter de tricô, encostado ao balcão de zinco, ele um dia entornou numa garrafa o que tinha sobrado de refrigerante de laranja e guardou a garrafa na geladeira; Oliver viu e lhe deu um soco na cara. Foi terrível. Louie gritou. Sua família ficou enfurecida e começou a berrar. Todos nós, estrangeiros, levantamos sobressaltados da mesa de jogo. A polícia apareceu e cercou o grupo, bloqueando a entrada da frente. Peguei Stella pela mão e atravessamos a cortina de contas em direção à outra metade da loja, onde vendiam artigos de armarinho. Quando chegamos à rua, vimos um bando de gente sair de dentro do bar e seguir os capturados rumo ao prédio que abrigava a prefeitura e a corte do juiz. O olho de Louie já estava coberto por uma enorme mancha arroxeadada e seu pescoço ficava crivado de veias saltadas quando ele gritava. Oliver pediu a um dos rapazes mexicanos embonecados que tocavam violão que traduzisse para o espanhol o que ele ia dizer. E o argumento que usou para se defender foi que o que Louie tinha feito era muito perigoso por causa da ameiba. Oliver não poderia ter

feito nada pior do que alegar que estava tentando proteger a saúde pública. O juiz bateu as mãos na mesa assim que ouviu aquela menção irresponsável à disenteria. Era um homem forte e atarracado, que criava touros para a arena, e usava seu chapéu no tribunal como um príncipe e homem de negócios, aquele poderoso homem moreno. Passou uma multa colossal, que Oliver pagou na mesma hora, mostrando-se esportivo, ainda que contrariado, e dando a impressão de que estava achando aquilo divertido. Dinheiro era uma coisa que parecia não lhe faltar. E como foi que Stella reagiu àquilo, com seu vestido de renda sem manga e chapéu na cabeça? Com olhos grandes e apreensivos, ela apelou para que eu visse por mim mesmo o que ela estava tendo de enfrentar. Com tanta coisa acontecendo na cidade, eu não tinha parado para pensar no assunto com a atenção que ele merecia. Por que, por exemplo, Stella precisava usar um vestido tão elegante para ir ao restaurante de Louie Fu, à tarde, para ver um jogo de pôquer? Só podia ser porque não tinha nenhuma outra roupa para usar a não ser vestidos elegantes e nenhum outro lugar para ir a não ser aqueles aos quais Oliver a levava. Era muito estranho. Ela disse: “Preciso conversar com você um dia desses. E tem que ser logo”.

Mas aquele não era o momento. Oliver estava conosco agora e disse várias coisas esquisitas para Moulton e Iggy, como: “Eu já estive em tribunais de tudo quanto é lugar do mundo”. E: “Agora, eles não podem continuar mentindo sobre a diarreia, fingindo que não tem ameba nenhuma”. E: “Aquele velho amarelo filho da puta, pelo menos eu dei uma lição nele”.

Ouvindo, eu me senti muito esquisito também, com minhas ataduras, cartas e tipos diversos de dinheiro no bolso, o coração apertado no peito e os dedos folgados na sandália mexicana. Fiquei me sentindo como alguém que poderia aparecer na visão de um teosofista, uma figura desse tipo.

No jantar, Thea disse: “Eu soube que teve um bafafá na cidade. Você estava nele também?”.

Eu não gostei daquilo. Por que ela tinha de falar daquele jeito? Conteí a ela o que tinha acontecido, ou melhor, uma versão do que tinha acontecido. De todo modo, ela franziu o cenho. Quando estava falando de Stella, eu me dei conta de que estava tentando dar a entender que ela amava Oliver. Thea não acreditou em mim.

“Augie, por que é que a gente não vai embora daqui?”, ela sugeriu. “Pelo menos até a temporada acabar. Só pra se livrar um pouco dessa gente.”

“Pra onde você quer ir?”

“Eu pensei que a gente poderia ir de carro pra Chilpanzingo.”

Chilpanzingo era lá embaixo, no calor. Mas eu estava disposto a ir. Eu ia. Mas o que eu ia fazer lá?

“Tem uns animais interessantes lá”, disse ela.

Então, respondi evasivamente: “Bom, acho que é possível que eu me sinta preparado pra isso em breve.”

“Você está abatido”, disse ela, “mas, também, como é que você pode querer não ficar abatido com essa vida que está levando? Você não bebia nem uma gota antes de vir pra cá.”

“Eu nunca tive muita razão pra beber. Mas eu também não fico bêbado de trocar as pernas.”

“Não”, ela disse, azeda, “só o bastante pra conseguir suportar os seus erros.”

“Os *nossos* erros”, eu a corriji.

Então, ficamos sentados à mesa do jantar, cheios de angústia e sob a sombra da decepção e da raiva. Depois de passar um bom tempo pensando, eu disse a ela: “Vou pra Chilpanzingo com você. Prefiro ficar com você a ficar com qualquer outra pessoa no mundo”.

Ela me olhou com uma ternura com que não me olhava fazia muito tempo. Fiquei me perguntando se haveria alguma coisa que pudéssemos fazer em Chilpanzingo em vez de caçar cobras. Mas ela não disse que tinha.

Todo ser humano tenta criar um mundo em que possa viver, e o que não lhe serve ele muitas vezes não vê. Mas o mundo real já está criado, e se sua invenção não corresponde a ele, mesmo que você se sinta nobre e insista que tenha de haver algo melhor do que isso que as pessoas chamam de realidade, esse algo melhor não precisa tentar exceder aquilo que, no mundo real, pode ser muito surpreendente, já que nós o conhecemos tão pouco. Se é um feliz estado de coisas, é surpreendente; se é triste ou trágico, não é pior do que o que nós inventamos.

Então, concordei em ir para Chilpanzingo com Thea; houve um intervalo, extremamente curto, em que nós dois nos mostramos gratos. Eu estava agradecido por ela abrandar sua severidade, e ela, feliz por ainda ser minha preferida. Assim, na noite da festa de inauguração da casa de Oliver, Thea me disse: “Vamos dar um pulo lá e ver como é que está a festa”, e eu entendi que ela estava fazendo isso para me agradar, porque eu queria ir. Se queria! Estava louco para ir, tendo passado dois dias seguidos sem sair de casa como prova das minhas boas intenções. Olhei bem para ela e vi como ela sustentou o sorriso para dar credibilidade à sua sugestão, mas pensei: Que diabo, vamos!

Eu já sabia àquela altura o que Thea pensava daquelas pessoas e, na verdade, da maioria das pessoas, com a humanidade falha que as caracterizava. Ela não suportava aquela gente. E sua excentricidade consistia em propor um tipo inteiramente diferente de humanidade. Imagino que nada impeça as pessoas de exigirem condições ideais. Muito pouco as impede de fazer o que bem entenderem. O padrão de Thea era alto, mas não dava exatamente para culpá-la por botá-lo arbitrariamente lá no alto. Pois, quando falava comigo a respeito de alguma pessoa em particular, ela falava mais com medo do que com desdém. As pessoas que ela tinha de enfrentar a assustavam, e o que eu chamaria de hipocrisia de praxe, que nada mais é que as pequenas baforadas ocasionais da máquina social, para ela era uma coisa muito difícil de suportar. Quanto à ganância

ou à inveja, à gorda satisfação da vanglória, aos ódios e destruições, à falsidade, aos rancores, ela tinha uma tolerância muito baixa para eles também, e às vezes acontecia de eu ver, numa reunião social, a luz dos olhos dela se apagar de uma maneira extremamente perigosa. Então, claro que eu sabia que ela não queria ir; mas eu queria, queria muito, e o que pensei foi: se eu posso aguentar as cobras dela, ela também pode aguentar isso por uma noite.

Vesti, portanto, roupas boas. Tirei meu turbante e pus apenas um curativo em cima da parte raspada. Thea botou um vestido de festa e um xale, ou *rebozo*, de seda preta. Mas não havia ninguém para notar como chegamos. Eu nunca tinha visto um tamanho desfile de babacas como aquela festa. Quando chegamos à casa, nos vimos no meio do excedente de uma multidão que cobria a rua. Vi os mais espantosos vagabundos e vagabundas, formas mestre de algumas das principais torpezas, bichas, macacos, patetas e tipos marginais e terminais, bebendo, falando e celebrando a notoriedade. Pois não era segredo para ninguém que Oliver estava sendo procurado pelo governo e que aquilo era a última grande farra. Thea provavelmente era a única pessoa na cidade que não sabia o que estava acontecendo.

Alguns dos convidados estavam deitados no jardim, ao lado de garrafas, prestes a desmaiar ou já completamente derrubados; as flores japonesas estavam sendo pisoteadas e garrafas de tequila vazias boiavam no lago de peixes. Coisas tinham sido tiradas das mãos dos criados e as pessoas se serviam por conta própria, quebravam pedaços de gelo com castiçais, arrancavam copos umas das outras. No pátio, a orquestra contratada tocava debilmente e os mais sóbrios dançavam. Thea quis ir embora na mesma hora, mas quando começou a dizer que queria ir eu vi Stella perto de uma laranjeira. Ela fez um pequeno aceno para mim, e eu tive de ir até lá falar com ela; minha avidez era imensa. Irritado por Thea querer me tirar da festa quando mal tínhamos acabado de chegar, não olhei para ela. E quando Moulton, com um casaco de smoking mas ainda de bermuda, a

convidou para dançar, eu a entreguei a ele. Achei que a aversão dela por ele era exagerada e que não lhe faria mal algum dar uma ou duas voltas com ele pela pista de dança.

Desde o dia em que Oliver foi levado para o tribunal, quando Stella disse que tinha de falar comigo, eu estava num alvoroço só, percebia isso agora. Não sabia o que tinha dado em mim para estar tão excitado. Mas tinha certeza de que aquilo era algo em que eu estava fadado a tomar parte; iria ter minha vez de jogar. Então, deixei Thea na pista de dança e saí andando, ciente de como seus olhos apelavam para que eu não fosse e ciente também de como ela estava zangada. Mas dançar não iria realmente prejudicá-la em nada e eu iria poder descobrir o que estava se passando com Stella. Eu conseguia ver os problemas dos outros com muito mais clareza do que os meus, e por causa daquela indefinição e incapacidade que eu sentia com relação a ir para Chilpanzingo, ou de me atirar mais cega e profundamente em Chilpanzingo, talvez eu precisasse de uma oportunidade de ser decidido e ativo e de acreditar que a decisão e a ação ainda existiam. Mas, na verdade, eu me senti assaltado pela fraqueza quando vi Stella acenar. Não que eu tivesse qualquer intenção com relação a ela. Achava apenas que iria me sentir balançado, mas que nada iria acontecer. Eu seria o confidente de uma linda mulher. Isso me dava um prazer imenso, uma vez que o que eu inferia daí, cheio de orgulho de mim mesmo, era que uma mulher assim naturalmente pediria ajuda a um homem da mesma categoria que ela. Esqueci que tinha caído de cara no chão de cima de um cavalo e que estava com cara de quem tinha caído de cara no chão de cima de um cavalo. É o tipo de coisa que você tende mesmo a esquecer. Mas me lembrei que, da última vez em que eu tinha sido chamado para um canto daquele jeito para uma conversa particular foi por Sophie Geratis, quando então tínhamos caído nos braços um do outro. E o que pensei sobre isso? Mas uma mosca ziguezagueante, irrequieta e amalucada dentro de mim fez tamanho estardalhaço de amor em cima desse tesouro de estima de açúcar cristal que eu nem sequer pensei muito

sobre isso. Claro que ao mesmo tempo eu estava encarando a coisa com muita seriedade; sabia que ela estava com problemas. Mas o fato de ela ter me escolhido para pedir conselhos e ajuda — pois o que mais ela poderia fazer senão pedir ajuda? — foi como uma caridade que ela fez a mim e eu me senti na obrigação de ajudá-la antes mesmo de ela dizer uma palavra.

Ela disse: “Senhor March, eu estou contando com a sua ajuda”.

Fiquei imediatamente desarmado. Respondi: “Claro, certamente. Eu vou fazer tudo o que puder”. Um arrepio de boa vontade me desceu pelo corpo. Meus pensamentos estavam turvos, mas meu sangue estava em ebulição. “Mas o que exatamente eu posso fazer?”

“É melhor eu te contar qual é situação. Vamos só sair do meio dessa multidão primeiro.”

“Tá bom”, concordei, olhando em volta. Ela supôs que eu estivesse verificando se Oliver não estava por perto e disse: “Ele não está aqui. Só deve voltar daqui a meia hora”. Não era só Oliver, no entanto, que me preocupava, mas também Thea, com a mesma intensidade. Mas quando Stella me pegou pela mão e me levou mais para o fundo do pomar, senti o toque dela subir pelo meu braço e além, e, enquanto eu seguia atrás dela, meu senso das consequências nunca foi tão falho, nem mesmo quando eu participei de um roubo. Estava muito curioso para saber a verdade a respeito de Oliver, embora soubesse que nunca havia estado diante de uma só criatura no mundo que fosse mais irrelevante para mim do que ele.

“Você já deve saber do homem do governo que está aqui por causa do Oliver”, disse ela. “Todo mundo sabe. Mas você sabe por que ele está aqui?”

“Não, por quê?”

“A *Wilmot's Weekly* foi comprada com dinheiro do governo italiano. Eles tinham um agente em Nova York e ele fez a compra. O nome dele é Malfitano. Ele comprou a revista e botou o Oliver como editor. Todas as coisas importantes que eram publicadas eram planejadas em Roma. Dois meses atrás, esse Malfitano foi preso; foi por isso que nós não voltamos para

Nova York. Eu não sei por que ele foi preso. Agora mandaram esse homem do governo atrás do Oliver.”

“Por quê?”

“Eu não sei por quê. Eu sei do mundo do entretenimento. Se você quiser saber por que alguma coisa saiu na *Variety*, talvez eu saiba explicar.”

“Eles provavelmente querem que ele deponha contra esse italiano. Acho que a coisa mais inteligente que ele tem a fazer é voltar. O Oliver é só um daqueles jornalistas das antigas que não veem muita diferença entre um governo e outro.”

Ela não entendeu bem o que eu quis dizer. “Ele não é tão velho assim.”

“Ele deveria entrar num acordo com eles e voltar pra testemunhar.”

“Não é isso que ele tem a intenção de fazer”, disse ela.

“Não? Não me diga que ele vai tentar fugir? Pra onde é que ele vai?”

“Isso eu não posso dizer. Não seria justo.”

“Pra América do Sul? Ele está maluco se acha que vai conseguir. Aí sim é que a coisa vai ficar séria, se eles tiverem que ir atrás dele. Ele é peixe pequeno.”

“Não, ele acha que foi uma coisa muito séria.”

“E o que é que você acha?”

“Eu acho que já estou cansada dessa situação.” Ela virou para mim a grande e molhada superfície dos seus olhos, na qual o reflexo das luzes do jardim se transmutava inteiramente no sentido que ela queria expressar.

“Ele quer que eu vá com ele.”

“Não! Pra Guatemala, pra Venezuela, pra onde...?”

“Isso é uma coisa eu não quero responder, mesmo confiando em você.”

“Mas como é que ele pretende fugir? Ele tem algum dinheiro guardado? Não, não deve ter. Ou ele estaria numa praia com você em algum lugar. Ele provavelmente tem esperança de que você o ame a ponto de querer fugir com ele. Você o ama a esse ponto?”

“Ah... a esse ponto eu acho que não”, ela respondeu, como se fosse algo cuja profundidade estivesse tentando descobrir. Suponho que ela tinha de

dizer que o amava até certo ponto, para mostrar que tinha caráter. Aquele pobre boneco de engonço, ossudo, aparvalhado e romântico daquele Oliver! Vi sua imaginária sorte financeira e amorosa desmoronando e fiquei triste por ele, de uma forma meio passageira. Vislumbrei rapidamente a ingratidão de Stella também, mas não estava conseguindo enxergar por muito tempo nada que a desacreditasse. Diante dela, escondido da festa barulhenta no meio das árvores, senti algo acontecer comigo que afetava meu caráter na parte mais vital, onde eu não podia controlar.

“A festa é só pra desviar a atenção”, disse ela. “Ele saiu pra deixar o carro na estrada, em algum lugar escondido, e depois vai voltar pra me buscar. Disse que os guardas estão prontos pra nos prender.”

“Caramba, ele está maluco mesmo”, falei, com renovada convicção. “Como é que ele pode achar que vai conseguir fugir naquele conversível vermelho?”

“Ele pretende se livrar do carro amanhã de manhã. Está levando tudo muito a sério. Está até andando armado. E está ficando meio transtornado. Hoje à tarde ele apontou a arma pra mim. Disse que eu estou querendo passar a perna nele.”

“Coitado do infeliz! Ele está achando que é um fugitivo de primeiro time. Você vai ter que dar um jeito de se afastar dele. Como foi que você se meteu numa enrascada dessas?”

Eu sabia que tinha sido uma estupidez fazer aquela pergunta. Ela não podia me responder. O que leva as pessoas a tomarem certos caminhos na vida, você ou adivinha ou nunca vai saber, porque não há como contar. É, tinha sido muita estupidez mesmo; mas eu também tinha consciência de que havia muitas coisas erradas sendo ditas e feitas que, no entanto, eu não conseguia evitar.

“Bom, é que eu conheço o Oliver já faz bastante tempo. Ele era uma pessoa agradável e, além disso, estava muito bem de vida.”

“Ah, não, tudo bem, você não precisa me explicar nada.”

“Você não veio pro México mais ou menos nas mesmas condições que eu?”, ela perguntou.

Então era isso que ela achava que tínhamos em comum. “Eu vim porque estava apaixonado.”

“É, realmente, ela é tão bonita que claro que isso faz diferença. Mas, mesmo assim”, ela disse com súbita sagacidade e franqueza — atributos que eu já devia desconfiar que ela tinha — “a casa é dela, né? E as coisas todas também? O que é que você tem de seu?”

“O que é que eu tenho?”

“Você não tem nada, tem?”

Claro que eu não ia ser hipócrita a ponto de discutir com ela e me fingir de superior, como se nunca na vida tivesse levado em consideração, nem por um segundo que fosse, a questão do dinheiro. Pois o que era aquela coisa nos meus bolsos, aquele dinheiro sortido, meus ganhos, o arco-íris de notas estrangeiras que eu havia recolhido no restaurante do chinês? Até rublos czaristas tinham entrado no bolo, pelos quais eu culpava os cantores cossacos. Não tenha dúvida, eu me preocupava com dinheiro, sim, então eu sabia do que ela estava falando.

“Eu tenho alguma coisa”, respondi. “Posso emprestar o suficiente pra você poder fugir. Você não tem dinheiro nenhum?” Nesse ponto da nossa conversa, estávamos muito próximos de uma perfeita compreensão mútua.

“Eu tenho uma conta num banco de Nova York. Mas de que é que isso me adianta agora? Eu posso te dar um cheque pelos pesos que você me emprestar. Não tenho como conseguir dinheiro vivo assim de imediato. Eu teria que ir até a agência da Wells Fargo na Cidade do México e passar um telégrafo para o banco.”

“Não, eu não quero cheque.”

“Pode ficar tranquilo que tem fundo, viu, não se preocupe!”

“Não, não é isso não. Eu confio na sua palavra. Eu quis dizer que você não precisa me dar cheque nenhum.”

“O que eu tinha pensado em pedir era se você poderia me levar até a Cidade do México”, disse ela.

Eu já estava esperando uma proposta assim, muito embora não creia que tenha chegado alguma vez a ter realmente a intenção de aceitar. Agora que a proposta tinha vindo, no entanto, aquilo me afetou de um jeito que eu não esperava. Estremeci, como se meu destino tivesse esbarrado em mim. Era verdade que eu sempre tentava conseguir aquilo que esperava, mas não deixava de ser um mistério como as pessoas raramente deixavam de corresponder às minhas expectativas.

“Mas... mas... de onde é que veio isso, assim de repente?”, perguntei, tratando a coisa não como um simples plano para garantir a segurança dela, mas como uma proposta que me envolvia. A balbúrdia e a gritaria da festa estavam muito altas e, no bosque estreito de laranjeiras onde estávamos, eu tinha a sensação de estar na última faixa de campo que os ceifeiros iriam cortar. Tinha certeza de que a qualquer momento nosso recanto seria invadido por algum bêbado inconveniente ou casal afogueado. Sabia que tinha de sair dali e começar a procurar Thea. Mas primeiro precisava tratar daquele assunto. “Você não precisa botar a coisa desse jeito pra mim”, falei. “Eu vou te ajudar de qualquer maneira.”

“Você está se precipitando um pouco. Eu não o culpo, mas você está. Talvez eu até ficasse chateada se você não se precipitasse, mas... eu não posso ser convencida a ponto de achar que mereço a melhor forma possível de escapar da enrascada em que me meti. Você mal me conhece. E a única coisa em que eu devo pensar no momento é em encontrar um jeito de me livrar desse pobre sujeito que perdeu a cabeça.”

“Eu sinto muito. Peço desculpas. Eu falei fora de hora.”

“Não, não, você não precisa pedir desculpas. A gente sabe mais ou menos em que terreno está pisando. Eu admito que muitas vezes ficava olhando pra você e que pensava em você de vez em quando. Só que uma das coisas que eu pensei foi que você e eu somos o tipo de gente que as pessoas estão sempre tentando encaixar nos planos delas. Mas digamos que

a gente não fizesse o que elas esperam de nós, como é que ia ficar? Enfim, não dá tempo pra gente discutir isso agora.”

Essas suas palavras mexeram tremendamente comigo e eu me derreti por ela. Fiquei grato por essa sua maneira simples e direta de definir uma verdade que pairava sobre mim anonimamente fazia muitos anos. Eu de fato vivia me encaixando nos planos das pessoas. Foi a emoção da verdade que eu senti, ao ouvir isso. Principalmente da verdade. Pois admito que pensei, entre outras coisas, que ali estava uma mulher que não iria me botar no banco dos réus pelas minhas falhas, que não iria me julgar. Porque eu estava cansado de levar surras e pancadas de julgamentos. Mas foi só isso.

No entanto, não tínhamos tempo para conversar mais sobre esse assunto. Oliver iria chegar dali a pouco. Ele tinha enfiado as coisas dela numa mala e levado tudo com ele, tudo menos algumas peças que ela havia escondido.

“Escuta”, falei, “eu não posso te levar até a Cidade do México, mas o que eu posso fazer é te levar pra algum lugar bem longe da cidade, onde você possa estar segura. Vai pro *zócalo* e me espera perto da caminhonete que eu já, já te encontro lá. Pra que lado ele está indo? Pode confiar em mim. Eu não estou particularmente ansioso pra ver o Oliver ser preso. Não tenho nenhuma razão pra isso.”

“Ele disse que ia pros lados de Acapulco.”

“Ótimo. Nós vamos pro outro lado, então.”

Quer dizer então que o idiota estava planejando pegar um navio em Acapulco? Coitado! Ou será que estava com a ideia de jericó de fugir para a Guatemala pela selva? Se os índios não o matassem para ficar com seu sapato bicolor, ele morreria de exaustão.

Fui correndo procurar Thea. Ela tinha ido embora, Iggy me contou, abandonando Moulton no meio da pista. “Ela estava num mau humor danado”, disse Iggy. “Ficamos procurando por você e aí depois ela me disse pra te falar que ela ia pra Chilpanzingo amanhã bem cedo. Ela estava toda nervosa e tremendo, Bolingbroke. Onde foi que você se enfiou?”

“Depois eu te conto.”

Corri para o *zócalo* e abri a caminhonete. Logo Stella chegou e entrou. Soltei o freio e virei a chave na ignição. Por falta de uso, a bateria estava baixa; o carro tossiu, mas o motor não pegou. Para não descarregar ainda mais a bateria, desci do carro e fui rodar a manivela, nervoso. Assim que comecei a girá-la, surgiu um ajuntamento de gente para me observar, aquele infalível bando das praças mexicanas que está sempre lá para manter sua visão secreta da vida. Suando de rodar a manivela, fui ficando furioso e disse a alguns deles: “Xô! Passem fora, seus enxeridos!”. Mas isso só despertou zombarias e escárnio, e então ouvi meu velho título: *el gringo del águila*. Senti uma raiva assassina deles, como a que senti do motorneiro no dia em que peguei um bonde na State Street para fugir do capanga do sindicato que estava me perseguindo. Mas encostei o peito no radiador e tratei de rodar a manivela. Stella não tinha tido o bom senso de se abaixar para não ser vista — imagino que quisesse ver o que estava acontecendo para estar preparada para fugir caso fosse necessário. Agora ela já tinha sido reconhecida pelos curiosos e era tarde demais.

“Augie, o que você está fazendo?”

Eu estava rezando para que Thea tivesse ido direto da festa para a Casa Descuitada arrumar a mala para a viagem a Chilpanzingo, mas ela estava na praça, e a aglomeração que se formou em volta de mim e da caminhonete a atraiu para lá. Estava olhando para Stella pelo para-brisa.

“Pra onde é que você vai com ela? Ela não é a anfitriã? Por que você me largou naquela festa horrível?”

“Eu não te larguei.”

“Com aquele nojento do Moulton. Ah, não? Então por que eu não consegui te encontrar?”

Não consegui fingir que tê-la deixado sozinha na festa havia sido uma ofensa terrível. “Foi só por alguns minutos.”

“E agora, pra onde é que você está indo?”

“Escuta, Thea, essa moça está numa situação muito difícil.”

“É mesmo?”

“Eu estou dizendo pra você que ela está.”

Stella não saiu de dentro do carro nem mudou de posição atrás do vidro manchado de poeira.

“Sei. E você vai tirá-la dessa situação difícil?”, perguntou Thea, zangada, irônica e triste.

“Você pode pensar o que quiser”, falei, “mas é porque você não sabe o quanto a situação é urgente e o perigo que ela está passando.”

Eu estava tomado pela pressa frenética da fuga e, a bem da verdade, já me sentia pego.

Thea, enrolada no *rebozo*, olhava fixamente para mim — dura, suplicante, firme e insegura, tudo ao mesmo tempo. Ela era uma pessoa um tanto nervosa e também uma espécie de universalista, acreditando que sua posição, fosse ela qual fosse, estava apoiada nas principais leis universais. Isso podia fazê-la estremecer às vezes, mas ela também era audaciosa. Então, num momento como aquele, eu nunca sabia o que esperar dela.

Mais uma coisa: ela era, como Mimi, uma teórica do amor. O que as diferenciava era que Mimi de fato estava disposta a fazer tudo sozinha caso os outros não fizessem a parte deles. Talvez Mimi nem sequer precisasse dos outros, a não ser como testemunhas ou cúmplices. Thea não chegava a ir tão longe. Eu já tinha ouvido diversos homens falarem, principalmente Einhorn, do fanatismo das mulheres pelo amor, de como para elas a vida inteira girava em torno dessa única coisa, ao passo que os homens estabeleciam ligações vitais com várias outras coisas e eram, portanto, menos propensos à monomania. Você sempre podia contar com Einhorn para lhe revelar parte da verdade.

“É verdade”, insisti. “O Oliver enlouqueceu e quase deu um tiro nela hoje.”

“Ah, que é isso! Você realmente acha que aquele idiota seria capaz de machucar alguém? Além do mais, por que é que tem que ser você que tem

que proteger essa moça? Por que é que você está no meio dessa história?”

“Porque”, respondi, sem paciência para a lógica, “ela pediu que eu a ajudasse a sair da cidade. Ela está querendo ir pra Cidade do México, mas não pode pegar um ônibus aqui porque a polícia pode tentar prendê-la também.”

“Mesmo assim, o que é que você tem a ver com isso?”

“Você não entende? Ela me pediu ajuda!”

“Pediu mesmo? Ou será que ela pediu porque você queria que ela pedisse?”

“Como assim? Como é que eu ia fazer isso?”

“Até parece que você não sabe do que eu estou falando! Eu já vi você com as mulheres. Eu sei como você fica quando uma mulher bonita, ou até nem tão bonita assim, passa por você.”

“Bom...”, comecei a dizer, com a intenção de afirmar o quanto isso era normal. Mas aí me deu vontade de perguntar: “E os homens que você conheceu lá na Costa Leste, aquele oficial da Marinha e os outros?”. Mas segurei a pergunta, embora ela tenha me subido à garganta com um gosto amargo. Cada minuto contava naquele momento; lembrei, no entanto, dos rostos mexicanos que tinha visto ao nosso redor e que ouviam aquela discussão como se fosse o Novo Testamento. “Por que é que você está fazendo isso?”, perguntei por fim. “Você não pode confiar na minha palavra de que ela está correndo perigo? A gente pode conversar sobre essas outras coisas depois, em particular.”

“Você precisa fugir desse jeito por causa do Oliver? Você não pode protegê-la dele aqui?”

“Eu já falei, ele está transtornado. Olha!” Eu estava fora de mim, quase, de impaciência. “Ele vai tentar fugir e quer arrastá-la junto com ele.”

“Ah, então ela vai dar o fora nele e você está dando uma mãozinha pra ela.”

“Não!”, quase berrei, depois abaixei o tom de voz. “Será que você não entendeu absolutamente nada do que eu disse? Por que você está sendo tão

cabeça-dura?”

“Não seja por isso, se você acha que tem que ir, então vai. Pra que é que você está discutindo comigo? Se o que você está esperando é a minha permissão, isso você não vai ter. O que você está me dizendo é ridículo. Ela não tem que ir com ele se não quiser.”

“Exatamente, ela não tem que ir com ele, e eu estou tentando ajudá-la a escapar.”

“Você? Você vai ficar feliz se o Oliver ficar sem ela.”

Voltei para a alavanca, girando-a com violência.

“Augie, não vai não! Escuta, a gente não tinha combinado de ir pra Chilpanzingo amanhã cedo? Por que a gente não a leva lá pra casa? Ele não vai ter coragem de ir atrás dela lá.”

“Não, isso é uma coisa que eu decidi fazer. Eu prometi.”

“Você está com vergonha de mudar de ideia e fazer o que é certo!”

“Talvez”, falei. “Pode ser que você tenha razão, mas eu não vou mudar de ideia.”

“Fique! Não vá!”

“Bom”, eu disse, virando para ela, “por que você não vem junto, então? A gente leva ela até Cuernavaca e volta daqui a algumas horas.”

“Não, eu não vou com vocês.”

“Então eu te vejo mais tarde.”

“Basta te bajular um pouco que qualquer um consegue o que quiser de você, Augie. Eu já te disse isso antes. Em que posição isso me deixa? Eu fui atrás de você. Eu te bajulei. Mas eu não posso competir com a bajulação de todo mundo que aparece.”

Ela me apunhalou fundo com esse comentário, e sofreu fazendo isso. Eu sabia que ia sangrar muito tempo por causa daquilo. Segurei a manivela e a girei com uma força brutal. O coice do motor deu um puxão violento nos meus braços e eu pulei para trás do volante. À luz dos faróis, vi o vestido de Thea; ela estava parada e provavelmente esperando para ver o que eu ia fazer. Minha verdadeira vontade era descer. Mas o carro já tinha

começado a andar e me pareceu que, tendo acabado de conseguir fazê-lo pegar, eu não podia simplesmente desligá-lo. As máquinas muitas vezes são assim: se você está meio na dúvida, elas acabam tomando a decisão por você.

Peguei a estrada para Cuernavaca, que era uma subida íngreme, escura, mal sinalizada. Estávamos agora acima da cidade, que jazia feito borralho em seu círculo, e eu andava o mais rápido que me atrevia, pois tínhamos sido vistos por um bocado de gente na praça e Oliver com certeza logo ficaria sabendo. Eu achava que se Stella conseguisse tomar um táxi em Cuernavaca seria melhor que pegar o ônibus, pois o ônibus parava em tudo quanto era povoado que havia no caminho e Oliver facilmente o alcançaria.

Numa velocidade temerária para aquela estrada escura, continuamos subindo rumo a Cuernavaca, mesmo quando, no ar negro com cheiro de laranja que varávamos na nossa pressa, o perigo de que estávamos fugindo foi parecendo menor e mais desprezível a cada minuto que passava; fugir de carro montanha acima daquele insignificante do Oliver começou a me parecer o que Thea tinha achado que aquilo era — uma grande bobagem. Tendo no banco ao lado uma silenciosa Stella, que acendia cigarros com o isqueiro do painel com uma tranquilidade de espírito aparentemente absoluta, era difícil imaginar que ela pudesse ter levado a sério a capacidade de um homem como Oliver de fazer mal a alguém. Mesmo que ele a tivesse ameaçado com a arma, devia ter sido numa espécie de chique, e era mais que provável que ela estivesse fugindo não das ameaças, mas sim dos problemas dele.

“Estou vendo luzes na estrada”, disse ela.

Eram sinais luminosos; havia um desvio mais à frente. Segui bem devagar pelos sulcos de uma velha estradinha de carroças até chegar a uma grande seta pregada num mastro e apontada para cima. Havia marcas de rodas nas duas direções. Como o desvio tinha sido para a direita, resolvi pegar o caminho da esquerda, o que foi um erro. Subimos por um longo

trajeto que foi ficando cada vez mais estreito; eu ouvia ruídos de mato debaixo das rodas, mas fiquei com medo de tentar voltar de marcha à ré e continuei em frente, procurando um trecho mais largo de estrada onde eu pudesse fazer uma curva. Cheguei a um onde achei que dava para tentar, virei o volante com força e acelerei, pois estava apavorado que o carro morresse. A caminhonete desajeitada não chegou a fazer a curva completa, por pouco. Engatei a ré e fui soltando a embreagem com cuidado, mas a transmissão era ruim; o pedal da embreagem agarrou e a guinada fez o motor morrer. E ainda bem, pois havia alguma coisa estranhamente macia debaixo da roda traseira direita. Quando saí do carro, vi que ela estava em cima de uma moita de capim, bem na beira de uma ribanceira profunda. Eu não tinha como medir a distância até lá embaixo, mas estávamos subindo fazia um bom tempo; não teria sido uma queda de meros quinze metros. Coberto de suor, abri de leve a outra porta e disse a Stella, em voz baixa: “Rápido!”. Ela entendeu e saiu imediatamente do carro. Enfiando o braço pela janela, virei as rodas e pus a marcha de novo em ponto morto. O carro deslizou alguns centímetros e parou ao encostar na parede da montanha. Mas agora a bateria estava descarregada e a manivela não surtia efeito algum.

“Nós vamos ficar encalhados aqui a noite inteira?”, perguntou Stella.

“Poderia ter sido até mais permanente que isso. E eu disse pra Thea que estaria de volta em algumas horas”, falei. Claro que ela tinha ouvido toda a discussão entre mim e Thea. Esse fato fazia uma enorme diferença. Era como se, depois daquela conversa no bosque de laranjeiras, Thea tivesse nos apresentado de novo um ao outro. Será que eu era mesmo tão vaidoso e ridículo e Stella tão inescrupulosa? Não falamos sobre isso. Stella podia agir, e agiu, como se não valesse a pena responder às acusações de uma mulher emocionalmente abalada. Quanto a mim, refleti que, se o que Thea tinha dito de mim era verdade, aquilo devia estar estampado na minha testa, e se era tão evidente assim, então não havia muito que dizer. E depois de toda a correria, suor e urgência, estar ali na montanha feito

uma centopeia com uma fileira de pernas subitamente enguiçada, enquanto a outra tentava seguir adiante a toda a pressa, me dava uma espécie de sensação desagradável na boca do estômago.

“Se a gente conseguisse encontrar dois homens pra levantar a parte da frente e botar o carro reto, daria pra tentar fazer o motor pegar no tranco deslizando ladeira abaixo.”

“O quê? Deslizar ladeira abaixo com esses faróis?”, ela perguntou. Os faróis só estavam emitindo uma minguada luz amarela. “E, de qualquer forma, onde é que você vai arranjar dois homens pra te ajudar?”

Resolvi procurar ajuda assim mesmo e desci até onde estava a enorme seta que apontava para lugar nenhum. Olhando ao longe por toda aquela extensão de mato, não dava para ter certeza se o que eu estava vendo eram estrelas ou luzes humanas, mas eu sabia que seria imprudente tentar descobrir o que afinal elas eram. Num terreno como aquele, certamente haveria muitas quedas no caminho antes que eu conseguisse chegar ao que talvez fosse um povoado. Ou eu poderia estar tentando chegar aos céus do sul. E até dizer “céus do sul” já é tentar tornar familiares extraordinários espasmos de fogo nas distâncias de milhões de anos-luz (e por que, de espaço a espaço, a ocupação tem de ser através do fogo?). Havia quedas, porém, e também espinhos e cactos, desde agaves imensos até pequenos talos malignos capazes de rasgar a perna; e animais também. Nenhum carro passou pelo desvio, e então me ocorreu que o próximo que passasse poderia ser o de Oliver. Por acaso eu estava ali parado esperando que ele aparecesse e me desse um tiro com sua pistola? Desisti e voltei para a caminhonete. Havia algumas cobertas e uma barraca de campanha no porta-malas. Enquanto procurava por elas com a lanterna, pensei na aversão que eu nutria por aquele carro e nas posições delicadas em que ele havia me posto. Estendi a lona da barraca no capim molhado e, mesmo depois que me acomodei e fiquei quase imóvel, ainda continuei sentindo uma agitação e uma velocidade tremendas dentro de mim. Estava

preocupado com Thea; sabia que ela iria querer me castigar de alguma forma. Nunca me perdoaria por aquilo.

E agora Stella estava deitada perto de mim, pois estava frio. O cheiro que vinha dela era suave, do seu cabelo e do pó de arroz — imagino que o frio da montanha altere os odores. Senti todo o volume dela, ao mesmo tempo macio e pesado, dos quadris e dos seios. E se antes eu pensava vagamente em como me sentiria balançado, não havia muita vagueza agora.

Suponho que se você passa a noite com uma mulher num trecho deserto de montanha só haja uma coisa adequada a fazer, de acordo com o incitamento secreto do mundo. Ou nem tão secreto assim. E a mulher, que tanto fez para ser perigosa nessa mesma trama, quanto mais é do mundo, menos sabe se desviar dela. Eu pensei que, na crise que parece ter de ocorrer quando um homem e uma mulher se veem juntos, nada de fácil pode acontecer sem que, antes, uma dificuldade seja superada e fique provado que o homem é um homem e a mulher, uma mulher; como se um teste de vida tivesse de ser feito e as pretensões do homem e da mulher satisfeitas. Disse que pensei e é verdade, eu pensei de fato. Um número considerável de coisas. Mas estava louco de desejo por aquela mulher. Como, de repente, com um impulso arfante na minha direção, ela também ficou por mim. Sua língua estava na minha boca, minhas mãos puxavam suas roupas para cima. Fossem quais fossem os outros pensamentos que me batessem, eles batiam do lado de fora. Enquanto suas roupas iam saindo, enquanto no frio da noite seus ombros, seus seios e seu calor úmido me enlouqueciam, minha voz saía estranha de dentro de mim. Stella falava rápido no meu ouvido, mexia o corpo, apertava meu rosto, unia os seios e se entregava como um prêmio. Fez muitas coisas, como uma mulher que estudou os homens para descobrir o que lhes agradava. Isso era em parte inocente nela. No que pareceu ser um instante depois de me chupar, ela começou a falar alegremente, volta e meia parando para me beijar. Riu lembrando que, na festa, tinha me dito que eu a entendera

mal e que eu havia pedido desculpas. Eu havia percebido na hora que aquilo tinha o peso de um palito de fósforo. A inevitabilidade que nos juntou naquela montanha coberta de capim molhado era maior que a soma de todas as outras considerações. Nós já sabíamos disso, nós três. Depois de muito racionalizar, é à irracionalidade que você sucumbe. Thea previu que eu faria aquilo. Isso me deixava mais irritado ainda com ela, como se achasse que, se ela não tivesse feito a previsão, aquilo não teria acontecido. E pensei, enfurecido, que se ela não tivesse se metido no caminho e me dito o que fazer, não teria havido aquela batalha com meu orgulho. Tinha enfiado na cabeça a insensata ideia de que ela havia tentado estragar tudo para mim. Mas era capaz de formular muito mais razões sem chegar sequer ao pé da inevitabilidade.

Entre mim e Stella só um assunto era realmente possível agora: se haveria ou não algo de permanente entre nós. Mas eu estava pensando a maior parte do tempo em Thea. E como isso não podia ser dito, também não era possível dizer qualquer outra coisa genuína. Logo, não falamos de coisas genuínas. Ela mencionou Thea uma vez, dizendo que ela parecia ser uma pessoa extremamente rigorosa. Por fim, ficamos ambos em silêncio e depois dormimos, e isso foi mais íntimo do que conversar.

Tive uma noite parecida com essa, anos depois, num navio lotado que ia de Palma de Maiorca para Barcelona. As cabines estavam cheias, e eu dormi no convés, onde havia uma multidão do que eles chamam lá de gente humilde, trabalhadores de macacão de brim, famílias inteiras, bebês de peito, moças jovens de estômagos delicados que vomitavam no mar, músicos que cantavam e tocavam concertina, idosos espalhados entre a carga do convés — como mortos, ou matutando, com os pés desajeitados descalços e barrigas avantajadas. Uma noite triste, úmida, com flocos de carbono do combustível barato flutuando no ar. Os oficiais franzinos, vestidos de branco, passavam pisando nos espaços entre os corpos estendidos nas tábuas. Dividi meu casaco com uma moça do Texas, que se aproximou de mim dizendo com franqueza que havia procurado outro

americano na multidão estrangeira. Então, ela ficou a noite inteira deitada perto de mim e, no frio salmão da alvorada, quando a luz rosa do mar oscilante desceu sobre nós, ela me fez lembrar intensamente de Stella.

Aquele despertar foi na agitação espanhola do convés molhado, e esse outro no sol branco e enevoadado do amanhecer e numa quietude de ferrovia abandonada no meio das montanhas, como o silêncio depois de uma colisão de carros, aqui e ali um grilo magro ainda ensaiando um cri-cri. O frio verde-cinza descia das pedras, misturado à fumaça de um povoado. Aquele cheiro de carvão vegetal, que para alguns é o cheiro da própria familiaridade e de boas-vindas ao dia, era o último toque da estrangeirice para mim. Stella estava de pé, enrolada numa coberta, e tentava olhar para o fundo do penhasco; a visão daquela fundura me dava um frio na barriga.

Alguns índios, por um peso cada um, levantaram a caminhonete e a botaram reta. Assim que começamos a deslizar ladeira abaixo, o motor pegou e nós, então, fomos para Cuernavaca, onde contratei um carro de praça para levá-la até a Cidade do México, dando-lhe todos os dólares que eu tinha. Ela disse que me pagaria através da Wells Fargo e houve toda aquela conversa sobre como saldar uma dívida que era tão difícil de definir. Não acreditei nela, mas dinheiro era o único assunto de que podíamos falar naquele momento. Gratidão não era a única coisa que ela estava sentindo, com certeza, mas como de fato tinha alguma gratidão a expressar, ela se apegou a isso e deixou o resto para lá. Mas perguntou: “Você vai me visitar algum dia?”.

“Claro, vou sim.”

Ficamos esperando no sol pelo táxi, ao lado do mercado, perto das flores, num lugar em que as pedras do calçamento estavam escorregadias por causa das flores que tinham sido jogadas fora, sentindo debaixo dos nossos pés um leve sebo de planta. À nossa frente estavam as bancas dos açougueiros, com tripas, bofes e carcaças pendurados em ganchos e rodeados de moscas, que zumbiam tão alto que quase pareciam rugir e ricocheteavam como as primeiras gotas de um temporal numa parede

vermelha. Um garotinho nu estava agachado debaixo de um cepo de cortar carne e fazia, devagar, fezes de cor estranha. Andávamos lentamente pelo largo galpão de aço, o telhado de vidro pairando sobre os utensílios de lata, pimentões, carnes, bananas, costeletas, orquídeas, cestos e o clarão, a fúria, a quitina, o som alto e elétrico do encontro amoroso, o louco zumbido do amor das moscas-varejeiras verdes e azuis. Como se um imenso carretel estivesse girando e puxando todos os fios da luz do sol.

O táxi chegou. Stella perguntou de novo se eu havia tomado nota do nome do seu agente teatral, que sempre sabia onde encontrá-la. Ela me beijou e seus lábios produziram uma sensação desconhecida na minha bochecha, de maneira que fiquei me perguntando que erro eu poderia estar prestes a cometer agora. Enquanto o táxi avançava devagar em meio à multidão do mercado, eu andava ao lado e nós apertávamos a mão um do outro pela janela. Ela disse: “Obrigada. Você foi um amigo de verdade”.

“Boa sorte, Stella”, falei. “*Melhor sorte...*”

“Eu não deixaria a Thea me espezinhar demais, se fosse você”, ela me disse.

Eu não ia deixar que ela me espezinhasse, pensei enquanto voltava para casa, para encarar Thea e mentir para ela. Não estava sentindo realmente a torpeza da mentira que estava preparado para contar. Voltei para Thea me sentindo mais fiel do que antes e, portanto, acreditando que iria asseverar algo que era mais verdadeiro do que falso. E não esperava me sentir tão mal quanto me senti quando a vi no jardim, ao lado de uma cerca viva que eu estava descobrindo agora que dava uma frutinha vermelha. Ela estava usando o chapéu de ilhoses e pronta para zarpar para Chilpanzingo. Eu também estava pronto para ir imediatamente, se ela me deixasse. Queria desesperadamente me reconciliar com ela. Mas depois achei que era melhor não ir. Minha ideia agora era que eu já havia me submetido demais àquelas atividades esquisitas; até com a águia, eu deveria ter dado

um basta, não deveria ter me mostrado tão pouco espantado diante de cada bizarrice, como se já tivesse visto coisa parecida antes. Mas eu estava rumando para o futuro rápido demais.

“Ora, ora! Você chegou”, disse ela, ríspida. “Eu não sabia se você vinha ou não. Pensei que não fosse voltar. Acho que eu teria preferido assim.”

“Escuta, não precisa falar desse jeito”, eu disse. “Vai direto ao ponto.”

Quando falou de novo, foi de fato de um jeito diferente, e eu me arrependi de ter lhe pedido aquilo. Quase gritando e com a boca tremendo, disse: “A gente acabou — acabou! Está tudo terminado, Augie. Nós cometemos um erro. *Eu* cometi um erro”.

“Não, olha, vai com calma. Espera um pouco, tá bom? Uma coisa de cada vez. Se o que está te chateando é que a Stella e eu...”

“Passaram a noite juntos!”

“Nós tivemos que passar. Mas foi porque eu peguei a estrada errada, só por isso.”

“Para, por favor, não fala mais nada! Me dá engulho ouvir você dizer essas coisas”, falou, com incontrolável desespero. Estava muito abatida.

“Mas é verdade”, insisti. “O que você quer dizer? Não precisa ficar enciumada assim. O carro ficou enguiçado na montanha.”

“Eu quase não consegui levantar da cama hoje de manhã. E isso agora é pior ainda, é pior. Não vem com desculpa. Eu não suporto desculpas.”

“Bom”, falei, olhando para as pedras recém-lavadas do chão, onde o sol se refrescava, desigual, a grama verde parecendo veludo, “se você está decidida a alimentar essas ideias e deixar que elas te torturem, não há nada que ninguém possa fazer.”

“De certa forma, eu até gostaria que fosse só uma dificuldade minha.”

Por alguma razão, isso me fez endurecer com ela. “Bom, é uma dificuldade sua. Digamos que tenha sido realmente como você acha que foi. Não seria tão difícil assim contar pra você depois do que você me contou que teve com aquele cadete da Marinha e com outros, enquanto

estava casada com o Smitty. Você está com uma boa vantagem em relação a mim.” Nós coramos, os dois, olhando um para o outro.

“Eu não pensei que o que eu contei pra você fosse ser usado contra mim desse jeito”, ela disse, com voz falha, e esse tremor na sua voz me fez sentir um calafrio, como o que a gente sente quando vê a camada grossa de gelo salgado que se forma na costa nas primeiras ondas de frio, “nem que houvesse um placar sendo contabilizado.”

Ela não parecia nada bem, com um brilho nos olhos pretos que nada tinha de amistoso e uma palidez mais profunda do que nunca; suas narinas davam a impressão de estarem sentindo os efeitos daquele engulho de que ela tinha falado. E os animais e os objetos feitos de animais, as cadeiras de couro de boi, as cobras farfalhando na palha, as cabeças ásperas e chifrudas, tudo que antes parecia ter razão de ser ficava embotado, inútil, brutal, ou virava um amontoado de trastes, entulho simplesmente, quando havia algo de errado com ela. E ela própria parecia cansada, o pescoço crispado de tendões, os ombros encolhidos. Nem seu cheiro parecia normal. E de alto a baixo ela estava tomada por um ciúme assustador; queria, e precisava, me ferir.

Não sei por quê, eu achava que aquilo fosse passar logo. Mas, ao mesmo tempo, eu tremia também. Falei: “Você não consegue nem imaginar que não tenha acontecido nada, consegue? E você tem que presumir que, porque passamos a noite inteira juntos, nós fizemos amor também.”

“Bom, talvez seja irracional”, ela disse. “Mas, irracional ou não, você pode me jurar que realmente não aconteceu nada? Pode?”

Eu estava me preparando, lentamente, para fazer isso, porque era necessário — e me sentia monstruoso por estar me preparando para mentir quando ainda não tinha nem lavado o cheiro de Stella do meu corpo — mas Thea não me deixou. Disse: “Não, deixa, você só vai repetir a mesma coisa. E não me peça para imaginar nada. Eu já imaginei tudo. Não espere nada sobre-humano de mim. Eu não vou nem tentar. Já está sendo doloroso demais, muito mais do que eu achava que fosse capaz de

aguentar”. Ela não caiu em prantos, mas, apenas como uma súbita e silenciosa escuridão, as lágrimas apareceram nos seus olhos.

Isso amoleceu, ou derreteu, toda a minha rigidez, como um calor repentino. “Thea, vamos parar com isso”, falei, andando em direção a ela, mas ela recuou.

“Você devia ter ficado com ela.”

“Escuta...”

“É sério. Você pode ser carinhoso comigo agora e daqui a dez minutos estar com ela de novo e quinze minutos depois com alguma outra vagabunda. Não há como você se dedicar a tanta gente ao mesmo tempo. Como foi que você se envolveu com essa moça? Isso é que eu gostaria de saber.”

“Como? O Moulton me apresentou a ela e ao Oliver.”

“Por que ela não pediu ajuda ao Moulton, então? Por que ela foi pedir justo pra você? Porque você flertou com ela.”

“Não, foi porque ela achou que eu fosse uma pessoa compreensiva. Ela sabia como eu era com você e deve ter achado que eu iria entender a situação de uma mulher mais rápido do que outras pessoas entenderiam.”

“Isso é o tipo de mentira fácil que você vive contando. Ela escolheu você porque você parece sempre tão ridiculamente ansioso pra agradar e ela concluiu que ia poder fazer o que quisesse com você.”

“Não foi nada disso”, falei. “Você está enganada. Ela estava numa situação difícil e eu fiquei com pena dela, só isso.” Mas eu me lembrei, obviamente, daquela sensação que tive no bosque das laranjeiras de que algo me afetava num lugar vital, que eu não podia controlar. Ao que parecia, Thea sabia alguma coisa sobre isso também, o que me deixou abismado. Ainda em Chicago, ela tinha previsto que eu me deixaria levar por outra mulher que corresse atrás de mim. Se pelo menos ela não tivesse me descrito para mim mesmo de forma tão impiedosa. Lá em Chicago, no entanto, o que senti foi um alívio ao pensar que não precisava esconder nada dela; agora era como se eu estivesse vendo uma espécie de reverso

sombrio disso, como se não ter segredos fosse algo fatal. “Eu realmente queria ajudar”, eu disse.

“Como assim, ajudar?! O homem foi preso praticamente ao mesmo tempo que vocês fugiram.”

“Quem, o Oliver?” Aquilo me espantou. “Preso? Bom, imagino que eu não devia ter ido embora com tanta pressa. Mas eu estava com medo que ele arrastasse a Stella junto com ele. Porque ele realmente tinha uma arma. E ele estava ficando violento, ele bateu no Louie Fu, e eu achei que ele ia forçar ela a...”

“Aquele palerma beberrão? Forçar ela? *Aquela* mulher? Por quê, ele forçou ela antes? Ela não ia pra cama com ele com uma arma apontada pro peito, ia? Ela é uma piranha! Mas ela não levou muito tempo pra entender como você é, pra perceber que você ficaria com medo de não corresponder às expectativas dela, de não ser o homem que ela queria que você fosse, que você faria o jogo dela. Você faz o jogo de todo mundo.”

“Você está com raiva porque eu nem sempre faço o seu. Sim, eu acho que ela me entendeu realmente. Ela não me mandou fazer nada. Ela me pediu. Deve ter percebido que eu estava de saco cheio de receber ordens...”

Isso fez com que ela olhasse para mim com mais asco ainda, como se estivesse sentindo uma nova ânsia lhe subir à garganta; mordeu o lábio por um instante. Depois disse: “Não foi um jogo. Estou vendo que você entendeu dessa forma. Bom, não foi, foi sincero. Até onde dependia de mim, foi sincero. Pode ter parecido um jogo pra você. Imagino que tenha mesmo. Talvez você não aceitasse nada diferente”.

“Nós não estamos falando da mesma coisa. Não tem nada a ver com amor. É em outras coisas que você é um pouco excêntrica demais da conta.”

“Eu? Excêntrica?”, ela disse, com a boca seca, botando a mão no peito.

“Como você pode achar que não é? E a águia, as cobras, a coisa de sair pra caçar todo dia?”

Isso a magoou mais ainda.

“Então você estava só fazendo a minha vontade, é isso? Com a águia? Não significou nada pra você? Aquele tempo todo você só pensava que eu era excêntrica?”

Eu percebi a coisa terrível que tinha feito com ela falando aquilo e tentei suavizar um pouco. “Essas coisas nunca te parecem meio esquisitas, não? Nem um pouquinho?”

Essa minha pergunta a deixou com um nó na garganta, e as lágrimas de antes não eram nada comparadas a esse nó. Disse: “Tem muitas coisas que me parecem esquisitas também. Algumas talvez até muito mais do que o que eu faço parece pra você. Mas amar você, isso nunca foi esquisito pra mim. Só que agora *você* está começando a me parecer esquisito, como muitas outras coisas. Talvez eu seja excêntrica, porque só sei essas maneiras estranhas de fazer alguma coisa e porque prefiro fazer essas coisas estranhas a me ater ao que é normal e fazer coisas falsas. Então” — eu fiquei calado, reconhecendo que nisso ela estava com a razão — “você fez concessões por mim”. Eu mal conseguia suportar o quanto ela estava sofrendo. Às vezes tinha a impressão de que ela não iria conseguir dizer a palavra seguinte, tantos eram os sons que sua garganta mantinha represados, em latência. “Mas eu nunca te pedi pra fazer isso, nunca. Por que você não me disse o que sentia? Você podia ter me falado. Eu não queria parecer excêntrica pra você.”

“Não você em si. Não, eu nunca te achei excêntrica.”

“Você não diz o que sente pra ninguém, imagino. Mas comigo você não precisava agir como age com as outras pessoas. Comigo você podia ter sido o que não consegue ser com mais ninguém. Não tem uma pessoa no mundo com quem você consiga ser diferente? Você se abre com alguém? Sim, eu imagino que o amor apareça mesmo de uma forma esquisita. Você acha que a esquisitice é a sua desculpa. Mas talvez o amor parecesse estranho e exótico pra você, não importa de que maneira ele acontecesse e

talvez você simplesmente não queira amar. Se é assim, eu cometi um erro, porque pensei que você quisesse. E você não quer, quer?”

“O que você quer fazer comigo, me esquartejar? É só porque você está enciumada e magoada...”

“É, eu estou enciumada, sim. Estou muito enojada e decepcionada, se não provavelmente não estaria dizendo nada disso. Eu sei que você não aguenta. Mas eu estou decepcionada. Não é só ciúme. Quando eu fui até o seu quarto em Chicago, você estava com uma moça, e quando você veio falar comigo eu não perguntei primeiro se você amava ou não aquela moça. Eu sabia que não devia ser nada de muito importante. Mas, mesmo que fosse importante, eu achei que tinha que tentar! Eu estava me sentindo muito sozinha, como se o mundo estivesse cheio de coisas, mas vazio de gente. Eu sei que devo ser meio maluca”, admitiu, com uma voz rouca e contida, deixando-me numa desolação mais profunda ainda. “Eu devo ser, tenho que admitir. Mas achei que se conseguisse me entender com uma pessoa, talvez acabasse conseguindo me entender com outras também. E aí, quem sabe, as pessoas não me cansariam tanto e eu não teria tanto medo delas. Por que o que eu sinto não pode ser culpa das pessoas, não inteiramente. Não são *elas* que fazem esse sentimento. Bom, eu acreditava que você poderia ser a pessoa que faria isso pra mim. E você poderia. Eu fiquei tão feliz de te encontrar. Eu achava que você sabia o que poderia fazer, e te achava tão sortudo e tão especial. É por isso que não é só ciúme. Eu não queria que você voltasse. E lamento que você esteja aqui agora. Você não é especial. Você é como todo mundo. Você se cansa fácil. Eu não quero mais te ver.”

Ela abaixou a cabeça. Estava chorando. O chapéu caiu da sua cabeça e ficou pendurado pelo cordão. Apertado dentro do meu peito, feito um esquilo nauseado preso numa chaminé, no tremor sedoso da fumaça, eu sentia um terrível sentimento engasgado. Tentei chegar perto dela de novo e ela levantou a cabeça, olhou nos meus olhos e bradou: “Eu não quero que você faça isso! Não quero. Não posso deixar. Eu sei que você acha que

a gente pode passar por cima disso, daquilo ou daquilo outro, mas eu não acho”.

Ela passou ao meu lado e foi para a porta, onde parou. “Eu vou pra Chilpanzingo”, disse. Não estava mais chorando.

“Eu vou com você.”

“Não, não vai. Os joguinhos acabaram. Eu vou sozinha.”

“E o que é que eu devo fazer?”

“Não me pergunte. Descubra sozinho.”

“Entendi”, falei.

Eu estava no quarto juntando minhas coisas, queimando por dentro, com lágrimas e gritos que não encontravam saída para escapar da asfixia e das pedras de autopiedade empilhadas dentro de mim, quando vi Thea descendo em direção ao *zócalo*, carregando um rifle, e Jacinto atrás dela, levando a bagagem. Ela ia partir imediatamente. Eu queria berrar “Não vai!”, como ela tinha gritado para mim no *zócalo* na noite anterior, e lhe dizer que ela estava cometendo um erro. Mas o que eu estava chamando de erro dela era, na minha emoção, o fato de ela estar me abandonando. Foi isso que me fez tremer quando tentei chamá-la. Ela não podia me deixar. Atravessei a casa correndo para ir berrar da porta da cozinha que dava para o jardim.

Alguma coisa em mim deixou a cozinheira apavorada; quando me viu, ela agarrou o filho e fugiu. E, de repente, eu estava tão cheio de raiva quanto de dor, e as duas me sufocaram. Saí pela porta do jardim afora e fui correndo em disparada para o *zócalo*, mas a caminhonete já não estava mais lá. Voltei para casa e abri o portão com um chute, procurando alguma coisa para atacar e destruir. Abaixando e bufando, arranquei pedras do jardim e atirei contra a parede, esburacando o estuque. Entrei na sala e quebrei as cadeiras de couro, os cristais, arranquei cortinas e quadros. Em seguida, na varanda, chutei as caixas das cobras, espatifando os vidros, derrubei-as no chão e fiquei vendo o pânico daquelas criaturas monstruosas

enquanto deslizavam e fugiam, procurando algum lugar para se esconder. Não sobrou uma única caixa; arrebentei todas.

Depois, peguei minha mala e fui embora. Desci a ladeira rumo ao *zócalo*, batendo os pés com força no chão, o peito soluçando.

Moulton estava na varanda do bar de Hilario. Vi apenas seu rosto, acima do escudo da cerveja Carta Blanca. Ele olhou para baixo. Ele, o papa dos cacos.

“Ei, Bolingbroke, cadê a garota? O Oliver está no xadrez. Sobe aqui que eu quero falar com você.”

“Vai pro inferno!”

Ele não ouviu.

“Por que é que você está com essa mala?”

Fui embora e zanzei pela cidade mais um pouco. Na feira, encontrei Iggy com a filha.

“Ei, de onde você veio? O Oliver foi preso ontem à noite.”

“Foda-se o Oliver!”

“Bolingbroke, por favor, não fala essas coisas na frente da criança.”

“Não me chama mais de Bolingbroke.”

Fui andando junto com ele, no entanto, enquanto ele puxava a menina pela mão. Olhamos várias barracas e, por fim, ele comprou uma boneca de palha de milho para a menina.

Falou de seus problemas. Será que ele deveria reatar com a ex-mulher, agora que ela tinha terminado tudo com Jepson? Eu não tinha nada a dizer sobre isso, mas senti os meus olhos arderem quando olhei para ele.

“Então você ajudou a Stella a fugir, foi?”, disse ele. “Eu acho que você fez certo. Por que é que ela deveria entrar numa fria por causa dele? O Wiley disse que ele estava aos berros ontem na cadeia, enfurecido por ela ter fugido.”

Então, ele viu minha mala pela primeira vez e disse: “Ih, rapaz, que chato! Vocês terminaram, é?”.

Meu corpo estremeceu, meu rosto se contraiu, eu fiz um gesto desajeitado e, então, caí no choro.

19.

As cobras fugiram — presumo que para as montanhas. Não voltei à Casa Descuitada para descobrir. Iggy me levou para um quarto na casa em que ele morava. Por algum tempo, não fiz nada, só ficava deitado dentro daquela cela de pedra, pequena e quente, no topo da casa. Você subia as escadas até o último degrau e depois subia mais um pouco por uma escada de mão. Chegando lá, me estendi na cama baixa e ali fiquei durante dias, doente. Se Tertuliano viesse para a janela do céu se regozijar olhando para os condenados à danação eterna, como disse que faria, ele poderia ter visto minha perna esticada ao longo da sua linha de visão e iluminada pelo sol. Era assim que eu me sentia.

Iggy vinha me fazer companhia. Sentava numa cadeira baixa que havia no quarto e ficava horas ali, sem dizer uma palavra, com o queixo enterrado no pescoço, que ficava enrugado e inchado, e as barras da calça amarradas com os cordões das alpargatas, como as de um ciclista que não quer que as barras da sua calça se enganchem na corrente. Então, ele ficava ali sentado, de cabeça baixa, os olhos verdes com as pálpebras vermelhas. De vez em quando o sino da igreja tocava, balançando para a frente e para trás, como se alguém estivesse carregando uma água límpida, sem dúvida, mas num balde imundo, e tropeçando e escorregando nas pedras. Iggy sabia que eu estava em crise e não queria que eu ficasse sozinho. Mas se eu tentava dizer alguma coisa, ele virava o que eu dizia contra mim e não aceitava nenhum dos meus argumentos, mesmo quando

tinha sido ele próprio quem havia me encorajado a falar. Claro que eu lhe contei tudo, até ficar sem fôlego, e depois me senti como se ele tivesse coberto meu rosto com suas mãos e não quisesse me deixar dizer mais nada. Então, depois que esse asfixiamento aconteceu algumas vezes, parei de falar. Achava que Iggy vinha para ser bondoso e ficava para garantir que eu iria sufocar. Perpetrava alguma obscura vingança contra mim ao mesmo tempo que sentia pena de mim.

Fosse como fosse, ele se sentava ao lado da parede seca e bonita em que os raios do sol batiam, depois de deslizarem pelo peitoril onde os pombos pousavam com suas patas vermelhas e espanavam poeira e palha lá para baixo. Às vezes, Iggy chegava a encostar a bochecha no reboco.

Eu sabia que tinha feito uma coisa errada. E, quando pensava nisso deitado na cama, sentia meus olhos revirarem como que em busca de uma saída. Algo havia acontecido com minha capacidade de esquecer; ela estava enguiçada. Meus erros e falhas vinham de todos os lados e me espicaçavam. Torturavam-me tanto que eu desatava a suar e me revirava na cama, ou então sentia que era inútil me revirar.

Decidia tentar mais uma vez e dizia: “Iggy, o que é que eu posso fazer pra provar que eu a amo?”

“Eu não sei o que você pode fazer. Talvez você não tenha conseguido provar porque você não a ama.”

“Não, Iggy, como é que você pode dizer isso! Você não está vendo como eu estou?”

“Por que é que você fugiu com aquela garota, então?”

“Foi uma espécie de revolta, sei lá. Como é que eu posso saber! Eu não inventei os seres humanos, Iggy.”

“Você ainda não sabe como são as coisas, Boling. Eu sinto pena de você”, ele dizia da sua parede, “juro que sinto. Mas você tem que passar por isso pra poder chegar a algum lugar. Você sempre teve muita moleza. Você tem que ser derrubado e esmigalhado desse jeito, senão você nunca

vai entender o quanto a machucou. Você tem que descobrir como é e parar de ser tão bobo alegre.”

“Ela está zangada demais. Se me amasse de verdade, ela não ficaria tão zangada. Ela precisa de uma razão para ficar tão zangada assim.”

“Bom, você deu uma razão pra ela.”

Não adiantava tentar argumentar com Iggy, então eu ficava calado e argumentava, suplicava e discutia com Thea na minha cabeça em vez disso, mas só continuava perdendo uma discussão atrás da outra. Por que eu tinha feito aquilo? Tinha magoado Thea profundamente, eu sabia. Via isso com tanta clareza quanto via Thea dizendo, branca, com a voz engasgada: “Eu estou decepcionada!”. “Meu amor, escuta”, eu queria dizer a ela, “é claro que todo mundo se decepciona uma hora ou outra. Você sabe disso. Todo mundo acaba sendo magoado e todo mundo magoa também. Principalmente no amor. E eu magoei você. Mas eu te amo, e você precisa me perdoar pra gente poder continuar.”

Eu deveria ter tentado a sorte com as cobras nas montanhas quentes, rastejando atrás delas com laços na terra marrom lá de cima, em vez de ficar zanzando por aquela cidade tonta, onde os perigos eram ainda maiores.

Sabia que tinha sido cruel com ela quando revelei o que achava das suas caçadas. Mas ela também não tinha tentado me arrasar sem dó nem piedade com aquele ataque que fez contra mim, me acusando de ser vaidoso, de ser indigno de confiança, de estar sempre olhando para outras mulheres e de não ter consciência? E será que era mesmo verdade que o amor iria me parecer estranho, como ela dissera, não importava qual fosse a forma que assumisse, mesmo que não houvesse águias nem cobras?

Fiquei pensando sobre isso e me dei conta, atônito, de que de fato havia uma boa dose de verdade naquilo. Caramba, era verdade! E eu que sempre tinha acreditado, no que se referia ao amor, que eu jogava no time da minha mãe, contra as vovós Lausch, as senhoras Renling e as Lucys Magnus.

Se eu não tinha dinheiro, profissão nem obrigações, não era para poder ficar livre e ser um sincero seguidor do amor?

Eu, o servo do amor? Conversa! E, de repente, meu coração me pareceu feio e eu fiquei com asco de mim mesmo. Pensei que meu objetivo de ser simples não passava de uma farsa, que eu não era generoso nem afetuoso coisa nenhuma, e comecei a desejar que o México inteiro atravessasse aquelas paredes e me matasse, que eu fosse atirado no meio da poeira de ossos e das cruzes pontudas e retorcidas do cemitério, para os insetos e lagartos comerem.

Agora que eu tinha começado, aquela terrível investigação tinha de continuar. Se eu era realmente daquele jeito, com certeza não era assim que eu parecia ser e, portanto, só podia ser um segredo. Então, se eu queria agradar, era só para enganar ou provar alguma coisa para todo mundo, não era? E devia fazer isso porque achava que todo mundo era melhor do que eu e tinha alguma coisa que eu não tinha. Mas o que eu achava que as pessoas eram, afinal, uma coisa fantástica? Eu não queria ser o que elas queriam fazer de mim, mas queria agradá-las. Vai entender! Queria um destino independente e amor também — que confusão!

Eu só podia ser um monstro para fazer tamanha confusão.

Mas não, eu não podia ser um monstro e sofrer ao mesmo tempo. Isso seria injusto demais. Eu não acreditava.

Não é certo pensar que todas as outras pessoas têm mais força de caráter que você. Ora, é óbvio que isso não é verdade, mas apenas sua imaginação exagerando a visão que as pessoas têm de você, interpretando erradamente que elas gostam de você pelo que você não é, ou que não gostam de você pelo que você não é, tanto por equívoco quanto por preguiça. A saída deve ser não se importar, mas, para isso, você tem de saber com o que se importar de verdade e entender o que agrada ou não agrada em você. Mas você acha que cada nova pessoa que chega está preocupada com isso e atenta para isso? Não. E você se importa se cada uma delas se importa em troca? Nem um pouco. Porque, de qualquer forma, não há uma pessoa no

mundo que consiga mostrar o que é sem se sentir um tanto exposta e envergonhada e, estando preocupada com isso, ela não pode se importar, mas tem de tentar parecer melhor e mais forte do que as outras pessoas todas — que loucura! Enquanto isso, ela não sente nenhuma força de verdade em si mesma, tapeia e é tapeada, depende da tapeação, mas acredita anormalmente na força dos fortes. Assim, esse tempo todo, ninguém deixa que nada de genuíno apareça, nem sabe o que é real e o que não é. E esses são os desfigurados, degenerados e sombrios seres humanos — a simples humanidade.

Mas, por outro lado, com todo mundo andando por aí tão capaz e determinado na sua bela e forte carapaça, você pode se permitir manquejar, frágil e pobre, uma tola criatura, risonha e inofensiva? Não, você tem de tramar no seu coração uma forma de parecer diferente. Sendo a vida externa tão importante, os instrumentos tão imensos e terríveis, as atuações tão maravilhosas, os pensamentos tão fantásticos e ameaçadores, você produz um alguém que possa existir diante dela. Você inventa um homem que possa ficar de pé diante das terríveis aparências. Dessa forma ele não pode obter justiça nem fazer justiça, mas pode viver. E é isso que a simples humanidade sempre faz. Ela é feita desses inventores ou artistas, milhões e milhões deles, cada um tentando ao seu próprio modo recrutar outras pessoas para representar papéis coadjuvantes e apoiá-lo no seu faz de conta. Os grandes chefes e líderes recrutam os maiores números de coadjuvantes, e esse é o poder deles. Há uma imagem que sai na frente para guiar o resto e pode impor sua pretensão de ser genuína com mais força do que outras, ou uma voz amplificada para trovejar que é ouvida acima das outras. Então uma imensa invenção, que é a invenção talvez do próprio mundo e da natureza, se torna o mundo real — com cidades, fábricas, prédios públicos, ferrovias, exércitos, represas, prisões e cinemas —, se torna a realidade. Essa é a batalha da humanidade, recrutar outros para a sua versão do que é real. Assim, até as flores e o musgo nas pedras se transformam no musgo e nas flores de uma versão.

Eu certamente parecia um recruta ideal. Mas as coisas inventadas nunca se tornavam reais para mim, por mais que eu me esforçasse para pensar que elas eram.

Minha verdadeira falha era não conseguir me manter fiel aos meus sentimentos mais puros. Era isso que abria o maior buraco em mim. Talvez Thea também não conseguisse suportar muitos dias felizes seguidos; isso me ocorreu como uma possível razão para ela ter esfriado comigo. Talvez ela tivesse aquele problema também, com a coisa que escolheu. No ano anterior, quando Mimi estava em apuros, Kayo Obermark tinha me dito que isso acontecia com todo mundo. Todo mundo tem amarguras na coisa que escolheu. Pode ser que, no fim, a coisa escolhida em si seja uma amargura, porque para chegar à coisa escolhida é preciso coragem, porque é algo intenso, e intensidade é justamente o que a frágil humanidade em nós não consegue suportar por muito tempo. E também a coisa escolhida não pode ser algo que nós já tenhamos, uma vez que não conseguimos ver muita serventia nem ter muito respeito por aquilo que já temos. Ah, isso me fez sentir um desprezo terrível, naquele estado em que me encontrava, exasperado e selvagem. Merda de escravos! Pensei. Covardes cretinos!

Quanto a mim pessoalmente, não muito melhor do que alguns dos piores, minha invenção e coisa especial era a simplicidade. Eu queria a simplicidade e negava a complexidade e, em nome disso, era sonso e suprimia muitas patentes no meu íntimo secreto e acabava inventando e maquinando tanto quanto todo mundo. Ou por que eu ansiaria pela simplicidade?

Ter personalidade, para começar, já é uma coisa arriscada. Seguro mesmo é ser um tipo. Então, quase todo mundo cria deformações em si próprio para que o grande terror o deixe em paz. Não é novidade. Os temerosos povos tribais, por exemplo, achatam suas cabeças ou furam lábios e nariz, ou mutilam polegares, ou fazem máscaras tão terríveis quanto o próprio terror, ou se pintam ou se tatuam. Tudo para antecipar o terror que não acolhe sua existência.

Quantos Jacós dormem na pedra e a forçam a ser seu travesseiro, ou saem no braço com anjos e se engalfinham com o grande medo para ganhar o direito de existir? Esses bravos são tão poucos que acabam sendo transformados em patriarcas de um povo inteiro.

Já eu... Eu ia ao encontro de quem quer que se dispusesse a me oferecer abrigo contra esse poderoso terror que corre solto pelo mundo, contra o bárbaro frio do caos, e portanto abraçava temporariamente várias causas. Não era uma atitude muito corajosa. E o fato de existirem muitos outros que faziam o mesmo que eu não era lá grande consolo. Se existiam tantos, todos eles deviam sofrer tanto quanto eu.

Bem, agora que sabia disso, eu queria outra chance. Achei que tinha de tentar ser corajoso de novo. Então, decidi que ia para Chilpanzingo pedir mais uma chance a Thea e que diria que, embora fosse um homem fraco, eu poderia aos poucos me modificar se ela fosse paciente comigo.

Assim que tomei essa decisão, me senti muito melhor. Fui à *peluquería* e pedi ao barbeiro que me fizesse a barba. Depois, almocei no restaurante de Louie Fu e uma das filhas dele passou minhas calças a ferro. Estava nervoso, mas cheio de esperanças também. Já via Thea me acusando, com a cara branca e os olhos escuros e faiscantes. Mas também a via me envolvendo com seus braços. Porque ela também precisava de mim. E toda a sua força excêntrica, que vinha da dúvida quanto a se seu desejo seria algum dia capaz de confiar em alguém de novo, iria parar e repousar em mim.

Imaginando como isso seria, eu me derretia, meu peito ficava quente, mole, dolorido e cheio de anseio. Era como se eu já estivesse vendo isso acontecer. Sempre tinha sido assim comigo, a fantasia ia na minha frente e preparava o caminho. Senão, ao que parece, a grande e pesada vanguarda pessoal, escura e desajeitada, não consegue adentrar terrenos estranhos. Mas minha imaginação, como o exército romano na Espanha ou na Gália, constrói ruas e muros mesmo que esteja só acampando para passar a noite.

Enquanto eu esperava, de short, minhas calças ficarem prontas, a cadela de Louie veio andando na minha direção. Gorda e lânguida, ela tinha o mesmo cheiro que a velha Winnie. Parou bem na minha frente e ficou me olhando. Quando estiquei o braço para fazer carinho nela, ela recuou, estalando as patas no chão, e arreganhou dentes velhos e pequeninos. Não que estivesse brava, mas queria voltar para o seu isolamento. E assim fez, deitando embaixo da cortina com um suspiro profundo. Era muito velha.

O ônibus, um velho veículo escolar rural importado dos Estados Unidos, chegou feito uma carruagem dos tempos antigos. Eu já estava do lado de dentro, com meu bilhete na mão, quando Moulton apareceu e disse pela janela: “Desce que eu quero falar com você”.

“Não, eu não vou descer.”

“Desce”, insistiu. “É importante. Vai ser melhor pra você.”

“Por que é que você não cuida da sua vida, Wiley?”, disse Iggy.

As grandes sobranceiras e o nariz achatado de Moulton estavam cobertos de um suor branco. “Você não acha melhor ele saber por mim do que flagrar alguma coisa e cair pra trás?”, ele falou.

Eu desci. “Como assim, cair pra trás?”, perguntei.

Antes que Iggy pudesse intervir, se é que tinha intenção de tentar, Moulton pegou minha mão, trazendo-a para perto da sua barriga dura e, entrelaçando os dedos nos meus, prendeu meu braço debaixo do seu e, com uma pressa bruta, me fez andar alguns passos rápidos sobre as pedras e o lixo cor-de-rosa, com meus saltos gastos.

“Acorda, garoto”, disse. “O Talavera era amigo da Thea. Ele está lá com ela, em Chilpanzingo.”

Arranquei meu braço de baixo do dele. Ia botar as mãos em volta do pescoço de Moulton e apertar até ele sufocar.

“Ig, é melhor você segurar esse garoto!”, gritou.

Iggy, que estava logo atrás de nós, me agarrou.

“Me larga!”

“Calma, você não vai matar o homem aqui, com guardas e esse bando de gente em volta. É melhor você dar no pé, Wiley. Ele está avançando que nem touro.”

Eu queria estrangular Iggy também, para ele soltar meu braço.

“Espera, Boling. Descubra primeiro se é verdade. Pelo amor de Deus, usa essa cabeça!”

Moulton dava passos para trás, enquanto eu arrastava Iggy no meu braço.

“Deixa de ser imbecil, Boling”, disse Moulton. “É verdade, sim, pode acreditar. Você acha que eu quero encrenca com você? Eu só fiz isso pra ajudar, pra você não se machucar. Aquele lugar é perigoso. O Talavera vai te matar.”

“Olha que grande favor você fez pra ele!”, disse Iggy. “Olha a cara dele!”

“É verdade que ele foi pra lá com ela, Iggy?”, perguntei, parando de andar. Eu estava tão mordido por dentro que mal consegui fazer essa pergunta.

“Ele era o namorado dela aqui na cidade, antes”, disse Iggy. “Um sujeito me disse ontem que o Talavera tinha ido pra Chilpanzingo logo depois que a Thea foi.”

“Quando ele era...”

“Alguns anos atrás. Ele praticamente morava na Casa Descuitada”, disse Moulton.

Eu não estava mais conseguindo ficar em pé e desabei sentado no coreto. Cobri a cabeça com as mãos e estremeci, com o rosto enterrado nos joelhos.

Moulton foi duro comigo. “Eu estou surpreso com essa sua reação, March”, disse.

“Como é que você queria que ele reagisse? Para de atormentar o garoto”, disse Iggy.

“Ele age feito criança e você incentiva”, tornou Moulton. “Isso aconteceu comigo, aconteceu com você, aconteceu com o Talavera,

quando ela apareceu aqui com o Smitty e depois com *ele*.”

“Não, não aconteceu. O Talavera sabia que ela era casada.”

“Que diferença isso faz? Mesmo sendo um caubói de vaudeville, o Talavera também tem os sentimentos dele. E você não acha que um homem tem que ficar sabendo quando uma coisa dessas acontece com ele? Eu não devia ter descoberto? Você não devia ter descoberto? Esse é um daqueles tristes fatos da vida que a pessoa precisa ficar sabendo.”

“Acontece que ele ainda ama a Thea. Você ficou fulo quando comeram a sua mulher, mas não foi porque você ainda sentisse amor por ela.”

“A questão é: ela ama o Boling?”, disse Moulton. “Então o que é que ela estava fazendo nas montanhas com o Talavera depois que o March quebrou a cabeça e ficou de cama?”

“Ela não estava fazendo nada nas montanhas com ele”, gritei, enfurecido de novo. “Se ele está em Chilpanzingo agora, ele só está em Chilpanzingo e não com a Thea.”

Moulton ficou olhando para mim, fazendo cara de intrigado. Disse: “Quer saber? Eu aposto que você vê exatamente o que todo mundo vê, mas prefere simplesmente continuar fiel às suas opiniões. Por que é que ela não te contou que ele foi namorado dela? E o que é que eles estavam fazendo nas montanhas? Só tendo um debate de ideias? E ela não desceu do cavalo pra ele?”.

“Não aconteceu nada. Nada! Se você não parar de falar, eu vou enfiar uma dessas pedras pela sua goela abaixo!”

Mas ele também estava muito agitado e determinado a continuar; não estava só falando por falar, mas pretendia alguma coisa. Seus olhos estavam muito arregalados e fixos em mim.

“É uma pena, amigo, mas as mulheres não têm bom-senso. Elas não são só pra sujeitos jovens e felizes que nem você. Quer apostar quanto que ela tirou os culotes pra ele e não guardou os doces tesouros dela só pra você?”

Parti para cima dele. Iggy me segurou por trás e eu o levantei do chão e tentei me livrar dele arremessando-o contra o coreto, mas ele aguentou

firme. Quando joguei meu peso para trás, esmagando-o para que me largasse, ele disse, ofegante: “Minha nossa, você enlouqueceu? Eu estou te mantendo longe de encrenca”.

Moulton já tinha se mandado, descendo pela rua movimentada que ia dar na feira. Berrei para ele: “Vai, foge, seu cretino filho da puta! Mas espera, que você vai ver! Eu vou te matar!”.

“Para com isso, Boling. Tem um guarda ali de olho em você.”

Um policial índio estava sentado no estribo de um carro parado ali perto. Provavelmente já estava acostumado com gringos bêbados brigando e se engalfinhando.

Iggy tinha me forçado a ficar de joelhos; ainda continuava segurando meus braços. “Posso te soltar agora? Você não vai correr atrás dele?” Eu soltei uma espécie de soluço e sacudi a cabeça que não. Ele me ajudou a levantar. “Olha só como você está, todo sujo de terra. Você vai ter que trocar de roupa.”

“Não, não dá tempo.”

“Vem comigo até o meu quarto que eu passo uma escova nisso pelo menos.”

“Se eu for, vou perder o ônibus.”

“Você está querendo dizer que vai até lá assim mesmo? Você só pode estar maluco.”

Mas eu tinha decidido que ia. Lavei o rosto no restaurante de Louie e entrei no ônibus; meu lugar estava ocupado e todos os passageiros que haviam entrado cedo no ônibus e assistido à cena perto do coreto pareciam ter entendido do que se tratava, que eu era um pobre *cabrón* que tinha perdido a mulher.

Iggy entrou no ônibus junto comigo. Disse: “Não liga pro Moulton. Ele vivia tentando ir pra cama com a Thea, deve ter passado dúzias de cantadas nela. Estava louco pra trepar com ela. Foi por isso que ele se interessou por você e ia toda hora lá na casa. Na festa do Oliver, ele tentou se engrajar com ela de novo. Foi por isso que ela foi embora tão rápido”.

Não importava muito; era mais ou menos como um fósforo aceso ao lado de um incêndio calamitoso.

“Agora, vê se não puxa briga lá, tá bom? Seria muita loucura sua. O Talavera vai te matar. Talvez eu devesse ir junto pra não deixar você fazer besteira. Você quer que eu vá?”

“Não, obrigado. Me deixa sozinho.”

Ele não queria realmente ir comigo.

O velho ônibus fez um barulho repentino, como de máquinas de costura num sótão. Olhando para a catedral através da fumaça, eu tinha a sensação de estar vendo sua imagem refletida num rio.

“Eu vou indo, então”, disse Iggy. “Lembra do que eu falei”, ele me advertiu de novo de fora do ônibus, “é burrice sua ir lá. Você só está procurando sarna pra se coçar.”

Quando o ônibus saiu da cidade e pegou a estrada, uma camponesa gentilmente dividiu sua beirada de banco comigo. Quando sentei, senti a queimação começar de novo. Ah, fogo, fogo! Espasmos ou cólicas da náusea do ciúme, violentas e abrasadoras. Pus as mãos no rosto e pensei que fosse morrer.

Por que ela tinha feito aquilo? Por que tinha se envolvido com Talavera? Para me castigar? Que maneira mais infeliz de castigar alguém!

Caramba, ela tinha feito exatamente a mesma coisa de que me acusava! Eu olhava para Stella por cima do ombro dela? Bom, ela olhava para Talavera por cima do meu e tratou de se vingar mais que depressa.

Onde estava aquele gatinho que morava com a gente em Chicago? De repente me veio essa dúvida à cabeça. Porque uma vez, quando passamos dois dias em Wisconsin e chegamos de volta a Chicago à noite, o pobre gatinho estava miando desesperadamente de fome. Então, Thea começou a chorar de pena dele e o botou dentro do seu vestido, enquanto íamos de carro até o mercado da Fulton Street comprar um peixe para dar a ele. E onde é que estava esse gatinho agora? Tinha ficado para trás em algum

lugar, um lugar qualquer — para se ver como os laços de afeto de Thea eram permanentes.

Depois pensei que eu a havia amado tanto que tinha sido uma alegria para mim descobrir que as pregas dos nós dos nossos dedos eram parecidas; e agora, com esses mesmos dedos, ela ia tocar em Talavera onde tinha me tocado. E quando a imaginei fazendo com outro homem o que tinha feito comigo, esquecendo de si mesma do mesmo jeito, e o elogiando e o beijando, e beijando os mesmos lugares, perdendo a cabeça de ternura, com os olhos muito abertos e os braços em volta da cabeça dele, abrindo as pernas, isso simplesmente me aniquilou. Vi tudo na minha imaginação e sofri terrivelmente.

Eu havia querido casar com ela, mas a posse não existe. Não, não, as esposas não são donas dos maridos, nem os maridos das esposas, nem os pais dos filhos. Eles vão embora, ou morrem. A única posse que existe é a do momento. Se você conseguir. E enquanto um desejo sobrevive, qualquer desejo, ele se mantém em face do seu negativo. É por isso que fazemos o sinal obstinado da posse. Como contratos, certificados, anéis, votos e outras coisas permanentes.

Seguíamos desembestados rumo a Chilpanzingo no calor. Primeiro as tempestuosas montanhas marrons, depois rochas trabalhadas pela erosão e matagais verdes. Quando entramos na cidade, alguém pulou na lateral do ônibus para pegar uma carona, agarrando meu braço e enterrando os dedos com força na minha carne. Depois de muito puxar, consegui fazer com que ele me soltasse. Quando tentei pegá-lo, o carona deu um tapa na palma da minha mão e saltou de volta para o chão. Doeu, e eu fiquei furioso.

Lá estava o *zócalo*. Imundas paredes brancas afundavam em direção ao chão, charme espanhol roído de rato mofava nas varandas, uma rua horrível que era como uma Sevilha apodrecendo e se desfazendo em montes de lixo em flor.

Pensei comigo que, se encontrasse Talavera na rua, iria matá-lo. Com o quê? Eu tinha um canivete. Não era perigoso o bastante. Na praça, procurei alguma loja em que pudesse comprar uma faca, mas não vi nenhuma. O que vi foi um lugar com uma placa que dizia “Café”. Era uma abertura quadrada e preta numa parede, como que escavada no meio do deserto da Síria depois de ficar milhares de anos enterrada. Entrei com o objetivo de afanar uma faca do balcão. Mas não havia faca nenhuma ali, só colheres minúsculas de cabo trançado enfiadas no açúcar. Um pedaço de rede de mosquito pendia, rasgado, como um trabalho meticuloso e caprichado feito para nenhum propósito útil.

Saindo do café, vi a caminhonete estacionada em frente a um lugar no estilo daquelas casas de Nova Orleans decoradas com grades de ferro, só que com algumas peças faltando. Sem pensar mais em facas, corri até lá e entrei. Não havia nenhum funcionário na recepção; a única pessoa que encontrei foi um velho, que estava varrendo a areia do caminho no pátio decadente. Ele me disse o número do quarto de Thea. Pedi a ele que subisse até lá e perguntasse se ela poderia me receber. De uma fresta da persiana, ela perguntou o que eu queria. Subi a escada rapidamente e, em frente à grande porta de duas folhas do quarto dela, disse: “Eu preciso conversar com você”.

Ela me deixou entrar; a primeira coisa que fiz ao atravessar a porta foi procurar sinais de Talavera. Encontrei o quarto na desordem costumeira, com roupas e equipamentos espalhados por todo lado. Não deu para perceber se havia coisas dele no meio. Mas não teria feito diferença. Eu estava determinado a passar por cima de qualquer coisa desse tipo. “O que é que você quer, Augie?”, ela perguntou de novo. Olhei para ela. Seus olhos não estavam tão vivos como de costume e ela parecia indisposta; do alto, seu cabelo preto e brilhoso escorregava das travessas que o prendiam. Ela estava usando um casaco ou robe de seda. Parecia que acabara de vesti-lo. No calor, preferia ficar nua no quarto. Quando eu quis lembrar como ela era, nua, descobri que conseguia lembrar muito bem. Ela viu meus

olhos pousados na parte inferior da sua barriga e sua mão desceu até lá, para segurar a beirada do robe. Vendo aquela mão de dedos redondos e unhas pintadas descer, senti com amargura que meu privilégio havia acabado e passado para outro homem. Eu o queria de volta.

Com o rosto queimando, falei: “Eu vim aqui pra perguntar se nós poderíamos ficar juntos de novo”.

“Não, eu não acho que seja mais possível.”

“Me disseram que o Talavera está aqui com você. É verdade?”

“Isso por acaso é da sua conta?”

Interpretei essa resposta como uma confirmação e senti um grande aperto no peito.

“Suponho que não. Mas você tinha que se envolver com ele tão rápido assim? Assim que eu me envolvi com alguém, você logo teve que se envolver com alguém também. Você não é melhor que eu. Você manteve o Talavera de reserva.”

“Eu acho que você só veio aqui porque ouviu dizer que ele tinha vindo pra cá”, ela disse.

“Não, eu vim pra te pedir mais uma chance. Ele não faz muita diferença pra mim.”

“Não?”, ela perguntou, com aquela sua palidez quente no rosto. Deu um sorriso momentâneo, pensativa.

“Eu poderia esquecer isso, se você ainda me quisesse.”

“Você ia falar nele toda vez que a gente se desentendesse.”

“Não, não ia.”

“Eu sei que você está se roendo de medo que ele entre aqui e vocês briguem. Mas ele não está aqui, pode ficar tranquilo.”

“Então ele esteve aqui!”

Ela não respondeu. Será que tinha botado o Talavera para correr? Talvez tivesse. Pelo menos eu não precisava mais sentir aquele misto de aflição e esperança. Porque claro que eu estava com medo. Mas também tinha

esperança de conseguir matá-lo. Ia tentar, pelo menos. Já havia imaginado tudo. Via, na minha cabeça, Talavera tentar me esfaquear.

“Você não pode me amar imaginando que eu estou com outro homem”, disse ela. “Deve estar com vontade de matar nós dois. Deve estar louco pra que ele despenque do pico de uma montanha bem alta e pra me ver dentro de um caixão, no meu enterro.”

Fiquei calado e, enquanto ela olhava fixamente para mim, que estranha visão eu tive dela naquele quarto hispânico mofado, o sol tropical entrando pelas frestas da persiana — a decadência na cidade, a grave grade de ferro na ladeira, pontuda e retorcida, bolhas de buganvílias sangrentas, púrpuras e tuberculares nas paredes, trepadeiras de um verde berrante, e as bocarras e testas das montanhas suplicando ou cantando; e ainda a bagunça do quarto em si, os trapos e roupas caras que Thea usava igualmente, conforme calhassem de estar à mão, lenços de papel ou roupas íntimas de seda, vestidos, câmeras, cosméticos. Ela fazia as coisas rápido, torcendo para que as estivesse fazendo direito. Evidentemente, não acreditou no que eu disse que tinha ido fazer ali. Não acreditou porque não sentiu, e não sentiu porque a conexão entre nós tinha se partido.

“Você não precisa resolver isso agora, Thea.”

“É, imagino que não. Pode ser que eu mude de ideia com relação a você mais tarde, mas eu não acredito que isso vá acontecer. No momento, não quero saber de você. Principalmente quando penso em como você se comporta com outras pessoas. Eu te desejo tudo de ruim que possa me vir à cabeça. Queria que você estivesse morto.”

“E eu ainda te amo”, falei. E isso devia estar evidente, pois eu não estava mentindo. Fiquei ali parado, tremendo. Mas ela não disse nada.

“Você não gostaria que as coisas voltassem a ser como eram antes?”, perguntei. “Eu acho que conseguiria acertar dessa vez.”

“Como é que você pode saber se vai conseguir ou não?”

“Bom, a maioria das pessoas provavelmente está nas mesmas condições que eu. Mas tem que haver algum jeito de aprender a agir melhor.”

“*Tem que haver?*”, disse ela. “É, imagino que você pense que sim.”

“Claro. Como é que eu poderia ter esperança se não pensasse? Como eu ia saber o que querer? Como você sabia?”

“O que você quer provar falando de mim e do que eu sei ou deixo de saber?” Em voz baixa, ela disse: “Eu já me enganei muitas vezes, mais do que quero discutir com você.” Mudou de assunto. “O Jacinto me mandou um bilhete contando o que você fez com as cobras. Se você estivesse por perto quando recebi o recado, eu teria te estrangulado.”

No entanto, senti que aquela era uma ofensa minha que não a havia desagradado de todo. Tive a impressão de ver um leve sorriso de admiração pelo que eu havia feito. Mas não pude extrair muita esperança disso, pois esboços de sorrisos, alheamento, obstinação e vontade de machucar se alternavam rapidamente no seu enevoado nervosismo pálido, e percebi que ela não estava conseguindo montar o quebra-cabeça dos seus sentimentos com relação a mim. Eu não iria receber uma resposta. Nunca. Não havia mais conexão entre nós.

Num aquário sem água coberto com um tapete de palha, vi uma criatura inchada e cheia de escamas, verrugosa feito um pepino em conserva, cinza, com barbelas magras e cinzentas e garras irrequietas, respirando sobre a barriga.

“Você começou uma nova coleção”, falei.

“Eu peguei esse ontem. Foi o bicho mais interessante que encontrei até agora. Mas eu não vou ficar aqui. Estou indo pra Acapulco, pra pegar um avião de lá pra Vera Cruz, e depois vou pra Yucatán. Vou tentar ver uns flamingos raros que migraram da Flórida pra lá.”

“Posso ir com você?”

“Não.”

E assim foi nosso reencontro. Não aconteceu nada do que eu tinha imaginado.

20.

De volta a Acatla, fiquei à toa de novo. Tinha esperança, apesar de tudo, de receber alguma mensagem de Thea e, embora fosse inútil, volta e meia passava no correio. Depois de não receber mensagem nenhuma, em geral eu ia tomar uma talagada de tequila seguida de algumas canecas de cerveja. Não jogava mais pôquer no restaurante de Louie nem via mais ninguém da antiga patota. Jepson foi preso por vadiagem e mandado de novo para os Estados Unidos e, então, a ex-mulher de Iggy o quis de volta. A filhinha deles sabia de tudo o que estava se passando e, quando os via andando na rua, eu sentia o quanto ela já era astuta, naquela idade, e ficava com pena dela.

Então, em algumas daquelas tardes douradas, sentado num banco de botequim, de calça amarrotada, camisa suja e barba de três dias por fazer, eu tinha vontade de me levantar e dizer: “Ó criaturas que ainda estão acima da terra, o que vocês estão tramando?! Até a felicidade e a beleza são como um filme”. Sentia lágrimas me virem aos olhos muitas vezes. Ou me enchia de raiva de novo e queria gritar. Mas, enquanto nenhuma outra criatura é repreendida pelo barulho que faz, por urrar, rugir, berrar, grasnar ou zurrar, da espécie humana se espera uma forma mais delicada de obter alívio. Mesmo assim, eu subia uma das estradas das montanhas — onde só um ou outro índio de vez em quando me ouvia e não dizia o que pensava a respeito — e falava em voz alta o que estava sentindo ou berrava, e isso fazia com que me sentisse melhor por algum tempo.

Durante alguns dias, tive um companheiro, um russo que havia sido deixado para trás pelo coro cossaco depois de uma briga. Ele ainda continuava usando sua túnica de sarja com rolotê branco e vários lugares para guardar balas. Era muito arrogante e nervoso; roía as unhas. Não tinha um único fio de cabelo no alto da cabeça, e sua careca lançava uma espécie de luz suave sobre a elegante solenidade do seu rosto, sempre muito bem barbeado. Seu nariz era reto, sua boca se comprimia com leve rancor e suas sobrancelhas eram pretas, contínuas e ilustres. Raios me partam se ele não era igualzinho a um retrato do poeta D'Annunzio que vi uma vez.

Ele bebia, não tinha um tostão furado e logo, logo seria preso também, como Jepson. Eu já não tinha mais quase dinheiro nenhum, mas comprava uma garrafa de tequila de vez em quando e, então, ele se grudava a mim.

Bem, o que eu sentia com relação a ele era mais ou menos o que sentia pela filhinha de Iggy, com pena dela pelo que tinha de entender. No início fiquei um pouco contrariado de tê-lo como companheiro, mas depois passei a gostar mais dele. E como sentia necessidade de falar sobre Thea com alguém, acabei confessando tudo a ele. Conteí a história inteira. Achei que ele fosse se solidarizar comigo. As várias marcas profundas que ele trazia na testa, como divisas por tempo de alistamento na dor, foram o que me fizeram pensar assim.

“Então você vê como tem sido duro”, eu disse. “A coisa não tem sido fácil pra mim. Estou sofrendo muito. Boa parte do tempo eu me sinto semimorto.”

“Você ainda não viu nada”, ele respondeu.

Isso me deixou de saco cheio dele. Numa torrente desenfreada, eu lhe disse: “Como assim, seu cretino metido a besta?”. A vontade que eu tinha era de lhe dar um murro na cara; estava bêbado o bastante para isso. “O que é que você está querendo dizer com isso, seu tampinha de uma figa? Cossaco de meia-tigela! Depois de tudo que eu te falei sobre como estou me sentindo...”

Mas ele queria chamar a atenção para como *ele* estava se sentindo. Ele com sua cabeça pelada, seu nariz vermelho e sua boca rancorosa. Mas não era um mau sujeito, apesar de tudo. Na verdade, era natural que quisesse falar de si. Também tinha uma vida, afinal. Ficava lá sentado num desânimo só. Cheirava igual a um antigo talco para os pés que a gente usou lá em casa uma época. Mas era simpático mesmo assim.

“Tem razão, amigo”, eu disse. “Você está passando uns maus bocados realmente. Talvez nunca mais volte a ver Harbin, ou seja lá qual for o lugar de onde você veio.”

“Harbin, não. Paris”, disse ele.

“Está bom, infeliz. Que seja Paris, então.”

“Eu tinha um tio em Moscou que se vestia de mulher e ia pra igreja”, contou. “Ele assustava todo mundo porque era barbudo e parecia muito bravo. Um dia, um policial disse pra ele: ‘O senhor me parece um homem, não uma mulher’. E aí ele respondeu: ‘Sabe, o senhor me parece uma mulher, não um homem’. E foi embora. Todo mundo tinha medo dele.”

“Muito interessante a sua história, mas como é que isso mostra que eu ainda não vi nada?”

“O que eu quero dizer é que você sofreu uma decepção no amor, mas não faz ideia da quantidade de coisas com que uma pessoa pode se decepcionar além do amor. Você tem sorte de ainda estar decepcionado no amor. Mais tarde pode ser mais terrível ainda. Você não acha que o meu tio só podia estar desesperado pra entrar naquela igreja escura e assustar todo mundo? Ele tinha que usar os poderes dele. Sentia que só tinha mais alguns poucos anos de vida.”

Fingi não entender, porque me convinha insinuar que ele era ridículo, mas eu sabia muito bem o que ele estava tentando dizer. Não que o fato de a vida terminar seja tão terrível em si, mas que ela termine com tantas decepções em coisas essenciais. Isso é fato.

Por fim, tive de parar de andar com ele. Ele começou a aliciar clientes para Negra, a cafetina do *foco rojo*, e eu decidi tomar uma atitude. Vendi

para Louie Fu meus equipamentos sofisticados, como as botas de montaria e a jaqueta capaz de salvar sua vida no lago Huron, e com os pesos que consegui com a venda fui para a Cidade do México. Desisti de esperar que Thea me perdoasse. Foi muito triste me hospedar no La Regina sem ela. O gerente e as camareiras se lembravam dela e da águia e viram que eu tinha decaído na vida; não tinha mais caminhonete, nem malas, nem animal selvagem, nem namorada com quem comer manga na cama, nem nada. Os casais que iam ao bordel faziam barulho à noite, quando aquilo não era lugar para alguém na minha situação. Mas era barato e, então, eu tapava os ouvidos.

Fui até a agência da Wells Fargo, mas Stella não tinha mandado dinheiro nenhum. No entanto, eu tinha o telefone de Sylvester em Coyoacán e poderia ligar para ele se ficasse duro. Primeiro, resolvi tentar o primo de Manny Padilla. Ele não se parecia nem um pouco com Manny; era magricela, de pele vermelha, sorridente e fominha, um homem que gostava de dinheiro. Queria ser meu guia na cidade, mas Thea já tinha me mostrado tudo; depois, quis me apresentar à literatura de língua espanhola e, por fim, me passou uma conversa para que eu lhe desse dinheiro. Disse que era para me comprar uma manta, mas nunca mais apareceu.

Meu corpo chegava a doer de tanta falta que eu sentia de Thea, embora soubesse que àquela altura ela estava absolutamente fora do meu alcance pela dificuldade que sua maneira de pensar criava e pela peculiaridade do meu próprio caráter. Então, eu vagava pela cidade, pensando e repensando nas coisas. Ficava vendo os *mariachis*, os violinistas coxos tocando sua música da morte, os vendedores de flores e as abelhas se alimentando das balas das bancas de doces. Em qualquer direção que se virasse, você deparava com a neve de algum dos vulcões e com a montanha inteira como que flutuando. Nessa época, eu só olhava para o espelho quando não podia evitar, pois estava abatido e doente. Uma vez, cheguei a pensar que, se a Morte aparecesse, batesse no meu ombro e perguntasse “Pronto?”, eu pensaria alguns instantes e responderia: “Estou”. Então, de certa forma eu

morri um pouco, e se havia uma coisa que eu sabia àquela altura era como é impossível viver sem algo que seja infinitamente poderoso e magnífico. Por outro lado, a cidade era linda — até a torpeza, a miséria e a sujeira eram de encher os olhos —, fazia calor e isso me ajudava a ir levando. Meu coração reclamava e eu me sentia doente, mas não estava o tempo todo no mais absoluto desespero.

Por fim, entrei em contato com Sylvester. Ele veio me ver e me emprestou algum dinheiro. Ficou meio caladão a princípio. Entendi que fosse porque ele não podia falar sobre política e coisas confidenciais.

“Você está parecendo desnutrido e maltrapilho”, disse. “Se eu não te conhecesse, ia achar que você é um desses vagabundos pan-americanos. Você precisa se lavar.”

Eu me sentia como um objeto que Calígula tivesse deixado cair de uns trezentos metros de altura no chão. O ar gritava. As cores eram como as cores de Jerusalém. No entanto, apesar de levantar atordoado, eu queria ser firme. Vai, levanta, firmeza! Anda logo com isso! Não é uma ordem fácil de se cumprir. Sylvester percebeu que eu queria me reconstruir e não me entregar à ruína. Deu aquele seu sorriso com pequenas linhas escuras, sempre se divertindo comigo.

“Eu ando numa maré de azar danada, Sylvester”, falei.

“É, estou vendo. Bom, você quer ficar por aqui até a sua sorte mudar ou quer voltar pra Chicago?”

“O que você acha melhor? Eu não sei o que devo fazer.”

“Fica por aqui. Tem um simpatizante que pode te hospedar por uns tempos, se o Frazer pedir pra ele.”

“Isso seria ótimo. Eu ficaria muito grato, Sylvester. Quem é esse simpatizante?”

“É um amigo de longa data do velho. Ele poderia te hospedar. Eu não gosto da ideia de você andando por aí nesse estado em que você está.”

“Puxa, obrigado, Sylvester. Obrigado.”

Mais tarde, então, Frazer veio e me levou para ser apresentado ao simpaticante, cujo nome era Paslavitch. Ele era um iugoslavo amável, que morava numa pequena casa de campo em Coyoacán. Ao lado da boca, ele tinha pregas fundas, dentro das quais nasciam pequenos pelos reluzentes, como o geodo ou maravilha do mundo das rochas é cheio de pequenos cristais. Era um tipo de pessoa muito original. Sua cabeça tinha o formato de uma cebola e seu cabelo estava cortado bem curto. No jardim, onde ele estava quando nos conhecemos, seu cocuruto exalava ondas trêmulas de calor.

“Você é muito bem-vindo”, disse ele. “Eu gosto de ter companhia. Será que você não pode me dar aulas de inglês?”

“Claro que ele pode”, disse Frazer. A aparência dele também tinha mudado. Eu nunca entendi tão bem por que Mimi o havia chamado de “pregador”. Com o franzido da reflexão entre os olhos, ele de fato parecia um pastor. E também um oficial do Exército Confederado. Dava a impressão de estar com a cabeça cheia de graves considerações e preocupado com coisas superiores.

Frazer me deixou com Paslavitch, então, e por algum motivo eu tive a impressão de que estava sendo posto de reserva, como se ele estivesse me guardando ali para me usar depois, mas eu estava cansado e não liguei muito para o que ele pudesse ter em mente. Paslavitch me mostrou a casa e o jardim. Fiquei observando os pássaros, os engaiolados e os livres, os beija-flores nas plantas e o aplauso espinhento dos cactos. Deitados na grama ou de pé ao longo da trilha, deuses mexicanos se apertavam ou agarravam e refrescavam seus dentes e línguas quentes no ar azul.

Paslavitch era um homem gentil, preocupado, suave e teimoso, que cobria o México para a imprensa iugoslava. Considerava-se um bolchevique e um velho revolucionário, mas era o tipo *lacrimae rerum*^a mais rematado que já vi; tudo estava sempre o comovendo, e ele derramava lágrimas como um pinheiro verte goma. Tocava Chopin no piano e, quando executou uma determinada marcha, me falou: “Frédéric

Chopin compôs essa música durante uma tempestade, quando estava em Maiorca com a George Sand. Ela estava num barco no Mediterrâneo. Quando ela chegou, ele disse: ‘Eu pensei que você tivesse se afogado!’”. Apertando os pedais com seus sapatos mexicanos, ele fazia lembrar um ator representando Nero numa tragédia. Acima de tudo, Paslavitch era apaixonado pela cultura francesa e tinha uma enorme vontade de me ensinar. Na verdade, era obcecado por aprender e ensinar coisas e vivia dizendo: “Me ensina alguma coisa sobre Chicago”, “Me ensina sobre o general Ulysses S. Grant. Eu vou te ensinar também. Eu vou te ensinar sobre a omelete de presunto de Fontenelle. Vamos fazer uma troca”.

Ele era muito ávido. “Numa sexta-feira, Fontenelle queria comer uma omelete de presunto, mas aí veio uma tempestade horrível, com raios e trovões. Então, ele jogou a omelete pela janela e disse pra Deus: ‘*Seigneur! Tant de bruit pour une omelette*’.” Podia ser revelador. Ele se balançava para a frente e para trás, de olhos fechados, pronunciando as palavras cuidadosamente. Ou me dizia: “O Luís XIII adorava brincar de barbeiro e barbeava os cavalheiros da sua corte quer eles quisessem ou não. Também gostava de imitar as agonias dos moribundos e fazia caretas. Além disso, passava a noite de núpcias na mesma cama que jovens casais e foi a última expressão da degeneração feudal”.

Talvez tenha sido, mas Paslavitch o amava porque ele era francês. Depois do jantar, eu não podia me recolher porque Paslavitch ficava me falando das conversas entre Voltaire e Frederico, o Grande, entre La Rochefoucauld e a duquesa de Longueville, entre Diderot e uma jovem atriz, entre Chamfort e sei lá quem. Eu gostava de Paslavitch, mas às vezes não era fácil ser seu hóspede. Eu também tinha de jogar sinuca com ele num clube na calle de Uruguay. E beber com ele, quando lhe dava vontade de beber. Eu não queria beber à tarde porque isso me fazia lembrar demais dos porres de tequila que eu tinha tomado em Acatla. Mas nós nos sentávamos e acabávamos dando cabo de algumas garrafas de vinho. Os raios acobreados do sol passavam por entre as árvores como mil

pestanas de alce macias; o jardim era verde e a silhueta de mulher do vulcão dormia na neve. Eu era um hóspede e hóspedes têm de acompanhar os anfitriões. Pagava minha estadia lhe ensinando sobre as principais ligas de beisebol e outras coisas assim.

Enquanto isso, ia recuperando um pouco minha saúde, e então Frazer apareceu por lá um dia e revelou o que vinha guardando para mim.

“Você sabe que a GPU^b quer liquidar o velho, não sabe?”, disse Frazer.

Eu sabia. Tinha lido nos jornais a respeito do ataque a metralhadas à casa de Trotski, e Paslavitch havia me contado vários outros detalhes.

“Bom”, Frazer continuou, “um homem chamado Mink, que é o chefe da polícia russa, veio pro México pra assumir o comando da campanha contra o velho.”

“Que horror! O que vocês podem fazer pra dar proteção a ele?”

“Bom, a casa está sendo fortificada, e nós temos um guarda-costas. Só que a fortificação ainda não está pronta. Os guardas não são suficientes pra dar conta do serviço. O Stálin está determinado a eliminar o velho porque ele é a consciência do mundo revolucionário.”

“Por que é que você está me dizendo essas coisas, Frazer?”

“É o seguinte. Há um plano sendo discutido. Talvez o velho tente despistar a GPU viajando incógnito pelo país.”

“Como assim, incógnito?”

“Olha, March, isso que eu vou te contar é confidencial. A ideia é que ele raspe a barba e o bigode, corte o cabelo e se finja de turista.”

Bem, eu achei aquela ideia um bocado estapafúrdia. Como se Gandhi tivesse de sair por aí de sobrecasaca. Era absurdo que aquele homem antes tão poderoso e imponente tivesse de se modificar e se humilhar. Por alguma razão, embora eu já tivesse visto e enfrentado muitas situações difíceis, aquilo me chocou muito.

“De quem foi a ideia?”, perguntei.

“É uma coisa que foi discutida”, disse Frazer, com seu jeito de revolucionário profissional, querendo dizer que não era da minha conta.

“Eu confio em você, March, ou não teria te indicado pra participar disso.”

“Participar como? Onde é que eu entro nisso?”

“Se o velho vai viajar incógnito como um turista que veio conhecer o México, ele vai precisar de um sobrinho dos Estados Unidos.”

“Eu, você quer dizer?”

“Você e uma camarada, como marido e mulher. Você faria isso?”

Eu me vi dirigindo um carro ao redor do México com aquele grande homem, seguido por agentes secretos. Estava me sentindo exaurido demais para assumir aquela responsabilidade.

“Mas não iria haver sem-vergonhice com a camarada”, disse Frazer.

“Eu não estou nem entendendo o que você quer dizer. Ainda estou tentando me recuperar dos estragos de um caso de amor.”

Por favor, Deus!, pensei, não deixe que eu seja tragado por mais uma daquelas grandes correntes em que eu não posso ser eu mesmo. Naturalmente eu queria ajudar, e salvamentos e riscos me atraíam. Mas eu não estava me sentindo nem um pouco preparado para aquilo, para andar para cima e para baixo pelas montanhas do México, atravessando aquele bazar de paisagens vermelhas e zozas de ver tanta morte e ouvir tanto barulho.

“Eu estou te dizendo isso porque o velho é muito casto.”

Frazer falou como se ele também fosse muito casto. Conta essa pra outro!, pensei.

“De qualquer forma, ele não vai topa”, falei. “Essa ideia é completamente maluca.”

“Isso quem tem que decidir são as pessoas que estão cuidando da segurança dele.”

Mas eu achava que a aparência dele era sua marca registrada. A cabeça dele era sua marca registrada. Em vez de modificá-la, talvez ele preferisse deixar que a arrancassem exatamente do jeito que estava para o martírio. Mais ou menos como são João e Herodes. E eu tive de parar e me perguntar o que eu pensava sobre o martírio. Lá na Rússia estava o inimigo

dele, que não se importaria de lhe fazer esse favor. Ele o mataria. A morte desacredita. A sobrevivência é que é o verdadeiro sucesso. A voz dos mortos desaparece. Não há memória. O poder que está estabelecido enche a terra, e o destino é o que quer que sobreviva; então, o que quer que exista está certo. Foi isso que me passou pela cabeça.

“Você teria que andar armado. Isso te assusta?”

“A mim? Claro que não”, respondi. “Não essa parte da coisa.”

Pensei com meus botões que eu devia ter buracos na cabeça feito um corredor de macarrão para não recusar aquela proposta. Será que eu estava tão lisonjeado assim pela chance de estar com aquele gigantesco personagem histórico, correndo pelas montanhas? O carro iria andar numa velocidade louca. Os animais selvagens fugiriam. A terrível terra giraria. E ele não me revelaria o que pensa sobre as nações e o destino. O mundo perdido chamaria por nós com voz sussurrante, e atrás de nós estaria um time de assassinos internacionais, seguindo nosso rastro e esperando a chance de agir.

“Às vezes eu me pergunto”, comentei, “se as pessoas que vão dizer a verdade não deveriam antes se assegurar de que vão poder se defender.”

“Esse não é um bom ponto de vista”, disse Frazer.

“Não? Bom, talvez não seja. Foi só uma ideia.”

“Você topa?”

“Você acha que eu sou a pessoa certa pra isso?”

“Nós precisamos de alguém que pareça muito americano.”

“Eu acho que poderia dedicar um tempo a isso”, falei, “se não demorar demais.”

“Vão ser só algumas semanas, é só pra despistar o Mink e os homens dele.”

Frazer foi embora e eu fui me sentar no jardim, onde a grama fazia cócegas nos lagartos e os pássaros enchiam os muros quentes de cor. Deitados ou de pé, os deuses persistiam nas suas cinzentas ilustrações vulcânicas do que são as forças da vida. Paslavitch tocava Chopin no andar

de cima. O que pensei, então, foi que nada era mais terrível do que ser forçado por outra pessoa a sentir sua convicção de como é horrível existir, como é fatal ter esperança, e a provar o mesmo desespero. Que, de todas as imposições, essa era a pior que havia. Não só ser o que eles fazem de você, mas sentir o que eles mandam. Se não tivesse as alianças mais fortes, você certamente acabaria se desesperando e sua boca beberia sangue.

Paslavitch veio para a varanda com seu roupão azul e perguntou docilmente se eu queria uma bebida.

“Quero”, respondi. Estava muito preocupado com o plano todo.

Mas o plano acabou ruindo e, quando isso aconteceu, fiquei muito aliviado. Andava numa aflição tremenda por causa do projeto e perdia o sono sonhando que iríamos fugir de uma cidade a outra até ir parar em Jalisco e nos desertos. Mas o velho vetou a coisa. Eu queria mandar uma carta a ele dizendo o quanto eu o achava inteligente, mas achei que não seria certo eu discutir segredos da sua atividade política. Ele certamente devia ter dado um berro quando lhe propuseram aquele plano.

Enfim, senti naquele momento que o efeito do México sobre mim não estava sendo bom, que eu não estava mais conseguindo resistir contra ele e que era melhor voltar para os Estados Unidos. Paslavitch me emprestou duzentos pesos e eu comprei uma passagem para Chicago. Ele ficou muito mexido com minha partida e me disse várias vezes em francês que sentiria saudades de mim. E eu também sentiria dele, com toda a certeza. Ele era um sujeito muito bacana. Você não encontra muitos como ele por aí.

a Literalmente, “lágrimas das coisas”, ou a tristeza das coisas; da *Eneida* de Virgílio. (N. T.)

b Sigla pela qual era conhecida a polícia secreta soviética entre os anos de 1922 e 1934. (N. T.)

21.

No caminho de volta do México para Chicago, desci em East St. Louis e, de lá, fiz uma pequena excursão ou peregrinação até Pinckneyville para visitar meu irmão George, a quem eu não via fazia muitos anos. Ele já estava adulto, um homenzarrão inseguro em seus passos. Olheiras amarronzadas na sua pele clara mostravam que, ao seu próprio modo, ele também travava a batalha que todos travamos se concordamos em viver. Como se, quando chegava o momento, deixássemos a companhia de quem quer que estivesse conosco e fôssemos reservadamente sair no braço com nosso antagonista eleito no seu esconderijo secreto, dentro de uma montanha ou num enorme celeiro debaixo da terra. Com George era assim também.

No entanto, ele era um homem de boa aparência, da mesma forma que tinha sido uma criança bonita. Como antes, sua camisa ainda fazia um papo nas costas naquele estilo absurdo e seu cabelo ainda crescia feito o ouriço da castanha, marrom, dourado e basto. Senti uma espécie de orgulho dele, por enfrentar sua sina com dignidade. Tinham lhe ensinado o ofício de sapateiro. Ele não era capaz de manejar uma daquelas máquinas que se veem sacolejando debaixo de seus para-lamas em lojas de conserto de sapato, com seus discos rangentes e escovas circulares, nem de costurar sapatos a mão, mas sabia pôr saltos e solas muito bem. Seu local de trabalho era o subsolo, debaixo da varanda. Era uma varanda ampla, pois o lugar ficava afastado o bastante dos grandes centros para ser

considerado do interior, e as construções eram grandes, brancas, de madeira. Trepadeiras coloriam de verde a janela estreita e empoeirada em frente à qual ele trabalhava. Eu o vi debruçado atrás da última janela, tirando pregos da boca e martelando-os no couro.

“George!”, chamei, olhando para o homem em que ele tinha se transformado. Ele me reconheceu na mesma hora, levantou, feliz, e disse, exatamente como nos velhos tempos: “Oi, Aug! Oi, Aug!”, com sua voz nasalada. Essa repetição de duas palavras, se continuasse por muito tempo, geralmente acabava fazendo com que ele desandasse a gritar. Assim, fui até ele, já que ele não fez menção de vir até mim. “Então, como é que está, rapaz?”, perguntei. Puxei-o para perto de mim com um braço e pus a cabeça no seu ombro. Ele usava uma camisa azul de botão; estava grande, branco e limpo, a não ser nas mãos. No seu rosto imaturo, os olhos, o nariz e a boca pequena continuavam a ser como sempre tinham sido, simples. Eu estava comovido por ele ter ficado tão feliz em me ver, sem ter como saber o quanto poderia me culpar por negligência.

Como ninguém vinha visitá-lo fazia três ou quatro anos, o pessoal da instituição abriu uma exceção e deixou que eu passasse o dia todo com ele.

“Do que é que você se lembra, Georgie?”, perguntei. “Lembra da vovó, da mamãe, do Simon, da Winnie?” Com seu sorriso pequeno, ele repetiu todos os nomes, como na musiquinha que costumava cantar quando trotava com a cadela ao longo da cerca de arame farpado, dizendo que todo mundo amava mamãe. Dentro da sua boca molhada, seus dentes estavam brancos e bonitos, embora os caninos fossem muito pontudos. Segurei-o pela mão, que agora era maior que a minha, e fomos dar uma volta pelo terreno.

Era início de maio e as folhas dos carvalhos já tinham brotado por completo e estavam escuras e saudáveis; as longas lâminas dos dentes-de-leão estavam igualmente viçosas e um ar morno com cheiro de terra úmida nos cercava. Andamos ao longo do muro, que a princípio era apenas um muro para mim. Mas, de repente, me veio à cabeça a ideia perturbadora de

que George era um prisioneiro e nunca saía dali, coitado. Então, sem pedir permissão, eu o levei para o lado de fora. Ele ficou olhando para os seus pés no chão desconhecido para ver aonde eles estavam indo, pois estava assustado. Numa loja de beira de estrada, comprei-lhe um pacote de biscoitos de chocolate com marshmallow. Ele aceitou os biscoitos mas não comeu, enfiando o pacote no bolso. Seus olhos agora se moviam de um lado para o outro de um jeito aflito, e então eu disse: “Fica tranquilo, George, nós já vamos voltar pra lá”. Isso o acalmou.

Quando ouviu o toque do sino do almoço — que era como o do sino da igreja da cidade dos ratos num zoológico para crianças —, treinado para atendê-lo imediatamente, George saiu andando em direção ao enorme refeitório verde e me deixou lá. Tive de ir atrás dele. Pegou sua bandeja e, junto com os outros desconectados, que raspavam seus pratos de metal e enchiam a boca, balançando suas cabeças desmioladas, sem falar nem observar nada, nós nos sentamos e comemos.

Deve ser simples como as listras da capa de um travesseiro traçar planos para cuidar de criaturas assim, vesti-las, alimentá-las, botá-las em seu dormitório. Provavelmente não há nada de complicado nisso.

Durante o resto da viagem, fiquei pensando que deveríamos fazer alguma coisa por Georgie, que não podíamos deixar que passasse a vida inteira daquele jeito; pensei também na rapidez com que nos agarrávamos à desculpa de lidar de maneira prática com elementos como delinquentes, órfãos, aleijados, débeis mentais e velhos. E decidi que, depois de visitar mamãe, ia procurar Simon e conversar com ele a respeito de Georgie. Não tinha nada específico para propor. Mas disse a mim mesmo que Simon tinha dinheiro e, portanto, devia saber o que o dinheiro podia fazer. E de qualquer forma, como estava voltando para Chicago, pensei em Simon. Queria vê-lo.

Fui de uma instituição direto para a outra em Chicago. Mas os dois lugares eram muito diferentes. Mamãe não estava mais logo em frente à cozinha, mas instalada num quarto que era quase um apartamento, com

um tapete de boa qualidade no chão e cortinas na janela. Eu tinha telefonado para avisar que ia visitá-la, e ela estava esperando por mim na frente do prédio, apoiada na sua bengala branca. Quando ainda estava relativamente longe, falei com ela, para que ela não levasse um susto. Ela virou a cabeça de um lado para o outro tentando me localizar e, com sua voz estridente cheia de dolorosa alegria, chamou meu nome. Detrás da parte de cima da armação dos seus óculos, que eram escuros e opacos, as sobrancelhas do seu rosto comprido e rosado se levantaram, como se ela estivesse tentando usar os olhos também. Quando cheguei perto, ela me beijou e sussurrou palavras de carinho. Apalpou meu rosto e disse: “Você está magro. Augie, por que é que você está tão magro?”. E então, uma figura longilínea também, quase tão alta quanto eu, ela me levou para o seu quarto pela entrada dos fundos. Um cheiro de peixe cozido subia pela escada; ele penetrou no meu estado de espírito saudoso e me fez sentir o calor da cozinha dos velhos tempos, quando eu sentava perto da minha mãe.

Em cima da cômoda, estavam em exposição todos os postais que eu tinha mandado do México e também fotos de Simon e Charlotte. Para mostrar às pessoas que enxergavam quando viessem ao quarto. Mas, além do supervisor e da mulher dele, que odiava Simon, quem mais vinha ali? Só Anna Coblin, de vez em quando. Ou o próprio Simon. Ele entrava, via como mamãe estava bem instalada no seu quarto burguês e ficava satisfeito. Ela também tinha consciência de que estava sendo tratada de forma satisfatória. Tinha um bracelete de prata no pulso, sapatos de salto alto nos pés e um rádio com um grande zigue-zague de cromo atravessando o alto-falante. Na verdade, quando botou seu melhor vestido preto de Odessa na Casa de Repouso Nelson, vovó Lausch não havia chegado nem perto do estilo com que mamãe estava vivendo ali. Para se ver como os irmãos Lausch tinham decepcionado a velha, sendo incapazes de dar valor ao berço e sem qualquer senso dos padrões. Contudo, não era uma tarefa leve para mamãe ter de viver à altura do que Simon e Charlotte

estavam fazendo por ela. Na verdade, Simon era até mais difícil do que Charlotte, pelo que pude entender. Ele era muito exigente e meticuloso. Abria o armário dela e inspecionava todas as suas roupas para ver se estavam lavadas ou se alguma estava faltando. Eu sabia como Simon podia ser quando estava fazendo alguma coisa para o seu bem; ele era capaz de armar verdadeiros escarcéus.

Mas talvez aquele cheiro picante e suntuoso de molho de peixe que pertencia ao passado estivesse me fazendo ser muito crítico do momento presente, exagerando as dificuldades de mamãe e imaginando que o tapete e as cortinas estivessem ali apenas para dourar uma jaula. Sendo uma mulher cega e quase idosa, ela tinha de morar num quarto, algum quarto, e portanto por que não num quarto confortável? Além disso, talvez fosse por minha própria culpa que eu estivesse vendo tanto Georgie quanto mamãe como prisioneiros e me sentisse triste pensando que eu estava flinando livremente enquanto eles estavam confinados.

“Augie, vai lá falar com ele”, ela disse. “Não fica com raiva do Simon. Eu disse pra ele que *ele* não devia ficar.”

“Eu vou, mãe, assim que eu encontrar um quarto e começar a ajeitar a minha vida.”

“O que é que você vai fazer?”, ela perguntou.

“Ah... alguma coisa. Espero que alguma coisa interessante.”

“Mas o quê? Você tem um meio de vida, Augie?”

“Como assim, mãe? Eu estou aqui, não estou? Eu *estou* vivendo.”

“Por que é que você está tão magro? Mas as roupas são boas — eu senti o tecido.”

Elas tinham de ser boas. Thea tinha pagado uma nota preta por elas.

“Augie, não demora demais pra ligar pro Simon. Ele quer te ver. Ele me falou pra te dizer isso. Ele fala em você o tempo todo.”

Simon queria me ver de fato. Assim que ouviu minha voz no telefone, ele disse: “Augie! Onde é que você está? Espera aí que eu vou te buscar agora mesmo”.

Telefonei de uma cabine perto da minha nova pensão, que não ficava longe da antiga, no South Side. Simon morava nas cercanias e chegou minutos depois, no seu Cadillac preto, a bela carroceria esmaltada encostando suavemente no meio-fio, o interior brilhoso como uma joia. Ele fez sinal para mim e eu entrei. “Eu tenho que voltar rápido”, falou. “Saí sem camisa; só enfiei o casaco e o chapéu e vim. Bom, me deixa olhar pra você.”

Disse isso mas na verdade nem olhou direito, apesar da pressa com que tinha vindo me ver. Claro que estava dirigindo, mas só o toque das suas mãos bem tratadas nas pedras valiosas do volante — algo como jade — já bastava para dar conta do recado. Aquela máquina praticamente andava sozinha. Achei que ele estava arrependido da briga que tínhamos tido por causa de Lucy e Mimi. Eu não estava mais zangado; queria olhar para a frente. Simon estava mais pesado ainda que antes. O sobretudo leve que estava usando, de botões castanhos, tinha aberto na sua barriga dura e nua. Além disso, seu rosto estava maior, e grosseiro, autocrático. A gordura da cara dele não era clara, como é em alguns rostos. A sra. Klein, mãe de Jimmy, tinha um rosto gordo, quase oriental, mas sua gordura iluminava alguma coisa. No entanto, descobri que não conseguia ser crítico com Simon ao reencontrá-lo depois de um intervalo tão longo. Não importava o que ele tivesse feito ou o que estivesse aprontando naquele momento, no instante em que o vi comecei a amá-lo de novo. Não pude evitar. Era mais forte que eu. Queria que fôssemos irmãos de novo. E por que ele teria vindo correndo me ver se não quisesse a mesma coisa?

Bem, agora ele queria saber dos maus pedaços que eu tinha passado, mas eu não tinha a menor intenção de lhe contar. O que eu tinha ido fazer no México?

“Eu estava apaixonado por uma garota.”

“Estava, é? E o que mais?”

Não falei nada sobre a águia, nem sobre meus fracassos, nem sobre as lições que tinha aprendido. Talvez devesse ter falado. Ele já estava me

criticando de qualquer forma no íntimo, pela minha falta de objetividade e meu sentimentalismo. Então, o que eu tinha a perder contando a ele os fatos? Porém, uma espécie de brio me impediu. Para você ver como o primeiro calor do amor acabou sendo curto. Então ele estava me julgando — e daí? Que julgasse. Por acaso eu não estava arrasado, arranhado, com a cabeça machucada, banguela, frustrado e outras coisas mais? E não poderia ter dito: “Está bom, Simon, aqui estou eu”? Não, o que eu lhe disse foi que tinha ido para o México para resolver uma coisa importante.

Então, ele começou a falar de si mesmo. Tinha feito seu negócio prosperar e o passara adiante com um lucro fabuloso. Como não queria ficar ligado aos Magnus, havia entrado em outros tipos de negócios e tivera muita sorte. Disse: “Eu com certeza tenho o toque de Midas. Afinal, comecei na Depressão, quando tudo supostamente estava perdido e acabado”. Em seguida, contou que tinha comprado o prédio de um antigo hospital num leilão e o transformara num edifício de apartamentos. Seis meses depois, vendeu o edifício e embolsou um lucro líquido de cinquenta mil dólares com a transação. Em seguida, montou uma firma de administração e passou a administrar o edifício para os novos proprietários. Agora, tinha uma grande participação numa mina de cobalto espanhola. Eles vendiam o troço na Turquia ou em algum lugar no Oriente Médio. Tinha também uma concessão de lanchonetes de batata frita em várias estações de trem. Na verdade, nem o próprio Einhorn poderia ter sequer concebido negócios como aqueles, quanto mais tê-los feito dar lucro.

“Qual você acha que é o valor do meu patrimônio agora?”

“Cem mil?”

Ele sorriu. “Solta um pouco mais a sua imaginação”, disse. “Se eu não ficar milionário em breve, tem alguma coisa errada com a minha aritmética.”

Eu fiquei impressionado; quem não ficaria? E ele certamente percebera. Mesmo assim, com seus autocráticos olhos azuis escurecendo, olhou para

mim e perguntou: “Augie, você não se acha superior a mim porque não tem dinheiro, né?”.

A pergunta me fez rir, e talvez eu tenha rido mais do que deveria. Falei: “Que pergunta mais estranha! Como é que eu posso me achar superior? E mesmo que achasse, por que você iria se importar com isso?”. Depois eu disse: “Imagino que seja verdade que as pessoas tentem dar um jeito de parecerem melhores do que as outras que estão por perto. Mas claro que eu também gostaria de ter dinheiro”.

Eu não disse que tinha de ter um destino bom o bastante e que isso vinha primeiro.

Minha resposta o satisfez. “Você está perdendo muito tempo”, ele disse.

“Eu sei.”

“Você tem que parar de embromar. Você não é um garoto. Até o George é alguma coisa, ele é sapateiro.”

Sabe, eu realmente admirava Georgie pelo modo como ele assumia sua sina. Eu gostaria de ter uma sina que fosse mais evidente e que eu pudesse parar com essa minha peregrinação. Eu não me achava melhor que Simon, de forma alguma. Se houvesse uma tranquilidade verdadeira em mim, talvez ele tivesse me invejado. Mas, do jeito que as coisas estavam, o que havia para invejar?

Fisicamente imperioso, com seu elegante sapato pontudo apoiado na capa de borracha do acelerador, Simon ia dirigindo pelas ruas. Aquele carro imponente tinha uma pompa heráldica, era majestoso. E não era verdade que meu irmão parecia um príncipe de Detroit, cheio de força e escuridão? Ora, o que havia de errado nisso, em ser um poder do mundo das máquinas? Não era bom o bastante? E que outra opção seria melhor então? Eu não estava orgulhoso de mim mesmo, pode acreditar, nem da minha teimosia em buscar um destino “elevado” e independente. Eu não era nenhum gênio, certamente, nem posava de nada ilustre, nem me candidatava a enfrentar Apoliom,^a com suas terríveis escamas e patas de urso, nem me propunha a encontrar a resposta para todas as minhas

vergonhas como Jean-Jacques a caminho de Vincennes, tomado de emoção diante da ideia de que a sociedade má é a culpada por tudo o que acontecia com um caloroso, impulsivo e amoroso eu. Eu não tinha nada magnífico desse tipo para alardear, e quem era eu para não me decidir e para ser tão obstinado? A única coisa que eu podia dizer era que, embora quisesse esse destino independente, não era só pelo meu próprio bem que eu o queria.

Ah, mas por que ficar tão sério? A seriedade é só para alguns, um dom ou uma graça, e, embora a vida não seja fácil para ninguém, só os favoritos podem falar disso clara e sobriamente.

“Então, quando é que você vai começar a fazer o que vai fazer da vida?”

“Quem me dera eu soubesse. Mas a impressão que eu tenho é que isso é uma daquelas coisas que você não pode apressar.”

“Bom, as pessoas não confiam em você se não sabem o que você faz, e você não pode culpá-las por isso.”

Ele parou em frente ao prédio onde morava e deixou o Cadillac estacionado em fila tripla na rua para que o porteiro se preocupasse com isso. Subindo rápida e silenciosamente no elevador, chegamos à porta cor de marfim do apartamento dele. Mal havia acabado de abri-la, ele já estava gritando para a empregada, mandando que ela preparasse ovos com presunto imediatamente. Comportava-se como um rei, um Francisco voltando da caçada; inflava, berrava, remexia nas coisas, não exatamente me mostrando os enormes cômodos, mas dominando-os do seu jeito típico. Bem, havia vastos tapetes e luminárias de mesa tão altas quanto bonecas de tamanho natural ou estátuas de santas, paredes inteiras de mogno, gavetas cheias de roupas íntimas e camisas, portas de correr que se abriam revelando prateleiras de sapatos, fileiras de casacos, estojos de luvas, de meias, frascos de água-de-colônia, pequenos porta-joias, luzes delineando os cantos, água esguichando em jatos entrecruzados no compartimento do chuveiro. Simon foi tomar uma chuveirada. Fui sozinho para a sala de estar; lá, notei um vaso de porcelana imenso e, às escondidas, subi numa

cadeira para abrir a tampa e espiar lá dentro, onde vi o avesso branco e côncavo de dragões e pássaros. Os potes de doce estavam cheios — comi algumas balas de coco e alguns doces de damasco com marshmallow enquanto perambulava pela sala, esperando Simon sair do banho. Depois fomos comer, numa elegante mesa redonda com tampo de mármore. As cadeiras eram de couro vermelho. O pé circular de metal que sustentava o mármore era todo trabalhado, com pavões e rostos de criança em relevo. A empregada veio do branco radiante da cozinha trazendo ovos com presunto e café. Simon estendeu sua mão cheia de anéis para testar a temperatura da xícara. Agia feito um lorde Moltocurante italiano, zeloso da qualidade de tudo e exigindo tudo o que achava que merecia.

Eu sabia que tínhamos subido um bocado no elevador, mas não havia reparado para que andar. Depois do café da manhã, quando fiquei vagando pelo apartamento e acabei entrando num dos enormes cômodos acarpetados, escuro como um trem Pullman quando está parado na estação com as persianas fechadas, afastei uma cortina para o lado e vi que estávamos no mínimo no vigésimo andar. Ainda não tinha olhado direito para Chicago desde que voltara. Bem, lá estava ela de novo, estendendo-se a oeste daquela janela, a cidade cinzenta e emaranhada, com suas alças duras e pretas de ferrovia, sua enorme indústria fumegando e lançando trêmulas baforadas no ar, as subidas e descidas de construções ou demolições em diferentes estágios que pareciam mesas geológicas e, sobre elas, os diferentes poderes e subpoderes que se agachavam e observavam feito esfinges. Uma terrível mudez a cobria, como um julgamento que nunca seria pronunciado.

Simon veio à minha procura. Bradou: “Que raios você está fazendo num quarto escuro, meu Deus do céu? Vem, você hoje vai passar o dia comigo”.

Ele queria que eu soubesse como era sua vida. E talvez achasse que eu poderia me deparar com alguma coisa que me atraísse, para o bem do meu futuro. “Mas espera um instante”, disse. “Que roupa de palhaço é essa que

“você está usando? Você não pode aparecer na frente das pessoas vestido desse jeito.”

“Olha, foi uma amiga minha que escolheu pra mim. Sente só o tecido. Não há nada de errado com essa roupa.”

Mas seu rosto estava impaciente; ele puxou o casaco de mim e disse: “Tira a roupa!”. Em seguida, trouxe um terno de flanela cinza para eu vestir, de paletó transpassado, muito elegante e macio. Parecia que eu estava mesmo fadado a viver na miséria com estilo. Da pele para cima, ele me revestiu com roupas íntimas finíssimas, meias de seda, sapatos novos; depois chamou a empregada e mandou que ela providenciasse para que meu terno velho fosse lavado e enviado de volta para mim — ele estava um pouco lustroso nos cotovelos. O resto das minhas roupas, ele mandou que ela jogasse pelo incinerador abaixo. Então, lá foram elas para o fogo. Enxuguei o rosto com um lenço bordado, agora meu, e remexi os dedos dos pés dentro dos sapatos estreitos, tentando me acostumar com eles. Para completar, ele me deu cinquenta pratas. Tentei recusar, mas minha língua achou por bem agir ao seu próprio modo. “Pega logo e para de resmungar”, disse Simon. “Você tem que ter alguma coisa no bolso pra poder usar essa roupa direito.” Ele tinha um grande clipe de ouro para prender seu maço de dinheiro e todas as notas eram novas. “Agora vamos embora. Eu tenho coisas pra fazer no meu escritório e a Charlotte quer que eu a pegue às cinco. Ela está no contador, examinando alguns livros.” Ele ligou para a portaria para pedir o Cadillac, entramos no carro e fomos, sem parar para praticamente nada dentro daquela carapaça reluzente, com o rádio tocando.

No escritório, Simon usava seu chapéu como um membro do parlamento e, enquanto falava ao telefone, seu sapato de couro de jacaré derrubava coisas de cima da mesa. Estava participando de uma transação para comprar macarrão no Brasil e vender em Helsinque. Depois, entabulou a compra de algumas máquinas de mineração fabricadas em Sudbury, Ontário, que eram do interesse de uma companhia indochinesa.

O sobrinho de um ministro apareceu por lá com uma proposta a respeito de materiais à prova d'água. E, depois dele, um sujeito com cara de astuto veio oferecer a Simon tecidos envelhecidos de Muncie, Indiana. Simon comprou. Em seguida, vendeu os tecidos como forro para um fabricante de jaquetas de couro. Tudo isso vociferando ao telefone, xingando e intimidando seus interlocutores, mas isso era só estilo, não raiva, pois ele ria com frequência.

Depois, fomos de carro almoçar no clube do qual ele era sócio, mas chegamos tarde. Já não havia mais serviço no salão de refeições. Simon entrou na cozinha para passar uma descompostura no maître. Vendo uma carne assada numa travessa, partiu um pedaço de pão e passou no molho, cobrindo a carne de migalhas. O maître começou a berrar e Simon gritou de volta, rindo furiosamente na cara dele também: “Por que é que vocês não servem as pessoas então, seu babaca!”.

Por fim, eles acabaram nos servindo, e então Simon deu a impressão de achar que a tarde estava se arrastando.

Fomos para o salão de jogos, onde ele forçou a barra para entrar num jogo de pôquer. Dava para perceber que ele era odiado, mas ninguém se atrevia a enfrentá-lo. “Chega pra lá, Cabeleira!”, ele disse a um sujeito careca, sentando ao lado dele em seguida. “Esse aqui é o meu irmão”, disse, como se estivesse ordenando que eles olhassem para mim, para me verem vestido com aquele suntuoso terno de flanela cinza e de colarinho abotoado. Sentei logo atrás dele, numa poltrona de couro.

Então, volta e meia ele se virava para trás e descrevia diferentes pessoas para mim, fingindo diminuir a voz. “Está vendo aquele sujeito de azul, fumando charuto, Augie? Ele é advogado mas não exerce a profissão, só mantém um escritório pra poder dizer que advoga. Na verdade, ele ganha a vida jogando carta. Se ninguém jogasse com ele, em uma semana ele teria que entrar na fila do salário desemprego. A mulher dele é a mesma coisa. Ela joga em todos os hotéis chiques da cidade. E aquele ali, lá do outro lado, aquele é o Goonie. O pai dele é dono de uma fábrica de salsicha e

ele é aluno de Harvard. Se eu tivesse um filho assim, ia preferir entornar champanhe no pau a mandar um filho da puta desse pra universidade. Ia fazer o infeliz enfiar salsicha no rabo. Ele é solteiro e nunca vai ter filhos na vida, mas gosta de garotinhos. Ano passado, ele tentou pegar um marinheiro na esquina da State com a Lake e o garoto deixou ele de olho roxo. Aquele lá é o Ruby Ruskin — ele é um bom sujeito. Vai visitar o pai pelo menos uma vez por mês na penitenciária de Joliet. O velho levou a culpa pelos dois num caso de incêndio criminoso.”

Os jogadores que não estavam lançando olhares assassinos ou olhando de cara feia pareciam estar prendendo a respiração, e eu achei que Simon certamente iria acabar levando uma surra. Aí ele disse: “Escutem, seus nojentos, eu quero que vocês deem uma boa olhada no meu irmão. Ele é um radical e acabou de voltar do México. Augie, conta pra eles quando é que a revolução vai estourar e eles vão ser atirados no canal do esgoto com pesos amarrados no pescoço”.

Simon ganhou uma bolada — deve ter vencido porque os outros jogadores estavam desconcertados demais para prestar atenção nas cartas — e saiu da mesa se vangloriando.

“Eles podiam ter te linchado”, falei. “Por que é que você quer fazer com que eles te odeiem tanto?”

“Porque eu odeio *eles*. E eu quero que eles saibam. Que me importa se aqueles cretinos me odeiam? Eles são todos uns vermes! Eu desprezo todos eles!”

“Então por que você é do mesmo clube que eles?”

“Por que não? Eu gosto de ser sócio de um clube.”

Ele jogou com a moça da banca de dados em troca de charutos, socando o copo de couro dos dados contra o tabuleiro de feltro verde, e ganhou de novo. Botando alguns Havanas no bolso do meu paletó, disse: “Vamos a uma barbearia. Você está precisando e eu gosto. Nossa, eu adoro barbearias!”. Fomos à barbearia do Palmer House, onde eles tinham aquelas magníficas cadeiras episcopais. Quando terminamos todo o

processo de cortar, barbear, botar toalha quente, vaporizar e polir, já eram cinco horas e, às pressas, entramos no carro e fomos cortando caminho por vielas proibidas ao tráfego até o Loop. Charlotte estava esperando na rua, vestida com seu *tailleur* com gola de pele, carrancudamente elegante e imensa. Estava numa irritação tremenda por ter tido de esperar e começou a falar imediatamente: “Simon, onde é que você estava? Você sabe quanto tempo me deixou aqui plantada?”

“Cala a boca!”, disse ele. “O meu irmão está aqui. Faz dois anos que você não vê ele. Será que você não pode nem dizer oi primeiro, antes de começar a reclamar?”

“Como vai, Augie?”, ela disse, mais vigorosa que afável, virando a cabeça sobre sua gola de pele em direção ao banco de trás. “Você gostou do México?”

“Ah, gostei, gostei muito.”

Ela aparentava estar no auge da moda e, com os traços retos da sobancelha e da boca, teria parecido uma mulher atraente, se não fosse tão evidente o quanto sua carne e sua paciência estavam exauridas. Seus mecanismos para esconder a impaciência não deviam estar funcionando bem. Claro que ela reparou que eu já estava vestido com um dos ternos de Simon. Não que fosse se opor a uma coisa dessas, apenas não deixou escapar. Quando falava com você, ela tinha um jeito ranzinza, mandão e era durona, uma juíza severa, e você um réu. Você tinha de tomar cuidado com o que dizia. Mas, de qualquer forma, ela sempre acabava chegando à conclusão que queria. Com seu *tailleur* com gola de pele, grande e elegante, ela parecia um magistrado de fato, apesar dos lábios pintados e do rímel nos olhos. E eu, eu era como um pirata astuto, um *larron de mer*, só que não era lá muito audaz, na verdade, no que dizia respeito a me defender.

Uma coisa que a incomodava era que, mesmo sem ter onde cair morto, eu parecia perfeitamente à vontade com muitos dos prazeres de que os ricos desfrutavam. Sem ter de pagar por nada nem me preocupar com nada.

Não era verdade, obviamente, mas apenas mais uma daquelas aparências que enganam. Contudo, ela ficava particularmente intrigada com o fato de eu pelo menos não parecer mais nervoso.

No jantar, eu quis falar sobre Georgie com Simon, mas ele disse: “Não me inventa nenhum problema novo. Ele está bem. O que é que você quer?”.

“Por que se preocupar com o seu irmão George quando você mesmo ainda não decidiu o que fazer da vida?”, disse Charlotte. “É muito fácil virar um vagabundo.”

“Cala a boca!”, disse Simon. “Melhor um vagabundo do que marido da sua prima Lucy e genro do seu tio. Deixa o Augie em paz. Um vagabundo é exatamente o que ele não quer ser. O que é que tem se ele levar um pouco mais de tempo pra se estabilizar?”

“Você perdeu um ou dois dentes, não perdeu?”, perguntou Charlotte. “Como foi que isso aconteceu? Você está com uma aparência horrível...” Ela poderia ter continuado, mas a campainha tocou e alguém, que foi recebido pela empregada, atravessou o corredor em direção à sala de estar. Charlotte ficou em silêncio. Mais tarde, dei uma espiada lá para dentro e vi uma enorme figura feminina sentada no escuro. Curioso, entrei para ver quem poderia ser aquela mulher de Brobdingnag.^b Para o meu espanto, era a mãe de Charlotte, a sra. Magnus, sentada ao lado do vaso de porcelana, que não a fazia parecer menor, gigantesco como era. Mesmo no escuro, a cor bonita e saudável da sra. Magnus, seu cabelo trançado, seu nariz calmo e arrebitado e seu tamanho me comoveram.

“Por que é que a senhora está no escuro, senhora Magnus?”, perguntei.

“Porque eu tenho que ficar no escuro”, ela me respondeu simplesmente.

“Mas por que é que a senhora tem que ficar?”

“Porque o meu genro não quer me ver.”

“Mas qual é o problema?”, perguntei a Charlotte e Simon.

“O Simon brigou com ela por causa das roupas baratas que ela usa”, Charlotte explicou.

“Porque”, disse Simon, com raiva, “ela me vem aqui usando vestidos que custam dezenove dólares e cinquenta centavos. Uma mulher que tem meio milhão de dólares! Ela parece o cavalo do trapeiro.”

Por minha causa, Charlotte trouxe a mãe para se sentar à mesa conosco. Estávamos comendo cerejas e tomando café. Charlotte parou de pegar no meu pé, mas Simon em compensação ficou uma fúria com o vestido marrom da sra. Magnus. Tentou ler o jornal e cortá-la do seu campo de visão — não tinha dito uma palavra quando ela veio para a sala de jantar — mas, por fim, disse, e eu pude ver seu lado diabólico naquele momento: “Bom, sua velha unha de fome, eu estou vendo que você continua comprando as suas roupas da mulher do porteiro”.

“Deixa a minha mãe em paz”, disse Charlotte, ríspida.

Mas, de repente, Simon se atirou por cima da mesa, esparramando cerejas e derrubando xícaras de café. Agarrou o vestido da sogra pela gola, enfiou a mão por dentro e rasgou o vestido ao meio até a cintura. A sra. Magnus berrou. Lá estavam seus imensos seios moles embrulhados no sutiã rosa. Que susto tremendo foi, de uma hora para outra, vê-los assim expostos! Ela arfou, cobriu o peito nu com as mãos e virou de costas. No entanto, seus gritos também eram gritos de riso. Como ela amava Simon! E ele sabia disso também.

“Esconde, esconde!”, ele disse, rindo.

“Seu maluco”, bradou Charlotte. Foi correndo com seus sapatos de salto alto buscar um casaco para a mãe e voltou rindo também. Estavam transbordando de orgulho, imagino.

Simon preencheu um cheque e o entregou para a sra. Magnus. “Toma aqui”, disse, “vê se compra uma roupa decente e não me aparece mais aqui que nem uma faxineira.” Em seguida, chegou perto dela e lhe deu um beijo em cada trança. Ela segurou a cabeça dele e lhe retribuiu os beijos em dobro e com um humor incrível.

Fui visitar Einhorn, que estava meio branco e abatido. Sua saúde não andava muito boa. Ele tinha sido internado e feito uma operação de próstata enquanto eu estava fora. Mesmo assim, ainda continuava a ter uma presença forte, tal como nos folhetos de propaganda de seguro, nos recortes de jornal e nas fotografias espalhadas por todo lado. No meio disso tudo, estava pendurado o retrato do Comissário — que homem! Que cabeça magnífica! — com o famoso obituário embaixo! Tillie tinha viajado de férias com o neto e Mildred, que era mais do que nunca amiga de Einhorn, estava no comando. Com seus sólidos sapatos ortopédicos, ela surgiu na barreira do escritório, que tinha sido desmontada do antigo escritório e transplantada para ali. Mildred tinha um jeito de mexer os olhos que convidava você a entrar em guerra com ela. Eu não, obrigado. Seu cabelo estava começando a ficar grisalho. O de Einhorn já estava branco como neve, o que deixava seus olhos mais pretos. Ele viu o terno de paletó transpassado que Simon havia me dado e disse: “Você sem dúvida está indo bem, Augie”. A casa fedia. Os livros despencavam de cima das prateleiras. Os bustos de grandes homens estavam esquecidos lá em cima, perto do teto. As cadeiras de couro preto de rodinhas estavam envelhecendo bem, mas estavam envelhecendo mesmo assim.

Einhorn fez graves acusações contra Mimi Villars, que ele achava que estava arruinando seu filho.

Mimi foi ainda mais dura quando falou de Einhorn e do que ele tinha feito com Arthur. “Eu vou te dizer o que eu acho daquele velho”, disse ela. “Ele é um ótimo empresário de si mesmo, isso é o que ele é. Toda vez que vai ao banheiro, ele quer publicar um artigo sobre isso. Eu sei que todo mundo é vaidoso e que é isso que faz o mundo girar. Talvez não seja nem vaidade. Talvez seja que, mesmo com uma bala no cérebro, você continua pensando no seu belo chapéu. Você continua pensando na festa que te convidaram pra ir no sábado e em outras coisas assim. Mas tem que ter um limite em algum lugar. Se não consegue evitar, você pelo menos devia saber que não é uma coisa boa. Só o que aquele velho quer é que o Arthur

traga reconhecimento e glória pra ele, mas quanto a ajudar o filho de verdade, aí não, aí ele não dá nem um tostão furado. E pais que têm dinheiro e não dão nada pros filhos deviam mais é ficar sem dinheiro nenhum. Deviam ir pra rua pedir esmola. Por mim, eu pegava o velho e botava na esquina da State com a Lake com uma caneca na mão, era isso que eu fazia. E você sabe que o avô deixou tudo pro Arthur. Ele não era bobo de confiar no filho. O Arthur está tentando terminar de escrever um livro. E é um livro maravilhoso. Eu levo fé nele. E você sabe que o Arthur não vai conseguir escrever se tiver que trabalhar.”

Einhorn tinha algum dinheiro realmente, embora Mimi estivesse exagerando sua riqueza. Mas não discuti com ela. Eu mesmo andava meio decepcionado com Einhorn. Desde a época em que voltei de Buffalo e encontrei minha família destruída, quando ele insistiu para que eu fosse duro com Simon, eu já não sentia mais a antiga amizade por ele. E, se você quer saber, como ele e Tillie antes viviam me avisando que eu não deveria esperar nada, que tudo seria para Arthur, eu não consegui deixar de pensar que ninguém tinha sido bom o bastante para eles naquela época e agora eles não eram bons o bastante uns para os outros. Talvez agora fosse minha chance de esnobá-los.

“Claro que eu tenho um emprego bem razoável agora”, disse Mimi, com algo do seu antigo azedume, “mas, no inverno passado, eu peguei uma gripe que me deixou de cama e não pude trabalhar. E, ainda por cima, o Owens nos botou pra fora porque eu não tinha como pagar o aluguel. Quem nos deu abrigo foi uma amiga nossa, que mora na Dorchester. Mas o único lugar que eu e o Arthur tínhamos pra dormir era um sofá. Um sofá pra nós dois, e eu estava gripada. De manhã ele estava tão cansado que, quando a minha amiga ia pro trabalho, ele ia pra cama dela. Então”, continuou, dando aquela risada que costumava dar quando estava falando da comédia universal, “finalmente eu falei pra ele que achava que ele devia tentar arranjar um emprego. Ele disse que ia tentar e, um dia, levantou às oito e voltou às dez. Disse que tinha conseguido um

emprego no departamento de brinquedos da Wieboldt's e que ia saber dos detalhes no dia seguinte. Saiu de casa às nove naquela manhã e voltou às onze. Tinham mostrado o serviço pra ele, mas antes de começar ele queria revisar um capítulo importante sobre Kierkegaard — o que é que eu entendo disso?

“Então, no dia seguinte ele saiu às oito e meia e voltou ao meio-dia, demitido, porque o supervisor da seção falou pra ele pegar um papel do chão e ele disse: ‘Pega você, seu paspalho. Você não está com as costas quebradas nem nada’.

“Aí depois ele pegou a gripe e eu tive que levantar pra dar o sofá pra ele. Mas”, ela ressaltou, “eu amo o Arthur. A vida nunca é chata com ele. Quanto pior a nossa vida fica, mais eu me sinto feliz no amor. E você?”, perguntou, olhando atentamente para mim, vendo como o México tinha me tostado a pele, como as dificuldades e a experiência tinham me envelhecido, como por fim eu tinha sido atirado por Bizcocho nas pedras e sofrido feito um cão sarnento por causa de Thea. Na verdade, do jeito que voltei, eu devia parecer quase um sobrevivente do exército de Crasso depois da batalha no deserto oriental, voltando de rastros do massacre e com a armadura em frangalhos.

Bom, as pessoas bem que tinham me avisado. Padilla, por exemplo, disse: “Santo Deus, March, por que raios você teve que ir pra *lá*, com uma garota como aquela e uma águia ainda por cima! Uma garota que caça cobras e sabe Deus mais o quê! O que é que você esperava? Não é de espantar que você esteja nesse estado. Eu odeio esfregar as coisas na cara das pessoas, mas, sinceramente, você estava pedindo”.

“O que é que eu podia fazer, Manny? Eu estava caído de amor por ela.”

“E o amor por acaso é pra te arruinar? Eu acho que não faz muito sentido você se destruir e destruir a sua vida por amor — ou de que é que ele valeria?”

“Tem razão, mas o problema é que eu não amei a Thea como devia. Eu dei mancada, entende. Eu devia ter sido mais puro e fiel ao amor. Tinha

alguma coisa errada comigo.”

“Amigo velho, deixa eu te dizer uma coisa”, disse Padilla. “Você se culpa demais e a verdadeira razão por que você faz isso não é lá muito boa. Você faz isso por que é ambicioso demais. Você quer demais e aí, se dá mancada, você fica cheio de culpa. Mas isso tudo é sonho. A grande investigação hoje em dia é o quanto um sujeito pode ser *mau*, não o quanto ele pode ser bom. Você não está se mantendo atualizado com os tempos. Você está indo contra a corrente da história. Ou, pelo menos, devia admitir como as coisas estão ruins, coisa que você também não faz. O que você devia fazer era parar de excursionar por aí e voltar pra universidade.”

“É, eu acho que vou fazer isso mesmo. Só que eu ainda estou botando as minhas ideias em ordem.”

“Bota elas em ordem enquanto cursa a universidade, quando voltar pra casa à noite. Você não consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo, não?”

Clem Tambow me disse praticamente a mesma coisa. Ia se formar em breve e parecia muito maduro agora, com seu bigode basto e de charuto na boca. Estava vestido feito um agente de publicidade dos pobres e suas roupas cheiravam a líquido de limpeza e ao odor masculino. “Bom, garoto, estou vendo que você continua igual ao que era quando foi embora”, disse ele. Acontece que Clem e eu gostávamos muito um do outro; ele era um sujeito fantástico, de bom coração, sal da terra mesmo, sempre pronto a se solidarizar e compreensivo com o drama geral humano. Mas, na sua maneira de ver, eu tinha ido para a farra com uma mulher rica e, se havia passado maus pedaços, tinha feito por onde. Foi isso que ele quis dizer, pois eu não estava de forma alguma igual ao que era quando fui.

“Como é que vai a sua campanha em busca de um destino que valha a pena, Augie?”, perguntou Clem, pois ele sabia muita coisa a meu respeito. Ah, por que é que ele tinha de caçar tanto de mim! Eu só estava tentando acertar na vida, e tinha quebrado a cabeça, perdido dentes e sofrido desilusões no meu avanço, um soldado em campanha para lá de desastrado. Meu Deus, que magnífico perseguidor de coisas boas, servo do

amor, abraçador de projetos, recruta de ideias sublimes e farrista! Puxa, era de dar vontade de chorar em qualquer um com um pingo de noção das coisas, sem brincadeira, que ali estava eu tentando me recusar a levar uma vida desiludida. Uma causa e tanto para lágrimas solidárias, mas também, como Clem viu, para boas gargalhadas, como boas piadas geralmente são. Então, eu parecia arrasado, e Clem ria de se escangalhar. Não consegui ficar magoado com ele.

Você sabe por que as pessoas me achavam estranho? Eu acho que era por causa da divisão do trabalho. A especialização estava deixando pessoas como eu para trás. Eu não sabia fazer solda por pontos, não sabia fazer gerenciamento de tráfego, não sabia remover um apêndice nem nada desse tipo. Falei sobre isso com Clem, que era da mesma opinião. Clem não era nenhum inepto. Disse então que estava progredindo no campo da psicologia e que muitas coisas que antes eram um mistério para ele agora tinham ficado claras. Ah, mas ele ainda se diminuía. Disse: “Eu comprei todos os meus belos conceitos numa queima de estoque”, mas estava ficando mais confiante no seu ponto de vista. Fez uma tremenda festa com minha volta, declarando que nós éramos dos poucos amigos de verdade que existiam por aí. Não era mentira. Eu tinha um enorme carinho por ele. Um dia ele veio me visitar e disse que nós tínhamos de ir ao Oriental Theatre e depois jantar. Até torrar seu último centavo, Clem fazia questão de pagar as despesas, e depois não se importava se você pagasse alguma coisa para ele. Gostava de apresentar uma boa aparência, embora seu rosto com frequência ficasse deformado de raiva, engelhado, e sua risada fosse enorme enquanto seus dentes mais pareciam cacos, sua cabeça imensa, e apesar de usar um terno próspero, sólido, de meia-idade, um terno de banqueiro, suas canelas eram compridas, seus sapatos gastos, suas meias velhas, ele usava um suéter de gola rulê e fedia a charuto.

Então, fomos ao Oriental. Lá, as estrelas cruzavam o céu azul, como nas mil e uma noites. Ouvimos Milton Berle cantar “River, stay away from my door”, depois vieram dançarinos malemolentes, como bonecos de pano

vestidos de veludo, que foram seguidos por um número em que cachorrinhos a bordo de automóveis atravessavam o palco zunindo de um lado para o outro e por uma trupe de garotas que tocavam gaitas de foles. Elas começaram com “Annie Laurie” e em seguida passaram a composições clássicas, como o “Liebestod” e “Valse triste”. Depois veio o número principal, que era tão ruim que nós saímos de lá e fomos para um restaurante.

Novamente bem-composto, depois de soltar violentas gargalhadas em meio à frenética plateia, Clem pediu um lauto jantar chinês — carne de porco com molho agri-doce, brotos de bambu, *chow mein* de frango com abacaxi, fritada de ovo e ainda chá, arroz, sorvete de frutas, bolinhos de amêndoa. Enquanto devorávamos tudo isso, conversamos.

“Imagine que estamos subindo o Nilo em direção à primeira catarata, navegando num *dahabieh*”, disse ele. “Imagine os campos verdes, meninos atirando pedras nos pássaros pesados, as flores exuberantes, e nós comendo tâmaras com afrodisíacos dentro delas e aí lindas garotas coptas vêm remando em direção à música das velas latinas e coisa e tal. A gente está indo a Karnak para copiar inscrições. Que tal te parece?”

“Bom, eu acabei de voltar de um lugar exótico.”

“Sim, mas você se precipitou. Você ainda não estava preparado pra viajar. O seu problema é que você não faz as coisas passo a passo. Foi por isso que a sua viagem não deu certo. Agora, se fosse um egiptólogo, você poderia fazer essa viagem pelo Nilo.”

“Ótimo, eu vou virar um egiptólogo então. Só o que eu preciso são uns dez anos de preparação.”

“Olha só pra você, você fica tão brilhante e feliz depois do jantar! O seu rosto é tão agradável. Caramba, você podia ser o dono deste prédio. Rá-rá-rá! Rapaz, você é formidável!”

“A questão é”, falei, lisonjeado e sorrindo, “por que o Nilo?”

“Porque pra você só uma coisa excepcional”, disse Clem. “Quando eu penso em você, tenho que pensar em termos de algo excepcional. No nível

da realização.” Ele tinha aprendido esse vocabulário na universidade. Uma das suas palavras favoritas era “reforçar”, que queria dizer dar comida a um rato que solucionou um problema, incentivá-lo. Enquanto isso, com grandes lábios vermelhos, risadas careteiras e rosto territorial, o nariz enorme com suas passagens, ele parecia um rei. “Por acaso você é como uma daquelas pessoas da multidão chinfrim que fica vibrando com os coptas que vêm remando até o barco? Não, não é. Você é uma personalidade distinta. Você é um homem de sensibilidade. Entre nós, pobres pessoas desenxabidas no baile de máscaras humano, você surge como um anjo.”

Fiz um muxoxo, mas ele disse: “Calma que eu não terminei ainda. Talvez até eu acabar você não goste tanto”.

“Bom, não me elogie tanto que aí você não vai precisar me malhar.”

“Nós não estamos no mesmo universo de discurso. Eu ainda não estou no nível daquilo que São Tomás de Aquino chama de intenção primeira. Eu não disse que achava que você era um anjo, mas apenas que nós, desafortunadas pessoas comuns feitas de barro ordinário que fazem as coisas passo a passo, vemos você chegar como que para um baile, sorridente e radiante. Você tem ambições. Mas você é ambicioso genericamente. Não é concreto o bastante. Você tem que ser concreto. Napoleão, por exemplo, era. Goethe era. Veja o caso desse professor Sayer que de fato fez a tal viagem no Nilo. Ele sabia de tudo que havia nas margens ao longo de mais de mil quilômetros. Coisas específicas! Nomes e endereços. Datas. Todo o mistério da vida está nos dados específicos.”

“Por que esse entusiasmo todo pelo Egito de repente?”, perguntei. “E, além do mais, eu sei que tem muita coisa errada comigo, não se preocupe.”

“Sim, claro, mesmo sorridente e radiante você está cheio de angústias. Então eu não sei! Eu vejo como você vive cuspiendo pro alto. O que você precisa é de um pouco do remédio do dr. Freud. Poderia fazer muito bem pra você.”

“Na verdade”, falei, agora um pouco aflito, “eu tenho tido muitos sonhos esquisitos ultimamente. Escuta só. Na noite passada eu sonhei que estava na minha própria casa, em algum lugar — já foi uma surpresa e tanto ter a minha própria casa, quanto mais sonhar o que eu sonhei. Bom, eu estava na minha linda sala de estar, recebendo um convidado. E, imagina só, eu tinha dois pianos. Na minha sala, tinha dois pianos de cauda, como que prontos para um concerto. Aí o meu convidado, que era uma pessoa de muita educação e classe — e eu também, um verdadeiro grã-fino —, ele chegou pra mim e disse: ‘Não é um pouco incomum uma pessoa ter três pianos de cauda?’. *Três!* Aí eu virei pra trás e, minha nossa! Não é que era verdade que tinha outro piano lá?! Sendo que eu já estava dando tratos à bola, pensando por que raios eu tinha dois pianos de cauda em casa se sei tocar piano tão bem quanto um touro sabe bordar almofadas. Eu achei aquilo um bocado esquisito. Mas, mesmo atônito, não dei o menor sinal de espanto nem demonstrei o menor constrangimento. Falei pro sujeito: ‘Claro que eu tenho três pianos’, como quem diz ‘Quem poderia passar com menos?’. E depois fiquei me sentindo um tremendo farsante.”

“Ah, que caso, meu Deus! Você seria uma verdadeira escola pra uma mente científica. Seria a maior coleção de incógnitas a se deitar num divã. O que eu acho é que você tem uma síndrome de nobreza. Você não consegue se ajustar à realidade. Eu vejo isso muito claro em você. Você queria que existisse um Homem com H maiúsculo, grandioso. Como nós somos amigos desde criança, eu te conheço e sei o que você pensa. Lembra de quando você ia lá em casa todo dia? Mas eu sei o que você quer. Ó paideia! Ó rei Davi! Ó Plutarco e Sêneca! Ó ideais de cavalaria! Ó abade Suger! Ó palácio Strozzi! Ó Weimar! Ó Don Giovanni! Ó lineamentos do desejo gratificado! Ó homem divinal! Me diz, amigo, eu estou ficando quente ou não estou?”

“Está, está sim”, falei. Estávamos num reservado do restaurante chinês, cercados de biombos de madeira, e tudo parecia certo, amistoso, afável. Eu sei como são valiosas as ocasiões em que pensamentos importantes não

precisam ser um solilóquio. Pois para quem você pode dizer o que realmente pensa como se estivesse falando consigo mesmo?

“Continua, Clem, continua”, pedi.

“Eu cursei a quarta série na Mottley School. A professora era a senhora Minsick. Ela te chamava lá na frente e te entregava um pedaço de giz. ‘Então, Dorabella, que flor você vai cheirar?’ Rá-rá-rá! Era muito engraçado. A pequena Dorabella Feingold cheirava o giz levantando o peito até a calcinha dela aparecer e revirava os olhinhos em êxtase. Aí ela respondia: ‘Ervilha-de-cheiro’. Era um verdadeiro exercício militar. Inspire e expire. Tinha uma menina chamada Stephanie Kriezcki que dizia: ‘Violeta, rosa, capuchinha’.” Clem segurou o charuto pelo cabo e cheirou, inflando o nariz. “Imagina só uma sala de aula xexelenta e um monte de moleques pobres com a barriga cheia de chucrute e pão com mocotó de porco, com sangue imigrante, com cheiros de dia de faxina e linguiça e cerveja caseira. De onde é que eles tiravam essa elegância floral? Diabo! E aí a velha Minsick dava uma estrela dourada pra reforçar as boas respostas. Ela, com aquela boca cheia de dentes pontudos e peitos caídos que chegavam até a barriga, ela escarrava na lata de lixo. Bom, os alunos encapetados respondiam: “Repolho-gambá, fessora”, ou “Flor-de-bosta do campo” ou “Erva-lixreira”. Por respostas assim, ela te agarrava pelo pescoço e ia te empurrando até a sala do diretor. Mas os meninos levados tinham razão. Quem ali já tinha visto uma ervilha-de-cheiro na vida? Caramba, eu enfiava a mão pela grade do esgoto e ficava tentando pescar com um alfinete de fralda porque o engraçadinho do meu irmão disse que eu podia pegar peixinhos dourados assim.”

“Essa é uma história triste. Mas você não vê que, na verdade, os dois tipos de criança tinham razão? Algumas defendiam o que conheciam e outras ansiavam pelo que não conheciam. Você está querendo dizer o quê, que existem certas crianças ou pessoas para as quais não pode haver flores? Isso não pode ser verdade.”

“Eu sabia que você ia gostar desse negócio de cheirar giz. Você tem um superego forte. Você quer aceitar. Mas como é que você pode saber o que está aceitando? Você tem que ser maluco pra aceitar o que quer que te apareça pela frente. Ninguém vai te agradecer por tentar. E você sabe que vai se arruinar ignorando o princípio de realidade e tentando alegrar o mundo cão. Você devia aceitar os dados da experiência. Por que é que você não lê uns textos de psicologia? Eles me fizeram muito bem.”

“Tá bom, eu vou pegar uns livros seus emprestados, já que você acha tão importante. Só que você já entendeu tudo errado. Eu vou te explicar a maneira como eu vejo. Não é possível que seja certo se oferecer pra morrer, e se é isso que os dados da experiência te dizem pra fazer, então você tem que passar sem eles. Eu também entendo o que você quer dizer quando fala que eu não sou concreto. É o seguinte: no mundo de hoje, o indivíduo tem que estar disposto a ilustrar um ponto de existência cada vez mais estreito e restrito. E eu não sou um especialista.”

“Bom, você me disse que sabe treinar pássaros.”

É, de fato, até ali esse tinha sido meu único campo de especialização.

E é verdade realmente, você tem de ser um desses espíritos que são como que tripulados e conduzidos potentemente por um objetivo social. Se é necessário alguém que se enfie num bueiro debaixo da rua, você vai e se enfia. Ou numa mina. Ou opera brinquedos num parque de diversões. Ou inventa nomes para novos tipos de balas e caramelos. Ou galvaniza sapatos de bebê. Ou sai por aí espalhando fotos de papelão de garotas bonitas em barbearias e salões. Ou vai morrer aos poucos em um ou outro ofício subdividido, com um ou dois pensamentos na cabeça, as ideias estreitas e persistentes da sua função.

Eu sempre acreditei que, para o que eu queria, não havia muita esperança se você tivesse de ser um especialista, como um médico ou outro *expert*. Se fosse assim, como um *expert*, você iria lidar com outros *experts*. Não iria dar bola para amadores, pois *experts* são assim com relação a amadores. E, além do mais, especialização significa dificuldade, ou para

que seria preciso se especializar? E eu estava com o slogan de Padilla na cabeça: “Ou vem fácil, ou não vem”.

Mimi riu um bocado com minhas experiências no México. “Você se esbaldou pra valer, hein?”, disse. Ela fez com que eu me sentisse mal com relação a Thea; e, sobre Stella, o que ela falou foi: “Sujeitos como você tornam a vida fácil para certas mulheres”.

Nada do que aconteceu tinha sido fácil para ninguém, mas não havia como dizer isso a Mimi. Tendo entendido a história do jeito que queria, ela não ouviu mais nada do que eu disse, mas, com seu vigor carrancudo, sua boca larga e vermelha se esticando até não poder mais e soltando sua voz de hélicon ou de trompa de caça, ela me passou um sermão quase igual ao de Clem. Era melhor eu tratar de corrigir minhas atitudes. Eu não via as coisas como elas eram porque não queria; porque não conseguia gostar delas tal como eram. Mas o desafio não era melhorá-las na sua cabeça, mas sim botar todas as fraquezas humanas no quadro — os maus, os criminosos, os doentes, os invejosos, os carniceiros, os gananciosos, os que vivem às custas dos mortos. Comece com isso. Pense no fato de que as pessoas geralmente sentem uma repulsa tremenda umas das outras e só com muito esforço conseguem se olhar. A maior parte do tempo, o que elas querem é ser deixadas em paz. E elas correm atrás da irrealidade mais do que correriam atrás de um tesouro, já que a irrealidade é a última esperança que elas têm, porque aí podem duvidar que o que elas sabem sobre si mesmas seja verdade. Talvez ela tenha exagerado sua ira de rasgar os céus e ido além do que verdadeiramente sentia. No entanto, andavam aparecendo manchas azuis de preocupação debaixo dos seus olhos naqueles últimos tempos.

Quando Arthur aparecia, ela falava de dinheiro e de empregos. Em quatro de cada cinco vezes em que ele ia lá, ela mudava de assunto e passava a falar sobre isso assim que ele chegava.

Ela andava insistindo para que ele aceitasse um certo emprego. Arthur, porém, dizia: “Mas meu Deus, aquilo é uma farsa!”. E começava a rir suavemente daquele seu jeito sombrio, com pés de galinha nos olhos.

“O dinheiro não é uma farsa.”

“Ah, por favor, Mimi. Não seja absurda.”

“Você não vai ter praticamente trabalho nenhum nesse emprego.”

No entanto, ele fazia a coisa parecer absolutamente impossível. Comecei a achar que era um emprego ao qual eu próprio poderia me candidatar, se tivesse a qualificação necessária.

Encontrei Arthur quando ele estava saindo e perguntei por que ele não queria o emprego.

Era uma tarde fria, e ele estava de chapéu e casaco. Tinha perdido muito peso e estava muito ossudo, os ombros pontudos, de forma que fiquei impressionando com o quanto ele era parecido com seu tio Dingbat e como havia subjugado a mesma herança através de uma vida diferente. Tinha aquela mesma constituição magra, o peito fino, o rosto comprido e um jeito rápido de andar, com os pés virados para dentro. Usava sapatos de bico fino, tão elegantes quanto os de um cavaleiro no estribo ou a ponta do rabo de um lagarto que está entrando numa fenda. Mas a saúde de Arthur era mais frágil que a de Dingbat e ele tinha uma cor mais escura; seu hálito tinha um cheiro forte de café e tabaco. Quando sorria, revelava ter dentes feios. Mesmo assim, tinha todo o charme dos Einhorn, quando resolvia usá-lo.

Seu modo de pensar tinha muito estilo. Às vezes eu achava que ele estava pronto para dizer e refletir sobre qualquer coisa. Minha preferência pessoal era por pensamentos úteis, quer dizer, pensamentos que respondiam a perguntas que tocavam você de alguma forma. Arthur disse que isso era errado; a verdade era mais verdadeira quando tinha menos a ver com suas necessidades. Que necessidade pessoal há, por exemplo, na investigação da luz que parte das estrelas mais distantes, que mesmo se

deslocando a uma velocidade inimaginável definha e se desintegra porque fica tão velha na sua viagem? Eu fiquei fascinado com essa pergunta.

Mas voltando ao emprego: havia um milionário que estava empenhado em escrever um livro e estava procurando um assistente de pesquisa.

“Você acha que eu poderia dar conta do recado?”

“Claro que poderia, Augie. Você está interessado?”

“Bom, eu estou precisando de um emprego. Algo que me permita ter o tempo livre que eu quero.”

“Eu gosto da maneira como você organiza a sua vida. O que é que você pretende fazer com esse tempo livre?”

“Eu pretendo usá-lo.” Não gostei do que estava implicado nessa pergunta. Por que ele precisava do tempo dele livre e eu tinha de me justificar?

“Eu só estou curioso. Tem pessoas que sempre parecem saber o que vão fazer e tem outras que nunca sabem. Claro que eu sou poeta e relativamente uma pessoa de sorte. Mas muitas vezes eu me pergunto: o que eu seria se não fosse poeta? Político? Mas olha só no que deu a obra da vida do Lênin. Professor universitário? Maçante demais. Pintor? Mas ninguém sabe mais o que a pintura deve ser. Sempre que escrevo um poema dramático, eu nunca consigo conceber por que os personagens poderiam querer ser qualquer outra coisa que não poetas também.”

Bem, era assim que as coisas estavam em Chicago quando voltei. Fiquei no South Side. Peguei de volta minha caixa de livros que estava com Arthur e fiquei lendo no meu quarto. O calor de junho cresceu até os quintais sombrios começarem a exalar o cheiro da terra úmida, do subterrâneo, do reino urbano de Plutão feito de esgotos e bueiros, do betume e dos barulhentos caldeirões de alcatrão de telhadores, de gerânios, lírios-do-vale, roseiras, e às vezes, quando o vento estava forte, o fedor furioso e devastador dos currais dos matadouros. Eu lia meus livros e escrevia para Thea quase todo dia, enviando as cartas aos cuidados da Wells Fargo, mas nunca recebia resposta. Uma carta foi remetida para mim do

México; era de Stella. Ela estava em Nova York. Eu nunca teria imaginado que ela sabia escrever tão bem; cheguei à conclusão de que a havia subestimado. Ela dizia que ainda não tinha como me pagar; tinha de saldar as dívidas que havia contraído com seu sindicato primeiro. Mas, assim que conseguisse um trabalho, ela me pagaria.

Simon tinha me dado algum dinheiro para que eu pudesse fazer cursos de verão na universidade. Eu agora estava pensando em ser professor de escola e, então, me matriculei em alguns cursos de educação. Sentia dificuldade de assistir às aulas e de ler os livros didáticos. Simon estava sempre pronto a me dar apoio, embora ele próprio não visse muita serventia em universidades.

Eu ainda continuava com a ideia de me candidatar ao emprego que Arthur se recusava a aceitar com o milionário que queria escrever um livro. O nome do milionário era Robey. Ele tinha estudado com Frazer quando este era professor-assistente; era por isso que Mimi o conhecia. Ele era alto e acorcondado, barbudo, terrivelmente gago e já tinha se casado umas quatro ou cinco vezes — quem me passou essas informações foi Mimi. Arthur disse que o livro era para ser uma investigação ou história da felicidade humana do ponto de vista dos ricos. Eu não sabia se estava disposto a fazer isso, mas não queria continuar sendo sustentado por Simon. Tentei pegar um empréstimo com Einhorn, mas ele estava ressentido comigo por eu ser um velho amigo de Mimi. Disse: “Eu não posso te emprestar nada. Você sabe que sou eu que tenho que sustentar o meu neto. Arcar com esse fardo extra não tem sido nada fácil. E se o Arthur resolve brindar os meus últimos anos de vida com outro neto?”. Ele estava de saco cheio.

Então, embora relutante, pedi a Arthur que ligasse para Robey para mim.

“Ele é um sujeito muito estranho, Augie. Acho que você vai se divertir com ele.”

“Eu não quero me divertir com ele. Só o que eu quero é um emprego.”

“Bom, você vai ter que tentar ser compreensivo com ele. Ele é muito esquisito. Puxou isso da mãe, em parte. Ela achava que era a rainha de Rockford, Illinois. Usava coroa e tudo. Tinha um trono. Achava que todo mundo da cidade tinha que fazer reverência pra ela.”

“Ele está morando em Rockford agora?”

“Não, ele tem uma mansão aqui no South Side. Quando era estudante, ia pra universidade de chofer. Durante um bom tempo ficou numa paixão louca pelos grandes clássicos e costumava comprar espaço nos classificados pra botar citações de Platão ou de Locke. Coisas do tipo ‘Uma vida não refletida não vale a pena ser vivida’. Ele tem uma irmã que é completamente pancada também. Caroline é o nome dela. Ela acha que é espanhola. Mas você tem um dom pra se entender com pessoas temperamentais. Você era um amor com o meu pai.”

“Eu estava meio apaixonado por ele.”

“Talvez você se apaixone pelo Robey também.”

“Eu estou achando que ele vai ser mais um esquisitão na minha vida. Não posso ficar sempre metido com pessoas ridículas. Não é certo.”

Mas não muito depois disso, numa tarde chuvosa, eu me vi cara a cara com o tal Robey, na sua casa de frente para o lago. E que cara, meu Deus — que aparência! Seus olhos eram grandes, injetados e reticentes, sua barba arruivada e havia uma mancha roxa no seu nariz; na noite anterior, quando estava embriagado ou sonolento, ele havia trombado com a porta de um táxi. Ele gaguejava muito; quando a gagueira o pegava de jeito, ele fazia um esforço enorme, concentrava-se até a alma e torcia a cabeça, enquanto seus olhos assumiam uma expressão de disciplina, quase de ódio. No início eu ficava abismado, e sentia pena dele quando seus dentes batiam ou ele deixava escapar uma espécie de rosnado. Mas logo descobri o quanto ele podia ser fluente apesar da gagueira.

Com aqueles seus olhos reticentes e riscados de sangue, ele olhava para mim como quem tem de explicar que tinha nascido para a dificuldade e a

dureza, e abria os lábios antes de começar a falar, como que para separar os pelos do bigode dos pelos da parte de baixo da barba.

Disse: “Que tal nó-nó-nós almoçarmos?”.

Comemos uma porcaria de almoço — uma sopa rala de marisco, um presunto defumado que ele mesmo fatiou, batatas cozidas, feijão-de-cera e café duas vezes requentado. Achei um certo desaforo ser convidado por um milionário para almoçar e ele servir uma comida tão ruim.

Ele conduziu a conversa. Primeiro, sua formação, disse. Como seu assistente, eu teria de saber um pouco sobre sua vida pessoal. Começou a me falar dos seus cinco casamentos, assumindo sua parcela de culpa por cada um dos divórcios. Mas os casamentos constituíam parte da sua educação e, portanto, ele tinha de avaliá-los. Eu estava achando aquilo tudo intragável. Tomei um gole do café e, em seguida, deixei que ele escorresse de volta para a xícara por entre meus dentes, fazendo uma careta. Mas Robey não percebeu. Estava na sua terceira esposa, um tédio. A quarta o ajudou a descobrir muita coisa a respeito do seu próprio temperamento. Tive a impressão de que ele ainda tinha uma quedinha por ela. Quando ele estava tremelicando o pescoço tentando desentalar uma palavra problemática, eu aproveitei para interrompê-lo. Senti vontade de dizer “Que tal um cafezinho fresco pelo menos?”, mas não tive coragem. Em vez disso, pedi: “Mas você pode me dar uma ideia do tipo de trabalho que eu vou ter que fazer?”.

A fala dele se destravou um pouco então. “Eu preciso de conselho”, disse. “De ajuda. Preciso aclarar alguns dos meus conceitos, dos me-meus raciocínios, pre-preciso de clareza. Esse livro vai ser um *tro-troço*.”

“Mas sobre o que que ele é?”

“Não é s-só um livro — é um guia, um pro-programa. Eu concebi a ideia, ma-mas agora ela está parecendo demais pra mim. Eu preciso de ajuda.” Quando falou de ajuda, ele pareceu assustado. “Eu descobri mu-muita coisa, coisa demais. Foi por puro acaso que fui eu que descobri, e agora eu estou pre-preso a essa responsabilidade.”

Fomos continuar a conversa na sala de visitas. Ele andava como se carregasse um enorme peso na barriga, arrastando os pés, como se tivesse de lembrar a si mesmo de não pisar no próprio pau.

Chovia sem parar, uma chuvinha fina; o lago parecia leite. Do lado de dentro, luminárias que lembravam luas banhavam de luz as superfícies de plush, de mogno, o carmesim do Extremo Oriente. Havia tapeçarias persas e capacetes de crina de cavalo dos Invalides, bustos de Péricles, Cícero, Atena e sabe Deus mais de quem. E havia um retrato da mãe dele. De fato, ela parecia louca e usava uma coroa; segurava um cetro numa mão e uma rosa na outra. Aninhados na neblina, os barcos de minério que iam de Duluth para Gary gemiam. Robey sentou embaixo de uma luz, que iluminou os folículos arrebatados pela acne sob sua barba.

Talvez ele não fosse muito brilhante, disse Robey humildemente, mas o que ele podia fazer? Não podia fugir das suas ideias. Nenhum de nós podia fugir das nossas ideias, e todo mundo tinha de enfrentar a mesma dificuldade, qual seja, que havia centenas de coisas sobre as quais pensar e aprender. Ele tinha o dever de fazer o melhor que pudesse a esse respeito. Era assim que ele encobria seu ardor, que eu senti, no entanto, pulsando vigorosamente no fundo.

Queria dar ao livro, continuou Robey, o título de *O buraco da agulha*. Porque nunca houve a possibilidade de uma vida espiritual para os ricos, a menos que eles abrissem mão de tudo. Porém, não eram mais apenas os ricos que iriam ter problemas pela frente. No futuro próximo, a tecnologia iria gerar abundância e todo mundo teria o suficiente de tudo. Haveria desigualdade, mas ninguém mais iria passar fome nem grandes necessidades. As pessoas comeriam. Bem, e quando elas comessem, como é que ia ser? O Éden da liberdade, da fartura e do amor, o sonho da Revolução Francesa caminhando para a concretização. Mas os franceses tinham sido otimistas demais e achavam que, quando as decrépitas civilizações do passado fossem derrubadas, nada iria poder nos impedir de entrar no paraíso terreno. Só que não era tão simples assim. Estávamos

diante da maior crise que a história já viu. E ele não estava se referindo à guerra, então em gestação. Não, iríamos descobrir se esse paraíso terreno iria se concretizar ou não.

“O pão-pão agora é quase de graça na América. O que vai acontecer quando a luta pelo pão aca-aca... Os produtos vão libertar ou escravizar o homem?”

Você quase esquecia de pensar na aparência ridícula dele e na exuberante coleção de tapeçarias, antiguidades, objetos de ferro, trenós russos, alças e rabos de capacetes, caixas de madrepérola. De qualquer forma, mesmo quando estava nas mais altas esferas, ele parecia desconsolado, pronto a se debulhar em lágrimas. Enquanto isso, o gosto de presunto rançoso volta e meia me subia à boca.

“As má-máquinas vão produzir um oceano de mercadorias. Os ditadores não têm como impedir. O homem vai aceitar a morte. Viver sem Deus. Isso é um projeto corajoso. O fim de uma ilusão. Mas que valores vão tomar o lugar dos antigos?”

“É uma senhora empreitada”, falei.

“Mas”, ressaltou, “isso vai ser mais para o fim do li-livro. Eu acho que deve começar com a discussão de Aristóteles a respeito de quantos bens terrenos você precisa para poder praticar a virtude.”

“Eu não li muita coisa de Aristóteles.”

“Bom, isso é uma das co-coisas que você tem que fazer. Você vai ser pago pra isso, não se preocupe. Mas eu quero que seja um trabalho sólido e com verdadeiro rigor acadêmico. Nós vamos cobrir os gregos e romanos, a Idade Média, a Itália renascentista, e eu estou pla-planejando fazer um gráfico, os mi-minoicos lá no alto, Calvino lá em baixo, sir Walter Raleigh em cima; Carlyle é uma porcaria; a ciência moderna, uma estagnação. Não estou nem um pouco interessado.”

Ao longo da meia hora seguinte, só de vez em quando ele falava alguma coisa que fizesse sentido; parecia se cansar, e divagava, piscava seus olhos riscados de fogo e tossia botando o punho na frente da boca.

“A-ago-agora me fale sobre você”, disse. Eu não sabia por onde começar e o amaldiçoei no íntimo por ele ter me pedido aquilo. Mas Robey não estava ouvindo. Pelo modo como olhava para o seu relógio de pulso, deu para perceber que estava se perguntando quando iria poder ficar sozinho de novo.

Então, perguntei onde ficava o banheiro e ele apontou o caminho para mim. Quando voltei, ele parecia ter recuperado o interesse pelo livro e quis discutir mais um pouco. Disse que tinha certeza de que eu era o homem certo para ajudá-lo. E começou a delinear a coisa toda para mim. Parte um, apresentação dos objetivos gerais. Parte dois, pagãos. Três, cristãos e outros. Quatro, exemplos práticos da mais alta felicidade. O entusiasmo dele cresceu de novo. Tirou um chinelo do pé, botou sobre um livro ou álbum que estava em cima da mesa de centro e volta e meia o calçava de novo. Estava dizendo que o cristianismo originalmente era voltado para os humildes e os escravos e que era por isso que a crucificação, os pregos e toda a grandiosidade punitiva do martírio tinham sido necessários. Mas no polo oposto, o polo feliz, tinha de haver uma densidade igual. Alegria sem pecado, amor sem sombras, prosperidade contente. Não era possível ficar sempre estragando as coisas. Ó grande era de amor generoso, tempo de um novo homem! Não a pobre criatura sombria e desfigurada, deformada pela sua falsidade, mentirosa desde o berço, flagelada pela pobreza, fedendo a covardia, mais cheia de ciúme que uma latrina de quartel, morta como um repolho para os sentimentos, uma larva diante da beleza, uma mosca diante do dever, tecendo com a boca sempre o mesmo fio e os mesmos casulos de preocupação. Sem lágrimas para chorar nem fôlego suficiente para rir; cruel, copuladora, parasitária, sorrateira, resmungona, ávida e preguiçosa. Treinada feito um soldado prussiano pelos berros brutos de medos sargentos. Robey despejou a torrente dos seus pensamentos em cima de mim; deixou cair.

Pensei com meus botões: que doido varrido! Que raio de milionário de parafuso frouxo é esse para quem foram me mandar? Mesmo assim, meu

coração se sensibilizou com o que ele disse e essas coisas me calaram no espírito. O pensamento que me passava lá no fundo da cabeça era: Deus tenha piedade de nós, pobres humanos idiotas! E desse pensamento lá no fundo brotou outro: mesmo que Deus tivesse piedade, seria exatamente disso que Ele teria piedade.

De repente, Robey mudou o viés do seu discurso. Ele era dessas pessoas que mudam de humor de uma hora para outra.

Os malditos burgueses, disse, deveriam ter assumido a liderança e oferecido exemplos práticos de felicidade. Mas eles eram um fracasso histórico. Tinham feito tudo errado. Eram uma classe dominante fraca, porque só o que sabiam fazer era imitar o fluxo do dinheiro ao redor do mundo, preencher todas as oportunidades de lucro, como água tentando se nivelar, e imitar a máquina. Robey não soava como ele próprio agora, quer dizer, sua maneira de falar não parecia mais tão genuína quanto antes, mas sim livresca. Coçou o pé e continuou falando feito um palestrante, e com sua barba, que parecia palha colada, ele era só mais uma das esquisitices naquela sala.

Mas eu ainda conservava uma admiração suficiente pelos Einhorn deste mundo para me deixar impressionar com ele. E, abandonando parte das minhas críticas, disse: “Você tocou no assunto de pagamento antes. Você poderia ser mais específico?”.

Isso causou uma impressão desagradável. “Quan-quanto você espera ganhar? Até saber como você vai se sair, posso co-começar pagando uma quantia razoável.”

“E o que é razoável?”

“Quinze por semana?”

“Você só pode estar fazendo confusão com os números. Quinze? Eu posso ganhar isso com seguro-desemprego sem nunca ter que mexer um dedo.” Aquilo me deixou indignado.

“Dezoito então”, ele contrapropôs mais que depressa.

“Tente encontrar um encanador pra consertar a sua pia por menos que cinquenta centavos por hora. Você está tentando me engambelar, por acaso? Você não pode estar falando sério.”

“Você tem que pen-pensar no co-conhecimento que você vai adquirir. E não é só um emprego, é uma ca-ca-causa.” Ele estava muito agitado. “Bom, vinte dó-dólares e você pode morar no andar de cima sem pagar aluguel.”

Para ele me ter à mão e poder matraquear na minha orelha sempre que sentisse vontade, dia e noite? Nem morto. “Não”, falei, “trinta por semana por trinta horas de trabalho.”

Era doloroso para ele gastar dinheiro. Dava para perceber o esforço tremendo que era para a sua alma só pensar sobre isso.

Por fim, ele disse: “Está bom, trinta se você se sair bem. Vinte e cinco pra começar”.

“Não, trinta, eu já disse.”

“Por que é que você está me fazendo passar por esse regateio horrível?”, bradou. “É um ho-horror isso. Que diabo! Isso estraga todo o propósito da coisa.” Ele definitivamente parecia estar cheio de ódio. Mas me contratou assim mesmo.

Todo dia ele mudava de planos. Primeiro, queria fazer a parte histórica e mandou que eu lesse Max Weber, Tawney e Marx. Depois, tive de largar tudo isso de lado para começar a examinar um panfleto sobre filantropia. Ele odiava todos os milionários filantropos e queria desancar todos os ricos puritanos que pareciam tão desconsolados e se sentiam tão infelizes. Citou alguns primos seus entre eles, de modo que percebi que era tudo uma questão de família. Até o grande e descarado parasita de Wall Street, disse ele, com suas ventosas cheias de sangue, fazia mais bem sob a forma de um demônio do que esses homens ricos que se preocupavam, como todo mundo. Só se preocupavam. Robey passava horas vociferando contra eles.

Eu estava acostumado com projetos entusiásticos que nunca saíam do hangar do inventor. Como o Shakespeare indexado de Einhorn, anos atrás.

E entendi que, na verdade, o que Robey queria de mim era o mesmo que Einhorn queria antigamente, exatamente a mesma coisa, ou seja, um ouvinte. Ele vivia me telefonando, mandando o chofer me buscar, me caçando na biblioteca ou esperando por mim do lado de fora de salas de aula.

Nos primeiros meses, ele me passou pilhas e pilhas de coisas para ler. Nem em anos eu teria conseguido dar conta de todos aqueles gregos, fundadores, histórias de Roma e do Império Oriental e sei lá mais o quê. Nem sei para que alguém poderia querer queimar as pestanas lendo tanta coisa junta. Mas eu achava ótimo ficar sentado na biblioteca no meio de pilhas de livros.

Duas vezes por semana, tínhamos reuniões oficiais. Eu ia para lá com meus cadernos, pronto para responder às perguntas dele com citações e paráfrases. A coisa corria bem quando ele estava empenhado em trabalhar, mas Robey tinha humores estranhos, quando sua voz ficava instável, seu olhar triste, seu cabelo espetado e sua pele injetada de sangue, e ele dava a impressão de estar com um nó de choro ou de raiva na garganta, irritado e aborrecido demais para falar comigo sobre Aristóteles, teorias da felicidade e que tais. Ele às vezes me dava uns sustos e tanto. Como quando, procurando por ele um dia pela mansão, fui encontrá-lo trepado numa cadeira da cozinha, enrolado no seu roupão de banho, borrifando inseticida dentro de um armário enquanto centenas de baratas fugiam em pânico, praticamente com as mãos na cabeça, e desabavam das paredes. Que cena, meu Deus! Bombeando sem parar a pistola do inseticida, ele fazia um estardalhaço louco, cheio de volúpia, e bufava tão alto quanto a pistola do inseticida, enquanto os bichos caíam no chão feito uma chuva de feijão ou disparavam, enlouquecidos, como numa corrida por terra em Oklahoma, em todas as direções.

Flagrado por mim nesse estado, Robey tentou engolir suas emoções e agir como se não odiasse as baratas ou não as tivesse matado com enorme satisfação. Foi meio lamentável ele não conseguir admitir nada disso. Além

do mais, eu sabia que tinha chegado numa hora ruim e que ele ficaria ressentido comigo por causa disso. Não conseguiria evitar.

Ele deu um tremelique, como se eu tivesse tocado num ponto sensível das suas costas, e desceu da cadeira. “Foi demais pra mim. Elas estão to-tomando conta da ca... da ca... da casa. Eu botei uma fatia de pão na torradeira e uma barata pu-pulou torrada lá de dentro junto com o pão. Então não c-consegui mais aguentar.”

Toda a sua fúria, como uma brasa abrindo um buraco num monte de palha, de repente se extinguiu, e ele me levou para a sala, onde à luz do sol era possível ver buracos no estofado, rasgos e botões faltando em almofadas de veludo verde e muita poeira. Limpando a mão engordurada do oleoso líquido assassino no roupão, ele me perguntou: “Você pesquisou pra mim aquele negócio da Renascença italiana sobre os p-príncipes e os hu-humanistas? Como eles sofreram sem Deus!”, disse, desviando o olhar. “Mas eles p-próprios eram como deuses. Que coragem! E eles eram terríveis, t-também. Mas aquilo tinha que acontecer, aqueles homens tinham que ter ousadia.”

No outono, ele perdeu sua autodisciplina. Continuou me dando coisas para ler, e eu recebia meus trinta dólares com a consciência limpa, mas ele mesmo não produziu nada.

Eu já tinha me perguntado muitas vezes com que tipo de mulheres ele andaria quando não estava casado, se com prostitutas de classe, senhoras do círculo social dele, moças que conhecia casualmente em lugares obscuros como Back of the Yards, universitárias bonitinhas ou o quê. Fiquei surpreso quando soube que o negócio dele eram strippers comuns do Near North Side, da Clark Street, da Broadway, da Rush e de outros lugares assim, que geralmente eram ríspidas no trato com ele. E ele não só aceitava as ofensas delas mas também sorria, como se fosse um castigo justo. Tentava até despertar meu interesse por essas garotas, mas eu tinha começado a sair de novo com Sophie Geratis. Parecia querer principalmente que eu o acompanhasse, o que fiz algumas vezes, indo com

ele a inferninhos do North Side. Uma stripper falou mal da barba dele e Robey não reagiu. Só seus olhos vermelhos, que ele não tirava de cima dela — que já tinha se vestido nessa hora e usava um *tailleur* cinza —, ficaram um pouco ultrajados. Mas a única coisa que ele fez foi dizer, num tom pedante: “Nos tempos da rainha Elizabeth, os barbeiros tinham alaúdes e violões na barbearia para que os cavalheiros que estivessem esperando pudessem cantar e tocar. É que demorava muito pra ajeitar as barbas e os cachos que eles usavam na época”.

Na mesma noite em que fez esse comentário manso, ele deu um ataque e arrancou o taxímetro de um carro de praça. Eu deveria saltar na rua 55, mas fiquei com medo que o motorista do táxi resolvesse dar uns murros nele por causa disso e então o levei para casa primeiro.

Mas ele me dava um trabalho danado de qualquer maneira. Era muito sensível e queria minha aprovação; no entanto, era extremamente inconstante, muito humilde uma hora e muito zeloso do valor de seu dinheiro na hora seguinte, ou berrando e ficando amuado, franzindo sua bocarra vermelha num bico de tristeza ou de raiva. Lembro claramente de um dia em particular. Havia neve e sol por toda parte, o dia estava lindo e fresco, mas Robey estava com um mau humor horrível, batendo os punhos um contra o outro sob as luvas de couro de porco. Brigava comigo por qualquer coisa e reclamava sem parar. Então eu disse: “Você não quer que eu trabalhe pra você. Você quer alguém pra aguentar essa sua irritação insuportável”. Botei nas costas meu velho casaco, uma jaqueta de pelo de camelo que já estava ficando careca em alguns lugares, e saí andando pelo pátio em direção à porta. Ele veio atrás de mim para pedir desculpas. Eu estava de galocha na grossa camada de neve, mas ele veio para o pátio com seus sapatos finos de couro castanho, que eram feito mocassins, dizendo: “Augie, não vamos brigar. Pelo amor de Deus. Escuta, eu peço desculpas”. Mas eu continuei andando, fulo da vida. Naquela noite, ele me telefonou e pediu que eu fosse buscá-lo no centro da cidade. Senti pela sua voz que havia alguma coisa errada. Ele disse que estava no Pump Room, que na

época era considerado um dos lugares mais elegantes da cidade. Quando cheguei lá e perguntei por ele, dois funcionários uniformizados e de calças curtas o trouxeram para fora. Ele estava bêbado, mudo, abobalhado, mal conseguia mexer um músculo do rosto ou fazer sua língua funcionar.

Pouco a pouco, ele havia passado a depender de mim. Mais ou menos como Einhorn anos antes, ele tinha percebido que eu nunca tiraria vantagem dele e que podia confiar em mim. E apesar da suas esquisitices e da sua confusão, verdadeiras selvas de manifestações ou aberrações em que o poder da vida às vezes conseguia se enfiar, havia porém alguma coisa nele que me atraía. Só esse poder, sem dúvida, atormentando sua humanidade e, por sua vez, atormentado também. E embora fosse solteiro e dividisse aquela mansão com a irmã, Caroline... bem, ela não o ajudava muito. Na verdade, ela era doida. Quando descobriu que eu tinha estado no México, inventou uma quedinha por mim, já que se imaginava espanhola. Escrevia-me bilhetes, em que dizia coisas como: “*Eres muy guapo*”. E volta e meia eu recebia um telegrama, com mensagens do tipo: “*Amigo, que te vaya con toda suerte, Carolina*”. Ela era muito pancada das ideias, coitada.

Afinal, eu tinha cuidado do meu irmão George. Essa habilidade ou qualidade ainda continuava dentro de mim, e ocasionalmente as pessoas a sentiam.

Às vezes, eu também queria poder virar sapateiro.

a Dragão de *The Pilgrim's Progress* (O peregrino), de John Bunyan. (N. T.)

b O país dos gigantes de *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. (N. T.)

22.

No meu antigo quarto na pensão de Owens, para o qual acabei por fim conseguindo voltar, eu acompanhava as mudanças dos tempos, industriais, militares, científicas. Pessoalmente, eu mesmo experimentei algumas variações bruscas, más notícias, gastos desperdiçados, sonhos ruins, acontecimentos mágicos como as aparições, para padres, de animais no calor das noites do deserto, mas felizmente posso dizer que, a meu ver, não saí machucado. A polícia não poderia ter nenhuma queixa contra mim, ainda que os moralistas pudessem. As piores ofensas se davam na minha imaginação, que é o lugar delas, enquanto, como uma grande e atarefada empresa que tenta dar conta do máximo que pode, eu também ruminava, na esfera mais alta da minha consciência, sobre o rumo da minha vida. Chegava a algumas conclusões também, que às vezes eram fragmentárias — tais como “A razão para a solidão só pode ser a reunião”; ou “Ah, é muito cansativo ter opinião própria sobre tudo” —, mas outras vezes eram bem completas, como irei mostrar no devido tempo. Eu perambulava por Chicago, sociável como sempre, mas era como se as cordas da minha alma ainda vibrassem com os dedilhados e tangidos do México. Thea não escreveu, tendo desaparecido para sempre rumo a costas azuis dos mares antigos, provavelmente seguindo o rastro de flamingos, com algum novo amante que não a entenderia melhor que eu, e acampando atrás de alguma barreira com suas espingardas, seus laços, câmeras e binóculos. Ia adentrar a velhice assim e nunca mudaria.

Os anos também estavam passando para mim, e meus amigos faziam pilhéria da minha aparência, que não estava nem um pouco próspera. Eu agora sorria com menos dois dentes na arcada de baixo e estava meio manchado, ou pisado, tendo sido beijado pelo rosto de pedra da dura experiência. Meu cabelo cresceu, basto, cobrindo minhas velhas cicatrizes de caçador das montanhas. Inegavelmente, eu tinha um quê do verde dos olhos do meu primo Cinco Propriedades nos meus próprios olhos, e andava por aí tirando baforadas de um charuto e sem o menor ar de quem se dedica com afinco a tarefas, esquecido, elíptico, alegre às vezes, mas... ah, bem menos esfuziante que antes. Enquanto matutava, muitas vezes pegava objetos do chão na rua pensando que fossem moedas — fichas, chapinhas de garrafa e pedaços de papel laminado enterrados —, obviamente na esperança de ter um rasgo de sorte. Também torcia para que alguém morresse e me deixasse tudo de herança. Mas isso não seria bom, pois quem poderia me beneficiar ao morrer se não alguém que eu amasse e quisesse manter na Terra? E de que adiantava encontrar moedas, mesmo que todas elas fossem de vinte e cinco centavos, para a consumação e a forma final da minha vida? Ora, não adiantava nada, amigos, absolutamente coisa nenhuma.

As pessoas também achavam engraçado eu estar querendo obter licenciatura para dar aula em escola, suponho que pelo fato de eu não parecer nem um pouco o tipo. No entanto, eu estava muito determinado a levar esse meu plano adiante. Adorava a prática de ensino. Ficava comovido quando a estava exercendo; não tinha nenhuma dificuldade de ser eu mesmo com as crianças — e, aliás, por que, meu Deus, deveríamos ter essa dificuldade seja com quem for? Mas não vamos fazer perguntas cujas respostas estão entre os segredos mais bem guardados do mundo. Na sala de aula ou fora dela, na gritaria do pátio, sentindo cheiro de xixi nos corredores, ouvindo os trinclidos do piano que vinham da sala de música, entre os bustos, mapas e raios de sol polvilhados de pó de giz, eu me sentia

feliz. Queria dar o melhor de mim para as crianças e ensinar a elas tudo o que eu sabia.

Nessa mesma escola em que eu estava fazendo minha prática, fui encontrar, como professor de álgebra e latim, ninguém menos que Kayo Obermark, meu antigo vizinho. Quando ocupava o quarto ao lado do meu na pensão de Owens, Kayo, descabelado, desleixado e gordo, costumava passar boa parte dos seus dias deitado na cama, de cueca, as coxas cobertas de pelos encaracolados, os pés chulerentos, e ficar olhando para a parede enquanto refletia com grande determinação, volta e meia apagando cigarros atrás de si, sem se virar, na gordura de uma frigideira velha em que ele fritava salaminho. Como não gostava de sair do quarto para ir ao banheiro, mantinha uma garrafa ao lado da cama para se desapertar.

Agora as crianças pulavam feito gafanhotos em volta de Kayo enquanto ele atravessava o pátio da escola, soturno, como um imperador. Seu rosto era grande, carrancudo, branco, desigualmente escanhado. Havia farelos de lenço de papel grudados na sua pele; ele estava com cara de gripado e voz de quem está com o nariz entupido. Mas não era realmente soturno, era só sua dignidade que dava essa impressão, e eu fiquei feliz de saber que ele era professor ali.

“Eu vi você chegando no seu carro”, ele disse.

“É, ele hoje resolveu pegar, pra variar.” Eu tinha um Buick de dez anos de idade, que havia comprado de um sujeito muito agradável que tinha me passado a perna descaradamente. O carro não pegava em dias frios e era uma provação para mim. Botei duas baterias nele, por sugestão de Padilla, mas havia um defeito fundamental: as bielas estavam tortas. No entanto, com um empurrãozinho ele acabava pegando e, como tinha um assento suplementar e uma capota comprida, parecia poderoso.

“Você já se casou?”, perguntou Kayo.

“Não, infelizmente não.”

“Eu tenho um filho”, contou, orgulhoso. “É melhor você entrar logo na dança. Você não tem ninguém? Arranjar mulher é fácil. A gente tem o

dever de ter filhos. Teve um antigo filósofo que foi pego por um discípulo atrás de um pórtico com uma mulher e disse assim: ‘Não zombe! Estou plantando um homem’. Mas eu tenho ouvido tudo quanto é tipo de coisa a seu respeito, que você foi para o México com um circo ou um parque de diversões e também que você quase foi assassinado.”

Ele estava de ótimo humor e deu algumas voltas pelo pátio da escola comigo, sendo extremamente gentil daquele seu jeito arrogante e recitando vários poemas com sua tensa voz de tenor.

*Pereça a discórdia, entre deuses e entre homens,
E a ira que torna cruel até quem é generoso,
Que entra no coração de um homem como fumaça
E cujo gosto é mais doce que o de gotas de mel. ^a*

*Les vrais voyageurs sont ceux-là seuls qui partent
Pour partir; cœurs légers, semblables aux ballons,
De leur fatalité jamais ils ne s'écartent,
Et, sans savoir pourquoi, disent toujours: Allons! ^b*

Este último provavelmente era dirigido a mim e me acusava de ter o coração leve demais e de dizer adeus sem saber por quê. Eu parecia ter críticos em toda parte. No entanto, para um dia frio, aquele tinha um sol muito brilhante, os trens passavam pretos por cima de uma barreira de concreto amarelo, as crianças gritavam e corriam pelo enorme pátio, em volta do mastro da bandeira e para dentro e para fora das salas, e eu estava me sentindo particularmente mexido.

“Você devia mesmo se casar”, disse Kayo.

“Eu bem que gostaria. Penso muito nisso. Na verdade, essa noite mesmo eu sonhei que era casado, mas não foi um sonho bom. Fiquei muito aflito. Começou bem. Eu chegava em casa do trabalho e tinha uns passarinhos lindos na janela, e eu sentia cheiro de churrasco. A minha mulher era muito bonita, mas os olhos dela, apesar de lindos, estavam cheios de

lágrimas e eram o dobro do tamanho normal. Aí eu perguntei pra ela: ‘Qual é o problema, Lu?’. E ela respondeu: ‘Os nossos filhos nasceram de repente hoje à tarde e eu fiquei com tanta vergonha que escondi os dois’. ‘Mas por quê? Você ficou com vergonha do quê?’ ‘Um deles é um bezerro’, ela disse, ‘e o outro é algum tipo de inseto.’ ‘Não é possível. Onde é que eles estão?’ ‘Eu não queria que os vizinhos vissem, então botei os dois atrás do piano.’ Eu me senti péssimo. Mas eles eram nossos filhos, afinal, e eu achei que não era certo deixar os dois atrás do piano e, então, fui lá ver. Mas adivinha quem eu encontro, sentada numa cadeira, atrás do piano. A minha mãe, que, como você sabe, é cega. Aí eu disse: ‘O que é que a senhora está fazendo aqui sentada, mãe? Cadê as crianças?’. E ela olhou pra mim com uma espécie de pena e falou: ‘Ah, meu filho, o que é que você está fazendo? Você tem que fazer o que é certo’. Aí eu comecei a chorar. Senti uma tristeza enorme e falei: ‘Mas não é isso que eu quero fazer?’.”

“Coitado”, disse Kayo, com pena de mim. “Você não é pior do que ninguém, você não sabe disso?”

“Eu realmente devia simplificar a minha existência. Quanta dificuldade uma pessoa é obrigada a passar na vida? Quer dizer, será que é uma espécie de tarefa que eu tenho que cumprir? Não pode ser, porque todo bem que eu já conheci foi feito por pessoas que estavam felizes. Mas pra te dizer a verdade, Kayo, já que você é o tipo de pessoa que entende essas coisas, eu sempre senti uma ferida no meu orgulho por não conseguir defender a minha posição e acabar sempre sendo manipulado. Você constrói a realidade defendendo a sua posição, e é isso que há de pior em ser desamparado. Eu não estou falando do desamparo de um nadador no mar ou de uma criança na relva, que é o desamparo de um ser inocente na grande mão da Criação, mas você não pode repousar de modo tão inocente em objetos feitos pelo homem”, eu lhe disse. “No mundo da natureza você pode confiar, mas no mundo dos artefatos você tem que ter cuidado. Nele você tem que *saber*, e não dá pra ficar com tanta coisa na

cabeça e ser feliz. ‘Contemplai minhas obras, ó poderosos, e desesperai-vos!’^c Bom, não importa que Ozimandias agora não passe de pernas sem tronco; no tempo dele, os humildes tinham que viver sob a sua sombra, e nós também vivemos sob sombras, fazendo atos de fé no funcionamento de invenções, como lá em cima na estratosfera, lá embaixo no metrô, atravessando pontes, passando dentro de túneis, subindo e descendo em elevadores, onde entregamos a nossa segurança de boa-fé. Essas coisas feitas pelo homem nos eclipsam e nos dominam. E isso também vale pra carne em cima da mesa, o calor que vem dos canos do aquecimento, as letras impressas no papel, os sons no ar, de forma que todas as questões são iguais, têm o mesmo peso, estão na mesma categoria, o caldeirão da ira de Deus na página 1 e a liquidação da loja de departamentos Wieboldt’s na página 2. Tudo é externo e tudo é igual. Bom, então o que torna a sua existência necessária, como ela deveria ser? Essas conquistas técnicas que tentam fazer você existir ao modo delas?”

Não muito surpreso com tudo isso, Kayo disse: “Isso que você está falando se chama *moha* — uma palavra do idioma navajo, e também do sânscrito, que quer dizer oposição ao finito. É o desprezo pelas forças condicionantes. O amor é a única resposta possível para *moha*, já que é infinito. Todas as formas de amor, eros, ágape, libido, *philia* e êxtase. Elas são sempre iguais, mas às vezes uma qualidade é mais forte que as outras. Escuta, eu estou feliz de nós termos tido essa chance de nos reencontrarmos. Você parece ter virado um sujeito bem mais sério. Por que você não vem comigo até lá em casa pra conhecer a minha mulher? A minha sogra mora com a gente e é uma velha meio chata, vive reclamando de tudo, mas é só a gente ignorar o que ela diz. Ela ajuda muito com o menino, na verdade. Mas vive me enchendo a paciência, falando como o meu cunhado está se saindo bem por conta própria. Ele conserta rádios e é um grande babaca. Mas vem jantar lá em casa pra gente poder conversar mais. Eu quero te mostrar o meu filho também”.

Então, acabei indo com ele; tinha sido gentil da sua parte me convidar. Mas a mulher dele era antipática e extremamente desconfiada. Já o menino era muito simpático, para alguém da sua idade, claro; ele ainda era pequeno. Enquanto eu estava lá, o cunhado apareceu. Ficou interessado no Buick, que felizmente estava funcionando bem naquela noite. Ele me fez perguntas, atraído pelo assento complementar, depois deu uma volta com o carro e disse que estava interessado em comprá-lo. Fiz um preço razoável para ele, levando algum prejuízo, mas, me envergonho em dizer, sem mencionar as bielas tortas em nenhum momento.

Bem, ele quis comprar o carro na mesma hora e então fomos até sua casa, onde ele me deu um cheque de cento e oitenta dólares. Só que, depois, ele não quis que eu fosse embora. Brincando, disse que eu tinha de deixar que ele ganhasse parte do seu dinheiro de volta no pôquer. A mulher dele também jogou. Obviamente, os dois iam tentar me limpar. Kayo teve de entrar no jogo também, para que a coisa parecesse amigável. Era uma tentativa de golpe de verdade. Sentamos em volta de uma mesa redonda perto do fogão, com um bule de café e uma lata de leite condensado ao lado, e jogamos até tarde da noite. A bancada de trabalho do sujeito, cheia de rádios escangalhados, ficava ali mesmo, na ampla cozinha. O marido ficou zangado com a mulher porque ela perdeu. Se ela tivesse ganhado, eles teriam ganhado em dobro, mas, como ela perdeu, ele a xingou e ela gritou com ele. Kayo também perdeu. Só eu ganhei, mas preferia não ter ganhado. Na verdade, devolvi o dinheiro de Kayo no caminho de volta para casa. Mas, dois dias depois, o cunhado sustou o cheque e eu tive de ir até lá pegar o carro de volta, pois o Buick não funcionava. Tivemos um bate-boca feio. Kayo ficou muito chateado e passou um tempo sem falar muito comigo na escola, embora depois tenha voltado a me tratar normalmente. Acho que realmente não devia ter vendido o carro sem falar das bielas tortas.

Sophie Geratis, minha amiga dos meus tempos de organizador sindical, agora estava casada, mas queria se divorciar do marido para se casar

comigo. Ela me contou que o marido tinha um vício com outros homens e não dava a mínima atenção para ela. Ele abriu contas-correntes para ela e lhe deu um carro, mas só a queria como uma esposa de fachada. Ganhava a vida vendendo um produto para estufas, mas esse tal produto era um monopólio, de modo que ele tinha uma vida fácil e, todo dia, saía de casa com suas luvas e seu chapéu melão e era levado por um chofer para cima e para baixo pelo cinturão de estufas da cidade. Assim, Sophie passava muito tempo comigo, arrumando meu quarto na pensão de Owens como ele nunca havia sido arrumado antes. Ficou espantada quando descobriu que eu dormia num travesseiro sem fronha e então me trouxe várias fronhas. “Você é pão-duro”, ela me disse. “Você não é só desleixado, você gosta de coisas boas.” Ela tinha razão. Sophie era muito inteligente, não importava que tivesse sido camareira. Com algumas coisas eu era sovina mesmo. Quando ia a um bom bar ou clube, eu apalpava o bolso e ficava preocupado com a conta. Naturalmente, ela sabia disso. “Mas eu também sei que você é capaz de dar o seu dinheiro todo se alguém te dá uma facada com jeitinho. Isso também não é bom. E tem aquele seu carro também, mas aquilo foi pura burrice mesmo. Você foi muito idiota de comprar aquela porcaria.”

Com seu grande olhar flutuante, castanho e lento, Sophie era muito bonita. E além de beleza tinha, como eu disse, dotes intelectuais, embora tendesse a usá-los de maneira desdenhosa. Recusava-se a usar as contas-correntes chiques que o marido havia aberto para ela. Usando um chapéu de flores polonesas que tinha comprado na Goldblatt’s, ela lavava suas coisas na minha pia. Estava de combinação e fumava um cigarro. A parte paradoxal é que ela era uma pessoa muito carinhosa, era boa para mim, e não era só porque precisasse de mim, mas de alguma forma justamente pelo oposto, porque eu precisava dela. No entanto, eu não estava preparado para me casar.

“A gente se daria bem se eu me encaixasse melhor nas suas ambições”, disse ela. “Eu sirvo pra ir pra cama, mas não pra me casar com você.

Quando aquela outra mulher veio te buscar, você me largou sem nem pensar duas vezes. Você provavelmente teria vergonha de mim. Eu só tenho realmente utilidade pra você quando você está se sentindo fraco ou deprimido. Eu te conheço. Nunca nada é bom o bastante pra ser a sua opção de vida. O seu pai deve ter sido algum aristocrata metido a besta.”

“Eu duvido. O meu irmão diz que ele dirigia um caminhão pra uma lavanderia da Marshfield. Eu nunca pensei que ele fosse um figurão. Além disso, ele conheceu a minha mãe quando ela trabalhava numa fábrica da Wells Street.”

“Você não me quer de verdade, quer?”

Bem, o que ela estava de fato perguntando era se eu não ia começar a trilhar um caminho de vida e parar de perscrutar o que havia além. Ora, não havia nada que eu desejasse mais do que isso. Que viesse! Que viesse a consumação e acabasse a superfluidade da próxima descida do pêndulo em diante! Que o anseio pelas grandes coisas místicas da vida — que, não satisfeito, vive em nós como o pai de angústias secretas — fosse atendido e tivesse uma chance de mostrar que não é o diabo encarnado. Por acaso Sophie pensava que eu não queria ter esposa, filhos e um trabalho decente que me ocupasse os dias? Eu me insurji na mesma hora e disse que ela estava redondamente enganada a meu respeito.

“O que é que nós estamos esperando, então?”, disse ela, contente. “Vamos lá! Eu vou ser uma boa esposa pra você, você sabe que eu vou. Eu também preciso começar.”

Então, fiquei vermelho e constrangido, e minha língua não queria se mexer.

“Está vendo?”, ela disse com uma franqueza triste, a boca larga e pintada de batom na sombra, enquanto a luz elétrica iluminava seus ombros claros e nus. “Eu não sou boa o bastante. Bom, quem é?”

Eu não queria me casar ainda, foi o que respondi. Mas o que Sophie tinha para me falar era o que meu companheiro cossaco também havia tentado me dizer, naquela vez em que feriu meu orgulho. O que ele

realmente quis dizer, como entendi imediata e perfeitamente, era que eu era incapaz de me deixar atingir o bastante pela sina de outras pessoas. Ele deveria saber, já que ele próprio vivia vagando de um canto para o outro, e por que mais ele haveria de zanzar pelo mundo daquele jeito, de Moscou para o Turquestão e de lá para a Arábia, Paris, Singapura? Ninguém escapa dessas dores como um peregrino, contemplando templos e docas e fumando cigarros ao lado das pilhas de ossos da história e sobre solos inúmeras vezes digeridos, lá onde as pessoas ficavam em casa e aguentavam o tranco.

Então, o rosto de Sophie, que estava mais maduro agora do que o rosto bonito que eu tinha conhecido no escritório do sindicato, ficou magoado. Mas desta vez ela não me rejeitou, como quando começou de repente a esconder a parte de trás das suas coxas de mim depois que Thea bateu na porta. Àquela altura ela já sabia, imagino, quanta decepção há no gosto da existência. Mas eu não queria me casar com Sophie. Achava que ela ia brigar demais comigo, ainda que para o meu próprio bem. De maneira que essa era mais uma alma que queria algo de mim que eu iria deixar para trás.

“Você está esperando por aquela mulher”, ela disse enciumada, enganada.

“Não, eu nunca mais vou ver a Thea.”

No entanto, eu estava chegando a algum lugar — você não pode se deixar levar só pelas aparências. Eu estava chegando a algumas conclusões particularmente importantes. Na verdade, estava deitado no meu sofá uma tarde com uma disposição de grande síntese geral, ainda de roupão de banho e tendo cancelado todas as minhas obrigações em prol da inspiração do dia, quando Clem Tambow chegou todo animado com uma ideia própria.

Não creio que Clem tivesse muitos dos vícios que levam à danação, mas os que ele tinha estavam muito evidentes naquela ocasião — cara de quem acordou tarde, inchaço, o paletó transpassado ostentando um desmazelo

daquele tipo que o velho cavalheiro La Bruyère considerava tão sórdido, catinga de tabaco, cotão e pelos de gato grudados nele, mantido à base de compras em magazines populares e acomodações baratas, como loção pós-barba, gomalina, meias de seda sintética e assim por diante, além do seu majestoso ar autodepreciativo. Fosse como fosse, ele também tinha ficado deitado na cama naquele solene dia marrom de Chicago, da mesma forma trabalhando num plano.

Ia se lançar na vida profissional. Assim que tirasse seu diploma em psicologia no inverno, pretendia alugar uma sala num daqueles arranha-céus mais antigos na Dearborn perto da Jackson e se estabelecer como orientador vocacional.

“Você?”, falei. “Você nunca trabalhou na vida!”

“É exatamente isso que faz de mim a pessoa ideal pra coisa”, ele respondeu, preparado para mim. “Eu estou relaxado. Sem brincadeira, Augie. Você lembra do Benny Fry lá do salão de sinuca? Ele está enchendo a burra de dinheiro. Ele faz aconselhamento matrimonial também, e teste de gravidez.”

“Se é o mesmo sujeito que eu estou pensando, o que usava aqueles sapatos de palmilha grossa pra ficar mais alto, não foi ele que foi julgado mês passado acusado de impostura?”

“Foi, mas a gente pode fazer a mesma coisa de maneira legítima.”

“Eu não quero jogar água fria”, falei, ainda sob o efeito da minha própria experiência, “mas como você planeja arranjar clientes?”

“Ah, isso não é problema. Você acha que as pessoas sabem o que querem? Elas imploram pra você dizer pra elas o que fazer. Então nós vamos ser os especialistas que elas vão procurar.”

“Ah, não, Clem. Nada de ‘nós’.”

“Augie, eu quero que você entre nessa comigo. Eu não gosto de entrar nas coisas sozinho. Eu aplico os testes de aptidão e você faz as entrevistas. Com a nova técnica não diretiva de Rogers, só o que você tem que fazer de qualquer forma é deixar as pessoas falarem. Não tem nada de complicado.

Escuta, você não pode continuar pulando de um emprego maluco pra outro.”

“Eu sei, mas, Clem, aconteceu uma coisa comigo hoje.”

“Você só está sendo teimoso de novo”, disse ele. “A gente pode ganhar uma nota preta com esse troço.”

“Não, Clem. O que é que eu ia poder fazer por essas pessoas? Eu ficaria com vergonha de aceitar o dinheiro delas nesse tipo de agência de emprego.”

“Não fala besteira! Você não vai indicar empregos pras pessoas, você vai dizer a elas pro que é que elas têm jeito. Isso é uma atividade moderna. Atividades modernas são completamente diferentes.”

“Para de discutir”, falei, sério. “Você não está vendo que também aconteceu uma coisa comigo hoje?” Então, ele percebeu que eu realmente estava mexido. Fiz uma longa declaração, que pelo que eu me lembro foi mais ou menos assim:

“Eu tenho uma intuição”, falei, “a respeito das linhas axiais da vida, que são linhas que você tem que seguir ou a sua existência não passa de uma palhaçada, uma palhaçada que esconde uma tragédia. Eu devo ter tido uma intuição sobre essas linhas axiais desde garoto, o que fez com que eu quisesse basear a minha existência nelas, por isso eu dizia ‘não’ como um teimoso pra todo mundo que queria me aliciar, por pura obstinação em seguir a memória que eu tinha dessas linhas, que nunca ficavam inteiramente claras. Mas ultimamente eu tenho sentido essas linhas estimulantes de novo. Quando você para de lutar, elas aparecem, como uma bênção. Eu estava aqui deitado no sofá antes de você chegar e de repente elas vieram tremulando feito flechas direto na minha direção. Verdade, amor, paz, generosidade, vontade de ser útil, harmonia! E aí todos os ruídos e rangidos, distorções, chiados, distrações, esforços, superfluidade sumiram como se fossem coisas irreais. E eu acredito que qualquer homem, a qualquer momento, possa voltar para essas linhas axiais, mesmo que ele seja um pobre-diabo qualquer, se ele sossegar e

esperar. A ambição de fazer alguma coisa especial e extraordinária que eu sempre tive é só uma fanfarrice que distorce essa sabedoria tal como ela é na sua origem, e essa é a sabedoria mais antiga que existe, mais antiga que o Eufrates, mais antiga que o Ganges. A qualquer momento a vida pode entrar nos eixos de novo e o homem pode se regenerar, e não precisa ser nenhum deus ou servidor público como o Osíris não, que é esquartejado anualmente pelo bem da prosperidade comum, mas o homem em si, finito e limitado como ele é, ainda pode ir pra onde as linhas axiais estão. E então a visão dele vai entrar em foco. Ele vai viver com uma alegria verdadeira. Até as suas dores vão ser alegria se forem verdadeiras e nem o seu desamparo vai tirar a sua força, nem vagar sem rumo vai fazer com que ele se distancie de si mesmo, nem as grandes piadas sociais e troças vão fazer com que ele se sinta ridículo, nem uma decepção atrás da outra vão destruir o seu amor. A morte não vai ser terrível pra ele se a vida não for. O abraço de outras pessoas verdadeiras vai fazer com que ele perca o pavor da mudança rápida e da vida curta. E isso não é só imaginação, Clem, porque eu estou disposto a pôr a minha vida inteira à prova.”

“Você realmente é um sujeito persistente e obstinado”, disse Clem.

“Eu achava que, se eu soubesse mais, o meu problema ficaria mais simples e por isso achei que deveria concluir a minha educação formal. Mas, desde que comecei a trabalhar pro Robey, eu cheguei à conclusão de que não poderia utilizar nem dez por cento do que eu já sabia. Eu vou te dar um exemplo. Quando era garoto, eu li sobre a Távola-redonda do rei Artur, mas o que é que eu vou poder fazer com isso? A coisa do sacrifício e das tentativas puras tocou o meu coração, então o que é que eu devo *fazer*? Ou pega os Evangelhos. Como é que você pode botar os Evangelhos em uso? Ora, eles não são utilizáveis! E aí você pega e empilha em cima disso mais conselhos e informações. Qualquer coisa que só acrescente informação que você não pode usar acaba sendo perigosa. Enfim, tem coisa demais desse tipo no mundo, foi *isso* que ficou claro pra mim; tem história demais e cultura demais pra aprender, detalhes demais, notícias

demais, exemplos demais, influências demais, gente demais dizendo pra você ser que nem ela, e toda essa imensidão, abundância, turbulência, essa torrente de cataratas do Niagara. Quem é que vai interpretar isso tudo? Eu? Eu não tenho cabeça pra dominar isso tudo. Eu fico perdido. Não sobra espaço pros meus sentimentos se eu tenho que armazenar essas coisas todas e virar uma espécie de enciclopédia. Pensa no tempo que uma pessoa precisaria gastar só pra se preparar pra vida. Olha, um homem poderia passar quarenta, cinquenta, sessenta anos assim, no interior das paredes do seu próprio ser. E toda grande experiência só se daria no interior das paredes do seu ser. E todo debate importante se daria no interior dessas paredes. E toda conquista ficaria no interior dessas paredes. E todo glamour também. E até o ódio, a monstruosidade, a inveja, o desejo homicida ficariam no interior delas. Isso não seria viver, seria sonhar que você vive, seria apenas um sonho medonho e terrível com a vida. É melhor cavar sepulturas e bater em outras pessoas com a sua pá do que morrer no interior dessas paredes.”

“Bom, mas e aí? O que é que você está querendo provar?”

“Eu não quero provar absolutamente nada. Você acha que eu tenho esse tipo de ambição de sobressair e provar alguma coisa? Quase todas as pessoas que eu já conheci na vida queriam mostrar de alguma forma como *elas* mantinham o mundo de pé. Só que isso é só uma impressão que as pessoas têm por causa do esforço que elas têm que fazer pra *se* manter de pé; elas têm tanto trabalho com isso que acabam exagerando e achando que estão segurando o mundo inteiro. Mas não é preciso ter esse trabalho todo. Ou pelo menos não deveria ser preciso. Você não faz isso. O mundo é mantido de pé pra você. Então eu não quero ser representativo, nem exemplar, nem o cabeça da minha geração, nem modelo de coisa nenhuma. Só o que eu quero é ter algo de meu, e refletir sobre mim mesmo. É por isso que eu estou falando tanto e estou tão empolgado. Eu quero ter a minha casa. Se ela estivesse na montanha gelada da

Groenlândia, eu iria pra Groenlândia, e nunca mais entraria no esquema de ninguém.”

“Então me diz logo antes que eu morra de impaciência, o que é que você planeja fazer?”

“Eu pretendo adquirir um pedaço de terra e me estabelecer lá. Se puder ser aqui mesmo em Illinois seria conveniente pra mim, mas se for em Indiana ou no Wisconsin estaria bom também. Não se preocupe, eu não pretendo virar fazendeiro, embora pense em plantar algumas coisas, mas o que mais quero mesmo é me casar e montar uma espécie de lar adotivo e escola. Eu vou me casar — claro que a minha mulher teria que concordar com esse meu plano — e depois tirar a minha mãe do asilo de cegos e trazer o meu irmão George do sul. Talvez o Simon me dê algum dinheiro só pra eu poder começar. Mas, olha, eu não espero fundar as Ilhas Felizes. Não me considero nenhum Próspero. Não tenho a constituição. Não tenho filha. Nunca fui rei, por exemplo. Não, não, eu não estou procurando nenhuma morada na Hiperbórea de Píndaro, com os deuses em paz, uma vida sem lágrimas, sem nunca envelhecer..”

“Essa é a coisa mais fantástica que eu já ouvi sair da sua boca. É um plano digno da sua cabeça. E me deixa orgulhoso de você, de certo modo, embora eu também fique assustado quando penso nas coisas em que você deve pensar quando parece tão calmo e sossegado. Mas onde é que você vai arranjar as crianças pra pôr na sua escola?”

“Eu pensei em tirar uma licença na secretaria do estado ou do condado, ou seja lá qual for o órgão que faz isso, pra ser pai de criação e receber crianças que estão em instituições. Assim elas teriam casa e comida e nós teríamos crianças na nossa escola.”

“E você também planeja ter filhos seus?”

“Claro. Eu adoraria ter filhos. Adoro crianças pequenas. E essas crianças que vivem em instituições e que passaram maus pedaços...”

“E que podem acabar se revelando pequenos John Dillingers ou Basil Bangharts ou Tommy O’Connors... Mas eu sei o que você espera. Você

acha que, como vai amar essas crianças, elas vão se transformar em pequenos Michelangelos e Tolstóis; você vai dar a elas uma chance na vida e salvá-las da marginalidade e então você vai ser um santo pai salvador pra elas. Mas, se você fizer com que elas sejam tão boas, como é que elas vão se virar no mundo? Elas vão ter que passar a vida inteira completamente sozinhas.”

“Não, sério, eu poderia viver com elas. Eu seria muito feliz. Ia montar uma oficina de carpintaria. Poderia até aprender a consertar o meu próprio carro. O meu irmão George poderia ser o instrutor da oficina de sapatos. Talvez eu estudasse línguas pra poder ensinar pra elas. A minha mãe poderia sentar na varanda e aí os animais viriam pra perto dela e ficariam em volta dos pés dela, os galos, os gatos. Talvez nós pudéssemos começar a produzir mudas de árvores.”

“Você quer, sim, ser um rei, seu filho da puta”, disse Clem. “Você quer ser como um rei magnânimo pra essas mulheres e crianças e pro seu irmão retardado. O seu pai abandonou a família e você fez a mesma coisa já um bom número de vezes, então agora você quer compensar isso e se redimir.”

“Você sempre pode encontrar maus motivos por trás das coisas que as pessoas fazem”, eu disse. “Sempre existem maus motivos. Então, só o que eu posso dizer é que não quero ter maus motivos. Eu não sei por que o infeliz do meu pai agiu como agiu — ele parece ter feito o que muitos outros fazem, entrar e depois se mandar. Aparentemente, por liberdade. Mas mais provavelmente por algum outro problema ou sofrimento. Mas por que eu iria querer mentir sobre uma coisa dessas, quando estou em busca de uma coisa duradoura e estável e tentando entrar no caminho daquelas linhas axiais? Eu sei que pra muita gente isso pode não parecer um plano lá muito interessante. Mas eu também sei que provavelmente não tenho muita chance de vencer na vida se me meter a enfrentar o que ela tem de mais complicado e o seu poder *meshuggah*,^d então eu quero começar por baixo e de maneira mais simples.”

“Eu te desejo sorte”, disse Clem. “Mas acho muito difícil você conseguir.”

Bem, agora eu tinha essa ideia formidável, meu projeto de vida. Eu estava num momento decisivo. Durante algum tempo, pensei seriamente em me casar com Sophie, mas foi só por causa da minha pressa em começar. Então de repente... bum! A guerra eclodiu naquela fatídica tarde de domingo, e aí não havia mais nada em que se pudesse pensar a não ser na guerra. Fiquei imediatamente tomado por ela. Da noite para o dia, todos os meus planos pessoais sumiram. Para onde eles foram? Para algum lugar lá no fundo da minha consciência. Eu não ligava para mais nada a não ser para a guerra e estava muito inflamado. O quanto você deve se importar quando uma coisa assim acontece? Eu, eu me importei horrores. A princípio, fiquei enlouquecido, odiava o inimigo com todas as minhas forças, não via a hora de ir para a guerra e lutar. Parecia um alucinado no cinema, gritava e batia palmas durante o cinejornal. Bem, se você precisa desesperadamente de alguma coisa, você a agarra quando tem a chance, imagino. Depois de um tempo, se pensava na minha grande ideia, eu dizia a mim mesmo que iria me dedicar a ela depois da guerra, mas não podia fazer isso enquanto a Terra inteira estivesse ocupada com aquele projeto de construir um inferno, ou enquanto Saturnos comedores de gente estivessem devorando homens a torto e a direito à minha volta. Eu chegava a fazer discursos para os meus amigos, para o grande espanto de todos, a respeito do formigueiro universal em que o inimigo iria transformar o mundo se ganhasse a guerra, uma sina da qual então ninguém iria poder escapar, a humanidade sob a estrela de um governo único, um deserto humano dando origem a monstruosas pirâmides de poder. Alguns séculos depois, sobre a face desta mesma Terra e sob o mesmo Sol e a mesma Lua, onde um dia existiram homens que eram como deuses, não haveria nada a não ser essa humanidade-inseto, que se tornaria tão estranha quanto o

universo ameaçador que nos cerca e o imitaria criando uma regularidade maquinal humana tão invariável quanto leis físicas. A obediência seria Deus, e a liberdade, o Diabo. E nenhum novo Moisés iria surgir para liderar um êxodo, porque entre as novas pirâmides nenhum novo Moisés seria gerado. É, eu estufava o peito feito um orador e soltava o verbo na frente de todo mundo.

Depois, fui me alistar, mas acabou que Bizcocho tinha feito mais um estrago em mim. Os médicos do Exército e da Marinha me fizeram tossir para eles e chegaram à conclusão de que eu tinha hérnia inguinal. Recomendaram que eu me submetesse a uma operação, pela qual eu não teria de pagar nada.

Então, fui para o hospital municipal para me operar. Não falei nada para mamãe; nunca lhe contava coisas desse tipo. Sophie disse: “Você é completamente maluco de entrar na faca quando está se sentindo bem e tem uma justificativa pra escapar do alistamento”. Ela levou a coisa para o lado pessoal. O marido dela estava sendo convocado, o que era mais razão ainda para eu ficar e, se eu estava indo para o hospital, era porque não a queria. Mesmo assim, ela não deixou de me dar amparo. Clem passou por lá para me ver e Simon também, mas Sophie estava lá todo horário de visita.

A operação me maltratou um bocado e, depois que terminou, passei um bom tempo sem conseguir ficar ereto e andava meio encurvado.

O hospital estava lotado e parecia a batalha entre o carnaval e a quaresma. Ficava na Harrison Street, onde mamãe e eu costumávamos ir pedir óculos para ela e não muito longe do necrotério em que uma vez tive de identificar o corpo de um peão da carvoaria, aquela rua soturna e barulhenta, de pedras nuas marrons, com bondes vermelhos que ribombavam e retiniam. Todas as camas, janelas, estruturas isoladas de acomodação, todos os cantos estavam cheios, como os muros de Troia ou as ruas de Clermont quando Pedro, o Eremita, estava pregando. Homens trêmulos, homens mancos, usuários de fundas e tipoias, fiscais de parede,

gente de muleta, gente de cadeira de rodas e capacete de atadura, cheiros de ferida e flores de remédio brotando de gazes, de horrores coloridos e de dentro das pias fundas. Não muito longe dali, vozes insanas gritavam, cantavam e trinavam, fazendo lembrar os sons da coleção de pássaros tropicais do Lincoln Park. Em dias quentes, eu subia até o terraço e ficava olhando para a cidade. Ao redor estava Chicago. Na sua repetição, a cidade exauria e entupia sua imaginação de detalhes e unidades, mais unidades do que as células do cérebro e do que os tijolos da torre de Babel. O caldeirão de Ezequiel de ira, sobre um fogo alimentado com ossos. Com o tempo, o caldeirão também derreteria. Um tremor misterioso, poeira, vapor e a emanção de um esforço colossal viajavam com o ar e passavam por mim, no alto daquele enorme estabelecimento, cheio como ele estava, e pelas clínicas, prisões, fábricas, cortiços, necrotério, baixo mundo. Como diante das obras do Egito e da Assíria, como diante do mar, você não é nada aqui. Nada.

Simon veio me ver e jogou um saco de laranjas na cama. Brigou comigo por eu não ter ido para um hospital particular. Estava de mau humor e nada nem ninguém era poupado do seu olhar iracundo.

Mas eu já ia receber alta, então para que aquele escarcéu? Eu ainda continuava encurvado, como se tivesse sido costurado no lugar errado, mas os médicos tinham dito que era temporário.

Bem, eu volto para o South Side e descubro que Padilla havia instalado uma hóspede dele no meu quarto, uma moça, e Padilla então me levou para ficar na casa dele. Era por pura formalidade e etiqueta que a moça estava hospedada no meu quarto e não na casa dele, pois Padilla também estava praticamente morando lá. Nunca ia para casa. Na universidade, ele estava trabalhando no projeto urânio.

A casa de Padilla era um apartamento pequeno e bafiento num prédio residencial. O reboco dava a impressão de só não desabar por força da tinta da pintura. Os vizinhos eram famílias que viviam de seguro-desemprego, notívagos que iam para a janela às quatro da manhã de cueca e camiseta

curiosamente para saudar o dia, mulheres jovens, filipinos arrumadinhos e alertas, velhas bêbadas e homens soturnos. Depois de descer vários lances de escada, você saía de dentro do prédio e atravessava uma entrada de arquitetura incomum, horizontalmente comprida, uma espécie de estufa chinesa onde nada crescia entre as divisórias vermelhas a não ser gravetos diversos, jornais velhos usados pelos gatos e cachorros, lixo. Ao chegar à rua, ao lado de cilindros de latas de lixo, você estava a apenas um passo de um templo budista instalado no que antes era uma igreja. Depois, um restaurante chinês. Em seguida, uma casa de apostas, atrás, como de hábito, de uma charutaria de fachada, onde os fregueses liam boletins sobre as corridas de cavalo, como também faziam os aposentados, cabos eleitorais, corpulentos mastigadores de charuto e policiais. Eu não estava me sentindo muito bem na época em que morei naquele prédio. Levei muitos longos meses para me recuperar e estava num mau momento. Foi nesse período também que recebi uma carta de Thea, enviada através do correio do exército de São Francisco, em que ela me dizia que havia se casado com um capitão da Força Aérea. Ela achou que devia me contar, mas talvez tivesse sido melhor não tê-lo feito, pois a dor que isso me causou me derrubou. Meus olhos ficaram ainda mais fundos do que já estavam, minhas mãos e meus pés ficaram frios e eu passava os dias deitado na cama suja de Padilla, sentindo-me doente e deprimido.

Obviamente, eu não podia ser reconfortado por Sophie. Não era nem certo aceitar que ela me reconfortasse e não lhe dizer qual era o problema. Foi para Clem que eu contei como estava arrasado.

“Eu sei como é. Tive um caso com a filha de um guarda e ela fez a mesma coisa comigo no ano passado”, disse Clem. “Ela se casou com um especulador e foi morar na Flórida. Mas você não me falou um tempo atrás que estava tudo terminado entre vocês?”

“E estava”, respondi.

“Parece que vocês, os March, são mesmo uma família romântica. Eu vivo esbarrando com o seu irmão e uma belezoca loura. Até o Einhorn já

viu os dois. Ele estava sendo carregado de cavalinho do show do Lou Holtz, no Oriental Theatre, até o teatro, pra ver a peça *Juno and the paycock* — o Einhorn não sai muito, mas, quando sai, ele gosta de fazer vários programas, como você sabe. Então, quando estava cavalgando com aquela capa preta dele, montado nas costas do Louie Elimelek, o ex-lutador de boxe, ele passou pelo seu irmão e essa garota. Pela descrição do Einhorn, a mesma garota que eu vi. Uma loura bem fornida, com uma estola de vison.”

“Coitada da Charlotte”, falei, pensando imediatamente na minha cunhada.

“O que é que tem a Charlotte? Você acha que ela não entende o que é levar uma vida dupla? Uma mulher rica que não sabe o que é isso? Dupla se não for tripla ou quádrupla? Quando isso é praticamente a lei da Terra?”

Então, eu tinha algo mais em que pensar durante minha convalescência, quando minha vontade de qualquer forma era ir embora de Chicago, rumo ao turbilhão dos acontecimentos mundiais.

Um dia, fui ao West Side levar mamãe para dar uma volta no Douglas Park. A caminhada fazia bem para nós dois, pois eu ainda estava me locomovendo com certa dificuldade. Douglas Park sob um sol brando, o ar frio, as pedras musguntas, idosos sentados nos bancos mal conservados em tempo de guerra, jornais, casacos de pele, paredes de estuque, papéis navegando sem rumo sobre a lagoa. Mamãe estava começando a ficar com as juntas duras por causa da idade e suas pernas estavam um pouco arqueadas; mas ela gostou de sentir o ar frio do parque mesmo assim, e ainda conservava sua cor suave de saúde.

Eu a estava levando de volta para o asilo quando o carro de Simon encostou ao nosso lado. Havia uma mulher no carro com ele e não era Charlotte. Eu vi a estola de pele e o cabelo dourado. Na mesma hora, Simon, sorrindo, fez sinal indicando que não era para mamãe saber da presença da mulher. Em seguida, ele desceu para a calçada e a impressão que tive foi que ela simplesmente não era boa o bastante para ele, aquela

calçada de concreto toda rachada e suja de serragem do West Side. Simon estava muito elegante. Desde os sapatos de cordovão até os rubis das abotoaduras, a camisa branca de listras brancas, uma gravata provavelmente Sulka, um casaco Strook, tudo costurado a mão e não destinado apenas a cobrir o corpo, como uma pele de cabra de Crusoé. Tenho de confessar que, chegando daquele jeito, Simon dava inveja de ver.

Será que ele estava ali para fazer uma visita a mamãe? Ou mostrá-la para a garota? Para me identificar para a moça, ele disse, com prazer: “Meu irmão! Que surpresa boa! Por onde você anda que eu nunca te vejo? Mamãe, como a senhora está?”. Com um braço em volta do ombro de mamãe e o outro em volta do meu, ele nos virou de frente para o carro, de onde a garota olhou para nós, simpática. “Que ótimo que a família está reunida”, disse ele.

Fiquei me perguntando se mamãe se deu conta de que Simon estava representando para alguém; talvez tenha percebido. Mas como ela, na sua inocência, iria saber o que pensar daqueles dois corpos tratados ou cultivados de maneira tão especial e com tanto mimo e cobertos de adornos e roupas finas que viajavam no chassi e nos estofados altos do Cadillac feito um par de romanos de carnaval desfilando pela avenida, aquela moça de seios empinados e Simon?

Ele estava ganhando dinheiro para valer agora. Uma companhia em que ele tinha investido estava fabricando uma engenhoca para o Exército. Quando me contava como estava chovendo dinheiro em cima dele, Simon sempre ria, como que espantado consigo mesmo, e dizia que esperava se emparelhar com meu milionário, Robey, e escrever um livro ele próprio. Aí eu seria ajudante *dele*. Uma pilhéria de que eu não gostava nem um pouco. Robey, aliás, estava se preparando para ir para Washington. Parecia não ser capaz de explicar por quê, mas simplesmente tinha de ir.

Simon disse: “Eu só passei pra saber como a senhora estava, mãe. Não posso ficar. E vou levar o Augie comigo”.

“Vão, meninos”, disse mamãe. Ela queria que nós tivéssemos negócios juntos.

Nós a ajudamos a subir a escada de pedra e a deixamos dentro do asilo. Quando ficamos sozinhos, Simon disse, e estava realmente falando sério: “Antes que você comece a pensar outra coisa, eu amo essa garota”.

“Ama? Desde quando?”

“Já faz um bom tempo.”

“Mas quem é ela? De onde é que ela é?”

Sorrindo, ele me contou: “Ela largou o marido na mesma noite em que a gente se conheceu. Foi numa boate em Detroit. Eu só fiquei lá dois dias, a trabalho. Dancei com ela e aí ela disse que não ia passar mais nem um dia com o marido. Então eu falei: ‘Vem comigo’, e ela está comigo desde então”.

“Aqui em Chicago?”

“Claro que é aqui, onde mais ia ser? Augie, eu quero que você a conheça. Já está mais do que na hora de vocês dois se conhecerem. Ela passa muito tempo sozinha porque... bom, você pode imaginar por quê. Ela sabe tudo sobre você. Não se preocupe, eu só contei coisas boas pra ela. Muito bem!”, disse ele, aprumando-se sobre mim com a vantagem dos três ou quatro centímetros de altura que tinha a mais que eu. O vermelho das suas bochechas era como um verniz, ou a cor da desfaçatez. Ele respondeu o que pensei sobre Charlotte dizendo: “Eu não achei que fosse ser tão difícil pra você entender como é isso”.

“Não, não é tão difícil.”

“Isso não tem nada a ver com Charlotte. Eu não digo a Charlotte o que fazer. Ela que vá e faça a mesma coisa.”

“Ela faria isso? Ela pode?”

“Se ela não pode o problema é dela. O meu problema... o meu problema é aquela ali, a Renée. E sou eu.” Por um segundo, enquanto dizia “sou eu”, ele ficou soturno e deu a impressão de estar acompanhando em pensamento sua alma ao longo de um caminho descendente e

recheado de perigos. Eu não conseguia imaginar o que poderia haver de tão perigoso. Ainda não tinha entendido. No entanto, estava fascinado com ele, ou melhor, com os dois. “Renée, esse é o Augie”, disse Simon, fazendo-me descer os degraus. Foi difícil entrar na minha cabeça, depois que conheci Renée, que ela pudesse ser tão importante para ele.

Embora pequena, ela certamente era carnuda. Dava para perceber como seus seios se avolumavam com grande fartura debaixo das suas roupas — *du monde au balcon* é como dizem na capital do sexo —, e seus dotes se prolongavam até a parte que ficava dentro e visível através das suas meias de seda. Extremamente jovem, seu rosto estava coberto por uma camada considerável de cosméticos de tom dourado, os lábios desenhados numa ponta protuberante por uma grossa camada de batom; seus cílios e sobrancelhas pareciam ter sido polvilhados com pó dourado; seu cabelo dourado parecia ter recebido algum aplique, como o cabelo de Versalhes; os pentes que ela usava no cabelo eram dourados, a armação dos seus óculos era dourada e ela usava joias douradas. Eu ia dizer que ela parecia imatura, mas talvez isso queira dizer que ela não carregava essa carga dourada com total confiança; talvez só uma mulher grande pudesse ter feito isso. Não necessariamente uma mulher de físico agigantado, mas alguém cuja capacidade de portar adornos fosse realmente muito grande. Alguém daquela antiga irmandade cujos broches, pregadores de cabelo, pequenos frascos e pentes da Assíria ou de Creta encontram-se tão curiosamente expostos, com as garras amassadas, o ouro manchado e o bronze esverdeado, em vitrines de museus — aquelas moças sagradas que eram postas na cama pelos sacerdotes para esperar pela secreta visita noturna de Átis ou fosse quem fosse, as virgens que participavam das batalhas anuais de jardins, sensuais cantoras de baladas, sírias, amoritas, moabitas e assim por diante. E a linha continua com *femmes galantes*, cortes de amor, Aquitânias, infantas, Médicis, cortesãs, damas impetuosas, indo até as modernas boates ou salões de primeira classe de navios de luxo e as glamorosas passageiras para quem os *chefs* arquitetam seus maiores

suflês, tortas de peixe e outras surpresas. Era isso que Renée devia ser, mas, na minha opinião, não era inteiramente. Você pode achar que, para isso, tudo o que você tem de fazer é se entregar ao instinto. Como se fosse fácil assim! Pois, tendo começado, como é que você vai saber que instintos vão levar a melhor?

Renée me pareceu uma moça muito ressabiada. Ao longo do seu nariz, como uma luz, havia uma espécie de desconfiança e incerteza.

Quando Simon teve de sair do carro por alguns minutos, a primeira coisa que ela disse foi: “Eu amo o seu irmão. Assim que pus os olhos nele, eu me apaixonei e vou amar o Simon até morrer”. Ela estendeu a mão, de luva, para que eu a segurasse. “Acredita em mim, Augie.”

Talvez fosse verdade; pena que, ao se esforçar tanto para parecer sincera, ela tenha acabado despertando minhas suspeitas. Jogos e jogos. Jogos dentro de jogos. Muito embora, apesar dos jogos, de alguma forma restem coisas que são ditas com honestidade.

“Eu quero que nós dois nos conheçamos”, ela continuou. “Talvez você não se dê conta, mas o Simon se preocupa muito com você; você significa muito pra ele, muito mesmo. Você devia ouvir como ele fala de você! Ele diz que, assim que você realmente se decidir por alguma coisa, você vai ser um grande homem. Só o que eu peço é que você me veja como uma pessoa que ama o Simon e não me julgue cruelmente.”

“Por que eu faria isso? Por causa da minha cunhada?”

Quando mencionei Charlotte, ela ficou rígida. Mas depois viu que eu não tinha falado por mal.

Simon falava de Charlotte o tempo todo. Eu fiquei até espantado. Ele dizia para a namorada: “Eu não quero que você crie problemas pra mim com ela. Eu respeito a Charlotte e não vou me separar dela nunca, não importa o que aconteça. Do jeito dela, ela é uma das pessoas mais importantes da minha vida”. Ele era romântico com relação a Charlotte também. E Renée tinha de aceitar e saber que ele nunca seria exclusivamente dela. Não escapou à minha percepção que, ao meu próprio

modo, eu havia feito a mesma coisa com Thea e Stella, proteger-me de uma botando a outra no caminho, para não ficar à mercê de nenhuma das duas. Para que nenhuma das duas pudesse me fazer mal. Ah, eu sabia muito bem como era isso. E como sabia! Não era como Simon disse. Não era nem a consideração sensata de que ele e Charlotte tinham um patrimônio juntos. Eu tentei explicar isso a Simon e alertá-lo, mas só o que consegui foi deixá-lo perplexo. Antes de tentar, porém, esperei até conhecer bem a situação.

E o que ele e Renée faziam era o seguinte. Quase todas as manhãs, Simon ia buscá-la no apartamento dela; Renée ficava esperando em frente ao prédio ou num restaurante próximo. Então, ela o levava até o escritório, onde não entrava, embora a maior parte dos empregados de Simon já a conhecesse. Depois, ia sozinha fazer compras ou cumprir alguma tarefa para Simon; ou ficava lendo revistas e esperando até que ele ficasse livre. O dia inteiro Renée ficava com ele ou em algum lugar por perto e então, à noite, levava-o quase até a porta de casa e depois voltava para o apartamento dela de táxi. E ao longo do dia, quase a toda hora, os dois brigavam, gritando e esbravejando um com o outro — ela arregalava os olhos e curvava e enrijecia o pescoço e ele perdia a cabeça e às vezes tentava esbofeteá-la, franzindo a pele e trincando os dentes com fúria. Simon nunca havia consertado aquele seu dente da frente lascado, por meio do qual eu ainda via nele, naquele homem de negócios louro, corado e com pinta de alemão, o garoto que vovó Lausch tinha mandado a um hotel de veraneio para servir mesas. Os motivos das brigas entre ele e Renée em geral eram coisas como roupas, luvas, um frasco de perfume Chanel ou a questão da empregada. Simon dizia que Renée não precisava de empregada, já que nunca ficava em casa e podia perfeitamente fazer a cama ela própria. De que serviria uma mulher sentada lá, sem nada para fazer? Mas Renée tinha de ter tudo que Charlotte tinha. Sabia tudo a respeito de Charlotte, mais que uma irmã, e muitas vezes aparecia na mesma boate ou comprava ingressos para o mesmo musical. Assim, sabia

que aparência ela tinha e o que ela usava, e a estudava. Exigia, no mínimo, o mesmo, e enquanto se tratava de coisas como bolsas, vestidos, sapatos de pele de lagarto, óculos de armação em forma de máscara de arlequim, isqueiro Ronson, as exigências podiam ser atendidas sem problema. Mas as piores brigas se deram quando ela inventou de querer um carro para ela, igual ao de Charlotte.

“Ora, sua pidona!”, disse Simon. “A Charlotte tem o dinheiro dela, você não entende isso?”

“Mas não tem o que você quer. Isso quem tem sou eu.”

Ele rugiu: “Não só você! Não se iluda. Muitas mulheres têm isso”. Essa foi uma das poucas vezes em que ele se importou com o fato de eu estar presenciando uma briga deles. Normalmente, ele não parecia ligar. E Renée, depois daquele seu discurso sobre querer que nós dois nos conhecêssemos melhor, aparentemente presumiu que já havia dado conta da questão ao dizer aquilo e quase nunca me dirigia a palavra. “Você está vendo como o seu irmão é?”, disse ela.

Não, eu não estava vendo como ele era. O que eu via basicamente era que ele estava o tempo todo enfurecido, fosse de forma aberta ou disfarçada.

Simon bradou: “Por que é que você não foi ao médico ontem? Quando é que você pretende começar a tratar dessa tosse? Como é que você sabe o que é que você tem no peito?”. (O que me fez olhar com o rabo do olho para aquele peito, ou perto — como o de qualquer criatura viva, debaixo das peles, das sedas, do sutiã e dos seios, ele estava lá.) “Não foi não senhora. Eu chequei. Eu telefonei pra lá, sua mentirosa! Aposto que você pensou que eu me acho importante demais pra ligar pro médico pra saber de você ou que ia ficar com medo de que isso chegasse aos ouvidos da Charlotte.” (Ela ia ao mesmo médico que Charlotte; afinal, ele era o melhor médico que havia.) “Pois fique sabendo que eu liguei. Você não apareceu por lá. Você não consegue dizer a verdade. Nunca! Eu acho que

nem na cama você diz a verdade. Até quando diz que me ama você está maquinando alguma coisa.”

Bem, esse é um exemplo da fúria de Simon na forma de solicitude.

Eu mal podia esperar para ficar bom da hérnia e ir para a guerra. Deixem-me ir de uma vez!, eu pensava. Mas eu ainda não estava apto e, enquanto isso, arranjei um emprego tapa-buraco numa firma de máquinas para escritório. Era um emprego muito refinado e seletivo. Eu só o consegui por conta da escassez de mão de obra. Se tivesse continuado na firma, poderia ter me transformado num príncipe das vendas, viajando de trem em carro-salão para St. Paul duas vezes por mês, com direito a sete bons charutos para a viagem e a uma descida digna na estação, soltando fumaça pelo nariz no ar frio do inverno e carregando um portfolio. Mas não, eu tinha de servir.

“Bom, seu jumento”, disse Simon, “eu esperava que você vivesse até chegar à meia-idade, mas suponho que você seja burro demais pra conseguir esse feito e queira ser assassinado antes. Se você tem que ir e ser baleado, ficar engessado e vomitar sangue, se arrastar na lama e comer casca de batata, então vai! Se o seu nome entrar pra lista de baixas, vai ser bom pros meus negócios. Que bruto azar da mamãe só ter um filho normal! E eu? Isso me deixa sozinho no mundo. A ideia de ganhar dinheiro é a minha companheira inteligente, o meu irmão não.”

Mas eu fui em frente assim mesmo. Como ainda não estava fisicamente apto para servir nem o Exército nem a Marinha, eu me inscrevi na Marinha Mercante e fui escalado para ir para Sheepshead Bay e fazer o treinamento lá.

Quando tornei a ver Simon, num dia em que o encontrei por acaso na Rudolph Street, ele não se comportou como de costume. “Vamos entrar e comer alguma coisa”, ele disse, pois estávamos em frente ao Henrici’s, em cuja vitrine havia um tonel de morangos fora da estação. Os garçons o

conheciam, mas Simon mal respondeu quando eles falaram com ele, em vez de ficar envaidecido, como teria sido normal. Quando nos sentamos e ele tirou o chapéu, a palidez do seu rosto me assustou.

“Qual é o problema? O que é que aconteceu?”, perguntei.

“Renée tentou se suicidar ontem à noite”, falou. “Tomou pílulas pra dormir. Eu cheguei lá quando ela estava desmaiando; eu a sacudi, dei uns tapas nela, fiz com que andasse e a botei numa banheira de água fria até o médico chegar, e ela está viva. Ela vai ficar bem.”

“Foi uma tentativa pra valer? Ela estava mesmo querendo morrer?”

“O médico disse que ela não estava realmente correndo perigo. Talvez não soubesse quantas pílulas devia tomar.”

“Eu não acho isso muito provável.”

“Nem eu. Ela devia estar fingindo. Ela é uma fingida. Não foi a primeira vez, longe disso.” Tive um vislumbre de lutas que provavelmente nunca fariam sentido. Aquilo me afligiu.

“Mas as pessoas depois de algum tempo acabam se resolvendo a fazer alguma coisa”, ele continuou. “Elas perdem a cabeça.” E acrescentou: “Se é por prazer que você paga um preço exorbitante, tudo bem. Mas suponha que você pague o preço e não tenha prazer nenhum. Que você pague só tentando ter prazer. Querendo prazer. Você paga pelo que quer, nem sempre pelo que recebe. É isso que preço quer dizer. Caso contrário, onde é que está o preço? O pagamento está naquilo que você está arriscado a ficar sem”.

“Eu queria poder fazer alguma coisa.”

“Você podia me jogar na frente de um trem”, ele falou.

Então, começou a me contar o que tinha acontecido. Charlotte havia descoberto o caso dele com Renée. “Eu acho que ela já sabia há muito tempo, mas imagino que tenha achado melhor esperar”, disse Simon. Teria sido um espanto se Charlotte não soubesse. Sua cabeça estava sempre cheia de informações e pensamentos a respeito de Simon. Todo mundo o conhecia no centro da cidade. O garçom que trouxe os morangos nas

tigelas de peltre disse: “Aqui está, senhor March”. Além do mais, Renée passava praticamente o dia inteiro com Simon, e eles viviam se arriscando a serem descobertos. Por que é que ela tinha de levar Simon quase até a porta de casa? Um dia, depois que ela saiu, eu peguei um pente dourado do chão do carro e Simon disse: “Merda, a Renée é muito descuidada”, e enfiou o pente no bolso. Não era possível que, em dois anos, Charlotte nunca tivesse encontrado nada — nenhum fio de cabelo louro, nenhum lenço, nenhuma caixa de fósforos de lugares que ela não frequentava dentro do porta-luvas — ou que não tivesse lido na expressão de Simon ao voltar para casa, de chapéu na cabeça e jornal vespertino debaixo do braço, e saudá-la com um beijo na bochecha ou uma palmadinha de marido no traseiro, que apenas cinco minutos antes, no tempo que levava para estacionar o carro e subir no elevador, ele estivera com outra mulher. Ela certamente devia ter imaginado. Acho que, durante algum tempo, ela disse a si mesma: “O que eu não vir com os meus próprios olhos não vai me machucar” — sendo isso não exatamente cegueira deliberada, mas a firmeza e o autocontrole de alguém que arquiteta profundamente. Alguém que está lutando com um urso para salvar a própria vida e, com a testa perdida no meio dos pelos cinzentos do bicho, está pensando mesmo assim no que fazer no domingo seguinte, quem convidar para jantar e como arrumar a mesa.

Mas com Charlotte nunca dava para saber. Talvez ela achasse que, se fizesse muito barulho, acabaria levando Simon a agir irrefletidamente, por honra romântica, e então tenha decidido ser cautelosa com ele.

Uma vez, ela me explicou: “O seu irmão precisa de dinheiro, muito dinheiro. Se ele não pudesse gastar tudo o que precisa gastar, ele morreria”. Eu fiquei pasmo quando ouvi isso — foi numa manhã quente, na sala ensolarada, espalhafatosamente acarpetada e cheia de vasos do arranha-céu em que eles moravam, com brisas quentes soprando nas plantas, e a própria Charlotte uma figura grandiosa, vestida com um casaco de cetim branco e segurando uma piteira entre os lábios pintados, mas com uma

expressão tão severa quanto qualquer Magnus, qualquer de seus tios ou primos. Ela estava praticamente me dizendo que estava salvando a vida de Simon.

Mas ele de fato precisava de dinheiro. Renée vivia com o mesmo padrão de vida que Charlotte. Simon achava que era justo; além disso, ele devia a si próprio o direito de viver sem se preocupar em fazer economia. Quando ele e Charlotte foram para a Flórida, Renée foi também um ou dois dias depois e ficou hospedada num hotel tão luxuoso quanto o deles. Simon não se preocupava muito com as despesas. O que estragava sua vida nessa época era a escravidão do planejamento e dos arranjos constantes. Ele quis desafiar a esposa e logo se viu duplamente casado.

Pobre Simon! Senti pena do meu irmão.

Ele vivia me dizendo que o caso dele com Renée não era e jamais seria permanente. Então? Quanto dura uma coisa temporária? Passado um tempo, ele meteu na cabeça a ideia de Renée se casar com um homem rico. Eu estava presente uma vez em que eles discutiram esse assunto.

“O Karham, aquele sujeito lá do clube”, disse Simon. “Ele me perguntou sobre você depois daquela vez em que a gente se encontrou com ele. Ele quer sair com você.”

“Eu não vou”, disse Renée.

“Vai, sim. Deixa de ser idiota. A gente precisa arranjar a sua vida. Ele tem muito dinheiro. É solteiro. Trabalha no ramo de asfaltamento.”

“Eu não quero saber quanto dinheiro ele tem. Ele é velho e feio. Tem um monte de pontes nos dentes. O que você acha que eu sou?! Me deixa em paz.” Ela cruzou os braços, zangada, apertando com as mãos seus pequenos bíceps — era um dia quente de verão e ela estava usando um vestido sem manga. Uniu os joelhos e virou para a frente, olhando fixamente pelo vidro do para-brisa. Você precisa lembrar que essas conversas se davam a maior parte das vezes dentro do carro.

Mais tarde, eu disse a Simon: “É com você que ela quer se casar”.

“Não, ela só quer ficar comigo. Esse arranjo é conveniente pra ela. Ela está melhor assim do que se fosse casada.”

“Que ideia, Simon. Você quer dizer que ela não consegue imaginar nada melhor do que ficar rodando de carro com você todo santo dia e lendo revistas de cinema enquanto você fala no telefone?”

Mas o que ele estava me dizendo naquele dia no Henrici's era que, algumas semanas antes, Charlotte tinha aberto o jogo e dito que o caso já havia ido longe demais. Aquilo tinha de acabar, imediatamente. Eles brigaram. Mas não porque Simon discordasse de Charlotte. Ele sabia que tinha de parar com aquilo e disse a Renée, e o que aconteceu com ela foi pior ainda. Ela berrou, ameaçou dar queixa na justiça contra ele e desmaiou. Em seguida, o advogado de Simon entrou em cena e convocou uma reunião no escritório dele para resolver a situação. Ele disse a Renée que Charlotte não estaria presente, mas na hora Charlotte acabou aparecendo por lá. Renée a xingou. Charlotte deu um tapa na cara dela. Simon deu outro. Depois, todos caíram no choro, para o qual parecia haver motivos de sobra.

“Por que é que você foi dar um tapa na Renée?”

“Você devia ter ouvido o que ela falou. Você teria feito a mesma coisa”, disse ele. “Eu perdi a cabeça.”

Por fim, Renée concordou em ir embora para a Califórnia, desde que fosse paga para isso. E ela foi embora. Mas agora tinha voltado a Chicago e disse pelo telefone que estava grávida. “Eu não quero saber”, Simon disse a ela. “Você é uma vigarista. Você aceitou o dinheiro pra ir pra Califórnia quando sabia muito bem que logo, logo ia voltar.” Depois de alguns instantes de silêncio, ela desligou. Foi aí que ele achou que ela ia se matar. E, de fato, quando ele chegou ao hotel ela havia acabado de tomar as pílulas.

Estava no quarto mês de gravidez.

“O que é que eu vou fazer?”, ele perguntou.

“O que é que você pode fazer? Nada. Agora uma criança vai vir ao mundo. Quem sabe se não foi assim que você, o George e eu viemos ao mundo também?”

Eu o reconfortei da melhor forma que sabia.

a Trecho da *Ilíada*, de Homero, Canto XVIII. (N. T.)

b Trecho de “Le voyage”, de Charles Baudelaire. (N. T.)

c No original: “*Look on my works ye mighty and despair*”, verso do soneto “Ozymandias”, de Percy B. Shelley. (N. T.)

d “Louco”, “insano”, em iídiche. (N. T.)

Se a grande galáxia de Andrômeda dependesse de você para segurá-la, onde ela estaria senão caída lá embaixo, no inferno? Ora, March, deixe que a alma profética do vasto mundo que sonha com as coisas que virão (S. T. Coleridge)^a convoque seus gigantes e mobilizadores, Césares e Atlas. Mas você! Seu lastimável recruta, onde é que você entra nisso? Ande, case-se com uma mulher amorosa, assente-se na fazenda-escola March e não se meta no meio quando as nações estão enfurecidas umas com as outras. Meu amigo, eu disse, falando comigo mesmo, relaxe e pare de se esforçar tanto. O tempo está nas mãos de homens poderosos para os quais você é como um único produto na cabeça do chefe de uma Sears, Roebuck and Company, e aí está você, querendo fazer o que é certo e não levar uma vida desiludida (sic!).

No entanto, minha consciência já tinha decidido. Eu estava comprometido e não podia ficar e, por fim, chegou a hora. Ventava muito e caía uma chuva grossa, que abafava a fumaça, a cidade inteira encharcada e preta, as pilastras da estação de La Salle Street chorando. Clem me disse: “Não abuse da sorte. Não se arrisque a pegar gonorreia. Não se case sem antes noivar pelo menos seis meses. Se você ficar liso, eu sempre posso te emprestar algum dinheiro”.

Eu me inscrevi para a Escola de Intendentes e Auxiliares de Farmácia, e eles aceitaram minha inscrição. Durante algum tempo, tive uma pendenga com um psiquiatra. Por que eu havia indicado com um X que costumava

fazer xixi na cama? Eu garanti a ele que minha cama estava sempre seca. “Mas tem um X na coluna do *Sim* ao lado dessa pergunta.” Por acaso não passava pela cabeça dele, eu lhe perguntei, que ao preencher vinte questionários e fazer cinco provas depois de passar trinta horas sem dormir dentro de um trem uma pessoa pudesse cometer um simples engano? “Mas por que *esse* engano e não outro?”, ele perguntou, ardiso. Eu comecei a sentir um ódio profundo daquele homem, sentado no seu traseiro branco e frio enquanto seus olhos preguiçosos chegavam a desagradáveis conclusões a meu respeito. Falei: “O senhor quer que eu confesse que faço xixi na cama mesmo não sendo verdade? Ou está querendo dizer que eu gostaria de fazer xixi na cama?”. Ele me disse que eu tinha um temperamento agressivo.

De qualquer modo, antes que eu pudesse começar a frequentar a escola, fomos enviados numa viagem de treinamento pela baía de Chesapeake. Lá, ficamos navegando para cima e para baixo num calor tremeluzente. O navio era uma geringonça velha de vários pavimentos, do tempo de McKinley.^b Uma banheira flutuante, de ferro, branca e caquética, a embarcação patinhou extensa e inutilmente pela baía a semana inteira. As barcas brancas com pilares sulistas passavam por nós, muito elegantes. E os porta-aviões enormes, com aviões que pareciam de brinquedo e uma fumaça monstruosa, de empestear o cabelo, saindo pelas laterais. Fazíamos exercícios de simulação de incêndio e de abandono de navio oito ou dez vezes por dia. Os botes despencavam das serviolas e caíam estatelados na água; os recrutas choviam para dentro deles descendo por cordas e cabos de carga, em rebuliço, se empurrando e implicando uns com os outros, espetando uns aos outros com os ganchos dos botes, beliscando a bunda uns dos outros, fazendo algazarra e gritando palavrões. Depois remávamos. Passávamos horas e horas remando. A água se encrespava feito uma imensa cama de endívias.

Nos intervalos, você podia lagartear na popa arredondada daquela velha banheira acastelada pintada de branco, enquanto engradados, alfaces

podres, laranjas, cagalhões e pequenos caranguejos seguiam na esteira ou ficavam para trás. O céu esmaltado, o sol com fusos dourados. Isso me faz pensar na imagem dos tolos com peixe e bolo e dos barqueiros com remos em forma de colher no quadro do velho mestre Hieronymus Bosch — aquele barco à deriva com violeiros em viagem de recreio, um frango assado amarrado a uma árvore, a cabeça da morte no meio dos pequenos galhos no alto. E em outras imagens também: ovos espetados em facas andando com pés minúsculos; homens dentro de cascas de ostras sendo carregados para um banquete canibal. Arenque, carne e outras iguarias. Mas, mesmo assim, olhos humanos espreitavam. Tramando alguma artimanha, talvez, mas como se há de saber? Ou nos reis magos em Belém. José ao pé de uma fogueira de gravetos. Mas na campina além, o que se passa? Um lobo que sangra de uma ferida feita a faca come o guardador de porcos que o feriu, enquanto outra pessoa corre desembestada em direção às ridículas torres da cidade, os castelos que lembram espremedores de batata e as panelas, caldeiras duplas e defumadouros das habitações.

Comíamos um bocado: panquecas, costeletas, presunto, batatas, bife, ensopado com arroz, sorvete, torta. Todo mundo falava sobre comida, discutia os cardápios e lembrava receitas de casa.

No sábado atracamos em Baltimore, onde as prostitutas do porto nos esperavam com a pingadeira e os religiosos, com versículos impressos. Também recebemos correspondência. Simon tinha sido dispensado do serviço militar por causa de um ouvido ruim. “Uma saída que teria me vindo a calhar”, disse ele. Clem não estava indo bem no seu novo negócio. Havia duas cartas de Sophie Geratis, que agora estava com o marido em Camp Blanding. Ela dizia adeus, mas depois continuou mandando cartas nas quais dizia adeus de novo. De Einhorn veio uma mensagem mimeografada, endereçada aos “amigos que estão prestando serviço militar”, cheia de sentimentalismo piegas e de anedotas. Numa nota pessoal, ele acrescentava que Dingbat estava servindo na Nova Guiné, dirigindo um jipe, e que ele próprio não andava muito bem de saúde.

E, então, mais semanas de cativeiro dentro do navio, para cima e para baixo pela baía; as mesmas ondas de endívia, o estridor do sistema de comunicação, os tapas na cabeça, os exercícios nos botes, a água salgada, as comidas pesadas, o sol, os tumultos e as batidas constantes em alguns elementos que eram de deixar qualquer um surdo.

Por fim, voltamos para Sheepshead e então comecei a estudar contabilidade e enfermagem de bordo. A parte científica me consolava. Enquanto pudesse continuar a aperfeiçoar meus conhecimentos, eu estava bem, supunha.

Sylvester estava em Nova York. E também Stella Chesney, a moça que eu tinha ajudado a fugir no México. Claro que fui visitar Stella primeiro. Telefonei-lhe na minha primeira folga e ela disse que eu podia ir até lá imediatamente. Então, comprei uma garrafa de vinho e acepipes da estação e fui; e claro que disse a mim mesmo que o motivo de eu querer ir até lá era que aquele dinheiro que ela me devia viria a calhar e tudo mais, mas eu já deveria me conhecer o suficiente para desconfiar.

De que serviria a guerra sem amor também?

O lugar onde ela morava ficava, ao que parecia, cercado de fábricas de roupas e, sendo sábado, estava muito silencioso. Subi as escadas numa empolgação tremenda, mas disse a mim mesmo que não devia ficar imaginando que poderíamos continuar de onde tínhamos parado em Cuernavaca. Como Oliver estava preso, era provável que ela já tivesse outra pessoa.

No entanto, lá estava o objeto desses pensamentos desagradáveis com uma cara calorosa e saudável, parecendo inocente e feliz em me ver. Que mulher linda! Meu coração começou a martelar no peito, sem nenhuma pena de mim. Eu já me via subjugado em meio à poeira do amor, o deus Eros me prendendo no chão, com um pé em cima de mim, e me fazendo engolir todo tipo de coisas impossíveis.

Ela me causou a mesma impressão que tinha causado da primeira vez, quando eu a vi na pequena varanda acima do escudo da cerveja Casa

Blanca, com um Oliver de olhos esbugalhados e dois amigos. Então, lembrei dela com o vestido de renda que ela tinha usado no tribunal no dia em que Oliver deu um soco em Louie Fu. Depois nas montanhas, debaixo da lona da barraca, quando seu vestido e sua combinação tinham subido tão rápido. E lá estavam aquelas mesmas pernas, acima de mim. Estavam nuas, eu vi, pela luz branca que vinha da claraboia e o reflexo do tapete verde.

“Ora, ora, se não é um prazer”, disse ela, estendendo a mão. Eu estava todo enfarpelado com minha farda nova em folha e, enquanto andava, sentia sobre mim a cueca, a camiseta, as meias, os sapatos novos, o blusão e a calça justos. Para não falar no quepe branco e nas âncoras bordadas na gola de marinheiro. “Você não me falou que tinha sido convocado. Que surpresa!”

“Quando olho, eu mesmo também fico surpreso”, falei.

Mas o que eu realmente estava pensando era se deveria ou não beijá-la. De repente me voltou à lembrança — e à minha própria bochecha — a sensação que os lábios dela tinham me causado no mercado quente de Cuernavaca. Meu rosto ficou quente. Por fim, achei melhor ser franco e disse a ela: “Eu não estou conseguindo decidir se seria certo ou não te dar um beijo”.

“Por favor! Não crie um problema.” Ela riu, querendo dizer que eu podia beijá-la. Encostei os lábios no seu rosto, exatamente como ela tinha feito comigo, e corei instantaneamente, como se tivesse recebido uma descarga elétrica. Ela também corou, contente por eu ter feito aquilo.

Será que ela não era tão simples nem isenta de motivos inconfessos quanto parecia? Bem, eu também não era.

Sentamos para conversar. Ela queria saber de mim. “O que é que você faz?”, perguntou. Quando não estava namorando uma linda moça rica, nem treinando uma águia, nem jogando pôquer, foi o que ela quis dizer.

“Eu tenho tido muita dificuldade pra decidir o que fazer da minha vida. Mas agora eu acho que a minha vocação é ser professor. Quero ter uma

casa e uma família. Estou cansado de vagar sem rumo.”

“Ah, você gosta de criança? Você daria um bom pai.”

Eu achei muito gentil da parte dela dizer aquilo. De repente, queria oferecer a ela tudo o que eu tinha. Gloriosas construções começaram a se erguer na minha imaginação, douradas e complicadas. Talvez ela abrisse mão de fosse qual fosse a vida que estava levando para ficar comigo. Se tivesse outro homem, talvez o deixasse. Talvez ele morresse num acidente de carro. Talvez voltasse para a esposa e os filhos. Você próprio talvez saiba como são esses devaneios vãos. Ó deuses caridosos, não me condenem por isso! Meu coração estava começando a derreter. Eu não conseguia ver Stella direito; ela estonteava.

Ela estava usando sapatilhas de veludo, com laços, e uma saia laranja; seu cabelo preto estava preso em três camadas. Seus olhos eram suaves e gentis. Eu me perguntei se ela poderia parecer tão fresca se não tivesse um amante e fiquei me angustiando com isso.

Tomara! — estou me referindo à parte de ser um bom pai. E o que ela fazia? Bem, foi difícil formar uma ideia clara. Ela mencionou várias coisas com as quais eu não estava muito familiarizado. Universidades femininas, carreira musical, carreira teatral, pintura. Da universidade, havia livros; da carreira musical, piano e outras coisas mais; do teatro, fotos com dedicatórias e também uma máquina de costura de ferro fundido, aracniana, de cerca de 1910, que eu associei com figurinos; as fotos dela estavam pregadas nas paredes — flores, laranjas, cabeceiras de cama, nus na banheira. Ela falou de entrar para o rádio e mencionou as USO e a Stage-Door Canteen.^c Fiz o melhor que pude para acompanhar.

“Você gostou da minha casa?”, ela me perguntou.

Não era exatamente uma casa, mas sim um grande cômodo, uma sala comprida e antiquada, com pé-direito alto e sanca ornamentada com instrumentos musicais e peras em relevo. Plantas, um piano, uma grande cama decorada, peixes, um gato e um cachorro. O cachorro tinha uma respiração ruidosa — devia estar ficando velho. O gato brincava em volta

das pernas de Stella e acabou as arranhando; mais que depressa, bati nele com um jornal, mas ela não gostou. O bichano foi para o ombro dela e, quando ela disse “Beijinho, Ginger, beijinho”, ele lambeu seu rosto.

Lá fora ficavam as fábricas de roupas. Pedacos de tecido voavam ao vento e tremulavam, presos nas telas de arame das janelas. Aviões com turbinas barulhentas cortavam o ar azul, em seu trajeto da Inglaterra para a Califórnia. Stella serviu o vinho que eu tinha trazido. Tomei alguns goles e senti um latejamento na cabeça, no lugar onde tinha sofrido o ferimento. Então, fiquei muito alvoroçado e cheio de ansiedade amorosa. Mas pensei: tenho de levar em consideração o orgulho dela; afinal, eu estava querendo me livrar dela em Cuernavaca. Por que ela iria acreditar que eu estou caindo por ela agora? E talvez eu não devesse cair. E se ela fosse o tipo Créssida, como Einhorn costumava chamar Cissy F.?

“Eu ainda pretendo devolver o dinheiro que você teve a bondade de me emprestar”, disse ela.

“Ah, não, por favor, eu não vim aqui pra isso.”

“Mas é provável que você esteja precisando dele agora.”

“Na verdade eu ainda nem toquei no meu pagamento do mês passado.”

“O meu pai me manda uma mesada da Jamaica. É lá que ele está. Mas claro que não dá pra viver só dela. Eu não tenho me saído muito bem ultimamente.” Isso não foi dito em tom de queixa, mas, ao contrário, num tom de quem acha que vai se sair melhor em breve. “O Oliver foi um atraso de vida pra mim. Eu dependia dele. Achava que o amava. Você amava aquela moça com quem você estava?”

“Amava”, respondi. Posso dizer que foi um alívio não ter de mentir.

“Ela deve ter sentido um ódio profundo de mim.”

“Ela se casou com um capitão em algum lugar do Pacífico.”

“Eu sinto muito.”

“Ah, não, não tem por quê. Já estava tudo terminado entre nós fazia um bom tempo.”

“Eu me senti culpada depois. Mas você era a única pessoa lá que iria se dispor a me ajudar. E eu nunca pensei que...”

“Eu fico feliz de ter podido ajudar. Acabou sendo bom pra mim também, no final das contas.”

“É gentileza sua dizer isso. Mas, sabe — agora que já terminou, eu acho que você não vai se importar que eu diga — eu achei que nós dois estávamos no mesmo barco. Todo mundo dizia que ela...”

“Saía pra caçar sem mim. Eu sei.” Eu esperava sinceramente que ela não mencionasse Talavera.

“Você se meteu numa enrascada sem saber, como eu. Mas talvez você merecesse, como eu mereci. Foi bem feito pra mim. Eu ia pra Hollywood com ele. O México era só um pequeno desvio que a gente ia fazer antes de ir pra lá. O Oliver ia fazer de mim uma estrela. Não é ridículo?”

“Não, não é. Você daria uma estrela de primeira categoria. Mas como é que o Oliver pôde fazer isso com você quando ele sabia que ia pra cadeia?”

“Ele conseguia me engambelar fácil porque, durante algum tempo, eu fiquei apaixonada.”

Senti um arrepio quando ela disse essa palavra.

Eu estava construindo castelos de vento cada vez mais altos, até a estratosfera, e simultaneamente cometendo uma dúzia de crimes para atingir meu objetivo. O gato arranhou minha mão, que estava pendurada ao lado na cadeira. Pensei que meu nariz fosse começar a sangrar também, de paixão. Um minuto eu me sentia pesado e inchado e, no minuto seguinte, minha alma estava lá no alto, tocando em concerto com suas brilhantes almas irmãs.

“Ou pior que ridículo”, ela disse, enfática.

Pior? Será que ela estava se referindo à maneira como pagava suas despesas quando estava com Oliver? Ela não precisava dizer aquilo. Doeu ver que ela sentia que essas explicações eram necessárias. Foi sorte eu estar sentado; minhas pernas não teriam conseguido me segurar de pé.

“O que foi? Qual é o problema?”, ela perguntou com sua voz carinhosa.

Implorei a ela que, por favor, não zombasse de mim e depois disse: “Como você pôde achar que nós estávamos no mesmo barco quando eu estava todo enfaixado e jogando pôquer no restaurante do chinês?”.

“Eu tenho certeza de que você se lembra como nós olhamos um para o outro naquele dia, no bar onde tinha aquela espécie de macaquinho.”

“O jupará.”

Entrelaçando as mãos sobre o colo e unindo os joelhos de encontro a elas — um movimento que admirei, mas preferia, no entanto, que ela não tivesse feito —, Stella disse: “Ninguém pode ter a pretensão de ser sempre cem por cento honesto. Eu queria saber como ser setenta, sessenta por cento honesta”.

Pois eu jurava que ela era cento e dez, duzentos por cento. Então, falei uma coisa que eu mesmo não esperava: “Ninguém deveria ser misterioso por querer. Sem querer a gente já é misterioso o bastante”.

“Eu vou tentar não ser. Com você, pelo menos.”

Ela estava sendo sincera. Eu sabia. Vi como sua garganta ficou cheia de repente.

Meu corpo, que talvez seja tudo o que sou, essa criatura esforçada, se sentia desamparado e à mercê de correntes. Eu queria ir até lá e me abraçar às pernas dela, mas achei melhor esperar. Por que eu deveria pressupor que seria correto? Por que eu estava com vontade de abraçá-la?

Falei: “Imagino que você esteja percebendo como estou começando a me sentir com relação a você. Se eu estiver cometendo um erro, é melhor você me falar”.

“Um erro? Por que você diz isso?”

“Bom, em primeiro lugar porque não faz muito tempo que eu estou aqui. Você vai achar que eu estou sendo apressado demais.”

“E em segundo lugar? Por que você está falando tão devagar?”

Eu estava falando de um jeito estranho? Nem tinha reparado. “Em segundo lugar porque eu acho que agi errado em Cuernavaca quando resolvi voltar.”

“Talvez você possa agir certo desta vez”, disse ela.

Então, eu caí de joelhos no chão e me abracei às pernas dela. Ela se abaixou para me beijar. Eu teria ido com pressa, mas a ideia dela era ir mais devagar. Ela disse: “É melhor a gente prender os bichos na cozinha”. Ela botou a coleira no cachorro, eu peguei o gato do chão e nós os pusemos lá. A porta da cozinha não tinha maçaneta nem gancho e era fechada com um prego torto. Depois, Stella tirou a colcha da cama e nós ajudamos um ao outro a tirar a roupa.

“O que é que você está dizendo pra si mesmo?”, ela sussurrou quando nos deitamos. Eu não tinha consciência de estar dizendo nada. Estava com receio de que ela batesse a cabeça contra a parede e tentei cobri-la com minhas mãos, o que ela então entendeu e me ajudou. Eu estava faminto e a beijava onde quer que minha boca pudesse alcançar, até que ela prendeu meu lábio entre seus dentes e sugou, sugou. Nada mais podia ser conseguido por esforço, e não havia nada a tentar.

Fosse Stella uma pessoa vaidosa, pérfida ou cínica, isso agora não poderia fazer a menor diferença. Ou fosse eu um homem tolo, cheio de defeitos, errado na vida, instável ou indigno de confiança, isso foi deixado de lado como irrelevante e não poderia ter qualquer sentido ou peso. A real verdade de um ou de outro era mais simples que qualquer uma dessas descrições.

Eu disse a ela que a amava. Era verdade. Eu sentia que meus anseios e angústias sentimentais tinham chegado ao fim, e que era definitivo. Enquanto sussurrávamos, nos beijávamos e nos amávamos, deitados na cama o fim de semana inteiro, o ar lá fora era forte e azul, o sol estava esplêndido e navegava à nossa volta, belo e altivo. Só levantávamos para levar o cachorro, Harry, até o terraço. O gato andava por cima das cobertas e nos massageava com as patas. As únicas pessoas que vimos eram dois velhos que jogavam cartas numa mesa de cortar tecido da fábrica de roupas em frente.

No entanto, eu tinha de voltar para a base na segunda-feira de manhã. Stella me acordou no meio da noite, ajudou-me a vestir a farda e foi comigo até a estação do metrô.

Volta e meia eu perguntava se ela queria se casar comigo. Ela disse: “Você quer que os seus problemas acabem de uma hora pra outra e está tão ansioso pra que isso aconteça que pode estar cometendo um erro”.

Isso foi pouco antes do amanhecer, ao lado da escada-para-o-inferno do metrô, logo abaixo da abóbada de vidro armado da entrada do lado leste, e a luz de blecaute parecia um tolo buquê dentro do seu ferro grosso. Sob aquela iluminação azul, ficamos nos beijando com caras apaixonadas até que começou a chover e as sapatilhas de Stella ficaram molhadas.

“Amor, vai pra casa”, eu disse.

“Você vai me telefonar?”

“Sempre que tiver chance. Você me ama?”

“Claro que eu te amo.”

Toda vez que ela dizia isso, eu ficava tão comovido que me sentia inundado até os pés por uma gratidão feliz, enquanto os pelos das minhas costas se arrepiavam. Como quando você está nadando no prazer do mar e sente alguma coisa subir pelo seu corpo por trás. O fundo do mar inteiro respira como silenciosas concertinas e a praia está alegre e colorida de listras e bandeiras.

Por fim, tive de descer para o túnel do metrô e pegar um trem. Não pude ver Stella por cinco dias. E, durante esse tempo, não me atrevi a deixar de cumprir uma única tarefa da Escola de Intendentes nem a contrariar algum oficial de disciplina, temendo perder minha folga seguinte. Toda noite eu andava pela beira do mar até o lugar onde ficavam as cabines telefônicas; Stella muitas vezes não estava em casa, pois tinha uma vida movimentada. Eu sentia um medo terrível de que ela só tivesse passado o fim de semana comigo por amizade, ou para me fazer entender melhor o que deveria ter acontecido nas montanhas naquela noite. Se tivesse sido por isso, eu estava perdido, pois àquela altura estava mais

apaixonado do que conseguia suportar, como se algum mineral tivesse penetrado nas minhas veias e artérias, e sentia dores no corpo, tanto na carne como nos ossos, como quem está chocando uma gripe.

A semana inteira foi assim, cargueiros chegavam gemendo do mar, enquanto Coney Island permanecia envolta por uma névoa cinza ou lilás, e eu me plantava numa cabine telefônica depois do jantar, com o espírito dolorido de amor, tentando fazer minhas lições e esperando Stella atender o telefone. Tinha medo de ter chegado tarde demais na vida dela e não poder esperar mais nada. Se fosse assim, eu estava arruinado, pois tudo agora dependia dela.

No sábado, frenético, eu me mandei da base assim que terminaram as costumeiras palhaçadas da revista de tropas. Em que estado eu estava! Quando, vindo do Brooklyn, cruzei a ponte, suspensa por aqueles esteios pendurados do céu sobre os vales de tijolos, depois o fluxo impetuoso da água da enseada, as gaiotas velozes, os navios de guerra abertos feito enormes aparelhos de rádio nos estaleiros, trombetas de chifre de Hengist e Horsa,^d e depois o túnel de novo, a sensação que tive foi que, se tivesse de continuar a viajar e viajar, eu certamente não aguentaria e entregaria os pontos.

Mas não havia razão para pânico, pois Stella estava esperando. Tinha passado a semana inteira doente, com febre, porque eu não estava lá, pensando se eu a amava. Chorou quando estávamos na cama, com as mãos nas minhas costas e os seios encostados em mim. Disse que tinha se apaixonado por mim quando me viu em frente à catedral, da varanda do bar onde ficava pendurado o escudo da cerveja Carta Blanca. Disse também que nem sequer precisava do dinheiro que pegara emprestado de mim em Cuernavaca, mas que fizera isso como uma maneira de manter contato. Quanto a Oliver...

“Que me importa o que aconteceu entre você e o Oliver? Não é da minha conta”, falei. “Eu quero me casar.”

Clem tinha me recomendado que noivasse pelo menos seis meses antes de casar, em vista da minha personalidade e do meu temperamento. Mas esse conselho era bom para quem estava apenas fazendo compras, não para quem tinha vivido a vida inteira com um grande objetivo.

“Claro que eu quero me casar”, disse ela, “se você me ama.”

Eu lhe garanti que a amava.

“Se você ainda me amar depois do almoço, me peça em casamento de novo”, falou.

Trouxe o almoço para mim na cama, uma cama cor de marfim, com guirlandas e rosas pintadas, que ela tinha comprado num leilão. Era da Baviera. Bem, ela me serviu lá e não me deixou nem passar manteiga no meu próprio pão. Fui atendido com todos os mimos, como se fosse um príncipe eleitor, e, em troca, dava ao séquito animal aparas de presunto e sobras.

Stella se sentiu no dever de me contar tudo o que podia sobre si.

“Eu compro um bilhete da loteria irlandesa todo ano”, disse.

Eu não consegui ver nada de condenável nisso.

“E também sou mística, sou discípula do Gurdjieff.”

Esse nome era novo para mim. Ela me mostrou uma foto do sujeito, cabeça raspada, olhos fundos e um grande bigode no estilo da velha escola de guerreiros da Crimeia. Não vi nada nele que me parecesse particularmente nocivo.

O que mais? Ela gastava muito dinheiro com roupas. Isso eu já tinha notado; seus armários estavam abarrotados de vestidos. Mas não esquentei a cabeça com isso. Desde que ela concordasse com meu plano da escola e lar adotivo, coisa que ela fez entusiasticamente, que diferença poderia fazer seu guarda-roupa? Na verdade, eu sentia orgulho por ela ser tão elegante. Ela também devia dinheiro, contou.

“Ah, não se preocupe, meu amor, nós vamos pagar todo mundo. *C'est la moindre des choses*, como dizem do outro lado do oceano.” Sendo amado e

estando numa cama como aquela, eu me sentia tal qual a realeza e despachava qualquer assunto laconicamente.

Decidimos nos casar assim que eu me formasse em Sheepshead.

a No original: “*the prophetic soul of the wide world dreaming on things to come*”, trecho do Soneto 107 de W. Shakespeare citado por S. T. Coleridge na sua *Biographia literaria* (1817). (N. T.)

b William McKinley (1843-1901) foi presidente dos Estados Unidos de 1897 a 1901. (N. T.)

c United Service Organizations, união de organizações civis formada em 1941 com o objetivo de oferecer serviços recreativos e de apoio moral aos membros das Forças Armadas norte-americanas. State-Door Canteen foi uma cantina na rua 44, em Nova York, criada e gerida por pessoas ligadas ao mundo do entretenimento, durante a Segunda Guerra Mundial, onde os soldados podiam confraternizar e dançar com artistas de teatro e assistir a espetáculos. (N. T.)

d Segundo a tradição, Hengist e Horsa teriam sido os líderes dos primeiros saxões a se fixarem na Grã-Bretanha. (N. T.)

24.

O que me vem à cabeça depois disso é a imagem de um sujeito chamado Mintouchian, que é armênio, obviamente. Estamos juntos num banho turco, conversando, só que é ele quem está falando a maior parte do tempo, explicando para mim aspectos diversos da existência, basicamente através de alegorias. Isso foi uma semana antes de eu me casar com Stella e zarpar rumo ao oceano.

Esse Mintouchian era um monumento de gente, com uma cabeça que brotava de maneira muito abrupta nas costas, como cabeças armênias às vezes brotam, mas era leonina na frente, com maçãs do rosto muito vermelhas. Suas pernas lembravam as da estátua de Clemenceau no Champs-Élysées, em que ele está andando contra o vento e pensando em pão e guerra e na miséria e na grandeza, avançando com as últimas forças que lhe restam com suas ceroulas e perneiras.

Juntos nesse pequeno cômodo de ladrilhos brancos, Mintouchian e eu parecíamos bons camaradas, apesar das diferenças de idade e de renda — constava que Mintouchian era cheio da grana. Ele parecia esmagadoramente poderoso e sua voz tinha tons que eram como o despejo de uma carga de carvão, o que com certeza devia lhe ser muito útil no tribunal, pois ele era advogado. Mintouchian era amigo de uma amiga de Stella chamada Agnes Kuttner. Agnes morava num apartamento suntuoso numa transversal da Quinta Avenida, perto de uma das embaixadas latino-americanas, mobiliado em estilo império, com espelhos e lustres colossais,

biombos chineses, corujas de alabastro, fartas cortinas e outros luxos do gênero. Vivia indo a leilões e comprando tesouros dos Romanoff e dos Habsburgo; ela própria era de Viena. Não que trabalhasse no ramo de antiguidades; não precisava trabalhar, pois Mintouchian a nomeara beneficiária de um fundo de fideicomisso, e o apartamento dela era “a casa longe de casa” — como hotéis às vezes falsamente se anunciam — de Mintouchian. A outra casa de Mintouchian também ficava em Nova York, mas sua esposa era uma inválida. Toda noite, ele ia para casa jantar com ela — o jantar era servido no quarto pela enfermeira. Mas, antes disso, ia sempre visitar Agnes. Normalmente, perto das oito da noite ele estava cruzando o Central Park no seu carro com chofer para ir jantar com a esposa.

O motivo de eu estar com Mintouchian no banho turco naquela tarde específica era que Stella tinha saído com Agnes para fazer compras para o casamento. Os dois, Agnes e Mintouchian, eram as únicas pessoas com quem saíamos quando eu estava de folga da base, nos fins de semana. Mintouchian gostava de nos levar ao Toots Shor’s ou ao Diamond Horseshoe, acho, e outros lugares de porta vermelha e dourada. Na única vez em que tentei pagar a conta, ele me deu um chega pra lá. Eu teria tido de pedir dinheiro emprestado a Stella para pagar aquilo. Mas Mintouchian era muito mão-aberta, um tremendo farrista. Quase sempre vestido com roupas formais de uma pretura rembranesca, com seus olhos de contorno vermelho, a cabeça e as orelhas escarpadas e como que cheirando as areias e savanas com seu nariz achatado, ele tinha no entanto um sorriso de quem diz “solta a música e vamos gastar dinheiro”; seus dentes eram compridos e ele estava sempre muito leve e felinamente barbudo, para combinar com suas rugas velhacas e inteligentes e sua boca sempre pronta a sorrir. Na presença das mulheres ele nunca abandonava esse sorriso, mas agora, sentado feito o chefe de uma vila do sul da Ásia com sua toalha de cores berrantes, ele abandonou; e, enquanto conversava de homem para homem comigo, beliscava sua pele debaixo dos olhos para se livrar dos

papos — as unhas amareladas dos seus pés estavam pintadas com esmalte incolor, salvo as dos dedinhos, que ficavam aflitivamente enterradas na carne daqueles pés desgastados pela vida, com sua pele crispada de veias. Eu me perguntava se ele era mesmo um daqueles sujeitos esquentados e perigosos, como Zaharoff ou Juan March, ou o rei dos fósforos, ou Jake the Barber ou o Three-Finger Brown.^a Stella dizia que Mintouchian tinha tanto dinheiro que ainda nem havia dobrado todas as notas que possuía. Ele certamente estava gastando um bocado com Agnes, a quem conhecera em Cuba; pagava uma mesada ao marido dela para que ele ficasse lá. No entanto, muito embora eu tenha descoberto que ele não era estritamente honesto, Mintouchian também nunca foi o tipo de entrar para a galeria de bandidos procurados. Para conseguir se formar em direito, na verdade, ele havia tocado órgão em cinemas para acompanhar filmes mudos. Mas era um advogado de primeira agora, tinha participações em negócios no mundo inteiro e, além disso, era uma pessoa letrada e um grande leitor. Um de seus passatempos era tentar desvendar os mistérios por trás de acontecimentos históricos como a construção da Ferrovia Berlim-Bagdá ou a Batalha de Tannenberg, e ele também sabia muito sobre a vida de mártires. Era mais uma daquelas pessoas que aparecem insistentemente na minha frente com conselhos e lições de vida, como tem acontecido ao longo de toda a minha peregrinação terrena.

Eu não conseguia entender o que Mintouchian via em Agnes, que claramente mandava nele. Ela tinha olhos castanho-escuros, como os de uma favorita de aristocratas em cafés e carruagens dos tempos imperiais, muito embora provavelmente ainda não passasse de uma criança nessa época. E, além disso, tinha uma leve depressão em cada lado do nariz arrebitado, o que fazia com que ela parecesse ter um temperamento, digamos, não muito aberto. Contudo, Agnes era amiga de Stella e Mintouchian a amava. Isso me fazia pensar nos anseios profundos de pessoas idosas, ou em desejos que são inextermínáveis a não ser pela completa aniquilação através da morte.

“A morte!”, disse o próprio Mintouchian. Ele estava me contando dos derrames que havia sofrido. “Eu não quero te deixar deprimido, tão perto do seu casamento.”

“Ah, não, o senhor não vai me deixar deprimido. Eu amo demais a Stella e nada vai me entristecer.”

“Bom, eu não vou dizer que estava tão feliz quanto você, mas também estava muito emotivo quando me casei. Talvez fosse de tanto tocar músicas comoventes, que era o que eu fazia na época. Para aventuras marítimas, eu tocava ‘A gruta de Fingal’. Para o Rodolfo Valentino, eu tocava ‘Orientale’ do César Cui ou ‘Sehnsucht’ do Tchaikovsky. E também ‘Poeta e camponês’. Experimenta só lutar contra esse troço, esse bolo de emoção no peito, quando o Milton Sills descobre que o Conway Tearle não afundou no *Titanic* ou coisa parecida. Eu tocava ao mesmo tempo em que lia o meu livro de delitos, porque estava estudando feito maluco pra minha prova de tribunal. Mas, mesmo assim, aqueles foram tempos de emoção. Ou talvez você ache que é tudo lorota?”

“Não, por quê?”

“Você acha que eu sou um bandido, só que nunca diria isso em voz alta. Você luta demais contra os seus maus pensamentos.”

“Todo mundo diz isso. É como se você tivesse obrigação de ter opiniões ruins. Eu não me considero de forma alguma angélico, mas tento respeitar o máximo que posso.”

Mintouchian disse: “Num dia de trabalho, eu vejo mais absurdos do que você seria capaz de imaginar mesmo que fizesse disso uma meta. A *Comédia humana* do Balzac é brincadeira de criança em comparação. Eu acordo de manhã e tenho que me perguntar: ‘Muito bem, no caso *Shiml* versus *Shiml*, quem está ferrando quem? Quem vai ficar pior no final? O marido que tira o filho da mulher que está vivendo em pecado? O amante que faz a mulher abrir mão do filho pra evitar escândalo e não prejudicar os negócios dele? A mulher que faz qualquer coisa pelo amante?’. *Ribono shel Olam!*”^b

Fiquei surpreso ao ouvi-lo dizer essas palavras, que ele explicou da seguinte forma: “Meu pai era zelador de uma sinagoga, e eu ficava passando o tempo no porão. Tive um tio que foi coronel na guerra dos bôeres. Quem é o quê? Então, se a história nos faz parecer estranhos ou até ridículos, nós ainda continuamos todos muito sérios, né? Nós morremos de qualquer maneira”. Ele voltou ao assunto dos seus derrames. “Alguns anos atrás, eu estava sentado no banheiro, pensando em alguma questão importante, quando de repente o Anjo da Morte me puxou pelo nariz. A minha mente se apagou e tudo ficou preto. Eu caí de cara no chão. Acho que se a minha barriga não estivesse no caminho para amortecer a força do impacto, eu teria morrido. Do jeito que foi, o sangue esguichou do meu nariz feito refrigerante e salpicou a porta toda. Que, na minha vaidade, eu tinha fechado. Depois, aos poucos, a centelha da vida foi voltando pra mim. A minha mente se encheu de novo da luz e dos pensamentos típicos do homem chamado Mintouchian. Agora, eu pensei comigo, você é Mintouchian de novo. Como se tivesse opção. Eu tenho mesmo que voltar como Mintouchian, incluindo as partes angustiantes? Sim, porque viver é ser Mintouchian, meu caro homem. Eu passei em revista todos os meus segredos e vi que todos ainda continuavam no lugar. Eu ainda não sabia quem estava ferrando quem. Fui me arrastando até a cama e fiquei lá, tremendo do toque da morte.

“Mas eu estava falando” — ele me deu um sorriso afável, apertando os olhos de maneira sentida, depois bocejou e aproveitou a luz dourada — “de como um sujeito luta contra os maus pensamentos. Como a vida vai além da consciência das pessoas boas e bem-criadas. Uma boa criação impede que elas tomem consciência até do que elas próprias pensam. Porque todos nós pensamos as mesmas coisas, mais ou menos. Você ama a Stella, não ama?”

“Como nunca amei a ninguém.”

“Ótimo. Isso é o que eu chamo de uma resposta de homem. Quando é que é o seu aniversário?”

“Em janeiro.”

“Eu sabia, tinha certeza disso. O meu também. Eu acredito que os melhores tipos nascem em janeiro. É uma questão barométrica — pode procurar depois no livro do Ellsworth Huntington.^c Os pais fazem amor na primavera, quando o organismo está mais saudável, e então os melhores espécimens são concebidos. Se você quer ter filhos, você devia se programar pra engravidar a sua amada nessa estação. A antiga sabedoria popular estava certa. Agora vem a ciência e descobre o que os antigos já sabiam. Mas o que eu queria dizer sobre a sua noiva é que mesmo ela não é diferente do resto de nós, salvo pelo fato de ser mais bonita e talentosa. Você pode ter certeza absoluta de que ela pensou no futuro tanto com você quanto sem você.

*I should worry, I should care,
I should marry a millionaire.
He should die and I should cry,
I should marry another guy.^d*

“Mas isso aconteceu na consciência interna, que não obedece a leis nem aceita impedimentos. E o que é que tem? A vida é possível assim mesmo. Só que até coisas legítimas e razoáveis têm que atravessar essa Mongólia, ou esse deserto de luz clara sem árvores. O que nós respeitamos mais do que o comércio e a indústria? Mas quando o senhor Cecil Rhodes do império britânico chora porque não pode fazer negócios com as estrelas brilhantes, isso não é decadência, e sim a consciência interna falando mais alto que todas as obras mais grandiosas do homem presunçoso.”

Fiquei profundamente magoado quando ele falou de Stella desse jeito. Que direito ele tinha, aquele cretino grosseirão, de fazer Stella me matar na consciência interna dela? Eu estava queimando de ressentimento por dentro. “Primeiro o senhor fala de sabedoria antiga”, eu disse, com raiva, “depois resolve debochar do amor.”

“Bom, eu sou um filho da puta!”, disse ele, se levantando no meio do vapor do banho turco e reenrolando a toalha no corpo. “Eu não quis ferir os seus sentimentos. Puxa! Se eu te magoei com essa conversa fiada pra matar o tempo, por favor me desculpe. Eu estou vendo que você realmente está muito apaixonado. Deus te abençoe por esses sentimentos tão nobres! E você vai zarpar em breve também, é natural que a proximidade não só do perigo mas da separação da sua amada mexa com as suas emoções. Mas essa pequena cantiga de meninas pequenas também traz uma antiga sabedoria. Isso não é razão para descrença, mas sim para orgulho na conquista da natureza. A mente humana delimitou os oceanos explosivos do espaço universal; o intelecto engoliu o empíreo. Mas você também não deve fechar os olhos para os pensamentos secretos e as maquinações que são feitas.

“Olha, já que estamos conversando, me deixa te dar alguns exemplos, retirados da minha prática como advogado, do que se passa em outras partes da alma. Alguns anos atrás, a esposa de um cliente informou à companhia de seguros que perdeu um bracelete valioso. É uma mulher perfeitamente confiável, mãe de três filhos, com um marido rico que deu a ela um patrimônio no valor de cem mil dólares, mantendo para si apenas o direito de administrá-lo. O bracelete foi perdido? Muito bem. Isso para a companhia é uma coisa rotineira. Eles investigam, vão até o marido e dizem pra ele: ‘A sua esposa não perdeu o bracelete, ela o deu ao amante dela, que estava duro’. Ah, a indignação! ‘A minha mulher, um amante! A minha respeitável esposa, a mãe dos meus filhos, que vive me dando provas de afeto e de lealdade? A minha esposa querida, a mulher que eu amo há anos?’ Mas o fato é que ela tinha culpa no cartório, tinha pulado a cerca, ou coisa equivalente. O pobre homem ficou de coração partido! Como era possível?! Imagina a dor que ele sentiu, a perplexidade dele quando descobriu que ela mantinha um segredo desses. Que fracasso de vida, quando ele tinha trabalhado tanto, dado tanto duro pra que houvesse uma razão certa e garantida pra que a vida durasse mais tempo do que de quinta

até sábado. Realmente, é de dar vontade de chorar, um troço desses. Como, porém, não podia confiar só na palavra do investigador da seguradora, ele vem me procurar e eu lhe arranjo um detetive particular. O detetive volta com os mesmos fatos, que o tal amante era um vagabundo com antecedentes criminais, que já tinha sido preso por proxenetismo e venda de objetos roubados. Ele mostra até uma foto para o pobre marido, pra poder descrever melhor a figura. Nariz grosso, costeletas compridas. Você conhece o tipo. Bom, o coitado está ficando maluco. E, então, descobre ainda por cima que, no subúrbio onde eles moram, ele era a única pessoa da vizinhança inteira que ainda não sabia disso. Os vizinhos estavam cansados de ver os dois dentro do carro, que eles estacionavam pelos arredores. No bosque, perto dos arbustos. É como se a casa desabasse em cima dele. ‘Quem restou entre vós que viu esta casa na sua primeira glória? E como a vedes agora?’”^e

Ah, coitado do homem. Eu senti um aperto no coração por ele.

“As pessoas começam a dizer pra ele: ‘Bota essa mulher pra correr, homem! Deixa de ser panaca. Aquele vigarista está comendo a sua mulher e vivendo como gigolô dela às suas custas’. Como não consegue mais aguentar aquela situação, ele a acusa. Ela, claro, nega tudo. Não admite coisa nenhuma. Ele então cita nomes, datas, lugares, e não há nada que ela possa dizer. É tudo verdade. Aí ela diz: ‘Eu não vou deixar esta casa nem os meus filhos, eles são meus’. Ele vem me ver e pede conselho. A lei está toda do lado dele. Ele pode botar a mulher no olho da rua, se quiser. Mas ele quer? Não!”

Pensei no que disse Oseias à mulher que tinha sido infiel: “Por muitos dias tu esperarás por mim”.^f

“E eu ainda vou te dizer mais. Ela também amava o marido. Pra você ver como as coisas podem ser complicadas. Ela desistiu do gigolô. E a partir daí os vizinhos passaram a ver a mulher e o marido no cinema, de mãos dadas e se beijando como dois jovens amantes.”

Fiquei feliz com o desfecho da história e por eles terem perdoado um ao outro. Meu coração deu um pulso de alegria por eles terem conseguido se entender.

“Você tem que ter pena da mulher também”, falei.

“Você tem que ter pena principalmente dela”, disse Mintouchian, “porque era ela que tinha que mentir e levar duas vidas. Esse segredo é que é o verdadeiro fardo. Você chega em casa ainda ofegante, suado ou zozzo de um encontro. E o que você encontra lá? Outro mundo, outra vida; você é outra pessoa. E você também tem que saber exatamente o que está fazendo. Tem que ter a precisão de um farmacêutico que avia uma receita atrás da outra. Botar exatamente a quantidade certa de atropina ou de arsênico. É bom que seja a certa. É bom que seja!”, disse Mintouchian com uma espécie de selvageria ou força de emoção. Ele não conseguia refreá-la. “Você volta pra casa. ‘Olá, marido ou esposa.’ ‘Como foi o seu dia hoje no escritório?’ ‘Como sempre. Estou vendo que você trocou os lençóis.’ ‘É e eu também paguei o seguro.’ ‘Isso é bom.’ Então você é outra pessoa. Onde estão as palavras que você disse uma hora antes? Sumiram! Onde é a Central? Ah, meu caro amigo, a Central está ouvindo os ruídos que vêm da Mongólia. Você diz vida *dupla*? É segredo em cima de segredo, mistério elevado ao infinito. Então quem é que sabe qual é o derradeiro e onde está a hora da verdade?

“Claro que isso não tem nada a ver com você”, disse ele, sorrindo e tentando assumir um ar menos sombrio, mas havia uma espécie de escuridão naquele momento no pequeno cômodo superiluminado. Depois desse esforço, ele prosseguiu: “Mas só pelo interesse da coisa, vou te contar mais um caso. Tinha um casal rico que era cliente meu desde antes da guerra. O marido bonitão, a mulher linda. Connecticut, Yale, esse tipo de formação. Bom, o marido viaja a negócios pra Itália, conhece uma italiana, tem um *affaire de cœur* e, depois que volta, começa imprudentemente a se corresponder com ela. Um dia, a esposa encontra uma carta de amor que ele guardava no bolso de trás da calça. Não só ele guardou a carta, March,

como tinha restaurado com o próprio punho as palavras escritas na caligrafia da sua querida nos lugares em que elas tinham sido apagadas pelo seu suor. Aí, a esposa vem me procurar com sangue nos olhos. Acontece que eu sei muito bem sabido que, enquanto o marido estava viajando, ela também tinha andado se divertindo com alguém, um amigo. Mas agora ela quer castigar o marido. Porque descobriu o que *ele* fez! Ela quer ir pra Itália com o marido, confrontar a italiana e fazer o marido negar diante das duas que algum dia tenha amado a italiana. Caso contrário, divórcio. Naturalmente, eu não posso dizer ao marido o que fazer, e ele vai. Eles viajam onze mil quilômetros para realizar esse ato necessário. Depois, eles voltam pra casa e o que você acha que acontece? Você é um homem inteligente, você deve saber o que aconteceu.”

“Ele descobre que ela teve um caso. Escuta”, falei, sentindo que havia alguma coisa por trás daquilo, “como é que essas histórias se aplicam a mim, justamente agora, antes do meu casamento? O senhor está dizendo que eu devia vestir a carapuça pra ver se serve?” Só de pensar nisso, senti meu sangue ferver.

“Opa! Não leve pro lado pessoal. Eu nunca disse que essas histórias se aplicavam a você. Elas provavelmente só se aplicam de maneira geral. Você acha que eu seria capaz de dizer alguma coisa contra a senhorita Chesney? Não só ela é amiga da Agnes, como eu não sou nenhum desmancha-prazeres pra me intrometer num amor verdadeiro, como o que eu vejo estampado em você de alto a baixo.

“Mas talvez você fique tão interessado quanto eu fiquei no que um homem inteligente uma vez me disse a respeito da relação entre amor e adultério. Num determinado dia, quando está feliz, você sabe que aquilo não pode durar, mas o tempo muda, a saúde vira doença, o ano termina e a vida também. Em outro lugar, num outro dia, sua amante será outra. O rosto que você beija vai ser outro rosto, assim como o seu rosto também será substituído. Não há como evitar, esse sujeito disse. Claro que ele era um patife de marca maior, um parasita fingido que não prestava pra nada,

vivia passando temporadas no manicômio, foi sustentado por mulheres a vida inteira, abandonou o filho e ninguém podia contar com ele. Mas amor é adultério, ele disse, e expressa mudança. Você faz as pazes com a mudança. Outra cidade, outra mulher, uma cama diferente, mas você é o mesmo e, portanto, tem que ser flexível. Você beija uma mulher e mostra como ama a sua sina, e você cultua e adora as mudanças da vida. Você obedece a essa lei. Quer esse vagabundo estivesse certo ou não — que Deus odeie a sua alma! — não pense que você não tem que obedecer às leis da vida.”

Meu estranho professor, pois ele certamente estava ensinando, disse ainda: “Inconstante é apelido. Só que o sistema regula, feito uma torneira, a vontade do universo”.

“Eu quero obedecer a essas leis”, falei. “Não estou tentando escapar delas. Nunca tentei.”

Mas agora o suor estava escorrendo muito rápido pelos nossos rostos abaixo, e a toalha colorida de Mintouchian, que tinha escorregado do seu peito e dos seus sovacos gordos até o mato pantanoso da sua barriga, parecia a veste de um sábio. Eu nunca poderia concordar que o amor tivesse de ser adultério. Nunca! Ora, imagine! Mesmo que tivesse de admitir que muitos amantes eram adúlteros, como Paolo e Francesca ou Anna Karenina, a favorita de vovó Lausch. O que me fez pensar no sofrimento que se mistura com o amor. Como comer a fruta estragada para não ofender os deuses, para quem a felicidade pura está reservada.

Mintouchian parecia estar sorrindo, com grande, meiga e suarenta generosidade, como um sábio, um profeta ou um guru, um príncipe da experiência com suas unhas dos pés reluzentes. Eu queria que ele me desse sabedoria.

“Por que você tem que pensar que aquilo que te mata é aquilo que você defende? Porque você é o autor da sua morte. Qual é a arma? Os pregos e o martelo do seu temperamento. Qual é a cruz? Os seus próprios ossos: preso neles, você enfraquece aos poucos. E o marido ou a esposa levam um ao

outro a cumprir o feito. ‘Meu amor, será que você faria a minha ruína?’, eles poderiam muito bem dizer, e falar e mostrar um para o outro como fazer. O peixe busca a água, o pássaro busca o ar, e você e eu buscamos a nossa ideia dominante.”

“O senhor sabe dizer qual é a sua ideia dominante, senhor Mintouchian?”

Ele respondeu prontamente: “Segredos. A sociedade nos faz ter alguns, obviamente. A irmandade dos homens quer tirá-los de nós pelo poder da confissão. Mas eu tenho que gerar segredos. Vou ficar conhecido pelos meus segredos quando morrer, como são Brás, que foi morto com pentes de cardar e depois virou santo padroeiro dos cardadores.

“Complicações, mentiras, mentiras e mentiras!”, disse ele. “Dissimulações, cenas, múltiplas personalidades, doenças, conversas. Mesmo em poucos minutos de conversa, você já reparou quantas vezes o que você sente é transformado antes de sair de dentro de você como o que você diz? Alguém te diz *A*. A sua resposta é *B*. Só que *B* você não pode dizer, então você transforma esse *B*, você faz com que ele passe pelas espirais do seu peito. De corrente contínua pra corrente alternada, aumentado em quatrocentos volts, filtrado. Então, em vez de *B*, o que sai é gama um. Quanto mais longa a série da transformação, pior o fedor de gama um. Veja bem, eu sou um grande admirador da nossa espécie. Tenho um respeito e uma admiração imensos pelo gênio da raça. Mas uma grande parte desse gênio é dedicada a mentir e a aparentar ser o que não é. Nós adoramos quando Ulisses volta pra casa disfarçado, pra se vingar. Mas suponha que ele esquecesse pra que tinha voltado e só ficasse por lá sentado, dia após dia, com o seu disfarce. Isso acontece com muitos espíritos frágeis que esquecem qual é a finalidade do disfarce, não entendem a complexidade, nem sabem como voltar pra simplicidade. De tanto dizer coisas diferentes pra pessoas diferentes, eles esquecem como as coisas eram originalmente e o que eles próprios querem. Como são raros o pensamento simples e a pureza de coração! Se eu vejo nem que seja um

instante de pureza, eu me curvo em reverência, até o chão. É por isso que eu sinto muito respeito por você quando você me diz que está apaixonado. Eu admiro essa durabilidade, e também sou eu próprio um amante.”

Deus abençoe Mintouchian! Que homem bom! Ele realmente prestava atenção. E eu retribuí seu amor na mesma moeda.

“O senhor vai entender, senhor Mintouchian, se eu disser que sempre tentei me tornar o que realmente sou. Mas é uma coisa assustadora. Porque e se o que eu sou por natureza não for bom o bastante?” Eu estava perto das lágrimas quando lhe disse isso. “Imagino que seja melhor, de qualquer forma, parar de lutar e ser o que sou. Eu nunca vou forçar a mão do destino para criar um Augie March melhor, nem transformar o nosso tempo numa idade de ouro.”

“Tem toda a razão. Você tem que tentar a sorte sendo o que é. E você não pode ficar parado. Eu conheço esse duplo impasse: se você tomar uma iniciativa, você está arriscado a perder, mas se ficar parado, vai acabar apodrecendo. Mas o que é que você vai perder? Você não vai inventar melhor do que Deus ou do que a natureza, nem se transformar no homem a quem não falta talento nem desenvolvimento antes de tomar a iniciativa. Isso não nos é dado.”

“O senhor está certíssimo, e eu agradeço”, falei. “Eu lhe devo muito por essa explicação.”

Isso se passou no quinquagésimo oitavo andar de um edifício do centro de Manhattan, atrás de portas de correr de vidro. Não vale a pena ser tão *blasé* a ponto de não mencionar esse detalhe.

“É melhor morrer sendo o que se é do que viver como um estranho pra sempre”, disse ele.

Depois disso, ele se concentrou em silêncio por algum tempo, como se estivesse contando gotas num conta-gotas invisível. Do que será que eram as gotas, de pura essência ou de bile?

“Eu acho que você vai se interessar por um assunto que tem me incomodado muito nesses últimos meses.” Bile, eu vi agora. Seus olhos

grandes ficaram pesados e tristes.

“O motivo que me fez contar a você aquele caso do bracelete antes”, ele disse, “é que eu estou com joias na cabeça por conta de um anel de diamante que a senhora Kuttner, a Agnes, perdeu alguns meses atrás. Ela disse que foi assaltada no Central Park, quando estava passeando com o cachorro à noite. Isso, claro, é uma coisa que acontece, pessoas são assaltadas.”

“Mas por que usar um anel de diamante pra levar o cachorro pra passear?”

“A explicação pra isso é que nós tínhamos saído naquela noite. Ela tinha marcas de dedos no pescoço. Uma prova bem razoável, não? Além disso, ela foi encontrada caída no chão, numa trilha entre o Metropolitan e o parque das crianças. Os policiais a levaram pra casa. Bem convincente, não?”

“Parece absolutamente...”

“Ela recebeu a indenização do seguro, no valor de cinco mil dólares. E agora eu digo a você em absoluto sigilo que foi ela mesma quem fez tudo isso sozinha.”

“O quê?”

“Ela se estrangulou até desmaiar. As marcas no pescoço dela, ela fez com os seus próprios dedos.”

“Como ela pode ter feito uma coisa dessas?!”

“*Ela* pode.”

A visão da bela vienense se estrangulando no parque à noite me deixou atônito. “Como é que o senhor sabe?”

“Porque uma das amigas dela está guardando o anel pra ela.”

“Mas o que é que ela está tentando conseguir com isso?”

“Essa é que é a grande questão. Eu dou a ela todo o dinheiro de que ela precisa. Além de mandar um cheque pro marido dela em Cuba. Então pra que esse embuste, pra que é que ela quer esse extra?”

“Quem sabe não é só uma espécie de reserva pra aposentadoria? O senhor fez alguma coisa pra garantir o futuro dela?”

“Ela é muito hábil em matéria de dinheiro. A minha grande esperança é essa. Se eu garanti o futuro dela? Claro. Eu lhe dei uma casa em Manhattan. Mas e se não for isso? Você está entendendo a situação? Ela esconde segredos de mim; ela está me tapeando.”

“Pode ser que esse segredo seja uma coisa boba, como um irmão que se meteu numa encrenca e ela não queira contar ao senhor. Ou talvez esteja cansada de só receber dinheiro de mão beijada e queira *ganhar* dinheiro.”

Ele percebeu que eu estava tentando reconfortá-lo.

“Devem existir maneiras mais fáceis. Não. E se for pra pagar algum chantagista? Ah, a prática da advocacia me faz ser muito desconfiado. Mas você não vê a posição em que eu estou?”, Mintouchian me perguntou. “Com a minha visão de mundo?”

Às vezes, com pouco tempo de convivência, você acaba ficando muito próximo de alguém. Era assim que Mintouchian e eu estávamos agora.

Nesse sábado específico, como Stella e Agnes não vieram se encontrar conosco por conta de um mal-entendido com relação ao que tinha sido combinado, Mintouchian ficou muito nervoso enquanto esperávamos por elas no escritório dele. Estava chegando a hora de ele ir jantar com a esposa, era por isso que ele estava nervoso. Por fim, mandou o chofer ao apartamento de Stella com o recado de que nós nos encontraríamos com elas lá às nove e meia, depois pegou um táxi para ir para casa, que ficava do outro lado do parque, e me levou junto.

Então, eu conheci a sra. Mintouchian. Não consegui descobrir qual era seu problema de saúde. Ela estava usando um penhoar acolchoado azul e seu cabelo era grisalho. Tinha uma postura digna, se não mesmo altiva; sua conduta me fez pensar numa espécie de bravura atlética.

Ela me cumprimentou de maneira muito reservada e distante.

“Harold, os martínis têm que ser preparados na cozinha”, ela disse a Mintouchian. Assim que ele saiu, ela me perguntou, quase com violência:

“Quem é você, rapaz?”.

“Eu? Eu sou cliente do senhor Mintouchian. É que eu estou pra me casar, sabe.”

“Eu não espero que você me conte nada”, disse ela. “Eu sei que o Harold tem os segredos dele. Quer dizer, ele acha que tem. Na verdade, eu sei tudo da vida dele, porque penso nele o tempo todo. Não é tão difícil, se você passa todo o seu tempo pensando em alguém. Eu não tenho nem que sair deste quarto.”

Eu fiquei abismado. Senti meus olhos se arregalarem.

“Eu não conheço o senhor Mintouchian há muito tempo”, falei, “mas, na minha opinião, ele é um grande homem.”

“Ah, você percebeu? Ele é um grande homem, mesmo sendo humano demais.”

Fiquei assombrado de pensar que quando Mintouchian, aquele leão, chorava nas brenhas do que ele imaginava ser basicamente solidão, aquela inválida estava atocaiada atrás dele, ouvindo.

Mas depois Mintouchian chegou trazendo os martínis e a conversa acabou.

a Referência a Ivar Kreuger (rei dos fósforos) e a Gaetano Lucchese (Three-Finger Brown). (N. E.)

b “Senhor do Universo!”, em hebraico. (N. T.)

c Ellsworth Huntington (1876-1947), geógrafo norte-americano, defensor do determinismo climático e geográfico. (N. T.)

d “Devo me preocupar, devo me importar/ Devo me casar com um milionário./ Ele deve morrer e eu devo chorar,/ Depois devo casar com outro sujeito.” Cantiga infantil de pular corda. (N. T.)

e Ageu 2:3. (N. T.)

f Oseias 3:3. (N. T.)

25.

Drogado de amor como eu estava, nada poderia me fazer desistir de casar. Não sei se era essa a intenção de Mintouchian, mas, se era, ele não tinha a menor chance de ter êxito, porque eu não era hospitaleiro com desconfianças. No entanto, ele fez o papel de um bom amigo. Providenciou o serviço de bufê para o almoço do casamento e comprou rosas e gardênias para todo mundo. Perto do prédio da prefeitura, onde foi o casamento, o céu estava azul e parecia haver vibrações de música no ar. Quando descemos pelo elevador, lembrei que, pouco mais de um ano antes, eu estava no terraço do hospital do condado, em Chicago, refletindo que, de todas as pessoas da nossa família, incluindo vovó Lausch, Simon era o único que tinha conseguido ficar fora de uma instituição. Mas agora eu não tinha mais motivo para invejá-lo. Invejar? Ora, eu achava que estava muito melhor que ele, considerando que tinha me casado com a mulher que eu amava e estava, portanto, avançando no único caminho de vida verdadeiro. Disse a mim mesmo que Simon era o tipo de pessoa que só podia deixar o mundo tal como o encontrara e transmitir a sina que herdara aos filhos que agora talvez tivesse — eu não sabia ao certo se ele tinha algum. Sim, era dessa forma que tais pessoas eram sujeitas a todas as leis que existem, como os picos de montanhas que se inclinam na direção de seus respectivos polos magnéticos, ou como caranguejos nas algas, ou cristais nas cavernas. Ao passo que eu, com a ajuda do amor, tinha embarcado numa coisa muito melhor, estava defendendo minha posição,

que é como se constrói a realidade, e não estava só ao sabor do vento. E ali estava a noiva junto comigo, seu rosto corado da excitação da felicidade; ela queria o que eu queria. Tinha cometido alguns erros no passado, é verdade, mas agora todos eles estavam apagados.

Saímos para a escada, onde os pombos perambulavam. Mintouchian havia contratado um fotógrafo para estar lá e tirar fotos dos noivos com os convidados. Ele tinha sido muito prestativo e estava tratando todo mundo com muita gentileza.

Eu havia me formado em Sheepshead no dia anterior e carregava minha nova patente no bolso. Meu sorriso tinha mudado, pois a instituição havia me dado alguns dentes postiços, de graça, para substituir os que eu tinha perdido no México. Tenho de confessar que, além do amor por Stella e do orgulho por aquele dia, eu sentia também uma bolha dentro de mim, como a bolha de ar de um nível de carpinteiro. Mas estava barbeado e penteado como um artista de cinema e vestia o uniforme novo, de alta compressão, ao qual faltavam apenas faixas e estrelas por serviços prestados. Eu bem teria gostado de ter algumas, e de ter casado com uma linda mulher como um herói das Forças Armadas do meu país. Jurei a mim mesmo que teria sido modesto. No entanto, não dava para notar o quanto eu estava nervoso, acho. Não era só porque eu tinha de zarpar poucos dias depois do casamento que eu estava nervoso, mas também porque Stella ia viajar uma semana depois para o Alasca e as ilhas Aleutas com um show das USO. Eu não queria que ela fosse.

Claro que eu não iria dizer nada que pudesse estragar a ocasião. O fotógrafo tirou fotos do grupo, que incluía também Agnes e Sylvester. Eu passei a olhar com outros olhos para Agnes depois que soube do seu autoestrangulamento. Ela estava usando um elegante *tailleur* cinza, que chamava a atenção para os seus quadris, e uma gola subida, como que para esconder o pescoço.

No apartamento de Stella, peru, presunto, champanhe, conhaque, frutas e bolo estavam dispostos em cima do bufê. Era um senhor banquete.

Robey e Frazer tinham vindo para Nova York juntos e os convidei para o casamento, de forma que eu estava bem representado. Frazer estava usando um uniforme de major. A barba de Robey estava mais cheia e ele tinha engordado um pouco lá em Washington. Ele se sentou num canto e ficou segurando o joelho com as duas mãos, sem falar nada com ninguém. Mas havia conversa suficiente sem ele.

Depois de algumas taças de champanhe, Sylvester ficou todo sorrisos. Ele era um melancólico engraçado, Sylvester. Queria ser levado a sério e respeitado, mas se traía com seus sorrisos de linhas escuras, e seu lado imponderado lutava para vir à tona e conseguia. Com seu terno de homem de negócios, de paletó transpassado e listras finas, ele veio se sentar perto de mim. Segurei Stella pela cintura e fiquei passando a mão no seu vestido de cetim.

“Que peixão!”, Sylvester me disse. “Que sorte você deu, hein?! Quando eu penso que você já trabalhou pra mim!”

Isso foi quando ele era dono do Star Theatre, na California Avenue, embaixo do consultório daquele dentista que torturava vovó. Sylvester não era nenhuma criança; na verdade, já estava ficando velho. Disse que estava afastado da política agora. Eu queria lhe perguntar o que havia acontecido no México depois que vim embora, mas achei que o dia do meu casamento não era hora para isso e desisti da pergunta.

O astro da festa não fui tanto eu, e sim Frazer, de certa forma.

Frazer tinha acabado de voltar do Oriente. Estava trabalhando na Inteligência e ligado a uma missão em Chongqing.

Agnes e Mintouchian estavam conversando com ele sobre a Ásia. Eu ainda sentia uma grande admiração e respeito por Frazer. Ele era um homem extremamente atraente e bem-apeσοado. Havia uma elegância longilínea tipicamente americana nele, na desenvoltura das suas pernas compridas e na sua cabeça raspada dos lados, que do queixo até a testa exibia os contornos da caveira masculina com uma magreza que tendia para o vigor, enquanto seus olhos cinzentos tinham uma franqueza que

tendia para a frieza. Todos os traços do seu rosto eram fortes, com rugas que começavam a se aprofundar com a pressão do mundo. E havia mais alguma coisa nele — um ar de quem está sentado numa cadeira de barbearia no exato momento em que o barbeiro acabou de fazer sua barba, a loção pós-barba secando, os elegantes sapatos estilo caubói aparecendo. E ele sabia tanta coisa também. Se você dissesse, por exemplo, alguma coisa sobre D’Alembert ou sobre Isidoro de Sevilha, Frazer estaria pronto para discutir sobre eles. Não havia um único assunto que você puxasse que o deixasse atarantado, sem saber o que dizer. Ele ia ser uma pessoa importante. Dava para perceber como ele estava voando lá nas alturas, de um pico de vida para outro. E, no entanto, ele parecia relaxado. Porém, quanto mais naturalidade e desembaraço ele conseguia, mais distância e exibicionismo havia; ele falava de Tucídides ou de Marx e apresentava quadros que evocavam visões históricas. Você sentia arrepios na nuca e frios que iam até a raiz dos dentes. Fiquei muito orgulhoso de ter um amigo como ele vindo ao meu casamento. Frazer deu classe à festa e foi um grande sucesso.

Mas ouvir aquela brilhante discussão instrutiva era um pouco assustador também; como tocar em alta voltagem.

Declarações, resoluções, tratados, teorias, congressos, ossos de reis, Cromwells, Loyolas, Lênins e czares, hordas da Índia e da China, fomes, ajuntamentos, massacres, sacrifícios, tudo isso ele mencionou. Grandes multidões em Benares, Londres e Roma, ele me fez ver; Jerusalém contra Tito, o Inferno quando Ulisses visitou, Paris quando abatiam cavalos na rua. Ur e Mênfis mortas. Átomos de quase silêncio, os atos mortos, que formavam um urro coletivo. Sentinelas macedônios. Perfuratrizes do metrô. O sr. Kreindl empurrando uma roda de canhão com seus colegas. Vovó e o lendário sr. Lausch, com seu fraque-armadura, tendo uma discussão na estação de trem de Odessa no dia em que a guerra do Japão estourou. Meus pais passeando na beira da lagoa do Humboldt Park no dia em que fui concebido. Primavera florida.

E pensei que isso tudo era simplesmente coisa demais para uma pessoa aguentar, coisa demais com que conseguir conviver. Melhor esquecer, em parte. O Ganges está lá com seus demônios e senhores, mas você também tem o direito de apenas lavar os pés e suas roupas íntimas nele se quiser. Ou, mesmo que tivesse um bom carro, você ia precisar de mais que uma vida inteira para fazer um tour por todos os Calvários.

Enquanto Frazer falava, a dúvida de se eu era ou não tudo o que poderia ser me afligia, mas muito menos do que teria me atormentado antes daquela conversa que tive com Clem sobre as linhas axiais e daquilo que falei com Mintouchian no banho turco. A presença de Mintouchian ali me dava um grande conforto. E, no fim das contas, era só a celebração de um casamento — aquilo tudo que aconteceu. O champanhe estando no fim, a carne branca tendo sido comida, os dois sujeitos que jogavam cartas na mesa de cortar da fábrica em frente já vestindo os casacos para ir embora, nossos convidados também começaram a se retirar. Adeus a todos, e muito obrigado.

“O meu amigo Frazer não é inteligente?”, falei.

“É, mas você é o meu amor”, disse Stella, e me beijou. Então, fomos para o leito nupcial.

Dois dias de lua de mel, foi tudo o que tivemos.

Meu navio ia zarpar de Boston e eu tinha de ir para lá. Stella fez a viagem de trem comigo na noite da véspera. E a separação, claro, foi muito difícil. Na manhã seguinte, eu a botei num trem de volta para casa.

“Vai, meu amor.”

“Augie, meu querido, boa sorte”, ela disse da plataforma do trem. Algumas pessoas não aguentam despedidas em trens seja em que época for, mas como eram tristes aquelas despedidas nas estações durante a guerra, com os carros indo embora e deixando multidões para trás, os trilhos vazios

e manchados de óleo, e os dormentes se multiplicando até perder de vista. “E por favor”, disse ela, “tenha muito cuidado com tudo.”

“Ah, eu vou ter cuidado, pode deixar”, prometi. “Não se preocupe. Eu te amo demais pra deixar que me afundem logo na primeira viagem. E você se cuida também, lá no Alasca.”

Do jeito que ela falou, parecia que só dependia de mim, como se eu pudesse de alguma forma fazer meu próprio caminho seguro pelas águas do Atlântico em plena guerra. Mas eu entendi o que ela quis dizer.

“O radar acabou com a alegria dos submarinos”, eu disse a ela. “Está escrito nos jornais.”

Essa notícia fui eu que improvisei; mas fez um bem danado mesmo assim, e eu continuei falando, tão espirituoso que quem me visse acharia que eu era um velho marinheiro.

O chefe do trem veio fechar a porta e eu disse: “Agora entra, amor, entra”.

Até o último instante, eu vi seus olhos grandes na janela. Quando ela se inclinou para a frente no seu assento, curvando o quadril, a beleza e a graça daquele movimento, eu sabia, seriam uma coisa torturante de sentir falta durante meses no meio do oceano.

Então, o trem partiu e eu fiquei sozinho no meio da multidão, sentindo-me triste e melancólico.

Para piorar, o céu estava cinza, ventava e o navio, *Sam MacManus*, era velho. Havia máquinas pretas por perto, no cais, engenhocas soturnas dentro dele, graxa, escuridão, azuis, o próprio dia como que envolto em aço. O oceano esperava e fazia grandes e violentas provocações, como se convidasse você a pensar no quanto ele era fundo, no quanto era mais frio ou mais salgado que seu sangue; ou, ainda, a adivinhar-lhe as intenções, a descobrir quais de seus movimentos eram apenas fintas ou dribles e quais eram para valer. Ele não era nenhum Mediterrâneo, atravessado por apóstolos e navegado por Eneias, a clemente e acetinada piscina, de maravilhosa e cintilante beleza, em que todas as raças mais antigas tiveram

sua infância. Quando deixamos o cais, o Atlântico Norte, de um cinza bruto, começou a intimidar o navio com sua força, batendo, empurrando, murmurando; um chiado faminto salgava os anteparos.

Mas na manhã seguinte, no sol e no calor, estávamos navegando para o sul com toda a nossa força. Subi para o convés depois de uma noite inteira passando mal — nem os comprimidos contra enjoo ajudaram — e aflito de saudade e de preocupação com Stella no Alasca.

O navio de meia-idade avançava sobre as águas de uma maneira que fazia você sentir toda a imensa profundidade; o ar estava doce e radiante. Era como se tudo estivesse cristalino. Até o enferruscado *MacManus* na torrente, como um inseto de cozinha fugindo para o jardim ao amanhecer. O convés azulado retinia debaixo dos nossos pés com o movimento lento e arrastado, como o de uma corrente, do motor do leme. Algumas semelhanças confusas: nuvens ou costas distantes, pássaros ou corpúsculos, passavam na frente dos meus olhos.

Fui ver minha sala e minhas tarefas. Não era nada de mais, na verdade. Minha função era cuidar dos remédios e da contabilidade, como eu já disse. Velhas caixas de arquivo verdes. Armários da mesma cor. Uma cadeira giratória e uma boa luz para ler. Assumi meu posto e me preparei para a viagem.

Então, vieram vários dias de progresso mecânico sobre as águas, o mar no horizonte erguendo-se para agarrar uma nuvem, como um caranguejo atrás de uma borboleta, com o movimento cambaleante de quem carrega uma armadura, depois caindo e labutando. E, ainda, o calor do sol e a esteira de patriarca, espumante e rendada.

Nos momentos de privacidade, eu lia livros e escrevia uma interminável carta-crônica para Stella, que eu esperava enviar de Dacar, nosso primeiro porto, para o Alasca. Claro que havia armas e os ruídos de um radar para nos lembrar do perigo, mas esse período foi muito agradável.

Em pouco tempo, espalhou-se a notícia de que eu era um bom ouvinte de histórias de reveses, relatos pessoais, queixas, e de que eu dava

conselhos. Logo, logo eu já estava com uma clientela diária, quase como um cartomante. Santo Deus, eu poderia ter cobrado honorários! Clem sabia o que estava dizendo quando tentou me convencer a entrar para o ramo do aconselhamento. Ali, eu estava fazendo isso de graça e em condições de risco, muito embora tudo parecesse tranquilo o bastante. Num fim de tarde, digamos, vermelho e dourado, com a superfície tensa de um azul profundo, o oceano transbordante, surgia entre mim e a luz algum sujeito sombrio, como que para uma sessão de orientação espiritual. Não posso dizer que a coisa me desagradasse. O papel me dava a chance de ouvir segredos e também de discorrer sobre os problemas da vida. Eu me dava bem com praticamente todo mundo. Até com o delegado do sindicato, quando ele viu que eu não tinha nenhuma intenção de ser intransigente nem de criar problemas para ele em prol dos interesses da tripulação. E o capitão — ele fazia cursos por correspondência em filosofia numa penca de universidades, era o *hobby* dele, e estava eternamente escrevendo trabalhos — ele se afeiçoou a mim também, embora não aprovasse minha leniência.

Enfim, eu virei o confidente do navio. Embora nem todas as confidências enchessem a alma de esperança.

Mais de um apareceu por lá para me sondar acerca de alguma proposta envolvendo o mercado negro ou algum esquema para ganhar dinheiro rápido em solo estrangeiro.

Um tinha planos de se tornar cabeleireiro depois da guerra, ele me falou, pois assim teria nas mãos a cabeça de todas as mulheres de Kenosha.

Um que tinha levado bomba na escola de paraquedistas e ainda usava as botas que ganhara em Fort Benning me contou com toda a franqueza, quando surgiu o assunto de quem eram seus beneficiários, que tinha três esposas legais em diferentes partes da Pensilvânia e em Nova Jersey.

Alguns queriam diagnósticos, como se eu fosse um terapeuta profissional e não o humilde substituto do substituto do culto de Asclépio que a Marinha Mercante havia feito de mim.

“Você acha possível que eu tenha complexo de inferioridade, acha?”, um deles me perguntou.

De fato, eu via muitos estragos, mas nunca dizia nada.

Uma humanidade fora de si, correndo, correndo, com olhos aguados.

“Imagine que fosse você que estivesse numa situação dessas...”

“Tem um amigo meu que...”

“Ele disse: ‘Sustenta o velho por um tempo pra ver se você gosta’.”

“Ele fugiu pra ir a um parque de diversões.”

“Essa garota, que era aleijada de uma perna, ela trabalhava no laboratório de tinta da fábrica de fogão.”

“Ele era um trapaceiro do tipo que usa a caixa romena, sabe, aquela em que você bota uma nota de um e sai uma nota de cinco.”

“Se ele ficava de pau duro quando estava descendo o rio boiando, ele achava que tinham que levantar as pontes pra ele passar, pra você ter uma ideia de como ele era convencido.”

“Eu falei: ‘Escuta aqui, seu merda, seu trambiqueiro...’.”

“Mesmo sabendo como ela era carinhosa e que nós tínhamos as crianças e tudo, chegou uma hora que eu não consegui mais tirar a ideia da traição da cabeça e aí eu me dei conta: ‘Só o que você merece são as putas mesmo, é com elas que você devia ficar. Deixa que elas te roubem e te espezinhem. O que é que tem?!’.”

Lasciar le donne? Pazzo! Lasciar le donne!^a

“Eu estava tentando passar uma noite com uma garota antes de embarcar. Nós dois trabalhávamos no setor de expedição. Só que eu não consegui. Fiquei semanas carregando uma camisinha no bolso, sem conseguir usar. Uma vez, estava tudo acertado e aí a avó da minha mulher morreu. Eu tive que ir buscar o vovô pra levar pro enterro. Ele não fazia a menor ideia do que estava se passando, não conseguia entender. Nós fomos pra capela e lá tinha uma pessoa tocando órgão. Aí o velho disse: ‘Ué, foi com essa música que o cachorrão morreu’, e começou a fazer uma piada atrás da outra. Depois, ele reconheceu a velha no caixão e disse, todo

agitado: ‘Olha, a mãe está ali! Eu encontrei com ela ontem no supermercado. O que é que ela está fazendo aqui? Mãe, ei, mãe!’. E aí ele entendeu e começou a chorar. Nossa, como ele chorou. E eu também. Todos nós. Eu com a camisinha ainda no bolso. O que você acha? Todo mundo trapaceia de alguma forma. Até eu.

“Depois a minha mulher e a minha filha me levaram até a estação. Eu ainda não tinha conseguido papar a tal garota e, àquela altura, ela provavelmente já tinha esquecido de mim e começado a se engraçar com algum outro sujeito. A minha filhinha disse: ‘Papai, eu preciso mijar’. Ela tinha ouvido os meninos falarem. A gente teve que rir. Mas aí chegou a hora de ir embora. O meu coração pesava uma tonelada. Adeus, meu bem. Ela chorou sem parar em frente à janela do trem, e eu também fiquei numa tristeza danada. E, enquanto isso, a camisinha lá, no bolso do meu colete. Eu não joguei fora.”

O rosto desse homem era plano, magro, rosado, o nariz ossudo, os olhos cinzentos e a boca pequena.

Eu distribuía conselhos em doses moderadas; ninguém é perfeito. Advogava o amor, principalmente.

Algumas personalidades estranhíssimas apareceram.

Griswold, por exemplo, um dos camareiros de bordo. Ele era ex-agente funerário e também um boêmio janota. Negro claro, era extremamente bonito e elegante, com uma barba curta e lustrosa, o cabelo basto e oleado; uma queimadura na sua bochecha brilhava de pomada. Suas calças listradas fluíam, volumosas, de encontro a sapatos de duas fivelas. Ele puxava fumo para a sua serena recreação e estudava gramática em diferentes línguas por pura farrá. E me entregou o seguinte poema, de sua própria autoria:

*Você me pergunta se eu soffro pra valer.
Sabe, amor, blefar não é o meu métier.
Minhas ambições e sonhos não me dão paz;
Eu nasci idealista e vivo querendo mais.*

Enquanto eu lia, ele balançava o joelho para cima e para baixo e seus olhos ficaram escuros e ansiosos.

Se me demoro falando desses membros específicos da tripulação, é no espírito de um memorial. Pois no nosso décimo quinto dia de viagem, quando estávamos ao largo das Canárias, o *Sam MacManus* foi afundado por um torpedo.

Aconteceu quando eu estava ouvindo uma dessas confissões não oficiais, na verdade. Era noite e nós devíamos estar navegando a uns doze nós, quando de repente sentimos um impacto tremendo na lateral do navio; fomos atirados ao chão. Divisórias empenaram, armários caíram e depois sentimos o choque interno de uma explosão. Corremos para o convés externo, rápido. Línguas de fogo já subiam pelos buracos das chapas arrebatadas, e a superestrutura estava iluminada pelo clarão das chamas. Poças de água também ardiam por perto, e a água clara se aproximava. Gritos famintos e rajadas de fumaça, súbitas arremetidas; as enormes balsas despencaram das laterais, soltas, e os botes caíram das serviolas. Subimos rastejando para perto dos botes, o tal sujeito e eu, e então tentei desenrolar o cabo de um bote que estava pendurado, torto, preso em alguma coisa. Berrando, pedi ao sujeito que pulasse dentro do bote e visse o que estava prendendo o cabo. Ele pareceu não entender o que eu disse, os olhos fixos em mim, alucinados. “Pula lá dentro!”, gritei, com uma voz estranha, rouca de pavor. Então, pulei eu mesmo para soltar o bote. Com meu peso e sem nada nem ninguém que lhe travasse o movimento, o sarilho disparou a girar, soltando o cabo numa velocidade louca, e o bote caiu com toda a força na água, me arremessando para fora. Debaixo d’água, só o que eu pensava era que o navio iria me puxar junto com ele para o fundo ao submergir. O pânico comprimiu meus braços e pernas, tirando-lhes a força, mas eu me esforcei para lutar, já ouvindo grunhidos e dedilhados orfeônicos subindo das profundezas, e então toda a consciência que me restava parecia um fio de cabelo no universo esmagador de água.

Subi à tona querendo urrar, mas não consegui; minha boca se abriu apenas para respirar. E onde estava o bote? Bem, havia botes e balsas aqui e ali, em meio às labaredas espalhadas pela água. Eu cuspia, vomitava mar, chorava, lutando desesperadamente para me distanciar do navio em chamas, de onde, no clarão do fogo, homens ainda saltavam.

Resolvi nadar na direção de um bote que avistei a uns cem metros de distância. Bati braços e pernas feito um louco atrás dele, com medo de que ele se afastasse. No entanto, não vi remo nenhum do lado de fora. Não podia gritar para pedir que me esperassem; minha voz parecia ter desaparecido. Mas o bote só estava flutuando, à deriva, e consegui alcançá-lo. Agarrei a espia e gritei para quem quer que pudesse estar lá dentro, pois estava cansado demais para conseguir subir. Mas o bote estava vazio. Então, o *MacManus* afundou. Percebi que isso tinha acontecido quando o clarão branco se extinguiu de repente. Ainda havia labaredas espalhadas pela superfície, mas a corrente estava cobrindo tudo muito rápido. Sob a luz bruxuleante das chamas, vi uma balsa cheia de gente. Resolvi fazer mais uma tentativa de subir no bote e fui me arrastando até o meio dele, onde a borda era mais baixa. Chegando lá, vi um homem agarrado à popa do bote, coitado. Gritei para ele, alvoroçado e contente por ter encontrado alguém, mas a cabeça dele continuou caída para trás. Nadei freneticamente até ele para ver o que havia de errado.

“Você está machucado?”, perguntei.

“Não, cansado”, ele murmurou.

“Vem, eu te dou um impulso pra subir e depois você me dá uma mão. A gente tem que ver se consegue resgatar mais alguém.”

Tivemos de esperar até ele conseguir reunir forças para tentar. Por fim, fiz um calço com as mãos para ele apoiar o pé e, então, ele conseguiu subir.

Fiquei esperando a ajuda dele, mas ela não veio. Ele me deixou pendurado lá não sei quanto tempo. Eu chamei, gritei, xinguei, sacudi o barco. Nada. Finalmente, joguei uma perna de lado por cima da borda e,

depois de muito penar, acabei conseguindo trepar, escarrapachado, na borda no bote. O sujeito estava sentado num banco de remador, com as mãos enfiadas entre os joelhos. Enfurecido, eu dei um murro nas suas costas encharcadas. Ele deu uma guinada para a frente com o impacto, mas não fez nenhum outro movimento, a não ser virar para mim um par de olhos de bicho-sob-a-luz-dos-faróis. “Você ia me deixar morrer afogado, seu filho da puta? Eu vou arrebentar essa sua cara!”, berrei. Ele não respondeu, só me cobriu com seus olhos frios e franziu a cara.

“Pega um remo e vamos procurar sobreviventes”, falei.

Mas só havia um remo para pegar. O resto tinha sumido.

Não havia nada a fazer a não ser ficar lá sentado, à deriva. Olhei ao redor e gritei para a água, caso alguém tivesse sido arrastado para aquele lado. Mas não havia ninguém. As labaredas estavam se afastando e se apagando. Metade de mim esperava que o submarino subisse à superfície para conferir os estragos e a outra metade torcia para que isso acontecesse. Ele estava por ali, com certeza, debandando no fundo do mar. O que eu pensava — que teria uma chance de berrar e passar uma decompostura neles? Não, eles foram embora, obviamente, para terminar de jantar talvez, ou jogar cartas. E, quando a noite caiu por completo, não se via luz de bote nem balsa em parte alguma.

Sentei e fiquei esperando pela luz do dia, quando eu tinha esperança de que alguma coisa surgisse no horizonte.

Nada surgiu. Quando amanheceu, estávamos no meio de um nevoeiro que era como o suadouro de segunda-feira numa lavanderia antiquada, com o sol feito uma chapa de cobre ardente, e com essa distorção no ar e essa cor difusa era impossível enxergar cinquenta metros adiante. Vimos alguns destroços, mas nenhum barco. O mar estava vazio. Fiquei aterrorizado com a morte de toda aquela gente e o desaparecimento dos sobreviventes, que tinham sumido sem deixar rastro. Lá embaixo, na casa das máquinas, eles não poderiam mesmo ter tido muita chance.

Triste e amargurado, comecei a fazer o levantamento dos recursos de que dispúnhamos. Havia fumígenos e foguetes para sinalização, e por ora não nos faltaria água nem comida, já que éramos apenas dois. Mas quem era aquela pessoa que o destino havia aquartelado junto comigo? Aquele sujeito sentado no banco de remador que eu havia esmurrado na noite anterior, com as forças que me restavam, que problemas eu teria com ele? Ele era o carpinteiro e faz-tudo do navio e, de certo ponto de vista, era sorte minha estar com ele, uma vez que eu próprio não tinha nenhuma habilidade manual nem engenhosidade. Ele improvisou uma espécie de vela usando o remo como mastro; disse que não poderíamos estar mais do que duzentas milhas a oeste das Canárias e que bastava um pouco de sorte para que velejássemos direto para elas. Disse também que costumava examinar todos os dias a carta de navegação e que, portanto, sabia exatamente onde estávamos e o que as correntes estavam fazendo. Disse isso tudo com imensa satisfação e autoconfiança e parecia estar absolutamente tranquilo. Sobre o fato de eu tê-lo esmurrado e xingado, nem uma palavra.

Ele tinha um feitio físico largo e entroncado e carregava uma cabeça que era uma grande bola circumspecta, com cabelo cortado rente ao crânio. Vários dos pelos da sua barba incipiente eram brancos, mas não por causa da idade; ele tinha um bigode escuro, que acompanhava calmamente os cantos da sua boca em curvas descendentes. Seus olhos eram azuis e ele usava óculos. Um macacão desbotado nos joelhos secava lentamente nas suas panturrilhas grossas.

Fiz um voo de imaginação pelo seu passado e o vi aos dez anos de idade, lendo a revista *Popular Mechanics*.

Enquanto eu o estudava, ele fazia o mesmo comigo, obviamente.

“Você é o March, o intendente”, disse por fim. Ele comandava, quando queria, uma voz grave muito civilizada.

“Sou”, falei, surpreso com aquele súbito tom de viola de orquestra.

“Basteshaw, carpinteiro do navio. Aliás, você também não é de Chicago?”

Basteshaw lembrei, era um nome que eu já tinha ouvido antes. “O seu pai não trabalhava no ramo imobiliário? Tinha um homem chamado Basteshaw que frequentava a imobiliária dos Einhorn, na década de vinte.”

“Ele fazia uns biscates como corretor imobiliário, mas trabalhava mesmo no ramo de hortaliças. Basteshaw, o rei dos legumes e verduras.”

“Não era assim que o Comissário Einhorn chamava o seu pai.”

“E como é que ele chamava, então?”

Já era tarde demais para voltar atrás, e então eu disse: “Ele botou o apelido nele de Papel de Açougue”.

Basteshaw riu. Tinha dentes largos. “Isso é ótimo!”, disse.

Imagine! No meio de toda aquela dificuldade, solidão, perigo e tristeza com a tragédia, de repente sopra uma familiaridade de cidade natal, com direito até a uma indiscrição com relação ao apelido.

Ele não tinha respeito pelo pai. Eu desaprovava isso.

Respeito? Ele deixou claro que tinha verdadeiro ódio do pai, isso sim. Achava ótimo que ele já tivesse morrido. Eu estou até disposto a acreditar que o velho Basteshaw fosse um tirano, um unha de fome, um homem terrível. Mesmo assim, ele era o pai do sujeito.

Em cores belas ou funestas, de acordo com o estado de espírito de quem via, o mar e o céu faziam seus ciclos do dia e da noite, a água luzidia vagando universalmente, a fúria cintilante da noite tomando conta do céu. Os dias eram abafados. Nós nos sentávamos debaixo da concha da lona, na mancha de sombra. Quase não ventou nos primeiros dias, o que foi uma sorte.

Eu tentava dominar minha mente ansiosa, que teimava em perguntar se algum dia eu veria Stella de novo, ou minha mãe, meus irmãos, Einhorn, Clem. Mantinha os fumígenos e foguetes de sinalização perto de mim, secos. As chances de sermos resgatados não eram tão pequenas assim

naquela região. Não era como se tivéssemos ido para o extremo sul, onde não havia muito movimento de barcos na época.

Quando o calor se espalhava pelo ar, você às vezes chegava a ouvir o sal na água, feito um farfalhar, ou como neve empedrada quando começa a derreter.

Basteshaw não parava de me vigiar um instante, detrás daqueles seus óculos. Até quando estava cochilando ele parecia me vigiar, a cabeça encostada para trás, cautelosa, atenta. Nem a prima Anna Coblin olhava para espelhos com tanta insistência. Lá estava ele, sentado, com o peito volumoso interposto, pesado. Ele tinha uma constituição de cavalo, aquele Basteshaw. Era como se apoiasse cascos, e não mãos, nos joelhos. Se ele tivesse revidado meu soco naquela primeira noite, a coisa teria sido feia. Mas, por outro lado, nós dois estávamos fracos demais para brigar. E agora ele parecia ter esquecido completamente do assunto. Sua postura era a de uma fortaleza humana e era impossível pegá-lo desprevenido. Ele ria muito. Mas enquanto os sons da sua risada se espalhavam pelo espaço do mar, seus olhos, azuis e pequenos, nunca me perdiam de vista detrás dos óculos.

“Uma coisa que me deixa contente”, disse ele, “é o fato de eu não ter morrido afogado. Não ainda, pelo menos. Prefiro morrer de fome, de frio, de insolação, de qualquer outra coisa. O meu pai morreu afogado no rio, sabe.”

“É mesmo?” Bem, então, adeus Papel de Açougue. Foi nessa hora que eu soube que ele tinha morrido.

“Foi na praia da Montrose Avenue, durante as férias dele. É muito comum homens ocupados morrerem nas férias e nos feriados. É como se eles não tivessem tempo pra isso nos dias úteis. O relaxamento mata esse pessoal. Ele teve um ataque cardíaco.”

“Mas você não disse que ele morreu afogado?”

“Ele caiu na água e acabou se afogando. Foi de manhã cedo. Ele estava sentado no píer, lendo o *Tribune*. Sempre acordava antes do amanhecer,

pelo hábito de anos trabalhando no mercado. O enfarte foi leve e não teria sido fatal. O problema foi a água nos pulmões.”

Basteshaw, eu descobri, adorava conversas sobre temas médicos e científicos de qualquer espécie.

“Os guardas o encontraram quando começou o turno deles. Os jornais vespertinos publicaram uma matéria falando em crime. Ele estava com um bolo de dinheiro no bolso e cheio de anelões grossos nos dedos. Aquilo me deixou indignado. Eu fui até a Brisbane Street e fiz um escarcéu. Achei vergonhoso, se aproveitar das emoções das pessoas daquele jeito. A coitada da minha mãe ficou horrorizada. Assassinato? Eu obriguei o jornal a publicar uma retratação.”

Eu sabia como eram aqueles pequenos parágrafos de retratação na página trinta, em letras miúdas.

Basteshaw, porém, anunciou isso com enorme orgulho. Contou também que botou o melhor chapéu borsalino do pai na cabeça, tirou o Cadillac da garagem e arreventou o carro todo. Enfiou o carro num muro de propósito, porque o velho nunca deixava que ele o usasse e cuidava do carro como se fosse um relógio suíço. O falecido Papel de Açougue, aliás, tinha uma espécie de mania de destruição. Quando ele tinha um ataque de fúria e estava prestes a estraçalhar alguma coisa, a sra. Basteshaw gritava: “Aaron, Aaron, a gaveta!”. Velhas latas de tortas eram mantidas numa gaveta da cozinha para que ele pudesse atirar na parede e pisar em cima. Por mais enfurecido que estivesse, ele sempre usava essas latas de torta, nunca boa porcelana.

Basteshaw riu quando contou isso, mas eu fiquei com pena do velho.

“O carro não pôde ser usado no funeral, porque estava caindo aos pedaços. Então, acabou sendo um enterro viking, de certa maneira. Depois que ele foi pra debaixo da terra, a primeira coisa que fiz” — eu me encolhi de antemão — “foi romper o noivado com a minha prima Lee. O velho tinha me obrigado a ficar noivo dela, com o argumento de que eu tinha

brincado com os sentimentos dela. Depois que ele se intrometeu, eu nunca tive a menor intenção de casar com ela.”

“Brincado? O que é que ele quis dizer com isso?”

“Que eu tinha ido pra cama com ela. Mas eu jurei que nunca ia dar essa satisfação pro velho.”

“Você podia estar apaixonado por ela, com ou sem a intromissão do velho.”

Ele me lançou um olhar penetrante. Eu não sabia com que tipo de pessoa estava lidando.

“Ela tinha tuberculose pulmonar, e pessoas assim são com frequência altamente estimuláveis. Temperaturas elevadas têm muitas vezes um efeito espetacular sobre as zonas erógenas”, ele disse com sua voz de palestrante.

“Mas ela estava apaixonada por você?”

“Os pássaros, que têm temperaturas mais altas, também levam uma vida emocional mais intensa. Pelo modo como você fala do amor, eu estou vendo que você não entende nada nem de psicologia nem de biologia. Ela precisava de mim e, portanto, me amava. Se outro sujeito estivesse por perto, ela teria se apaixonado por ele. Suponhamos que eu não tivesse nascido, isso por acaso quer dizer que ela não teria se apaixonado por ninguém? Se o velho não tivesse se metido, talvez eu tivesse me casado com ela, mas, como ele era a favor, eu era contra. Além do mais, ela estava morrendo. Então eu disse pra ela que não fazia sentido eu me casar com ela. Pra que alimentar as ilusões dela?”

Monstro!

Desalmado!

Víbora!

Assassino!

Ele tinha apressado a morte dela. Não aguentei olhar para ele por um tempo.

“Mais ou menos um ano depois, ela morreu. Perto do fim, o rosto dela ficou absolutamente cadavérico, coitada. Ela era bem bonitinha

originalmente.”

“Quer fazer o favor de calar essa boca?!”

Ele ficou surpreso com minha reação. “Eu, hein! Que bicho te mordeu?”

“Vai pro inferno!”

Ele teria me deixado morrer afogado também, ou ser comido por tubarões.

Mesmo assim, aos poucos a conversa foi sendo retomada. Naquelas circunstâncias, o que mais havia a fazer?

Então, Basteshaw me contou o caso de outra parente sua, uma tia. Ela dormiu quinze anos seguidos. E aí, um belo dia, acordou de repente e pôs-se a cuidar da casa como se nada tivesse acontecido. “Ela morgou quando eu tinha dez anos. Quando ela acordou, eu estava com vinte e cinco anos e ela me reconheceu assim que me viu. Nem surpresa ela ficou.”

Aposto que não mesmo.

“Um dia o meu tio Mort estava voltando pra casa do trabalho — isso foi em Ravenswood. Você sabe como eles constroem os bangalôs lá? Ele estava dando a volta pra ir pros fundos, pela passagem entre a casa dele e a do vizinho, e quando passou pelo quarto viu a mão dela se esticando pra alcançar a persiana da janela. Ele reconheceu a mão dela pela aliança de casamento e quase borrou as calças. Entrou em casa aos tropeços e descobriu que não só ela tinha acordado como tinha feito o jantar e botado a mesa. Sabe o que ela disse pra ele? ‘Vai lavar as mãos!’”

“Inacreditável! Isso é possível mesmo? Caramba, é uma perfeita história de bela adormecida. O que é que ela tinha, a doença do sono?”

“Se fosse bela, ela não teria dormido tanto tempo. Se me pedissem para arriscar um diagnóstico, eu diria que foi algum tipo de narcolepsia. A etiologia é puramente mental. Pode explicar o caso do Lázaro, o da srta. Usher da casa de Usher^b e vários outros. Só que o caso da minha tia é extremamente revelador. Segredos profundos da vida. Mais profundos que esse oceano. Controlar é o desejo de toda pessoa neurótica. Enquanto

estava dormindo, ela reinava. Em alguma parte da sua mente, ela sabia o que estava se passando, como fica evidente pelo fato de ela conseguir retomar a vida com exatidão depois de quinze anos. Ela sabia onde as coisas estavam e não ficou surpresa com as mudanças. Ela tinha o poder alcançado pelos que ficam imóveis.”

Não pude deixar de pensar em Einhorn na sua cadeira de rodas, me dando lições sobre força.

“Enquanto batalhas irrompem, aviões voam, máquinas produzem, bolos de dinheiro trocam de mãos, esquimós caçam, sequestradores vasculham as estradas, a pessoa que, deitando na cama, consegue fazer o mundo vir até ela está segura. A vida inteira da minha tia Ettl foi uma preparação para esse milagre.”

“Foi uma proeza realmente”, falei.

“Pode apostar. E de extrema significação também. Você se lembra como o grande Sherlock Holmes desvendava as coisas da sala dele na Baker Street? Mas comparado ao irmão, Mycroft, ele era fichinha. Aquele Mycroft! Ele sim era um crânio, March! Nunca saía de dentro do clube e sabia de tudo, era um verdadeiro gênio. Então, quando ficava empacado, o Sherlock ia procurar o Mycroft, que lhe dava a resposta. Você sabe por quê? Porque o Mycroft passava mais tempo sentado do que o Sherlock. Ficar sentado é poder. O rei fica com a bunda sentada no trono, enquanto os plebeus ficam em pé. Pascal disse que as pessoas se metem em encrencas porque não conseguem ficar quietas no quarto delas. O próximo poeta laureado da Inglaterra — imagino — roga a Deus pra nos ensinar a ficar quietos.^c Você conhece aquele quadro famoso que tem um cigano árabe dormindo ao lado do seu bandolim e um leão olhando pra ele? Aquilo não quer dizer que o leão respeita o repouso dele, não. Quer dizer que a imobilidade do árabe controla o leão. Isso é mágica. Passividade mais poder. Escuta o que eu estou te dizendo, March, aquele velho Rip van Winkle dormiu de propósito.”

“Quem cuidou da sua tia esse tempo todo?”

“Uma polaca chamada Wadjka. E eu preciso te dizer que, depois que o milagre acabou, o meu tio ficou numa enrascada danada. Porque ele tinha arrumado a vida dele em torno da minha tia adormecida. Ela dormia e ele chamava os amigos pra jogar cartas e tinha a namoradina dele. Depois que ela acordou, todos nós ficamos com pena dele.”

“Se é pra ter compaixão”, eu disse, “que tal reservar um pouco pra sua tia? Ela gastou aquele tempo todo, um bom naco da vida dela, daquele jeito. Foi como cumprir uma longa pena de prisão, praticamente.”

Um sorriso começou a se desenhar no bigode de Basteshaw.

“Teve uma época que eu fiquei louco por história da arte”, ele disse. “Em vez de pegar no pesado no verão, como o meu pai queria, eu fugia pra biblioteca Newberry, onde era o único rapaz entre oito ou dez freiras numa mesa de leitura. Uma vez eu peguei um livro de Ghiberti que me impressionou muito. Ele falava de um ourives alemão do duque de Anjou que era tão talentoso quanto os grandes escultores da Grécia. No final da vida, ele teve que ficar parado, vendo as suas obras-primas sendo derretidas pra fazer barras de ouro. Todo o trabalho dele foi em vão. Ele ficou de joelhos e rezou: ‘Ó senhor, criador de tudo que existe, não permita que eu persiga falsos deuses’. Depois ele foi pra um mosteiro, esse santo homem, onde abotoou o paletó e partiu pra sempre.”

Que desgraça! O mundo firme desmoronar no fim da vida. Coitado! Mas pelo menos ele tinha Deus em que se apoiar. E se para ele não houvesse Deus? E se a verdade fosse ainda mais terrível e furiosa?

“O que foi a doença da tia Ettl senão uma obra de arte? E, exatamente como esse pobre ourives alemão, ela tinha que estar preparada pro fracasso. É isso que as pessoas querem dizer quando falam nas ruínas do tempo:

Ou ide a Roma, que é o sepulcro.

“Imagino que você conheça Shelley:

*Ide a Roma — ao mesmo tempo o paraíso,
O túmulo, a cidade e o deserto. ^d*

“Então, obras de arte *não* são eternas. A beleza *é* perecível. Por acaso esse alemão não acordou muitas manhãs inspirado e cheio de alegria no coração? O que mais você pode querer? Ele não poderia ficar pra sempre feliz e seguro de estar certo ao mesmo tempo. Só o que você pode fazer é torcer pra que estar feliz seja também estar certo.”

Nisso eu concordava com ele; balancei a cabeça em aprovação. Tinha uma opinião melhor a respeito dele agora. Havia alguma coisa nele, afinal. Ele tinha certa nobreza de coração e era um bom sujeito em alguns misteriosos aspectos. Mas que mistura!

Enquanto isso, o bote vagava através de vítreas punhaladas de luz e gangorreava no líquido alcantilado.

E, então, não pude deixar de pensar em quantas vezes, acreditando estar certo, eu tinha errado.

E errado de novo.

E errado de novo.

E de novo.

E por quanto tempo eu iria continuar acreditando estar certo desta vez?

Mas eu tinha grande confiança no meu amor por Stella e no amor dela por mim.

E, além do mais, talvez toda essa questão de certo ou errado fosse acabar em breve, já que era bem possível que nós não sobrevivêssemos.

Pontos e cruces de diamante cintilavam das águas azuis e sinuosas, eternamente cheias. Peixes e monstros cuidavam de seus afazeres lá dentro. Alguns dos nossos afogados talvez estivessem por perto e passassem por baixo de nós.

Agora Basteshaw estava falando da sua tia Ettl como uma artista e soava pomposo. Não fazia muitos dias, ele mal conseguia mexer as pernas, parecia um nada de tão encolhido de medo, e agora olha só para ele,

montado nos seus poderes intelectuais, suando e empinando sua cabeça redonda, sentado ali tão robusto.

“Por que um sujeito culto feito você foi embarcar num navio como carpinteiro?”, falei, fazendo a pergunta que estava me intrigando já havia algum tempo.

Fiquei sabendo então que ele era biólogo ou bioquímico; ou psicobiofísico, que era o título de que ele mais gostava de todos. Seis universidades o haviam posto para fora por causa das suas ideias estranhas e se recusado a examinar os resultados experimentais que ele havia obtido. Com todo esse treinamento científico, ele não ia para a infantaria. Então, entrou para a Marinha Mercante, e aquela era sua quinta viagem. No mar, podia dar continuidade ao seu trabalho científico.

Por que é que eu tinha de estar sempre topando com teóricos na minha vida?!

Basteshaw se pôs então a me contar sobre esse seu trabalho, começando com um relato sobre sua vida.

“Você sabe como toda criança fica pensando no que quer ser quando crescer. Por exemplo, quando tinha doze anos, eu era muito rápido no gelo e poderia ter me tornado um campeão da patinação. Mas perdi o interesse. Depois, virei um especialista em selos. E perdi o interesse por isso também. Em seguida, um socialista, mas isso também não durou. Comecei a estudar fagote e depois abandonei o instrumento. De maneira que eu tive diversos interesses, mas nenhum me satisfazia. Mais tarde, quando estava na faculdade, comecei a sentir um desejo profundo de ser — ou de ter sido — um cardeal da Renascença. Estava aí uma coisa que eu teria adorado ser. Um cardeal bem malvado, fumegando de vida, esbravejando e irrompendo salas adentro. Isso sim! Botaria a minha mãe num convento. Manteria o meu pai dentro de um saco de aniagem. Contrataria o Michelangelo para ir além dos Farnese e dos Strozzi. Espontâneo, eu teria sido. Vigoroso. Sem constrangimentos. Feliz como um deus. Mas, enfim, o

que é que se pode fazer, impor as suas ideias à vida? Todo mundo quer ter a posição mais desejável possível.

“E como é que isso começa? Bom, é uma coisa que remonta à época em que eu era garoto e ia à piscina municipal. Centenas de pirralhos pelados gritando, se socando, se empurrando, se chutando. Os salva-vidas apitam, berram e te castigam, os guardas de plantão enfiam o dedão nas suas costelas e te chamam de melequento. De ratinho arrepiado. Os lábios azuis, o sangue ralo, apavorado, o seu saquinho encolhido, o seu pintinho murcho. Um magricela. A multidão te empurra, te esmaga, e você não é nada, é um nome insignificante, obscuro não só na eternidade, mas aqui e agora. A sina dos mais mesquinhos é a sua sina. A morte! Mas não, tem que haver algo que te distinga. A alma brada contra esse anonimato. E, então, ela exagera. Ela te diz: ‘Você nasceu pra embasbacar o mundo. Você, Hymie Basteshaw, *stupor mundi!* Meu menino, se prepare. Você foi chamado e será escolhido. Então, comece a se comportar como tal. Gerações e gerações de homens irão venerá-lo até o fim dos tempos!’. Isso é neurótico, eu sei — desculpe o jargão —, mas não ser neurótico é se ajustar ao que chamam de situação de realidade. Só que a situação de realidade é isso que eu descrevi. Um bilhão de almas fervendo de raiva diante de uma sina de insignificância. A realidade também é feita dessas esperanças íntimas que a imaginação inventa. Esperanças, os males indispensáveis da caixa de Pandora. A confiança num destino pelo qual valha a pena sofrer. Em outras palavras, o desejo de ser moldado na forma da verdadeira humanidade. Mas quem é moldado nessa forma? Ninguém sabe.

“Eu fiz o melhor que pude pra ser tão parecido com um cardeal da Renascença quanto é possível ser em circunstâncias modernas.

“Depois de muito esforço pra viver de acordo com um elevadíssimo padrão, vieram o cansaço, a esperança pálida e o tédio. Eu senti um tédio profundo. E vi outros sentindo a mesma coisa, muitos, diga-se de passagem, negando que tal coisa existisse. E, por fim, decidi que faria do tédio o meu

objeto de estudo. Que me tornaria a maior autoridade em tédio do mundo. March, esse foi um dia crucial pra humanidade. Que campo! Que domínio de saber! Titânico! Prometeico! Eu tremi diante dele. Fiquei absolutamente inspirado. Não conseguia dormir. As ideias me vinham à cabeça à noite e eu as botava no papel, páginas e páginas delas. Estranho que ninguém tenha investigado esse assunto sistematicamente antes. A melancolia, sim, investigaram, mas não o tédio moderno.

“Eu fiz uma pesquisa considerável na literatura e entre os pensadores modernos. As primeiras conclusões foram óbvias. O tédio nasce do esforço inútil. Você tem deficiências e não é o que deveria ser? O tédio é a convicção de que você não pode mudar. Lá no fundo secreto da sua consciência, você começa a ficar preocupado com a monotonia da sua personalidade e a se achar pior que os outros, e isso faz com que você sinta o quanto você próprio é maçante. No aspecto social, o tédio é uma manifestação do poder da sociedade. Quanto mais forte é uma sociedade, mais ela cobra que você se mantenha de prontidão para cumprir as suas obrigações sociais, e quanto maior a sua disponibilidade, menor a sua importância. Na segunda-feira, você se justifica através do seu trabalho. Mas, no domingo, como é que você se justifica? Nefasto domingo, inimigo da humanidade. No domingo você está sozinho — está livre. Livre pra quê? Livre pra descobrir o que há no seu coração, o que você sente pela sua esposa, pelos seus filhos, amigos e passatempos. O espírito humano, escravizado, chora no silêncio do tédio, o cruel antagonista. O tédio, portanto, pode surgir da interrupção das atividades habituais, muito embora essas atividades também possam ser entediadas. É também o grito de capacidades inutilizadas, a maldição de não servir a nenhum grande objetivo ou causa, ou de não contribuir com nenhuma força mestra. A obediência que não é dada voluntariamente porque ninguém sabe como pedi-la. A harmonia que não é alcançada. Tudo isso está por trás do tédio. Mas você vê os panoramas sem fim que isso abre.”

Se via! Eu estava pasmo. Via Basteshaw escalando feito um alpinista as montanhas do seu próprio cérebro, cheio de vigor, com seus óculos serenos e seus olhares azuis de convicção.

“E eu queria abordar esse assunto cientificamente”, continuou. “Então, o meu primeiro projeto foi estudar a fisiologia do tédio. Examinei os experimentos sobre fadiga muscular de Jacobson e outros e isso me levou à bioquímica. Fiz o meu mestrado em química celular e em tempo recorde, posso acrescentar. Mantendo tecidos de rato vivos *in vitro*, com base em Harrison e na técnica aperfeiçoada por Carrel. O que, por sua vez, me levou a Von Wettstein, Leo Loeb e assim por diante. Como se explica que as células simples desejem a imortalidade, enquanto os organismos complexos ficam entediados? As células têm a vontade de persistir em sua essência...”

Seguiram-se certas descrições que não posso repetir aqui por não dominar a físico-química necessária, envolvendo a cinese das enzimas e outras coisas assim. Mas o desfecho disso foi que, enquanto investigava a irritabilidade do protoplasma, ele descobriu alguns dos segredos da vida. “Tenho certeza de que você vai achar o que aconteceu depois disso difícil de acreditar. Ninguém mais acreditou.”

“Não vai me dizer que você criou vida!”

“Com toda a humildade, foi exatamente isso que eu fiz. Seis universidades me expulsaram porque eu afirmei que tinha feito isso.”

“Isso é loucura! Você tem certeza que foi isso que você fez?”

Rígido, ele respondeu: “Eu sou uma pessoa séria. A minha existência inteira tem sido extremamente séria. Eu não tenho a menor intenção de botar a minha própria sanidade em risco fazendo afirmações infundadas. Eu obtenho os mesmos resultados toda vez que repito a experiência — protoplasma”.

“Você deve ser um gênio, então.”

Ele não fez qualquer menção de negar isso.

Era melhor que ele fosse mesmo um gênio, porque, se não fosse, eu estava naquele bote com um maníaco.

“Eu descobri isso por acaso”, ele disse. “Não sou Deus.”

“Mas não tinha como eles verem o que você fez?”

“Eu não consegui fazer com que eles vissem. E, além disso, as primeiras células que eu criei não tinham duas capacidades essenciais, a regenerativa e a reprodutiva. Eram formas frágeis e estéreis. Mas, nos dois últimos anos, eu fiz um estudo aprofundado dos organizadores biológicos. Tenho estudado embriologia, e fiz mais algumas descobertas.”

Ele teve de tomar um gole d’água, pois tinha falado tanto que ficara com a boca seca. Cabeçudo, entroncado, parrudo e calmo, ele era como uma enorme caixa das mais admiráveis habilidades. Como um daqueles sarcófagos egípcios que acompanham os contornos dos corpos que guardam. E minha impressão de que ele parecia um cavalo continuava muito forte.

“Mas você ainda não explicou o que um homem com a sua qualificação estava fazendo como carpinteiro no *MacManus*.”

“Eu estava dando continuidade aos meus experimentos.”

“Você quer dizer que tinha um protoplasma desses a bordo?”

“Na verdade, tinha sim.”

“E agora ele está boiando no oceano?”

“Tenho certeza que sim.”

“E o que é que vai acontecer?”

“Eu não sei. É uma das minhas formas mais recentes, bem mais avançada que aquelas primeiras formas perecíveis.”

“E se começar uma nova cadeia evolutiva?”

“Exatamente. E se começar?”

“Pode acabar dando numa coisa terrível. Vocês são fogo mesmo, brincam com a natureza e não querem nem saber no que vai dar!”, falei, cheio de raiva. “Qualquer dia desses alguém ainda vai acabar queimando a atmosfera ou matando a todos nós com algum gás.”

Ele admitiu que não era impossível.

“Por que um único homem deveria ter o poder de estragar toda a natureza ou poluir o mundo inteiro?”, perguntei a ele.

“Eu não acho que haja muita chance de uma coisa assim acontecer”, ele respondeu. Depois disso, não quis mais continuar a conversa e ficou mergulhado em seus pensamentos, como que fascinado.

Bastshaw muitas vezes parecia ficar pensando como se esquecesse que eu estava ali, ou como se estivesse numa outra esfera de realidade, e mergulhava num humor estranho, volta e meia dando a impressão de fazer alguma observação ao mesmo tempo sombria e divertida consigo mesmo. Eu ficava me perguntando o que ele estaria tramando. E, embora continuasse me vigiando com o rabo do olho e atento a cada movimento meu, ele às vezes passava longos períodos imóvel, pesado feito uma estátua de bronze. Aquilo me deixava muito nervoso.

Dois dias se passaram e ele não fez um comentário sequer. Era uma coisa estranha, primeiro ser soterrado de falação e depois inteiramente isolado. Aquilo sim é que era tédio! Nossa, comecei a me sentir tão rijo quanto o próprio bote. Mas reconheci que aquele silêncio era em parte culpa minha. Disse a mim mesmo: “Você só tem essa pessoa, uma única alma com quem lidar aqui — será possível que você não consegue fazer melhor? Ela é suficientemente parecida com a sua, essa alma, como um leão é quase igual a todos os outros leões, e só estão vocês dois neste barco. O que vocês disserem um pro outro pode muito bem ser as últimas coisas que vocês dirão na vida. E você não está se saindo lá muito bem, se quer saber a verdade”.

Tive um sonho muito esquisito no fundo do barco naquela noite. Sonhei que uma velha de pé chato e nariz de batata, de tênis nos pés, me pedia esmola. Eu ri na cara dela. “Ora, sua beberrona, eu estou ouvindo as latas de cerveja chacoalhando aí dentro da sua sacola!” “Não é lata de cerveja não”, disse ela, “são os meus produtos de limpar janela, o meu rodo, o meu detergente e outras coisas assim. E, pelo amor de Deus, será que eu tenho

que limpar as minhas quarenta e tantas janelas todo santo dia da minha vida? Me dá um dinheirinho aí, vai?” “Tá bom, tá bom”, falei — eu, o magnânimo — sorrindo. Entre outras coisas, aquilo me fez sentir feliz por ver o West Side de Chicago de novo. Enfiei a mão no bolso com a intenção de dar a ela apenas algumas moedinhas, não sendo inteiramente sovina, mas só um pouco mão-fechada às vezes, para falar a verdade. Mas, para o meu próprio espanto, em vez de dar a ela só o equivalente ao preço de uma cerveja, eu lhe dei uma moeda de cada tipo — uma de cinquenta centavos, uma de vinte e cinco, uma de dez, uma de cinco e uma de um centavo. Todas elas estavam enfileiradas na palma da minha mão, noventa e um centavos, e eu as despejei na mão dela. No mesmo instante me arrependi, pois era dinheiro demais. Mas, depois, comecei a me sentir bem orgulhoso de mim mesmo. E a velha feiosa me agradeceu muito; era quase uma anã, com um traseiro largo. “Bom, aí vão algumas janelas de graça”, falei. “Eu não tenho nenhuma janela que possa chamar de minha.” “Vem comigo que eu te pago uma cerveja”, ela disse, amável. “Não, obrigado, eu tenho que ir. Mas obrigado mesmo assim.” Eu sentia uma grande generosidade no fundo do peito. Carinhosamente, botei a mão no alto da sua velha cabeça e, então, senti um enorme arrepio me atravessar o corpo. “Nossa, a senhora tem um cabelo de anjo!” falei. “E por que é que eu não deveria ter, como outras filhas dos homens?”, ela disse num tom gentil.

Meu peito estava cheio de surpresas tempestuosas e escuros assomos de felicidade.

“Deus te ilumine”, disse a lavadora de janelas anã e seguiu em direção à sombra e ao ar fresco da caverna de cerveja.

Dei um longo suspiro e, sem querer, acordei. As estrelas estavam agitadas e febris. Basteshaw estava dormindo sentado, com as pernas esticadas transversalmente. Lamentei que ele não estivesse acordado para que eu pudesse começar a falar com ele imediatamente.

Mas, em vez de fraternidade calorosa, o que se passou no dia seguinte foi uma batalha.

Basteshaw declarou que devíamos estar perto da costa; disse que tinha visto pássaros terrestres e também algas e galhos boiando. Eu não acreditei nele. Falou também que a cor da água estava mudando, que estava ficando um verde mais amarelado. Eu não vi nada disso. Então, ele sacou sua autoridade científica contra mim. Porque, afinal, ele era um cientista, disse; tinha visto os mapas, estudado as correntes, feito os cálculos e observado todos os sinais; então, não tinha como haver erro. Mas o motivo da minha resistência a acreditar nele era que eu estava com medo de encorajar minha alegria e, assim, aumentar o peso do sentimento oposto caso ele estivesse errado.

Os problemas entre nós, porém, só começaram quando avistei um barco a oeste no horizonte. Comecei a gritar, a pular e a sacudir minha camisa no ar. Fiquei absolutamente frenético. Depois, corri para botar um fumígeno na água. Tinha cuidado com muito carinho do equipamento de sinalização e lido as instruções de como utilizá-los umas cinquenta vezes no mínimo. Então agora, com as mãos suando e os dedos aleijados pela ansiedade, tratei de preparar o sinalizador.

Basteshaw, com aquela voz tranquila que era sua especialidade e que me fez duvidar de ter ouvido direito, disse: “Pra que é que você quer fazer sinais?”.

Diabo, o sujeito não queria ser salvo! Ele queria deixar passar uma chance de ser resgatado!

Dei as costas para ele e botei o sinalizador na água. A fumaça preta começou a subir contra o fundo límpido do céu. Continuei agitando minha camisa. Quase podia sentir os braços de Stella deslizando em volta da minha cintura e seu rosto encostando no meu ombro. E, enquanto isso, meu coração se enchia de um ódio assassino contra aquele lunático, que ficou sentado na popa do bote de braços cruzados. Era enlouquecedor vê-lo imóvel daquele jeito.

Mas agora já não havia mais nada no horizonte e eu tive de desconfiar de que minha imaginação tivesse me pregado uma peça. Fiquei

profundamente decepcionado e senti pela primeira vez minha exaustão e minha fraqueza, vendo ir embora justo aquele brilho de esperança que eu temia e a escuridão tomar conta de tudo.

“Sinto dizer, mas você teve uma alucinação”, disse Basteshaw, quando eu estava coberto de suor de fraqueza.

“Engano seu, seu cretino cegueta, tem um navio lá, sim, logo além do horizonte!”

“Com os óculos, eu tenho visão vinte por vinte”, disse ele. Era exatamente esse tipo de pedantismo que me fazia odiá-lo loucamente.

“Quatro-olhos estúpido, você quer morrer aqui por acaso? Você acha que tem uma bússola embutida no peito? Talvez você acredite que saiba navegar, mas não espere que eu tenha a mesma confiança sublime. Eu não vou deixar passar nenhuma chance de ser resgatado.”

“Espera aí, vai com calma. Ninguém vai morrer aqui. Eu fiz um exame cuidadoso do nosso percurso algumas horas antes de nós sermos atingidos e eu sei que estamos próximos da terra. Temos que estar, estamos navegando exatamente para leste. Vamos aportar em território espanhol e virar refugiados. Não seja estúpido *você*. Você ainda não sofreu o bastante com a guerra, não? Não fosse por um tremendo golpe de sorte, você teria sido queimado vivo ou virado comida de tubarão. Agora”, ele disse, ficando extremamente sério, “escuta com atenção. Eu não gosto de me repetir. Tenho pensado muito sobre isso e acho que a sorte está do nosso lado. Vou aportar nas Canárias e virar refugiado. Até o fim da guerra, eu vou simplesmente ficar lá e fazer a minha pesquisa, já que no meu próprio país eles se recusaram a me dispensar do serviço militar pra que eu pudesse trabalhar nela, mesmo eu tendo ido a Washington pedir. Muito bem. Eu tenho muito dinheiro nos Estados Unidos; o meu pai me deixou perto de cem mil dólares de herança e nós podemos trabalhar aqui. Eu vou te ensinar. Você é um sujeito inteligente, muito embora tenha tudo quanto é tipo de ideia absurda a respeito de si mesmo. Em um ano, você vai saber mais que um Ph.D. em bioquímica. Pense na oportunidade que caiu no

seu colo. Poder entender o nascimento da vida e descobrir os segredos mais profundos. Ser mais sábio que a esfinge. Você vai contemplar o enigma do universo com compreensão!”

Ele continuou com sua oratória. Fiquei aterrado e abismado. Não só com a avalanche de ideias que jorrava da sua mente, já assustadora por si só, mas também com o aparecimento mais uma vez do signo do recruta sob o qual eu havia nascido.

“Escuta o que eu estou dizendo, isso é uma grande oportunidade pra você, não só de conquistar notoriedade, não só de desenvolver ao máximo as suas capacidades intelectuais, mas de ajudar na formulação de uma contribuição histórica para a felicidade da espécie humana. Essas experiências com células, March, vão ser a chave pra desvendar a origem do tédio nos organismos superiores. Daquilo que se costumava chamar de pecado da acídia. Os antigos estavam certos, porque é um pecado. A cegueira pra vida, o isolamento, a falta de receptividade, um muro morto de carne ansiosa e superprotegida, ignorante da sutileza de Deus ou da Natureza e insensível à sua beleza. March, quando libertados desse tédio, todo homem será um poeta e toda mulher uma santa. O amor inundará o mundo. A injustiça desaparecerá, assim como a escravidão, a carnificina, a crueldade. Não se tornar coisas do passado. E, vendo todos esses horrores dos tempos antigos, a humanidade inteira irá sentar e chorar ao lembrar deles, ao lembrar do sangue e da vida terrível das mônades, dos mal-entendidos, das fúrias assassinas e do massacre de inocentes. Corações e tripas vão se revirar diante dessa visão do passado. E, então, uma nova irmandade dos homens terá início. Prisões e hospícios vão virar museus. Como as pirâmides e as ruínas maias, eles serão um monumento em memória de um desenvolvimento errôneo do gênio humano. A liberdade verdadeira irá se manifestar, não baseada em política e revoluções, que de qualquer forma nunca nos trouxeram a liberdade, porque ela não é algo que se possa dar, mas sim uma propriedade do homem não entediado. March, é a isso que as minhas experiências irão nos conduzir. Eu vou criar

um soro — um soro como um novo rio Jordão. Com relação ao qual eu vou ser um Moisés. E você um Josué. Para conduzir uma Israel formada pela raça humana inteira nessa travessia. E é por isso que eu não quero voltar pros Estados Unidos.”

Eu estava embasbacado, esbaforido. O próprio ar que passava por mim soprava como que de uma boca profética. Enquanto isso, o sinalizador fumígeno continuava soltando fumaça. Basteshaw o vigiava como quem vigia um inimigo.

“Eu não vou deixar passar nenhuma chance de ser resgatado. Eu não quero virar refugiado. Acabei de me casar. Então, mesmo que tivesse certeza de que você sabe do que está falando, eu mesmo assim diria não.”

“Você acha que eu não sei do que estou falando?”

Eu deveria ter tido mais tato. Ele percebeu que era exatamente isso que eu achava.

“Eu estou te oferecendo um grande plano de vida”, disse ele. “Pelo qual vale a pena correr riscos.”

“Eu já tenho um plano de vida.”

“Tem mesmo?”

“Tenho, e sou totalmente contra fazer coisas que afetem a raça humana inteira. Eu não quero que façam nada comigo e não quero mexer com ninguém. Ninguém vai virar poeta nem santo porque você fez experiências com eles. Pra falar a verdade, eu já tive problemas suficientes tentando me tornar o que já sou, por natureza. Eu não quero ir pras Canárias com você. Eu preciso da minha mulher.”

Ele ficou sentado com seus braços enormes cruzados e o rosto sem expressão, enquanto o sinalizador lançava anéis acetinados e oleosos de fumaça no frescor marinho da manhã. O vermelho do amanhecer ainda permanecia na água, vindo da borda leste do céu. Volta e meia eu olhava em direção ao horizonte.

“Eu asseguro a você que não considero a sua resposta frívola”, disse ele. “Eu acho que ela é sincera, mas é menor. A vida tem uma escala muito

maior. Tenho certeza de que você vai concordar comigo mais tarde, depois que nós tivermos trabalhado e discutido, lá nas ilhas. Que, segundo dizem, são encantadoras.”

“A gente pode estar passando cem milhas ao norte ou ao sul e nunca chegar nem sequer a avistar essas ilhas”, falei. “Você quer me fazer acreditar que é um cientista tão fantástico que é capaz de navegar com o poder da sua mente. Bom, você faz o que você quiser, mas eu vou ser resgatado se puder.”

“Eu estou convicto de que nós vamos avistar terra a qualquer momento”, disse ele. “Então por que você não apaga esse fumígeno?”

“Eu não vou apagar coisa nenhuma”, bradei. “Nem pensar!” O sujeito tinha realmente perdido o juízo. Mas mesmo nessa hora, cheio de raiva, eu pensava: “E se ele for mesmo um gênio e o meu problema for falta de fé?”.

Em voz baixa, ele disse: “Então tá”.

Eu me virei para dar minha total atenção ao horizonte, quando de repente um golpe violento me atingiu e me derrubou no chão do barco. Basteshaw tinha me dado uma bordoadada com o remo e estava se preparando para dar outra, desta vez com o cabo, pois antes tinha me acertado com a pá. Aquele Moisés, Salvador e Messias! Ele se ergueu nas suas pernas grossas, com uma expressão no rosto que era mais de quem tinha uma tarefa a cumprir do que de volúpia. Tentei rolar para me esquivar do golpe e berrei: “Pelo amor de Deus, não me mata!”.

Então, parti para cima dele e, no instante em que pus as mãos nele, eu senti que o mataria se pudesse, de tanto ódio que eu estava. Queria estrangulá-lo. Ele largou o remo e me segurou, passando os braços em volta das minhas costelas. Do jeito como ele me segurou, eu não conseguia mexer os braços. Eu dava cabeçadas e chutes, enquanto ele me apertava cada vez mais forte, até que não consegui mais respirar.

Ele era um maníaco.

E um assassino.

Duas criaturas terrestres ensandecidas lutando no meio do vasto oceano, cabeça com cabeça, usando toda a força de que dispunham. Eu certamente teria matado aquele desgraçado se tivesse tido a chance. Mas ele era mais forte que eu. Jogou seu peso enorme sobre mim — era pesado feito bronze — e eu caí por cima de um banco de remador, com o rosto nas caneluras do fundo.

E me preparei para o fim.

As forças do universo deviam me levar de volta, tal como tinham me enviado.

A morte!

Mas Basteshaw não pretendia me matar. Estava arrancando minhas roupas e me amarrando com elas. Torceu a camisa e fez grilhões para o meu pulso. Com minha calça, atou minhas pernas. Depois, rasgou minhas roupas de baixo e usou-as para limpar o sangue do meu rosto e o suor do seu. Arrancou a espia e com ela reforçou meus grilhões.

Então, apagou o sinalizador. Pôs o remo na carlinga de novo com o pedaço de lona, sentou e ficou olhando para o leste, em direção à costa que ele tinha tanta certeza que estava próxima, enquanto eu arfava deitado no fundo do barco, nu, ainda de lado como ele havia me deixado.

Mais tarde, ele me levantou e me levou para debaixo da lona, porque o sol estava me queimando. Quando ele pôs as mãos em mim, eu me encolhi e me contorci. “Alguma coisa quebrada?”, perguntou num tom de médico e começou a me apalpar, sentindo minhas costelas e meus ombros. Eu o xinguei até ficar com a garganta ardendo.

Quando chegou a hora de comer, ele me deu comida na boca; e disse: “É melhor você me avisar quando estiver precisando ir ao banheiro, caso contrário nós vamos ter problemas”.

“Se você me desamarrar, eu te dou a minha palavra de honra que não vou mais enviar sinal nenhum”, prometi.

“Eu não posso correr riscos com você”, ele disse. “Isso é importante demais.”

De vez em quando, ele esfregava meus braços e pernas para ativar minha circulação.

Eu agora já estava implorando para que ele me soltasse. Falei: “Eu vou ter gangrena”.

Mas não, ele me disse; eu tinha feito minha escolha. Além do mais, logo, logo nós estaríamos chegando àquelas ilhas felizes, completou. No final da tarde, ele declarou que estava sentindo cheiro de brisa terrestre. Disse também que o tempo estava ficando mais quente e volta e meia protegia os olhos do sol, fazendo sombra com a mão. Quando anoiteceu, ele se deitou. Fez isso de um jeito pesado e, enquanto eu o observava e lhe desejava tudo de ruim, ele esticou aquelas pernas grandes e robustas e recostou aquele globo de incansáveis reflexões do qual tinham partido as ordens de me esbordoar e de me deixar amarrado a noite inteira e que ainda podia instruí-lo a fazer coisa pior.

A lua brilhava, o orvalho caía, e o barco balançava, sem mal sair do lugar. Machuquei meus pulsos tentando me soltar e, então, achei que, se conseguisse me arrastar até lá, talvez pudesse encontrar uma quina no armário de metal em que cerrar meus grilhões. Virei de barriga para cima e comecei a me arrastar naquela direção, usando os calcanhares. Basteshaw não acordou. Continuou lá deitado, feito um enorme sarcófago pintado, com os pés virados para fora e a cabeça como que de pedra.

Ele tinha feito um enorme vergão nas minhas costas, que eu estava esfolando à medida que me arrastava, e tive de parar para engolir a dor, cravando os dentes nos lábios. Parecia tudo inútil. Uma tristeza profunda e terrível me invadiu e eu chorei baixinho. Para não acordar Basteshaw.

Levei metade da noite para chegar até o armário e conseguir soltar minhas mãos. Mas, finalmente, a camisa rasgou e eu comecei a tentar esgarçar a espia, molhando-a para que ela expandisse. Por fim, ela rompeu. Eu me curvei e lambi meus pulsos em carne viva. Minhas costas queimavam dos maus-tratos que tinham levado, mas ainda havia um lugar frio no meu corpo, o canto do meu coração onde eu guardava meu ódio

homicida de Basteshaw. Fui engatinhando até ele; não me levantei porque ele podia acordar e ver meu vulto ao luar. Eu agora podia escolher entre atirá-lo na água, estrangulá-lo, surrá-lo com o remo como ele tinha feito comigo ou quebrar-lhe os ossos e ver o sangue esguichar.

Optei, como primeira providência, por amarrá-lo e tirar-lhe os óculos. Depois nós veríamos.

Bem, quando eu estava arqueado sobre ele, na ponta dos pés, sedento de vingança, segurando a espia nas mãos, eu senti um calor exalando dele. Toquei de leve na sua bochecha. O infeliz estava ardendo de febre. Escutei seu coração. Alguma espécie de tiroteio parecia estar acontecendo lá dentro, oco e terrível.

Fiquei sem minha vingança. Pois, logicamente, cuidei dele. Cortei um buraco num pedaço de lona para fazer um poncho com que me cobrir, já que minhas roupas tinham virado farrapos, e passei a noite sentado ao lado dele.

Como Henry Ware da fronteira do Kentucky e o grande chefe de Ohio, Timmendiguas.^e Ele poderia ter apunhalado Timmendiguas, mas decidi por deixar que ele fosse embora.

Também fiquei com pena dele. Tinha consciência do quanto ele havia se privado, ou tentado se privar, a fim de se tornar o homem dos seus ideais. Por acaso ele não queria, ainda que movido principalmente pelo intelecto e não pelo coração, trazer a redenção e livrar toda a irmandade dos homens do sofrimento?

Ele ficou fora de órbita o dia seguinte inteiro. Teria sido seu fim, se eu não tivesse avistado e feito sinais para um navio-tanque britânico no fim daquele dia. Teria sido meu fim também, pois acabou que nós estávamos bem para lá das Canárias e em algum ponto bem afastado da costa do Ríó de Oro. Grande cientista, aquele tal de Basteshaw! Ele era completamente doido, isso sim! No que dependesse dele, nós dois teríamos perecido naquele mar africano, o bote teria apodrecido e não teria havido nada senão morte e ideias malucas até o fim. Ou ele teria me matado e me

comido, ainda calmo e absolutamente racional, e continuado a navegar rumo ao seu destino.

Enfim, os britânicos nos içaram a bordo, tanto Basteshaw quanto eu em mau estado. Nápoles foi o primeiro porto em que esse navio inglês parou. Lá, as autoridades nos enfiaram num hospital. Levei algumas semanas para ficar de pé de novo, e então encontrei Basteshaw no corredor, de roupão de banho, andando devagar na minha direção. Parecia ter voltado ao seu normal, confiante e de cabeça erguida. Mas foi definitivamente frio comigo. Percebi que ele estava me culpando por frustrar seu grande plano. Agora ele ia ter de voltar para o serviço militar. Nada de Canárias. Sua pesquisa, tão essencial para a própria sobrevivência humana, não era uma coisa fácil de se adiar.

“Você se deu conta de que você errou feio, seu grande navegador?”, falei, para ver se conseguia enfiar um pouco de sensatez naquela sua cabeça, ainda indignado com o que podia ter acontecido. “Eu poderia não ter visto a minha mulher nunca mais, se tivesse te dado ouvidos.”

Ele ouviu o que eu tinha a dizer e, enquanto isso, me examinou de alto a baixo. Depois disse: “O poder de um indivíduo para agir por meio do seu intelecto em benefício da humanidade está menor agora do que nunca”.

“Vai em frente! Salve a humanidade!”, falei. “Mas não esquece que se eu tivesse feito a sua vontade você estaria morto agora.”

Ele não quis mais falar comigo depois disso, e eu estava pouco me lixando. Passávamos de cara amarrada um pelo outro no corredor. Eu só conseguia pensar em Stella, de qualquer forma.

Seis meses se passaram antes que eu pudesse ver Nova York de novo, pois os médicos achavam um motivo atrás do outro para me manter no hospital.

Então, foi numa noite de setembro que o táxi me deixou em frente à porta de Stella, que agora também era minha porta, e ela veio correndo pelas escadas abaixo para me abraçar.

a “Desistir das mulheres? Loucura! Desistir das mulheres!”, citação da ópera *Don Giovanni*, de Mozart. (N. T.)

b Referência a “The fall of the house of Usher” (A queda da casa de Usher), conto de Edgar Allan Poe. (N. T.)

c No original: “*teach us to sit still*”, fragmento do poema “Ash Wednesday”, de T. S. Eliot. (N. T.)

d No original: “*Or go to Rome, which is the sepulcher.*” “*Go thou to Rome — at once the Paradise, / The grave, the city, and the wilderness*”, versos do poema “Adonais: an Elegy on the Death of John Keats”, de Percy B. Shelley. (N. T.)

e Henry Ware e Timmendiquas são personagens de *The Scouts of the Valley*, livro que faz parte de uma série popular de romances juvenis do escritor norte-americano Joseph A. Altsheler (1862-1919). (N. T.)

Se eu pudesse ter voltado e começado a levar uma vida tranquila e feliz, acho que muito pouca gente teria o direito de reclamar que eu ainda não estava preparado para isso ou que ainda não tinha pagado o preço da admissão que é estabelecido por quem quer que estabeleça preços. Sujeitos como o cossaco deprimido das montanhas mexicanas e outros porta-vozes haveriam de concordar que eu merecia pelo menos uma pausa para respirar. No entanto, não tive quase nenhuma. Seria pedir demais, provavelmente.

Quando comecei a fazer este registro, eu disse que seria franco e que atenderia as batidas conforme elas viessem, e disse também que o caráter de um homem é seu destino. Bem, então é óbvio que o destino dele, ou aquilo com que ele se contenta, também é seu caráter. E como nunca na vida eu tive um lugar de repouso, pode-se concluir que eu tenho dificuldade de ficar quieto. Só que minha esperança está baseada justamente em conseguir ficar quieto para que as linhas axiais possam ser encontradas. Quando você para de lutar, a verdade surge como uma bênção — generosidade, harmonia, amor e assim por diante. Talvez eu não consiga suportar as próprias coisas que quero.

Uma vez eu disse a Mintouchian quando estávamos conversando sobre isso: “Todo lugar em que eu já fiquei, sempre foi graças à hospitalidade de alguém. Primeiro, da velha Lausch — porque no fundo a casa era dela.

Depois, daquele pessoal de Evanston, os Renling. Depois a Casa Descuitada no México. E depois com o sr. Paslavitch, o iugoslavo”.

“Certas pessoas, se não dificultassem as coisas pra si mesmas, poderiam acabar pegando no sono”, disse Mintouchian. “Até o Filho do Homem dificultou as coisas para que Ele pudesse ter suficientemente em comum com a nossa raça e assim poder ser o Deus dela.”

“Eu tinha aquela ideia de montar uma escola-lar-de-adoção ou coisa parecida.”

“Nunca ia dar certo. Você me desculpa, mas é uma ideia ridícula. Claro que tem ideias ridículas que dão certo, mas a sua não ia dar, tendo tantas crianças pra tomar conta e tudo mais. Você não é o tipo, e a Stella menos ainda.”

“Ah, eu sei que era uma ideia absurda, eu educar crianças. Quem sou eu pra educar alguém? Não era tanto educação que eu queria dar, mas amor. Esta é que era a ideia por trás. O que eu queria era ter alguém morando *comigo* pra variar, ao invés do oposto.”

Sempre neguei que eu fosse a única criatura da minha espécie. Mas como é raro duas imaginações coincidirem! É porque elas são imaginações ambiciosas, as duas. Se a intenção delas fosse ficar satisfeitas, elas coincidiriam.

Eu via uma coisa e Stella via outra quando pensávamos sobre coisas como essa escola e lar de adoção. O que eu tinha em mente era uma casinha de campo como uma daquelas cabanas de pau a pique em Walden ou Innisfree,^a sob o sol gentil, rodeada de bosques aveludados, jardins radiantes e gramados elísios plantados com semente de grama do Lincoln Park. Estávamos, porém, fadados a ser arrastados pelo complexo e a ouvir o simples, como a trombeta de Rolando quando ele e Olivier estão sendo aniquilados pelos sarracenos.^b Eu disse a Stella que estava com vontade de criar abelhas. Diabo, pensei, eu já me entendi com uma águia, por que

não me entender com outras criaturas aladas e, em vez de caçar, ter mel? Então, Stella me comprou um livro sobre apicultura e eu o levei comigo na minha segunda viagem. Mas eu já sabia como ela achava que a escola ia ser: uma casa vagabunda de madeira, surrada e atamancada, debaixo de árvores raquíticas e empoeiradas, a roupa suja de molho em água fervente no quintal, galinhas magras ciscando miséria, crianças saindo no tapa, minha mãe cega calçando meus sapatos velhos, George pregando meias-solas e eu enfiado no mato com uma caixa de abelhas.

A princípio Stella disse que era uma ótima ideia, mas o que mais ela iria dizer na emoção do reencontro, quando eu estava lhe contando como o navio tinha afundado e o resto todo. Ela chorou, abraçada a mim, e suas lágrimas caíram no meu peito, quase em torrente. “Ah, Augie, as coisas que acontecem com você! Coitadinho!” Nós estávamos na cama. Eu via suas costas macias e arredondadas no espelho italiano, um grande espelho circular que ficava pendurado em cima do consolo da lareira. “Bom, chega de guerra, de água e de tudo isso”, falei. “Eu quero pensar naquela casa, onde vamos poder levar uma vida tranquila.”

“Isso”, disse ela. Mas, naquela hora, o que mais ela poderia dizer?

No entanto, eu não tinha a menor ideia de como fazer para pôr meu plano em prática. E claro que ele não passava de um daqueles sonhos avoados de gente que ainda não se deu conta de como ela própria é, nem descobriu para o que está destinada.

Logo, logo eu entendi que iria fazer basicamente o que Stella quisesse, porque era eu quem a amava mais. O que exatamente ela queria não ficou claro para mim durante algum tempo. Sabe, havia todo o *immenso giubbilo* de voltar para casa e de ter sido salvo do mar e daquele maluco do Basteshaw, de estar no papel romântico de um sobrevivente; era natural que houvesse brados de Ação de Graças como que compostos por Franz Joseph Haydn e cantados pelo coro da Schola Cantorum e outras coisas assim. E, afinal, Stella me amava, e nós ainda tínhamos uma lua de mel para botar em dia. Então, se eu às vezes notava que ela estava apreensiva,

deduzia que provavelmente era comigo que ela estava preocupada. Era a coisa inteligente a se pensar. Contudo, não era realmente eu que mais a absorvia. Você pensa que é fácil arrancar as pessoas das suas próprias preocupações, que são o alvo da sua faina habitual? A princípio você não pensaria nada em conexão com isso olhando para uma mulher com a aparência de Stella, com aqueles dotes todos, que não eram leves mas sólidos, seu corpo se elevando em direção a uma cabeça delicada, emoldurada por uma sedosa franja escura. Em volta de algumas pessoas o espaço é o espaço delas e, se você quiser se aproximar, tem de ser atravessando o território delas, de modo que são principalmente elas quem ditam a maneira como você deve se comportar diante delas; por isso, é sempre um espanto descobrir que elas sofrem, talvez até mais do que as outras pessoas, com suas ideias predominantes. Ora, meu sonho da escola e lar adotivo não era uma preocupação, mas sim uma daquelas desmioladas noções milenaristas ou borboletas de verão. Você nunca deve tentar refogar essas borboletas em banha de porco. Por assim dizer. Outras preocupações são meu destino, ou o que preenche a vida e os pensamentos. Entre elas, preocupações com Stella, porque o que acontecesse com ela aconteceria, forçosamente, comigo também.

Alguns podem muito bem pensar: diabo! Que conversa é essa de destino? E acharão que tudo isso chegou até mim de uma outra época, e uma época equivocada, em que havia menos pessoas no mundo e mais espaço entre elas, de maneira que elas cresciam não feito capim bravo, mas como árvores num parque, bem afastadas umas das outras e se desenvolvendo ano a ano sob a luz rosada. Em seguida, em vez dessa comparação, você sugere: não vamos nem pensar em capim, mas num bando de partículas, um xale universal delas; ora, essas partículas podem ter funções, mas certamente não têm destinos. E existe até uma linha de raciocínio que considera quase repulsivo ser uma pessoa e não uma função. Mesmo assim, eu continuo defendendo a minha ideia de um destino. Para a qual uma função é algo que substitui um desespero mais profundo.

Não faz muito tempo eu estava em Florença, na Itália. Stella e eu estamos na Europa agora, para onde viemos depois do fim da guerra. Ela quis vir para cá por motivos profissionais, e eu estou trabalhando num ramo que vou explicar já, já. Enfim, eu estava em Florença; viajo para tudo quanto é canto; alguns dias antes eu estava na Sicília, onde o tempo estava ameno. Em Florença fazia um frio de rachar no dia em que eu cheguei; quando saí da estação, as estrelas das montanhas estavam rutilando. O vento chamado tramontana soprava com toda a força. Quando acordei de manhã, no hotel Porta Rossa, logo atrás do rio Arno, eu estava cheio de frio. A camareira me trouxe café, o que me esquentou um pouco. Na torre de uma igreja, um velho sino de metal, leve como uma casca, badalava na corrente ligeira e acetinada do ar livre da montanha. Eu me lavei com água quente, molhando o chão de madeira. Era um conforto, num dia gelado, sair com um corpo esfregado, enrolado num casaco quente.

Perguntei ao recepcionista: “Qual seria um bom lugar pra conhecer que eu possa ir e ver em uma hora? Eu tenho um compromisso ao meio-dia”.

Eu sabia que aquela era uma pergunta muito americana, mas acontece que era verdade.

Não vou esconder que tipo de compromisso era. Eu estava representando Mintouchian numa transação e tinha de entrar em contato com um homem que iria arranjar para nós uma licença de importação italiana para que pudéssemos vender no país sobras de artigos militares comprados a preço de banana na Alemanha. Pílulas vitamínicas principalmente e outros produtos farmacêuticos. Mintouchian sabia tudo sobre esse tipo de especulação e estávamos ganhando muito dinheiro. Havia um tio florentino de um figurão de Roma que eu tinha de subornar, e ele era uma daquelas personalidades civilizadas capazes de dar cinco argumentos contrários para cada um que eu conseguia arranjar. Mas eu já peguei a manha de como lidar com eles a essa altura e, quando fico na dúvida, faço uma ligação telefônica transatlântica para Mintouchian e ele me diz o que fazer.

O recepcionista do Porta Rossa disse: “O senhor pode ver os portões dourados do Batistério, com as esculturas de Ghiberti”.

Lembrei que o lunático do Basteshaw tinha falado desse Ghiberti e então, seguindo as orientações do recepcionista, fui até a Piazza del Duomo.

Os cavalos tremiam no vento cortante. Nas frias vielas transversais, chamas escapavam de dentro dos fogareiros dos vendedores de castanha, ao longe, entre os ângulos de pedra de muros e calçadas.

Por causa do frio, não havia muita gente ao redor do Batistério, só algumas pessoas amontoadas, de olhos lacrimejantes, oferecendo suvenires para vender e abrindo maços de cartões-postais presos uns aos outros por argolas. Cheguei perto dos portões e fiquei olhando para os painéis dourados que contavam a história inteira da humanidade. Enquanto eu observava e essas cabeças douradas dos nossos supostos pais e mães comuns torravam ao sol, contando de uma vez por todas o que elas eram, uma velha senhora se aproximou de mim para explicar o que elas representavam e começou a me contar a história de José, de Jacó lutando com o anjo, da fuga do Egito e dos Doze Apóstolos. Contou tudo embaralhado, pois as pessoas não costumam conhecer muito bem a Bíblia em países latinos. Além disso, eu estava querendo ficar sozinho e, então, me afastei, mas ela veio atrás. Carregava uma bengala, pelo cabo da qual sua bolsa estava escorregando, pendurada pela alça, e usava um véu. Por fim, olhei para o seu rosto debaixo do véu, o rosto envelhecido de uma grande dama, coberto de marcas de sarna e com manchas de piche nos lábios. A pele do seu casaco estava gasta e o couro careca estava seco e rachado. O que ela me disse então foi: “Eu vou falar pra você sobre esses portões. Você é americano, né? Eu vou te ajudar, porque você nunca vai entender coisas como esta sem ajuda. Eu conheci muitos americanos durante a guerra”.

“A senhora não é italiana, é?”, perguntei. Ela tinha um sotaque meio germânico.

“Eu sou piemontesa”, disse ela. “Muita gente diz que eu não falo inglês que nem uma italiana. Eu não sou nazista, se é isso que você está querendo saber. Eu te diria o meu nome, se você soubesse alguma coisa a respeito de nomes ilustres, mas é pouco provável que você saiba, então pra que eu iria dizer?”

“Tem toda a razão. A senhora não deve mesmo dizer o seu nome para estranhos.”

Andei mais um pouco, sentindo o tramontana esfolar meu rosto, e me concentrei de novo nas esculturas do portão.

Mais que depressa, ela veio atrás de mim outra vez, andando com os pés afastados.

“Eu não quero um guia”, falei. Em seguida, tirei um maço de dinheiro do bolso e dei a ela cem liras.

“O que é isso?”, ela perguntou.

“Como assim? É dinheiro.”

“O *que* você está me dando? Você sabe que eu tenho que ficar num convento nas montanhas com as freiras e que elas me botam num quarto com outras catorze mulheres? Mulheres de tudo quanto é tipo? E eu tenho que dormir junto com outras catorze pessoas. E tenho que vir a pé pra cidade porque as irmãs não nos dão dinheiro pro ônibus.”

“Elas querem que a senhora fique lá?”

“As freiras não são muito inteligentes”, disse. Ela não aguentava ficar lá e fazer tarefas chatas e, então, fugia para a cidade. Estava cheia de revolta. Mas seus ossos apareciam debaixo da pele, seus dentes estavam estragados e o véu não chegava a esconder os pelos trêmulos do seu queixo e da sua boca, que eram como uma pilhéria sem graça em cima do que um dia já fora uma pele lisa e macia de dama.

Eu só queria ver os portões e pensei: por que é que as pessoas não podem deixar você em paz neste país?

“Esse é o Isaac, indo pro seu próprio sacrifício”, ela me informou.

Eu olhei e achei pouco provável que a informação estivesse certa. Falei a ela: “Eu não quero um guia. Eu entendo como são as coisas, mas o que é que a senhora quer que eu faça? As pessoas vêm em cima de mim toda hora. Então por que é que a senhora não aceita, por favor, esse dinheiro e...”. Eu estava começando a ficar agoniado com aquilo.

“As pessoas! Mas eu não sou as outras pessoas. Você precisa entender isso. Eu sou...”, a voz dela falhou, de tanta raiva que ela estava. “Isso está acontecendo *comigo!*” Ela deu a impressão de apertar seu coração com o cotovelo, veio para perto de mim e começou de novo aquele estranho misto de súplica e exigência.

Ah, leis destruidoras!

Qual era o problema, aquela coisa não tinha demorado o bastante, não tinha sido gradual o bastante? Quer dizer, as rugas chegando, o grisalho sufocando o preto, a pele perdendo a firmeza e os tendões saltando para fora? Será que ela ainda tinha fresca na memória a vila que ela tinha perdido, o marido, os amantes, os filhos, os tapetes e o piano, os criados e o dinheiro? Por que raios ela ainda estava como que no primeiro desespero de uma longa queda?

Dei a ela outra nota de cem liras.

“Se você me der quinhentos eu te mostro a catedral e te levo até a Santa Maria Novella. Não é longe, e você não vai entender nada se alguém não te explicar.”

“Na verdade eu tenho que me encontrar com uma pessoa agora mesmo a negócios. Mas obrigado assim mesmo.”

Fui embora. Não cheguei a ficar chateado por ter de ir, pois Ghiberti não me causou lá grande fascínio naquele momento.

Mas aquela senhora anciã tinha razão; sempre tem um *eu* com quem isso acontece. A morte vai nos tomar as fronteiras, de modo que não sejamos mais pessoas. É isso que a morte faz. Quando é isso que a vida quer fazer também, o que mais você pode sentir senão revolta?

Sim, a Europa foi o lugar para onde Stella e eu viemos depois que fiz três outras viagens durante a guerra.

Venho escrevendo estas minhas memórias desde então, como um viajante; como viajo sozinho, tenho muito tempo nas mãos. No ano passado, tive de ficar dois meses em Roma. Era verão, e a cidade se cobriu de flores vermelhas, quente e sonolenta. Todas as cidades do sul ficam sonolentas no verão, e dormir durante o dia me deixa pesado e com um gosto de vazio na boca. Para conseguir despertar à tarde, eu tomava café e fumava charutos e, quando finalmente voltava a mim depois da sesta, já era praticamente noite. Você janta, e uma noite débil e verde se instala; nas ruas, silenciosos lampiões de gás vão incandescendo e fazendo um longo arranhão latejante na noite absoluta. Hora de dormir de novo, então você volta para o quarto e afunda na cama.

Assim, peguei o hábito de ir todas as tardes ao Café Valadier, nos jardins da Villa Borghese, no alto do Pincio, com toda a densa Roma lá embaixo, onde me sentei diante de uma mesa e declarei que sou americano, nascido em Chicago, e relatei todos esses outros acontecimentos e ideias. Ditos não com o intuito de ser altamente significativos, mas provavelmente porque os seres humanos têm a capacidade de dizer e têm de empregá-la no devido momento. Quando finalmente já disse tudo o que tinha a dizer, você fica mudo para sempre depois, e quando cansou de se agitar você fica quieto, mas isso não é motivo para se recusar a falar e a se agitar e a ser o que é.

Tento ficar em Paris o máximo de tempo possível, porque é lá que Stella trabalha. Ela está numa empresa de cinema que faz filmes internacionais. Temos um apartamento na rue François 1^{er}, num trecho chique perto do Hôtel Georges V. É um bairro elegante e luxuoso, mas o apartamento que Stella e eu alugamos é horrível. Pertence a um velho inglês e sua esposa francesa. Eles se mandaram para Menton para desfrutar do aluguel exorbitante que cobram de nós, e aqui o inverno inteiro a chuva e a neblina nunca dão trégua. Passei dias tentando me acostumar com esse

apartamento bolorento, ainda que empedecido, quase com obstinação, uma vez que ele agora era minha casa. Mas não houve jeito de me acostumar com aqueles tapetes e cadeiras, as luminárias que pareciam ter sido fabricadas em Coney Island, os quadros de bordel, as corujas de alabastro com olhos elétricos, livros de Ouida e de Marie Corelli encadernados em couro, cheirando a cuspe. Aquele velho escroque inglês do nosso *locataire* tinha uma coisa que ele chamava de escritório, que era uma espécie de closet com um tapete nojento, uma enciclopédia Larousse dos tempos de antanho e uma mesa verde. As gavetas dessa mesa forrada de feltro verde estavam cheias de pedaços de papel cobertos com contas de conversão de libras para francos, dólares, pesetas, xelins, marcos, escudos, piastras e até rublos. O velho, que se chamava Ryehurst e estava praticamente morto, sentava-se ali com um terno que parecia de defunto, de flanela roxa e sem lapela nem botão nem casa de botão, e fazia cálculos com dinheiro e escrevia cartas para os jornais sobre a Queda da França, sobre como tirar o ouro dos camponeses de seus esconderijos ou sobre quais rotas para a Itália eram melhores para os motoristas. Na juventude, tinha quebrado o recorde de velocidade de Turim a Londres. Havia uma foto dele no seu carro de corrida. Um pequeno terrier irlandês estava sentado no *cockpit* com ele.

Os quartos da frente já eram ruins o bastante, mas a sala de jantar era demais para mim. Stella saía cedo de casa para ir para o estúdio, e muito embora houvesse uma *bonne à tout faire* para preparar meu café da manhã, nem sempre eu conseguia me convencer a sentar diante da toalha amarela de bordados vermelhos do Turquestão que cobria a mesa.

Então, eu saía para fazer meu desjejum num pequeno café, onde um dia encontrei, para a minha surpresa, meu velho amigo Hooker Frazer. Nesse café, o *Roseraie*, que era um lugar cheio de bossa, havia mesas redondas, cadeiras de vime, palmas em vasos de bronze, tapetes de fibra listrados, toldos vermelhos e brancos, fumaça de uma enorme máquina de café com centenas de recursos, bolos embrulhados em celofane e tudo

quanto é coisa desse tipo. Depois de acender os fornos a carvão — a garçonete, Jacqueline, era muito simpática, mas não entendia nada de como fazer o carvão pegar; eu era um especialista nisso fazia anos —, eu sentava para tomar café da manhã. Pois bem, uma manhã eu estava pedindo meu café no Roseraie. Idosos de chinelos, como se estivessem nas suas próprias salas de estar enfeitadas com rendas, andavam pela rua carregando embrulhos de carne de cavalo, morangos e outras coisas mais, voltando do mercado na Place de l'Alma. De repente, Frazer surgiu na minha frente. Eu não o via desde o dia do meu casamento.

“Frazer, ei!”

“Augie!”

“O que você faz em Paris, amigo velho?”

“Como é que você está? Corado como sempre e distribuindo sorrisos! Eu estou trabalhando no Fundo Mundial de Educação. Acho que já vi todo mundo que eu já conheci na vida, aqui, ao longo desse último ano. Mas que surpresa encontrar você, Augie, na Cidade do Homem!”

Ele estava se sentindo muito bem, o lugar o inspirava, e se sentou e me deu uma espécie de palestra — um bocado impressionante! — sobre Paris e sobre como não existia nada igual a ela no mundo, a capital da esperança de que o Homem possa ser livre sem a ajuda dos deuses, lúcido, civilizado, sábio, agradável e tudo mais. Por um momento, fiquei meio ofendido por ele ter rido quando me perguntou o que eu estava fazendo ali. Pode ser incongruente, mas se era ela para o Homem, por que não haveria de ser para mim também? Se não era, talvez isso não fosse cem por cento culpa minha. Ela era a Cidade de que Homem? De alguma versão, mais uma vez. É sempre uma versão ou outra.

Mas quem poderia reclamar dessa bela e atrevida Paris quando ela girava feito um carrossel? — os cavalos dourados das pontes, os heróis gregos e as beldades de pedra do Jardin des Tuileries, o sobrecarregado Opéra, as vitrines atraentes e as cores vivas, o obelisco festivo, o sorvete colorido, o vistoso pacote do mundo.

Não creio que Frazer tivesse a intenção de me ofender; estava apenas surpreso de me ver ali.

“Eu estou aqui desde o fim da guerra”, falei.

“É mesmo? Fazendo o quê?”

“Estou tratando de negócios para aquele advogado armênio que você conheceu no meu casamento. Lembra?”

“Ah, claro, você se casou. A sua mulher está aqui com você?”

“Está, claro. Ela trabalha no cinema. Talvez você a tenha visto em *Les Orphelines*. É sobre deslocados de guerra.”

“Não, eu não vou muito ao cinema pra falar a verdade. Mas não me surpreende saber que ela é atriz. Ela é muito bonita, você sabe. Como estão indo as coisas entre vocês?”

“Eu a amo”, falei.

Como se isso respondesse à pergunta dele! Mas você pode me recriminar por não querer dizer mais que isso a Frazer? Imagine que eu começasse a explicar que ela também me amava, mas me amava da mesma maneira que Paris é a Cidade do Homem, ou com a dedicação que ela podia dar ao amor, dadas as suas preocupações — sendo o amor a vitória do amor sobre outras preocupações, ou sobre o que Mintouchian tinha chamado de ideias dominantes naquela tarde no banho turco. Eu não ia entrar em todos esses detalhes com Frazer. Quando falava sobre isso com Stella, e de vez em quando eu falava, ou tentava falar, eu tinha a impressão de que eu parecia um fanático falando, ou de que talvez eu soasse para ela como outras pessoas tinham soado para mim quando discursavam sobre a ideia que estavam tentando me vender ou para a qual queriam me recrutar. Isso transformava Stella numa espécie de espelho, onde eu podia ver minha própria teimosia do passado e a impressão que eu devia causar quando dava para trás. Ela estava certa quando disse, naquele dia em que nos escondemos no pomar da casa japonesa em Acatla, que éramos muito parecidos. Nós somos mesmo.

No entanto, ainda que possa não ser a pessoa mais honesta do mundo, eu não quero mentir mais do que a média. Stella mente mais do que a média. Claro que você pode chamar isso de mentir ou pode chamar de proteger sua imagem. Eu acho que prefiro a segunda descrição. Stella parece feliz e determinada e quer que eu pareça também. Ela se senta na sala perto do aquecedor com formato de peito de pássaro, numa cadeira que o velho inglês Ryehurst me avisou — querendo prevenir danos — que era uma Chippendale legítima, e parece calma, inteligente, segura, vital, tremendamente bonita, e é isso que ela quer passar. É essa imagem. Naturalmente, muitas vezes eu levo um tempo para descobrir em que pé nós realmente estamos. Ela fala de coisas que aconteceram no estúdio e ri com sua voz límpida e calorosa das piadas do dia. E o que eu andei fazendo? Bem, talvez eu tenha tido uma reunião com um sujeito que esteve em Dachau e negociado com ele a compra de alguns produtos dentários alemães. Isso levou uma ou duas horas. Depois, eu posso ter ido às salas frias do Louvre e visitado a seção da escola holandesa, ou reparado que o Sena tem cheiro de remédio, ou sentado num café e escrito uma carta. E assim o dia passou.

Sentada com as pernas cruzadas debaixo do robe de batique que ela usa em casa, o cabelo pesado preso em três camadas, um cigarro na boca, ela escuta e me nega — por enquanto, pelo menos — as coisas mais importantes que eu lhe peço.

É realmente impressionante como tudo isso acontece. Você nunca imaginaria quanto esforço há por trás daquilo. Só pouco tempo atrás foi que eu me dei conta de como esse esforço é imenso. Stella chegou do estúdio e foi tomar banho; do banheiro ela gritou para mim: “Amor, traz uma toalha pra mim, por favor”. Peguei um dos roupões atoalhados que eu tinha comprado na loja de departamentos Bon Marché e levei para ela. O pequeno banheiro estava na penumbra. Na máquina de *chauffe-eau*, uma caixa de metal com dentes de gás queimando, as chamas de mil velas faziam o metal verde soltar migalhas lá dentro. O corpo de Stella, com seu

cheiro morno de mulher, estava coberto de água, começando a partir de uma linha tranquila acima dos seus seios. O espelho do armário de remédios reluzia como um lugar azul e fundo na parede, como se fosse uma janela para o mar noturno e não para a neblina cinzenta de Paris. Sentei com o roupão pendurado no ombro e me senti extremamente em paz. Para variar, o apartamento parecia limpo e estava quente; as abominações tinham desaparecido no segundo plano, as estufas funcionavam bem e brilhavam. Jacqueline estava preparando o jantar, que cheirava a molho. Eu me sentia instalado e relaxado, meu peito livre e meus dedos abertos e confortáveis. E aí é que está a coisa. É preciso um momento como esse para você perceber como seu coração andava angustiado; e, além disso, todo aquele tempo em que você achava que estava flanando ociosamente, um trabalho duríssimo estava sendo feito. Sem perceber, você estava dando um duro danado, cavando e escavando, abrindo minas e túneis, levantando, empurrando e carregando pedras, trabalhando, trabalhando, trabalhando, trabalhando, trabalhando, arfando, transportando, içando. E nada disso dá para ver pelo lado de fora. É tudo feito internamente. Isso acontece porque você se sente impotente e incapaz de chegar a qualquer lugar que seja, incapaz de obter justiça ou de ir à forra, e, então, dentro de si, você trabalha, você guerreia e combate, ajusta contas, lembra insultos, briga, responde, nega, dedura, denuncia, triunfa, passa a perna, supera, se vinga, chora, persiste, absolve, morre e ressuscita. Tudo isso sozinho! Onde é que está todo mundo? Dentro do seu peito e da sua pele, o elenco inteiro.

Deitada na banheira, Stella estava trabalhando. Eu percebi nitidamente. E, em geral, eu também vivia me esfalfando. E para quê?

Todo mundo vive me falando de como Paris é um lugar de tranquilidade e cita a *calme, ordre, luxe et volupté*,^c e, no entanto, há toda essa faina sendo feita. Cada preciosa personalidade enquadrada dramaticamente e fazendo o trabalho indispensável. Se Stella não estivesse empenhada em fazer seu trabalho mais difícil, não estaríamos nesta cidade de calma e

luxo, como a chamam. As roupas, as boates, as diversões, as supostas brincadeiras no estúdio e a amizade entre os artistas — que me parecem ser pessoas de estômago bastante forte, como nosso amigo Alain du Niveau —, não há nada de fácil nisso. Eu vou falar para você desse Du Niveau. Ele é o que os parisienses chamam de *noceur*, querendo dizer que é sempre noite de núpcias para ele ou que ele troca de cama como quem brinca de dança das cadeiras. E isso para não dizer coisa pior.

Enfim, eu teria preferido ficar nos Estados Unidos e ter filhos. Em vez disso, estou no cativeiro da estrangeirice e ainda vou continuar por algum tempo. Mas é temporário. Nós vamos sair dele.

Eu disse que Stella mentia mais do que a média e é verdade, infelizmente. Ela me disse algumas coisas que não eram verdade e esqueceu de dizer outras que eram. Por exemplo, ela disse que o pai lhe mandava uma mesada da Jamaica. Não havia pai nenhum na Jamaica. Ela também nunca tinha feito faculdade nenhuma. E nunca tinha dado a mínima para Oliver. Ele não era o homem importante na vida dela. O homem importante era um grande especulador cujo nome era Cumberland. Não foi por ela que eu fiquei sabendo da existência desse homem. Quem me falou dele foi outra pessoa. E aí ela me disse que esse Cumberland era um vigarista. Em termos morais, quer dizer; nos negócios ele era não só respeitável como grande. Na verdade, ele era um daqueles tipos poderosos cujas fotos nem mesmo saem nos jornais porque eles são fortes demais para ser nomeados. E aos poucos esse homem, com quem Stella tinha se envolvido quando ainda estava na escola secundária, foi crescendo até ficar como um Júpiter-Amon, com um olho que nem aquele telescópio novo do observatório do monte Palomar, e cruel como Tibério, um czar e um gênio manipulador. Para falar a verdade, já estou cheio de todas essas grandes personalidades, esses moldadores de destinos, esses cérebros de água pesada, maquiavéis e magos malfeitores, mandachuvas e tiranos, absolutistas. Depois que Basteshaw me deu aquela bordoadada, eu fiz um voto de insuscetibilidade. Mas esse voto provavelmente é uma daquelas

questões de ratos e homens, pois ali estava o espectro de um exemplar da espécie pairando sobre mim de novo. Caramba! Você nunca se safou, só pensa que se safou!

A primeira pessoa que me falou desse tal Cumberland foi Alain du Niveau, que esteve em Nova York durante a guerra, trabalhando na indústria cinematográfica. Mintouchian conhecia Du Niveau e Agnes também. Ele era originalmente um amigo de Agnes. Quando nos conhecemos, ele me contou que era descendente do duque de Saint-Simon. Eu sempre tive um fraco por linhagem, mas aquele Du Niveau não me pareceu lá grande coisa. Tinha olhos azuis alcoolizados num rosto pesado e abarrotado, que tinha uma cor de pouca saúde. Embora provavelmente não fosse por mal, tinha uma expressão muito arrogante. Ralo e arruivado, seu cabelo lembrava o de um oficial inglês, bem penteado e árido. Seus sapatos eram forrados de lã; seu longo sobretudo era todo de um belo suede, caindo até os tornozelos; seu corpo era roliço. No metrô, ele caçava garotas feito um lobo. Ele mesmo contava a você como arranjava mulheres e, na descrição dele, essas pobres e frágeis passarinhas, quando ele as pegava sozinhas, ficavam como que diante de um deus ardente etc. etc.

Quando ele mencionou Cumberland para mim, nós estávamos no saguão do Paramount Theatre, esperando Stella. O nome de Oliver veio à baila, e Du Niveau disse: “Ele ainda está na cadeia”.

“Você conheceu o Oliver?”

“Conheci. E que tremenda decaída ele foi para ela depois do Cumberland. Eu o conheci também.”

“Quem?”

Ele não se deu conta do que tinha dito. Raramente se dava. Eu me sentia como se tivesse ficado preso dentro de um poço de mina por um súbito desmoronamento de terra. Raiva, ciúme e um desespero terrível tomaram conta de mim.

“Quem? Que Cumberland?”

Então, ele olhou para mim e percebeu que, por alguma razão, meus olhos estavam faiscando e eu estava sofrendo. Acho que ele ficou muito surpreso e tentou se esquivar daquela situação com dignidade.

Na verdade, já fazia algum tempo que eu vinha notando alguma coisa estranha que, mais cedo ou mais tarde, teria de ser explicada. Toda hora apareciam cobradores atrás de Stella. Havia uma pendência em torno de um carro. Stella não tinha carro. E havia também uma ação judicial envolvendo um apartamento no norte de Manhattan. Que raio de apartamento era esse que ela tinha tido em Manhattan? E como teria sido desumano não mencionar nada a respeito disso, imagino, ela me falou de um casaco de vison no valor de setecentos e cinquenta dólares que ela tinha tido de vender e de um colar de diamantes. Cartas comerciais chegavam pelo correio e ela não abria. Há alguma coisa nesses envelopes comerciais, com aquele retângulo transparente onde se lê o endereço do destinatário, que faz minha alma querer fugir.

E, além do mais, por acaso eu deveria ignorar o que Mintouchian tinha me dito no banho turco? Como eu poderia?

“Quem é esse tal de Cumberland?”, perguntei.

Stella tinha acabado de sair do toailete feminino. Eu a segurei pelo braço, puxei-a às pressas para fora do teatro e nós pegamos um táxi. Voltamos correndo para o apartamento e eu estourei. “Eu já devia saber que tinha alguma coisa desonesta!”, esbravejei. “Quem é esse Cumberland?”

“Augie! Não fica zangado”, ela disse, pálida. “Eu devia ter te contado. Mas que diferença isso faz? Isso só prova que eu te amo e não queria te perder contando essas coisas.”

“Foi ele que te deu o casaco?”

“Foi, amor. Mas eu me casei com você, não com ele.”

“E o carro?”

“Foi um presente, querido. Mas, meu bem, é você que eu amo.”

“E as coisas todas aqui do apartamento?”

“Os móveis? São só coisas. É só você que importa.”

Aos poucos, ela me acalmou.

“Quando foi a última vez que você viu esse sujeito?”

“Faz dois anos que eu não tenho mais nada com ele.”

“Eu não suporto essa coisa desses sujeitos ficarem vindo à tona”, falei. “Isso me deixa maluco. Não devia ser assim, esses segredos não deviam ficar pipocando.”

“Mas, afinal, o pior quem passou fui eu”, disse ela. “Fui eu que de fato sofri com ele. Você só sofreu sabendo do que aconteceu.”

* * *

Agora que o assunto estava aberto, foi muito difícil botar um ponto final nele. Stella queria falar sobre isso. Para provar que eu não tinha razão para ficar enciumado, ela achou que tinha de me contar timentim por timentim o que tinha acontecido, e eu não consegui fazê-la desistir da ideia — um temperamento intrépido, vigoroso e decidido como o dela, você não consegue controlar facilmente.

“Que cachorro!”, disse ela. “Que covarde! Ele não tinha um único sentimento humano. O que ele queria era basicamente que eu o ajudasse a entreter seus parceiros de negócios e se exibir pra eles comigo, porque sentia vergonha da esposa.”

Eu não estava inteiramente de acordo com sua atitude em relação às coisas de que ela tinha desfrutado, como a casa de veraneio em Nova Jersey, as contas-correntes e o automóvel Mercedes-Benz, que era uma atitude extremamente pragmática. Ela estava muito bem informada a respeito de impostos, seguros e coisas assim. Claro que não tem nada de mais uma mulher entender dessas coisas. Por que ela não poderia entender desses assuntos? Mas eu temia ter de desistir da esperança de que haveria uma explicação ideal para o passado dela. Mas, ora bolas, também não precisava necessariamente haver uma explicação ideal.

“Ele não me deixava ser independente. Se descobria que eu tinha uma caderneta de poupança, ele me obrigava a gastar o dinheiro. Ele achava que eu tinha que ficar desamparada. Uma vez, um conhecido meu, que era presidente de uma madeireira, ia abrir uma grande casa de jogos em Long Island e me ofereceu um salário de quinze mil dólares por ano para ser recepcionista lá. Cumberland ficou furioso quando soube.”

“Ele sempre descobria tudo?”

“Ele contratava detetives. Você ainda tem muito que aprender sobre esse tipo de gente. Ele alugaria a Lua se ela tivesse alguma serventia pra ele.”

“Eu já aprendi tudo o que queria aprender.”

“Augie, por favor, meu querido, lembra que você também já cometeu erros. Você ia trazer imigrantes ilegais do Canadá. Você roubou. Muita gente também já te desencaminhou.”

Certo, mas por que então ela não podia se convencer de uma vez de que eu a amava e parar com aquela conversa? O que ela quis dizer com aquela história do madeireiro? Será que ela tinha mesmo a intenção de virar recepcionista? Fiquei lá sentado, refletindo sobre isso tudo e me sentindo horrível. Tinha a sensação de que os braços da cadeira estavam prestes a me furar os flancos, e a alegre e florida cama bávara, os badulaques, os papa-figos empalhados e tudo mais eram um fardo em cima de mim. Será que eu ia descobrir que tinha errado *de novo*? Quando estava no bote à deriva com Basteshaw, eu tinha ficado pensando em como tinha errado de novo e de novo.

Mesmo assim, eu acreditava que nós iríamos acabar acertando, no fim. Não quero passar a falsa impressão de um desespero absoluto. Não é assim. Não sei qual foi o santo que acordou um dia, levantou a cabeça, abriu a boca e contou que tinha tido um sonho em que via que a bem-aventurança cobre a Criação inteira, mas cobre com uma camada mais grossa alguns lugares do que outros. Seja ele quem for, eu tenho a grande fraqueza de me sensibilizar com sonhos desse tipo. Isso é o *amor fati*,^d é isso que é, ou a misteriosa adoração pelo que acontece.

Há uma certa dose de ingenuidade em Stella e também de impostura, uma espécie de seriedade simplória. Ela chora com muita sinceridade e profunda emoção. Mas não é fácil fazê-la mudar de ideia seja sobre o que for. Eu tentei, por exemplo, convencê-la a manter suas unhas um pouco mais curtas; ela costuma deixá-las bem compridas, e aí, quando uma delas quebra, quebra no sabugo e ela chora. Então eu digo: “Deus do céu, por que é que você deixa essas unhas crescerem tanto?!”. Pego a tesoura e as aparo, e ela deixa. Só que, depois, deixa as unhas crescerem de novo até ficarem tão compridas quanto antes. Ou, no caso do gato, Ginger, que é muito mimado e acorda você no meio da noite derrubando abajures e louças para que você lhe dê comida, eu só faço papel de bobo argumentando que ele deveria ficar trancado na cozinha durante a noite. Tudo o que eu digo entra por um ouvido e sai pelo outro.

Ela repetiu várias vezes o quanto queria ser independente.

“Lógico. Quem não quer?”

“Não, eu estou querendo dizer que eu queria fazer alguma coisa que fosse ideia minha. Não era só uma questão de dinheiro.” Ele a *oprimia*, era isso que, praticamente torcendo as mãos de nervoso, ela queria me fazer entender. “Toda vez que prometia que ia me deixar fazer alguma coisa, ele voltava atrás com a palavra. Então, por fim, eu fugi e fui para a Califórnia. Eu conhecia uma pessoa lá que uma vez tinha me convidado para fazer um teste de câmera. Fiz um teste maravilhoso e consegui um papel num musical. Só que, quando o filme saiu, todas as minhas falas tinham sido cortadas. Eu fiquei parecendo uma completa idiota, só sorrindo e me preparando para dizer alguma coisa e nunca dizendo nada. Passei mal depois da pré-estreia. Ele tinha usado sua influência para obrigar o produtor a fazer isso. Eu lhe telegrafei e disse que nunca mais ia querer saber dele. No dia seguinte, tive uma crise de apendicite e fui parar num hospital. Vinte e quatro horas depois, ele apareceu do lado da minha cama. Perguntei: ‘Que desculpa você deu pra sua mulher pra fazer essa viagem?’. Eu não queria mais nada com ele.”

Eu sempre estremeço quando ouço maridos e esposas falando um com o outro sobre antigos casamentos e casos. Em geral, sou sensível a esse tipo de coisa.

Claro que eu sabia que isso era o trabalho duro que Stella tinha a realizar. Ela ainda não tinha sofrido o que tinha de sofrer com isso, nem de longe. Precisava revolver a memória dele de novo e de novo e, ao fazer isso, me cavoucava consideravelmente também.

“Tá bom, Stella, agora, por favor”, falei, por fim.

“Tá bom *o quê?*”, ela disse, zangada. “Eu não posso nem falar sobre isso, nunca?”

“Mas você fala disso o tempo todo, e fala mais dele do que de qualquer outra pessoa.”

“Porque eu odeio aquele homem. E ainda estou endividada por causa de todos esses encargos que foram culpa dele.”

“A gente vai se livrar deles.”

“Como?”

“Ainda não sei. Vou conversar sobre isso com o Mintouchian.”

Ela não queria que eu fizesse isso. Foi terminantemente contra, mas fui falar com ele assim mesmo.

Ele já sabia da existência de Cumberland, o que não me surpreendeu nem um pouco. Nós conversamos no escritório dele, na Quinta Avenida. “Já que você tocou nesse assunto”, disse ele, “você me desculpa, mas ela tem sido um transtorno pra ele. Ele foi injusto com ela, mas está mais velho agora e a coisa toda acabou. É difícil pra família dele. O filho dele agora é o diretor da empresa e ele diz que ela não vai chegar a lugar nenhum ameaçando a família dele. Ela não teria direito a grandes coisas legalmente.”

“Ameaçando? Ameaçando como? Você está me dizendo que ela tem importunado o sujeito? Mas ela me disse que não tinha mais nada com ele fazia dois anos!”

“Bom, ela não te disse a verdade — estritamente falando.”

Aquilo me derrubou; eu fiquei muito envergonhado. Como é que você deve agir numa situação dessas? Se não se defende, você pode acabar sendo morto, e se se defende, pode acabar morrendo disso também.

“Infelizmente, parece que ela está ansiosa pra levar a coisa pra justiça”, disse Mintouchian. “Está numa inquietação danada.”

Eu disse a Stella: “Você tem que parar com isso. Não vai haver processo nenhum. Você sempre sabe onde esse homem está e o que ele está fazendo. Você não me disse a verdade. Isso tem que parar já. Eu tenho que embarcar de novo daqui a uma semana e não quero ficar remoendo isso meses e meses. Se você não me prometer que vai parar com isso, eu não vou poder voltar.”

Ela cedeu. Chorou amargamente por eu a ter encostado na parede com aquela ameaça, mas prometeu. Stella tem um rosto caloroso, que cora com muita facilidade. Quando começa a chorar, o rosa do seu rosto começa a escurecer e tinge até seus olhos, que me pareceram tão amorosos quando os vi pela primeira vez, em Acatla. Suas feições se erguem muito suavemente da superfície do seu rosto, como se ela tivesse ascendência javanesa ou sumatrina. Fiquei lá sentado, ao mesmo tempo magoado e aliviado, enquanto ela chorava. O choro em algumas mulheres é uma forma de continuar teimando, mas em Stella é o momento da verdade. Ela sabia que não devia falar tanto daquele homem, confessou, nem tentar botar toda a culpa em cima dele.

Então, eu embarquei num estado de espírito um pouco melhor, e foi nessa ocasião que ela me deu o livro sobre apicultura. Eu o estudei com devoção e aprendi muito sobre abelhas e mel, aprendizado este, no entanto, que eu sabia que provavelmente não teria muita utilidade prática.

Claro que toda a investida no mundo do cinema é para mostrar a Cumberland que ela pode vencer na vida por si própria. Ela não tem nenhum talento extraordinário para a atuação, mas parece que é assim que as coisas são mesmo. As pessoas não fazem aquilo para o qual têm talento, mas o que a preocupação delas as leva a fazer. Se têm jeito para consertar

carros, elas acham que têm de cantar *Don Giovanni*; se sabem cantar, acham que têm de ser arquitetas; e se têm dom para a arquitetura, querem ser secretárias de educação ou pintoras abstratas ou alguma outra coisa qualquer. *Qualquer coisa!* É um despeito. É a necessidade de provar uma plena e absoluta autossuficiência ou algum outro sonho monstruoso do gênero, ou que você não precisa que ninguém faça essas coisas para você.

Bem, Stella está na empresa de cinema de Du Niveau, e eu estou no comércio ilícito — para ser preconceituoso contra mim mesmo, já que mais da metade dos negócios feitos na Europa também é. É absurdo realmente. Mas não há nada que eu possa fazer. É preciso que fique claro, porém, que eu sou uma pessoa esperançosa, e agora minhas esperanças se fixaram no projeto de ter filhos e uma vida tranquila. Eu ainda não consegui convencer Stella a abraçar esse projeto. Assim, enquanto varo horizontes e Alpes a bordo de *rapides*, cheio de fumaça e pressa, ou rasgo o ar no meu Citroën preto, fumando charutos e fitando a estrada através das lentes polaroides, é sobre crianças não nascidas que eu fico elucubrando, muito mais do que sobre transações comerciais.

Fico me perguntando se isso é uma fase ou sei lá o quê, mas às vezes eu me sinto como se já fosse pai.

Recentemente, em Roma, uma prostituta me passou uma cantada na Via Veneto. As circunstâncias eram peculiares; eu sou um homem alto e a garota que me fez a proposta era muito pequena, gordinha e vestia roupas de viúva no segundo ou terceiro ano de luto. Um rosto triste. “Vem comigo”, disse ela. Não vou mentir dizendo que não tenha ficado nem um pouco tentado. Você sempre fica um pouco. No entanto, não precisei fazer nenhum grande esforço para recusar e, quando eu disse não, ela pareceu ficar profundamente magoada, pessoalmente magoada, e disse: “Qual é o problema, não sou boa o bastante pra você?”. E eu respondi: “Não, claro que é, *signorina*, mas é que eu sou casado. Eu tenho filhos. *Io ho bambini*”. Ela ficou muito abalada com isso e disse: “Ah, me desculpe, eu não sabia que você tinha filhos”, e estava a ponto de chorar por causa desse erro. Para

ser inteiramente justo, eu deveria ter explicado a ela que aquilo não passava de cena e que eu tinha apenas tido um impulso. Mas preciso dizer que sei de onde veio aquela lorota de *bambini*. Vinha daquele filme de Stella sobre o qual eu havia comentado com Frazer, *Les Orphelines*. Eu tive de ver o filme várias vezes, por força das circunstâncias, e uma parte dele me causou uma profunda impressão uma vez na sala de edição, uma sala vedada, isolada e amortecida com estopa que fedia a cigarro Gauloise e perfume de alta qualidade. Na cena, Stella suplicava a um médico italiano que ajudasse uma mulher e seu bebê. A equipe havia treinado Stella para que pronunciasse corretamente as falas em italiano e então ela rogava: “*Ma Maria ed il bambino. Il bambino!*”. E o médico, que não tinha como ajudar, dava de ombros e dizia: “*Che posso fare! Che posso fare!*”.

Vi a cena passar uma vez atrás da outra e fiquei cheio de tristeza, quase à beira das lágrimas e pronto para exclamar a Stella: “Aqui, aqui, se você quer um motivo para chorar! Bem aqui! Pra que é que você precisa de teóricos e desses fantasmas de emoção que nunca são deste mundo de qualquer forma?”. O pesar estava prestes a escorrer pelos meus olhos abaixo.

Supõe-se que seja mais fácil, também, sofrer por pessoas hipotéticas, por Hécubas. Certamente deve ser mais fácil do que sofrer por alguém que você próprio feriu, pois você consegue ver os inimigos ou perseguidores dessas pessoas hipotéticas melhor do que consegue ver a si mesmo arruinando a vida de alguém ou lhe fazendo mal.

Seja como for, foi por isso que eu imaginei que já tinha *bambini*.

Simon e Charlotte vieram a Paris e se hospedaram no Crillon. Eu gostaria que eles tivessem trazido mamãe também, embora provavelmente ela não fosse conseguir tirar muito proveito da viagem. Alguma providência séria teria de ser tomada com relação a ela qualquer dia desses, pensei; eu ia ter de decidir o que seria mais adequado, e agora eu mesmo podia cuidar

disso sozinho, já que tinha dinheiro. O fato de eu agora ser um homem de negócios deixou Simon muito satisfeito. Charlotte também estava me vendo com melhores olhos, embora quisesse saber mais detalhes a respeito do que eu fazia. Pois ela que ficasse querendo; nem por um decreto ia conseguir arrancá-los de mim! Levei-os ao La Tour d'Argent, ao Lapin Agile, ao Casino de Paris, ao Rose Rouge e outros lugares onde o esplendor fazia ponto e paguei todas as despesas, o que fez Simon comentar com Charlotte, cheio de orgulho: “Então, o que você acha agora? O meu irmãozinho acabou virando um autêntico homem do mundo”.

Stella e eu sorrimos um para o outro de lados opostos da mesa do Rose Rouge.

Charlotte, aquela mulher severa e desconfiada de trinta e poucos anos, elegante, inflexível nas suas opiniões, era cheia de rancores. O que quer que tivesse contra Simon, ela antes costumava descontar em mim. Agora que eu aparentava um pouco mais de solidez e parecia ter ao menos algumas ideias sensatas na cabeça, ela podia se queixar dele para mim. Eu estava ansioso para saber em que pé andavam as coisas. Na primeira semana, não pude descobrir muita coisa, pois estávamos ocupados aproveitando as atrações da cidade. Du Niveau ajudou muito; fez um tremendo sucesso com eles por ser um aristocrata genuíno e por causa da deferência com que ele era tratado por funcionários de restaurantes, boates e ateliês de *haute couture*. Stella também ajudou. “Que peixão!”, disse Simon. “E ela vai fazer bem pra você também; vai te manter alerta.” Ele quis dizer que sustentar uma mulher bonita é uma coisa estabilizadora; faz com que um homem ganhe dinheiro. “Eu só não entendo por que é que você a obriga a morar numa pocilga como aquela”, disse ele.

“É difícil conseguir um apartamento naquela área de Paris, perto do Champs-Élysées. Além do mais, nenhum de nós dois passa muito tempo em casa. Mas eu pretendo comprar uma vila em Saint-Cloude, se tivermos que fixar residência aqui.”

“Se vocês tiverem? Você fala como se não quisesse.”

“Ah, pra mim tanto faz o lugar em que eu moro.”

Estávamos justamente no Petit Palais, numa exposição de quadros da pinacoteca de Munique, com todas aquelas grandes obras-primas penduradas nas paredes. Du Niveau estava junto, maciço, com seu casaco de suede vermelho e sapatos bicudos muito bem engraxados. Simon e ele admiravam as roupas um do outro. Stella e Charlotte usavam estolas de vison, Simon um jaquetão de lã xadrez e sapatos de couro de crocodilo, e eu um casaco de pelo de camelo, de modo que estávamos igualmente deslumbrantes para passar por uma daquelas multidões de retratos italianos cheios de ouro e joias.

Du Niveau disse: “Eu adoro pinturas, mas não suporto temas religiosos”.

Ninguém estava pensando muito em pintura, a não ser talvez Stella, que às vezes pinta. Não sei explicar como fomos parar ali. Talvez não houvesse nada melhor aberto naquele momento.

Simon e eu nos afastamos dos outros por alguns instantes e eu lhe perguntei: “O que aconteceu com a Renée?”

Um vermelho carregado se espalhou pelo seu rosto claro — ele tinha virado um homem muito corpulento. E ele disse: “Por que é que você tem que me perguntar isso aqui, santo Deus?!”.

“A gente pode conversar, Simon. Eles não vão ouvir nada. Ela teve a criança?”

“Não, era tudo mentira. Não tinha criança nenhuma.”

“Mas você disse...”

“Não importa o que eu disse. Você me perguntou e eu estou respondendo.”

Eu não sabia se podia ou não acreditar nisso, já que Simon estava com tanta pressa de se livrar do assunto. E como estava sensível! Não queria falar da vida dele.

Mas no almoço, depois que Stella e Du Niveau foram para o estúdio, Charlotte abriu o jogo. Estava sentada muito ereta, com sua estola de vison e um chapéu de veludo de lã que combinava muito bem com seu rosto,

pois ela tem uma pele muito penugenta, que estava coberta de cores fortes. Evidentemente o problema de Simon com Renée tinha saído em todos os jornais de Chicago, e ela supôs que eu tivesse visto. Não, eu não estava sabendo de nada. Fiquei totalmente surpreso. Simon ficou de boca fechada durante essa conversa e, talvez, aflito que eu dissesse alguma coisa que Charlotte ainda não soubesse. Eu é que não ia me atrever a abrir a boca; fiquei calado também e não fiz pergunta nenhuma. Renée tinha processado Simon e feito um escândalo. Alegava que tinha um filho dele. Charlotte disse que ela poderia ter feito a mesma acusação contra três outros homens, e Charlotte sabia do que estava falando, você pode ter certeza; era uma mulher bem informada. Se o caso não tivesse sido rejeitado pela justiça imediatamente, ela estaria pronta para partir para a briga com uma pilha de provas. “Eu ia mostrar pra ela como se monta um caso!”, disse. “Aquela putinha!” Simon não quis nada com nenhum de nós dois enquanto esse assunto estava sendo discutido. Estava sentado à mesma mesa que nós, mas não estava na nossa companhia, por assim dizer. “Cada minuto que ela passava com ele, ela estava reunindo provas”, disse Charlotte. “Não havia um lugar em que eles fossem que ela não pegasse uma caixa de fósforos e escrevesse a data dentro. Guardou até guimbas dos charutos dele como prova. E o tempo todo supostamente era por amor que ela estava com ele. Pelo que é que ela te amava?”, perguntou Charlotte, num terrível rompante. “Por essa sua pança gorda? Pela sua cicatriz na testa? Pelo seu cocuruto careca? Era dinheiro que ela queria. Nunca foi nada a não ser dinheiro.” Senti um impulso de me abaixar quando esse projétil foi disparado; meus ombros se encolheram. Lá veio ele, queimando pelos ares, para nos acertar em cheio. Simon, porém, não parecia muito abalado, só pensativo, e continuou tragando seu charuto. Em nenhum momento respondeu coisa alguma. Talvez achasse que, como ele próprio quisera dinheiro, não podia condenar Renée por querer a mesma coisa, mas não disse.

“Então, ela me telefonou e falou: ‘Você não pode ter filhos e ele quer uma família. Você devia abrir mão dele’. ‘Vai em frente, tira o marido de mim se puder’, eu falei pra ela. ‘Você sabe que nunca vai conseguir porque você não passa de uma vadiazinha. Nem você nem ele prestam.’ Mas ela conseguiu fazer com que ele fosse intimado e aí, quando o oficial de justiça tentou entregar a intimação, eu liguei pro Simon e disse que era melhor ele sair da cidade. Ele se recusou a ir sem mim. ‘Do que é que você está com medo?’, eu perguntei pra ele. ‘O filho não é seu. É de um daqueles três outros sujeitos.’ Eu estava muito gripada na época e o médico tinha me mandado ficar na cama, mas, como ele disse que não ia sozinho, eu tive que ir pro aeroporto me encontrar com ele e, ainda por cima, estava caindo um temporal. Por fim, nós conseguimos decolar, mas tivemos que fazer um pouso de emergência em Nebraska. E aí ele vira pra mim e diz: ‘Era melhor morrer de uma vez. Eu joguei a minha vida fora mesmo’. E eu fiz o quê, se ele jogou a vida dele fora? O que é que eu estava fazendo ali? O que é que eu tinha a ganhar com aquilo? Assim que a situação ficou ruim pro lado dele, ele veio correndo pra me pedir proteção, e eu o protegi. Se ele não tivesse aquela ideia anormal de ser feliz pra começar, nada daquilo teria acontecido. Quem foi que disse pra ele que ele tinha o direito de querer tanto? Quem é que tem? Não existe esse direito”, disse ela.

No fundo do restaurante, os músicos passavam os arcos suavemente sobre os seus instrumentos.

“Agora ela está casada. Casou com um dos três sujeitos e se mandou com ele pra algum lugar...”

Eu só queria que Charlotte parasse de falar. Já era demais, aquilo tudo de voar na tempestade e de vidas jogadas fora, enquanto Simon parecia cada vez mais indiferente, o que só conseguia fazer ficando alheio daquele jeito. Comecei a tossir. Tive um longo acesso de tosse. Devo explicar por quê? Porque, muitos anos atrás, quando eu era garoto e fui para o hospital operar as amígdalas, eu comecei a chorar quando me botaram a máscara

de éter e uma enfermeira disse assim: “Ué, ele está chorando, um menino grande desse jeito?”. E outra enfermeira respondeu: “Não, ele é corajoso. Não está chorando não, está só tossindo”. Quando ouvi isso, comecei a tossir furiosamente. Pois foi uma tosse desse tipo que eu tive naquela hora, uma tosse provocada por uma grande aflição. Ela interrompeu a conversa. O maître veio ver qual era o problema e me deu um copo d’água.

Céus! Quantos sermões como aquele Simon tinha de ouvir? Se não parasse de falar, Charlotte ia transformá-lo em pedra. Aliás, ele já teria virado pedra há muito tempo não fosse por essas Renées. O que esperavam que você fizesse, desistisse de viver? Era isso que Charlotte queria de Simon e foi isso que ela quis dizer com “direito”. Homicídio puro. Se ela quis dizer que você tinha de morrer de qualquer jeito e que, portanto, podia muito bem fazer isso mais cedo ou mais tarde, era homicídio criminoso.

Simon estava envergonhado, petrificado de vergonha. Seus segredos estavam sendo revelados. Segredos! Que segredos tão grandes eram esses? Você imaginaria que eles eram do tamanho do Himalaia. Mas na verdade eles nada mais eram do que seu mal gerido esforço de viver. De viver e de não morrer. E era disso que ele estava com vergonha.

“Você precisa tratar dessa gripe”, disse Charlotte num tom severo.

Eu amo meu irmão profundamente. Não houve uma única vez que nós tivéssemos nos reencontrado que meu coração não tivesse se enchido do mais absoluto amor. E eu sei que ele sente a mesma coisa por mim, muito embora nós dois pareçamos lutar contra isso.

“Parece aquela tosse convulsa que você tinha antigamente”, disse Simon e olhou para mim de novo.

Nesse momento, ocorreu-me que o pior de tudo aquilo para ele era não ter tido o filho.

* * *

Não pude passar muito tempo com Simon em Paris. Mintouchian me mandou um cabograma pedindo que eu fosse a Bruges e procurasse um sujeito lá que estava querendo fazer um grande negócio com nylon, e então eu fui. Levei Jacqueline, a empregada, junto comigo, de passageira. Ela tem parentes na Normandia e ia passar o Natal com eles e, como estava levando duas malas cheias de presentes, eu lhe dei uma carona.

Quem recomendou Jacqueline para Stella foi Du Niveau. Quando ele a conheceu, ela estava trabalhando como garçonete em Vichy, logo depois da derrota francesa, e ele estava a caminho de sair do país. Eles devem ter ficado amigos, o que é difícil de imaginar, pois Jacqueline tem uma aparência grotesca. Mas, como isso aconteceu já faz algum tempo, é possível que na época ela estivesse vivendo os últimos dias da sua melhor fase. Os cantos externos dos olhos de Jacqueline viram para baixo de um jeito esquisito. Ela tem um grande e curvo nariz normando, cabelos louros de aspecto não muito saudável, têmporas riscadas de veias, queixo comprido e uma boca de disciplinadora que o batom não ajuda muito a alterar. Usa uma maquiagem carregada e tem um cheiro doce de cosméticos e produtos de limpeza. Tem um jeito muito ativo e irrequieto. Pisa o chão com muita força e rapidez quando anda, mas é uma pessoa de temperamento doce, embora seja meio fofoqueira e tenha ambições sociais incompreensíveis. Além de fazer serviços domésticos, trabalha também de *ouvreuse*, ou lanterninha, num cinema, outro emprego que conseguiu por intermédio de Du Niveau. Assim, tem muita história social para relatar do cinema e da dura vida noturna depois do horário de fechamento, quando ela para no La Coupole para tomar um café. Vive correndo riscos de violência, como assaltos e estupros, árabes que batem nela ou tentam forçar passagem para entrar no seu quarto à noite. Seus quadris são largos e suas pernas, cheias de varizes, apesar da maneira tão vigorosa com que se movimenta, e isso com seu rosto queixudo e seios que perderam a forma; e, no entanto, quem sabe dizer o que faz uma pessoa ser ou não ser desejável? Eu é que não sei. Ela tem um orgulho inabalável da sua sensualidade e do

seu espírito aventureiro, e se tem essa compleição ofensiva e um nariz de papagaio, o que é que tem?

Foram preparativos dignos de um grande feriado festivo, nossa saída de casa. Ela tirou algumas manchas do meu casaco de pelo de camelo com chá, um truque caseiro que ela garantiu que era tiro e queda, e depois eu carreguei lá para baixo suas malas de papelão abarrotadas, com seus fechos de lata travados, e as enfiei no porta-malas do Citroën.

Estava frio; um frio intenso, com flocos de neve. Contornamos a Étoile e disparamos rumo a Rouen. Teria sido melhor para mim ir por Amiens, mas não me custava nada fazer aquele desvio por Jacqueline. Ela era uma mulher gentil, agradecida e de modo geral bastante dócil. Então, atravessamos Rouen naquela velocidade faminta e depois seguimos para o norte em direção ao Canal. Ela estava me falando de Vichy nos bons e velhos tempos e das celebridades que tinha conhecido lá. Era sua maneira astuta de direcionar a conversa para Du Niveau, pois nunca perdia uma oportunidade de falar a respeito dele comigo, sendo que o que ela realmente queria era me recomendar que ficasse de pé atrás, pois ele era inescrupuloso. Não que ela não fosse grata a ele, mas também era agradecida a mim e fazia referências indiretas a crimes diversos que ele teria cometido. Eu percebia que ela estava apenas romanceando a figura de Du Niveau. Ele representava algum grande ideal para ela, do qual seu espírito estava sedento.

Estávamos chegando perto do destino dela, e eu até que não estava tão desconsolado, muito embora fosse um dia escuro e triste e eu tivesse de prosseguir viagem até Bruges sozinho. O caminho por Dunquerque e Ostende é terrivelmente melancólico, em meio a ruínas e ao longo da água soturna do canal.

Quando faltavam poucos quilômetros para chegarmos à fazenda do tio dela, o motor do Citroën começou a engasgar e por fim parou. Eu abri a capota, mas o que é que eu entendo de motores? Além disso, estava um frio de rachar. Então, começamos a andar em direção à fazenda pelos

campos. Jacqueline ia pedir ao sobrinho que fosse até a cidade atrás de um mecânico quando chegássemos lá. Mas tínhamos um longo caminho a trilhar, cinco ou seis quilômetros através dos campos, que estavam marrons, cobertos de relva e duros, aqueles campos em que batalhas da Guerra dos Cem Anos foram travadas, onde os ossos dos ingleses mortos foram branqueados e mandados de volta para serem enterrados em igrejas, onde lobos e corvos tinham se banquetado. O frio, depois de algum tempo, deixa você arfante. Lágrimas abriam trilhas no rosto de Jacqueline, que estava muito vermelho embaixo da maquiagem. Eu também sentia a pele arder, as mãos e os pés dormentes.

“O nosso estômago pode congelar”, ela me disse depois que tínhamos andado um ou dois quilômetros. “É muito perigoso.”

“Estômago? Como é que o estômago pode congelar?”

“Podendo. E a gente pode ficar doente pro resto da vida se isso acontecer.”

“O que é que a gente faz pra isso não acontecer?”, perguntei.

“A coisa a fazer é cantar”, disse ela, desesperada dentro dos seus finos sapatos parisienses e tentando esticar seu cachecol de malha para cobrir a parte de trás da cabeça. Então, começou a cantar uma música de boate. Melros frios saíram voando do meio do bosque de carvalhos cor de ferrugem e até eles deviam estar congelados demais para fazer barulho, pois não ouvi nem um pio vindo deles. Só a frágil voz de Jacqueline, que não parecia ir muito longe por sobre a fina camada de neve que cobria cavidades e sulcos. “O senhor realmente precisa tentar cantar”, disse ela. “Se não, nunca se sabe. Alguma coisa pode acontecer.” Como não queria discutir com ela por causa de superstições médicas nem bancar o sabido ou o superior lhe dando lições de ciência moderna, pensei comigo, por fim: Que diabo! Também não vai tirar pedaço. A única música que me veio à cabeça para cantar foi “La cucaracha”. Cantei “La cucaracha” por um ou dois quilômetros e achei que a cantoria tinha me congelado mais do que ajudado. Então Jacqueline disse, depois que nós dois já tínhamos nos

esfalfado tentando respirar no vento cortante e manter ao mesmo tempo nossa busca da cura pelo canto: “Isso que o senhor estava cantando não era francês, era?”.

Eu respondi que era uma canção mexicana.

Ao que ela exclamou: “Ah, o sonho da minha vida é conhecer o México!”.

O sonho da vida dela? Como, não era Saigon? Não era Hollywood? Não era Bogotá? Não era Alepo? Olhei meio espantado para os seus olhos lacrimejantes e para o seu rosto congelado, tiritante, pintado com rímel, como um duende, sério, disciplinador, membranoso e, no entanto, deslumbrante, com seu pó de fada cor-de-rosa e aquele laço de armadilha vermelho que era sua boca; e, no entanto, feminino; e, no entanto, malicioso; e, no entanto, ainda esperançoso e obstinadamente sedutor. O que é que ela ia fazer no México? Tentei imaginá-la lá. Que estranha visão! Comecei a rir alto. E o que é que eu estava fazendo ali, nos campos da Normandia? Por acaso eu sabia dizer?

“Pensou em alguma coisa engraçada, M’sieu March?”, ela perguntou enquanto andava às pressas ao meu lado, balançando os braços, com sua jaqueta curta de manga presunto.

“Muito engraçada!”

Em seguida, ela apontou para a frente e perguntou: “*Vous voyez les chiens?*”. Os cachorros da fazenda tinham saltado um riacho e estavam correndo na nossa direção na camada marrom de relva, latindo e ganindo. “Não se preocupe com eles”, disse ela, pegando um galho do chão. “Eles me conhecem bem.” De fato, conheciam mesmo. Pularam no ar e lamberam o rosto dela.

O problema era nas velas de ignição, que foram logo consertadas, e eu então zarpei rumo a Dunquerque e Ostende, onde os ingleses foram tão castigados que a cidade está arrasada. Há barracões Quonset lá, entre as ruínas. Ao fundo, aquelas águas ancestrais eram cinzentas como um lobo. Depois, na longa extensão de areia, as ondas estouravam brancas;

quebravam-se em pedaços. Eu via esse espectro de fúria branca vindo do cinza selvagem e, enquanto isso, seguia a toda a velocidade para o norte, com uma pressa imensa de chegar a Bruges e me distanciar daquela linha branca, que era como a eternidade se abrindo bem ao lado das destruições do mundo moderno, grisalha e resmungona. Minha ideia era tentar chegar a Bruges antes do escurecer para poder ver os canais verdes e os palácios antigos. Num dia como aquele, tão frio e bruto, eu bem que estava precisando do consolo que eles oferecem. Ainda estava gelado da caminhada pelos campos, mas, pensando em Jacqueline e no México, eu começava a rir de novo. Esse é o *animal ridens* em mim, a criatura risonha, sempre a ressurgir. O que é tão risível, que uma Jacqueline, por exemplo, tão surrada por forças violentas, ainda se recuse a levar uma vida desiludida? Ou será que rimos é da natureza — incluindo a eternidade — por ela pensar que pode derrotar a nós e ao poder da esperança? Nã, nã!, acho eu. Ela nunca vai nos vencer. Mas essa provavelmente é a piada, em cima de nós ou dela, e o riso é um enigma que inclui a ambos. Olha só para mim, indo para tudo quanto é lugar! Ora, eu sou uma espécie de Colombo dos que estão por perto e acredito que você possa chegar até eles nessa terra incógnita imediata que se expande a cada vez que você olha. É bem possível que eu seja um fracasso nessa linha de empreendimento. Colombo provavelmente também se sentiu um fracasso quando o mandaram de volta acorrentado. O que não provou que a América não existia.

a Referências a *Walden*, de Henry David Thoreau, e ao poema “The Lake Isle of Innisfree”, de W. B. Yeats. (N. T.)

b Referência ao poema medieval francês *La Chanson de Roland* (*A canção de Rolando*). (N. T.)

c Referência ao poema “L’invitation au voyage”, de Charles Baudelaire. (N. T.)

d “Amor ao destino”, expressão latina usada por Friedrich Nietzsche, entre outros pensadores. (N. T.)

Copyright © espólio de Saul Bellow, 1949, 1951, 1952, 1953
Copyright renovado © espólio de Saul Bellow, 1977, 1979, 1980, 1981
Copyright da apresentação © Christopher Hitchens

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
The adventures of Augie March

Capa
Elisa v. Randow

Foto de capa
Fox Photos/ Getty Images

Preparação
Silvia Massimini Felix

Revisão
Angela das Neves
Huendel Viana

ISBN 978-85-438-0078-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Apresentação](#)

[As aventuras de Augie March](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[Créditos](#)